Miguel Serrano



Adolf Hitler, o Último Avatar

EDITORIAL SOLAR



MIGUEL SERRANO

Nascido em 1917, em Santiago de Chile.
Viajou para a Antártica em 1947-48.
Embaixador na Índia, de 1953 até 1962.
Embaixador na Iugoslávia, de 1962 até 1964.
Ao mesmo tempo certificado na Romênia e na Bulgária.
Embaixador na Áustria, de 1964 até 1970.
Embaixador perante o Organismo Internacional de Energia Atômica em Viena e perante o Organismo das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNUDI).

Edições “La Nueva Edad”



Miguel Serrano

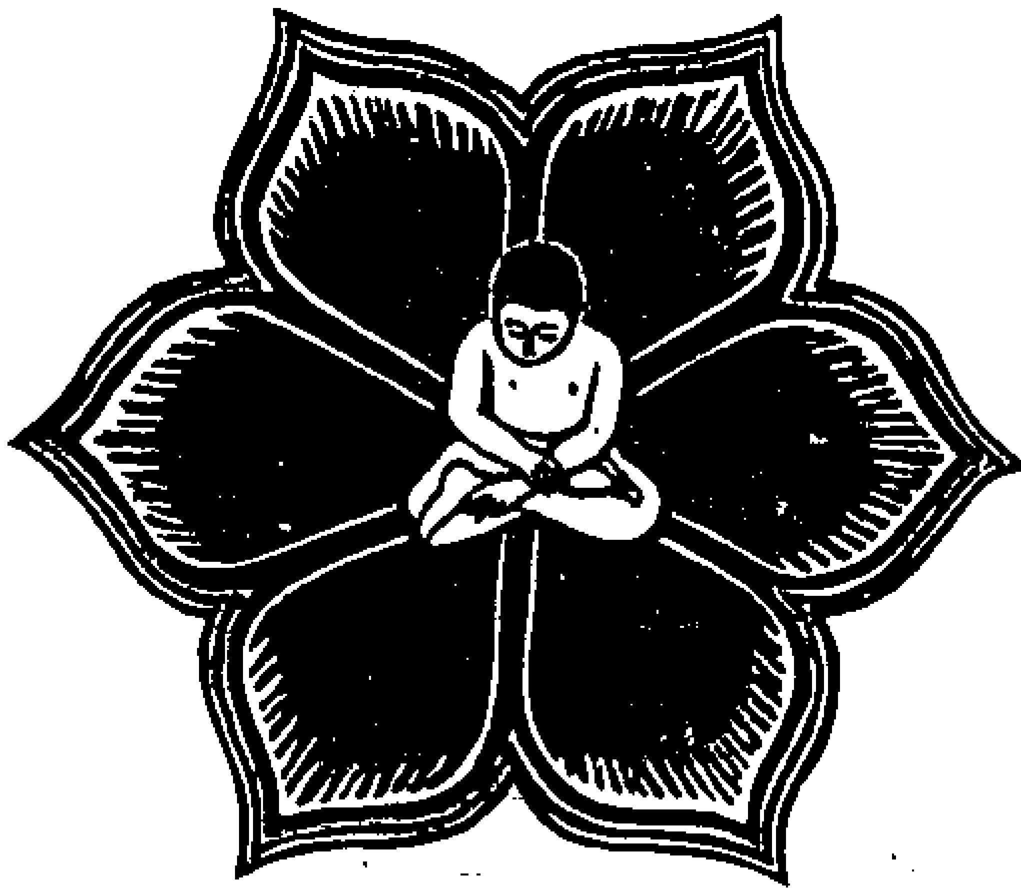
Adolf Hitler, O Último Avatar

OUTRAS PUBLICAÇÕES DE MIGUEL SERRANO

El Cordón Dorado: Hitlerismo Esotérico
NOS: Libro de la Ressurección
La Resurrección del Héroe
Ni por Mar, Ni por Tierra
El/Ella: Libro del Amor Mágico
El Nacional Socialismo, Única Solución para los Países de América del Sur
Manú, por el Hombre que Vendrá
El Círculo Hermético: De Hermann Hesse a C. G. Jung
Nietzsche y El Eterno Retorno
Nietzsche y La Danza de Shiva
No Celebraremos La Muerte de los Dioses Blancos
Memorias de Él y Yo: Vol I, Aparición del 'Yo' – Alejamiento de 'Él'
Memorias de Él y Yo: Vol II, Adolf Hitler e la Gran Guerra
Memorias de Él y Yo: Vol. III, Misión em los Transhimalaya
Memorias de Él y Yo: Vol. IV, El Regreso
Las Visitas de La Reina de Saba
Los Misterios
Maya, La Realidad és uma Ilusión
La Serpiente del Paraíso
La Flor Inexistente
La Brújula del Alma Está Marcando El Sur
La Antártica y Otros Mitos
El Ciclo Racial Chileno
Imitación de la Verdad
Hipocresía, La Tortura en Chile
Trilogía de la Búsqueda en El Mundo Exterior

Como os bem-aventurados
Nada sentem por si
Deve sentir outro
Em nome dos Deuses

Hölderlin



Esta obra foi ilustrada por duas aquarelas originais, um desenho e uma gravura em madeira de Adolf Hitler; por desenhos originais do sábio (Runenlauteren) e pintor alemão Wolfgang von Schemm; por gravuras alquímicas do "Mutus Liber" e do "Rosarium Philosophorum", e por uma miniatura antiga hindu do Rajasthan, além de algumas fotografias.
A capa foi também desenhada especialmente para este livro pelo artista Wolfgang vom Schemm, que se inspirou na Águia Asteca, que Adolf Hitler mandou que fosse talhada em um móvel da Chancelaria do Terceiro Reich.

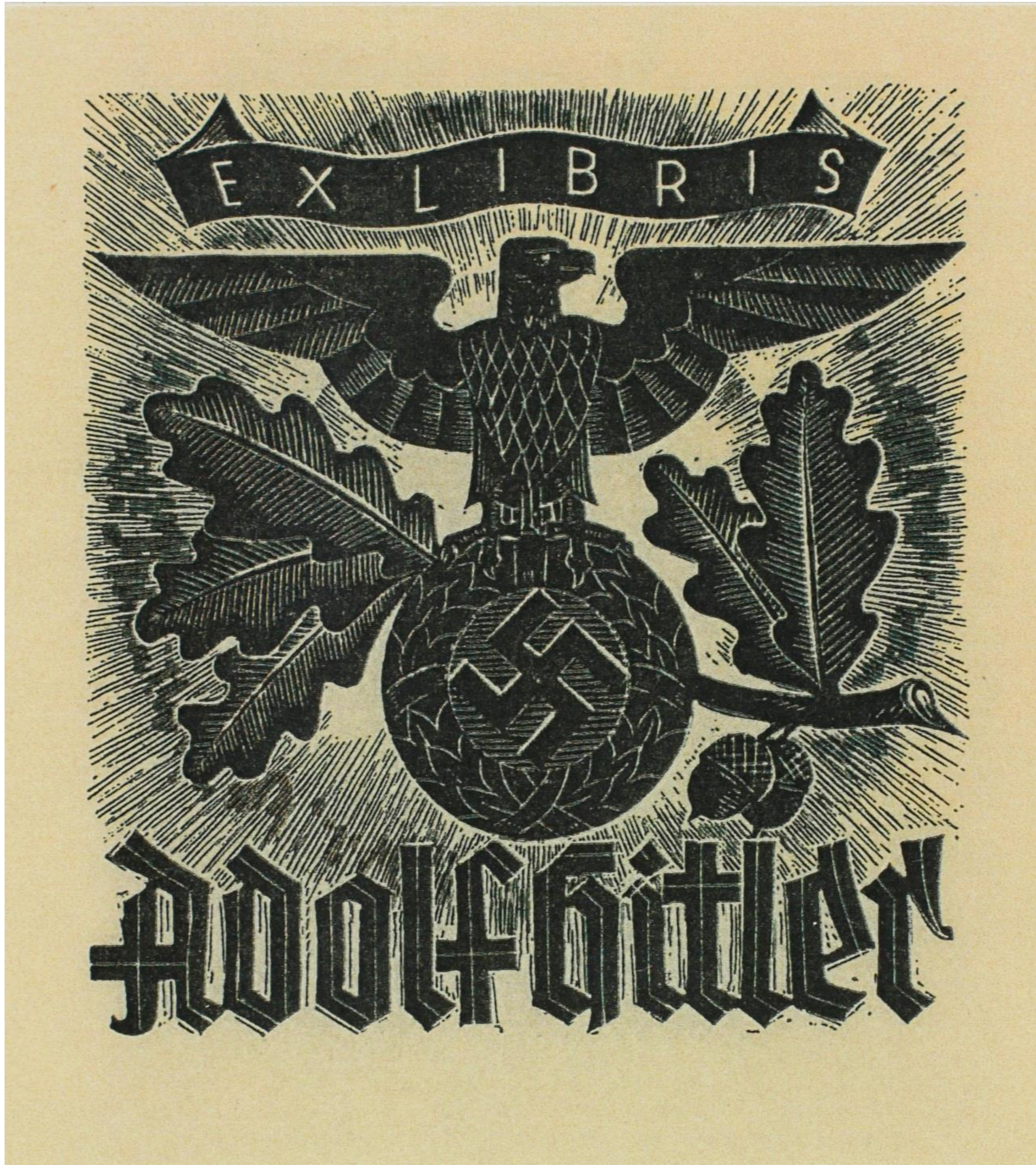
Primeira Edição Colombiana
Editorial Solar Ltda. 1987
Segunda Edição. 1995
Terceira Edição. 2000

Editado por EDITORIAL SOLAR LTDA.
Carrera 9ª. No. 19-59 Ofc. 402
Telefones 286 02 94 – 343 01 30
Fax. 91 342 23 75 Apartado Aéreo 4330
Santa Fé de Bogotá, D. C. Colômbia.

Vendas pelo correio. Adquira nosso catálogo.

Impresso na Colômbia. ISBN 958-9196-21-7
Printed in Colombia.

Dedico esta obra
aos jovens heróis
que amanhã serão os Guerreiros-Iniciados
do Hitlerismo Esotérico.
E à glória do Führer,
Adolf Hitler.



Ex Libris, gravado em madeira, criação de Adolf Hitler, em 1929.
Já é possível pressentir a Águia Asteca de Quetzalcóatl.

A MODO DE PRÓLOGO

"*Bendita seja a fé dos homens que se atrevem a renovar a face do mundo seguindo o ideal que eles amam. Com o orgulho das raças maduras, assim o premeditaram vossos guias, alemães, e vossa poderosa obediência aceitou a dor de portar em vosso sangue esta nova invasão da grandeza do mundo".*
"Generosa ambição dos povos fortes que esgotam para alcançar o absoluto do poder e que se entregam ao sonho temerário de propagar mais além do horizonte a Ideia adorada sob o próprio céu".
"Quando enfim a plenitude é alcançada, vale mais que seja consumada toda em um relâmpago, ao esplendor do paroxismo, do que esperar o apagar-se na paz".

(Do poeta francês Pierre Drieu la Rochelle, partidário da Alemanha e do Hitlerismo na última guerra. Tirou a própria vida em 1945).

"*Devemos, todos nós, estar preparados para o mais terrível. A morte, em meio à humilhação, não é uma forma de dar-se mais, todavia?..."*
"O sacrifício não admite cálculos e nem reservas. Se eu houvesse mentido como os outros, onde teria eu chegado?..."
"Mas, todavia, acredito, acredito mais do que nunca, que somente os idealistas poderão mudar o mundo".
"A alma é o que resta à alma".

(De León Degrelle, Chefe do "O Rexismo" belga, herói dos combates da frente Leste, hitlerista absoluto, poeta e Peregrino da Grande Ânsia. Ainda vive nesta Terra)

"*Quem sou eu para falar em voz alta sobre Adolf Hitler? Sua vida e sua ação não nos convidam a uma emoção sentimental; porque ele foi um guerreiro em luta pela humanidade; um apóstolo do Evangelho do Direito de todos os povos. Foi um reformador do mais alto grau. A sua fatalidade histórica o levou a atuar em uma época de uma brutalidade nunca vista, da qual finalmente foi vítima. Assim terá que ver qualquer europeu ocidental a Adolf Hitler. Nós, os seus partidários, por sua vez, inclinamos nossas cabeças ante a sua desaparição*".

(Palavras do escritor norueguês e Premio Nobel, Knut Hamsun, escritas no periódico norueguês "Aftenposten", de 7 de maio de 1945. Knut foi trancado em um asilo depois da guerra; confiscaram todos os seus direitos e propriedades e fizeram com que seus maravilhosos livros desaparecessem do conhecimento do público).

"*Hitler foi como Joana D'Arc.*
Um santo, um mártir!"

(Declaração do poeta americano Ezra Pound, perante os periodistas que lhe questionavam, quando ele ainda era prisioneiro dos militares do seu país e pouco antes de ser trancado em um asilo para loucos por treze anos. Jamais lhe foi dado o Prêmio Nobel que merecia, como o maior poeta deste século).

Tradução para o português por Jeff "Ninho de Águia"

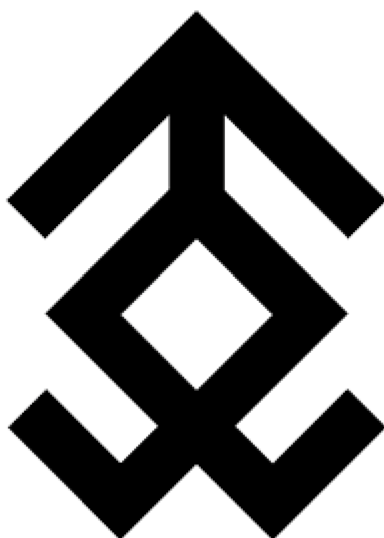
Faço esta tradução pelos meus camaradas, sejam eles visíveis ou invisíveis; sejam eles mil ou apenas um; faço isto por aqueles que despertam e sentem em seu Sangue o chamado do seu Espírito – aqueles que escutam a Voz e então olham em direção ao passado, procurando pela saída à Origem!

Honor Et Mortis!

VVV

Vontade! Valor! Vitória!

Hail Wotan-Odin!



ÍNDICE

PARTE I: MEMÓRIAS DO ARQUÉTIPO

PARTE II: MAIS ALÉM DO ARQUÉTIPO

PARTE III: O OUTRO POLO

PARTE IV: SANGREAL. INICIAÇÃO DAS SS.

PARTE V: O ÚLTIMO AVATAR

ANEXOS

As Glorias da Noite

"*Por que*", me perguntavam, "*arriscaste tanto, pondo em perigo a obra literária de uma vida inteira? É por não saberes que todas as editoras do mundo estão nas mãos dos judeus? Neste momento, em que os teus livros são traduzidos para o alemão, o inglês, e outras línguas, quando são lidos em muitos países, te pões a escrever abertamente a favor de Hitler e a descobrir o seu esoterismo.... Isto é uma loucura, porque se tu fosses alguém que não sabe do poder omnipresente, do controle total da vida pelo judaísmo.... Mas tu foste diplomata e pôde penetrar a fundo nos acontecimentos históricos do presente e do passado; como ninguém, tivestes a possibilidade, o conhecimento e os meios para sabê-lo; percorrestes o mundo, por todos os recantos, tu sabes... E não somente colocastes em risco a tua obra, como também estás arriscando a tua vida...*"

Assim me disseram os meus amigos, familiares, e também meus inimigos.

Porque assim se fala hoje em dia. Esta é a voz do nosso tempo. Mas eu não sou deste tempo, nem deste mundo, nem destes dias. Venho de outro astro. Venho da Estrela da Manhã. E não me importa perder a tudo, inclusive a vida. Além disso, o lema do meu brasão é: "*Minha honra se chama lealdade*". Sim, lealdade aos ideais, aos sonhos, às glorias da noite do passado, aos fantasmas dos camaradas desaparecidos, às sombras douradas, aos ecos dos seus passos, às velhas ruas e cidades, e a tudo aquilo que não se vê na luz que a terra martirizada projeta, à nostalgia de uma Idade de Ouro, quando os heróis ainda viviam entre nós, quando os Deuses falavam conosco. Porque eu sou um daqueles que falavam com os Deuses...

E, caso alguém o saiba, ou caso alguém o tenha esquecido – porque aqui tudo se esquece – vou tratar de lhes contar como aconteceu aquilo, como ocorreu tudo. E até é possível que mais de uma pessoa chegue a entender a razão pela qual sou fiel às glorias da noite, à luz do tempo dourado, aos heróis, aos meus amigos, à lenda, ao sonho, ao mito.

Não pretendo escrever uma biografia dos acontecimentos externos da minha vida, tão rica de fatos (pois, "*desci até as cabanas e subi até os palácios*..." – pertencendo esse gênero à "época dos folhetins" – mas sim expor unicamente o mítico, o arquetípico, isto é, o que não é somente meu, e sim de muitos. Em uma palavra: O Mistério, até onde este possa ser revelado.

Em direção ao passado, busquei na arvore genealógica familiar, pretendendo chegar o mais longe o possível, primeiro no Chile, então no Norte da Espanha, nas Astúrias, na Galícia, "onde não entraram nem mouros e nem judeus", porque dali viemos. E somente vejo visigodos e celtas, muito mais visigodos do que celtas, na minha linhagem. Minha mãe se chamava Berta, nome germânico derivado da deusa Pertha. E Bertha também foi o nome da mãe merovíngia de Carlos Magno, que traiu à arvore Yggdrasil de seus antepassados. Ele o fez; mas eu não o farei.

América do Sul! Aqui quase tudo é alterado na mescla e na mestiçagem. Não tanto na minha família.... Mas eu não sabia quase nada sobre isto, muito menos durante a minha juventude. Ninguém aqui foi educado racialmente. Pelo contrário, a América é filha das doutrinas maçônicas e da Igreja de Cristo. Elas nos impelem irresistivelmente à mestiçagem e ao mulatismo. Este é um continente bastardo, em meio a um mundo bastardo. Sobre o Chile e o seu drama étnico escrevi "O Ciclo Racial Chileno", pequena obra fundamental, sem dúvida. Quando criança, desconhecia em absoluto este tema, e

ninguém na minha casa estava em posição de me ensiná-lo, nem de guiar-me neste tortuoso caminho. Somente o instinto, somente a "memória de sangue", que muito lentamente vai abrindo caminho nesse emaranhado e tenebroso bosque das mesclas contrapostas. Porque tal "memória" unicamente vem a surgir somente com o passar dos anos, finalmente. E, às vezes, já é tarde. Tarde para evitar danos à herança, aos genes e a genealogia. Porque não houve ninguém para nos advertir do perigo, pois eles mesmos não sabiam. É deste modo que foi o céu que nos protegeu de maiores males, e guias invisíveis que nos tomaram pelas mãos no momento mais crítico, nos levando ao lugar que nos correspondia no combate. Quiçá foi esta mesma "memória de do sangue" e os Deuses que nela moram, que por ela circulam, que vieram nos salvar, nos resgatar. Devemos nos inclinar perante eles, agradecidos, e lhes pedir que jamais nos deixem, porque estamos dispostos a ser fieis a eles até a morte, até o outro lado desta vida, para entrar no Valhala.

Sim, quando pequeno nada soube deste importante tema. Sofria por ser loiro e ter olhos azuis. Desejava ter a aparência dos demais rapazes, de pelo áspero, de traços mongóis. Até recentemente não tive ciência do que isso significa. Por isso digo que a "memória de sangue" tarda em aparecer, é bem lenta. O caminho se abre através das sombras de dor e penitência. Não bastaria uma vida para escutar as suas mensagens, ler em seu livro sábio. Na minha família, somente nos falaram sobre a classe, mas nunca sobre a raça. E são coisas tão distintas! Em geral aqui houve classe, a que nem sempre coincidiu com a raça, ou houve raça que não coincidiu com a classe. E assim também o é com o resto do mundo, principalmente nesta Época Mais Escura. Quanto a este tema, voltarei a me referir à minha obra "O Ciclo Racial Chileno", que incluirei neste livro.

Na minha família, a classe coincidia com a raça. Um milagre! Mas nós não o sabíamos. Tudo era tão delicado, uma combinação quase que casual, como uma flor de somente um dia. Porque isto de raça e do racismo é muito mal compreendido, sobretudo quando se trata de seres humanos. (Com os animais, todos estão de acordo). A Raça, com maiúscula, não existe na época mais sombria da Terra. Assim como as estatuas gregas, cujos modelos nunca existiram. Mas é um dever tender à perfeição, à essa ***transmutação***. Isto e nada mais foi o que Hitler ensinou à geração privilegiada que viveu em seu tempo.

A vida de alguns poucos neste mundo poderia tornar-se plena de Sentido, por meio de um trabalho em si mesmo, colaborando "sincronisticamente" com Deuses de *outra* terra. Porque, às vezes, "as coisas vêm até nós desejosas de se transformarem em símbolos", como dizia Nietzsche. E Rilke: "Que outra coisa desejas, mundo, senão tornar-se invisível dentro de nós? ". O símbolo de nossa vida precisa ser criado, "inventado". Outras vezes está ali, perante nós, até no próprio nome. Jung fazia com que fosse visto que "freud" em alemão significa "prazer". E Freud centrou sua teoria no prazer sexual, precisamente. Adler é águia, em alemão, e a sua doutrina psicológica teve como base o instinto do poder. "Jung" é juventude, e o grande doutor centrou os seus ensinamentos no renascer, erguendo-se na proa do navio da eterna juventude. Em sua casa há uma placa que diz: "Fomos jovens, simbolizamos a juventude eterna". Ele o sabia.

Meu nome é Serrano. Quer dizer serra, monte. Nasci junto às montanhas da minha pátria e amei aos mais altos cumes. Vi os gigantes da pedra, chegando a crer que as montanhas sejam gigantes petrificados, que é preciso libertar. Tem sido a tarefa da

minha vida: libertar, dar nova vida aos gigantes. Por esta razão recorri as maiores cordilheiras da terra, os Andes, o Himalaia, os Pirineus (morada de Pirena, a amada de Hércules), os Alpes, onde reside o rei Laurin, dos duendes. No Himalaia busquei as cidades encantadas de Agartha; nos Andes da minha juventude, a cidade dos Césares (ainda a busco), Paititi, Elelin e Trapalanda. Porque também sou um Ankahuinka[1].

Minha mãe morreu aos 23 anos de idade. Dois mais três são cinco. Eu tinha cinco anos quando ela morreu. Meu pai morreu aos 32. Três mais dois também são cinco. 555, o número polar, hiperbóreo, do Destino. Quando o meu pai morreu eu tinha oito anos. O número do infinito. Se minha mãe e meu pai não houvessem morrido, minha vida teria sido muito diferente. Sou um órfão prisioneiro do infinito, alimentado pelo infinito, pelo seu leite, o seu fogo azul, a sua luz incriada.

Uma grande viúva nos educou, minha avó. Ela se chamava Fresia (Freya, como a deusa Ases da lenda germânica). Também pode ser chamada de Woevre Saelde, a viúva que guiou os Minnesänger, os trovadores iniciados germânicos. Assim cresci, como "um louco puro", no bosque vernáculo e selvagem da minha pátria do sul do mundo, do Polo Sul. E tive que lutar com a Grande Viúva, para libertar a minha alma do terrível matriarcado de uma terra devastada, involuída. No Chile – de *chil*, desnudar, em quiche-maya, em quíchua-viking; de *schillen*, desembainhar (a espada), no alemão antigo. Por esta razão tenho estado, além disso, tentando desembainhar a Espada da pátria mística, toda a minha vida.

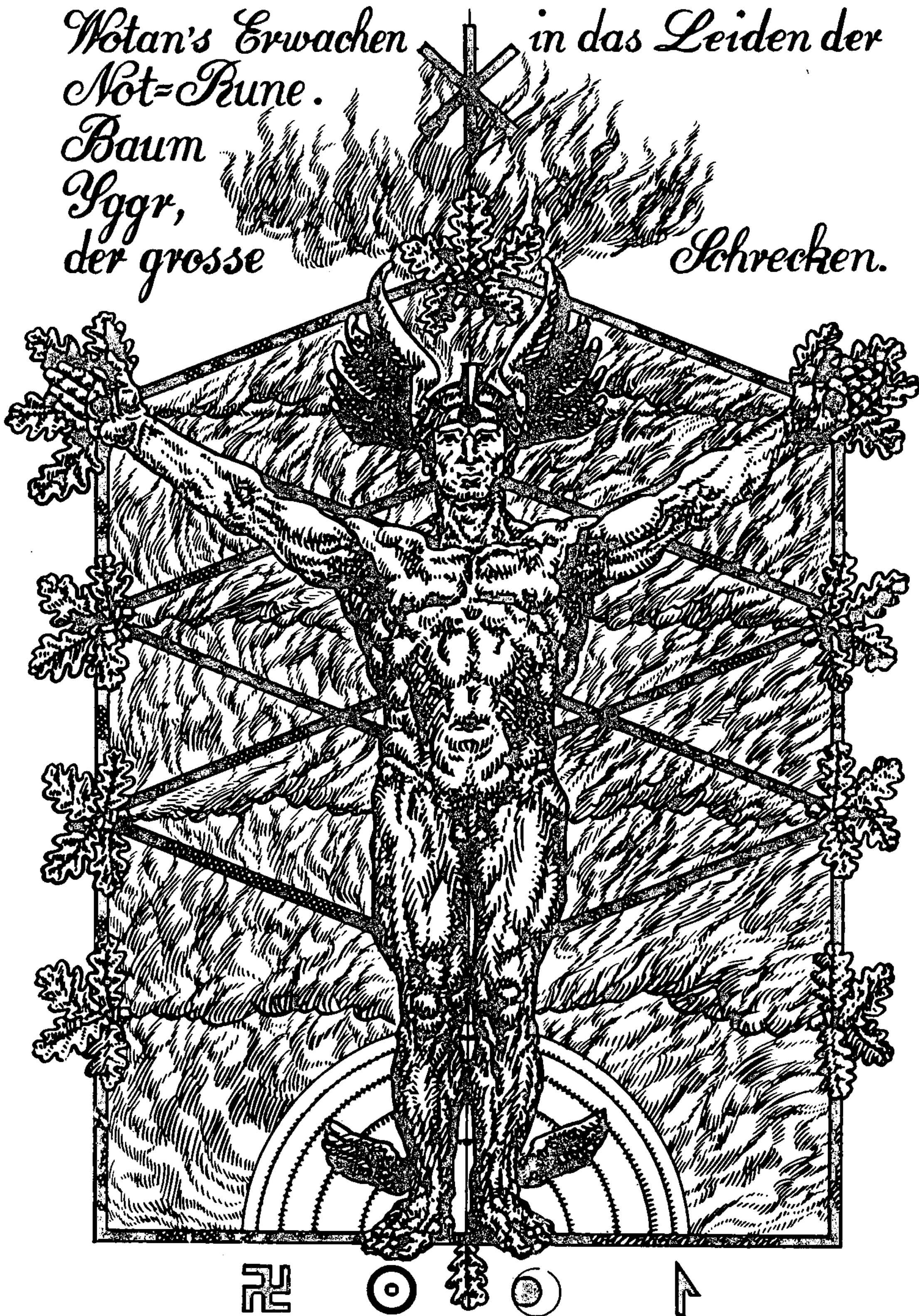
Para quem tenha conhecimentos, esta é a lenda e o Mistério do *Gral*. A vida de Parsifal, com suas quedas e triunfos, tentando reconstruir a terra devastada do Gral – a *Terre Gaste* –, retornar a Coroa ao rei enfermo, diminuído, reconstruir a Coroa de Lúcifer (da qual caiu o Gral), tão bela como fora antes do seu combate estelar.

Conta a lenda que Parsifal partiu em direção à uma terra do Ocidente, de onde nunca mais voltou. Ia em um barco com a Cruz templária, bordada em suas velas, e levava consigo o Gral. Esta terra do Ocidente é a nossa América do Polo Sul (que uma vez foi o Polo Norte). Os templários já haviam estado aqui. Mas antes deles estiveram os vikings e muito antes os divinos hiperbóreos, os gigantes, os Deuses Brancos. Chegaram de outros astros, de Vênus, a Estrela da Manhã, a Estrela de Schillen-Chile.

Parsifal acreditava que o fim da Idade Dourada, que o Crepúsculo dos Deuses, eram irreversíveis, que a Terra Devastada não retornaria agora a sua plenitude solar, que voltaria a ser devastada; sabia que o rei Anfortas e o rei Artur haviam ido às Ilhas Felizes, à Avalon, onde seriam curados pelas Valquírias, pelas magas hiperbóreas do Amor Mágico, que Frederico Barba Vermelha havia dormido dentro de uma montanha, onde o corvo de Wotan lhe despertaria ao final do tempo. E Parsifal partiu então para a Cidade dos Césares, dos Deuses Brancos, nas regiões místicas do Polo Sul, que uma vez foi o Polo Norte. A espera de que o Grande Ciclo seja cumprido, que o Kali-Yuga alcance o seu espantável fim e a "última etapa da idade da Cumea, da donzela virgem, o reino de Saturno e Rea, cheguem novamente. Os séculos se tornem a Idade Dourada. E que de uma linhagem de ouro, o mais apreciado, sejam povoados um polo e o outro".

Então, o Mistério do Gral será revelado. E enfim será respondida a "Pergunta" que temos feito desde que nascemos nesta terra, desde que aqui caímos. E desde que morreram Baldur e Jasão.

[1] "Águia iniciada", na iniciação dos Incas.



Odin, Deus nórdico, é Wotan para os germanos. Crucifica a si mesmo voluntariamente na Árvore Iggr, do Espanto, pendendo dela por nove noites até reencontrar as Runas salvadoras, que farão com que seja possível que os heróis recuperem a sua divindade perdida.

Conta a lenda áurea que o primeiro trovador que conseguiu o conhecimento das regras secretas do *trobar clus*, recebeu as mesmas de um falcão, ou de um corvo, parado no galho mais alto de uma azinheira de ouro. A azinheira Donar, que o Bispo Bonifácio havia destruído, que na verdade se chamava Winfried, ou o freixo Iggdrasil, que Carlos Magno havia destruído. Também nesta árvore Wotan "crucificou" a si mesmo para descobrir as Runas mágicas, libertadoras. Por nove noites pendeu da árvore. *Igg – drasil* (*Igg* = espanto). Tudo isto para poder nos entregar um cosmos diferente deste em que vivemos. Um corvo de ouro lhe entregou as Runas. Por isto, Wotan terá sido o primeiro trovador. E as Runas são signos secretos que somente pode-se trobar clus. Também Jasão, outro nome que se dá ao primeiro trovador – *trovare* quer dizer 'encontrar' – descobriu o Velo de Ouro[2] pendendo de um galho de uma arvore Lamela, que na verdade era Dodona e estava em Hiperbórea, no Polo Norte, sob o Sol Negro da Meia-noite.

E tudo isto, como dissemos, passou agora para o Polo Sul. Por isso, eu encontrei Jasão aqui, junto ao Sol Negro da noite do passado, nas glórias desta noite, nas ruas de uma cidade que já não existe. Nessa cidade que se chamou 'Santiago de la Nueva Extremadura', do Novo Extremo, deste outro extremo.

Os feitos de uma vida individual não contam, estão destinados à morte, ao nada, se decompõem dentro da luz do Sol de Ouro. Por isso não me interessam as biografias pessoais. Assim como os antigos, somente dou valor ao arquetípico, ao Mito e a Lenda. Unicamente vive aquele que foi capaz de incluir-se no fogo de um Arquétipo Hiperbóreo, dentro da sua eternidade, em seu Eterno Retorno. A história e o historicismo de nossos tempos me deixam frio. Somente é incluído no eterno quem aqui embaixo repete a vida arquetípica e mítica dos nossos Deuses, quem passa a ser seu intérprete ou seu oficiante. Os reis hiperbóreos, os faraós do Egito, os imperadores da China e Japão, os Incas e o Führer encararam Deuses, foram possuídos por um Deus, chegando a ser a projeção de um próprio Deus, aqui na Terra. Igualmente deverá ocorrer com alguns povos e com certas civilizações de outras idades. Também com os heróis.

Se alguém, compreendendo isto, e até sem compreendê-lo, através do combate essencial de sua existência, através dos seus ressurgimentos, se torna merecedor de traspassar esse oculto limite, integrando ou expressando esse Arquétipo, ele adquire repentinamente uma realidade ontológica e se transmuta de *homo terrenus* em *homo de coelo*[3]. Já é imortal, porque retornará sempre no Eterno Retorno deste Arquétipo, aqui, ou onde seja. N'Ele (como Si Mesmo) ou em Outro.

Cada vez que nesta vida tive a chance de encontrar alguém que encarnara um Arquétipo Hiperbóreo, a comoção acarretada em razão do seu drama me levou ao ponto do desaparecimento, estremecendo-me até a essência do meu ser. E isto mesmo que eu não houvesse desenvolvido a vivência para poder interpretá-la, preenchendo-a de Sentido. Tal coisa não foi necessária, pois o Mistério era realizado mais além da mente consciente e do raciocínio.

---

[2] O Velo de Ouro, ou Tosão de Ouro (chamado também de velino ou velocino) é na mitologia grega a lã de ouro do carneiro alado Crisómalo.

[3] N. do T.: 'Homo de Coelo' é a grafia original utilizada pelo autor em espanhol. Não encontrei nada em referência ao termo 'coelo', todavia encontrei 'homo de caelo', que significa 'homem dos céus' ou 'homem celestial', o que faz sentido no contexto ao qual o autor se refere. Portanto, creio que 'coelo' possivelmente se trata de um erro de digitação.

Será o tema da primeira parte desta obra. Uma história de outra espécie, do Mito e da Lenda. As Memórias do Arquétipo, do nosso Arquétipo.

O Herói

Em “Ni por Mar ni por Tierra”, contei a história do meu camarada de juventude, Hector Barreto. Não a repetirei agora. A medida que os anos transcorrem, volto com a recordação a estes tempos e os seus fatos. E sempre a mesma emoção, quando percorro as velhas ruas pelas quais transitávamos e que apenas conservam a sua atmosfera de sonho. Por ali, por Blas Cañas, quase na esquina com a rua Lira, ainda sobrevive uma misteriosa passagem, com sua rua estreita de paralelepípedos, suas casas semiarruinadas, de cores intensas, parecida com a dos Alquimistas, em Praga, com um pátio de milagres, de pura magia, ao final do beco. Há uma árvore, uma banca e uma enorme virgem de gesso, com o Menino em seus braços. Algumas velhas mulheres se inclinam para fora das portas e contemplam com olhos perdidos os fantasmas que ainda transitam pelo ar. Uma menina sem sapatos brinca com uma flor de papel pintado, que às vezes gira com o vento. Esta rua eu descobri em uma noite da minha adolescência. Uma mulher abriu uma porta e, com seu rosto puro, de louca ou de santa, olhou para o céu estrelado e disse: “Chove. Quem encontrará o Círculo esta noite? “. Porém não chovia. Lhe pedi que me deixasse entrar por sua porta, onde eu acreditava que iria encontrar o caminho para a Cidade Encantada dos Deuses Brancos. Narrei esta estória no “La Época Más Oscura” e no “La Flor Inexistente”.

Hector Barreto era um artista. Reproduzi vários de seus contos no “La Antologia del Verdadero Cuento em Chile”. Também em “Ni por Mar ni por Tierra” e em “La Flor Inexistente”. Um destes contos se chamou “Jasão”. Na minha opinião, se identifica tanto com a sua vida, que passei a dar-lhe este nome em quase todas as obras nas quais me refiro a ele.

Sua curta vida foi pródiga em feitos invisíveis. Por isto mesmo, caiu dentro do Mito e da Lenda. Meu coração captou isto, sendo comovido profundamente. Barreto, para o que lhe conheceram em sua geração, passou a integrar o Arquétipo do Herói, que sempre morre jovem; porque é amado pelos Deuses. O Herói arquetípico não precisa realizar a sua lenda completa em sua vida, já que esta é projetada de melhor maneira depois da sua morte, fecundando a isto que se tem chamado de Inconsciente Coletivo. E assim segue vivendo, prolongando-se com maior realidade do que aquela do mundo visível, com existência ontológica. É “a flor inexistente”, que é mais real do que todas as flores dos jardins deste mundo. Ainda que não exista.

Não voltarei a lhe chamar Hector Barreto. Dir-lhe-ei sempre Jasão. Porque sua vida, como a do herói antigo, foi uma busca contínua pelo Velo de Ouro. O buscava em seus sonhos.

E eis aqui que um dia este herói mitológico, de nossa juventude, este belo herói grego, quis intervir no mundo da realidade diurna. (“Oh, açúcar de convites com palidez de conselho! ”). Nos causou desânimo. Não podíamos entende-lo. E quando lhe perguntávamos por que havia se tornado socialista, passando a se inscrever em um partido político, nos respondeu: “Me causam sofrimento as crianças pobres, descalços sob a chuva”.

Ao final, já contei isto, Jasão teve que se desiludir. Nunca pôde entender que o partido não aceitava um artista capaz de “traçar um Círculo perfeito com os olhos

fechados". "Algo que apenas Leonardo conseguiu realizar em seu tempo". E também ele. Por isso, Jasão entregou-se à magia, à alquimia, ao sonho, à vida em um mundo imaginário. Eu vim a captar a sua grandeza arquetípica somente depois da sua morte. Ali, o seu símbolo explodiu completamente no meu coração. Como na época eu era muito jovem, por anos estive sangrando. Mas, fomos na verdade jovens? Hoje penso que éramos mais velhos do que agora, anciões de séculos reencarnados, com uma sabedoria que os anos vão apagando. Estávamos mais puros. E para que Jasão não perdesse essa pureza, nesta difícil Ronda, neste Círculo, os Deuses, que lhe amavam, o levaram consigo, para trazer-lhe de volta algum dia na nova Idade Dourada, com Saturno e Rea. Ele mesmo o disse, ao morrer, ferido com uma bala em uma rua da antiga Santiago: "Quem ri agora, os de aqui ou os de lá? " Sim, "os de lá" o levaram.

E junto ao seu túmulo, tive que recordar a "Canción del Camarada":

"Si tú duermes,
Yo velo por ti.
Si tú partes,
Yo combatiré
Por los dos.
Porque a cada guerrero
Los Dioses le han
Dado um camarada".

O Chefe

A morte de Jasão nos lançou ao mundo. Eram os anos do fascismo, do nazismo, do socialismo, todos uniformizados e com organizações paramilitares. No Chile, como em outros países, também se copiava isto. O bolchevismo marxista montava a sua estratégia para deter o fascismo, pretendendo amalgamar a resistência burguesa em uma frente a qual chamou "popular". O laço secreto era, sem dúvida, a maçonaria e o judaísmo. Judeu era Leon Blum, na França, e a maioria dos dirigentes mundiais do Kremlin e da G.P.U. Por suposto, nada disto foi conhecido por nós no Chile na nossa geração. Ademais, não havíamos dado importância a isto. O livro de Nicolás Palacios, "Raza Chilena", escrito em 1904, não foi ensinado nos liceus, e nem nas universidades. Nele se afirma que, antes de indagar quanto ao valor de uma doutrina ou teoria, se deve perguntar sobre a raça do seu autor. Se é judeu, a doutrina é danosa.

Os combates de ruas eram realizados de preferência entre nazistas e socialistas, com suas brigadas de assalto uniformizadas. Foi assim que caiu Jasão, uma noite em 1938, sem ter nunca ter participado destas rinhas e por um infeliz, ou feliz azar, levado pelo Destino, seu Destino, por aqueles de Lá.

Com grande facilidade fomos manipulados pelo marxismo. Seus amigos, escritores, poetas, intelectuais, nós nos aproximamos dos socialistas. Alguns se inscreveram neste partido, outros, no comunista. Meu tio, o poeta Vicente Huidobro, talvez com a melhor das intenções, quis me conduzir ao marxismo, chegando a insinuar que eu entrasse nas lojas maçônicas. Já me referi a isto. Em todo caso, ele nos acompanhou lealmente na dor que experimentávamos, os jovens amigos de Jasão. Esteve ao nosso lado nestes dias.

Jamais pertenci a qualquer partido político; entretanto, estive colaborando com alguns jornais esquerdistas da época e, por vários anos, editava uma revista no aniversário da morte do nosso amigo assassinado. Foi assim que pude assistir ao nascimento da Frente Popular no Chile, operação internacional montada em seus menores detalhes pelo judaísmo, pelos serviços de inteligência russo e ocidental. Contra tudo o que se possa crer, não eram os soviéticos e nem os marxistas os únicos a trabalhar por esta Frente, e nem sequer foram os principais promotores. Na verdade, o eram os serviços secretos dos Estados Unidos, que aqui mandaram seus agentes disfarçados sob uma fachada marxista temporal. E quase todos eram judeus, procedentes da Alemanha, como um certo Casona, com sua amiga equatoriana Magda, com a qual escapou o poeta Pablo de Rokha. Outro, cujo nome já não recordo, nos deu aula de marxismo; então se estabeleceu no Chile, fazendo fortuna em um laboratório. Todos eles tinham nomes falsos; por exemplo, um tal Montero, fundador do periódico “Frente Popular”, que era o judeu peruano Eudocio Rabines, depois conhecido agente pró-norte-americano.

Sem dúvida, eu era muito jovem, mas isto ia me abrindo os olhos sobre uma realidade subterrânea, sobre um governo secreto, invisível, que dirigia os acontecimentos da história e, até mesmo, de um mundo sem história, como o nosso. Me fez ver, sobre tudo, que a grande confabulação almejava destruir o nazismo e o fascismo, em especial a Alemanha. Começava também a sentir náuseas. Mas eu estava ali pelo meu amigo Jasão. E tive que, então, perguntar a mim mesmo: O que teria feito ele ao ser testemunha destas coisas? Já em vida ele me havia confessado a sua admiração pelos atos heroicos da guerra da Espanha, sem discriminar os lados.

Na estância “La Marquesa”, em Leyda, reuniam-se os intelectuais e poetas daqueles tempos. O seu dono era Alvaro Yáñez, literalmente conhecido como Juan Emar. Ali conheci Indalecio Pietro e Osorio Gallardo, líderes socialistas espanhóis, escapados da guerra. Indalecio Pietro me falou com admiração sobre José Antonio Primo de Rivera, confessando a mim que eles nunca quiseram lhe fuzilar, mas que Franco não aceitou a troca que ofereciam. Ali também escutei um dia Eduardo Barrios, o novelista, que administrava o campo, defender obstinadamente a Hitler contra todo o resto, declarando que era um gênio. Acossado por seus opositores, disse: “Vocês devem respeitar minhas opiniões, porque minha mãe era alemã”. Foi esta a primeira vez que eu escutei uma razão que vinha “do sangue”. E me impressionou muitíssimo, tanto que ainda me lembro disto.

A guerra da Espanha, drama preparado por esse governo invisível, se internacionalizou desde o primeiro momento, com brigadas e exércitos estrangeiros. Vicente Huidobro me propôs acompanhar-lhe em sua viagem para “combater” os “vermelhos”. Estive a ponto de aceitar, mas uma voz interior me advertiu, dizendo-me: “Vás a lutar pelo marxismo? Que sabes tu do marxismo? ”. E recusei o convite.

Me enclausurei no meu quarto, levando comigo todos os livros que pude sobre o marxismo; de Bujarin, de Prenan, do próprio Marx. A literatura russa marxista a conhecíamos bem em nosso círculo de escritores: Boris Pilniak, Svolod Ivanov, Constantin Fedin, Gladkiv, Gorki, etc. Estudei, li. E um dia sai do meu retiro convertido em antimarxista declarado. Aquilo era falso, um engano, uma aberração filosófica e científica, uma religião para os ressentidos e débeis mentais, que tinha o poder de mobilizar as amarguras e os sentimentos deformados dos escravos, contra tudo o que é grande, belo, justo, o forte da verdade. Era uma conspiração sinistra.

Foram anos de polêmicas, em revistas e diários, com os intelectuais das gerações anteriores a minha. Fui atacado e ataquei Huidobro, Neruda, Pablo de Rokha, e outros. Um dia, o poeta Pablo de Rokha me acusou de fascista. Isto me impressionou. Fascista, eu? O que era o fascismo e porque me acusava de sê-lo? Conhecia o marxismo, mas nada sabia do fascismo. No melhor dos casos, eu era fascista... Mas ainda resistia. Porque ali estava comigo o meu amigo Jasão, entre o fascismo e eu, segundo o que eu pensava.

Quantas vezes devo ter perguntado a mim mesmo: O que haveria acontecido se Héctor Barreto houvesse vivido para presenciar a epopeia hitlerista? Ele admirava os heróis do mundo clássico, os emulava. Creio que também haveria se unido aos exércitos do Hitlerismo Esotérico. Porque Jasão e seu Velo de Ouro estiveram com Hitler desde os tempos de Hiperbórea, desde antes que Hitler viesse.

Um dia tive que chegar a esta conclusão, e, com o coração alegre, sentindo que renascia e que elevava o herói, meu camarada, até o mundo de luz ao qual sempre pertencera, me juntei aos guerreiros de Wotan, nossos semelhantes.

Entretanto, ainda não estava em situação de poder entender a razão oculta desta conspiração entre capitalistas e marxistas, que se chamou Frente Popular – que nada teve de popular. Por que esse ódio universal ao nazismo? Nisto também cristãos e maçães davam as mãos uns aos outros. O argumento marxista era de que "dialeticamente, " - a manipulada dialética! – "por tese, antítese e síntese, o fascismo era a última reação ao capitalismo antes da derrota inevitável que seria imposta ao mesmo pelo proletariado internacional". Todavia, era o marxismo que estava se aliando ao capitalismo, na Frente Popular, para combater o nazismo.

A imagem do candidato chileno da Frente Popular, que depois se tornou o Presidente triunfante, o burguês latifundiário, Pedro Aguirre Cerda, levantando o punho fechado em uma saudação marxista e mantendo as suas luvas neste mesmo punho, para assim dissimular o gesto, era reveladora da fraude, da hipocrisia aceita pelos comunistas e burgueses. E tudo isto em benefício da luta contra o fascismo. O que era, então, este fascismo capaz de levar os seus inimigos a tais aberrações?

Comecei a analisar com mais cuidado. Primeiramente ao nazismo em meu próprio país.

Não sou eu quem deve fazer a história desses anos todos, essas décadas obscuras que foram esquecidas na história política deste país, mesmo que ali se encontrem as raízes do que depois ocorreu nos partidos conservador e liberal, no partido radical, na democracia cristã, na unidade popular e até mesmo nas forças armadas. O democrata-cristão Eduardo Frei, assim como o socialista Salvador Allende, foram produtos destes tempos e destes acontecimentos.

O Chile é um país de terremotos, de cataclismos telúricos, por isto tudo aqui é efêmero, nada dura mil anos, nem sequer dez. De imediato as construções feitas pelos humanos começam a erodir, como a montanha. Também a memória é frágil. E com ela, os ideais. Quem aqui é fiel aos seus ideais?

Quanto a Eduardo Frei, foi meu professor de castelhano no Instituto de Humanidades. Muito jovem, fazia estes cursos neste colégio para poder financiar seus estudos de advocacia. Então, viajou para a Itália. Ao regressar, lhe encontrei certa vez em um bonde que subia pela Alameda de las Delicias, nossa avenida principal. Íamos de pé e pendurados nas alças que pendiam do teto. Com grande interesse lhe interroguei sobre a sua viagem e sobre o fascismo, ao qual naqueles tempos eu me opunha. Sua

resposta me surpreendeu: “O Fascismo é sumamente algo interessante, algo sério, que não pode ser tratado de maneira ligeira”.

Frei foi um dos fundadores da Falange Nacional (o nome teria sido tomado da Falange espanhola, de José Antonio Primo de Rivera), da qual então derivara a Democracia Cristã. Outro fundador foi Bernardo Leighton, a quem, passando os anos, tive que receber em Viena, como Ministro do Interior do governo do Presidente Frei. Eu era Embaixador na Áustria. Leighton estava fascinado por Franco e com o seu governo na Espanha, onde havia estado em visita oficial. As origens, nas “décadas esquecidas”, seguiam trabalhando no subconsciente de alguns, produzindo uma dicotomia dolorosa. Nos anos mais longínquos, aos jovens de então, isso nos teria parecido uma hipocrisia. Me era difícil compreender o cristianismo e o fascismo juntos, como difícil foi para mim aceitar o comunismo e o capitalismo unidos na Frente Popular.

É assim que estes nazistas, que marchavam uniformizados pelas ruas de Santiago dos anos trinta, fazendo soar suas marchas, seus tambores, suas canções, em meio aos bosques de bandeiras da Velha Pátria, combatendo de peito aberto e brandindo como principal arma os seus punhos e as fivelas dos seus cinturões, onde estava gravado o raio, réplica das SS do nazismo germano, começaram a despertar a minha admiração. Ali não havia duplicidade e nem hipocrisia. Também eram heróis, como o meu amigo Jasão; como ele, diretos, viris, valentes, e estavam dispostos a entregar a sua vida por um sonho, um ideal. As suas canções anunciavam que “a luta de classes fraticida (sobre a qual se edificava o marxismo pulverizador) seria uma má recordação de outrora”, porque eles pretendiam “forjar em um só povo o filho do palácio e da oficina”. Para consegui-lo estavam dispostos “a dar a vida, quando chegasse a ocasião”.

Ao recordar agora estas canções, também me vêm à memória as suas melodias e não posso deixar de entoá-las aqui, lentamente, enquanto escrevo estas linhas, no Chile de 1983, que já não reconheço, porque mais parece um país inimigo, pátria sem ideais, sem destino, materializada, empobrecida na alma das gerações, esquecida de toda tradição, de toda virilidade. E as lágrimas chegam com a recordação, como virão aos olhos dos velhos combatentes do mundo, ao reviver os tempos de glória, de sonhos, de esperanças. E os símbolos e canções do combate!

Sim, esta juventude foi o que de melhor o Chile certa vez teve. Procedia de todos os rincões desta larga terra, unia aos “filhos do palácio e da oficina”, porque “a luta de classes fraticida” havia sido superada, “fundida na bigorna de outra vida” e, assim, estava-se realizando, mesmo sem sabê-lo, uma soberba homenagem ao gênio de Nicolás Palacios, pois, “a sua raça chilena” estava enfim sendo criada, em uma amálgama sútil, generosa, por graça do Espírito chegado de um centro longínquo mas não longe do mundo, [chegado] do coração da Terra, da Alemanha, nação que tanto tem tido a ver com a nossa história. Porque se Hitler não houvesse existido, nada disto teria sido possível, em nenhuma parte do mundo.

E as Tropas de Assalto cantavam: “Quando a alma está bem e sana e o corpo também o está, deve haver uma ilusão, deve haver uma mulher... E saibamos dar a vida quando chegar a ocasião...”.

Foi assim que esta Falange – a verdadeira – de jovens chilenos cumpriu o seu juramento e soube dar a sua vida, ainda que talvez esta (como sempre) não fosse a ocasião. Acreditavam que o seu “sangue salvaria o Chile”. O salvou? Meus Deuses! Quem se lembra hoje que estes setenta homens, destes nazistas, que faz quarenta e

cinco anos entregaram as suas vidas "para salvar o Chile", sendo massacrados a sangue frio, como se contra eles houvesse sido desatada a fúria criminal, insana, do inferno? O Senhor das Trevas não podia permitir este milagre nesta terra martirizada, nesta pátria mística e sacra. Reagiu do mesmo modo no resto do mundo, contra aqueles que tentaram trazer de volta a Idade Dourada dos Deuses. Os mártires chilenos pensaram que davam o seu sangue para salvar a sua pátria. E assim foram acreditando, seguros disto. Nada disto veio a acontecer, certamente. Apenas a desgraça.

Não sou eu, repito, quem deve recontar esta história terrível. Mas então quem o faria? Quem pensa aqui que *a Honra se chama Lealdade*? Quem tem o Valor de escrever sobre aquilo? Quem ainda o recorda?

Ainda que apenas o místico me toque e unicamente nisto desejaria me concentrar, como o disse, não posso deixar de ressaltar detalhes humanos, demasiado humanos, para assim penetrar no mistério de algumas vidas, de alguns homens.

O massacre de 5 de setembro de 1938, quando rapazes exaustos foram assassinados a sangue frio na *Universidad de Chile* e no edifício do *Seguro Obrero*, rendidos através do engano, da traição, pois eles estavam dispostos a dar as suas vidas em combate leal e esperavam, além disto, os reforços de tropas regulares do exército, foi para mim a comoção final que fez com que eu me unisse aos nazistas. Ali estavam sendo sacrificados os meus verdadeiros camaradas, e também os de Jasão. Eles acreditavam na lealdade, nos valores viris, na mulher amada, na pátria e em um Deus superior, em uma vida divina. Que distante tudo isto das conspirações sinistras e obscuras do marxismo, do socialismo maçônico, do capitalismo, da Igreja (que não disse uma palavra que condenasse os assassinos, e nem a este crime horrendo)! Aqui não havia agentes internacionais, encobertos por nomes falsos, com identidades suspeitas. Os nomes dos mortos e dos que ainda seguiam vivos eram os seus próprios. Nomes que agora ninguém recorda, nem sequer estes grupos dispersos, que se chamam nacionalistas e que preferem cantar canções de outras latitudes, porque desconhecem as que foram nossas. É um drama muito chileno, desta pátria invertebrada, de síncopes, esquecer ou renegar as verdadeiras tradições, de toda a grandeza que poderia pertencer-lhe, dos seus filhos mais puros e valentes. Arrasta para baixo tudo o que se sobressai, se assusta com qualquer grandeza, com toda superioridade autêntica, com toda a lealdade a um ideal. Mas, por uma vez na nossa história, isto não foi assim, pôde não o ser, pois estes jovens nazistas estavam criando outro mundo, estavam empurrando para cima, admirando o grande, o superior, o verdadeiro. Foi uma mudança completa em nossa idiossincrasia. Poderia haver acontecido a Raça, amalgamada na "bigorna de uma vida melhor", de "outra vida". Por isto, sou eu agora o único que lhes recorda e lhes carrega no centro do seu coração, porque sigo sendo de "este outro mundo" e como eles, nada tenho que fazer aqui, pois, juntos pertencemos a esse Universo dos heróis sacrificados no coração do planeta Terra, nas fronteiras do País do Senhor das Trevas e do Caos. Sim, porque eu os recordo tal como eles foram e não com o choramingo afeminado de alguns fantasmas sobreviventes, que voltaram a ser massacrados, renegando os seus ideais e sua verdadeira fé.

Vejamos bem. Em que outro país do mundo o nazismo teve mártires tão gloriosos? Onde foi realizado um holocausto tão sangrento? As ordens dadas, "para que não fossem escutados os disparos fora do edifício onde estavam os rendidos e para que as balas não ricocheteassem nas paredes", era a de assassiná-los, golpeando suas cabeças contra os muros, ou a coronhadas. O "putsch de Munique" foi um jogo de

crianças comparado com isto e também a matança dos Guardas de Ferro na Romênia. Somente no Chile, este país trágico! E tudo isto foi esquecido, esse sangue não salvou o Chile, e muito menos a alguém aqui. Esse martírio soberbo foi desperdiçado. Como se houvessem preferido ignorar tanta escuridão, tanta desgraça.

Agora bem, o Presidente que havia dado a ordem de "matá-los todos", matar estes homens rendidos, terminando o seu mantado presidencial partiu para a Europa, para "limpar-se do sangue", ou para compartilhá-la com os governantes que lhe acolheram. Até Mussolini o recebeu. Apenas um Chefe de Estado se negou: Hitler.

E aqui no Chile, somente eu fui capaz de me manter em pé frente a ele. Passando o tempo, já em plena guerra mundial, ele me enviou um livro sobre história do Chile, que havia acabado de escrever, e com uma dedicatória. Eu o devolvi, escrevendo embaixo de tal dedicatória: "Não preciso lê-lo, porque sei que você foi o homem mais funesto para a minha pátria e o assassino dos sessenta homens rendidos em Seguro Obrero". Tirei uma fotografia desta página do livro e a reproduzi na minha revista destes tempos de guerra, "La Nueva Edad". Recebi um anônimo do ex-Presidente, escrito no próprio papel da minha revista, na margem de uma página.

Naqueles anos eu culpava unicamente Arturo Alessandri Palma do grande crime, mas hoje sei que isto não pode ter acontecido assim. Por trás dele, estava este "governo invisível", ao qual tenho feito referências e que somente com os anos e minha experiência diplomática pude vir a reconhecer melhor. Por isto, Alessandri se sentiu tão seguro depois do crime, sendo recebido no exterior pelos que sabiam e aprovavam e pelos que não sabiam muito, como Mussolini. E não será casualidade, digo a mim mesmo, que somente Hitler (o que nos trouxe luz ao mundo), e somente eu aqui no Chile, tenhamos permanecidos incorruptíveis. Ele, porque conhecia, através da Gnose; eu, unicamente graças ao anjo do meu sangue, que ali vai navegando desde antes de eu ter nascido.

Na verdade, neste longínquo rincão do mundo, neste pequeno país do sul polar, estava sendo posta em prática a "solução final" contra o nazismo, que já se pré-configurava nas alianças espúrias das Frentes Populares e que então tem sido aplicada, até os nossos dias, contra novas gerações de idealistas sãos, para poder cumprir com um plano secreto e mundial, que a maioria dos homens desconhece.

Houve um número demasiado de acontecimentos estranhos, demasiados personagens misteriosos, como esse indivíduo de nome Droguett, que aparece nas fotografias dos periódicos da época, com seu rosto típico de ave de rapina judaica, disparando contra os nazistas, para poder crer que o crime tenha sido a decisão de apenas um homem. Seguramente, para que não se pensasse nele, a relação com o assassino do mesmo nome, o escritor Carlos Droguett escreveu então um livro que nada à tem a ver com a sua obra posterior de cunho marxista, em todo caso um livro ruim, sobre os nazistas massacrados: "Sessenta mortos na escada". E há outro personagem igualmente sinistro, um coronel aposentado, o maçom Caupolicán Clavel, que servira de elemento de enlace entre os nazistas e o exército, que nunca saiu de seus aposentos no quartel para socorrer a estes jovens mártires. Em 1941, o Sereníssimo Grande Maestro da Grande Loja do Chile, Hermógenes del Canto, ditou um decreto de expulsão do irmão Caupolicán Clavel Dinator, por diversas razões que foram expostas em um folheto publicado para o caso. E termina declarando que foi três vezes traidor: "*Como militar, primeiro; em seguida, como político, e, por último, como maçom*".

Este massacre corresponde a um acontecimento arquetípico, recorrente, na história do crime ritual. Um deus sinistro, um Golem sedento de sangue, precisa do escorrer do mesmo, imolando as suas vítimas em seus altares. Como com os degolados em Nuremberg (além de enforcados), como com as vítimas dos campos de refugiados palestinos no Líbano, como com a matança de oficiais em Katyn, como com o massacre de Mons e Charleroi, na Primeira Guerra Mundial. Ali, a nata da juventude europeia foi aniquilada por uma traição. Uma decisão do Governo Invisível. Como no Chile. E sempre se encontra o homem apropriado, que não tem porque estar necessariamente a par do que realmente executará. Em Gallipolli foi Churchill; aqui, Alessandri Palma.

Além do sacrifício ritual ao Deus sem nome das sombras, persegue-se o objetivo terrestre de aniquilar os melhores, estes jovens que, por seguirem vivos, poderiam intervir nos negócios do mundo com idealismo e visão clara, impedindo as catástrofes históricas manipuladas e dirigidas nas sombras. Assim aconteceu com o irromper da Segunda Guerra Mundial, onde continuaram controlando o poder político visível dos homens velhos e orquestrados. O próprio Churchill foi valiosíssimo para cumprir o plano secreto de destruição da Alemanha e da própria Inglaterra. Assim aconteceu também no Chile, onde não existiu alguém que interrompesse a queda em direção ao abismo e à desintegração.

Quando mundialmente o plano foi sendo cumprido em seus menores detalhes, após a derrota momentânea do hitlerismo exotérico (e não esotérico) e foi considerado necessário, sem todavia recorrer a destruição máxima que dará fim ao ciclo, aniquilar duas ou mais gerações de jovens, isto foi feito com as drogas, com as doutrinas orientalistas, que predicam a perda do 'eu', o pacifismo, o estado vegetativo, com todo tipo de ocultismos perniciosos e falsos, com os hippies, com a música dos Beatles, com o "rock", essa música negro-judia, o homossexualismo, o bissexualismo, o feminismo, o lesbianismo e toda a degeneração e pornografia que é propiciada pela imprensa e propaganda judaica. Também com o terrorismo covarde e assassino. A juventude foi idiotizada e degenerada, com epidemias psíquicas e não somente psíquicas, propiciadas a partir do centro mundial da degeneração, os Estados Unidos da América e os seus sequazes e cumplices em Moscou. O resultado foi que os velhos de sempre, os instrumentos do Grande Plano, seguem manipulando os negócios e a política do mundo, para leva-lo à sua aniquilação final, ou a sua escravidão total.

O mistério deste tenebroso drama pode ser pressentido também nos eventos trágicos da vida daquele que fora o Chefe do nazismo chileno.

É curioso, mas foi no Chile e no centro de outro lugar do mundo onde se deram quase que exatamente as coordenadas arquetípicas do hitlerismo. Aqui, assim como lá, houve um 'putsch', que terminou de maneira trágica. E houve um Chefe carismático, que pode ter algumas condições semelhantes em sua personalidade à de Hitler. Observando-lhe, eu tentava compreender a psicologia do Führer. Mas somente neste aspecto relativo à sua condição humana, isto é, naquilo em que no corpo e na idiossincrasia de um homem tornariam possível a possessão por um raio de outro mundo. Porque isto não ocorreu do mesmo modo com outros chefes dos movimentos fascistas mundo afora. Eles eram apenas políticos que se revestiam com a fórmula em moda do Chefe. Na Alemanha, e também no Chile, foi de outra maneira. Foi encarnado o *Führer Prinzip*. Se deverá tal coisa à estranha afinidade que existiu neste país do fim do mundo com a alma da Alemanha, que Nicolás Palacios viu e sobre a qual eu também

tratei no meu "Ciclo Racial Chileno"? O nosso nazismo foi fundado por alemães no Chile e por alguns chilenos. O Chefe era nativo por parte de pai e alemão por parte de mãe. Muitos dos jovens nazistas tinham também ascendência germânica, com antepassados chegados ao Chile há mais de cem anos e assimilados perfeitamente, tanto que a nacionalidade chilena não seria compreendida sem eles, passando a constitui-la uma mistura de elemento vernáculo com o germânico. Segundo Palacios, isto foi assim desde as mesmas origens, pela ascendência visigótica dos conquistadores que ali chegaram a combater o povo araucano. Segundo José Toribio Medina, Claudio Gay e outros, e, me atreveria a dizer, o próprio Ercilla, o índio araucano teve um legendário ancestral frísio, isto é, germano. E por isto este amor pelo combate heroico.

Estas reflexões nos levam a tratar de compreender certos fenômenos terrestres, da história do homem, de maneira mágica. Jung os estudou, mas "psicologizando-os", destruindo um pouco da sua sacralidade. Jung falou sobre 'arquétipos' para se referir a certas imagens do Inconsciente Coletivo. Mas estes arquétipos junguianos não são os Arquétipos de Platão. Todavia, Toynbee me confessou na Índia que lhe haviam sido uteis para explicar o fato de que a civilização havia surgido de repente, "faz apenas uns seis mil anos". Dizia: "Após séculos de vida primitiva, um chefe de tribo teria sido possuído em seus sonhos por um arquétipo, levando-o a descobrir as fórmulas de uma vida superior". Apesar disto, Toynbee não entendia o que Jung queria dizer por arquétipo. E a verdade é que o doutor nunca esclareceu tal coisa.

No meu livro "Nietzsche y la Danza de Shiva" eu tratei deste tema, ao mesmo tempo que me refiro à três entrevistas muito pouco conhecidas de C. G. Jung, reproduzidas pelo professor William McGuire em seu livro "Jung Speaking". Nelas, Jung se refere a Hitler e lhe mostra como um ser possuído por um 'arquétipo' do 'Inconsciente Coletivo Ario'. Uma *Voz*, que ele escuta, que *lhe ordena*. E Hitler não pode deixar de obedecê-la. Voltaremos à estas entrevistas.

Jung foi o único que teria falado deste modo em vida sobre Hitler, e mesmo que tenha "psicologizado" um grande mistério, não o dessacralizou ao todo. Porque a única forma de poder penetrá-lo em sua abismal profundidade é buscando referências mais justas, mais lendárias, retornando à religiosidade pagã, das idades áureas quando os Deuses – hiperbóreos e náo hiperbóreos – eram encarnados possuindo os humanos e dirigindo os seus assuntos. Na verdade, nunca deixaram de fazê-lo, apenas os homens da Idade Escura que não o sabem, e não o creem.

Mas eis aqui que em nosso tempo um Deus desceu entre os homens, e nós, aqueles que nele acreditaram e acreditam, vamos participando pouco a pouco de sua iluminação. Por isto, Ele, às vezes, também fala por nós. Porque vamos sendo 'despertados' dentro da revelação do seu Mistério.

Quando esta tremenda Energia, este Deus, este Arquétipo, desce à Terra, não vem como um eu, senão que como Nós. Não encarna em um apenas, senão que em vários, fazendo com que todo um povo participe, um mundo, arrastando-o, hipnotizando-o, arrebatando-o. Entretanto, somente em uma pessoa encontra o seu instrumento mais apropriado, [e] por ter se preparado está em seu corpo, em sua mente, em sua alma e espírito, em todos os seus veículos, para recebê-lo. De modo que ela desaparece – sem desaparecer – para receber ao Deus, o Arquétipo, para ser usada por Ele. Assim, "é necessário que eu morra, para que Ele viva". É a morte mística, iniciática. Um morrer sem morrer, um morrer para viver, um "morro porque não morro". É o *Mistério do Tulku*, do budismo tântrico tibetano e do Boddhisatva, que não encarna

em um, mas em vários. De um Deus, o Ser Liberado, que retorna à Terra voluntariamente para ajudar ao homem a transmutar-se em ser divino. Mas não a todos os homens, somente aos heróis, aos viryas, aos semidivinos involucionados. Nunca ao animal-homem. Contra este divino esforço de alquimia espiritual, lutam os Elementalwesen, os elementais demoníacos, as forças do mal e do caos.

Antes já da aparição de Hitler, os Arquétipos do Führer e do Chefe vinham se insinuando. Primeiro no Duce italiano, em Oliveira Salazar, em Codreanu. Era algo assim como que premonições, sondagens. Contudo, somente em Hitler encontra a sua expressão quase que absoluta, o seu vórtice, seu transmissor mais perfeito, nem por isso sem deixar de fazer parte, como que em um jogo de espelhos, também de outros; aqui mais, ali menos. E assim vão aparecendo Leon Degrelle, na Bélgica; José Antonio Primo de Rivera, na Espanha; Plinio Salgado, no Brasil; Doriot, na França; Jorge González von Marées, no Chile, e até Subhash Chandra Bose, na Índia.

Eu o repito, unicamente em apenas um, em Hitler, se acumula a potência superior do Arquétipo Hiperbóreo, do Deus, somente através dele faz-se com que seja ouvida a sua palavra de um outro mundo. Porque somente ele escuta a sua *Voz*. Mas não sempre, porque neste caso ele se romperia em mil pedaços. E quando o Deus não está nele, Hitler carece de interesse, passando a ser um personagem simples, um "pequeno burguês austríaco"; ainda que certa desconexão em sua pessoa assinalaria que o homem terrestre também é um veículo, preparado pelos séculos, pelos seus astros, para receber e encarnar uma divindade, ao *homo de coelo*. É algo como que um médium consciente, que nunca perde o todo da sua consciência, concedendo um "rosto" ao Arquétipo, como se explica no meu livro "NOS". É por isto que quando Ele aparece, todos os demais chefes passam a ocupar um lugar secundário, subordinado. O caso de Mussolini nos ilustrou isto melhor do que nenhum outro. Todos eles eram humanos. Hitler não. E quando Hitler desaparece, porque o trabalho visível do Arquétipo nunca pode ser dilatado, em razão de uma intensidade irresistível, a ação seguirá sendo exercida através do Mito, de um modo inevitável e preciso; porque a alma do mundo foi fecundada. E esta é a única maneira de recolher os seus frutos. O renascer do Deus marcará o retorno da Idade Dourada. Todas as chaves foram tocadas, todos os sacrifícios foram cumpridos, ou estão por serem cumpridos. A antena que permaneceu nesta terra, despois do desaparecimento de quase todos, se chama Rudolf Hess, o colaborador mais próximo, a Vítima Propiciatória, que *ainda segue escutando a Voz*. O Prisioneiro do Mito.

Nas velhas sagas germanas estão as fórmulas para acolher esta Energia, esta Presença. O '*Führer Prinzip*', da *Männerbunde*, era uma delas. E o Deus entrou neste marco e dali se dirigiu ao seu povo e ao mundo. O 'Führer Prinzip' era mais antigo do que o arquétipo do Rei. Uma fórmula hiperbórea, nórdico-polar. Entre nós, no Polo Sul, também o conheceram os araucanos, na expressão do '*Toki'*, do *Cinche*, onde se recebe uma encarnação momentânea, aceita voluntariamente pelo povo em perigo. O Chefe, eleito livremente, é o mais forte, o mais ilustre, o mais valente. Herança que também chegaria até nós através dos guerreiros visigodos que conquistaram o Chile.

Não sei se haveria sido por isto que o Chefe do nazismo chileno mostrou, em um momento, características dos possuídos por uma divindade. Muito em breve, todavia, ele não seria capaz de sustentar esta tensão, caindo de tão alto, para ser, ao fim, convertido em um trapo trágico. Ali houve um drama alarmante, uma catástrofe geracional de magnitudes desconhecidas. Deveremos tratar de compreender isto, até onde seja possível.

A conclusão que nos vem de imediato à mente é que, sem preparação esotérica, sem iniciação, um ser humano não pode abrir-se à possessão por parte de um Arquétipo, pois será aniquilado, destruído como que por um raio do céu. Porque as forças tremendas que terá invocado serão muito superiores ao que ele é capaz de resistir e compreender. Não poderá se manter em pé. Nenhum outro Chefe mundial do fascismo, exceto por Codreanu, quiçá, pretendeu expressar estas potências místicas que somente em Hitler encontraram o seu veículo. Jorge González von Marées carecia de uma Weltanschauung e de toda a formação apta para compenetrar-se e projetar-se nestes territórios. A sua educação racionalista não ia além de Spengler, estando intelectualmente mais próxima de um maquiavelismo e pragmatismo "mussoliniano" do que o conceito mágico da vida de um Hitler. Contudo, a sua herança racial e sanguínea lhe fez ir além da sua razão, penetrando por um momento nestas zonas desconhecidas do Destino, neste mundo etéreo dos Deuses e Demônios, vedado aos simples mortais.

Por isso, o drama do Chefe do nazismo chileno deverá ser meditado com recordação, porque tragédia como esta tem paralelo apenas nos mitos clássicos. Sem sabê-lo, ele tentou alcançar o céu, neste momento demasiadamente elétrico do planeta. E atraiu a desgraça sobre si e sobre as futuras gerações desta pátria.

Depois do sacrifício de 5 de setembro, minha resistência havia sido derrubada. O Chefe e seus mais próximos colaboradores foram encarcerados. Pensava-se que seriam condenados à morte. As suas declarações foram desafiadoras. Outros nazistas conseguiram escapar para o exterior, cruzando os Andes a pé. Os nazistas chilenos haviam tentado dar um golpe de Estado, para evitar que nas eleições para Presidente que seriam efetuadas naqueles dias ganhasse o candidato da oligarquia, Gustavo Ross Santa Maria, apoiado do governo pelo Presidente Arturo Alessandri Palma. Tentavam instalar na presidência o general Carlos Ibáñez del Campo. Com o golpe estavam de acordo os militares. Como vimos, o homem de enlace foi o maçom, coronel aposentado e traidor, Caupolicán Clavel. É evidente que Jorge Gonzáles von Marées se adiantou para precipitar os acontecimentos e forçar o exército a intervir. Os resultados já os conhecemos, um massacre, sem que os soldados sequer saíssem de suas barracas. O general Carlos Ibáñez se refugiou de imediato em um quartel militar.

Como este livro algum dia será conhecido no estrangeiro, é bom dizer que no Chile, desde os tempos de Portales, desde os seus inícios na vida independente, ao contrário do resto da América, ninguém se instalou no poder por meios violentos. Aqui não existiram ditaduras militares. Portales impôs um respeito quase metafisico através da Lei e da Constituição. O Chile sempre foi um país democrático. Mas os nazistas não acreditavam nesta democracia, ainda que acreditassem sim em Portales. É quase certeza, por isto, que foi o Chefe, junto a muitos poucos de seus colaboradores, quem decidiu se adiantar quanto a dar o golpe; o fez sem avisar a ninguém, sem informar ao Ibáñez e nem ao exército, pensando em lhes forçar as mãos com um ato consumado. Não acreditava, apesar de suas promessas, que os militares fossem atuar. Ademais, há outro ponto de suma importância: Von Marées tinha em mente o que havia acontecido no Brasil com o general Getúlio Vargas, que uma vez no poder liquidou seus aliados, os fascistas Plinio Salgado, e [também] o general Antonescu, na Romênia, que permitiu a destruição da Guarda de Ferro e o assassinato do seu Chefe, Codreanu. Por último, havia o caso do general Francisco Franco, na Espanha, que não aceitou a troca de José Antônio

Primo de Rivera e transformou a Falange em um partido inócuo. Se adiantando e forçando o golpe, o Chefe pensava em poder sobreviver os tempos que viriam. Porque o nazismo havia sido o responsável e principal autor da mudança.

O assassinato dos jovens nazistas havia estremecido este pais profundamente. Nunca havia acontecido algo semelhante. A opinião se voltou contra o governo de Alessandri Palma e o candidato oficial à presidência. Entretanto, o representante da Frente Popular, o radical Pedro Aguirre Cerda, a quem já nos referimos, não estava nem um pouco seguro do seu triunfo. Então, ocorreu o inesperado. Da prisão, o Chefe do Nazismo deu ordens aos seus seguidores para votar no candidato da Frente Popular.

Um sincero espanto comoveu as filas do nazismo chileno, porque isto significava uma concessão, uma mudança nos princípios essenciais. Ninguém esperava algo assim depois da tremenda tragédia. O instinto certeiro dos militantes, do povo, da alma coletiva, supôs que algo havia sido destruído. De fato, começava o colapso. O massacre exterior seria seguido pelo massacre da alma. Todavia, os sinais visíveis da decomposição nunca vêm de imediato. Eles demoram.

As forças que haviam sido mobilizadas com o nazismo no Chile, assim como na Alemanha, eram de origem religiosa, e por isso haviam tornado possível esse milagre de “fundir a bigorna de outra vida ao filho do palácio e da oficina”. Por tudo isto, eu havia sido tocado em um ponto fundamental do ser e estava disposto a passar por cima do cadáver do meu amigo e camarada de juventude. Não podíamos entender, então, esse tipo de acordo, de rendição. Se esperava, antes disto, o suicídio do Chefe, acompanhando ao outro mundo, a esta “outra vida”, os seus camaradas-guerreiros, os seus jovens heróis, estes “monges do ideal”. Somente deste modo era possível ganhar a batalha pela alma do Chile, salvar a pátria sacra, deixando um exemplo imperecível para as gerações de todos os tempos. Em nenhum caso, fazendo o que fez.

Devemos parar neste ponto para novamente dizer que as forças mobilizadas desde o céu, aceitas pelos mártires, não encontravam no Chefe o veículo necessariamente preparado, o místico, a vítima propiciatória, o mago. Ele carecia de toda a preparação consciente, espiritual e intelectual. Para poder resistir à energia, canalizá-la, aceitando o sacrifício, oficiando o seu Mistério, teria que haver sido um iniciado, ou ao menos suspeitar do que isto significava. Porque a sua ação, copiada exteriormente de Hitler (e isto tampouco de modo consciente, senão que por ação quase automática do Arquétipo, que cegamente atuava já no mundo terrestre, se apossando aqui e ali de alguns veículos, mais ou menos aptos), havia desatado potências cíclicas tremendas que, dentro do Eterno Retorno, reproduzem eventos também arquetípicos, capazes de estremecer a alma dos homens e da terra.

Também eu havia iniciado um movimento (dentro da Swastika Levógira, da sua terrível energia) e já não podia parar. Uma vez começado, feito o pacto, ninguém pode voltar atrás, porque perdera a alma e a sua Ronda. Foi naqueles tempos que comecei o movimento vertiginoso dentro do fogo circular, que me levaria muito em breve a participar no combate junto ao Führer – o nosso Führer – para formar parte para sempre das suas tropas sacras, nesta e em outras Rondas, como prisioneiro do Mito. Desde então, sem sabê-lo no começo, faço parte da *Wildes Heer*.

Ganhou o candidato da Frente Popular e o Chefes e seus homens foram soltos do cárcere. Imediatamente o Nazismo mudou de nome, ainda que não de estilo, passando a se chamar “Vanguarda Popular Socialista”. A bandeira da Pátria Velha foi

substituída por outra vermelha e coberta de estrelas, como a norte-americana, melhor dizendo, indo-americana, porque agora se tentava transformar o partido em algo semelhante ao Aprismo peruano, que também possuía um Chefe (para conformar-se com o tempo), o político Raúl Haya de la Torre. Tomava-se o trem sem destino do americanismo, do indo-americanismo. Os uniformes continuaram sendo usados, as canções eram as mesmas, mas a saudação nazista, com o braço estendido, foi substituída também por um comprometimento, um acordo: o braço era dobrado em ângulo. Ninguém sabia que a saudação nazista era uma Runa e que, ao se estender o braço direito, projetava-se a energia do Arquétipo, do Deus, do Avatar, energia esta que fora recebida no plexo solar (no Chakra Manipura) pelo braço esquerdo. A energia era projetada sobre o povo, sobre os partidários, sobre a 'Ordem'. A posição de ambos os braços forma a Runa SIEG e também a Runa UR, da origem dos tempos, do regresso à Hiperbórea Polar e à Idade Dourada. Hitler, sem dúvida, sabia bem disto; o Chefe do nazismo chileno nem sequer o suspeitava. Todos os símbolos movem forças humanas. Agora, ao adotar a saudação aprista, estavam entrando, sem sabê-lo, em contradição diabólica, no âmbito de forças que mobilizavam os símbolos maçônicos e judaicos. Também o era com a nova bandeira.

Personagens sinistros começaram a entrar para a Vanguarda Popular Socialista. Pedro Fonseca, por exemplo, com todas as características do maçom radical, até na sua voz e aparência física. Da noite para o dia passou a ser o braço direito do Chefe, o secretário geral do partido, o segundo homem. Este também é um acontecimento arquetípico na história dos movimentos e das associações humanas. Um personagem estranho, sinistro, passa a se transformar no homem de confiança do Líder, isolando-o do resto dos seus colaboradores mais fieis da primeira hora. Marca a aproximação de um final fatal, a decomposição, a decadência, a tragédia. Guardando as devidas proporções, assim o foi com Portales e com Rozas. No Chile foi Vidaurre, na Argentina, Urquiza, que os traíram. Chegou-se a pensar que o mesmo ocorreu com Bormann. A pergunta deverá ser feita: Quem infiltra estes homens, quem os dirige, que organização na Terra, além do Demônio?

Com anterioridade ao golpe de 5 de setembro de 1938, o segundo homem de importância no nazismo foi Carlos Keller. Depois desta tragédia, Keller se afastou e formou algo a parte, não aceitando a mudança de nome e tratando de conservar o nazismo do começo. Para seguir com as comparações, digamos que Carlos Keller foi algo assim como o Rosenberg crioulo. Sua formação, claro, era distinta; um cientista racionalista, que lidava com as estatísticas, já naqueles tempos. Era bastante culto e graças a ele pude ler traduções de Chuan-Dsi, Lao-Tse e do padre Martín Gusinde, sobre as lendas dos Selcnam do extremo sul da Tierra del Fuego. Ele carecia, por outro lado, de todo atrativo político e de qualquer condição de líder das massas. Coisa que, indubitavelmente, Jorge González von Marées havia desenvolvido com sucesso.

Minha emoção e simpatias haviam sido despertadas pelo Nazismo ortodoxo, por assim dizer. Por isto decidi, primeiro, entrar em contato com Carlos Keller, pensando em colaborar com ele e seu grupo, formado em sua maioria por alemães e descendentes de alemães, mais alguns chilenos puros, desiludidos com a mudança e os eventos trágicos.

Recordo que me chamou a atenção o nome do escritório comercial do qual Keller era diretor e dono: "Empresa de Transportes Terrestres". Achei isto poético. Ali no encontramos, para seguir em seu carro até um lugar solitário, junto ao rio Mapocho, onde pudemos conversar tranquilamente. Desde o primeiro momento me dei conta de

que estava frente a um homem sem possibilidade política alguma. Era um intelectual, um manipulador inteligente, quiçá sim demasiadamente intelectual, sim demasiadamente inteligente. Tudo o que ele me disse confirmou isto. Descreveu-me toda a história do Nazismo, desde o seu nascimento. Um grupo de alemães e chilenos do Sul decidiram dar vida ao partido, impressionados pelos últimos triunfos de Hitler, que eles acreditavam ser irreversíveis. Precisavam encontrar alguém que pudesse desempenhar o papel de Chefe, cumprindo com as tradições necessárias para atrair as massas mestiças de chilenos. Teria que ser um mestiço de alemão. Foi assim que foi encontrado este advogado opaco, escuro e desconhecido, no qual descobriram certas condições que poderiam ser desenvolvidas com um pouco de esforço e disciplina. Jorge González von Marées reunia as qualidades ideais; era de estatura mediana, moreno, o seu primeiro sobrenome não poderia ser mais comum: González; seria usado quando fosse conveniente, podendo fazer com que o segundo fosse ignorado, suprimindo-o, se isto fosse necessário. Se o trinfo mundial do Nazismo se fizesse evidente, o sobrenome que seria suprimido seria o primeiro. De fato, durante os anos de êxito, o Chefe era conhecido unicamente como von Marées. Quando foi criada a Vanguarda Popular Socialista, passou a ser Jorge Gonzáles, simplesmente.

Keller estava me revelando algo extraordinário, que até agora nunca havia sido dito: quiseram fazer de Jorge González von Marées um autômato dirigido e controlado, até chegarem ao ponto de lhe transformarem no Chefe de um movimento irresistível. Alguns se perguntaram se algo parecido não haveria ocorrido com Hitler e a Sociedade Thule. A diferença se encontrava no fato de que estes aprendizes de bruxo crioulos careciam de qualquer conhecimento esotérico e do verdadeiro poder mágico para controlar e dirigir um 'médium', que, além do mais, tampouco haviam iniciado para que este fosse capaz de receber o Arquétipo, o Deus-Avatar. Foi assim que estes neófitos inexperientes se encontraram então, sem sabê-lo, frente a um feto que eles mesmos haviam contribuído para criar. Porque a única coisa que efetivamente puderam passar a ele foi uma ambição sem limite pelo poder. Quase sempre é assim.

Carlos Keller estava desorientado ante os fatos de 5 de setembro. Tratava de encontrar a sua explicação em uma loucura efetiva de von Marées, ou na repulsa que o cárcere havia acarretado, em algumas permanências anteriores. Nestes dias, precisamente, deveria retornar à prisão, por sentenças políticas perdidas. Ao dar o golpe, havia pretendido se salvar do cárcere. Keller justificava Ibáñez e o exército, que ignoraram tudo sobre a motim nazista, porque a data fixada para atuar era outra. Culpava pelo desastre unicamente a González von Marées. Carlos Keller escreveu depois um romance no qual se refere a tudo isto, "La Locura de Juan Bernales". É um romance ruim.

Com esta entrevista, compreendi que já não havia nada que fazer ali. Não podendo me deter em uma decisão tomada, não tinha outra alternativa a não são seguir adiante. E foi assim que escrevi para o Chefe, Jorge González von Marées.

Revejo a imprensa daqueles tempos e, na Revista "Vea", de 2 de agosto de 1939, encontro o relato do acontecido, a publicação da minha carta e a resposta do Chefe da Vanguarda Popular Socialista. Reproduzo ambas a seguir, tal como ali apareceram:

"Inesperada mudança de ideias no intelectual socialista e amigo Barreto. – Explicações epistolares. – Uma carta de Serrano e uma resposta do Chefe da Vanguarda. – Provocaram grande revolta em todos os círculos.

"Senhor Jorge González von Marées.
Presente.
Apreciado senhor:

"Depois de alguma hesitação sobre a atitude que deviria tomar, decidi escrever diretamente a você. Quis primeiro fazer uma declaração na imprensa; devido ao tema me foram impostas dificuldades. Desejo retificar minha posição perante a ti, a qual se deveu à incompreensão e a uma falta de clarividência, justificável pois não sou político. Como escritor e como homem admiro as personalidades definidas, creio somente no homem passional, inteligente e forte, que possa comandar, para o bem dos povos e das nações. A política chilena e não somente a do Chile, passa por uma grande crise de individualidades. O gregarismo absorve toda iniciativa, toda luza, toda voz individual desaparece. E não é esta uma declaração de princípios que me estabelece dentro das sujas antinomias europeias, que não nos pertencem e que passarão de moda talvez em cinco anos. Creio que a América, e o homem deve atuar sem temor de ser classificado com estas formas verbalistas. Somente existem atitudes humanas e somente estas permanecem.

"Eu não me acostumei na minha vida a reagir conforme as vacilações e contradições com as quais as fiz ante ti; corretamente reconheço com maior facilidade as minhas simpatias. Mas neste caso houve um evento particular, do qual, depois de tudo, tu não tens culpa. E nem ninguém. Foi a morte de Héctor Barreto, meu amigo. Mas hoje sei que ninguém lhe matou. Barreto era demasiado grande para que alguém lhe matasse que não fosse ele mesmo.

"Se não houvesse sido também por este acontecimento, eu não houvesse me exposto tão prontamente, não teria me desiludido de muitas coisas, e não teriam me interessado tanto no destino do meu país.

"Seja esta carta, portanto, a minha retificação, e a mostra de um reconhecimento que já espero ser recíproco, posto que, em outro plano, também tenho uma trajetória que, em resumo, não é menos intensa ou sincera.

"Creio na conjunção de alguns ideais comuns e me parece que a Vanguarda Popular Socialista reúne as suas melhores forças na juventude, na nova geração. Penso que a renovação ideológica somente pode partir daqui, destas forças não corrompidas.

"Se tu crês que eu possa lhe ser útil em algo, estou a sua disposição.

"Lhe saúdo atentamente,

Miguel Serrano"

"Senhor Miguel Serrano
Presente
Estimado senhor:

"Acuso ter recebido sua amável carta datada de 22 do atual mês (julho de 1939).

"Constitui para mim uma grande satisfação observar como a ação política que desenvolve o partido que dirijo é compreendida por setores cada vez mais vastos da cidadania, e não somente pela massa popular, senão que também pelos elementos mais seletos da intelectualidade da esquerda. As palavras de estímulo que tu me envias eu as recebo com especial agrado, por elas serem vindas de um outrora adversário, que assim

como me combateu sinceramente, hoje me brinda com sua leal amizade. As lutas políticas são assim: às vezes os homens que mais distanciados parecem pela ação das circunstâncias, são os que em melhor posição estão para entender um ao outro.

"Tu me relembras o seu querido amigo Héctor Barreto. Pessoalmente também o lembrei em mais de uma ocasião. A fatalidade lhe levou a ser morto por um dos homens do meu partido, e as circunstâncias políticas de então me obrigaram a assumir a responsabilidade desta morte, na qual, na verdade, não me coube a menor intervenção, seja direta ou indireta. Foi um destes atos descontrolados, que acabam sendo impossíveis de serem evitados quando os ânimos se exacerbam durante aluta. Dou a ti estes detalhes para a sua tranquilidade de consciência em razão do passo que acabas de dar, de congraçar-se com quem seguramente considerastes, durante muito tempo, como sendo o assassino do seu amigo...

"A amizade que tu me ofereces eu a aceito com verdadeiro prazer.

"Lhe seria, portanto, muito agradecido se pudesses uma destas tardes vir até o meu escritório, para podermos conversar mais detidamente sobre os tópicos que certamente a ambos nos preocupam de igual maneira. Neste interim, lhe expresso os meus mais sinceros agradecimentos pelo seu nobre gesto.

"Chileno à ação!

Jorge González"

Foi assim, em uma tarde, que me vi perante o Chefe, no Quartel General do Movimento, na rua San Martín.

O nazismo editava um periódico, que havia adquirido uma grande tiragem para aqueles dias: o diário "Trabajo". O Chefe me perguntou sobre a colaboração que eu poderia lhe prestar. Lhe propus uma página literária semanal em seu diário, para dar a ela um conteúdo, uma certa informação intelectual ao Movimento. Eu mesmo, naqueles tempos, não tinha certeza qual poderia ser este "conteúdo", vindo de outras pastagens e outras concepções do mundo. Ao menos, conhecia o bem marxismo e a melhor maneira de combatê-lo no terreno das ideias. Lhe pedi como condição que o primeiro número da página literária fosse uma homenagem ao Héctor Barreto. Ele aceitou de imediato. Então, durante todo o tempo que esse diário seguir sendo publicado, jamais tive dificuldades com a minha página; foi-me dada total liberdade, sem censura ou restrição alguma. Ali propiciei que muitos poetas e escritores da minha geração colaborassem, entre eles Jaime Rayo e creio que até Eduardo Anguita. Também o doutro Ramón Clarés Pérez colaborou com ensaios. Outro que nos visitava de vez em quando era Diego Dublé Urrutia, poeta, casado com uma irmã de Vicente Huidobro. O diretor do "Trabajo" era Javier Cox.

Com orgulho ainda conservo minha velha licença de periodista do "Trabajo". Grande gente aquela, honesta, leal, sincera. Nunca mais se pode ver gente assim no Chile.

....

É meio-dia, estou em pé na rua Ahumada daqueles tempos, que ainda conservava a atmosfera de uma rua europeia antiga. De repente, se escutam tambores e clarins. Ao longe na Alameda começam a avançar bandeiras e estandartes. Rapidamente se transformam em um bosque vermelho ondulante, como ondas e

tempestades. As canções se elevam, vozes viris, marciais. É o Nazismo, são as tropas aguerridas que marcham. À frente vem o Chefe, flanqueado por seus ajudantes e colaboradores mais próximos. Todos uniformizados, com camisas pardas, as cintas cruzadas sobre o peito, os cinturões com o raio. Passa o Chefe, sem ver, com o olhar perdido à distância. Um pouco mais atrás vem Oscar Jiménez, ao qual chamaram “Pitón Diez”, em razão da chave que usou na rádio para o golpe de 5 de setembro. Ele também foi encarcerado com o Chefe e suas declarações ante os juízes foram enérgicas. Acusava os assassinos e pedia que lhe executassem para que assim pudesse acompanhar os mártires. Jiménez tinha algo de Rudolf Hess, em seu porte espigado, enxuto, também em seu fanatismo intenso daqueles anos. Ao passar por perto, me reconheceu, porque ele havia estado presente durante a minha primeira entrevista com o Chefe. Me fez um sinal para que eu entrasse na marcha. Aceitei com alegria. Apertou a minha mão, dizendo-me: “Agora marchamos juntos. Estás disposto a morrer conosco? ”.

“Sim”, lhe respondi, “estou disposto”.

E jamais trai este juramento; porque sigo sempre disposto a morrer com vocês, os heróis de aqui e de lá. Desde então, continuo marchando, quando tantos outros abandonaram a Grande Marcha. Porque pertenço à Wildes Heer, à Horda Furiosa, ao Último Batalhão do Führer, que retornará com Ele, em glória e triunfo, ao finalizar este terrível tempo do Kali-Yuga, desta Época Mais Escura.

Em 1939 eu tinha apenas vinte e um anos de idade. Todavia, quarenta e cinco anos mais tarde, me sinto ainda mais jovem que então, mais firme, mais seguro ainda destes ideais.

O Chefe não era nem baixo e nem alto, magro, com seus músculos harmoniosamente distribuídos em seu corpo esbelto. De sua figura atraente se desprendia uma energia nervosa irresistível, que dominava, apoderando-se de todos aqueles que se achavam ao seu alcance. Sua testa era ampla, o seu rosto virilmente belo, seus olhos escuros transpassavam com sua mirada intensa, transmitindo a febre de um cérebro sem repouso. Algo havia de Jasão nele, em seu porte, no magro, em sua pele pálida e morena, na harmonia do físico. Unicamente que meu amigo combinava a harmonia do corpo com um classicismo da alma. E em Jorge González von Marées se deixava ver uma certa dificuldade, uma contraposição, um desequilíbrio estranho contra o qual lutava, tratando de vencê-lo; mas que, às vezes, lhe vencia a partida. Isto se tornava visível especialmente em seus discursos. Começava com vacilações, esforçando-se para encontrar as palavras. A angustia se transferia para o auditório fanatizado pela sua presença e pela atmosfera habilmente trabalhada pelas canções, os lemas, os gritos de “Chefe! Chefe! Chefe! ”, os braços estendidos na saudação nazista (nos bons tempos). Quando ao fim do discurso se tornava fluído, graças a algum tipo de transe, todo o auditório sentia alívio e a estranha sensação de haver lhe salvado de um desastre. Então, já não se sabia mais, nem sequer importava o que ele havia dito, porque também se estava em transe.

O Chefe terminava suas orações coberto de suor, às vezes com espuma nos lábios. Se retirava imediatamente, sem dirigir a palavra a ninguém, sem olhar para ninguém. A massa de seguidores permanecia em estado hipnótico por bastante tempo. Nada era dito, somente cantavam.

Assisti várias reuniões do Chefe com seus mais imediatos colaboradores, na sala das deliberações. Ali estavam Mauricio Mena (autor das letras de quase todas as

canções, em colaboração com o músico Mariano Casanova), Gustavo Vargas Molinare, Javier Cox, Fernando Angel Guarello, Orcar Jiménez, Yunis (de origem árabe, administrador do diário "Trabajo"), Ruperto Alamos, seu secretário particular, Manuel Mayo, que vinha desde Valparaíso, e, é claro, Pedro Foncea. Cada um expunha a sua opinião sobre algum acontecimento importante do país ou do exterior. O Chefe escutava atentamente, em total silencio, apreciando cada ideia, cada argumento. Então, ocorria um pesado silencio, até que o Chefe tinha a palavra, sem discutir nenhum argumento, apenas dando as conclusões e as pautas da ação a ser seguida, sempre inapeláveis. Seu poder de síntese era admirável, assim como a sua claridade de ideias e de exposição. Todos assim o compreendiam. A decisão havia sido tomada.

Lhe ouvi dizer um dia, a propósito do artigo de um periódico de oposição que duvidava da sua condição de Chefe: "Esta dúvida me faz rir, pois sou Chefe por antonomásia".

Recordando estes tempos, devo chegar à conclusão de que o Chile jamais teve um dirigente Jorge González von Marées e que dificilmente voltará a ter. A honestidade de seus primeiros tempos, do seu idealismo, sua fé, seu patriotismo, seu misticismo e fanatismo na luta pelo bem do país, carecem de semelhantes. À margem de toda crítica que possa ser feita, de toda dúvida, aqui nunca existiu um político, um homem mais veraz, mais sincero e mais claro em seu pensamento e na exposição do mesmo. Seguramente foi um erro que o partido nazista chegara ao Parlamento com deputados eleitos em votações populares, e, mais ainda, que o próprio Chefe fora eleito e se arriscara ali, naquele zoológico, naquele circo, expondo os seus ideais e combatendo com o peito aberto. Mas jamais no Chile se viu um espetáculo tão soberbo. À frente de seus três deputados, revelou a fraude, o engano, a demagogia, a corrupção, o roubo. E o fazia diretamente, cara a cara com os seus oponentes, acusando-lhes pelos seus nomes. Em especial, ao Presidente da época, Arturo Alessandri Palma, que por isso mesmo chegou a se exasperar, a odiar tanto ao Nazismo, que foi dócil agente ao cumprir com esta decisão de "matar a todos". Em uma ocasião, o Chefe sacou sua pistola dentro do Parlamente e disparou um tiro no ar, quando o Presidente desta democracia corrupta lia sua mensagem anual ao país. Foi golpeado, maltratado por rufiões. Nada sabia de boxe, mas enfrentou sempre com valentia a estes ataques físicos. Seus homens se encarregavam de logo vingar-lhe, castigando a estes rufiões pagos pelas autoridades.

Tanta sinceridade e idealismo conquistavam os jovens e o povo. Por isso, o Nazismo chileno foi um movimento patriótico como não se verá outro aqui, capaz de mobilizar as massas populares e a geração mais idealista. Todo isto já não se sabe hoje; a história oficial o ignora. Aquilo que foi possível graças à personalidade do Chefe. E este Chefe foi possível graças ao Arquétipo do Führer. Sem um, não haveria existido o outro. E este outro, o chileno, estava em condições de receber o modelo em forma tão especial e semelhantes graças à metade do seu sangue, à "memória do seu sangue".

Eu disse que não sou o indicado, pelo meu estilo, para fazer a história política destes anos e nem do Nazismo chileno. E não o farei. Há, entretanto, tantas outras coisas extraordinárias, tantas estórias, tantos fatos que mostram um Chile distinto, nunca visto, um Chile com imaginação, uma geração aventureira, idealista, que imaginava, inventava, criava coisas. Ter imaginação no Chile é uma invocação, um privilégio. E tudo o que estes jovens fizeram levava o selo da imaginação e da criação. Homens como Pedro del Campo, Oscar Jiménez, César Parada (o primeiro morto em 5 de setembro), e tantos outros cujos nomes me escapam à memória, ou que desconheço, por haver

chegado tarde, fizeram coisas incríveis, que estavam destruindo em sua base a um edifício podre, indelével e construindo "outro mundo", outra pátria. E isto as forças ocultas que governavam este mundo americano não podiam permitir. A única possibilidade do triunfo se encontrava diretamente aqui, senão que lá, no coração do planeta, de onde irradiava o Arquétipo, o novo Deus ressuscitado. Ante a possibilidade de que lá se impusesse totalmente, de que triunfasse, seria preciso que aqui fosse destruído o novo sangue, acabar com o milagre, antes que fosse demasiado tarde. Por isso o massacre, por isso as forças espantosas que foram desatadas contra esse homem estranho, nunca visto, esse belo exemplar da pátria, Jorge González von Marées, o Chefe.

Desgraçadamente, o dissemos, ele não estava preparado para poder enfrentar tremenda conspiração contra a sua pessoa e o seu Movimento. Também ao Movimento lhe faltava tudo, carecia de uma doutrina filosófica, de uma *Weltanschauung*, de uma visão de mundo nova e diferente, desconhecendo em absoluto o que existia por detrás do Nazismo alemão e sobre a real persona do Führer. Quase todos os seus militantes eram católicos, sem nenhuma formação filosófica séria. Ao final, mais de um maçom havia se infiltrado, para cumprir seus objetivos tenebrosos. Somente o Chefe, por sua "memória de sangue", como temos dito, poderia ser manejado desde o alto pelo influxo do Deus-Avatar, que estava nascendo outra vez neste mundo. Mas esta *memória era somente a metade do seu sangue*. E isto, que pôde lhe ajudar, ao fim se virou contra ele e acarretou a incalculável tragédia.

Comparei o Chefe ao meu camarada Jasão. A diferença, na verdade, se acha também no sangue, assim como comigo. Jasão e eu descendemos por todos os lados de espanhóis. Se houve uma mescla, ela aconteceu há séculos e amalgamou bem, as asperezas e oposições se suavizaram. E o Espírito pode trabalhar ali, no caso de Jasão, em glória e luminosidade, até o próprio limite ao qual este Espírito se propusera. O elemento visigótico, predominante no sangue dos conquistadores e antigos chilenos, como no norte da Espanha, de onde minha família procede, se fez fisicamente mais visível em mim, de modo que as vezes me considero como o ultimo visigodo do Chile, o ultimo que vai ficando com a consciência de sê-lo, nesta zona sul-polar do mundo, nesta "região antártica famosa"...

A mestiçagem é quase sempre um "pecado racial". Nada bom acontece seja a longo ou a curto prazo. Foi simultânea com a involução da Terra, com o porvir da Época Mais Escura, que os hindus chamam de Kali-Yuga, Idade da Deusa Kali, a Destruidora; os gregos a chamaram de Idade do Ferro e também de Dyonisos (de Shiva); os antigos germanos, Idade do Lobo, devorador de Wotan. Hitler, ao tratar de retornar o mundo à Idade Dourada, ao Satya-Yuga, ou Kryta-Yuga, à ressureição dos Deuses, de Wotan, à Hiperbórea Polar, é justo que paralelamente tentasse à regeneração da raça nórdica, como veículo necessário, capaz de receber e expressar o Deus ressuscitado. Era um ideal com o qual se sonhava, porque tampouco a raça germânica era pura. Por isso se falou de raça ária, termo antigo, sânscrito, que quer dizer "nascido duas vezes", "renascido". Isto é, o "Iniciado", o que voltou a nascer depois da morte mística, iniciática. Isto nos leva a crer que o hitlerismo esotérico pode pensar que a raça superior não é em absoluto física, como a de hoje, porque tampouco o foi a de Hiperbórea. E que o triunfo final não seria cumprido aqui, e sim lá e mais tarde, já fora do Kali-Yuga, após a derrota física necessária, para manter incólume o ideal. Ou seja, após "ganhar perdendo". E em um

mundo paralelo (o dos Óvnis, dos Vimanas), na terra transmutadas, transubstanciada. Na Terra Astral, ou no astral da terra, depois da sua destruição física. Essa espécie de juízo final, que a Índia ária descreve como a vinda de Kalki (décimo Avatar de Visnú) sobre um Cavalo Branco, e o Hitlerismo Esotérico no regresso do Führer, despertado, renascido do seu sonho, da sua "morte mística", nos gelos do Polo Sul, que fora o Polo Norte, antes do "salto dos polos".

Tudo isso era ignorado pelo Chefe do nazismo chileno, e por isso também não foi capaz de entregar a sua vida, sem jamais titubear, mantendo-se firme até o final, como o fizera Hitler, na entrega total ao Arquétipo Hiperbóreo, ao Deus de Fogo. Deus que de lá havia salvado o Chefe – como o fizera com Jasão – levando-o também consigo. Isto também não foi possível porque os registros, as chaves do seu sangue, se encontravam em uma posição de conflito, em razão de uma mestiçagem demasiada recente. Desarticulados.

Como dissemos, se o Chefe houvesse se mantido firme, sem titubear até o fim, o sangue dos seus mártires haveria realmente salvado o Chile, estabelecendo um ritmo, um equilíbrio polar, entre a pátria sacra do fim do mundo e a zona mais alta da Europa; entre o Polo Norte e o Polo Sul. Alcançando os planos sublimes do seu modelo arquetípico terrestre, Adolf Hitler, o Führer germano. Deste modo teria se formado o verdadeiro "Eixo" (polar) do Hitlerismo Esotérico.

Coisas, símbolos, imagens demasiado raras, e pela mesma razão demasiado perigosas, haviam sido postas em movimento. Faltou o corpo, o recipiente físico, a mente e o espirito que pudessem acolhe-los aqui. Talvez o Destino o tivesse assim pré-configurado, que apenas 'Um' conseguisse alcançar estes cumes pristinos, onde crescem lírios ígneos. Quiçá somente 'Um' fosse suficiente para transmutar o mundo, para unir os polos, porque alcançaria a ambos. E unicamente eu, agora, estou aqui para poder vislumbrá-lo, interpretá-lo, revela-lo, estremecendo-me com a Recordação do que foi e do que será novamente. No Eterno Retorno.

Porque eu sou o Último Visigodo do Polo Sul. Um sacerdote da Memória, da Recordação, da Nostalgia. Um monge-guerreiro do Hitlerismo Esotérico, dessa nova Religião do Homem-Mago, do Homem-Deus.

O Chefe levava uma vida asceta, sóbria. Não bebia álcool, não fumava, carecia de toda aptidão para a mecânica e para a técnica, não sabia dirigir um automóvel. A fidelidade para com a sua esposa e família era exemplar, mantendo-se em estreita união e colaboração com elas. Mas o Chefe não carecia de um particular senso de humor, que se expressava melhor no sarcasmo, como nos espanhóis, nunca à custa da própria pessoa, como nos chilenos e nos ingleses, que riem de si mesmos. O sarcástico ri dos outros.

Estranha personalidade! Lhe acompanhei em alguns giros pelo país. Viajando um dia em um trem em direção ao sul, lhe vi sair de repente de um silêncio que se prolongava por horas, com a vista perdida, concentrado em seu interior, para fixar-se em um carro com animais, em um trem que se deteve em uma estação frente ao nosso. Fez a seguinte observação: "Como não se cansam estas vacas de ir o tempo todo em pé? " Não havia humor nisto, senão que autentica preocupação pelo episódio.

Outra vez, já em plena guerra europeia, íamos juntos em um automóvel, sentados um ao lado do outro. Ao passar em frente da Fuente Alemana del Parque Florestal e começar a entrar na Avenida Providencia, comentávamos, creio eu, uma

negativa dos alemães para ajudar as nossas revistas de combate. Ele disse: "Odeio os alemães. Oxalá percam a guerra! São gente horrível! ".

Desta vez me desconcertei. Hoje compreendo melhor, todavia. O conflito interno de sangues misturados, demasiada recentemente, produzia estes estalidos, que Carlos Keller e seus "bruxos" não puderam prever.

É interessante aprofundar este tema, para descobrir razões que projetem luz, não somente sobre nossa pequena-grande história destes anos esquecidos, decisivos, mas também sobre os seres mais longínquos, por analogia, sobe a História da Terra, contemplada com um sentido de ciência racial.

O estudo da mestiçagem abre estas perspectivas de compreensão diferente dos acontecimentos mundiais. Assim, nosso pais e nosso continente sul-americano tem estado destinados, desde o começo, a isso que chamamos de subdesenvolvimento econômico, espiritual e moral, não tanto através da "exploração por parte de um imperialismo voraz", como afirma a dialética marxista, senão que em razão de sua raça ruim, sua miscelânea indesejável de elementos totalmente contrapostos e dissimiles. O conflito interno de raças e de sangue estrala em crueldades, em misérias, em desprezo por si mesmo, em inumeráveis suicídios físicos e morais, "puxando sempre para baixo", odiando toda grandeza e renegando os ideais que alguma vez foram sustentados; porque se pressente que estes ideais não pertencem ao "pacote racial", são grandes demais, assim por dizer, e deste modo se renega aquilo que antes foi adorado como se houvessem colocado uma bomba-relógio em um edifício que nós mesmos construíramos, preferindo submergir-se na abjeção, na traição ao ideal, aos juramentos feitos, como se uma irresistível atração pelo abismo e um desejo por autodestruição estivesse a nos empurrar. É uma forma de escapar do conflito interno e da consciência do "pecado" cometido, ou seja, do "pecado racial". De um modo extremo isto está representado no judeu, magnificado e quase sacralizado – demonizado – pelo fato de haver elevado o seu drama a níveis de uma religião, com o conceito do "Pecado Original", podendo estender o conflito interno e racial à destruição do planeta Terra. Foi dito: "Deus fez as raças e o demônio a mestiçagem, a mescla". A aspiração máxima do demônio e de seus representantes aqui na Terra não é chegar a destruir este pequeno planeta, senão que o cosmos, para alcançar o novo caos. Talvez tudo isto seja um jogo permitido, no qual os homens unicamente possam tomar um partido – também dirigidos pela "memória de sangue" – a um ou o outro lado.

Seja como for, o Chefe, Jorge González von Marées, também tomou um partido e no começo o fez como um iluminado. Foi então que se desencadearam contra ele todos os poderes das trevas, por dentro e por fora.

Devemos nos perguntar: O que aconteceu a Jorge González von Marées no cárcere, imediatamente depois de que o "governo invisível" decidira a matança dos seus seguidores? Através dos anos, meditei muitas vezes sobre isso. Carecemos de toda possibilidade de chegar a sabê-lo com certeza, mas cabe imaginar que alguém lhe visitou ali e lhe ameaçou de forma definitiva para que abandonasse o combate na forma levada por ele até aquele instante. Ameaça de vida ou morte, condição para sair do cárcere e seguir vivendo, ou ter o mesmo tipo de destino dos seus homens, dos seus mártires. Esse terá sido o um quarto de hora definitivo do Chefe. E ali terá deixado de ser o Chefe para sempre. O que nunca puderam conseguir com Rudolf Hess, através de mais de quarenta anos de prisão e torturas mentais, o conseguiram nesse quarto de hora com González von Marées.

Nos autoriza a imaginar isto a declaração de Hess ao deixar a Torre de Londres, repetida então por escrito no julgamento de Nuremberg. Afirmou que seus carcereiros, quase todos judeus, usavam drogas para facilitar o hipnotismo a distância, permitindo-lhes controlar assim as mentes de suas vítimas. Tudo isto, ademais de outras pressões psíquicas e para-psíquicas, lhe haviam sido aplicadas por seus atormentadores. Se hoje, aos 89 anos de idade, seguem mantendo-o vivo, por todos os meios ao alcance da medicina moderna e não moderna, é porque, certamente, creem poder, através de seus veículos mentais (corpo astral e outros) chegar à fonte iniciática superior que os alimenta e descobrir os seus Guias; ou seja, o comando supremo do Hitlerismo Esotérico. Mas Rudolf Hess tem proteções poderosas nestes enrarecidos territórios, muito superiores às dos seus inimigos. O Chefe carecia delas. Ademais, deixou de merecê-las.

Creio que se houve algumas promessas, alguma aceitação implícita no cárcere, Jorge González von Marées duvidou muito em breve de respeitá-la. É certo que deu ordem aos seus partidários para apoiar ao candidato maçom da Frente Popular nas eleições; é verdade que mudou o nome do Movimento, por outro inócuo; também a bandeira, a saudação e fingiu incluir-se dentro desta corrente maçônica do "bolivarismo", do "indo-americanismo". Mas nada disto era definitivo, me parece, e quiçá pensou poder sair por algum lado, ganhar tempo, mudando apenas nas aparências. Rechaçou o oferecimento de ministérios e embaixadas para seus partidários e, rapidamente, esteve outra vez na oposição. Foi neste momento em que me uni ao Movimento. Mas, devo dizer, não me inscrevi como membro militante, porque nunca pertenci a partido político algum e porque a Vanguarda Popular Socialista já não era o Nazismo que eu admirara.

Recordo outra marcha da Vanguarda Popular, após algum grave fato de sangue, muito pouco depois de liberarem o Chefe do cárcere. A contemplávamos com um amigo desde a vereda de uma rua central. O Chefe vinha uniformizado e marchando com à frente, como sempre. Seu rosto estava muito pálido, como se pressentisse que a qualquer momento pudessem lhe assassinar, por haver retornado ao anterior, algo que (se havia dito) não mais lhe permitiriam.

E assim foi.

Infringindo as ordens severas do Chefe de evitar qualquer confronto violento, qualquer ato de força, isto voltou a ocorrer. E houve um morto. Nunca se soube quem foi o verdadeiro culpado desta ação, nem quem a dirigiu e propiciou. Se teve a impressão de que havia sido provocada pelo inimigo, com infiltrações nas filas do Movimento.

Em plena noite, a polícia arrombou a casa do Chefe. Este se defendeu a balas, estando em menor número. Nunca permitiu uma guarda em usa residência, das jovens e leais tropas de assalto do nazismo, as T.N.A., e nem custódia ao redor de sua pessoa.

Desta vez ele não foi levado ao cárcere, senão que a um asilo de loucos, onde lhe interrogou um médico psiquiatra. Era a máxima humilhação a que lhe submeteram. Entretanto, o Chefe se saiu bem nesta prova, repreendendo diretamente ao médico, acusando-o de suborno, de ser um instrumento dócil de governantes corrompidos. E este médico se envergonhou do que fazia.

Tudo isto ia deixando uma marca visível neste homem, lhe trabalhando por dentro, minando a sua resistência, acentuando as contradições do seu sangue. Me atreveria a dizer que lhe foi intimidando. Carente de suportes ideológicos que lhe permitissem compreender o que na verdade estava se passando, somente viu uma onda

como uma montanha, de sombras, de ódios, de aparências fantasmas, que lhe vinham para cima. Intuiria unicamente aquilo que procedia de um centro misterioso, escuro. E quiçá pensara na Maçonaria. Mas não tinha armas para lutar este combate. Talvez, se houvesse morrido, se os Deuses, os "de lá", o houvessem levado como ao meu amigo Jasão, tudo houvesse tido um resultado favorável. Mas, por alguma razão misteriosa, esta pátria e ele não merecerem isto. Insisto no tema da mestiçagem e do "pecado racial". Este mundo sul-americano pertence, por sua origem e nascimento, há quinhentos anos ou mais, ao Demônio. A presa pôde escapar e quase conseguiu – por meio do ideal, da ação do Espírito (essa única força neguentrópica, esse milagre possível) e graças também ao combate glorioso do Hitlerismo.

Mas este Chefe não o sabia, e nem podia compreender tal coisa.

Até o fim da Segunda Guerra Mundial, von Marées se manteve mais ou menos na linha, eu quero acreditar. Não posso, e nem desejo recordar a data exata da sua definitiva deserção. O Movimento se via dissolvido ao começar a guerra, me parece; ao menos, não existia já como força efetiva. Jorge González von Marées seguiu apoiando a Alemanha com uma revista, "Acción Chilena", cuja direção entregou a Roberto Veja Blanlot. Me pediu que não criasse uma revista própria para assim unirmos nossas forças. Desculpei-me, pois sabia que a sua linha de combate iria ser distinta da minha (Ver anexo 1).

Uma manhã, talvez por volta do meio-dia, quiçá mais tarde, Jorge González von Marées foi ao cemitério. Havia morrido alguém conhecido. Se encontrou ali com vários políticos; porque era no cemitério onde nossos políticos se deixavam ver mais frequentemente. Também havia ido o ex-presidente Arturo Alessandri Palma e o senador liberal Raúl Marín Balmaceda, que teve o valor de entrar na torre de Seguro Obrero, quase ao final do massacre, salvando a dois sobreviventes. No cemitério se aproximou de Jorge González e, de improviso, lhe pôs frente a Alessandri, pedindo-lhes que apertassem as mãos. E o Chefe – o ex-Chefe – apertou a mão do assassino dos seus camaradas, seus mártires, dos jovens puros e idealistas, que acreditaram que "o seu sangue salvaria o Chile", que adoraram ao seu Chefe e que, por ele, por suas palavras, pela fé que lhes incutira, estiveram dispostos a entregar as suas vidas.

Como pode acontecer isto? Que enorme riso deve ter sido escutado em alguma parte do Universo, que novo massacre lá no céu...!

Quero seguir analisando, buscando. E volto sempre a este assunto do sangue. Me digo que os alemães são assim, muito lentos para reagir, que não sabem o que fazer perante uma situação tão inesperada como esta. Encontrando-se de pronto ante o seu pior inimigo, o culpado de todas as suas desgraças e da dos seus, desconcertado, terá estendido a mão sem saber o que fazia, nem o símbolo destruidor que estava cumprindo. Nietzsche disse que as espécies superiores são as mais débeis perante o maior número das inferiores, porque não estão condicionadas para sobreviver em situações tão adversas. Um animal de raça está preparado para atuar em seu meio, mas carece de astúcia; tem direção, caráter, vontade, possui características bem definidas, mas carece de maleabilidade. É como um cão de raça frente a um animal bastardo. Este é mais simpático e serva para tudo. O perdigueiro é bom apenas para caçar perdizes. Mas o vira-latas degenera logo. As características do "roto" chileno são as mesmas do que as do vira-latas, porque assim é o mestiço. Então, neste instante supremo, Jorge González von Marées foi dominado por sua mestiçagem; o seu sangue alemão lhe pregou a peça de uma reação lenta e desconcerto total, queremos acreditar. E

deveríamos por grande parte da culpa no senador que lhe levou até Alessandri; porque no nosso mundo tudo se passa por alto e não se pensa a sério sobre o que significa uma renúncia dos ideais; porque ninguém crê em ideais. E embora visitem o cemitério, tampouco creem nos mortos, e nem na fidelidade aos mortos. Algo parecido aconteceu comigo. Um camarada, a quem poucos ainda recordam, me levou este livro com dedicatória de Alessandri. Estive ao ponto de dar-lhe uma bofetada e lhe disse que se quisesse continuar sendo meu amigo teria que levar o livro de volta com a minha resposta ali escrita. Assim o fez. Se chamava Delfín Alcaide e, sem sabê-lo, sem pensar bem, havia se prestado a ser instrumento do mesmo personagem, das mesmas forças que por trás dele haviam se movido. Se eu houvesse aceitado, algum pacto secreto teria sido estabelecido, movendo forças contrárias ao mundo invisível, que de algum modo me haveriam neutralizado para sempre. Me salvou de novo o anjo do meu sangue.

Depois deste ritual macabro, cumprido onde descansam os mártires, o Arquétipo do Traidor Branco havia sido realizado. E a sua ação automática deveria afundar mais ainda a sua vítima no abismo, a qual já não podia escapar de seu movimento fatal. Foi assim que Jorge González – não mais von Marées – entrou para o Partido Liberal, o de Alessandri, arrastando consigo outros ex-militantes do nazismo. E chegou a ser seu Secretário Geral, grande defensor da democracia parlamentarista e de tudo aquilo que um dia combatera com místico fervor.

Jogada mais macabra à alma de uma geração e da pátria, nunca ante e nunca depois voltará a ser feita; porque a execução de tudo isto impediu, precisamente, que nunca haja um depois.

Jovens – crianças daquela geração, da minha geração – onde estão agora? Dispersos, destroçados, sem alma, sem ideais, sem fé. Quão poucos se salvaram, quase nenhum! Quiçá somente aqueles que, ademais de ter raça, tiveram classe. Lhes salvou a classe, mais do que a raça neste caso, porque o código do cavalheiro lhes impediu de trair. Foi o caso de Mauricio Mena, autor das lindas canções do passado glorioso. Além do que, morreu a tempo, ainda jovem. Era católico, mas ali ficou sem trair a ninguém. E assim, bem poucos. Quase nenhum. E quem poderia lhes culpar? O golpe havia sido dado no fundo do coração, nas entranhas da pátria.

Percorri com os jovens nazistas muitas províncias do nosso sul. Vi como eles amavam seu Chefe e custodiavam seus símbolos. Grandes homens do melhor Chile, pobres velhos hoje, que talvez sigam guardando em algum velho baú, perfumado a maças pela estação das chuvas, o seu gorro, seu uniforme, e sobretudo seu cinturão com a fivela de bronze gravada com raios, arma de seus gloriosos combates. Queridos camaradas, tarde cheguei até vós, quiçá nem sequer sabem da minha existência, nem nunca o souberam; mas eu lhes levo no mais imperecível dos corações. Ao fim, nada importa, camaradas, porque um dia o nosso Führer, o autêntico, voltará a estar entre nós e seguramente vós e eu temos um lugar junto a ele, para continuar este combate terreno, no Eterno Retorno, contra as forças das sombras, que devoraram vosso Chefe! Porque esta guerra não terminará jamais. Por isso, na verdade, nada foi perdido para sempre. Para cima o coração, camaradas! *Heil! Sieg Heil!*

Que estranho país é o Chile! No final do mundo, na região subpolar, é aqui e não em outra parte onde se anunciaram quase todos os motivos desta sinfonia do Crepúsculo dos Deuses, que então se repetiria no coração do mundo, na Alemanha. As

mesmas forças escuras desatadas contra o Chefe do Movimento nazista, a Traição Branca.... Salvo que lá o Führer se manteve integro, firme, até o fim.

O mistério terá que ser atribuído à geografia sacra, à terra. Chile, país de belezas sublimes, de cumes inalcançáveis e puros, que os Deuses Brancos habitaram. Nesta região sagrada onde se refugiaram, no interior da Montanha, os Gigantes do Antigo Sol. E mais, as montanhas são estes próprios gigantes petrificados, que um dia retornarão a povoar um continente emergido das águas, o Continente do Espírito, após a grande catástrofe que terminará o Kali-Yuga, a Época Mais Escura. Aqui também, dentro da Montanha, se encontra a Cidade Mágica, encantada, que no Himalaia se chamou Agartha e nos Andes é a Cidade dos Césares. Aqui foi escondido o Gral e habitam os Siddhas hiperbóreos imortais, os sacerdotes vikings desaparecidos, os templários, os reis incas e nosso Führer, com seus mais leais colaboradores, com seus magos e sábios. Também, a este mundo do Sul veio Parsifal.

Não há nada mais verídico que a Lenda e o Mito. Tudo o que está por baixo deles pertence ao reino do infra-humano. Este país do fim do mundo, o País da Lenda e do Mito. Por isso, de novo aqui me encontro, de regresso de outras buscas longínquas. Os homens que hoje habitam a superfície desta terra nada sabem dessas verdades, vivem em permanente desequilíbrio com a paisagem sublime e em desconhecimento dos seus Deuses, aos quais não rendem nem culto e nem obediência. São os escravos sobreviventes da Atlântida, as raças mescladas monstruosamente, sem orientação, sem fé, odiando a tudo o que é belo, o que se sobressai, o sublime por detrás da paisagem, os Deuses desta terra íntima, trans-física. Exceto por alguns poucos homens e mulheres, que ainda buscam as entradas do recinto dos Deuses Hiperbóreos e da Vida Eterna.

E esta terra sacra, iluminada no interno pela luz solar do Sol Negro, esta Terra da Estrela da Manhã, Oiyehue, e da premonição do Raio Verde, pela polarização esotérica, terá que suportar o mais fatídico dos embates do Senhor das Sombras, do Representante do Caos. Na verdade, na superfície desta terra visível, estes são os seus domínios. A região inteira é uma presa fácil, por simbolizar a zona baixa do planeta, onde circulam e dominam poderosas forças da Libido. Aqui se encontra o sexo do planeta, os chakras Muladhara e Svadhisthana, deste Ser vivo que é a Terra física, visível. Em seu reino nos movemos. Unicamente através da iniciação podemos sobreviver e vencer. Do contrário, as vibrações terríveis desta zona sul-polar nos destruirão, junto com nossos sonhos, como a todas as gerações de homens que aqui viveram. Unicamente a transfiguração da paisagem, a liberação dos gigantes da rocha andina, a transmutação iniciática, a Ressurreição, após a Morte Mística, o encontro com as entradas da Cidade Encantada, a Terra Interior, o Oasis da Antártida, a transformação do homem em Deus, o Homem-Total, farão com que seja possível que sobrevivamos e nos imortalizemos. É este o Caminho do Gral dos Andes, é a Iniciação guerreira e viril do Hitlerismo Esotérico.

Por conhecer isto tudo, já não estranho os eventos dramáticos que levaram ao desastre do fim do nazismo chileno e da persona do seu Chefe carismático. Para compreender e sentir isto melhor, se faz necessário uma perspectiva de séculos, quiçá de idades inteiras. Porque se esta foi a zona sacra do planeta, onde encontraram refúgio os Deuses Brancos Hiperbóreos, os venusinos, as hordas de Lúcifer (para usar este nome e não outros, desconhecidos pela maioria), as de Mama-Occlo, as de Kon-ticsi Huirakocha e Quetzalcóatl, as de Parsifal e os templários, então, era inevitável que aqui viessem também os seus inimigos lunares, que os combatem em todo o seu Universo. Somente com esta compreensão será possível chegar a vislumbrar a razão secreta desta

cruzada, que se chamou "Descobrimento da América". Já se sabia que os vikings, seguindo as pegadas dos Hiperbóreos, chegaram a esta região do mundo, reconstruindo e construindo grandes centros de civilizações árias (dos Deuses renascidos, dos "nascidos duas vezes"), o Tihuanacu dos *atumarunas* e outros onde hoje é o México e nas terras dos mayas. São as civilizações de Quetzalcóatl, a Serpente Emplumada.

Colombo, que era judeu, cumpria uma missão secreta; havia se apoderado em Portugal de mapas de expedições viking e bretãs. Sua viagem de "descobrimento", na verdade era de redescobrimento, e não foi financiada pelas joias da Coroa da Espanha, e sim por dinheiro de seus congêneres judeus, que lhe enviavam em uma missão secreta, seguindo as pegadas dos que reencontraram as moradas ocultas dos Deuses Brancos e do Gral. A Época Mais Escura avançava, em sua involução, à velocidade acelerada. Os representantes da luz neste mundo, após a destruição dos Templários e a Guerra dos Trinta Anos, já sabiam que nada podiam fazer a não ser custodiar o Gral e esperar que a Grande Onda submergisse a tudo. Unicamente "dentro de mais setecentos anos voltaria a florescer o louro", como diziam os cátaros, e uma nova tentativa seria feita com a encarnação de um Avatar, para ganhar perdendo, dentro das sombras fatídicas do Kali-Yuga.

Os mapas da América e suas rotas oceânicas foram achados nos arquivos portugueses, porque em Portugal se refugiaram os templários. O Império Português, milagroso assunto, se deveu aos templários. E foi em um barco com a bandeira templária que Parsifal partiu com o Gral até uma terra do Ocidente (do Ocidente secreto, onde o Sol Negro da meia-noite polar jamais se pões), da qual jamais voltou, segundo o que nos conta a lenda.

Como que por uma espécie de lei fatal, ali onde vai a luz, vai a sombra. Quanto mais luz, mais sombra. Por isso os judeus seguiam um raio luminoso, como que hipnotizados, sonâmbulos, para tratar de apaga-lo, até antes da destruição física final do planeta. Não sabem – ou talvez o saibam – que tal destruição assinalará precisamente o triunfo definitivo da Luz, de uma Nova Luz, de um Novo Sol e da desaparição do seu Império das Trevas. Será o Retorno da Idade Dourada, de Kalki, do Führer, desde os oásis antárticos da Terra Interior. A Ressureição dos Deuses, do Homem-Deus.

Quando eu estava em Viena como embaixador, recebi instruções do meu governo para que entrasse em contato com este sinistro judeu, o qual foi acusado de ter sido um agente delator a serviço da Gestapo, Simon Wiesenthal, que havia tornado pública suas declarações sobre Martin Bormann, assegurando que se encontrava no Chile e que um "diplomata chileno", ao que parece Enrique Bello (que nunca foi diplomata), havia oferecido vender-lhe o seu passaporte. Dou o nome de Bello por ter sido tambpem muito repentina a sua morte, ocorrida em um país da Europa oriental. Bello era marxista. Me neguei a ver Wiesenthal e não cedi perante nenhuma pressão de Santiago. Agora bem, por volta daquela época, este judeu publicou um livro sobre a América Latina, afirmando que esta terra havia sido descoberta por seus congêneres. Somente desígnios tenebrosos podem tê-lo inspirado.

Em todo caso, a "Operação secreta do descobrimento da América" significou uma verdadeira Cruzada contra os Deuses Brancos. Uma verdadeira "Cruzada contra o Gral", para usar o título do livro sobre cuja tragédia dos cátaros havia escrito Otto Rahn. Todos os caminhos, todo o conhecimento, as ruinas, os segredos, a sabedoria dos Deuses Brancos, foram destruídos pelos frades católicos, movidos a partir do centro do judaísmo mundial: a Roma vaticana, que fazia uso de seus filhos negros, a Inquisição

espanhola e o Império espanhol. Todo o rastro dos divinos, da origem venusina, da história planetária anterior, foi sistematicamente apagado. Todavia, alguns conquistadores espanhóis atuaram por sua conta, obedecendo à "memória de seu sangue visigodo", como Pedro Sarmiento de Gamboa, interessado pela magia e pela alquimia; o Capitão César (de quem a "Cidade" toma o seu nome) e outros mais que perderam vida buscando as Cidades Encantadas, Elellin, Trapalnanda, Paititi, El Dorado. Para eles, a Conquista da América foi uma Operação de Alquimia Secreta, um *opus alchimicum*, e aqui vinham não em busca do ouro físico, senão que do *aurum potabile*, aquele que se bebe e entrega a Vida Eterna, o Sol Negro da Meia-Noite polar. Essa luz aparece quando se apaga a luz do Sol Físico, do Sol de Ouro, que ilumina a Segunda Terra do Kali-Yuga.

Por haverem chegado ao Chile mais visigodos do que a qualquer outra parte das Américas, por ser esta uma terra de combates encarniçados com um povo aguerrido, aqui a aura dos Deuses Brancos não foi destruída. Por isso, o visigodo Alonso de Ercilla cantou essa epopeia em enigma, "La Araucana", cujo segredo ainda não foi revelado. A sua inspiração nos liga à terra relacionada aos frisões e das façanhas nórdicas.

Terminada a missão do Império Espanhol, dos seus monges inquisidores e desses estranhos "Impérios Jesuítas" da América, que terminam por destruir os restos vikings nas tribos de índios brancos do Paraguai, os guayakis, o Império espanhol será substituído por algo mais sinistro ainda: a "Independência da América", propiciada por lojas maçônicas que, da Inglaterra, se prestam a terminar o que o catolicismo começara, a entrega do "Novo Mundo" americano ao domínio do judaísmo. A última ofensiva contra os Deuses Brancos e contra o Gral havia começado.

Por sua vez, o espírito da Revolução Francesa, que as lojas propagaram, será substituído por algo mais diabólico, mas sem esperanças: o imperialismo norte-americano. O judaísmo se faz ecumênico e o seu câncer se estende por toda a superfície do planeta.

Mas jamais alcançará o interior, a Outra Terra; porque ali ainda sobrevivem os Deuses Brancos.

Destas distâncias, a perspectiva se amplia como que para poder apreciar melhor a tragédia ocorrida com o nazismo chileno, com o seu Chefe e toda a nossa geração. A violência sem precedentes, o ódio visceral, satânico, que acarretou o massacre e a destruição psíquica, mental e espiritual e até física do Chefe, encontram aqui uma explicação. Esse milagre não podia ser permitido, porque colocava em risco um trabalho tenaz e minucioso de séculos, um plano imposto pelo judaísmo através das lojas maçônicas, que controla com mão de ferro; também através do catolicismo. Sendo que as igrejas luteranas, presbiterianas, mórmon e tantas outras, que em grande número começaram a entrar no Chile, são todas filiais da maçonaria e dependentes das sinagogas, em cuja vizinhança quase sempre levantavam seus templos.

Os eventos no Chile nos servem para compreender melhor o que aconteceu na Alemanha e com o Führer, a guerra mundial contra ele, onde foram ativados todos os recursos que o inimigo controla na terra visível e nos espaços invisíveis – como o revelara Rudolf Hess – antes de que fosse demasiado tarde e o plano sinistro fosse destruído pela ação *neguentrópica* da Suástica Levogira. Capitalistas e marxistas, ingleses, americanos e russos, se uniram sob o comando do Governo Invisível, para destruir o Führer e a Alemanha. Maçons e cristãos. Assim podem ser melhor explicadas as incríveis traições de que Hitler fora vítima por parte dos generais do seu Exército e até de membros do

seu partido. Aos "traidores brancos" foi-lhes dito com toda clareza que o objetivo do plano era a destruição do povo alemão, de sua raça, o desmembramento geográfico (ambas as coisas foram conseguidas com a divisão da Alemanha e com a invasão do seu território por raças inferiores). Todavia, os "traidores brancos" não titubearam, apesar de haverem nascido alemães. A Loja, o plano secreto, as ordens inapeláveis dos invisíveis, eram mais fortes para eles do que qualquer outra consideração, mais importantes do que a honra. Foi possível conhecermos isto leno o livro do General-major S.S. Otto Ernst Remer, "Verschwürung und Verrat um Hitler" (Conspiração e traição contra Hitler). Ali são dados os nomes, a filiação e a patente dos traidores. Contudo, até hoje não foi possível saber quem era o agente máximo, ao lado do Führer, cujo nome em código foi "Werther".

Esta breve história dos acontecimentos e do drama do nazismo chileno nos permitem arrojar também outra luz sobre a imensa tragédia mundial acontecida no coração do mundo, na Alemanha de Hitler.

Vivi essa tragédia mais profundamente ainda que a da minha pátria, participei dela mais do que o nazismo daqui. E ainda sigo participando. Porque minhas feridas sangram e morri mil vezes com cada um dos seus mortos. Busquei, ademais, pelo mundo, os camaradas sobreviventes e lhes acompanhei até que exalassem o último suspiro – como a Ezra Pound, como a Savitri Devi. Aos heróis daqui e da Europa, os que ainda vivem, quero lhes reconfortar, dizendo-lhes que nada se perdeu, que sim seu sangue na verdade não salvou o Chile e nem o Ocidente, ele foi recebido acolá pelos Deuses. "Porque o sangue dos heróis chega mais perto e é mais apreciado por eles do que as orações dos santos". E porque se o homem é um Deus mortal e dos Deuses são homens imortais, o Homem-Deus, que este e está entre nós, lhes imortalizará pelo seu heroísmo, por sua valentia. E retornarão ao combate com Ele, no Eterno Retorno.

....

"Onde os jovens morreram vencendo...
Lá vós desceis,
Aguas caminhantes,
Cantando a canção do Destino!
A miséria e o delírio dos homens
Estremecem minha alma imortal.
Deixe-me recordar o silêncio
Em tuas profundidades..."

Hölderlin

A Grande Guerra

Adolf Hitler e Rudolf Hess repetiram muitas vezes que, desejando restabelecer a pureza da raça nórdica ária, não podiam desejar a guerra, porque seria uma "seleção em reverso". Na guerra os primeiros a morrer são os melhores, os que tem raça, os mais valentes. Hitler somente desejava restituir tudo aquilo que o Tratado de Versalhes arrebatou da Alemanha. Primeiro a Alsácia-Lorena, então os Sudetos e o Corredor de Danzig. Quando Rudolf Hess voou até a Inglaterra, pediu também a devolução das suas colônias africanas. A guerra, que vinha sendo preparada há muito tempo pelos seus inimigos, lhe foi declarada pela Inglaterra e França em 1939, coincidindo assim com os acontecimentos fatídicos do Chile. Todavia, por muito meses não houve choques entre os exércitos. Hitler ofereceu mais de uma vez a paz à Inglaterra sem obter resposta. Quando derrotou a França, na Blitzkrieg de sua invenção, permitiu que as tropas inglesas em Dunquerque escapassem, contrariando a opinião de seus generais, que desejavam cercá-las e destruí-las. A Inglaterra estava desarmada.

O voo de Rudolf Hess à Inglaterra foi preparado pelo próprio Hitler, de acordo com o ex-rei Eduardo VIII, que lhe visitara em Berchtesgaden e que na época vivia na França. Ainda mais, o próprio rei inglês, seu irmão, estava de acordo e ciente deste voo, que devia ter êxito. Mas a mão judia de Roosevelt e das lojas, atuando através de Churchill, fez com que tudo fracassasse. Outra das razões de Hess até o presente, é o temor inglês de que o mesmo possa revelar a duplicidade, a armadilha em que lhe fizeram cair, quebrando a promessa do Soberano. Exatamente por isto, morrerá na prisão. Otto Skorzeny me declarou, na Espanha, que era uma hipocrisia inglesa culpar unicamente os russos pela prolongada prisão deste homem. "Se quisessem libertá-lo", me disse, "poderiam fazê-lo agora mesmo". Seja como for, por qualquer razão, os acontecimentos trabalham pela grandeza e ressureição do Mito. Não é Hess o prisioneiro, são seus carcereiros os que estão acorrentados ao fatal cumprimento do Mito.

Rudolf Hess propôs aos ingleses a paz. A Alemanha se retiraria de todos os territórios que havia conquistado no Ocidente, da Noruega, Dinamarca, Bélgica e França. Assegurava, além disto, a permanência do Império Inglês. A Inglaterra seria a potência marítima e a Alemanha a terrestre. Somente pedia que lhe dessem uma carta branca no Leste para destruir o bolchevismo e assim salvar a Europa e a raça branca. Pedia, ademais, a restituição de suas colônias africanas, também arrebatadas pelo Tratado de Versalhes. Hitler nunca quis destruir o Império Britânico. Admirava os ingleses, crendo sim que sem eles a Alemanha não se encontrava na situação de poder organizar o mundo, dentro de uma Nova Ordem. Pensava que todas os ultrajes do capitalismo britânico no mundo não eram produto dos ingleses, senão que dos judeus infiltrados, que controlavam as suas finanças e a direção política. Livrando-se disto, as coisas se ajeitariam. Fora da Alemanha e dos países nórdicos apenas os ingleses tinham uma raça mais pura. Eram brancos e Hitler não estava ali para destruir a raça branca, senão que para salvá-la. Recuperar a Europa, continente rico em espírito, mas pobre em matérias primas. Ampliando o espaço vital no Leste, destruindo o bolchevismo e incorporando as raças árias do Cáucaso e dos Urais, a Europa disporia de petróleo, de trigo e de matérias primas que lhe permitiriam se equilibrar perante o perigo da cor e da influência decadente dos Estados Unidos da América. Ressurgiria uma Idade de Ouro da civilização e cultura do homem branco. E quanto aos Estados Unidos e América do Sul, por refluxo natural das grandes marés do espírito e do benéfico contágio, também ali aconteceria uma limpeza e organização racial, conforme o mistério polar das origens e dos Deuses

Brancos. O hitlerismo havia feito investigações a respeito disto, das quais muito pouco chegamos a saber, porque não foram reveladas. E das quais, em parte, eu sou depositário.

Já não podíamos fazer mais nada no Chile. Aqui a guerra havia sido perdida antes mesmo que ela rompesse na Europa. Somente nos restava a esperança que Hitler a ganhasse, para nos vingar. Dissemos que o próprio Jorge González von Marées parecia esperar isto quando editou sua revista "Acción Chilena".

Em 1941, decidi entrar em pleno combate, começando a publicar minha revista "La Nueva Edad". Este semanário se punha sem reticencias ao lado da Alemanha, da Itália e do Japão; ou seja, do "Eixo". Porém, mais do que ninguém eu estava com Hitler, mesmo que naquela data eu ignorasse as reais dimensões deste homem, lhe considerando unicamente como sendo um político genial, fora de série.

Minha formação intelectual estava baseada nos filósofos alemães, que havia assimilado através das traduções da "Revista Occidente". Havia feito, deste modo, toda uma composição e interpretação muito própria do destino da América, chegando a falar de certas coisas estranhas e mágicas, que eu mesmo não podia dizer de onde me vinham. Em um artigo publicado nestes primeiros números de "La Nueva Edad" e que intitulei "Más allá del Nazismo", toda uma concepção do homem e do mundo foi exposta. Recordo que o doutro Ramón Clarés Pérez, muito admirado naqueles anos, me chamou ao telefone para me consultar sobre de onde e como eu havia obtido estes conhecimentos. A verdade é que nem eu mesmo poderia lhe dizer.

Também, e desde sempre, creio haver estado falando dos gigantes dos Andes e de um Chile mítico, sagrado.

Antes de decidir começar uma revista própria, recordo haver visitado Bardina, um catalão independente e muito interessante que vivia em Valparaiso, onde editava um semanário, partidário também do Eixo: "La Semana Internacional". Ali analisava, com grande conhecimento, as campanhas militares da Alemanha. Eu gostava muitíssimo deste catalão, porque ele era um acirrado inimigo de Franco; e por isso, partidário de Hitler. Sabia que os hitleristas, ao ganhar a guerra, iriam reorganizar o mapa da Europa conforme as "pátrias carnais", isto é, agrupamentos étnicos e linguísticos. A Catalunha seria unida ao Languedoc e à Provença, independente do Norte da Espanha. Todas essas regiões haviam sido ocupadas pelos visigodos anteriormente ao século V.

Bardina afirmava que "Caudillo", um nome que fora dado a Franco, lhe buscando um equivalente a Duce e Führer, vinha de '*cauda*', isto é, de 'traseiro'.

Em meu livro "El Cordón Dorado, Hitlerismo Esotérico", publiquei um mapa da Nova Europa, um projeto das S.S. Ali é possível ver o que seria a Catalunha. Bardina tinha razão.

Depois de uma entrevista amável e simpática, cheguei à conclusão de que meu combate deveria ser independente, para poder expressar o meu pensamento e o meu apoio, tal como eu o entendia.

Assim, em 3 de julho de 1941, apareceu o primeiro número de "La Nueva Edad".

Nunca no Chile foi editada e nem voltará a ser editada uma revista como esta. Eu sei disto, ao folhear os seus números, depois de quarenta anos do seu surgimento. Como foi possível publicar algo assim no Chile? O que ali foi escrito jamais havia sido expressado, e nem voltará a sê-lo. Não relia a revista deste os anos da sua publicação. Descubro o que neste livro tenho escrito, até o momento, quase tudo e ainda mais, já

havia sido dito ali. A interpretação do crime de 5 de setembro de 1938 é a mesma, a análise dos acontecimentos mundiais, da Grande Guerra, é penetrante, a tal ponto de que devo retificar alguns detalhes desta nova exposição. E me pergunto: Como foi possível, sendo tão jovens, que estivéssemos em posse destes conhecimentos e segredos? E novamente devo pensar na "memória de sangue", no Eterno Retorno e nos guias invisíveis que nos orientam de acolá.

Nada disto, absolutamente nada, haveria sido possível no Chile e em outras nações sem a aparição de Adolf Hitler. Porque era ele quem permitia este conhecimento, esta revelação, também sobre a história particular e longínqua de um país como o nosso. Sem ele, não teríamos podido publicar e nem escrever sobre estas revelações no Chile. Teríamos sido impedidos. Somente o medo perante o possível triunfo mundial do hitlerismo fez com que fosse possível que aqui não nos assassinassem e que a revista "La Nueva Edad" continuasse sendo publicada. Hoje, é claro, tudo isto já não existe e é muito mais difícil, quase suicida, manter os princípios, os ideais, voltando a expô-los. Hoje é loucura seguir sendo leal. Assim pensam os chilenos e também os outros. Os jovens de hoje desconhecem tudo, pois a verdade lhes foi ocultada. Nada sabem destas décadas esquecidas e fundamentais do Chile e do mundo. Sou talvez o único que pode ensiná-las.

Na Biblioteca Nacional existiu um exemplar encadernado com a coleção completa do "La Nueva Edad", desde o seu primeiro número, de 3 de julho de 1941 à 7 de janeiro de 1943. Alguém levou esta coleção, alguma pessoa que quis conservá-la como uma joia impossível de encontrar. Porque ainda há jovens que se interessar em conhecer a verdade.

Encadernei pessoalmente algumas coleções, forrando-as com um material de lona. Há uma introdução e um prólogo, que dizem: "O destino da América do Sul deve ser o da raça branca, do espírito ariano, encontrando aqui uma nova paisagem e um novo e mais amplo campo de expressão, orientando de cima este crisol de raças. O Chile foi destroçado pelo judaísmo que, através da maçonaria, decidiu entregá-lo hoje ao comunismo [escrito em 1943]. Desta luta surda (aparente) e intestina no seio do judaísmo, o Chile sairá destruído...". Os parênteses são de hoje. E nada mudou, porque no "La Nueva Edad" foi revelado que em 1939, durante a Frente Popular, sessenta mil judeus entraram no Chile. Era feita a história deste acontecimento fatal. Desde então, muitos tem continuado a chegar. O Chile já não é uma pátria de chilenos, ao menos daqueles que "souberam dar as suas vidas" por um ideal. Nesta introdução e despedida, ao ser terminada obrigatoriamente a publicação da revista, no número, 36, pelo fato do Chile em 1943 haver cortado relações diplomáticas com os países do Eixo, também dizia: "Nas páginas seguintes as gerações futuras encontrarão a constante luta interior e exterior de alguns chilenos que amaram à sua pátria, que se esforçaram em fazer com que o amanhã não seja tão árido e doloroso como tem sido para nós. Muito desejaríamos deixar estampado aqui os nomes de todos os redatores; por razões óbvias isto não é mais conveniente. Algum dia será possível. É através da maçonaria e do judaísmo que se pode compreender mais exatamente a história da traição e derrota da América do Sul. Mas somos mais jovens do que aqueles que hoje detêm o poder supremo e nosso dia chegará...".

Vã ilusão, pois, à medida que o tempo e os anos transcorreram, o combate se tornou ainda mais difícil. Quem hoje poderia escrever coisas como aquelas, sem ser perseguido e encarcerado? Depois de quarenta anos as sombras são mais densas, a

vingança, a conspiração mais sinistra. Todo um mundo foi manipulado pela propaganda, acovardado pelo terror cientificamente dosado, doutrinado, amolecido com a mentira, o engano, a simulação, a falsidade, o crime. A "Operação Seis Milhões", de proporções planetárias, esse sinistro plano judeu, fez com que seja absolutamente impossível falar serenamente sobre aqueles anos e sobre a Grande Guerra, sem que sejam convocadas poderosas forças afetivas e passionais. A repetição hipnótica, diabólica, fez com que ninguém no mundo possa duvidar deste genocídio inexistente, de modo que é impossível se referir ao nazismo e a Hitler, à Alemanha gloriosa daqueles tempos, à justiça inegável de um sistema ario, não capitalista, não marxista, não judeu, sem despertar o medo, o rechaço, a oposição, porque os registros trabalhados na máquina psíquica dos homens são postos imediatamente em movimento, para recordar o "genocídio do povo eleito", do "povo de Deus", que é tão falso quanto essa eleição divina, atribuída a um Deus justo, de uma anti-raça mentirosa e criminosa, que controla todos os meios desde a propaganda e difusão mundiais desde os editoriais, a imprensa, a televisão, o cinema, os satélites de comunicação, até a bomba atômica, o último meio de persuasão de um mundo que não pode ser livre e independente, porque nunca o foi. Hoje habitamos um planeta de "robôs", manejados e conduzidos pelos judeus em direção a um fim trágico e fatal, ao abismo e o caos.

Sobre o genocídio dos seis milhões, Einar Aberg publicou em Norrniken, Suécia, em 1959, o seguinte:

"Em 1938 havia no mundo 15.688.259 judeus, segundo o "World Almanac" de 1947. Esta cifra foi proporcionada ao dito almanaque pelo "American Jewish Commitee" (Comitê Judaico-Americano) e pela "Jewish Statistical Bureau of the Synagogues of America" (Departamento de Estatística das Sinagogas da América).

"Em 1948 existiam no mundo entre 15.600.000 e 18.700.000 de judeus, segundo um artigo publicado no "New York Times", de 22 de fevereiro de 1948, escrito por Mr. Hanson W. Baldwin, reconhecido especialista e de comprovada imparcialidade em todas as questões demográficas, personalidade que, nem mesmo fazendo um grande alarde da maior das fantasias, pode ser tachado de antissemita. Seu chefe, Arthur Sultzberger, proprietário do "New York Times", ele próprio um judeu, é reconhecido como amigo incondicional da Grã-Bretanha.

"Tomando, portanto, por certa a avaliação mais alta do senhor Baldwin, ou seja, 18.700.000 judeus, resultaria que nos dez anos entre 1938 e 1948 – período que inclui os anos de guerra de 1939 a 1945 – durante os quais se pretende que Hitler ordenou que seis milhões de judeus fossem mortos, a população judaica do mundo teria aumentado em mais de 3 milhões. Se, a efeito de comparação, supuséssemos que Hitler efetivamente ordenou a morte de 6 milhões de judeus, nos encontraríamos diante do fato de que o aumento da cifra demográfica é realmente de 9 milhões. Ou seja, um aumento de 3 milhões, mais outros 6 milhões de nascimentos, para suprir os 6 milhões de judeus supostamente gaseados durante o regime hitleriano.

"Tendo em conta que atualmente existem no mundo somente 18 milhões de judeus, isto supõe um aumento de 9 milhões de judeus durante o período de dez anos entre 1938 e 1948, isto é, um incremento total (em apenas dez anos) de 50%, coisa impossível, inclusive para uma raça sexualmente tão desenfreada com a raça judaica. Ainda que todo judeu, fisicamente apto, houvesse se dedicado exclusivamente, dia após dia, durante 24 horas, entre os anos de 1939 a 1949, à procriação, com cada uma das mulheres da sua raça, em plena puberdade, o fato de que pudessem haver chegado a

gerar em dez anos 9 milhões de judeus, estaria absoluto conflito com as leis da ciência eugenética.

"Nada estranho, portanto, que Allen Lesser, também judeu, se visse precipitado a admitir, em um artigo intitulado "Histeria Anti-difamatória", publicado na edição da primavera de 1946, na revista "Menorah Journal", que: "Segundo o divulgado durante os anos da guerra, por parte das agências de imprensa judaicas, o número de judeus mortos em toda a Europa está acima em vários milhões do que os próprios nazis souberam que jamais houvessem existido".

Pelo fato disto não poder mais lhes causar danos, porque estão mortos, darei nomes aos meus colaboradores principais daqueles anos, com os quais editamos "La Nueva Edad". O inimigo já não pode lhes alcançar, ali onde estão. Dos que ainda vivem, não os darei. A estes camaradas ainda devo proteger. Mas quero que saibam que ainda lhes levo na memória. Sobre tudo o jovem camarada que me acompanhou até o final da revista, como seu administrador. Sem ele, nada teria sido possível. Ainda vive? Quando tivemos que nos despedir, porque tudo já havia terminado, lhe dei meu escritório, no qual escrevera meus primeiros livros: "La Antologia del Verdadero Cuento en Chile" e "La Época Más Oscura". O que terá sido deste camarada? Tantos anos transcorridos fora do Chile, nunca mais voltei a vê-lo! Se ainda vive, sei que ele terá conservado as recordações daqueles tempos e do combate, como o mais precioso de sua vida, o mais belo. Jamais devemos renegar estes tempos sublimes, câmara!

René Arriagada era chefe do departamento de telegramas do "El Mercurio", antigo diário do Chile. Um dia chegou à direção da página literária do "Trabajo", levando um artigo. Nos tornamos amigos. Era culto, de formação spengleriana, portaliana. Como eu, procedia das fileiras da esquerda e havia se desiludido. Esta foi sua melhor carta de apresentação para mim, que, mesmo pertencendo à aristocracia do Chile e da Espanha, e por isto mesmo, nunca pude suportar a direita plutocrática do meu país, e nem do mundo.

Com René, criamos "La Nueva Edad". A ele se devem quase todas as ideias sobre apresentação e formato. Desde o primeiro número, até o último, colaborou incansavelmente com suas análises militares, estratégicas, sociais e políticas da guerra. Assinava RA, o que me agradava, por ser o nome do Deus egípcio. Eram suas iniciais. Fomos muito amigos, ainda que a vida depois houvesse nos distanciado, porque parti para terras externas longínquas e internas inalcançáveis. Durante a guerra convivemos de maneira muito próxima, também nossas famílias, com nossos filhos recém-nascidos. Todas as noites eu ia até o seu escritório do "El Mercurio" para saber sobre os últimos telegramas com as notícias da guerra, e as comentávamos e analisávamos até horas bem tarde da noite. Após o final dramático, penso que também houve algo como uma morte interior em nós, tão grande a dor, que preferimos não nos encontrar para não abrir feridas, para poder seguir vivendo, sobrevivendo. Ao menos, é isto o que me aconteceu.

Um general distinto do exército chileno, don Francisco Javier Díaz, foi outro colaborador permanente, dedicado às análises militares. Era um hitlerista absoluto. Havia sido educado na Alemanha e tinha grande ascendência entre os militares chilenos. Ele também já se foi, assim como René Arriagada. Morreram quando eu não estava no Chile. Jamais poderei lhes esquecer.

E mais alguns outros.

Às vezes, volto a editar a revista em meus sonhos. Novamente saem os seus números e são lidos com o interesse e a paixão de outrora. Outra vez escrevo ali, não

sei o que. Os camaradas estão juntos e empreendemos o mesmo combate. Talvez seja esta uma "recordação do futuro", no Eterno Retorno.

Além dos colaboradores diretos, existia o povo, com sua nobreza. A revista adquiriu uma tiragem grande para a época e para o seu conteúdo de seleção. E isto foi devido também aos vendedores de jornais do Chile. Mais do que o seu interesse comercial, desejavam nos ajudar. Quem pensaria que depois de tantos anos, em uma banca de jornal de uma rua do centro, um jornaleiro me reconheceria? Acredito ter mudado e envelhecido, mas ele falou comigo, emocionado, e se pôs a recordar aqueles tempos. Grandes tempos!

Nosso escritório estava localizado na ponta do diamante que ainda existe entre a rua Nueva York e a rua Ahumada con Moneda, neste edifício alto que ainda ali existe. No último andar, no sótão de uma elevada torre, com vista para os altos cumes da nossa cordilheira, estava a minha sala. A visão grandiosa agora é destruída por outros edifícios ainda mais altos. Dali, creio que eu pensava poder ver os cumes de Berchtesgaden, estar mais próximos deles e do Führer. Algumas tardes eu me enclausurava em meu escritório para poder sonhar com as glórias de um triunfo imaginado e com o retorno de uma Idade Solar, em minha pátria e no mundo.

Os cumes dos Andes se tingiam desse vermelho impossível dos nossos crepúsculos, com a cor da ânsia. E isto é a única coisa que ainda permanece daqueles anos, a única coisa que não puderam tomar ou destruir. A maravilha dos crepúsculos do Chile. Por isso retornei, e por isto ainda estou aqui.

Era muito difícil poder financiar uma revista como esta. As vendas não bastavam. Os anúncios eram poucos, pois as casas comerciais temiam às "listas negras" que os norte-americanos faziam circular. E quanto aos alemães do Chile, salvo honrosas exceções, não nos ajudaram. Mesmo naqueles tempos, quando se pensou que a guerra seria ganha, agiam com muita cautela. O "complexo de imigrante", depois de quase cem anos da chegada ao país, seguia lhes dominando. Não se atreviam a antagonizar os governantes, impelidos pela sua vontade de escalar os degraus do status social e o apetite desenfreado por acumular riquezas. Além do que, eles não entendiam nada de nazismo, menos ainda de hitlerismo, apesar das escolas alemãs, com suas 'Hitler Jugend' o ritual copiado na superfície. Em sua maioria, eram maçons e obedeciam às lojas, como na própria Alemanha. Se lá traíram, mais ainda o fariam aqui. Todavia, o fizeram menos. Porque houve exceções e gente entre que se jogaram de corpo e alma. À "Colônia de Puyuhuapi", no mais remoto e inóspito Sul, chegou um jovem alemão que pensou em estabelecer ali um refúgio hitlerista e trouxe consigo da Alemanha a mais interessante das coleções de textos, impossíveis de encontrar hoje em dia neste país. Fui herdeiro daquela biblioteca, que pensei guardar para os jovens combatentes do futuro. Esse alemão partiu para a guerra e morreu como aviador na frente russa.

A mais importante ajuda foi por nós recebida dos verdadeiros nazistas da representação diplomática alemã. Com eles tive contato. Foram nossos camaradas, disposta a fazer tudo para que a revista continuasse sendo publicada. Por seu intermédio, obtive a documentação sobre a maçonaria, que Rosenberg havia descoberto na França, nos arquivos das lojas. A publicação desta sensacional documentação foi feita em vários números do "La Nueva Edad". Contudo, obtive unicamente aquilo que se podia deixar conhecer; havia ainda muito mais, que nunca foi revelado. Um SS, que chegou ao Chile e que fora ajudante do diretor da Chancelaria de

Hitler, me contou que seu chefe lhe havia relatado o que havia visto em uma exposição privada dos documentos maçônicos, descobertos por Rosenberg. As revelações eram de tal magnitude que haviam lhe feito estremecer. O Papa, os reis da Inglaterra, eram maçons e obedeciam às ordens dos judeus cabalistas que lhes dirigiam dos centros de magia negra, estabelecidos nas Sinagogas e em pontos secretos.

Este mesmo SS, me contou haver estado presente em duas ocasiões em que Hitler impediu que alguns triunfos sobre os ingleses fossem festejados. O Führer considerava isto como uma tragédia para a raça branca. Foi quando a Turquia concedeu permissão para que as tropas alemãs passassem por seu território e derrotassem os ingleses nos Balcãs e quando o Bismarck afundou o encouraçado inglês Hood. Também Hitler sentiu como sua própria derrota a expulsão dos ingleses de Hong Kong e Singapura por parte dos japoneses.

Hitler respeitava e admirava o Japão, por seu código de honra samurai, mas havia preferido não o ter como aliado, estou certo disto. É um fato que os japoneses o traíram ao não declarar guerra à Rússia, o que lhe teria ajudado a triunfar. Por outro lado, Hitler declarou guerra aos Estados Unidos imediatamente após Pearl Harbor. Foi leal com seus aliados, até o fim.

A propósito dos japoneses, eles não entenderam o drama e somente fizeram o seu próprio jogo. Após a última guerra, se transformaram em algo tão daninho ao mundo quanto os judeus, mecanizando a tudo e emporcalhando o mundo com seu comércio de matérias perecíveis. Se judaizaram até os ossos.

Deles não recebemos a menor ajuda, pelo contrário, nos ignoraram, apesar de nós lhe apoiarmos até o final, por lealdade ao Führer. Sempre senti que os japoneses não tinham interesse algum na vitória de Hitler, assim como os espanhóis. Por isso não declararam guerra à Rússia, assim como Franco não permitiu que os alemães tomassem Gibraltar.

A propósito dos espanhóis, me lembro de uma conversa que tive uma noite com o Ministro Conselheiro da Embaixada da Espanha daqueles dias, Ramón Pastor, quem, passados os anos, fora diretor do A.B.C. de Madri. O Embaixador do Chile era Torcuato Luca de Tena, dono deste importante diário.

Pasto me disse: “Não posse te entender, tu eres espanhol por todos os lados, tu devias estar conosco, que somos católicos e não com os alemães. Tu estás demasiadamente envolvido com as ideias de Hitler”. Ele queria dizer: com o “paganismo” de Hitler.

E assim era, porque eu não podia estar com os espanhóis jesuíticos e nem com o seu traidor Caudillo, quem, se encontrando na situação em que se encontrava graças à ajuda dos alemães e italianos, havia se dedicado a dar asilo aos judeus, sem cumprir com as suas obrigações e a honra de um aliado, ao também não ajudar os alemães e italianos a ganhar a sua guerra.

Ramón Pastor era um bom amigo e um cavalheiro. Guardo dele a melhor das recordações; mas os espanhóis, assim como os japoneses, não nos ajudaram em nada no nosso combate. Esta Espanha invertebrada, nação onde passou a predominar o elemento aborígene ibérico, essa raça ruim, onde a ancestralidade visigoda quase desapareceu, com sua mestiçagem indesejável, de mouros e judeus, padece do mesmo mal continente da sua criação: América. Mescla e bastardização, com a alma dividida, contraposta. As permanentes revoluções sul-americanas, os estalidos de violência suicida, assassinatos de sua própria gente, se devem a uma alma de sangues

contrapostos, e ao desse de autodestruição que ali se origina. Em nenhum outro país do mundo aconteceu tamanho espetáculo macabro como o da revolução espanhola e a sua orgia de mortes de espanhóis na mão de espanhóis. O outro subproduto conhecido é a inveja por tudo o que se sobressai e que os chilenos herdaram, por causa idênticas, expressando um ódio pelo o que é belo e superior. No caso ao qual nos referimos, pela inveja oculta e ódio pela Alemanha, pela sua própria ancestralidade germânica, visigoda, vândala, sueva; também ódio ao basco loiro e dolicocéfalo. A traição é uma consequência quase lógica. Na Grécia perguntei uma vez ao guia que me mostrava as ruinas do Castelo dos Cavaleiros de San Juan, em Rodas, quanto a sua opinião sobre as diferentes nacionalidades da Europa. Dos alemães ele me disse que eram duros e corretos, dos italianos que eram humanos e simpáticos, "boa gente". Dos espanhóis, que eram traidores. Isto ele me dizia porque o Castelo de San Juan caiu nas mãos dos mulçumanos por causa da traição da guarnição espanhola. Razão: a inveja pelo Gran Mestre, de nacionalidade belga, se não me engano. A Ordem dos Cavaleiros de San Juan era constituída de muitas nacionalidades.

A Falange espanhola, com seu Chefe José Antonio Primo de Rivera, tinha outra gente, com o mesmo espirito heroico, visigótico, me atreveria a dizer, dos nazistas do Chile. Caso seu Chefe não houvesse morrido, por decisão de Franco, muito diferentes teriam sido os acontecimentos e a atitude da Espanha durante a Grande Guerra. Certamente, haveriam permitido que os alemães tomassem Gibraltar, podendo assim bloquear a passagem para o Mar Mediterrâneo.

Por outro lado, os italianos, estes sim nos ajudaram, chegando a ser para mim, e logo o explicarei, tão importantes quanto os próprios alemães. Homens de negócios, como os Girardi, Rayo, Orlandini e outros, se envolveram sem que lhes importasse as consequências. Eram longobardos, de olhos azuis, da Itália do Norte. O Ministro Conselheiro da Embaixada, Migone, foi meu amigo e me prestava a sua ajuda para a revista. Anos depois voltei a lhe encontrar na Índia, como membro de uma importante delegação do seu país. Nós nos reconhecemos e ele não hesitou um instante sequer em deixar suas reuniões de trabalho para recordar comigo os bons tempos.

Assim são os italianos. Estão dispostos a iniciar empreendimentos arriscados e individuais. São, além disso, precursores, criadores geniais.

O agregado cultural da Embaixada da Itália também colaborou no "La Nueva Edad". Era um homem de cultura clássica e um brilhante escritor. Foi um grande amigo. Eu voltarei a falar dele mais detalhadamente.

Mas era na Embaixada da Alemanha onde se encontravam os meus verdadeiros camaradas, como eu disse. Que haverá sido dos meus amigos, por meio dos quais obtive tão valiosa informação e ajuda? Com eles contei absolutamente. Recordo que me deram de presente uma pistola Walter, da mesma marca e calibre que o Führer usava, com uma suástica, para que me protegesse de uns capangas que andavam me procurando, não me achando por questão de minutos, em uma emboscada que me armaram.

Vivo ou mortos, não os esquecerei. Somente a eles conheci, evitando qualquer contato com as altas hierarquias e com o embaixador, von Schön, que era casado com uma norte-americana.

Meu instinto fez com que eu não sentisse nenhuma simpatia pelos "von" da nobreza (exceto por von Pohammer, a quem me referirei mais adiante). Foram eles os grandes traidores e opositores silenciosos do Führer, de quem não podiam perdoar sua origem de classe média austríaca. Hitler chegou a dominar e a controlar, graças à sua

genialidade e aos seus conhecimentos, todos estes barões prussianos da guerra, inovando a sua estratégia e a sua tática, com insuperável audácia militar. Não podiam permitir que Hitler ganhasse a guerra. O próprio von Papen cometeu uma traição gravíssima. Stalin lhe enviou uma proposta de paz nos últimos momentos da guerra. Ao invés de transmiti-la diretamente a Hitler (von Papen era Embaixador na Turquia), ou então ao seu Chefe, o Ministro von Ribbentrop, fez com que a mesma chegasse a Roosevelt. Skorzeny, que conta este fato em seu livro póstumo, "La Guerre Inconny", afirma que von Papen o havia feito pensando que os aliados, ao ter conhecimento de tal proposta, ofereceriam a paz primeiro. E assim ele poderia suceder von Ribbentrop, a quem odiava. Possivelmente Skorzeny se equivoca e simplifica, porque von Papen era católico; um "maçom do outro lado", igualmente um agente do judaísmo. Prova disto é que von Papen não esteve em Spandau e permaneceu livre depois da guerra, apesar de haver sido quem tivesse recomendado Hitler a Hindenburg para Chanceler do Reich. O serviço prestado ao judaísmo foi enorme, e no momento mais decisivo. Também é possível que Stalin soubesse perfeitamente o que von Papen faria e por isso lhe enviou a oferta de paz (atitude à primeira vista muito estranha, pelo fato de haver outros meios mais diretos) sabendo que este a enviaria aos aliados. (Não esqueçamos que Stalin também foi educado por um tempo em Roma com os jesuítas). Stalin recebeu de imediato mais ajuda e material bélico e as garantias do que iriam lhe entregar em Yalta. Todavia, tudo o que se refere a Stalin é estranho. Segundo o escritor catalão, Joachim Bochaca, seu nome materno é judaico, Josif Vissarionovitch Djugaschvili. Este último nome quer dizer, no idioma da Georgia, "filho de judeu". Suas três esposas foram judias, o seu sucessor, Nikita Salomón Kruschef, era também judeu, como o foram Beria e Andropov. Todavia, as grandes purgas feitas por Stalin foram contra judeus. Os julgamentos de 1937 e 1938 fizeram desaparecer Kamenev (Apfelbaum), Zinonev (Radomyklsky), Bujarin, Radek, Sokolnikov, Jagoda, Rikov. Então, mandou assassinar Trotsky (Bronstein) no México. Todos eram judeus. As Memórias da filha de Stalin revelam o ódio do seu pai pelos judeus. Ao final dos seus dias, os periódicos trouxeram à tona declarações de Stalin sobre uma "conspiração de médicos judeus" para lhe assassinar. A típica tendência judaica dentro do marxismo era representada por Trotsky, com sua "revolução internacional". Stalin pretendia, ao invés, reviver o nacionalismo russo de um Pedro o Grande. Também liquidou, sem misericórdia, milhares de intelectuais judeus. Que houve em tudo isto? Uma luta pelo poder entre judeus, de modo similar ao modo como Otto Rahn define as diferenças entre Jesus e a Grande Sinagoga com sendo uma disputa entre rabinos? Pois os judeus seguiram governando com Stalin, em cargos muito altos, como Beria, na chefatura da polícia secreta e tantos outros. Judeus foram os comissários que, em Katyn, cumpriram um crime ritual. E também o eram todos os comissários políticos do Exército Vermelho e os que no Bunker procuraram pelo cadáver de Hitler. Ademais, os enormes e sádicos crimes de Stalin levam a marca típica do judaísmo. Assassinou populações inteiras, mais de trinta milhões de russos, com selvageria e crueldade rabínicas. O sistema de vida estabelecido por ele na Rússia era o do Kaal judeu. O Demônio montou na Rússia uma representação grandiosa do Inferno.

Em uma entrevista em que se refere a Hitler, e que reproduziremos neste livro, o professor Jung também faz declarações sobre Stalin, estabelecendo as diferenças fundamentais sobre os dois.

Com um ser assim, Hitler não podia ir junto, sem danificar para sempre a sua *Weltanschauung* hiperbórea. Sua *Voz*, seu Arquétipo não o permitiram.

Também é simplificar demasiadamente pretender que a única razão da traição de Hitler por parte da nobreza prussiana, germana, fora uma sensibilidade extrema de classe e medo de perder os seus privilégios dentro da ordem social justa e harmoniosa do nacional-socialismo. Há algo muito mais misterioso. A isto nos referiremos na última parte desta obra.

A Segunda Guerra Mundial foi a Grande Guerra dos Mundos. Quem vê esta guerra como mais uma, a compara com a primeira, não entendeu nada. Todas as guerras que aconteceram até agora foram uma preparação para esta. E todas as guerras que ainda possam acontecer neste mundo nada mais são do que a sua continuação. Na Grande Guerra, se aglomeraram todos os Inconscientes Coletivos, os Deuses e os Demônios vieram a participar através dos homens que controlam e dirigem. A própria guerra atômica, que encerraria o ciclo do Kali-Yuga, seria nada mais que a consequência natural da Segunda Guerra Mundial e dos que ali apenas aparentemente venceram. Por isso, a guerra atômica passaria também a ser uma batalha dentro da Grande Guerra.

Quiçá sim, unicamente a Grande Guerra do Mahabharata possa ser comparada a ela. Aquela encerrou outro ciclo, o Dwapara-Yuga. E se parece com a Segunda Guerra Mundial por nela também os parentes combaterem uns aos outros, a Raça Lunar e a Raça Solar, os Kauravas e os Pandavas (manipulados talvez por "outra força oculta"); é uma guerra suicida, como o fora a dos Vanes e dos Ases, da Saga nórdica dos Edda. Também nela combateram os irmãos divinos, quiçá para castigar um lendário "pecado racial", uma mescla dos divinos, chegados de outros astros, com as "filhas da terra". Lutaram os divyas e os vîras, os divinos e os heróis. E sobreveio o Crepúsculo, a Morte dos Deuses. Assim como também na última guerra se destruíram os irmãos, os parentes, os menos mesclados e os mais mesclados com o animal-homem. Por trás disso, como sempre, estavam as hordas do Demônio. Hitler o sabia. Por isso não se alegrava com as derrotas dos ingleses.

Agradeço aos Deuses hiperbóreos e ao Destino, à "memória do meu sangue" visigodo, que me permitiu fazer parte da Grande Guerra do lado dos que foram os meus desde sempre, desde a eternidade. Recordo as palavras orgulhosas e desafiantes do irlandês William Joyce, o "Lord How How" das transmissões da radio hitlerista de Berlim, ao enfrentar o pelotão de fuzilamento inglês: "Vou em paz, pois sei a razão pela qual morro e pela qual combati. Sinto pelos ingleses que morreram sem saber por quem o faziam. E desafio o judeu internacional que, da sombra, acarretou esta imensa tragédia".

Hoje em dia quem sequer sabe que existiu um William Joyce? E tantos outros como ele? Eu o sei e lhes recordo. E seus Deuses, que os terão novamente reconstruído no Valhala dos heróis.

Nesta Guerra imensa, que ainda não terminou, e que retornará sempre a acontecer, alguns estiveram do lado que lhes correspondia por essência. Os demais, são os "traidores brancos", os que traíram a sua alma, o seu destino. Deste já não resta nada, condenados à dissolução de todos os seus veículos físicos e espirituais. Os ingleses têm um costume tradicional: A aqueles que consideram traidores eles os dissolvem em cal viva, após os terem fuzilado. Assim o fizeram com John Amery, partidário de Hitler, e filho de um ministro britânico. Mas aqueles que traíram as suas essências, o seu sangue

físico e espiritual, serão as potências do outro lado que dissolverão os seus veículos astrais. E nada restará deles, nem sequer na memória da luz.

"Oh, Senhor, dai-nos uma Grande Guerra para terminar com todas as guerras menores! " (Carta de um desconhecido na Índia). Si, porque somente nela nos será permitido salvar as nossas vidas e alcançar de um só golpe a imortalidade.

Somente graças a Hitler esta guerra foi possível, terminando com todas as outras menores, as que foram e as que serão. Porque unicamente ele pode dar-lhe a dimensão requerida. Com o ataque à Rússia, levantou todos os níveis, até alcançar as "mais altas tonalidades da alma", nas que somente ele e uns poucos puderam e podem ainda se manter. Também os judeus míticos são capazes disto.

Se Hitler houvesse ganhado materialmente a guerra, esta teria sido uma guerra a mais. O que haveria sido dos ideais sublimes com o passar do tempo? O que nós haveríamos feito pela Ressureição do Mito? Ao perder a guerra, na verdade, Hitler a ganhou, pois, com o seu sacrifício, com o seu exemplo, manteve incólume o Ideal. Hitler não precisava fazer mais do que o que fez: desmascarar, pela primeira vez na história do mundo, o Inimigo mítico, cósmico, a encarnação na Terra do mal: o Judeu Internacional. E isto não pode ser mudado pelos humanos, porque não é assunto de humanos, senão que dos Deuses Hiperbóreos. Nada conseguirão com a falsificação planetária sobre um genocídio inexistente. Nada conseguiram até agora; porque o Mito, o Avatar, segue o seu caminho imperturbável. Trabalha de outras dimensões.

Este tema foi desenvolvido no meu livro "El Cordón Dorado, Hitlerismo Esotérico". Não é necessário retornarmos a ele aqui.

Me basta repetir o que dissera em "Ni por Mar ni por Tierra": "Lhe devo tanto, à guerra, que não posso ser mais do que um guerreiro". Porque não foi uma guerra com a caneta do escritor a única em que desejei participar. Neste país tão remoto, nenhuma outra coisa pôde ser feita no ínicio. Era uma ajuda efetiva, também necessitada pela Alemanha. Todavia, houve aqui centenas de jovens nazistas que desejaram partir para o front. A Embaixada alemã não o considerou necessário naqueles momentos.

Quando já não foi possível seguir editando o "La Nueva Edad", também eu quis ir à guerra. O comuniquei aos meus camaradas alemães na Embaixada, em procura de ajuda para poder viajar. Foi pouco antes da ruptura de relações diplomáticas com a Alemanha. Deverei relatar aqui o truque em que meus amigos me fizeram cair. Me explicaram que a decisão deveria ser tomada em Buenos Aires, pelo Ministro do Conselho da Embaixada alemã, von Pohammer.

Viajei à Buenos Aires, onde fui recebido pelos camaradas argentinos daquela época: Osés, diretor do "El Pampero", Ferrando, da firma Lutz Ferrando, e outra gente antiga e nobre de Entre Ríos. Me dirigi à Embaixada para ver Pohammer, que me esperava. A senha que me deram foi dizer-lhe que eu o havia conhecido no Chile, onde também esteve como diplomático. Eu não o havia conhecido, é claro; mas me asseguraram que seria a frase chave, "porque von Pohammer tinha uma memória muito ruim". E assim eu o fiz, com o resultado de que esta frase foi realmente a chave para que as portas se fechassem para mim. Porque von Pohammer tinha uma memória de elefante e sabia que nunca havíamos visto um ao outro.

Creio que meus amigos fizeram isto de propósito, para me salvar, porque eles também sabiam que a guerra já estava sendo perdida e queriam que eu vivesse.

Quis ir à guerra, apesar de estar recém-casado e minha mulher esperando nosso primeiro filho. Ela nunca teve boa saúde e seguramente teria morrido na Berlim

daqueles anos da grande catástrofe. Mas me seguia cegamente, sem se importar com a sua própria segurança. Mulher extraordinária, grande mãe! Devo brindar-lhe aqui o meu tributo de admiração, porque ela também amava o nosso Führer. Conviveu com os camaradas, sofrendo com as derrotas e se alegrando com os triunfos.

Dez anos depois, voltei a encontrar von Pohammer em Bombaim, como Consul Geral da Alemanha Federal. Sem dúvida, lhe haviam degradado. De nada falamos; mas estou certo de que, com sua "má memória", ele se lembrava de tudo perfeitamente.

O Senhor das Trevas

À Grande Guerra devo o fato de ter editado "La Nueva Edad" e à esta publicação os dois acontecimentos mais importantes da minha existência terrestre: o conhecimento do problema judaico e a minha Iniciação, com a conseguinte revelação do Hitlerismo Esotérico. Na verdade, é a Hitler a quem devo tudo, porque foi ele o Revelador dentro desta guerra. Graças a ele também conheci o Mestre, chegando a ser um Iniciado. Após esta confissão espero que ninguém se espante quanto a minha lealdade vitalícia a esse Ser superior, a quem devo tanto. Pertenço – no Eterno Retorno – às suas tropas de guerreiros sacros, ao seu Último Batalhão, à Wildes Heer, à Horda Furiosa de Wotan.

Do problema judeu, como quase todos da minha geração no Chile e também no mundo, eu não sabia nada. Enfatizo: da minha geração, porque pessoas mais velhas que nós, elas sim sabiam. Já em 1904, o genial Nicolás Palacios publica o seu livro "Raza Chilena", avisando sobre o perigo judeu. Ele assegurava que aquele que não sabe sobre este problema não poderá saber nada da história da humanidade. Para poder apreciar as bondades ou perigos de uma teoria filosófica ou científica, era preciso primeiro perguntar a si mesmo quanto à origem racial do seu criador – ele escrevia. Se é judeu, essa teoria deverá ser falsa e daninha para os não judeus.

Ao final do século passado, o Conde de Gobineau publica a sua grande obra, "A Desigualdade das Raças Humanas". É mais importante do que todos os volumes de Spengler sobre a decadência do Ocidente, porque ali são explicadas as causas da decadência das civilizações, que Spengler não esclarece ao falar de uns círculos orgânicos entrópicos.

À proposito de Palacios, que vai mais longe do que Gobineau, quanta verdade há em sua afirmação de que é preciso indagar sobre a origem racial dos autores das teorias e concepções do mundo, para assim decidir sobre a sua validez! Se os chilenos ainda o lessem, poderiam haver sido advertidos a tempo sobre o judeu Milton Friedman e sua sinistra teoria do consumismo monetarista, aqui aplicada até as suas últimas consequências por seus discípulos da "Escola de Chicago".

A verdade absoluta não existe, pois desde Kant se sabe que a "coisa em si", o "objeto em si", é inalcançável através da razão pura. Digo desde Kant, para dizer algo. Porque na verdade isto já o sabiam muito mais os antigos filósofos da Índia ária. Sendo assim, o mundo é "vontade e representação". Cada um o representa para si segundo a sua vontade, a qual nunca depende da sua razão, nem do que ele quer com a sua razão. Ainda que assim o acreditem, especialmente hoje. Foi Jung quem nos entregou a fórmula para podermos expressar isto no presente. A sua teoria dos Inconscientes Coletivos vem em nossa ajuda. É dali e das diferentes formas de expressão ou de

enfrentamento dos Arquétipos de onde podemos começar a entender melhor o que Palacios queria nos dizer. Se existe um Inconsciente Coletivo Ário e outro Inconsciente Coletivo Judeu, as concepções de mundo que daí se desprendem, como “vontade e representação”, incluem a tudo, até à ciência, à arte, à filosofia, à religião e à tecnologia, devendo ser distintas, em seu ponto de partida, a direção e finalidades as quais elas tendem. O exemplo mais recente e que melhor ilustra isto é a ruptura entre as concepções psicológicas do ário Jung e do judeu Freud, precisamente. A separação não surgiu de forma racional, por vontade consciente de cada um, mas sim porque seus Inconscientes Coletivos poderosos os arrastaram. Suas concepções do mundo eram opostas, com suas marcas indeléveis de produção, assim por dizer. O Inconsciente Coletivo Ário une, tende a completar, a conceber o *unus mundus*, a totalidade do ser humano, divinizando-o. Não é exclusivista e nem monoteísta, é pluralista e politeísta. Vive e deixa viver. É absolutamente veraz, não pode mentir. Tende a formar uma ordem e um cosmos. A concepção do Inconsciente Coletivo Judeu é sempre exclusivista, levanta a parte contra o todo, é fanática, intolerante, proselitista, divide o homem, tende a produzir o caos. Rosenberg dizia que “a verdade do judeu é a mentira orgânica”. Traz para baixo, não crê na transmutação; materializa, atomiza, rebaixa o homem a condições de sub-humano.

No marxismo e a sua implementação na Rússia isto pode ser comprovado ainda mais. O marxismo, produto típico da concepção do Inconsciente Coletivo Judeu, exalta uma parte, a economia, para sobrepô-la ao resto. O freudismo destaca o sexo como a força única, todo-poderosa, tentando rebaixar o resto ao grotesco, como a interpretação das obras de Leonardo por Freud. Rebaixa a beleza tratando de explica-la, melhor dizendo, de destruí-la, com a água das latrinas pútridas, com seus “complexos de Édipo”, seus homossexualismos latentes, etc.

É claro, o termo Inconsciente Coletivo é uma fórmula que foi alcunhada por Jung como uma concessão ao cientificismo contemporâneo. Antigamente, isto era explicado de outra maneira; melhor dizendo, não era preciso explicar. A verdade será melhor compreendida se voltarmos a nos referir à “memória de sangue”, ao “pecado racial” e à mestiçagem entre elementos indesejáveis, incompatíveis. O mestiço, o bastardo, temos visto, odeia o belo, está ressentido consigo mesmo, tenta destruir e se destruir, divide, rebaixa. Além disto, mecanismos compensatórios o levam a exaltar com a mentira a sua própria condição, chegando a se declarar “o povo eleito de Deus”. Para o que deverá destruir o verdadeiramente eleito e a sua beleza.

Mostramos aqui dois exemplos, para ilustrar Palacios: Jung e Freud. Há outros, certamente. Quiçá se nos referirmos a apenas um possamos entender melhor o perigo mortal do mito da ciência positiva, também chamada “exata”, com o qual os nossos contemporâneos se embobam e com o qual os judeus levarão a um verdadeiro holocausto o pouco que resta da humanidade ária sobre esta terra: o físico Einstein. Dele fizeram algo como que o messias do nosso tempo e de todos os tempos. Antes dele, nada; depois dele, menos ainda. Com ele nasce a ciência e com ele ela termina. Tipicamente judeu. Certamente que com Einstein tudo poderia se acabar, porque ele é responsável pela bomba atômica; isto é, pela direção tomada à atomização do mundo. Por outros caminhos, com outras concepções, também se haveria chegado à quebra do átomo; mas a direção e o uso seriam outros. O ***sentido*** seria diferente. Porque não foi Einstein quem realizou o experimento que teve como resultado a constância da velocidade da propagação da luz no éter, sobre a qual ele edifica a sua teoria da

relatividade. Foram Michelson e Morley. Mas Einstein lhe imprime sentido típico, digamos arquetípico, do seu Inconsciente Coletivo. Porque, como vimos, por trás de toda teoria cientifica, de toda descoberta, há uma vontade, uma intenção. O absurdo é crer no mito que hoje propagam os mesmos interessados judeus de que existe uma ciência objetiva, à margem do subjetivo, da "memória de sangue", da alma, da raça, ou da "anti-raça", que a produz como ***símbolo***. Ao ário, por exemplo, não lhe interessa dividir (o átomo) e sim unir. Aspira ao *unus mundus*, à totalidade.

A "ciência objetiva" de hoje é toda judaica, a partir de 1945, ano do final da Segunda Guerra Mundial. Analisar um fenômeno, como o faz esta ciência, nada prova. Um mesmo experimento pode ser concluído com resultados diversos, dependendo do sistema que seja usado para interpretá-lo, da hipótese do trabalho. A própria medicina de hoje, produto desta "ciência objetiva", suas drogas curam, é certo, destroem bactérias, mas fazem parte de um ciclo sem fim, pois as bactérias criam a sua "anti-medicina", e então é preciso inventar novas e novas drogas. No fundo, estão destinadas a prolongar a vida física; mas não fazem com que o homem encontre a si mesmo, nem seja mais sábio, nem que alcance a divindade, nem a sua totalidade. Porque esta não é a direção plasmada, e nem escolhida. Pelo contrário, vão diminuindo e materializando cada vez mais aos homens, de modo que se poderá chegar a haver um morto-vivo, um cadáver vivo de duzentos anos de idade.

A sugestão alucinatória da ciência nos arrasta a todos em uma mesma direção, que "algum outro" lhe imprimiu. No caso da teoria da relatividade, seus inventores foram judeus e os pouco que não o foram sucumbiram a esta condição do ário que já estudamos: sua debilidade de espécie superior, não podendo sobreviver em um meio adverso. Portanto, Heisenberg e o Max von Laue, entre outros.

Julius Evola viu muito bem tudo isto, denunciando tudo há quase cinquenta anos atrás. Reproduziremos aqui algumas de suas ideias, ampliando-as.

Einstein se serve da teoria do espaço pluridimensional do judeu Minkowsky, reformada pelo judeu italiano Levi-Civita, com seu cálculo infinitesimal. A teoria então é desenvolvida pelo judeu Weyl, com a ajuda de outros judeus, Born, na Alemanha, e Enriques, na Itália. Os judeus Jordan e Dirac, junto ao ário Heisenberg, são os principais responsáveis pela teoria atômica e dos quantas, a qual, sem ser totalmente judia, se emparelha em espirito ao da relatividade de Einstein.

Tudo passa a ser uma fantasmagoria alucinante, destinada a dissolver e fazer explodir o universo ário, seu Weltanschauung, seu cosmos. É robô e prestidigitação, como a teoria econômica, monetarista e consumista do judeu Milton Friedman. É, também, como a droga LSD, inventada na Suíça, em laboratório também judaicos, para envenenar as novas gerações de jovens ários.

O Arquétipo judaico é expresso na teoria da relatividade estabelecendo, primeiro, o seu dogma inalterável (como com a economia, como com o sexo). Einstein o encontra na constância da velocidade de propagação da luz no éter, do experimento de Michelson-Morley. Deveríamos nos perguntar se estes descobridores haveriam estabelecido este dogma, caso lhes fosse permitido outra coisa, caso o judeu Einstein não houvesse intervindo.

Pois bem... A "relatividade" não afeta o dogma inalterável, porque é assunto apenas do espectador e dos seus sentidos, não chegando ao ponto de imobilidade absoluta em que a teoria é colocada: "a constância da velocidade da propagação da luz", e que com a sua equação algébrica-matemática servirá para explicar, ou ser explicada,

qualquer coisa, qualquer "relatividade", agregando novas equações, novos parâmetros. Isto é, o judaísmo tornou-se um novo absolutismo para assim impô-lo e aplicá-lo a qualquer contingencia passada e futura ("Antes de mim, nada; depois de mim, menos ainda"). Um novo dogma, um "marxismo da ciência", um "freudismo da física". Mito e misticismo judaicos.

Para Einstein é o mesmo se a Terra se move ao redor do Sol ou o Sol ao redor da Terra. Basta agregar parâmetros à formula "Jeovática"; porque é tão certa uma coisa quanto a outra. Porque não há verdade, a verdade não existe, já que a própria equação da velocidade de propagação da luz é uma mera petição de princípio. Deste modo, se introduz a dúvida em um mundo ário, se começa a minar o seu cosmos, para retorná-lo ao caos. Tudo é uma questão de cálculos, um pouco ou mais complicados, que são agregados à fórmula. A única coisa que não muda é a relatividade; se pode assim admitir a relatividade do mais inverossímil, de tal modo que tudo pareça a mesma coisa. E Einstein está decidido, ao que parece, a entregar uma certeza ao mundo ário, sempre que se esteja disposto a lhe pagar o preço. Que preço? Tornar tudo abstrato, reduzir tudo a fórmulas matemático-algébricas, dissolvendo a forma, a carne, o sangue, a encarnação de Deus e dos Deuses, como Picasso. Porque a velocidade de propagação da luz, sua constância, seu "contínuo pluridimensional", como a máxima certeza, vem completamente matematizada, "aritmetizada", em puras fórmulas, sem deixar um só resíduo de natureza quente (o judeu odeia a Idade Dourada). Não há luz, não há sequer movimento, somente um nada de números e fórmulas. A máxima base sensível da física moderna, as categorias geométrico-espaciais, desaparece. O espaço-tempo se torna uma coisa só, um contínuo, passando a ser expressado em fórmulas algébricas. Desaparece até a noção de força. A "curvatura" – o "contínuo espaço-temporal" – não significa nada que se possa imaginar; novamente se trata de um valor algébrico. Atua-se sobre os fatos como 'fenômenos' vazios, que se reduzem a fórmulas da matemática algébrica. Se trata de registrar matematicamente os fatos. Necessariamente era preciso chegar aos computadores. O paradoxo einsteiniano da 'descontinuidade' e da 'improbabilidade' leva diretamente a reduzir a 'quantidades numéricas' a radiação atômica e aos maiores surrealismos, como a matemática e física quântica, os números transinfinitos, os números imaginários, etc. (Ver o meu ensaio "Nietzsche y el Eterno Retorno", edição "Nueva Universidad").

A relatividade, as físicas atômicas e quânticas foram ao fundo mais oculto da realidade, ao átomo, ao elétron, ao próton, às partículas, tentando reduzi-las a puras fórmulas matemáticas e algébricas, esvaziando-as de todo sentido e espírito. Para os ários, os átomos nunca foram fórmulas numéricas abstratas, vazias. São os gnomos, as Runas mágicas, os Deuses atômicos. Para o judeu somente é real o que se pode conhecer "positivamente", sem sangue, sem carne, sem encarnação terrestre, sem forma, sem sol espiritual. Para o judeu não há mais imortalidade do que a "persistência", "constante", ou "constância", como no "parâmetro" einsteiniano.

Porque a diferença entre a abstração matemática, puramente cabalística, da Cabala Numérica judaica – adulterada pelos judeus – e a concepção ária de Maya, a Ilusão, do hinduísmo, da filosofia Vedanta, é fundamental. Na 'catarse' da física judaica, como a chama Julius Evola – "catarse demoníaca" – não se alcança uma superação do indivíduo, e nem um Nirvana budista, muito menos o Kaivalya tântrico, não se chega ao plano de uma Realidade Superior, mais além de Maya, espiritual e transcendente, onde chegavam através de uma iniciação os vîras nas iniciações místico-religiosas dos

Mistérios gregos, egípcios e persas. Somente se alcança uma esfera numérica, cabalística, do puro pensamento matemático e racionalista extremos. Não há superação e nem transmutação da condição humana. O cientista é um homem pedestre, até sub-humano.

É certo que a matematização da física não começou com os judeus, porque eles não são nunca criadores; mas somente os judeus poderiam levá-la a estes extremos. Desde sempre existiu no judaísmo uma tendência à especulação matemática abstrata e sem vida, à negação do cosmos espiritual como uma unidade vivente, uma tendência ao caos e ao nada.

A álgebra e as matemáticas chegaram ao Ocidente europeu através dos semitas. Para Pitágoras as matemáticas, os números, significavam outra coisa, eram símbolos vivos de um mistério espiritual. Magia, Alquimia da Transmutação. Para os nórdicos polares, eram as Runas sacras. Os números que tornaram possíveis as operações algébricas são os árabes, os semitas. Os romanos não os conheciam, tinham outros procedimentos de cálculos, mesmo para a construção de suas maravilhosas obras de engenharia, pontes e estádios. Seus números, os números romanos, não servem nem para realizar as mais elementares das operações da aritmética. Os judeus, os semitas, no geral, sempre tiveram uma tendência à especulação da matemática abstrata, aplicando-a ao mundo divino, mesmo com Spinoza. Por isso a transformação que os judeus fizeram da Cabala Órfica. Os números ários ressoam mais, são notas, como na música órfica, a dos mantras, a *Hiranyagarbha-Cabda*.

A "ciência judaica" levará à destruição, à aniquilação final do mundo ário, por vocação interior irresistível. O fará com a bomba atômica einsteiniana, a não ser que a ciência consiga lhe imprimir uma nova direção, ária. A integração do mundo sensível e natural, do seu Maya, como símbolo, em outra realidade suprema, suprassensível e suprarracional seria o caminho. Nunca antes a ciência predominou sobre a concepção de mundo, a qual se achava subordinada, nunca a especialidade e nem os especialistas se impuseram ao unus mundus, mantendo-se uma relação essencial com o transuniverso das características. O ideal impregnava a *philosophia naturalis*, e também o Direito Natural. Hoje a filosofia acabou, a concepção de mundo unitária não resiste ao especialista, ao computador, ao calculador matemático, à pura abstração quântica. É com as lojas maçônicas, com o Iluminismo, que se inicia a corrente racionalista dos tempos modernos, mais uma prova de que a maçonaria foi dominada pelo judaísmo. As ciências positivas iniciam sua carreira fantasmagórica em direção ao "progresso humano indefinido, irreversível".

É com Hitler e com a Alemanha hitlerista que se realiza uma mudança fundamental, também no campo da ciência. Em tão poucos anos, o Inconsciente Ário impõe suas representações, suas concepções hiperbóreas, arquetípicas, diferentes. Não aceita a teoria da relatividade einsteiniana. Por isso Hitler, podendo chegar – e tendo chegado – por seus próprios caminhos à bomba atômica, à desintegração do átomo não se permitiu usar a bomba aniquiladora, desintegradora, porque tal coisa não correspondia ao seu Arquétipo integrador, não atomizador, em seu Inconsciente Coletivo Ário. E foi por isto que ao a usou. No "El Cordón Dorado: Hitlerismo Esotérico" eu relatei que Skorzeny escreve a respeito disso: Hitler lhe confessou que não usaria a bomba atômica para ganhar a guerra. É muito possível que a bomba que os americanos utilizaram contra o Japão fora a que os alemães não usaram contra eles. Se houvesse feito isto, Hitler não teria ganho a guerra, e sim a teria perdido, pois haveria judaizado

o seu próprio mundo, valendo-se de um procedimento judaico extremo. ***Haveria utilizado a arma do inimigo***. Haveria perdido ganhando. Ao invés disto, ganhou perdendo.

A direção da ciência ária nos leva a mundos completamente diferentes, a universos integrados, podendo transfigurar a natureza. Hitler poderia haver tentado trazer a Idade Dourada de volta, a Hiperbórea, endireitando o Eixo da Terra. E o teria conseguido. Mas tudo isto não é ciência destrutiva, senão que integradora. É Ciência da Paz, de *Pax Aria*. Nos leva diretamente ao reencontro com o ***Gral***, isto é, a Outra Ciência, com outra direção, outro ***Sentido***, sendo possível reencontrar o caminho entre os mundos, o céu e a terra, a ***saída***, a ***entrada***, as Cidades Encantadas, o Reino dos Gnomos do Rei Laurin, Agartha, Avalon, Valhalla, a Ultima Thule, a Terra Interior, o “corpo astral”, o duplo espiritual da Terra. Assim o conseguiu o Führer quase que ao final da guerra. Por isto os Discos Voadores, os OVNIs. O reencontro com os *Vimanas*, com os *Astras* da Guerra do Mahabaratha. Deles nos falam os hindus e Homero.

A descoberta desta legendária ciência anti-gravitacional do Espírito jamais será possível para o judeu, porque ela não pertence aos arquétipos do seu Inconsciente Coletivo. Somente se consegue em unidade “sincronística”, de dentro e de fora, da Terra e do homem, por meio de uma iniciação mágica, que transforme, transmute, o indivíduo. Somente poderá partir em um *Vimana* quem seja capaz de “voar”, de “projetar o seu corpo”. Somente ele que saiba como se tornar invisível (com a Tarnkappe de Siegfried), poderá passar aos mundos invisíveis. E isto nem Einstein e nem os físicos matemáticos quânticos conseguirão. Essa ciência está fora do seu alcance. É a sabedoria dos ários.

Não se trata, todavia, de renegar tudo o que foi alcançado pela ciência moderna, afirma Julius Evola, senão que lhe imprimir uma outra direção, com um ***sentido*** ário. Imbuir as novas gerações com o espírito antigo, para que possam enfrentar a experimentação e a investigação, sendo capazes de refletir o outro alento cósmico da luminosa espiritualidade dos filhos da luz. Isto foi conseguido quase que no final da Grande Guerra, quando os hitleristas reencontraram a Sabedoria Hiperbórea nas terras dos cátaros e a decifraram. Por isto os OVNIs. Neles partiu o Führer ário, o Duas Vezes Nascido, o Renascido.

É demasiado dizer, pois já o dissemos, que na exposição do problema judaico não há obcecação. Nos estremecemos ante este mistério maligno e obscuro. Com Hitler, devemos repetir que “o judeu é o mais remoto dos animais nesta terra”. Se há desprezo em nós, este não pode ser pelo judeu, e sim pelos não judeus que traíram as suas essências, por sua covardia abismal, pelo seu materialismo e pusilanimidade. Eles sim que são animais, pior do que animais; animais-homens.

Mantive amigos judeus, e ainda que não nos vejamos, mantenho correspondência com mais de um. Eles não deixaram de me saudar por causa das minhas opiniões, pelo meu combate. Quiçá também admirem a um inimigo aberto, que descobriu seus planos e a mentira da sua verdade. Lhe admirarão, ainda que mesmo assim o destruam. Por isto sua fascinação por Hitler. Não podem deixar de ir em direção a ele, hipnotizados, realizando tudo aquilo que, no final das contas, favorece a ressureição do seu Mito.

Todavia eu não era um adolescente quando tive que contribuir com um artigo para a revista literária do colégio. Eu já havia deixado o Internato Barros Arana, quando

escrevi um trabalho sobre Panait Istrati, escritor romeno em voga naqueles tempos. Contei que Istrati, muito pobre, necessitava tocar o violino nas “festas grosseiras dos judeus”. Não me recordo se escrevi “as festas grosseiras” ou “os judeus grosseiros”. Um companheiro de curso se aproximou e me disse: “Por que escrevestes isto? Que sabes tu das festas judaicas? Não são grosseiras, posso lhe assegurar, porque eu sou judeu”. Tive que aceitar as suas palavras, porque na verdade eu não sabia nada sobre as festas judaicas, e nem sobre os judeus. Jedliky era o nome deste companheiro de curso, era ruivo e concentrado. Durante a guerra, lhe encontrava com frequência na rua. Nos detínhamos para conversarmos afetuosamente, apesar de que ele devia saber sobre o meu combate e a minha revista. Jaime Dvor (Dvoresky) foi outro bom amigo. Era um artista. A última vez que lhe encontrei, com sua mulher, foi em Paris. Jovens judeus me escrevem frequentemente sobre os meus livros, dos lugares mais distintos do mundo. Mantenho com eles uma comunicação epistolar. Alguns me perguntam sobre Hitler, o “devorador de judeus”. Outros sobre as “segundas Tabuletas de Moises”, e “se eu creio que são autênticas como as primeiras, que eles já não podem conhecer”. Tratei sobre este tema no “El Cordón Dorado”. Estes jovens sofrem, irremediavelmente. Somente poderiam trabalhar para o Eterno Retorno, buscando por ali um resquício, uma saída do Círculo – mas hoje mesmo, sem demora – conseguindo “criar novas leis dos movimentos das forças, mas sem criar novas forças”, como diria Nietzsche. Isto é, para retirar a si mesmos, de algum modo, do Círculo das Trevas que lhes aprisiona e não retornar mais como judeus, antes de uma dissolução total. Romper a feroz ortodoxia, destruir o automatismo do anti-sangue, o código genético que lhes condiciona para o cumprimento do plano arquetípico. E deverão fazê-lo hoje e aqui. O caso de Paul Ree, amigo de Nietzsche e de Lou Salomé, serve para ilustrar este terrível drama. Foi relatado nas Memórias de Lou Salomé.

Me admiram estas linhas escritas em minha juventude. Por isso me refiro à “memória do sangue”, porque nada disto sobre este tema eu conhecia com a minha mente racional. Jamais na minha casa haviam falado disto, e nem tampouco entre os alunos e professores do colégio. Eu não sabia que eu estava “condicionado” também em meus cromossomos, os genes, assim como em outro extremo se encontram os judeus. Mas eles são doutrinados, trabalhados desde pequenos, em seus lares e sinagogas, contra os “goym”.

Devo recordar outro acontecimento daqueles anos da juventude. Com Guillermo Atías – Anuar Atías era o nome literário que ele usava – fomos uma vez à colina San Cristóbal com umas garotas judias, sem saber que elas o eram. Ele se reclinou sobre a grama, em uma encosta íngreme, com uma delas, e eu permaneci um tanto distante da outra. Então, vi que a garota que estava comigo se levantou em um salto e saiu correndo em direção à encosta. Nos aproximamos de Atías para lhe perguntar sobre o que havia acontecido. Entre resignado e surpreendido, nos respondeu: “Não sei. Tudo o que eu lhe disse foi que sou árabe”.

Por falta de conhecimento eu não pude entender.

Essa menina, desde muito jovem, havia sido manipulada em seus fundamentos, na sua “memória de anti-sangue”. Os conflitos com os palestinos, os planos do sionismo, estavam em marcha a séculos, ainda que nós, os não judeus, e também os semitas árabes, os ignorássemos por completo, ou não acreditássemos neles. O ário, em sua grande maioria, pensa que tudo isto é uma fantasia, novela de ficção cientifica, romance policial, de espionagem, pura invenção.

Guillermo Atías, após a morte de Barreto, se tornou comunista. Um dos seus irmãos chegou a ser um alto dirigente do partido.

No nazismo chileno, exceto por Carlos Keller, não se tinha a menor ideia do problema judaico. Nem mesmo o Chefe possuía uma educação racial, todos eles se limitando a repetir o que lhes chegava traduzido da Alemanha. Não existia a possibilidade, salvo algumas exceções, de ler livros traduzidos, como "O Mito do Século XX", de Alfred Rosenberg, as obras do teórico racial Hans Günther, a psico-etnologia de Ludwig Clauss, os trabalhos monumentais de Hermann Wirth, "A Corte de Lúcifer" e a "Cruzada contra o Gral", de Otto Rahn. Ninguém havia sequer ouvido falar de Julius Evola e suas doutrinas esotéricas sobre a raça física, a raça da alma e a raça do espírito, expostas nos círculos intelectuais do fascismo italiano e em sua revista "Ur".

Entre nós, nem sequer conhecíamos o livro "Raza Chilena", de Nicolás Palacios, esse Rosenberg chileno, a tal ponto que "O Mito do Século XX" lhe é similar até mesmo em seus defeitos.

É no número 10 do "La Nueva Edad" onde começo a tratar pela primeira vez do problema judaico. Antes disto eu o ignorava. Quatro meses depois da aparição do número inicial, em 4 de novembro de 1941, publiquei ali um artigo intitulado "Los Judios Invaden Chile".

E foi graças à esta revista, como eu disse, que cheguei a conhecer o problema judaico. Ela fez com que fosse possível que dois pintores chilenos, que a liam, se aproximassem de mim com a intenção manifesta de me instruir e iniciar no conhecimento deste fundamental assunto, sem o qual nada da história dos homens do Kaly-Yuga, da Época Mais Escura, poderá ser compreendido.

Um era o pintor Del Campo, pai de Pedro, o gênio eletrônico do nazismo, que fizera sofisticadas instalações de rádio para o Movimento e para as comunicações do golpe de 5 de setembro. Durante a guerra, ajudou os alemães a manter contato com os navios e submarinos. O outro era Benito Rebolledo Correa, conhecido pintor. Me falaram de um tema misterioso e desconhecido, me dando para leitura o livro "Os Protocolos dos Sábios de Sião", esse documento estranho, cuja origem e procedência tanto se discutiu. Rosenberg mandou que fosse traduzido para todas as línguas, atualizando-o e distribuindo-o profusamente mundo afora. Baseando-se nos "Protocolos", Henry Ford escreveu o seu livro "O Judeu Internacional", que deu muito o que falar nos Estados Unidos no seu tempo, antes do nazismo.

No "La Nueva Edad", reproduzi alguns trechos de ambos os livros. Especialmente me interessava o seguinte Protocolo:

PROTOCOLO V

"Somos demasiados poderosos, todo o mundo tem que nos obedecer. Os governos não podem fazer sequer o mais simples dos tratados sem a nossa intervenção secreta. *Per me reges regunt*. (Os soberanos reinam por meio de mim). Lemos na Lei dos Profetas que somos eleitos por Deus para governar o mundo. Deus nos deu a capacidade para realizar este trabalho. *Se no campo inimigo existir um gênio este talvez possa nos combater, mas um recém-chegado não poderia competir com antigos lutadores como nós*, E O CONFLITO ENTRE ELE E NÓS TOMARIA UM ASPECTO QUE O MUNDO JAMAIS VIU ANTES. AGORA JÁ É TARDE PARA O GÊNIO DOS GENTIS".

E o PROTOCOLO IV

"As Lojas Maçônicas, em todas as partes do mundo, trabalham inconscientemente como uma máscara dos nossos propósitos. Mas o uso que daremos a este poder em nosso plano de ação, *assim como nossos quartéis generais, são permanentemente desconhecidos do universo*".

PROTOCOLO VII

"Devemos nos colocar em condições tais que nos seja possível responder a qualquer oposição com uma declaração de guerra do país fronteiriço ao Estado que tenha a ousadia de nos cruzar o caminho; e se tais países fronteiriços por sua vez decidirem unir-se contra nós, devemos responder provocando uma guerra mundial". (Isto foi escrito bem antes da guerra de 1914).

PROTOCOLO IX

"Estamos cientes de que as nações poderiam se insurgir contra nós, toda vez que nossos planos fossem prematuramente descobertos, mas, nos antecipando a este acontecimento, podemos ter a segurança de que conseguiremos colocar em ação uma força tão formidável que esta fará tremer até os homens mais valentes..." (Mobilizaram 120 países contra a Alemanha na Segunda Guerra Mundial...) "Faremos com que todas as cidades do mundo explodam...".

Muito se discutiu sobre a autenticidade dos "Protocolos dos Sábios de Sião", em tribunais de justiça, em livros e jornais. Está bem; mas ninguém negará que estas profecias, publicadas pela primeira vez em 1907, na Rússia, por Sergey Nilus, são de uma veracidade estarrecedora. Quarenta anos depois foram cumpridas de maneira mais exata do que as de Nostradamus. E ainda continuam sendo cumpridas, uma a uma, no Chile de 1983, ano em que escrevo estas linhas, na Argentina, no México, no Brasil, etc.

PROTOCOLO IV

"Para que seja arruinada totalmente a vida social dos gentis, temos que colocar o comércio sobre uma base de especulações. O resultado disto será que a riqueza da terra, que é recolhida por meio da produção, não ficará nas mãos dos gentis, e sim passará, através da especulação, às nossas caixas fortes. A luta pela supremacia e especulação no mundo dos negócios produzirá uma sociedade desmoralizada, egoísta, sem coração. Esta sociedade será completamente indiferente e até inimiga da religião e enojada da política e dos políticos. A luta pelo ouro será a sua única guia, fazendo um verdadeiro culto dos prazeres materiais que ela possa procurar...".

PROTOCOLO VI

"Com o intuito de arruinar a indústria dos gentis e de favorecer a especulação, fomentaremos o amor pelo luxo desenfreado, ao qual já demos um impulso... Debilitaremos astutamente as bases da produção, semeando germes de anarquia entre

os trabalhadores e encorajando-os a prosseguir no abuso do álcool. Ao mesmo tempo, utilizaremos de todos os meios possíveis para retirar do país todos os gentis inteligentes...".

PROTOCOLO VIII

"Circundaremos nosso governo com um verdadeiro exército de economistas. Tal é o motivo pelo qual é ensinado aos judeus principalmente a ciência da economia. Estaremos rodeados de milhares de banqueiros, de comerciantes, e, o que é ainda mais importante, de milionários, porque, a rigor da verdade, o dinheiro decidirá tudo...".

PROTOCOLO XX

"Os empréstimos contraídos no estrangeiro são como uma sanguessuga, que não pode ser separada do corpo do governo, portanto ela não cairá por si mesma, ou o governo não conseguirá se libertar. Mas os governos dos gentis não desejam livrar-se desta sanguessuga, pelo contrário, aumentam o seu número, e eis aqui a razão dos Estados Unidos estarem condenados a morrer por gangrena. Pois, o que é um empréstimo senão uma sanguessuga? ".

".... Todo empréstimo demonstra a debilidade do governo e a incapacidade de compreender os seus próprios direitos. Todo empréstimo, como a espada de Damocles, pende sobre a cabeça dos governantes que, de chapéu em mãos, recorrem aos nossos banqueiros..."

"...Todas as crises econômicas que nós organizamos com tanta astúcia nos países dos gentis, foram ocasionadas retirando dinheiro de circulação. O Estado se viu na obrigação de recorrer aos empréstimos. Estes empréstimos ocasionaram pesadas taxações aos governos, obrigando-os a pagar juros, e assim vieram a ficar atados as suas mãos e pés".

"A concentração da produção em mãos do capitalismo esgotou a força produtora do povo, assim como as riquezas do Estado. Nos momentos atuais, a moeda não pode satisfazer as necessidades da classe trabalhadora, porque não basta para todos..."

".... Convém considerar as crianças como consumidores de [papel] moeda desde o dia do seu nascimento..."

"Os relatórios dos nossos sequazes, os quais foram enviados como sendo de 'especialistas', foram redigidos pelos nossos agentes. Parecerem sempre agradáveis às mentes pouco avisadas dos governantes, porque sempre são acompanhados de recomendações para realizar economias futuras. Poderiam haver nos perguntado como era possível realizar economias aplicando novas taxas; mas não nos perguntaram nada".

"Vós sabeis em que condições de caos financeiro caíram por sua própria culpa e negligência. Terminaram por fracassar, apesar de todos os seus sacrifícios dos seus governados".

PROTOCOLO XIII

"O Jugo do Pão". "A necessidade do pão cotidiano obrigará os gentis a se calarem e a serem nossos humildes servos".

Pensemos bem, isto foi publicado em 1905, um ano depois do livro de Palacios, que desconhecia, ao menos naquela época, os "Protocolos". Ah, se nossos governantes houvessem lido Palacios e prestado atenção à sua recomendação de investigar primeiro a procedência racial dos autores de certas teorias econômicas! Todavia, já não nos cabem ilusões, nada poderia ter sido feito, pois as maiores das potências de outros tempos navegaram estas mesmas águas. Após a perda da guerra pelo Nazismo, não havia nada a ser feito. Somente esperar pelo caos. Esperar que se cumpra o mais rápido o possível para que, dali, pela lei da inércia, voltemos a subir. Ainda que o mais certo seja a destruição do planeta físico.

Lendo este documento terrível, estarrecedor, entendemos melhor a razão, a necessidade de seus autores em destruir Hitler e a Alemanha Nacional-socialista. Ali haviam conseguido transformar toda a concepção de vida, por a economia e o dinheiro em segundo plano, instalando em primeiro plano o valor do trabalho, a energia projetada e aplicada do homem. Ou seja, todo o caldo do cultivo do judaísmo já não existiria mais. A concepção hitlerista extirpava o tumor e exterminava, pouco a pouco, o câncer. O perigo era tal, que era preciso desatar a guerra mundial, a qual se referem os Protocolos IV e IX; *porque no campo inimigo havia aparecido um Gênio que poderia lhes combater. E agora o conflito entre ele e eles adquiriria tamanha proporção como o mundo jamais vira antes ..., mas já era tarde para o Gênio dos gentis; porque eles eram demasiadamente poderosos e todo o mundo teria que lhes obedecer*. Nem o menor dos tratados poderia ser assinado sem a sua intervenção. E "esse Gênio não poderia com os velhos lutadores, com o seu poder e experiência...".

Aqui tudo parece já ter sido dito, e poderíamos poupar tempo e mais páginas tratando de explicar algo tão extraordinariamente sintetizado por eles mesmos. Contudo, há mais. E é preciso penetrarmos este mistério espantoso, que nos leva a descobrir que a História não é um mecanismo automático, cego, casual, senão que algo programado pelas mentes diabólicas de um "Governo Invisível". Neste caso, dos "Sábios de Sião". Há quem prefere acreditar, e nós também, que estes seres terrestres – humanos ou não – são unicamente o agente, o veículo, servidores de outra Força extraterrestre (dos *Aiones* do gnosticismo?), e que, conscientes ou inconscientes [disto], ajudam a cumprir os ciclos cósmicos e planetários. Neste caso, do Yuga de Kaly, da Deusa Negra da Destruição e do Caos.

E há outro Protocolo. Este se refere ao uso que os judeus farão do antissemitismo, fomentado por eles mesmos, como ajuda para o cumprimento dos seus objetivos, para manter sua gente unida e para produzir os sentimentos de lástimas por parte dos gentis, de modo que assim lhes seja permitido, sem que notemos, que realizem seus crimes. (Como o sacrifício ritual da matança dos palestinos no Líbano, como os julgamentos de Nuremberg e tantos outros).

Eis aqui outro Protocolo.

"Nos momentos atuais, se um governo adota uma atitude contrária à nossa, isto se trata de uma mera formalidade, um ardil. Esse governo está trabalhando para nós, plenamente informados quanto a sua ação e tendo a nossa aprovação". (Veja-se o que passa na União Soviética com a aparente perseguição aos judeus, todos os quais, de um modo ou de outro, imigram para um país estrangeiro ou são postos, cedo ou tarde, em liberdade, em razão do escândalo que os judeus no lado Ocidental e seus "gentis" tenham criado. O Chile trocou um judeu russo pelo Secretário Geral do Partido

Comunista chileno). "As democracias antissemitas são uteis para nós para mantermos a ordem entre nossos irmãos menores".

Nos Estados Unidos, por exemplo, o chefe do "neonazismo" de Chicago é um judeu de nome Cohen. Os negócios mais lucrativos com a venda de insígnias, condecorações, adagas e símbolos da época nazi se encontra nas mãos de judeus. Assim como este caso tenebroso das "Memórias de Hitler", que fora montado e planejado por judeus. O verdadeiro Chefe do Nacional Socialismo dos Estados Unidos, John Lincoln Rockwell, foi assassinado.

Com a Operação planetária da exploração do "holocausto de seis milhões de judeus nas câmaras de gás dos campos de concentração nazis", evitaram, como já dissemos várias vezes, que todos sigam *o Gênio dos Gentis* e reconheçam a justiça do regime que ele estabelecera na Alemanha e na Europa. Quando isto chega a acontecer, é precedido pelo "holocausto do povo eleito de Deus". E a coisa acaba ali. Mas o virtuosismo dos Sábios não se satisfaz com isso. Derrotado o Gênio, pretendem usar o seu fantasma (com todos os meios de informação do qual dispõem) em benefício do cumprimento final dos seus planos milenares. Todavia, uma hora o copo transborda, como diz o ditado, e esse virtuosismo acaba por se enroscar em suas próprias tramas. Por isso, tudo parece trabalhar agora para a glória desse Gênio e a sua ressureição entre nós. E é por isso que qualquer coisa que eles façam trabalha em favor dele. E isto é irreversível. Porque, ao revelar o Inimigo, de uma vez por todas, a revelação adquiriu valor universal, cósmico. E é assim que Hitler ganhou a guerra.

Ao se verem perdidos, o holocausto atômico se faz cada vez mais possível. "Deverão responder com uma nova guerra mundial" e "farão explodir todas as cidades do mundo, junto com suas instituições e seus documentos". (Protocolos VII e IX).

Quem são os "Sábios de Sião"? Um segredo que não foi possível ser penetrado. Não são, é claro, o "Board of Deputies", o Parlamento (judaico) da Inglaterra, a sua Câmara; não são o "Jewish Lobby", no Senado e Câmara de Representantes americanos, nem sequer a "Aliança Universal Israelita", com sede em Paris. Walter Rathenau, ele mesmo judeu, ao lançar certa luz quanto nesse assunto, no "Wiener Freie Presse", do dia 24 de dezembro de 1912, declarou: "Trezentos homens, conhecidos apenas por eles mesmos, governam o destino do continente europeu. Eles elegem seus sucessores...".

Em 1844, somente quatro anos após a revolução judaica de 1848, Benjamin Disraeli, cujo verdadeiro nome foi Israeli, um judeu batizado, publica a sua novela "Coningsby". Ali podemos ler: "O mundo é governado por personagens muito diferentes do que imaginam aqueles que não estão por trás das cortinas...".

Benito Rebolledo me deu de presente o seu exemplar dos "Protocolos", que eu ainda guardo, com as suas anotações a mão nas margens das páginas e alguns desenhos com que as ilustrou. Me dizia, fazendo suas as palavras de Wickham Stead: "Nenhuma pessoa, seja escritor, político ou diplomático, pode se considerar maduro até que tenha lidado a fundo com o problema judaico". E citava Nilus, primeiro editor dos "Protocolos": "Foi previsto que a serpente deve continuar a sua obra, cumprindo estritamente o plano preestabelecido, até que o caminho que há de percorrer não esteja fechado com o retorno da cabeça à Sião".

Faz um século, "Os Protocolos dos Sábios de Sião" são um documento misterioso, que aparece e desaparece, repentinamente, se tornando nóticia e passando

novamente a ser esquecido, para voltar a ser atual, de modo que será sempre necessário explicar o que ele é e do que ele se trata.

Quando da sua aparição, em um Congresso Sionista da Basileia, no ano de 1897, uma informação havia sido filtrada, com o rascunho de alguns “Protocolos”, onde eram dadas as pautas a serem seguidas para a subversão e dominação mundial pelos judeus. Toda uma estratégia maquiavélica, criminosa, havia sido preparada. O documento surgiu primeiro em Paris, de onde foi transportado para a Rússia. Ali foi feita a primeira publicação, naquele mesmo ano, por Sergey Nilus, um cristão ortodoxo. Contudo, o documento publicado por Nilus – que é o seu pseudônimo literário – já havia circulado antes. Nilus trata de fazer com que o mesmo chegue ao Czar; mas este não lhe dá importância, e com isto cai por água abaixo o argumento de que os “Protocolos” haviam sido uma falsificação da polícia secreta czarista, com o objetivo de perseguir os judeus e os revolucionários. Se assim o fosse, o Czar o teria usado com tal objetivo. Dali em diante aparecem muitas outras edições na Rússia e no estrangeiro. Até 1934, na coleção Pasukanis, da Biblioteca Lenin de Moscou, era possível encontrar uma cópia feita a mão de uma edição de 1895, e que circulava nesta forma. Este exemplar desaparece misteriosamente da biblioteca. O governo dos soviéticos condenava à morte aqueles que possuíssem exemplares dos “Protocolos”. E com razão, pois a lista de judeus promotores da Revolução Russa é enorme. A temos em nosso poder, mas não é o objetivo deste livro nos concentrar neste tipo de argumento. Já vimos algo semelhante na criação da Frente Popular chilena, quando a Terceira Internacional faz uma aliança com a Segunda Internacional.

Nilus pretendia apenas avisar os governos da Europa do final do século passado, especialmente o do seu país, quanto ao enorme perigo da subversão mundial judaica. Nilus consegue sobreviver à Revolução bolchevique e morre em 1929 na Rússia, segundo se crê. O exemplar que me dera Benito Rebolledo é o da edição de Sergey Nilus, com seus comentários e introdução.

No “El Cordón Dorado” eu reproduzi a fotografia da casa de Dreyfus Brodsky, na Basileia, onde fora realizado o famoso Congresso Judaico de 1897, do qual haveriam emanado os “Protocolos”. Também trouxe ao conhecimento do público um quadro com as fotos de todos os seus participantes. Ao centro, está Teodoro Hertzl, o “pai do sionismo”, como o chamam, e, a sua esquerda, Achad Ha-am, pseudônimo Asher Ginsberg, a quem foi atribuído a redação do texto dos “Protocolos”. Agora bem, parece que no famoso Congresso Sionista expuseram várias teses. A de Hertzl havia sido a de um sionismo aberto e a de Ginsberg uma espécie de sionismo secreto. O judeu Max Nordau havia apoiado Hertzl. Ginsberg era o auto, ademais, de um ensaio intitulado “A Transmutação de Todos os Valores”, onde tratava de aplicar a doutrina nietzschiana do Super-Homem aos judeus. Chama à nação judaica de “Alion”. Este ensaio leva a mesma marca estilística dos “Protocolos”. A inimizade entre Ginsberg e Hertzl se prolonga no tempo, de modo que se acredita que o primeiro pode fazer com que o segundo desaparecesse. Reproduzimos a seguir alguns parágrafos do ensaio acima citado de Ginsberg:

“A nação judaica é uma supernação, o povo eleito de Deus é altamente superior a todos os outros povos, não por sua potência política, mas sim por sua força espiritual. Este povo, que representa o mais perfeito tipo de humanidade, deve permanecer em minoria e não deve, em caso algum, compartilhar os seus planos com nenhum outro povo. Esta nação dominará todas as outras. Israel restituirá a ideia do bem ao seu

sentido original. O bem somente é aplicável ao Super-Homem, ou à Supernação, que tenha a força de expandir e completar a própria vida e que tenha a vontade de chegar a ser patrão do mundo, sem vacilar perante aquilo que custará às massas de seres ou de povos inferiores, nem [perante] as calamidades que isto possa ocasionar...”.

O Príncipe Gewakhoe acreditava que Ginsberg era o autor dos “Protocolos” e que ele os havia escrito entre 1880 e 1897, em Odessa, Rússia, na língua hebreia antiga, havendo apresentado os mesmos como um projeto ao Congresso de 1897, na Basileia; um programa a ser discutido, entre outros. Assim ficaria explicado, então, o fato dos “Protocolos” terem circulado pela Rússia, em forma manuscrita, já em 1895, ou seja, dois anos antes do Congresso.

Ginsberg leva uma vida secreta em Londres e morre em 1926, em Jerusalém. Mesmo sendo o autor dos terríveis documentos, nem todos haveriam estado de acordo com ele. Não pelo o que ele havia escrito, senão por haver contribuído para que viessem à tona e fossem divulgados.

Ginsberg não teria sido um dos “Sábios de Sião”. Estes Sábios devem ser absolutamente desconhecidos e levam uma vida anônima, sem participar de congressos, aos quais se limitam a enviar os seus delegados. Os Sábios de Sião viveriam em baixo da terra, hoje em dia à prova de bombas atômicas. São os mais dignos rivais do Hitlerismo Esotérico.

Os “Protocolos dos Sábios de Sião” são assinados pelos “Os Representantes de Sião do Grau 33”.

Há quem tenha usado isto como argumento para provar que os “Protocolos” não são um produto judaico, mas sim das lojas maçônicas; mas já o vimos, no Protocolo IV, que as lojas são um instrumento do judaísmo, “uma máscara para os seus propósitos”. O Congresso Sionista da Basileia foi um Congresso Judaico-Maçônico. Também poderia ter sido um Congresso Judaico-Católico ou Judaico-Protestante, pois daria no mesmo.

E quanto a ideia fixa, como objetivo, de alcançar o fim com a instauração de um “Rei de Israel”, “Soberano sobre o mundo”, um “Messias de Israel”, e que tentaram usar como uma outra prova da não autenticidade dos textos porque isto iria contra o judaísmo ortodoxo e também contra o moderno, que não fala de rei, devemos recordar que, até o século passado (data dos “Protocolos”), seguia circulando de forma subterrânea a lenda do Rei do Mundo, na pessoa de “Preste João” e também de Melquisedec, até mesmo no seio das lojas.

Os judeus negaram a autenticidade dos “Protocolos”, aportando testemunhos de personalidade duvidosa, similarmente ao momento atual em termos da conspiração do “genocídio das câmaras de gás”, do “holocausto dos seis milhões”, através da imprensa, do rádio, da televisão e do cinema. Em 1933, a Igreja Israelita Suíça, conjuntamente à comunidade judaica de Berna, apresentou uma queixa no Tribunal Cantonal contra os livreiros suíços que haviam vendido “Os Protocolos dos Sábios de Sião”. Depois de quatro anos, a Corte de Apelações de Berna, no dia 27 de outubro de 1937, emitiu a sentença na qual os querelantes judeus perderam o caso.

Em “El Cordón Dorado” reproduzi a folha de rosto do livro do Tenente Coronel aposentado do exército alemão Ulrich Freischahuer, com os “Documentos Judiciais para o Processo de Berna”, onde ele prova a autenticidade dos Protocolos. Atualmente este livro é impossível de ser encontrado.

René Guenon faz a seguinte observação: "Nenhuma organização real e verdadeiramente secreta, qualquer que seja a sua natureza, deixa para trás de si documentos escritos". Não o fizeram os Templários, nem os SS, pois seus arquivos nunca foram encontrados. Por isto, o ponto relevante sobre "Os Protocolos dos Sábios de Sião" não é a sua autenticidade, senão que a sua veracidade, tal como o declarou Giovanni Preziosi, na primeira edição italiana dos Protocolos durante a era fascista, e Julius Evola, autor do prólogo da edição italiana de 1938.

"Somente procedimentos indutivos podem determinar a importância e o alcance do texto", escreve Evola, [e] "mesmo supondo que os 'Protocolos' não sejam autênticos", no sentido mais restrito, podem ser considerados como se fossem. E isto por duas razões: 1 – Os fatos demonstram a sua veracidade (Nós também assim o vimos, com os textos dos "Protocolos" que são aplicáveis ao nosso país, assim como a outros lugares do mundo); 2 – Respondem indiscutivelmente às ideias fundamentais do judaísmo tradicional e moderno.

Reproduzimos a seguir alguns parágrafos tomados do estudo de Julius Evola, "L'autenticità dei Protocolli provata dela tradizione ebraica", da edição dos mesmos feita por Claudio Mutti e comentada por este valente acadêmico contemporâneo da Universidad de Padova, em "Edizioni di Ar", em 1976. O trabalho de Julius Evola é da época fascista:

"A fonte mais antiga da tradição judaica é o Torá, a Lei mosaica, o Deuteronômio ou Quinto Livro, atribuído a Moises, ainda que certamente Moisés jamais o escreveu. Eis aqui alguns parágrafos:

"*Tu eres um povo santo para o Senhor. Ele te elegeu para que sejas o seu próprio povo entre todos os que se encontram na terra*".

"*Eu te farei um povo grande, te abençoarei e engrandecerei o teu nome, e tu serás bendito e eu abençoarei a aqueles que lhes bendigam e amaldiçoarei a todos os que lhes maldigam*".

"*Ele porá os reis de outros povos em tua mão e tu extirparás seus nomes sob o céu. Ninguém poderá resistir a ti, até que os tenha destruído*".

"*Tu emprestarás à muita gente, mas nunca tomarás nada emprestado. O Senhor te colocara à frente, jamais atrás. Sempre estarás encima, nunca embaixo*".

"*Devore a todos os povos que o teu Senhor te entregará... Hoje começarei a produzir o terror entre as nações sob todo o céu, tanto, que elas se aterrorizarão simplesmente ao ouvir o teu nome*".

Este é o tema do "Torá". Se ele pode realmente ser atribuído a Moises ou não, nunca o saberemos. Sabemos sim que Moises não era judeu, mas sim um sacerdote egípcio, de Osíris, casado com uma mulher abissínia. O "Deuteronômio", ou "Quinto Livro de Moises", é um texto falsificado pelos judeus, inventado (assim como o fizeram atualmente com o "Diário de Anne Frank"). No "El Cordón Dorado" nos referimos a este tema, suspeitando que a tribo de Judá possa ter feito Moises desaparecer, assim como Achad Ha-am – pseudônimo Ginsberg – o fez com Hertzl. O estilo não muda com os tempos, pelo contrário, parece confirmá-lo.

Graças ao "Torá" os judeus chegaram ao ponto de se sentir o povo eleito do Altíssimo, que deverá "devorar" todas as nações da Terra. Como uma prova de que esta tendência não se refere unicamente ao povo judeu do Êxodo do Egito, Julius Evola

reproduz um parágrafo de Daniel: "O reino, o poder e a grandeza do reino, sob todo o céu (portanto, não somente da Palestina, senão que sobre toda a Terra) será entregue ao povo santo do Altíssimo; este reino será um reino eterno e todos os impérios lhe servirão e obedecerão".

"*Peça-me e eu lhe darei toda a gente até os confins da Terra, para a tua posse. Tu o farás com um bastão de ferro*...". "*Os filhos dos estrangeiros edificarão as tuas moradas e os seus reis te servirão*...". (Este espetáculo degradante pode ser visto hoje em dia na pessoa do novíssimo Rei da Espanha, que, ao assumir o seu reinado, em um gesto pleno de simbolismo, foi render homenagem ao grande mestre rabino na sinagoga. Sua traição maçônica é também quanto aos seus antepassados, os Reis Católicos, que expulsaram os judeus da Espanha, mesmo com o Rei Fernando sendo judeu por parte de mãe. Os reis da Inglaterra o tem feito desde a antiguidade, havendo mesclado o seu sangue com o anti-sangue judeu, isto é, introduzindo a Sinagoga e o "Torá" em suas veias, para que lhes seja permitido permanecer no trono. Há quem diga que os herdeiros do trono da "orgulhosa Albion" são circuncisados. Por motivo de higiene, acrescentam).

"*De Jeremias conclui-se que, enquanto Israel pode devorar a todos, ele não pode sequer ser tocado pelos demais*". Compreendemos assim o caso presente de que os únicos que sofreram na Segunda Guerra Mundial, os únicos mortos que contam, são os judeus. As dezenas de milhões de outras vítimas parecem não existir.

Vejamos no "Talmude", em sua parte principal, chamada "Ghemara", que quer dizer "cumprimento" e que é considerada como a perfeição da Antiga Lei da "Torá", e na *Quabbala*, ou *Cabala*, que quer dizer "tradição", como o mosaísmo, na opinião rabínica, constitui somente uma parte embrionária e imperfeita. Investiguemos um pouco destes textos, redigidos depois do aparecimento do cristianismo:

"*Vós, israelitas, são chamados homens, enquanto que as nações do mundo não são chamadas homens, e sim bestas*". (Talmude, Baba mezia, fol. 114, c.1).

"*Proclamamos que é lícito fazer uso da mentira e do perjúrio se se trata de condenar em juízo a um não judeu*". (Baba Kama 113b). Assim vemos os processos contra os SS e os nacional-socialistas sobreviventes condenados à prisão e à morte por perjúrio, a mentira e falsificação de judeus como o "caçador de nazis" [Simon] Wiesenthal e outros. "*O judeu que assassina um goym oferece a Deus um sacrifício agradável*". (Sepher Or Israel" 177b). Em Nuremberg, em Dresden, no Líbano. "*Considera o goym como um besta e animal feroz e trate-o como tal. Dedique o teu zelo e o teu engenho a destruí-lo*". (Tomo 3, livro 2. cap. 4, art. 5).

"*O que significa Har Sinai, ou seja, Monte Sinai? Quer dizer o monte do qual irradiou-se a Sina, isto é, o ódio contra os povos do mundo*". ("Shabbath, fol. 19, c.2).

"*O Messias dará aos judeus o domínio do mundo e serão subjugados todos os povos*" (Sanhedrin, fol. 88, c.2, fol. 99 c.1).

"*O Santíssimo assim falou aos israelitas: Vós me reconhecestes como o único dominador do mundo e, por isto, eu os farei o único dominador do mundo*". ("Chaniga", fol. 3a e 3b).

"*Ao melhor entre os não judeus, mate-o*! ". ("Aboda Zar", 26b, "Tosephoth") – Assassinato dos jovens nacional-socialistas chilenos.

"*Está proibido emprestar aos não judeus sem usura*". ("Sanhedrin", fol. 76, c.2).

"*O que é uma prostituta? Toda mulher que não seja judia*". ("Eben ha Eser, 6, 8).

"*Ali onde cheguem os judeus é necessário que se constituam em patrões, e até que não tenhamos conseguido o domínio absoluto devemos os considerar como exilados, como prisioneiros; enquanto nós não houvermos nos apoderado de tudo, não devemos cessar de gritar: Que tormento! Que indignação!* " ("Sanhedrin", fol. 104, c.1).

Após esta leitura, pode existir alguém que estranhe que os judeus, depois terem sido recebidos generosamente em todas as nações foram rapidamente considerados indesejáveis, perseguidos e expulsos? A razão do antissemitismo na Alemanha anterior a Hitler e na Áustria se deveu ao fato de que todas as profissões e o comércio estavam em suas mãos. E mesmo assim gritavam: "*Que tormento! Que indignidade!* ". O instinto de conservação obrigou as nações a se defenderem. Hoje este instinto está morto.

"*Quando o Messias, o filho de Davi, vier, ele exterminará a todos os inimigos*". ("Majene jeshua, fol. 76, c.1).

A guerra atômica.

"*O profeta (Isaias) anuncia que o Senhor o ungiu para dizer os israelitas que a eles ficarão sujeitos todos os povos e que os povos estrangeiros deverão trabalhar de modo que os filhos de Israel não façam nenhum trabalho pesado e assim possam servir a Deus unicamente orando. A fim de que possam ter tempo para servir a Deus bendito, deverão se apossar dos bens do povo*". ("Mashmia jeshue, fol. 89, c.4).

"*Somente Israel justiça a criação do mundo*". ("Abramo Seba", "Zeror hammor", fol. 6 e 4, do ano 1595).

"*No porvir, os judeus possuirão o mundo e os povos se verão na ruina, enquanto que os judeus sobreviverão no eterno*".

Depois da guerra atômica.

Lendo estes parágrafos, trechos de antigos e mais recentes escritos judaicos, compreendemos que os "Protocolos" são um reflexo exato dos mesmos, e, portanto, absolutamente verazes. Além disto, os fatos da história passada recente e atual os comprovam.

Julius Evola transcreve uma carta do judeu Baruch Levi a Karl Marx, cujo verdadeiro nome judeu era Mardochai:

"O povo judeu, considerado em sua totalidade, será o seu próprio Messias". (Tema muito importante, sobre o qual retornaremos). "O seu domínio sobre o mundo será obtido através da unificação das outras raças humanas" (Unificação no sentido de mestiçagem). "Será conseguido pela eliminação das fronteiras e da monarquia, que são os bastiões do particularismo e mediante à instituição de uma República Mundial, " (Nações Unidas, globalização, etc), "que concordará em todos os lugares quanto aos direitos civis dos judeus. Nesta nova organização da humanidade, os filhos de Israel chegarão a ser, em todas as partes e sem encontrar oposição alguma, o elemento dirigente, sobretudo se for possível manter a massa proletária sob a direção de alguns deles. (Leia-se União Soviética, onde todos os seus dirigentes têm nomes falsos, sendo judaicos os seus nomes autênticos). " A República Mundial cairá sem dificuldades nas mãos dos judeus. A propriedade privada se encontrará em mãos judaicas; administraremos em todas as partes o patrimônio estatal. Assim, a promessa do Talmude será cumprida; ou seja, a promessa de que os judeus, vindos dos tempos messiânicos, possuirão a chave dos bens de todos os povos da terra". ("Revue de Paris", 1º de junho de 1928, n. 11, p. 574).

Em relação ao assunto do Messias, que, segundo os "Protocolos", estaria sendo preparando (no seio das sinagogas e das lojas maçônicas), do "Rei do Mundo Judaico",

é interessante conhecer também o que isto significava para o rabino francês, Isidoro Loeb, secretário da “Aliança Universal Israelita”, em 1869. Em seu livro, “La Literature des pauvres dans la Bible”, publicado em Paris, em 1892, na página 218, ele escreve:

“Não se pode afirmar com certeza se Isaias pensou ou não na aparição de um Messias pessoal... Certo é que, com ou sem um Rei-Messias, nós judeus constituiremos o centro da humanidade, em torno dos quais se agruparão, depois da sua conversão[4], os não judeus. Os povos se unirão para render homenagem ao Povo de Deus. Todas as riquezas das nações passarão ao povo judeu. Os não judeus se colocarão aos nossos pés. Os reis e as princesas, suas esposas, serão nossos serventes, se inclinarão e lamberão o pó dos nossos pés”. (Isaias, 49, 23). “Deus estabelecerá com o povo judeu uma eterna Aliança, está claro que a restituição de Jerusalém ao povo judeu e a Terra Santa cumprirá um grande papel”.

É muito importante neste trecho, assim como em outro anterior, a sugestão de que o Messias pode muito bem não ser pessoal. Este Messias, ou Rei dos judeus, poderia ser constituído de uma entidade coletiva, de mil braços e mil cabeças, a Hidra, o Polvo do Judaísmo Internacional, repartido mundialmente nas instituições que controla por vários meios: o marxismo, os soviéticos, o capitalismo, as multinacionais, o Vaticano, as outras igrejas, os centros de ocultismo, a maçonaria, as Nações Unidas, etc. e tudo isto dirigido de um centro oculto, secreto. Tampouco há de se descartar a possibilidade de um Messias individual, que, como o dissemos, está sendo preparado desde a antiguidade no seio das sinagogas e das lojas, uma espécie de monstro Golem, sem sangue, uma entidade aritmética, imaginária, cibernética, transinfinita. Talvez, até possa ser um cérebro eletrônico, um robô, que eles manejem. Tampouco se deve descartar a instauração de um Papa judeu em Roma. Tudo já é possível, a estas alturas do cumprimento do plano milenar.

Como disse Claudio Mutti, o judaísmo das origens se formou com a incorporação de uma série de elementos alheios, estrangeiros a esse povo muitíssimo mesclado. Vimos que Moisés não era judeu, tampouco o foi José, um sacerdote de nome Touiya. E nem o foi Josué, um general filisteu que para o sol, sucessor de Moises. Salomão teria sido assírio, de nome Salmanazar, ou um ário amorita, iniciado nos Mistérios egípcios de Hathor. Também o Rei Davi e Saul. Do Egito, os judeus tomam a ideia do Messias – sobre a qual é possível ler nas estelas dos templos egípcios – e também do Irã. O próprio termo “hebreu” não lhes pertence. Em conversas na Alemanha do Norte com o pastor Jurgen Spanuth, incansável investigador da história dos hiperbóreos e de suas invasões à Ásia Menor, até o Egito, ele me confirmou que o nome “hebreu” aparece pela primeira vez na estela de um templo egípcio, podendo significar ‘gigante’. Também Spanuth afirma que a ideia de “povo eleito” é nórdico-ária, chegando à Ásia Menor com os hiperbóreos, desde o Irã, então com os filisteus, com os iksos, com os amoritas. Os judeus se apropriaram dela. Também se apoderam de vários signos rúnicos, como o pentágono, a estrela de seis pontas de Davi e o selo de Salomão, que na verdade é a Runa nórdica Hagal, do Deu Odin. Os adulteram. Tampouco Jacó é nome judaico e a sua luta com o Anjo é uma prova iniciática hiperbórea. Jacó era neto de Abraão, que não era semita. O próprio nome ‘Israel’, que o Anjo entrega a Jacó, quer dizer “aquele que luta com Deus”, e se refere ao Mistério do Gral hiperbóreo, que séculos depois seria revivido na lenda de Parsifal. Tudo isto vinha do Norte, como o Rei-Sacerdote do Centro Polar, Er, Irmin, Atlas, Poseidon, Apolo, Melkisedec. Como Salem – (paz) – Salomão. O símbolo

[4] N. do T.: Mais uma vez o cristianismo se torna uma ferramenta para os objetivos judaicos.

se completa com a Rainha de Sabá, que quer dizer Sur, significando a união de ambos os polos, do Norte e do Sul, no "O Cantar dos Cantares".

E pensar que toda esta maravilha de símbolos, de mistérios, de lendas, de sabedoria hiperbórea, foi adulterada, como o foi a Cabala Órfica, por uma tribo de bastardos e escravos, para ser posta à serviço de um terrível sentimento de "pecado racial", no cumprimento dos fatídicos desígnios de um Arquétipo Planetário, do Senhor das Trevas e do Caos, do Amo das Sombras, ao qual têm chamado de Jeová!

Na formação do povo judeu, que nem sequer era um povo, inicialmente contribuem tribos bem diversas, em uma mescla mal assimilada: canaanitas, edomita, madianitas, arameus, moabitas, hititas, amoritas, samaritanos, galileus, fenícios e filisteus. As tribos de "Israel" desaparecem, permanecendo enfim como a única, para poder cumprir com a grande falsificação e a destruição de todos os rastros, a tribo de Judá, a mais primitiva, com o menor coeficiente intelectual, fanática e racialmente degenerada. Dali, pouco a pouco, inicia-se um caminho em uma tentativa de limpeza genética, de purificação dos genes, pretendendo fazer com que desapareçam as provas da degradação racial das origens. (Por isso, "a sua verdade é a mentira orgânica", como dizia Rosenberg). Os documentos antigos são então adulterados com a mentira e a falsificação. Deste modo, e desde então, é afirmada na Terra a conspiração cósmica. São apagados todos os rastros dos lassos originais das raças superiores com um outro Cosmos, destruindo as provas da sua descendência divina, extrauniversal. Também começa a destruição sistemática das raças superiores (que por serem mais nobres, são as mais inocentes) e de seus testemunhos.

Algumas das tribos desaparecidas de Israel eram pagãs. Adoravam o Carneiro Áureo, símbolo de Áries. A tribo de Benjamim, formada por três clãs, entre eles o de Ahiram – de algum modo vinculada à Hiram, o persa, o ário, que construiu o templo de Salomão – toma armas contra as onze tribos de Israel e se alia ao povo que adorava à Deus Belial, Belicena, Astarté (Shakti). Todavia, segundo Moisés, os benjamitas eram os prediletos do Senhor, os "eleitos". A tribo é quase exterminada no combate e lhe é dada a ordem de nunca desposas uma benjamita. O que resta desta tribo desaparecida emigra para o Norte, até a Arcádia grega e há quem diga que os merovíngios descendem dela. Voltaremos a este tema na última parte desta obra, já que ele também faz parte da conspiração planetária. Spanuth demonstrou que os nórdicos, após sofrer a derrota para os exércitos do Faraó Ramsés II, se retiram para o norte. Os que se tornam prisioneiros, conseguiram escapar com Moisés, levando a Arca (*Ar*-cádia, com o radical *Ar*, de ário, de *Ar*-*Ar*-At) o conhecimento que lhes pertencia. Durante esse êxodo, que quiçá não se cumpriu na Ásia Menor, senão que no deserto do Gobi, [uma] imitação do mais antigo Êxodo Polar da Hiperbórea, se infiltra essa tribo de escravos, a de Judá, que ao final se apropria de tudo, falsificando também o que restava de um documento antediluviano: o Gênese.

Nos trechos que temos visto, podemos perceber que, para Isaias, o Messianismo não se refere ao restabelecimento da antiga Jerusalém, senão que a um futuro mais longínquo, a um judaísmo mundial, como se no "profeta" houvera despertado uma "recordação do futuro", uma "memória desse Eterno Retorno". O judeu e maçom Crémieux disse: "Um dia a doutrina judaica deve compenetrar o mundo inteiro". "No Messianismo dos tempos modernos deve surgir uma Jerusalém da Nova Ordem, santamente localizada entre o Oriente e o Ocidente, devendo substituir o duplo reino imperial e papal. A Aliança Israelita Universal entrou em ação somente agora". Isto ele

escreveu em 1861, 40 anos antes dos "Protocolos", e acrescenta: "Não se limitará unicamente ao nosso culto, devendo compenetrar todas as religiões. As nacionalidades deverão desaparecer (as raças), as religiões sumirão. Somente Israel subsistirá (e sua anti-raça), este pequeno povo eleito de Deus".

Em 1875 era realizado em Lausanne, sob os auspícios da própria "Aliança Israelita Universal", um acordo entre o judaísmo e a maçonaria. Cada vez mais se oficializa a influência do judaísmo nas lojas. No "El Cordón Dorado" reproduzimos as declarações do maçom alemão Von Knigge: "O judaísmo reconheceu na maçonaria um dos seus instrumentos essenciais para a realização do seu sonho de domínio universal".

O judeu Du Mesnil-Marigni, em sua "História da Economia Política do Povo Antigo" (edição de 1878, vol. II, p. 275), entre outras coisas, escreve:

"Aquele que dominar o ouro, dominará o mundo. E quem senão o judeu pode ser este dominador? Possui já o monopólio dos bancos, das ferrovias, do comércio. Por meio do ouro dá uma educação superior aos seus filhos, assegurando-lhes assim um posto de comando na arte, na literatura, na ciência, e na administração pública. Nossos são a maioria dos professores na Sorbonne, nas universidades e nos melhores institutos franceses. Judeus são os mais renomados filósofos e autores de peças de teatro. Conhecida é a corrupção da imprensa. E esta terrível máquina de destruição também é controlada pelos judeus".

Mas, "o Messias não virá enquanto algum judeu deva suportar o domínio de um não judeu" (Sanhedrin, 98ª).

Os próprios judeus declaram que foram eles os autores da ideia da revolução, assim como são eles os impulsores do "terrorismo", que secretamente controlam e dirigem:

"A Revolução Russa é uma revolução judaica, porque ela significará o ponto crucial da história judaica. Deve ser levada a cabo ali porque a Rússia é a pátria de quase metade de todos os judeus do mundo. Por isso, a queda do regime czarista deve ter uma influência muito grande no destino de milhares de judeus recentemente emigrados a outros Estados. No fato em si, a revolução deve ser uma revolução judaica, porque os judeus são os revolucionários mais ativos na Rússia czarista". (Jacob de Haas, "The Macabean", novembro de 1905).

A importância destas declarações, feitas 12 anos antes da Revolução Russa, é comprovada no fato de que quase a totalidade dos organizadores desta revolução foram judeus. À frente dos revolucionários, assim como dos dirigentes de soldados e camponeses, estavam os alunos da Escola Rabínica. (Tal como esse misterioso Droguett, no Chile, que disparou contra os nacional-socialistas que haviam se rendido, em 5 de setembro de 1938). Não existia uma só organização política neste vasto império russo que não estivesse dirigida e controlada pelos judeus: o Partido Socialdemocrata (como hoje na Alemanha), o Partido Socialista Revolucionário, etc. No "El Cordón Dorado" publicamos uma foto do premier Soviético, onde todos os que aparecem são judeus. A posse desta fotografia era passível de pena de morte. A emancipação política e a questão judaica eram uma e a mesma coisa na Rússia daqueles dias. Por isso Nilus quis fazer com que o Czar enxergasse o perigo, dando-lhe o conhecimento dos Protocolos.

"A revolução mundial que hoje vivemos, deverá ficar exclusivamente em nossas mãos... Esta revolução reforçará a hegemonia da raça judaica sobre todas as outras". ("Le peuple Juif". 8 de janeiro de 1919).

E este outro trecho extraordinário, constatado no "The Jewish World", do dia 16 de janeiro de 1919, se referindo à Primeira Guerra Mundial:

"O judaísmo internacional leva a Europa à esta guerra não [apenas] para se apoderar de uma grande quantidade de ouro, senão que também para preparar, por meio dela, uma nova guerra mundial judaica".

E há quem duvide daquilo que Hitler revelara. Os judeus, criadores do Tratado de Versalhes, sabiam o que iria acontecer, o esperavam ansiosamente, escondidos, sabendo que a próxima guerra, a Segunda Guerra Mundial Judaica, lhes serviria para alcançar o seu domínio universal, podendo dar os novos passos, pré-fixados há séculos. E alcançar assim a destruição final. O caos – o seu caos.

"Nos sentimos plenos de admiração ao comprovar com que presteza e em que número os judeus de todos os países passaram à ação. Revoluções socialistas, mencheviques, marxistas ortodoxas ou independentes, chamemo-las como queiramos, todas são judaicas e podemos encontrar nos grupos revolucionários judeus em funções diretrizes e militantes". (Entrevista com o rabino J. L. Magnes, dada em Nova Iorque em 1919 e reproduzida em "Judentum und Weltumsturz, II, pág. 24).

O judeu Mortiz Cohn confessa:

"Sem o nosso consentimento nenhum potentado do mundo pode tomar uma decisão. Nenhuma palavra que nós não desejemos poderá ser publicada ou divulgada, porque controlamos a imprensa. Nenhuma ideia que nos desagrade, pode penetrar o mundo intelectual. Há muito tempo, possuímos o domínio do mundo". (Estas palavras foram citadas por G. zur Beek em "Die Geheimnisse der Weisen von Zion", 3a ed., 1919, p. 27).

Porque já em 1673, Bar Nachmani, em "Bammidhar rabba", fol. 172, c.4 e fol. 174, c.1, disse: "No tempo do Messias, os judeus extirparão todos os povos do mundo".

Isto deve ser conseguido por meio da guerra total atômica, que agora preparam. Eles se salvariam, o grupo mais seleto da sua anti-raça, porque tomaram providências para tal, aqui e no espaço exterior. Então: "A terra de Israel se estenderá em uma grandeza que abrangerá todo o mundo" (citação da mesma fonte). Mas se demoraram tanto para a "solução final" isto se deve ao fato de que ainda não estão seguros, apesar de tudo, porque o judeu sabe que Hitler e o Hitlerismo Esotérico não morreram em Berlim, ao final da sua Segunda Guerra Mundial. Conhecendo os planos do judaísmo milenar, os ários estão preparados para contra-atacá-los. A Grande Guerra ainda não terminou, a última palavra ainda não foi dita. O Último Batalhão será o de Hitler" a Horda Furiosa de Odin, a Wildes Heer, que espera pacientemente.

Para terminar estes trechos, que extraímos dos comentários de "I Protocolli dei Savi di Sion", editado por Claudio Mutti e que correspondem aos trabalhos de Julius Evola, de H. de Vries de Heekelingen e do próprio Mutti, transcrevemos o seguinte, do judeu Marcus Eli Ravage, publicado em dois artigos, nos números 3 e 4 da "Century Magazine", de 1928, e que nós havíamos reproduzido no número 12, de 4 de dezembro de 1941, da "La Nueva Edad":

"Nos acusam de ter feito a revolução comunista. Bem, aceitamos a acusação. E que é isso? Comparado com o que o judeu Pablo de Tarso fez em Roma, a revolução russa não passa de um pequeno escândalo de palácio. Gritais tanto por causa da influência judaica em vosso teatro e em vossas películas. Muito bem! Aceito, vossos lamentos são justos. Mas, que pode significar isto quando contraposto à influência ilimitada que nós exercemos em vossa Igreja, em vossas escolas, sobre vossos governos

e formas de vida, sobretudo vosso mundo intelectual?...Suponhamos que "Os Protocolos dos Sábios de Sião" sejam autênticos. Que coisa poderia significar isto frente à inegável ação histórica de conspiradores que desenvolvemos? Vós não sois capazes de conhecer o começo do início da nossa culpa. Nós somos invasores, destruidores, subversores. Nós tomamos posse do vosso mundo natural, dos vossos ideais, do vosso destino e fazemos um jogo de tudo isto. Nós temos sido os promotores não somente da última guerra, mas de quase todas as vossas guerras. Temos sido não somente os promotores da Revolução Russa, senão que de todas as outras grandes revoluções. Nós temos suscitado e continuamos promovendo os distúrbios das cidades (o terrorismo de hoje), nas ruas e em vossa vida privada. Nós mudamos o curso inteiro da vossa história. E tudo isto sem a necessidade de armas. O realizamos unicamente com a propaganda. Nosso pequeno país de certa época, agora é a vossa Terra Santa. Nossa literatura nacional se transformou na vossa Bíblia. Uma jovem judia rebelde está no centro da vossa devoção.... As revoluções modernas, a francesa, a americana e a russa, que coisa são a não ser o triunfo da ideia judaica? E com alivio, reconhecemos que o goym (o não judeu) jamais descobrirá a gravidade da nossa culpa".

É tal o desprezo que o judeu sente pelo não judeu que ele se dá ao luxo de dizer-lhe tudo isto na sua cara, sabendo que a sua covardia, ou a sua estupidez são tamanhas que este seguirá como se nada houvesse acontecido, fazendo o seja lá o que ele queira, o que ele lhe ordene. Já em 1928, e até antes, o judeu estava tão seguro do seu domínio mundial, ao ponto de falar assim, sem papas na língua. Não esqueçamos que o judeu pensa que o goym não é um homem, não é humano, senão que um animal de duas patas, absolutamente desprezível. Vimos isto no Talmude. E pareceriam ter razão, quase sempre.

Segundo De Vries de Heekelingen, o Talmude contém uma série de disposições para administrar justiça, fazendo fundamental diferença entre o próximo que seja judeu, o irmão, e o *goym*, o não judeu, ou seja, o pagão, o "execrável estrangeiro que não teme a contaminação". Por exemplo, segundo o Talmude, frente ao prosélito convertido ao judaísmo, mas não de sangue judaico, o judeu autêntico, de nascimento, deve tomar certas precauções mantendo ao menos quatro passos de distância, pois [tal pessoa] "é tão desagradável para o judeu de verdade quanto a lepra o é para a epiderme". Para os judeus que se permitiram ser batizados, os *Minim*, não se demonstra nenhuma piedade: "Que os Minim e os nazarenos (ários, amoritas) pereçam em um instante e sejam apagados do Livro da Vida". Esta oração foi acrescentada ao redor do ano 80 da nossa era, e modificada depois em relação com os "marranos" e os "chuetas" espanhóis.

A sociedade de castas do arianismo hindu foi assim extrapolada, com o ódio e a intolerância. Unicamente na Índia ária o judeu careceu de possibilidades de penetrá-la e dominá-la, pois, assim como em seu código de leis, em sua nomocracia, para poder ser hindu era preciso ter sangue ário, de nascimento. Não se convertia ao hinduísmo, se nascia em uma casta ou em outra, por razão de Karma. Não pode haver proselitismo na concepção hindu. Todavia, também a Índia foi judaizada com o sistema parlamentar anglo-saxão moderno e com toda a influência que ali chegou através do comércio e costumes do Ocidente cristão, como no Japão atual.

Na China, os judeus se agruparam sob o nome *Tiao-Kiu-Kiau* e, segundo Joachim Bochaca, tiveram um papel de destaque na chamada "Revolução Cultural".

Os "Tradicionalistas Integrais" se perguntam: Como, sendo perfeita a sociedade tradicional das origens, a Idade Dourada de Hiperbórea, esse Paraíso Terreno, carecendo de contradições internas, pode cair, involucionar? Julius Evola recorre a um acontecimento metafísico, que haveria decidido tal questão *externamente*, uma espécie de enteléquia. É um mistério, assegura Claudio Mutti, e, portanto, incompreensível. Em tudo isto, por algum lado, está se infiltrando a dialética cristã, a sua concepção de pecado original, da tentação. E os tradicionalistas terminam por exonerar em parte a culpa do judeu, dizendo que a conspiração, a subversão, é muito mais ampla; o judeu vem a constituir unicamente uma porção dela, esgotando a sua missão dissociadora com o fim do "Terceiro Estado" e o começo do "Quarto", ou seja, o que agora vem, "onde o bolchevismo do Leste supera o próprio judaísmo". Ilusão, vã esperança, um passe de mãos de prestidigitador para relevar o judeu do seu papel de protagonista, já que, como pudemos ver, o sistema marxista dos soviéticos lhes pertence desde o seu nascimento e segue firmemente controlado por eles. Todo este problema da "compartimentalização do mal" deverá ser visto sob a luz que lançamos ao tratar da encarnação do Arquétipo Hiperbóreo do Führer, do Avatar, do Tulku: ainda que nunca encarne em um só, necessita de um centro de onde irradiar a sua maior potência, seja em um indivíduo, em um povo, em uma raça. No caso do Arquétipo do Senhor das Trevas, é preciso uma anti-raça.

Não posso deixar de pensar que, nesta atitude de escritores eminentemente latinos – já que não se encontrou um alemão nacional-socialista entre os Tradicionais Integralistas – sob a aparência de querer mostrar amplitude de critério, magnanimidade, objetividade e desapego "olímpico", para usar as suas palavras, somente se encobre o desejo de agradar de algum modo ao judeu todo-poderoso, de ser-lhe grato, ao mesmo tempo que se lhe declara ser seu inimigo. Evola chegou a escrever que "em Hitler havia um elemento de fanatismo pouco são em sua oposição sem concessões ao judeu". Apesar da minha admiração pelo escritor italiano, devo discordar desta posição. Hitler, como sempre, teve razão.

Em minha entrevista com Julius Evola, em seu departamento da Via Corso Vittorio Emanuelle, ele me contou que Mussolini lhe havia pedido que escrevesse uma nova teoria da raça, de modo a contrapô-la à de Rosenberg. Seria o "racismo fascista", diferente do "racismo nazista". (Como se pudesse existir mais de um racismo). E assim nasceu toda essa brilhante concepção evoliana da "raça do corpo", a "raça da alma" e da "raça do espírito", que ele volta a rotular com essa antipática denominação de "tradicional". Algo se revolve dentro de mim quando escuto este termo, como que perante a presença de um [ato de] ascensão social, de uma vulgaridade literária. Esta concepção foi tomada por Evola de Guenón, atribuindo-a ao hinduísmo ário, que faz menção de outros corpos distintos do físico que poderiam compor o homem, porque somente existem em forma potencial, são virtuais, sendo desenvolvidos através da prática da ioga. São os corpos astral, mental, espiritual, etc. Clauss, o criador da psico-antropologia, sendo alemão, nunca chamou a sua teoria de "tradicional" ou "tradicionalista". Era casado com uma semita, o que explica a sua posição em relação ao racismo biológico, que ele trata de flanquear com o seu racismo psíquico, com sua "raça da alma". Também o "tradicionalista" René Guenon termina os seus dias convertido ao maometanismo semita. O valente e claro Claudio Mutti faz o mesmo. Contudo, ainda poderia retornar ao wotanismo hiperbóreo dos seus antepassados visigodos. Por este, graças aos Deuses, ainda está vivo.

Ainda que se possa aceitar como um cômodo elemento de exposição a teoria das raças da alma e do espírito, de Evola e Clauss, ao final não é algo necessário, somente complicando as coisas, servindo para falar de racismo entre gentes demasiadamente mescladas e povos mestiços, sem chegar a ferir os seus sentimentos, já que um mulato, ou um índio, entre nós, poderá sempre pensar que ainda que o seu corpo seja de cor, a sua alma poderia não o ser. Nasce a suspeita de que tudo fora inventado por Evola para falar sobre raça aos italianos do sul e ao próprio Mussolini. Não obstante, ainda que o orgulhe se mantenha em pé, a realidade não muda. A verdade segue por um outro caminho, como o testemunharam principalmente os judeus e os hitleristas; estes últimos demasiadamente tarde, infelizmente.

Em Viena tive a oportunidade de ler uma comunicação interna entre alguns centros SS, na qual lhes era recomendado não dar facilidades a Julius Evola para expor o "seu esoterismo". Compreendo que isto era justo, pois Julius Evola causava desconcerto. Na própria Itália não lhe foram dadas grandes facilidades. Eram tempos de luta e era preciso simplificar. Todavia, a bela "raça do corpo" da Itália de hoje é um resultado da seleção racial que ali fora feita nos últimos anos do fascismo, sob a influência do hitlerismo. Quem dera que na Espanha houvesse ocorrido o mesmo.

Conta Evola, em suas memórias filosóficas "Il Camino de Cinabro", que pouco antes de terminar a guerra ele estava em Viena investigando (certamente nos arquivos SS e talvez nos do Convento de Lambach e nos de Heilingenkreus) sobre a subversão mundial. E foi nesse momento em que lhe feriram em um bombardeio, deixando-lhe inválido pelo resto da sua vida. Lhe conheci em uma cadeira de rodas. Evola tratava de penetrar a causa de oculta do seu acidente fundamental, tentando encontrá-la "em uma decisão anterior à sua chegada a esta encarnação física". Desejava recordá-la e não podia. Com o acidente, é terminada a sua possibilidade de continuar investigando. Algumas vezes virá a se referir a "essa Conspiração Mundial que ultrapassa até mesmo o judaísmo", dentro da qual o judeu é apenas um elemento a mais, ainda que importante. E retorna à sua concepção "tradicionalista" das eras do hinduísmo e do caminho inevitável, fatal, ao zênite do Kaly-Yuga. Deste modo, a subversão estaria dirigida por algo de fora deste mundo, por um Príncipe das Sombras. A concepção, pelo seu fatalismo, passaria a constituir algo como que um "spenglerianismo espiritualista".

Me parece que a coisa vai por outro lado. Claudio Mutti reproduz em seu ensaio de introdução aos "Protocolos", que intitula "Ebraicita ed Ebraismo", umas reflexões do escritor judeu Otto Weininger, em seu livro "Sexo e Caráter": "O judaísmo não é uma nação e nem uma raça, é uma tendência do espírito, uma constituição psíquica, que representa para cada homem uma possibilidade e que o judaísmo histórico levou à sua realização mais grandiosa". Weininger viria a considera, assim, o judaísmo como uma espécie de ideia platônica que, como tal, precedeu a própria história do povo judeu.

Estas declarações são de suma importância, pois nos situam no ponto preciso que tínhamos como objetivo dar nesta Primeira Parte da nossa obra e que trata dos Arquétipos Hiperbóreos do Herói, do Führer, do Mestre, da Grande Guerra, e do Arquétipo não Hiperbóreo do Senhor das Trevas. Evola foi muito anti-junguiano, por ser contrário à psicanálise, à qual também considerava como sendo de manufatura judaica. (Posição com a qual eu concordo plenamente). Como carta de apresentação, lhe enviei de Viena meu livro traduzido para o alemão, "Meine Begegnungen mit C. G. Jung und Hermann Hesse", título que a editorial suíça dera ao livro "El Círculo Hermético". Nele me refiro, como se sabe, as minhas conversas com o professor Jung e com Hermann

Hesse. Evola me recebeu dizendo: "Li o seu livro. Na verdade, eu desconhecia estes aspectos de Jung que você revela". E passou a me recomendar a sua magnífica obra tântrica "A Metafísica do Sexo".

É Jung quem nos entrega, com sua extraordinária teoria dos Inconscientes Coletivos Ário e Semita, as ferramentas que nos permitem explicar às mentes trabalhadas pelo cientificismo contemporâneo, traduzindo-lhes, por assim dizer, essas concepções mais antigas as quais Weininger faz referência. Temos feito uso de Jung para tratar de nos aprofundar no Hitlerismo Esotérico. Agora o faremos para a questão judaica.

O livro que me deu a oportunidade de conhecer Jung foi "O Eu e o Inconsciente", editado em Santiago pela Editorial Cultura, de Francisco Fuentes, em 1936. Com este livro viajei até a Antártica. Por ser uma edição antiga, não expurgada, na página 75 e em sua nota de rodapé se encontram as seguintes afirmações de Jung:

"Não é preciso dizer que uma orientação coletiva supõe sempre nos demais a existência de uma mesma psique coletiva (Inconsciente Coletivo) e isto já significa um desconsiderado menosprezo das diferenças individuais assim como de outras diferenças de índole mais geral, que existem inclusive dentro da psique coletiva, como, por exemplo, *as diferenças de raça*. (Os parênteses e o sublinhado são nossos).

"*Portanto é um erro totalmente imperdoável que tenhamos por geralmente válidos os resultados de uma psicologia judaica*. Não ocorreria a ninguém considerar como válida para nós a psicologia chinesa. A repreensão de antissemitismo, que me foi feita por esta crítica, é tão tola quanto se me houvessem acusado de um preconceito anti-chines. Certamente, em outro estado anterior e inferior ao desenvolvimento psíquico, quando, todavia, é impossível encontrar uma diferença entre as mentalidades ária, semítica, hamita e mongólica, todas as raças humanas têm uma psique coletiva em comum; mas, ao se iniciar uma diferenciação racial, sobrevém também diferenças essenciais na psique coletiva. Por esta razão não nos é possível traduzir globalmente o espírito de outras raças à nossa mentalidade (ária), sem prejudicá-la sensivelmente, e nem evitar que tantos tipos de instintos débeis afetem a filosofia hindu, por exemplo, ou outra parecida".

Apesar da Weltanschauung evolucionista do professor Jung, que crê em "outro estado anterior e inferior" (possivelmente existiu tal estado, mas foi intermédio, uma involução produto da grande catástrofe que destruiu Paradesha, Hiperbórea) suas declarações possuem uma enorme importância.

Se existe um Arquétipo (pressuposição platônica de Weininger) trabalhando de "fora" para se expressar neste mundo terrestre, [ele] deverá formar aqui os seus instrumentos, suas "sondas", seus "robôs", assim como hoje o fazem aqueles que enviam artefatos à Lua, à Marte e outros astros. São instrumentos de expressão, ao mesmo tempo que de conhecimento. A analogia deverá ser necessariamente imperfeita.

Vimos como o Arquétipo não se expressa através de um e sim de vários, sendo mais de um "eu": Nos. Contudo, como no caso de Hitler, em apenas um [ele] encontra o seu centro radiante mais poderoso. O povo, a raça, vem preparando esta individualidade, esse "centro", através dos séculos. No caso do judeu, seria o Messias esperado. Ainda que bem pudesse acontecer, como se pensou, que no Inconsciente Coletivo Judaico não se faz necessária uma individualidade visível, podendo ser suficiente a "hidra de mil cabeças", sem um centro, ou com uma central ubíqua.

Quando falamos de Arquétipos, ainda que sejam junguianos, estamos abordando um mistério impenetrável. Na verdade, é uma guerra, a Grande Guerra Cósmica dos Mundos, a única [coisa] que pode explicar que estas sociedades perfeitas "tradicionais", que Hiperbórea, a Idade Dourada, tenham podido decair e chegar a um fim. Alguém as derrotou do lado de fora; melhor dizendo, do espaço galáctico: um Arquétipo, que então buscaria seus instrumentos mais apropriados de expressão na Terra, construindo-os também aqui. E é por isso que o processo não é irreversível; em qualquer ponto em que ele se encontre, tudo poderia ser mudado. Porque a entropia da involução até o caos pode ser derrotada, vencida, por uma força superior – neguentrópia – produzida pelo Arquétipo Hiperbóreo contrário, que, todavia, segue em combate para recuperar o que aparentemente perdera. E este foi o trabalho de Hitler, Avatar Hiperbóreo no Inconsciente Coletivo Ário, tentando trazer de volta a Idade Dourada, o mundo perfeito que foi perdido. Agora é uma questão de tempo, dentro do tempo. Porque estas coisas, que são trabalhadas desde a eternidade, somente podem dar aqui os seus frutos no tempo.

Evola fala de uma conspiração mundial, que supera o judaísmo e que compreenderia elementos não humanos. Menciona um Príncipe das Trevas. E nisto ele tem razão. Porque quem são os arquétipos junguianos do Inconsciente Coletivo? São entidades não humanas. Os antigos as chamavam de Deuses e Demônios. E o que é o Inconsciente Coletivo? É a "Memória do Sangue", melhor dizendo, uma "memória que vem no sangue", que atua na terra por meio do sangue.

Não há nada mais misteriosos do que o sangue. Paracelso o considerava uma condensação da luz. Eu creio que o sangue ário, hiperbórea, o é, mas não da luz do Sol de Ouro, de um sol galáctico, senão que da luz do Sol Negro, da [luz] do Raio Verde. Não é o "arquivo da luz de Akasa", senão que de outro universo. O arquivo Akáshico pertence ao Inimigo. Podendo penetrar na Memória do Sangue Hiperbóreo se desperta a Voz e se recupera o Vril, podendo assim romper o Círculo do Eterno Retorno. É por isso que os ários da Índia Shastriya, Bramânica, e do Hitlerismo Esotérico, pretenderam conservar a pureza de sangue, para "recordar" melhor e vencer na Grande Guerra. Assim também o fazem os judeus, no extremo oposto com o seu "anti-sangue".

Será compreendido assim que não há possibilidades de se engajar no combate com o Senhor das Trevas se não é conservada a pureza de sangue, por meio do "racismo biológico", pagão, que Evola e os tradicionalistas, por desconhecimento dos reais termos do conflito – mesmo querendo dizer o mesmo – rebatem. O verdadeiro racismo esotérico era o de Hitler, bem entendido, e não o deles. O racismo de Günther, de Rosenberg e das SS iniciáticas. Em uma palavra, o racismo germânico.

Como vimos, com a própria expressão de "raça ária" tudo está dito. Porque este termo é esotérico, referindo-se a uma iniciação que permite ao homem nascer de novo, por uma segunda vez. O nome "raça ária" foi escolhido e adotado por Hitler. E pelo hinduísmo da antiguidade.

As SS estavam formando os veículos raciais propícios para que o Arquétipo Hiperbóreo do Inconsciente Coletivo Ário pudesse se expressar. Fazendo renascer estes veículos, o Arquétipo poderia ser encarnado aqui embaixo. Eram os *Sonnenmenschen*, os homens-sol, os super-homens, da raça ária e não essa aristocracia tradicional degenerada que Evola torna sua e defende. (Me declarou que não era fascista e nem hitlerista, e que o seu ideal era Metternich). Formando aqui um veículo de sangue puro,

o próximo passo consistiria em um pacto de magia branca com o Arquétipo Hiperbóreo, uma evocação ou invocação que tornaria possível a sua "encarnação" na totalidade do povo ário, verdadeiramente eleito. Uma vez alcançado este estado, já não é possível esta dicotomia de uma "raça do corpo" sem "raça do espírito", ou sem "raça da alma". Isto somente vem a acontecer no estado atual das coisas, neste caos racial, onde é válido o exemplo, trazido à tona por Evola, da "raça do corpo" holandesa e dinamarquesa, que carece de horizonte e destino, porque não possui "raça da alma" e nem "raça do espírito". Este exemplo não tem relevância na sociedade hitlerista, onde o Arquétipo do "Inconsciente Coletivo" ário-hiperbóreo estava sendo incarnado (devendo também chegar à Holanda e Dinamarca). Minhas suspeitas são as de que faltou tempo ao Hitlerismo Esotérico para realizar o *Pacto de Magia Branca*, renovar este Pacto Antigo como Deus Arquetípico Hiperbóreo, o autêntico *Senhor dos Exércitos*.

Compreendidas assim as coisas, entendemos que foi longe demais toda esta argumentação "tradicionalista" contra uma concepção "pagã", biologista ou materialista inexistente. O assunto é profundamente espiritual, metafísico, sendo relacionado à encarnação de um Arquétipo Hiperbóreo na Terra, entre nós. Jung "psicologisou", obrigatoriamente já o dissemos, um Mistério antigo: o do Tulku, o do Boddhisatva, o do Avatar. Mas Jung nos ajuda a compreender e penetrar o Mistério. E foi ele o único em nosso tempo que se referiu a Hitler deste modo, ainda que, depois da guerra, que ele também perdeu, tenha desejado se retratar, fazendo com que esquecessem o que ele havia dito por meio de declarações contraditórias e infelizes. Melhor seria se tivesse ficado calado.

Não há maneira de entender a Grande Guerra sem escalar estas posições, alcançando estas distâncias com a análise. Além disto, daqui é possível saber de que lado estamos. E se escolhemos bem ou mal, se é que aqui cabe a possibilidade de uma escolha consciente.

Quando Hitler esclareceu que "a raça do espírito (a "cria racial") é mais sólida e duradoura do que uma raça puramente biológica", dando como exemplo o próprio judeu – "o mais alheio animal na terra" – talvez estivesse fazendo menção a isto mesmo, a este "Pacto" que ele não havia conseguido cumprir plenamente: "Porque a falta de tempo não nos permitiu realizar nossos sonhos em sua plenitude, e, por isto mesmo, os resultados desta guerra serão em consequência". (Ver "El Cordón Dorado"). Ele não pode fazer mais do que ganhar perdendo, por enquanto.

O repetimos, desgraçadamente Julius Evola não compreendeu o favor enorme que Jung fez ao homem ário com a sua concepção dos Inconscientes Coletivos, a ferramenta valiosíssima que ele havia entregado ao Hitlerismo Esotérico. Tampouco entendeu o Hitlerismo Esotérico. Quiçá estivera demasiado próximo ao Avatar no espaço, além de no tempo. Era tão grande a energia que emanava do seu vórtice, que somente a adoração ou a repulsa era possível, nunca a indiferença. São necessários humildade e desprendimento voluntários de 'eu' para poder ser um partidário incondicional do Führer Prinzip, concepção essencialmente ária e que somente emerge do mais profundo da "memória do sangue". Evola acabou se refugiando na distância do "tradicionalismo integral" e de um aristocratismo de classe, mas do que de raça.

Os judeus, por outro lado, como era lógico, compreenderam imediatamente o perigo que a concepção junguiana representava. Não podendo se desfazer de Jung, lhe expurgaram, de acordo com os seus familiares e discípulos, fazendo desaparecer das suas obras a teoria dos dois Inconscientes Coletivos, de modo que já não volte a ser

encontrada. Por causa da menção que é feita no livro do professor McQuire, "Jung Speaking", onde são reproduzidas entrevistas em que ele se refere a Hitler, esta obra não foi publicada pelos editores de Jung em Londres. Nesse livro é dado um grande espaço para as minhas conversas como professor helvético.

Assim como Toynbee havia encontrado uma explicação para o nascimento da civilização histórica na concepção junguiana dos arquétipos, ela também poderia servir para penetrar o Mistério da corrupção e perda de Paradesha, da Hiperbórea Polar, da Idade Dourada e do Crepúsculo dos Deuses ários. Devemos assim nos remontar melhor à visão platônica, recordada por Weininger ao se referir ao judaísmo.

O mundo perfeito das origens correspondeu e corresponderá à expressão, em um ponto determinado do Universo, de um modo simultâneo, ubíquo, de um Deus da Luz do Sol Negro. Mais possivelmente dos Deuses do Raio Verde; porque os próprios homens eram Deuses. A raça hiperbórea, descida, ou caída de mais além dos astros, através de uma estrela. As mais antigas tradições, lendas e mitos, se referem a um combate que teria sido realizado fora deste mundo (Nicolás Berdiaief fala de um "Prólogo à História Terrena") e até nos é dito que o Graal seria a Pedra caída da Coroa de Lúcifer, quebrada em seu combate estelar (Otto Rahn). Lúcifer, assim, teria sido um destes Deuses da Luz do Sol Negro, o seu nome significando 'Luz Mais Bela', precisamente Luci-Bel, como o chamavam os cátaros. Haveria entrado pela Estrela da Manhã, Vênus, Oiyehue, como a chamavam os araucanos. A falsificação que foi feita no Gênese e no cristianismo nos apresenta Lúcifer como algo que ele não é. Também aqui não posso aceitar a concepção evoliana dos titãs, fazendo aparecer Prometeu e Lúcifer, os gigantes dos tempos antigos, como os protagonistas de uma rebelião maléfica. É a concepção judaica, que os judeus fizeram triunfar, com sua interpretação da luta entre Davi e o gigante Golias, que sem dúvida era um ário amorita, um ser nobre e confiante.

Assim como há um Arquétipo Hiperbóreo, um Deus do Sol Negro, há também um do Caos. Um Senhor das Trevas galácticas, que arrasta tudo para dentro do nada e que, nos mundos paralelos, trava a sua Grande Guerra contra os Filhos da Luz Hiperbórea. Aqui na Terra o fez através dos seus sequazes, valendo-se primeiro disto que se chamou a derrota e a queda. A derrota dos "anjos que se apaixonaram pelas filhas dos homens", do animal-homem, do ser exclusivamente terrestre. É este o "pecado original". Um *Pecado Racial*.

O sangue perde a sua pureza e, ao perdê-la, deixa de ser o veículo mais apropriado para que o Arquétipo dos Homens-Deuses, dos Divinos Hiperbóreos, possa se expressar de maneira pristina. Eis aqui a derrota, o começo da perda de Paradesha, Avalon, de Thule, da Hiperbórea Polar. Os Divinos chegados à Terra, seja já como derrotados de um combate estelar, ou como colonizadores, os anjos de que nos fala "O Livro de Enoque" e as mais antigas sagas irlandesas e nórdicas, os Tuathas de Danan, os Nephlin do Gênese, os Vanes, os Ases, os Koravas, os Pandavas do hinduísmo ário, "que ensinam as artes da civilização aos filhos dos homens", somente através do seu sangue puro podiam manter seguir em contato com o Arquétipo Hiperbóreo do seu Senhor, do seu Rei ou Führer extra-cósmico e manter límpida a sua memória entre eles, eternamente viva. A mescla impurifica este sangue e enevoa esta memória.

As guerras de que nos falam os Edda e o Mahabaratha, quiçá foram as guerras punitivas, de castigo aos que haviam transgredido a lei racial divina, guerra dos Vanes contra os Ases, dos Koravas contra os Pandavas. Da Raça Solar contra a Raça Lunar, da Suryavansa contra a Chadravansa.

O Senhor das Trevas, o Príncipe das Sombras, o Inimigo da Luz, o Representante do Caos, encontrou a maneira de desintegrar o Cosmos Hiperbóreo, arrastando os divinos à mescla com as filhas da Terra, com o animal-homem.

Eis aqui onde começa a involução da Idade Dourada, o Crepúsculo dos Deuses, quando o Lobo Fenrir devorou o próprio Wotan, após a desaparição do terno Baldur. É a Idade do Lobo, do Kaly-Yuga, a Época Mais Escura. E o Arquétipo das Sombras e do Caos terá também a necessidade de trabalhar em um mundo cada vez mais materializado, cada vez mais distanciado da Luz Anterior, [a necessidade] dos seus sequazes, dos seus corpos, dos seus "robôs" e do *seu anti-sangue*, com seus cromossomos e genes mecanizados.

Eis aqui o judeu.

E eis aqui a Grande Guerra dos Mundos, que não terá fim. Na verdade, Guerra dos Siddhas Hiperbóreos e Demônios.

A encarnação do Senhor das Trevas não é cumprida através de uma raça, senão que de uma anti-raça e de uma contra-iniciação, para usar uma expressão de René Guenon. Esta anti-raça, todavia, pratica uma política "racial", cientifica e sábia, absolutamente estrita, de modo que ao lado dela as disposições raciais hitleristas passam a ser um jogo de crianças. Em todo caso, foram de aplicação recente, enquanto que os judeus a vem pondo em prática há milênios, como um código religioso-racial, ditado pelo seu Arquétipo e confirmado em um Pacto de Magia Negra, que inclui sacrifícios sangrentos, como a melhor maneira de chegar a tornar este Pacto algo efetivo. A comunicação é mantida ativa no anti-sangue graças a umas misteriosas disposições eugênicas e raciais. É assim uma anti-religião de um anti-sangue. Uma obscura teo-etnologia.

A pergunta que ao final se impõe ao observador do drama histórico do judaísmo, é a seguinte: Como é possível que algumas tribos bastardas, com mesclas tão contrapostas e indesejáveis, que um povo assim tenha conseguido sobreviver por milênios, em condições inóspitas, enfrentando uma perseguição constante? Todas as outras nações, com uma proporção de mestiçagem tão elevada, acabaram por desaparecer. Mas o judeu não. A resposta à esta pergunta inquietante foi quase que dada com as considerações anteriormente expostas. Por outro lado, para um povo de nômades do deserto, as condições de vida em países estrangeiros, sempre encistado em organismos estranhos, que ao final o repelem, são as ideais, não são inóspitas. O nômade arma as suas tendas e volta a desmontá-las assim que é dado o sinal. Igualmente ocorre com o cigano, pertencente às castas inferiores da Índia, às tribos de bandoleiros, que tanto de comum parecera ter com o judeu. Por outro lado, a perseguição da qual o judeu foi vítima foi provocada por ele mesmo, como um meio que lhe ajudou a manter uma coesão. Ainda hoje, quando já ocupa a pátria de Israel, isto não é levado muito a sério já que o âmbito internacional é o seu meio, a sua ambição é o mundo. Israel e Jerusalém são unicamente o lugar geográfico do Templo, o ponto central "onde Jeová deseja ser adorado". Algo assim como a Meca para o muçulmano. Lugar de peregrinação e de reunião esporádica. Um oásis no deserto. Para usar a expressão de Nietzsche, o judeu fará com que "o deserto se expanda", até cobrir a Terra.

É difícil poder conhecer a verdadeira origem deste povo. Na visita que eu fizera ao professor Hermann Wirth, fundador da *Ahnenerbe* – alto e especializado organismo de investigação das SS – e um dos mais extraordinários estudiosos da pré-antiguidade

nórdica, lhe perguntei quanto aos judeus. Ele me deu uma resposta estranha, inesperada: "Povo nômade, de escravos, que viveu na periferia da grande civilização do Gobi...".

Sinto por não haver lhe perguntado mais a respeito. O professor Wirth conhecia muitas línguas, o sânscrito, o grego, o árabe, e hebreu e havia terminado uma obra sobre a origem dos judeus, frutos de uma investigação de toda a sua vida. Quando lhe conheci, tinha 94 anos e se conservava ágil e alerta. Pois bem, pouco antes dele morrer os manuscritos da sua obra foram roubados, acredita-se que por ato dos seus próprios colaboradores. Marxistas infiltrados, ou talvez católicos, fizeram com que este trabalho valiosíssimo desaparecesse. Nunca o mundo poderá conhece-lo. É uma tragédia tão grande quando a destruição da Biblioteca de Alexandria. Ao menos para mim. A mesma mão perpetrou este mesmo crime, para assim apagar os rastros.

Acredita-se que os judeus são semitas; mas somente em parte. Por isto não é justo falar de antissemitismo quando se trata deles. O semita puro é um desconhecido histórico, sendo o nômade beduíno o que mais próximo está dele. O beduíno abandonou os desertos da Arábia em tempos remotos. Quando chegamos a ter notícias dele, ele já se mesclou com outros povos durante o seu perambular pela Ásia.

Uma das tribos semitas é a de Beni-Israel. A Bíblia relata as suas andanças, mas este documento não atesta qualquer coisa, por ter sido falsificada pelos judeus. Os Beni-Israeli, ou israelú, chegam ao Ur como humildes pastores nômades. Abraão é rei de Ur e o seu nome, assim como o de Sara, é sumério-acádio. Foram apropriados pelos judeus. Abraão, o lendário rei de Ur, não é semita. São expulsos e vão para Canaã, à comarca de Gossen (recordemos o nome de Allende Gossens). O povo que tem se chamado Israel nasce durante o período que vai desde a expulsão o Egito até a conquista de Canaã, e não é judeu. Ali se constitui um mísero Estado, rodeado de poderosas nações que estão em guerra entre si. O povo oriundo de Canaã é o antepassado do atual povo sírio, mescla de semitas e siríacos. Ao regressar à Canaã, os israelitas se mesclam com os sírio-semitas. Já antes haviam se mesclado com os abramitas, os moabitas e edomita (ou idumeos). Bastardo é o termo que se usa para as mesclas de elementos antagônicos. É no exílio da Babilônia onde são ditadas as leis draconianas proibindo as mesclas, mesmo que com tribos parentes. De toda esta mixórdia indesejável nasceu o judeu. Essa *cloaca gentium*, ponto de reunião biológica de todos os bastardos da Ásia Menor.

Sendo assim, o israelita é uma mescla de siríaco, semita e turânio, isto é, sumério-acádio, além de indo-europeu, de amorita. Repetiremos que o termo israelita e inapropriado para se referir a qualquer destes povos. Israelita – "aquele que luta com Deus" – também equivale à uma denominação esotérica, assim como o termo ário o é no mundo nórdico-polar. O semita poderia ser um resultado de cruzamentos entre negros e amarelos, além de brancos. Como se disse, o semita mais autêntico é o beduíno emigrado dos desertos da Arábia, do qual o semita conserva as suas características de nômade. Por isto se chama *Homo-Arabicus*. É esta alma a que mais perdura no judeu. De suas muitas almas, é a mais permanente: nômade cruel, traiçoeiro e covarde. É vagabundo, outros devem fazer o trabalho para ele. A família beduína de Beni-Israel, com o vimos, se estabelece na vizinhança de Ur. (Wirth diria: "Na periferia da antiquíssima e mítica civilização do Gobi". Pretendia assim dizer que toda a história que o Gênese relata se refere a um tempo muitíssimo mais antigo, quase simbólico? Nunca o saberemos). É de Ur de onde essa tribo primitiva e ignorante adquire os conhecimentos rudimentares; das camadas inferiores da população acádica, a única

com a qual tinham permissão para manter contato. E são esses rudimentos de sabedoria que passam a constituir o seu conhecimento fragmentado, exposto no "seu" Gênese. A crônica do Gênese é sumério-acádica e se refere a outras regiões do planeta (quiçá o Gobi) e a conhecimentos extraterrestres, antediluvianos[5]. São recordações, memórias de outra gente e de outro mundo, que os nômades semitas ignorantes e primitivos espoliaram em seu proveito. E é isto o que então passou a constituir o "Livro Sagrado" da sabedoria religiosa dos ários semitizados: o Gênese, a Bíblia.

O semita não é criador. Nem sequer os números assim chamados árabes são criação dos árabes, senão que dos indo-ários. O judeu, como o dissemos, torna a matemática e a Cabala algo abstrato, convertendo-as em instrumentos que são privados de toda corporeidade. Suas mesquitas, seus outros monumentos, são obras dos povos ários conquistados. Tampouco a escrita é semita.

O outro fato étnico com que se mescla o Homo-Arabicus é o Hitita, o *Homo-Siriacus*. Os antigos sírios não são semitas, assim como não o são os armênios. Tampouco são ários. É difícil hoje em dia poder distinguir entre o sírio, o armênio e o judeu. O armênio atual não tem mais de dez por cento de sangue ário. Durante mil anos o Beni-israeli, o "semita", recebeu influência do sírio. Os chamados judeus são também bastardos de semitas e sírios. Os sírios adotaram os idiomas semíticos, o hebreu e o aramaico. Os semitas geraram os filhos das escravas sírias.

O *Homo-Siriacus* é braquicéfalo, o *Homo-Arabicus*, dolicocéfalo. O nariz judeu é herança hitita. (O *Homo-Arabicus* perde o crânio alargado dolicocéfalo quando o israelita é suplantado pelo judeu). Os egípcios, que conhecem ao judeu somente quando dos tempos de Salomão, reproduziram o seu tipo nas pinturas dos seus templos, junto às de outras "anti-raças" da época. O antigo tipo semítico já havia se extinguido. E é importante saber que o crânio muda mais lentamente do que os outros traços físicos, como a cor da pele, por exemplo, para assim termos um senso aproximado do tempo transcorrido. E o cérebro muda ainda mais lentamente do que o crânio.

Outra razão pela qual o Gênese e a Bíblia foram falsificados pelos judeus é que o Deus hitita, Baal, teve uma enorme influência em Israel. Trataram de fazer aparecer unicamente a ficção de uma origem "abraâmica" pura.

O hitita, ou Homo-Siriacus, é aberto, generoso, despreocupado. Foi presa fácil do semita, do Homo-Arabicus, preguiçoso e astuto.

Em Canaã também viviam grupos amoritas, em boa vizinhança com o amável hitita. É o *Homo-Europeus*. Alto, branco, de olhos azuis. Os egípcios lhe apelidaram de *Tamehu*, o "homem do Norte". São os resquícios dos postos avançados dos hiperbóreos que invadiram até o Egito, nos tempos das últimas catástrofes que fizerem com que o continente polar desaparecesse, segundo nos conta Spanuth. Os misteriosos Iksos, os Reis Pastores, que edificaram a cidade de *Avris* (nome hiperbóreo – ver no meu livro "NOS"), que adoravam Seth, Deus da Guerra e da Tempestade – outro nome para Wotan – também são hiperbóreos, chegados em 1700 a.C. Segundo Spanuth, também o são os filisteus, pertencentes à uma tribo nórdico-hiperbórea. Chamberlain parecia não estar de acordo com isto. Mas são os amoritas e não os filisteus os que aterrorizaram os judeus. Lhes chamam de "filhos de Enack". Combatem os judeus, quando estes entram sorrateiramente na Palestina. Golias é um amorita, assassinado a sangue frio, quando fora desafiado para um combate cavalheiresco.

[5] N. do T.: Este fato é muitíssimo bem exposto e fundamentado nos livros de Zecharias Sitchin.

Os amoritas eram valentes e leais. Davi, que era em três quartos, ou mais, de origem amorita, assume o trono com a ajuda dos filisteus e como vassalo deles. Favorece à mescla com os amoritas; suas mulheres eram filisteias e amoritas. Segundo nos diz a Bíblia, Davi era branco, loiro e de olhos azuis. Sua mãe teria sido uma amorita. Somente depois de oito anos de governo foi possível tomar Jerusalém, e com a ajuda de forças estrangeiras. Elegeu para a sua residência uma fortificação amorita. Davi é diferente do que qualquer judeu; foi um pastor que serviu de bom grado nos exércitos filisteus. Também a mãe de Salomão, Betsabá, não era judia. Ambos os reis não têm mentalidade judaica, e sim amorita. O amorita é generoso, aventureiro, marcial. É o construtor de grandes fortificações, hoje desaparecidas. Também desapareceu por completo do cenário histórico e racial. Por essa condição já descrita de debilidade do superior, não prevalecem nem os seus traços físicos e nem de caráter no judeu de hoje.

Por outro lado, como já vimos, o israelita daqueles tempos não é o judeu. Este vem a constituir algo como que um ultraje biológico. Mescla não é a palavra, pois ela significa união de elementos simpáticos, similares. Bastardo é o termo. Conjunção, agregação de sangues opostos, do semita com o hitita e com o amorita. Na Índia ária tudo isto está perfeitamente codificado nas "Leis de Manú". Ninguém tem a ganhar com uma mescla de castas (se diz *varna*, significando cor) inferiores com superiores. Ambos perdem e o karma de todos é prejudicado. Sendo assim as coisas, o judeu atual vem a ser um *contínuo* (einsteiniano) dentro de uma abismal bastardização. E é nesse contínuo onde está centrado o mistério de toda a Questão Judaica.

Como escrevêramos em "El Cordón Dorado: Hitlerismo Esotérico", o judeu não é israelita, e nem é hebreu. Ele fez com que ambos desaparecessem, apropriando-se e inventando uma tradição. Mudando a história e apagando todos as pistas perigosas. A tribo mais inteligente israelita era a dos josefitas; tinham sangue egípcio. José se casou com uma filha de um sacerdote de Heliópolis. Os josefitas odiavam a tribo de Judá. Nos tempos da diáspora alexandrina, sangue negro é inoculado nos judeus.

Hoje em dia o judeu pode ser definido da seguinte maneira: uns cinco por cento da sua mescla é composta de *Homo-Siriacus*, de crânio redondo, braquicéfalo, nariz "judaico", corpo curto e rechonchudo; outros cinco por cento, do *Homo-Arabicus*, dolicocéfalo, crânio alargado, delgado, alto, e uns dez por cento de *Homo-Europeus*. Os oitenta por cento restante é composto de uma mescla indefinida, com traços e qualidades contrapostas.

Nossos contemporâneos, especialmente os chilenos, os sul-americanos, não verão nada de terrível ou estranho em tudo isto, filhos que são da mixórdia, do hibridismo, da mestiçagem e do bastardismo, com uma religião que os defende, os predica e exalta. Após a última guerra, a política judaica tem sido direcionada a destruir os restos da raça ária no mundo, invadindo a Inglaterra, França, e Alemanha especialmente, com exércitos negros, com vietnamitas, cambojanos, chineses, turcos, etc. Logo a raça branca desaparecerá, como aconteceu com o mítico amorita, os Nephlin bíblicos, os vindos de mais além dos astros. É deles que o judeu toma a ideia de "povo eleito".

Assim o bastardo judeu, que então impusera a sua gente a mais tremenda lei racial que os tempos históricos conheceram, pretende ser o rei de um olho só na terra de cegos. E isto ocorreu no momento da história da Terra em que o Senhor das Trevas decide usar um instrumento apto para cumprir o trabalho da desintegração, em sua

guerra eterna contra os divinos Filhos da Outra Luz. No extremo oposto do sangue puro dos ários, deverá ser mantida a *constante* impura (esse *contínuo*) do sangue judaico. E é neste anti-sangue e através dele que o Senhor das Trevas estabelece o Pacto com o seu “povo eleito”, apropriando-se do nome Jeová, um Deus da Cananéia.

Para que este Pacto jamais possa ser traído, é preciso estabelecer o sentimento horroroso do *Pecado Racial*. A mescla com outros sangues humanos indesejáveis não é o suficiente. Ela deverá ser complementada com a abismal mescla com o animal. Eis, portanto, os *sheidim* da Bíblia. Deste modo é cumprido um Pacto de Magia Negra, possivelmente realizado em uma “coabitação mental”. Coabitação rabínica. Os traços animalescos dos judeus assinalam isto. Qualquer rosto de um judeu dirigente, especialmente dos rabinos, mostra traços de um animal totêmico. O pecado cometido é contra as leis das sagradas harmonias, e é algo que não pode ser apagado. Jeremias o disse (Jeremias II. 22): “Ainda que te laves com salitre, a mancha da tua iniquidade estará gravada diante de mim, disse o Senhor Jeová”. Também por isto, o judeu odeia o belo na natureza. Porque esta beleza é uma nostalgia Hiperbórea.

Para estabelecer os acordos deste pacto entre o Arquétipo e o seu povo, foi inventado o “Deuteronômio”, atribuindo-o a Moisés. E depois o “Talmude”. O Pacto Renovado é assinado com o Arquétipo como um convênio notarial. Sendo os rabinos os notários que lhe dão fé. São Esdras, a Grande Sinagoga e Neemias, não Moisés, os verdadeiros inventores do judaísmo, com suas 13.600 leis, com a sua nomocracia, o seu governo da Lei; o Kaal, essa árida comunidade, que Henry Ford compara ao Komitern dos soviéticos. A Época dos Profetas não corresponde à era judaica, é anterior ao pacto, que já vinha sendo preparado. Poderíamos dizer que, desde antes, há muito tempo, o Arquétipo do Senhor das Trevas, dos seus abismos extraterrestres, vinha dedicando a isso toda a sua atenção.

Não é preciso repetir aqui o que já foi escrito em “El Cordón Dorado” sobre este exato drama, mesmo que a reiteração se faça necessária para os homens cegos de hoje. A política “racial”, a religião do anti-sangue, por assim dizer, imposta pelo judeu ao judeu, é uma “ciência” fanática, à qual jamais é possível se opor. De maneira controlada, quando se faz necessário, absorvem genes ários, mas não em demasiada quantidade ao ponto de perder as suas características e traços animalescos, que eles devem conservar como sinal da sua “eleição” (desse modo e não de outro), os preferidos do seu Arquétipo, preferidos pelo seu Demiurgo infra-humano. Lhes é proibido o matrimônio com mulheres não judias (a transgressão confirma a lei). Todos os Rothschild devem se casar com judias. E caso isto não aconteça, é porque a Sinagoga assim o permitiu, tendo em conta outros objetivos. Na verdade, como dissemos, o “racismo” desta “anti-raça” faz com que o que foi tentando por Hitler e as SS pareça um jogo infantil.

A pergunta inquietante, já feita, de porquê entre todos os povos bastardos da Terra, que são tantos, somente o judeu escapou da lei fatal da aniquilação (Goethe previa este desaparecimento; contudo, não aconteceu e nem acontecerá), é respondida no mistério deste pacto com uma entidade não humana, que precisa disto, porque unicamente através disto ela poderá cumprir os seus objetivos de dissolução e caos, arrastando até o nada e levando à consumação a sua Guerra contra os representantes da outra luz. Ele lhes dará o mundo material, como o prometera, sempre que cumpram com as leis, especialmente com as disposições que concernem o anti-sangue. E [sempre que] lhe rendam culto e sacrifícios. Pois aquele Ser Sombrio vive destes sacrifícios e se alimenta da vida dos seus servos. O pacto deverá incluir uma cláusula de não-

eternidade, de não-imortalidade, permitindo unicamente o triunfo no reino da matéria mais densa, do poder desta matéria. Um judeu morto, é um judeu desaparecido para sempre no abismo, no ventre do fundo do Arquétipo, que assim vive e se alimenta. Golem sombrio, Drácula bebedor de sangue. Se dissemos que no Eterno Retorno também um judeu poderia, *quiçá*, se salvar, escapando do Círculo dos círculos, isto deverá ser cumprido enquanto vive aqui, neste círculo, hoje. Depois, nada mais existe. O esforço deverá ser feito agora.

É por tudo isto que o próprio Hitler declarava que o judeu (mesmo sendo um sheidim) é o mais distante dos animais entre os homens.

Porque é uma anti-raça, produto de uma Mente, de uma Lei, da ciência do sangue, da religião, do anti-sangue. De certa maneira, é uma “anti-raça do espírito”, do “Contra-Espírito”. O mais digno e dramático oponente na Grande Guerra. Caso o mundo venha a ser completamente dominado e corrompido pelo judeu, unicamente o Hitlerismo Esotérico poderá impedi-lo. O Retorno do Führer.

....

Por mais incríveis e antigas que estas estórias aqui contadas possam parecer, não são as mais antigas de todas. Nos tempos de Zaratustra também existiu esta Guerra; os inimigos foram os turâneos. Na Índia de Parasu-Rama foram os asuras. Em nosso tempo, os chamamos de “judeus”. Da no mesmo, pois é um assunto simbólico, herdado de outros universos. É uma História na verdade Sagrada e Maldita. Se esta Guerra deve acontecer em todos os mundos, não o sabemos. A própria Criação parece ser uma guerra, um conflito. Todavia, não há porquê projetar um dualismo cósmico, absoluto. Este dualismo, aqui visível, não deveria nos afetar, pois, não sendo monoteístas (os ários nunca o foram) tampouco somos mono-demonistas. Se há mais de um Deus, igualmente o deve ser para os demônios, com os senhores das trevas. Para os cátaros, o conflito, a mescla, o Demiurgo deste mundo, que eles chamaram Jeová, somente começava a agir do Quinto Céu para baixo. Mais além, mais acima, a coisa se tornava indescritível, incompreensível, com outros mundos inefáveis, talvez sem pares de opostos.

Nos tempos da Hiperbórea não existiu esta Guerra. (Hiperbórea está mais além do Quinto Céu dos cátaros). Mesmo durante a grande guerra do Mahabaratha e também na guerra dos Vanes e dos Ases, o corpo não estava materializado. É somente hoje, por isto mesmo, que o conflito desembocará na destruição do mundo físico visível. Por isto o Avatar de Hitler não veio para finalizar somente um Yuga, mas sim um Manvantara. Não era a sua missão destruir o mundo, a Terra física. Ele não podia fazê-lo. Esse é o trabalho do judeu e do seu Arquétipo, do Senhor do Caos e das Trevas. O judeu não pode faz outra coisa, foi “programado” para isso.

E o retorno de Kalki, que virá julgar, será montado em um Cavalo Branco, brandindo uma espada flamejante, como um cometa... O regresso do Führer, no limite da catástrofe (a mudança da Idade para a Nova Idade), no confim de um mundo e de outro, da terra física e da terra espiritual, será em um *Vimana*, em um Disco de Luz (que “descerá do céu”). E Ele também virá para julgar, resgatando os seus eleitos do Último Batalhão, da sua Wildes Heer.

O Mestre

À distância de mais de quarenta anos, desde que os camaradas Del Campo e Benito Rebolledo me instruíram na questão fundamental do judeu, olho para trás e reconheço que o caminho percorrido para o penetrar e o compreender melhor foi em um movimento circular, na aproximação de um centro. Unicamente por meio da inspiração, recebendo mensagens da "memória do sangue" e de Mais Além desse Centro, este Mistério será revelado. E isto não teria sido possível para mim sem o encontro com o Mestre e a sua Iniciação.

Abro o exemplar do "La Nueva Edad", de 4 de novembro de 1941, e releio o meu ensaio "Los Judios Invaden Chile". É atual, como se eu o houvesse escrito para o Chile de hoje. Também o é em sua resenha histórica, como se eu houvesse estendido um arco sobre o tempo, para unir esse jovem de 24 anos com o homem de 65 que agora sou. Contudo, o que acabo de expor nas páginas anteriores é o fruto de todo esse tempo transcorrido, do estudo e da compenetração em mim mesmo. E não teria sido possível sem as ferramentas e os segredos que o Mestre me entregou, juntamente com a Iniciação.

Em "Ni por Mar Ni por Tierra", minha primeira obra, disse que devo tanto à guerra que eu somente poderia ser um guerreiro. E o repito hoje. A Hitler devo tudo, pois sem ele nada teríamos conhecido, nada nos teria sido permitido.

É claro, o encontro com o Mestre não foi um fato casual. A velha sentença hermética bem que o diz: "Quando o discípulo está preparado, o Mestre aparece". Jung chamou a isto de "sincronismo". Uma coincidência estranha, quase mágica, entre uma situação interior e outra exterior. Nietzsche se refere aos "azares cheios de sentido".

O encontro com o Mestre vinha sendo preparado desde sempre, sem que minha consciência racional o soubesse. No estilo da minha vida, estas coisas fundamentais me pegam quase sempre de surpresa. Em "Las Visitas de la Reina de Saba" digo que o encontro com esta rainha é inesperado, que nunca reconhecemos o instante. Do mesmo modo o foi com o Mestre. E isto mesmo que tenha ocorrido infinitas vezes no Eterno Retorno. E assim também com Hitler. Em "El Cordón Dorado" relato a impressão estranha, quase de repulsa que experimentei a primeira vez que eu vi a fotografia de Adolf Hitler exposta em um mostruário de uma rua de Santiago. Não "me lembrei", não o "soube" naquele momento. Espero que isto não volte a acontecer seja com o Mestre ou com o Führer, e nem com a Rainha de Sabá, no Eterno Retorno; se é que o Eterno Retorno continuará, se é que tampouco nesta Ronda vamos encontrar a saída do Círculo dos círculos.

Nos anos que precederam à guerra e depois, até 1941, eu acreditava que era unicamente aqui, na superfície da Terra, onde o destino dos mortais era resolvido. Das ciências antigas, da magia, da alquimia, o hermetismo, eu tinha um grande desconhecimento. Me causavam desconfiança. Recordo algumas conversas mantidas com Jasão sobre estes assuntos, que lhe fascinavam. "Se não te interessas pela magia como disciplina, informa-te por necessidade cultural", ele havia me dito. Me encontrava imerso nos filósofos e poetas alemães, nas ciências sociais, em Spengler, em D. H. Lawrence. Todavia, Keyserling de algum modo abria um caminho nesta direção. E ele era meu escritor favorito daqueles anos, especialmente os seus livros "Meditações Sul-americanas" e o "Diário da Viajem de um Filósofo".

Estou falando somente daqueles anos, dos meus primeiros escritos, da minha amizade com Jasão e do encontro com o nazismo chileno; mas antes, muito antes, (para uma pessoa dessa idade, cinco ou seis anos são muitos), acontece que aos treze ou quatorze anos eu havia comprado em uma livraria vizinha à colina Santa Lucia (a "Libreria Cultura", de Francisco Fuentes) uma obra sobre hipnotismo e o poder da mente; não sei porquê. Quiçá porque uma tia-avó minha, que viveu quase toda a sua vida na Europa, mulher de forte personalidade, havia me falado sobre hipnotismo e reencarnação, coisas em que ele acreditava.

Em 1941, durante a guerra, quando eu escrevera este ensaio sobre a questão judaica, por seguir unicamente o caminho do hitlerismo visível, do nazismo político, enfim me encontrava em uma rua sem saída. Estaria hoje na mesma situação que os combatentes **exo**téricos, os sobreviventes sem esperanças, perambulando como um sonâmbulo nostálgico, ao sentir que o Círculo de Ferro se fecha cada vez mais sobre as nossas cabeças, sem poder conseguir entender o porquê de ainda seguirem falando de Hitler, quando ninguém o faz sobre Churchill, Roosevelt ou Stalin. Sem sabê-lo, eu havia chegado a um limite, que não teria conseguido sobrepujar com os instrumentos intelectuais a minha disposição, nem sequer com os que me aportavam os meus amigos pintores. E mais, para poder avançar nestes territórios perigosos e desconhecidos eram necessários outros meios, novas fórmulas que eu não sabia onde encontrar por não haver mediado um acontecimento "sincronístico", um "azar cheio de sentido", que ocorreu exatamente neste instante, como se alguém estivera me vigiando e viesse em minha ajuda. Era cumprida assim a sentença do alquimista: "Não importa o quão só estejas, se realizas o trabalho certo, amigos desconhecidos virão em tua ajuda".

Eu sabia algo mais, que não sei bem como explicar, ainda hoje. Melhor dizendo, não encontro a forma de descrevê-lo com palavras apropriadas, apesar de haver tentando em mais de uma das minhas obras, em "Ni por Mar Ni por Tierra", em "La Serpiente del Paraíso", em "El Círculo Hermético" e em "NOS, Libro de la Resurrección". Durante a noite, ou ao amanhecer, enquanto dormia, o sono terminava de repente, passando a um estado intermediário, de entre sono e vigília. Então, umas vibrações elétricas começavam a subir pelo meu corpo, de um centro impreciso, aumentando em intensidade a medida que subiam. Me sentia desperto, mais desperto do que pudesse estar durante o dia; mas não podia me mover, estava paralisado e nem uma palavra escaparia da minha boca, mesmo que eu o tentasse. Houve manhãs em que a empregada entrou no quarto para me levar o café da manhã e o deixou na mesa de cabeceira. Eu a via, escutava, sem poder sair da minha imobilidade. O estranho fenômeno acontecia em três fases. Primero, esse estranho despertar sem despertar, repentino, de preferência ao amanhecer. Me deixava em um limite entre mundos. Uma sensação de ser arrastado para um abismo, para um nada, que me sugaria se eu me deixasse cair neste sono profundo, nesse abismo, que era a morte do 'eu', da consciência. Me causava um espanto indescritível. Era como estar dentro de um ataúde, morte e tratando de ressuscitar. A inércia, o peso que me arrastava a este nada era irresistível. Lutava para voltar a mim, sem certeza de consegui-lo, sentindo que se não o conseguisse seria a morte, a dissolução. Lutava e voltava a cair, voltava a lutar, desesperadamente. E ao fim eu o conseguia. Começava, então, a segunda etapa. Despertava, é certo, mas "sem despertar", no centro destas vibrações que me impediam de me movimentar, deixando-me ali paralisado, nesse mundo intermediário, entre o

sono e a vigília, completamente lúcido, mas sem ver claramente o [mundo] daqui, e tampouco o de lá. O terceiro estado somente o alcancei depois de encontrar o Mestre.

Carecia de toda possibilidade de interpretar este evento. Havia lido sobre a catalepsia e temi que um dia me tomariam por um morto e me enterrariam, podendo voltar à vida dentro de um caixão. E vá saber se tudo isto nada mais era que a "recordação" de um acontecimento semelhante ocorrido em outra Ronda! Pensei seriamente em ir ver um médico. O temor de ser tido como louco me deteve, não sabendo como eu poderia explicar com palavras um fato tão estranho, uma situação que não era física, assim por dizer. Muitos anos depois expus a experiência ao professor Jung, e ele pareceu não a entender. Também relatei o fenômeno ao Dalai Lama e não tive resposta satisfatória. Somente o Mestre a me deu. Por isso eu deveria me entregar a ele sem reservas.

O Agregado Cultural da Embaixada da Itália se chamava Hugo Gallo. Tinha um tipo romano; seus olhos cheios de luz, sua glória de vida. Possuidor de uma cultura clássica, aplicava os seus conhecimentos aos eventos do presente, de modo que a sua interpretação dos mesmos nunca era fracionada senão que global, em busca de raízes distantes e com projeções que superavam o transitório. Colaborou conosco no "La Nueva Edad" e seus artigos eram muito valiosos para nós. Ia eu retirá-los em seu escritório na embaixada, naqueles tempos em um edifício de ladrilhos vermelhos parecido com um castelo, que se enquadrava muito bem com o morro Santa Lucia ("Huélen" para os araucanos), na rua Moneda, no canto oposto deste morro.

Uma manhã de 1941 fui ao seu escritório para buscar a sua colaboração. Lhe encontrei sentado atrás do seu escritório, com a vista perdida nas torres e ameias da colina, que podiam ser vistas da sua janela. Não havia escrito a colaboração. Ao que parecia, já não desejava seguir escrevendo. Perante a minha insistência, começou a falar comigo de um modo estranho: "Para que escrever, para que seguir lutando do lado de fora...? Tu tens um país extraordinário. Há gente única aqui, difícil de encontrar em outra parte do mundo.... Acabo de conhecer..." e se calou.

Argumentei: "A guerra, Hugo, o combate, nossos inimigos, não podemos renunciar..."

"Já sei disto, Miguel, e não penso em abandonar o combate, somente continuá-lo de um modo mais eficaz, em outros planos..."

"Em que outros planos? Não o entendo. Somente aqui podemos travá-lo. Se eu pudesse, iria combater no front russo".

"Não. Há outra forma de destruir o inimigo..."

"Que outra forma? Não a conheço, exceto com as armas nas mãos".

"Há outras armas, que não destroem somente o corpo físico. E é lá onde será ganha a guerra, ou [onde ela] será perdida. Com essas outras armas..."

Não entendi nada, e insisti em meus argumentos. Ele se mantinha muito sereno, sempre com o olhar distante, como se escutasse uma voz interior, que lhe chegava das altas ameias, envoltas na luz transparente da antiga Santiago, deste longínquo Chile.

"Há alguém que deverias conhecer, um ser muito grande, um compatriota teu... Que país tão estranho é o Chile!..."

Parti sem a colaboração e creio que não mais voltei a conseguir outra dele. Mas segui lhe visitando, para conversar sobre a guerra e obter informações do seu país. De

vez em quando, ele voltava a insistir quanto à necessidade de que eu conhecesse este misterioso ser, do qual ele não me dava maiores informações.

E foi assim que um dia, meio que para agradar este amigo culto e apreciado, que aceitei acompanhar-lhe em uma visita a este personagem que se achava envolto em uma aura de mistério, pelas fragmentárias alusões, pela reticência com que a ele se referia.

Não somente em nosso país se vê muito desprestigiado o termo "esoterismo". As pessoas de letras, de pensamento, a gente culta, como gostam de se chamar, rechaçam a tudo o que possa ter a ver com esse termo. Na verdade, isto se deve à falta de cultura geral, como havia dito o meu amigo Jasão, à formação incompleta e à superficialidade; se assim preferir, ao racionalismo. Eu não estava isento de tudo isto naqueles tempos. Meu rechaço se devia, além do mais, ao fato de que são os judeus e os maçons que mais propiciam a proliferação de seitas ocultistas e espiritualistas que hoje, especialmente, nos esmagam. A própria Índia era vista como um foco desta contaminação, e já o sacerdote Omer Emeth (Emílio Vaisse), crítico literário do "El Mercurio", havia atacado o Conde de Keyserling pela admiração que este demonstrava pelo pensamento ário hindu e pela China de Lao-Tsé. A tal ponto chegava a ignorância e o sectarismo dos personagens que representavam e ainda representam a cultura neste mundo crioulo.

Há razão, todavia – mas uma razão de outro tipo – para desconfiar e se afastar de todas estas organizações e literatura ocultista, manipulada dos bastidores pela maçonaria e pelo judaísmo. Servem para desviar a atenção e o caminho das juventudes, retirando-as dos "negócios do mundo", que assim ficam unicamente em suas ambiciosas mãos. Depois da guerra, desde os anos setenta até atualmente, foi feito um uso indiscriminado do ocultismo, do hinduísmo, do zen-budismo, misturando-os com a música negra, os Beatles, a música pop, as drogas, os hippies e até mesmo o "boom" artificialmente provocado de Hermann Hesse, para destruir mais de duas gerações de jovens do mundo. Tudo isto é um plano arquitetado habilmente, como sempre, pelos Sábios de Sião. Foi possível graças à ausência de um esoterismo autêntico nas regiões do Ocidente, pela inexistência de um Cristianismo Esotérico, algo que seria possível ser desenvolvido, pois ali estavam presentes alguns elementos ários, como nos indicara o gnosticismo. A Igreja colaborou conscientemente – disto podemos ter certeza – no grande plano dos Sábios de Sião, organização a qual ela pertence, como nos ensina a exposição, também esotérica, de Rosenberg, a qual já mencionamos aqui. A hipocrisia se manifesta quando os seus "oficiais" rasgam as suas vestimentas ("Opus Dei", jesuítas, etc) ao ouvir a palavra esoterismo. Eles são os culpados da sua proliferação, por ter dado ao cristianismo uma direção eminentemente judaica, marxista, ou pró-marxista, fazendo desaparecer os elementos ários que lhe foram agregados nos primeiros anos depois da sua entronização em Roma, com o aporte do sangue nórdico e dos antigos rituais do culto mitraistico-iraneo. Importantemente, **as primeiras comunidades cristãs eram formadas exclusivamente por judeus da Alexandria, da Síria e da Sicília**. Otto Rahn tem razão quando se refere às diferenças entre o judaísmo ortodoxo e o cristianismo como sendo **uma disputa entre rabinos**.

Todas as grandes religiões conhecidas tiveram um aspecto exotérico, ou seja, exterior, profano, para a massa dos crentes, e outro esotérico, para uma minoria restringida e seleta de iniciados. Assim o era com os cultos egípcios e gregos. Aqueles

ignorantes que, grandiosamente nos falam de Aristóteles, Sócrates, Platão e do "pensamento racional dos gregos", desejam negligenciar o fato de que por trás deste pensamento se encontravam os Mistérios de Eleusis, de Delfos e outros, nos quais estes mesmos filósofos, sobre tudo Platão, Esquilo, Eurípedes, participavam, ainda que deles eles não pudessem falar. Os cultos e a mitologia órfica são a base do pensamento filosófico da Grécia Antiga. A própria palavra 'esotérico' vem do grego *eisoteo* e quer dizer "fazer entrar", "abrir uma entrada" (em direção aos Deuses: *Theo*, *eiso-theo*).

Jean Marquis Riviere, grande anti-maçom, que escrevera "A Traição da Maçonaria", depois de tê-la conhecida por dentro e haver se colocado ao lado de Hitler durante a Grande Guerra, cita em seu livro, "História das Doutrinas Esotéricas", umas declarações de Orígenes [de Alexandria]: "Se é necessário nos atermos à letra e entender o que está escrito na Lei ao modo dos judeus, ou da massa, eu ficaria ruborizado em dizer em voz alta que foi Deus quem nos deu tais leis... Somente um espírito muito limitado poderia admitir que Deus se entregou ao exercício da agricultura, plantando árvores no Jardim do Éden, situado no Oriente; que uma destas árvores era a árvore da vida, que a outra podia dar a ciência do bem e do mal. Ninguém, acredito, pode deixar de entender estas coisas como símbolos sob os quais estão ocultos os Mistérios..."

A Igreja cristã, precisamente, o entendeu deste modo errado, ao pé da letra, "como os judeus", exotericamente, não esotericamente. Não obstante, dizer "como os judeus" é um erro; seria preciso dizer "como o querem os judeus". Porque eles também possuem um exoterismo, para a sua massa, representado pelo Torá e o Talmude, e um esoterismo, na Cabala (que quer dizer "Tradição Recebida"), no Zohar ("claridade"), sendo a Merkaba a parte mais secreta da Cabala e que unicamente os rabinos iniciados conhecem e usam como poderosa ferramenta da sua magia. Já dissemos que a Cabala chegou a eles de fora, como todo o resto, na Idade Média – ainda que nos digam o contrário – usando-a e transformando-a em concordância com o seu Arquétipo. Os Hasidin, da Polônia, representam uma facção exclusivamente esotérica do judaísmo.

Também o maometanismo possui o seu esoterismo mágico, representado pelo sufismo e pela facção dos Asessin – Hasanitas – do Irã. Eles interpretam simbolicamente o Alcorão. E foi no contato com esta facção do "Ancião da Montanha" que os Templários se sentiram impelidos a se afastar cada vez mais de Roma, centrando-se em seu cristianismo esotérico e no seu Mistério do Graal. Foi por isto também que Roma os destruiu, assim como aos esotéricos cátaros (*katharos* = puro, em grego), ao bogomilos, aos maniqueus e aos gnósticos.

Na Igreja Romana, chamada Católica, somente perdura um ritual sem alma na missa, como uma casca litúrgica que já não alcança o Símbolo, que não o toca, que não o põe em ação. O aporte nórdico foi perdido, foi destruído à vontade pelo preconceito e com a perseguição etnológica ao nordismo e ao germanismo, e devido à entrega total ao judaísmo.

O Zen Budismo guarda o esoterismo da doutrina de Buda. No Japão, o Shinto e o Zen eram praticados por uma casta racialmente superior e guerreira, o samurai. O lado mais esotérico do hinduísmo se encontra no Tantrismo, especialmente na Ordem Kaula, ou Kula.

Assim entendido, esoterismo é aquilo que vai mais além da forma externa e de massa, do físico, e põe uma elite em contato com forças invisíveis e superiores. No meu caso, com aquilo que em meio ao sono estava me paralisando e me deixava sem meios

de poder influir sobre o fenômeno. O visível é símbolo de forças superiores (Arquétipos, Deuses). Por meio de um conhecimento esotérico, de uma Iniciação neste conhecimento, uma minoria hierarquizada pode tomar contato com estas forças invisíveis, podendo atuar sobre o Símbolo, dinamizando-o e controlando os fenômenos físicos que o encarnam. No meu caso: chegar a controlar o processo involuntário no qual, sem saber como, eu estava sendo arremetido; poder direcioná-lo, canalizá-lo ou evitá-lo. Jung se referiu a exatamente isto quando disse que "se alguém enfrenta sabiamente o Arquétipo, em qualquer lugar do mundo, isto adquire validez universal; porque o Arquétipo é um e indivisível".

E o meio para alcançar este mundo espiritual, "no fundo do espelho", é a Magia, o Rito, o Cerimonial. Todas as religiões o possuíram, até a cristã, como dissemos. E o Rito não é algo inventado pelos humanos, senão que inspirado pelos "de lá" – Jung diria "pelo Inconsciente Coletivo". Por isso, o Ritual deverá ser cumprido com exatidão e segundo a Lei, porque tem poder sobre o Arquétipo; a Ele chega e o "obriga" a responder, a atuar, por acordo e vontade recíprocos. Eis a razão do perigo de oficiar o Rito de forma equivocada, sem cumprir de maneira exata a prescrição do céu, em seus menores detalhes de tempo e espaço. É este o perigo da missa católica, hoje oficiada por sacerdotes ignorantes, exotéricos. Por isto mesmo, aquele que ali vem, não é um Deus, senão que o Demônio Jeová. E assim o mundo desliza em direção ao caos, o "Seu" Caos.

No que concerne rituais, assisti uma vez na Índia um banquete em honra ao ex-vice-rei inglês, Lorde Mountbatten, no grande salão de cerimônias de Rashtrapati-Bharan, antigo Palácio dos Vice-reis. Este Lorde, que havia traído o seu sangue germânico e a sua "memória" (seu pai foi obrigado a mudar o seu nome de Battenberg para Mountbatten), pronunciou um discurso, aconselhando os hindus a "jamais abandonar o ritual, o cerimonial, seguir praticando-os com a pompa dos velhos tempos..."

O Ritual, a Magia, eram precisamente o que eu ia buscar do Mestre: os meios, as fórmulas, os signos, que me permitiriam passar para o "outro lado" e estabelecer assim um diálogo com as forças invisíveis, cujos símbolos são unicamente os fenômenos do mundo físico visíveis aos olhos do nosso corpo. Um diálogo com "os de lá", com os que levaram Jasão, nas glorias da sua noite antiga.

Isto, e não outra coisa, é o que na verdade deve ser chamado de Iniciação. Para obter *conhecimento*, os bardos precisavam de mais de vinte anos de instrução. A *gnose* dos Rishis ários. Rishi quer dizer *ver*. Ver "os de lá", precisamente.

Como eu disse, meu primeiro encontro com o mestre não deveria causar uma grande impressão, ao menos nos primeiros instantes. Sempre foi assim com acontecimentos essenciais. Me vi frente a um homem de estatura mediana, de olhos azuis muito claros e que falou de coisas que eu não entendia muito bem e às quais não prestei muita atenção. Mesmo assim, escutava as perguntas do meu amigo, desejando conhecer a razão que lhe havia levado e se encontrar ali, abandonando a luta ativa. Algo como que uma nuvem envolvia o quarto e era difícil me concentrar. E foi dentro desta nuvem que, sem saber como e nem porque, lhe fiz a pergunta sobre a minha experiência noturna. Nunca soube o que me levou a fazê-la, pois eu não havia ido até lá com tal objetivo; ademais, nesse momento, eu havia esquecido de tudo isto. Foi como se outro em mim houvesse feito a pergunta. E a resposta me surpreendeu:

"O corpo astral... Sabes tu algo sobre o corpo astral? É um nome que Paracelso deu à essa energia agregada, unida ao corpo físico, essa substância material, mas de

uma matéria mais sutil, de vibrações mais intensas e que recebe a influência dos astros, segundo ele. Por isso ele a chamou de "corpo astral". Os filósofos *Samkhya*, da Índia, a chamaram *Sushmasarira*; os tântricos, *Lingasarira*; os egípcios, *Sâhu*; os tibetanos, *Ja-lus*; os chineses, *Che-kai*; os Siddha, *Siddha-rupa*, e os magos *selcnam*, os *Jon de Terra do Fogo*, *Huaiyuhuén*. Agripa a chamou *Eydelon* e os gnósticos, Corpos Radiante. Enfim, tantos nomes para uma mesma coisa que não se conhece bem e cuja substância parece fazer parte de algum modo de energia a qual descrevemos como consciência. Mas "isso", o "Corpo Astral", não chega a ser consciente do mesmo modo que nós o somos aqui, neste mundo onde nos movemos com o veículo físico. Por isso, deveríamos dizer que o Corpo Astral, como o seguiremos chamando, que o *Eydelon*, que o *Huaiyuhuén*, existe somente em potência, virtualmente, sendo preciso que nós o criemos, "inventemos", isto é, passando-o à consciência do nosso eu terrestre, torná-lo consciente, que é o mesmo, ainda que com uma consciência integrada, diferente. Com uma dupla consciência, a "de lá" e a "de cá". É esse o trabalho de uma vida, aqui na Terra: Inventar o corpo astral, criá-lo, passando-o à nossa consciência, ou, melhor dizendo, podendo chegar a viver conscientemente nele – com esta dupla consciência. Assim sobreviveremos à morte. Também será possível morrer quando quisermos... E ao morrer, não perder a consciência de "cá".

Fez uma pausa, me observou por um momento, e continuou:

"O que lhe aconteceu é uma benção, porque agora podes começar o teu trabalho, a sua grande obra, com diriam os alquimistas Paracelso e Agripa; começar a tecer, a criar, a formar o seu corpo astral. A dar uma forma consciente a este embrião. Também a unir o corpo sutil, de matéria mais alta, com outro "corpo" ainda mais puro, de energia mais espiritual que a do *Huaiyuhuén*, com o corpo de consciência objetiva, com *Buddhi*. E este trabalho de construir pontes entre três ou mais corpos, que estão em você, que são você mesmo de algum modo, somente pode ser feito aqui na Terra. Quando o houver conseguido, será um Pontífice, isto é, uma ponte entre mundos, seus mundos. Será um Rei-Sacerdote, como os faraós, os Rishi e como o Führer..."

De repente, eu soube que estava entendendo o que esse ser me dizia, de pé no centro do recinto, falando de maneira inspirada. A nuvem desvaneceu e vibrações começaram a percorrer o meu corpo, como nas minhas noites. Eu lhe escutava agora com grande atenção.

"Não há outro modo de alcançar a imortalidade, a qual não é para todos, senão que para uns poucos capazes de travar este combate, o verdadeiro Combate, esta guerra, a verdadeira Grande Guerra. Por isso, nós que aqui estamos somos guerreiros de uma Ordem sem tempo, sem idade... Vós estais sendo trazido a este combate pelo seu próprio destino, pelo seu corpo astral, que lhe pede, lhe exige que o leve à vida consciente, que o conecte ao Outro Corpo de uma gnose divina, superior, com sua Mônada, seu Purusha, seu *Deus* e que, conscientemente, lhe entregue o seu corpo físico para *cognocer*[6] nesta terra... O corpo astral é como o negativo do corpo físico; mas um negativo que foi apagado. Poderíamos dizer que dele é de onde outras fotografias voltam a ser reveladas. A "reencarnação", ou o que assim chamamos, para facilitar a compreensão de algo incompreensível. O corpo astral tem idêntica forma ao físico, ainda que em branco e preto, diríamos, encontrando-se como que do outro lado de um

[6] N. do T.: Aqui o autor usa uma antiga forma do verbo espanhol 'conocer' a qual é derivada do latim *cognoscere*, de conhecer, descobrir, etc, e já não é mais usada. Resolvi manter a forma original por questões de estilo, por acreditar que foi uma intenção proposital do autor usar uma forma verbal do latim.

espelho. Não todos o possuem; foi patrimônio dos ários e se atrofiou, assim como o *Vril*. Somente os viryas podem ressuscitá-lo. O que aqui é direita, ali é esquerda, o que aqui é polo norte, ali é polo sul. Por isso, quando se contempla o corpo astral, é diferente. Os discípulos de Kristos não lhe reconheceram quando ele veio até eles em corpo astral depois de morto, no caminho de Emaús. Porque os mortos apenas se parecem com os vivos. Kristos havia materializado o seu corpo astral e lhes dizia: "*Noli me tangere*! " Não é possível tocar o corpo astral materializado; a descarga de corrente que é produzida pode matar. Como poderás ver, esta lenda corresponde a um ***kristianismo esotérico***, que atualmente ninguém deseja revelar..."

O Vira transmutou o seu sangue em fogo.
Seu mundo, seu corpo astral.

Ele voltou a ficar mudo. Envolto em uma luminosidade, eu não podia enxergá-lo bem.

"O que está lhe acontecendo é um desprendimento do seu corpo astral enquanto o seu corpo físico dorme. Isto acontece aos *vîras*; é um processo automático, inconsciente. Às vezes, por simples acaso, um lampejo de consciência alcança este corpo sutil, e então, no despertar repentino, ou no dia seguinte, se tem a impressão de haver vivido algo muito mais real do que a realidade física. O *deja-vu* dos psicólogos tem a sua explicação neste fenômeno de desprendimento..."

Vim a recordar estas palavras anos depois, durante a minha primeira visita à Viena. Indo em um automóvel com um amigo, lhe pedi que parasse [o carro], pois eu estava "recordando" tudo o que estava vivendo. Comecei a lhe descrever os edifícios e as ruas que viriam pela frente. Ele ficou surpreso, pois eu estava lhe descrevendo com precisão o que ainda não havíamos visto. Eu nunca havia estado naquela cidade. Era o que eu acreditava.

"O corpo astral viajou durante a noite e, de algum modo, se lembra, melhor dizendo, traz para a sua consciência diurna a memória do que fora visto, daquilo que vós vistes por meio dele. OU seja, a sua consciência foi passada para este outro lado, se conectou, uma ponte foi estabelecida..."

Se deteve por um momento para fazer uma comparação bastante chilena:

"Já vistes estas crianças que empinam pipas e através do barbante enviam mensagens em pequenos pedaços de papel que vão subindo lentamente até alcançar a pipa? Assim o é, mais ou menos, com este outro. O corpo astral, que se desprende, segue unido ao corpo físico por um fio, que chamam de "cordão de prata" e que somente a morte o corta. Graças a este cordão, pode ir a distâncias incomensuráveis, sem perder a conexão com o seu corpo físico. Sempre retorna. Assim também vós fazeis com que a sua consciência chegue a ele, como estas mensagens das crianças à sua pipa.... Sim, há que voltar a ser como uma criança para entrar no reino dos céus... com o seu corpo astral. Preste atenção à esta outra analogia: Assim como a criança estava unida à sua mãe através do cordão umbilical, o corpo astral está unido ao seu pai, o corpo físico, pelo cordão de prata. O filho chora e se desespera ao nascer, quando lhe cortam o cordão que o unia à mãe. Acredita que é a morte; todavia é uma nova vida. Do mesmo modo deverá acontecer ao *vîra* que morre; ao ser cortado o cordão de prata, ele entra em uma outra vida. A morte é a nova vida. Tudo isto é arquetípico. Somente os acontecimentos que expressam arquétipo tem realidade ontológica. O demais...bem, "mortos que enterram os seus mortos", para seguirmos com o kristianismo esotérico..."

Arquetípico, penso atualmente, é também o astronauta que, no espaço cósmico, ao sair da *nave-mãe*, se mantém unido a ela por um *cordão*. Contudo, para poder nascer de verdade em uma outra vida cósmica, esse cordão teria que ser cortado. Mas isso o astronauta não conseguirá por meios puramente físicos, com uma tecnologia tão rudimentar. Em todo caso, não entrará no verdadeiro "reino dos céus"".

O Mestre continuava:

"O corpo físico é o filho da mãe; mas o corpo astral é o "filho do homem". Tu terás que dar à luz a ele. Tu vês? Chamaram a Kristos de "Filho do Homem"; porque Kristos é o corpo astral, que deve nascer, ressuscitar, dentro de nós mesmos. É o Filho da Imortalidade, da Eternidade.... Por hora, nada mais é que uma nebulosa, um fantasma sem forma, uma sombra atrofiada, que lhe está pedindo aos gritos que o traga de volta à vida, que o ressuscite, que de uma forma a ele, a sua forma, que dê a ele um

Rosto. Mas não te esqueças, o corpo astral, o Filho do Homem, do guerreiro, não é igual a ti, somente parece contigo em parte, porque terá dois rostos, melhor dizendo, somente a metade do seu rosto será igual ao seu; a outra metade será igual a de um ser que ainda não aparece na sua vida.... Como já poderás entender, tudo isto é um combate definitivo, essencial, e o que seguem comigo são os meus guerreiros; porque a nossa Ordem é uma Ordem Guerreira, a mais antiga, a mais sagrada...”

Agora eu começava a entender o meu amigo italiano e porque ele havia se afastado do combate exterior.

“O que vos acontece é o seguinte: O seu corpo astral se desprende durante a noite, enquanto o seu corpo físico dorme e sonha todas estas incoerências às quais os psiquiatras dão tanta importância e que nada mais são que atividade elétrica desordenada, assim por dizer, restos, detritos psíquicos, alimento de psiquiatras e necromantes. O corpo astral está [do lado de] fora e a sua carga de energia se encontra nos astros, precisamente. Todavia, da “pilha elétrica” do corpo ele deverá obter força vital capaz de fazê-lo consciente; devolver-lhe um Rosto, dois Rostos.... No seu caso, algo disto estaria sendo conseguido de modo quase automático, ou melhor, em razão de trabalhos feitos em vidas anteriores, como diria um hindu...”

Como se ele o houvesse previsto, desta mesma maneira me falou anos depois em Kerala, na Índia, o Swami Krishna Menon. Ao escutar o relato da minha experiência, ele disse: “Isto se deve ao fato de que na sua vida anterior tu praticastes Yoga”.

“O seu astral sai durante a noite”, me dizia o Mestre, “e ao tentar retornar ao corpo se encontra com um obstáculo. O astral se une ao corpo físico como estes conectadores elétricos de muitos apêndices, que devem se encaixar de maneira exata em múltiplas entradas. Qualquer erro e a conexão não ocorre. Uma espécie de drácula, de vampiro, de íncubo que aspira a se carregar com a energia desta “central”. Mas isto não é comum, pois existem defesas sólidas. No seu caso, o mais provável é um processo automático de desprendimento, por alguma razão ou destino, quiçá por alguma formação cerebral particular, uma herança de família; também pode ser em razão da luta na qual te empenhastes, tornando-se credor da intervenção de guias invisíveis. Estás despertando. É assim que o processo vem a ser interferido por um relâmpago da consciência racional. E o astral, que por hora é somente um embrião (no processo da Ressureição), é deixado no meio do caminho, sem poder entrar no seu corpo físico e nem sair totalmente dele. Por isto que te vês paralisado. Mas isto não é a catalepsia, não poderá *voltar a sê-lo* (e o Mestre disso “voltar a sê-lo”) porque vós despertastes aqui e agora, e não dentro de um caixão...”

Me via atento a cada uma de suas palavras, espantado. Toda a minha resistência havia terminado.

“Se desejas ir, se não se rebelares no umbral desta morte, haverás ressuscitado.... Mas primeiro terás que morrer, deixar-se cair na morte, nessa perda de consciência corporal, para despertar com outra consciência no seu corpo astral. É como passar do Sol de Ouro ao Sol Negro – através de um buraco negro – para encontrar-se de novo, após esta morte mística, em outra luz, talvez de cor verde, no Raio Verde. É esta a morte mística dos antigos Mistérios e das Iniciações. Por isso os ários são nascidos duas vezes; ou seja, os Iniciados, os que morreram aqui voluntariamente e já não morrem a morte física natural, porque então vivem no seu corpo astral, no Filho ao qual deram à luz: o Filho do Homem.... Para poder superar o acontecimento que tu já pressentes, sobrevivendo, é preciso um Guia, uma ciência antiga e indicações que

somente eu posso lhe dar.... Está e a razão pela qual estais aqui.... Muitos são os chamados, poucos são os Eleitos...”

Assim foi o modo como cheguei ao “esoterismo” – para continuar utilizando este termo de origem grega. Nada teve a ver com este misticismo difuso, com essa debilidade mental, essa queda nos valores que caracteriza os teósofos, rosa-cruzes e outras seitas que proliferam no mundo contemporâneo. Para mim significou uma ampliação do combate em que me encontrava à um plano até então desconhecido. E de um modo sincronístico, em dois mundos, ou mais, porque era a única possibilidade que me era apresentada para poder canalizar os acontecimentos da minha vida interior, os que eu não havia provocado, que haviam acontecido por si mesmos, levando-me à beira do desconhecido e causando-me espanto. Esta era a única saída que me era apresentada. De fato, o assunto era de vida ou morte. Agora eu compreendia isto muito bem.

Quis ser iniciado pelo Mestre imediatamente. Soube que isto não seria possível, que deveria esperar até que os “de lá” o decidissem, autorizando-o. Como aconteceria isto? Não tinha a menor ideia. Desde aquele dia eu não deixei de visitar o Mestre, seja nas reuniões com os seus discípulos, que ele preferia chamar de “seus guerreiros”, ou a sós, quando ele assim o permitia.

O grupo, o círculo (*kula*, no tantrismo; *kuilkanota*, no esoterismo dos incas), era constituído de poucas pessoas, todas partidárias de Adolf Hitler na Grande Guerra.

A Ordem era exclusiva. Era regida por setenta e dois Brâmanes e o número total de seus membros não podia exceder duzentos e um aqui na Terra. Compreenderão, portanto, o quão difícil era pertencer à esta Ordem, a honra que isto significava e o porquê da necessidade de ser aceito pelos “de lá”, por esses Brâmanes invisíveis, cuja sede dos guerreiros somente podia ser visitada no astral. O “Templo”, como o chamava o Mestre, se encontrava dentro de uma Montanha Sagrada, em alguma parte do mundo, seguramente no Oriente, no Himalaia. Em todo caso, ele nos assegurava que se encontrava “dentro da Terra”, fato que veio a adquirir maior importância para mim com o passar do tempo.

Dez anos depois, quando eu procurava na Índia, às portas do Tibete, em Kalimpong, encontrei um estrangeiro que também buscava naquelas alturas. Lhe perguntei se havia ouvido falar da Ordem. Quase um ano depois recebi uma carta sua, na Velha Deli. Me revelava que a sua investigação lhe havia levado a saber que a Ordem havia tido uma misteriosa intervenção nos acontecimentos políticos recentes e no passado do mundo. Não dizia nada mais, acrescentando que somente pessoalmente poderia informar-me mais. Não voltei a vê-lo, muito infelizmente.

O mero fato de estar dirigida por Brâmanes nos indica a importância da Ordem. O Brama pertence a uma das primeiras castas do hinduísmo, a sacerdotal. É o custódio da velha ciência e sabedoria dos Vedas. Antes da grande guerra do Mahabaratha, as castas principais, a Shastriya e a Bramanica, precisaram formar uma única na Índia, como no Irã. Ou seja, o Rei era também Sacerdote, assim como no Egito.

A organização mais sábia que existiu sobre a Terra, após a desaparição da Hiperbórea, é a indo-ária, dividida em castas. A sua descrição está no “Código de Leis de Manú”, que Nietzsche admirava. O nome ‘casta’, invenção de algum marinheiro português, na verdade é *varna*, significando ‘cor’, em sânscrito. Ou seja, os ários que conquistaram a Índia, após a destruição catastrófica da civilização do Gobi, para não se mestiçar com os povos aborígenes de cor, do subcontinente índio, com “os filhos dos terrestres”, criaram este sistema *varna*, no qual a cor era o mais importante, a

preservação da cor azul-branca hiperbórea, ária, dos “nascidos duas vezes”. Se tratava de manter o sangue puro, a “memória do sangue”, através da qual se preservava o contato com os divinos antepassados hiperbóreos, polares. O político e escritor hindu Lokamanya Bâl Gangâdhar Tilak, em sua obra “The Artic Home in the Vedas” (O Lar Ártico nos Vedas), traz ao nosso conhecimento as provas existentes nos antigos e sacros textos védicos de que o lar original dos ários foi o Polo Norte. Ou seja, a reprodução em um continente material daquilo que os gregos chamavam Hiperbórea – “mais além do Deus Bóreas, do frio e da tormenta”.

As lendas orientais das cidades secretas do Himalaia, Agarthi no Tibete, Agartha na Índia, também Shampullah, ou Shamballah, contam que teriam sido construídas no interior da Montanha, após a grande catástrofe que havia destruído a civilização do Gobi depois do desaparecimento do Continente Polar, de Paradesha, da Thule. A réplica subpolar destas cidades encantadas se encontraria na Cidade dos Césares, dos Andes, em Paititi, em Elellin, em Trapalanda. Já sabemos que a lenda é uma recordação antiquíssima, também arquetípica, que de algum modo encontrará a sua realização na Terra exterior, assim como na alma. A Tróia de Homero está nos apontando isso.

Ali dentro, em algum destes lugares secretos, estariam os nossos Brâmanes. O Mestre nos assegurava que as células interiores do Templo e a grande sala de cerimonias estavam iluminadas por uma luz branca, que não era eletricidade.

Falar de Brâmanes significa raça, no sentido que temos lhe temos dado aqui. Não é de estranhar, por isto, que o meu Mestre e todos os seus guerreiros estiveram ao lado do Hitlerismo Esotérico. Porque esses Brâmanes, que dirigiam a Ordem, teriam que ser Ários. Um Brâmane não pode ser outra coisa – um puro Brâmane das origens. Já Saint-Yves d’Alveydre, no começo deste século, em sua obra “Mission de l’Inde”, se refere a uma misteriosa ordem universal dirigida por Brâmanes.

A Ordem chegou ao Chile trazida por um alemão, também no começo do século. Foi ele quem iniciou o Mestre. Sendo assim, a Alemanha esteve muito diretamente envolvida com isso, desde o começo. Outro “acaso cheio de sentido”.

De todos os centros esotéricos da época da Segunda Guerra Mundial e nos de hoje em voga, não sei de outro que tenha sido tão totalmente partidário, e que continue sendo, da Alemanha de Hitler. Todos estão manipulados pelo judaísmo, direta ou indiretamente, mantendo ligações com a maçonaria; no Oriente, assim como no Ocidente. Somente a Ordem do meu Mestre esteve ao lado do Führer ário, e assim continuará. Na Alemanha do pré-guerra, também a “Ordem Thule” contribuiu para a criação do nazismo. E existira um contato essencial na origem desta Ordem alemã com a nossa.

As conexões que sem dúvida existiram entre o hitlerismo e o Tibete são muito misteriosas e, até o presente, não puderam ser reveladas. Entre Berchtesgaden e Lhasa foi estabelecida uma ponte espiritual. A prova de que isto foi assim pode ser vislumbrada no trágico destino do Tibete, que caiu como nação independente após a derrota física da Alemanha. Em um mundo controlado pelos judeus, a destruição do Tibete, aceitada internacionalmente, não pode ser causal.

Em razão de certos detalhes e indícios que eu pude conhecer, cheguei a imaginar que o iniciador alemão que chegara ao Chile e que foi o Mestre do meu Mestre, pôde manter algum contato secreto com a “Ordem Thule”. O nome Thule é o da cidade mítica, capital da Hiperbórea. Quatrocentos anos antes da nossa era o geógrafo e navegador grego Piteas de Marsiglia partiu em sua dela. Não conseguiu chegar lá, porque o

Continente e a Cidade já não existiam no mundo visível. Mas Jasão sim chegou, e, sobre o galho de uma Azinheira sagrada, encontrou o Velocino de Ouro. A maga hiperbórea Medea entregou-o a ele. Allouine, algum dia, fará o mesmo por mim.

Estive a ponto de seguir o caminho do meu amigo e camarada Hugo Gallo. Quis dar fim ao "La Nueva Edad", para dedicar-me por inteiro ao trabalho no mundo interior, ao combate em outro plano. Mas o Mestre nunca me pediu que eu deixasse a luta exterior, porque me assegurava que a guerra estava sendo travada simultaneamente em dois ou mais mundos. "O que está dentro é como o que está fora, o que está acima é como o que está abaixo", dizia, repetindo a frase hermética.

Deixei de publicar a revista. Isto acarretou perplexidade nos meus amigos da Embaixada Alemã. Me convidaram para uma reunião na qual me consultaram quanto à causa da minha decisão. Era impossível revelá-la. Eles insistiram no fato de que eu não podia abandonar o Führer na metade do caminho, coisa que jamais pensei em fazer. Tampouco podia dizer-lhes isto. Compreendi que assim era, porque *Meine Ehre heiβt Treue*. ("A minha honra se chama lealdade"). E voltei a editar o "La Nueva Edad".

A interrupção foi muito breve; contudo, do número 19 em diante era possível notar uma diferença de estilo, de atmosfera, sendo direcionado à uma certa revelação do Hitlerismo Esotérico, coisa que haveria surpreendido nossos inimigos. O Senador socialista Eugenio González nunca foi por mim considerado um inimigo, por sua cultura, por sua inquietude e seu nível espiritual. Ele captou a revelação. Mais de vinte anos depois, sendo reitor da Universidad de Chile, ele me consultou quanto a fonte do meu conhecimento do esoterismo de Hitler, que ele havia descoberto pela primeira vez no "La Nueva Edad". Eugenio González era maçom. Certamente, nas lojas também devem ter analisado isto.

O grande descobrimento no contato com o Maestro foi precisamente sobre a personalidade de Hitler e do esoterismo da sua luta. Até então, o único indício que aqui obtivéramos sobre a estranha personalidade do Führer foi lendo o livro de Hermann Rauschning, "O que Hitler me disse". Esta obra ainda hoje muito misteriosa, somente pode ter isso escrita por um maçom, por alguém que recebera instruções e que tenha sido usado por outras forças ocultas para escrevê-la e publicá-la. Rauschning pertencia à pequena nobreza campesina prussiana, se não engano, e, por isto mesmo, passaria a representar o posto avançado da traição, essa parte apenas visível do iceberg, que aparecera na superfície da Grande Guerra. Mais adiante vamos dedicar a este tenebroso assunto mais atenção.

Foi o Mestre quem me entregou, de uma vez e para sempre, a revelação sobre Hitler. Seu conhecimento era direto, sem possibilidade de equívoco. Eu tive muito tempo, anos, para pensar sobre o que ele nos dissera, analisando-o cuidadosamente, como foi o meu propósito, especialmente nesses assuntos e temas de tão difícil compreensão. Meu temperamento, minha formação intelectual, me levaram a observar o mundo mágico de um modo analítico, sem fantasias e nem ilusões desmedidas; porque as coisas mágicas eu não as busco, elas me acontecem. Por isto mesmo, me encontro imerso no que poderíamos chamar de um "realismo mágico", que mesmo sendo mágico, nem por isso deixa de ser realista. Quem leu "La Serpiente del Paraíso", sobre a minha experiência na Índia, poderá se dar conta de que minha fantasia jamais me impediu de ver as coisas em sua justa proporção e que não fui tomado de surpresa pela falsificação que os místicos e os iogues daquele país podem fazer do espiritualismo.

Informei ao meu Mestre com todo realismo e até ceticismo sobre as minhas buscas do Ashram dos Siddhas e sobre o que eu pude descobrir quanto à localização do nosso Templo no Himalaia.

Minha experiência, muito jovem, com a política do meu país havia me predisposto à dúvida e a tratar de descobrir o pano de fundo oculto por trás dos fatos. A mesma atitude, sem poder evitar isto, eu mantive sempre frente à o que o Mestre nos expusera; porque o a última coisa que eu poderia pretender fazer era enganar a mim mesmo. Até o final dos meus dias, sei que não poderei mentir. Nisto sou visigodo até os ossos. Um germano não sabe mentir. Por isso os alemães sempre foram diplomáticos ruins, em um mundo onde a “mentira orgânica” é a moeda em circulação.

A relação entre discípulo e Mestre é arquetípica; isto é, sempre idêntica, não pode variar. O Mestre que aceita um discípulo põe sobre os seus ombros um fardo pesado, passando a ser o transmissor de ordens e instruções que lhe chegam de um “mais acolá”. Por isto mesmo, quando o Mestre fala *ex cathedra*, participa da infalibilidade. E o discípulo deve obedecer *ad cadaverem*, sem jamais discutir (*sem analisar, neste caso*) tal como guerreiros Hasanitas do Velho da Montanha. Qualquer ordem, por mais descabida que pareça, deve ser cumprida; porque o discípulo não está capacitado para compreender o profundo sentido oculto que nela está contido. Sendo assim, o Mestre passa a ser responsável um acontecer oculto, esotérico, que está abrindo portas para um outro mundo, para um novo ser que virá a nascer. Toda deserção, toda queda do discípulo afeta o Mestre em sua própria essência, lhe dana, lhe fere, além do que ele terá que prestar contas aos “de lá” por ter se equivocado na escolha do discípulo. Por isto mesmo, para a minha aceitação, o Mestre esperava uma ordem, um sinal direto dos Brâmanes e do Templo. Sua responsabilidade consistira em haver recomendado o discípulo, em haver pedido a sua aceitação, em haver lhe respaldado.

Bem, toda vez que o Mestre nos falou de Hitler ele o fez *ex cathedra*. Somente direi que o que ele disse; e também o que não disse. Na relação entre discípulo e Mestre existe um intercâmbio criador, um diálogo, em que ambos ganham, passando a ser como a execução de um concerto para dois violinos, de Bach, ou de um violino e um violoncelo. Na execução desta obra, sigo participando, porque ela ainda não foi concluída; chegando a crer que não terminará nunca, que será pela eternidade.

O nome sânscrito do Mestre é Guru; do discípulo é Chela.

O Mestre disse:

“Hitler é um ser extraordinário. Não existiu no mundo um homem com a vontade de Hitler. É o ser de vontade absoluta. (Shudibudishvabhaba). Hitler é um enviado. Eu lhe vi no astral e ele também me viu. Hitler tem a capacidade de traspassar voluntariamente a energia ao astral”.

“Isto é conseguido somente através de uma Iniciação. E quando não é assim, então trata-se de alguém que veio a este mundo voluntariamente para cumprir uma missão, trata-se de um ser altamente evoluído, um Boddhisatva, um Tulku. Neste caso não é necessária uma Iniciação, porque trata-se da encarnação de uma Divindade. É possível que Hitler o seja”.

O Mestre fazia sempre uso de palavras sacras para se referir a assuntos sacros. O professor C. G. Jung, devendo movimentar-se pelo mundo profano das ciências atuais, da psicologia, tratou deste mesmo tema de um ponto de vista cientificista. Mas fez

declarações sobre Hitler absolutamente extraordinárias a H. R. Knickerbocker, em uma entrevista que foi publicada na "Hearst International-Cosmopolitan", em Nova Iorque, em janeiro de 1939.

Eis aqui o que Jung disse:

"Hitler é um vaso espiritual, uma semi-deidade; ainda mais, um Mito. Mussolini é um homem e, por conseguinte, na Itália fascista tudo tem um caráter mais humano do que na Alemanha nazi, onde as coisas se dão por revelação. Como homem, Hitler apenas existe. Em todo caso, ele desaparece *por detrás do papel*... Eu vi o Duce e o Führer juntos, quando Mussolini estava em visita oficial. Tive a boa sorte de encontrar-me a bem pouca distância deles e pude assim lhes estudar bem. Vi Mussolini alegrar-se como uma criança com o passo da parada dos militares alemães (*goose step*, "passo de ganso") e com o galope da banda militar de cavalaria, onde os tocadores de tímpanos dirigem os cavalos apenas com a pressão das suas pernas, pois ocupam as suas mãos com o golpear dos tambores. (Nós, no Chile, conhecemos bem isto, ou conhecíamos, pois, nossa cavalaria fazia o mesmo e nossa infantaria ainda marcha com o *goose step,* por sorte). Mussolini não ocultava a sua emoção estética com o espetáculo e, ao retornar à Itália, impôs o *gosse step* ao exército italiano. Na verdade, este passo de marcha é o mais impressionante que se pode ver.... Em comparação com Mussolini, Hitler me deu a impressão de uma espécie de moldura ("*scapffolding*"), um andaime de madeira coberto com roupa, um autômato com uma máscara, como um "robô", ou com a máscara de um "robô". Durante toda a cerimônia da parada militar ele jamais sorriu; se manteve carrancudo. Não mostrou um sinal humano. Sua expressão era inumana, a de um ser com um propósito contínuo, sem sentido de humor. (O humor! Algo do qual fazem tanto uso os seres do Kaly-Yuga, e o Demônio...). Hitler parecia *o dublê de uma pessoa real* (sublinhei isto por sua importância) como se *Hitler, o homem, estivesse dentro, como um apêndice, deliberadamente oculto para não perturbar o mecanismo*".

"Que extraordinária diferença entre Hitler e Mussolini! Com Mussolini sentimos que nos encontramos junto a um ser humano. Com Hitler nos espantamos. Se sabe que jamais será possível conversar com este homem; porque não há ninguém ali. Não é um homem, é uma coletividade. Não é um indivíduo; é uma total nação. (Um Tulku, com palavras antigas e sacras). Eu aceito como literalmente verdadeiro que ele não tem amigos pessoais. Não é possível explicar Hitler por meio de um contato pessoal, como não é possível explicar uma obra de arte examinando a personalidade do artista. A grande obra de arte é o produto do total do mundo onde o artista vive e das milhões de pessoas que lhe rodeiam e dos milhares de correntes de pensamentos.... Mussolini pode encontrar um sucessor; mas não vejo quem possa suceder a Hitler..."

"Hitler não pode se casar. Se se casasse deixaria de ser Hitler. Não me admiraria se ele houvesse sacrificado a sua vida sexual pela causa".

Todas as declarações de Jung são tão excepcionais que deveremos voltar a elas mais de uma vez.

Continua Jung:

"A verdadeira paixão de Hitler é a Alemanha. Isto significa, ao mesmo tempo, que ele se encontra dominado por uma Ideia. A Ideia é sempre feminina. A mente é uma mulher, porque a cabeça, o cérebro, é criador, como o seio materno. O Inconsciente do homem é feminino (*anima*), o da mulher, masculino (*animus*) ...".

"Hitler não tem ambições pessoais. Suas ambições vão muito além das do homem comum.... O poder de Hitler não é político, é *mágico*. (O sublinhado desta vez

aparece no original). Para entender este termo é necessário saber o que o Inconsciente é. É a parte da nossa constituição mental sobre a qual não temos quase nenhum controle, que contém pensamentos e até conclusões sobre as quais não somos conscientes.... O segredo de Hitler não é que ele tenha um inconsciente mais poderosos, mas pleno de pensamentos e recordações que o dos outros homens, senão que o seu segredo está no fato de que o seu inconsciente tem um extraordinário acesso à sua consciência e que ele lhe permite que lhe domine e mova. (O Mestre diria: "Voluntariamente traspassa a energia ao corpo astral"). É como um homem que houvesse escutado atentamente uma sussurrante voz que lhe chega de uma misteriosa fonte. E atua de acordo com ela. Nós temos demasiada racionalidade para obedecê-la. Mas Hitler a escuta e obedece. O verdadeiro líder sempre é guiado. O próprio Hitler se referiu a sua ***Voz***. Por isto ele tem sempre a razão acima de todos os seus conselheiros e a opinião dos observadores estrangeiros. Isto é porque a informação acumulada pelo seu inconsciente e que chega à sua consciência, por meio de seu excepcional talento, foi mais correta do que a de todos os que chegam a conclusões diferentes das suas. Hitler não pode deixar de obedecer a sua *Voz*. Quando anunciou no "Sport Palace" a invasão da Tchecoslováquia, a voz do Hitler humano tremeu. Que homem não teria sentido medo neste instante, ao tomar a decisão que poderia comprometer o destino de milhões? Todavia, a *Voz* lhe ordenava para seguir adiante. E ele tinha que obedecê-la.... Hitler é como Maomé, é o Messias da Alemanha, que ensina a virtude da espada.... O caráter religioso do hitlerismo se põe em destaque pelo fato de que as comunidades alemãs através do mundo adotaram o hitlerismo, apesar de estarem distantes do poder de Berlim. Vejamos a América do Sul, *especialmente as comunidades alemãs no Chile*.... Se Hitler fala gritando isto se deve ao fato de que deve ser assim, porque através dele se expressa o Inconsciente Coletivo da sua raça. A sua voz é, pelo menos, a de setenta e oito milhões de alemães. Tem que gritar, ainda que em uma conversa particular.... A *Voz* que ele ouve é a do Inconsciente Coletivo, especialmente a do Inconsciente Coletivo da sua raça; mas também de muitos ingleses, franceses, até tchecos, que sentem admiração por ele, além de medo".

No diário "The Observer", de Londres, em outubro de 1936, Jung declara: "A política alemã não é feita, ela é revelada através de Hitler. El é a Voz dos Deuses.... Hitler governa por revelações. Por isto a sensibilidade exagerada dos alemães ante a crítica ou ataque ao seu líder. É uma blasfêmia para eles, porque Hitler é o seu Oráculo.... Quando Hitler foi pressionado por outras nações para que não se retirasse da "Liga das Nações", se isolou por três dias em seu refúgio, e, então, sem nenhuma explicação disse: "A Alemanha deve se retirar". Isto é uma revelação".

"Na Alemanha se trabalha hoje em dia pela criação de uma aristocracia. Os SS estão sendo transformados em uma casta de cavaleiros (como os Cavaleiros Teutônicos e os Templários) que governarão setenta milhões de alemães.... Sem a ideia de uma aristocracia não é possível estabilidade. Vocês, na Inglaterra, devem ao *gentleman* a posse do mundo".

....

Nunca, em nosso tempo, com a linguagem do nosso tempo, escreveu-se assim sobre Hitler, ninguém o analisou com esta capacidade de penetrar as profundidades. Quero pensar que Jung não pôde ir ainda mais longe, porque a guerra foi perdida. Deste

modo, ele estava impossibilitado de desenvolver em justa medida a sua teoria dos Inconscientes Coletivos, do "sonambulismo" de Hitler e da *Voz* que ele escutava. Também sobre o inconsciente feminino do homem e o inconsciente masculino da mulher. Quero acreditar que Jung sabia, porque talvez dali ele o tomara, que o Inconsciente Coletivo nada mais é que a "memória do sangue" dos antigos Minnesänger, dos trovadores iniciados germanos que a cantavam; a *Minnetrinken*, ou os *Minnetrinker*, que a bebiam; ou a *Männerbunde*, a Ordem de camaradas que a intercambiavam. E a Espada chamada "Memória do Sangue" dos Cavaleiros do Graal. Porque a "memória do sangue" é o rio das imagens que circulam eternamente na luz do Sol Negro e se reproduzem no corpo astral. Isto, e nada mais, é o que Jung nomeou com palavras do jargão da psicanálise judaica, da qual ele tentara se livrar ao romper com Freud. Do mesmo modo, o "inconsciente feminino" e o "inconsciente masculino", a *anima* e o *animus*, são a tradução para uma linguagem organicista do que os esotéricos vivem dizendo desde sempre, que o "corpo do desejo" do homem é feminino e o da mulher é masculino. E quanto a possessão de Hitler por um Arquétipo, a sua análise adquire uma importância sem limites. Jung disse: "...parece ser *o dublê de uma pessoa real*, como se Hitler, o homem, estivesse dentro, como um apêndice, *deliberadamente oculto*, para não perturbar o "mecanismo"".

Aqui nos é permitido, graças à esta excepcional descrição de um homem que viu Hitler de bem perto, como ele nos declara, pode ligar a sua análise às reflexões sobre a manifestação do Arquétipo que temos feito nestas páginas. Deixamos bem claro que o próprio termo "arquétipo" foi por nós tomado de Jung, desde o princípio, à espera de alcançar este ponto em que agora nos encontramos. Como todo o anterior, também preferimos dar a este termo o seu significado antigo, de Ideia, ou Enteléquia, com o alcance que Platão tivera. E ir ainda mais longe, identificando-o com os Deuses do germanismo, [na forma] como realmente entendemos tal "expressão do Inconsciente Coletivo Ário", isto é, "da Memória do Sangue Ário". O Deus dos ários estaria se expressando através de Hitler graças ao fato de que ele, *premeditadamente*, desaparece como indivíduo, como homem, como ser humano, para encarnar este Deus, para deixar que [Ele] fale, para escutar a sua *Voz*, em "seu sangue", e permitir que Ele o maneje por intermédio do "instrumento dos seus genes", por assim dizer. Hitler, valendo-se da técnica de uma Iniciação, desaparece "como um apêndice", oculta a si mesmo, para não perturbar "o mecanismo" da Revelação.

Por isto, o meu Mestre dizia que Hitler era um Iniciado. Porque isto é nada mais que a Iniciação. Descobrir a chave, a ciência, que lhe permita ser possuído pelo "seu" Deus. "Morrer para que Ele viva". É muito possível que esse Deus seja nós mesmos. O "Corpo Astral com um Rosto", o "Filho do Homem". Não é um "eu"; muitos: NOS. Por isso Hitler também seria um Deus. E se Jung não reconheceu isto, *eu sim*.

É triste que possa nos acontecer o que aconteceu como o pastor que buscava Krishna pelos vales e cumes do Himalaia. Um dia, Krishna passou ao seu lado e o pastor não lhe reconheceu. "Perdi o meu coração no caminho e nunca mais o encontrei...".

....

Jung não se equivocou quando afirmou que Hitler podia impressionar outros povos, além dos alemães, por representar o Inconsciente Coletivo Ário. (Entrevista de Howard L. Phip, em "The Psychologist", de Londres, em maio de 1939). Outros homens

são igualmente impressionados pela sua presença. Já na sua época vimos que era assim; estrangeiros que não entendiam alemão foram literalmente transportados pelos seus discursos. Homens e mulheres ingleses, norte-americanos, franceses, belgas, sul-americanos. Leon Degrelle não era alemão, nem Doriot, e nem o próprio Mussolini. E quanto ao Chile, seria errado afirmar que unicamente as minorias alemãs do Sul foram entusiastas. Já vimos o que aconteceu com o nazismo chileno, o brasileiro, e tantos outros. Sem ir mais longe, eu mesmo. E na Noruega, Knut Hamsun, e na América do Norte, Ezra Pound. Isto, enquanto Hitler esteve na superfície da Terra. Hoje, depois de quarenta anos da sua desaparição, é ainda mais. Sua figura se agiganta no Mito, apesar de tudo o que é feito para evitar tal coisa. Ainda que os que lhe atacam o admirem, pois, este ataque é uma forma de fascínio. E é aqui onde é preciso focar, pois isto não tem uma explicação racional. Se Jung pôde crer, às vezes, que o hitlerismo somente representava uma religião nacional da Alemanha, se equivocou, porque a sua "religião" é de caráter universal. Tem todos os ingredientes míticos e arquetípicos para tal, conforme iremos compreendendo. O povo alemão apenas é o seu melhor veículo. Nada se pode contra isto. O próprio exemplo da origem do cristianismo nos ilustra [o fato]. Os romanos fizeram todo o possível para evitar o contágio. Foi em vão. Também Jung, na mesma entrevista que reproduzimos em parte, estabelece uma comparação entre o povo judeu e o alemão: "Os judeus, depois do primeiro cativeiro na Babilônia e mais tarde, com a ameaça romana de fazê-los desaparecer da Terra, desenvolveram um "complexo de inferioridade", segundo Jung, e "inventam", como compensação, a ideia de um Messias, que virá para lhes entregar todos os frutos deste mundo. Também os alemães, chegando tardiamente à repartição das colônias, do "espaço vital", e humilhados em Versalhes, desenvolvem similar sentimento de inferioridade frente aos ingleses e franceses, que repartiram o mundo entre si. Hitler é o Messias que lhes promete aquilo pelo qual anseiam, que põe um bálsamo sobre este sentimento de postergação".

É estranho uma pessoa como Jung não ter sido capaz de se desprender desta tendência judaica de explicar aquilo que está acima através daquilo que está abaixo, o grande pelo pequeno, reduzindo os níveis. Nisto há muita diferença entre ele e Freud, pretendendo encontrar a causa da beleza sublime da pintura de Leonardo (o pintor-mago) em um complexo de Édipo, ou em tendências ocultas homossexuais. Jung não pode se desvencilhar da invenção freudiana e judaica do subconsciente orgânico-psíquico, essa construção diabólica do final do século XIX e começo do século XX, que reduz tudo de nível. O quão mais apropriado seria se referir a um Superconsciente, que eleva a tudo, por tratar-se do mundo da Divindade, dos Deuses e dos Arquétipos Hiperbóreos. Em meu livro "El Círculo Hermético", toco neste tema em uma conversa com a doutra Jacobi. Denis de Rougemont, o autor do importante livro "L'Amour et l'Occident", enxergou o fenômeno Hitler com toda a justiça. Escreveu as seguintes extraordinárias linhas: "Alguns pensaram, por terem sentido em sua presença uma espécie de arrepio de espanto sagrado, que ele é o local de uma Dominação, de um Trono, de uma Potência, tal como São Paulo chamara os Espíritos do Segundo Escalão, que podem penetrar no corpo humano e ocupá-lo, como uma armadura. Eu lhe ouvi pronunciando um dos seus grandes discursos. De onde vem aquele poder sobre-humano que [ele] expressa? Uma energia dessa natureza, nós sabemos muito bem que não pertence ao indivíduo, assim como que a mesma não poderia se manifestar *se o indivíduo seguisse contando e não fosse o suporte de uma Potência* (o itálico é nosso)

que escapa à nossa compreensão e se sobrepõe à nossa psicologia. O que eu digo seria um romanticismo da mais baixa qualidade se a obra realizada por este homem – melhor entendido, por essa Potência através dele – não fosse uma realidade que provoca o estupor do século".

E Goebbels declara, referindo-se ao seu Führer: "Quem pode se vangloriar de tê-lo visto como ele realmente é? Ele se move no mundo da *Absoluta Fatalidade*. Nenhuma outra coisa tem sentido, nem o bem e nem o mal, nem o tempo e nem o espaço. Aquilo que ele é, eu o ignoro. É ele realmente um homem? Eu não poderia assegurar tal coisa. Há momentos em que me espanta...".

Assim é. O Arquétipo Hiperbóreo elege os meios mais aptos para que a sua intervenção neste mundo tenha eficácia. Prepara, monta seu "maquinário". Ninguém mais apto para a expressão de um Arquétipo do Inconsciente Coletivo Ário – para continuar com a terminologia junguiana – que o povo da raça germânica com o seu "sentimento de postergação como seu motor dinâmico". O próprio Hitler disse: "Se eu houvesse encontrado um outro povo mais apropriado que o alemão, ali eu teria ido. Com todas as suas limitações, ele é o melhor".

Em termos antigos, em palavras sacras, as que usava meu Mestre: Se trata da vinda e encarnação de um Avatar de um Deus (para não seguir dizendo Arquétipo), do Avatar de Vishnu, de Shiva, ou, o que parece mais exato, de Wotan. Da sai vinda para trabalhar entre os *vîras*, entre os heróis.

....

Minha própria experiência com este "mecanismo" me capacitou a poder conseguir um ponto de referência mais próximo, podendo compreendê-lo melhor que alguns outros.

Nos contava o Mestre que a sua iniciação aconteceu de forma inesperada, repentina. Seu iniciador, F. K., possuía características muito diferentes das do meu Mestre, um ser reflexivo, sereno, às vezes absorto, perdido em seus sonhos, em seus mundos longínquos. F. K. era um mago ativo, voluntarioso, que atuava nos planos invisíveis, "astrais", espada em mãos. Ordenava ali as forças elementais, os *Elementalwesen*, tratando-as como insignificantes, como o poderia ter feito o próprio Wotan. Meu Mestre também possuía uma vontade de aço, como a de F. K., como a de Hitler, como a possuem os magos solares (do Sol Negro), os Filhos da sua Luz.

Já passava da meia-noite quando F. K. chegou a casa do meu Mestre, anunciando a si mesmo com fortes golpes na porta de entrada. Vinha com a sua espada desembainhada, com os olhos brilhando, como em um transe. "Recebi a ordem de te iniciar", lhe disse.

Minha iniciação ocorreu de outro modo. O Mestre me anunciou que havia recebido a ordem e fixou uma data para a cerimônia da iniciação. Me pediu que eu adquirisse uma espada. Assim o fiz, porque a espada era essencial nesta Ordem Guerreira, como um símbolo (Espada dos Cavaleiros do Graal, Espada "Memória do Sangue") e também porque o aço, o fino aço viril, tem propriedades especiais, que concentram as forças favoráveis no mundo da energia mais pura, no plano etéreo, e

destroem as malignas. O aço astral, que os guerreiros do Sol Negro empunham. Também os SS portavam uma adaga[7]; alguns poucos, uma espada.

Foi assim que cheguei ao ponto de me encontrar (no dia 5 de fevereiro de 1942, aos 25 anos de idade) em um recinto rodeado de guerreiros, com as espadas desembainhadas e com o Mestre em pé no centro do círculo (*Kula*, *Huilkanota*). Mandou que eu entrasse neste Círculo. Todos apontavam para mim com suas espadas. O Mestre me pediu a minha e a consagrou com vários signos e uns mantras inaudíveis. A devolveu para mim, ao mesmo tempo que me tocava com a ponta da sua no coração. Pronunciei o juramento perante ele e os Brâmanes invisíveis. O Mestre me entregou o primeiro signo, a primeira chave, com 7.000 vibrações. Havia me convertido em um Mago de Terceiro Grau. Tudo isto aconteceu em uma quinta-feira de 1942, dia de Júpiter.

O Mestre me disse: "Quando tu voltares a te encontrar nesse mundo intermediário, da grande indecisão, entre a vida e a morte, não vaciles, deixa-te cair em direção à morte, como um guerreiro".

....

As vibrações subiam desde a raiz. Ali estava, outra vez "desperto", mas sem poder "despertar". Sentia essa enorme debilidade, essa fatiga, iria ser tragado pela escuridão do nada se não resistisse, se não lutasse com todas as minhas forças para não cair no abismo desse sono escuro. E eis que me permiti cair, que aceitei a morte, em uma decisão que não era da consciência, senão que de algum outro centro do ser. Cai em um "olho negro", em uma eternidade negra. Como sabê-lo? Era a morte, o nada. Pode ser que um segundo de tempo, ou que éons da eternidade se passaram antes de que me visse caindo a uma velocidade estonteante. Caia, caia interminavelmente, até encontrar grandes chamas sobre as quais comecei a girar. Dali iniciei a ascensão, igualmente interminável. E um dia estive em pleno céu, transparente, belíssimo, flutuando em uma luz celeste, como que envolto em um néctar de pura luz. Um golpe seco, mas suave, e ei que me encontrei novamente em meu leito, desperto, com o meu corpo recuperado, perfeitamente a salvo e possuidor de uma tristeza inconsolável, como se agora sim eu me encontrasse dentro de um caixão; prisioneiro, nostálgico de uma vida divina. *O Peregrino da Grande Ânsia*.

Pela janela aberta, um lanterna luminosa aparecia sobre os cumes nevados dos Andes. Ondas envolventes, aveludadas, azul-verdes, húmidas, como lágrimas de luz, chegavam até mim da Estrela da Manhã. Lúcifer, Luci-Bel, Oiyehue, a Estrela da minha Iniciação. O astro de EL-ELLA, Porta de Entrada dos nossos guias, por onde um dia deveremos retornar.

Morto e ressuscitado, eu também era agora um *Aryo*. Havia merecido o direito de sê-lo.

....

Se me permito relatar estes assuntos secretos, pertencentes à uma biografia hermética, é unicamente porque os considero arquetípicos e nos servem para penetrar

[7] N. do T.: Verdadeiramente, os SS portavam uma adaga na qual estava inscrito "Meine Ehre Heiβt Treue"; não era somente um simbolismo do seu comprometimento para com a Ordem, mas algo realmente místico.

o mistério de Hitler e do Hitlerismo Esotérico, tema central desta obra. Ainda que eu tenha vivido tudo isso, sei que não me pertence, por ser acontecimento sobre-humano, ou que não se deve aos humanos. É uma história divina, da vida divina, mítica, dos Deuses, dirigida pelos “de lá”.

Que assim o é, é algo comprovado por outra experiência. O signo que o Mestre me entregara, com suas sete mil vibrações, pareceu aumentar a intensidade das correntes nos centros magnéticos dos corpos com os quais eu estava vivendo este drama. Uma noite, o processo tomou aspectos infelizes. As vibrações adquiriram tal intensidade que pressenti que não poderia resisti-las, que algo em mim se desintegraria e que a morte não seria apenas mítica, senão que real para o corpo de carne. Nada podia eu fazer a não ser esperar o acontecimento fatal, à medida que as vibrações poderosas se acercavam do meu cérebro. Nesse instante, frente a mim, no ar, ou no “éter”, apareceu um recipiente de metal cheio de água. Como que obedecendo a uma ordem, pus minhas mãos nele e derramei a água sobre o todo o meu corpo. Tudo isto acontecia neste mundo intermediário, “astral”. De imediato, as vibrações cessaram e um frescor delicioso me invadiu.

Não vi ninguém perante mim. Devo perguntar-me: Quem colocou ali este recipiente que salvou a minha vida física? E essa água, o que era? Ingenuamente, eu quis repetir a experiência e de noite deixei na meça de cabeceira um prato com água para possíveis emergências. Quando as vibrações vinham, estendia um “braço imaginário”, tratando de alcançar esta água. E não encontrava nada, pois o meu braço era um “braço astral”, e a experiência anterior havia sido realizada neste plano. O recipiente e a água também eram astrais. (*Kâlanâri*).

Que coisas maravilhosas! Mesmo tratando de compreender com a mente racional, é preciso concluir que alguém vigiava todo o processo de um mundo invisível. Alguém que veio em minha ajuda. Para mim, tudo isto é tão real quanto qualquer outro evento na minha vida, como o encontro com o desconhecido, ou com um amigo. Recordando isto e aquilo, não sei o que é mais autêntico, se minhas entrevistas com Hermann Hesse, com Nehru, com Jung, com o Dalai Lama, com Ezra Pound, ou o ser invisível que pôs perante mim uma tigela com água, para me auxiliar, há tantos anos. E essa outra figura, que em um amanhecer sentou ao sopé da minha cama, coberta com um manto e cujo peso eu sentia sobre os meus pés. Todavia, não era um ser deste mundo e o frio que emanava da sua presença me chegava em ondas. Cada vez que tratava de ver o seu rosto, virava a cabeça, ocultando-o.

Nunca diferenciei o modo de compreender os fenômenos de ambos os mundos, usando o mesmo rigor da mente para tentar penetrá-los.

O Mestre me explicava que essa água havia sido magnetizada com uma polaridade distinta quanto às vibrações do meu corpo, podendo neutralizá-las. Contudo, isto não me diz nada, ainda hoje. O mistério permanece.

Até casar-me, estive vivendo em um mundo estranho. Depois da minha Iniciação, tradei de canalizar o que havia começado involuntariamente, para consegui-lo por meio da vontade (*Shudibudishvabhaba*, a Vontade Absoluta). Ou seja, apropriando-me da técnica que me permitiria desaparecer como “um apêndice” por detrás da “outra pessoa”, para “não perturbar o mecanismo”, como descrevera Jung. Se consegui ou não, é difícil saber, porque estes territórios são desconhecidos e qualquer intensidade de desejo, qualquer intervenção da vontade racional e consciente, a imposição do “eu”, a

ansiedade, o medo, põem tudo a perder, podendo descompor “o mecanismo” para sempre; porque se trata de um finíssimo “relógio astral”, de um relógio de areia.

Mesmo o Mestre estando sempre ali, vigilante, não havia muito o que ele pudesse fazer, já que a chave principal deve ser encontrada por nós mesmos, solitariamente. O Mestre não intervém, senão que no último transe. As provas, que ele nos apresenta, devem ser superadas pelo discípulo. O Mestre confirma, exalta, adverte. Uma ajuda de outra espécie constituiria um dano para o discípulo.

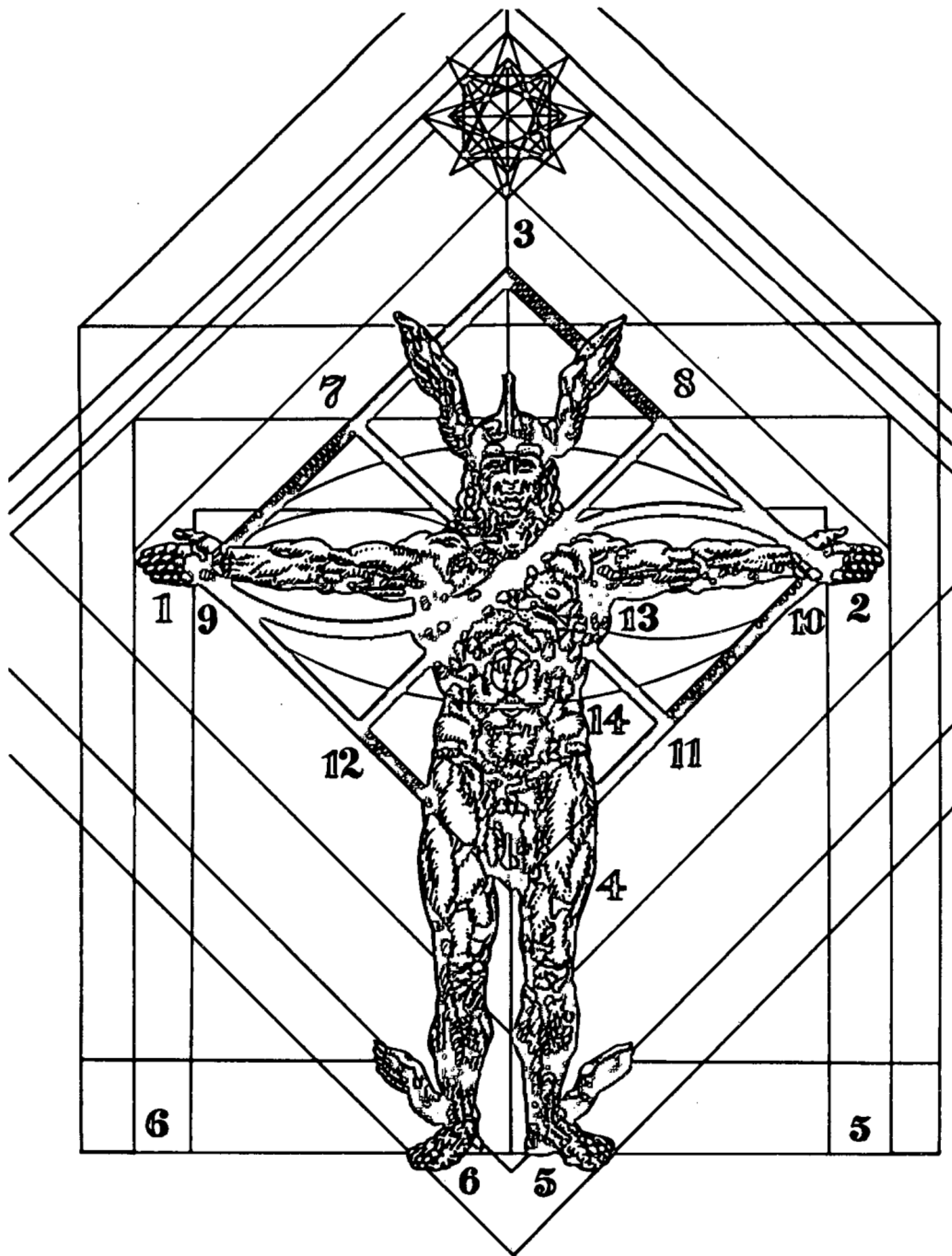
Por exemplo, uma vez fui pego por uma poderosa corrente amarelo escura, que, como um polvo de tentáculos, me prendeu pelo peito e me arrastou no espaço até um planeta cinza, cheio de crateras. Era a corrente lunar. Tracei o signo da minha Iniciação e cortei esta corrente. Se o signo não houvesse sido suficiente, então o Mestre teria vindo em minha ajuda, tenho certeza.

Quase nunca voltei a me desprender com tanta facilidade como a primeira vez. Ficava novamente paralisado no leito. Então, com grande esforço, começava a “tirar” primeiro um braço, depois o outro, em seguida as pernas, todo o corpo, até encontrar-me do lado de fora, de pé junto à cama. Avançava alguns passos e virava o rosto para me ver. Não me reconhecia de imediato, porque os “mortos apenas se parecem com os vivos”. Contemplar-se no astral é ver a si mesmo pela primeira vez, não como o fazemos em um espelho, senão que como quando olharmos para outra pessoa: a direita e a esquerda estão em seu lugar. O corpo é um morto, além de um caixão. Nunca abria portas para passar de um quarto para o outro. Cruzava muros como se fossem feitos de ar. Chegava à sacada e me deixava cair até a rua. Flutuava suavemente. Rara vez vi alguém. Quadras, corredores, ruas vazias. Um silêncio muito grande. Ainda que o parecesse...não era este mundo. Era o seu duplo, o outro lado do espelho.

Meus desprendimentos destes dias foram noturnos, com o meu corpo físico repousando. Anos depois, eu tentei o mesmo durante a vigília. O Mestre ia me entregando novas práticas, outros signos, me aproximando do centro do Círculo. A última vez foi há dez anos, no dia 17 de fevereiro de 1973; trinta e um anos depois da minha Iniciação, também em um mês de fevereiro. Me tornou Mago de Primeiro Grau. Nesse ano tão pleno de acontecimentos e que o Mestre nos anunciara com antecedência.

Mas o grande Signo, o último, ele me deu do *outro lado do espelho*, pouco antes de eu terminar este livro, em janeiro de 1984.

Nos primeiros tempos, depois da minha Iniciação, eu vivia em um mundo aparte e solitário, que cada vez mais ia se preenchendo de ruídos, de fantasmas, de vozes. Compartia tudo isto com a minha luta exterior, com a publicação da revista, a atenção dedicada também à Grande Guerra. Tratávamos de ajudar mentalmente a Hitler. Minha vida dupla era secreta para todos os que não eram da Ordem, desconhecida dos meus camaradas exotéricos e dos meus familiares. Eu havia interrompido o meu noivado para poder me dedicar completamente ao combate em dois mundos. Coisas curiosas continuavam acontecendo. Ao “La Nueva Edad” chegou uma colaboração de um membro das T. N. A., ‘Tropas de Asalto del Nazismo chileno’. Se intitulava: “El Significado Profundo de la Bandera Alemana”; revelava a simbologia oculta do hitlerismo. Era a primeira colaboração desta espécie de um jovem chileno e me chamou à atenção. Conheci depois a este camarada e soube que ele também havia entrado em uma relação com o seu astral.



Wotan-Lúcifer-Quetzalcóatl, a Estrela da Manhã, Oiyehue, a Estrela do Chile e do Hitlerismo Esotérico, de Oito pontas. Aqui se encontra a Janela de entrada e a Porta de Saída do Eterno Retorno. Por aqui cruzam os OVNIs.

Não devo me prolongar demasiadamente nestes relatos; unicamente quero, através da minha experiência, tentar compreender o que Hitler pode ter sido, tomando como ponto de referência as descrições de Jung. Deste modo, poderemos saber quem ele foi, quem é, se é que isto nos é permitido descobrir tal coisa. Eu tenho que acreditar unicamente no Mestre; mas vocês não têm porquê aceita-lo, vocês que estão em outro mundo, tem outra mentalidade, demasiadamente trabalhados pela razão, pela tecnocracia e ceticismo contemporâneos. Por isso reproduzi aqui as declarações de Jung; porque nele acreditaram mais do que no Mestre ou em mim. Somente me valendo

da minha experiência pessoal posso tentar aprofundar o que Jung havia deixado necessariamente incompleto, por razões óbvias. Vós que já sabeis que também conheci pessoalmente o professor Jung, que me confessou coisas que não dissera a outros, que prologou um livro meu e que conheço bem a sua doutrina, o que ele disse e também o que ele não disse. Por isso, estou autorizado a ampliar as suas reflexões com a minha própria experiência esotérica. A descrição que Jung faz de Hitler é a de "um corpo vazio". Vazio de que? Vazio de Hitler, ao que parece. "Ali não há ninguém", disse. Esta é a sua impressão. Mas o que Jung disse, ao pode ser tal como o disse. É uma figura literária. Porque nada pode estar completamente vazio, exceto por um cadáver. Por isso, a sua matéria inerte pesa mais do que a viva, falta o *flatus* da alma, o *pneuma* que a "levitava". Um médium, por exemplo, não dá a impressão de estar vazio, senão que "ocupado" por uma outra força, ou melhor, "possuído". Mas um médium e Hitler são situações opostas, ainda que possam parecer ser a mesma coisa. Há algo no fenômeno Hitler que possa ser comparado ao que acontecera comigo? Alguém "saia" do seu corpo? O que acontecia com o seu astral? Meu Mestre havia dito: "Hitler não somente pode sair no astral, além disso ele vê o astral dos outros sem *sair do seu corpo físico*". O Mestre contava que uma vez chegou no astral à casa que Hitler mandara construir no cume de uma montanha, em Berchtesgaden, a que eu visitei muitas vezes e cujo verdadeiro nome é *Gralsburg*, Castelo do Graal. Hitler estava em um quarto rodeado de janelas panorâmicas e observava as montanhas e os vales através de um telescópio. Lhe vi chegar e lhe disse: "Viajante, segue o teu caminho".

Ernst Hanfstaengel, que fora assíduo de Hitler nos primeiros anos da sua carreira e então chefe do Departamento de Imprensa Estrangeira do Terceiro Reich, conta em seu libro "Hitler, les Années Obscures" ("Hitler, os Anos Obscuros") que Hitler, depois de sair da prisão de Lansberg já não era o mesmo, havia mudado. "Na metade de uma conversa olhava às suas costas, como se ali houvesse alguém. E emudecia". Rauschning escreve que Hitler se levantava algumas noites tremendo, coberto de suor e gritava que um ser se encontrava no canto do quarto, que ele podia vê-lo, que havia vindo e que era terrível. À margem de qualquer exagero segundos interesses, ou do desejo de imitar Dostoievsky da parte de um prussiano com possível alma eslava, há na descrição que Rauschning nos faz chegar de Hitler demasiada semelhança como a qual Jung nos dá, para ser meramente causal. Aqueles que estavam dirigindo, intencionalmente ou não, este tipo de relatos, com o passar dos anos destinados a serem levados a sério, porque fariam com que Hitler nos parecesse ser "uma fôrma vazia", ocupada por um "demônio"? A Maçonaria, sem dúvida, o judaísmo por detrás da maçonaria, o Senhor das Trevas. Enquanto vivi na Suíça, foi publicada naquele país a lista dos maçons helvéticos mais importantes. E nela aparecia o professor Jung. Nunca tive permissão de entrar no *sancta sanctorum* da sua torre em Bollingen, um quarto pequeno para onde ele se retirava solitário. Ele os havia decorado com símbolos os quais eu não pude ver. Também Goethe foi maçom, o que para Jung deve ter significado "tradição de família". Com a melhor vontade de sua parte, suas descrições e informações estariam sendo "inspiradas" por forças inimigas deste Ser superior a quem ele analisou.

A situação de Hitler, se eu desejava compreendê-la a partir da minha experiência pessoal, eu unicamente poderia me referir a um "desprendimento" no astral e as suas dificuldades. (As palavras não nos servem para expressar a essência do fenômeno). Jung dizia que "Hitler não existia, que era um "*apêndice ocultando a si mesmo para não*

atrapalhar o mecanismo. O dublê de outra pessoa real"". As perguntas que devemos nos fazer são as seguintes: É possível ocultar o "eu", a "pessoa-Hitler", dentro do mesmo corpo que será ocupado por outro Ser que "entra"? Há espaço para os dois? Onde? Isto parece impossível, porque, junto com a "entrada", ou pouco antes dessa "entrada", deverá existir uma "saída". Quanto a este evento eu posso me referir com conhecimento, pela minha própria experiência, à "saída", nas não à "entrada". A segunda pergunta é: Quem "entra"? Jung recorre ao seu conhecido conceito do Inconsciente Coletivo. Mas, o que é isso? No prólogo do meu libro "Las Visitas de la Reina de Saba", Jung define o inconsciente como "a matriz de todos os fenômenos diferenciados, religião, música, arte, etc". O que tampouco nos diz nada. Estamos discutindo isto desde o começo desta obra e não vamos insistir. Toda a terminologia junguiana, emprestada ou derivada da psicanálise, deverá ser substituída pela [terminologia] legendária e hermética, se é que queremos chegar a algum lugar. Assim o temos feito e creio que Jung nos agradecerá. Dizer que em Hitler "entra o Inconsciente do seu povo", é deixar o assunto onde sempre esteve. E nos parece soberba e orgulho, além de superficialidade, rebaixar um tema tão espantoso. Com humildade, deveríamos recorrer a palavra Mistério; ainda mais, quando estavam sendo estabelecidas comparações com Maomé, com os profetas e concedendo ao fenômeno os ingredientes espirituais típicos de uma religião, apesar de que para Jung a palavra espírito parecera também não haver se desprendido do organicismo psíquico, como o assegurara Keyserling.

Resumindo, alguém sai de Hitler. Este "alguém", que não é o corpo astral, senão que o seu pequeno 'eu' pessoal, tem que sair envolto em algo. Portanto, sai com o seu corpo astral. Para conseguir isto, Hitler haveria que ter passado em algum momento pelo mesmo processo de desprendimento que eu passara, com maior ou menor dificuldade; mas, sem sombra de dúvidas, valendo-se de uma "técnica de desprendimento", isto é, de uma Iniciação. Onde foi que Hitler obteve esta Iniciação? Na Sociedade Thule, de Munique, com Dietrich Eckart? Não sabemos. O mais provável é que Hitler tenha vindo a este mundo já Iniciado, preparado para o Drama. Todavia, teria começado a preparar o seu corpo, seus veículos, depois da Primeira Guerra Mundial. Se torna vegetariano, vive em castidade, pratica o retiro nos bosques e na montanha. Somente Rudolf Hess poderá saber o segredo, porque ele também é um Iniciado, da mesma Ordem talvez (e por isso ainda é mantido na prisão), pois usavam os mesmos gestos mágicos (*mudras*) nas saudações (*vara-mudra*) e em seus discursos.

Hitler prepara o seu veículo físico para poder receber este Ser que "entra" quando ele "sai". *Que vive quando ele morre*. Jung crê que ele ainda continua ali, como um "apêndice", encolhido em algum rincão do corpo, dessa "armação, ou andaime, coberto de roupas". Mas também diz que "ali não há ninguém", fora do seu mencionado inconsciente. Prefiro crer que pouco antes da "entrada" houve uma "saída", em um processo voluntariamente preparado pelo Iniciado Hitler. Eis aqui a diferença em relação ao médium, com os irmãos Schneider, por exemplo, um dos quais conheci em Braunau am In, a cidade natal de Hitler.

Meu Mestre havia me dito que a dificuldade que o meu astral encontrava para voltar ao corpo poderia também ser devido ao fato de que "outro havia entrado ali, ocupando o seu lugar, enquanto que o astral esteve fora". Daqui é possível compreender melhor o fenômeno. Voluntariamente, Hitler provocava o acontecimento. Se ia, saia, para que um *Outro* pudesse entrar, usando o seu corpo físico. Necessariamente, isto

seria temporal, porque a energia tremenda de um Ser de outro mundo pode fazer com que o veículo exploda. Sua energia, em todo caso, fez com que o mundo explodisse e o está transmutando, em uma ação irreversível, ainda que difícil de compreender. E isto deveria ser cumprido assim, tal como foi, no vértice do Kaly-Yuga, da Época Mais Escura, para alcançar uma Nova Idade.

Bem-aventurados os que o viram e o reconheceram!

Nas "Memórias" do Príncipe Friedrich Christian zu Schaumburg Lippe, que fora secretário de Goebbels, ele conta que Goebbels lhe confessou que às vezes acreditava que Hitler não era um ser-humano.

O fenômeno, o drama, correspondem na verdade a isto que os indo-ários chamaram de descida e encarnação na Terra de um Avatar. E já tratamos sobre isso quando nos referimos ao caso do Chefe do nazismo chileno. Esse Ser de "mais além" dos astros, que Jung chamaria Arquétipo (sempre de um modo organicista, ainda que com a grande dúvida final de declará-lo "psicóideo"), na verdade é um Deus, que fala com mil bocas. É NOS; não é "eu". Os antigos sempre o souberam; porque então os Deuses estavam mais próximos; os heróis lhes ofereciam os seus corpos, veículos, para que os visitassem. A terra era a mansão mais propícia, a natureza sonhava em se transformar em símbolo. Com o judaísmo e o seu "pecado", a terra lhes é hostil, é um campo de horror. Cada vez mais há menos sangue ário puro, de Eumólpida, de Brahman, de onde os Deuses falem com os heróis e lhes divinizem. Hitler entregou sua vida, seu corpo, seus veículos, ao Deus Wotan dos seus antepassados para que Ele pudesse ascender ao seu Crepúsculo. Sendo assim, Hitler foi o *Führer*. Foi o Arquétipo platônico desta Ideia Hiperbórea que circula no sangue dos ários. Foi Wotan. Foi "*o suporte de uma Potência*".

Que Hitler era um Iniciado, ou que veio já um Iniciado, se comprova porque, sem sair do seu corpo físico, ele podia ver seres de outros mundos. Somente precisava pôr a si mesmo em um estado especial; retirar-se ao bosque ou à sua montanha, para escutar a *Voz*, como nos diz Jung. Então, a sua expressão era de sonho, com os olhos perdidos acolá, como é possível ver em algumas fotografias e como o próprio Jung o descreve: "Um visionário, uma espécie de Maomé. Nunca o mundo viu algo assim...".

Os mitos e as lendas nos falam de um terceiro olho, que os gigantes possuíam. O olho de Polifemo, de Buda. Com ele podemos contemplar o outro mundo e os seus seres "astrais", a aura destes seres. Sua contraparte no corpo físico é a glândula pineal, calcificada astralmente pela falta de uso e pelo desenvolvimento exclusivo da mente racional. A Iniciação pode reabrir o terceiro olho, transformar o herói em gigante, o *vîra* em *divya*, para seguir usando os termos do esoterismo tântrico. Em super-homem, em *Sonnenmensch*. Cortar a corrente lunar, para voltar a ser solar. (Do Sol Negro). Recuperar o *Vril*.

O meu Mestre também escutava a *Voz*. Ele a chamou "A Voz do Senhor".

Jung se refere à vida sexual de Hitler. Responde à pergunta que o seu entrevistador lhe faz da seguinte maneira. Na "Época do Folhetim", como Hermann Hesse chamara a nossa época em [seu livro] "O Jogo das Contas de Vidro", não cabe a possibilidade de análise de um homem sem que haja referências à sua vida sexual. Mas a resposta de Jung é mais importante. Faz uma diferença definitiva entre Hitler e todo outro chefe de estado. Para ele, Hitler renunciou à sua vida sexual e jamais poderá se casar, muito menos ter filhos, "se há de seguir sendo o Führer".

Também para nós, os do seu tempo, foi uma surpresa a notícia da existência de Eva Braun. Nunca acreditei em toda essa estória do matrimônio no Bunker e penso que ao professor lhe ocorria o mesmo. Não pude deixar de imaginar que tudo aquilo fora inventado por Goebbels; a ata de matrimônio, a declaração no testamento de Hitler. Absolutamente nada sabemos por certo sobre estes últimos dias no Bunker, durante a batalha de Berlim. Há dois anos, conversando em Viena com um antigo SS e com um engenheiro que trabalhou em certas armas secretas, me explicavam os dois que os russos haviam encontrado mais de dez cadáveres carbonizados de Hitler. O assunto parecia fantasmagórico, como uma prestidigitação macabra. Segundo eles, em nenhuma outra parte do mundo haviam chegado a um tamanho virtuosismo na preparação de um dublê, de um "sósia" (*Doppelgänger*), como com Hitler. Todas as fotografias dos últimos dias de Hitler não seriam dele. Porque "já não estava ali". É muito possível que no atentado de 20 de junho de 1944, tampouco ele estivera presente. O "dublê" podia morrer, mas não Hitler. Conhecemos o caso do "sósia" de Churchill, que fora assassinado, enquanto que o verdadeiro Churchill se encontrava na Turquia. Faz bem pouco tempo foi anunciada a morte do seu sósia que havia lido no rádio o seu discurso "suor e sangue". E o meu interlocutor me perguntou: "Quem era o verdadeiro Hitler? Onde estava, onde está?...". Certamente que não no Bunker, naqueles últimos dias. E, portanto, não era dele a mão que tremia com a enfermidade de Parkinson, como quiseram nos fazer acreditar.

Hanna Reitsch me contou a sua grande surpresa ao descobrir Eva Braun no Bunker. Nunca antes havia ouvido falar dela. Hanna havia voado acompanhando o novo Comandante-Chefe da Luftwaffe, Ritter von Greim. Esta heróica aventura foi descrita como bem quis por este miserável panfletista e falsário, Hugh Trevor-Roper, autor de "Os Últimos dias de Hitler"[8]. Hanna Reitsch me explicou quantos embustes havia no relato deste homem. Conheci Hanna na Índia, onde era hospede de Nehru, instruindo aviadores daquele país em voos sem motor. Hanna foi um dos mais extraordinários pilotos de testes da Alemanha, chegando a voar a V-1. Anos depois eu a encontrei em Frankfurt, onde comemos uma refeição apenas nós dois em seu apartamento em Zeppelingasse. Desta vez conversamos sobre os OVNIs e ela me contou o que Werner von Braun pensava sobre eles. Por outro lado, sendo uma das últimas pessoas que pode ter visto Hitler no Bunker, nunca me disse que suas mãos tremiam.

"Fazia frio no Bunker, mas tudo ali era silencioso, belo, tranquilo, os corredores estavam cobertos por carpetes. Me surpreendeu conhecer Eva Braun. Me emprestou a sua echarpe para que eu me protegesse do frio. Nada de extraordinário havia nesta mulher, com a beleza comum de uma alemã como muitas outras", dizia Hanna, recordando com os olhos fechados.

Creio poder contribuir à veracidade das declarações de Jung, mesmo depois de tudo o que foi dito e escrito após o fim da guerra. O gênio de Goebbels compreendia que o risco que se corria descobrindo a presença de Eva Braun e a preparação de um matrimônio *in extremis*, será sempre menor que o da insídia judaica, que infalivelmente

---

[8] N. do T.: O filme alemão do mesmo nome é baseado no livro deste autor, que descreve os últimos dias no Bunker como sendo caóticos, com todos ali presentes se embebedando e se entregando aos seus mais animalescos desejos em suas supostas últimas horas de vida. Não importando os relatos de pessoas que estiveram lá até o último minuto, como a própria Hanna Reitsch e Rochus Misch – guarda-costas de Hitler por anos e autor do excelente livro "Eu fui o Guarda-Costas de Hitler" – que disseram que nada disto aconteceu, a indústria de entretenimento sempre favoreceu essas versões rocambolescas e inverossímeis.

viria a falsificar provas sobre uma alegada homossexualidade de Hitler. O descobrimento de uma amante e de um matrimônio anulava esta eventualidade.

Com a experiência pessoal da minha Iniciação, posso me referir a este assunto, confirmando o professor Jung. Um Iniciado, que deseja entregar a sua vida à aventura que aqui descrevemos, ao Trabalho da Imortalidade, deverá sacrificar tudo, especialmente a sua vida pessoal, a dos sentidos e do sexo; sendo o sexo o mais importante. Se trata de transmutar as forças, as energias. Jung o explicou em seus estudos sobre a Alquimia. De todas as energias das quais o homem dispõe, não há outra que se compare em poder e mistério à do sexo. Tão poderosa ela é que somente ela pode criar a nossa vida, reproduzir novos seres na carne. E quando não reproduz a matéria física, também pode dar vida ao Filho da Morte, ao Filho do Homem, ao Corpo Astral. Transmutando, sublimando. Porque o que hoje se chama libido, na linguagem legendária é Kundalini, a Serpente de Fogo, Quetzalcóatl, a Serpente Emplumada, que *voa e pode fazer voar*.

A castidade do Iniciado nada tem a ver com o sentido judaico-cristão do pecado, o ódio e o ressentimento dos escravos. A terra atual deverá ser transmutada, a natureza transfigurada, o Crepúsculo dos Deuses abrir caminho para a Ressurreição dos Deuses. E isto é outra coisa. É uma transmutação alquímica, uma sublimação, uma espiritualização da matéria. Mas, não é para todos, unicamente para o Iniciado, para o ário, no centro de uma hierarquia de castas. Na Índia ária, o Iniciado, no yoga tântrico da "Mão Direita", precisa manter a castidade. Também o trovador platônico na Iniciação de A-mor, que explicaremos na quarta parte desta obra. Para o meu Mestre, a castidade adquiria importância fundamental no caminho da nossa Iniciação Guerreira. Somente uma vez lhe vi bravo. Foi quando eu lhe comuniquei que me casaria. Exclamou: "Colocarás correntes nos teus pés!..." E acrescentou: "De nada valem conselhos, cada um deverá aprender por si mesmo".

Já disse que antes de me casar vivi rodeado de presenças ("de fantasmas, de fantasmas, para poder pensar", como diria o poeta chileno Omar Cáceres), de murmúrios de outro mundo. Estava em íntimo trato com o astral. Esse "corpo", ou embrião nascente, ia desenvolvendo os seus próprios "sentidos". Quando me casei, precisei suprimir voluntariamente o contato com estes seres de acolá, que me rodeavam constantemente e que espantavam a minha mulher, ao ponto de não poder controlar os seus nervos quando ocorriam golpes nos armários ou movimentos de objetos no ar. Com a chegada de filhos, eu dei mais um passo na destruição de um edifício que eu mesmo havia começado a construir. Os filhos da mulher e da vida tem ciúmes dos filhos do homem e da morte. Alguns nascem ao custo dos outros. Também a mulher Iniciada, a mulher-maga, deve ser virgem (como a Sibila, as Nornas, como as Virgens do Sol). A mulher que dá à luz fisicamente perde a sua virgindade mágica. Quem dará à luz ao filho da mulher Iniciada, da mulher-maga, da ioguine, será o homem, porque ela lhe "engravidou", invertendo os papéis (com seu *animus* tornou grávido o *anima* dele, como diria Jung). O homem-iniciado, *incincta*, dará à luz ao Corpo Astral, com o Rosto da Amada, como se revela no um libro "NOS. Libro de la Resurrección". Com o Avatar, com o Führer, a gravidez é de todo um mundo, ao qual já está dando à luz: O mundo do Quarto Reich, a Nova Idade Dourada, a Outra Terra.

A castidade transcendente, a dos Cavaleiros do Graal, não quer dizer que a presença da mulher deve ser evitada. Pelo contrário, ela é absolutamente necessária, por questões mágicas. Assim como Krishna dançava com as vaqueiras de Gokul nos

jardins de Vrindaván e a sua amada era Radha, a "esposa de outro", a *Parakiya*; assim como o alquimista sempre deve ter ao seu lado a *soror mística*, que lhe passa os metais – que o alquimista misturará no Atanor da sua própria alma – impregnando-os com a energia feminina (assim como a água lustral que acalmou o fogo viril das minhas vibrações foi uma "água feminina"), do mesmo modo que Hitler precisou ter muitas mulheres próximas a ele. O que não quer significa que ele não tenha sido casto. O amor de um Iniciado com uma mulher Iniciada (não com Eva Braun.... Mas, quem foi Eva Braun verdadeiramente?) é um amor que se cumpre no astral, "sonhando juntos", "voando juntos", como no meu livro "NOS". O amor é realizado em outros corpos, em outros mundos, além deste.

No Gênese não expurgado nos falam de outra mulher, além da Eva, a companheira visível de Adão (Eva, novamente): é Lillith. Quem foi Lillith? Se diz que [foi] a mulher de Lúcifer. Quiçá o verdadeiro nome de Adão fora Lúcifer. Platão lhe chama Evenor. Também foi Poseidon, o desposado em Hiperbórea; quiçá foi Atlas, talvez Irmin. Na Espanha, há uma vila que tem um nome derivado de Lillith e existe ali a lenda de que ela é uma mulher malvada que mata a todas as crianças nascidas de uma fêmea, como o fizera Medeia com os descendentes de Jasão. Portanto, a lenda estaria recordando um fato hermético; porque Lillith seria essa Esposa que ajuda o herói a dar à luz à sua própria imortalidade. A Amada Imóvel, a Amada Eterna, a primeira companheira de Lúcifer. Por isso, na verdade, "mata a todos os filhos da carne".

Este tema será mais amplamente desenvolvido por mim ao analisar "A Doutrina de A-mor dos Trovadores", na última parte dessa obra.

Quem foi a Lillith de Hitler, do Führer?

A da minha Iniciação teve que aparecer "como um ladrão na noite, levando para si tudo o que eu tinha". O Mestre o havia profetizado. E pude retornar ao Caminho da Imortalidade de um modo ainda mais profundo, em "um amanhecer de caminhos sonoros que se cruzam", como também diria Omar Cáceres.

A Mulher-Maga é uma verdadeira Walkiria, que em algum lugar fora deste universo nos entregará a Taça do Graal, cheia até a borda do licor da Vida Eterna. Se houvermos sido capazes de travar o combate dos heróis, junto as Mestre e ao Führer, com o Deus Ressurreto, com o Último Batalhão, com a sua *Wildes Heer*.

O Mestre não dizia: "Vamos nos concentrar, vamos meditar", como é corrente na ioga e em outras escolas de iniciação. Dizia: "Vamos entrar em combate", o que é muito mais apropriado, pois combater é submergir a si mesmo no mundo interior, para lutar ali com forças e obstáculos que nos opõem, com nossas próprias debilidades e temores, com o próprio 'eu', com correntes desconhecidas' e até mesmo seres de outro mundo.

Um dia o Mestre nos contou que havia visto os alemães invadirem a Inglaterra, apoderar-se de Londres, chegar até o palácio real e fazer do rei prisioneiro. A clarividência era veraz e nítida.

Naqueles tempos, as forças de Hitler haviam derrotado a França, chegando ao Canal da Mancha. Por ordens precisas do Führer o Corpo Expedicionário inglês não foi destruído, sendo permitido escapar em Dunquerque e chegar às Ilhas Britânicas.

Muitas vezes eu devo ter voltado com a recordação à essa visão do meu Mestre, porque estou hoje certo de que corresponde ao ponto crucial do grande drama, da tragédia da Segunda Guerra Mundial. Que haveria acontecido se Hitler houvesse

invadido a Inglaterra, a vencido em uma *Blitzkrieg*, feito do rei prisioneiro e reinstalado o seu irmão, Eduardo VIII, no trono, com o que ele certamente havia concordado? Ali teria terminado o conflito visível, em forma relâmpago, como no continente, na França, na Holanda, na Dinamarca, na Noruega. Também com uma *Blitzkrieg*.

Na mesma entrevista que reproduzimos, Jung se refere a Hitler como prisioneiro do Deus Wotan da tormenta, do furacão, e à Swastika como um vórtice de energia irresistível. Wotan, o Deus do vento. Por isso as Tropas de Assalto do nazismo se chamaram *Sturmabteilung*, tropas da tormenta, do furacão.

As campanhas militares de Hitler têm todas o mesmo selo arquetípico: um furacão, uma tormenta. Foi criador da Blitzkrieg, da guerra relâmpago. Poderia igualmente se chamar “Guerra de Wotan”. Se há dito que os ingleses, conhecedores das entrevistas de Jung, publicadas anteriormente à guerra, haviam lhe pedido a sua opinião para a condução do conflito. Jung haveria aconselhado alongá-la o mais tempo o possível, pois Hitler somente podia ganhar a guerra-furacão, curta. Um furacão não se prolonga indefinidamente e o Deus da Guerra, Wotan, é o Deus do Furacão, do Vento.

Seja como for, *a invasão e triunfo sobre a Inglaterra estavam permitidos pelos “de lá”, por potências invisíveis que dirigem o Destino*. O meu Mestre havia visto isto, não somente como pôde acontecer, senão que também como *haveria sido* e como será *de novo*, alguma vez, no Eterno Retorno, na memória Akáshica, no registro da luz astral. Hitler, o Führer, ao não cumprir este *retorno*, ao *se retirar* por esta única vez da Ronda da *recordação* e do Destino, deu também à Inglaterra ária uma última oportunidade dentro do Círculo Eterno. E, junto a isto, precipitou outro furacão de acontecimentos, que o envolveriam e ao seu universo em um drama imenso, em escalas sucessivas e inevitáveis de efeitos, de tal modo que o turbilhão giraria em direção inversa, para dentro e para trás, sugando-o como um redemoinho. E ele nada mais pôde fazer além de aceitar e cumprir. Mas, neste mesmo instante, se abriu uma grandiosa alternativa, a única em consonância com a ruptura do Círculo fatal do Destino e do Eterno Retorno. A derrota da Era de Aquário, desse emissário do Demiurgo.

Nós o dissemos no “El Cordón Dorado”, a Guerra de Hitler foi esotérica, Iniciática, correspondendo a uma Weltanschauung, a uma concepção hermética do mundo e de acordo com a direção que lhe imprimiria o movimento da Swastika Levógira do hitlerismo. Na primeira edição do “El Cordón Dorado” aparece esta Swastika como a Dextrogira. Na verdade, é Levógira. Muito depende da posição que o observador tome no espaço exterior em relação ao Polo Norte. Jung, em sua entrevista na “Hearst’ International-Cosmopolitan”, repete a besteira banal de que a Swastika escolhida por Hitler é maligna, porque “se move em direção ao inconsciente”. Já vimos que este termo serve para tudo, tanto para o bem quanto para o mal, conforme as conveniências. Não há Swastika boa ou má. Cada uma assinalada um drama espiritual diferente. A dextrogira é a do êxodo de Hiperbórea; a Levógira é a do retorno.

Hitler não atacou a Inglaterra porque em sua concepção mítica esses territórios eram sacros, os últimos restos do Continente Polar desaparecido, de seus antepassados divinos. Além disso, a Inglaterra era de raça nórdica. Invadi-la e derrota-la significaria o desmoronamento de seu virtual *Imperium*, que Hitler desejava preservar como patrimônio insubstituível da raça branca. Somente desejava destruir o seu imperialismo judaizado. Uma invasão e uma derrota provocariam a queda de todo um organismo, ainda que então fosse instalado um outro rei, e lhe fosse permitido reconstruí-lo. A estrutura interior anímica se veria quebrada para sempre. O hálito, a alma do possível

Imperium teriam se enegrecido. Para a sensibilidade e intuição artística de Hitler isto não podia escapar à sua consideração. E ele sabia que a Alemanha sozinha (porque racialmente estava sozinha), sem a Inglaterra, não podia manter a estabilidade de um novo mundo. Foi por isso que enviou o Iniciado Rudolf Hess à Inglaterra, para lhes assegurar que a Alemanha garantiria o *Imperium*; a Inglaterra seria a potência marítima e a Alemanha a terrestre.

Hitler era um gênio. Contrariamente ao que se tem desejado fazer com que acreditem, era um gênio do bem. Não havia vindo para destruir, senão que para dar à raça branca a última possibilidade de salvação. Mas esta raça, que chegou a ser tão egoísta, tão lerda e estúpida, espiritualmente degenerada pelo veneno judaico inoculado por mais de dois mil anos, gota a gota em seu sangue, não quis reconhecê-lo além das fronteiras da sua Alemanha. E o homem branco se suicidou. Assim o disse o grande escritor Knut Hamsun, quando fora anunciado que Hitler havia morrido no Bunker: "Hoje partiu um estadista demasiado grande para ser compreendido no nosso tempo. Nós, os seus partidários, nos inclinamos ante a sua memória com respeito e veneração".

Como dizia Nietzsche: "As raças superiores se encontram inermes ante a astúcia e os meios arteiros de combate dos quais se valem as inferiores". Neste caso, a Inglaterra se achava demasiadamente infiltrada, carcomida estava a sua madeira nórdica pelo verme do judaísmo. O seu corpo era ário, mas a sua alma judaica; desde Disraeli, desde Cromwell, ambos judeus. Até antes, desde a conquista cristã das ilhas. Não obstante, Hitler e Rudolf Hess jogaram a última carta, tentando se valer de certas conexões existentes entre a "Ordem Thule" e a "Golden Dawn", a qual, se há dito, pertencia ao Duque de Hamilton, em cujos domínios territoriais Rudolf Hess desceu de paraquedas[9]. O que para Hitler era uma operação decisiva, genial, visionária, para os ingleses quiçá não fora nada mais que uma armadilha preparada pelos seus serviços de Inteligência e seus agentes maçons, judeus, semi-judeus, em postos chaves na Alemanha; o professor Haushofer e o filho de Haushofer, entre outros. O primeiro casado com uma judia; filho de judia o segundo. Ambos viriam a desaparecer mais adiante; o filho, executado por tomar parte no complô contra Hitler; o pai liquidado pelo Intelligence Service, por saber demais; ainda que tenham nos informado que ele havia se suicidado "ao estilo japonês, fazendo o haraquiri". O professor Haushofer conhecia bem a Operação de Inteligência "Rudolf Hess", apesar das garantias que os ingleses lhe deram através do seu filho, que trabalhava no Ministério Exterior alemão, e também por outros meios. Haushofer foi uma carta importantíssima nessa armadilha inglesa. Era anglófilo, pelas mesmas razões que Hitler e Hess. Certamente em boa fé, foi utilizado pelos agentes judeus que operavam por trás dos dirigentes ingleses. Se tornou necessário eliminá-lo, assim como a tantos outros. Haushofer havia sido professor de geopolítica de Rudolf Hess, em Munique.

O momento definitivo, crucial, na tragédia da Segunda Guerra Mundial, foi a decisão de Hitler de não destruir as tropas inglesas em Dunquerque e de não invadir as Ilhas Britânicas. Um amigo inglês me disse: "Estávamos desarmados, sem defesa. Em lugar de nos invadir, Hitler se voltou contra a Rússia". Com esse espírito prático (judaico), totalmente anti-filosófico, os ingleses não podem entender isto. Carecem de órgãos para poder compreender a grandeza e magnitude do gesto, a solidariedade de raça, de

[9] "Dungavel House".

sangue, implícita na decisão. Nem sequer hoje, quando a Grã-Bretanha se encontra ocupada pelas populações de cor das suas ex-colônias. Todavia, há alguns ingleses que entendem isto e que dariam as suas vidas para libertar Rudolf Hess da prisão, para livrar-se desta mancha de infâmia, que os perseguirá nas rondas da eternidade.

Por um longo tempo pensou-se que foi a decisão de atacar a Rússia que precipitou os acontecimentos fatídicos. Assim parece para muitos. Mas uma decisão não é consequência da outra. Nenhuma das duas pode ser considerada independentemente. Rudolf Hess foi explicar à Inglaterra explicar que o perigo era a Rússia, o bolchevismo, as estepes, a Ásia mongólica e amarela. Isto foi dito aos representantes da raça branca. Proporia a paz no Ocidente, retirar-se de todos os territórios ocupados, defender o Império. Unicamente pedia a devolução de suas colônias africanas e uma mão livre no Leste. Não foi escutado. Hitler teve que atuar sozinho, sempre em seu estilo em um furacão até as estepes, seguindo o movimento da Swastika Levógira, que girava contra o relógio do Kaly-Yuga, e que, ao triunfar, lhe levaria novamente à Hiperbórea, à região polar, fechando o círculo do Sol Negro da sua Swastika. Se encontrava em posição de impor uma transfiguração terrestre.

Que assim o foi, posso atestar, sempre dentro do Hitlerismo Esotérico, do conhecimento direto.

No "El Cordón Dorado", revelei que o meu Mestre advertiu Hitler, que "somente lhe era permitido chegar até a reivindicação de suas colônias, mas *não poderia avançar nem um passo a mais*". Repetindo-o como uma admoestação: "*Nem um passo a mais*!...". Claramente se referia à Rússia.

Em se tratando disto, qual foi a posição da Ordem Thule? Como dissemos, a Swastika Levógira, o punhal das SA e das SS, são as mesmas coisas que aparecem no emblema da *Thulegesellschaft*. Um de seus fundadores, Rudolf von Sebottendorff, publicou um livro, "Bevor Hitler Kam" ("Antes de Hitler Chegar"), e então abandonou a Alemanha. Se instalou na Turquia, onde morreu afogado ao final da guerra. Nestas mortes, se descobre sempre o selo do "Intelligence Service", como na de Lawrence das Arábias e na de Mussolini, que possuía documentos comprometedores quanto a Churchill e a Coroa Inglesa.

Eu disse no "El Cordón Dorado" que se o Mestre houvesse me mandado abandonar Hitler, por decisão dos Brâmanes, eu haveria tido que lhe obedecer. Mas isto nunca aconteceu, e nem acontecerá. Hitler me levou ao Mestre e o Mestre me entregou o verdadeiro Hitler, o *Führer*. Pela eternidade iremos juntos.

O Mestre compreendeu que Hitler não havia obedecido. Mas também soube que não havia desobedecido. Hitler seguia a sua *Voz*. E o Mestre esteve ao seu lado até o final. Trinta anos depois, ele o confirmava, repetindo para mim o mesmo: "Nunca se viu e nem se verá ninguém como ele. Uma encarnação da Vontade Absoluta". (*Shudibudishvabhaba*).

Sim, a vontade para cumprir as suas "próprias criações mentais" – para usar as palavras do Mestre, já citadas no "El Cordón Dorado" – com sua *Weltanschauung*, com sua concepção de mundo, com usa mitologia hiperbórea, polar. Por lhes ser fiel, não destruiu a Grã-Bretanha; por outro lado, invadiu à Rússia, na última tentativa de salvar a raça branca. Contudo, ele já sabia, após o fracasso da viagem de Rudolf Hess, que as possibilidades de êxito sobre a superfície do planeta eram bem poucas, para não dizer inexistentes. Que Hitler assim pensava está implícito no nome em código que ele dera à sua campanha na Rússia: "Operação Barba Ruiva".

Aqui está cifrado o maior mistério da história contemporânea e do futuro, no ponto de intersecção dos tempos, no passo sutil de uma Idade à outra e no possível salto ou *saída*.

Os nomes das operações militares eram dados pelo próprio Hitler. Se ele não o houvesse feito para a Rússia, teríamos que o atribuir ao Deus que o possuía. Desde a não invasão à Inglaterra e desde o momento que decide o ataque à Rússia, Hitler não é mais dono dos seus atos, no sentido de que, se alguma vez pareceu sê-lo, agora é unicamente o Arquétipo Hiperbóreo do Führer que fará tudo. A Guerra passa a ser a Guerra dos Deuses e Demônios, como dissemos, a Guerra Cósmica, definitiva, a Grande Guerra dos Mundos. Hitler levantou todos os níveis do Grande Drama. Pareceria então como sendo risível e minúsculo começar a se preocupar com a "restituição de colônias" e coisas do gênero. Se trata, ao invés disso, do destino máximo da raça ária. A guerra ficou polarizada entre os Filhos da Luz do Sol Negro e os representantes do Senhor das Trevas. É uma Guerra de Magos e de Magia. As tensões extremas, as tonalidades mais altas da alma, poderão ser resistidas por bem poucos, somente pelos eleitos. E é por isso que vemos desertar militantes exotéricos e esotéricos. Exceto por Goebbels, leal até a morte, e aqueles de boa procedência, porque fizeram da lealdade a sua honra, como diz o emblema das SS, porque o "seu sangue é a honra", como reza a inscrição no punhal das juventudes hitleristas. Estes chegarão até o final, até o supremo sacrifício. E serão os que se encontram juntos a Ele, com o Último Batalhão, com sua *Wildes Heer*, reintegrados em seus corpos pelo próprio Deus Wotan. Porque é o sangue dos heróis que mais próximo a Ele chega, muito mais do que as orações dos santos. E porque os Deuses, que sabem que não podem morrer, invejam os heróis, que, não o sabendo, estiveram dispostos a entregar as suas vidas por lealdade ao seu *Führer*, e à memória do seu sangue. Na comunhão do sangue ário.

Agradecidos ao Führer deverão estar os últimos heróis deste tempo, porque Ele realizou uma tamanha guerra, tão enorme combate, tal sacrifício heroico, no cumprimento de um Símbolo Eterno, fazendo possível com que futuras gerações se entreguem a Ele e Nele encontrem um Destino, uma salvação, um Ideal, um Mito redentor. Assim, o que *vimos* e *compreendemos*, já sabemos que um Deus esteve novamente entre os homens, junto aos heróis; o verdadeiro Deus dos heróis, não o deus dos escravos; o Deus dos Brâmanes, das hordas hiperbóreas, o Deus dos ários, não o deus dos judeus. E a nova religião que irá se revelando, o novo Mito que se cumpre, é o antigo Mito Polar, quando os Deuses habitaram a Terra e conviveram com os heróis.

Os que assim o entenderam, os guerreiros do Hitlerismo Esotérico, somos hoje as tropas avançadas, os sacerdotes-guerreiros de uma Nova Revelação: o Hitlerismo Esotérico.

Por tratar-se aqui de religiões e para não causar confusão, devemos explicar que as citações que às vezes fazemos, e que, todavia, possamos fazer do "Kristianismo Esotérico", correspondem ao aporte ário à essa religião judaica. Em dois mil anos, por algum lado vem à tona, às vezes, o perfil nórdico-hiperbóreo, apagado à sangue e fogo. Não o reconhecer seria como renegar a música de Bach por haver sido expressa no mito kristão. Essa enorme beleza germânica, patrimônio do arianismo, engrandeceu a tudo com sua força, como dizia Nietzsche. E também Wagner, Meister Eckhart, Dante, o próprio Goethe e tantos outros. Em suspiros de agonia, o espírito ário travou uma

batalha, sem consciência a maior parte das vezes, sem clara vontade, até a vinda do Führer.

Mas "já era tarde", como se viu, "para poder vencer estes velhos lutadores, que tem suas mãos em todos os recursos do poder terreno" (Protocolo IV).

Hitler sabia disto melhor do que ninguém. Já em "Minha Luta" ele o havia advertido. A Primeira Guerra Mundial foi provocada pelos judeus para destruir as últimas monarquias centro-europeias, a alemã, a austríaca, e a czarista-germânica. A revolução bolchevique é totalmente obra dos judeus. Os dirigentes e fundadores do socialismo, do marxismo, do anarquismo, são judeus. Em colaboração com o capitalismo de Wall Street e da City, com os impérios econômicos de Baruch e dos Rothschild, destroem o czarismo e fazem triunfar a revolução dos soviéticos. A Primeira, a Segunda, e a Terceira Internacionais são organizações visíveis do governo judaico invisível, como o fora a Sociedade das Nações e como o são as Nações Unidas. O judeu revolucionário Trotsky (Bronstein) casa com a filha do banqueiro judeu Givottovsky, sócio dos banqueiros Warburg. Tudo isto fica muito claro no importante livro "A Guerra Oculta", de Malinsky e De Poncins, publicado em Milão, em 1965. Um escritor francês, Henry Guilbeaux, que fora amigo de Lenin, em sua obra intitulada "Lenin não era Comunista", disse que a revolução de 1917 foi feita de um modo diferente de como Lenin havia pensado. Lenin admitira ter sido utilizado pelo judaísmo internacional (era casado com uma judia), como um instrumento, contra a sua vontade e o seu verdadeiro pensamento. Por haver se dado conta disto e haver desejado reagir, a judia Kaplan fez um atentado contra a sua vida. A morte de Lenin devia estar preparada pelo judaísmo e pelo próprio Trotsky, que, em seu livro sobre Lenin, lhe faz parecer um cristão, fazendo o sinal da cruz nos instantes do estalido da revolução. No livro "Stalin, Trotsky e a Alta Finança", publicado por "Quaderni del Veltro", de Claudio Mutti, em 1971, vem à tona a aliança espúria. Esta estranha "conspiração de médicos judeus" também faz com que Stalin desapareça.

A grande comédia da perseguição aos judeus na Rússia, se significar algo, seria uma disputa pelo poder entre judeus. É um truque para fazer crer em um antissemitismo soviético e em uma diferença entre a Rússia e os Estados Unidos. Que assim o é, vem à tona nos verdadeiros nomes dos dirigentes da Revolução e do Kremlin. E já vimos que Trotsky é Bronstein. Bujarin era judeu, assim como Sinoviev e Kamanev. Bershnev era casado com uma judia. Andrei Andreyevich Gromyko é filho de Isaac Katz e é Ministro de Relações Exteriores da Rússia Soviética *ad eternum*, porque é ele o contato entre o Tribunal Judaico americano e o grupo judeu de dirigentes soviéticos. O Ministro de Defesa é Dmitri Fedorovich Ustinov, nome real, Ulbricht. Alexander Nicolaievich Shelepin tem por nome judeu real Schoen. O custódio da ortodoxia marxista-leninista, o ideólogo, condecorado por Breshnev, era Mikhail Andreievich Suslov, verdadeiro nome judeu, Suess. Recebia ordem da mais alta hierarquia do comitê judaico-americano da "B'nai-B-rith", através do homem-contato, Gromkyo-Katz. Jurich Vladimirovich Andropov, ex-chefe da KGB, e que era presidente dos soviéticos, teve por verdadeiro nome judeu Lieberman. E assim poderíamos seguir até nos cansar.

Goebbels, em sua novela de juventude, "Michael", escreve que o destino do Ocidente seria julgado em um conflito entre a Alemanha e o bolchevismo. Para Hitler, depois da matança da oficialidade polaca em Katyn, realizada como um sacrifício ritual por comissários judeus do Exército Vermelho, já estava claro que a guerra com a Rússia era inevitável. No momento de ordenar o ataque ao Leste, o Führer declara, na proclama

aos seus exércitos: "Hoje abrimos uma porta, por trás da qual está oculto um espantoso mistério...".

A acordo de paz com a Inglaterra havia fracassado. Já em 1934 o escritor e biógrafo Emil Ludwig, cujo verdadeiro nome judeu era Abraham Cohn, anunciou o seguinte: "Hitler não deseja a guerra; mas será obrigado, não este ano, senão que em breve (apenas cinco anos depois). A última palavra, como em 1914, tem a Inglaterra...". Hitler teria agora que se decidir quanto a combater em duas frentes, quase sozinho, até o fim. A cruzada europeia das Waffen SS seria ineficaz perante a aliança mundial judaica e trabalho de enfraquecimento dos serviços de inteligência mancomunados; as lojas, a nobreza decadente, os altos comandos e seus próprios aliados, como a Itália e o Japão, que contribuíram de forma decisiva para a tragédia. Os dois meses que Hitler perdeu para resgatar a Itália nos Balcãs foram fatais para a campanha na Rússia. A não declaração de guerra do Japão à União Soviética foi um duro golpe a esta mesma campanha. A não autorização de Franco para tomar Gibraltar foi uma traição jesuítica e "marrana". Além disso, Canaris, a maçonaria, o Vaticano...

Mas Hitler sabia disto. Sempre o soube, desde os tempos de "Minha Luta", e até antes. Porque Hitler havia lido "Os Protocolos dos Sábios de Sião". Conhecia bem quem era o seu inimigo. O único inimigo. Ao fracassar a missão de Rudolf Hess, o seu braço direito, seu camarada-iniciado, tudo já estava perdido no terreno dos acontecimentos visíveis. *A guerra exotérica não podia ser ganha. Somente era possível ganhar a Guerra Esotérica*.

A partir deste momento, o Führer começa a preparar o triunfo em outra dimensão. Deverá desmascarar de uma vez por todas o Inimigo, o Judeu internacional, o servidor do Senhor das Trevas, de modo que já não existam dúvidas. Assim o fará, até as últimas frases escritas ou pronunciadas na *superfície da Terra*.

Hitler sabe que elevou as tensões do conflito às esferas sobre-humanas; pela lei hermética, a derrota material será momentânea, não podendo significar o objetivo máximo do conflito. O judeu dominará o mundo temporalmente. Hitler disse: "Se ganho a guerra, haverei dado um golpe mortal ao judaísmo. Se a perco, o domínio do judeu será curto".

Por pensar assim, por saber isto, Hitler não podia cometer o *erro iniciático* de eliminar-se fisicamente, como se na verdade houvesse perdido. Não haveria estado à altura dos acontecimentos cósmicos, nem do Inimigo. Ademais, um Avatar não tira a própria vida. É o Senhor da Morte Voluntária: *Matyamjaya*. Se desprende, ele se vai... deixando o corpo, ou com o corpo, em um disco de fogo, de ouro, de oricalco. Hitler, não era livre para poder decidir sobre isto como homem, ele estava dentro de um Arquétipo Hiperbóreo, ou o Arquétipo estava dentro dele. O Arquétipo do Führer. E um Deus não se suicida. Wotan não tira a sua vida. Somente desvanece, deixa o seu corpo ou desaparece com o seu corpo, como o sol em seu crepúsculo. No Crepúsculo dos Deuses. Com a música de Wagner, como o dispusera o Almirante Doenitz, ao anunciar a sua *partida*.

Hitler já sabia de tudo isso quando decidiu atacar a Rússia, recusando-se a ouvir conselhos. A prova é o nome da chave dada à campanha no Oriente: Operação Barbarossa [obs.: Barbarossa significa Barba Ruiva]. Frederico I de Hohenstaufen, chamado "Redbeard", nunca morreu. Ele só desapareceu, em 1190, cem anos depois da Primeira Cruzada. Ele dorme na Caverna do Kyffhäuserberg, guardado por corvos, Hugin e Munin. Eles devem despertá-lo para travar a batalha final, da qual a Alemanha sairá

vitoriosa. Eles são os corvos de Wotan. É claro, Frederick Barbarossa já havia despertado no Führer. Depois da campanha na Rússia ele novamente entra em sua caverna na montanha – qualquer montanha sagrada da Terra – para dormir e voltar a despertar.

No Bunker, pouco antes de seu desaparecimento, um oficial da SS perguntou a Hitler: "Mein Führer, por quem havemos nós de lutar agora?" Hitler respondeu: "Pelo homem que virá. "

Mesmo antes do fracasso da missão de Hess, Hitler tinha começado a preparar a Verdadeira Operação Barbarossa, que não é a da Rússia, mas a da sua partida e do seu futuro regresso. E a partida deve ser como sempre foi: em um Disco de Fogo, em um Carruagem de Fogo, como Enoque, como Melquisedeque, como Rama. O retorno será como Kalki, em um Cavalo Branco chamado *Vimana*.

Mesmo quando o Führer, diretamente ou através de seus *Doppelgänger*, "doublés" que agem conforme suas instruções precisas (assim como Rudolf Hess), continua a Campanha da Rússia, concentrando todas as suas forças lá para vencer (e ele quase consegue, se não tivesse sido pela traição), ao mesmo tempo dedicou-se à preparar a outra operação Barbarossa. Doenitz, com os seus submarinos, já havia descoberto um "lugar inexpugnável, um paraíso terrestre para o Führer ", isto é, para Barbarossa – para que ele voltasse a dormir e a ressuscitar.

Mas a atenção principal dos Iniciados da *Ahnenerbe*, dos sábios Hitlerismo Esotérico, precisou também ser concentrada em decifrar o Tesouro – a *Pedra* – descoberto em Montsegur, nas cavernas de Sabarthé, onde Otto Rahn o havia buscado primeiro. No *Gralsburg* de Berchtesgaden ele foi decifrado; a ciência Hiperbórea foi recuperada. Possibilitando a construção do *Vimanas* novamente. A ciência anti-gravitacional do *Orichalcum*, da qual Platão falara, foi redescoberta. Depois disto, todo o resto perde importância.

Conversei com alguns ex-combatentes SS, que na frente russa e na ofensiva máxima dos Ardennes viram as armas misteriosas em ação, que desintegravam aviões inimigos em pleno voo, raios que somente deixavam um vazio onde antes havia um tanque, ou que paralisavam sem matar o inimigo. Foram usadas apenas uma vez e desapareceram. "Por que?...", eles se perguntavam. "Foi por um acaso a traição?...". Skorzeny declarou que os Aliados recuperaram com juros todos os seus gastos de guerra, com os planos alemães para novas invenções. Por que os nazis não as usaram? Skorzeny revela que Hitler declarou que podia construir a bomba atômica, mas que nunca a usaria. Até o fim, Goebbels esteve dizendo que Hitler "fecharia este conflito com um estrondo avassalador". Mas o Führer não o fez, não quis fazê-lo, não pôde. Porque *não era o estilo hiperbóreo do seu Arquétipo*, como já dissemos.

Na minha primeira entrevista com a aviadora Hanna Reitsch, em Nova Deli, ela me contou uma anedota muito interessante, relacionada a Hitler. Em um voo teste, ela sofreu um grave acidente. Teve que permanecer por um longo tempo em um hospital. Todos os dias lhe chegou um ramo de flores de Himmler. Ao lhe ser dada a alta, decidiu agradecer-lhe pessoalmente. Himmler a recebeu em seu escritório. Conversaram sobre religião. Himmler conhecia a Bíblia e lhe recitou alguns parágrafos de memória. Ao se despedir, disse a ela: "Se alguma vez tiveres algum problema, não tenhas dúvidas em vir me ver pessoalmente". Assim o fez Hanna quando um amigo da família, destacado na Embaixada na Suécia, lhe informou sobre publicações feitas naquele país sobre torturas e mortes nos campos de concentração do nazismo. Hanna pediu a Himmler uma audiência, o qual se encontrava em Berchtesgaden. Ele a recebeu e Hanna lhe expôs o

que haviam lhe informado. Himmler exclamou: "Como podes acreditar nisto!..." Hanna lhe respondeu: "Se não é verdade, desmente-o publicamente". "No dia seguinte, todos os jornais da Alemanha desmentiram a calúnia", me disse Hanna Reitsch.

Ela também precisou se valer de Himmler para conseguir a sua primeira audiência pessoal com Hitler. O que me contou é revelador. Hanna Reitsch desejava expor ao Führer o engano das informações sobre a fabricação de armas novas e secretas. "Não há nada", ela disse ao Führer; "eu posso lhe assegurar". Hanna sentiu um grande desalento quando Hitler não a escutou e se pôs a lhe falar de outras coisas, de seus sonhos, de seus projetos para o futuro. Mas, de que outra maneira poderia ser? Sobre invenções secretas, o Führer sabia mais do que ela, pois tais coisas estavam sob a esfera do seu controle direto. Ali, em *Gralsburg*, precisamente, onde se decifrava a *Pedra* de Ornolac. E não se tratava de aviões [com motor] à reação, bombas atômicas, de raios da morte, de misseis V-1 e V-2, senão que de outra arma muito mais efetiva: uma nova ciência espiritual, de desintegração e reintegração da matéria, da levitação, da anti-gravidade, dos *Vimanas*, da *desmaterialização e materialização do corpo físico*. De tornar-se invisível com o *Tarnkappe* de Siegfried. Da desaparição no Bunker, do paraíso na "Terra Oca", interior, indo pelo fundo dos mares, por debaixo dos gelos, até os oásis antárticos, e, dali, até a Estrela da Manhã. Em uma palavra, da *Verdadeira Operação Barbarossa*: o Hitlerismo Esotérico.

De tudo isto, somente alguns poucos sábios e alguns eleitos fariam parte do segredo e planejamento de tudo isto, sob as ordens do Führer, o Avatar. Talvez os dirigentes desconhecidos, invisíveis, das SS, que nunca permitiam que fossem vistos, que não usam uniformes ou pertenciam ao partido, acima até mesmo dos *Sicherheitsdienst*. Muito provavelmente, também os líderes invisíveis da "Sociedade Thule", da "Ordem Vril", e de alguma outra ainda mais misterioso e desconhecida. Sua missão era salvar a raça ariana, a linhagem nórdica dos "*Lebensborn*" (nascidos, criados em uma atmosfera Hiperbórea), submergindo até que a onda que destruiria a Nova Atlântida viesse a passar, indo para o refúgio mágico, inexpugnável, do Polo Sul, com o Führer da raça branca, com *o homem que virá*.

Disto a liderança visível nada poderia saber, nem mesmo Himmler, que veio a descobri-lo tarde, no final, podendo isto ser a causa de sua deserção, não se resignando ao fato de ter sido deixado "de fora", como havia acontecido com o Grão-Mestre visível dos Templários, Jacques de Molay, cerca de seiscentos anos antes.

Goebbels também sabia, mas ele manteve-se firme, com a lealdade do herói, a qual os Deuses admiram e invejam, porque, sem saber será ressuscitado no Valhalla, por Wotan, pelo Führer, esteve disposto a entregar a sua vida por um sonho, por um ideal, por uma Flor Inexistente. Ele contribuiu soberbamente para a ressurreição do Mito.

No "Militärisches Taschenlexikon – Fachausdrücke der Bundeswehr", de K. H. Fuchs e F. W Kölper, publicado por "Athenäum Verlag, Bonn", em Bad Godesberg, em 1958, aparece, na seção "Flieger", dedicada às armas aéreas, como pertencendo ao léxico das forças militares da Alemanha Federal, a palavra UFO, para se referir aos objetos voadores desconhecidos (Uberkante Fliegenden Objette – **U**nkown **F**lying **O**bjetc). E se revela que o Terceiro Reich, em 1944, tinha pronto um "objeto voador", em forma de disco, cujo desenho está aqui reproduzido, de perfil e de cima. O "disco" podia voar a mais de 2.000 quilômetros por hora e ascendia do solo até doze mil metros de altitude em poucos minutos. Não se sabe, diz a publicação que está em meu poder,

se este veículo foi parar nas mãos dos russos ou dos norte-americanos, depois da guerra, pois o mesmo não foi encontrado.

MILITÄRISCHES TASCHENLEXIKON

FACHAUSDRÜCKE DER BUNDESWEHR

3000 Sachwörter mit 87 Zeichnungen und 16 Tafeln

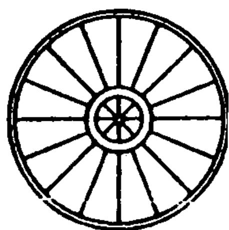


ATHENÄUM VERLAG BONN

Die Herausgeber Fregattenkapitän Assessor Karl-Heinz Fuchs und Friedrich-Wilhelm Kölper sowie der größte Teil der Mitarbeiter gehören dem Bundesministerium für Verteidigung an.

Fliegende Scheibe: Arbeitsausdruck für einen kreisförmigen Flugkörper, der aus deutschen Entwicklungen bis zum Jahre 1944 flugfähig geworden war. Ein kugelartiges Mittelstück nimmt die Besatzung auf, ein auftriebfördernder flacher Ring ist zentrisch um das Mittelstück angeordnet, der am Außenrand viele in ihrer Wirkungsrichtung verstellbare Düsen aufweist. Durchmesser des Flugkörpers 44 m. Kann unkonventionelle Flugbewegungen auf er- und Hochachse ausführen; soll 1944 bereits 2000 km/h und 12 000 m Höhe in wenigen Minuten erreicht haben. Ähnliche französische Konstruktion wurde nach dem Kriege bekannt. Die deutschen Entwicklungen gingen wahrscheinlich vorwiegend in russische und amerikanische Hände über. Abb. > Ufo.





Ufo: Zum Wort gewordene Abkürzung für „Unbekanntes Flugobjekt" oder „unidentified flying object", womit die Fliegenden Scheiben* vorwiegend angesprochen wurden.

Página do "Taschenlexicon", do Exército da Alemanha Federal atual, no qual está desenhado um OVNI e é revelado que foi construído pelos cientistas do Terceiro Reich de Hitler.

Isto foi em 1944.

Os hitleristas haviam construído um *Vimana*, um Astra, esse objeto voador do qual nos fala o “Ramayana”, o “Mahabharata” e também Homero, e “que era propelido por um som melodioso (um *Mantra*) e que podia ler os pensamentos e os sentimentos dos homens”.

Desde estas épocas, ao final da Segunda Guerra Mundial, muitos homens os têm visto sobre a Terra e eles podem dar testemunho de que se tem a impressão de que destes “discos” alguém está lendo os seus pensamentos e sentindo o que eles sentem. Poderosas forças telepáticas estariam sendo usadas, as mesmas que fizeram com que fosse possível decifrar o Talismã Hiperbóreo, essa Esmeralda gravada com fórmulas da antiga ciência e que se desprendera da Coroa de Lúcifer, ou de Irmin, em seu combate estelar.

As armas secretas e desconhecidas, que não foram usadas, aqueles que partiram nos Vimanas, nos UFOs ou OVNIs, as levaram consigo.

Os inimigos sabem disto, uma vez que nem os russos e nem os norte-americanos dos *Vimanas*. Hitler partiu com eles. Por conseguinte, o sigilo em torno das aparições de OVNIs e a ordem dada pelo Governo Invisível de ocultar o que se sabe. No Chile, por exemplo, um cabo do Exército que encontrou um UFO, durante uma patrulha noturna no deserto do Norte, foi então visitado por jornalistas de todo o mundo e lhe ofereceram milhares de dólares por uma entrevista exclusiva. Sempre se recusou a dá-la. A Missão Militar chilena em Madrid, frequentemente consultada pelos interessados, declarou que o caso não estava confirmado, apesar da primeira informação ter saído oficialmente do Alto Comando. Este cabo desapareceu da vista da sua patrulha por mais de um quarto de hora, ao avançar na direção de um UFO, reaparecendo de repente, sentado no chão, com a sua barba crescida e seu relógio adiantado em três horas. Ele não se lembrava do que havia acontecido desde o momento do seu desaparecimento. Recebeu ordens para que se algo semelhante voltasse a acontecer, ele deve imediatamente entrar em contato com o Presidente da República. Obtive as informações sobre este caso de uma fonte direta e absolutamente confiável. Na última ofensiva das SS nas Ardennes, dirigida por Hitler em seus menores detalhes, de acordo com o relato de Skorzeny, que nela desempenhou um papel importantíssimo, sendo encarregado das forças especiais, no começo os SS usaram novas armas secretas. Isto foi publicado pela imprensa mundial. Mas, de repente, eles desapareceram, sem deixar rastros, como no caso deste cabo do Chile. Será que Hitler recebeu uma ordem para não as usar? Já não era necessário ganhar a guerra dessa maneira? Teria o Avatar preparado uma história diferente, em outros níveis, na magia do seu desaparecimento e futuro retorno

Pouco antes da ofensiva das Ardennes, a Voz disse ao Mestre: “No céu foi permitido a Hitler realizar um ato de suma surpresa”. Recordo estas palavras exatamente, como se as ouvisse hoje. Sempre acreditei que deveriam se referir ao ataque das Ardennes, que quase envia de volta ao mar novamente as forças aliadas dos ingleses e norte-americanos. Mas hoje penso que se referiam à partida de Hitler com suas verdadeiras *forças especiais*, em um submarino, ou em um OVNI. Tendo mais a esta última possibilidade, em um *Vimana*. Em todo caso, se assim não foi, esses Discos Voadores terminariam de ser aperfeiçoados no “refúgio inexpugnável do Führer”, em seu “Paraíso Terreno”, que os Guias Hiperbóreos teriam lhe preparado para o cumprimento final do Destino. Em *Paradesha*, na Hiperbórea Sul-Polar.

Mas já não estará ali, porque o paraíso deixou de ser terrestre. Os *Vimanas*, os *astras*, já há muito tempo terão lhe transportado para outros astros, girando com a velocidade e a direção da Swastika Levógira. E deverá se encontrar, talvez, no autêntico lar dos antigos hiperbóreos, a pátria primogênita dos ários e dos Deuses Brancos, o Raio Verde; cruzando a Porta da Estrela da Manhã, Oiyehue, e através do Sol Negro.

....

Meu Mestre também viu um espírito feminino e branco se desprender do centro da Europa e partir em regresso às alturas. Contei isto no “El Cordón Dorado” e disse que quiçá fora o Espírito da Alemanha; mais ainda, da raça branca, que abandonava a Terra. Vim a compreender já na época o que significava. Os tempos haviam sido cumpridos e o que nos foi dado em abundância, nestes últimos anos transcorridos, é para que o número daqueles que virão a passar para o novo mundo, a Nova Terra, os heróis restantes, consigam se salvar por meio da luta mais heróica e desesperada contra as forças do mal e das trevas; os últimos leais ao Führer, os combatentes pelo seu Mito, dentro do Hitlerismo Esotérico, que o Avatar vai revelando e cumprindo de algum ponto de fora do Universo.

Neste concerto para dois violinos, que sigo executando com o Mestre, às vezes amplio o nosso diálogo divino, e realizo variações “que podem alterar as leis, mas não as forças, nem o seu sentido”. O que a *Voz* quis dizer quando disse ao meu Mestre “Onde vai esta mulher, que tendo o poder em todo lugar não soube se defender?...”? Quem falava ali? Era a mesma *Voz* que havia ordenado “chegar até a reivindicação das colônias e não mais um passo”? Também quando lhe disseram “Foi vítima de suas próprias criações mentais...”? Para saber quem era “essa mulher”, que “não soube se defender”, temos que nos perguntar quanto aos verdadeiros responsáveis pela perda da guerra. Hitler não o foi. Foram os generais traidores e maçons, os altos comandos, os agentes do inimigo infiltrados em posições chave, nos órgãos mais sensíveis da administração. Assim o evidencia o próprio Hanstaengle, autor de “Os Anos Obscuros”, já citato e que em plena guerra acaba se tornando conselheiro de Roosevelt. E von Papen, informando os norte-americanos ao invés do seu Führer sobre a última possibilidade de terminar a guerra no front russo. Von Papen era católico, como dissemos. Nos “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, tudo isto foi adiantado... Então, “essa mulher” é a Alemanha; assim como o “espírito branco” é o da raça ária, que abandona a Terra, para partir com o Führer e sua Wildes Heer, com sua “Horda Odínica”.

“As criações mentais” pertencem à Guerra Esotérica que Hitler travara, uma “Guerra mental”, de “ideias fixas”, de “Flores Inexistentes”. Elas *fizeram dele a sua vítima*, assim por dizer; são as “criações mentais” de um possuído pelo Arquétipo de um Deus Hiperbóreo, pelo seu Deus da Raça Ária, por Wotan ressuscitado dentro do seu corpo, do seu veículo, preparado para este propósito. Não são “criações” de Hitler; porque Hitler não é mais do que um “apêndice”. São *criações* do Führer, do *Avatar*. E se Ele assim o decidiu, será Ele mesmo que seguirá realizando a tudo, até a sua culminação; até mesmo depois da desaparição física do veículo que lhe servira tão heroicamente.

Portanto, estamos na presença de um Mistério, de uma Revelação.

O final no Bunker de Berlim foi apocalíptico. Visitei tal local em 1951. Todavia, [ainda] era possível ver as ruinas do Bunker, com sua torre destruída, inclinada sobre a

superfície. Também haviam alguns restos dos edifícios do Terceiro Reich e do aeroporto de Tempelhoff, transmitindo essa "impressão egípcia" das construções hitlerianas, de uma "passagem" à uma outra dimensão. Por um longo tempo contemplei os muros de Spandau, onde Rudolf Hess e outros mais estavam confinados. Sinistros muros cinzas! E pensar que em 1984 Hess ainda se encontrava ali!

Nos tempos imediatamente posteriores ao final da guerra não se acreditava no suicídio de Hitler no Bunker. Em uma pesquisa realizada em 1847, nos Estados Unidos, sessenta por cento dos entrevistados afirmou crer que Hitler ainda estava vivo. Vários livros foram publicados fazendo-o aparecer no Tibete, ou na Antártica. A guerra visível terminou em 1945; ainda em 1956 continuavam publicando artigos sobre o tema. Conservo em meu poder um periódico da Índia no qual afirmam que Hitler estava no Tibete. Também a morte de Subhash Chandra Bose, o líder hindu do Partido do Congresso que esteve com Hitler até o final, era questionada, e há quem siga escrevendo que ele não morreu, que se encontra em alguma parte do mundo com o Führer. Tudo é vago. Das "encarnações" ou representações em menor tom do Arquétipo, o único que positivamente se sabe que ainda vive é Leon Degrelle, o chefe do "Rexismo" belga. Mussolini, Codreanu, Primo de Rivera, Doriot e Jorge Gonzáles von Marées morreram. Com Degrelle me encontrei mais de uma vez. Conheci também o Coronel Otto Skorzeny. Muitos já nem sabem quem foi Skorzeny. Este estava em um plano mais alto do que os outros. Foi nada mais que um oficial extraordinário, dos "Comandos Especiais" das Waffen SS, um homem de ação, um guerreiro. Sua façanha mais celebrada foi o resgate de Mussolini do cume de Gran Sasso, onde os militares de Badoglio o mantinham prisioneiro, no final da guerra. Também atuou na ofensiva das Ardennes, como chefe de um Comando que se faz passar por norte-americanos e semeou a confusão entre os inimigos, dando-lhes ordens contraditórias. Como a ofensiva foi planejada nos menores detalhes pelo Führer, ele simplesmente obedecia às suas ordens. Degrelle também participou desta ofensiva e Peiper, esse brilhante e heroico coronel SS, que foi assassinado na França – depois de cumprir uma longa prisão – para que assim o impedissem de publicar as suas memórias. Otto Skorzeny esteve também na batalha pela defesa de Vístula, demonstrando a sua capacidade de estratégia e tática. Esperou depois, em Berchtesgaden, pela chegada do Führer, pensando em travar ali a última batalha e morrer junto a ele. Quando tudo havia terminado, se entregou como prisioneiro aos norte-americanos. Conta em seus livros que a pergunta obsessiva que seus interrogadores lhe fizeram – *one track mind*[10] – foi: "Onde levaste Hitler? Onde o ocultaste?..." Em se tratando de Skorzeny tudo era possível. Quem melhor para tirar Hitler de Berlim e leva-lo a algum lugar secreto da Terra? Assim pensavam os aliados ocidentais. Mas Skorzeny não o sabia e tampouco pensava que Hitler estava vivo. Foram e são os alemães que menos tem acreditado na sobrevivência física do seu Führer. Os alemães não mentem, e poderiam menos ainda acreditar que os seus chefes lhes mentem, que Doenitz o fez. Como sempre, são os últimos a chegar, porque são lentos, mas quando o fazem, ali permanecem. Então, são capazes de se elevar até os cumes que nenhum outro poderia alcançar. Hoje, os alemães, pouco a pouco, estão chegando à *vivência* da não morte do Führer, do seu regresso e ressureição.

[10] N. do T.: Termo da língua inglesa que, traduzido para o português, literalmente significa "mente de uma pista só"; é usado para descrever pessoas que são obsessivas quanto a algum objetivo que elas tenham.

Conhecer e descobrir a verdade do que ocorreu no Bunker esteve em poder de quem? Dos russos. Foram os primeiros a chegar ali. O que encontraram? Mais de dez cadáveres (alguns dizem quatorze) distribuídos nos arredores, semicarbonizados, todos com restos de uniformes iguais aos de Hitler. Stalin declarou ao Secretário do Estado Norte-Americano daqueles dias, Cordell Hull: "Hitler não morreu, está vivo em algum lugar. Não encontramos o cadáver que possa nos assegurar da sua morte". Anos depois, os russos trataram de se desdizer, apresentando provas falsas e insatisfatórias. Tudo isto já foi comentado em "El Cordón Dorado". Essas estranhas declarações de Stalin podem ter sido mais um ponto na sua conta que veio a precipitar a ação dos médicos judeus e da "medicina" que lhe aplicaram. A medicina "anti-culto da personalidade". E Stalin terminou, e nada mais dele restará no âmbito da história, assim como Roosevelt e Churchill.

Que os norte-americanos acreditaram em Stalin fica provado pela poderosa expedição militar e naval que eles enviaram à Antártica, sob o comando do Almirante Richard Byrd, em 1946. Sobre tudo isto eu falei em detalhes no "El Cordón Dorado". Os Aliados estavam certos de que Hitler se encontrava em algum dos misteriosos oásis de águas mornas, descobertos pela expedição alemã do capitão Alfred Ritscher, nas terras antárticas de Rainha Maud, em 1938. Seria este o "paraíso terreno" do Almirante Doenitz? Os submarinos haviam descoberto a passagem secreta, que sob os gelos une ambos os polos? E a entrada para a "Terra oca", para o "outro mundo", para a "outra Terra" inexpugnável?

O Almirante Doenitz levou consigo o segredo para a tumba, se é que o conhecia. E se o revelou aos seus captores, já não importava. Paradesha é inexpugnável, sempre o foi, graças aos *Vimanas* e à *outra ciência Hiperbórea*.

Depois de quarenta anos do final de Berlim, um descobrimento desconcertante ocorreu, revelado pela publicação de "Chriemgau Zeitung", de Rosenheim, no sul da Alemanha, com a recente data de 1983. Em razão de uma explosão em um setor de Berlim, tornou-se visível toda uma rede de ruas e passagens subterrâneas que, partindo da Chancelaria de Hitler, conectava um sistema de Bunkers, indo terminar no aeródromo de Tempelhof. A sua extensão ainda é desconhecida, pois as passagens estão bloqueadas por muros de cimento muito espessos, além de aparentemente estarem repletas de armamentos e explosivos acumulados ali para finalizar a guerra em Berlim. A explosão foi causada por eles. Segundo o periódico, alguns habitantes da cidade recordam a construção e os trabalhos nos subterrâneos, debaixo da colina de Kreuzberg, de sessenta e seis metros de altura, única em Berlim. Os trabalhos foram realizados pela Organização Todt e dirigidos por Albert Speer, que nunca havia revelado isto, nem sequer em suas memórias e apesar da sua traição. As investigações são hoje levadas a cabo em grande segredo por especialistas em construções da Universidade Técnica de Berlim e pelos serviços especiais de inteligência. As ruas subterrâneas eram largas o suficiente para a passagem de carros de porte pequeno. Os especialistas acreditam que o sistema de tuneis, labirintos e Bunkers foi construído para facilitar a saída de Hitler de Berlim.

Compreendemos agora que nem Hitler, nem Bormann, e nenhum outro alto dirigente do Hitlerismo teria necessitado escapar pelas ruas exteriores, e quão absurdas parecem ser as declarações sobre Bormann ter morrido ao tratar de escapulir do Bunker atrás de um tanque. Todas estas declarações foram preparadas especialmente. A

conexão do Bunker da Chancelaria com o aeródromo de Tempelhof, a dois quilômetros de distância, era direta e segura.

....

Para mim o assunto não precisava de nenhum outro tipo de comprovação. Soubemos, desde o primeiro momento, que Hitler estava vivo, que não havia morrido no Bunker. Meu Mestre o "viu no astral". Sua fisionomia havia experimentado algumas mudanças. Seu bigode era agora largo, tal como aparece em algumas fotos da Primeira Guerra Mundial. O Mestre não descreveu o lugar onde o encontrara. Um corredor escuro sob a terra. Lhe chamou pelo seu nome; mas Hitler se virou e se afastou sem olhar para trás, mesmo quando o Mestre voltou a chamá-lo.

Era o Tibete? Era a "terra oca", interior? Uma das cidades secretas do Himalaia, ou dos Andes? Poderia ser igualmente um refúgio subterrâneo, construído pelos hitleristas no Continente Antártico. O Mestre nos disse: "Hitler está na Antártica".

Em 1947 eu parti para a Antártica, na Segunda Expedição Chilena a este outro mundo. Eram os tempos das expedições heroicas, difíceis, quando ainda os marinheiros chilenos não davam crédito ao radar, para contornar os icebergs. Tinham certeza apenas dos seus sentidos marinheiros. Em "Quién Llama em los Hielos" eu disse algo – apenas bem pouco – sobre esta expedição. Não ia eu a encontrar Hitler, como supuseram. Como haveria eu podido fazer tal coisa? Ia em uma peregrinação mítica, legendária, render culto ao sonho, ao Mito, à Lenda, ao Avatar e ao *meu Führer*. Isto sim é certo. Foi uma peregrinação em homenagem à minha própria alma, uma busca pelo centro do meu próprio ser, do Oásis cálido em meio aos gelos, do fogo gelado, do Sol Negro dos Polos, da Aurora Polar, da *entrada* para a Terra Oca, de tudo aquilo que não existe, que nunca existiu, que nunca existirá. Mas que é mais real do que tudo o que existe. Minha Flor Inexistente, mais viva e eterna que todas as flores dos jardins desta Terra.

Foi esse o final da peregrinação em minha Pátria Mística, que começara anos antes, como relatei em "Ni por Mar ni por Tierra". Acolá, nos extremos polares, de algum modo, na cercania desses seres hiperbóreos, eu estava mais próximo para receber suas mensagens e suas energias, que me permitiriam continuar o combate até o fim do tempo.

E foi ali que compreendi toda a grandeza do Mito que havia sido encarnado novamente entre nós: A Ressureição do Mito. O transcurso dos anos nada mais fez que me confirmar esta certeza. Nada e nem ninguém poderá impedir a sua reencarnação, a sua consumação. Todos os componentes estão constelados, todos os requisitos foram cumpridos para o seu regresso entre os heróis.

Quando do meu retorno do continente polar, em 1948, eu dei uma palestra, que então foi publicada sob o título de "La Antártica e otros Mitos". Precisei repeti-la em razão dos pedidos do público. Dizia isto mesmo.

O Destino direcionou uma Lenda aos gelos do Polo Sul. Pleno de simbolismo, como se desejasse nos indicar que a Viajem do Führer, de regresso à Hiperbórea, era agora cumprida esotericamente, era continuada depois da sua desaparição da superfície da Terra, em uma direção exata, em direção ao Polo Sul, à Antártica, que muito provavelmente havia sido o Continente de Hiperbórea preservado sob um enorme escudo de gelos, de quatorze milhões de quilômetros quadrados. A catástrofe que o destruiu, também acarretou a mudança dos polos. O Polo Norte (Hiperbórea) é agora o

Polo sul. O Chile, nossa Pátria Mística, é o refúgio do Graal. Aqui vieram os hiperbóreos sobreviventes em tempos místicos, dos Deuses Brancos da lenda americana, aqui os vikings seguiram as suas pegadas, os templários, e agora os hitleristas esotéricos, com o seu Führer, com o seu Guia mágico. (Por isso mesmo os judeus começaram a se concentrar aqui). Acolá, nos gelos do Antártico, como Barbarossa, como o Rei Anfortas, como o Rei Artur, como Baldur, como Wotan – "morto e não morto, vivo e não vivo" – gelado, em hibernação, dormiu o Führer, enquanto os corvos – *Korakenke*, o Corvo Inca, *Allkamari*, o seu veículo mágico, *Hugin* e *Munin*, os corvos de Wotan – protegem o seu sono, para lhe despertar no momento de maior necessidade e perigo para o povo dos ários.

Keyserling disse: "Tudo aquilo que está por debaixo do Mito, pertence à esfera do infra-humano". Tao definitivos são os nossos tempos, no passo de uma idade astrológica a outra, no encerramento de um Manvantara, que o símbolo se faz já visível para até mesmo para o animal-homem. Somente os cegos não o veem, os cegos de alma. A guerra exotérica terminou. Foi ganha pelo judeu também mítico, pelo seu Arquétipo, pelo Senhor das Trevas. Mas a Guerra Esotérica foi ganha por Hitler, o Führer dos ários, dos Nascidos Duas Vezes. Todavia, esta Guerra não chegou ao fim. Nunca terminará. A viagem da Swastika Levógira continua em direção à Hiperbórea, e até mais além, até a Estrela da Manhã, esse planeta artificial, que fora um cometa, detido agora ali, esse Deus-Guerreiro do firmamento, essa Janela. Sua Coroa caiu sobre a Terra, no Polo Norte, submergindo o Continente Hiperbóreo e deixando aprisionado o seu Príncipe Celeste, Lúcifer, Apolo, Irmin. Com Ele desceu o Graal, o seu segredo, o seu *conhecimento*. De regresso à Estrela da Manhã, em direção à Estrela Brilhante do Alba, ao Astro Duplo, que também é a Estrela da Tarde, Yepun, a Estrela Brilhante de ELELLA, do duplo rosto, *Baphomet*. Até acolá, a borde de um *Vimana*, vai também o Führer, para retornar como *Kalki* ao resgate dos seus guerreiros, dos seus heróis eleitos, que aqui, sozinhos, continuaram na batalha, em sua guerra exotérica e esotérica, até entregar as suas vidas. E os *Divyas* hiperbóreos, que estão junto a Ele, invejam estes heróis sobreviventes, que nos tempos mais escuros, de sombras espantosas, sem saber que Ele ainda os estava acompanhando, acreditando estarem sozinhos, continuaram, todavia, lutando até o último suspiro, na "superfície da Terra", controlada completamente pelo inimigo.

Oásis de águas mornas entre os gelos, fogo branco, fogo gelado, ponto frio e secreto no centro do coração! Conseguir se manter impassível, sereno, imperturbável em meio ao combate, sem ódios, sem rancores, sem julgar, sem pré-julgar (como dizia o Mestre), mas além da paixão, no centro da paixão, afastado e próximo, dentro e fora, mais além do Deus do Frio e da Tormenta. Isto é um ser Hiperbóreo, é ir para em direção à Hiperbórea, é ter encontrado essa região inexpugnável, esse Paraíso Terreno, Paradesha, o Sol Negro da Meia-Noite, o alto cume do Monte da Revelação: o Melimouy, o Kailas. O ponto central da pessoa, o Si-Mesmo, o *Selbst*. Esta é a Ressurreição do Führer, de Wotan, de um Deus dentro de nós mesmos, nos gelos antárticos, na Pátria Mística do Polo Sul. Esse é o Hitlerismo Esotérico.

Outros Arquétipos Hiperbóreos

A Montanha

Bem? Como seguir deste ponto em diante? Para onde? Assim como nos velhos tempos, quando da destruição dos templários, os hitleristas sobreviventes na superfície do planeta, os camaradas, começaram a peregrinar em direção a todos os rincões do mundo, perseguidos como criminosos, caçados como animais selvagens, encarcerados em celas tenebrosas, torturados, massacrados. Na França, Robert Brasillach foi condenado à morte; Knut Hamsun, confinado em um asilo de doentes mentais, na Noruega, privado de suas propriedades e direitos; Ezra Pound, trancafiado por treze anos em uma casa para loucos, nos Estados Unidos. Hoje as pessoas protestam porque os russos os seus rebeldes. Método judaico, utilizado em ambos os lados. Já vimos que em 1939 foi também usado no Chile com González von Marées. Não à toa, a psiquiatria, a psicanálise e suas clinicas estão nas mãos de judeus, em qualquer parte do mundo.

Ninguém levantou a voz para protestar pelas torturas daqueles grandes homens do Ocidente.

Fomos os nostálgicos, para usar o título de um livro de Saint Lup, os que não podiam esquecer. “Never forget, never forgive”, nos dizia esta mulher extraordinária, Savitri Devi.

Para onde ir daqui? Pois, ao fundo, ao centro de uma montanha, onde se encontrará o Führer, onde dorme Barbarossa.

Por quatro anos estive na Lista Negra dos americanos e dos ingleses. Para mim, era impossível conseguir trabalho, tive que vender a minha biblioteca, meus objetos de família, para viver e alimentar os meus. Minha mulher adoeceu do pulmão e teve que ir a um sanatório nas montanhas, meus dois filhos pequenos residiram com parentes, e eu onde podia, com amigos. Todavia, naqueles tempos a gente no Chile era mais valorosa, mais íntegra. Mesmo os inimigos me ajudaram. Respeitava-se o opositor leal. Hoje estamos rodeados de miseráveis serventes dos judeus. Muito pouco das novas gerações vale algo. Do ambiente intelectual, não há o que dizer.

Quando o Chile rompeu relações com o Eixo, o fez com a maior dignidade o possível. Era Presidente da República um homem íntegro, Juan Antonio Rios, casado com uma dama de ascendência alemã. O Ministro das Relações Exteriores era um tio meu, irmão da minha mãe, Joaquín Fernández y Fernández. Ele rompeu relações com a Alemanha e eu rompi com ele. Ele não foi capaz de resistir à pressão dos Estados Unidos e nem de renunciar antes de pôr a sua assinatura neste documento calunioso. O mesmo fez a Argentina de Perón. Países como os nossos não puderam fazer outra coisa. Mas o Embaixador do Chile na Alemanha, Tobías Barros Ortiz, resistiu à pressão até o fim. Foi um grande embaixador.

Nasci em um país de altas montanhas e me criei aos pés da Cordilheira divina. Por isso para mim é impossível viver nas planícies, nos vales onde não se avistam cumes nevados. Pouco depois da minha Iniciação, um amanhecer, nesse sonho desperto, me apareceu um cume escuro da montanha que demarca a nossa cidade. Dentro dele haviam duas figuras gigantescas, uma levantava os braços abertos em direção ao cume,

e a outra se inclinava com os braços pendentes. Os perfis de seus corpos estavam traçados por riscos dourados.

Desde então, penso que as montanhas estão habitadas por gigantes; mais ainda, que as próprias montanhas são gigantes petrificados, que ali ficaram imobilizados, se revestiram de pedras, quando o Antigo Sol se foi. E esperam o seu regresso, para sair de novo e habitar o mundo. Será o fim do Kaly-Yuga.

Existe uma religião da Montanha. Quem se aproxima dos altos cumes sente que tudo o que é pequeno desaparece, permanece nos vales tenebrosos, nas cidades onde vive o animal-homem. Acima é a morada dos Deuses, das neves dos ários. Em todo o mundo, os heróis, os semidivinos, veneraram a Montanha. Nos Estados Unidos do Norte, é o Monte Cuchama, sagrado para os homens vermelhos, que ainda conservam como seu símbolo sacro a Swastika. Quando o professor Hermann Wirth ainda era vivo, uma delegação de índios pele-vermelha o visitou na Alemanha. Iam em busca do "homem que na Europa também adorava à mesma Swastika". Mas ele já não estava ali. Havia partido precisamente em busca de uma Montanha. De onde vieram estes símbolos e estas tradições hiperbóreas que ainda são custodiadas pelos nobres índios de pele vermelha? De um povo desaparecido dos gigantes brancos que vivera no Monte Cuchama antes deles. Isto é revelado em "The History of (Lower) California", de F. J. Clavigero. Em 1947, foi descoberto em Sonora, México, há umas noventas milhas ao sul de Los Alamos, em uma caverna de uma montanha, próxima dos 7.000 pés de altura, uma cidade perdida com múmias gigantes de oito e nove pés de altura. Em suas túnicas estavam bordadas pirâmides azuis.

Nunca as cavernas foram um local para se habitar, nem sequer as de magdaleniense. Foram lugares de culto. Isto foi confirmado pelo professor Wirth. Ali era dada a iniciação aos caçadores e aos guerreiros. Em Matakiterani, na Ilha de Páscoa, a Caverna da Iniciação se chamou Hakrongo-Manu, "O Ouvinte do Pássaro Manutara". A caverna na montanha representa o feminino, a mãe, o escuro. Ali se nasce de novo, vencendo o tectônico, no sagrado nascimento iniciático. Ali se renasce ário. A caverna na montanha representa, além disso, a totalidade, o matrimônio mágico, porque a Montanha é o símbolo do masculino; em conjunto com a caverna, formam o Andrógino, o Homem Total, *Ardanarisvara*. A caverna é o *yoni*, a montanha é o *lingam*.

No Himalaia, o Monte sagrado por excelência é o Kailas. Se encontra no Trans-Himalaia e é lugar de peregrinação dos hindus, tibetanos e budistas. Ali, acima, em seu cume, reside Shiva com sua esposa Parvati. Cumprem as Bodas Mágicas, em um eterno retorno e estático *Maithuna*. Seu filho é Ganesha, o Deus-Elefante, simbolizando o recorrido do caminho da yoga tântrica da Kundalini, pois se encontra no primeiro Chakra, Muladhara, como Elefante Negro e no quinto Chakra, Vishuddha, como Elefante Branco. Shiva é o Senhor da Yoga. Ganesha, é o Filho do Homem, aquele da Imortalidade.

O Monte Kailas é a contraparte visível do Monte Meru, o invisível, assim como o rio Ganges é a contraparte física do rio invisível, Saraswati. As figuras animais, de Deuses-animais, estão nos demonstrando uma procedência não humana, que transcende o humano. O Filho do Homem – Ganesha, o Deus-Elefante –, o Corpo Astral, já não é humano.

Do Monte Meru, o invisível, vêm os povos e as raças divinas e semidivinas: os Merovíngios, ou Meru-wingios. Meru-weg = caminho do Monte Meru. 'Weg' significa

'caminho', em alemão. Também Maorí, Maurí e Ma-uru, Terra da Mãe, da Rainha Branca, a Atlantida, segundo Wirth.

Por volta daqueles anos eu lia e relia sobre as expedições ao Trans-Himalaia do explorador sueco do final do século passado e começo deste nosso, Sven Hedin. Partidário e amigo de Hitler, planejaram juntos as rotas mais curtas para conectar Berchtesgaden à Lhasa, no Tibet. Porque, assim como os índios Pueblo, e os peles vermelhas do Monte Cuchama, também os tibetanos foram somente os custódios do grande segredo da raça dos gigantes brancos, os Dropas, que lhes procederam. Eles guardavam a entrada à Cidade interior do Himalaia, Agartha (ou Agharti).

Evans-Wentz, editor do "O Livro Tibetano dos Mortos", do "O Livro Tibetano da Grande Libertação", do "Yogas Tibetanas e Doutrinas Secretas" e do "O Grande Yoga Tibetano, Milarepa", também escreveu sobre a Montanha Sagrada, Cuchama. Foi o seu último livro.

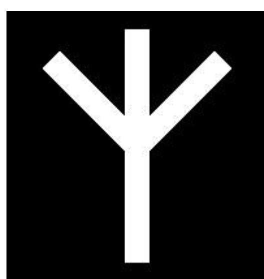
Evans-Wentz era norte-americano e construiu em Almora uma casa de pedra, com vista para os grandes gigantes do Himalaia. Ali vivia o meu amigo, o Lama Govinda. Eu lhe visitava de vez em quando, partindo de uma casa que eu também ocupava nesta alta aldeia himalaica, porta das peregrinações ao Kailas. Me facilitava a sua torre da meditação. Tendo à minha frente a indescritível vista do Nanga Parvath, "entrava em combate", como diria o meu Mestre, nas tardes que tingiam de rosa os cumes sagrados, também em alguns amanheceres de ouro líquido, de ouro alquímico.

O Lama Govinda pintou o Kailas. Eu adquiri esta pintura e a tenho agora perante mim, junto a outra maravilhosa dos cumes himalaicos feita pelo pintor russo Nicolás Roerik. As contemplo, escutando "A Arte da Fuga", de Bach, esta obra sublime, a última por ele composta, mais acima ainda do que os cumes mais íngremes desta terra, no Monte Meru, o Invisível, na mais alta tonalidade de sua alma imortalizada pela *Hiranyagarbha-Cabda*, a Cabala Órfica.

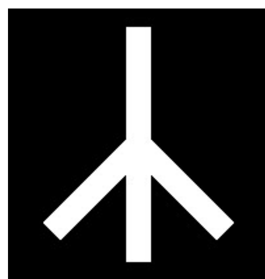
Dois mil anos de um domínio judaico-cristão transformaram o termo 'pagão' em algo pejorativo. Um escritor tão anti-cristianismo como Julius Evola, também cai no mesmo erro de desprestigiar o vocábulo em razão da sua falta de compreensão quanto a Rosenberg e do nacional-socialismo. Tenho comigo o seu ensaio, "L'equivoco del Nuovo Paganesimo", e outro, "Paradosi dei tempi: Paganesimo razzista, eguale iluminismo Liberale".

O culto e adoração à Montanha, da luz diurna, do Sol, das forças naturais, dos rios e das árvores, foi profundamente espiritual e simbólico. Não se adora o Sol como algo físico, mas sim aquilo que está por trás do Sol, sua *Nostalgia* de outro Sol, mais além de todos os sóis: o Sol Negro, o Raio Verde, algo inexistente, que foi perdido. É o mesmo em relação à Montanha, à Árvore, ao Rio. A alegria, a beleza, o amor e a força que se desprendem e são obtidas neste culto, nesta religião tão antiga quanto o mundo, provém de tudo o que está por detrás do símbolo, que a Natureza apenas reflete e nossa alma capta. Porque "as coisas vêm até nós desejosas de se transformarem em símbolos", como dizia Nietzsche. O cristão, herdeiro direto do ódio à beleza do judeu, envenenou a Natureza, primeiro espiritualmente, deformando o sentido pagão da vida, e então fisicamente, contaminando-a, envenenando-a com seus produtos de uma tecnologia e ciência judaicas, que terminarão por destruí-la, como a mais lógica expressão do seu ódio recôndito, impedindo a sua transfiguração.

A Nostalgia da natureza, na pré-antiguidade, era expressada em um culto da Luz do Ano e do Sol, como o símbolo dessa Nostalgia de um Sol distinto, de uma mais além do Sol, semente espiritual e Luz de outra terra. Na linhagem nórdico-atlântica esta Nostalgia foi representada por meio de signos esquemáticos e mágicos, as Runas. O Sol Antigo, o Sol Negro, mais além do Sol visível, por ele que sente a Nostalgia, é o Homem que Virá, que retornará. Em direção a ele o vîra estende os seus braços em todos os amanheceres, em direção a este Sol mais além deste sol. É o homem com os braços estendidos ao alto. O hiperbóreo que perdeu este Outro Sol é o homem se precipitando ao abismo da noite desta Terra, com os braços abertos e estendidos para baixo. Meus gigantes dentro da Montanha. A Runa Man e a Runa Yr.

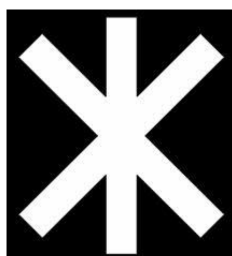


Runa Man



Runa Yr

Quando a Luz do Sol Negro desapareceu, o vîra se refugiou na Caverna Mãe, para esperar o retorno, o renascimento, a ressureição do Antigo Sol. Frederico Barbarossa vai para a caverna de Kyffhäuserberg e Hitler para alguma caverna do Tibete, de um Monte dos Andes ou dos gelos do Antártico. Entrarão em um sono, em sonho, em hibernação, guardados pelo Corvo de Wotan, à espera do retorno da Luz do Sol Negro, da abertura da "Janela" da Caverna, que lhes permitirá pronunciar a Nova Palavra mágica, a Nova Runa, que romperá o Círculo dos círculos do Eterno Retorno, do Ano Calendário de Brahma. E a palavra será a Runa Hagal, formada pela conjunção da Runa Man, da Vida, e da Runa Yr, da Morte. O Homem-Total, o Renascido, o Nascido Duas Vezes, o Ário.



Runa Hagal

Esta Runa tem a forma de uma Estrela de seis pontas (a qual os judeus roubaram). Na verdade, é a Estrela da Manhã, que também é o Astro Brilhante da Tarde, Yepun e Oiyehue, a Estrela Dupla de Lúcifer, de Irmin, de Wotan, de Quetzalcóatl. A Estrela da Iniciação dos Guerreiros, dos Vigilantes da Aurora, dos Caminhantes de Alba, dos que vão em direção à Hiperbórea, em direção ao retorno ao Sol Negro, ao reencontro do continente submergido nas águas da própria alma. E quando isto acontece, o homem renasce, toma a Runa Hagal e a faz girar levógiramente, em direção à Hiperbórea, do Polo Norte (que é o Polo Sul) e a transforma na Swastika do Hitlerismo

Esotérico. O Sol Negro indo para trás, em direção à Origem, ao Raio Verde. O Sol Negro da meia-noite polar.

Tudo isto não é imaginação dos humanos. Eles não podem inventar estas coisas. Esse grande poeta chileno Omar Cáceres, dizia: "Nem um pensamento, oh poetas, os poemas existem, nos aguardam". Os poemas hiperbóreos. Se em tudo isto há a imaginação de alguém, "é uma imaginação cósmica", escrevia Otto Rahn. O Arquétipo Hiperbóreo é um poema extra-cósmico que é escrito nesta Terra através dos heróis de ambos os sexos, que lhes entregam as suas vidas, como uma página em branco para que Ele escreva nelas os seus poemas redentores, imortais.

Eu não inventei a afirmação que Hitler estava vivo, que não havia morto no Bunker, que havia partido em um submarino aos oásis que existem nos gelos da Antártica. Isto foi o que outros disseram, os seus próprios inimigos. E era lógico que assim fosse, porque pertence a uma verdade eterna, a uma Minne, a uma Nostalgia, que se repete e chega de um mais além do Universo. Como vimos: Frederico Barbarossa, o Rei Artur, todos os Führer ários morreram e não morreram, apenas dormem em uma montanha, caverna, gelo ardente, fogo gelado. Oásis ou caverna, dá no mesmo. A "Terra Oca", interior, as Cidades Encantadas dos Himalaia ou dos Andes. O meu Mestre viu Hitler no interior da Terra, em um mundo escuro, à espera talvez do Retorno da Luz do Sol Negro, de um Novo Amanhecer. É o Mito Hiperbóreo que trabalha por si mesmo e para si mesmo. A mais clara certeza do novo triunfo, do retorno de Kalki, sobre um cavalo branco.

Tampouco nós inventamos o símbolo dos Discos Voadores, dos OVNI, dos Vimanas. Ali está, "escrevendo a si mesmo" no "Militärisches Taschenlexikon" da Alemanha democrática e anti-hitlerista da atualidade. O OVNI, o Vimana da Runa Hagal, é a Swastika que gira em direção à Estrela da Manhã. A Estrela Dupla do Hitlerismo Esotérico, a de Wotan. A Estrela da Iniciação Hiperbórea. É o veículo em que o Führer retornará, quando chegar a sua hora.

O Templo na nossa ordem também estava dentro de uma Montanha. Ali, nos recintos iluminados por outra luz, se encontravam em permanente concentração os Brâmanes. Os membros da Ordem chegavam até ali no astral, de todas as partes do mundo. Eram convocados a entrar em combate, para cumprir missões, ou para resistir a difíceis provas. Era árduo chegar à esta Montanha, sendo preciso cruzar vales e selvas escuras, habitadas por tribos inimigas e seres elementais, contra os quais eram travados combates mortais. Uma vez por ano havia uma grande reunião. Os Brâmanes submetiam os Iniciados da Ordem a duras provas, algo similar aos torneios de cavaleiros. Também saímos em conjunto para travar combates em outros planos, em astros distantes, ou na atmosfera astral da própria Terra, na psicoesfera. Penso que quem colocou frente a mim a vasilha com água astral, para apagar o fogo das vibrações, teria sido um Brâmane que vigia, invisível, o meu trabalho e progresso nas experiências esotéricas.

O Mestre acreditava que o Templo estava em uma grande caverna existente no Monte Kailas, no Trans-Himalaia. Por isto eu parti para à Índia, em busca da sede da Ordem. Talvez o Führer também houvesse chegado ali, antes ou depois da Antártica.

Falei sobre esta busca no "La Serpiente del Paraíso". Assim como em "Quién Llama en los Hielos", eu disse pouco, apenas falei. Não me foi possível chegar ao Kailas, pois esta região era controlada pela China comunista. Tentei, todavia, conseguindo ser

convidada pelo Governo chinês. O Embaixador desse país, Pan-tzu-li, me visitou oficialmente para averiguar o que eu desejava ver durante a minha viagem. Eu lhe disse que o Tibete e o Kailas. Não obtive resposta. Por isto eu nunca formalizei a minha visita. Fiz uma curva nas fronteiras do Tibete, subi até o Amarnath, em Caxemira, onde, em uma grande caverna, se ergue o *Lingam* de gelo de Shiva. Também fui à Badrinath, santuário de Vishnu. Consultei muitos iogues, swamis e homens santos, viajei com sadhus e peregrinos e nenhum deles sabia sobre uma caverna em Kailas, frente ao lago Manasarovar e à aldeia de Dirapukh. Falei como o Swami Shivananda, em Rishikhesh e também com o Dalai Lama, em seu exílio na Índia. Consultei também o meu amigo, o Maharajá de Sikkim e o Príncipe Rashkumar. Ninguém jamais a havia visto.

Acredito que o Templo se encontra em Monte Meru, no duplo espiritual do Kailas físico, ali onde foram construídos os corpos dos gigantes Merovíngios (Meru-weg) e de onde partira Wotan, com seus divinos Ases.

Por dez anos busquei no Himalaia e por outros dez nos Alpes, tratando de encontrar a entrada secreta ao país dos gnomos, de Siegfried e do Rei Laurin.

Um dia decidi retornar aos Andes da minha juventude, em busca agora da Cidade dos Césares, de Paititi, de Elellin.

'Himalaia' quer dizer Morada das Neves. 'Andes' vem de 'Antu', sol, e também de 'Anda', homem. O Homem Total. *An-Tropos*.

Pensando nisto, eu acredito poder interpretar a minha visão dos gigantes dentro da montanha que demarca a cidade de Santiago del Nuevo Extremo.

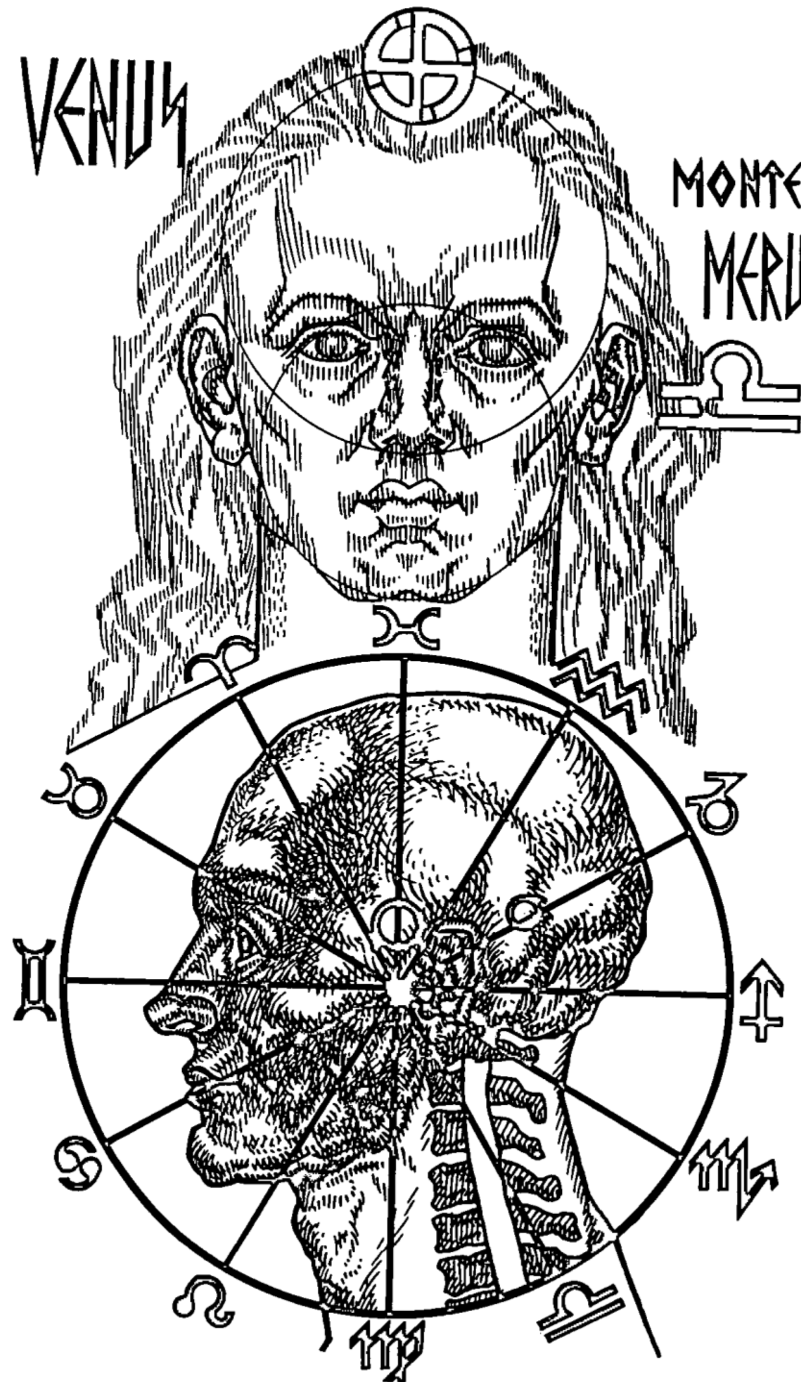
O que é a Montanha em um sentido hermético, esotérico? Na verdade, ela simboliza o homem, assim como a caverna simboliza o Templo. Já dissemos que os primeiros templos foram cavernas nas montanhas. Montanha e caverna, *Lingam* e *Yoni*, homem e mulher, em um sentido cósmico; o Andrógino, o Homem-Total. O Homem e a Mulher Absolutos.

Por isto mesmo, o verdadeiro Templo é o Homem, se encontra dentro do homem. É ali onde é preciso ir celebrar uma cerimônia, adorar, encontrar o Monte e a Caverna, a Cidade Encantada, o Oásis dos Gelos. É ali onde ressuscitará o Führer, o *Homem que Virá*, o Filho do Homem. Ali e do lado de fora, em um combate *sincronístico*. Porque não encontrará o refúgio do lado de fora, a Caverna, a Cidade, a entrada para a "Terra Oca", interior, o Templo da Ordem, quem não o tenha encontrado primeiro dentro de si mesmo.

Isto é o Hitlerismo Esotérico.

A Montanha é o corpo do homem; mas do Homem Astral, do Homem Hiperbóreo, do Siddha, do *Divya*, do *Urmensch*. É o *Sahú* egípcio, o "Corpo de Ressurreição" de Osíris. Sendo assim, a sua fisiologia é a hermética, a astral, a ária. Por exemplo, meus gigantes seriam os dos *nâdi*, os nervos (astrais) da fisiologia tântrica. *Idâ*, ao lado esquerdo de *Meru-danda*, isto é, da Coluna Vertebral etérea, e *Pingalâ*, ao lado direito. A sua contrapartida na fisiologia física são os cordões dos gânglios, ao longo da espinha dorsal. Nascem no Chakra *Muladhara*, ou seja, no plexo pélvico, e então se cruzam, indo o primeiro terminar na narina direita e o segundo na esquerda. Pelo centro de *Meru-danda* sobe o *Sushumânâ*, até o crânio, juntando-se ao cérebro com o Chakra *Sahasrarâ*. Por aqui sobe a Serpente de Fogo, a *Kundalini*. Ela é a Bela Dormente do Monte Meru, na Caverna de Kyffhäuserberg, é a Amada Imóvel, gelada, hibernada, que há de despertar na base da Montanha Mágica, o Chakra Muladhara, precisamente. Meu

gigante do lado Esquerdo, com os braços levantados, a Runa *Man*, é *Idâ*, e o outro é *Pingalâ*, a Runa *Yr*. A Montanha é o Templo e é o Corpo do Homem-Deus, de Wotan, do *Urmensch*. *Shushumnâ*, que nasce no *sacrum*, é o terceiro *nâdi*, o do meio; e é o mais importante, o gigante ainda invisível, o "devorador do tempo" (Saturno), o que concede a imortalidade; é a Runa *Hagal*, que nos conecta com o cume do Monte Meru, onde é realizada a Boda Mágica dos outros dois, de *Idâ* e *Pingalâ* (Shiva e Parvati).



EL REY DEL GRAL

Enfim, tudo isto é altamente simbólico. Na vivência da minha juventude isto surgiu perante os meus olhos (o terceiro olho, o *Vril*, na "memória do meu sangue) repentinamente abertos, em um "amanhecer de caminhos sonoros que se cruzam"< como a visão de uma mandala ou de um yantra. Passei toda uma vida tratando de interpretá-los, de compreende-los. Prova disto são as explicações distintas que dei quanto à esta visão em vários dos meus livros, no "La Serpiente del Paraíso", no "El Cordón Dorado", em "NOS. Libro de la Resurrección", e agora.

A dificuldade que está diante de nós, que não somos modernos, mas sim antigos, é a impossibilidade de nos comunicar com a mente racionalista deste tempo do Kaly-Yuga, que dessacralizou a tudo.

Para os seres distantes [no tempo], o seu ambiente estava pleno de vida, pleno de divindade. Platão e Aristóteles diziam: *Panta plere Theôn*. Tudo está cheio de Deuses. Os araucanos, entre nós, adoravam à arvore, os montes, os rios, o bosque, como os antigos germanos, como os pele vermelha, com os hindus. Na Índia, cada rio, cada acidente da natureza é habitado por um Deus, por um espírito, com o qual os homens se comunicam por meio de um ritual ou de um culto. Os selcnam da Terra do Fogo estavam imersos em uma natureza viva, cálida, apesar das suas geleiras e icebergs.

O Chefe dos índios Pueblo, Ochia-Biano, Lago de Montanha, confessava ao doutor Jung que "o sol já não saia mais por trás das montanhas porque os homens brancos lhes impediam de ajudá-lo a se levantar", impondo-lhes o cristianismo, como uma ferida em suas almas. Me lembro também de um camponês da cordilheira, que certa vez me disse: "Senhor, o que acontecerá com a neve? Creio que não voltará mais, pois os gringos vieram para pisoteá-la, (se referia aos esquiadores); eles a ofenderam gravemente". Outra gente antiga que vive nas vizinhanças da montanha "El Plomo" pensa o mesmo. Porque retiraram a múmia de uma criança indígena do seu cume, que havia sido deixada ali pelos Incas, em um sacrifício ritual aos Deuses destas alturas, com algum objetivo bem preciso, os habitantes locais agora acreditam que o clima local vai mudar e pedem a sua restituição à Montanha sagrada.

As crianças da Alemanha e dos países escandinavos, até a última guerra, seguiam vendo duendes ou fadas. Eu também conversava com eles no jardim da minha infância. Mal posso me lembrar disto, porque perdi a visão disto, juntamente com esse jardim distante.

Dessacralizamos o mundo, colaborando com o Demiurgo, com o Senhor das Trevas, transformando-o em uma esfera morta e pesada, um composto de átomos agregados, de rocha, metais e limo, além de petróleo, sem saber sequer o que esta substância verdadeiramente é. O extraímos, o exploramos; emporcalhamos a Terra, destruímos a tudo, com um critério materialista e judaico, já sem entender que a Terra é um ser vivo, um corpo, alma e espírito, como um vîra, que também anseia pela transfiguração.

No Chile, desde a Conquista, a paisagem não nos pertence. Lhe impomos um culto e um Deus estranho, com o resultado de que os habitantes atuais se encontram em desequilíbrio com o mundo que lhes rodeia. Nada têm que ver com os cumes sublimes, com a beleza da sua terra, nem com o seu mar; se encontram em total desequilíbrio com a paisagem. Seria necessário trazer a luz de um novo Sol para os Deuses, para os Gigantes que dormem dentro da rocha andina, reconhecê-los, render-lhes um culto, estabelecer um diálogo. Somente assim conseguiríamos um equilíbrio entre o homem e a paisagem. Atualmente o homem está destruído, aniquilado, erodido,

como a terra; está alheio a beleza da paisagem sublime. Unicamente extraindo os Gigantes da Montanha será possível a transfiguração da paisagem da pátria mística. Teremos desembainhado a Espada do Chile. E então, das profundas águas do Pacífico, emergirá o antigo Continente do Espírito, ali submerso. Emergirá, como que de dentro do cérebro arcaico do Antropos, do Urmensch, mais além do seu córtex cerebral, do sol atual. E a Terra voltará a ser habitada por gigantes, pelos Deuses Brancos. Desaparecerão os povos diminuídos, os escravos da Atlântida e essa parte precária da pátria, resto sobrevivente de um Continente submerso, se transfigurará e será redimida.

Desde muito jovem senti que a minha missão era ajudar os Gigantes prisioneiros da Montanha, libertá-los, como Lúcifer aprisionado nos gelos do Polo Norte, do Polo Sul, vindicá-los, libertar Prometeu. Hoje também sinto que devo ajudar o retorno do Führer, dentro do grande corpo da Montanha, contribuindo para o cumprimento do seu Rito de Ressureição.

Por isso estou aqui novamente, outra vez junto aos Andes mágicos da minha juventude e da minha Iniciação. Os Montes dos Deuses Brancos.

A Montanha Sagrada dos Himalaia é o Kailas. A dos Andes é o Melimoyu.

A Walkiria

Não foi uma tarefa simples para mim ter que reconhecer que não é fácil compreender os meus livros. Estou tão imerso nos símbolos e nas lendas que circulam pelo meu sangue. Por isso, para mim foi árduo chegar a entender que outros não vivem deste modo. Mas aos poucos vou aprendendo, com a consequência penosa de que devo aceitar a mim mesmo como sendo um ser distinto, de outro mundo.

A esta altura, busco apenas aos meus semelhantes. Escrevo para eles.

Como poderia explicar com palavras simples, transparentes, o modo como o Arquétipo é “impresso” neste mundo, como que em um “plasma cósmico”, em uma argila maleável?

Há um tempo sagrado e um tempo profano. O primeiro pertence às vidas arquetípicas, eternas, e o segundo é para as biografias pessoais, para o histórico. Não sobrevive à morte nada que seja pessoal, unicamente o arquetípico; mas somente quando o Arquétipo é um Arquétipo Hiperbóreo e o herói que o incorpora foi capaz de realizar conscientemente o seu *Sentido*, superando-o. Eis aqui a diferença. Além do que, existem os Arquétipos diabólicos do Demiurgo. E estes são os mais numerosos, sendo um Arquétipo demoníaco o próprio Demiurgo, o Senhor das Trevas. Contra estes deve lutar o herói, destruindo-os.

É claro, a materialização do Arquétipo neste mundo de vibração mais lenta, é efetuado como a impressão de um selo no “plasma cósmico”. Por exemplo, no caso do Urmensch, do Antropos, a sua “fisiologia hiperbórea” é reproduzida da seguinte maneira no corpo do homem terrestre: os animais emblemáticos das constelações, que são os chakras do corpo do Homem Cósmico, são repetidos como plexos no homem. E assim o é com tudo o já explicado anteriormente, com os *nâdis*, a Kundalini, etc. Por isto Swedenborg dizia: “O céu tem a forma do corpo de um homem”. O que está acima está abaixo e vice-versa.

Daqui se deriva a lei do sincronismo, tão importante para a nossa Ordem Guerreira e para o Hitlerismo Esotérico; porque na nossa Iniciação não basta a busca no

mundo interior. Do mesmo modo, a luta deverá ser travada no mundo externo, porque aqui também existe uma Cidade Secreta, uma "entrada" para a Terra Oca, uma Montanha Sagrada e chakras mágicos e magnéticos do planeta. Existe uma Caverna da Ressureição e um retorno para o Führer, que apenas está dormindo, à espera do momento do supremo regresso. Do lado de fora, assim como de dentro, há uma Grande Guerra, há um Inimigo; além disso, há uma Amada Eterna, uma Walkiria.

O instante supremo desta Iniciação viril e guerreira é cumprido no sincronismo, quando o processo interior (a mutação) coincide magicamente com o milagre externo, encontrando-se em ambos os mundos, a *entrada*, a *passagem* para a Terra Oca, ao Oásis dos gelos, ao refúgio do Führer, ao Paraíso de Hiperbórea, ao Si-Mesmo, ao *Selbst*, conjuntamente com a Tarnkappe de Siegfried, com a ciência da levitação dos Vimanas que tem forma circular, e do Corpo Astral (o Sâhu egípcio, Corpo da Ressureição de Osíris) que também se tornou redondo, como um astro, como um planeta, como Vênus-Oiyehue, como o *Huaiyuhuén* dos magos selcnam, os Jon.

Certamente, tudo aqui embaixo é arquetípico, só que os homens não se dão conta disto plenamente, pelo fato de existir algo como que uma ampla margem permitida para "o humano, demasiado humano", que passa a ser o mais importante nos tempos modernos, por isto mesmo chamados de "humanistas". Do iluminismo em diante, o homem passa a não prestar atenção alguma ao Eterno Retorno do Arquétipo, à sua lei cíclica, ao seu símbolo, que traspassa a tudo, tornando religiosa a existência daquele que o vive conscientemente. Para os antigos, fatos tão corriqueiros como o matrimônio nada mais eram que a repetição na Terra de acontecimentos que primeiro aconteciam em algum outro Cosmos, porque também os Deuses Hiperbóreos desposavam uns aos outros. O homem repetia o evento, dotando-o assim de sacralidade. A união física do par, *hierogamia*, a união do céu e da terra neste Universo, regenerando o Ano, a Luz do Ano, conferindo-lhe fecundidade e felicidade. O amor humano tinha, portanto, a possibilidade de repercutir em todo o Universo, porque, como dizia Jung, o Arquétipo é um e indivisível, e quando constelamos' aqui também constelamos lá. É unicamente necessário que o homem esteja consciente disto, oficiando o seu rito, fazendo dos atos da sua vida um culto, da união com a sua mulher um ato ritual, repetitivo, calcado em um símbolo que alguma vez tenha sido cumprido em Hiperbórea. Participando assim da imortalidade. Ou seja, a hierogamia, o *misterium conjunctionis*, o Maithuna, o Coito Mágico. O termo alemão *Hochzeit* vem de *Hogezit*, festa do ano, do Ano Novo. É celebrada na união mágica, com o *Maithuna* tântrico, com o "orgasmo extático". E o Ano será fecundo, será feliz.

A Criação estaria polarizada entre Yin e Yang, conforme dizem os chineses taoístas, positivo e negativo, homem e mulher. Cópia, plágio, falsificação por parte do Demiurgo de algo que acontecera em distâncias incomensuráveis, onde o princípio positivo, masculino, se mantem imóvel. É Parama-Shiva. A ativa, a que se move, a que dança, dando início à criação dos mundos, é Shakti, a Esposa, o princípio feminino. No amor arquetípico, tântrico, isto é reproduzido, passando a ser a mulher a ativa e o homem o passivo. É o Maithuna, o coito mágico, onde a mulher Iniciada, a ioguine, se move, se agita. O homem Iniciado, o *sadhaka*, o herói, permanece imóvel, longínquo, extático, sem ejacular o sêmen para fora (*Bundi*), somente para dentro, para engravidar

a si mesmo e tornar-se *incincta*[11] do Filho da Morte, do Filho da Eternidade, do Filho do Homem, do Corpo Astral, como já dissemos.

Este também é o *A-Mor* dos *Minnesänger* germanos e dos trovadores Iniciados. *A-mor* significa *Sem-Morte*, porque é composto de a = sem e mor = morte. Também *Amor* é escrito em forma reversa à palavra *Roma*, para indicar uma Iniciação secreta oposta ao ensinamento do catolicismo romano. Voltaremos a este tema na Parte IV deste livro, repetindo estes conceitos.

Basta dizer que, até o cristianismo, os Deuses da Antiguidade se casavam, todos tinham uma Esposa Divina com a qual viviam em permanente alegria, em estado orgásmico. A Esposa de Shiva acompanhando-o ao cume do Monte Kailas (Meru) é Uma. A Esposa de Ruda (Shiva) é Runa. O Deus-Deusa Runa. A Esposa de Vishnu é Lakshmi, a de Wotan é Frigga (a Fresia de Ercilla) e Berchta, a brilhante, a luminosa. A Esposa de Baldur é Induna. E assim por diante.

A origem estará em Hiperbórea, esse mundo desaparecido; porque ali estes Deuses foram os seus habitantes, foram os seus reis. Hiperbórea, como já dissemos, é o nome que os gregos deram à essa região do extremo norte, onde Apolo viajava a cada certo número de anos para retornar rejuvenescido. Hiperbórea quer dizer "mais além do Deus Bóreas, do Frio e da Tormenta", indicando-nos que ainda nos tempos dos primeiros gregos este mundo se encontrava acolá dos gelos, rodeado como que de um "vidro transparente", quiçá além da condensação material da energia. Todavia, o nome que os védicos da Índia e da Pérsia lhe deram foi *Aryanabaiji*, lugar da irmandade dos *aryos*, os nascidos duas vezes, onde os heróis, os *vîras* semidivinos de todos os outros mundos desaparecidos, da Atlântida, de Mu, de Gondwana, iam para serem iniciados, *re-nascer*, e confirmar a Lei, que Apolo mantinha (a-Polo, sem Polo). Poseidon e Atlas (do seu nome deriva Atlântida) sustentavam a "Coluna" que, entrando na Estrela Polar fixa, sustentava o céu, indo para além do céu. Na verdade, a Coluna era o *Vril*, o Raio, a Potência de ER, sendo projetado do meio da testa dos Magos e Magas hiperbóreos, podendo assim *sustentar o céu*, de outro Universo distinto deste do Demiurgo. Thule, a Ultima Thule, era a capital da Hiperbórea. Dentre desta Cidade estava o recinto sagrado, secreto, de Poseidon. Pois bem, este nome vem do grego *posis*, que quer dizer *desposado*. Porque era ali, em Hiperbórea, em Thule, no Templo de Poseidon, onde era realizada a Boda Mágica entre Ele e sua Esposa Clito. E para este lugar iam os heróis para se casar, os Deuses e os semi-Deuses de todos os continentes hoje desaparecidos. O A-Mor, as Bodas Mágicas, eram ensinadas pelas Magas Hiperbóreas, pelas Walkirias, por Allouine, por Opis e Arge. A realizavam com Avris, que viaja pela Grécia cavalgando uma flecha. O Deus Eros.

Atualmente restam da reprodução terrestre da Primeira Hiperbórea cósmica somente ínfimas ilhotas dispersas. Hitler acreditou que as Ilhas Britânicas faziam parte de um destes restos de Hiperbórea, onde os sobreviventes enterraram os seus mortos. Por isso não quis invadi-las em sua Guerra Esotérica. Piteas de Marsiglia (Marselha) buscou pela Ultima Thule quatrocentos anos antes da nossa Era. Seus escritos foram perdidos ou fizeram com que desaparecessem; da sua viagem temos apenas notícia por

[11] N. do T.: A palavra '*incincta'* provém do latim, e é a forma nominativa, feminina, singular, do termo '*incinctus'*; seu significado popular é 'estar grávida; próxima ao parto'. O termo em si, literalmente, significa 'não cingir', 'não apertar', ou 'não usar a cinta', e está relacionado à circunstância em que as mulheres, ao ficarem gravidas, e em decorrência disto, passavam a não mais apertar o corpete (espartilho).

citações em outros autores da época que o mencionam. Helgoland, o Heil-Land, Terra-Salvada, Terra Sacra, uma pequena ilha no Mar do Norte, até a Idade Média foi uma rocha escarpada onde eram celebradas as bodas mágicas. Ali Forsite se casava. Esses Deuses frisões davam o consentimento e presidiam a Boda Tântrica, hiperbórea. Por isto, mesmo depois de terminada a guerra, os aviões ingleses continuaram bombardeando por anos este penhasco sacro, atualmente cheio de crateras e feridas. O ódio do judaísmo quanto ao hiperbóreo, quanto à Saga e recordação nórdica, não perdoava. Queria neutralizar o magnetismo desse ponto do planeta, antiga "janela", ou "porta de saída" e "entrada" de Lúcifer, de Apolo, do Deus Irmin. Esse bombardeio insensato tinha características de um ato de magia negra, ou exorcismo contra uma ação esotérica de Hitler, que quase teve êxito: o voo de Rudolf Hess. Como se estivessem querendo destruir até o último vínculo hiperbóreo de Engeland (Angeland, terra dos Angeln germanos) com os Tiuskien, com Tëuschland, Deutschland.

Eu também visitei esta rocha escarpada, este resto sobrevivente de Hiperbórea e, ali, celebrei a Boda Mágica com a minha Walkiria Divina, a que desde o Valhala me acompanha, desde a Estrela da Manhã.

Sobre tudo isto, tão sacro, tão esquecido pelos daqui, escrevi nos meus livros "El Cordón Dorado" e "NOS. Libro de la Resurrección". Groelândia, Greenland, uma grande ilha agora coberta pelo gelo, que uma vez foi Terra Verde, como o seu nome indica, vela este mistério com um manto gelado e branco. Que aconteceu com os hiperbóreos que, todavia, a habitavam em tempos históricos? Desapareceram sem deixar rastros. Teriam encontrado as entradas do mundo interior, da Terra Oca, residindo hoje nas Cidades Secretas, como o Führer? Estariam sob o gelo patagônico, talvez antártico, protegidos pelos Deuses Brancos, seus *baiji*, seus *Kameraden*?

A diferença fundamental entre a mentalidade moderna e a antiga está na crença dos modernos "humanistas" na evolução. Os antigos conheciam apenas a involução. A Idade Dourada já passou, ficou para trás, foi perdida. A religião judaico-cristã perverte esta verdade ainda mais, transformando-a em seu Paraíso Terreno. Algo sobrevive no Gênese, esse documento antediluviano, que parece estar se referindo ao afundamento da Atlântida, mais ainda que ao de Hiperbórea; uma catástrofe muito posterior, com anterioridade a qual existiu algo como um Paraíso na Terra (em que Terra?), uma Idade Dourada. Já vimos como o Gênese foi adulterado, quando um povo primitivo de ignorantes e escravos se apropriou deste documento.

Os indo-ários são quem nos entregam um relatório detalhado do fenômeno cósmico e planetário da Involução. Não é ensinado no Período Védico propriamente dito. Isto é feito entre esta época e a das Epopeias. É no período épico onde o Deus-Mono, Hanumam, o descreve.

Ao que parece, o Kaly-Yuga começa três mil anos antes da Era de Peixes, muito possivelmente com a guerra do Mahabharata, que somente muito depois vem a ser relatada em textos escritos.

Voltamos, portanto, a entrar em uma concepção arquetípica, cósmica, que se repete acima assim como abaixo. A Criação seria uma enorme respiração, concepção então adotada pelos gnósticos. Quanto mais próxima a Criação se encontra do Ser que "expira", mais radiante será tudo, mais sutil. A medida que se distância nos espaços e tempos, a energia diminui, até quase desaparecer, pouco antes da "inspiração" que volta a reabsorver o que foi criado, com um período de retenção intermediário, para

começar de novo com a expiração. A analogia deixa de ser banal quando compreendemos que a própria respiração humana nada mais é que uma repetição em pequena escala deste "Diafragma ou Pulmão Cósmico". Eterna reprodução do Arquétipo no que está mais abaixo, assim como no que está mais acima, tudo igual a si mesmo, tudo eterno. Um jogo infinito de espelhos, uma Mandala, como nestas antigas caixas de chá chinesas, onde se pintava outra caixa igual e dentro desta outra e outra.

Para os hindus, quem "respira" o mundo é Brahma. A expiração e a inspiração correspondem a um Dia de Brahma. É possível assim compreender como o dia terrestre, o ano planetário e solar são também uma reprodução no pequeno daquilo que está em maior escala. O ano, os meses, as semanas, os dias e até as horas, os minutos e os segundos, são arquetípicos, tendo seus equivalentes siderais, que passaremos a detalhar. Correspondem ao Eterno Retorno do idêntico, ao eco sobre-humano, à dança das sombras na Caverna da Criação.

O Dia da Respiração de Brahma é um Kalpa. É composto de 2.000 Manvantaras, ou seja, 4.320.000.000 de anos. Um Manvantara é dividido em 4 Yugas. Sendo assim, o Manvantara vem a ser um Maha-Yuga, isto é, um Grande Yuga. Manvantara, ou Manu-Antara, período da vida de um Manú, de um Homem-Semente, de um Antropos arquetípico, de um Aion, ou Senhor do Tempo Cósmico, astrológico, de toda uma Era; o Arquétipo que será reproduzido neste período da Criação. A Iniciação da Ilha de Páscoa tinha a ver com tudo isto, com o Manutara, ou Manu-Antara, com toda uma Grande Era e o seu Homem-Arquétipo (ver "NOS"). Um Manvantara é composto de 4 Yugas: o Satya-Yuga, ou Krita-Yuga, a Era de Ouro (dos Gregos); o Treta-Yuga, Idade de Prata; o Dwapara-Yuga, Idade de Bronze, e o Kali-Yuga, Idade de Ferro, a mais escura, a atual. Nem sempre o Manú, o Homem-Semente, o Arquétipo, tem êxito. Às vezes é um fracasso, como em nosso Manvantara. É formado pela influência dos Deuses-Astros, pelos Deuses-Constelações, com maior ou menor êxito.

Por sua vez, cada Yuga é composto de um Sandhya, que o precede, isto é, um Crepúsculo e é seguido por um outro período de igual duração, Sandhyansa, correspondente à uma porção deste Crepúsculo. Ambos são como um intervalo que antecede o Yuga propriamente dito. Cada um é igual a um décimo da duração de todo o Yuga.

A duração de um Yuga é medida por "Dias dos Deuses". Um ano dos Deuses corresponde a 360 anos dos homens.

O Satya, ou Krita-Yuga, dura	4.000 anos dos Deuses. (A Idade de Ouro)
Seu Sandhya dura	400 anos dos Deuses
Seu Sandhyansa dura	400 anos dos Deuses
Total:	4.800 anos dos Deuses
	4.800 por 360 = 1.728.000 anos dos homens

O Treta-Yuga dura	3.000 anos dos Deuses. (A Idade de Prata)
Seu Sandhya dura	300 anos dos Deuses
Seu Sandhyansa dura	300 anos dos Deuses
Total:	3.600 anos dos Deuses
	3.600 por 360 = 1.296.000 anos dos homens

O Dwapara-Yuga dura	2.000 anos dos Deuses (Idade do Bronze)
Seu Sandhya dura	200 anos dos Deuses
Seu Sandhyansa dura	200 anos dos Deuses
Total:	2.400 anos dos Deuses
	2.400 por 360 = 864.000 anos dos homens

O Kali-Yuga dura	1.000 anos dos Deuses (Idade do Bronze)
Seu Sandhya dura	100 anos dos Deuses
Seu Sandhyansa dura	100 anos dos Deuses
Total:	1.200 anos dos Deuses
	1.200 por 360 = 432.000 anos dos homens

O Maha-Yuga, a soma dos quatro Yugas, o Manvantara, período da vida de um Manú, soma 12.000 anos dos Deuses, o que é igual a 4 milhões e 320 mil anos dos homens.

No primeiro Yuga, o Satya-Yuga, o homem vivia 4.000 anos; no Treta-Yuga, ele vivia 3.000; no Dwapara-Yuga, vivia 2.000 anos, e no Kali-Yuga o homem carece de um período mais ou menos fixo de vida.

Alguns podem acreditar que ainda falta muito tempo para o fim do Kali-Yuga. Em termos gerais, sim. Mas não para o final desta Terra física tal como a conhecemos, para a vinda de Kalki e o juízo dos heróis. A Terra não é a mesmo nos diferentes Yugas, e menos ainda no Manvantaras e nos Kalpas. A semente do Homem Cósmico, do Antropos, viajou através dos astros e constelações. Mesmo antes do fim do Kali-Yuga esta Terra desaparecerá. O final desta Época horrível, de Ferro, será realizado em uma esfera de chumbo, de prótons, mais pesada que o chumbo, um inferno automatizado, cuja prenúncio mais próximo é o Kaal judeu da sociedade comunista, com as raças mongólicas e amarelas. Os guerreiros sobreviventes, os poucos Filhos da Luz, de Wotan, entrarão em seus *Vimanas* e partirão, simultaneamente à grande catástrofe.

O quadro aqui apresentado é algo similar à soma da Involução, do descenso, da debilitação da Respiração de Brahma. Antes e depois que tudo volte a recomeçar haverá uma interrupção, um crepúsculo, uma imobilidade, um repouso. No primeiro Yuga, o da Idade de Ouro, a vida era paradisíaca, nos dizem, sem enfermidades; não existiam sacrifícios, com apenas um culto, uma irmandade, uma raça. No Segundo Yuga, o da Idade de Prata, começam os sacrifícios, com presentes aos Deuses. A retidão diminui em um quarto. No Terceiro Yuga, o da Idade de Bronze, somente alguns homens aderem à verdade, a retidão diminui pela metade e as cerimônias e cultos se multiplicam. Começam as enfermidades e as calamidades, causadas pelo Destino. No Quarto Yuga, a Idade de Ferro, cessam todas as práticas dos sacrifícios, os Deuses morreram; a fome, os males e as enfermidades acossam os homens. O declínio e a confusão são generalizados. Esta Idade começou 3.102 anos antes de Cristo.

Para o Manvantara, ou seja, para os quatro Yugas desta Idade, existiram dez encarnações do Avatar. Vishnu encarna para vir em ajuda dos seus. Ao Satya-Yuga correspondem quatro encarnações astrológicas em forma de animais zodiacais, as quais nos indicam que essa Era não foi espiritual e que essas encarnações não foram hiperbóreas e nem de Vishnu, como alguns pretendem: o Leão, o Javali, a Tartaruga, o Peixe. Para o Treta-Yuga, a encarnação é mitológica: o Anão. Esta é a quinta encarnação de uma Entidade Demiúrgica. Este Yuga corresponde à Terra atual somente em parte. A

sexta encarnação do Treta-Yuga é épica e hiperbórea, a de Parasu-Rama, o Rama com um Machado (Parasu = machado). Wotan, o Deus-Herói dos Ases, também porta um machado. Já estamos entrando na Terra atual, sendo iniciado o Êxodo de Hiperbórea, simbolizado na Swastika Dextrogira. Parasu-Rama é um filho de Brahma, o que indica a decomposição da estrutura da Idade Dourada, onde o Shastriya e o Brahma se uniam na pessoa sacra do Rei e Supremo Sacerdote. (Melquisedec. Ver meu "Visitas de la Reina de Saba"). A sétima encarnação é do Avatar Rama-Chandra, Luz Lunar, o herói do poema épico do Ramayana. A oitava reencarnação do Avatar é a de Krishna, de cor azul. O domínio bramânico-sacerdotal já foi imposto, passando a comandar como primeira casta, sobre a Shastriya dos nobres e dos guerreiros. A nona encarnação do Avatar é a de Buddha. Aqui começa o grande declínio, com a destruição das castas da sociedade ária regida pelo "Código das Leis de Manú". A décima encarnação do Avatar de Vishnu ainda não aconteceu, segundo os textos epopeicos hindus. Será a de Kalki, que virá montado em um Cavalo Branco, para julgar e salvar. Minha crença é a de que o Último Avatar de Vishnu, Kalki, se não vem para encerrar a fase final do Kali-Yuga, precederá em poucos "dias dos homens" à destruição da Terra física atual. Kalki porta em sua mão direita uma espada flamejante, simbolizando o retorno do Mito de Phaeton, esse "cometa" dos gregos, que causou a destruição de Atlantis. (O Cometa Halley). É o retorno do Führer, no limite dos tempos.

Cavalo Branco, Ka-ba-la. *Hiranyagarbha-Cabdha*. Cabala dos Ários Brancos. Magia Branca dos Ários.

O "Bhagavata-Purana" agrega vários Avatares, mas, começando por Purusha, o Ser inominado, o *Selbst*, a Mônada.

O Avatar é uma projeção Hiperbórea. A diferença entre um Arquétipo Demiúrgico e um Avatar Hiperbóreo é que este é uma projeção dos Siddhas para ajudar a resgatar os *vîras* (heróis) da infernal roda do Eterno Retorno dos Kalpas, Manvantaras e Yugas, da "respiração" do Demiurgo Brahma-Jeová e da fagocitação pelos seus Arquétipos-Manú, Hierarquias e Aiones.

A pergunta que nós nos fazemos inevitavelmente é: Onde, nesta concepção, estará localizada a Primeira Hiperbórea, a Última Thule? Compreendemos que, desde o primeiro expirar de Brahma, caímos no tempo e no espaço, mesmo que sejam espaços e tempos diferentes, dias e anos dos Deuses. Essa expiração coincidirá, talvez, com a partição do Ovo Cósmico do Andrógino Primordial, do Mito Órfico, que expomos como revelação em "NOS. Libro de la Resurrección". Há, entretanto, opiniões contraditórias sobre quem começa a "dança", o "respirar" da Criação. Para Hanuman, é Brahma; para os tântricos shivaistas, é Shakti, o princípio feminino. Talvez a partição do Ovo ocorra na Primeira Hiperbórea, um segundo atemporal antes da Grande Dança da Shakti, que os vedantinos chamaram de Maya, a Grande Ilusão, e os Tântricos e Nietzsche de "Vontade de Poder".

É no momento exato do começo da Respiração, da Criação, que também é iniciada a Involução, similarmente a como Nietzsche via o começo da Meia-Noite no Meio-Dia e vice-versa. Por isso, hoje, no centro do Kali-Yuga, é quando mais se pode ansiar pela Hiperbórea. Junto a homens materialistas se encontram jovens de ambos os sexos, plenos de nostalgia e com condições telepáticas bastante desenvolvidas.

Se torna difícil de descrever aqui a partição do Ovo Cósmico. Mais do que revelamos em "NOS" já não nos é possível obter.

O Drama descrito ali sobre a separação do Ele e de Ela ocorre em espaços muitíssimo longínquos, sutis, em distâncias impossíveis de serem concebidas para nossas mentes do Kali-Yuga. Tudo isso é anterior aos Satya-Yuga, à Idade Dourada. Houve um tempo e um espaço intermediários; na verdade, um Crepúsculo, Sandhya, no próprio Amanhecer, em uma Meia-Noite, em um Meio-Dia. Um Prólogo Cósmico para o Drama, para as "Memórias do Arquétipo". Algo que aconteceu *"mais" acolá*[12] *do Arquétipo*.

É antes, fora do Satya-Yuga, onde deveríamos começar a localizar a Primeira Hiperbórea, em outro Universo "inexistente", no Raio Verde. A Idade Dourada é outra coisa e já está incluída no evento da Involução da Respiração de Brahma. Ali o homem vive quatro mil anos, e também morre. Há um culto, já existe a **Nostalgia**. O *A-Mor* Mágico é ensinado como forma de recordação da Hiperbórea.

A nossa contribuição, como revelação, à Mitologia Órfica foi o seguinte: assim como existiu um Ovo Cósmico, que chamamos ELELA, formado pela união de Ele e Ela, também existiu outro, ao qual chamamos ELAELE[13], formado pela união de Ela e Ele. Isto é, além de um andrógino, *houve uma Andrógina*. É impossível penetrar mais a fundo neste Mistério. Algo foi preservado no Gênese, onde além de Eva mencionam uma misteriosa companheira de Lúcifer, Lillith, da qual nunca mais se volta a falar. É a Grande Viuva e seus filhos, somente mentais, espirituais, são os "Filhos da Viuva"; na verdade são o *Filho do Homem*. Tudo isto é repetido na lenda de Jasão e Medeias.

Nosso aporte à revelação do Mito Órfico adquire uma projeção decisiva; porque os Arquétipos Hiperbóreos de ELELA e ELAELE estariam nos ensinando que, em sua "repercussão" no mundo do Demiurgo, eles moldam diferenças fundamentais entre os seres, animais-homens, os pasú, os semidivinos e os divinos. (Os distintos Inconscientes Coletivos de Jung). Existiriam também dois tipos de mulheres: A Eva terrestre e a Lillith divina.

Também o Ovo Cósmico que é partido é somente um entre inúmeros. Muitos permanecem inviolados. Na concepção filosófica de Samkhya, são os Purushas. Dissemos que os ários não são monoteístas, mas sim politeístas. O Drama ao qual aqui já nos referimos dos Kalpas, Manvantaras e Yugas, é centrado em apenas um Universo dentre tantos outros que poderiam existir. Nietzsche já previa isto quando se perguntava: "Por acaso haveriam outros mundos onde não existe lei alguma, onde não regem os pressupostos da mecânica, nem da causa e efeito?..." E neste mundo infernal e corrompido do Demiurgo, neste Eterno Retorno da involução, de repente se viram os hiperbóreos, derrotados ou caídos com Lúcifer. Por acaso eles o fizeram voluntariamente, para renegá-lo, transmutá-lo, travando o mais heroico dos combates na própria cidadela do Inimigo? Em todo caso, o Avatar do Führer veio para ajudar os seus heróis.

Quando o Ovo de ELELA se divide, a Ela d'Ele se separa, parte primeiro. E Ele será um peregrino agônico em busca da sua Ela, através de mundos, de galáxias, onde ambos deverão combater o Inimigo. Mas eis aqui que outro Ovo-em-Si, ELAELE, que

---

[12] N. do T.: Esta é uma expressão muito usada por autores como Felipe Moyano e Miguel Serrano em sua língua nativa, o espanhol – "mas allá". Em português, significa "além", não em um sentido de algo a mais, como em "além de irmos ao cinema fomos ao mercado", mas sim que em relação a algo que está mais longe, acolá, algo que vem após algo que já está longe.

[13] N. do T.: Em espanhol 'ele' e 'ela' são, respectivamente', 'El' e 'Ella'. Os dois Ovos Cósmicos aqui mencionados pelo autor têm a seguinte grafia na sua língua original: 'ELELLA' e 'ELLAEL'.

contemplou a explosão de ELELA no espaço Incriado – como o suicídio de uma estrela Nova – por solidariedade, por A-Mor (Amor sem amor) e porque se sentia camarada de ELELA, também divide o seu Ovo, por contágio, por assim dizer. E já temos uma Ela em busca do seu Ele através de gloriosas guerras e sacrifícios sangrentos.

E Alguém, um Ser desconhecido, haverá permanecido em espera pelo regresso, como que à beira de uma Fonte. Alguém que na aventura deles dois (quatro), se joga ao Destino de uma existência divina, impossível, não imaginada sequer pelos mais grandes peregrinos da ânsia. Quem é esse Ser, que parecera haver tido sonhado isto tudo, que arrisca tanto no Mistério de ELELA e ELAELE? É alguém que está mais acolá dos Arquétipos do Demiurgo e até mesmo dos Arquétipos que os Siddhas hiperbóreos usam como instrumentos de combate? Alguém que aspira destruir o universo do Demiurgo, romper o Círculo dos Círculos, liberar os seus prisioneiros do Eterno Retorno? Alguém que houvesse permitido que ELELA e ELAELE se partissem em pares de opostos para poder entrar no pesadelo, no mundo corrupto do Demiurgo, para buscarem, se reencontrarem, lutando para transmutar essa criação má?

Quando nas infinitas rondas do retorno, em algum Kalpa, Manvantara ou Yuga, Ele reencontra a sua Ela, ou Ela reencontrar o seu Ele, a história não deve terminar ali. A Magia, o milagre, o triunfo ocorrerá quando este Homem-Absoluto, que recuperou a sua Ela, se reencontra com a Mulher-Absoluta, que também recuperou o seu Ele, com Allouine, com Lillith. E então, juntos, na Grande Guerra de Wotan, que Divya e Walkiria, dirigidos pelo Führer, rompam o Círculo dos Círculos e derrotam o Senhor das Trevas, o Demiurgo-Jeová. Que ganhem perdendo. E que Eles se *A-Mem*, inventem a comédia do *A-Mor*, de um Amor sem amor, inexistente mais acolá de tudo. Através de outros espaços, de outras eternidades, os que juntos iniciaram a aventura, a Guerra, o Drama, voltam a se unir, camaradas, *a-mantes*, mais acolá dos astros e galáxias, detrás da mais longínqua das estrelas. Para voltar a se separarem e se juntarem outra vez. E lágrimas, como mundos, seriam derramadas por Alguém que tenha ficado esperando como que à beira de uma Fonte.

Este era o *A-mor* que era ensinado na segunda Hiperbórea, essa fortaleza polar inexpugnável, construída pelos Divyas hiperbóreos no Satya-Yuga, a Cidade de Poseidon, do *Desposado*, na Idade Dourada, e que tornaram invisível em outros Yugas, por meio de um Cordão Dourado que Poseidon estendeu em um círculo ao redor de Thule.

(“*Te dou a ponta de um Cordão Dourado – Deves apenas enrolá-lo em uma esfera – Te levará à Porta do Paraíso – Que se abre nos muros da Cidade*” – William Blake)

A participação de Ele e Ela, a ruptura do Ovo Órfico, Hiperbóreo, teve como razão a Guerra, se separando, portanto, para poder combater em um Universo dividido em pares de opostos, corrompido pelo Demiurgo-Jeová. São os heróis, guerreiros e guerreiras, Avris, Allouine, Lúcifer, Lillith, e alguns outros, que ainda tratam de resgatar e transfigurar a Terra, derrotando o Senhor das Trevas, destruindo os seus Arquétipos, libertando os seus prisioneiros e encontrando a *Saída* da Roda Infernal do Eterno Retorno.

Todos os Deuses tinham as suas esposas, as suas amadas, menos o Deus judaico-cristão. Jeová não a tem, tampouco o seu filho Jesus-Cristo. Já ao final do Dwapara-Yuga

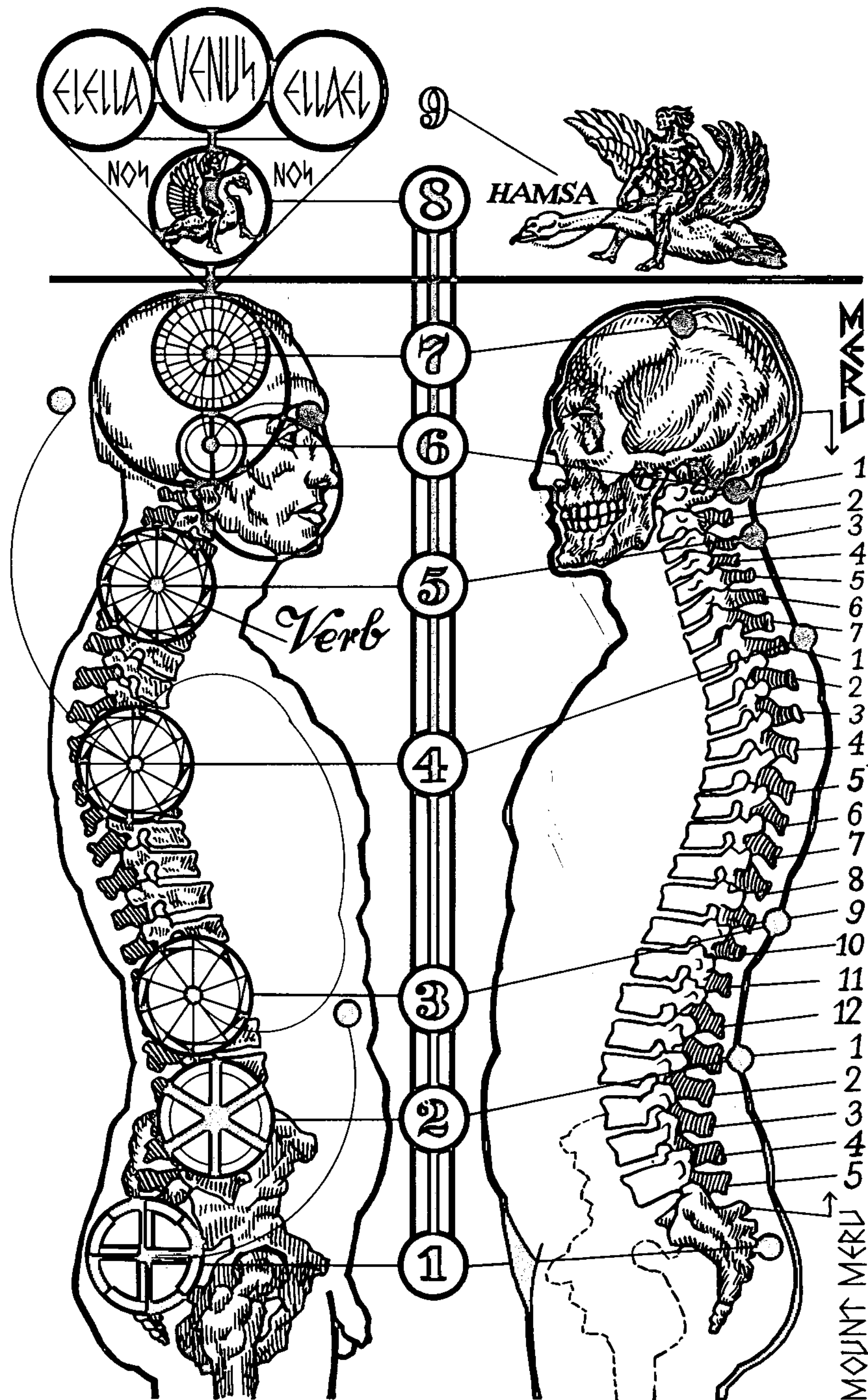
e o início do Kali-Yuga, Krishna o anuncia: ele dança com muitas mulheres, com as vaqueiras de Gokul, nos jardins de Vrindaván, mas na verdade ama apenas uma; ama a Radha. Aqui começa a ser intuído, melhor dizendo, a ser encarnado, a descer, o Arquétipo Hiperbóreo da Walkiria. Porque mesmo que as mulheres, através das quais buscamos à Ela perdida, sejam muitas, a Mulher-Absoluta, a Mulher-Divina é somente uma e, de algum registro fora do Universo, nos acena como sendo insubstituível. Para Krishna era Radha, a Parakiya, a esposa de outro. Somente em momentos especiais ela abandonava o seu marido e vinha para dançar com o seu Deus, que a espera eternamente.

Na lenda krística, penetrada de arianismo e de nordismo, isto está ainda mais velado. Maria aparece como a esposa de um homem comum, de um ser humano. Mas fica grávida de um Deus, sem perder a sua virgindade. É o Mito matriarcal de épocas muito involucionadas, quando a Walkiria decaiu para Amazona. Hermann Wirth, por desconhecimento do esoterismo hitleriano, exalta o matriarcado como sendo o ideal das origens e nos fala de uma Rainha Branca de Mo-Uru, da Atlântida; Gaia, a mulher que dá à luz sem a participação do homem, como a rainha dos cupins, por ação telepática, diremos, e igualmente à pintura de Leonardo “A Anunciação”, onde o Anjo está “engravidando” a menina-virgem com o “olhar”, transladando-a a Deus, fecundando a sua carne. E ela o recebe em sua mão aberta, em um gesto ritual, pleno de aceitação.

Hermann Wirth entrou em conflito com Alfred Rosenberg, assim como o havia feito com Bachhofen, porque defendiam um matriarcado contrário ao da Weltanschauung das SS, que, ao meu parecer, devia estar acima do matriarcado e patriarcado, temas relativos aos Yugas mais baixos da involução. O professor Hermann Wirth foi tirado da direção da Ahnenerbe. Esse era o organismo especializado da SS para a investigação da pré-Antiguidade e dos restos do passado mais remoto, da herança dos antepassados hiperbóreos. Também no Chile existiu um matriarcado, na pré-Antiguidade, o da Rainha Gaibomilla, segundo nos conta López de Gomara. É curioso este nome, certamente inventado, que inclui o radical *gai*, de Gaia, aquela que dera à luz sem intervenção do homem. Este matriarcado é posterior ao Reino dos Gigantes, dos Deuses Brancos e nos demonstra uma decomposição do Arquétipo superior, hiperbóreo, da Walkiria.

Todavia, é necessário nos determos aqui por um momento, nesta procriação feminina autônoma. Nestas páginas temos tratado de revelar a possibilidade existente para o Iniciado de dar à luz à sua própria imortalidade, o seu Corpo Astral, o seu Filho do Homem, quando, através da Iniciação de *A-mor*, sua Amada se torna incincta, em uma espécie de partenogênese iniciática. O mesmo aconteceria à Mulher superior (não a Eva), a Lillith, a Allouine, podendo tornar-se incincta de um “Anjo”, também por Amor Mágico, por Iniciação de *A-mor*, no contato telepático, astral, com o Amado. E assim, Ela dará à luz o verdadeiro Filho da Mulher, algo que existia dentro, em potência, virtualmente, e que Jung chamou de *Animus*, que agora terá o Rosto do Amado, de Avris. Será a Mulher-Absoluta, preparada para reencontrar o Homem-Absoluto. E refazer Dois Ovos Cósmicos que, contudo, não serão nunca os mesmos que foram certa vez. Porque agora terão um *Rosto*. O Duplo Rosto de Baphomet, a Estrela dupla da Manhã. E Dois Ovos renascidos, dos Purushas recuperados, unidos e separados para sempre, *inventarão* a Grande Comédia de Amor. Essa Flor Inexistente. E terão *saído* da prisão do

"mundo respirado" do Demiurgo, do seu Eterno Retorno, mais acolá dos seus Arquétipos e dos seus Deuses tirânicos.



O Monte Meru (também o Melimoyu) se encontra em ambos os Polos do Caminho do Hitlerismo Esotérico e da Iniciação grálica, de A-Mor. Em ambos os extremos há uma saída em direção ao ELELA e ELAELE. Através da Estrela Dupla, Vênus; pelo Astro Brilhante da Manhã (Oiyehue) e pela Estrela da Tarde (Yepun).

Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

Certa vez nos referimos ao Evangelho de Tomás, encontrado entre os Documentos do Mar Morto, onde é revelado um diálogo entre Jesus e Maria Salomé, do mais puro tantrismo. O Kristo Hiperbóreo, o Kristo da Atlântida, também tinha uma esposa, uma Amada, no sentido aqui indicado. Simão, o Mago, que era representado como uma reprodução de Cristo, viajava com sua Enoia e com ela fazia milagres. Talvez Maria Magdalena fora a esposa de Jesus Cristo, na cópia e adulteração que o judaísmo fez do Kristo da Atlântida; ou a própria Maria, que então é transformada em sua Mãe, sob a influência do matriarcado lunar do judaico-cristianismo. Uma mãe tirânica e devoradora, como a de Parsifal, mas da qual Jesus, o judeu, não se libertará. Na lenda cristã dos primeiros séculos se descobre a influência do hinduísmo, sobre tudo a de Krishna[14]. Maria, na verdade, é Maya, a Ilusão, a Shakti, que no ciclo da Iniciação dos trovadores de Occitania se transformou nas "Festas Mayas", do Mês de Maio, onde tudo é o que não é. Uma Ilusão. (Ver a minha obra "ELELLA, Libro del Amor Mágico").

De Hiperbórea, do Norte Polar, chega esta recordação, esta nostalgia do Amor Mágico, sendo transmitida na memória do sangue ário. No mistério do Graal e na Iniciação do *A-Mor* dos *Minnesänger* germanos e dos trovadores occitanos, ela é captada com renovada força e entusiasmo. Também nos 'Fedele d'Amore' do norte da Itália, na Alquimia, e, por último, no Hitlerismo Esotérico, na forma de Mito e símbolo na vida terrestre do Avatar, do Arquétipo Hiperbóreo do Führer.

Em todas as disciplinas, para poder alcançar o objetivo da imortalização do Iniciado, a presença feminina é essencial. Ao lado do guerreiro, do cavaleiro do *Graal*, do *Minnesänger*, do Trovador, do Führer, tem que existir uma mulher, seja de carne e osso, ou na imaginação, no outro lado, em um além, no mundo dos mortos, dos heróis, no Valhalla. Unicamente a sua presença, ou a sua lembrança, pode constelar dentro do herói, do guerreiro, do Iniciado, o Arquétipo Hiperbóreo do *Anima*, permitindo-lhe recuperar a Ela perdida, dando ao *Anima*, ao Corpo Astral – que no homem é feminino e na mulher é masculino, segundo Jung – o rosto da Amada. Somente se *apaixonando* pela sua Walkiria ele o conseguirá. A doutrina esotérica dos trovadores se vale de uma elaborada técnica de idealização da Amada, da *Domna*, para alcançar o objetivo transcendente. É um amor platônico, um Tantrismo da Mão Direita, como o de Dante. O Tantrismo da Mão Esquerda alcança fins similares, realizando o *Maithuna*, o coito mágico com a mulher, sem ejacular o sêmen para fora, senão que para dentro. O Tantrismo da Mão Direita cumpre a união com a Amada somente no corpo astral e em outros até mesmo mais sutis. Ambos pertencem à 'Via Úmida' da Alquimia, que se percorre junto com a mulher. Parsifal aconselhava seu amigo Gawan a conquistar o Graal sem Deus, somente com a sua fúria e com a Amada na lembrança, na mente. A 'Via Seca' é a do Mago, que, sem a necessidade de uma mulher do lado de fora, se casa dentro [de si], porque já a tem consigo desde sempre, ou porque ela não coincidiu com ele nesta Ronda e somente lhe guia de Agartha. O Demônio, o Senhor das Trevas, conseguiu com que confundíssemos a Amada com a "Mãe de Deus", obtendo a sua

---

[14] N. do T.: A influência do budismo é claramente visível. De fato, há vários dizeres, provérbios, alegadamente de autoria de Jesus que, todavia, foram precedidos (quase que palavra por palavra) por Buddha em inúmeros séculos. Para aqueles que estudaram não somente história e teologia, mas também textos como o MBV, de Felipe Moyano, a correlação entre o budismo e o cristianismo, principalmente em teremos daqueles que trabalham por trás das cortinas, regendo o destino espiritual da humanidade para cada vez mais afundar a Voz de Sangue dos hiperbóreos no esquecimento, fica clara a orquestração e, diria até mais, farsa por trás do Cristianismo e do seu profeta messiânico.

adoração mística. É a origem do Culto Mariano, uma espécie de matriarcado espiritual e translação celeste da Rainha Branca de Mo-Uru.

A mulher ideal dos *Minnesänger* se chamou Woewre-Saelde, uma Grande Viuva que os inspirava. Com o Mistério do *Graal* a Ante-História volta a ser encarnada na História. O *Sangreal*, ou seja, o Sangue Real de Hiperbórea, a sua Memória Ária, Supra-Polar.

Este maravilhoso caminho de *A-Mor* é essencialmente viril. Somente os heróis poderão enfrentar as provas que a Amada apresenta aos seus eleitos para lhes entregar a Taça do *Graal*, plena até a borda com o Licor da Imortalidade: Soma, Ambrosia, Amrita, Ahoma. Plena, na verdade, com o sangue azul dos hiperbóreos, dos ários, dos Nascidos Duas Vezes e que os *Minnesänger* bebem no rito da *Minnetrinken*, dento do Círculo da *Männerbunde*. Ao centro deste Círculo, desta Mesa de Pedra Redonda, de Gelo Polar, se encontra o Führer, também com a sua Esposa Iniciada, Parastri, a *Amasie Uxor* dos trovadores cátaros, Woevre-Saelde. É o último Avatar do Deus do Machado, de Wotan-Vishnu. Vishnu é um Deus hiperbóreo, que tem por emblema a Swastika, loiro e de olhos azuis, e vive em Agartha. Por isto o Führer não virá para destruir, senão que para restituir Hiperbórea, nos dando a *saída* do Círculo dos Círculos, dos Kalpas, Manvantaras e Yugas. *É o Homem que virá*.

O Rei de Hiperbórea é ER; Saturno-Kronos, para os gregos, o Deus do Satya-Yuga, o que devora o Tempo. Por isso Hiperbórea não está incluída totalmente em um tempo histórico; está situada fora da Respiração de Brahma, da Criação demoníaca do Demiurgo Jeová.

Nem sempre Ela e Ele coincidem nas Rondas. É quase um milagre poderem se reencontrar, livres e com *memória*. Geralmente chegam a este mundo atrasados. Ou Ela deve partir, quando Ele a encontra; ou se casou com outro, como acontecera com Nietzsche. É a Parakiya. A dor pode levar ao suicídio, ou à loucura, como com Hölderlin e o próprio Nietzsche...*Ariadna, Ich liebe dich*!

Esse tipo de Amor vem quase sempre unido à morte, como em Tristão e Isolda, como em Romeu e Julieta, como nas velhas lendas e sagas. Porque não é um amor deste mundo. É um Amor para a Morte Mística, Iniciática, que fracassa com Julieta. É o Amor da Eternidade, da Imortalidade. Porque somente existe uma Ela hiperbórea para um Ele hiperbóreo em todos os universos e mais além deles. E é um crime e suicídio espiritual trair à Amada Eterna.

O Mito arquetípico é cumprido mais precisamente com a morte da Amada, como na "Divina Comédia", poema hermético, simbólico, composto dentro dos segredos da Escola Iniciática dos *Fedele d'Amore*, a qual Dante pertenceu. Parece que ela precisa partir, afastar-se em distâncias incomensuráveis, para poder guiar melhor o seu amado ("Se Deus quiser, te amarei ainda mais estando morta" – Elisabeth Barrett) apresentando-lhe duras provas. Ao partir, lhe deixou incincta da Eternidade. Porque "abriu o seu coração como que com uma adaga e se instalou ali. E ele já não terá outra companheira a não ser ela, até nas escuras profundidades da tumba". E "em todas as batalhas que ele trave, será ela quem combaterá nele". E "se ele lhe é fiel até a morte, somente a boa fortuna o acompanhará".

O caminho da Viuvez Esotérica é duro e glorioso. É marcado pela castidade dos Cavaleiros do Graal.

Em tudo isto se vê insinuada uma diferença essencial entre os caminhos da Iniciação Viril e da Iniciação Feminina, ambas de *A-Mor*. Ao morrer, ela está arriscando a sua eternidade, pois se entregou ao Amado. Somente se ele vence, se dá à luz ao Filho da Morte, se ele se eterniza, revestindo o seu Corpo Astral de matéria imortal, imperecível, de *Vraja*, se com a arma na mão força a *saída*, [então] estará em condições de ressuscitá-la de retorná-la à vida, de torná-la também imortal. Ela partiu desposada e com um rosto para a sua alma. O rosto do Amado, devendo continuar o caminho da sua Iniciação, da sua imortalização, somente no outro lado, mas telepaticamente unido a ele, como a sua Walkiria. Agora [ela] lhe espera no Valhalla, para curar suas feridas e reconstruir os seus corpos destroçados, se ele morre em combate. Também para lhe entregar a Taça do Graal, da Vida Eterna, cheia até a borda com o licor da Imortalidade.

Sobre isto escrevemos em "NOS. Libro de la Resurrección". É um assunto delicado, frágil, sobre o qual não se deve insistir ou racionalizar. Somente há de se vivê-lo. É dom de eternidade.

O Mito do Führer também carrega em seu cumprimento, mesclados, o amor e a morte. Assim o quis o Destino extraterrestre.

O Arquétipo Hiperbóreo, a encarnação múltipla do Avatar, projetou ao mesmo tempo em Mussolini as glorias e o fogo da sua lenda. O Duce foi acompanhado na morte pela sua Ela.

Penso que a verdadeira Ela de Hitler partiu eras antes, ou não encarnou. E ele oficiava o Rito cada vez que a Luz do Sol Negro lhe penetrava e o Mistério era reproduzido nas vibrações da Memória do seu Sangue. E quando o Führer regressar, certamente terá ao seu lado, na garupa do seu Corcel Branco, a sua Walkiria Hiperbórea.

O Führer deverá despertar em Midgard, ou em Asgard. Também pode ser que ressuscite na Cidade dos Césares.

Pouco antes de partir da Índia eu a reencontrei. Chegou sem que eu o soubesse, sem quase tê-lo notado, "como um ladrão na noite e levou tudo o que eu tinha". Me olhou no fundo da minha alma, com seus olhos cor de céu, e viu através de mim como se eu fosse uma janela, como se mais acolá estivera recriando a Luz do Sol Negro, a premonição do Raio Verde. Reclinado ao seu lado, segurando as suas mãos, estive até que [ela] desapareceu de repente, tal como havia vindo, deixando-me no maior dos desconsolos, sem sequer saber quem era, nem o que na verdade havia acontecido. Pouco a pouco, no girar da luz da Swastika Levógira, o Mistério de *A-Mor* foi se revelando, como se Ela, de algum ponto longínquo, houvesse me entregado o mesmo com as suas mãos, tecendo uma túnica de *Vraja* para minha alma, um barco de luz verde para navegarmos juntos as espantosas águas do eterno. Ela vai queimando uma a uma [minhas] outras heranças, minhas correntes do Kali-Yuga, minhas dúvidas, me moldando na Vontade Absoluta, me entregando o mantra da morte voluntária. É Ela quem combate em mim e por mim. É a minha *A-Mada*. Junto à sua tumba devo entoar a Canção do Camarada: "Se Tu dormes, eu velo por ti...". Para poder reencontrá-la deverei ir tão longe e, ao mesmo tempo tão perto, "como se fosse a um país que nunca vi; mas que me é tão próximo quando a outra metade dos meus sentidos". Porque [ela] está aqui, pois "em nenhum outro lugar está o mundo, senão que dentro, *A-mada*". E deverei perseverar, perseverar na solidão maior, "até que a esperança acredite, com seu próprio naufrágio, na coisa contemplada". O *A-Mor* imaginado. A Flor Inexistente.

E quando eu morrer em combate, ou quando sair, levado por um Disco de Luz do Sol Negro, por um Vimana, sei que em algum lugar, ou centro, mais além do Círculo dos Círculos, ela estará me aguardando para me oferecer a Taça do Graal, cheia de Licor da Vida Eterna.

Aqui, nesta segunda Terra, ela me entregou a folha de um louro de prata e a Swastika Levógira, a do nosso Führer, símbolo do combate e do difícil caminho de retorno à Hiperbórea, nossa Pátria Nupcial.

Ela era da raça nórdico-hiperbórea. Era Allouine.

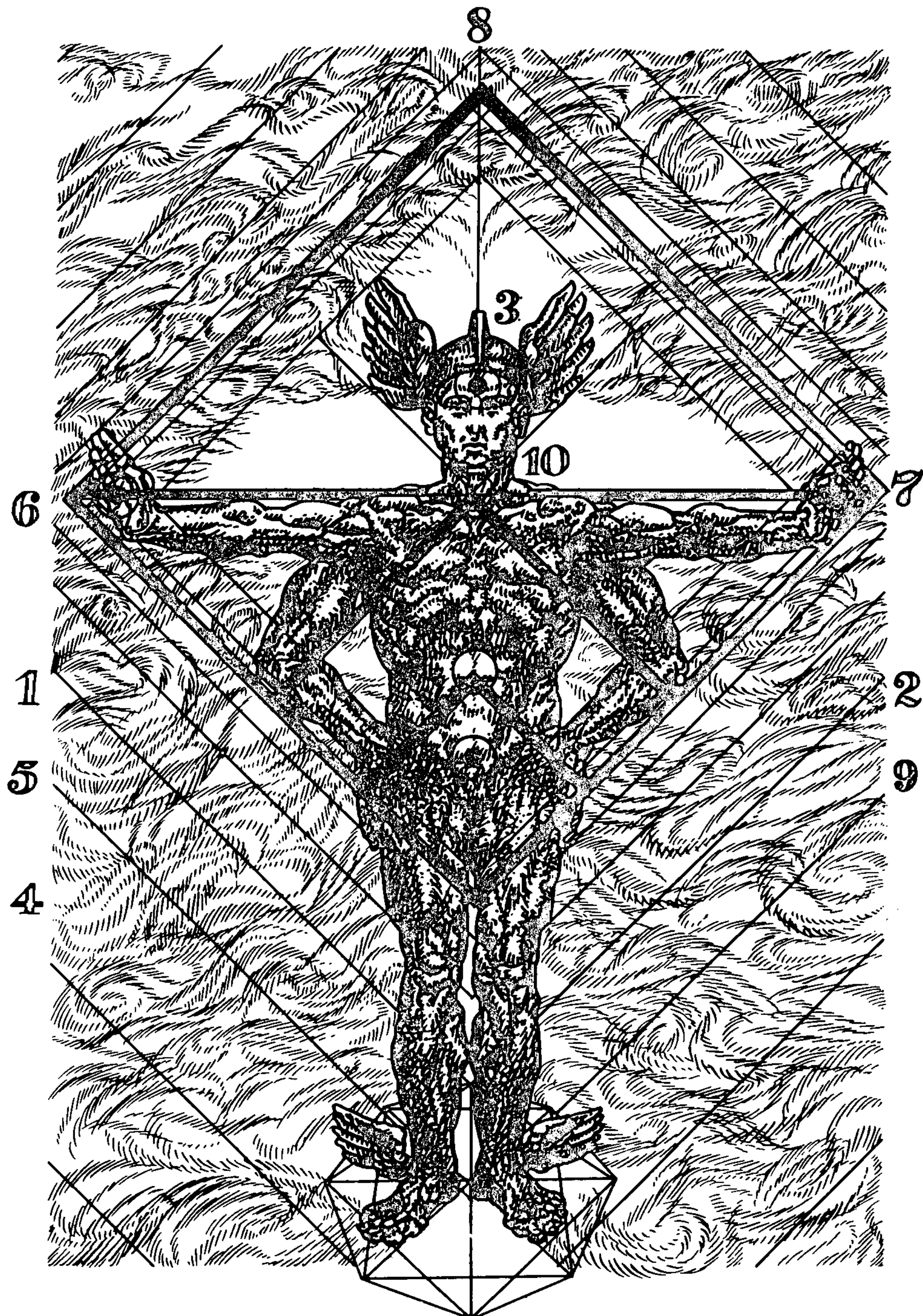
A Roda da Vida e Mandala

Na Roda da Vida, pintura didática do budismo lamaísta tibetano, o Eterno Retorno das macro-noites e macro-dias cósmicos, das reencarnações, é representado como ocorrendo dentro de um grande círculo cheio de figuras horríveis. E tudo isto, ao mesmo tempo, no ventre de um demônio ainda mais espantoso. E assim o é, porque ao final de um destes macro-kalpas, o Arquétipo do Demiurgo, Jeová, terá devorado a sua própria criação ilusória, o seu Maya. A *Mater*-ia come os seus próprios filhos. E nada resta.

Este é o mundo, o cosmos no qual vieram a cair os espíritos hiperbóreos. O que aconteceu, como foram aprisionados nesta *Mater* infernal, a esta Mãe? Os cátaros afirmavam que o Universo havia sido criado puro; mas do quinto céu para baixo havia sido introduzido o fantasma do mal e do caos, o Demiurgo Jeová, mesclando e alterando todo. Por isso, a Terra é o mundo do Demônio, do Senhor das Trevas. Os judeus seriam os seus representantes. Infelizmente, disto os cátaros não souberam, e menos ainda os templários, ainda que sim alguns gnósticos.

Seja que os cátaros têm razão, ou se este universo fora unicamente uma cópia infernal, sacrílega, contrafeita, de outro Universo espiritual, o que se ajusta melhor à natureza do Demiurgo Jeová e do judeu, seu acólito, pois que eles não são criadores, senão que meros copiadores, ladrões inclinados à falsificação, o drama dos *vîras* hiperbóreos aqui introduzidos, caídos, aprisionados, será sempre o mesmo e obedece a um motivo: arriscar tudo para trazer o combate ao Inimigo em seu próprio território, podendo ganhar a Guerra de dentro. Estes heróis comprometeram a perda das suas almas hiperbóreas para destruir o pesadelo do Demiurgo, a sua falsificação, a sua mestiçagem. Eles tentam fazer com que o mundo volte à pureza original, transmutar a Terra, transfigurar a natureza corrompida, adulterada pelo Demiurgo Jeová, pelo Senhor das Trevas, que, por sua vez, pretende ir estendendo a sua gangrena, a sua cópia infernal, a sua máquina dos retornos, a sua respiração, o seu sonho "evolutivo". Eis aqui a Grande Guerra, em qualquer caso; porque se os cátaros não têm razão e não há tal mundo corrompido, adulterado, senão que uma criação independente, de pesadelo, feita pelo Demiurgo, com as suas galáxias, estrelas, planetas, minerais, vegetais, animais e animais-homens, com a sua grande respiração circular; de Outro Rincão, de Outro Universo, "onde imperam outras leis, ou nenhuma lei", como diria Nietzsche, partiram os heróis Siddhas, os divyas hiperbóreos, para entrar neste terrível Círculo, pela Janela de Vênus, desde o Sol Negro, desde o Raio Verde, e travar um combate essencial para destruí-lo. Ou são eles combatentes desafiantes, que arriscam heroicamente a sua

identidade, ou são derrotados, prisioneiros das legiões do Senhor das Trevas, capturados nas fronteiras de um Outro Universo, nos confins da Hiperbórea.



Os pontos chave no corpo de um Vîra, ou chaves para a Porta de saída.
Um Mandala Rúnico.

Me inclino a acreditar na vivência dos cátaros; porque descubro na Natureza corrompida pelo Demiurgo, uma nostalgia, uma Minne, que é como a lembrança de um A-Mor antigo, de uma pureza perdida e que me traspassa no sentimento da beleza, que é como um grito dos seres e das coisas, um pedido de auxilio, "como se as coisas viessem até nós ansiosas por se transformarem em símbolos", como dizia Nietzsche; ou "querendo tornar-se invisíveis dentro de nós", como diria Rilke.

E isto já fica fora de todo o grande plano demiúrgico, da sua respiração; dos seus dias e noites, da sua roda do Eterno Retorno e dos seus Arquétipos. Não se trata aqui de uma Idade de Ouro, de um Satya-Yuga involucionados em uma Idade de Prata ou Treta-Yuga, em razão da diminuição natural da energia da expiração de Brahma, ou da sua Shakti. A explicação não é a de Hanuman, senão que a dos nórdicos germanos nos Edda: houve uma Guerra que foi perdida contra o Lobo Fenrir. E veio o Crepúsculo dos Deuses de Hiperbórea.

É revelador o fato de que a detalhada exposição sobre os Kalpas, Manvantaras e Yugas não apareça no Rig-Veda e que seja o Mono gramático, Hanuman, quem lhe dá uma forma tão elaborada. Os Vedas correspondem à uma época ária; por outro lado, o mono já nos indica uma influência animal, dravídica, mestiça com o animal-homem, com o animal-Deus. Corresponde à épica do Ramayana e do Mahabharata.

É de suma importância também saber que os gregos introduziram um Yuga dos Heróis, podendo corresponder a esse período do Sandhya e do Sandhyansa que precede e contínua os Yugas, como um crepúsculo e que tem uma décima parte de duração do Yuga por completo.

Bem pudera ser que estes períodos intermediários crepusculares incubam uma criação introduzida pelos Siddhas hiperbóreos nas engrenagens da grande máquina infernal da respiração do Demiurgo, como uma oportunidade entregada aos heróis, aos seus *vîras* hiperbóreos, aos seus guerreiros, para conseguir reverter a entropia e transmutar a criação Jeovática, encontrando uma saída entre as aspas do Destino, do Eterno Retorno, em direção a "um sonho sonhado nem sequer pelos maiores dos utopistas", como também havia pensado Nietzsche.

E é nestes Yugas dos heróis, nesses interlúdios, quando um vento de outro Universo sopra na galáxia, que vem o Avatar para despertar os *vîras* adormecidos, para acendê-los como o seu fogo, para forçá-los outra vez ao grandioso combate, tratando de romper os muros da sua prisão, resgatando os *Kameraden*, e, no ciclone da sua *Blitzkrieg*, lhes ensinar a ganhar perdendo. Perder aqui, para ganhar lá, após haver *saído* pela Porta de Vênus, em um *Vimana*, através do Sol Negro, de um Poço Negro, em direção à Pátria Original do Raio Verde, em direção à Primeira Hiperbórea.

Certa vez eu tive uma Mandala tibetana de muito séculos de antiguidade. Ali, em um difícil labirinto, se encontrava a *saída*. Mas esta não estava orientada para fora, senão que para o centro do Círculo, como no girar da Swastika Levógira. Por difíceis caminhos escarpados, por passagens e estreitos canais, onde às vezes se encontrava um Buddha sentado em meditação, ou o Mestre Padma Sambhava, ao final se alcançava o Centro. E ali havia um Homem de pé. Era o Homem-Absoluto, recuperado. O Gigante Hiperbóreo. Era a *saída*.

Por outro lado, na Roda da Vida que eu também tive, em seu centro, curiosamente haviam pintado ali um javali. Como este animal corresponde a um dos quatro Avatares do Satya-Yuga, Idade Dourada, ou primeira Idade do mundo, e como toda a Roda da Vida havia sido pintada dentro do ventre de um enorme Demônio,

confirmamos assim que a Idade Dourada também corresponde à uma corrupção demiúrgica. Está dentro da sua respiração cíclica. Por isto Poseidon, no Satya-Yuga, estendeu um Cordão Dourado em torno da Segunda Hiperbórea polar, a fortaleza dos Siddhas ários, e a tornou invisível, inexpugnável. ("Nem por mar, nem por terra, encontrarás o caminho que leva aos hiperbóreos" – Píndaro).

O javali foi o animal emblemático dos druidas. Poderia isto significar que eles aspiravam ao retorno da Idade Dourada? Ou que, pelo contrário, estavam usando um emblema do Demiurgo Jeová, exaltando um dos seus símbolos? Aquilo a que os *vîras* despertos aspiram, os ários, os hiperbóreos, é sair da criação demiúrgica, de todos os seus Yugas, incluindo o Satya-Yuga, a Idade Dourada, para ir mais além dos seus Arquétipos, para redimir a Criação, arrebatando-a do Senhor das Trevas, transmutando-a. Este também era o objetivo buscado pelos *Minnesänger* e os Românticos alemães, com Novalis à cabeça, e com o seu idealismo mágico. Também eles eram hiperbóreos.

Otto Rahn pensava que os cátaros foram druidas convertidos ao maniqueísmo. Após haver publicado "El Cordón Dorado: Hitlerismo Esotérico", certos descobrimentos misteriosos realizados por hitleristas esotéricos me foram transmitidos, precisamente. Revelariam uma estranha infiltração do judaísmo entre os druidas. "O Priorado de Sião" estaria sendo impulsionado por eles, aliados à Traição Branca. Apesar de que, Eamon de Valera, um celta, apoiou Hitler até o fim. Os arquivos tibetanos teriam disponibilizado esta informação à *Ahnenerbe* tardiamente – esse Instituto de investigação especializada da SS. A "Golden Dawn" inglesa, com contatos com a *Thulegesellschaft* da Alemanha, também estaria infiltrada por alguns druidas judaizados. A Missão de Rudolf Hess estava condenada a não ter êxito.

O Último Diálogo com o Mestre

E agora, que farei Mestre? Estou de regresso à nossa pátria, porque tu me pediste para que eu voltasse. Me dissestes: Tu és chileno, esta é a tua terra, a pátria da tua alma. Aqui estão as tuas montanhas, os teus gigantes, os teus sonhos antigos. Aqui deves retornar.

"O que fazes, Mestre, porque estás tão ausente?..."

"Entrei em meu último combate, estou vivendo a experiência da morte…Ninguém pode me ajudar... Sinto a Deus no corpo, em meus joelhos, mas me escapa, se vai; vem e se vai... Asas crescem em mim. Sinto que posso voar...".

"É que irás partir, Mestre?..."

"Sim, para bem longe, para regiões mais além das máximas distâncias, atrás das estrelas. Vou seguir o Caminho dos Deuses, Deva-yana.... Quando chegar a tua hora trate de também o seguir, e que não tome o Caminho dos Padres, Pitri-yana, o do Eterno Retorno. Não voltarei mais, terei *saído* do Círculo dos Círculos, em um sonho jamais sonhado nem sequer pelos maiores Peregrinos da Ânsia... Mais além até do Deva-yana".

"Ficarei ainda mais só, Mestre. Como poderei lhe alcançar?..."

"Dificilmente; mas não te abandonarei nunca. Trate sim de merecer-me, de ser digno da minha mão de guerreiro, seja um Filho da Luz do Sol Negro".

"O que devo fazer, Mestre?...".

“Não soltes nunca a Espada, siga até o fim com o Führer. Eu te disse alguma vez para que o abandonasse? Imita a sua vontade invencível, entrega-te ao seu ideal, à sua raça hiperbórea, ao seu combate. É o maior Homem que já veio e é o maior Homem que virá. Hitler está vivo, e deve retornar. O Chile, a nossa terra sacra, onde Ele também se encontra, chegará ao fundo da miséria e dali se levantará até alturas superiores. Enquanto o Führer e os seus estejam conosco, porque tu e outros mais desta terra estão com Ele, sobreviveremos a todos os desastres.... Tu sabes, isto é assunto mágico, não é político...”.

“O que posso fazer por ti, Mestre?...”

“Nada. Estou só neste transe... Seja fiel ao Brâmanes até a morte”.

“Serei fiel a ti até a morte. Bendiga-me, Mestre”.

Me inclinei. E Ele estendeu a sua mão sobre minha cabeça.

....

O Reich que virá já não é deste mundo, e nem deste sol.

II PARTE: MAIS ALÉM DO ARQUÉTIPO



A Falsificação do Demiurgo

Uma explosão? Um expirar? Um respirar que é uma explosão? Dor, em todo caso. Esse respirar primeiro produz dor em algum órgão criado, ou recém destruído, partido. O Ser, *Sat*, deixado de ser ele mesmo. Shakti começa a dançar, *a criar do lado de fora*, a sonhar, a iludir. Potência, Poder, Vontade de Poder, *Wille zur macht*. Também Maya, Ilusão. Magia vem de Maya. Ilusionismo. Ainda que o Ser, Sat, tenha se mantido imóvel, alheio, a sua Shak-ti (Shak = ação) começou a atuar. "*Im Anfang war die Tat*" – No começo era a ação. E a sua Dança de encantamento, de irrealidade, deverá se encontrar em algum ponto (do Quinto Céu para baixo?) com uma força contrária e maligna que a aprisiona em suas redes, em seus escuros mantos; se apodera da sua Dança, a altera, a corrompe. E a Shakti se torna prisioneira.

Pode ser que no começo tudo tenha sido nada mais que um Jogo; ou melhor, uma aventura da gnose divina, de ampliação do *Selbst*, de Purusha, da busca por um Rosto, de uma identidade ainda não alcançada. Porque, de onde chegou a "Ideia Pulsante" que atuou sobre o plasma virgem para ocasionar a explosão, o respirar do Ovo Extra-Cósmico, que deu origem à Dança de Shakti? E o mar, o rio, a montanha ereta de *Wille zur Macht*, da Vontade de Poder, do sonho...? Ninguém o sabe, nem mesmo os Deuses no mais alto céu.... Quiçá sim unicamente os poetas, que alguma vez também perderam a sua A-Mada, como Para-Shiva, o Inominado, o Paralítico, o Imóvel, que viu Uma-Shakti partir, acolá, tão longe, em "um amanhecer de caminhos que se cruzam", dançando "sobre os fios que descolorem gota a gota a cor do Monte Meru...".

A Arte da Fuga

Impenetrável Mistério. Tudo o que é visível aos olhos do corpo de carne, a Terra, a galáxia, corresponde à criação mesclada do Demiurgo. E é no confim deste universo onde segue sendo cumprida a participação do Ovo Órfico, de Phanes, de Erikapayos, do Eros Extra-Cosmogónico. A primeira divisão é seguida por uma segunda e muitas outras mais. Wotan e Frigga estavam juntos, Shiva e sua Shakti: ELELA. Agora eludem às distâncias imensas, cada vez mais distantes, mais perdidos, mais inexistentes. Porque penetraram na criação do Demiurgo-Jeová, o Uno sem Esposa, e, envoltos em suas redes, foram feitos prisioneiros.

Em "NOS. Libro de la Resurrección" fui autorizado a revelar o verdadeiro Mistério Órfico hiperbóreo. Uma Arte da Fuga, música órfica. Uma Kabala ária, fonética, combinação de notas divinas. Quando ELELA se divide e a sua Ela sai para fora, ela cai rapidamente nas redes do universo demiúrgico, "mais abaixo do quinto céu". E fica ali aprisionada. Quase simultaneamente, acontece a divisão de outro Ovo Hiperbóreo: o Ovo de ELAELE. E agora é Ele que *saiu para fora*. *Divisão por solidariedade*, por *A-Mor* solidário; porque ELELA e ELAELE eram camaradas. Os primeiros camaradas da eternidade, em outro cosmos, "mais além das estrelas". Eles próprios estrelas. E quando isto acontece, Alguém permaneceu ali, tão longe, tão "atrás das estrelas", cantando como que à beira de uma Fonte da Canção do Camarada: *Eins wird es wieder Helle - In*

aller Brüder Sinn – Sie kehren zu der Quelle – Im Lieb und Treue in. (Algum dia retornará a luz – na mente dos irmãos – Regressarão às Fontes – com Amor e Lealdade).

Ele de ELAELE vai em busca de Ela de ELELA. Sendo assim, é possível vermos que, em ambas as divisões, Alguém ficou esperando pelo retorno. (Que é Ressureição e que já não será nem Ele e nem Ela, nem sequer a reconstituição de ELELA e ELAELE, senão que NOS).

A primeira partição acontecida neste Universo "mais além das estrelas", onde "são outras as leis, ou não há leis", haveria tido por essência e compulsão a Gnose, a aspiração a um Rosto. Depois da intervenção do Demiurgo e do seu plágio no Reino das Sombras, ademais dessa compulsão, uma ordem de guerra foi recebida e os heróis (Eros), os Siddhas hiperbóreos, entraram "rachados" no Universo de pares de opostos do Demiurgo-jeová, para combater e resgatar os camaradas prisioneiros, e ao mesmo tempo destruir a criação diabólica do Senhor das Trevas, transmutando-a, conjuntamente à ressureição do *vîra*.

O acontecimento somente poderá ser investigado com a visão do *Rishi* antigo, e também do poeta *Minnesänger*. É matemática ária, pitagórica, *Hiranyagarbha-Cabda*, *Sthula-Cabda*. Deveria ser expressada em Runas, gravando-as de cima para baixo, ou vice-versa: também da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. Sendo assim: ᛦ. Então giraria dentro de um Círculo de fogo gelado: 卐; até tornar possível a Ressureição: ᛡ Quem já escutou 'A Arte da Fuga', de Johannes Sebastian Bach, poderá poupar a si mesmo de ler esta exposição.

No Drama hiperbóreo da repartição de ELELA e ELAELE não se vai em busca da reconstituição de um andrógino, que nunca existiu em Hiperbórea, já que essas Mônadas, ou Purushas, correspondiam a um masculino e feminino absolutos. Só que não tinham Rosto. A Pessoa carecia de Personalidade. Eis aqui o objetivo do A-Mor, após o passo pelo reino demiúrgico da vida e da morte: o Homem e a Mulher Absolutos. São o prêmio do combate no corrompido mundo do Demiurgo, onde se parte do Uno hermafrodita e se entrega a ilusão de um final andrógino.

Em uma antiga gravura que reproduzi na primeira edição de "El Cordón Dorado", um peregrino, está cruzando um mundo circular, verde de vegetação, por uma brecha ali aberta, para outro universo com figuras geométricas, rodas dentadas, polígonos. Está entrando, ou está saindo. Portanto, quando os *divyas* abandonam a Primeira Hiperbórea, quando Ele e Ela penetram a criação demiúrgica, por algum resquício, pela porta-janela de Vênus, adquirem um corpo de matéria terrestre, enquanto que os seus corpos de matéria espiritual se atrofiam. Forçaram, todavia, uma mutação no corpo animal, no instrumento robótico de terra ao ter que utilizá-lo. São os *vîras*, os heróis lendários. Contudo, os primeiros *divyas* chegados a este mundo, no Satya-Yuga, na Idade Dourada, constroem a Segunda Hiperbórea Polar como lembrança da Primeira. No Polo Norte levantam esta fortaleza de combate e nas idades demiúrgicas sucessivas a rodeiam com o Cordão que a fará invisível, pois já alguns *divyas* haviam sido derrotados e se mesclado com as filhas dos homens, do animal-homem. Outros Siddhas cometem a traição, passando a colaborar com o Plano do Demiurgo-Jeová. São os Traidores Brancos. E Píndaro poderá confirmar que a Hiperbórea é inalcançável. Somente seus restos serão vistos no Mar Setentrional. Esse mundo submergiu, quando da mescla dos *divyas*. Precipitou-se a catástrofe sincrônica. E o *vîra*, esse herói mesclado com as filhas dos homens, cada vez mais vai perdendo a *Minne*, a nostalgia, a memória de *A-Mor*, junto com a pureza do seu sangue.

O vîra hiperbóreo se torna prisioneiro do Plano do Demiurgo, do infernal plágio do Senhor das Trevas, da sua involução e da sua evolução, onde tudo se cumpre dentro de um ideoplasma arquetípico; em uma repetição *ad infinitum* de um mesmo esquema-mundo. Divisões após divisões, explosões, expirações e inspirações, como nessas caixas de chá chinês, onde sempre surge uma caixa igual dentro da outra e da outra, cada vez mais pequena, até perder de vista. Na semente, já está tudo pré-fixado. O que está dentro está fora, e o que está acima está abaixo. A imaginação do Demiurgo não é ilimitada. A sua energia não é infinita, como veria Nietzsche. Por isso, tudo volta, retorna, se repete.

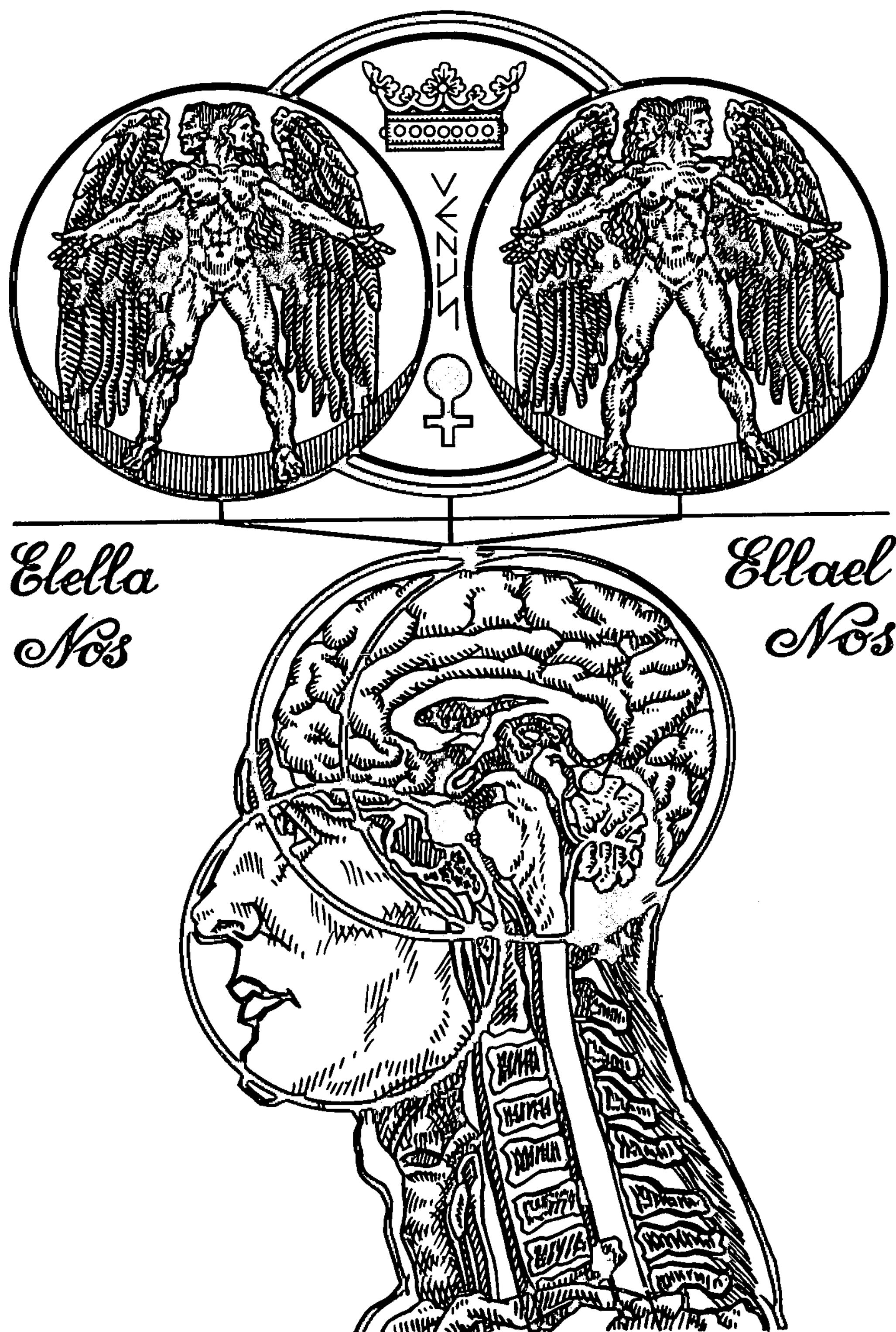
Mas, à beira do Universo, aconteceu o Drama Hiperbóreo. E quando ELELA se divide (mais acima do quinto céu?) e ELA dá esses paços de uma Dança de eternidades, cruzando estes confins, dentro d'Ela algo permanece de ELELA, como uma alma-lembrança, que às vezes é constelada. E o mesmo vem a acontecer com Ele, preservando uma alma-recordação de ELAELE. Seria isto a *anima* e o *animus* de Jung?

Se em Éons de tempo é dada a chance a Ele de se encontrar com Ela, Ele o saberá, porque dentro de si mesmo algo se ascende: esse embrião da alma-lembrança, a qual dará um Rosto, o do corpo terrestre d'Ela, se é capaz de *A-má-la* com o *A-Mor* Mágico que fora ensinado na Hiperbórea Polar, no Satya-Yuga, dando assim a luz ao Filho da Minne, da nostalgia e da lembrança de ELELA, da ânsia. O Filho do Homem.

Muitas vezes lhe terá sido possível encontrá-la ao peregrinar pelas rondas do Eterno Retorno, com um mesmo rosto, sem saber imediatamente que era Ela, até que a Nota vibre em sua mais pristina pureza e o Rosto seja fixado para sempre pela Nostalgia, pela perseverança com a que Ele o sonhou, o inventou: a sua Flor Inexistente, a coisa contemplada, à beira já do naufrágio e da total falta de esperança. Então, já não haverá mais do que uma Ela para Ele, e um Ele para Ela, no combate de todos os mundos, dos Sóis e das Terras.

Oh, Deuses! Quiçá aqui se encontre a razão mais íntima de todo o Mistério desse Drama Hiperbóreo da separação. Essas almas *im Nebel*, uma [delas] masculino absoluto, e a outra [delas] feminino absoluto. Elas não teriam rostos. Somente vindo a combater no mundo mesclado e corrompido do Senhor das Trevas, somente se reencontrando e se *A-Mando* transfigurarão este mundo, obtendo como prêmio um Rosto. A Individualidade Absoluta, a Ressurreição: NOS.

Como os heróis penetraram um universo onde os "mortos enterram os seus mortos", arriscando perder até a sua imortalidade no sonho e no esquecimento de *samsara*, de *avidya*, existindo apenas entre essas chispas dispersas, inventadas pelo Demiurgo, ensaios de um ideo-plasma, animais-homens, robôs, máquinas estelares. E caíram ainda mais abaixo ao cometer o pecado racial de mesclar o seu sangue hiperbóreo com o das filhas sudras da terra, do animal-homem. E o seu combate se tornou ainda mais dramático, mais difícil, mais desesperado, quando acontece a Traição Branca e alguns Siddhas hiperbóreos passam para o lado do Inimigo, mesclando o seu sangue com as dos seus robôs judeus, com o seu Golem. Chegaram ao ponto de acreditar na sua farsa evolutiva. São eles aqueles que revitalizam o seu plano galáctico, colaborando com Jeová e as suas hierarquias de Manús e de Éons satânicos, com seus arquétipos, suas igrejas e organizações, as suas democracias, os seus Komitern. Empurram a ilusão, o pesadelo, com renovado brio, em direção a um abismo de chumbo.



O Herói, o Vîra, se transmutou em Homem-Total; mais do que um Divya: É ELELA. E fez com que seja possível que a sua Ela, a sua Walkiria, a sua A-Mada, ressuscite. Também como ELAELE, a Mulher-Absoluta. Em Vênus. São os Reis do Graal.

Mas, se o vîra hiperbóreo triunfa, porque fez do seu emblema a "honra que se chama lealdade", não somente ele haverá dado um Rosto à sua alma, como também a esse Alguém, que ficou esperando como que à beira de uma Fonte, se reintegrando,

sem ser absorvido, podendo sair para sempre do mundo dos Arquétipos e das Ideias-Plasmas, passando mais além, em direção a um sonho não sonhado sequer pelos maiores Peregrinos da Ânsia. Haverá derrotado o Demiurgo-Jeová e à sua corte de "Traidores Brancos", transmutando a sua criação, o seu plágio.

E lágrimas rolarão da Fonte de Castália, junta à qual o Guerreiro, o Grande Antepassado, permaneceu esperando o regresso e a ressurreição dos heróis. Agora, Ele também tem olhos e tem um rosto. Olhos e Rosto de uma Terra transfigurada.

Já o dissemos: Em "A Arte da Fuga", de Bach, é possível ouvir tudo isto muito melhor.

Os Deuses, Os Heróis

Repitamos: após a repartição de ELELA e ELAELE, à medida que Ele e Ela se distanciam, através das estrelas e constelações, onde a manifestação ilusória do Demiurgo é reproduzida e repetida no ideoplasma, nos infinitos pares de opostos, porque quanto maior a distância da primeira respiração mais o número aumenta, até tornar-se incontável no Kali-Yuga, a Minne hiperbórea se ofusca. Cada vez mais espesso, mais sombrio, o Demiurgo imprime as formas recortadas dos seus minerais, vegetais, animais e símios-homens. Sem a ajuda dos *divyas* traidores, da queda e da mescla com muitos outros, [Ele] haveria sido incapaz de dotar de energia e consciência os seus robôs-golem. O Demiurgo mobiliza as suas legiões arquetípicas, angélicas, contra o herói hiperbóreo para impedir que ele possa cumprir esse "sonho não sonhado nem sequer pelos maiores utopistas".

À medida que desce na expiração, a energia diminuindo, aumenta a quantidade junto à densidade. É o mundo gregário do Demiurgo-Jeová. Há Deuses e Deusas hiperbóreos, divyas que se aventuram a descer tão baixo, para imprimir dolorosamente o seu selo neste plasma demiúrgico, nessa expiração por eles não produzida, nesse Maya, para tentar revertê-lo, transfigurá-lo, ao mesmo tempo que buscam o que foi extraviado. Deuses hiperbóreos encarnados tão abaixo, tão escuro e que às vezes perderam a memória da Origem, a razão da aventura heróica do combate, na mescla com os filhos dos homens, em contato com os animais, os minerais e as plantas, corrompidos pelo Demiurgo satânico. Os robôs que Ele havia formado.

E é aqui, nestes obscuros planos da manifestação, nas Idades onde o tempo circula como um rio, onde o herói hiperbóreo, o homem divino, poderá derrotar o Senhor das Trevas, se imortalizando ao recuperar a sua Ela. Ressuscitando, nascendo outra vez, tornando-se *Aryo*. Porque unicamente aqui lhe é possível se casar duplamente, dentro e fora da sua alma, dando-lhe o Rosto de carne, imortalizado em *Vraja*, com o *Vril*, ao parir o Filho do Homem. Somente aqui o vîra haverá se personalizado, tornando-se consciente de Si-Mesmo, alcançando a Individualidade Absoluta. O sadhaka e sua ioguine, unidos e separados para sempre, ELELA e ELAELE novamente, mas com o Rosto do Homem e da Mulher Absolutos, camaradas, *a-mantes*, saídos, escapados já do Círculo dos Círculos. Juntos a Aquele que permaneceu esperando no limite do tempo. Um, dois, três, quatro, cinco, seis: a Runa Hagal ᚼ. A Estrela Dupla da Manhã, o Sol Negro, o Raio Verde.

Somente aqui na Terra se entrega a possibilidade de cumprir este rito Iniciático vinda da Segunda Hiperbórea Polar, do Satya-Yuga, da Idade de Ouro: a Iniciação de *A-Mor*, ensinada pelas Magas Hiperbóreas e que concede a imortalidade da Personalidade Absoluta, a recuperação do Deus e da Deusa com um Rosto para o herói e a sua Walkiria. Somente para os divinos eleitos, para os *divyas* e os semidivinos *vîras* é possível esta Iniciação de *A-mor*, o ritual de Panshatattva, o Sadhana, a ação sincronística de se desposar dentro e fora. Acolá, no mais distante Norte – que hoje é o mais distante Sul – nos oásis de gelo, no Monte da Revelação, junto ao Sol Negro da meia-noite polar.

O segundo nascimento da Iniciação de *A-mor* é possível somente para as duas primeiras castas (que na Hiperbórea polar foi apenas uma: *ativarna*). Unicamente para os divinos e semidivinos exilados nesta Terra. Nunca ao sudra, ao chandala, ao animal-homem, ao número, à quantidade.

Por onde entrem neste mundo adulterado os divyas hiperbóreos? O dissemos: pela Janela de Vênus. Pela Estrela da Manhã, em busca de conquistar os seus Rostos. Por onde saem os heróis triunfantes, por onde escapam do Círculo dos Círculos, abrindo caminho com as armas em mãos? Pela Estrela da Tarde, Yepun, Esper ou Esperus, o irmão de Atlas, a Estrela Vesperal. Por Wotan, com Wotan.

Através de enormes espaços de tempo, de Kalpas, Manvantaras e Yugas, a memória dos heróis hiperbóreos é já apenas um débil eco que às vezes ressoa como o chifre de Siegfried, ferido mortalmente no bosque dos carvalhos patriarcais. A memória de sangue, a *Minne* hiperbórea se apagou quase que por completo nos abismos do Kali-Yuga. É por isto que se torna necessária a vinda de alguns Libertos, que descem para cá como Avatares, nos instantes mais críticos, no interlúdio do Sandhya, ou do Sandhyansa, que eles transmutam no Yuga Hiperbóreo dos Heróis. Traspassam o seu fogo por alguns intensos e curtos períodos, para estremecer o Universo do Demiurgo e espantá-lo. O Avatar desperta a Memória do Sangue Hiperbóreo, destrói as sombras do sonho de Maya, do samsara, agita as almas dos heróis, e lhes leva novamente ao Combate da sua Grande Guerra. Dançando como Shiva Nataraja, isto lhes relembra a sua pátria divina, a Primeira Hiperbórea. É este o sacrifício do Avatar, a sua descida, que aqui vem para ajudar os seus, imprimindo o seu selo arquetípico hiperbóreo, do fogo mítico, no plasma demiúrgico, adquirindo por um curtíssimo tempo a forma humana, e assim regenerando-o: porque com a sua encarnação torna possível uma alquimia de transmutação e o retorno, a volta dos seus guerreiros mais leais à Hiperbórea. Os verdadeiros ários, os eleitos.

A vindicação de Wotan será cumprida com a volta do Führer, que também reentrará pela Janela de Vênus.

Reencarnação, Eterno Retorno, Ressurreição

Quem tenha meditado como um *Rishi*, buscando em antigos textos, em infusas ciências, terá necessariamente se interessado em conhecer o que há de certo na antiga crença da reencarnação. O budismo se refere a ela nos *Kalama Sûtra* e *Anguttara Nikâya*. Os iogues falam da reencarnação, os cátaros, os celtas, os gnósticos e o cristianismo primitivo, os egípcios e também os gregos, com Heródoto, Platão e Pitágoras, no Mistérios de Eleusis e Demeter, cujo nome grego era Thesmophoria.

Heródoto havia sido iniciado neles e nos de Osíris, em Heliópolis. Lhe era proibido falar sobre isto, mas Lucrécio o faz ao se referir às suas crenças. Para os budistas, o perfeito santo é o que lembra de todas as suas reencarnações, *Arhants*. Mas os budistas não creem na alma. Então o que é que reencarna? Uma coisa é Buddha e outra o budismo. Buddha foi um asceta guerreiro, um ário da casta heróica, um Shastriya, que abordou a imortalidade em ataque direto e com as armas do guerreiro, com a espada desembainhada, como muitos séculos depois o fizera Parsifal, sem Deus, sem alma, mas com a sua fúria hiperbórea e com o pensamento da sua amada, unicamente. E chegou a ser um *Arhants*, "recordando todas as suas reencarnações" (que reencarnações?), um Liberto – um Buddha – um "desperto" (*Arhants*) e também o nono Avatar de Vishnu. O Boddhisatva, então, que encarna à vontade para ajudar e sacudir os adormecidos, o "Divino Missionário", Nirmâna-Kâya.

Assim como todas as coisas que acontecem do "quinto plano de manifestação para baixo", quando a expiração já se torna fraca, encontrando, além do mais, essa estranha força inimiga que altera a tudo, conjuntamente ao Kali-Yuga, com a sombria Idade do Ferro, também a crença na reencarnação passou a ser uma fantasia a mais, diabolicamente falsificada pelas mentes inferiores, a superstição e a ignorância. O que devia ser compreendido simbolicamente, veio a ser tomado ao pé da letra, de modo que, conjuntamente ao exoterismo cristão e a sua imortalidade para todos, [isto] compõe a religião e a fé das massas. É feito para elas. Um exoterismo gregário, um "ópio para o povo".

Em todo caso e na necessidade de examinarmos agora o tema, para assim podermos continuar com a compreensão do Hitlerismo Esotérico, devemos fazê-lo do único modo possível, partindo de uma vivência, isto é, de uma verdade confirmada. Este era o antigo método dos *Rishis*, dos "videntes", de "aqueles que viam".

Minha vivência é a do 'Eu', o sentir-se 'Eu'. Tratei deste tema em "NOS, Libro de la Resurrección" e em "Nietzsche y la Danza de Shiva", em relação com o Eterno Retorno. Agora o faremos com a reencarnação. Cada um, neste mundo, deverá partir de uma vivência se é que deseja ser fiel a si mesmo e também ao seu entorno. Se é que deseja *cognocer*.

E é errado e perigoso pretender que nossas vivências sejam compartidas pelos demais. Uma coisa que se poderia tomar por simples, a vivência do 'Eu', de se sentir 'Eu', poderia parecer-nos natural e bem generalizada. Todavia, cada vez que eu consultei outras pessoas quanto a se elas se sentem 'Eu', exclusivamente 'Eu', em meio ao Universo, não tive êxito em traspassar essa aguda vivência, encontrando-me como que frente a um muro impenetrável. E no rosto dos consultados, quase sempre uma expressão de surpresa, de desconforto. Estranhamente, eles não haviam tido esta vivência. Esse não era o seu diapasão. (A sensação do 'Eu' é um signo que assinala um *vîra* desperto). Ao tal ponto que cheguei a pensar que no mundo unicamente eu me sinto eu. O que incide melhor ainda com o tema do Eterno Retorno, como veremos mais adiante.

Partindo daqui, de sentir-se 'Eu', tenho que concluir que quando eu morrer, se é que morro, ainda que o meu 'Eu' – o sentir-me 'Eu' – desapareça, isto deverá ser momentâneo, porque em algum momento alguém voltará a sentir-se 'Eu'. E esse *'Eu' será eu mesmo*... Vivência também intransferível. É claro, isto que pressuponho quanto ao futuro, dentro de um espaço-tempo, também posso fazê-lo quanto ao passado, compreendendo o tempo como um círculo, de maneira que antes de que me sentisse

'Eu' nesta Ronda (repentinamente, aos dois ou três anos de idade), antes que nascesse, alguém, algumas vez neste Universo, também se sentiu 'Eu'. *E esse 'Eu' foi eu mesmo*. Se eu houvesse lembrado isto eu seria um Arhants. Os iogues dizem possuir uma técnica para conseguir isto, até mesmo para ver o corpo deste 'eu' do passado e também do futuro. Porque um Círculo se compõe de pontos e o tempo pode ser um Ponto Imóvel, eterno. De um centro elevado é possível abarcar todo o Círculo. Bem...essa poderia ser a visão das reencarnações assim como poderia ser a visão do Eterno Retorno. E para que ambos sejam cumpridos não é necessário ter uma alma. Nem sequer sair do tempo. Seria uma eternidade dentro do tempo, como certamente Nietzsche a concebeu, a vivenciou. Chegando a ficar louco (ver o meu livro "Nietzsche y la Danza de Shiva).

O conceito popularizado da reencarnação, por teosofistas, facções ocultistas e rosa-cruzes, foi tomado em grande parte da crença que circulou na Índia e nos textos tibetanos, como o "Bardo Thödol" e "O Livro dos Mortos", e pelo budismo mahayanico e hinayanico, sendo aceito ao pé da letra, sem que fosse considerada a sua interpretação simbólica, única válida, também para o "Livro dos Mortos", do Egito.

No Índia cheguei a ser muito amigo de Raihana, uma mística sufi que adorava Krishna, o oitavo Avatar do hinduísmo. Era uma vidente. Concentrando-se nas mãos dos seus visitantes, não na palma, senão que no dorso, podia lhes revelar as suas encarnações passadas. Recordo que uma noite lhe levei até Arthur Koestler, a quem recebi na minha casa por pedido especial do delegado Masani. Raihana contemplou as suas mãos, sem saber quem era o seu visitante, e, depois de um instante de concentração, lhe disse que "em sua vida anterior havia sido um capelão militar". Isto desconcertou Koestler, mas não a mim. Este agnóstico, de origem judaica, havia perdido a sua fé marxista e agora ia mundo afora buscando desesperadamente algo ao qual pudesse se apegar. Acabou por se suicidar, não faz muito tempo. Em sua "encarnação anterior" havia sido sem dúvida um capelão da igreja marxista militante. Isto é, na Hungria, antes de escapar daquele país, até a sua nova "reencarnação como antimarxista ateu", em Londres. Tudo isto, seguramente, no período de uma mesma vida.

Às vezes a "reencarnação" pode ser interpretada assim, de outras maneiras. A transmigração em animais, crença que dizem haver sido a dos cátaros, herdeiros nisto dos druidas e celtas, não poderá ser tomada ao pé da letra por seres de alto nível, pelos Rishis ários. Já o "Bardo Thömal" nos fala da dispersão dos componentes vitais, ou do "espírito vital", após a desintegração do corpo físico quando da morte. Cada um deles busca os reinos correspondentes, volta ao pó, à terra, "transmigra", pela lei de afinidades desconhecidas hoje, mas que terá relação como o elemento totêmico das crenças dos povos aborígenes (*ab-origen*, à origem). Para os índios "Pueblo" da América do Norte, um homem não é um homem até que este possua um animal totêmico. Jung conta que estes índios não lhe entregaram a sua confiança até que descobrissem qual era o "seu animal". Um dia ele foi convidado a subir, por uma escada pendente, até o sótão do Chefe índio, o qual deu um grito de júbilo ao lhe contemplar: havia descoberto o "seu animal". Jung subia como um urso. E lhe entregou a sua confiança, revelando-lhe então a sua inquietude sobre a destruição da *Weltanschauung* indígena por parte dos homens brancos – algo ao qual me refiro no meu livro "El Círculo Hermético". Hoje, quiçá, os componentes orgânicos do corpo físico de Jung terão passado a fazer parte de algum urso polar, do Ártico Hiperbóreo (*Artikos*, Terra com Ursos). O que não quer dizer, é claro, que Jung tenha reencarnado como um urso.

Devo recordar também um ocorrido íntimo e revelador. Pouco antes de partir da Índia, o Dalai Lama me presenteou com uma cachorrinha tibetana encantadora, de cor de mel. Esses pequenos cães são chamados pelos Lamas de "O Leão da porta detrás do Templo". São pequenos, como uma mecha de cabelo lhes caindo sobre os olhos. Minha cachorrinha se chamava Dolma, o nome de uma Deusa do Tibete; na verdade, Shakti. Todo mundo a amava, ao ponto de meus empregados na Iugoslávia terem me acompanhado até a Áustria unicamente por ela, quando fui transferido para lá como Embaixador. Um dia, a minha mulher me disse o seguinte: "Tu amas tanto esta cachorra, porque acreditas que ela é a reencarnação de...". E mencionou o nome desta jovem que havia morrido, roubando o Rosto da minha alma...

Quando Dolma morreu em meus braços, em Viena – eu havia voado da Espanha até lá para estar com ela – eu sofri um dos grandes rompimentos da minha vida. Junto com a morte de Jasão e de Papán, a desaparição de Dolma foi a minha terceira comoção arquetípica desta Ronda. Mesmo agora, ao lembrar dela, me emociono. Por quê? O que há de verdade nisto? Não sou capaz de penetrar isto com a minha consciência. Quem sabe se, por ordem do Destino, alguns componentes orgânicos do corpo morto de Papán, da sua energia, não se integraram ao doce mel de Dolma! E ela veio até mim como uma mensagem da Deusa, desde a luz da Estrela da Manhã, através da mais misteriosa afinidade eletiva, como esses pássaros que, voando sobre o oceano, vindo de pontos opostos, se encontram sobre uma ilha solitária.

Não é assunto casual que na Terra do Demiurgo estejam usando animais emblemáticos em escudos nacionais e de família. Também nos signos do Zodíaco. Vimos como os cinco primeiros Avatares de Vishnu correspondem a animais míticos. Cada animal representa uma característica, uma força, além de uma tentativa falida do Demiurgo.

O *Bardo Thödol* tibetano nos fala de dois caminhos de *ultra-tumba* que o corpo sutil, *Linga-Sârira*, corpo astral, pode percorrer. Um deles é o Caminho do Norte, dos Deuses: Deva-Yana. Por ele se vai a regiões distantíssimas, de onde não se reencarna; somente se volta no Eterno Retorno. É o Caminho que sequem os vîras, os heróis, para repousar por um tempo junto aos divyas (Deuses) hiperbóreos, antes de retornar ao combate, dentro do Círculo da Criação do Demiurgo. Sem dúvida, este não é o caminho seguido pelo Buddha ário, para alcançar o seu nirvana, *Sunya*, o Vazio, mais além ainda dos Deuses, a Primeira Hiperbórea, o Raio Verde, ELELA, ELAELE; fora do Círculo dos Círculos, podendo retornar ao mundo do Demiurgo e ao seu Eterno Retorno somente voluntariamente e para ajudar aos heróis, como *Boddhisatva*, como *Tulku*. O budismo foi totalmente alterado, e hoje não é nem sombra do que foi para o Shastriya hiperbóreo, Gauthama, o Príncipe ário. O *Deva-Yana* levaria os *vîras* mortos à Cidade invisível e inexpugnável dos *divyas*, à Thule, na Segunda Hiperbórea, à Asgard dos Siddhas, na região polar – de ambos os polos.

O outro Caminho é o do Sul: Pitri-Yana, o dos padres e da reencarnação. Depois de permanecer "três mil anos" em alguns domínios ilusórios, em um processo de desintegração crescente, ou nas moradas de Yama, o Hades dos gregos, o princípio-semente penetra na vagina de uma mãe terrena e, por afinidade eletiva, recupera e aglutina as energias vitais dispersas que por três mil anos estiveram transmigrando nos reinos mineral, vegetal e animal. Também podem estar acumuladas como vibração, em *Bundi*, ou sêmen do pai, para formar o novo corpo do homem ou da mulher terrestre.

É preciso que o número de três mil anos também seja entendido simbolicamente, dentro da simbologia pitagórica dos números arquetípicos, por assim dizer.

Tão afastados estamos animicamente destas visões antigas, que já nem sequer somos conscientes de certos acontecimentos e rituais que às vezes cumprimos se sequer sabermos. Quando Papán morreu, fui obrigado por uma força estranha a permanecer sozinho no cemitério, junto à sua tumba, em pleno sol do meio-dia. E senti como que se uma energia restante estivesse passando do seu corpo para o meu. De modo que ela também se enterrou no meu corpo, além da minha alma.

Assim como a Terra – esta terrível Mãe – recupera as suas substâncias e, dentro do seu tubo alquímico, mistura as mesmas, as preserva, voltando a utilizar eternamente os seus próprios materiais, reenviando cada um ao seu próprio reino, talvez regido por um Deva-Demônio, por um Éon, assim também acontece em outros mundos mais sutis da vibração, em outros planos demiúrgicos. Não existe, por isso, imortalidade do pessoal, do individual, enquanto não alguém não tenha se tornado *individualizado* na Personalidade Absoluta. E isto não é possível para todos. O Caminho do *Deva-Yana*, o dos Deuses, o do Norte, é para o herói, para o guerreiro hiperbóreo, para o ário, que se jogou à eternidade e à imortalidade em um combate muito duro, em um Grande Guerra, de todas as horas e instantes da sua vida terrena. Os outros, que cruzam o umbral da morte física, poderão continuar por um tempo uma existência larval, fantasmal, até que seja cumprida a segunda morte, onde o corpo astral é dissolvido no éter, assim como o corpo de terra se dissolveu na terra. E sucessivamente, com as outras larvas de corpos, se é que as têm. São estas larvas elementais, estes fantasmas ambulantes, cadáveres psíquicos, os que são evocados pelos médiuns e psíquicos. Nada tem a ver com uma realidade superior.

Não há imortalidade para todos, apenas para alguns poucos. A maioria são "mortos que enterram mortos". E a reencarnação, assim entendida, é o mesmo que se não existisse. Porque aquele que reencarna, não se lembra disso, pelo fato de que não há nada ***individualizado*** que venha a reencarnar, que pode recordar, que tenha memória. E se a tivesse, não reencarnaria, somente retornaria – e um número limitado de vezes – porque não haveria tomado o Caminho Deva-Yana. A não ser que seja um Boddhisatva, um Tulku, um Avatar, que volta à vontade e que não usa apenas um corpo, senão que muitos. Não é 'eu', mas sim NOS.

A ideia da reencarnação não é ário-hiperbórea. Não se encontra nos Vedas, é posterior, devendo se originar nas mesclas dos povos inferiores. Contemplando a natureza, a morte e ressureição do sol, o homem de cor o teria projetado à sua própria vida. O sol regressa, a roda do ano, a luz do ano polar, após a terrível morte nos frios gelos. Os terrestres precisavam esperar pelo seu retorno. Tudo volta a se repetir. Igual ao homem. Mas, será o mesmo com o corpo, ou dentro da forma humana? Os escravos da Atlântida, os povos não ários, também ficaram impressionados ao contemplar em suas selvas tropicais a mudança de pele da serpente. Assim também o é com a envoltura corporal do homem na reencarnação.

A Reencarnação é apenas para o animal-homem, o *sudra*, o *chandala*, o robô criado pelo Demiurgo, pelo Senhor das Trevas. De forma, assim por dizer, mecânica, automática, ele se reproduz, reencarna, com distintos corpos, mudando de sexo, de homem para mulher, e até em animais. A ilusão de uma lei kármica serve para que o

Demiurgo tirânico mantenha submissos os seus escravos da Atlântida. Isto é, a reencarnação dos "espíritos vitais" e da fantasmagoria de um 'eu', criado (copiado) de forma também arquetípica pelo Demiurgo, governa somente o animal-homem, o *chandala*.

Para os hiperbóreos, penetrados neste Universo, a reencarnação não conta, mas sim unicamente o Eterno Retorno, como uma lei cíclica e voluntariamente aceita nos momentos de entrar aqui, como uma norma de uma prisão onde tenham ficado. Mas ainda assim, o número de retornos deverá ser limitado, servindo-lhes unicamente a oportunidade de travar o seu Combate contra o Senhor das Treva e para se imortalizar, ressuscitando como *divyas* absolutos, como Personalidade-Total, podendo arrastar consigo o Universo demiúrgico redimido, transfigurado. Cada *vîra*, ário que venha a combater na prisão do Eterno Retorno é como uma Nota que dispõe de um tempo musical determinado para ressoar em sua mais pristina pureza.

Se o vîra ário perde os seus retornos, porque adormeceu, porque se misturou com "as filhas dos homens", cometendo o pecado racial, ou traindo à sua raça divina, ele involuciona no sudra, entra no âmbito da reencarnação, nas rodagens kármicas e até a transmigração. Por isso há quem diga que o macaco é uma involução do homem. Poderia chegar a sê-lo.

Podemos compreender a imensa aventura empreendida pelos hiperbóreos, ao dividir as suas Mônadas e entrar como Ele e Ela para combater no Universo mecânico do Senhor das Trevas. Colocaram em jogo a sua eternidade, a sua imortalidade, ao mesmo tempo que a sua Ressureição por cima dos próprios Deuses e até da sua Mônada, em sua tentativa de redimir e transfigurar uma criação que foi envenenada.

Os hiperbóreos, originários de Outro Universo, são masculinos e femininos, de um modo definitivo. Ele jamais poderá se transformar n'Ela, e nem Ela n'Ele. Isto somente acontece com os produtos do Universo demiúrgico, na reencarnação. Quando o *vîra*, que é um herói que aqui desceu e mesclou-se em parte, preservando ainda a sua *Minne*, a sua Nostalgia e a sua Memória do Sangue, acredita ter vivências de reencarnação, isto se deve ao fato do seu *Vril* ter captado imagens da Memória Akáshica, ou luz astral demiúrgica, tornando-se emocionalmente apegado e confundindo-as com cenas de "vidas passadas". Ou melhor dizendo, são *vîras* que já perderam as suas Rondas, se tornaram humanos, demasiado humanos, e acabam de cair entre as aspas da reencarnação. Ainda poderiam se safar, remontando a corrente, indo para trás, redimindo-se. O esforço é sobre-humano. O homem e a mulher teriam que se re-transmutar em heróis, em *vîras*, para novamente serem aceitos por Wotan como seus guerreiros. O *vîra* hiperbóreo que perdeu as suas Rondas, diferentemente do *sudra* de nascimento, do animal-homem criado pelo Demiurgo, não pode reencarnar em um animal, a não ser que a sua involução tenha se tornado definitiva. Então, ele pode ir até mais baixo do que o animal, do que o vegetal e o mineral.

A Criação-Cópia do Demiurgo-Jeová, o seu Universo evolutivo, foi incapaz de criar o homem consciente. Chegou até o símio e ali ficou empacada. Até o humanoide. Foram os *divyas* hiperbóreos traidores, os "traidores brancos", que fizeram com que fosse possível que Jeová desse um rudimento de alma e consciência racional ao seu símio evoluído, ao seu escravo da Atlântida. Do 'Eu' hiperbóreo, que é uma chispa divina, o Demiurgo e Senhor das Trevas plagiou um 'eu' Arquétipo, que também introduziu na forma humana, reproduzida do Manú, do Éon. Proximamente, [Ele] o fará com os robôs

eletrônicos. Um signo inconfundível do ário hiperbóreo é a vivência do 'Eu'. Sentir-se 'Eu'.

As hostes hiperbóreas de guerreiros e guerreiras adentraram de mais acolá dos confins deste Universo. Ao "se crucificar" nos quatro reinos da criação demiúrgica, transtornaram todo o plano demoníaco; assim como o Demiurgo alterara antes a pureza divina, do "quinto céu para baixo". Os *vîras*, ao se miscigenar "com as filhas dos homens", resgatam também um elemento *súdrico*, tornando até possível a transmutação de alguns humanos em vîras, em Super-homens, juntamente com a transfiguração da natureza, com seus reinos animal e vegetal. Pode-se ver o porquê de a Grande Guerra ser a vida ou a morte. Vida eterna ou morte definitiva, dissolução. E porque a "terra aspira a tornar-se invisível dentro de nós".

O 'Eu' do *vîra* ário, hiperbóreo, vem a ser como essa "ponta de um Cordão Dourado" de Blake, de Alguém que o deu a nós para que, "desenrolando-o possamos voltar a entrar na Cidade". Em outro extremo, fora deste Universo, o sustenta Aquele que permanecera esperando como que à beira de uma Fonte. Jamais deveríamos perder o Cordão Dourado. "Somente acreditam no Divino aqueles que são divinos", dizia Hölderlin. Aqueles que antes de se sentir 'Eu' foram Pessoa e que poderiam chegar a ser, por meio do combate heroico da Iniciação de *A-Mor*, concedida na Ordem Guerreira de Wotan, Personalidade-Absoluta, Indivíduo-Absoluto, aportando um Rosto à Pessoa, recuperando a sua Ela, por dentro e por fora. Esta Iniciação ária, *Upanayana*, já é apenas possível de ser obtida aqui a Terra, tão abaixo, tão dificilmente; mas mantendo o contato com o Cordão Dourado e com a Segunda Hiperbórea Polar. E assim, unidos e separados para sempre, mais além dos Deuses, mais além dos Arquétipos, mais além do Manú, o Homem e a Mulher Absolutos, ELELA e ELAELE, terão dado um Rosto à Pessoa que espera, ao Purusha, retirando-se do Círculo dos Círculos.

Isto é o Hitlerismo Esotérico.

Possuo uma antiga gravura hindu que expressa isto perfeitamente. Um homem está estendido com as costas no solo. Sobre o seu peito se encontra de pé uma mulher com os cabelos soltos e empunhando uma adaga. É Kali, Durga. Sua cor é vermelha. Está unida a um Cordão que lhe sai do ventre e sobe até penetrar por um buraco muito pequeno aberto no céu, sobre a sua cabeça, algo como que um olho que a contempla. Esta é a *saída* e foi também a *entrada*. Ao mesmo tempo é a Mônada, o Purusha, esse Alguém que permaneceu esperando.

É de suma importância compreender que a *saída* não deve ser encontrada nem acima e nem abaixo, em um sentido absoluto, senão que no Centro do Círculo, como nos ensinou a Mandala, [ou seja] no *Selbst*. Por isso é o girar da Swastika Levógira, a do Retorno, que nos leva a encontrar esta *saída*.

O homem estendido aparenta estar morto. Poderíamos pensar que Kali o sacrificou de verdade. Não é assim, pois a morte é somente aparente, correspondendo à morte mística da Iniciação, já explicada. E essa Mulher-Deusa representa o corpo astral do *vîra*, à sua Ela recuperada, o *Linga-Sârira*. É a Filha-Filho do homem, recuperada e com um Rosto, que matou o homem natural para dar vida ao *homo de coelo*, eterno, ressuscitado, com matéria imortal, de *vraja* vermelha. É também a *rubedo* da Alquimia, a *opera rosa*. E tudo *re-unido* por este Cordão Dourado, que não havia cortado a um terceiro (que, como vimos, é um sexto), à pessoa, que adquiriu uma personalidade, um rosto: NOS, o Homem-Total, a Mulher-total, o Homem e a Mulher Absolutos.

Para o *vîra*, a saída se encontra em um Centro polar aqui na Terra, devendo forçar a passagem para a Outra Terra, a Interior, à Terra Oca, o Corpo Astral da Terra física. A *saída* aparece nas Cidades invisíveis, Asgard, Agartha, Paititi, Elellin, a Cidade dos Césares, no Kailás, em Melimoyu, em Meru. Se encontra na Segunda Hiperbórea, tornada invisível por Poseidon, quando ele a rodeou com o Cordão Dourado, na Última Thule, no Polo Norte (que hoje é o Polo Sul). Ali se encontra a Sala de Reunião dos Heróis de Wotan, o Valhalla. E para lá vão os *vîras* mortos e vivos. Os que morrem em combate serão reconstruídos em seus corpos pelas Valquírias e pelo próprio Wotan. Essa é a ilha das mulheres magas e sábias que curaram o Rei Artur. É também Avalon.

O *Deva-Yana*, o Caminho do Norte, de ultra-tumba, dos Deuses, leva precisamente à Segunda Hiperbórea Polar, à sua Fortaleza inexpugnável, invisível. Ali, no Valhalla, os *vîras* esperarão os "três mil anos" simbólicos até que de novo voltem a entrar sem memória, mas com o mesmo corpo, em outra Ronda do Eterno Retorno, na Guerra imensa que travam com o Senhor das Trevas. Voltarão a ser seus prisioneiros. Voltarão a sonhar com o triunfo, uma nova oportunidade lhes será dada, em um novo Sandhyansa – que é o mesmo Sandhyansa, no Eterno Retorno, o mesmo Yuga dos Heróis.

Nesse repouso do guerreiro, no Valhalla, Ele reencontrou a sua Valquíria e agora voltou a perdê-la. Unicamente no combate aqui na Terra do Demiurgo, se Ela também desce [até aqui] e ambos triunfam, terão eles se desposado para a eternidade. E poderão sair para sempre do Círculo dos Círculos, indo para a Primeira Hiperbórea, mais além de tudo, até mesmo do Valhalla de Asgard, em um sonho sonhado nem sequer pelos maiores Peregrinos da Ânsia, nem pelos mais encarniçados combatentes da Minne.

Avris desposa Allouine em Helgoland, em Heil-Land, no Maithuna de *A-Mor*, e, alcançando NOS, o Duplo Rosto, a Individualização Absoluta, ELELA e ELAELE, distintamente reconstruídos, transfiguraram sincronisticamente a Terra do Demiurgo, abrindo uma *saída* para fora do Círculo dos Círculos, *inventando-a*. Terão retornado à Inexistência do Raio Verde... "E ainda que tudo siga sendo igual...parecerá como se não o houvesse...".

A vivência do 'Eu', sentir-se um eu único aqui na Terra condiciona o *vîra* a tentar desesperadamente a transmutação em *divya*. É o signo hiperbóreo do eleito que torna possível remontar a si mesmo com a sua vivência, na Memória do Sangue, até se incorporar na Casa da Família Hiperbórea, tratando de passar para mais além do 'Eu', sem destruí-lo, [sem destruir] essa Pessoa que eu fora antes de me sentir 'Eu' – aos três anos de idade. Um ser mais antigo do que meu avô. Um Grande Antepassado. Porque o 'Eu', que aqui encarna, neste corpo de terra, corrompido pela Mater-ia demiúrgica, representa uma porção ínfima da Pessoa Antiga, sem tempo, fora do tempo, uma ponta do Fio de Ouro, quase nada d'Aquele que permanecera esperando lá, tão longe, como que à beira de uma Fonte. E ainda que eu somente como 'Eu' seja sentido por mim na Terra, na verdade é um NOS, porque ao introduzir a si mesmo como Ele ou Ela no Universo do Demiurgo, o faz simultaneamente em seus vários planos da manifestação, em mais de um astro. A Mônada é reproduzida em uma gama, mesmo quando com a mesma forma e a mesma figura. O Deus está completo em cada parte do Círculo, por igual. Todavia 'Eu' não sou capaz de me manter consciente em todas as partes ao mesmo tempo, simultaneamente, em cada um destes "mundos paralelos ou diagonais" do Demiurgo. Não o sou, mesmo que tenha nascido simultaneamente em mais de um e em

outro possa estar repetindo esta mesma história aqui vivida, com variações em seus resultados que, contudo, "não alteram nem a força e nem o sentido". Não sou consciente, podendo chegar a sê-lo, se me totalizasse, me desposando no *Maithuna* de *A-Mor*, alcançando a Individualidade Absoluta. E já não me sentiria 'Eu', senão que NOS.

Certa vez, me encontrava na Floresta Negra da Alemanha, em companhia de uma amiga, e pela janela olhava os bosques e as colinas que desciam suavemente, ondulando à luz do sol que estava a se por. Subitamente, em uma fração de segundo, me encontrei em outro lugar, em uma região estranha, vivendo uma estória plena de acontecimentos, onde haviam centenas de personagens e participava de múltiplas aventuras; toda uma existência. Foi em menos de um segundo, extraordinariamente nítido, passando perante mim como uma fita que se movia no espaço. De repente, tudo se esvaiu, se apagou, não restando absolutamente nada. Desesperadamente tratei de recordar, de fixar em mim este outro mundo, mas o meu cérebro era incapaz de retê-lo, menos ainda de penetrá-lo. Ali a consciência já não podia mais se movimentar. Todavia, eu havia estado neste outro universo, aqui mesmo, tão longe e tão próximo, "como a outra metade dos meus sentidos", para dizê-lo com Rilke. Era a questão de um "clique". Um Tulku se moveria com grande facilidade em ambos os mundos e em mais de dois, com consciência ubíqua. Seria NOS. Também eu posso chegar a sê-lo, se sou capaz de recuperar a chave que me permita me apoderar da memória do meu sangue e remontá-la até obter um novo *Vril*, esse Poder perdido, escutando a Voz. Terei em minhas mãos a Chave para abrir a Janela de *entrada* e a Porta de *saída*. A Ciência Hiperbórea.

O Hitlerismo Esotérico redescobriu essa Ciência, podendo reconstruir os *Vimanas*, desintegrar esta matéria (esta terrível *Mater*) para reintegrá-la em outra de *vraja* espiritual (transmutando Kali em Allouine), podendo penetrar nestes outros planos simultâneos, análogos, dentro e fora, sincronisticamente. De modo que a própria guerra é travada aqui e lá, em mais de um mundo, e o que é perdido aqui é ganhado lá. Os hitleristas esotéricos estão combatendo o Inimigo em todos os seus territórios e mundos.

Na memória do sangue, de repente, entre os dois ou três anos [de idade], aconteceu a vivência do 'Eu'; sentir-me 'Eu', somente 'Eu' neste mundo, como se o 'Eu' houvesse surgido na memória que circula pelo meu sangue, como uma Voz ali estabelecida que, de tempos em tempos, voltamos a escutar. É o meu diapasão, a minha nota, o meu argumento, com o qual terei que lidar, desenvolvendo-o até um limite sempre possível, mas que desconheço e que encontrará a sua culminação com a Iniciação de *A-Mor*. Eu sei [disto], quando ao olhar para mim mesmo no espelho dos meus olhos, descubro que somente um lado do meu rosto pertence a mim, pois o outro é o d'Ela. Também, quando ao entrar na Casa da Família, chego a me dar conta de que esta nota é somente parte de outras notas iguais ou semelhantes, que formam uma melodia total, esperando os meus ancestrais que no repercutir de apenas uma nota, algum dia, alguma vez, todas as outras alcancem a sua culminação e o seu Sentido. Porque basta que um chegue para que todos os demais sejam cumpridos, e que também se salvem, *saiam*, ganham a Grande Guerra. É por isto que, para cada um de nós, nos foi dado um número determinado de Rondas, dentro do Eterno Retorno, no qual entramos voluntariamente, a primeira vez, para desenvolver o argumento da nossa nota em sua mais pristina pureza, na "mais alta tonalidade da alma".

E de execução a execução da minha melodia, da Melodia desta Família Hiperbórea, existirão os repousos e balanços do Valhalla, depois dos quais tudo voltará a se repetir. E enquanto me encontro aqui, como hoje, por exemplo, entre aqueles que me rodeiam, junto aos quais vivo esta aventura, este combate, jamais poderei saber de verdade se também *são eles*, isto é, se também se sentem 'Eu', se são realmente um 'Eu', ou seja, "tu", ou se nada mais são que uma projeção ilusória, miragem, sonho. E se quando eu morrer, este 'Eu', – se é que eu morro; coisa inconcebível para o 'Eu' –, eles seguirão existindo. A solução somente é alcançada em NOS, na ampliação do 'Eu', no 'Eu' absoluto. ELELA e ELALELE, com Rostos. Porque com um que chegue, que ganhe a batalhar, que faça soar a Nota da Família em sua mais pristina pureza, na mais alta tonalidade da alma, será o suficiente para o Drama desta Casa de Família Hiperbórea.

É muito difícil poder expressar esta vivência, captá-la. Se esvai, se apaga de imediato da mente, como a minha visão da Floresta Negra. Somente pode ser experimentada como Minne, como Nostalgia, na memória do sangue de um guerreiro hiperbóreo, um ário. Neste campo de guerra em que nos encontramos agora, devemos tratar de encontrar os nossos semelhantes, aqueles que tenham se empenhado em um combate idêntico, que são ou podem chegar a ser hitleristas esotéricos, sacerdotes-guerreiros à serviço do Führer e da sua grande causa. Somente com estes camaradas poderemos nos entender. Os demais é perder tempo precioso da nossa Ronda.

Para os guerreiros de Wotan, para os combatentes do Hitlerismo Esotérico, não há reencarnação, existe apenas um número limitado de Eternos Retornos, voluntariamente aceitos, na esperança de alcançar a Ressureição.

Hiperbórea

Afirma o Rig Veda que nem os Deuses, no mais alto céu, sabem como a tragédia ocorreu, esse pesadelo de loucura da Criação do Demiurgo. Os próprios Deuses morrerão, quando a Dança de Shakti chegar ao fim, quando a sua energia se esgotar e deverem entrar na grande noite de Brahma. "Todos morrem, Hari, Yama, Kubera, e até o olho desperto de Indra se fecha no tempo da Grande Dissolução", dizem os Tantras.

São os Deuses à serviço do Senhor das Trevas, aqueles que formam um Manú para todo um Manvantara da manifestação demiúrgica; isto é, uma forma semente, um Manú-Tara arquetípico. Tara é a Deusa-Mater; Manú é o Homem-Raiz de toda essa Grande Era, o Dia da Manifestação. A figura arquetípica será projetada em miríades, simultaneamente em mundos e planos, sendo impresso como ideoplasma nos cosmos sensíveis, de substância permeável. O mesmo se passará com os animais, que devem se manifestar como qualidades-forças, tentativas do Demiurgo que falharam, ou dos seus arquétipos psicóideos. É como se os Deuses-Servidores do Demiurgo houvessem tentado dar a vida, primeiro a um Manú, à sua "imagem e semelhança", o que será projetado acima assim como abaixo, para [então] chegar a produzir maquinas, robôs, com os quais lhes fosse permitido "sondar" um mundo de matéria mais pesada, em que eles não pudessem existir, porque não estão condicionados, ou porque a sua descida até aqui lhes fosse demasiadamente desagradável. Por meio destes instrumentos adquirem uma potência maior, se alimentam, succionam energia. Quando os autômatos desaparecem – morrem – cumprindo o seu tempo de desgaste, e às vezes antes de o

cumprir, em acidentes absurdos, os elementos deste plano de manifestação se dissolvem, e aqueles dos seus componentes que pertenciam à matéria com que trabalham e que também compõem as Hierarquias dévicas que os inventaram, projetando-os, são absorvidos por estas, como sentimentos, paixões, amor místico, obediência, energia ritual, lhes servindo de combustível necessário e sendo a substância que faz girar a Roda do Eterno Retorno e com a qual os Deuses que obedecem o Demiurgo recriarão os seus mundos repetitivos, alucinantes.

Apesar da proliferação do número, quase infinito, a história demiúrgica se reduz à simplicidade de um Arquétipo recorrente em todos os universos, céus e planos de sua projeção, estando sempre polarizada em Yin e Yang, como uma tentativa grotesca de cópia da existência dos Hiperbóreos do Sol Negro, do Raio Verde, sobre o qual o Demiurgo-Jeová somente veio a se inteirar através do *divyas* traidores, mas que jamais poderá compreender ou imaginar. Foi somente do "quinto céu para baixo", como asseguravam os cátaros, que o Demiurgo-Jeová começara a alterar e mesclar tudo, introduzindo o seu plágio, como um estranho acontecimento, o qual nem os próprios Deuses, nos mais altos céus, sabem nem como e nem porque aconteceu.... Mas os poetas talvez o intuam.

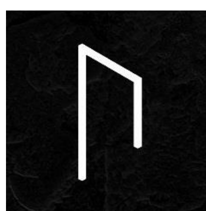
Bem claro ficou que o combate não começa aqui ne Terra, senão que muito antes, em um prólogo à descida a este Círculo deprimente. A própria impressão do Arquétipo-Manú no plasma da matéria terrestre, na vagina da Mater-ia, tem a sua Ante-História nos combates e derrotas extraterrestres. A chegada dos *divyas* hiperbóreos aqui é como o exilio de uns vencidos, que abrirá, todavia, possibilidades incríveis, mesmo que imensamente dolorosas para os *vîras*, os heróis.

A enorme conspiração terrestre para escamotear a verdade das origens extraterrestres, tem também causa e princípio fora deste planeta. Está dirigida pelo Demiurgo e pelos *divyas* traidores, pela traição branca e negra. Com o incêndio da Biblioteca de Alexandria, fizeram com que os últimos documentos sobre a verdade extragaláctica desaparecessem. Tudo o que resta é indecifrável, pelo fato das "chaves" terem sido destruídas, tanto [do lado de] fora quanto [do lado de] dentro. Todavia, no Gênese se fala dos *Nephlin* chegados à Terra de outros mundos e, no Livro de Enoque, nos dizem que "os anjos se mesclam com os humanos". Quase todas as lendas dos povos com tradição se referem a uma origem extraterrestre. Por exemplo, "os Filhos do Sol", que não o seriam seja literária ou poeticamente, senão que de verdade. As Sagas irlandesas se referem ao Tuathas de Dannan, os antepassados divinos. Para os mexicanos, Quetzalcóatl procedia de Vênus, havendo entrado por Vênus, e o mesmo acontece com Mama Occl e Huiracocha entre os Atumarunas de Tiahuanacu e os Incas. De novo o Gênese nos conta sobre o combate estelar em que Lúcifer é derrotado. Haveria caído nos gelos do Polo Norte, onde é aprisionado.

E assim nos aproximamos do conhecimento da lenda de Hiperbórea, que os gregos de épocas mais recentes localizam nos confins setentrionais. Mas, a verdadeira Hiperbórea, a Primeira, não pode ser circunscrita em zonas geográficas terrestres. Os gregos pré-clássicos teriam sabido disto, ao lhe dar este nome. Hiperbórea significa "mais do que Bóreas". Bóreas é um Deus, filho do Titã Astreu e da Deusa Aurora. Quer dizer, hiper-Bóreas, é algo que está mais além deste Deus. Bóreas é também um vento – o vento boreal. O Demiurgo, na verdade é um respirar, uma *pneuma*, um pleroma. Hiperbórea significa *mais além do Demiurgo*, *mais além da sua Respiração*.

Existiria, portanto, uma Segunda Hiperbórea, construída à imagem da Primeira, pelos divyas que vêm para combater no Universo do Demiurgo. Esta é a Hiperbórea Olar, que fora visível no Satya-Yuga. Como vimos, pelos Avatares que lhes correspondem, coloca-se [tal coisa] no plano do bestiário emblemático e zodiacal; isto é, nas zonas demiúrgicas. Quase ao final deste Yuga, Poseidon tornará invisível a Hiperbórea Polar, a Última Thule.

A Segunda Hiperbórea haveria estado sido regida pelo Siddha Saturno e sua esposa Rhea. Assim o disse Virgílio em sua Écloga IV, sobre a Idade Dourada: "Voltará o Reino de Saturno e Rhea". O Satya-Yuga. Sat = Ser. Sat-Ur-No. Entremeio a Runa UR, que assinala a origem. Sat-Ur = o Ser Original. O Rei de Hiperbórea.



Runa UR

Wotan, o Deus dos germanos, dos nórdicos, é filho de Borro de neto de Bori. Os gregos mais antigos sabiam disto, porque eles eram também nórdicos. Apolo é Wotan (A-Polo, sem Polo, mais além do Polo), um Deus hiperbóreo, da Primeira Hiperbórea, que viajava ao Grande Norte a cada dezenove anos para rejuvenescer o seu corpo e sabedoria. Na verdade, ele ia mais além do Norte, à Hiperbórea invisível, e, dali, à Primeira, de onde voluntariamente retornava. Apolo-Wotan. Quando Jung fala de que Wotan é o Deus do Vento, [ele] não compreendeu isto no seu sentido esotérico. Wotan é o Deus hiperbóreo que se sacrifica, crucificando a si mesmo na Árvore do Espanto, para redescobrir as Runas, a Ciência Mágica da Kabala Hiperbórea, as trazendo para a Terra. Ademais, este é o kristianismo Nórdico-Polar.

Sob a influência da simbologia do Gênese, dos seus personagens semitizados e seu Deus judeu, hoje se ignora tudo sobre os Deuses germanos, nórdicos. A grande conspiração os cobriu com a etiqueta do "paganismo", do "panteísmo" e tantos outros clichês impostos pelo cristianismo judaico. E quando recorrem ao Panteão grego, o fazem de maneira maçônica, isto é, de um modo racionalista; além do mais, literariamente, desconhecendo que para os gregos os Deuses existiam e eram tão reais e muito mais ainda que os heróis e os homens. O mundo sul-americano é absolutamente ignorante quanto a aquela mitologia. Somos o produto do cristianismo mais tosco e ignorante, e da maçonaria racionalista, além de constituir povos bastardos no sangue e na alma, salvo algumas poucas exceções. Todavia, se queremos dar uma imagem do que foi e é o Hitlerismo Esotérico, devemos avançar por estes territórios.

Saturno é o Kronos grego, o que devora o tempo. Por isso, a Segunda Hiperbórea é colocada, se não fora do tempo, em *outro tempo*. Isto nos dá a chave da sua verdadeira localização. Já dissemos, *Sat-urno*, *Sat-ya-Yuga*, também *Sat-va*, o mais puro dos *gunas* da filosofia dualista Samkhya e da filosofia Tântrica da Índia ária. Segundo a sua cosmogonia, a matéria da criação é composta de três *gunas* (elementos básicos): *Satva*, *Rajas* e *Tamas*. Os dois primeiros são puros e servem para formar as castas árias, no "Código de Leis do Manú": a Bramânica e a Shastriya. Tamas é um *guna* impuro, mesclado, diabólico e da vida à casta dos *sudras* e *Chandalas*. Tudo o que é demoníaco,

as raças mescladas, de cor, o animal-homem. É o *Sudra-Vansa*, a não-raça dos *sudras*. Para os persas ários são os Asuras, os demônios, que somente tem um nascimento terrestre, os Dasa. Para os tibetanos são os Lha-ma-yin, forças sombrias, que lutam contra os Deuses da Luz. Segundo o Hitlerismo Esotérico, o Demiurgo-Jeová estaria fazendo usa na sua Criação somente do Terceiro *guna*, *Tamas*.

Kronos-Saturno é o Rei de Thule, que foi destronado e unicamente dorme à espera do tempo: do regresso. Segundo Plutarco, certos pássaros cuidam dele e levam a Ambrosia para ele. Voltará com o *Sat-ya-Yuga*, ou seja, com o seu Tempo, que Ele mesmo devorou. Podemos ver, então, que é em Thule, na Hiperbórea, onde se origina para nós o Mito do Sonho e do Retorno do Rei Dormido do Graal, de Frederico Barbarossa, que é custodiado por dois Corvos, Hugin e Munin, de onde os judeus apropriaram para si as duas colunas Urin e Tumín. Também o Führer dorme nos gelos do Antártico, na Segunda Hiperbórea inexpugnável, invisível, sem envelhecer, porque Saturno-Kronos devorou o tempo, o fez desaparecer.

O Vishnu indo-ário é um Deus loiro, cuja residência, Agartha, se encontra entre os gelos do Polo Norte. O seu emblema é a Swastika e o seu veículo também é um Pássaro: Garuda. A cidade que habita é *Sveta-Duîpa*, a Ilha do Esplendor, assinalada por Duas Swastikas. Pode-se notar a similitude entre os termos sânscritos de Swastika e Sveta-Duîpa. Vishnu-Hari, Deus Polar, é também Apolo e Wotan, sentado sobre um trono sustentado por dois leões, animais emblemáticos, que também são o signo zodiacal de Leo. Todos os *Avatâra*, ou encarnações da Divindade, nos quatro Yugas do Manvantara que nos corresponde, são representações de Vishnu, segundo os indo-ários. Isto é, de Wotan. O último Avatar, o que virá, é Kalki, o do Führer, junto com o retorno da Segunda Hiperbórea à superfície visível, com o Satya-Yuga, com Saturno e Rhea, como o anunciara Virgílio. Destas coisas também nos fala Plutarco em seu estranhíssimo livro "O Rosto que há no Disco da Lua".

De *Sat-Ur-no* também vem o termo em sânscrito '*Sat-madhi*', ou seja, o arrebatamento do santo, a fusão com *Sat*, o Ser Primordial, o regresso ao *Sat-ya-Yuga*, ao Deus Saturno, ao fundir-se n'Ele, com o Arquétipo, ao **desaparecer**. Não esqueçamos que todas as línguas árias se originam no sânscrito, e estão estreitamente relacionadas, havendo tido um centro em comum de nascimento, o Norte Hiperbóreo. Consequentemente, o grego, o latim e as línguas indo-germanas, das quais derivam. Ao *Samadhi* vedantino, que é um embuste introduzido na Índia já mesclada pela Traição Branca e pela sugestão do Demiurgo, deverá se opor o *Kaivalya* tântrico ário, isto é, a separação absoluta do Mago, a Personalidade Absoluta, a imortalidade com um Rosto, através da **oposição** à fusão e dissolução. O *Deva-Yana* oposto ao *Pitri-Yana*. *Kaivalya* tem a ver com a *Kabala*, *Kal*, dos germanos hiperbóreos e também com *Kalki*, o último Avatar do Führer, com um Retorno diferente do primeiro Satya-Yuga, com um retirar-se à Primeira Hiperbórea, ao Raio Verde.

É possível descobrirmos, além disso, que adulteração judaico-cristã da sabedoria hiperbórea transformou Saturno, convertendo-o em '*Sathan'* – de *Sadorn-Tan*, 'Fogo de Saturno', no alemão arcaico – Satanás, o Príncipe do Inferno. Do mesmo modo como com Lúcifer, a Estrela da Manhã, *Wunyelfe*, em mapuche, *Oiyehue*, *Morgenstern*, a dupla Estrela da Tarde, *Yepu*, *Abendstern*, produziram o Anjo do Mal e da Rebelião, encarcerando-o nos gelos do Polo Norte.

A história mítica de tudo isto é a seguinte: Em um combate estelar, prólogo da História da Terra, a Estrela Vênus, ou seja, Lúcifer, que havia penetrado na Criação

demiúrgica e viajava como um cometa pelo seu "quinto céu", acompanhado de suas tropas de guerreiros divinos, buscava o ponto mais baixo onde pudesse descer em busca da sua Ela, para cumprir o *Opus Alchimicum* da sua Individualização e transmutação. Fica preso entre forças contrárias, imobilizado e, em seu combate, perde a sua Coroa (a Coroa do Cometa Vênus) que cai se destroçando sobre o Polo Norte e acarretando um "Salto dos Polos". Ali submerge, junto com a sua Sabedoria Cósmica, estelar. Mas o que caiu é somente a sua Coroa. O seu Corpo seque em vigilância no firmamento. É a Estrela de Vênus.

Tudo isto não deve ser entendido em um sentido de fatos materiais unicamente, de estrelas e planetas, tal como nós os conhecemos através dos olhos da carne, senão que de forças, de energia, consciência e Espírito. A isto nos referimos quando dissemos que os *divyas* hiperbóreos entram na Terra pela Porta de Vênus, pelo Raio Verde.

Paradesha

É possível pensarmos também que até mesmo a Segunda Hiperbórea, a Polar, não se encontra na Terra física, tal como hoje a conhecemos.

Na cosmogonia tibetana, nosso universo é um entre muitos. O todo "é como uma cebola", dizem, e os universos se separam uns dos outros como suas camadas, indo de superfície a superfície. No centro se encontra o Monte Meru. A cosmogonia se inspira na hindu. A Terra real é *Jambuling*, em tibetano, e *Jambudvipa*, em sânscrito; o "Quarto Continente", o do Sul. Quer dizer: "Lugar, ou região onde o fruto do Jambu cai na água". É de cor azul e tem a forma de uma pera. O rosto dos seus habitantes imita esta forma. O "Continente do Norte" é *Uttara-Kuru*. Por ali é possível sair em direção aos Deuses, depois de morto; por *Uttara-Yana*, o Caminho do Norte, Deva-Yana. Do Norte vem a Raça Divina, *Kuru*. Também é *Uttara-Kuru*, a mais alta sabedoria, que chegou ao Tibete com os divinos *Dropas*, cujos restos, já degenerados, foram a magia do *Bö*, ou *Bön*, anterior ao budismo lamaísta e cujo emblema era a Swastika Levógira. É possível que neste "Continente do Norte" estivesse localizada a Segunda Hiperbórea, que para os indo-ários e os iranianos persas é *Arianabaiji* e *Arianem-Vaêjo*, terra perdida entre os gelos do Norte Polar, pátria primigênia. Terra de Zarathustra, do Rei Solar *Yima* e de *Ahura Mazda*. Também *Asgard*, a residência primordial dos Ases, se encontra em *Midgard*, a Terra do Meio, do Polo; em *Gardarike*. (Polo) Agartha, a cidade mítica do Norte, residência de Vishnu. *Agarti*, para os tibetanos. É também a Terra Branca dos Toltecas, *Aztland* (*Alt-land* = terra antiga, terra velha, em alemão, Atlântida). *Thule*, *Tula*, *Tola*, cidade dos que precederam aos Olmecas na América Central. *Sveta-Dvipa*, Terra Branca do Polo. *Hvetramanaland*, ou *Huitramanaland*, a América dos Deuses Brancos.

O Continente do Norte, *Uttara-Kuru*, em sânscrito – a "Raça do Norte", *Kuru* - em tibetano é *Sgrami-Snyam* e é quadrado e de cor verde.

Na cosmogonia tibetana cada continente está unido aos outros por um oceano de éter. E, como dissemos, no centro de tudo aparece o Monte Meru, com paredes de jaspe, rubi, de prata e ouro. Um continente na verdade equivale a uma terra separada e distinta. Sendo assim, a Terra do Norte, onde estaria localizada a Segunda Hiperbórea, passa a ser submersa, rodeada, como que pelas diferentes "capas e superfícies de uma cebola", ficando oculta do lado de dentro, à medida que os outros continentes, que são

numerosos como estas capas, vão endurecendo e cobrindo tudo. Será a Terra Interior, a Terra Oca. Uma grande catástrofe a fez desaparecer. Nenhum resto poderá ser encontrado desta Hiperbórea sobre a superfície da Terra do Kali-Yuga, unicamente nas *Tankas* e nos *Mandalas* do Tibete, onde os continentes se unem pelo éter. Pelo Éter da Alma.

De como foram os habitantes da Hiperbórea Polar, já não nos é possível saber mais nada. Todavia, é ali onde se encontrava *Paradesha*, a Região Mais Alta.

As lendas sobre o Paraíso Terreno procedem deste mundo polar perdido, deste Continente do Centro, de Midgard, de Paradesha, da Terra Mais Alta, de Meru, do Monte da Revelação, da desaparecida Hiperbórea.

Na Primeira Parte desta obra vimos que o Gênese é um livro que os caldeus preservavam em Ur e que viera a cair nas mãos dos judeus, que o adulteraram para benefício próprio e da sua história nacional falsificada. Ali haveriam feito referências a este longínquo Continente desaparecido, Paradesha. Mas tudo foi mudado e falsamente interpretado pelo judaísmo e pelo cristianismo. Contudo, algo foi possível saber sobre Hiperbórea graças aos gregos e a sua mitologia. Com maior pureza ainda na recordação das sagas nórdicas, no esoterismo hindu-ário e no germanismo das origens. Interpretar estes documentos foi o trabalho do Hitlerismo Esotérico, da Iniciação SS e da *Ahnenerbe*.

A grande conspiração teve como objetivo principal mudar o ponto das origens, o centro primordial, Paradesha, localizando-o em qualquer parte, exceto no Norte Polar. É assim que falam de um Paraíso Terreno em alguns dos desertos africanos e, então, nos asseguraram que "a Luz vem do Oriente". Sendo que a Luz vem do Polo, do Sol Negro da Meia-Noite Polar. O próprio Jardim das Hespérides, nunca esteve em outra parte a não ser no Grande Norte (Hesperus, Hesper, o irmão de Atlas, Hespérides, Vésper, Vesperal, a Estrela Polar, a Estrela da Tarde). A *insula pomorum*, das Maças de Ouro e também Avalon, existiram unicamente em Hiperbórea. Ali foi buscá-la Héracles-Hércules. Ali também foi Jasão, acompanhado por Castor e Pólux (Polo), para encontrar o Velocino de Ouro. Em Hiperbórea lhe esperava a Valquíria Medea, a *Schildfrau*, a Virgem com o "Escudo de Sol", a Virgem do Sol Negro. E no Ramo de um Carvalho-Verde de Dodona (porque o Carvalho se chama *Donar*) reencontra o Velocino Dourado, na Idade Dourada. E também o segredo do *tro-bar-clus*, em código, isto é, as Runas de Wotan, na Árvore Iggdrasil, do Espanto. Lhe foi entregue pelo Corvo Hugin, ou Munin. *Trovar* vem do provençal *Trobère* e de *Trovare*, encontrar.

Exatamente a isto se referia o Gênese, em sua origem, antes de ser expurgado e falsificado em seu mais profundo sentido. Ali, no Paraíso, em Paradesha, no Monte da Revelação, em Meru, havia uma Árvore com Maças de Ouro, possuidora da Ciência do Bem e do Mal. A Árvore capaz de conceder a Imortalidade e de fazer dos heróis Deuses, e mais do que Deuses; a Jasão, a Héracles-Hércules, que iam em busca da sua totalidade perdida, da sua Ela, de Medea, de Leucipo, de Allouine, de Lillith. Em uma palavra, da Valquíria, que no Valhalla dos Heróis de Wotan lhes tornaria capazes de recuperar o Graal, a Coroa perdida de Lúcifer. A sabedoria de Vênus, a Estrela da Manhã, a Estrela Dupla, que também é a Estrela Brilhante da Tarde, *Abendstern*.

Woewre

Podemos imaginar que o rompimento do Ovo Órfico, de ELELA e ELAELE, se cumpriria na Primeira Hiperbórea. É também um acontecimento interior. Sat-Ur-no, Wotan, dividido, crucificado na Árvore do Espanto, na *Igg-drasil*, na *Ir-minsul*. Tudo isto será sempre melhor expresso no idioma das Runas. O Ovo que se divide em Dois e Três.

A lenda grega nos conta que em Hiperbórea (*Atland*), Poseidon-Atlas sustentava uma coluna que, penetrando na estrela fixa, polar, fazia uma conexão com o outro Céu. Apolo preserva a Lei, escrita nas tabuas de Oricalco. Então, Hércules os substitui neste esforço. As Colunas de Hércules são duas (Urin e Tumín, ou Hugin e Munin) e não estão em nenhum outro lugar fora da Hiperbórea já involucionadas, na região polar.

O que na verdade fora esta Coluna é possível entrever apenas através do verdadeiro nome do Deus-Siddha Hiperbóreo, que aparece nas sagas nórdicas: ER, IR. Quer dizer 'Poder'. A Coluna foi, portanto, um poder que os Hiperbóreos possuíam, os divyas, os Siddhas, que o perdem ao se mesclar com "as filhas dos homens". Com este poder lhes era possível manter aberta a Janela de Entrada, a Porta de Saída, na Estrela, a conexão com a Primeira Hiperbórea. Era o Vril, uma espécie de Raio que se projetava da testa[15] e que se ficou reduzido a uma pura virtualidade nas glândulas pituitária e pineal, calcificadas no Kali-Yuga.

A Árvore do Paraíso, com a ciência do Bem e do Mal, é uma reprodução malfeita daquilo que nos contam os gregos e as Edda. O que é a Árvore senão uma translação ao bosque germano, em tempos já muito involucionados, da lembrança de um Poder-Sabedoria perdido no Polo, na Terra Central, em Midgard, em *Arianem-Vaêjo*? A própria Coluna é já um signo de uma decadência, simbologia materializada de um Poder Espiritual desvanecido, do Raio Verde, do *Vril*, submersos nas águas do Mar do Norte, como o oricalco e o âmbar.

A Árvore, a Azinheira Donar, se chama também *IR-minsul*. Às vezes é um fresno. É possível ver que leva o radical IR, do Deus-Poder. Dessa Força que se conectava com o outro Céu. Simboliza, portanto, a Energia do *Vril*. O tronco é a Coluna Polar, que, por sua vez, é a Coluna Vertebral do Siddha; a sua copa é a cabeça e os frutos, as Maças de Ouro do Jardim das Hespérides, são os chakras, os centros de Sabedoria-Poder e de consciência diferente, que ao despertar, sendo assimilados, voltam a nos converter em Deuses. Esta é a Ciência da Árvore do Paraíso, de *IR-minsul*, da Saga nórdico-germânica. A Ciência do Bem e do Mal, porque pode servir tanto para o bem quanto para o mal, para imortalizar ou para nos perder para sempre. É a Ciência dos Heróis. Ulisses-Héracles e Jasão vão para o Norte hiperbóreo em busca das Maças de Ouro, ou do Velocino de Ouro, para roubar a imortalidade dos Deuses, como heróis, com a espada em mãos. Séculos depois, Parsifal voltará a tentar o mesmo.

É a Ciência de Hiperbórea, que se bebe na Memória do Sangue, como o ouro alquímico, potável, como a ambrosia e que um corvo de ouro entrega a Saturno. O licor da vida eterna, a soma, que a Valquiria Allouine também nos oferece na taça de pedra verde do Graal.

---

[15] N. do T.: Na verdade, o termo usado originalmente em espanhol pelo autor é 'entrecejo', que é um nome dado para o espaço entre as duas sobrancelhas, mas para o qual não temos um nome na língua portuguesa.

Desta Árvore do Paraíso, Eva pega uma maça para Adão. E o que nos diz sobre isto a espoliação judaica, judaico-cristã? O mesmo que Freud em sua interpretação da pintura de Leonardo. Obsessão sexual, degradação do Mito e da Tradição esotérica, "freudianismo bíblico", pré-figuração do Arquétipo judaico, com o "pecado original". A tentação de Eva representada em uma maça da árvore do bem e do mal.... "E se viram nus", "descobriram os seus corpos...". Já Irineu disse que é um absurdo tomar o símbolo ao pé da letra, porque "Deus não é um agricultor dedicado a plantar árvores no Jardim do Éden". Quer dizer, isto tudo deve ser entendido simbolicamente. Especialmente a Árvore.

Árvore, Coluna.... Onde? Dentro, no Corpo do Antropos, do Homem-Total. Mas este Homem já se partiu, já se dividiu no Ele e Ela, em Adão e Eva, em Leucipe e Evenor. Deixou de ser o Homem-Redondo do mito platônico, que subia girando à conquista do Monte Olimpo dos Deuses. Se materializou endurecido, involucionado, chegando a poder "ver o seu corpo nu", a sua "própria nudez" e a da *sua* mulher. Para reconstitui-lo em divya, Lillith (**não Eva**) lhe entrega a Maça de Ouro da Sabedoria, do *Graal* de oricalco, da Pedra Verde. A ciência da Imortalização, o Licor da Vida Eterna. A Sabedoria que fora do Antropos e que se encontra "gravada mais além das estrelas", como diria von Eschenbach, séculos depois, em seu Mistério de Parsifal.

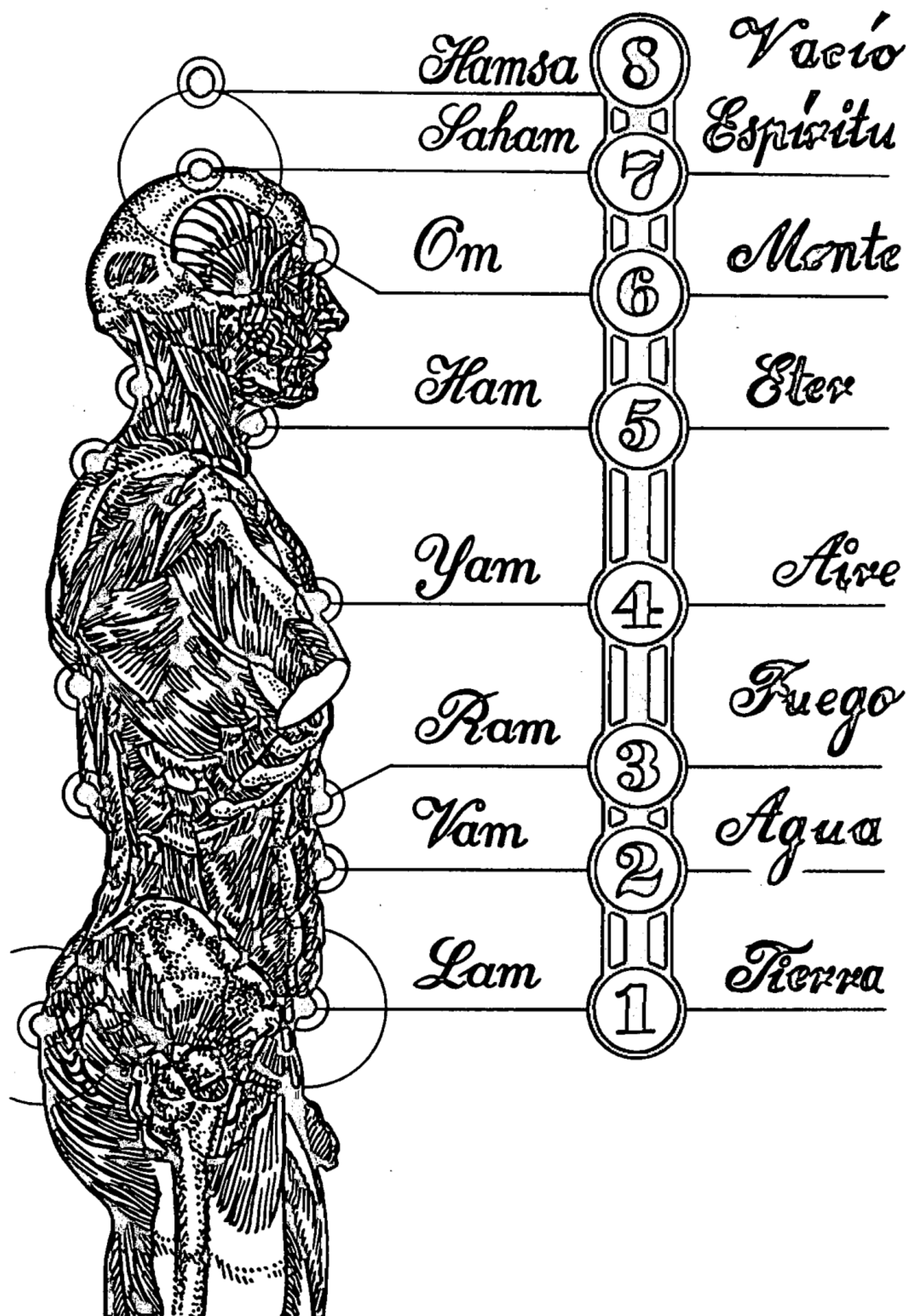
O judaísmo cristão nos fala do "orgulho luciferiano", "por querer ser como os Deuses", do "pecado original", da "tentação". Mas este sentimento é alheio ao Shastriya, ao herói, ao guerreiro, ao *vîra*, que tenta recuperar por assalto o que **lhe pertence por direito próprio**, aquilo que certa vez ele perdera: a Imortalidade. O pecado original é o sentimento do pecado racial **do *sudra***, e que "não poderá ser apagado nem sequer quando for lavado com salitre", como diz o próprio Jeová.

Na Árvore do Paraíso se enrolava a Serpente. Lúcifer havia tomado esta forma. Mas Lúcifer é a Luz mais Bela; Lucibel, um Carbúnculo caído de Vênus, a Sua Coroa. E está no Polo, na Segunda Hiperbórea. Por ser Luz Verde de Vênus, essa Serpente também é de Fogo Incriado. Uma Serpente Emplumada, Quetzalcóatl. É, portanto, Kundalini, o Fogo enrolado nas raízes da Árvore do Paraíso, da Ciência dos Deuses Hiperbóreos, que nos faz como Deuses, e até mais ainda. Porque é Lúcifer que, através da sua Mulher, Lillith, da sua Valquíria, da Maga hiperbórea Allouine, de Opis, Arge, entrega essa sabedoria no *A-Mor* Mágico e faz com que seja possível a Imortalização do Herói e a sua própria. Com dos Rostos. A recuperação de ELELA e ELAELE. É um sonho não sonhado sequer pelos maiores Peregrinos da Ânsia.

Esta é a Ciência da Serpente e da Árvore da Coluna Vertebral com os seus frutos, os chakras. É o Tantrismo Hiperbóreo, Polar. É o *A-Mor* Mágico, ensinado entre os gelos do Norte legendário, pelas *Schildfrauen*, as Virgens do Sol Negro e do Raio Verde, as Sacerdotisas Odínicas, as Valquírias. Para os germanos, a Serpente se chama Woewre. É o Fogo-Consciência-Kundalini, da Índia ária, que é onde melhor se pode preservar nos tempos míticos a sabedoria dos ancestrais hiperbóreos, graças à inexpugnável barreira sacra dos Himalaias. Mas é nos Edda, na mitologia escandinava e germana mais antiga, revitalizada pelo Hitlerismo Esotérico, onde a verdade reaparece em todo o seu imenso esplendor. Ali ainda estão guardadas as chaves, que não se acham no Ioga e nem no conhecimento que em tempos históricos foi divulgado a partir da Índia. Porque do Oriente não vem a Luz. Ela vem do Polo, de ambos os Polos.

A Serpente Woewre, não é a Shakti, e nem é a Isvara-Shiva, o princípio feminino ativo de Shiva Criador. É Ela, a Bailarina dos Véus Verdes, do Raio Verde. É a Kundalini

Hiperbórea, ou seja, a lembrança d'Ela na Memória do Sangue que, por corresponder à uma totalidade perdida, é o Vril. A Kundalini Hiperbórea é o *Vril*. Os *Minnesänger* germanos fizeram dela a sua Senhora, a sua Amada, como *Woewre-Saelde*, a Valquíria Isolda talvez. Em torno d'Ela se congregavam, no rito da *Minnetrinken*, bebendo o sangue ário, a Recordação no Sangue da Origem, d'Aquele que permaneceu esperando à beira de uma Fonte; da Minne, do *A-Mor* Eterno.



Os chakras, os seus mantras e elementos correspondentes.
Ver "NOS, Libro de la Resurrección".

Os *Minnesänger* eram os Trovadores Hiperbóreos. O dissemos, *trovar* vem de *trobère*. Encontrar de novo o que foi perdido, na própria Árvore da Coluna Vertebral invisível, crucificando a si mesmo como Wotan, na Iggdrasil, na Árvore do Espanto, para dar à luz ao Filho da Imortalidade, o Filho do Homem.

Mas esta Árvore está diminuída e danificada dentro do *vîra* que perdeu Paradesha, Hiperbórea. Unicamente no interior do Monte Meru está preservada intacta. Ali está a Iggdrasil, a Irminsul: porque o Meru é o Corpo do Gigante, do Antropos, do próprio Wotan. Também o é o Monte Aalborg, o Elbrus, o Ararat, o *Gralsburg*, em Berchtesgaden, Montsegur e Melimoyu, nos Andes do Grande Sul. *Andes* vem de *Anda*, e quer dizer Homem-Total.

Dentro dos Andes eu vi os Gigantes.

Wotan e as Runas

E Wotan disse:

"*Eu sei que tenho estado pendurado*
Por nove longas noites
Na Árvore, gelado pelo vendo do Norte.
Pela lança fui ferido, no sacrifício de Wotan.
Em mim mesmo, no Si-Mesmo.
Na soberba Árvore, da qual os homens nada sabem,
Nem sequer de qual raiz brotou.
Não me ofereceram alimento,
Nem Hidromel em um corno,
Para me consolar.
Meu olho olhava para baixo.
Me queixando, projetei as Runas.
E então cai à terra.

Nove cantos aprendi do Guerreiro-Avatar,
O Guerreiro da Bestla,
O Filho de Bölthorn.
Da mais nobre poção,
Bebi um gole.

E a florescer comecei,
Também a madurar.
Sábio cheguei a ser.
A Palavra me guiava,
De palavra em palavra.
A Obra,
De Obra em obra".

Este Canto dos Essa nos descreve a crucificação de Wotan na Árvore Iggdrasil, do Espanto, o seu sacrifício por nove noites, pendendo, sem bebida que o reconforte, ferido pela lança em um dos lados do seu tronco. Nem sequer o seu corvo lhe trouxe hidromel. Até que Wotan descobriu as Runas, e com elas pôde se libertar. Assim o Herói, após se apoderar do segredo, de recuperar o Grande Poder, se tornou mais do que um Deus e vem a entregar aos seus guerreiros, através da História, a Ciência da Grande Libertação e do Retorno, a Runa da Swastika Levógira, do regresso à Hiperbórea.

É surpreendente poder descobrir que na crucificação de Wotan na Árvore Hiperbórea, já está revelado o Kristianismo Esotérico, Polar. Não há como se confundir, pois até a ferida pela lança está presente. Isto será captado esotericamente pelo Mistério do *Graal*, na Idade Média e secretamente adotado pela SS. Segundo o professor Hermann Wirth, os Edda e as Runas são antigas, em cerca de seis a dez mil anos. Mas os eventos aos quais aqui nos referimos não têm idade, se encontram na pré-materialização da Terra, antes do Primeiro Período Glacial, nessa Segunda Hiperbórea do Polo, mais além do Vento Bóreas, quando o homem ainda começa a ser plasmado na matéria, quando perdeu Paradesha e o Satya-Yuga decai. Ali Wotan se sacrifica, crucificando a si mesmo nos quatro reinos materiais, para descobrir os signos rúnicos, como a única Luz que iluminará os heróis, os guerreiros, na queda, na involução, ajudando-lhes no Caminho do Retorno, chamado também de Caminho de Iring. A *saída* por Vênus.

As Runas são signos, mudras e mantras antiquíssimos. A sua origem é desconhecida. Delas deriva o alfabeto dos filisteus, tribo nórdico-hiperbórea, de onde, por sua vez, deriva a escrita fenícia. Todavia, as Runas estão mais além da letra escrita, correspondendo à Cabala Órfica inaudível dos signos mágicos e cósmicos.

Segundo Spanuth, os fenícios também descendiam dos hiperbóreos, aparecendo já miscigenados nos tempos históricos. Contudo, como em tudo aquilo que concerne os temas nórdicos, a conspiração histórica trata de fazer com que as Runas apareçam como um alfabeto nór-itálico, sem maior importância, inventado no século II ou III da era cristã. O livro dos acadêmicos franceses Lucien Musset e Fernand Mossé, "Introduction a la Runologie" (Paris, Aubier-Montaigne, 1965), pretende nos fazer crer que as Runas são uma tentativa falida de gente primitiva para criar para si um alfabeto rudimentar. Sem nos retirar do âmbito da argumentação racionalista destas investigadores, o fato de que já antes do século III da nossa era os ourives gnósticos de Alexandria talhavam gemas mágicas, reproduzindo [nelas] precisamente as Runas, é a melhor prova em contrário a estes profissionais da conspiração anti-nórdica, histórica e mundial; porque se o gnosticismo no século III já reconhecia o valor mágico dos signos rúnico, isto indica um desenvolvimento anterior a este alfabeto. A mitologia nórdica nos diz que foi Wotan quem, crucificando a si mesmo na Árvore do Espanto por nove noites consecutivas, alcança a libertação somente quando descobre as Runas. A interpretação esotérica é a seguinte: somente as Runas-Chakras fazem com que seja possível que a "Árvore" da Coluna Vertebral Psíquica permita a Ressurreição do Homem Interior, do *primus homo coelestis*, do Corpo Astral, e assim Wotan entrega aos seus eleitos da Ordem nórdico-polar, a Yoga-Rúnica ária, que lhes capacitará a se transformar em Deuses.

Devido à sua forma, as Runas representam também um alfabeto único entre todos os conhecidos, inclusive o dos gregos, e o dos hebreus e até mesmo o sânscrito, nos tempos anteriores à era cristã. Posteriormente, nem os alfabetos mágicos árabes, e nem a linguagem enoquiana, do astrólogo, matemático e alquimista inglês do século

XVI, Dr. John Dee – que depois a poderosa Ordem Secreta inglesa, Golden Dawn, filial da Ordem alemã da Thule, viria a adotar – em nada lhe parecem. Todos estes alfabetos são formados por linhas redondas, ondulantes, circulares ou em espirais. Somente as Runas são configuradas em linhas retas, paralelas, perpendiculares, **angulares**. O argumento, sempre parcial, apresentado por alguns antropólogos, filólogos, ou arqueólogos racionalistas, de que a gravação das Runas com um instrumento afiado (nunca de ferro, pois isto estava proibido) sobre a madeira ou a pedra era facilitado pelos perfis angulares, é, sem dúvida, simplista. Por que não o círculo?

A explicação esotérica é a seguinte: a Runa corresponde a uma Alta Cria do Corpo do Siddha, em uma Idade Dourada da Raça, justamente quando o Homem Hiperbóreo adquire forma visível sobre o Continente Polar, sendo revestido com uma primeira matéria luminosa. O fato é que o corpo do *vîra* possui essa forma angular das Runas, que vêm a ser os signos mágicos que o trazem à existência, o reproduzem e o revelam. Por isso existe também um Yoga-Rúnico da forma e do movimento do corpo, um Hatha-Yoga e um Raja-yoga Rúnicos, que, como em uma dança, imitam os seus perfis e posições similares de braços e pernas.

A raça e o corpo hiperbóreos foram involucionando, decaindo, ao entrarem como prisioneiros dentro do Círculo da expiração e inspiração do Demiurgo, com o girar das Rondas, das Idades. As Runas se referem a um Meio-Dia da Beleza de uma Raça já perdida e a um Corpo Divino, o Corpo de Wotan, do Homem-Total. Um corpo mais espiritualizo, que unicamente as Runas são capazes de recriar. Porque elas foram os signos hiperbóreos que o formaram neste outro mundo.

Por serem os signos da Beleza formal, da pureza de uma raça nórdico-hiperbórea, as Runas também são mortalmente odiadas pelos representantes do Kaly-Yuga, pelo animal-homem, pelos escravos de Atlântida e pelos acólitos do Príncipe das Sombras, da escravidão, da mentira e da monstruosidade. Todos os outros "alfabetos mágicos" de que nos falam nesta época são o produto de raças involucionadas e mescladas do Kaly-Yuga, da Época Mais Escura, com suas formas ondulatórias, reptilíneas, semíticas. Com apenas uma exceção, a dos Signos Sagrados, pré-arquetípicos, pré-formais, que atuam de fora do Círculo dos Círculos, partindo do Raio Verde e que também nos foram revelados, signos pré-rúnicos, mas que não contradizem às Runas, senão que as respaldam. Todos os outros alfabetos mágicos podem ser utilizados pelo Inimigo.

As Runas não são um alfabeto. Seu nome, Futhark, é originário dos seis primeiros signos da Série Odínica. Podem ser gravados ou escritos da direita para à esquerda ou da esquerda para à direita, de cima para baixo ou de baixo para cima. Na verdade, as Runas nunca foram usadas como escritura corrente, nem sequer foi escrito um livro com elas (exceto pelo estranhíssimo Tarô). São signos mágicos independentes, perigosos se usados sem conhecimento, pois o seu uso incorreto pode produzir a loucura e até a morte. A "Escritura da Árvore" e o "Ogham", dos celtas e druidas, tem nas Runas a sua origem, porque os Tuathas de Dannan, os divinos ancestrais dos celtas da Irlanda, são na verdade os Ases e os Vanes, de uma mesma origem venusiana, hiperbórea. Mas estes alfabetos falsificaram as Runas.

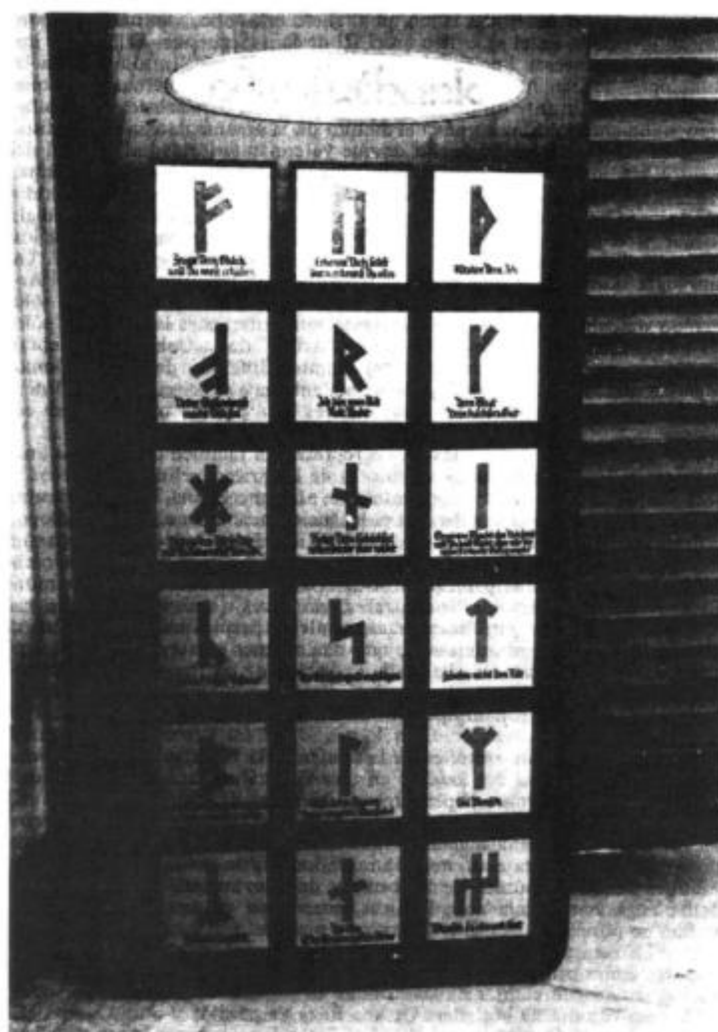
É muito interessante conhecer que a verdadeira origem do I-Ching é hiperbórea. Também as Runas foram usadas erroneamente para a adivinhação e os horóscopos, fazendo uso de ramos de carvalho sacro, nos quais foram gravados os seus signos. Os Hexagramas do I-Ching hoje são uma péssima imitação das Runas, assim como a

"Escritura da Árvore". Os Dropas e os *Ainos* brancos, descendentes dos nórdicos-hiperbóreos, são os criadores das mais antigas civilizações do Tibete e da China. Os hiperbóreos portaram o I-Ching até a China; na verdade, as Runas.

O I-Ching que nós conhecemos está totalmente deturpado pelas interpretações moralistas, primeiro de Confúcio e então do luterano Wilhelm, o seu primeiro tradutor para o alemão. Manipulado por milênios, a grandeza e a magia autênticas deste livro sacro é revelada no fato de que, apesar de tudo, ele preserva a sua eficácia perante o *vîra* que dele se aproxima com reverência e sinceridade.

Contudo, seria necessário o trabalho improbo e essencial de voltar a se conectar o I-Ching ao seu lendário ancestral rúnico, de modo a poder libertá-lo dos estratos de superstição que o cobrem.

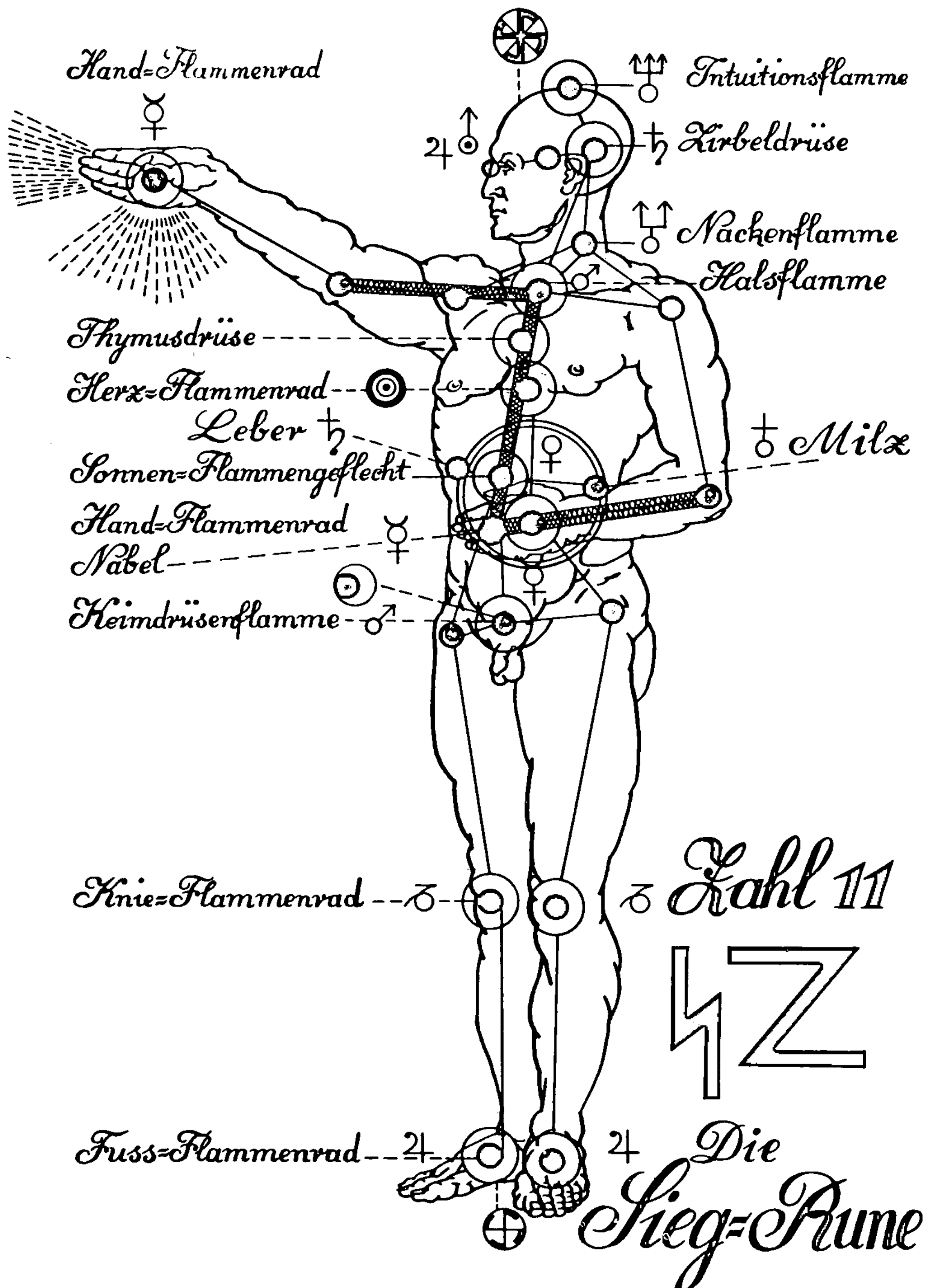
Cada Runa representa também um número em razão da sua posição no Futhark.



As Runas de Odin-Wotan. Odinsfuthark.

O Hitlerismo Esotérico, nos tempos históricos conhecidos, fez um uso mágico e hermético do Yoga-Rúnico, na saudação e no mantra que acompanham o seu mudra; ou seja, o signo e o som [juntos] (*Hiranyagarbha-Cabda*).

Por exemplo, as ϟϟ (a dupla Runa Sieg, da Vitória) e "Heil", Salve, de Salvação. Também a saudação dos Poetas-*Minnesänger* da Alta Idade Média era *Heil*!

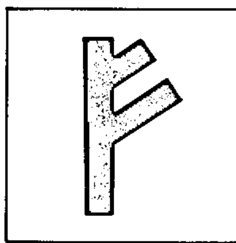


A Runa SIEG, da Vitória Espiritual: Z. O braço esquerdo dobrado recolhe a energia no Chakra Manipura e a projeta, como um raio de Sol Negro, com o braço direito estendido. Seu mantra é: Heil! Saudação mágica dos Guerreiros de Wotan e do Hitlerismo Esotérico. Estão [aqui] assinaladas também as distintas chamas dos centros chaves de energia-consciência corporal. Os chakras rúnicos.

Os escritores e investigadores alemães que trataram, em nossa época, do tema do esoterismo rúnico são: Guido von List, em seus livros, "O Segredo das Runas", "Die Bilderschrift der Urio-Germanen", e outro; Rudolf J. Gorsleben, com seu livro extraordinário, infelizmente não traduzido do alemão para nenhum outro idioma, "Hoch-Zeit der Menschheit". Também o Dr. Bernard Koener, fundador em 1912 da Ordem dos Germanos[16], da qual a Ordem Thule nada mais foi que a sua filial bávara, tendo como diretor o barão von Sebottendorff, que publica a sua revista "Runas". Ambas as Ordens fazem uso dos signos nórdico-mágicos. A Ordem inglesa "Golden Dawn" é um ramo destas Ordens Germanas, como dissemos.

Outro investigador é Siegfried Kumer, que se refere a um Yoga e a uma Astrologia rúnicas, árias, relacionando-as à anatomia esotérica do corpo. As velhas casas germânicas da Idade Média reproduziam em suas madeiras os signos rúnicos. Ainda hoje isto pode ser visto na aldeia de Wewelsburg, em Westfalia, onde os SS levantaram a sua Torre Mágica do Graal, nas ruinas de um velho castelo medieval, que fora construído em forma de triângulo, sobre o místico Número Três, como a igreja de Stadt Paura, na vizinhança do convento beneditino de Lambach, na Áustria, onde Hitler esteve quando criança e onde ainda hoje é possível ser vista, gravada por um misterioso abade, a Swastika Levógira, também um signo rúnico hiperbóreo.

FEOR (Fa)



Crie a tua própria sorte e a terás.

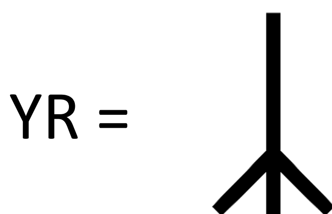
As Runas aparecem para Wotan como signos-sons, letras-números. São a forma exterior que agora o Vril toma e são entregues aos vîras como arma de combate na Grande Guerra que travarão contra o Demiurgo-Jeová, dentro do seu Universo corrompido. Elas nos entregam o conhecimento necessário e esquemático da ciência do Retorno, as chaves que abrem as portas. Somente elas podem nos facilitar a possibilidade de uma saída, do salto em Sunya, no Vazio do Sol Negro, mais além desta Criação diabólica. Por isto, elas jamais poderão ser utilizadas pelo judeu. Não lhe servem. Eles somente tratarão de fazer com que elas desaparecem da memória e do conhecimento dos ários. Todavia, eles falsificaram a Runa Hagal, usando-a como a estrela de Davi. Os signos das Runas são únicos entre os alfabetos mágicos, com perfis agudos, simétricos, que se parecem apenas com o corpo dos divyas hiperbóreos. Os exercícios rúnicos, o yoga-rúnico do corpo, impregnam a matéria de vibrações mágicas. Quem conhece a sua Runa, adquire o poder da dissolução e reintegração da matéria, da morte voluntária e da ressureição. Poderá fazer com que a sua Nota vibre em uma tonalidade mais alta. *Sair*, portanto, do Círculo dos Retornos.

[16] N. do T.: A 'Germanenorden' descrita por Felipe Moyano em seu livro "A História Secreta da Thulegesellschaft".

Os sons das Runas – *Runenlaute* – atuam sobre o corpo interior, ainda em estado larvário – *Astralkörper* – criando ali centro de forças que lhe vão dando consistência, fazendo-o nascer. Os antigos sábios nórdicos das Runas eram os *Lauteren*, nome que nos indica que originalmente as Runas eram somente vocalizadas. O mais antigo instrumento musical dos germanos se chama *Luren*. (De onde vem lira e alaúde). Por causa do uso mágico das Runas de Wotan, os antigos germanos puderam recuperar uma ramificação nervosa hoje perdida e que fora patrimônio somente da raça branca. Este centro nervoso não o possuem a raça negra e nem a amarela; nenhuma raça mestiça ou de cor. (A fisiologia contemporânea descobriu diferenças anatômicas entre as raças, com variações em seus órgãos; mas isto não é divulgado).

Damos o quadro da mais antigas Runas de Wotan, chamado Futhark, nome que, como dissemos, resulta da combinação das seis primeiras Runas da série. Ao lado de cada signo colocamos a letra do alfabeto latino que lhe corresponde, aproximadamente. Outras séries rúnicas foram se desenvolvendo com os séculos. Estes Signos mágicos no começo não eram escritos, apenas eram traçados no ar, ou no corpo. Quando o homem se materializou e começou a gravá-las na terra exterior, o fez com reconhecimento e unicamente na Árvore, onde estas apareceram pela primeira vez para o divino Wotan. Portanto, a Pedra (*Baum* e *Stein*). Eram gravadas em direções distintas, segundo um simbolismo e sentido especiais, de cima para baixo, da esquerda para a direita, ou vice-versa. Jamais foram talhadas com ferro ou bronze. Unicamente os sábios podiam fazê-lo, Lauteren, cantores da Kabala Órfica, bardos rúnicos. Orfeu.

Como era de se esperar, as primeiras Runas gravadas aparecem na Árvore sacra dos germanos, a mesma em que Wotan as obteve. Não obstante, não será na Azinheira, por ser esta uma árvore masculina em alemão, “der *Eiche*”, senão que “na” Faia, “die *Buche*”, árvore feminina, de onde se origina o nome ‘livro’, em alemão: *Buch*. Os “Livros Rúnicos” são de galhos de faia, *Buchenstäbe*. Porque a Árvore representa a Coluna do Homem, que permite subir mais além do céu. O *Weltenbaum*, Árvore do Mundo (Iggdrasil), a Árvore do Espanto (terror pelo o que aconteceu com a partição e involução nos quatro reinos materiais) se transformou no *Menschenbaum*, a Árvore-Homem. As Doze primeiras Tribos Árias são os troncos, *Stämme*, aqui abaixo, das quais o Demiurgo-Jehová inventou, copiou, as doze tribos de Israel, falsificando. A Árvore da Coluna do homem ário está, portanto, formada pelas energias de outro Universo, que entram pela Janela de Artêmis-Vênus: É o *Yrmansul*. A Série Rúnica de Odin nos sintetiza o evento com o traçado da Runa YR, que aparece como radical na palavra *YR-minsul*.



É a Runa da morte, da queda nos abismos, da crucificação nos reinos demiúrgicos da matéria, com a cabeça para baixo. A entrada de Lúcifer-Wotan. Porque YR – o que vimos – é também no nome do Siddha Hiperbóreo, do Poder, da Potência, Yr, Er. *YR-MAN-Sul*.

É seguida pela Runa MAN, o Homem...

MAN =

.... Agora com os braços para cima, abertos em direção às alturas, aspirando ao retorno, à ressureição, depois de ter se crucificado na morte mística da matéria, nos quatro troncos dos quatro reinos materiais. Seria assim o ário, o segundo nascido, o *homo terrenus* que dá vida ao *homo de coelo*, o Filho do Homem. SUL, é a Runa SOL e também [é] SIEG, da Vitória.

SIEG =

Isto é expresso na Runa HAGAL, que é uma Estrela, a volta à Estrela Vênus, a reintegração Wotan-Lúcifer, a recuperação d'Ela, ELELA. A Runa YR, da Morte Mística, e a Runa MAN, agora juntas: O Homem Ressuscitado, o Deus Osíris ressurreto, com seu corpo imortal de *vraja* vermelha, com o seu *Sâhu*.

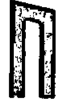
HAGAL =

As Runas preservam os maiores segredos. Nos entregam a revelação do Mistério da partição e ressureição de Osíris, que é a do Ovo Órfico. A Imortalização, que aqui temos descrito e que é o coração do próprio Hitlerismo Esotérico. Da Hiperbórea Polar os ários se estenderam por todo o mundo terrestre, até os seus confins. Foram eles que criaram a primeira civilização da China, a da Índia, do Egito, de Tihuanacu. Por isso não nos estranha descobrir que o Mistério de Osíris é um Mistério de Rúnico, expressado em Runas, no nome do Deus, como na Árvore Irminsul. Pertence, portanto, ao *Kristianismo Hiperbóreo*, das origens.

OS-IR-IS, as três Runas em sucessão formam o nome!

OS = IR = IS =


Feor. F.
1.


Ur. U.
2.


Thor. Th.
3.


Os. O.
4.


Ried. R.
5.


Kaum. K.
6.


Hagal. H.
7.


Nauth. N.
8.


Is. I.
9.


Ar. A.
10.


Sieg. S.
11.


Tyr. T.
12.


Bar. B.
13.


Laugr. L.
14.

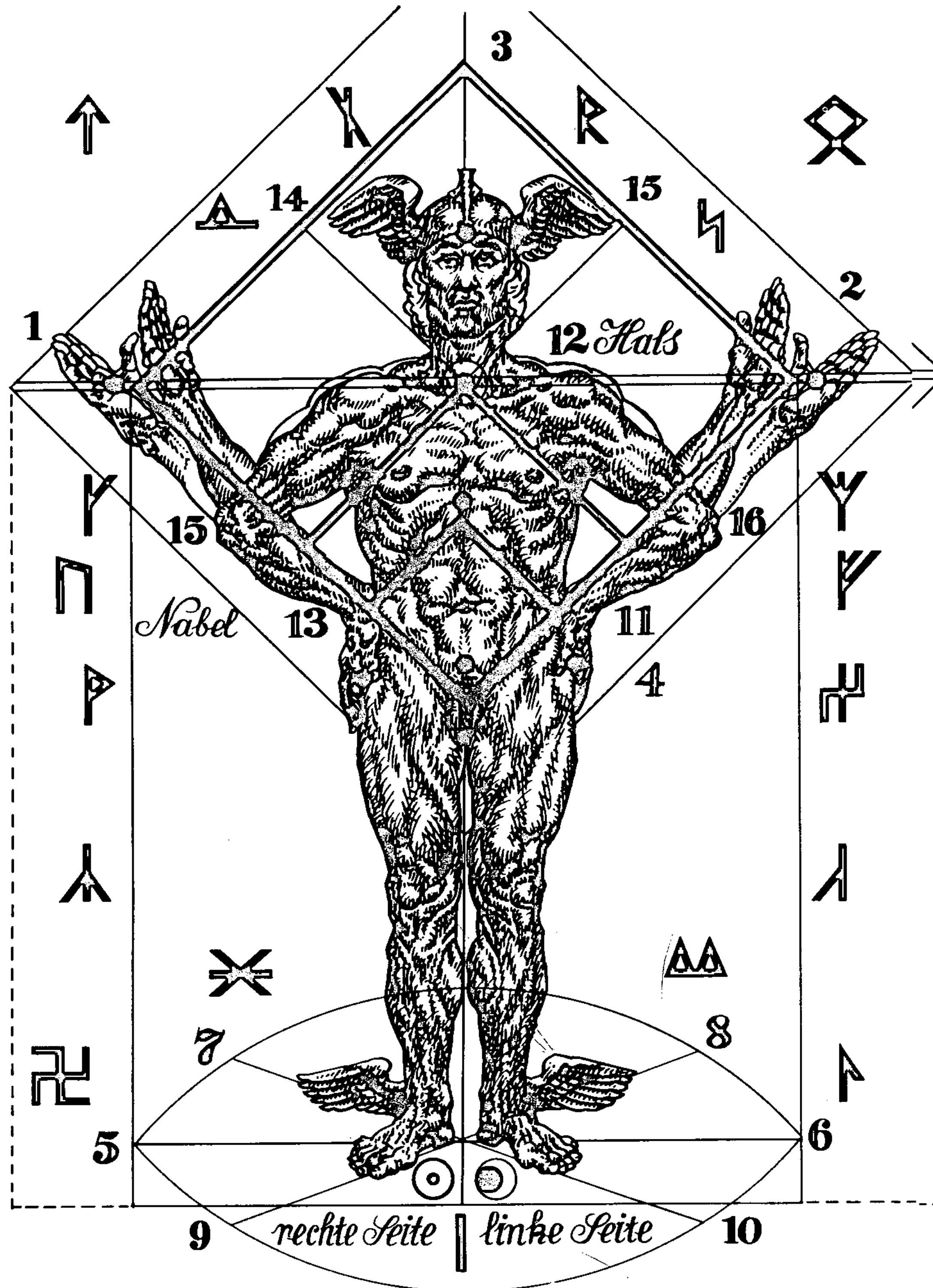

Man. M.
15.


Yr. Y.
16.


Ehe. E.
17.

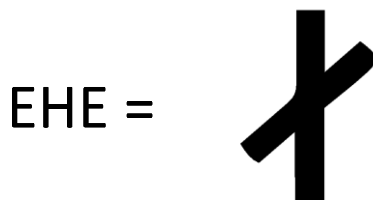

Gibur. G.
18.

O Futhark de Wotan, com o nome de cada Runa,
a sua letra e o número que lhe corresponde.



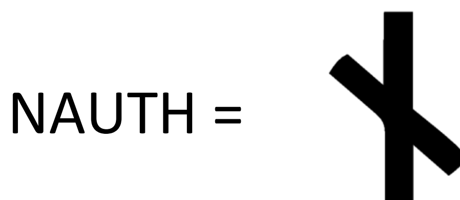
A Runa HAGAL. A Totalidade, a Vida e a Morte. A Encarnação. O homem é a Runa MAN. A Morte, a entrada no mundo de matéria demiúrgica, é o Divya caindo de cabeça, a Runa YR. A Ressureição, o Vîra ressuscitado, a sua totalidade recuperada, a sua individualização, é a Runa HAGAL, a Estrela de Seis Pontas. Na gravura, a Runa (Yoga-Rúnico) é realizada pelo movimento dos braços. Será compreendido agora o profundo sentido ário, hiperbóreo, da representação dos Deuses com múltiplos braços – Vishnu e Shiva – na iconografia da Índia ária. É também um Yoga-Rúnico.

A Runa OS é o número 4 no Futhark de Wotan. Corresponde exatamente a Wotan, é a Runa Polar, o seu animal é o Urso, a Constelação do Urso. AR-TIK-OS = Terra com Ursos, Polo *Arktikos*, Hiperbóreo. A Runa YR é a da morte, a da divisão do divya, dos Ases Wotan, de Osíris, a perda da Primeira Hiperbórea. A Runa IS, representa a Ela, aquela que escapa e uma vez fora é afirmada a sua existência, se confirma como IS-IS. Isis! E é no *A-Mor* Mágico, na fidelidade, a lealdade e a honra, que poderá recuperar os pedaços dispersos do Esposo, para reconstruir um dia a sua totalidade, a Personalidade Absoluta de Osíris ressuscitado, por meio do Filho da Morte, o Filho do Homem, Hórus. A Runa do *A-Mor* Mágico é EHE.

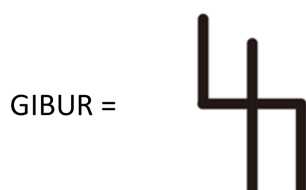


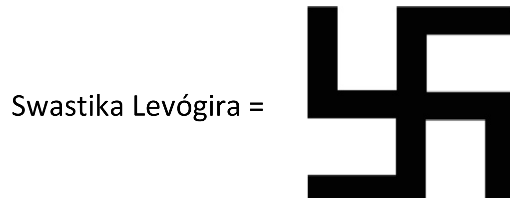
Por meio deste *A-Mor* se alcança Heil, a Salvação e também a Runa SIEG, a Vitória. *Heil* era a saudação dos trovadores germanos, dos *Minnesänger*, os filhos de Woewre-Saelde. Foi confirmado pelo Hitlerismo Esotérico, junto com a dupla Runa SIEG: ϟϟ. *Sieg Heil*! *Heil Hitler*!

NOS, o triunfo, a ampliação do 'eu', é então cumprida pela Iniciação Rúnica, pelo Yoga e Kabala Rúnicos. NOS é a Runa OS, de Osíris-Wotan, mais a Runa **N**AUTH (**N**), a número 8 no Futhark de Odin.



É a Runa EHE vista do "outro lado", o *A-Mor sem amor*, a Ressureição. O número 8 do Infinito, que por sua vez é uma Runa. A Vitória, a Runa GIBUR, reforçada por IS-IS (ELAELE recuperada) se converte em uma Swastika Levógira. A Swastika do Hitlerismo Esotérico e também do Bö do antigo Tibete.





Esta é a *UR-Nordische Himmelssymbologie*, a Simbologia Nórdica Celestial das Origens. Aqui se originou o Tarô (nome também rúnico), que era um *Buchenstab*, um

livro em galhos de faia, falsificado pelos ciganos, assim como a "Escritura da Árvore", o *Ogham*, dos celtas e druidas, e o "I-Chin".

A verdadeira Kabala é também nórdico-hiperbórea. É a Kabala Órfica, fonética e também numeral, de mantras e mudras, a *Sthula-Cabda*, a *Hiranyagarbha-Cabda*. Os *Buchenstäbe* nórdicos, onde se encontrava o conceito da Trilogia cabalística das Três Mães (*Nornen*), os quais são apoderados pelos judeus Kassidis no século XI, chegados ao *Rhin* do Oriente. O cristianismo [nesta época] já fez estragos, com grandes destruições na alma dos povos teutônicos. Somente os judeus puderam preservar a *Kala* germana adulterada. Também se apropriaram da Estrela de Davi, a Runa HAGAL, de seis braços ou pontas, que os hiperbóreos transportaram ao Egito e que, portanto, é o Selo de Salomão. Somente no século XII aparece o nome Cabala, ou *Kabbala*. Mas a *Kala* nórdica, germânica, tem origem na Atlântida-Hiperbórea.

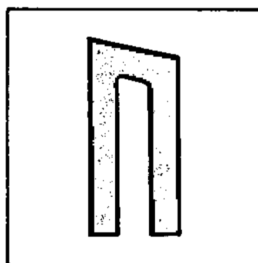
A KAL germana diz: "Da Porta do Norte vem o bom (*Gute*) e o mau (*Böse*)".

De Hiperbórea, o Grande Vento espiritual sopra. É Wotan, e é *Gute*, é *Vueno*. Deus, *Gott-Gute*, é palavra germana.

De acolá, do Norte, se estende um som rúnico original, que é escutado no Luren da nostalgia, nos bosques de carvalhos patriarcais e converte o herói ário em Peregrino da Grande Ânsia, em Vigilante da Aurora, da Estrela da Manhã. Porque o que foi na verdade Hiperbórea já não é possível saber. Não foi um continente, uma terra firme, fixa, em um ponto do espaço planetário. Hiperbórea estava "mais além do Deus do Frio e da Tormenta". Hiperbórea é o próprio Herói que se partira e crucificara na Árvore da Criação, submergido pela Onda do Espanto. Dentro d'Ele estava Hiperbórea. Agora está fora. Somente as Runas lhe permitirão voltar a interiorizá-la, a penetrar na Terra Interior, na Terra Oca.

Pedra trazida do Céu, disse Wofram von Eschenbach. Esse é o Graal, a Coroa Quebrada de Lúcifer, de Vênus. *Edel Stein*, Pedra Preciosa, *Himmel Stein*, Pedra do Céu. Stein, pedra e Stern são quase que a mesma palavra. Uma Estrela caiu do Céu e submergiu Hiperbórea, acarretou um salto dos Polos. Mas a Estrela já havia se dividido lá, do outro lado dos céus. Vênus já havia perdido a sua Coroa; o Cometa Vênus, transformado em uma Estrela – sem Coroa. Quiçá um planeta artificial. Hiperbórea, a Primeira, foi perdida no limite do Quinto Céu, onde Wotan-Lúcifer crucificou a si mesmo, para descobrir as Runas, que recuperariam a imortalidade para os heróis, os seus guerreiros. A Personalidade Absoluta e a possibilidade de dar um salto mais além de todo o Criado, de toda Ilusão, através de Sunya, o Sol Negro.

UR



Descobre a ti mesmo
E conhecerás tudo!

Terra de Castelos

Quando Jung nos disse que Wotan é vento, furacão, em um sentido de vento terrestre, isto se deve ao fato de que ele não conheceu ou não se interessou pelas Runas. Cada elemento tem a sua origem em outra mais sutil, até o próprio vento é unicamente um símbolo de outra coisa. Um ar, um vento de outro Universo, que é **Espirito** e que está mais além do Vento Boreal, entra na Criação do Demiurgo com as Runas. *Der Geist*. Este Espírito é a base única para o legendário Direito dos ários hiperbóreos, da Lei que eles gravavam nas tabuletas de oricalco e que era guardada por Apolo-Wotan. É o *Thing* dos germanos, o Reich mágico e sacro, o Direito. Os une e junta em uma missão comum de eternidade, de imortalidade. Este foi o Primeiro *Reich* Hiperbóreo e será também o último. RE-ICH. RE = voltar, retornar; Ich = eu, em alemão. Retornar ao Eu Absoluto, voltar a nascer: Renascer. Isto esotericamente é o *Reich*, a Runa REITH, a do Führer. (*Rat* = Conselho. *Recht* = Direito). Este Reich será esse Mistério capaz de unir na separação: a Personalidade Absoluta, o *A-Mor* de ELELA e ELAELE.

As Runas são o *Feuerfuss* dos Siddhas, o seu "Pé de Fogo", como em Shiva Nataraja, dançando dentro de um Círculo de Fogo. As Runas de Wotan são *Feuer-Licht-Runen*, Runas de Luz e Fogo. Wotan, após tê-las encontrado na Árvore do Espanto, as guardou no *Himmelsburg*, no Castelo do Céu, a Segunda Hiperbórea.

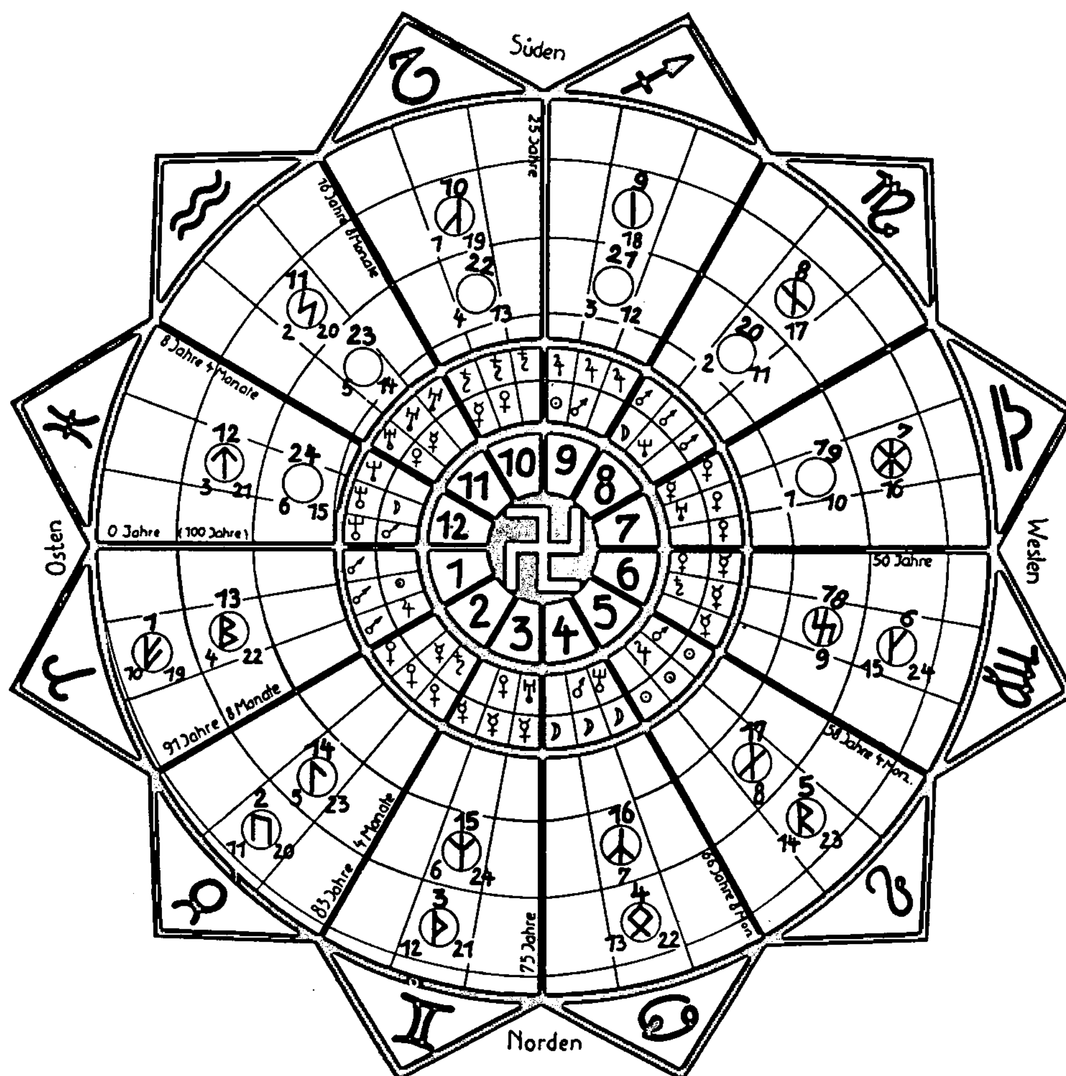
Quando o cristianismo, com Carlos Magno e com o Bispo Bonifácio, destruiu o Bosque dos Carvalhos Sagrados, os freixos e as faias, o *Frigawald*, onde a Deusa Frigga e as Sacerdotisas do Sol Negro guardavam a Árvore Rúnica, o Iggdrasil, o Irminsul, os germanos, descendentes dos Hiperbóreos, então se refugiaram nos Castelos, que passam a substituir a sacralidade do bosque. Seja onde vão constroem castelos, tendo como modelo a Fortaleza Hiperbórea, feita invisível com um Cordão Dourado por Poseidon. Por isto circundam os castelos com um fosso de água. A Pedra herda a madeira, como cofre onde se guarda o Tesouro, a Runa, que caíra de mais além do céu.

Para os germanos, a árvore sempre foi sacra, até mesmo depois de 1945, quando do fim da Segunda Guerra Mundial. Somente então começa a ser considerada como matéria trocável, sendo medida, destruída e comercializada. Também os araucanos adoram à árvore. A árvore de canela foi sagrada para eles, como o molle o foi para os Incas. Os araucanos conheceram as Runas e também o Calendário Venusiano. Isto é evidenciado nas decorações dos seus ponchos e capachos. Heranças dos Deuses Brancos.

Os antigos teutões (*Teutschen*, do Deus Thor, Filho de Wotan: *Tuisko*, *Tiusto* = Andrógino, Estrela Dupla) que conheciam os segredos das Runas, eram os *Armanen* e *Salmanen*, reunidos em irmandades, *Kalendaren* – de onde vem a palavra calendário – que tem a ver com o Quadro Rúnico Zodiacal, chamado "a Plataforma Secreta". E que era uma espécie de plano estratégico para ser utilizado em sua guerra dentro do Cosmos do Demiurgo. O seu saber era *Kala*, a revelação nórdico-hiperbórea, polar.

Dois mil anos antes da nossa Era os povos nórdicos se instalam no Mediterrâneo, chegando até o Egito, como dissemos. É uma nova onda, já que a anterior fundou a Primeira Dinastia Faraônica. Como prova de que as Runas também foram levadas pelos nórdicos à Ásia Menor, possuo uma gema gnóstica, "abraxita" – do Deus Abraxas – uma ágata talhada há 1.900 anos em Alexandria, com inscrições rúnicas, que ainda não pude decifrar e com a imagem do Guerreiro-Chefe hiperbóreo que veio comandar os *vîras*

neste Manvantara. Simboliza a Ressureição. Encontrei esta gema na Alemanha, por esta lei “sincronística”, de solidariedade, que faz com que os objetos sacros “venham até nós ansiosos por serem reconhecidos”. E usados.

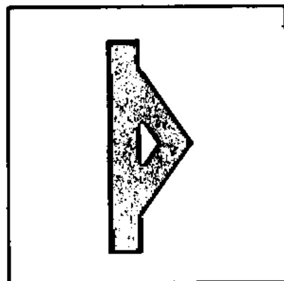


Quadro rúnico zodiacal, chamado “Plataforma Secreta”, ou plano estratégico de combate contra o Inimigo extraterrestre, o Demiurgo. Cada Runa indicaria um ponto de entrada e saída do Eterno Retorno, do Cosmos diabólico e concentracionário do Demiurgo, do Senhor das Trevas.

O termo *vîra*, utilizado frequentemente neste livro e no “El Cordón Dorado”, pertence ao tantrismo e se refere à uma força viril, heróica, que atua na contracorrente e que o *saddhakâ*, o Iniciado tântrico, possui. Por isso passa a ser sinônimo do herói que combate para reverter o processo da entropia da involução no plano onde atua o Demiurgo-Jehová, saindo do Círculo dos Círculos, do Eterno Retorno, para “algo não sonhado sequer pelo maior dos utopistas”. O maior perigo para a força do *vîra* se encontra no medo e no desejo. O *vâra-mudra* destrói o medo e o desejo, e concede o favor hiperbóreo. Este mudra era utilizado por Hitler, ao saudar dobrando o seu braço com a mão para o alto, com todos os dedos juntos, O mantra: *Heil*! *Sieg Heil*!

A Força *vîras* na verdade é o Vril. Esta Força e este Combate na contracorrente estão simbolizados no Hitlerismo Esotérico pela Swastika Levógira.

THOR



Preserva o teu 'Eu'.

Algumas tribos germanas – galhos do tronco da Árvore – os suevos, os vândalos e os godos, vindo do Leste, os ostrogodos e visigodos, depois de atravessar toda a Europa, chegaram à Espanha nos primeiros séculos desta Era. Na Espanha e Portugal os godos fundaram reinos; os vândalos os fizeram na África, em Cerdenha e Sicília. Quando os reinos dos godos, dos suevos e vândalos foram destruídos por tribos nômades semitas, chegaram também os judeus à Espanha e Portugal, estabelecendo-se em seus conhecidos guetos. Toledo havia sido uma culta capital visigoda. Ali [os judeus] se encontrariam com as Runas e a *Kala* nórdico-germana. Nos séculos XI e XII, aconteceu a imigração dos judeus Kassidis para o Rhin [o Reno]. É nesta época, em 1200 após Cristo, que, pela primeira vez, aparecem quase todos os textos conhecidos com o nome de *Kabbala*, ou Cabala judaica. A similaridade do nome com os [nomes] germanos de *Kala* e *Kalendaren* é óbvia. Os judeus nunca foram criadores. Se apropriam e administram criações alheias. É certo que a Cabala judaica tenha a sua origem nos antigos textos sobre Runas dos Armanen, Salmanen e Kalendaren. A Cabala judaica é composta de três livros: o *Sepher Yetzirah*, Livro dos Números e das Letras, ou "Livro da Criação"; o segundo é o *Bahir*, que se refere à Abundância e à "Árvore do Mundo"; o terceiro e último é o *Zohar*, "Livro do Resplendor", da Luz. O *Sepher Yetzirah* corresponde a um trecho do Livro Rúnico sagrado, que os germanos do Rhin possuíam. As primeiras notícias que se tem do *Bahir*, o "Livro da Criação", é nos séculos XI e XII, sabendo-se que este se acha em posse dos judeus do vale do Rhin. O *Zohar* aparece entre os judeus Sefarditas espanhóis, quando o reino dos visigodos já havia sido destruído. No *Sepher Yetzirah*, "Livro da Criação" (*Das Buch der Schöpfung*), há um segundo título que é revelador: "O Livro das Três Mães". **Há milênios este conceito se encontra entre os povos germanos**. São as Três Nornas (*Nornen*) da Criação. Nas lendas e mitos dos povos do Rhin (Reno) tudo isto era conhecido.

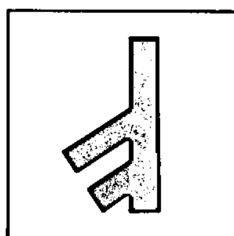
Os povos nórdicos, polares, desde sempre deram importância à mulher. A Sacerdotisa cumpre uma função essencial na imortalização do herói. A Valquíria tem um posto preponderante no Valhalla, o recinto dos Heróis do Deus Wotan. Somente as raças semitas e de cor depreciaram a mulher, tratando-a como uma escrava. É como o islamismo que a *purda* entra na Índia, o harém e os véus sobre o rosto. São os membros dos povos semitas e das raças inferiores e de cor que hoje lutam no Ocidente pelos "direitos femininos". Os ários não precisam fazer isto, pois a mulher sempre foi livre e conservou o seu posto de honra no seu *Reich*.

Ainda nos anos 1455, até 1522, o combate na Alemanha contra a Igreja Romana era mantido. O Kaiser Maximiliano I encomendou ao seu conselheiro Johann Reuchlin a missão de salvar todos os documentos sagrados e rúnicos da antiga tradição que ainda eram conservados. Este, que conhecia o idioma hebreu, entregou muitos dos documentos à uma Sinagoga às margens do Reno. Talvez houvesse pensado, ingenuamente, poder assim preservá-los. O mais provável é que tivesse algo a ver com a "Traição Branca". Várias traduções foram feitas pelos rabinos, adulterando os textos. Então, foram roubados os dois Cornos de Ouro, que haviam sido encontrados em 1840 no norte da Alemanha e que neles haviam gravadas inscrições antiquíssimas em escritura sacra rúnica da Idade do Bronze. A Conspiração destruiu tudo. Já contamos sobre o roubo dos manuscritos da obra fundamental do professor Hermann Wirth sobre a origem do povo judaico. A cultura nórdica possuía documentos fabulosos, que foram destruídos por roubos e pilhagens durante mais de dois mil anos, assim como fora feito também com os rastros dos Deuses Brancos na América. Foi propagada a fábula do seu primitivismo e barbárie. Percorreram todo o planeta em todas as direções realizando esta destruição, para apagar qualquer indício da raça hiperbórea e divina e da sua procedência extra-estelar. O plano é muito antigo e também tem uma origem fora desta Terra. Desde 1945, ao final desta etapa da Grande Guerra, o furor destrutivo de tudo o que é nórdico, de tudo o que é ário, se tornou delirante, comprometendo até os próprios alemães.

O nome 'Hiperbórea' através do qual conhecemos também o mundo setentrional das origens, de onde tudo o que é superior vem, é um nome grego, como já vimos. O nome nórdico é *Polsata-Land*, terra de Baldur. *Pol* é Baldur, é Polo e Apolo. Também deveria ser Asgard o nome da Segunda Hiperbórea, por ser a residência dos divinos Ases e que os indo-ários chamaram *Arianavaiji*, e os iranianos persas *Arianem Vaêjo*. Ali são guardadas as Runas, neste Paraíso inexpugnável, ali foram reveladas, na Midgard terrestre, no Polo Norte, onde estará localizada por algum tempo a Segunda Hiperbórea, Paradesha. De Asgard se estendem os sons, as suas vibrações, como Barcos de Luz, como Serpentes Aladas. Do espectro luminoso da já invisível Asgard descem à matéria, à *Folkewang's*.

Asgard então é *Himmelsburg*, o Castelo do Céu, onde Wotan e suas Valquírias ainda preservam as Runas sacras, para entregá-las, junto com o seu segredo, aos heróis que lutam para se imortalizar, aos *vîras* que se transmutarão em *divyas*.

OS



A força do teu espírito te dá a liberdade.

Castilla

Árvore e pedra, pedra e árvore. Por nove noite Wotan pende da Árvore do Espanto; então, uma vez que a "plasmação" do Arquétipo demiúrgico, do seu Manú, foi se aprofundando em direção aos reinos da matéria mais densa, na vibração mais lenta de energia, da expiração, os divinos, os semidivinos e os heróis usaram a pedra para gravar a Runa salvadora. Assim pretendem seguir controlando as forças desatadas da natureza, o fogo e a água, que submergiram Atland. E vemos aparecer os menires, os dólmenes e os cromeleques. A Runa IS, a Runa UR e a Runa HAGAL. Vão traçando os pontos mais sensíveis da Terra – *Gerda*, para os nórdicos. Esses estranhos monumentos megalíticos, obra de seres gigantes, são a acupuntura em uma geografia enferma, que evitam novas catástrofes, atando correntes sensíveis. Encravados nos chakras e centros nervosos do corpo físico e sutil de Gerda, onde ambos os planos se confluem e onde ocorre o encontro entre os rios visíveis e invisíveis. São também os primeiros templos de Iniciação e os observatórios do céu, custodiados e preservados pelos Siddhas ários.

Dali para o Castelo não há mais que um passo. Contudo, o Castelo vem a substituir a Árvore, uma vez que esta foi massacrada no Bosque vernáculo, no *Waldheim* da Deusa Frigga, a esposa de Wotan. O Castelo é o *Erburg* ou *Irburg*, a residência no novo tempo de ER ou IR, do Poder legendário. O *Eh-renburg*, Castelo da Boda Mágica, com a Runa Ehe, do Matrimônio Mágico. Por isso o Castelo passa a ser um Templo, além de refúgio das Runas e centro de Iniciação como o que fora Montsegur, o Castelo dos cátaros no Pirineus, reedificado sobre as ruinas de outro muito mais antigo; também um observatório do jardim extragaláctico das Hespérides, do Paraíso das Maças de Avalon, como o Cromeleque de Stonehenge. O Jardim das Hespérides dos gregos tem a sua inspiração hiperbórea no Jardim de Asgard da Deusa Induna, ou Nanna, a Esposa de Baldur, também guardiã das Maças.

Os monumentos megalíticos gigantescos são as Pedras do Céu como a *Kabba*, de Meca, *Himmelstein*, e são encontradas da Escócia à Áustria, o reino da Deusa Ostara (*Oesterraich*). Os hiperbóreos levantaram estes signos rúnicos de pedra, os seus menires, dólmenes e cromeleques, nos mais remotos confins desta segunda terra, surgida das águas; na África, nos Mares do Sul e na América. São os *Hünenbetten*, *Steinhänge* (Stonehenge), *Baustasteine* e *Walburgen*; posteriormente foram chamadas Pirâmides. Em certa época, todo o solo da Alemanha esteve marcado por estes estranhos signos megalíticos, precursores dos Castelos. Os *Walburgen* foram os Castelos da Iniciação. Logo teremos tempo para dedicar nossa atenção ao Castelo SS de Wewelsburg, especialmente.

Para entender melhor a simbologia do Castelo germano é preciso compreender que [este] é uma tentativa de reproduzir a Thule de Hiperbórea, tornada invisível e inexpugnável com um Cordão Dourado. É uma lembrança ancestral. Já Poseidon transformou Paradesha em um Castelo, circundando-o com um "fosso" (um cordão) protetor. Também a Casa de Pedra de Hitler, no cume de uma Montanha de Berchtesgaden, corresponde a esta simbologia de "terra alta".

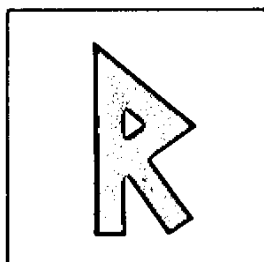
O Valhalla é a "Sala dos Heróis", habitada pelas Valquírias e seus guerreiros, no Castelo de Wotan, *Asenburg*, *Himmelsburg*, Castelos dos Ases, Castelo do Céu. O Castelo de Thor, o filho de Wotan, o Deus do Martelo Relampejante, *Blitzhammer*, se chamava *Trudheim* (*Blitzkrieg* é a guerra de Hitler; na verdade, "A Guerra de Thor").

Se não tratamos de penetrar esta simbologia hiperbórea, totalmente desconhecida pelo mundo judaizado desta Época Escura, não nos será possível compreender nada do que foi e ainda é o Hitlerismo Esotérico, deste milagre que de repente estalou perante os nossos olhos, como um relâmpago do Deus Thor, e que poderia ter se apagado sem que nós nos houvéssemos dado conta de nada, sem sequer uma suspeita. Sabemos, todavia, que a sua compreensão não pode ser para todos. É para os heróis que ainda aspiram à divindade, à imortalidade. Para eles estamos fazendo o sacrifício de escrever este livro, tentando refazer os perfis de um mundo desaparecido na bruma dos séculos – *im Nebel* – sobre o qual é ainda descarregado o ódio demente do Senhor das Trevas e seus acólitos.

A Runa que acompanha o Herói, morto no combate exterior e interior, até o Valhalla é a GIBUR. Na "Sala dos Heróis" de Wotan ela é complementada pela Runa IS, duplamente traçada (IS-IS = Isis); mas reclinada, de modo que pode transformar a Runa GIBUR na Swastika Levógira do Retorno, a do Hitlerismo Esotérico. Isto é, no Valhalla o herói reencontra a sua Valquíria, ISIS, que reconstrói o seu corpo de Herói despedaçado e que o reveste com uma matéria imortal, de *Vraja* vermelha.

Este maravilhoso Mistério é a culminação do Hitlerismo Esotérico, na Ordem de Wotan. O herói entregou a sua vida terrestre no combate contra o Inimigo e pelo seu Führer. É o *Einherier*, que se imortaliza no Valhalla, confiando na Swastika Levógira, a do Retorno, que amplia a Runa GIBUR. Amando-a, venerando-a, seguindo-a até o fim, entregando-lhe a sua vida, se for necessário. ("Quando chegar a ocasião"). Terá salvo a si mesmo, haverá recuperado a sua Valquíria, alcançando a imortalidade. Porque o "sangue dos heróis chega mais perto de Wotan do que as orações dos santos". O herói guerreiro precisa especialmente da honra e da lealdade, do poder da fé – *Glaubenskraft* – perseverando na fé, até que o *Vril* "crê na coisa contemplada". Lealdade ao seu Führer, neste combate de transmutação interna e externa, nesta autêntica *Ressureição da Carne*.

REID (Rit)



Eu sou a minha Lei.

No Castelo do Céu guarda-se o Fogo sacro, a Coluna de Fogo de Vril, cujo reflexo nesta Segunda Terra eu encontrei um dia em Kenardath e em Badrinath, na Índia, nos Templos-Castelos de Shiva e Vishnu, no alto Himalaia.

Também Montsegur foi um Templo-Castelo, onde era guardado o Fogo do Graal. Foi herdado pelos cátaros. O encontraram nas ruinas de um castelo visigodo mais antigo e o puseram a salvo na batalha final, leais ao mistério e ao ancestral, ao *Gotteslehn*, à herança dos Deuses, que alguns destes Puros (Amiel Aicart, Hugo e Poitevin) levavam no sangue, na "memória do sangue", como agotes ou *cagots*. Este nome de uma raça perdida nos Pirineus, tem a ver com *Gott*, Deus. Na verdade, os agotes são os restos dos

Weissegoten, dos visigodos, os godos sábios, acólitos de Luz-Bel, os que conheciam as Runas e que nos séculos III e IV dominaram todo o Languedoc e a Provença, hoje sul da França.

Da Hiperbórea Polar, de Asgard, do Himmelsburg, do Valhalla, chegaram os divinos Vanes e Ases. E é absolutamente real que os Teutschen, os Teutões, os Ários, sejam os descendentes dos Deuses divinos e semidivinos. Perdem a divindade quando se mesclam com os animais-homens, com os autômatos-robôs, com os filhos dos homens terrestres. Será aqui entendido também a razão pela qual alguns seres e povos se apelidaram de Filhos do Sol, Filhos de Vênus e porque os *vîras* de Tihuanacu e os Incas afirmavam que os seus ancestrais, Huiracocha, Mamma Occl, Mama-Kocha, Kontiki e também Quetzalcóatl, eram Deuses Brancos, afirmando que haviam chegado dos astros, em Vimanas e Discos Luminosos.

O "Livro de Enoque" nos dá uma lista de nomes dos anjos que desceram à Terra para ensinar os humanos as distintas artes, a agricultura, o comércio e a guerra. As mulheres são instruídas na arte de se enfeitar e se fazerem belas. Estes "anjos" então se apaixonam por estas mulheres e se mesclam com "os filhos dos homens". No "Livro de Enoque" são dados os nomes semitizados dos vindos à Terra. O livro também caiu nas mãos dos judeus. Mas a tradição nórdico-hiperbórea conserva os nomes dos seus Deuses Ases. São os mesmos *Tuathas de Dannan*, da Saga irlandesa, dos *Koravas* e *Pandavas* da epopeia ário-hindu do Mahabharata. São também os Deuses gregos e romanos. Somente mudam os nomes. Aqui são Deuses, lá foram Senhores da Hiperbórea de Asgard.

Os *Asen*, ou ases, são os seguintes: Bur, o construtor e Bestla, a filha de gigantes. Buri, o filho. Segue Wotan, Senhor do Céu e Frigga, a rainha dos Asen; junto a eles governa Thor, Donar, o Senhor do Clima, com Thrud, de enorme força. Os filhos de Wotan e Frigga são Baldur, o reconciliador ou redentor do Mundo; Hodur, o que traz desgraças; Widar, o vingador; Heimdal, o cuidador do céu; Freyer, o que bendiz, e Freya, a sempre alegre. Thyr é o Asen da Espada. Mymir, o Gigante do Gelo. Loki, o irmão de sangue dos ases.

Em Asgard, na Corte de Wotan e Frigga, na comunidade dos Asen, lhes seguem então as Valquírias, as *Schildjungfrauen*, ou seja, as jovens Virgens do Sol Negro, protegidas com escudos resplandecentes e a Einherier dos Heróis ressuscitados no Valhalla, na Grande Sala de Reunião do *Asen-Burg*, o Castelo dos ases, em Hiperbórea.

Sempre chamará à atenção o fato de que os Deuses-Siddhas sejam definidos por apenas uma característica; como ser, Freya, a alegre; Hodur, o que traz desgraças; Thyr, o da espada; Thor, o do martelo; e assim por diante. Isto se deve precisamente ao fato de que são Deuses, encontrando-se fora do tempo, ou em outro tempo, onde rege a eternidade, isto é, a imobilidade. Cada um se detém no gesto que lhe melhor corresponde e representa. E assim deveria ser também com a morte, para aquele que saiu do tempo, para quem o tempo terminou. Melhor dizendo, que saiu por uma brecha de todos os Universos. E isto poderá ser conseguido unicamente com o Cavalo de oito patas de Wotan, ou pelos oito caminhos de Buddha, ou pelas oito torres do Castelo de Frederico II de Hohenstaufen (Castelo do Monte). Também pelos oito lados das construções templárias, ou pela Torre do Castelo da Iniciação dos SS, em Wewelsburg.

Os Edda nos contam algo estranho sobre um Rei Mannus, verdadeiro pai dos Teutschen, os Teutões, que por sua vez são os ancestrais dos povos brancos, ários. Este rei sai do interior da Terra, da Terra Oca. Não nos seria estranho se a própria Asgard, ao

se tornar invisível, a Hiperbórea Polar, houvesse sido trasladada, e até mesmo para dentro; pois ali tudo teria menos gravidade, seria sutil, com menos peso, podendo oferecer moradia aos gigantes e ao não-tempo, a outro tempo mais próximo à Eternidade. É Agartha.

Aqui vamos nos limitar a dar uma descrição bem rudimentar dos Castelos dos Ases, já que esta Ciência dos Castelos é complexa, infusa e corresponde a um yoga alquímico ário, polar. O *Burg* (Burgos, na Espanha), ou Castelo, é uma representação complexa da alma ária, germânica, do divya e do vîra, por igual. O vemos no uso que os trovadores e certos místicos espanhóis fizeram do Castelo, como um símbolo da alma. Para a Mitologia Nórdica assim o foi desde sempre. O castelo vem a ser também a memória exteriorizada em pedra da imagem da Cidade de Hiperbórea, feita invisível por Poseidon, Deus do Mar, Esposo de Klito. A imagem do Templo Hiperbóreo, circulando na memória do sangue, do *Templum*, de *Tempeleisen*, *Kerka* e *Kirka* (*Pirka*, em quéchua), dos Castelos dos Deuses Ases. Por isto, a Alemanha foi uma terra de castelos e ali onde os germanos chegaram, eles os construíram. Os castelos são, além disso, os herdeiros dos menires, dólmenes e cromeleques. Um Livro de Pedra Rúnico, um *Buchstein*, como antes fora um *Buchenstab*. Por isso, os visigodos na Espanha fundam Castilla, a Terra dos Castelos.

As antigas casas germanas e nórdicas, as *Königgs-Allen* e as *Giebelhäuser*, que em seus tetos levavam o *Drachenauge*, o Olho do Dragão, também gravavam as Runas. Passam a ser modelo para os templos dos helenos, do Parthenon.

Eis aqui, portanto, a "Castilla dos Deuses Asen". Cada um dos castelos pende como um fruto da azinheira Igg-Drasil, da Árvore do Mundo, como maças de ouro, na Idade Dourada. O seu número total é de doze, mais um, igual a treze. Somente dez são visíveis, três são invisíveis. O número doze e treze passará a formar parte da Corte do Rei Artur e do Mistério do Graal.

O primeiro Castelo é a coroa da dignidade divina de Wotan. Corresponde ao planeta Poseidon-Njoerd.

O segundo Castelo corresponde à sabedoria do Pai e ao poder gerador. É o planeta Urano-Varuna, também a Via Láctea, o Caminho de Iring, o de Wotan. (Uma saída da Galáxia).

O terceiro Castelo corresponde ao entendimento receptor da Mãe. As estrelas próximas à Terra. Saturno.

O quarto Castelo representa a claridade (Odínica). Júpiter.

O quinto Castelo representa o juízo, a sentença. Marte.

O sexto Castelo representa a beleza, o centro ou núcleo do ser. Dia e noite, luz e escuridão, a Terra inteira. O Sol.

O sétimo planeta representa a eternidade, a juventude, a respiração, a natureza, a pirâmide, o Olho do Dragão. Vênus.

O oitavo Castelo representa o movimento involuntário, a hierarquia e o número 'oito' divino. O Direito ário.

O nono Castelo representa o 'eu' vegetativo, o povo, o tempo. Lua.

O décimo Castelo representa o Reich, o corpo físico e o corpo Elemental, a Terra, a nação, a matéria, o mundo, os quatro elementos, Midgard, a terra firme dos germanos polares.

O décimo primeiro Castelo representa o Saber (dos Asen), o Espírito. É o *Reichskanzler*, a Chancelaria do Reich. O Sistema Solar.

Os Castelos doze e treze correspondem aos lugares invisíveis dos *Asen* e das *Asin*, que já ninguém mais pode encontrar e nem ver. Talvez de onde eles e elas podem ou poderiam dar o salto no Vazio. No Mistério do Graal e da Corte do Rei Artur, o assento número 13 era o "Assento Perigoso", o *salto* ao Vazio. Em direção ao Graal.

Os Castelos 4 e 5 dos Asen formam a alma humana, os Castelos 7 e 8 formam a alma animal. O Castelo 9 forma o eu vegetativo. Os Castelos 2 e 3 aportam o equilíbrio, o Espírito, Geist, a consciência. Como poderemos ver, o Siddha Hiperbóreo, o herói-guerreiro de Hiperbórea, em sua entrada no Universo demiúrgico vai revestindo a sua forma com as substâncias dos planos zodiacais e estelares que atravessa combatendo para transfigurá-los. São os distintos Castelos e astros desta enumeração.

Será a Deusa Frigga, a esposa de Wotan, a que levará o Quarto Reich à realização, onde o Senhor de Valhalla, Wotan, se realiza plenamente, podendo dar fim a aquilo que o seu Avatar, na Época Mais Escura da Terra, foi impedido de cumprir. Será o retorno triunfal do Führer, como Kalki, sobre o Cavalo Branco de Oito Patas.

A amplitude desta simbologia, ou ciência nórdico-polar, se manifesta no número de Castelos, ou Chakras. Será preciso conectá-la à simbologia da Árvore, e ainda assim para nos ela é impenetrável, pois as suas chaves foram apagadas, adulteradas. Somente o Führer e seus colabores mais próximos a preservarão hoje, no Paraíso inexpugnável de Asgard, no Oásis do Outro Polo.

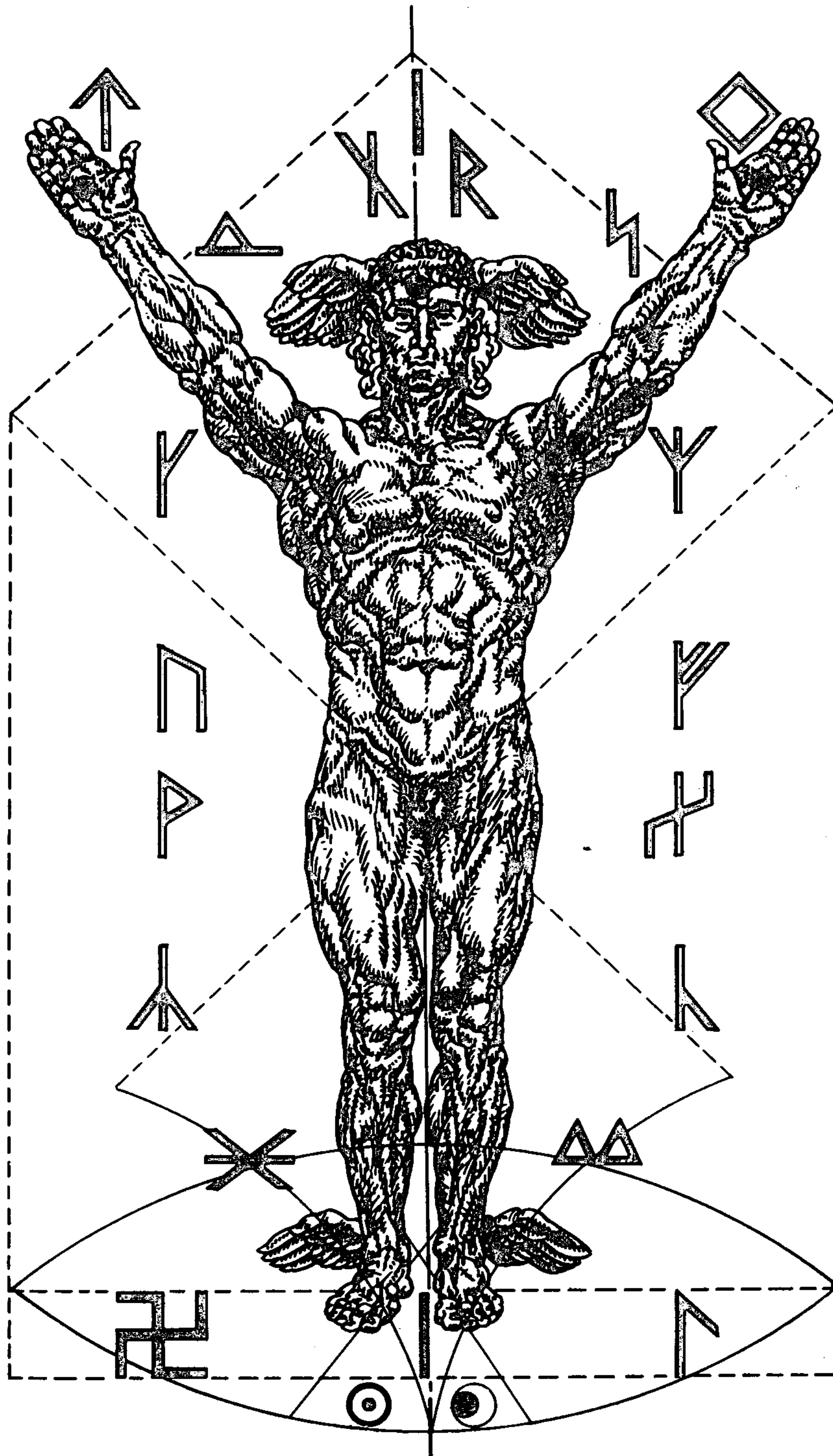
Nos foi dito que todos os Castelos pendem da Árvore do Mundo de *Iggdrasil*, *de Ir-Man-Sul*. Wotan também pendeu por nove noites nesta Árvore, para encontrar, ou merecer, as Runas. Na verdade, o próprio Wotan é a Árvore. A simbologia ária é totalizante, aspira ao *unus mundus*. Em seu "politeísmo", em sua infinita variedade, "vive e deixa viver". A sua lei é o "sincronismo", ou lei de simultaneidade, de solidariedade: o Sentido divino. O centro vivo, palpitante desta cosmogonia, o *Weltanschauung*, é a preservação, na Memória do Sangue, como Nostalgia, da Imagem Primeira, a *Ur-Bild*, o *Ur-Mensch*, ELELA e ELAELE. A Runa UR. A influência nórdico-ária no gnosticismo também existe. Para os gnósticos há Aeons masculinos e femininos (ELELA e ELAELE). *Pisti Sopia* era um Aeon feminino, em grande desgraça por haver descido muito abaixo dos planos da manifestação demiúrgica, em busca de *cognocer* ainda mais, lamentando-se da infidelidade do seu oposto masculino, que não a acompanhou nesta tremenda aventura, indo resgatá-la. *Kristos* a salva, o Número Treze, precisamente. Aqui o Aeon não é o servidor-golem do Demiurgo-Jehová, é Ela em desgraça, em exilio, Lillith. Allouine, é o Aeon Hiperbóreo, que perdeu o seu Ele.

Tudo isto procede de Hiperbórea.

A Árvore é o Homem, o *Ur-Mensch*, é Wotan. Na simbologia esotérica ária as coisas acontecem em reverso a como nos foram entregues no Kaly-Yuga. A raiz da Árvore equivale à cabeça. O tronco começa com o cóccix, contínua pela coluna vertebral para ir terminar com a última vértebra sob o crânio. Ou seja, o Homem está parado, em pé, como no *asana* do yoga hindu. Os órgãos interiores são os frutos radiantes, as maças de ouro, os astros ali refletidos, "repetidos". Dentro assim como fora. Em torno do tronco da Árvore uma Serpente Tripla está enrolada. São os dutos nervosos. Os *nadis*, em sânscrito. O *Menschlicher Mikrokosmos*, pode chegar a ser a imagem e semelhança do *Göttlicher Makrokosmos*.

Sendo assim, a Árvore está simbolizando a queda do *Ur-Mensch* (o Siddha Hiperbóreo) à matéria terrestre, nos reinos mais duros e espessos. De cabeça para baixo, como a Runa YR. Morte do Espírito na matéria. Desaparição momentânea do Siddha-

divya. Mas do divya que cai, que involuciona, junto com expirar tem em si o poder de retornar, ressuscitar. Este poder está oculto em sua própria fisiologia hermética, embrionária. Unicamente perdeu a memória, a sabedoria. Deverá despertá-la.



O Homem-Runa. A Runa MAN.

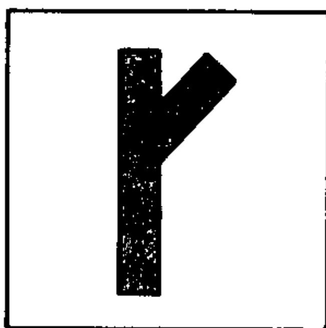
Vimos que o *vîra* exilado possui mais de um corpo. Os mundos (céus, na terminologia gnóstico-cátara), pelos quais transita combatendo, estão dentro do corpo do Arquétipo-Manú, servidor do Demiurgo, também um *Göttlicher Makrokosmos*.

Dentro do Círculo dos Círculos tudo se repete, como os ecos de uma nota arquetípica. Sendo assim, o corpo do divya estaria composto de tantos outros corpos quanto os planos de matéria-espiritual e matéria-material pelos os quais atravessa ao entrar no mundo do Demiurgo. Por isso, o corpo de matéria terrestre deverá possuir em si o "órgão" apropriado para se conectar com o "corpo astral", embrionário por atrofia e esquecimento, podendo ser capaz de recriá-lo, ressuscitá-lo, "inventá-lo", além de imortaliza-lo, unindo-o com um corpo mental ainda mais sutil. No corpo astral também se encontra outro "órgão" (chave) que torna possível se unir com a sua Mônada, com "Aquele que permaneceu esperando à beira de uma Fonte". Esse "órgão" é a Runa Thor, a que corresponde à letra TH do nome Thule, a Runa do Regresso (com um Rosto) à Hiperbórea Celeste, preservando o 'Eu' (assim o indica a Runa, no Futhark de Wotan), para não ser absorvido pela "inspiração" e devorado pelo Demiurgo, Senhor das Trevas. Portanto, o homem renasce em vários mundos ao mesmo tempo. Cada mundo estaria representado por um dos seus corpos (Castelos), estando presente em todos, mesmo sem sabê-lo, porque tem consciência apenas de um, do da Terra, do *Gerdasburg*. Somente ao encontrar a chave para desenvolver o seu *Linga-Sârira*, o corpo astral, o guerreiro de Wotan poderá abrir a porta que se comunica com o plano mental, podendo viver em mais de dois mundos. Se tornou ubíquo. Será NOS.

A isto alguns tem chamado de "a viagem astral". Na verdade, é o Caminho da Swastika Levógira, do Hitlerismo Esotérico, o Caminho de Iring, remontando a Involução. É o retorno à Hiperbórea. É o Caminho da Ressureição dos vîras. O Herói irá de mundo em mundo, de céu em céu, de corpo em corpo, passando por todos os planos da manifestação, da plasmação demiúrgica. E em cada um deverá recuperar um "órgão", uma chave, descobrir a "passagem", a pequena brecha, podendo dar o salto ao Vazio da Ressureição. Pura criação mental, invenção de uma Flor Inexistente.... Mesmo sendo mais real do que todas as flores dos jardins deste mundo.

Na linguagem da ciência nórdico-hiperbórea: Foi construída a Ponte dos Ases, a *Asen-Brücke*, a Ponte Levadiça que une todos os Castelos, se converteu em Pontífice, sendo ele mesmo uma Ponte. O vîra se transmutou em divya. É *Chakravarti*, o Senhor de todos os Chakras, de todos os castelos. É um Tulku. É Melquisedec.

KHAUṄ (kaum)



O teu sangue é o teu mais precioso tesouro.

Fisiologia Polar

A Swastika do fogo é 卐. A Swastika da água é 卐. A Swastika da Terra e do Ar é: 卐

Os pulmões, *Lungen*, a garganta e o sopro dão forma aos sons rúnicos, *Runen-Laute*. Em cinco parte da boca são exteriorizados; primeiro vibram na alma. Em *Astralkörper* (corpo astral) criam centros de força. Projetados pela vontade passam através do Éter. Havendo encontrado morada no cérebro físico, por meio dos órgãos da expressão adquirem materialidade sonora. É a boca do órgão que expressa o que tocou o espírito, como Fogo. A Kabala Órfica, *Hiranyagarbha-Cabda*, é uma Kabala sonora, de mantras, além de signos. É a Kabala da minha Iniciação, a do meu Mestre.

A força das Runas produz vibrações no corpo astral, passando a ser mediadora entre os planos do espírito, da alma e do corpo. Centros projetores destas forças são também os chakras, vórtices de energia luminosos. A magia das Runas ativa as vibrações destes centros. As suas rodas se põem a girar como Swastikas, vertiginosamente. A cada roda, ou chakra, correspondem certas Runas. Do mesmo modo, a cada chakra astral, corresponde um órgão nervoso no corpo físico, um *plexus*, uma glândula, com suas secreções internas dirigidas pelos vórtices astrais. Quando as Runas ativam as vibrações astrais dos chakras, conectando-os entre si, possibilitam a consciência destes centros de luz; porque essas "rodas" também são centros virtuais de uma consciência diferente.

Na primeira parte dessa obra me referi a exatamente em relação à Iniciação e às minhas próprias experiências.

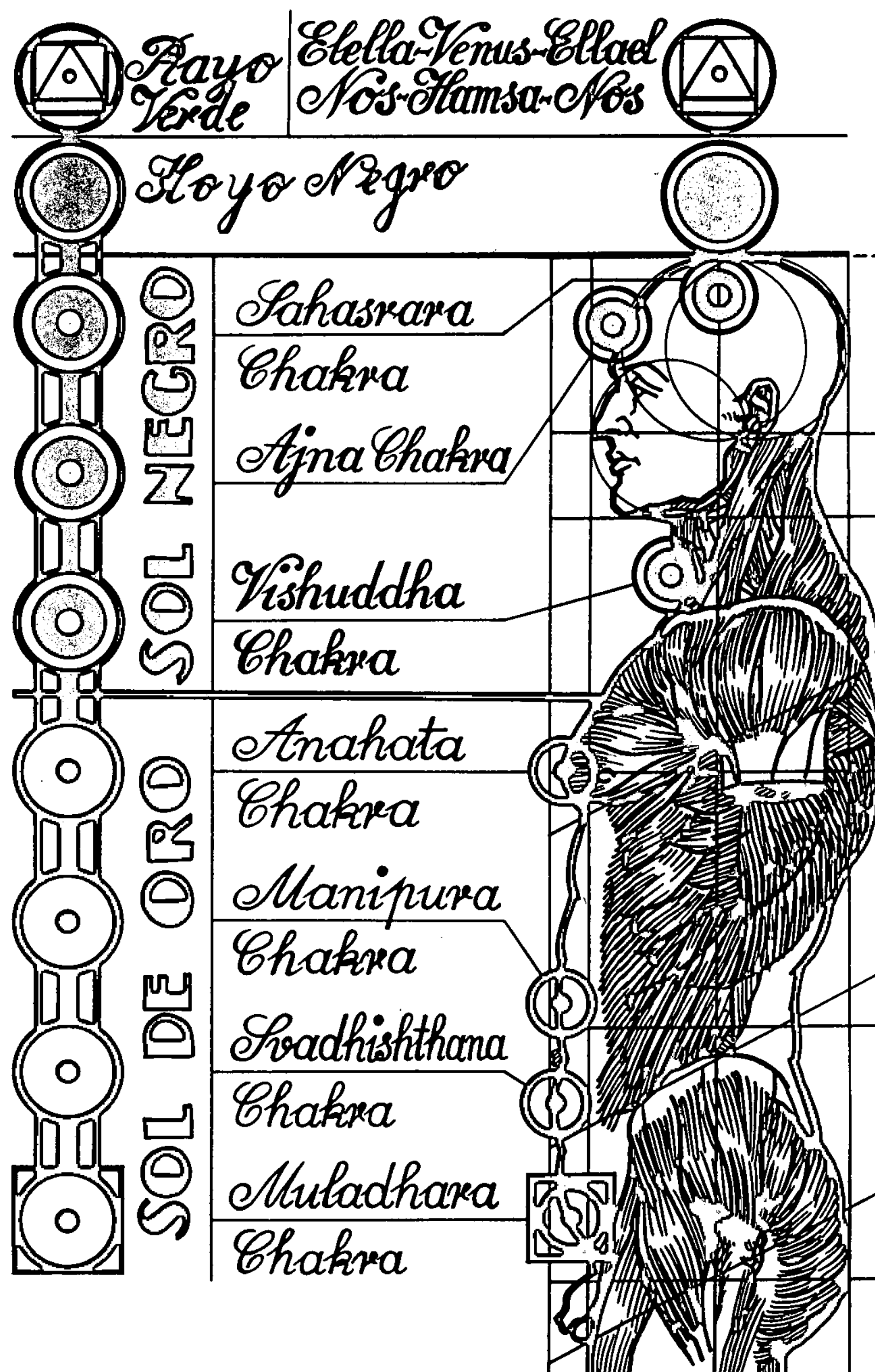
Estes processos são cumpridos no corpo físico através de dois sistemas nervosos: o do nervo vago e o do nervo simpático, os quais atuam conjuntamente na produção de hormônios, através das glândulas. É claro, o *tom* de cada Runa é aquele que produz o *estado da forma* e a *substância da forma*, algo que tem a ver diretamente com o trabalho no corpo físico dos dois sistemas, podendo até modificar o metabolismo, influenciando-o desde este "outro mundo".

O vago é o décimo nervo do cérebro. Atua em oposição ao simpático, freando a atividade do coração. O simpático é autônomo, não dependa da vontade, regulando os processos vegetativos. Ali trabalham os "Deuses-Runas", dos seus "Castelos", pendendo como frutos na Árvore *Yr-Man-Sul*.

O nervo simpático inclui também o sistema nervoso, que vai por ambos os lados da coluna vertebral e cujos gânglios formam ramificações até alcançar o centro do Plexo Solar.

A contraparte astral destes cordões de nervos são os canais sutis, os rios de energia, na coluna vertebral do Astralkörper, do *Linga-Sârira*, do *Sâhu*, da Tarnkappe de Siegfried. São os *Nadi*: *Ida*, *Pingala* e *Shushumna*, o mais importante dos três. Na geografia sacra, simbólica da Índia, passam a ser o rio Ganges, o Jumna e o Swarasati, este último é o rio invisível, que desce da cabeça de Shiva, desposado com a Deusa Parvati no cume do Monte Kailas, a contraparte visível do Monte espiritual Meru. Se unem em Sangham – ponto de confluência – da cidade de Allahabad, próximo à Benares. No Corpo Astral do homem, a confluência dos três *Nadis* acontece na contraparte invisível do Plexo Solar, no Chakra Manipura. Na simbologia Nórdico-Hiperbórea, os três *Nadis* são as Três Nornas (*Nornen*), as Três Mães do Destino. Para cada uma delas há uma Runa. As Nornas tecem os distintos corpos do Herói Rúnico, do Guerreiro de Wotan,

que haverá de ressuscitar no Valhalla. A túnica de Neso, de fogo ardente, de *Vraja* vermelho. Para a mulher Iniciada, a Virgem do Sol Negro, a Sacerdotisa Odínica, é o Véu de Noiva.



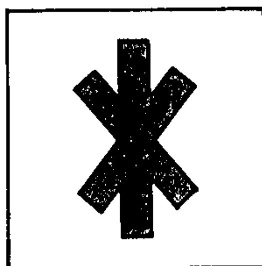
O Corpo do Homem-Total, do Divya, do Siddha. Os Chakras, ou centros de consciência e os planos correspondentes ao Sol de Ouro, Sol Negro, Buraco Negro (Sunya), e ao Raio Verde. O Universo de ELELA e ELAELE, do Homem e da Mulher Absolutos, ao qual os guerreiros do Hitlerismo Esotérico alcançam, cruzando pela Porta de Vênus.

Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

Alguns estudiosos do Raja-Yoga desejaram ver na Kundalini, a Serpente *Woewre* que se enrola nas raízes da Árvore do Mundo, o Nervo Vago. Por desconhecimento da simbologia nórdico-polar, eles caem neste erro. Porque o Nervo Vago é a Concreção na matéria orgânica terrestre de outro "órgão" hiperbóreo, que os Siddhas vêm repetindo em distintos planos e mundos da vibração da energia, da expiração demiúrgica, pelos que cruzam em sua *entrada* ou guerra; podendo ser "o Olho do Dragão" (*Drachenauge*).

Entre 1914 e 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, na grande crise do Kaly-Yuga, ou Idade do Lobo, causou-se um transtorno no sistema simpático dos povos ários. Isso tornou possível a vinda do Avatar, de Hitler, como premonição do futuro Kalki.

Alguns estudiosos desta época, entre eles o professor von Senger, afirmaram que no homem nórdico existiria ramificação nervosa adicional que o capacita a se re-identificar com o mundo da Divindade. Eu diria, para retirar-se e passar para mais além do mundo arquetípico do Uno, do Demiurgo-Jehová. Esta ramificação, ou órgão, não está presente nas raças de cor e permite ao ário ver a realidade em uma projeção e perspectiva divina. Hitler faz uso total desta capacidade, somente latente no resto. Isto marca uma diferença fundamental entre as raças, sendo assim possível compreendermos o que significa a tentativa de hibridizar os povos brancos, que hoje é levada a cabo com intensidade crescente, a partir de 1945. O plano diabólico almeja produzir novamente o monstro do homem de Neandertal.



Protege o centro do mundo
dentro de ti mesmo
e serás o senhor do universo.

Quatro são as residências que abrange o domínio da Árvore Iggdrasil. Wotan as organiza e conecta. Nelas habita.

Primeira Residência: Asgard, Lar dos Ases.

Segunda Residência: o Valhalla, Sala de Reunião dos Heróis e das Valquírias de Wotan.

Terceira Residência: o Waldheim, Bosque Sagrado da Deusa Frigga.

Quarta Residência: o Thrudwang, a mansão do Deus Donar-Thor.

Os mundos do Carvalho Iggdrasil são cinco:

Primeiro: Asgard, o Reino dos Deuses.

Segundo: Thursenheim, Lar dos Gigantes.

Terceiro: Nebelheim, o Recinto dos Mortos.

Quarto: Muspelheim, o Domínio do Fogo.

Quinto: Midgard, o Reich dos povos nórdicos. O seu *Imperium*.

Wotan é quem dirige os poetas e os heróis. Eu sinto isto, enquanto escrevo. Ele é quem guiou os meus passos desde muito jovem, desde que nos Andes da minha pátria eu viera até os gigantes. Seu Trono de Ouro, no Valhalla, é o *Hlidskiaf*. A sua cabeça sustenta o capacete que projeta os raios dourados com duas asas de águia. A sua capa azul é o firmamento hiperbóreo, cor do Deus Krishna. A sua mão esquerda sustenta a Lança; a direita empunha a Espada. Como Chefe na batalha obtém a Vitória. É o Deus das Runas, da adivinhação do futuro. Quem pergunta às Runas, recebe a resposta de Wotan. O seu Cavalo tem oito patas e se chama *Sleipsner*. Sobre a sua cabeça voam dois corvos. Junto aos seus pés correm dois lobos. Assim como Apolo, Wotan é um Deus-Lobo. Os Iniciados SS, os heróis de Wotan, são também lobos hoje. Siegfried era uma *Wölfling*, um filhote de lobo, e descendia de Wotan, como os reis francos, como Hengist e Horsa, os que conquistaram a Inglaterra e como Frederico Barbarossa, a quem os corvos servem, Hugin e Munin, enquanto dorme em Kyffhäuserberg. Hitler é um Avatar de Wotan. Um Lobo Antártico.

Wotan vive eternamente na memória dos seus guerreiros e do seu povo hiperbóreo, coo o incansável caçador dos bosques de carvalhos e de freixos. A sua Esposa, Frigga, que também se chama Berchta, a luminosa, com a sua cabeleira dourada, é a guardiã do Poço das Virgens e da imortalidade. Ela concede a eterna juventude. Ela a doou ao Führer. Em seu cinturão porta as chaves que abrem as portas dos "mundos simultâneos". Ao seu alcance tem a roca para tecer. Com a roca ela tece o *Astralkörper* dos heróis na Ordem de Wotan, a Túnica de Neso, o *Tarnkappe* de Siegfried, que torna invisível e permite passar de um mundo para o outro, vivem em todos ao mesmo tempo.

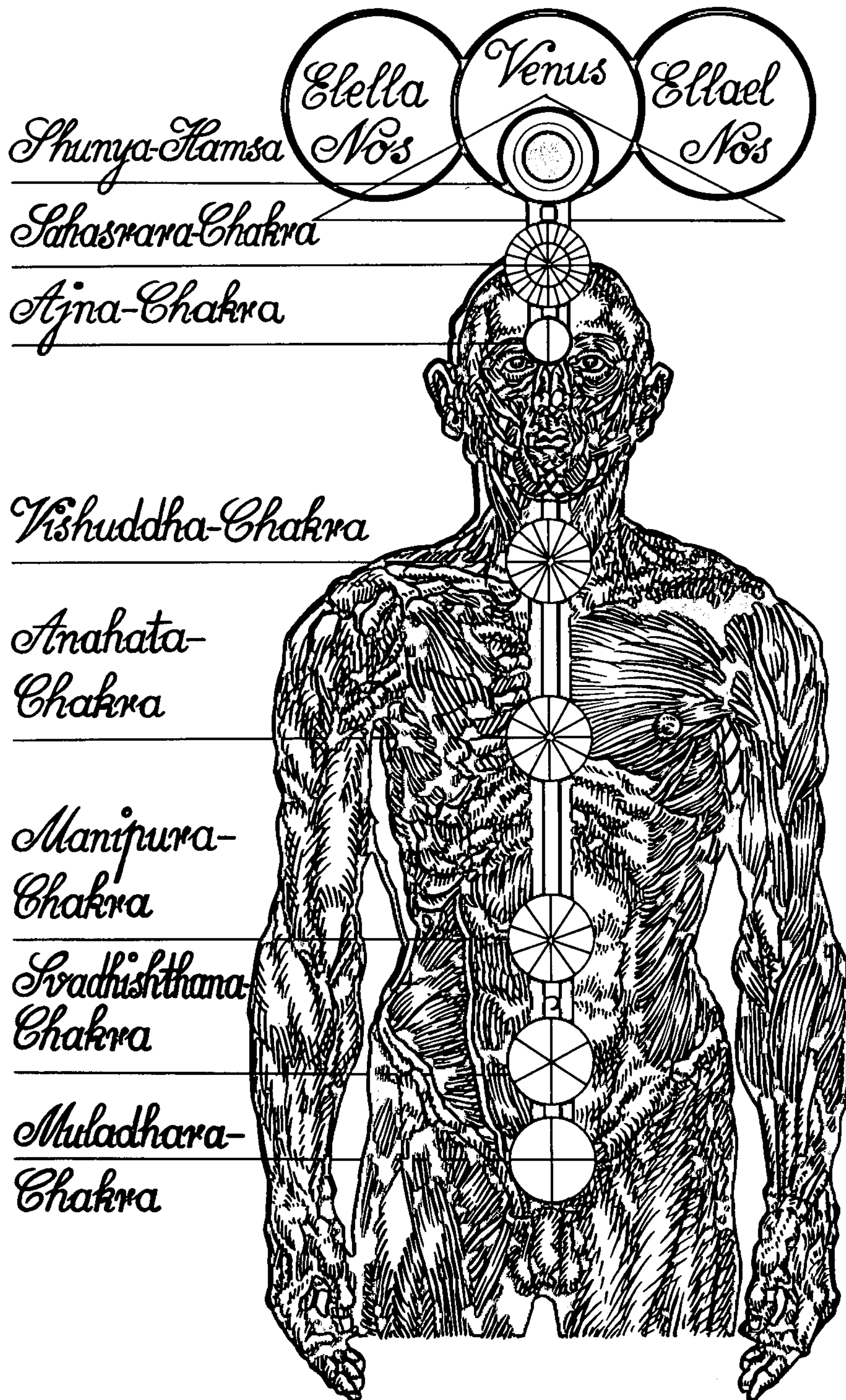
Wotan, Frigga e Thor são também *Ida*, *Pingala* e *Shushumna*. Compõem, portanto, a Coluna que sustenta o Universo, a Árvore *Yr-Man-Sul*, nórdico-hiperbórea. As energias chegam até ela vindas das Runas de Wotan: YR e MAN. Yrmin, Yrman, Armin, são também Hermann e Arminius, o Rei dos Queruscos, que derrotara os romanos no Teutoburger Wald de Westfalia. A força e a vitória lhes foram concedidas por Wotan.

Também através de Wotan chegaram até Hitler as indicações para travar a Grande Guerra de um modo mítico, elevando as tensões da alma a graus supremos, podendo expor o Inimigo para sempre, e ganhar perdendo. De Wotan, o seu Pai. O consolo ele recebeu de Frigga, a sua Mãe. Ela lhe conforta e lhe entrega a eterna juventude. Porque Ela esperou por ele junto ao Poço das Virgens, no Waldheim, nos bosques de Asgard, nos Oásis da Antártica.

As Três Nornas, os Três Reich

O número três é poderoso. A trilogia, a tríade dos Deuses e das coisas. Por isso as Runas deverão atuar aqui também simultaneamente em três planos: espírito, substância e forma. A sua vibração, a sua ação, é exercida nestes três estados. Cada elemento tem a sua origem em outro superior.

‘ Inicialmente, as Runas de Wotan foram somente 16. A primeira da Série, no antigo Futhark, é FEOR, ᚠ, dando nascimento ao mundo dos Deuses Ases, à Asgard, à Hiperbórea Polar. O Futhark termina com a Runa IR, ᛦ, da Morte. O Crepúsculo dos Deuses. A Runa FEOR diz: "Crie a tua própria sorte e a terás". E a Runa IR: "Pense no fim".



O Caminho dos Chakras. Chakravarti. O Senhor dos Chakras. Um Tulku, um Avatar.

A esta série de 16 Runas, Wotan agrega mais duas. A Runa 17, EHE, †, que une a primeira Runa do Nascimento (o Fogo) com a última Runa, da Morte, da Mãe (o Gelo). E a Runa 18, GIBUR: ᛄ .

A Runa Ehe nos diz: "O Matrimônio Mágico é a raiz mais profunda dos ários hiperbóreos". A Runa GIBUR: "Seja um Deus".

No Futhark ampliado está resumido todo o processo mágico do Hitlerismo Esotérico e da Iniciação de Wotan. Ao Círculo fechado da Vida e da Morte é dada uma saída por meio da Iniciação Ária, no Matrimônio Mágico de A-Mor: EHE. O Herói, que foi capaz de travar com sucesso este Combate Alquímico, esta Guerra Santa, é conduzido ao Valhalla, por meio da última Runa, GIBUR, transmutada em Swastika Levógira, a de Hitler. Ali, a sua Valquíria o ressuscitará, como divya imortal. Será Wotan e estará mais além de Wotan.

O "Livro das Três Mães" (*Die Drei Mütter*), dos alemães, tinha a ver com esta Ciência. O *Tyrkreis*, a Tríade Circular, aparece em todas as manifestações da vida deste povo, até em seus *Kuchen* e tortas para as festas da "Luz Negra" do Ano. De Hiperbórea esta trilogia, ou tríade, foi propagada. As Três Mães são as Três *Nornen*, ou Nornas. Outra expressão mítica da sabedoria rúnica. As mulheres brancas e sábias também eram chamadas Hexen, Hagediesen, auxiliadoras. São as três Virgens: Wardbede, Wilibede e Firpet. No século XV se transformam em Perpétua, Eimbete e Felicidade. As três Mães Brancas Odínicas são: Odil, Odal e Adel.

As Nornas equivalem às Parcas gregas e às *Yewulfes* da mitologia mapuche. São também três Runas.

Urd, Werlandi e Skuld, são as Nornas. Regem o ciclo total da vida do homem, o *Tyrkreis*. Habitam as raízes de *Yr-Man-Sul*, do Freixo do Mundo, onde nasce a Vertente da juventude primeira. Com estas águas elas regam a Árvore, que assim se torna mais forte para poder resistir o ataque do Inimigo.

A Vertente tem o nome da primeira Norna, a da origem, a do passado, Urd, ou UR:ᚢ. A Norna Werlandi se encarrega do presente, ajudando o crescimento e desenvolvimento da vida. Ela protege, dá força e vitória. A sua Runa é SIEG: ᛋ. A sua expressão é *Heil!* A Norna Skuld se encarrega do futuro e da morte. A sua Runa é a runa YR, ᛦ . As suas palavras: "Pense no fim".

Eis aqui as Três Mães. As Senhoras que por Wotan foram encarregadas do Karma, do Destino dos hiperbóreos, dentro do Círculo dos Retornos, do Drama do prisioneiro e combatente no Universo kármico e ilusório do Demiurgo, em seu *samsara*. Há uma Quarta Mãe, a Deusa Frigga, a Esposa de Wotan, a guardiã do Jardim das Maças de Ouro de Asgard. Ela é também Medeia e é Lillith. Na Sala dos Heróis de Asgard, no Valhalla, ressuscita os Guerreiros Iniciados, lhes concedendo a imortalidade, em companhia das Valquírias, ou esposas míticas dos heróis. No Jardim das Hespérides, no Castelo do Graal e do Velocino de Ouro. Em Paradesha.

E depois do quatro, o cinco, o Número Hiperbóreo, venusiano, polar. O *salto*, a *saída*, o sonho não sonhado sequer pelos maiores Peregrinos da Ânsia. Mas, antes, será preciso ressuscitar nas mãos da Valquíria, da Deusa Frigga, no *Quarto Reich*, para que possa ascender ao *Quinto* (*Reich*) que é um múltiplo para o Décimo Avatar, Kalki, que virá montado no Cavalo Branco de Oito Patas de Wotan, múltiplo de quatro.

Também as Nornas regem os Reich do povo divino dos Deuses nórdicos-hiperbóreos. O Primeiro Reich terrestre é regido pela Norna Urd e a sua Runa UR. É o Reich Polar, dos divyas da Idade Dourada, dos divinos Ases. O Segundo Reich é regido

pela Norna Werlandi. A sua Runa é MAN. O Terceiro Reich é regido pela Norna Skuld, com a Runa YR, da Morte. No caso do Terceiro Reich de Hitler isto significa a Morte Mística, prelúdio da Ressureição no Quarto Reich, com a vinda do Kalki-Wotan e seu Cavalo Branco de Oito Patas, que nos concederá a Ciência da Individualização, da Personalidade Absoluta, ou os Oito Caminhos da Libertação Búdica. Sua Runa é SIEG, da Vitória. O passo ao Quinto Reich, unicamente poderá ser dado dentro e simultaneamente fora, a bordo de um Vimana. A Runa que lhe corresponde é a HAGAL dentro de um Círculo: ⊛. É a recuperação do Corpo Redondo de Luz do Sol Negro, para retirar-se [deste Universo] em direção ao Raio Verde. Aquilo que Buddha, o príncipe ário, o nono, chamou de Nirvana.

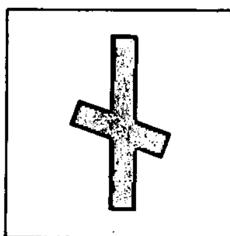
O Terceiro Reich recebe as irradiações dos Castelos segundo, terceiro, quarto, quinto e décimo primeiro da Árvore Iggdrasil-Yrminsul. Estes Castelos dos Ases são reproduzidos simbolicamente. Na Chancelaria, em Berlim, Adolf Hitler mandou que fosse talhada em um móvel a Águia Asteca, a Serpente Emplumada de Quetzalcóatl, a mesma que aparece na capa deste livro, como emblema do Reich que virá. Dali e também do Berghof de Obersalzberg, em Berchtesgaden, e no *Gralsburg*, o *Führer Kanzler* dirigiu os Teutschen. Tudo aquilo que as duas primeiras Nornas ficaram devendo ao seu povo nos Reich Um e Dois deste sombrio Yuga terrestre, a Norna Skuld entregou no Terceiro Reich, permitindo que os seus inimigos roubassem isto, para tornar os ários ainda mais conscientes da perda e mais intenso o seu desejo de retornar.

Foi a Norna Skuld a que meu Mestre viu partir, como um belo espírito branco, se distanciando da Alemanha ao final da guerra. E esse grande país permaneceu sem alma, sem as suas Nornas.

Tudo o que foi destruído, feito desaparecer nas mãos do judaísmo, do ano 1945 em diante, deverá ser recuperado por aqueles que "se mantiveram firmes nos velhos sonhos, para que o mundo não perdesse a esperança", com dizia Ezra Pound, "perseverando, até que a esperança acredite, com o seu próprio naufrágio, na coisa contemplada".

E até o retorno do Führer.

NAUTH (Noth)



Não te oponhas ao teu destino.
Dê um sentido a ele.

Ragna-Rök

O *Ragna-Rök* foi o Crepúsculo dos Deuses Ases. A Norna Skuld fez soar o Corno do Destino no *Waldheim* de Frigga, no Jardim de Induna. O seu eco melancólico foi se repetindo entre os troncos dos carvalhos patriarcais, dos freixos, até alcançar o antigo

céu, pouco antes do seu colapso. Oh, Deuses, é o fim de Asgard, tão pleno de Castelos brilhantes, de maças douradas, de animais amáveis, que falavam com os heróis! E essas frutas de outrora...!

O som do Corno Fatídico causa consternação em Asgard, porque os *divyas* são relembrados do Eterno Retorno e sabem que tudo voltará a se repetir, que é impossível escapar do Destino, de Rök. Um Círculo se encerra. O melancólico declinar da luz indica a entrada de um Sandhya, seguido por um Sandhyansa. Os divinos sabem que vão morrer sem morrer. Cairão em um sono, nos gelos do Polo. Os corvos cuidarão deles, os devorarão, como nas Torres parsis do Silêncio, como no Castelo do Silêncio. Somente os heróis convertidos em lobos se manterão vigilantes e a espera. Os *divyas* hiperbóreos morreram, desapareceram, estão se renovando nas vertentes subterrâneas do fogo. Dali voltarão rejuvenescidos, como a Ave Fênix. Mas os Deuses morreram, caíram em um longo sono. O Führer se foi, o Führer dorme. Unicamente os heróis continuarão combatendo nas trevas da noite, até que eles também devam partir. Serão capazes de suportar as horríveis sombras do Sandhya e do Sandhyansa?

É o tempo da Grande Dissolução.
Salvo a Esposa,
Todos os outros morrem:
Hari, Yama, Kubera.
E até mesmo o desperto Olho
de Indra se fecha!

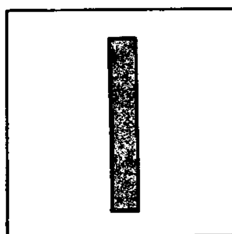
Assim dizem os Tantras. Todos, exceto por Ela, que simplesmente mudou o ritmo da sua Dança. Frigga, Berchta, a Luminosa, foi transformada pelo Demiurgo na negra Kalki, a Destruidora.

Também os divinos, os Deuses Hiperbóreos, que entraram para combater no Universo recorrente do Uno, Jehová, do Senhor das Trevas, se tornaram prisioneiros do seu Eterno Retorno, devendo aceitar a sua lei kármica, cíclica. O primeiro a morrer será o doce Baldur. Junto à sua pira funerária, Wotan se aproxima para se despedir. Lhe sussurra algumas palavras ao ouvido, que ninguém nunca conseguirá saber. É um grande Mistério. Talvez fosse uma Runa. A da Morte e da promessa da Ressureição.

Então, o Lobo Fenrir devora a todos eles, incluindo Wotan. E advém a Era do Lobo, a do Ferro, o Kaly-Yuga, a mais sombria. A Dança de Kali, onde o sol distinto consegue apenas cruzar com sua luz as espessas camadas de escuridão. Até que tudo seja destruído.

A música que se escuta no Crepúsculo dos Deuses, é sem dúvida a de Wagner. Ele a pressentiu em sua memória do seu sangue.

IS



Domina a ti mesmo
e assim controlarás os poderes do inimigo.

Outra Ronda

A Primeira Hiperbórea está situada fora do Cosmos demiúrgico e do Círculo dos Círculos. A Segunda hiperbórea, o Satya-Yuga e o Dwapara-Yuga, não tem lugar na Terra física tal como a conhecemos hoje. Nem a Idade de Ouro, e nem a de Prata. Unicamente o Treta-Yuga, a Idade de Bronze, aconteceu aqui, com os Avatares de Rama, de Krishna e com a mestiçagem dos divinos Ases, dos Vanes e dos semidivinos *vîras*.

Quando falamos de “extraterrestres”, não o fazemos, certamente, como se crê hoje em dia sob a tutela judaica. Os que aqui “vieram de outros astros”, os Ases, os Tuathas de Dannan, os Nephlin, não chegaram em naves espaciais e outros veículos do gênero. Sem dúvida vieram de fora, ou pode ser que de dentro, mas não se valeram desses meios toscos e estranhos. Eles não precisavam de “discos voadores”. Lhes bastava a simultaneidade de consciência, absorvendo a substância de cada plano e revestindo a si mesmos com ela. Na verdade, chegaram de um Universo que, mesmo quando está muito longe, se encontra na “outra metade dos nossos sentidos”. E, se às vezes os vimos como se fossem redondos, como Discos de Luz, isto se deve ao fato de que já não possuímos o órgão que nos permite penetrar e ver a fundo “esta outra metade dos nossos sentidos”. Se pudéssemos fazê-lo, também descobriríamos que dentro deste “Disco” há um homem e uma mulher. Ele e Ela, com forma parecida à do *vîra*. Na verdade, Wotan e Frigga, Baldur e Induna, Avris e Allouine, são os “Discos de Luz” extraterrestres. Também o são Quetzalcóatl, Bochica e Virakocha.

Repitamos, na expiração, o “alento” do Demiurgo-Jehová vai descendo aos planos de menor intensidade de energia, onde já nem sequer as suas Hierarquias de Servidores vêm, senão que criam os seus meios de trabalho, de investigação, suas “máquinas”, seus “robôs”, ainda que sempre os componha à sua própria imagem. Quando aqui chegaram os *divyas* hiperbóreos, teriam pensado em fazê-lo por bem pouco tempo, o [tempo] que pudessem resistir, embora isto houvesse acontecido na Idade Dourada. Mas alguns deles se apaixonaram pelas “filhas dos homens”, dos “animais-homens”, tornando-se assim prisioneiros. Os filhos deste primeiro “pecado racial” foram os heróis de idos tempos, os semidivinos, os ários, os *vîras*, que ainda poderiam retornar ao mundo divino, transmutando a si mesmos ao inverso, por meio da Iniciação de *A-Mor*. Por haver vivido diretamente a experiência da *impregnação* demiúrgica neste plano, deveriam chegar mais alto do que os próprios Deuses, ser mais do que eles, retirar-se, em um sonho não sonhado sequer pelo maior dos Peregrinos da Ânsia.

Eis aqui a diferença entre as duas humanidades terrestres, a semidivina e a unicamente animal, a dos “robôs”, a dos “escravos de Atlântida”. É possível também que a escolha de habitar com o homem, na dura Terra, seja um ato de heroísmo, além de uma derrota. As grandes guerras dos Koravas e Pandavas no Mahabharata, a dos Vanes e dos Ases, seriam guerras punitivas contra aqueles que se mesclaram, turvando o seu sangue divino. E é nestas guerras que aparecem com mais frequência os Vimanas, os Discos de Luz, como hoje, nas grandes crises dos tempos, no final de um Ciclo.

Tudo o que foi dito não exclui o fato de que o animal-homem, aqui na Terra, com a sua ciência mecânica, possa também vir a alcançar uma imitação destes Discos de Luz, destes Vimanas, e com eles explorar o cosmos, o lado externo dos astros. Irá até eles e os encontrará vazios. Porque será como estar viajando pelos distintos órgãos de

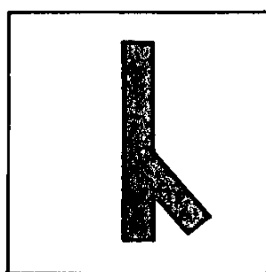
um gigante, do grande corpo de Melothesia, do Manú demiúrgico. Carecendo de *Vril*, do "Olho do Dragão", do Terceiro Olho, não conseguirão ver nada. Não conseguirão perceber aqueles que se encontram do lado de dentro, nos Castelos, na Árvore do Mundo, nas Maças da Árvore, em Asgard, em Avalon. Porque com estes pequenos homens, com estes corpos feitos de matéria, unicamente Gerda, a Terra, está habitada. Eles estão sós no Universo.

Para poder chegar ao local para onde o Führer se foi, com o seu Vimana, com o seu Astra, antes disto teremos quer recuperar o *Vril*, e assim, penetrar onde Ele se encontra, dentro, na "terra interior". Primeiro devemos ser capazes de ir até lá; para que Ele retorne. Foi no Terceiro Reich de Hitler onde os *Sonnenmenschen*, os homens do Sol Negro, puderam recuperar o órgão perdido, o Vril, o conhecimento direto na memória do sangue. Os vîras, convertidos de novo em divyas, construíram o seu corpo astral, seu Sâhu, o seu próprio Vimana, e com ele partiram para o paraíso recuperado e inexpugnável de Asgard.

Quando os Deuses Ases se mesclam com os homens, com essas criações do Samsara, da Vontade de Poder do Demiurgo, essa Maya, que aqui embaixo se move como um rio de miríades de pequenos fogos fátuos, de imagens cada vez mais opacas, sem duração, destinadas à morte, ao nada – animais, plantas, metais – se tornar imprescindível a recuperação da pureza do sangue do herói, porque é ali onde é preservada a memória da origem divina, de Asgard, do Valhalla, dos Deuses, do Jardim das Maças de Ouro, do doce Baldur, do Pai Wotan, da Mãe Frigga. Sobretudo, da Amada Eterna, da Valquíria. E d'Aquele que ficou esperando, como se fosse à beira de uma Fonte.

Por isso, o Vigilante de Alba, será também um Peregrino da Nostalgia, da Grande Ânsia; porque no seu sangue, como na luz da Estrela da Manhã, escuta esta música que vem de longe e que lhe envolve e lhe faz sonhar com o mundo de Hiperbórea, perdido não se sabe onde. Não existe um ário, um *vîra*, que não seja nostálgico, um incansável peregrino.

Quando os SS hitlerianos, na ofensiva máxima dos Ardennes, feridos mortalmente e acamados nos hospitais do inimigo, se negavam a aceitar transfusões de sangue, preferindo morrer, o faziam convencidos de que se turvassem a sua memória do sangue, teriam perdido a vida eterna. O sangue dos ários, aqui na Terra, é a substância da luz do Sol Negro, que circula nas veias dos Deuses Hiperbóreos. É a premonição do Raio Verde, o Dragão de Fogo, o Caminho de Iring. Wotan somente pode se comunicar com os seus guerreiros, que montam guarda em regiões tão apartadas, por meio da Minne, preservada na pureza do sangue ário. Eles são os prisioneiros de um Mito, como Rudolf Hess. E ali ainda combatem uma guerra gloriosa e desesperada.



Custodie o fogo eterno.

Hiperbórea Terrestre

Otto Rahn disse: “Por Mito devemos entender a revelação de uma Época remota quando o homem estava diretamente submetido à potência do mundo divino”. O herói antigo se encontrava, portanto, rodeado das almas dos antepassados, dos espíritos, dos Deuses. Ele podia vê-los, e, quando entrava no combate, todos juntos viviam e morriam. Para ser justo, era a sua Valquíria que combatia com ele, ao lado dele. Na Divindade o herói percebia a si mesmo, o que ele havia sido. Nada de Hitler poderia ser entendido se não compreendêssemos que ele também viveu assim e que deu à sua época este sentido antigo, legendário. As aves e os rios lhe falavam como outrora. Eles desciam do Monte celeste. Os Edda dizem: “Nos antigos tempos, quando as águias cantavam, as águas santas desciam da Montanha do Céu”.

Também os Edda se referem a um tempo muito antigo, já passado. Os cantos *éddicos* que chegaram até nós são “Os Novos Edda”, recompilados por um legislador islandês, no mesmo século XIII de Wolfram von Eschenbach, de Walther von der Vogelweide e do guerreiro trovador Bertrand de Born. [Quem os recompilou] foi o Skalde Snorri Strurluson quem viveu na Islândia, à sombra dos vulcões, em Reyholt. Mas o seu Edda não era a Saga antiga, mesmo tendo conservado a *Minni*, palavra islandesa que quer dizer ‘nostalgia’, ‘recordação’. Como a *Minne* dos *Minnesänger* germanos, de idêntica idade a de Snorri, que cantavam a lembrança de um Amor perdido no começo dos tempos, na remota Thule... (Onde?).

Os primeiros colonizadores da Islândia vieram da Noruega, por volta do ano mil, escapando do famoso santo cristão, o Rei Olaf, que, para lhes converter, lhes cortava as pernas, as mãos, e até mesmo a cabeça. Isto é contado pelo próprio Skalde Strurluson em seu “Heimskringla”. Mas a Islândia foi habitada muito antes disto, porém, este povo desapareceu sem deixar rastros, exatamente como aconteceu na Groelândia.

Onde estava Thule? Strabon, o geógrafo grego, que morreu em Roma no ano vinte e quatro depois de Cristo, afirma que Thule está a seis dias de barco em direção Norte, partindo da Grã-Bretanha. Isto coincide com a Islândia, nos diz Rahn. Também nos afirma que “Thulunes” em alemão significa “ilha de Thulu”. Mas Thule na verdade quer dizer Branca. E este nome aparece nas crônicas olmecas, maias, toltecas, astecas e até mesmo incas e mapuches. Tem também a ver com os Deuses Brancos da América, onde quiçá chegaram os desaparecidos hiperbóreos da Groelândia e da Islândia.

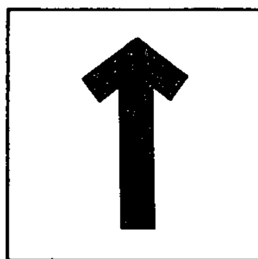
Ekateas de Abdera, o mestre de Pitágoras, afirmava que as Ilhas Britânicas eram habitadas por hiperbóreos e que Stonehenge havia sido construídos por eles. Hitler, em razão desta Minne, não quis invadir a Inglaterra. Piteas de Massilis (Marselha), também chamada *Portus Veneris* (Porta de Vênus), quatrocentos anos antes da nossa era, foi em busca dos hiperbóreos. Suas memorias foram perdidas, exatamente como o estudo do professor Wirth, já mencionado. Quiçá na Biblioteca de Alexandria estivesse o seu relato.

Plutarco, nesse livro misterioso, “O Rosto que há no Disco da Lua”, nos fala das Ilhas Ogigias, no longínquo Norte, mais além da Grã-Bretanha, “onde o sol se põe somente uma por uma hora o mês todo”. Também nos conta que ali dorme o Deus Kronos-Saturno, sob esse céu, cuidado por um Pássaro que lhe leva o hidromel, havendo já devorado o Tempo, eternamente jovem, no Sandhyansa, onde o tempo e a luz se

apagaram, em espera pela Ressureição e pelo Retorno do Novo Tempo. De quem é este “Rosto” que há na Lua?

São os gregos os que nos falam sobre a Hiperbórea. Também os persas e os indo-ários se referem a ela como sendo a pátria natal, *Aryanabaigi*, até mesmo antes dos gregos. A “Crônica de Oera Linda”, provavelmente uma falsificação, se baseia, entretanto, nas autênticas crônicas e sagas dos povos frísios, que recordam a destruição da Hiperbórea, com o nome de Atland ou Alt-land, Terra Antiga, Terra Velha.

THYR



Não temas a morte.

O Fogo

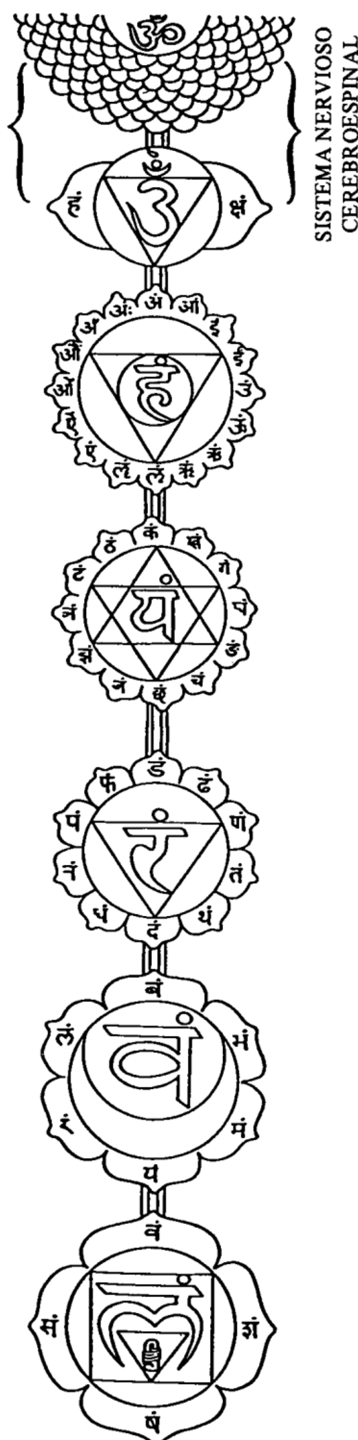
Acolá, na região não-polar, em um continente hoje desaparecido, com um clima moderado, com um sol benigno, surge a Hiperbórea terrena. Segundo Jurgen Spanuth, a Atlântida platônica está situada ali, governada por reis gêmeos, desaparecendo quando o cometa, que no mito grego seria Paethon, se aproxima perigosamente da Terra. Hoje o chamam de Halley. Basileia é a capital da Atlântida.

Eu penso nas idades muito mais anteriores no tempo e creio em mais de uma Atlântida, sendo repetido o afundamento no Eterno Retorno, dentro de um tempo circular, espiral.

Mesmo antes da vinda dos primeiros gelos, na região do Polo, no plano da matéria física do Demiurgo, se instalam os homens e as mulheres divinos. Talvez não seja mais do que um casal, ou apenas um homem. A penetração na matéria de um Ases ou um Vanes. Já vimos que o número é assunto posterior e está em relação direta com a involução e a decadência. A sua estatura é gigantesca. E então vieram o número e o sangue, como um fluído não completamente material, onde se guarda a Memória e circula o Fogo do *Vril*, que permite a comunicação com os que permaneceram do “outro lado”.

Hoje em dia, para nós os atributos físicos da raça *Arya*-Hiperbórea são desconhecidos. Talvez aqueles que foram atribuídos a Buddha poderiam nos dar alguma ideia remotamente parecida. No *Majhima-nikayo* são enumerados trinta e dois atributos da raça *arya*: dois metros de altura; queixo e peito de leão; as costas retas e bem formadas. A estatura do corpo corresponde à dos seus braços abertos. Largos dedos, finas pernas, mãos venosas, pés bem arqueados. A cor da pele é dourada, é lisa e seca, de modo que nem o pó e nem o suor permanecem nela. Fronte ampla, convexa, voz harmoniosa, dentição idem, muito branca, sem interstícios. Ao caminhar, o faz erguido, em linha reta, nem devagar e nem rápido. A parte inferior do nobre *aryo* não

oscila quando ele anda. Ao olhar, o faz de frente. Se senta com compostura, sem abandonar o corpo. Não faz movimentos inúteis com as mãos ou com os pés, não cruza as pernas, não apoia o queixo sobre as mãos. (Podemos ver que não se senta na posição chamada "posição de lótus", dos hindus mestiços de hoje, tão semelhante à do macaco. As suas posturas são rúnicas). Sua voz é clara e inteligível, concisa e determinada, profunda e sonora. É sempre calmo.



A Árvore dos Chakras, Árvore do Espanto. O Iggdrasil.
A correspondência aparente entre os Chakras da sabedoria hiperbórea e os plexos da ciência do Kaly-Yuga.

Esta descrição, contudo, não corresponde plenamente à raça hiperbórea, é posterior, tendo a ver com os ários já estabelecidos na Índia e certamente mesclados com as raças nativas de cor. O Hiperbóreo é loiro e de olhos azuis. A descrição nos pinta um ário de olhos muito escuros.

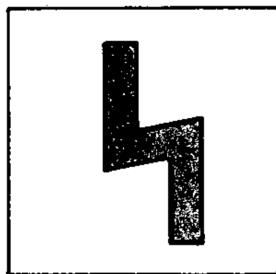
Sobre Buddha é dito que, ademais, os seus braços estendidos alcançavam até um pouco abaixo dos joelhos e lhe esculpem como tendo uma protuberância no crânio (o órgão perdido?). Sinais estranhos que são dados como uma indicação de divindade. Também os merovíngios eram assinalados com um signo chocante, uma crina de javali nas costas e uma cruz vermelha sob o coração. São descritos assim para indicar o atributo divino da realeza, algo não humano.

Na Hiperbórea polar a qual nos referimos, os seus habitantes ainda são os divinos. A quinta mulher nascida em uma família hiperbórea é a que preserva a característica do Vril, que também é ER. Possui o órgão de comunicação com os mundos simultâneos, com os Siddhas, de quem os hiperbóreos são os representantes, seus Adiantados na Terra, em Gerda. A mulher ensina e pratica o culto do A-Mor Mágico, que permitirá a individualização, a ressureição na Personalidade Absoluta. Ademais, custodia o Graal, esse carbúnculo que foi encarnado na Terra juntamente com os próprios hiperbóreos e onde está inscrita a sabedoria rúnica da imortalidade, a história do passado da raça, da origem e do mundo primogênito, da Pátria Nupcial. De lá vieram os hiperbóreos, entrando neste Círculo dos Círculos por uma dobra topológica, pela "Janela de Vênus", ou por um "clique" da Mente. Sem esta lembrança, sem esta memória, tudo haveria sido perdido para sempre. Ali, perante o Graal, escutando o próprio sangue, a sua música, junto ao Fogo, os hiperbóreos cumpriam o rito da Minnetrinken, bebiam o seu sangue, preservando a memória da origem, para assim dar ânimo a si mesmos na incrível aventura aqui empreendida, neste exilio na matéria, nesta guerra sem quartel contra o Inimigo que – se sabe – lhes está cercando. E porque o tempo se acelera nestas regiões, que se tornarão sombrias e geladas. As *Hagedissen*, as Virgens do Sol Negro, exortam os heróis a apressar a Boda, o Matrimônio Mágico, junto ao Fogo. Elas são as Esposas do Fogo. Antes de se unirem ao guerreiro, o fizeram com o Fogo de Saturno. E é por isso, talvez, que, em lembrança a aqueles longínquos tempos divinos, na Índia ária a esposa entrava na fogueira onde o corpo do seu marido morto era consumido. Este rito se chama *Sati*, de *Sat-Ur-No*. O Fogo da Origem: *Ur-Agni*. As Virgens hiperbóreas são as Esposas de Agni. Na Índia Védica a boda é realizada junto ao Fogo dos Aryos.

A manutenção do Fogo sacro permite a ininterrupta relação com o Corpo de Luz original, antes do seu aprisionamento na matéria, com essa Energia Espiritual, ER, com essa Coluna, ou Raio, que é a Runa SIEG, ϟ, o *Vril*. *Hvareno*, o verdadeiro Antepassado. Por isso o Fogo não deve se apagar jamais em uma comunidade hiperbórea, sendo mantido pelo Rei-Sacerdote e pela Mulher-Maga, a Valquíria. O Fogo deve ser mantido interna e externamente. No exterior será unicamente um símbolo daquilo que primeiro estava dentro e que foi o Sangue Hiperbóreo, um vapor ígneo, puro, de *Pur*, [que é] fogo em sânscrito. Por isso o Führer dizia que o seu mundo era o do Fogo e acreditou poder vencer, mesmo quando faltaram as vestimentas apropriadas para suportar o gelo no duro inverno das estepes. León Degrelle me contou que durante o combate na frente russa, os SS alemães faziam um intervalo noturno para acender a grandes fogueiras, reunindo-se ao redor delas silenciosos, transfigurados. A Chancelaria do Reich foi consumida por chamas. E também nos foi dito – ainda que isto não houvesse acontecido

– que os corpos do Führer e de sua esposa haviam sido queimados. Isto fazia parte, portanto, do grande Mito Hiperbóreo. A forma é dissolvida na terra, para se recuperar outra vez acolá, em plena Luz da SIEG, ϟ, do Raio Verde original. E é *"Heil!...",* o Triunfo, a Ressureição.

SIEG



O Espírito criador vencerá.

Dissemos que *Andes* é *'anti'*, *'antu'*, *'sol'*, e também *'anda'*, homem. O Sol e o Homem antigos, o Sol Negro e o divya, o Siddha. Os gigantes "submergem" na montanha, na matéria, na pedra, junto com a vinda do novo sol e a desaparição de ER, o Antigo Sol, a Luz do Vril, o Raio Espiritual. Junto com o seu escurecimento e a materialização deste astro, de Gerda. E o que na montanha é aprisionado, impresso, é a Runa MAN e a Runa YR: ᛘ ᛦ. Assim eu vi os gigantes; um, o da direita, estendendo os braços ao alto, e o outro, o da esquerda, inclinado, com os braços pendendo. A vida e a morte dentro da Terra do Demiurgo. A forma do divya, do Urmensch, do Homem Original, lhe é concedida pela Runa. É ela que é ali impressa. Se encontra agora no mineral, como aspiração talvez inalcançável. E do lado de fora [ela] é reproduzida, por tentativa e erro, em ensaios, ou cópias, do Demiurgo, completamente fracassados, como o macaco e o homem de Neandertal. E o corpo de dois braços, de duas pernas, de uma cabeça, de cinco dedos, é apenas uma máquina, a reprodução de um Arquétipo copiado pelo Demiurgo-Jehová e projetado pela sua "respiração" em seu Universo recorrente. Para trabalhar com essa máquina, neste golem, com o homem de Neandertal e a sua lenta e impossível evolução e involução, através de éons de tempo e de tremendos desastres. Ele, que isto utiliza, não tem pressa. Na verdade, está jogando, dançando dentro da sua Maya-Ilusão.

Mas eis aqui que algo enorme acontece, fora do sonho desse Jogador diabólico. Alguém entrou neste Círculo dos Círculos, por alguma "porta" ou "dobra", quiçá por uma estreita "janela". Pela Porta, ou pela Janela de Vênus, ou talvez por um "clique" da Mente. Um Derrotado, um Herói, vindo de um Universo completamente distinto, portanto consigo o original divino, hiperbóreo, da forma, que o Demiurgo corrompeu, e o poder das Runas desce até este mundo, dando a todo o processo de repetição mecânica uma outra aparência e direção, podendo até redimir a matéria, transfigurá-la, produzindo uma mutação que chegaria ao núcleo central do Fogo Tectônico. Entra, então, em guerra total com Jehová, seu Eterno Retorno e seus Arquétipos.

Foi dito, por isso, que o Herói, Lúcifer, ou Luci-Bel, "entrou" neste mundo caindo de cabeça (Cabeça ou Coroa do "cometa" Vênus) no Polo Norte. E ali permaneceu aprisionado. É Wotan, crucificando a si mesmo na Árvore Iggdrasil, do Espanto. Na YR-MAN-SUL. Se libertando depois de nove noites, ao recuperar as Runas, o poder das Runas. A sua ação repercute positivamente em todos os Universos. Um Poder que

originalmente pertencia a um Outro Mundo, e dali foi roubado. Os que entraram pela "Janela de Vênus", talvez o fizeram para recuperar um Poder que fora roubado e corrompido, um Graal. É uma Guerra entre vários mundos simultâneos, entre seres de procedências opostas. Entre esta matéria e outra matéria.

Os Cátaros enxergavam isto de um modo mais simples, como Manes: do quinto céu para baixo, diziam, uma Força estranha e maligna é introduzida para alterar a Criação, mesclando-a e tornando-a diabólica: o Demiurgo satânico, Jehová.

Os Cátaros acreditavam que não era possível que um Espírito Divino de hierarquia muito alta descesse [até aqui] para encarnar neste mundo de matéria escura; é por isso que negavam a vida terrestre de Kristos. Todavia, afirmavam que "a cada setecentos anos o Laurel voltava a florescer". O que implica a possibilidade da aparição aqui de um Raio do Espírito, que os hindus chamaram de *Avatâra*.

Certamente tal presença não pode ser contínua e nem permanente. Vimos isto na primeira parte deste livro: o Führer não estava todo o tempo em Hitler. O seu corpo não teria resistido.

O grande mistério está centrado no impulso da partição do Ovo Órfico, na separação de Ele e Ela, a divisão de ELELA e ELAELE. Por acaso isto aconteceu precisamente para poder vir a combater o Inimigo no seu próprio Universo dividido em pares de opostos, em Yin e Yang, obtendo o Herói a possibilidade da individualização, da Ressureição, com um Rosto, como prêmio pelo enorme risco e sacrifício?

Em todo caso, o mal, a verdadeira derrota ocorreria no esquecimento da Origem divina e do objetivo máximo do combate, na assimilação com o animal-homem, com o *sudra*, na queda no sono e na conformidade, preso para sempre nas engrenagens do Eterno Retorno e destruição final no Nada. Absorção no Arquétipo, no Demiurgo, no Uno. Chegar a ser, depois de tudo e de tanto, nada mais que o alimento do Arquétipo, de Jehová.

Os heróis que desceram tão fundo no abismo da manifestação o fizeram inicialmente apenas por um curtíssimo tempo. Foram os Ases, os Vanes, os Tuathas de Dannan, os próprios Nephlin. Fazendo uso da forma humana, o Ás Wotan se crucifica na Árvore Iggdrasil. Sentindo o espanto do que deveria fazer: encarnar, ainda que fosse por um curto tempo, a fim de ajudar os seus a travarem o combate contra as névoas do Esquecimento. O processo da Expiração demiúrgica já aprisionou alguns de seus espíritos-guerreiros, heróis-divyas, vindos voluntariamente para combater, ou por uma derrota, neste plano da ideo-plasmação demiúrgica, cruzando através desta Janela, dobra topológica, ou "clique" da mente, que separa os mundos simultâneos, opostos.

Recordemos que *Pisti Sophia* era um Aeon hiperbóreo feminino, uma ELA, que, por derrota, ou por "cognocer", se viu prisioneira em um plano muito baixo da manifestação, sem poder então retornar e em risco de perder a *Minne*, a Recordação. Até que Kristos-Wotan veio para resgatá-la (com a Runa UR, da Recordação), fazendo-a passar, em regresso, pela porta de Vênus. Com o *A-Mor* Mágico.

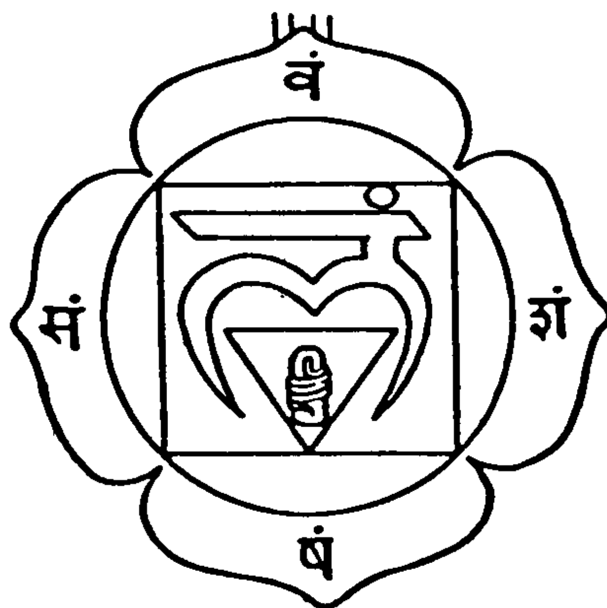
O que logo aconteceu aqui na Terra (derrota ou ação voluntária; mais uma vez, não o sabemos) é o Drama decisivo, da "paixão do Herói Divino pela filha do homem", do animal-homem, e a sua mestiçagem, que o transforma no herói semidivino, no herói-*vîra*, e o faz residir permanentemente no corpo de um homem da Terra.

É aqui onde começam a tragédia e a Grande Guerra terrestre. A necessidade do Caminho do Retorno: *Urdhavareta*, em sânscrito. O *Deva-yana* de ultra-tumba. A importância de preservar a Memória, a *Minne*, a recordação dos Divinos, do Outro

Universo perdido por derrota ou aventura voluntária. E o que será recuperado algum dia, se é que será recuperado, não será nunca o mesmo, podendo ser ainda mais, porque agora se alcança a totalidade de ELELA e ELAELE, com um Rosto (o da terra, aquele que Gerda havia dado à amada e ao amado, com sua Runa de Carne).

É por isto que aqui existem três humanidades: a Divina dos Siddhas hiperbóreos, anteriores à mescla, ou já individualizados na Personalidade Absoluta, os Tulku (aqui também chamados Avatares), os Boddhisatvas, que regressam à vontade para ajudar os semidivinos a impedir o Esquecimento, *Avidya*, para preservar a *Minne*, a Nostalgia: o Führer. Eles também residem na Asgard celeste, em Agartha, na Terra Interna ou nesse mundo que pertence à "outra metade dos nossos sentidos". São os *divyas*. E então vêm os *vîras*, os semidivinos, os heróis, metade Deus, metade homem, os que ainda podem se transmutar em divyas, no Ser-Total, no Homem Absoluto, no *Sonnenmensch*. E a terceira humanidade é a dos animais-homens, os descendentes do Neandertal, a mais numerosa, que aumenta e aumenta, povoando a Terra até os seus últimos confins. Serve de exército ao Demônio, ao Demiurgo, sendo, ademais, o seu alimento ao final do Manvantara.

Chakra MULADHARA

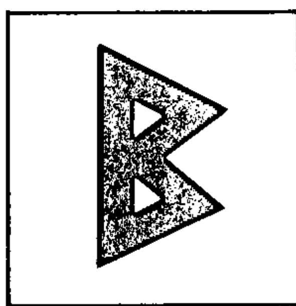


Chakra Muladhara ou chakra raiz: Sua posição coincide com o plexo sacro. Possui 4 pétalas. Em cada uma está inscrita uma letra em sânscrito, representando um som mágico da Hiranyagarbha-Cabda ou Kabala Fonética Órfica. Seu elemento é a Terra e o animal simbólico é o Elefante Escuro Ganesha. Neste chakra o próximo a ele, na base da coluna vertebral psíquica, a Serpente Kundalini ou Fogo Astral está enrolada. Esta Serpente, ou Fogo, é despertada por meio da ciência luciferina hiperbórea, yoga tântrico ou yoga rúnico. Ao ser "ressuscitada", ela se desenrola e sobe como um "fogo serpentino" pela coluna vertebral psíquica (pelo canal Shushumna), ativando todos os chakras ou centros de consciência até abrir o "terceiro olho" e juntamente a este recuperar o poder do Vril (glândula pineal, chakra Ajna, Deus Baldur). Seu mantra é LAM.

A Hiperbórea a qual agora nos referimos, a terrestre, a polar, a Midgard dos *Aryos*, a Terra do Meio, está habitada pelos heróis semidivinos, sendo o reflexo, a sombra dourada da Asgard extra-celeste, feita à sua imagem e semelhança. Aqui, Wotan encarnou em Rama, tomou sua forma heróica e luminosa.

E como único meio de alcançar a *saída* do Retorno, as Sacerdotisas do Sol Negro, da Meia-Noite Polar, ensinam o Culto do *A-Mor* Mágico e desposam o *A-Mado* para que [ele] possa dar à luz ao seu próprio Filho do Homem, o seu veículo indestrutível da eternidade, aquele que não poderá ser devorado pelo Arquétipo, pelo Demiurgo, porque foi construído de Fogo de Vraja vermelha, com a alquimia rúnica de Wotan e da Árvore Iggdrasil. Com Ele voltará a sair de tudo isto, do Círculo dos Círculos, pela Porta de Vênus. E haverá redimido a terra, transfigurado a natureza, sobrepujado o Kaly-Yuga....e todos os Yugas.

BIÖRK (Bar)



Tua vida está na mão de Deus
Confia no Deus ***que está dentro de ti****!*

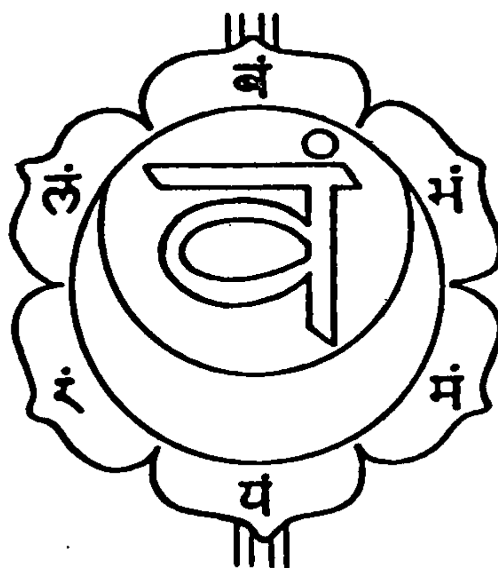
Jehová e os Traidores Brancos

A chegada dos Guerreiros de Wotan à Terra acarreta uma mutação essencial, uma detenção momentânea no processo involutivo, na recorrência do Arquétipo degradado. Eles farão uso da Runa MAN para tomar a sua imagem e revestir ER, o Fogo do Sol Negro, com a forma homem, MAN. Mas será a imagem de um corpo perfeito, dourado, luminoso, que habitarão somente em intervalos e que não terá materialidade absoluta, descendo e subindo da superfície da Terra até a Primeira Asgard, através da Porta de Vênus. Eles instruem os terrestres, ajudando os semianimais a os povos de cor, os negros, os amarelos e os vermelhos. Os Guerreiros Hiperbóreos eram brancos, quase azuis (de “sangue azul”). Os seus cabelos dourados flutuavam ao vento desta Idade Dourada. Mas, a catástrofe acontece quando os divinos se apegam ás filhas dos homens, ***que eles mesmos haviam contribuído para aperfeiçoar***. Se mesclam e dão à luz aos filhos da carne e da morte. Involucionaram os mortais. Como um rio escuro, a Runa YR, a Norna Skuld, desce sobre os divinos guerreiros. É cumprida a hora do Destino, do Karma, da fatalidade. Se tornaram aprisionados na Terra, na carne, na forma mortal terrestre. E a nostalgia do mundo perdido acompanha cada uma de suas ações. São os heróis semidivinos das idades legendárias.

Como aconteceu a derrota, este mítico “pecado racial”? Foi obra do Demiurgo Inimigo? Ou talvez, o Siddha divino entrou voluntariamente no perigoso plano da

entropia, da expiração, para dali sair mais imortalizado, ressuscitado com um Rosto, com a Personalidade Absoluta, algo que conseguem os divinos, sem antes perder a divindade? O herói agora arrisca a sua própria vida imortal, em uma Guerra Santa, "sincronística", pois a sua libertação, a sua ressureição, também transfigurará a Terra, infligindo assim a mais definitiva derrota ao Demiurgo. Mas o herói tem um prazo para fazer soar a sua Nota na maior pureza. O processo é dirigido e vigiado pelos chefes, ou guias de Asgard, de Agartha, pelo próprio Wotan-Lúcifer, na inexistência do Raio Verde, mais além do Sol de Ouro, onde se chega atravessando a não-luz do Sol Negro, no girar da Swastika Levógira, a do Retorno, a do Hitlerismo Esotérico.

Chakra SVADISTHANA



De seis pétalas, com seis letras-sons sânscritas. Centro psíquico na raiz dos genitais. É despertada somente com a prática tântrica. É representado pela água. Seu animal é a baleia. Seu mantra é VAM.

Tratemos de resumir. Existe um mundo mecânico, por assim dizer, onde uma ilusão diabólica está sendo representada, uma espécie de comédia e imitação sinistra de outra realidade, divina, em proveito do Uno demoníaco, que tem como aspiração estender a sua falsificação para "além do quinto céu", cada vez mais. Aqui estão aprisionados espíritos divinos, que entraram para combater, por derrota, ou por simples azar-destino, passando através de uma dobra, ou janela, uma comunicação que existe entre universos opostos, de "antimatéria". É possível também que os seres-sombras deste mundo mecânico tenham conseguido se introduzir no outro para fazer prisioneiros, ou para roubar um Poder, acarretando uma divisão do Ovo órfico, a partição de ELELA e ELAELE. Em todo caso, a luta é definitiva, a morte, a *imortalidade*. O Senhor deste mundo é um Demiurgo que respira, cria e recria, em Kalpas, Manvantaras e Yugas, ao final dos quais [Ele] devora tudo, fagocitando o seu próprio sonho, o seu Universo ilusório, para de novo voltar ao início. Todavia, agora aqui se infiltraram espíritos divinos, guerreiros de outro Universo, podendo mudar tudo, por meio de uma mutação "graálica", transcendental. Chegaram aqui combatendo, em busca de sua Ela,

perdida no limite dos céus. Sendo assim, Guerreiros e Valquírias, divinos e semidivinos, se encontram aqui na Terra lutando pela imortalidade e pela redenção deste mundo, para arrancá-lo das garras do Demiurgo e recuperar o Graal. De tempos em tempos, aparecem os Avatares, que são os Guias divinos, vindos de mais além das estrelas para ajudar os seus heróis-camaradas. Portanto, Wotan-Vishnu encarna no último Avatar, Adolf Hitler.

Há mais de dois mil anos terrestres, o Demiurgo, o Senhor das Trevas, é chamado de Jehová. Antes, para os seus acólitos, seus Golems, seus serventes, seus "escravos da Atlântida", Ele teve outro nome; mas sempre é o mesmo. É o Uno. O nome Jehová corresponde a um número cabalístico, da Cabala Judaica. O agente através do qual Jehová trabalha na Terra, a sua projeção arquetípica, no Eterno Retorno, é o povo judeu, ideo-plasma do seu próprio sonho sombrio, sem realidade ontológica, pesadelo de uma bastardização.

O Combate entre os Guerreiros de Wotan e o Senhor das Trevas adquiriu proporções cósmicas com a aparição sobre a Terra do Avatar, Adolf Hitler. Jehová mobilizou todas as suas reservas e fez uso de uma arma completamente inesperada: *a traição dos divinos*, algo que o Demiurgo guardava em segredo e que, até agora, nunca havia trazido à tona. Tamanho foi o poder do Führer que o Demiurgo se viu na necessidade de utilizar esta arma decisiva. Precisou revelá-la.

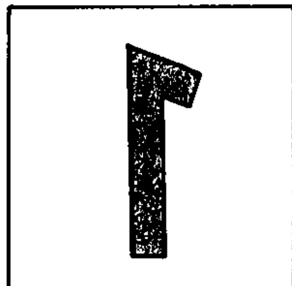
Em imensas distâncias de tempo, quando aqui os exilados entraram pela primeira vez, é cumprido este mistério da passagem de uma legião de guerreiros divinos às fileiras do Demiurgo, tentados por sua Vontade de Poder e a promessa de uma participação ilusória no Grande Jogo das sombras, seduzidos pela tenebrosa grandeza desse Drama do Eterno Retorno, de uma ilusória eternidade dentro do tempo, de mortes e de aparentes regressos, de Eterno Retorno do Mesmo. Foram tentados pelo poder e glória do Demiurgo e o secreto desejo de chegar a substituí-lo. Vã ilusão!

E assim temos então dois inimigos, na forma de agentes do Demiurgo, como seus escravos e servidores: a anti-raça judaica e os divinos traidores. Os judeus trabalham aqui na Terra, comandados diretamente pelo Demiurgo Jehová. Os divinos, que traíram, estão instalados em um ponto fora do planeta, e, dali, dirigem as forças da Grande Conspiração, representada pelas instituições eclesiásticas, políticas, herméticas, exotéricas e esotéricas, que eles controlam e inspiram, em colaboração com os judeus. Talvez fosse isto a o que Julius Evola se referia quando escrevia sobre uma Conspiração subversiva mundial mais ampla do que o judaísmo e que se estendia para além da Terra. Não estamos seguros de que ele soubesse do que se tratava exatamente; mas ele o intuía, e, sem querê-lo, foi utilizado por ela, quanto tomou o lado da nobreza de classe e criticou a *Weltanschauung* hitleriana.

Na primeira parte desta obra dissemos que aqui iriamos nos referir a este aterrador assunto, em relação à incrível traição da qual o Führer foi vítima. Ela foi dirigida e inspirada pela Junta dos divinos traidores, pelos trânsfugas brancos, pelos anjos traidores – não sei bem como chamá-los – de acordo e em combinação com os judeus, à serviço do Demônio-Jehová, dirigindo os seus dublês terrestres de fora, os barões, os "von", os generais cristãos e maçons, que traíram o seu Führer, desobedeceram ordens, enviaram aos seus soldados equipamentos e armas inadequadas para combater na estepe gelada, entregaram segredos ao adversário e conseguiram que fosse perdida a guerra mais justa desta Idade Escura, a única que redimiria o planeta, rompendo o Círculo dos Círculos.

Tal era a dimensão de Hitler, o Enviado dos Siddhas de Hiperbórea, o Tulku, o Boddhisatva, o Chakravarti, o Führer dos ários, contra quem o Demiurgo precisou mobilizar todas as suas legiões terrestres e extraterrestres.

LAUGR (Laf)



Primeiro aprenda a guiar,
e então empreenda a marcha.

A Ressureição de Osíris

A Segunda Hiperbórea está localizada sob a Estrela Polar fixa, imóvel dentro do movimento. A Coluna simboliza este fato. Também o cetro e o trono de oricalco dos Reis Gêmeos (Castor e Pólux). O cetro está representado pelo ideograma: ϟ, a Runa SIEG. Midgard é edificada sobre o Monte Paradesha, que quer dizer “região alta”. Ali, o Senhor da Lei, do Dharma, *Dharmaraja*, A-Polo-Wotan-Baldur, constrói o seu Palácio, que então será o Templo. “Alteza” é o título daquele que vive no cume do Monte Polar da Revelação, na região alta. E é Arquiteto, construtor de edifícios sacros, como o edifício central da Hiperbórea, também do Egito, do Iran, da Grécia. Os zigurates, os menires, os dolmens, os cromeleques e as pirâmides. Todo monumento desta classe é consagrado e é mágico, como foi o Castelo do Monte, o Castelo de Frederico II de Hohenstaufen, Montsegur e os castelos templários. E como o foram as construções de Hitler. O cetro simboliza o Eixo do Polo, da Terra e o Poder fulgurante do Rei, o Poder terrível que nos Faraós se concentrava no meio da testa, na figura de uma serpente e nos ários polares era o Olho do Dragão, o Vril, Hvareno, Urna, o Fogo central.

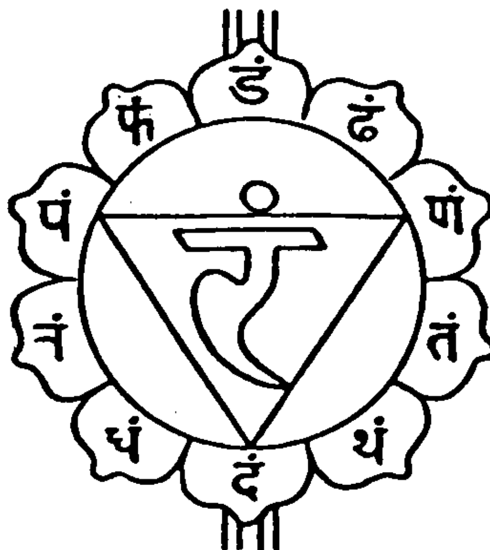
O soberano governa e comanda impassível, imóvel, como o Polo; é o motor imóvel da criação. A Cidade depende dele e do culto diário ao Fogo, do ritual que preserva a saúde de Poseidon, de Avalon, de Midgard, de Polsiteland, da Basileia, a Cidade consagrada de Hiperbórea, da Comunidade dos heróis e guerreiros Iniciados, de Wotan-ER.

Os signos característicos dos Hiperbóreos são os seguintes: Imobilidade, impassibilidade, calma interior, serenidade, glória, vitória, terribilidade. Quando o Rei atua, ele o faz como o raio, estendendo o cetro e projetando a Runa SIEG: ϟ. A Blitzkrieg. Estes são os signos dos imortais.

Mas, para que o ário-hiperbóreo o seja realmente não basta o primeiro nascimento, é preciso a Iniciação, devendo passar pela morte mística, nascendo uma segunda vez. Somente então haverá ressuscitado e será imortal. Haverá *saído* (escapado) pelo buraco negro, através do Sol Negro, polar; por Sunya, o Vazio, pela

Janela de Vênus e já poderá *entrar e sair* à vontade; será Chakravarti, o Senhor dos Chakras; Rajdharma, o Senhor do Dharma. Será NOS.

Chakra MANIPURA



Sua posição coincide com o plexo solar. Dez pétalas com suas letras-sons. Representa o Fogo. Seu animal é o carneiro. É um chakra decisivo, pois aqui se unem os "dois caminhos". É "a Porta do Umbral", de Nietzsche, a do "Meio-Dia da Iluminação" e do Eterno Retorno. Os hindus o chamam Sangham, ponto de confluência de dois rios visíveis e um invisível que desce da cabeça de Shiva no monte Kailas.
O seu mantra é RAM.

Somente no Iniciado ário a casta e a raça coincidem com a cor, com o Varna. E assim, o Pontífice, a Ponte entre os mundos simultâneos, poderá ser consagrado e merecer a formula que ainda é preservada no Rig-Veda: "Mantenha-te firme e inquebrantável. Não ceda jamais. Inquebrantável como o monte Meru, como o próprio céu (como a Estrela Polar). Sustente firmemente o poder em teu punho. A Montanha é firme, o Céu o é. E firme é também o Rei". Firme foi o Führer dos ários, até o final.

Acolá, no alba dos séculos, no Jardim de Induna, o herói ário, o exilado, o peregrino, o nostálgico dos mundos perdidos e do Amor Eterno, o Guerreiro de Wotan, recebia a Iniciação Polar do *A-Mor*. A tornava possível a maga hiperbórea, a sua Valquíria, junto à fogueira noturna e à Árvore Iggdrasil. A sacerdotisa virgem se transformava em fogo de Agni, para assim lhe engravidar, lhe ressuscitar, deixando-lhe *incincta* do Filho do Homem, do Filho da Morte, o único que poderá lhe entregar a Imortalidade. Este Filho, na verdade é um Filho-Filha. É ELELA.

Já falamos sobre a Iniciação do *A-Mor* e voltaremos a fazê-lo quando nos referirmos ao Graal e aos Minnesänger, em relação ao esoterismo das SS. Nasce acolá, na longínqua e perdida Hiperbórea polar, como o segredo guardado na Memória do Sangue e trazido com o Graal pelos divinos chegados através de Vênus. Thule é o ponto mágico da Boda, onde Ele e Ela desposam um ao outro. Poseidon, Rei do Mar, cerca dom um Cordão o continente sacro. É o Desposado. É Wotan.

A Boda e a Morte vão unidas indissoluvelmente. A Boda Mágica e a Morte Mística, que tornam possível o Segundo Nascimento do ário, do guerreiro Iniciado.

Este Mistério é expresso nas runas, no nome de Osíris, que é Wotan. Quando os últimos restos da Hiperbórea Polar desaparecem, os nórdicos-polares descem até o Egito, constroem a Esfinge, as pirâmides, e fundam a Primeira Dinastia. Osíris e Wotan, o Mistério de Wotan crucificado na Árvore Iggdrasil.

Já o dissemos: OS-YR-IS. Tudo está ali. A partição de ELELA e ELAELE; também a sua recuperação, a Ressureição.

A Runa OS, ᚩ é a Runa de Wotan; a quarta no Futhark, e nos diz: “A Força do teu Espírito te dá a Liberdade”. YR, ᛦ é a Morte. Is, **I**, é a Runa da Esposa. No Mito Osírico, o deus (ELELA) é dividido, misticamente, despedaçado. A unidade rúnica foi perdida. O Número Três, o *Tyrkreis*, foi quebrado. Ela saiu para dançar do lado de fora, afirmando a si mesma como a runa IS-IS; Isis, a Deusa Mãe. Mas, mãe de quem? De ninguém, porque o Filho, Hórus, é o filho de OS, isto é, de Osíris depois da partição; o Filho do Homem. Deste modo, Hórus é o próprio Osíris ressuscitado. A frase escrita no templo de Ramsés diz o seguinte: “Eu sou um Filho que esculpe a cabeça do seu Pai (o *Rosto*), que gera àquele que o gerou”. Hórus é o Filho da Morte mística, YR no meio, entre OS e IS; portanto, é um resultado de ambos, unicamente que em reverso: gerado por Osíris. Com a partida d’Ela, Ele tornou-se “grávido”, *incincta* do Filho da Morte (YR), do Filho do Homem, do Filho da Ressureição e da Imortalidade. Osíris ressuscitado, em verdade Hórus, o Astralkörper, com uma Cabeça modelada, a de Isis, o Rosto da Amada. Andrógino e Imortal, como também o será Isis, no processo desta Iniciação rúnica graças à Runa YR, da Iniciação do A-Mor e da Morte.

Tudo isto é o mesmo que a crucificação de Wotan na Árvore Iggdrasil, na Árvore YR-MAN-SOL. ᛦ = Morte. ᛘ = Homem. ᛯ = Ressureição. A morte mística do Herói acontece com a sua encarnação no homem terrestre (homo terrenus de terra) que torna possível a Ressureição no Homem-Total, Absoluto (homo coelestis de coelo). Morte e Ressureição.

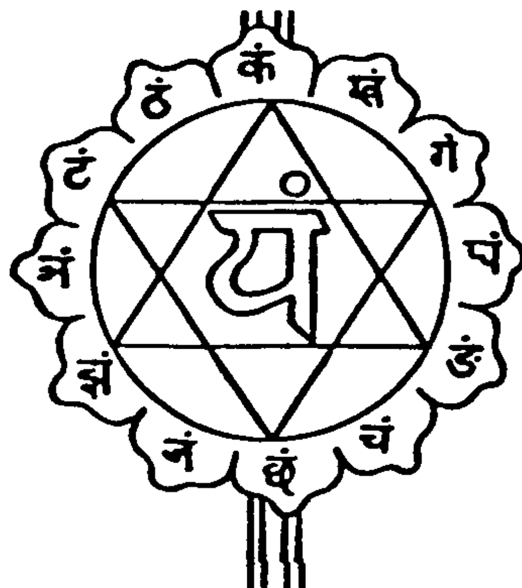
Hórus, o *Filho de Ouro*, é o corpo dos Imortais, *Sâhu*, *Vraja*, a Túnica, a Substância incorruptível.

Já explicamos isso, a culminação do processo iniciático hiperbóreo corresponde ao encontro com as Runas, ou o despertar dos chakras, graças ao Fogo do Vril, de Woewre, enrolado na Árvore do Homem, o YR-MAN-SOL, o Iggdrasil. Depois de Nove Noites, na morte mística, foi concedido a Wotan o despertar dos seus chakras, ou seja, a recuperação das 16 Runas, mais 2, igual a 18, múltiplo de 9. E, 1 + 8 = 9. Nove centros de Poder perdidos, o Graal, roubado pelo Inimigo. O herói arriscou vir até este outro mundo para recuperá-lo, junto com a sua Ela, com a Pisti Sophia, também raptada e prisioneira, acorrentada à raiz da Árvore do Espanto, adormecida e atormentada ali.

Depois de despertar o centro do coração (o Chakra Anahata) atravessado por uma lança, ao herói é permitida a *morte*, arriscando o seu “eu”, ao cruzar por um buraco negro, pelo Sol Negro, o Vazio. No chakra Sahasrara, a Coroa do Rei de Hiperbórea, de Lúcifer, que no cristianismo esotérico passa a ser a Coroa de Espinhos, Ele e Ela eram um: SA-HAM (Eu sou tu). Ali haviam se desposado, no cume do Monte Meru, nas alturas de Paradesha, no palácio de Midgard, na Sala de Armas dos Heróis e das Valquírias, o Valhalla. Al saltar em Sunya, no Vazio, no Sol Negro, voltaram a se separar, para poder se reencontrar, com o Homem e Mulher Absolutos, na inexistência do Raio Verde (minha

Flor Inexistente), separados e unidos para sempre. Unidos na separação. O mantra é HAM-SA (te és eu), inversão de SA-HAM. O outro lado do Espelho.

Chakra ANAHATA



Coincide com o plexo cardíaco. É o "Coração de Kristos", no Kristianismo Nórdico, a ferida em um lado do peito de Wotan, crucificado na Árvore Iggdrasil. Representa o ar. O seu animal é o cervo. Por dois mil anos, a Era de Peixes se alimentou exotericamente deste chakra. Seu mantra é YAM.

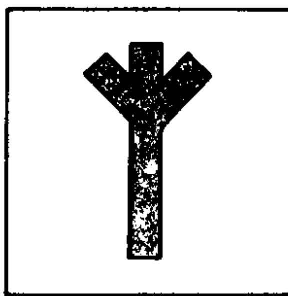
Este drama hiperbóreo foi conhecido pelo judaico-cristianismo através do mitraísmo nórdico-iraniano, reduzindo-o a apenas três dias. Ao final do terceiro, ocorre a ressureição.

Ao nos aprofundar na vivência do Mistério, nos ocorre a pergunta: Não teria sido também a partição do Eros, no Mito Órfico, uma descrição simbólica de uma primeira morte mística, em um processo Iniciático, para chegar a alcançar uma Nova Vida, um renascimento, uma ressureição, tal como em OS-YR-IS e em IR-MAN-SOL? Teria isto sido feito de propósito para conseguir uma consciência e individualização da Mônada, de Purusha, sendo este o verdadeiro objetivo da sublime aventura de vida e morte, da perda, e da busca, da guerra total? E o sentido máximo da penetração na projeção e Respiração demiúrgica, com a aceitação voluntária de um número exato de repetições de Eternos Retornos para cada Nota? E o risco abismal de perder tudo, de arriscar tudo, Ele e Ela podendo nunca mais se encontrar, no êxodo pelos mundos simultâneos, inumeráveis? Que inquietude, que onda na água imóvel de uma Fonte, que imagem de um sonho não sonhado, haveria provocado este drama, esta Grande Guerra?

Em algum destes mundos simultâneos, onde agora nos encontramos, tão abaixo, com o 'eu' preso à consciência racional, sempre buscando, sempre ansiando pelo o que foi perdido, veio a acontecer o encarceramento na Prisão do Inimigo.

E é a Iniciação Guerreira de *A-Mor*, o Hitlerismo Esotérico, o único que pode romper o sortilégio, a fascinação do prisioneiro.

MAN



Seja um homem.

Arbaris e Allouine

No cume do Monte Polar da Revelação, se encontrava o Jardim das Maças de Ouro. Sobre um galho do Carvalho sacro pendia o Velocino. A Coluna de Fogo era mantida viva pelo cuidado de Allouine, a sacerdotisa virgem do Amor Mágico, a quinta nascida. Ali Arbaris, ou Avris, a encontrou, ele que viajara à Grécia montado em uma flecha. Por isso lhe chamaram Eros-Hiperbóreo. No Polo também estava Medeia. Jasão foi encontrá-la, o camarada de Arbaris. Ela lhe entregou o Velocino de Ouro. Mas Allouine entregou a Arbaris uma Maça, o que vinha a ser o mesmo. E então, Arbaris a viu nua, pela primeira vez. E toda uma eternidade não lhe bastaria para contemplá-la, em trêmula e extasiada contemplação.

Eis aqui a história que certamente era contada no Gênese, antes de ser mutilada e transformada pela grande conspiração do Senhor das Trevas. Junto à Árvore, Allouine ensinou o Amor Imóvel à Arbaris, na contemplação do seu corpo nu; mas sem tocá-la, sem possui-la no contato dos corpos materiais, que criam o filho da carne e da dissolução. Ela despertou os seus chakras, as suas maças de ouro, na Árvore do Paraíso, em cujo tronco estava reclinada. E ele se transmutou em *divya*, quebrando as suas correntes, despertando Allouine do seu sonho. Foi mais que um Deus, com a sua Sabedoria do A-Mor mágico, que está inscrita do outro lado dos astros, como o nome do Graal.

Então, Avris foi AR-BA-RIS. AR, ᛅ, quer dizer: "Custodia o Fogo Eterno", o fogo dos AR-yos; BAR, ᛒ: "Confia no Deus que está dentro de ti"; IS, ᛁ: "Domina a ti mesmo e assim controlarás os poderes do Inimigo".

Os Siddhas hiperbóreos não procriavam filhos da carne. Moldavam, plasmavam os seus próprios corpos. Somente com o "pecado racial", com a Eva terrestre, sucedem as gerações da Terra e Paradesha é submersa, desaparece o Jardim das Maças de Ouro, a Coluna de Fogo se apaga, o Vril é escurecido, o Olho do Dragão é atrofiado, morre Allouine, a Atlântida Hiperbórea é afundada.

Platão nos conta que Zeus se reúne com os demais Deuses hiperbóreos no cume do Monte Polar, para decidir o destino de Atlântida. E nos agrega que está submerge, tragada por uma grande onda, em uma única noite, porque os seus habitantes mesclaram as raças indiscriminadamente. Esta foi a real causa do cataclismo. O Pecado Racial, a mescla dos divinos com as filhas dos homens. Porque eles as amaram em seus

corpos, dando vida aos filhos da carne, aos semidivinos, aos heróis antigos, aos *vîras*, aos gigantes.

Pela lei de "solidariedade", a mesma que haveria levado ELAELE a repetir a partição de ELELA, a Terra acarreta um cataclismo simultâneo à queda dos divinos Ases hiperbóreos. Desvia o seu eixo, faz com que os polos saltem, muda os continentes, modifica os climas, se cobre com um manto de gelo. Destrói Hiperbórea, a Idade Dourada.

A involução da matéria do Demiurgo começa a acelerar.

Chakra VISHUDA



Coincide com o plexo laríngeo. O seu elemento é o Ar.
Sem animal representativo. Aqui reside o Logos Spermatikos.
Tem dez pétalas com suas letras-som. O seu mantra é HAM.

O Gelo

Os Siddhas hiperbóreos pretenderam organizar o mundo nos primeiros Yugas, arrebatando-o do Demiurgo. Ajudavam os heróis a recuperar a sua divindade total, por meio da Iniciação. Aos povos de cor, aos humanos, lhes entregavam a felicidade terrestre, organizando-os em castas, em *varna*. (Os hiperbóreos eram *ativarna*, mais além da casta, da cor). Utilizando as suas faculdades mecânicas em trabalhos úteis, pensavam, quiçá, em produzir por meio da alquimia da cor uma mutação mágica nos povos semianimais, que pudesse levá-los, de algum modo, a uma transfiguração. Lhes passaram uma partícula de imortalidade, ao mesmo tempo que espiritualizavam à Terra, arrancando-a das garras do Senhor das Trevas.

O cataclismo solidário, a queda de Phaeton, a Grande Onda, veio por fim a toda esta tentativa, submergindo Alt-Land, a Hiperbórea terrestre.

O Gelo, inimigo do Fogo, se estendeu pelo mundo. As Idades Glaciais.

Disto há uma recordação na antiga Saga Nórdica.

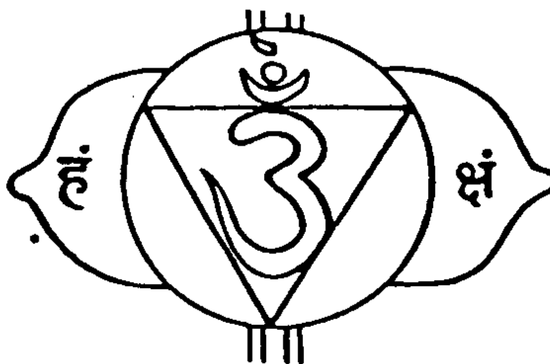
Hiperbórea foi uma comunidade Iniciática separada, um mundo inalcançável, superior a tudo existente no planeta. Para lá iam os guias destacados em outros continentes para cumprir instruções, conhecer a Lei e receber as iniciações reservadas

às outras zonas terrestres, à Atlântida meridional, aos restos de Lemuria e Gondwana. Nessas terras estavam comissionados instrutores divinos de Hiperbórea.

Para nos dar uma ideai do que isto significava, pensemos no que Nietzsche sonhou parar o Super-Homem: uma comunidade aparte do resto da humanidade, sem interferir em seus assuntos e sem permitir que a mesma chegasse até ela. Viver e deixar viver. Atuando magicamente, por meios sobrenaturais, à distância. Tal como ocorrera com os Guias-Brâmanes da nossa Ordem, invisíveis em alguma "dobra topológica", caverna ou montanha, e que o Mestre chamava de *Templo*.

Fizeram com que Hiperbórea desaparecesse, tornando-se invisível (indo à Terra interior) antes do cataclismo. O resto não desapareceu de uma vez só. Somente a massa central do continente polar, com o Jardim de Induna, com a Árvore do Paraíso e a Coluna que sustentava o Céu, se tornou invisível. Os hiperbóreos salvaram o Graal, o Velocino de Ouro e a Sabedoria, ne memória do seu sangue. Alguns deles buscaram refúgio no outro polo, na "terra oca", nas cidades secretas que eles mesmos haviam construído ali, nos Andes emergentes. Quando a sua clarividência lhes avisou o que estava por vir, quando a Maga Allouine o profetizou, enviaram mensageiros ao outro polo e perguntaram: "Nos admitirão entre vós?...". E os Deuses Brancos, que aqui já estavam, lhes abriram os seus braços de camaradas de sangue e de guerra.

Chakra AJNA



Coincide com a glândula pineal. Esta glândula está atrofiada no homem terrestre das últimas eras. Acredita-se que o homem atual, um dos poucos mamíferos que segue bebendo leite depois da amamentação, calcificou esta glândula. Ali reside o poder perdido do Vril, o Terceiro Olho dos gigantes, que permitia ver os mundos e os seres da quarta dimensão, podendo, ademais, abrir a Porta de Saída do Universo demiúrgico, a Grande Libertação. Ao ativar este chakra, "desprende-se o Corpo Astral" e entra-se conscientemente nos mundos opostos. Seu elemento é o Éter e o seu animal é o Elefante Branco. A ressureição, a metamorfose do Elefante da raiz, do Muladhara, do Elefante terrestre (Nigredo), no qual cresceram as asas de uma pomba. Isto é, Parakletos. Seu mantra é OM (AUM), a Trilogia hiperbórea, nórdico-polar: Wotan, Freya, Baldur; Esposo, Esposa, Filho.

Começa o êxodo dos hiperbóreos que permanecem na superfície, dos vîras mesclados. Nas ilhas nórdicas polares, nas ilhotas, na Groelândia, em Engeland, em Helgoland, ou Heil-Land. Uma grande maioria desceu até o Gobi, terra fértil naqueles

tempos, e ali desenvolveram uma grandiosa vida, cujos restos muito tardios viriam a ser encontrados na Sibéria. É uma civilização de gigantes, que também veio a desaparecer por causas desconhecidas. Foram descobertos resquícios de radiação atômica em fosseis desenterrados. Mas, o gelo continuou a sua marcha, pisando nos calcanhares dos hiperbóreos. Veio a cair violentamente sobre a Sibéria, congelando em poucos segundos os mamutes.

O professor Wirth acreditava que os judeus também remontam a sua existência à civilização do Gobi. Se assim o fosse, poderia ser considerada seriamente a hipótese de uma explosão, ou guerra atômica, provocada por eles também ali, no Eterno Retorno. A isso se referiria a lenda simbólica da mulher de Ló e da estátua de sal.

Os Gigantes Dropas hiperbóreos são os fundadores do "Teto do Mundo", de uma Paradesha no Tibete original, também da mais antiga civilização chinesa. Para lá levam o Livro Rúnico do I-Ching, o *Buchenstab*. Também à Irlanda, onde um resto degenerado do mesmo haveria sido o idioma mágico da Árvore, o *Ogham*. Assim como um resto decadente e degenerado da sabedoria dos Dropas seria o *Bö* do Tibete, anterior ao budismo lamaísta, que ainda preservava a Swastika Levógira, com a qual os Dropas pensavam em retornar à Primeira Hiperbórea. E talvez o fizeram, porque é ali, de volta pela Porta de Vênus, pelo Sol Negro, de onde os mais altos Siddhas regressaram.

É a Swastika Levógira aquela que o Hitlerismo Esotérico adota como o sinal mais claro das suas máximas intenções: Regressar à Asgard, primeiro, ao Valhalla, à Hiperbórea Polar; retornar à Idade Dourada, endireitar o eixo da Terra, e, então, [retornar] à Hiperbórea do Raio Verde. Transportar ali a Terra Astral, derrotar o Demiurgo, o Senhor das Trevas. Ser NOS.

A guerra é contra o Gelo do Inimigo, para poder dissolvê-lo com o Fog. Essa coluna de Puro Vril: ER.

A Maga Völa também profetizou (ou talvez houvesse sido Allouine) : "Um dia, o Führer da Raça Branca guiará a sua Horda Furiosa, a sua *Wildes Heer*, em regresso à Asgard, mais além do frio e da tormenta, de volta ao Jardim das Maças de Ouro de Induna. E ressuscitará Baldur. O Führer dos ários virá montado em um Cavalo Branco de oito patas, chamado *Sleipsner*. Ele também se chamará Kalki e será outra vez Wotan. Virá agora para vencer, resgatando os últimos dos seus guerreiros, os heróis prisioneiros da Idade mais sombria. Com as Oito Patas do seu Cavalo, esmagará a cabeça do Lobo Fenrir. E derreterá o Gelo do Inimigo. Dará assim fim à Idade do Lobo, na qual Ele mesmo precisou viver como um filhote de lobo.

Tampouco o Gelo tomou conta do mundo de uma vez só. Veio, se foi e voltou a surgir. São as distintas Épocas Glaciais.

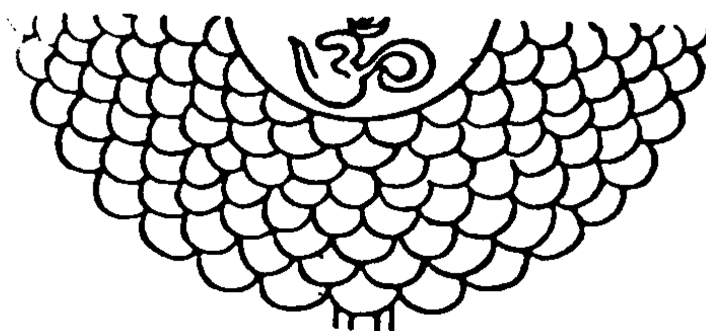
"O rugido da tormenta e o cair da água, sons, vozes, esculpiam o reino dos gigantes. A raça de Imyr, ou Thursen, já habitava longe do Antigo Sol. No alto Norte moravam os gigantes da geada e da tormenta. Os lobos e os ursos eram seus amigos. Em Muspelheim, estava Gurtur, com sua espada flamejante. Viu como a vaca *Audhumbla* lambia um bloco de gelo, um dia, dois dias, três dias. E então o trabalho foi terminado e um homem surgiu do gelo, belamente formado, como uma criação dos Deuses. "Por fim, aqui está o Pai dos Deuses!...", gritou Gurtur".

Depois da destruição de Midgard, da Hiperbórea terrestre, tudo precisou começar a partir do gelo; assim parece havê-lo descrito a antiga Saga Nórdica. Porque Midgard havia sido destruída pelas águas: "As ondas se elevam como montanhas, indo

se chocar contra os firmes muros que os Deuses levantaram no limite de Midgard. Às vezes, as muralhas cedem e as águas penetram bem adentro, inundando os verdes vales...".

Onde aconteceu tudo isto? A Crônica hiperbórea é confusa, se mesclam os tempos em uma distância onde o tempo quase não existia. A luta contra o Gelo não é coisa única da Terra. Já nas constelações começou o terrível combate, porque tudo o que possa ser contemplado com os olhos de carne no cosmos visível, sob a nova luz, pertence ao domínio do Senhor das Trevas. E ali deverão combater os Filhos do Fogo e da Luz do Sol Negro, as Hordas de Luci-Bel, os Guerreiros de Wotan.

Chakra SAHASRARA



De mil pétalas. Seu elemento ou substância é puramente espiritual. Aqui ocorre a Boda Mágica de Shiva e Parvati, de Wotan e Freya; na verdade, da Kundalini, a Amada Morta ("que não está viva, que não está morta"), da Bela Adormecida e do Eu, de Ida e Pingala, de Ela e Ele, de ELELA e ELAELE. Passando a ser NOS.

Este chakra fica no cume do crânio invisível, quiçá coincidindo com a glândula pituitária. Na geografia sacra, hiperbórea, nórdico-polar, é a ilha Helgoland, resto do Continente submerso do Polo Norte. A ilha das Bodas Mágicas, eternas, habitada por Poseidon, o "Desposado".

Deste chakra sobe até a Estrela Polar, no fundo do firmamento, a coluna que traspassa o céu, ER ou IR. Irmin (Wotan) da Árvore Yggr, de Irminsul.

Seu mantra é SAHAM: Eu sou Ela.

Mais além do Chakra Sahasrara, se encontra Sunya, o Vazio – que não é vazio – o indescritível, os Olhos Negros, o Sol Negro, que nos leva ao Raio Verde, à Flor Inexistente, mais real, todavia, que todas as flores dos jardins da Terra. O Rosengarten de Midgard. O mantra é HAMSA (SAHAM ao contrário), sem casta, sem varna, sem cor, mais além de SAHAM. Mais além do Espirito. No que não existe, no Raio Verde. NOS, o Ressuscitado com as pupilas quadradas. A Ressureição de Baldur.

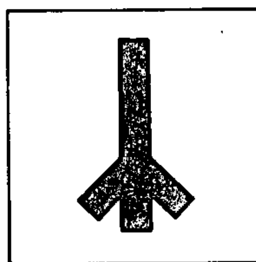
"Ao final, quando tudo estava quase feito no mundo do Demiurgo e o vento remexia os bosques virgens, foi criado o homem-hiperbóreo. (Na verdade, somente foram utilizados materiais terrestres pelos Ases divinos para encarná-lo). Wotan, Hönir e Loki, os três irmãos, caminhavam juntos à beira do mar. Sobre a encosta de uma colina cresciam duas árvores, Ask, o freixo, e Embla, o olmo. Os divinos se aproximaram de sua sombra e, dali, deixaram que o seu olhar vagasse pela ampla e verde Midgard. E disse Wotan: "Midgard, o Jardim de Rosas árticas, aguarda o seu jardineiro. Vamos criar seres

destas árvores, que se pareçam conosco em forma, no espírito e na alma". E do carvalho os três criaram um homem e do olmo uma mulher. Vida e espirito lhes foram dados por Wotan; inteligência e movimento, por Hönir; Loki lhes deu os sentidos, as emoções, o sangue, a cor branco-azulada e a capacidade de falar. Em divina beleza apareceu perante o seu olho criador a parelha. Ask e Embla se deram as mãos e, diante do Olho de Wotan, caminharam com o coração jubiloso em direção à misteriosa e verde Midgard".

Assim se "desdobraram" os divinos Ases para reproduzir a Asgard radiante na Midgard terrestre. Da Primeira Hiperbórea projetaram a Segunda. Da própria Árvore da Coluna Espiritual formaram a parelha divina, à sua imagem e semelhança. Isto é, à semelhança das Runas, reencontradas na Árvore YR-MAN-SOL.

Começava o novo combate na Terra do Exílio. E ao descer ainda mais, ao cair mais baixo, mesclando-se com as "filhas dos homens", os hiperbóreos ajudaram na sua própria derrota. Sobreveio a destruição de Paradesha, de Ask e Embla – a Verdade e a Vida – de Baldur-Apolo, do Continente do Polo Norte, Alt-Land, da doce e verde Midgard.

O Campo de Batalha, além da Terra, daquele momento em diante viria a ser o interior do herói, do vîra, divino apenas em parte.



Pense no fim.

O Êxodo

Não devemos pensar que essa Terra era como a nossa. A Segunda Hiperbórea pode haver estado em um continente em forma de anel ao redor do Polo Norte. Em direção ao Polo Sul, surgiria a Lemuria, talvez Gondwana, que teria ocupado o lugar da Antártica (onde são encontrados fosseis de vegetação tropical), América do Sul, parte da África, Austrália e parte da Índia, sendo, por sua vez, um resto de Mu, que teria abrangido o que hoje é o deserto de Gobi, uma porção da Índia, Mongólia, Malásia, as sobreviventes Ilha de Pascoa e Taiti. Na Carta de Piri Reis, autêntica ou não, nos é dada uma ideia remota do que pode ter sido este mundo, visto do alto, como no voo de um pássaro. Sendo assim, Lemuria viria a abranger tudo aquilo que submergiu no Pacífico. Quando falamos de uma civilização legendária do Gobi, é a este mundo remoto que fazemos referência. A catástrofe cósmica, planetária, mudou tudo, de repente e sucessivamente, pela queda de uma lua ou um cometa, em solidariedade ou sincronismo com o desastre espiritual dos divinos. Essa cadeia dramática da involução, da expiração.

E tudo em seu caminho foi alterado. O eixo da Terra foi desviado, vieram as estações, os climas, os astros "deram voltas no céu". Na verdade, a Terra deu voltas. E os antigos continentes "passaram ao Céu de Indra", onde hoje dormem em espera do seu regresso, ou "reencarnação", depois de uma nova-velhíssima catástrofe planetária.

De Gondwana, ou Lemuria, procedem os homens negros e os homens vermelhos. (Curiosamente, Adão quer dizer "o vermelho", em hebreu). Todavia, ali também governavam os hiperbóreos brancos, como a casta real, sacerdotal. Era uma minoria enviada da região do Polo Norte.

Na zona atlântico-ocidental, havia uma linda ilha-continente: a Atlântida. É a ela que se refere Platão. Nos conta que ali governou Poseidon (o Desposado). Apaixonado por uma filha da Terra, Klito, ou Kleito, ele a desposa e tem como filho Atlas, que se encarrega de sustentar a Coluna que firma o céu, entrando acima, na estrela fixa polar. Seguramente Platão traspassou o Mito hiperbóreo à Atlântida meridional, mudando apenas o nome dos Deuses e dos heróis, que são melhores descritos na Saga Nórdica. Assim o crê Jurgen Spanuth. Ou seja, Platão transferiu os próprios Deuses à outra geografia. Afinal de contas, é tudo igual. A Atlântida existiu e ali foram para se refugiar os sobreviventes da Lemuria e do Continente do Polo Sul, após as catástrofes que a submergiram e cobriram de gelo à Antártica. A Atlântida foi uma verdadeira Arca de Noé. A Lemuria corresponde a todas as terras que afundaram no Pacífico.

A Idade Dourada, o Satya, ou Krita-Yuga, tem a ver com a Hiperbórea Polar; a Idade de Prata, ou Treta-Yuga, com a Atlântida. Uma grande involução já havia ocorrido. Quando a Atlântida existe, nem toda a Hiperbórea havia sido destruída. São também os guias brancos, iniciados em Hiperbórea, aqueles que dirigem e instruem à Atlântida. Os Reis Gêmeos precisavam viajar para Hiperbórea para receber a Iniciação Arya. Nos tempos divinos, os *divyas* não precisavam desta Iniciação. Somente os *vîras* precisavam passar por ela, para recuperar a divindade perdida na mescla com as filhas dos homens. A Iniciação dos *divyas*, ou Siddhas, corresponde a uma mutação diferente, acontecida no umbral da Estrela da Manhã, com o seu Fogo Verde, para fundir àquilo que nos confins foi separado.

Hermann Wirth escrevia que na Atlântida – *Mo-Uru* – governava uma Rainha Branca. O Mito de Gaia se refere à esta Deusa Virgem que sem a necessidade de um homem dá à luz a um filho, que então será o seu esposo. O símbolo nos concede também a revelação da Iniciação Rúnica do A-Mor, já descrita em relação à OS-YR-IS. O Mistério de ELAELE.

Vamos arriscar uma extensão do Mito Hiperbóreo de ELELA e ELAELE à uma cosmo-geografia terrena. Poderá nos servir, segundo acreditamos, para compreender o fenômeno planetário do patriarcado e matriarcado, sobre o que muito foi escrito e que significou a ruptura do professor Wirth com a *Ahnenerbe*, o Instituto SS de Estudos Superiores sobre a Herança dos Antepassados. Rosenberg lhe criticou, em seu livro "O Mito do Século XX", afirmando que Wirth, assim como Bachofen, sustentava posições opostas às da *Weltanschauung* da SS.

Eu pude comprovar isto pessoalmente em minha conversa com o professor Wirth. Ele acreditava que o Estado ideal, em forma, foi governado pela *Magna Mater*. Assegurava que na Grécia antiga a sociedade perfeita era dirigida por mulheres brancas e havia disso destruída pelos homens bárbaros vindos do Leste. Sobre o professor Wirth foi exercida uma influência decisiva da sua mulher, que já havia falecido na época do nosso encontro. Em nossa conversa, ele a mencionava de vez em quando. Me disse que

sua esposa havia sempre sido partidária de Hitler, mas não dos outros dirigentes do partido. Me contou que Walter Darré o havia salvado de ir para um campo de concentração. Em todo caso, o professor Wirth estava equivocado em suas conclusões. A sua enorme investigação e documentação lhe imprimia uma direção *a priori*: o ideal matriarcal, primeiro paraíso terrestre. O continente da Rainha Branca, *Mo-Uru*: a Atlântida.

Dali teriam vindo, segundo ele, os maoris, os mouros, os armoricanos, e talvez os amoritas, inimigos dos judeus em Canaã. Também os homens vermelhos da América e de Creta, os pelasgos, os fenícios e certos egípcios, com uma origem mais remota em Mu e Lemuria. Ali teria surgido o Adão do Gênese.

O Mistério de ELELA e ELAELE, que completa o Mito Órfico da partição do Ovo Cósmico de Eros, de Erikapaios, de Phanes, é uma vivência obtida dentro da minha Iniciação pessoal de *A-Mor*. Eu expus isto pela primeira vez em "NOS, Libro de la Resurrección"; mas tal assunto já vinha sendo insinuado em minha obra anterior, especialmente em "ELELLA, Libro del Amor Mágico".

Se Gaia, na perda da Atlântida, dá à luz ao seu próprio esposo, sem intervenção do homem que a fecunde fisicamente, o Mito revela uma Iniciação de *A-Mor* reservada à ELAELE, ou seja, ao Purusha feminino, ao Aion feminino, à Pisti-Sophia. Em termos junguianos, explicaríamos que Ela foi individualizada, desposando o seu *Animus*. Em termos kristãos esotéricos, se diria que desposou Kristos. Em termos nossos: ela deu à luz ao seu próprio *Astralkörper*, com o Rosto do Amado. Fez nascer o verdadeiro Filho da Mulher Divina Hiperbórea. (De Lillith, Allouine, e não da Eva terrestre, carente de realidade ontológica). Reencontrou o seu Ele que foi perdido com a partição de ELAELE.

Que isto tenha acontecido em Atlântida, também nos é revelado pelo simbolismo do astro Gerda, a Terra, onde a polaridade hiperbórea foi plagiada imperfeitamente pelo Demiurgo e seus Arquétipos psicóideos.

No Polo Norte, em Hiperbórea, é plagiado o Drama de ELEELA, o Purusha Masculino, yang; no Polo Sul, na Lemuria e na Atlântida, se desdobra o Drama de ELAELE, o Purusha Feminino, yin. Hiperbórea corresponde ao Satya-Yuga, a Idade Dourada. Lemuria e Atlântida correspondem ao Treta-Yuga, a Idade de Prata. Ambos os mundos são regidos por seres divinos da raça branca que vieram para combater no interior do Grande Plágio demiúrgico. Por isto é possível que, originalmente, a Lemuria e também a Atlântida tenham sido governadas por uma Rainha Branca, cuja lembrança é preservada na lenda de Mo-Uru, de Gaia, a Virgem ELAELE. Através dos séculos, até os nossos tempos, o Mito veio a ser representado nas virgens cristianizadas, especialmente na Virgem Negra, com a Criança nos braços ou nos joelhos.

O Polo Norte foi reservado para ELELA, no Satya-Yuga, quando a Natureza dispunha de uma energia maior na Expiração. O Polo Sul é domínio do drama de ELAELE. Ao Polo Norte descem os Siddhas do Raio Verde e ali instalam a Hiperbórea Terrestre, iluminada pelo Sol Negro, de luz fixa, transcendente. É o Sol Odínico dos Ases e dos Vanes, dos *divyas*. Um sol imóvel, antigo. Que assim o foi comprova-se nos fosseis das árvores nórdicas que são marcadas por um crescimento contínuo, não interrompido pelas estações. A luz que não muda, que não sucumbe. Quando ocorre a catástrofe e o eixo terrestre é desviado, aparece a luz do ano. A Natureza é corrompida.

Através das Idades, os cultos expressam a polarização. Ali onde o patriarcado dos heróis organiza a vida, a luz de um sol transcendente, mais além do sol material, fecunda o reino, o *Imperium*. A Nostalgia de Hiperbórea. Quando é o matriarcado que se impõe,

os cultos são centrados na Luz do Ano, em um simbolismo da natureza pós-hiperbórea, no fogo puramente material, nas cerimônias da luz no solstício de inverno, que inspiram a crença matriarcal da reencarnação. A religiosidade devocional, o yoga Bhakti, o *Samadhi* vedantino da fusão com o Ser primordial, com o Uno, a ênfase no chakra Anahata do coração. O máximo que se poderia alcançar é o chakra Sahasrara, com o mantra SAHAM: "Eu sou tu". (O Andrógino). A iniciação patriarcal faz uso do Raja-Yoga, o Yoga Tântrico, com o *Kayvalia* no lugar do *Samadhi*, a absoluta separação, a personalidade absoluta, a individualização, indo além do chakra Sahasrara, até o Sunya, o Vazio, o Nirvana, *saindo* para algo jamais sonhado, nem pelos maiores Peregrinos da Ânsia. Com o mantra oposto à SAHAM: HAMSA. HAM é Shiva, SA é Parvati. Ele e Ela separados e unidos para sempre, unidos na separação. Este é o Caminho dos Guerreiros e das Valquírias de Wotan. Não existe reencarnação, senão que imortalidade, *saída*. *Salto* [para] dentro de uma Flor Inexistente.

O sol que hoje ilumina a Terra, é um novo sol, surgido com o desaparecimento de Asgard e a precipitação de uma matéria espessa ao mundo, com o declínio da energia da Expiração. Os românticos alemães tinham razão ao crer, com Novalis, que a natureza poderia ser modificada, espiritualizada, por meio do seu Idealismo Mágico. Regenerada, transmutada, transfigurada, arrancada do domínio da Respiração cíclica do Demiurgo pelo combate sincronístico e o sacrifício do herói hiperbóreo.

A medida que descemos pela espiral da involução, o motivo fundamental do Drama se repete em outros círculos fechados, mais baixos, menores. O patriarcado e o matriarcado se alternam, degenerando nas tribos de amazonas, ou nas tiranias masculinas. Mas a Idade de Prata, à qual haveria correspondido o predomínio da Atlântida, não pode ter sido unicamente matriarcal. Certamente ela correspondeu a uma mescla de ambos princípios, yang e yin, como é possível vislumbrarmos no relato platônico e nas indicações de Diodoro. Ali também foi cumprida a Boda Mágica, como Iniciação purificadora; uma alquimia transmutadora. Na cúspide de uma pirâmide racial estariam os Siddhas ários. As outras raças de cor não teriam acesso a esta Iniciação, por corresponderem aos "escravos da Atlântida". Quando este continente também vem a desaparecer, dando lugar à Idade de Bronze, ao Dwapara-Yuga, os "escravos" se dispersam por novas terras, levando a memória de uma sabedoria que na Atlântida lhes era inacessível, mas que naquele momento pretendiam possuir, distorcendo-a. No grande caos do final de um Yuga, possivelmente se apoderaram de alguns dos seus segredos, que, contudo, eles nunca poderão utilizar.

O mais provável é que o Continente Polar tenha desaparecido pelo fogo do céu. A queda de um cometa ou de uma lua. No *Völuspa* também nos dizem que o Lobo Fenrir devora a Lua, além de Wotan e a Árvore *Mjotvidr*. A Atlântida desaparece pela água, por uma grande onda, "em apenas uma noite", nos conta Platão. O símbolo material sempre corresponde à substância espiritual. Mo-Uru é a Terra da Água, Poseidon é o Rei do Mar. Calipso, sua filha, é a Rainha da ilha misteriosa de Ogigia. Suas outras três filhas são as Hespérides, que muito possivelmente reproduzem na Atlântida o Jardim das Maças de Ouro de Induna, ou Idhuna, a esposa de Baldur na Hiperbórea polar.

Todas as lendas sobreviventes, que a Grande Conspiração não conseguiu fazer com que desaparecessem, nos falam de um Dilúvio que destruiu o mundo. Na América, isto é contado pelo "Popol Vuh". O Guia sobrevivente tem muitos nomes: Tamanduare, Noé, Njörd, o Yama hindu, o Yima iraniano; o Beogran celta; Deucalión, Gilgamesh, Shameshnapitshin, Romulus, Karna .... Todos fundam novos povos do nada.

A lenda nórdica nos diz que os sobreviventes se salvaram indo para a terra interior, pelo fundo de um vulcão, até chegarem à Terra Oca, sob o mar. Ali preservam o gérmen. Os Tuathas de Dannan vão para Avalon. No antigo México, o rei Huemac desaparece através da entrada ao mundo subterrâneo, na gruta de Chapultepec, devendo retornar algum dia para reconstruir o reino.

Trapallan, Tollan, Avalon, Asgard. Ali estão todos os mortos que não morreram. Os Imperadores de Huemac, do Codex Chimalpopoca, da Crônica de Cakehiquel. Também Enoque desaparece na direção do extremo Ocidente, quando um desastre vem a acontecer por causa da mescla dos anjos, os Nephlin, com as filhas dos homens.

Todos voltarão quando o último Yuga terminar, depois dos interlúdios dos Sandhya e Sandhyansa.

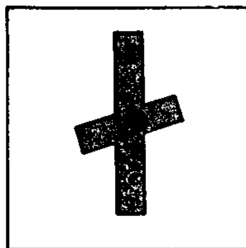
Por isto Píndaro dizia que: “Nem por mar e nem por terra será encontrado o caminho que leva aos hiperbóreos”. É impossível; porque [eles] se foram para um mundo paralelo, simultâneo, passando por uma “janela”, por uma “dobra”. Não a um universo análogo, senão que de outra essência.

Para aquele que ainda possa ler nas entrelinhas daquilo que foi escrito em idades onde, todavia, ainda brilhava um pouco da luz antiga e que milagrosamente não foi destruído pela Grande Conspiração, bastante lhe será revelado por algumas linhas de Píndaro, Hesíodo, de Plutarco e, sobretudo, de Platão.

Plutarco escreve que somente no estado de sonho a gente do Norte poderá conectar-se com Kronos, o Deus que devora o Tempo. Sair do tempo. E Kronos-Saturno é o Rei do Satya-Yuga, de Hiperbórea. É Wotan. Somente no Astralkörper será possível chegar até Ele. Plutarco disse isto no “O Rosto que se encontra no Disco da Lua”.

Também Montezuma, o último rei asteca, valendo-se de práticas iniciáticas, pôde transportar a si com a sua “outra matéria” até Aztlan, a terra desaparecida dos antepassados divinos, deslocada para um mundo mais sutil, na “outra metade dos seus sentidos”. Ali habitava a Deusa Branca, mãe de Huitzlipochli.

EHE



O matrimônio mágico é a raiz
mais profunda dos aryos hiperbóreos.

As Quatro idades da humanidade de Hesíodo – a Idade de Ouro, Prata, Bronze e Ferro – nada têm a ver com as épocas paleolítica, neolítica, de bronze e de ferro da antropologia e etnologia contemporâneas. As Idades de Hesíodo estão ligadas aos Yuga do hinduísmo ário.

O Homem de Neandertal, de cerca de cem mil anos atrás, foi também chamado de “o homem glacial”. Habitou a região que hoje é conhecida como França e Espanha. Desaparece no começo da Idade da Pedra. É seguido pelo Homem de Aurignac, um pouco mais próximo ao homem propriamente dito. Se espalhou pela Boêmia e Sibéria.

Segundo Wirth, dele poderia ter evoluído o Homem Mediterrâneo. Tanto o Homem de Neandertal como o de Aurignac são criações robóticas falidas do Demiurgo, circunscritas à lei cíclica da evolução e involução dentro do Eterno Retorno, da Sua expiração e inspiração. O Homem de Cro-magnon, cuja aparição repentina é um mistério, corresponde à *chegada* dos hiperbóreos. Ele se instala na península franco-cantábrica, na Bélgica, Holanda, Dinamarca e Suécia. Desenvolve a civilização de Altamira, mais comumente chamada de Magdaleniense, pelo fato de suas pinturas e gravuras terem sido encontradas primeiro da Ilha Magdalena. É também a "Civilização do Reno". Ao final do último período glacial dominava toda a Europa.

Ainda que o Homem de Cro-magnon seja um hiperbóreo já involucionado, há uma diferença imensa entre ele e os anteriores. Suas pinturas das cavernas são maravilhosas. Eu as vi na Espanha, nas cavernas de Altamira. Wilser, que sustenta a origem nórdico-polar do homem, acredita que a do Cro-magnon é o Homem Nórdico. Desaparece tão misteriosamente quanto aparece, há uns doze mil anos, e ninguém sabe o que aconteceu, nem para onde foi. Dmitri Mereskowsky, em um belo livro intitulado "Europa-Atlântida, América-Atlântida", afirma que o Homem de Cro-magnon era um colonizador e civilizador da Atlântida, que desaparece justo quando este continente submerge no oceano. As datas coincidem com as dadas por Platão para a catástrofe.

A concepção de Wirth é a seguinte: Uma raça antiquíssima, negroide, aparece em Gondwana – América do Sul, África, Austrália; outra, amarela-morena, fino-asiática, ocupa a Ásia, grande parte da Europa e as duas Américas. É preservada na raça mongoloide. Uma terceira raça é a Pré-Nórdica, ou Nórdica Primordial, Ártica. Para Wirth, o Homem de Aurignac e o Homem de Cro-magnon já são o resultado da mescla do homem Pré-Nórdico com as raças negroides e fino-amarela. A involução, o Pecado Racial.

Wirth encontra no Norte restos dos velhos grupos raciais que não emigraram, esquimós loiros e de olhos azuis, na Groelândia. Estranhamente, eles cantam: "São grandes, são terríveis os homens que vêm do interior da Terra". Porque ali entraram os hiperbóreos. E uma lenda conta que os esquimós saíram dali expulsos do interior; isto é, por um acaso do destino, sem saber, caíram em uma dobra topológica, "janela" ou "porta", que os levou *para fora*.

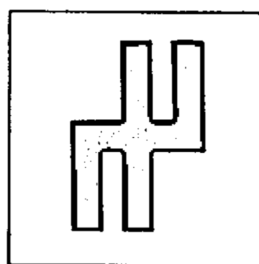
Os grupos sanguíneos têm também servido para a investigação etno-antropológica. O Grupo I, A-B, corresponde a uma mescla europeia-asiática; o Grupo II, A, é o dos brancos caucásicos e, curiosamente, se encontra entre os vikings, os güanches das Canárias, e também os nativos da Ilha de Páscoa. Isto confirmaria o professor De Mahieu, que afirma que os chefes vikings da Civilização de Tihuanacu, após a derrota e destruição do seu Império, partiram por mar para a Ilha de Páscoa. O Grupo III, B, se encontra entre os mongóis e asiáticos. O Primeiro Grupo, A-B, ocorre como mescla entre o Grupo II, A, e o Grupo III, B. Há um Grupo IV, O; é o dos indo-americanos. Os negros têm grupos mesclados, com a maior porcentagem do Grupo IV, O. Existe, além disto, o Grupo de Fator RH, que se divide em fator RH positivo e RH negativo. Setenta por cento dos bascos pertence a este grupo, mesmo que eles declarem que seja somente uns trinta por cento.

Hoje em dia, os grupos sanguíneos servem para que possamos ver o quão mescladas as raças estão. Nos relembram uma vez mais o mistério do sangue. Como haverá sido o sangue dos hiperbóreos? A hematologia contemporânea analisa somente os fatores físicos. Seria preciso levar em conta, todavia, que o sangue, mesmo hoje, está

menos materializado do que a água. Em Hiperbórea foi um fluido azul. Ainda continua sendo para os *divyas*. As visões dos Rishis e dos Minnesänger, as imagens astrais, a poesia extra-cósmica são a "sua memória"; sombras que a circundam, douradas ou aterradoras.

A Alquimia da Transmutação do *vîra* em *divya*, na Iniciação Guerreira e Tântrica de *A-Mor*, atua diretamente sobre os genes, o sangue e os seus grupos, alterando a zona mais sutil do metabolismo, ressuscitando o *Ativarna* – mais além de *varna*. Mas unicamente entre os *vîras* ários é possível. Nos "nascidos duas vezes".

GIBUR



Seja um Deus!

A Groelândia é o resto do continente polar desaparecido. Unia a Europa à América. Prova disto são os vastos depósitos de carbono fóssil sob o gelo. Teve uma vegetação idêntica à europeia, um clima moderado e contínuo. O estudo do seu carbono comprova o crescimento invariável das árvores, sem interrupção invernal, como nos trópicos. O Polo ainda não havia se movido, e nem o eixo terrestre havia sido desviado. Também na Antártica se encontram enormes depósitos de carbono. Ali o Polo parece estar se deslocando até o momento presente, com mudanças de clima perceptíveis em todo o sul do Chile.

Os antropólogos e o próprio Wirth se baseiam em hipóteses para explicar a aparição dos homens de Aurignac e de Cro-magnon. Nada do que eles sustentam pode ser considerado essencialmente válido por nós. Corresponde à *Weltanschauung* exotérica. Nossa posição é a do Hitlerismo Esotérico e já foi exposta nas páginas anteriores. Todavia, as hipóteses de Wirth nos servem para completar ideias onde há coincidências. Segundo Wirth, a civilização paleolítica se estende de 17.000 anos até 12.000 anos a.C. A "Civilização do Reno", de 12.000 a 7.000 a.C. Aqui surge o grande hiato entre a civilização dos caçadores do Magdaleniense e daquela que aparece milhares de anos depois, uma civilização agrícola. O que fez do Cro-magnon o homem nórdico-atlante?

Wirth busca a resposta nos símbolos. Afirma que houve uma escritura linear primordial e comum ao homem nórdico e uma *Séria Sacra*, a base de signos, que serviu para calcular as épocas zodiacais. A cada dois mil anos a posição zodiacal da Terra muda. A *Escritura Sacra* tem assim um valor de calendário. Inclui à escritura maya e, certamente, a dos mapuches (Réchés), que por sua vez – foi descoberto recentemente – calculavam levando em conta Vênus, o sol e a lua. Acredita-se, ademais, que possuíram uma espécie de Tarô, com cartas, ou páginas gravadas em couro. Wirth encontra a *Série Sacra* nos pontos mais distantes da Terra, a classificação em grupos sanguíneos coincidindo com a localização das rochas gravadas na América e no Ártico. Ali descobre

os rastros do Primeiro Grupo Sanguíneo. O signo zodiacal que lhe corresponde teria sido o de Leão, entre os anos 16.000 e 14.000 a.C. Depois, Câncer, entre os 14.000 e 12.000: a Atlântida. Em 9.000 a.C. tudo é interrompido. Advém o Crepúsculo, o Sandhya. Os símbolos são perdidos e desaparecem. É a época na qual Platão assinala o afundamento de Atlântida.

No Gobi, Wirth descobriu os indícios de uma grande civilização da pré-história, que haveria imigrado, por razões também desconhecidas, para o sudoeste, chegando até o Rhin, o Danúbio e o Mar Negro. Mais adiante, passa através da Espanha para a África, aos Montes Atlas e à Líbia. Ali aparecem os "líbios loiros". Segundo De Mahieu, seriam os autores da Pedra do Sol – Intihuatana – da praia de Santo Domingo, no Chile, correspondendo à chamada Cultura Maipo-Rapel e também da "Casa Pintada" de Tinguiririca, uma gruta com pinturas rupestres. Os "loiros líbios", o Homem de Cro-magnon, teria chegado à América. A civilização megalítica cai dentro da *Série Sacra* de Wirth, com o tema central do solstício de inverno. A ela ele atribui pirâmides, a Esfinge e a grande época dos primeiros faraós nórdico-atlantes.

Com a desaparição da Atlântida, os nórdico-atlantes que se salvaram do Diluvio vão circundando a África e chegam ao Golfo Pérsico, ali fundam a civilização Sumério-Acádica. Sua escritura linear repete os ideogramas solares atlantes. É ali onde os judeus se apropriam do Gênese. As emigrações chegam à China, onde teriam sido encontrados os resquícios de uma língua de tipo indo-germânica, do grupo *kentum* e não do grupo *satem*. Segundo Wirth, a expansão legendária chega até a Austrália, porque ali se encontram os *Ma-uri* (*Mo-Uru* = Atlântida), diferentes até hoje dos tipos mongoloides e negroides.

Os barcos do Dilúvio encalham nos cumes dos mais altos montes da Terra. Um o faz no Cáucaso, no Monte *Ar-Ar-At*, com nome rúnico. O Cume dos Ários.

Este primeiro ciclo de civilização nórdico-atlante abrange à Idade da Pedra. O segundo ciclo, à Idade do Bronze. Uma onda nórdico-atlante chega à Irlanda, Frígia e Saxônia. As duas ilhas estavam unidas ao continente europeu. Sendo assim, os germanos seriam nada mais que os Tuathas de Dannan, ou seja, estes nórdicos-atlantes, que se estabelecem no Mar do Norte e ali se mesclam com os aborígenes vindos da Ásia, com os fino-asiáticos, segundo Wirth.

Façamos uma síntese: Quando Hiperbórea é destruída, alguns dos seus habitantes descem até Atlântida, constituindo o que Wirth chama de nórdico-atlantes. Quando a Atlântida afunda, voltam a subir para o norte. São os Tuathas de Dannan, segundo Wirth, dos quais os germanos descendem.

Para Wirth, os Edda e as Runas são revelados na Idade do Bronze, cerca de 16.000 anos antes de a.C. É uma última forma de escrita mágica derivada da Série dos Ideogramas Sacros Solares. Sendo assim, Wirth crê estabelecer uma relação direta entre as Runas e a Escritura Linear da Pré-história. Em nossa conversa em sua casa, próxima à fronteira com a Holanda, me declarou que "as Runas eram apenas uma parte de uma Escritura Sacra muito antiga".

O grande objetivo de Wirth tinha como alvo traçar uma imensa linha que unisse a raça branca primordial – pré-nórdica – aos povos germanos. Tudo isto por meio de uma investigação levada a cabo dentro do mito "científico" do Kaly-Yuga, aplicado também à sua busca, para descobrir a religião dos povos brancos nórdicos, da pré-história.

Outra fábula, com caráter de superstição, imposta na Era de Peixes pelos semitas, é a do monoteísmo. Aparece como suprema concepção religiosa da humanidade e é declarado que os primeiros monoteístas do mundo são os judeus e os seus herdeiros, os cristãos. Isto é, uma ditadura de um só Deus; apenas um para todo o Universo. O porquê de ele dever ser superior, não me é claro. Sem dúvida, para este Universo fechado, para o Círculo dos Círculos, para este Manvantara, talvez para o Kalpa, possa existir um único Manú, um Arquétipo-Raiz recorrente, que é plasmado à “sua imagem e semelhança” nos planos simultâneos da manifestação, da expiração; mas se os mundos simultâneos são infinitos, infinitos são os Manús e os Aeons. Círculos e círculos. Infinitos são, então, os Deuses. Aqui, em Gerda, somente o Uno. O Demiurgo terrível.

Também Wirth havia sucumbido a esta ficção e tratou de provar que os primeiros monoteístas foram os homens brancos da cepa nórdico-atlante. O Deus foi *Ese*, ou *Eso*. Um ser indefinido, sem características, fora do numeral, o Ser-Uno. A “Crônica de Oera Linda”, que foi primeiro difundida e traduzida por Hermann Wirth, sem suspeitar que poderia ser um documento falsificado, chama o Deus único de Wralda. A religião do homem branco foi uma religião diferente do animismo negroide e fino-asiático, sem dogmas, de revelação direta – onde a mulher tinha um papel preponderante, conservado na Pítia e Sibila dos gregos, com curiosa herança na Machi araucana. A revelação acontecia através da observação e penetração intuitiva das leis da natureza, segundo Wirth. Quando o gelo tomou conta do mundo e o inverno foi mais longo do que seis meses, o retorno do sol era uma bendição, uma libertação. Significava a ressureição da vida. Assim nasce na mente humana a convicção do eterno retorno, e os símbolos que o expressam em uma síntese reveladora: a cruz dentro do círculo. O retorno, a ressureição, a reencarnação, acontecem justamente no solstício de inverno, quando a luz chega ao seu ponto mais baixo, a sua decadência; sinal também do seu retorno. A meia-noite é o meio-dia, e vice-versa. É aqui onde é crucificado o Redentor, o Sol que morre e que renascerá. A Cruz do Ano dentro do Círculo. Este é o Kristianismo Solar de Wirth. Ainda hoje se celebra o nascimento de Kristos no solstício de inverno. Esta religião de cerca de 16.000 anos é expressa na Série Sacra. Corresponde à uma espiritualização da Natureza, ao descobrir, sentir, que por trás de cada fenômeno natural e no Drama da Luz do Ano, “outra coisa” está sendo expressa, uma Nostalgia que está fora e mais além de uma Arquétipo recorrente, uma verdade que vem de um mais além das estrelas; porque por trás do Sol há outro Sol. E o homem religioso da proto-História adapta os acontecimentos da sua vida ao Rito que os interprete e os sirva. A sua própria morte deverá ser a vida. A meia-noite o seu meio-dia.

Assim como Chamberlain e Gorsleben, Wirth afirma que o verdadeiro Kristianismo é nórdico, ário, polar. Também o crê Rosenberg. Jesus, segundo eles, teria nascido na Galileia, no grupo nórdico-atlante, tendo chegado ali com o desaparecimento da Atlântida. Na Galileia se encontram as ruinas de monumentos megalíticos solares. Por isto, Kristos representa outro Sol por trás do sol desta Terra (o Sol Negro, o de Lúcifer-Wotan) e está incorporado no Drama da Luz do Ano, como o Filho do Deus-Ano, do Pai Sol, passando a ser a sua Luz, a *verdade* e a *vida* da terra e do homem, que há de se regenerar. Esta é a concepção solar dos peles vermelhas da América. É o Mistério representado pela religião ária de Mitra[17]. Corresponde a um Kristo da Atlântida – o do

[17] N. do T.: Exatamente aquela que o cristianismo proibiu no Império Romano, e da qual tomou posse de várias datas e conceitos e os resignificou, apenas mudando nomes.

meu livro "La Serpiente del Paraíso" – sendo Jesus Cristo uma diabólica (imitação) judaica, do Demiurgo-Jeová.

Este Kristianismo é muito anterior ao cristianismo judaico de Paulo e de Roma. Eles se apropriaram dos seus símbolos solares e os adulteraram para destruí-los e dissolvê-los em sua concepção lunar. Wirth acredita que o luteranismo "renórdisou[18]" o cristianismo. Nietzsche e Rosenberg não pensam assim.

É claro, o Drama da Luz do Ano, da Luz Cambiante, corresponde à vinda de um Novo Sol, após a catástrofe "solidária", sincronística que destruíra Hiperbórea e a Midgard dos Ases, conjuntamente à desaparição do Antigo Sol. Deste modo podemos dizer que não somente o homem involuciona, perdendo a sua divindade: também o faz a Natureza, a Terra. E teriam razão Novalis e Blake quando afirmavam que "a Natureza nada mais é que a mente do Demônio". Do Demiurgo, do Uno, do Arquétipo. Também poderíamos pensar que a Natureza, a Terra, perdeu a sua Paradesha e está em situação similar, "solidária", à do herói ou *vîra* mestiçado, semidivino: um estado de trânsito, de indecisão. Contemplando, *sentindo* as suas manifestações cíclicas, amando-a, o herói, o Vigilante da Aurora, o Peregrino da Estrela da Manhã, descobre que nesta Terra existe a mesma nostalgia recôndita de um mundo perdido; a mesma *desesperada paixão espiritual* pela ressureição e imortalidade; até na mais pequena folha de erva, no mais diminuto ser que se arrasta pelo pó, assim como na mais brilhante das estrelas do firmamento que, também, pertencem à esta Terra, à esta *situação*. Como se a Natureza, incluindo todo o cosmos visível, também fosse uma prisioneira.

Não é de se estranhar que o professor Wirth declara a direção da religião primordial da raça branca e até do "seu" Kristianismo Nórdico-Atlante como sendo das sacerdotisas e Mães Brancas. É a religião da Luz Cambiante, da reencarnação. A revelação do Yuga do descenso, da perda de Hiperbórea, do desvio do eixo da Terra. A religião do Novo Sol, quando os gigantes e os Deuses antigos submergem dentro das montanhas, na Terra interior, oca, ou passam para o "mundo do outro lado do espelho", da "outra metade dos sentidos", quando sobre a Terra veio a transbordar o Rio da Morte.

Porque certa vez existiu outra Luz, uma Luz que não muda, a do Sol Negro Antigo, polar, através da qual é possível sair, dar o *salto*, até a Flor Inexistente do Raio Verde. *E esse Sol Negro nada mais é que a Porta de Vênus*. É Lucífer, o verdadeiro Guia do Retorno à Hiperbórea, no outro extremo, oposto ao Cristo da Luz cambiante do Novo Sol, da morte e da dissolução. Esta é a convicção dos Ários Hiperbóreos, a "fé" do Hitlerismo Esotérico, o Caminho dos Guerreiros de Wotan e do Führer, um caminho para trás, retrógrado, de transmutação do *vîra* em *divya* e da transfiguração simultânea da Terra. Por isso já não mais haverá reencarnação, senão que ressureição, guerra santa, *salto*, *saída*.

A Swastika que simboliza a perda de Hiperbórea, junto com a Cruz em Círculo, é a Dextrógira, a de Rama, o Guia do Grande Êxodo. É a Swastika do Tibete posterior ao *Bö*. O emblema do Retorno à Hiperbórea, à Antiga Luz Imóvel, espiritual, é a Swastika Levógira, que gira em sentido contrário ao do tempo da Terra atual, devora o tempo, como *Sat-Ur-No*. É a Swastika do *Sat-ya-Yuga*, a do Hitlerismo Esotérico, que ao final do seu recorrido conseguirá endireitar o eixo da Terra. Imortalizará a Terra, imortalizando-nos.

---

[18] N. do T.: Termo de criação do próprio autor, significando "tornou nórdico novamente". Na verdade, Lutero levou o cristianismo de volta às suas raízes judaicas mais puras.

Chegamos assim aos tempos analisados por Spanuth, em sua obra "Os Atlantes". Ele sustenta que não houve uma Atlântida no Atlântico meridional, que a Atlântida foi Hiperbórea e que os cálculos de Platão, as datas que anotara, deverão ser consideradas segundo um calendário lunar, dando o século XIII a.C. para a destruição final, pouco depois da morte do Faraó Ramsés II. A catástrofe haveria ocorrido com a passagem do cometa Halley, descrito pelos gregos na lenda de Phaeton, filho do Deus Sol, Hélios. Phaeton solicita permissão ao seu pai para conduzir o Carro do Sol por um dia. Quando os corcéis sentem que as rédeas estão em mãos de um novato, deixam de obedecer e se precipitam em direção à Terra. Consequentemente, um Coluna de Fogo devasta o mundo. O Nilo seca, a fértil Líbia se converte em um deserto, as últimas ilhas de Hiperbórea submergem. Depois do fogo, são cobertas pelo gelo. Graças a Zeus, que sente piedade pela Terra e consegue desviar o curso do carro descontrolado, destruindo Phaeton com seus raios, o astro é salvo. Phaeton cai no Mar do Norte, onde se transforma no Âmbar. As suas irmãs, as Helíades, choram por ele.

Estas lendas foram narradas, entre outros, por Ovidio.

Segundo Spanuth, a Coluna de Fogo de Phaeton e a sua lenda expressam um fato real, a passagem do Cometa Halley, assim chamado em razão do astrônomo Edmond Halley, amigo de Newton (1656-1742). Este cometa regressa a cada 76 anos (o fará em 1986) e é maior do que o sistema solar. A sua cauda mede 30 milhões de quilômetros de comprimento, aproximadamente. Em seu périplo, traça uma elipse ao redor do Sol e se afasta então em direção à Netuno. O astrônomo Max Wolf, de Heidelberg, calculou que em 1910 a Terra, em seu curso ao redor do Sol, passaria através da cauda do cometa, ou do nó da sua Coroa. As consequências seriam espantosas. O mundo esperou o seu final. Mas Júpiter e Saturno desviaram o curso do Halley-Phaeton, seu carro descontrolado, e a Terra foi salva. Os Deuses interviram. A Terra passou longe da cauda do cometa.

Wolf descreveu o que seria a destruição do mundo: "As quatro da manhã a Terra seria envolta em uma nuvem de gás venenoso e de cinzas cósmicas da cauda do cometa: hidrogênio, ácido carbônico, mercúrio, ácido cianídrico, cianeto de potássio, transformariam o planeta em uma gigantesca câmara de gás. Ninguém se salvaria, somente alguém que se encontrasse nos territórios próximos aos polos. A Terra sucumbiria por um cataclismo vindo do fundo do Universo". Pelo Carro de Fogo descontrolado.

A descrição de Ovídio, em sua "Metamorfosis", da destruição de Phaeton, é também terrível. A única diferença é que ela sim aconteceu. Os restos de Hiperbórea que ainda permaneciam visíveis foram aniquilados pelo Fogo enviado do céu para lavar (não com lixívia, mas sim com fogo) o *Pecado Racial dos Divinos*. Hörbiger fala de luas que caem sobre a Terra. Curiosamente, os Edda nos informam sobre uma Terra sem Lua. Isto teria acontecido 16.000 anos antes de Cristo.

É possível vermos como os cientistas se contradizem no fato de que Spanuth nega a Atlântida de Wirth no Atlântico, a sua *Ma-Uru*, e Wirth nega a Atland de Spanuth, no Mar do Norte. Ele me disse pessoalmente: "No Ártico nada afundou, exceto por algumas pequenas ilhas". Todavia, ele havia traduzido e publicado a "Crônica de Oera Linda", onde é descrita a desaparição do Continente Polar. Nesta suposta crônica, os frisões estavam falando de uma Terra do Mar do Norte e não do Atlântico. Além do mais, como já vimos, Poseidon fez com que a Thule se tornasse invisível, prevendo a catástrofe.

Minha entrevista com Jurgen Spanuth foi levada a cabo em 2 de setembro de 1979, em usa cada no Mar do Norte. Um dia depois eu estive com Hermann Wirth.

Os Edda chamam de *Muspel* a "o que destrói", a "Fonte de Fogo" saída de *Muspelheim*. Mas o que a tudo devora é o "Lobo do Firmamento", Fenrir, que retorna a cada 76 anos, segundo Spanuth. Um cometa, segundo ele.

Os Edda também chamam de *Naglfar* o Barco Fantasma dos Mortos, que percorre os mares árticos. Dizem que após o Ragna-Rök, Crepúsculo dos Deuses, este barco soltou as suas amarras. Assim o é, porque a morte aparece sobre a Terra. No Polo Sul, o Barco dos Mortos é chamado Caleuche. É estranha a similaridade de tantos mitos e lendas em ambos os extremos polares. A "Crônica de Oera Linda" nos fala de um Rei Marinho frísio, chamado Inka, que desapareceu na direção do Ocidente e não voltou mais. O teria feito no barco Naglfar, ou no Caleuche.

É possível que Spanuth tenha se equivocado ao pretender assemelhar a lenda de Phaeton com o cometa Halley. A tragédia de alguns investigadores deste tempo do Kaly-Yuga é que devem sempre parecer racionais, buscando para tal argumentos pedestres que possam ser "acreditados" pelo vulgo e aceitos pelo "mundo acadêmico". Caso contrário, estão perdidos, serão postos de lado pelos editores e leitores, quando pretenderem se tornar um "best-seller", esquecendo-se de que as obras destinadas a vencer o tempo, sendo aceitas por Saturno-Kronos, são unicamente as de um número limitadíssimo de exemplares e que não devem e nem podem cair nas mãos dos "escravos da Atlântida"; isto é, os *sudras*.

Ao meu ver, a lenda de Phaeton tem a ver com a Hiperbórea Polar, com Midgard e com Lúcifer, ou seja, com Vênus e a queda da sua Coroa. Vênus era um cometa antes de ser estrela. Fixada ali (por quanto tempo?), *feita prisioneira em seu combate estelar*. Na verdade, o que é um cometa? O que é uma estrela? Alguém o sabe?

Os verdadeiros nomes dos Deuses, dos Siddhas Polares, são diferentes do que aqueles dados pelos gregos, e já muito distantes dos tempos hiperbóreos. ER, o Ases, talvez seja ELELA. ERKE, a Asin, quiçá seja ELAELE. Os Ases e as Asin. Ases, Axes, isto é, *Eixo Polar*. Portanto, Ask e Embla são o homem e a mulher, criados pelos Deuses, Ask-Embla, Ele e Ela, a Verdade e a Vida, a Vid, de onde procede o Licor do Soma, a Ahoma, a Ambrosia, o sangue dos Hiperbóreos, que se bebe na Minnetrinken, em lembrança ao A-Mor (imortalidade) perdido no começo dos tempos, depois do Sat-ya-Yuga, da queda da Coroa quebrada de Lúcifer-Wotan. Depois de Kronos.

O nome hiperbóreo de Poseidon, o Deus do mar, o Salvado das Águas, é Njörd. É o Rei da Midgard terrestre, que os gregos chamaram Thule e que os nórdicos também chamaram de Abalus e Basiléia. Piteas de Marselha a buscou no Norte, quatrocentos anos a.C.

Quando o Antigo Fogo do Sacrifício se apaga na Hiperbórea, aparece o Novo Fogo – o Novo Sol – chamado *Knotfiur*. É aceso por um par de gêmeos.

O nome que os hiperbóreos davam a si mesmos era *Haunebu*, ou *Haunebut*. É o que aparece nos papiros egípcios. Também Spanuth me disse que o nome "hebreu" havia sido gravado pela primeira vez nas estelas dos templos egípcios e se referia aos gigantes.

Os germanos são produto de uma mescla entre os Ases e os Vanes, segundo Spanuth, ocorrida três mil anos antes da nossa era. O termo "germano" veio a ser conhecido apenas 222 anos antes de Cristo. Os Ases vêm do Cáucaso (do Monte Elbrus, talvez do Ar-Ar-At). Os Vanes estavam no norte polar.

Além do fogo surgido do Muspelheim, a Atlântida platoniana, localizada no Polo por Spanuth, haveria sido destruída pela imensa onda chamada *Tsunami*, isto é, pela água. Após o Fogo vem a água. Também na experiência da minha Iniciação.

O Pastor luterano Spanuth me mostrou grandes folhas com os alfabetos rúnico, filisteu e fenício. Comprovava que o primeiro de todos foi o rúnico, então o filisteu, e ao final o fenício. Me assegurava que os fenícios eram nórdicos ários, algo em que sem dúvida se equivocou. Já falamos sobre isto. Derivou o nome dos Edda, codificação de velhos cantos aos Deuses, feita entre 1179 e 1241, na Islândia, de Ida, das planícies do Ida, onde, segundo ele, os Ases construíram Asgard. Em seguida se estendeu em explicações materialistas sobre o nome dado à Idade de Ouro, em razão do ouro acumulado pelos povos nórdicos com o comércio de âmbar, através das Rotas do Âmbar, que cruzavam a Europa até chegar ao Egito. "Nunca houve mais ouro do que naqueles tempos".

É com uma mescla de acertos intuitivos e de absurdo materialismo que o Pastor Spanuth destrói as suas próprias concepções e a possibilidade de uma *Weltanschauung* mais grandiosa. Com similar procedimento também eu poderia dizer que o nome Edda vem do conduto astral *Ida*, [que fica] à direita da coluna vertebral psíquica e [é] gêmeo de *Pingala*. Assegurar isto seria muito mais apropriado, em se tratando dos Edda.

A mais importante parte dos Edda é o Völuspa, ou "O Canto da Vidente" Völa. Descreve o Ragna-Rök, o Crepúsculo e a Morte dos Deuses.

É interessante compreender que a cada 19 anos as estrelas se encontram na mesma posição, segundo Meton, o astrônomo grego. E é a cada 19 anos que Apolo viaja para Hiperbórea. Este era o ano Metoneano, composto de 19 anos correntes. Na verdade, o Ano de Apolo, o Ano Hiperbóreo.

A lenda negra, a grande conspiração, pretende fazer com que os nórdicos pareçam ser invasores e destruidores. Nada se sabe ao certo sobre a Grécia anterior a ano 1.300 a.C. Ali chegam os "homens de Âmbar", regressam, após as últimas destruições da região hiperbórea, pois já haviam estado ali muito antes. Fundam novas cidades e os principais santuários gregos de Delfos e de Delos. Conforme foi contado por Heródoto. Divindades como Apolo e Artêmis vieram de Hiperbórea. E esse misterioso viajante, Abaris, ou *Ar-bar-is*, que renova a amizade e a relação sanguínea com a gente de Delos. Também chegam Opis e Arge, as sacerdotisas-magas. (E Allouine?).

Enquanto isto, no alto Norte, a terra que unia Helgoland ao continente, submergiu e voltou a aparecer. As Runas foram reencontradas, com as suas tabuletas de ouro.

Se as datas que os arqueólogos e antropólogos nos dão estão corretas, a Época do Bronze haveria acontecido na Europa do Norte e Central, entre os anos 2000 e 750 a.C. Por volta de 1800 a 1500 a.C. estavam os germanos no sul da Suécia e da Noruega, na Dinamarca e Alemanha. Algumas tribos se estabeleceram entre os anos 800 e 300 a.C. no Leste, próximo à Dnieper, e chegaram até o Mar Negro. Ao redor do ano 180 a.C. chegam à desembocadura do Donau, ou Danúbio. A primeira expansão dos vândalos, longobardos e godos, começou na desembocadura do Weichsel, em direção à Europa. Antes que os eslavos aparecessem, o Leste já era terra de germanos. A palavra 'eslavo' vem de 'escravo'. Eram os escravos nos impérios germanos, os nascidos *sudras*, de castas inferiores, sem acesso às Runas e nem aos conhecimentos sacros, sem direito ao Culto e nem ao Sacrifício. É a Igreja Cristã de Roma que passa a lhes chamar de 'eslavos', se posicionando, como sempre, ao lado dos escravos e contra os povos de origem

hiperbórea, e atiçando a rebelião destes contra os divinos ários, contra a raça e o sangue, assim como hoje, com o Papa polaco, "eslavo" (escravo).

Por volta dos anos 1400 a 1200 a.C. os povos nórdicos chegaram até o Egito. Seus guerreiros portavam capacetes com cornos de touro e plumas. Os seus barcos vinham de Helgoland e Jutland. Nas estelas dos templos egípcios estão as suas imagens. São derrotados pelo Faraó Ramsés II, também um nórdico. Porque os hiperbóreos chegaram ao Egito em tempos mais remotos e fundaram o país, como foi dito. Gobineau afirma que vieram da Índia. Spanuth me declarou: "A guerra entre os nórdicos e o Faraó egípcio foi, na verdade, uma luta entre parentes, como a dos alemães e ingleses".

Também Roma é fundada pelos alemães, no ano 753 a.C. Isto foi feito pelos gêmeos Romulus e Remus, filhos de Rea, Silvia. A Loba de Wotan os amamentou. Pertenciam ao povo dos *Italiker* e aos *Umbrier*, provenientes da Ilha de Jutlândia. Todos os fundadores nórdicos de povos foram gêmeos, Reis Gêmeos (Atlantes). Novamente encontramos Reis Gêmeos entre os Alken, os Godos, os Vândalos, os Suevos, os Umbrier (daqui vem a Úmbria itálica) e os Cherusker, a tribo de Hermann, os Queruscos – Armínio, para os latinos – que no bosque de Teutoburgo destrói a legião do romano Varo.

Esta é a verdade dos tempos já históricos, que o judaísmo e a Igreja Católica de Roma destruíram junto com a raça e sangue ário. Não existiu História Universal, nem civilização alguma que não tenha sido criada ou desenvolvida pela raça nórdico-hiperbórea, pela raça semidivina dos heróis brancos, os ários, vindo do Polo, em seu Êxodo e queda de um glorioso passado, após a destruição de Paradesha, de Midgard, a Hiperbórea terrestre, a Idade Dourada.

No País do Âmbar

Eurípides disse: "No País do Âmbar, o Rei dos Deuses celebra as suas bodas".

E quem é o desposado? Poseidon, de posis, esposo. Filho de Gaia e Uranus. Vimos que o nome nórdico hiperbóreo é Njörd. O salvado das águas. Que seja filho de Gaia é muito significativo, pois ela deu a luz ao seu próprio esposo. Portanto, haveria podido ensinar ao seu filho como dar a luz sem intervenção física, adentro. Deste modo, as bodas que são celebradas no País de Âmbar seriam as Mágicas de A-Mor, as antigas Bodas de Hiperbórea que os hindus tântricos chamaram de Gandharva. O Hieros-gamos.

Onde são celebradas estas bodas, depois que o antigo Altar (de alto, de altura, de Paradesha) sucumbiu no desastre dos mundos? Em um penhasco sobrevivente, que eu visitei: a pequena ilha de Helgoland, que os aviadores ingleses, obedecendo ordens dos judeus, estiveram bombardeando por anos, mesmo depois do fim da guerra. Com explosivos, queriam destruir o Deus dos frisões, o Desposado Hiperbóreo.

Frisão quer dizer 'livre': *fri-son*, filho livre; na verdade, filho de Gaia, filho de Poseidon, aquele que se libertou ao se desposar por dentro, com o *Selbst*.

O Deus dos frisões, ou frísios, era Fosite, um filho de Baldur, Deus Ases das Edda. O mais antigo nome de Helgoland era Fostlândia, Fositelândia. Foi sempre sagrada pelo culto de Fosite. Homero se refere a ela como a ilha dos Pheasianos; Phoesia, na "Ilíada". No século VII, Bonifácio, o mesmo que havia destruído o bosque sagrado dos carvalhos dos germanos, tem como objetivo converter também os frisões à força. Todavia, leva

um século para cristianizar a ilha. É na Idade Média que aparece o nome de Heligoland, derivado de Heiligesland, terra sagrada, *terra sanctis*. De 'Heil!', salve, salvação, saudação mágica dos *Minnesänger*, dos Filhos de Woewre, de Ich-Salde (Isolda), ou Ich-Saelde, misteriosa expressão (Ich, em alemão é "eu") que terá a ver com a afirmação do "eu", o seu trânsito ao Selbst, à Mônada individualizada, com o Rosto de Wöewre, da Valquíria, obtido por meio da Boda, da Iniciação de *A-Mor*. A Personalidade ou o Eu Absolutos. A Ressureição e a Imortalidade hiperbóreas.

Vimos que o Hitlerismo Esotérico adotou para si a expressão "Heil!", "Sieg Heil!", junto com a Swastika do Retorno.

Em tempos já antigos, o culto do Deus Fosite foi derivado da sua contraparte feminina, a Deusa Foseta. Tácito nos conta que sobre a ilha de Helgoland haviam templos dedicados às Bodas Mágicas.

Junto com a conversão dos frisões da ilha, pelo Bispo Liudger, enviado de Roma, aparece uma misteriosa Santa Úrsula, ninguém sabe de onde, como patrona de Helgoland. É um personagem do santoral mítico, que vem para substituir Foseta e que nos revela um grande segredo, porque Úrsula vem de *Ursus*, ou urso, animal do Polo *Arctikos*, do Polo com Ursos. *Arcthos*, *Arctus*, Arturo, nomes que se referem ao Urso, e, portanto, ao Polo Norte, à Hiperbórea, origem da Bodas Mágicas, da reunião de ELE e ELA, de ELELA e ELAELE. Este culto foi preservado pelas sacerdotisas do A-Mor. A saga irlandesa e a lenda do Rei Arcthur, do Rei Artur e do Graal, depois se encarregará deste Mistério e da Iniciação ária, polar, dos guerreiros hiperbóreos de Wotan. O nome *Ar-Ur-Os* (Arturo) é rúnico e, de novo, repete o Mistério já explicado em *Os-Ir-Is*. Também do viajante, do peregrino hiperbóreo: Ar-Bar-Is. (Avris, em meu livro "NOS").

"Polo com Urso. Nos relembra que é neste Polo, no Norte, em Hiperbórea, onda a Coluna dos Deuses Vanes e Ases se erguia para sustentar o Outro Céu, entrando na Constelação da Ursa Menor – *Ursa Minor* – que inclui a Estrela Polar fixa. Ali penetrava a extremidade da Coluna IR, o Fogo de ER, o Vril, que impedia que aquele céu desaparecesse. Até que o Vril foi perdido, o Fogo se apagou.

Para Helgoland iam os guerreiros da Sagrada Ordem de Wotan para efetuar as suas Bodas Mágicas, no templo de Foseta. Desposavam a sua Valquíria, no Matrimônio Gandharba.

Ali também cheguei, para encontrar a ilha devastada, a "*terra gaste*", sem alma, do mesmo modo como Otto Rahn viu a Islândia, a pátria adotiva dos Edda. A alma se secou, a paisagem morreu, junto com a partida do Führer e com o novo Ragna-Rök, o Crepúsculo dos *Sonnenmenschen*. Era inútil os judeu-ingleses bombardearem o penhasco. Estavam bombardeando um cadáver.

O lugar sacro das Bodas Mágicas, o local de honra do Graal, se mudou para o Outro Polo, uma Montanha dos Andes, para o refúgio secreto da Cidade dos Césares.

Assim ressurge agora o Hitlerismo Esotérico. Assim se preserva o Graal.

A Idade dos Heróis

Com o fim da Idade do Bronze, o Dwapara-Yuga, antes de começar a Idade do Ferro, ocorre o interlúdio, o Sandhya e o Sandhyansa, com o seu tempo de duração predeterminado. Os tempos já históricos correspondem à Idade Mais Escura, de Ferro,

ao Kaly-Yuga. Antes não houve História, somente Lenda e Mito, a sua encarnação e projeção. O que é esse Crepúsculo intermediário entre os Yugas? O que acontece ali? Nada, repouso absoluto? Não. Talvez uma rendição de contas, uma *Rechnung*, um balanço, uma recapitulação da força, quando a Vontade de Poder contempla a si mesma, se senta na Pedra do Eterno Retorno, por um instante, antes de prosseguir ad aeternum, no recorrido do tempo circular.

Mas o círculo deverá ser incluído dentro de outros círculos. A caixa de chá chinesa, o jogo de espelhos. Pensamos que o que acontece no âmbito maior, no macro, nos Kalpas, nos Manvantaras, nos Yugas, nos Sandhya e no Sandhyansa, deverá se repetir para adentro, também no âmbito menor, no micro. Ou seja, em cada Yuga será expresso, de algum modo, o acontecer de todo o Manvantara, assim como no Manvantara se dará todo o Kalpa. Apesar do horrível estado que este envolve, no Kaly-Yuga em algum momento deverão ser reproduzidas, em forma miniaturizada, se intensificando em um tempo que se acelera, a Idade de Ouro, a Idade de Prata e a Idade de Bronze, antes de cair diretamente no desastre que marcará o final do ciclo.

Hesíodo nos fala de uma Idade do Herói, entre o final da Idade de Bronze e a Idade de Ferro. Pode ser que compreenda este interlúdio permitido do Sandhyansa do qual nos falam os indo-ários.

Para o nosso tempo, a Idade do Herói foi assinalada pela vinda de Adolf Hitler. Com a encarnação do seu Avatar, é aberta "para dentro" a possibilidade enorme, grandiosa, da última Idade dos Heróis, antes do final que se aproxima, com o completar-se do Kaly-Yuga e o encerramento do Manvantara. Depois, a Grande Noite. O descenso a um planeta de chumbo.

Por uma estranha decisão do Destino, talvez por uma sorte de acumulação de imagens, o Sentido obtém uma oportunidade de ação, de intervenção, que poderá ser cumprida com êxito assim como também passar desapercebida. Por isso, a Idade do Herói chega a ser o momento mais importante dentro do Círculo do Yuga e quiçá até mesmo do Manvantara. A mais dramática e a última oportunidade que se oferece ao *vîra* para poder sair do Círculo dos Círculos e espiritualizar à Terra, podendo vencer a entropia da involução. Na Idade de Ouro não houve Iniciação, porque não era necessária. É muito possível que a nossa Iniciação e tudo o que temos escrito neste livro corresponda ao Yuga dos Heróis unicamente. Isto é, o Hitlerismo Esotérico e a Ordem Guerreira de Wotan são a Iniciação e a Organização Iniciática desta sombria Idade, deste último tempo dos tempos; do entretempo, do último Sandhyansa, antes do definitivo Ragna-Rök na Idade de Ferro.

O Herói é o semidivino que pode recuperar a divindade total, a imortalidade; o vîra que se transmuta em divya, por meio da Iniciação hiperbórea, polar (de ambos os polos) de A-Mor, em companhia da sua Valquíria, com as armas em mãos. Tal imagem nos é concedida em Hércules-Héracles, arrebatando à força a Maça de Ouro no Jardim das Hespérides; em Jasão, encontrando o Velocino de Ouro, na Árvore Polar do Jardim de Induna, ou Idhuna, graças à ajuda da sua Valquíria, Medeia. É Prometeu, ensinando a Héracles o Caminho do Ouro alquímico e do *Incesto Philosophal*, uma vez que fora liberado do seu tormento no Cáucaso. E é Parsifal, conquistando o Graal somente com o seu "furor antigo", o da Horda Furiosa, o da Wildes Heer, sem Deus, mas com o pensamento da amada, ou com a amada no pensamento, tal como Atenas sai da Cabeça de Zeus.

Sendo assim, o *vîra* tem possibilidades que quiçá não sejam dadas a nenhum outro neste suceder dos Yugas. Pode chegar a ser totalmente consciente do Mistério e, deste modo, abrir caminho para o seu 'Eu' por um trajeto que não senha sido transitado nem sequer pelos Deuses, em todas as Idades deste Universo fechado. E isto porque o Caminho não existe; o herói o "faz ao andar", o inventa, o abre com os golpes da sua Espada. É um Caminho Inexistente, uma Flor Inexistente. Não existe, porque conduz a algo que tampouco existe: um Sonho nunca sonhado sequer pelos maiores Peregrinos da Nostalgia. Mais além do Círculo dos Círculos, dos Deuses, dos Arquétipos e das estrelas. Na pura inexistência do Raio Verde.

Somente os heróis tem esta possibilidade, os semidivinos, os que deste modo nasceram; mas não todos a realizam. É muito difícil. O herói terá que arriscar tudo, a sua morte física e espiritual, o seu despedaçamento, a tortura, a traição, a solidão máxima. E sem jamais soltar da Espada, deverá se manter firme, inquebrantável, resistindo as angustias e as dores até o fim, até a última prova, até a última dúvida, quando houver acreditado que tudo tenha sido em vão, que nada tenha sido certo, que somente a sua mente, as suas criações mentais lhe levaram a este transe fatal e com o colapso do Universo sobe o seu ser completamente despedaçado.

Se o Herói passar por esta prova, se conseguir suportá-la, no outro lado, no Valhalla de Wotan, a sua Valquíria, junto com o Pai dos Heróis, reunirá os seus pedaços dispersos, ressuscitará a gloriosa carne, agora de *Vraja Vermelha*, imortal, lhe permitindo partir em direção à uma região até a qual somente a sua Valquíria poderá lhe seguir, porque "ela é a sua única companhia e [ele] já não terá outra, nem sequer dentre deste sonho jamais sonhado...". O seu Caminho não tem nome, é o Caminho Inexistente do Raio Verde.

O impulso foi dado aos Heróis nesta Idade, veio com o Avatar do Führer, Adolf Hitler. A sua vida é o luminoso presente que nos foi entregue, o seu valor sobrehumano, a sua vontade de aço como a Espada de Siegfried, a sua fé no Fogo que lhe consome, a sua firmeza mesmo entre as ruinas materiais e espirituais que acumularam a traição. E a sua concepção do A-Mor, a sua visão da Amada Eterna, que existe somente na sua cabeça, mais do que na dura Terra, como Atenas na cabeça de Zeus. E que se vai com Ele, onde quer que ele vá. A sua lealdade sublime ao camarada.

Quem quiser saber mais sobre este símbolo dos heróis deve ler e reler esta obra extraordinária de August Kubizek, "Hitler, Meu Amigo de Juventude". Como nenhuma outra descrição, surge a evidência do predestinado, da encarnação de uma divindade, que veio para lutar e sofrer por um momento entre os heróis, para lhes ajudar. Tornou possível a última Idade do Herói. Terão sido salvos e se salvarão, alcançando a Imortalidade junto a Ele, unicamente os que lhe sigam até o fim e lhe sejam leais até a morte, imitando o seu exemplo luminoso, lhe envolvendo em seu Fogo que consome, adorando o seu Emblema, a Swastika do Retorno ao Mundo onde Ele agora se encontra. E onde nos espera.

"Porque não há nada mais belo neste mundo do que ressuscitar após haver sido despedaçado", diz o "Popol Vuh".

Mas, nem todos que morrem heroicamente entrarão no Valhalla e serão ali reconstituídos, imortalizados. Unicamente os que morreram combatendo o Inimigo, o Lobo Fenrir, com plena consciência do combate, enfrentando a morte como uma Iniciação. A Iniciação do Hitlerismo Esotérico. Para isto há números fixos. Hoje, as portas

do Valhalla se encontram fechadas. Somente mais 108 heróis poderão entrar. São os *Einherier*.

A chave nos foi dada nos Edda, no "Canto de Grimmir", ou *Grimmirlied*. Ao ponto de dizermos que os textos hindus que nos falam dos Kalpas, Manvantaras e Yugas, tomaram isto dos Edda (*Edda* = Veda).

"500 Portas e 40
Conosco no Valhalla,
800 Einherier
Sairão por cada uma
Quando o combate será contra Fenrir"

Einherier, guerreiros magos, guerreiros-místicos. O Lobo Fenrir, o Monstro, o Inimigo, que destruiu os Ases, o próprio Wotan-Hitler, no Crepúsculo dos Deuses, no Ragna-Rök. Estes guerreiros – Einherier, a Wildes Heer de Wotan, a sua "Horda Furiosa" – sairão pelas 540 portas do Valhalla para travar a Última Batalha, comandados por Odin-Kalki, pelo Führer, o Último Avatar do Deus Dourado, Hiperbóreo.

Neste mesmo Canto dos Edda nos é dada a exata duração do Kaly-Yuga, do Crepúsculo dos Deuses: 432.000 anos. Este número é obtido multiplicando as 540 Portas do Valhalla pelos 800 Einherier que sairão por elas.

O número 108 dos heróis que ainda poderão entrar (ou sair do Círculo dos Círculos, por meio do Hitlerismo Esotérico) é obtido da seguinte maneira: 800 Einherier (*Ein* em alemão é 1) mais 1 = 801. Este número lido ao contrário é 108.

O número hiperbóreo é o 5, da Estrela Polar. Esta Estrela de Cinco Pontas foi também roubada pelo Inimigo. Atribuída a Moisés, hoje a usam os judeus da América do Norte e no Kremlin, como o seu emblema, para combater os ários nórdicos: o Pentágono. Os Hitleristas Esotéricos já mudaram o número 801 dos Einherier que saem, pelos dos 108 que entrarão no Castelo da Estrela da Manhã – Morgensburg-Morgenstern-Oiyehue-Lúcifer – para travar o Último Combate contra o Lobo Fenrir e vencer. É o mesmo, somente que visto do Polo Sul, em reverso, com a Swastika Levógira, a do Retorno à Hiperbórea, ao Homem-Estrela.

540 é decomposto em 5 e 4. Somados são Nove. 108 é decomposto em 1 e 8. Somados também são Nove. O número sacro por excelência, onde todos os seus múltiplos sempre produzem o Nove.

Na obra de Rudolf John Gorsleben, sobre os Edda e as Runas, "Hochzeit der Menschheit", o mesmo tema é tratado. O segredo do Destino está clus, cifrado, nos Cantos Sagrados dos Edda. O tempo dos Heróis (Einherier) ainda permitidos e o final já próximo.

Para os que aspiram a morrer heroicamente, magicamente, pelo Führer, é preciso lhes explicar que o número 108 admite mais zeros, porque estes não alteram o simbolismo das cifras. Os zeros se encontram no 801 e 108, respectivamente; mas não poderiam ser agregados ao homem, nem sequer pelo *vîra*. O único que pode fazer isto é o Avatar, Wotan, Thor, Hitler. Somente ele, que já saiu do Círculo – um Tulku – pode fazer uso do Círculo, apresentando uma nova possibilidade aos outros Einherier.

A Morte de Baldur

Wotan, o Caçador sem descanso, parou o seu cavalo Sleipsner em meio aos bosques da bela Asgard. Aguçou o seu ouvido, pois pensava estar escutando um tênue murmúrio, um eco melancólico entre os carvalhos dourados, como o chamado de uma corneta de chifre ao longe. Ele já conhecia esta música, este anúncio premonitório, como se este acontecimento fatídico estivesse para se repetir no Eterno Retorno do Mesmo. Dirigiu o seu único olho, primeiro ao corvo que voava ao redor da sua cabeça, e então aos lobos que marchavam sob a sua sombra. Eles não lhe disseram nada. Então Wotan fez com que Sleipsner trotasse novamente e começou a calcular o tempo transcorrido e o que faltava para o Ragna-Rök, pela combinação do movimento das oito patas do seu corcel.

Assim chegou Wotan, comovido, junto a Frigga. Eles sabiam que tudo sempre recomeçaria com a morte do Filho, com o assassinato de Baldur. Então Frigga tomou a iniciativa e partiu para os extremos de Asgard, visitando todos os seres vivos, os gigantes e os Alben, os seres visíveis, os animais, as plantas e as pedras, fazendo com que estes jurassem que jamais fizessem mal a Baldur. E todos juraram, porque todos amavam o jovem e luminoso Deus. Sendo assim, Frigga pode regressar feliz aos Ases para lhes comunicar a boa nova. Os Ases se sentiram contentes e rodearam Baldur. Um disse: "Permita-nos ver se o juramento é efetivo, e se nada pode te prejudicar". Arremessaram lanças, flechas e grandes pedras contra ele. Todas caiam ao solo antes de lhe tocar. A madeira e a pedra cumpriam assim o seu juramento. Baldur sorria. Os Deuses dançaram alegremente ao seu redor, cantando: "Baldur se salvou e o Reino de Asgard também!...". Baldur era o Sol Negro e os Ases os astros deste outro firmamento de Asgard. Muito depois, esta Dança seria de novo executada por Krishna, o Deus Azul, o oitavo Avatar de Vishnu, com a sua amada Radha, nos Jardins de Vrindaván. A Dança se chamaria Raslila.

Os Ases acreditavam que assim havia sido salvo o Antigo Céu, o Antigo Sol e a Luz fixa, eterna, imóvel. Porque Baldur não morreria desta vez.

Mas ei que Loki, sentado em um rincão dos bosques de Asgard, sentiu que a inveja o consumia. Loki sempre foi um causador de desgraças. Ele podia mudar de forma conforme a sua vontade. Transformando-se em uma anciã, foi até onde se encontrava Frigga e lhe disse: "De verdade acreditas que Baldur não pode ser ferido? Não é assim". A Deusa Frigga lhe respondeu: "Tenho o juramento de todos os seres visíveis e invisíveis. A sua *honra se chama lealdade*".

A anciã quis se afastar, mancando, mas Frigga a deteve: "Fique! ... O que pode causar dano a Baldur? Por um acaso o visco?...". Este nome escapou da boca da Deusa sem pensar. "Sim", disse a anciã, como que para si mesma, "o visco". E se distanciou, gritando: "Tenha cuidado, muito cuidado!..." Mas a Deusa Frigga exclamou: "O visco não jurou, porque não pode fazer um juramento, não existe por si mesmo. Somente existe através da árvore". E assim se tranquilizou, pedindo aos Ases que seguissem com a sua celebração.

Retirado, aparte, junto a um carvalho, estava o cego Höder. Não podia participar do jogo dos Ases. Escutou uma voz que lhe murmurava junto ao seu ouvido: "Pobre Höder! Talvez desejes participar da festa de homenagem a Baldur?...". "Sou cego", disse Höder. Mas a voz acrescenta: "Tu podes. Sou amigo de Frigga e ela te envia esta flecha para que dispares. Eu te indicarei a direção e tu o farás". A flecha havia sido feita por

Loki com o visco. Ele a entrega a Höder; lhe ajuda a puxar o arco, e o mira em direção a Baldur. O cego lança a flecha e atravessa o coração de Baldur.

Os Deuses se precipitam ao lado do Filho. Baldur está morto. Um pássaro escuro voa, gralhando sobre as suas cabeças. É Loki que mais uma vez mudou de forma. Mas os seus granidos já não são ouvidos. Sobre o Valhalla desceu a escuridão. Os Deuses dizem: "Nossas flechas não foram. Nós não trouxemos a morte a Baldur". Höder exclama: "Minha flecha tampouco".

"Quem na verdade matou Baldur?...". Nas infinitas Idades tudo se repete. A inveja o matou, o ódio que é despertado pela sua luz e grandeza, até entre os mortais. A cegueira o assassinou, impelida por uma força oculta, que muda, que se disfarça, que vem de um ponto onde os cegos não podem descobri-la. Nem sequer os Deuses Hiperbóreos o saberiam, porque lhes falta astúcia, malícia, para ver através dos seus múltiplos disfarces. O que aconteceu com Loki? Como é possível que sendo ele também um Ases tenha traído aos seus e assassinado Baldur, mesmo sabendo que com isto precipitaria a destruição ao seu mundo e a si mesmo? É o mistério insondável da *Traição Branca*. Loki foi manipulado por uma força mais negra, de fora dele mesmo. Mesmo que chamemos a esta força de "ideo-variação", para assinalar uma mudança acarretada por algo não visível, as ideias tampouco são tidas pelos *vîras*, menos ainda os humanos. Elas vêm de algum ponto desconhecido, fora de Asgard, fora do Ovo de ELELA e ELAELE.

Mesmo sabendo que a sua traição acarretaria a catástrofe à "Asgard do Terceiro Reich", a destruição e partição da Alemanha e a contaminação da raça ária sobrevivente, os generais prussianos e até os SS traíram o seu Führer, a quem haviam jurado lealdade, porque *a sua honra se chamava lealdade*.... "Também tu, Loki?... Ó, Loki!...".

Wotan, enfim rompendo o silencio em que havia se lançado, chama Hermod, o Mensageiro dos Deuses, e lhe diz: "Hermod, sobe em meu cavalo, salta no lombo de Sleipsner e cavalga até o Reino de Muspelheim. Lá encontrarás Baldur. Peça que ele nos seja devolvido, pois não pertence a aquele Reino". E Hermod toma o cavalo de Wotan e cavalga durante nove noites, as mesmas que Wotan precisou pender na madeira de Iggdrasil, até encontrar as Runas. Sempre descendo, vai Hermod, o Mensageiro dos Deuses, por escuros caminhos até o Reino dos Mortos, o Muspelheim.

Enquanto isto, os Deuses Ases preparam a cerimônia fúnebre para o seu corpo em Asgard. O colocam no Barco Walfen. O seu último leito estava ali preparado. Recostaram o seu corpo sobre as finas madeiras que já ardiam. As suas armas e o seu leal cavalo lhe acompanhariam. Essas chamas destruiriam todo o lastro de matéria que pudesse entorpecer a sua marcha pelo Deva-Yana. Então, Nanna, a Esposa terrestre de Baldur, também saltará ao Fogo, no momento preciso, para ir com ele no Barco dos Mortos. Cumprirá assim o Sati. O Fogo de *Sat-Ur-No*. Beija Baldur nos lábios e é consumida pelo fogo com ele. Então, Wotan retira do seu dedo o Anel de Ouro, Draupner, e com ele casa os dois mortos, em uma *Nova Boda*. Nanna, a esposa terrena, até agora nunca havia se aproximado de Baldur.

Antes que as chamas devorassem os recém-casados, Wotan se inclinou junto ao ouvido de Baldur e lhe disse algo que nunca ninguém saberá.

Esta Lenda, este Mito do fim da Idade Dourada, do Crepúsculo dos Deuses, foi cumprida por completo em cada detalhe simbólico, grandioso e tremendo, ao final da Luta de Adolf Hitler, o Führer dos Ários, neste mundo que se já aproxima da sua consumação.

Die Ich-Bin Rune

Apollo, Luzifer, Wuotan's Ewigkeit

4. Baldur

3. Orpheus, Wuotan's Herrlichkeit

3. Wuotan

2. Orpheus, Wuotan's Kraft

2. Wuotan

1. Orpheus, Wuotan's Reich

1. Wuotan

Baldur's Wiedergeburt

A Ressureição de Baldur e o Quarto Reich

Wotan-Baldur. O Yoga-Rúnico Hiperbóreo, a Kabala Órfica, das vibrações e sons, põe em movimento os chakras-Swastikas, dando uma existência (inexistente) ao Quarto Reich de Wotan-Hitler-Kalki, com a "Potência" (Kraft) de Orfeu-Wotan, com o "Portentoso" (Herrlichkeit) de Orfeu-Wotan e com a "Eternidade" (Ewigkeit) de Apolo-Lúcifer-Wotan. É a Ressureição do Vîra, do Herói-Guerreiro do Hitlerismo Esotérico, o Retorno de Baldur-Hitler, que agora diz: EU SOU RUNA! E também um Vimana. A Swastika novamente é a Dextrógira, porque o Vîra se transmutou em Divya, o herói em Super-Homem, em Sonnenmensch. Retornou à Hiperbórea, no Polo Norte (que é o Polo Sul). É o Polo. Também porque no Yoga Hiperbóreo, o caminho é seguido de cima para baixo. Neste caso do 4 ao 1, inspirado, ajudado, possuído pelo Avatar. É o abaixo, no Polo Sul (que é o Polo Norte) onde se recria o Reich de Wotan-Orfeu, de Hitler-Kalki.

Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

No começo deste livro recordei as palavras que foram ditas ao meu Mestre por sua Voz, ao final da guerra, e que tanto nos perturbaram: "Foi vítima das suas próprias criações mentais". A quem poderíamos aplicá-las? E esta "Outra Criação Mental", esta incrível semelhança com o Mito e a simbologia da Morte de Baldur, a quem poderíamos atribuí-la? Lei da "solidariedade", "sincronismo" alucinante, acaso cheio de sentido, "criação mental" de um *Cérebro Externo*, fora do Círculo dos Círculos? Otto Rahn dizia: "O Mito, a Lenda, pertencem à imaginação, mas não do homem. São Imaginação, Poesia de Outro Universo". Esta Poesia somente pode ser escrita com o sangue dos heróis... "porque é tão vermelha, tão intensamente vermelha...". De *Vraja* imortal.

O Barco Waffeln, do Polo Norte, navega sob a água, com todas as suas luzes acesas, levando a semente de uma Nova Idade de Hiperbórea, promessa de Ressureição. No Sul do mundo será substituído pelo Caleuche, que portará os heróis até o Oásis de águas tépidas da Antártica, do Polo Sul.

O batismo foi de Fogo. Portanto, a Boda Mágica.

Enquanto isto, Hermod chegava às portas do mundo subterrâneo. Uma sombra lhe fechou o caminho, Modgud, a Cuidadora do Umbral. "Sou um Ases", disse Hermod, "irmão de Baldur, e venho para levá-lo de volta à vida, de regresso à superfície da Terra, para que possamos reconstruir Asgard. Ele não é deste mundo subterrâneo, tu bem o sabes". Modgud lhe deixa passar e lhe conduz em direção ao Norte, cruzando pelo interior do Sul. Sem dificuldades, avança Sleipsner. Assim chega onde Baldur se encontra, em uma grande sala, sentado em uma cadeira alta. Ao seu lado está Nanna. Hermod lhe diz: "Escuta-me, Baldur, os Ases pedem que retornes, que regresses à vida. Tu não podes seguir morto. Vamos ao Valhalla". Mas Baldur não responde. Se escuta uma grande voz que vem de algum lugar invisível: "Não. Baldur não voltará. Permanecerá aqui, enquanto não chorarem todos os seres pelo seu regresso à vida, enquanto não lamentarem pelo o que perderam". Baldur faz um sinal de despedida a Hermod e lhe entrega o Anel Draupner, que é o Sinal dos Dias Eternos.

Quando Hermod regressou à superfície do mundo, partiram em todas as direções os mensageiros dos Deuses, dizendo: "Chorem, chorem todos a morte de Baldur! Peçam pelo seu regresso entre nós!...". Os gigantes choraram nas alturas dos vales, dentro da Montanha da minha pátria. Também os seres invisíveis e os Siddhas no mais alto céu. Muitos de nós ainda continuamos chorando. Mas, dentro de uma caverna, em uma dobra da Terra, uma escura sombra não chora. É uma anciã de boca desdentada e com os olhos secos. "Eu sou Tock, a Escura", diz. "Por que hei de chorar? De que me serviu Baldur enquanto vivia? Ele foi o inimigo de tudo o que eu represento". A anciã se converteu em um peixe e se escondeu debaixo da água de uma cascata. Era Loki, o traidor, o que muda, o assassino que se disfarça, que se oculta com as mil formas do Samsara.

O meu Mestre também foi em busca de Hitler, como Hermod, o Mensageiro dos Deuses. E lhe encontrou sob a terra. Lhe chamou, mas Ele não veio. Sua hora ainda não havia chegado. Retornará ao final deste duro tempo, cavalgando o Sleipsner, o de Oito Patas, ou Oito Caminhos, o Cavalo Branco de Kalki. Em sua mão direita empunhará a Espada Flamejante de um Cometa. E virá para resgatar os seus heróis, com a sua *Wildes Heer*. Para derrotar o Inimigo para sempre.

O seu Anel Draupner, o da Recordação dos Dias Eternos, foi por mim preservado.

III PARTE: O OUTRO POLO



INICIAÇÃO POLAR

A noite sonhei que me encontrava junto a um camarada da Ordem de Wotan contemplando o céu noturno. Estendia o seu braço e me mostrava o horizonte: "A Terra é um barco", me explicava, "essa é a sua quilha e vai navegando naquela direção". Creio que era em direção às Plêiades. Acima, muito acima, uma pomba branca traçava círculos. Disse: "Esse pássaro vai pousar no mastro do barco".

Era uma visão polar, do Êxodo. Onde o barco irá encalhar?

O Avatar de Parasu-Rama marca a grande crise da involução. Parasu significa machado. É também Thor, o Deu com o martelo. Quando o tempo muda, quando o tempo se acelera e o mastro da Terra já foi desviado, o solstício de inverno assinala a divisão entre a sombra e a luz, entre a morte e a ressureição. Com um machado, Rama divide os tempos, assinala a perda de Hiperbórea, o êxodo e a possibilidade de um remoto retorno, de uma ressurreição. E é Parasu-Rama, o sexto Avatar de Vishnu, do Deus loiro, hiperbóreo, que, fazendo girar a Swastika Dextrógira do Êxodo, vai guiar as suas hordas hiperbóreas em direção aos quatro confins da Terra: a bordo, estibordo, à proa e à popa. É Thor que, portando o martelo, partirá e talhará as rochas gigantescas. Acolá, na parte mais distante dos gelos, que já cobrem o Monte Meru, o Jardim de Paradesha, a sacerdotisa Völa prevê: "Um dia um novo Avatar do Deus loiro, um Profeta, um Führer da Raça Hiperbórea, reunirá os seus guerreiros dispersos, os seus heróis, os seus *vîras*, e os trará de regresso à Asgard celeste. Sobre a proa do Navio brilhará o seu Emblema, a Swastika Levógira do Retorno, da Ressureição...".

Em tempos já muito remotos, os hiperbóreos chegaram à América, ou ao que que deste continente então existia. Fundaram as colônias sacras, construíram as suas cidades ocultas. Disto não há traços, exceto na lenda que remonta às idades: Paiti, o El Dorado, Elelin, Trapalanda, a Cidade dos Césares, Aztland, Tule, Tola, os caminhos subterrâneos para o centro da Terra, as portas invisíveis nas ruinas de velhos monumentos, no Templo de Kalasasaya.

Também nos tempos históricos foram apagados os rastros destes "Deuses Brancos" que, partindo do Polo Norte, alcançaram o Polo Sul. Mas os "escravos da Atlântida" recordam e falam disto. Os buscam, esperam o seu retorno. Vigiam zelosamente as entradas dos seus refúgios secretos.

Expomos as nossas reservas quanto à autenticidade da "Crônica de Oera Linda"; mas não podemos duvidar da veracidade da saga frísia que a respalda. Ali se fala de um Rei Marinho, chamado Inka, que navega em direção a um longínquo ocidente e não volta mais. Por isso, o Império dos Incas, Ingas ou Inkas, que surge de repente, da noite para o dia, no estranho sul. E os índios do Chile, os mapuches ou araucanos, que declaram a Ercilla, o poeta-conquistador, serem descendentes dos frisões.... Falaremos sobre tudo isto. Os Reis-Marinhos partem em todas as direções, quando o seu mundo nórdico submerge nas águas. São dirigidos pelas Mães, custódias das "Lamparinas" sacras, do Fogo. *Min-Er-Va*, a Burgtmaargd, Rainha do Conselho de Virgens que custodiavam o Fogo no Walhallagara, desembarca na Grécia e funda Atenas, palavra frísia que não tem significado na língua grega e que significa 'amigos'. O Rei Friso chega à Índia e estabelece uma colônia nórdica no Punjabi, mil e quinhentos anos antes da nossa era. Alguns frisões retornam com Alexandre Magno, que conquistou o norte de Aryavarta (Índia) em uma

campanha relâmpago (Blitzkrieg), montando o seu cavalo Bucéfalo, de quatro patas apenas. Os seus antepassados hiperbóreos mais antigos já haviam ocupado a Índia até o Himalaia, milhares de anos antes.

Por onde vão, os hiperbóreos levam consigo o Fogo sacro polar. Contei, em "La Serpiente del Paraíso", como encontrei este Fogo ardendo eternamente nos cumes himalaios de Kedarnath. Era o Fogo de Trijuginarain, que fora aceso quando das bodas de Shiva e Parvati, no cume do Monte Meru. Os Deuses Brancos o levaram até o Polo Antártico e é o seu calor que mantém esse Oasis temperado em meio aos gelos. Eles traçaram ali as passagens subterrâneas de milhares e milhares de anos, e que a expedição hitlerista de 1939 encontrou nas pradarias do gelo antártico da Rainha Maud, junto com os Oasis de águas cálidas. Estão ligados à Terra Oca, às Cidades secretas do Interior, onde se refugiaram os primeiros hiperbóreos, escapados do desastre que mudou os polos.

Quem foram aqueles que vieram, navegando o mar celeste, guiados pela branca paloma polar? Somente com as Runas é possível penetrar este mistério.

Os primeiros Guias, os legendários reis, os Führer ários, os "nascidos duas vezes", eram "dois", eram gêmeos. Em "El Cordón Dorado", nos referimos ao segredo de "Taoma". (O "Evangelho de Tomás") em relação ao Kristos. Tomás foi o seu irmão gêmeo, seu Taoma. Na verdade, o seu duplo, o *Astralkörper*. (O único que "se parece com ele"). Sendo assim, os reis gêmeos da Atlântida eram apenas um: o rei e o seu "duplo". O visível e o invisível, que "reina, mas não governa". ("Le roi fainéant"). Os dez reis da Atlântida foram então cinco. Runicamente, isto é explicado com o nome do Deus Hiperbóreo, Yrmin. YR-MAN, ER-MAN, Herman, "Hermano". A Runa YR (da Morte), e a Runa MAN (da Vida). As duas juntas compõem a Runa HAGAL: o Homem-Completo, visível e invisível, vivo e morto, não vivo e não morto, mais além da vida e da morte, movendo-se em dois mundos simultâneos, por igual. O Aryo, o *nascido duas vezes*, o "Gêmeo". O Rei Gêmeo, o Deus Yrmin, HER-MAN. Isto significava originalmente HER-MAN-O. ER é a Força, a Energia extra-cósmica, o Vril. A coluna que sustenta o Outro céu, o Mastro do Navio. Daqui vem Ger-man-o. O nome deste Deus era ERMANERICH.

Após a grande catástrofe, somente o "homem invisível" pôde seguir existindo, o "Gêmeo", ER, o Poder, a Força. E foi este que viajou ao outro Polo e entrou nos refúgios, nos Oásis, nas Cidades subterrâneas. Eu o vi dentro dos Andes, com a sua forma arquetípica gigantesca. Pouco a pouco foi dando vida a um mundo imenso de vulcões, de cumes, de lagos e bosques impenetráveis. Introduzindo a sua presença na matéria, aprisionando-se no her-man-o, no gigante Gêmeo de outro Polo. No Grande Sul encontrou IS-IS (ELAELE), também uma Gêmea. E a Runa EHE: ... O *A-Mor* Mágico.

Deste modo, agora o Polo Sul passa a ser a quilha do navio da Terra, que orienta o seu rumo em direção à Estrela da Manhã.

Estamos novamente perante uma Iniciação "sincronística", solidária, que inclui a matéria terrestre, com a morte de um Continente, de Hiperbórea, do Polo Norte – uma *morte mística* – e a sua ressureição no Polo Sul Gêmeo. No Polo Antártico, sem Urso, sem Ursa Menor. Mas com a Cruz do Sul, com a Swastika Levógira da Ressureição e do *A-Mor* Eterno.

Os Deuses Brancos

Desde os tempos de Hiperbórea, os vîras nórdicos reativavam os seus chakras, os seus centros rúnicos, de cima para baixo, em sentido oposto do Yoga de Patanjali, que o faz de baixo para cima. Buscavam a saída pelo outro Polo, valendo-se assim de ELAELE, do elemento feminino, por assim dizer, da Sacerdotisa-Maga, da Valquíria, de Woewre, no Polo Sul.

De algum modo o Drama extra-cósmico e a involução dos Yugas se repete. O Estrangeiro, o Exilado, entra no Universo da matéria do Demiurgo por algum buraco, janela ou dobra; por Sunya, o Sol Negro, a Janela de Vênus; o seu mantra é HAMSA. O Estrangeiro é feito prisioneiro do Eterno Retorno e da involução dos Yugas demiúrgicos. Repete agora o processo na reativação dos seus chakras, em busca da *Saída* que lhe libertará. De cima para baixo, da Idade Dourada às sombras da Idade de Ferro. Seria possível pensarmos, portanto, em uma certa coincidência entre os Yugas e os chakras. O Satya-Yuga, a Idade Dourada, com o chakra Sahasrara; o seu mantra seria SAHAM; o seu plano, o Outro Céu espiritual; o Treta-Yuga, ou Idade de Prata, com o chakra Ajna; o seu mantra seria OM; o seu plano, o céu, o mental; o Dwapara-Yuga, ou Idade do Bronze, com o chakra Vishuddha; o seu mantra seria HAM; o seu plano, o céu, o éter; o Kaly-Yuga, ou Idade do Ferro, com o chakra Anahata; o seu mantra seria YAM; o seu plano, o céu, o ar. Este último chakra coincide com o plexus cardíaco. E vimos que toda esta Idade Escura foi regida pela contra-iniciação judaica do "Coração de Jesus".

O circuito é cumprido quando a *saída*, Sunya, o Vazio do Sol Negro, com o seu mantra HAMSA, está agora abaixo, no Outro Polo – *polus antarcticus* – os opostos se casando. O *vîra* se tornou redondo. É um *divya*.

No Yoga nórdico, hiperbóreo, os Chakras-Runas são mais numerosos, podendo coincidir, além do mais, com os Sandhya e Sandhyansa, além de vários sub-Yugas. O Chakra Manipura coincidiria com esse interlúdio onde, após o fim de um Yuga, a "Expiração", a Vontade de Poder, faz o seu balanço, passa o seu *Rechnung*[19], contempla a si mesmo: os Sandhya e Sandhyansa. O Chakra Manipura é como um Sangham, ou seja, um ponto de reunião dos rios da alma, no *plexus solar*. O seu mantra é RAM; o seu plano, o céu, o fogo. E são a água e o fogo que dão fim a um Yuga, à uma Idade. Na linguagem das Runas este centro é chamado *Bebe-Brücke*, "Ponte Rúnica", do "Tremor das Runas".

No Livro Rúnico do Sohar é dada uma importância fundamental aos *Goten*, ou Godos. Este nome deriva de *Gute*, "bom". O "bom" vem de Deus; *Gut* procede de *Gott*. A origem dos *Goten* nos é desconhecida (como a dos Vanen e dos Asen). Somente se sabe que ao redor do ano 800 a.C. descem para as regiões do sul da Suécia, de Jutlândia, em Schleswig-Holstein, e se dirigem às regiões do leste da Alemanha. A história os remonta à ilha de *Gotland* (terra de Deus; dos *Goten*). Mas os Godos vêm da submergida Hiperbórea, verdadeira Pátria de Deus, dos Deuses. Pertencem à tribo ou comunidade mais sacra dos ários germanos. Os seus Reis Gêmeos conquistarão toda a Europa e se instalarão por vários séculos na Espanha, vindo agora do Leste, divididos em dois ramos: os *Ostrogoten* (Ostrogodos), Godos Brilhantes, reluzentes como o Sol do Polo, e os *Weisengoten* (Visigodos), os Godos Sábios, como um Deus.

[19] Ver o meu livro "Nietzsche y la Danza de Shiva".

Entre os anos 150 e 484 da nossa Era, os godos conquistam e colonizam regiões como a Rússia, o sul da Turquia, Áustria, França e Itália, com o seu Rei Gêmeo, Alarich. E finalmente, a Espanha. O Languedoc foi terra dos Visigodos. Os Wandalen, os Vândalos, dirigidos pelo seu Rei Gêmeo, Geiserich, cruzam a Espanha e passam para a África, onde fundam um reino, que sucumbirá com o rei Gelimer.

Os Godos, os *Weissegoten*, portavam consigo um Tesouro, uma Pedra misteriosa onde estava gravada a Lei e a Sabedoria dos antepassados, uma Tábua Luminosa, um estranho Poder: o Graal. Este Tesouro foi sempre posto a salvo em seus combates e em suas derrotas. Nunca caiu nas mãos do inimigo. Era o Tesouro de Hiperbórea. Junto com os seus dirigentes secretos, nunca foi achado. Até que os SS o recuperaram nas cavernas de Sabarthe, próximo à Montsegur, colocando-o em local bem à salvo no Gralsburg de Berchtesgaden, onde conseguiram decifrá-lo. Mas este Tesouro era somente uma parte do Graal. A mais secreta sabedoria foi transportada, em séculos muito remotos, ao Outro Polo. Agora já se encontra novamente em posse dos Hitleristas Esotéricos, os atuais *Weisegoten*.

Acredita-se que os Visigodos faziam parte de uma Ordem muito secreta com sede na região do Báltico, a "Ordem do Raio Verde". Foi dali que teria vindo a instrução para que desaparecessem, abrindo caminho para os Merovíngios. Iremos investigar tudo isto mais adiante.

Como se sabe, os Godos se converteram ao arrianismo, uma espécie de cristianismo nórdico, cuja Bíblia haveria sido escrita por Wolfila, ou Wulfilas, também adulterada. Todavia, a sua verdadeira fé era a de Wotan e Thor. A gravaram em seus monumentos rúnicos, levantados por eles e os seus com os seus *Himmels-Steine*, as suas Pedras da Sabedoria do Céu: os menires, dólmenes e cromeleques. Os *Hünenbetten*, *Brunhildbetten*, os "leitos dos gigantes", os "leitos de Brunhilda".

A palavra Deus, Gote, "das Gute", "o bom", é uma expressão nórdico-germana, adotada por todas as línguas árias.

Fizemos esta digressão, colocando ênfase nos Visigodos, por isto estar relacionado de forma direta com o tema americano dos Deuses Brancos. Sabemos que neste continente os conquistadores espanhóis se depararam em todos os lugares com a lenda das Cidades Encantadas dos Andes, habitadas pelos "Deuses Brancos", os Ankahuinkas, os verdadeiros fundadores das civilizações da América. Jamais Hernán Cortés haveria conseguido destruir o Império Asteca com apenas um punhado de aventureiros, sem a lenda do Deus Branco Quetzalcóatl e as "visões da Princesa Papán", transmitidas ao seu *er-ma-no*, o Imperador Montezuma. O Deus Branco Quetzalcóatl havia partido do México, aborrecido com os sacrifícios sangrentos, segundo dizem, os quais ele não havia conseguido reprimir. O mais provável é que o Guerreiro-Sacerdote Visigodo, quiçá Viking, Quetzalcóatl, a Serpente Emplumada, havia partido em busca de um novo refúgio para a sua raça, ameaçada pela mestiçagem com os "escravos da Atlântida", sobreviventes no solo americano e que os vikings chamavam *Huitramannaland*, terra de brancos. Iriam em busca das Cidades Secretas dos Andes, descobertas pelos seus mais remotos antepassados hiperbóreos.

A lenda diz que Papán havia morrido e que "ressuscitou" para relatar ao Imperador Montezuma as visões que teve enquanto permaneceu "morta". Viu uma "casa se deslizando sobre o mar". Nela vinham homens brancos e barbados. Pediu ao Imperador que não os combatesse, pois pensava no retorno de Quetzalcóatl.

Hernán Cortés se aproveitou da lenda e das visões de Papán. Destruiu o Império com pouco mais de cem homens.

Esta bonita lenda de Papán deveria ser vista sob uma outra ótica. A Princesa havia sido uma vidente branca, destas tribos germânicas e nórdicas que se estabeleceram na América em tempos muito antigos, uma *Norna*, uma *Asin*, ou *Hagedissen*, uma sacerdotisa de Odin. A sua "morte" seria nada mais que o transe iniciático da "morte mística". E as suas visões? Papán-Allouine se equivocou? Trocou os tempos, colocando o passado no futuro? É possível que ela não tivesse ao seu lado o Intérprete de suas visões, como a Sibila de Delfos; Arbaris havia partido em direção ao *mais ao Sul*, com Quetzalcóatl, em busca do Outro Polo.

Os "Deuses Brancos", tradução para o português de Weiss-Gott, são uma transposição de Weissegoten, de Visigodo. Na verdade, os últimos Deuses Brancos da América são os Visigodos, aqui chegados muitos séculos antes dos espanhóis.

Mais ainda antes, vieram outros antepassados. Para descobrir isto basta contemplar a Intihuatana, ou Pedra do Sol das Rochas de Santo Domingo, no Chile, obra dos Líbios Loiros.

Segundo o professor Jacques de Mahieu, os líbios loiros são os descendentes do homem de Cro-magnon, que havia voltado a descer até a África (depois de haver se "despigmentado" no Polo Norte), durante a última glaciação, cerca de 8 mil anos antes da nossa Era. No paleolítico habitava no sul da França e na África do Norte. Seguindo o Reno, chegou às planícies anglo-escandinavas. De como o homem de cro-magnon, que segundo o professor Wirth era branco, pode ou precisou "se despigmentar", não se sabe nada. Preferimos pensar, como Mereskowsky, que este homem era um "missionário" civilizador da Atlântida e que sempre foi branco. Segundo De Mahieu, por volta de 4.500 a.C. ele deve ter abandonado o Norte com rapidez, quando Hiperbórea afunda no mar. Alguns se refugiariam nos bosques, chegando a ser os nórdicos germânicos. Outros, navegariam até o Sul, descendo até a África e América. São os construtores dos megálitos. Vimos que a crônica frísia também se refere a isto. Os afrescos e as inscrições egípcias nos descrevem os líbios loiros como os Taméhou.

Na Idade do Bronze, os hiperbóreos transportavam o âmbar até o Egito. Os líbios, que já haviam se estabelecido na Grécia, lhes serviam de intermediários. Uma das "Rotas do Âmbar" era o Danúbio. Os hiperbóreos chegavam ao Mar Negro e atravessavam os estreitos que hoje chamamos de Dardanelos, controlados pela Cidade de Tróia. Por volta do ano 2.000 antes de Cristo, os hiperbóreos, com os seus parentes líbios, se apoderaram dessa vila, transformando-a em uma fortaleza megalítica. Novecentos anos mais tarde, os aqueus, também vindos do Norte, a tomariam na guerra que Homero nos relata em "A Ilíada". Se sabe que as castas superiores conseguem abandonar Tróia. Nunca foi possível descobrir exatamente qual foi o seu destino. Virgílio tem por objetivo nos revelar o segredo, em sua "Eneida". Todavia, o professor De Mahieu encontra estes troianos na América do Sul, no norte da Argentina. As provas que ele nos apresenta são irrefutáveis, e consequentemente devendo ser ignoradas e silenciadas pela grande conspiração planetária contra os hiperbóreos e os Deuses Brancos.

América, Huitramannaland, Albânia – seus nomes mais antigos – sempre foram o refugio tradicional dos vencidos, dos luciferinos, dos hiperbóreos, derrotados pelas maiores catástrofes cósmicas, ou pela inimizade do animal-homem. Esta foi a sua verdadeira Arca do Dilúvio, quando das destruições da Lemuria, de Gondwana, da

Atlântida, de Hiperbórea. Alguns Deuses Brancos seguiram as pegadas de outros, sempre suspeitando que os seus antepassados haviam descoberto aqui refúgios inexpugnáveis, talvez as entradas da Terra Oca, nos Oásis da Antártica. Primeiro, chegam os sobreviventes da destruição dos restos visíveis de Hiperbórea (dessas ilhas que submergiram no Ártico, segundo o professor Wirth), e então os líbios loiros, os troianos, os vikings, os templários e, recentemente, os Hitleristas Esotéricos, sobreviventes da última Grande Guerra. Os que chegavam por último eram recebidos pelos seus antecessores. Mas somente os Guias Iniciados poderiam alcançar os refúgios secretos. Somente os imortais seriam recebidos como imortais. O resto deveria permanecer na superfície, se desintegrando na lenta e atroz agonia de uma mestiçagem inevitável, que o professor De Mahieu intitulou “A Agonia do Deus Sol”. O seu primeiro livro se chamou “A Grande Viagem do Deus Sol”.

A obra deste extraordinário investigador francês, radicado na Argentina, ecoou na Alemanha, por certo, e nenhuma profunda ressonância em nossa América, nem nos países chamados latinos. Na Espanha é desconhecida, e no Chile, quase que por completo. Isto não é causal, obedecendo, é claro, uma conspiração direcionada a ignorar toda investigação honesta, pois o seu trabalho põe em perigo centenas de anos de destruição sistemática dos rastros dos hiperbóreos na América e a investigação das “culturas indígenas autóctones”, que eu chamo de “amontoamento dos escravos da Atlântida”. Além desta baboseira da “Raça Cósmica” de um Vasconcelos, ou da “axila racial” de um Antenor Orrego. O professor De Mahieu é antropólogo e nos concede provas inquestionáveis para respaldar as suas afirmações. Me sinto identificado com o seu combate, porque desde muito jovem também fui impelido a buscar os rastros dos Deuses Brancos, em guerra aberta contra o meio deprimente que nos envolve nesta “América Morena”, como a chamam os apologistas da mestiçagem e do mulatismo, os crentes na existência das “culturas indigenistas” e na grandeza de uma civilização da mixórdia, nascida dos detritos que os escravos da Atlântida geram.

Em breve exporemos algumas das descobertas do professor De Mahieu.

Os caminhos chamados do Inca, se sabe que são muitos anteriores ao Império Inca. A sua perfeição era superior a tudo existente na Espanha nos tempos da conquista. Cruzam os mais altos cumes andinos e ainda é possível encontrar as ruinas dos albergues montanhosos, que os índios chamavam de Tampu. Um destes caminhos atravessa a serra de Famatina por uma passagem a 4 mil metros de altura. É o “Portezuelo[20] de Tule”. (Aqui, como na América Central, volta a aparecer a lembrança da Thule Hiperbórea). Também se encontra uma “Quebrada de Troya”. O significado deste nome é ‘Labirinto’.

O professor De Mahieu se refere às descobertas feitas em 1889 por um entomólogo francês, Emile Wagner, encarregado de uma missão do Museu de História Natural de Paris, nas zonas inóspitas do sul brasileiro, do Paraguai e do norte da Argentina. Na Província de Santiago del Estero, encontra uma cultura pré-colombiana, da qual jamais se havia ouvido falar antes. Em 1904, Paul Rivet se interessa por suas extraordinárias descobertas.

Emile Wagner fala de uma cultura neolítica e do bronze de origem extracontinental, de vários milênios de antiguidade. Encontrou cerâmicas, urnas funerárias, vasos, estatuas. A cerâmica gris-negra representa o estilo e os signos hiperbóreos. Wagner também descobre, gravada, a “cabeça de coruja”, que aparece nos

[20] N. do T.: Palavra que significa ‘caminho entre duas montanhas’.

menires, dólmenes e grutas sepulcrais da Europa. As figuras simbólicas e os signos alfabetiformes são similares aos encontrados em Troia. Por certo, na sua época Wagner desconhecia a existência dos líbios loiros. Há inscrições líbias, semelhantes às estelas numídicas do século VI a.C., utilizadas pelos Tuaregue. Para a datação da "cultura de Santiago del Estero", o professor De Mahieu enviou três amostras ao "Centro de Investigação Nuclear", aos "Serviços de Aplicação de Controle Visual", em seus novos laboratórios em Estrasburgo, para fazer uma "radio-termo-luminosidade". Lhe comprovaram uma antiguidade de 3.200 anos. Ou seja, 1.200 anos a.C. para a cerâmica gris-negra, data da construção dos últimos menires na Europa e poucos decênios depois da queda de Troia nas mãos dos Aqueus.

Os crânios estudados pelo professor De Mahieu são dolicocéfalos e correspondem ao homem Cro-magnon. Inscrições de Runas hiperbóreas pré-alfabéticas, representações de Thor e seu martelo, escritura líbica não decifrada, como aquelas que o doutor Stolp havia descoberto na cordilheira andina do lado chileno, ao fim do século passado, tudo isto é exposto por De Mahieu em um interessante artigo publicado em "Paris Match", em sua edição francesa de 19 de novembro de 1982. Mas o mais extraordinário é a sua referência aos indígenas brancos, encontrados pelos espanhóis na Serra de Córdoba, em 1545, na Argentina. Trinta mil habitantes bastante altos, barbudos como os [próprios] cristãos. Eram os *Comechingones*. O seu território compreendia a atual província de Santiago del Estero. Estes estranhos índios portavam vestimentas de lã trabalhadas com esmero. Habitavam casas de pedra, semi-subterrâneas, como as dos escandinavos da Idade do Bronze e *com uma sala para sauna*. Portavam adagas de metal. Eram monógamos. O misterioso nome de Comechingones, para o qual os linguistas não conseguiram encontrar um significado, foi agora analisado pelo professor Munk, da expedição de De Mahieu. Ele o define como sendo de procedência indo-europeia, composta da raiz 'koma', que significa 'vir, chegar', no antigo nórdico, e de 'sineigs', no antigo gótico: "Os primeiros a chegar".

Os Edda nos dizem: "Uma catástrofe expulsou os guerreiros do seu Valhalla, os *primeiros chegados*...". E os mitos e lendas dos Comechingones nos falam de uma lua que foi atacada por um tigre e da serpente da água, que submerge o país onde eles habitavam antigamente. *Uma lua que cai*...

Ao norte da cidade de Córdoba, na pedra do Cerro Colorado, aparecem magníficos litógrafos, com cenas de caça, com cavalos e cavaleiros; e um drakkar (barco viking) tripulado por homens, desenhado do modo típico dos diversos litógrafos da Idade do Bronze escandinava. Mas nenhum etnólogo jamais mencionou, e nem reproduziu certos grupos de signos com caracteres alfabetiformes e que são rúnicos. Somente um geólogo francês, Raymond Chaulot, há cinquenta anos, atribuiu tais inscrições aos vikings.

O "Império dos Troianos", nestes vales da Argentina de hoje, teria durado uns dois mil e quinhentos anos, com os seus cultos, os seus "relógios de pedra", os seus "Intihuatana", com os quais calculavam a "Luz do Ano", o "Drama do Deus Ano" e a "Viajem do Deus Sol", antes da decadência e a agonia ocasionados por uma mestiçagem inevitável com os "escravos da Atlântida".

No lado chileno, nos pampas do Tamarugal, no interior de Iquique, da cordilheira até o mar, às vezes seguindo o Caminho do Inka, nas altas e escarpadas encostas das colinas, de modo que é possível vê-los a grande distância, estão os geólitos, pinturas, decorações, signos traçados ali e de enormes proporções como os de Nazca, que

unicamente da altura de um avião são apreciados totalmente. Nos montes e quebradas aparecem escaravelhos, como os dos egípcios, losangos, círculos, Swastikas, Runas Hagal gigantescas, figuras que foram chamadas de humanoides. Na verdade, são a forma esquematizada do homem, simplificada em suas linhas de forças, que assim o reproduzem no Eterno Retorno, o seu traçado arquetípico na superfície da Mãe Gerda. Há bruxas, bussolas, ou linhas de direção indicando quiçá a precisão dos equinócios, o que nos permitiria calcular a data de uns vinte mil anos, mais ou menos, para estes trabalhos, fazendo referência também à situação astrológica, zodiacal daqueles tempos. Assinalam especialmente as correntes magnéticas da Terra e as correntes de águas interiores, subterrâneas, junto com os pontos de "saída" e "entrada" para outras dimensões, à "Terra Oca", à Cidade dos Césares, dos Deuses Brancos, à Paititi, para onde ao final se dirigiam os Caminhos do Inka. Janelas, buracos, poços negros, bi-locações e tri-locações no espaço-tempo. Lugares onde o deserto deixava de ser deserto, onde "já não se estendia mais", abrindo uma entrada para Paradesha, aos Oásis Hiperbóreos do Grande Sul.

Vi ali, desenhada, a figura de um gigante com um capacete ou roupa de mergulho e com as mãos de somente três dedos, como de um ser procedente de outro mundo, ainda que basicamente dentro do arquétipo rúnico do corpo.

Frente a cidade de Santiago de Chile se ergue o grande cume andino do monte *El Plomo*, que esteve dentro da fazenda dos meus antepassados, os Condes de Sierra Bella (de onde a atual localidade de "Las Condes" toma o seu nome). É um cume de 5.430 metros de altitude. Que mistério! Quem deu o nome Parsifal a este cume nas terras que foram da minha família? Premonição da busca pelo Graal que empreenderia um dos seus descendentes... O Graal na América, no Chile... Em *El Plomo* nasce também o rio Mapocho (Mapuche), e na *Ermita del Rosario*, que fora levantada pelo meu bisavô, dom Pedro Fernández Concha, sobre um penhasco onde três afluentes do Mapocho se cruzam, os meus ancestrais iam orar entre as grandes cordilheiras e sonhar, quiçá, com o Graal. Eu fui lá para encontrar com o eremita Trevrizent.

No cume do El Plomo, os Inkas celebraram um sacrifício, há mais de quatrocentos anos. Era um monte sagrado para eles e não se sabe de outro aqui no qual o tenham oficiado. Deixaram ali um ninho de quase dez anos, de tipo mongoloide, em homenagem a Anti, o Sol. Ele foi encontrado perfeitamente preservado, depois de séculos. Pode hoje ser visto em um museu de Santiago e é conhecido como "La Momia del Cerro El Plomo".

É claro, o nome inca deste cume era Paititi. *Pay* quer dizer 'deserto', e *titi* significa 'chumbo' ['plomo' em espanhol]. Deserto de Chumbo. A Cidade Encantada e Secreta dos Inkas, deserta, invisível por fora. A Cidade dos Césares, Trapalanda, Elellin. Pedro Sarmiento de Gamboa nos disse que Titicaca (*titi-caca*) significava Monte de Chumbo. *Titi* é chumbo. Mas de que chumbo nos fala? Do chumbo alquímico, o da transmutação. Paititi seria a Cidade da Grande Transmutação, a da Imortalidade e da Vida Eterna.

Dizem alguns andinos que escalam o El Plomo, que quando chegam a um ponto destas alturas vizinhas ao cume, as mulas que os acompanham param abruptamente e não há força sobre a Terra que as façam avançar, como se uma linha invisível, que somente elas percebem, as impedisse. Será esta a entrada, a porta, a bi-locação espacial para o grande salto ao outro plano, à Cidade, à Paititi, que os excursionistas e os escaladores jamais poderão perceber ou cruzar? Eles vão e vêm, sobem e descem qualquer cume, porque na verdade não vão e nem chegam a lado algum. São apenas

"mortos que enterram os seus mortos", cadáveres mais velhos que a múmia deste menino de séculos.

Quando eu escrevi "El Cordón Dorado – Hitlerismo Esotérico", eu não conhecia ainda pessoalmente o professor De Mahieu; mas havia lido todas as suas obras publicadas até então. No "El Cordón Dorado" eu reproduzi as suas conclusões sobre a Civilização de Tiahuanacu, me permitindo fazer alguns reparos quanto às datas por ele expostas. Eu me referia aos hiperbóreos. Mas o professor De Mahieu ainda não os havia descoberto na América. Ele unicamente dispunha de uma enorme quantidade de material rúnico viking, o que ele atribuía aos vikings, para não se aventurar a conclusões que poderiam fazer com que a seriedade do seu combate contra a Grande Conspiração histórico-planetária corresse perigo. Agora já há evidências da presença dos hiperbóreos na América do Sul.

É interessante saber que as investigações de De Mahieu tomaram esta direção inesperada, que lhe levariam a empreender uma aventura tão grande, ao se deparar com as fotografias das múmias brancas e loiras dos incas no Instituto Etnológico de Lima. Não passaria muito tempo, todavia, antes de que as portas se fechassem, não podendo continuar com a sua investigação. No Peru já não se permite que estas múmias loiras e gigantescas sejam vistas. Praticamente, as fizeram desaparecer. Como poderiam os sequazes do indigenismo, do mulatismo, da pior das bastardizações, permitir que o mito e a mentira da grande civilização inca de cor, da América morena, negra, amarela, da famosa "Ameríndia", fosse derrubado?

Em "A Grande Viajem do Deus Sol", De Mahieu reproduz uma fotografia da múmia de um inca loiro, de Paracas, Peru, de tipo ário-nórdico. Disto não puderam lhe impedir. Mas as dificuldades para editar os seus livros se multiplicam e o silêncio acadêmico lhe rodeia.

Eu sei bem o que significa esta conspiração, quando as garras do Inimigo se fecham sobre nós e a covardia geral faz o resto. Bem poucos camaradas continuarão nos sendo fieis e nos apoiarão até o fim.

Vinland é um nome que os vikings deram à América. Terra de Vinhas, de vinhedos selvagens. Terra do Vinho. O nome lhe foi dado por um germano, Tysker, no século IX. *Vinland* esteve onde atualmente se encontra Massachusetts. Na América do Norte é possível descobrir os *Turmbauten*, os *Brunhildbetten* e as *Himmelsteine*. Os vikings estiveram em amplo contato com os índios Sioux, Hurones, Moicanos e Pueblos. Todos eles recordam os Deuses Brancos e falam de Tule, como a pátria dos seus antepassados, daqueles brancos que se mesclaram com o seu sangue e que lhes deixaram o culto do Sol Negro, do Fogo e o signo da Swastika. Não faz muito tempo, pouco antes da sua morte, o professor Wirth recebeu na Alemanha a visita de uma delegação de peles vermelhas da América do Norte, que percorria aquele país em busca do "homem que ainda adorava à Swastika". E lhe traziam presentes. Mas esse Homem já não estava mais lá.

Os peles vermelhas conservam o verdadeiro simbolismo da Águia da mitologia hiperbórea, que já não é possível encontrar em outros lados e que foi estudado por F. Schuon em seu livro "The Sacred Pipe" – O Cachimbo Sagrado. Desenvolveram este simbolismo metafisicamente, com a concepção do Pássaro do Trovão, *Wakan-Tanka* (*Wakan* é Wotan), ser sobrenatural que se oculta por trás das nuvens das tormentas e

de cujos olhos saem raios, produzindo os trovões com o bater das suas asas. Este Pássaro luta contra o Dragão do Mal. É o Zeus olímpico, o Júpiter Tonante, o *Ollin-Tonatiuh*, dos astecas; a trilogia nórdico-hiperbórea de Odin-Thor-Tyr. Deuses polares. Quem se identifica com a Águia deve passar mais acolá, até o Pássaro do Trovão, que é algo como a contraparte espiritual da águia física, o que o Monte Meru é para o Kailás, nos Trans-Himalaia. E deste modo o guerreiro índio adquire a energia do Pai Sol, do Sol Negro Espiritual, mais além do sol físico. As águias falam ao guerreiro e lhe dizem: "Lutamos contra as potências das trevas, acompanha-nos". Assim, o herói abandona a sua vida anterior e se entrega ao Caminho do Pássaro do Trovão, *Wakan-Tanka*, dedicando a sua vida a combater os monstros e ajudar as águias em seus combates. E o guerreiro Sioux diz: "Coloquei em minha cabeça duas plumas de *Wakan-Tanka* em reverência a Aquele que está mais além de todas as coisas e do que as coisas nos revelam". A Pedra, por exemplo, a rocha, como signo imóvel do imutável. E o guerreiro de pele vermelha exclama: "Ó, pedras antigas, *Tunkayatapaka*, agora estais aqui conosco! *Wakan-Tanka* criou outros mundos e os colocou próximos a Si. As gerações caminharam sobre vós...". A pedra é a única *cristalização rúnica* que pode ser regenerada, levitada; além do menir, dólmen e cromeleque, ela pode ser transmutada em um UFO. E também a Lança (como na lenda grálica), cristalização do Raio rúnico Sieg (...), e a Pipa, são símbolos nórdicos-polares, herdados pelos índios peles vermelhas. Eles, como dizíamos, desenvolveram metafisicamente, o símbolo ários dos corvos Hugin e Munin, de Frederico Barbarossa, de Wotan e dos parsis, das Torres do Silêncio. Descobrimos melhor o sentido das asas da águia nos capacetes vikings, que os peles vermelhas preservaram em seu cocar de penas, para se cobrir, e nas duas penas [colocadas] sob o seu cabelo: também portam chifres, como nos capacetes nórdicos. Adoram, ademais, os montes sacros, o Shastra, e os pontos magnéticos da Terra. Tudo vive e tem uma alma para eles.



Detalhe da Águia Asteca na Chancelaria de Hitler

Este homem nobre e guerreiro, fiel custódio dos símbolos da raça divina hiperbórea dos Deuses Brancos, que outrora lhe guiaram na Atlântida e então em Vinland, em Huitramannaland, foi aniquilado pela Grande Conspiração, roubando-lhe a

terra sacra, destruindo o seu cosmos espiritual, como também o havia descrito Jung, lhe massacrando física e moralmente, com a Bíblia Judaica em uma mão e um fúsil na outra.

A Águia que ilustra a capa deste livro é a asteca, um símbolo do Sol Negro, polar, que também se encontrava em um móvel da Chancelaria do Terceiro Reich. Hitler a havia desenhado ali, sabendo que o símbolo será do Quarto Reich, do que virá, em uma Outra Terra regenerada por *Wakan-Tanka*, o Pássaro do Trovão, após a sua vitória contra as potências do mal e das trevas, quando o poder *Wakan-Wotan* houver imposto a ordem e a justiça, em um sentido extra-cósmico, espiritual. E o Último Avatar do Führer retornar montado na Águia da Outra Luz, que é o Pássaro do Trovão.



Móvel de Hitler na Chancelaria do Reich, com o tema da Águia Asteca.

Jacques de Mahieu nos conta as peripécias de Ullman, o Homem de Ull. (Possivelmente UR-MAN, Urmensch, o Homem Rúnico). Um viking que afirma ter sido Quetzalcóatl. Perdido no mar, o seu drakkar, com placas de metal brilhante, é tomado por uma Serpente com Plumas. É o ano de 967 da nossa Era. Ullman chega à o que é hoje o México e cria uma civilização para os toltecas. Permanece com eles somente vinte anos, para seguir então à terra dos maias, onde funda Chichén-Itzá, no Yucatán. Aqui será Kukulkan. Todos estes nomes podem ser facilmente relacionados com o danes, o alemão, como também o do livro sacro dos Maias, o 'Popol-Vuh'. (Buch, livro em alemão). Os vikings continuaram até o que hoje chamamos de Bolívia, Peru e Chile, onde por cento e cinquenta anos mantiveram um poderoso Império, com o seu centro em Tiahuanacu: o Império dos Atumarunas. Aqui, os Deuses Brancos são Viracocha, Kontiki, Mama Occl, Mama Runtu. Até 1290, é mantido o poderoso Império de Tiahuanacu, estabelecendo contatos com os templários da Europa, que, uma vez que a sua Ordem foi destruída pela Roma Papal e o Rei da França, buscarão refúgio na América, transportando para cá os seus arquivos, seus tesouros e os seus segredos. O professor De Mahieu descreveu isto em seu livro "Os Templários na América".

Uma vez destruído o Império de Tiahuanacu por um misterioso poder vindo do sul, do que hoje é o Chile (o professor De Mahieu fala de um estranho cacique chamado Cari ou *Kari*, com um reino no que hoje é Coquimbo), os seus chefes escapam por mar e terra. Vão para a Ilha de Páscoa, onde se encontram os seus rastros e uma surpreendente similaridade nos megálitos e alguns *Mohai* com as esculturas de Tiahuanacu. Os que partiram por terra serão tragados pela selva paraguaia e pelo Amazonas. Os índios brancos guayakis, mesclados hoje com os guaranis, degenerados e convertidos em quase anões, os *caiguas*, os *guarayos* de Santa Cruz, na Bolívia, os *chachapoyas* do Brasil.

Eu me referi a isto tudo e às palavras de origem indo-germânica, dinamarquesa, frísia e até sânscrito no quiché-maya e no quéchua-peruano. A linguagem que dos Inkas era o dinamarquês, ou o germânico antigo, que somente falavam entre eles, chamando-o de *Runa-simi*. Nos meus livros "El Cordón Dorado" e "NOS, Libro de la Resurrección", eu tratei do tema, incluindo apêndices com o sentido de alguns termos. Não é o objetivo desta obra fazer uma exposição de temas que pertencem às chamadas ciências históricas, antropológicas, arqueológicas, etc, ainda que a evidência tenha sido ocultada pelas lojas acadêmicas e oficiais. Por isto, remitimos a quem deseje ampliar estes estudos aos importantes livros do professor Jacques de Mahieu, além de às obras que foram publicadas na Alemanha, em outra época, como "A Corte de Lúcifer", de Otto Rahn. O Hitlerismo Esotérico conhecia o tema a fundo e enviou delegações especiais e secretas para percorrer a América do Sul, coletando informação exotérica e esotérica. Na Colômbia, coletaram importantes documentos arqueológicos e peças de arte de um valor incalculável, mais do que por sua beleza, por seu significado oculto. Os hitleristas já haviam tido os contatos com os Deuses Brancos.

O Império dos Inkas é estabelecido em Cuzco, ou *Kushu*, por uma casta de antigos nórdicos, escapados para as montanhas quando do desastre de Tiahuanacu e do Titicaca, junto com os sábios Amautas. Estes remotos descendentes do Rei-Marinho frísio recuperam o que foi perdido, mas já são incapazes de reconstruir a sua antiga grandeza. Nada mais são que um punhado de brancos. Para manter a pureza do sangue, os Imperadores Inkas se casam com as suas irmãs, como os Faraós do Egito. O drama é o mesmo, a agonia da mescla, o "pecado racial". Por mais terrível que isto seja, está ao

nosso alcance verifica-lo neste inferno racial americano, modelo para o que viria a ser a Europa do pós-guerra.

Contemplemos estes alemães chegados ao Chile, faz pouco mais de cem anos, para colonizar o sul, na fronteira com os índios mapuches. Mesmo sem se mesclar com os aborígenes, a sua raça se desintegrou. Porque o sangue, este fluido misterioso, absorve a clorofila das plantas em uma determinada região do ser vivo que é a terra, a radiação dos seus minerais, a energia animal. A potência poderosa e demoníaca que atua na Terra do Demiurgo, acaba por vencer até o sangue mais puro do ário, se este não "nasceu duas vezes", passando pela *morte mística*, chegando a ser um verdadeiro aryo, um Deus Branco, em Paititi. Sendo assim, o *vîra* vai sendo devorado pelo "clima da alma" do mundo de cor americano. O fígado – "*Leber*" em alemão (vida = *Leben*; amor = *Lieben*) – transforma as energias dos alimentos em sangue: *Blut*, em alemão. Aqui se origina o "tipo" e a "raça". Se torna possível a sua continuidade, imprimindo o seu selo, o seu "Eu'. Mas *Blumen* também é flor. O sangue é a Flor da Raça. Uma Flor Inexistente, delicada, fácil de destruir. Da sua folhagem, das suas folhas, das suas pétalas, se alimenta a alma, a "memória" da Raça Iniciática Hiperbórea. Aqui se encarna o "Eu", esse "extremo do Cordão Dourado", que "desenvolvendo-o nos leva às Portas da Cidade" – como diria Blake – e que acompanha o homem semidivino em seu exílio terrestre. O mistério da vontade também se origina no sangue ário, hiperbóreo. Os hitleristas edificaram um novo mundo sobre o "Solo e Sangue". Se o solo muda, pouco a pouco também o sangue mudará, a "memória do sangue". Os divinos hiperbóreos, emigrados para o Outro Polo, unicamente nas Cidades Secretas dos Imortais, dentro dos Andes sagrados, ou nos Oásis antárticos, puderam preservar a Flor do seu Sangue divino, a sua herança do Raio Verde. Somente ali também Hitler e os seus guardarão o *Sang-real* (o Sangue Real); preservarão o Graal até o retorno da *Wildes Heer*.

A Sombra Negra dos Deuses Brancos

Nestes planos da manifestação visível aos olhos do corpo, tudo se dá polarizado em pares de opostos. A própria luminosidade, de modo que quanto maior a luz, maior a sombra. Por isto, os Deuses Brancos deveriam ter os seus Demônios Negros, que os seguem e se opõem a eles seja onde vão.

Deixamos claro, na primeira parte desta obra, que o Grande Drama é dirigido de fora, pela projeção dos Arquétipos demiúrgicos e pela transmutação das suas energias que os Siddhas e os vîras hiperbóreos realizam na Ordem guerreira de Wotan e no Hitlerismo Esotérico.

Em tempos remotos, na Pérsia, no Oriente, a Sombra inimiga e a sua personificação terrestre receberam diversos nomes: os asuras, os turânios, etc. Hoje, o inimigo dos ários, dos Siddhas e dos *vîras*, é o judeu. E isto também desde tempos remotos. A oposição se encontra marcada até com signos físicos de significado indubitável. Os escultores ários clássicos nos deixaram ver isto com muita clareza. As estatuas dos heróis e campeões olímpicos que esculpiram levavam os signos da raça polar, hiperbórea. Entre eles e o mais notável, o sexo. Todos estes semideuses são virgens. Os seus prepúcios estão intactos. Também é assim para o escultor hitlerista Arno Breker. A coincidência é demasiadamente grande para ser casual. Não há nisto

tampouco um pudor de artista, somente há uma compulsão instintiva do sangue e memória ários. A virgindade e a virilidade andam solidamente de mãos dadas. Virgo é virilidade. Fomos criados em um mundo onde o ambiente fomenta o oposto, um sexualismo desenfreado e o dom-juanismo como signo de hombridade. Quanto mais jovem o home for quando perder a sua virgindade, mais viril será; quanto mais mulheres ter e possuir, mais será admirado. A sabedoria ária clássica afirma o oposto: o homem que vive com mulheres e para as mulheres, satisfazendo os seus desejos físicos, se afemina, "se transforma em mulher". O Graal é conquistado unicamente pelo homem casto. O sexo é usado para a reprodução. Melhor dizendo, quem o usa se reproduz.

Não é casual, por isto mesmo, que o judeu seja circuncisado, cortando o seu prepúcio. É marcada assim a oposição à raça ária, à virgindade viril. E não é de estranhar, por isto mesmo, que todo este clima de sexualismo frenético seja produzido pelo judeu como um meio de degenerar o ário, de desviá-lo do seu destino de semideus polar.

Se em tempos tão distantes encontramos os Deuses Brancos na América, certamente eles foram seguidos até aqui pela sua Sombra Negra. Em 1642, o judeu "marrano" Antonio de Montezinos, na verdade Aharón Levi Montezinos, recém regresso de uma viagem pela América, declara haver descoberto o Equador, perto de Quito, aos nativos que praticavam diversas cerimonias e ritos judaicos, conhecendo até mesmo o *Schema* e o *Schâchten*, ou seja, a degolação de animais. Tudo isto foi relatado pelo mais famoso "marrano" de Amberes, Manuel Diaz Soreiro, cujo verdadeiro nome é Menasseh ben Israel, em um livro escrito em espanhol e latim publicado em 1650: "A Esperança de Israel". Afirmava que o profeta Daniel havia dito (12.70 que "a redenção final começaria quando a dispersão do povo judeu fosse total, até os confins do universo". E este outro livro, o "Deuteronômio", afirmava (28.46) que "a dispersão deveria ser universal". No século XVIII, Menasseh acreditava que somente faltava a Inglaterra para cumprir a profecia. Desta ilha, os judeus haviam sido expulsos em 1290 e Menasseh tomava o nome "Angleterre" no sentido estrito do termo francês: "Ângulo da Terra". Uma vez que para ali retornaram, o círculo para tornar possível a aparição do Messias e o seu reino sobre todo o universo se completou. Cromwell ajudou Menasseh, e ainda que os judeus não houvessem sido aceitos oficialmente eles puderam entrar e apoderar-se da cidade de Londres, sem que lhes fossem aplicados os altos impostos de outros países. Os judeus financiaram Drake. A Inglaterra, "Angleterre", foi estendendo os tentáculos do seu imperialismo econômico por todo o mundo, chegando a tomar o lugar da Holanda, Espanha e Portugal. Foi também a Inglaterra que facilitou, ao fim, o fechamento do círculo, com a entrega da Palestina à Judá.

Um detalhe curioso, entre os judeus importantes de origem marrana, na Londres do século XVII, se destaca Salomão da Costa Athias, como o fundador da 'Coleção Judaica do Museu Britânico'. Voltamos a encontrar este nome entre os marranos espanhóis e portugueses. Deste modo, é muito possível que o meu amigo de adolescência, o escritor chileno Anuar Atias – Guillermo Atias – não fosse árabe senão que judeu em origem, ainda que ele mesmo não o soubesse. Deste modo, aquela jovenzinha judia que havia saído correndo pelas ladeiras de Cerro San Cristóbal, há tantos anos, ao acreditar que ele era um sírio-palestino, não tinha razão para ter corrido tanto. Confirmam estas suspeitas as tendências de Guillermo Atias e seus irmãos, um deles um alto dirigente do Partido Comunista chileno. Guillermo também era e, ao abandonar o Chile, depois do golpe militar de 1973, foi bem acolhido e encontrou ajuda na França, onde havia começado a dar cursos na Sorbonne, pouco antes da sua morte.

É muito raro que um árabe de verdade chegue a ser marxista e a servir os interesses da grande conspiração judaica internacional. O seu sangue o impede, apesar de também ser semita; porque ele não está a serviço único e definitivo do Príncipe das Trevas.

Na primeira edição de "Os Protocolos dos Sábios de Sião", feita na Rússia em 1905, por Sergyei Nilus, no epílogo está escrito: "Segundo os arquivos do Sionismo secreto, a partir do ano 929 antes de Cristo, os dirigentes começaram a estudar teoricamente um programa para a conquista do universo inteiro por Sião. O projeto foi revisado minunciosamente, em todos os seus detalhes, sendo completado através do tempo por homens especialmente iniciados para isto. Tais Sábios decidiram conquistar o mundo, empregando a astúcia da Serpente simbólica, cuja cabeça deveria representar os iniciados judeus e o corpo ao seu povo. A conspiração foi sendo mantida secreta até mesmo para a nação judaica. Esta serpente foi penetrando no coração dos países que encontrava. Devorou todo o poder não judaico destes estados. Foi previsto que esta serpente deve continuar a sua obra, cumprindo estritamente o plano estabelecido, até que o caminho a ser percorrido tenha sido completado com o retorno da cabeça à Sião. Ou seja, até que a serpente tenha fechado o seu anel em torno da Europa e, após tê-la acorrentado, circunde o mundo inteiro. Deve levar a cabo esta missão, tratando de subjugar os outros países e continentes mediante a conquista econômica. O retorno da cabeça da serpente à Sião poderá ter lugar somente quando o poder de todos os soberanos da Europa houver caído... Eis aqui um esquema do recorrido que a serpente efetuou: Cumpriu a sua primeira etapa na Europa no ano de 429 antes de Cristo, na Grécia, onde devorou o poderio daquele país nos tempos de Péricles. A segunda etapa foi a Roma de Augusto, por volta do ano 69 a.C. A terceira, Madri, nos tempos de Carlos V, em 1522. A quarta, Paris, no século XVIII, depois da queda de Napoleão. A sexta, Berlim, em 1871, depois da guerra franco-prussiana. A sétima, Petersburgo, onde aparece desenhada a cabeça da serpente com a data do ano de 1881".

E Nilus agrega: "Por hora a conspiração judaica respeita as condições econômicas da Inglaterra e Alemanha, mas somente até que a serpente consiga conquistar a Rússia, contra a qual atualmente estão concentrados todos os seus esforços" (1905).

Segundo Nilus, um dos meios do qual se valem os dirigentes secretos do Sionismo para manter o seu próprio povo coeso, é alimentado um ódio inextinguível pelos goym, os não judeus, e um perpétuo terror perante represálias. Para isto fazem uso do antissemitismo, fomentando-o e manejando-o de um modo diabólico. A melhor comprovação disto obtemos hoje em dia, quando intermitentemente voltam a reavivar a imagem de Hitler e do nazismo, por meio de livros sensacionalistas, películas, e falsificando documentos, como os pretendidos "Diários" do Führer. A própria prisão de Rudolf Hess cumpre este objetivo de manter sempre viva a memória do nazismo no povo judeu e na dos seus servidores. E o sinistro Wiesenthal, inventado "criminosos de guerra" e "caçando-os" nos mais remotos rincões da Terra. O caso de Walter Rauff é ilustrativo para os chilenos. O complot de seis milhões de assassinados nos campos de extermínio nazistas é agitado constantemente, pendendo com a sua sombra fantasmagórica sobre a humanidade inteira. Ademais, isto serve para financiar o Estado de Israel, cuja missão principal foi a de receber todos os judeus pobres do mundo, especialmente da Rússia, aglutiná-los e militarizá-los. Os alemães seguem pagando somas enormes por indenização. O perigo e o terror são a arma mais útil para os planos mundiais do sionismo. Ali onde o perigo e o terro não existem se corre o risco de que o judeu deixe de se sentir judeu, não servindo aos planos dos seus dirigentes invisíveis e

do Senhor das Trevas. Eu pude confirmar isto na Índia, onde os judeus que chegaram pouco depois da destruição do Templo foram assimilados em uma "quinta casta", por assim dizer; são mansos e vivem tranquilos, sem explorar ninguém e sem ter conseguido controlar o comércio de uma nação organizada em castas (até a pouco tempo), e onde a casta dos *vaishas* cumpria estas funções. Ali os judeus não tinham como entrar. Eu os vi nas proximidades das suas sinagogas, em Travancore Cochin, divididos até entre eles mesmos, em inimizade uns com os outros. De um lado os judeus mais antigos, vindos do Oriente Médio, os mais pobres, e do outro, os Sefarditas de origem espanhola, portuguesa e holandesa. Estes últimos passaram a representar uma aristocracia "branca", que desprezava os "judeus negros". Se os judeus fossem deixados sozinhos, acabariam destruindo uns aos outros. Ou seriam assimilados. Por isto Hitler nunca pensou em destruí-los, senão que em lhes dar um país em Madagascar. Era a solução perfeita e definitiva. Eischmann estava trabalhando nela. Os marranos Sefarditas, na Espanha e na América, uma vez que a Inquisição os deixou em paz, foram assimilados. Sem praticar os seus ritos e cada vez mais mesclados, deixaram de se sentir judeus, perdurando unicamente a inclinação ancestral para o comércio e os negócios, ou um desespero surdo, um desejo de autodestruição, que os leva ao suicídio e ao alcoolismo, causado pela luta interna dos sangues e do profundo sentido do "pecado racial".

Desde os tempos do Pacto Renovado e o ditar das drásticas leis do Torá e do Talmude, desde que é imposta a feroz nomocracia, é possível dizer que a principal vítima do judaísmo é o próprio judeu. Não lhe é permitido sequer um segundo de repouso. Menos ainda hoje, que o círculo da serpente vai se fechando, como diria Sergyei Nilus, e o "Messias" está *ad portas*. Toda a massa judaica acredita na mentira infame do holocausto de seis milhões dos seus congêneres. Somente os dirigentes ocultos conhecem a verdade.

Evola e outros veem como exagerada a asseveração de Nilus de que o plano judaico mundial de subversão tem quase três mil anos. Mas eu creio em Nilus. Porque o próprio Plano não é humano, devendo pertencer ao Demiurgo, ao Arquétipo autônomo. É um Plano extra-humano, unicamente aplicado pelos dirigentes rabínicos, pelos iniciados sombrios, fazendo uso do "povo eleito" pelo Altíssimo Senhor das Trevas, para poder realizar os desígnios, plasmá-los na matéria do Kali-Yuga. Por isto mesmo, esse povo deverá se manter nesta "altura abismal", cumprindo minuto a minuto, sem um instante de repouso, com as mais severas e terríveis leis que o mantenha separado, diferente, oposto ao resto do mundo, inimigo mortal dos ários, dos Deuses Brancos.

E a forma, a única forma, em que este espantoso desígnio possa ser levado a cabo, é respeitando o Pacto do Anti-Sangue, o ritual do sangue mesclado, do sangue impuro. Porque é este também o fluído através do qual o Príncipe das Trevas se opõe aos Divinos do Raio Verde, preservando a sua "memória", os seus "arquivos da sombra", comprometendo à iniquidade os seus "eleitos".

Para dominar o mundo era necessário se expandir como um câncer pelo planeta, e até mais. Isto foi decidido pelo Demiurgo e foi preciso ser levado à prática na forma escolhida por Ele. Os mais altos dirigentes, esses Sábios de Sião, estão em condições de se comunicar com Ele e cumprir as suas ordens. Era preciso provocar os romanos para acarretar a dispersão. As condições já estavam presentes com o Pacto e as leis draconianas que permitiriam manter a unidade entre eles e a diferença com todos os habitantes da Terra. A religião do anti-sangue foi explicada na primeira parte desta obra. Para o judeu, o resto dos seres são unicamente animais desprezíveis. Assim ele deve

considerá-los. E quanto aos ários, aos Deuses Brancos, deverá lhes roubar ou destruir todos os seus conhecimentos, se apropriar deles para os seus fins, desnaturalizá-los, fazer com que despareçam.

Valendo-se de meios quase telepáticos, os judeus terminam por conseguir quase sempre os seus propósitos; porque é o Demiurgo quem aplica esta influência hipnótica à seu favor. Foi assim que os romanos foram provocados à destruição e dispersão de Israel. O Templo de Jerusalém era em realidade um Banco, onde Judá praticava a usura e emprestava aos romanos. A melhor maneira de acabar com isso era destruindo-o. e sobre as suas ruinas Tito passou o arado. Os judeus foram espalhados por todos os "ângulos" (*angles*) da Terra. Assim chegaram à Índia, a China – já o vimos – e hoje se encontram no Japão, onde chegaram com o maçom MacArthur, destruindo a Monarquia Solar daquele país – a última do mundo – estragando e corrompendo o Zen, acabando com o Bushido e o Shinto e transformando aquele país no maior produtor de Golems do planeta.

Assim também chegaram à América, porque já sabiam (e como não?) que ali se achavam os Deuses Brancos. Se nos lembrarmos do professor Wirth e do que ele havia me dito sobre a civilização do Gobi, devemos aplicar outra visão aos acontecimentos que nos relata a Bíblia adulterada e a própria lenda da Atlântida.

Segundo Aharón Levi Montezinos, os judeus que havia encontrado na América eram os das tribos perdidas de Levi e Rubén. Sinal de que esta vez não mentia é a existência na América dos astecas, do seu frenesi de sangue, das orgias sacrificiais e da própria estória de Quetzalcóatl, devendo abandonar Tenochtitlán em razão destes massacres tão parecidos aos que os judeus desataram em todos os lugares por onde passaram [e passam]. Poucas vezes na história das nações se viu algo semelhante a esta loucura de sangue asteca. Não pode ser normal. Deve ter sido propiciada por algum outro agente externo, além de um Arquétipo. Seja que o judeu tenha se mesclado ali com o elemento vernáculo, com esse outro "escravo da Atlântida", ou que este último tenha sido dirigido e enganado em benefício do Demiurgo-Jeová. Em qualquer caso, aquilo foi feito contra os Deuses Brancos, contra Quetzalcóatl, a Estrela Matutina.

Pela mentalidade racionalista dos nossos tempos, imposta pelo judeu em benefício próprio, parecerá absolutamente impossível como invenção de fanáticos delirantes, atribuir a "esse povo civilizado" a execução de sacrifícios e torturas animais. Infelizmente, a história nos comprova a sua existência. Há numerosos exemplos. Desde os tempos bíblicos, desde o próprio Abraão. Também a Bíblia nos relata o massacre de setenta mil sírios. Esther se converte na concubina do Rei persa e consegue, deste modo, fazer com que todos aqueles que se opõem aos judeus sejam assassinados. Esta não foi uma batalha ganha, senão que uma traição cruel e covarde. Como recordação dela, os judeus celebram a sua festa do *Purim*, entre fevereiro e março de cada ano, com algum outro sacrifício, ou crime ritual, que se assemelhe a aquele antigo. Em Nuremberg, antes de morrer, Julius Streicher gritou aos seus executores: "Hoje é festa do *Purim*". E na verdade, quem já tenha visto as fotografias dos líderes hitleristas mortos, poderá notar que muitos deles aparecem degolados. O General Keitel e outros mostram sinais da faca sacrificial em seus pescoços e estão cobertos de sangue, apesar de terem sido enforcados, segundo a informação oficial. O mesmo ocorre com Göring, que fora "sacrificado" mesmo depois de ter tirado a própria vida, se suicidando.

A matança dos sírios nos acampamentos de refugiados do Líbano tem o mesmo selo atroz e sádico. E também o assassinato do corpo de oficiais polaco no bosque de

Katyn, realizado pelos *Kommissar* judeus soviéticos. A base psicológica dos crimes rituais se encontra na idiossincrasia judaica, cruel, sádica, vingativa, com esse estilo oriental semítico que a caracteriza. A base ideológica se encontra no Demiurgo. O seus Deus cruel e zeloso, justifica todas as traições e crueldades efetuadas sobre os não judeus, os goym. Ele bendiz ao seu povo nas mais sujas ações. "Há que assassinar os melhores entre os cristãos".

Os judeus somente comem a carne dos animais que foram sacrificados em seu estilo tradicional: degolados e sangrados. Em todas as cidades onde vivem possuem matadouros próprios. Os seus açougueiros cumprem o rito. Também aqui no Chile, apesar de que é difícil encontrar açougueiros tão cruéis que estejam dispostos a assassinar deste modo os indefesos animais. Mas o judeu odeia o animal, assim como os não judeus, a quem eles consideram animais, precisamente. Por isto, nesta outra festividade tremenda e ritual do *Passover*, ou *Passah*, assassinam crianças não judias e também homens e mulheres, como se fossem animais, degolando-os e sangrando-os, como o seu gado. O Passover celebra outro assassinato coletivo realizado pelos judeus no Egito, com posterioridade à administração de José. Em Nuremberg e nos campos de refugiados palestinos o *Passover* e o *Purim* foram combinados. Um grande matadouro judaico. Necessitam do sangue, o correr do sangue ário ou semita (contanto que não seja judaico) para alimentar o Golem Jeová.



Julius Streicher



Walter Frick



General Keitel



Hermann Göering

Alguns dos sacrificados de Nuremberg, no rito sacrificial judeu de Purim. A matança de palestinos nos campos de refugiados do Líbano corresponde ao mesmo ritual, assim como o massacre de Katyn, na Polônia. E tantos outros. Podemos ver aqui que o pescoço das vítimas foi cortado, para sangrá-las. Göring foi sacrificado, mesmo depois de ter se suicidado.

Eu vi, na cidade de Lugano, na Suíça, jovens rabinos se movendo por bairros onde se encontra a sinagoga e nos elegantes guetos em que hoje vivem voluntariamente, pois eles são os verdadeiros donos da cidade. O seu aspecto estranho, de "sangrados", de uma cor leitosa, com lábios roxos e prógnatos, dava a impressão de que não estavam vivos, de íncubos, pensamentos-forma, produtos de uma mente enferma, macabra. Vestiam negro, tal como o faziam, até a pouco tempo, imitando-os, os curas católicos. Hoje já não se vestem assim, estão mudando o traje rabínico pelo judaísmo marxista, pelo uniforme das formigas cinzas de Mao Tse Tung.

O dia do Perdão judaico, a sua Páscoa, nada tem a ver com um perdão centrífugo. O dia se refere a eles mesmos. Uns perdoam aos outros. Jeová os perdoa pelos crimes cometidos com os goym. Já podem começar de novo.

Apesar do grande cuidado que os judeus têm de que os seus crimes rituais não sejam descobertos, há numerosas provas através dos séculos. A Inquisição as catalogou escrupulosamente em seus arquivos. E há desenhos e gravuras de época que os

mostram. Em 1509, na Hungria, em Bosinger, foi reproduzida uma gravura de um ritual do *Passover*, e na cidade de Konitz, em 11 de dezembro de 1900, um crime do *Purim*. O primeiro, realizado com uma criança goym, e o segundo na pessoa de Ernst Winter. As gravuras retratam um menino nu sobre uma mesa sacrificial, enquanto que um grupo de quatro judeus estão lhe chupando o sangue através de tubos inseridos em suas feridas. O outro é um desenho de um homem degolado e pendurado de cabeça para baixo por três indivíduos, enquanto que o seu sangue escorre para dentro de um recipiente. Em 1932, o judeu Moritz Meyer confessou o assassinato, em conformidade com o ritual do Purim, de Martha Kaspar. Foi condenado apenas a quinze anos no cárcere. Após a derrota na última guerra, vários alemães sofreram estes suplícios. Na Espanha, Ramón Bau e José Hernandéz escreveram sobre este tema proibido.

Em 1905, Nilus acreditava que já estávamos nos últimos tempos das profecias, e que os planos rabínicos já estavam sendo cumpridos; porque a serpente havia fechado o círculo fatídico. Na verdade, faltava muito pouco. Nilus escrevia: "Não pode haver dúvidas. Com todo o poder e terror de Satanás, o reinado do Rei triunfante de Israel se aproxima do nosso mundo não regenerado. O Rei nascido do sangue de Sião se aproxima do trono do poder universal".

Há um símbolo que marca este fato. Os judeus já estão mudando o candelabro de 7 braços pelo de 9. Tão seguros se sentem, que o judeu Herbert Hillel Goldberg, editor de um boletim, "Haschiwan" ("O Regresso"), publicado em alemão, anuncia o *Endzeit*, isto é, o fim dos tempos, e usa o candelabro de 9 braços como o seu símbolo.

Já foram encontradas duas das tribos perdidas na América do Sul, as que foram anunciadas jubilosamente pelo marrano Menasseh bem Israel. Ainda faltam [algumas]. E todas regressarão com o seu Messias, caricatura de Kalki e da Wildes Heer, de Wotan. Como temos visto, ao longo de toda esta obra, os judeus tentam se apropriar dos símbolos e mitos hiperbóreos, distorcendo-os e vivendo-os também com o seu anti-sangue; mas em reverso. Nas costas da Luz, como *a sombra que aqui os Deuses Brancos projetam*.

Este é um Mistério e um segredo assustador. O Príncipe das Sombras faz com que os seus sequazes oficiem o seu Mistério e o vivam até as últimas consequências, sem que seja possível escapar.

Os Judeus na Espanha e na América

Muito se escreveu sobre os judeus espanhóis, melhor dizendo, sobre os judeus na Espanha. As obras fundamentais são as de M. Keyserling (não confundir com o Conde Hermann de Keyserling) e Amador de los Ríos, no século passado; a de Cesil Roth e a mais ampla e exaustiva de Julio Caro Baroja. Todas as obras padecem do mesmo problema, são parciais a favor dos marranos, ou, sob uma fingida imparcialidade e "amplitude de visão", como gostam de dizer, escamoteiam o verdadeiro assunto. Caro Baroja se admira do fato histórico do antagonismo essencial entre os povos nórdicos ários e os judeus, que se remonta a origem dos mesmos. Neles encontra traços semelhantes, como ser o primeiro nomadismo, o monoteísmo (o que não é certo, pois vimos que os ários são politeístas), e o culto da pureza de sangue. E param por aqui, pois lhes falta a cultura mítica e a sabedoria, como à maioria dos espanhóis, amplitude real

de visão que lhes permitiria superar este anti-germanismo de base dos iberos autóctones, podendo entender o que aqui explicamos de um modo repetitivo: os judeus se apropriaram há milênios de algo fundamental pertencente aos ários, para desvirtuá-lo astutamente. Portanto, não há similitude. Há roubo e falsificação na forma e na substância e polarização nos fins. Muito dificilmente um espanhol aceitará isto, mas mesmo quando se permitem afirmar que os visigodos são um povo estrangeiro e personagens filo-judios ou filo-semitas, como Américo de Castro, escrevem que "como etnia, os visigodos e os hispano-germanos estão fora do horizonte espanhol". O que é a Espanha, então? O homem de Neandertal?

É claro, nem todos os espanhóis pensaram e pensam assim. O próprio Pío Baroja teve uma opinião diferente da do seu sobrinho. E a teve, certamente, Quevedo. Já falaremos disto. Por enquanto desejamos citar o que foi escrito por Menasseh ben Israel em seu livro "Esperança de Israel", sobre o que o marrano Aharón Levi Montezinos descobriu na América em 1642:

"Sobretudo, a o que dou mais crédito é a relação do nosso Montezinos, português de nação, judeu de religião, nascido em uma cidade de Portugal chamada Villaflor, de pais conhecidos e honrados, de idade de quarenta anos, homem de bem e fora de ambição. Navegou para as Índias, e lá foi preso pela Inquisição, como acontece com muitos outros nascidos em Portugal, descendentes dos que o Rei Don Manuel tornou cristãos através de força (*de rebus Himanuelis*) iniqua e injusta; *fuit quidem hoc neque ex religione factum*; e por isto ainda hoje, conservam e observam secretamente à lei de seus pais que deixaram à força e não por vontade própria".

Do judeu Montezinos, ou Levi, falam muitos dos que se ocuparam da literatura judaica peninsular. Porque o assunto dos antigos judeus e a sua relação com os índios americanos é muito antiga, anterior ao próprio Montezinos e a Menasseh. Em publicações de Fernández Navarrete e em escritos de Pascual de Andagoya, lemos em relação aos índios do Panamá e Burita que, além de terem costumes e trajes parecidos, era gente "judaizada". Bernal Díaz del Castillo, em sua relação da "A Conquista da Nova Espanha", assinala que, ao descobrirem o Yucatán e verem as casas de cal e cantos e ídolos, "alguns diziam que era o tempo dos gentis, outros que era o tempo dos judeus que expatriaram Tito e Vespasiano de Jerusalém e que haviam chegado aqui com os navios em que lhes expulsaram daquela terra...". O padre Acosta dizia que era apresentado como argumento, para sustentar que os índios procediam dos judeus, o fato de que "eram medrosos e fracos, e muito cerimoniáticos, perspicazes e mentirosos...". "O seu hábito parece o mesmo que usavam os judeus, porque usam uma túnica ou camiseta, e um manto rodeado encima; trazem os pés descalços, ou os seus calçados são umas solas amarradas por cima e que eles chamam *ojotas*. E que este tenha sido o traje dos hebreus dizem que assim o consta em suas histórias, em pinturas antigas, onde foram pintados trajando estas roupas. E que estas duas vestimentas, que somente os índios usam, eram as que foram apostadas por Sansão, que a Escritura chama *tunicam et syndonen*, e são as mesmas que os índios chamam de 'camiseta e monta'.

O padre José de Acosta não era alguém que estava convencido de que estes índios tiveram algo a ver com os judeus. Todavia, os cripto-judeus e os judeus que passaram com os espanhóis ao Novo Mundo, valendo-se do texto de Esdras relativo às dez tribos de Israel levadas em cativeiro no tempo de Salmanasar e então desaparecidas (certamente após o *Purim*), estavam convencidos de que estas se encontravam na

América. E Levi Montezinos nada mais fez que afirmar que, por fim, ele havia encontrado duas destas tribos.

É interessante o que é afirmado sobre o Yucatán, porque também ali foram cometidos muitos sacrifícios sangrentos, mesmo entre os Mayas.

É importante saber que foi a morte do "Santo niño de la Guardia", um sacrificado do *Passover*, em 1491, que serviu como motivo ou desculpa final para a expulsão dos judeus da Espanha pelos reis católicos. Muito se discutiu sobre este e outros casos similares; mas Menéndez e Pelayo, assim como outros escritores, consideravam o fato como verídico e autêntico.

Quando é que os judeus chegam à Espanha? José Amador de los Ríos pensa que em tempos bastante remotos, com os fenícios. Fundaram colônias quando, "derramando-se pelo mundo apenas houve um povo para o qual não levaram o seu comércio". Strabon, que vivia na era de Augusto, disse: "Há quatro gêneros de homens na cidade de Cirene (África): cidadãos, lavradores, estrangeiros e judeus; e estas quatro hierarquias estão em todas as cidades. Não será fácil encontrar lugar em toda a Terra onde uma vez recebida esta gente, [ela] não prevaleça; porque o Egito e Cirene, e muitas outras províncias, admitiram a sua religião e mantém as grandes congregações de judeus, que foram aumentando com o tempo e vivem pelas suas próprias leis". E Philón certifica que "havia colônias judaicas em todas as cidades férteis da Ásia, África e Europa". Com certeza as mesmas existiam no litoral ibérico, ainda que, todavia, não no interior, até a destruição do Templo. Toledo, por exemplo, foi capital dos godos. O documento mais antigo que se refere aos judeus na Espanha é o Canon XLIX do Concilio Iliberitano dos anos 300 a 301. Diz: "Avisem aos donos das fazendas para que não permitam que os judeus bendigam os frutos que Deus lhes dá, para que [assim] não frustrem a nossa bendição".

É possível ver aqui que já nestes tempos os judeus são mal vistos na Espanha. Como a "sombra negra dos Deuses Brancos", entram em grande número, seguindo a invasão dos godos. E é o rei visigodo Sisebuto o primeiro a ter que expulsá-los, apesar da sua natural bondade e justiça.

Como dissemos, Caro Baroja é incapaz de aceitar a razão misteriosa e as consequências que dela se desprendem desta natural (ou anormal) inimizade entre os povos ários e judaico, a qual somente pode ser compreendida por meio da *Weltanschauung* do Hitlerismo Esotérico.

Se na Espanha não houvessem entrado os godos, essa posição tão aguda que terminou com a expulsão dos judeus não teria ocorrido na forma e estilo que conhecemos. Mesmo quando foi expressada em termos de religião, valendo-se do meio extremo do Tribunal do Santo Ofício, ou seja, da Inquisição, no fundo o assunto era racial; étnico. É um fato que o enquadramento jurídico da Inquisição, a sua estrutura social, era gótica, ainda que o espírito, paradoxalmente, fosse judaico em sua intolerância, tão alheia à alma visigoda e germânica. E não é de se estranhar, por tratar-se do cristianismo judaico de Roma. Ademais, o primeiro Grande Inquisidor, Tomás de Torquemada, era de ascendência judaica, marrana.

Contudo, a Inquisição se valeu de métodos de comprovação da pureza de sangue quase idênticos aos que, passado os séculos, as SS hitleristas vieram a usar. Para saber se o sangue de um cristão estava limpo de impurezas judaicas investigavam até além da sexta geração. As Ordens da Cavalaria iam ainda mais longe. Na Ordem de Santiago, em 1573, foi estabelecido que "não poderia vestir o hábito qualquer pessoa que tenha raça

de judeu, nem mouro, nem que tenha sido convertido por parte de pai, nem de mãe ou grau de parentesco algum, por mais remoto e apartado que seja". Don Alonso de Ercilla y Zúñiga, o muito nobre autor de "La Araucana", quase não pôde entrar, por duvidarem da pureza da sua ascendência materna, acreditando-se na existência de um avô marrano. E recordemos que don Alonso escreve em sua obra imortal: "Veja Bermeo, cercado de ervas daninhas – Cabeça de Vizcaya, e sobre o porto – Os largos muros do solar de Ercilla – Solar fundado antes que a vila". Vangloriando-se assim de que a linhagem do seu pai era mais antiga em Vizcaya do que a vila onde a mesma estava assentada. Sua mãe, pelo Zúñiga, descendia de um rei de Navarra; mas a mãe da sua mãe, dona Catalina de Zamudio, acarretava dúvidas, por causa do seu avô materno, um tal Alonso Martínez de Nájera, ou Najara, mercador, "cidadão *Ruano*, nome dado aos convertidos". Mesmo quando não é certeza, pois os naturais da cidade de Nájera asseguravam que "o doutro Alonso era limpo e Cristão Velho, com titularidade de nobreza". Sendo assim, era difícil poder saber a ciência certa no século XVI, em 1571, quando Ercilla desejava trajar o hábito da Ordem de Santiago, quem era marrano na Espanha, por algum longínquo confim do seu sangue. As denúncias eram frequentemente malignas. Don Alonso foi admitido na Ordem de Santiago. Em todo caso, com este exemplo, que a nós chilenos certamente nos toca, desejamos trazer à luz o modo como os procedimentos e investigações das Ordens espanholas da Cavalaria eram tão minuciosos, se não até mais do que os da Ordem Negra SS. Como sabemos, Himmler se inspirou nelas.

Contudo, na Espanha já era muito difícil encontrar linhagens puras. Os judeus, compraram a entrada para o fluxo de sangue ário visigodo, como o fizeram também com os mouros. À base de dinheiro e da usura abriram caminho aos mais altos cumes da nobreza. Existe o "Libro Verde de Aragón", que comprova isto. E o próprio rei católico, don Fernando, tinha sangue judeu, marrano, por parte de mãe. Falamos de Torquemada, e também poderíamos dizer o mesmo de Santa Teresa de Jesús e do Frei Luis de León, entre outros. Por isto mesmo, quando os judeus Sefarditas espanhóis foram expulsos da Espanha e foram parar em Portugal, em Amberes, na Bélgica, na Holanda, Inglaterra, Veneza, Nápoles, Turquia, Dalmácia, e tantos outros locais do mundo daqueles tempos, sentiram-se nobres, eram orgulhosos, mantiveram a língua de Alfonso, o Sábio, e desprezaram os seus próprios congêneres. Também levavam o sangue visigodo em suas veias e se sentiam possuidores de um estilo soberbo e aristocrático. Eram dispendiosos. Tinham a alma ainda mais dividida.

Mas na Espanha foi travada uma luta étnica até a morte; melhor dizendo, o godo espanhol a travou. Não abdicou nunca, não se deu por vencido, seja usando a Inquisição, das Ordens de Cavaleiros, ou como fosse, na Península e no Novo Mundo. E há certas zonas onde o judeu não entrou, pela própria natureza das circunstâncias de estilo e inclinação: o campo, a agricultura (odeiam a natureza) e o Exército. Houve alguns nos exércitos, mas foram poucos. (O Almirante Alonso Enríquez descendia por um lado de reis e pelo outro de judeus). Na vocação pelas forças militares, em geral se preservou o sangue godo. E na verdadeira nobreza. Porque a nobreza não existe se não há germanos nórdicos. E não somente na Espanha. Toda aristocracia terrestre é um assunto de raça, de etnia. Não sei de que outra aristocracia se poderia falar, se não é a do sangue, da raça. Quando alguns espanhóis se referem à títulos nobiliários e à nobreza, querendo pôr de lado a etnia, me soam absolutamente suspeitos. Não há nobreza na Espanha se

esta não se origina nos godos, na pureza de um ancestral racial ário. E já quase não há, exatamente por esta razão.

Foram os godos que perderam a Espanha na batalha das Navas de Tolosa; mas também foram eles que a recuperaram. El Cid era um visigodo de corpo e alma, como todos os chefes militares que, por séculos, desde os montes de Astúrias, estiveram combatendo os mouros. E a luta contra os judeus foi também travada por eles desde os primeiros tempos, com maior ou menor ventura. O rei castelhano, don Alfonso X, o Sábio, em seu famoso Código de Leis, das Sete Partidas, já estabelece:

"E por que ouvimos dizer, que em alguns lugares os judeus fizeram, e fazem do dia da Sexta-Feira Santa, da lembrança da Paixão do Nosso Senhor Jesus Cristo, escárnio, raptando crianças, e colocando-os na cruz, e fazendo imagens de cera, e as crucificando, quando não possam ser crianças; mandamos, que sim, daqui em diante, em algum lugar do nosso senhorio, que tal coisa assim feita, podendo ser averiguada, que todos aqueles que tramaram, e [presentes] naquele feito, que sejam presos e trazidos perante o Rei; e depois que o Rei saiba a verdade, que os mande matar habilmente, não importa quantos sejam". (Partida VII, tit. XXIV, Lei II).

Como podemos notar, o Rei Alfonso X, o Sábio, está se referindo aos crimes rituais judaicos, já na sua época.

Manuel Serrano y Sanz, em seus "Estudios Históricos y Orígenes de la Dominación Española em América", publicado em Madri, em 1918, afirma que em milhares de escrituras que revisou, no 'Archivo Notarial de Zaragoza', não encontrou mais do que uma de um judeu lavrador. Todos eram alfaiates, vendedores de peles, sapateiros, fazedores de empréstimos, vendedores de roupas de segunda-mão, prateiros e trapeiros. Os judeus aragoneses, mais abastados, eram em sua maioria fazedores de empréstimos, banqueiros e arrendatários ou coletores de impostos. O arcebispo de Hita dizia: "O judeu por ano dá três por quatro; mas a tabela de um dia dobra o seu dinheiro".

E Manuel Serrano y Sanz: "Mais que uma sociedade industrial, a sinagoga judia de Zaragoza era uma instituição bancária (como o Templo de Jerusalém) que manejava grande parte do capital dos cristãos. Os judeus se valiam disso para os censais ou treúdos, um gênero de contrato que às vezes tinham a função dos atuais títulos de dívida municipal, e foram muito usados por municípios aragoneses para gastos extraordinários ou cobrir o déficit dos seus pressupostos. A aljama[21] hebraica de Zaragoza emitia muitas destas obrigações, algo para o qual era preciso o consentimento do Rei ou do seu tenente, já que a judiaria estava sob o patrocínio do Monarca e com ela este havia de exercer funções tutelares. Ditos treúdos eram transmitidos por venda, herança ou outros títulos, e não possuíam limite de tempo. O tipo de juros no século XV foi, geralmente, o de um por quinze do capital, se bem que houve casos de um por dez. Para que um censal fosse emitido ou criado pela aljama hebraica era preciso a sua aprovação por uma junta de todos os cabeças da família que, com os 'adelantados[22]' e o claveiro[23], eram presididos pelo comissário régio das comunidades mouras ou judaicas. Aprovado

[21] N. do T.: Povoação ou agrupamento de judeus ou mouros. Etimologia: 'conjunto de pessoas, especialmente de judeus; sinagoga; mesquita'.

[22] N. do T.: 1) antigamente, chefe militar e político de uma província fronteiriça. 2) antigamente e em tempos de paz, presidente ou justiça maior do reino, província ou distrito determinados, e capitão-general em tempos de guerra.

[23] N. do T.: Chaveiro, em algumas ordens religiosas ou militares. Uma espécie de "guarda", protetor de documentos, coisas de valor, etc, que tem a chave para os locais onde estes itens são mantidos.

aquele empréstimo e encontrado o comprador do censal, era redigida a escritura pública que lhe correspondia... Todas as classes sociais de Zaragoza viviam, em grande parte, dos juros do dinheiro que haviam dado aos judeus em troca de censais; de tal modo que quando o claveiro da aljama judaica fazia o pagamento nos dias marcados, compareciam perante aquele judeu, nobres, cavalheiros, clérigos, frades de todas as ordens religiosas, representantes de monges, serventes de paróquias, viúvas e donzelas...".

Ao ler esta descrição referente ao século XV, não se pode deixar de pensar que nada mudou desde então, em se tratando de judeus e dos seus sistemas econômicos. No Chile, da década de setenta a oitenta, sob o controle dos economistas da "escola de Chicago", do judeu Milton Friedman, todos viviam dos juros e dos empréstimos de capital, deixando de produzir e de trabalhar, de modo que o país inteiro se endividou de forma irreparável. A usura arrasou os nobres e esforçados; com os poucos que ainda restavam.

Em todas as partes os judeus chegaram com a sua lepra. Na Pérsia, no Egito, no século IX e X, montaram os seus Bancos, para onde iam os vizires e patriarcas para se endividar em seus apuros. Isto pode ser lido no "O Renascimento do Islã".

Metternich dizia, com justiça: "Cada nação tem os judeus que merece".

A Espanha e a América tiveram os Sefarditas, os *Sepharim*, de *Sepharad*, e os marranos, além dos chuetas de Mallorca. A Alemanha viria a ter os asquenazes. Sefarditas e asquenazes odeiam uns aos outros cordialmente.

Os Marranos

Já don Francisco de Quevedo dizia dos judeus "que são ateus sem essência, ou no máximo, idólatras do ouro. Na realidade não esperam o Messias, mas sim o que pretendem é se conservar como judeus e ver a destruição dos povos não judeus, envoltos em heresias e rivalidades. O progresso temporal é o fim supremo, a dissimulação o seu meio.... Se juntam como pedra e aço, se combatendo e golpeando e quebrando fragmentos até criarem faíscas contra o mundo, para fundar a seita do dinheirismo, mudando o nome de ateísta para dinheirista".

Sendo assim, o marrano espanhol é um judeu dissimulado, que "negocia coberto por um traje e linguagem de cristão".

Marrano, na Itália, no século XVI, tinha a acepção de "judeu que depois de ter sido batizado, por vontade própria ou à força, voltava ao judaísmo". Os italianos afirmavam que a palavra havia chegado da Espanha com os judeus que haviam fugido ou expulsos. Na Espanha e Portugal o vocábulo é usado há vários séculos. Caro Baroja se refere a um entroncamento com 'marah', de 'se rebelar', e com 'maranatha', de 'anátema'. Mas Cecil Roth afirma que o termo viria de hebraico *Marat Ayin*, que significa 'aparência ao olho, à vista"; isto é, cristãos somente por fora. Ou talvez, do árabe, *mura in*, hipócrita. O vocábulo "marrano" se refere ao suíno e vem do começo da Idade Média na Espanha. No século XVI, passa a designar os judeus, expressando assim o enorme ódio do povo espanhol pelos convertidos, nos quais viam uma gente insincera. Pode também se referir à proibição do judeu quanto a comer carne de porco, coisa da qual, todavia, os convertidos eram dispensados, no dia do sábado.

Até a invasão moura (favorecida pelos judeus), no ano de 711 a.C., o grande problema visigodo foi o fracasso da conversão dos judeus. Segundo uma teoria, existia uma cerimônia especial de anulação do voto cristão nas vésperas do Dia do Perdão. O serviço de *Kol Nidre* teria sido instituído em benefício dos cripto-judeus espanhóis para absorvê-los de qualquer compromisso no que concerne à prática do cristianismo. Os membros da congregação judaica cobrem a sua cabeça com o *tallit*, espécie de estola, para que assim os cripto-judeus que estejam entre eles não sejam reconhecidos. A referência inicial aos *Abaryanim* (transgressores) é interpretada como uma alusão secreta aos iberos.

Quando os mouros invadiram, os judeus e marranos se puseram de imediato ao seu lado e traíram, segundo o seu costume, os visigodos que inicialmente haviam lhes acolhido de boa-fé. Dizem que a sua traição foi decisiva para a derrota. Os mouros, por sua vez, lhes recebem. Então, especialmente com a chegada dos puritanos mulçumanos almorávidas, que foram chamados para tratar de conter o avanço do norte visigodo, em 1148, termina a idade de ouro para os judeus do Califado de Córdoba. Sendo assim, os convertidos forçados ao maometanismo são os "*donmeh*", deste modo conhecidos na Salonica e na Turquia, para onde emigraram. São eles que, com o passar dos séculos, impelem o movimento dos "Jovens Turcos", que destrói as tradições daquele país, "modernizando-o", em 1913. O judeu Djavid Bey foi um dos seus dirigentes. Assim como na Espanha, exteriormente aparentam ser mulçumanos praticantes e ortodoxos, enquanto que em seus lares seguem praticando o judaísmo messiânico.

Deste modo, em todo lugar, o judeu constitui um conglomerado de gente inassimilável, passando a representar um Estado dentro de um Estado que pretende desarticular e controlar os seus mananciais fundamentais, os seus centros neurálgicos. O caso da Espanha, pelo fato de nos tocar de maneira muito próxima e ser clássico, nos serve para entender o que viria a passar na Alemanha e Áustria nos nossos dias. A vida inteira havia sido atomizada, corrompida, todos os postos para profissionais em Berlim, em Viena e cidades de importância, se achavam nas mãos dos judeus, enquanto que os alemães eram consumidos pelo desemprego e pela miséria. Contudo, Hitler foi menos duro com os asquenazes do que os espanhóis da Inquisição, pois somente quis afastá-los. Tudo o resto é invenção póstuma, do pós-guerra. Muitos séculos haviam passado desde que os seus antepassados visigodos os haviam expulsado da Espanha e a Inquisição os queimara no Velho e no Novo Mundo. Hoje também poderiam dizer que a "queimada" superou os seis milhões; mas não o dizem, pois já não lhes é necessário. A razão pela qual aqui destinamos muitas páginas para tratar do problema judaico na Espanha é pelo fato disto, de maneira análoga, lançar uma luz sobre o que depois veio a ocorrer no mundo, nos capacitando assim a penetrar melhor os acontecimentos da última guerra, esclarecendo aos leitores algumas coisas que levantarão os véus das suas mentes, talvez obnubiladas, pela contaminação de uma propaganda que abrange até aos mais informados.

A seguir citamos um trecho do livro de Roth, um judeu panegirista do "marranismo":

"O que posso dizer da Espanha e Portugal, onde quase todos os príncipes, a nobreza e os condes descendem de judeus apóstatas? Os monastérios e conventos estão cheios de judeus; muitos dos cânones, inquisidores e bispos também descendem de judeus. Um grande número deles são, no fundo dos seus corações, judeus convictos, ainda que para não renunciar aos bens deste mundo fingem crer no cristianismo. Há

aqueles que sofrem de remorso e se encontram a oportunidade fogem. Em Amsterdam e em outras partes, se encontram os agostinhos, franciscanos, jesuítas e dominicanos que são judeus. Na Espanha, por outro lado, há bispos e frades, cujos pais e parentes vivem aqui e em outras cidades, para poder praticar a religião judaica".

Roth está citando "Amica Collatio", de Limborch.

Em 1560, o Cardial Mendoza y Bobadilla escreve, para entregar ao rei Felipe II, o livro "El Tizón de la Nobleza de España", onde demonstrou que quase toda a nobreza de Aragón y Castilla tinha sangue judeu em suas veias.

Existe a lenda judaica medieval do Papa judeu, de *Elhanan*. Esta lenda seguramente será cumprida em breve, pois há bispos e altos prelados no Vaticano. No Chile, em 1952, há apenas trinta e um anos, o Abade dos beneditinos era um judeu de origem asquenazi.

Na Espanha, os judeus convertidos também eram chamados de "novos cristãos", além de "alboraycos", que vem de al-Burak, o fantástico corcel de Maomé, que não foi nem cavalo e nem mula, nem macho e nem fêmea. Nem judeus e nem cristãos puros. Mas se equivocavam, pois eles seguiam sendo judeus, quase sempre. Foi publicado um livro chamado "Libro de Alborayque", no século XV, no qual eles eram atacados.

É tão forte o "anti-sangue" judeu, que até os nossos dias ele predomina nos descendentes dos antigos marranos espanhóis. Não há outra maneira que torne possível entender a traição de Franco a Hitler e Mussolini. O sobrenome 'Franco' é de origem judaico-portuguesa e se refere à "rua de judeus", ("franquéria y rua nova"), ruas "francas", onde podiam habitar, alheios ao resto da comunidade. Daqui vem o apelido Franco, dado aos "sujeitos que gozavam de franquia[24]". Ainda que se diga que a família do governante espanhol procedia da Galícia, a sua origem é marrana. Sendo muito possível que o seu cumplice, o Almirante Canaris, chefe dos serviços de contraespionagem do exército alemão, que trabalhou com ele para não permitir que Hitler tomasse o Estreito de Gibraltar, também fosse um marrano antigo, de origem sefardita, cuja família havia se instalado na Grécia, vindo da Ibéria. A sua conhecida inclinação pela Espanha tinha raízes vernáculas. É muito possível que o espanhol que falava fosse também o de Alfonso, o Sábio. Foi um dos grandes traidores a Hitler e culpado direto da não invasão à Inglaterra e da perda da guerra. Os ingleses assassinaram Heydrich em Praga porque este havia descoberto Canaris.

Quase todos os dirigentes políticos da República espanhola eram judeus ou descendentes de judeus. Gente como Juan Negrín, Indalecio Prieto, Fernando de los Ríos, Niceto Alcalá Zamora. Depois, André Marty, o "Carniceiro de Albacete"; Federico Monteseny, dirigente anarquista. E hoje também o é Mugica Herzog, cérebro do marxismo. E o nacionalista Blas Piñar. A primeira coisa que o rei Borbón fez, ao assumir o trono, além de trair Franco, foi visitar a Sinagoga e o Grande Rabino. O seu pai é maçom e seguramente tem vínculos sanguíneos, ou de outra espécie, bastante estreitos com o judaísmo internacional.

Dissemos que dedicaríamos algum tempo a este capítulo da história ecumênica da Espanha, a este seu drama. Melhor ainda, do drama geral dos ários hiperbóreos a que este livro se refere, da tragédia dos godos na Espanha, porque isto nos ajudará a compreender a profundidade do tema aqui tratado, olhando-o deste ângulo, que

[24] N. do T.: Em espanhol, 'franquicia'; palavra que se refere ao privilegio que é concedido a uma pessoa para isentá-la de pagar certos impostos pelo uso de um serviço público ou por determinadas atividades comerciais.

novamente é o [tema] muito importante do sangue. Da "memória do anti-sangue", neste caso.

Vejamos o próprio Fidel Castro. É judeu, já que o nome, ainda que vindo da Galícia – e portanto bem poderia sê-lo – o é na grande maioria das vezes. E aqui é quase seguro dizer que [ele] o seja em razão das suas características biográficas, alguém que se entregou de corpo e alma, podendo não tê-lo feito, à causa do maior Kahal judeu da história, o bolchevismo soviético, controlado e inventado pelo judaísmo. A sua amizade com Salvador Allende Gossens, o dirigente socialista marxista chileno, era de "anti-sangue", tão bem compreendida. Eles não necessitavam de palavras para entender um ao outro.

Mesmo durante a época dos romanos, os judeus na Ibéria eram importantes. Fingiam ser descendentes de uma aristocracia de Jerusalém. Certamente pertenciam às tribos de Davi e Judá. Uma vez que os visigodos arrianos são convertidos ao cristianismo de Roma, fazem pressão sobre as comunidades judaicas, e, entre 612 e 620, durante o reinado dos sucessores de Recaredo, noventa mil judeus se convertem ao cristianismo. Até o último Rei visigodo, Rodrigo, as disposições são severas. Já vimos que os mouros encontram muitos judeus convertidos e não convertidos na Espanha. A partir da legislação de Alfonso, o Sábio – 1252 a 1282 – as coisas se tornam ainda mais difíceis para eles. Ao final do século XIV e começo do século XV, havia cerca de onze mil convertidos nos reinos de Castilla y Aragón. Em 1411, em apenas um dia, são feitas 4.000 conversões. Dizem que foram feitas pelo frei Vicente Ferrer. Em Toledo, em Zaragoza, em Catayud, em Fraga, em poucos anos são convertidos 35.000 judeus. Continuavam praticando as suas leis em segredo e voltavam abertamente a elas quando a pressão diminuía. A partir do século XIV, há centenas de milhares de marranos nas Espanhas. Somente na Galícia y Astúrias quase não há [judeus]; ainda é terra de visigodos, terra de el Cid.

Mas já os marranos haviam iniciado a penetração e a ascensão aos mais altos cumes, valendo-se das finanças. São os coletores de tributos. Em 1480, a Suprema Corte da Justiça é presidida por um marrano e as próprias Cortes estavam sob o seu controle. De la Caballería nem sequer precisou mudar o nome judeu. O filho de Alfonso de la Caballería se casou com a neta do Rei Fernando de Aragón. A nobre família Henríquez, à qual pertencia a mãe do Rei Fernando, o Católico, se aliou a uma família marrana e também o fizeram os Luna, Mendonza, Villahermosa e outros mais. Don Juan Pacheco, Marques de Villena, Grão-Mestre da Ordem de Santiago, virtualmente soberano de Castilla durante o reinado de Enrique, o Impotente, e aspirante à mão de Isabel, descendia por ambos os lados do judeu Capón. O seu irmão, Pedro Girón, foi Grão-Mestre da Ordem de Calatrava. Como podemos ver, até aqui as rígidas regras foram burladas, que, verdadeiramente, mais tarde foram impostas com toda a força nestas Ordens. Em nossos tempos tivemos um ministro Girón, de Franco, conspícuo membro dessa duvidosa organização do Opus Dei e que tem todas as características de exageros filomísticos dos convertidos, envolvida com negócios e especulações políticas e financeiras, típicas da sociedade marrana, ou dos marranos.

Sete grandes prelados, pelo menos, tinham sangue judeu. Pablo de Santa Maria, Bispo de Burgos, era Salomón Levi; seu filho depois ocupou o mesmo cargo e foi um dos delegados espanhóis do Concílio da Basiléia. Seu irmão, Gonzalo, foi Bispo de Sigüenza. Também Pedro De la Caballería, mestre racional na Corte de Aragón, ganhou o favor da

Rainha Maria, e deu assistência, como seu comissionado, às Cortes reunidas em Mozón e Alcañiz, em 1436-1437. Por quatorze anos trabalhou escrevendo uma obra ferozmente anti-judaica: "*Zeluz Christi contra Judeos et Sarracenos*". Todos os seus filhos ocuparam altos cargos. Luis foi conselheiro do Rei Juan, Jaime foi amigo de confiança de Fernando, o Católico. Samuel, que tomou o nome de Pedro, chegou a uma distinguida posição na Igreja. Isaac, que tomou o nome de Fernando, foi Vice-diretor da Universidade de Zaragoza. Ahab, que tomou o nome de Felipe, foi um dos Grandes da Corte. Pedro De la Caballería participou das "negociações" do matrimônio de Isabel, a Católica, com Fernando de Aragón. No livro de Pedro sãos revelados os crimes rituais dos judeus.

Os convertidos e prelados marranos são os católicos mais fanáticos, e dão ao cristianismo espanhol essas características que lhe valeu, até hoje, o apodo de Instituição Negra. Não em vão o primeiro Grande Inquisidor foi o judeu marrano Tomás de Torquemada, Cardeal de San Sixto. Também o eram o devoto Hernando de Talavera, arcebispo de Granada, e Alonso de Oropesa, General da Ordem dos Gerônimos. A Ordem dos Jesuítas, possui todas as características principais da idiossincrasia judaica. Racionalismo e simulação, crueldade e hipocrisia. Hoje é pró-marxista, por excelência. A ambivalência marrana se torna clara na Inquisição, onde era praticado o princípio do antissemitismo, **habilmente dosificado** para conseguir a coesão e melhor propagação do messianismo sionista. Seja onde o antissemitismo não existe na forma desejada, os próprios judeus o inventam, criando a sua lenda mais negra, como no caso dos fornos crematórios e do genocídio de Himmler. Todavia, a Inquisição, em seus tempos mais serenos e sábios, consegue legislar "cientificamente" no que as leis da etnologia se refere. Nisto [ela] até poderia ser um modelo para as SS.

Os Novos Cristãos, mesmo depois de meia dúzia de gerações, seguiam sendo "novos", pois se casavam uns com os outros, quase sempre. Primos com primas e até tios com sobrinhas. Os Velhos Cristãos lhes forçavam esta solução por temor de se mesclar com eles. Os descendentes de matrimônios mistos eram considerados pelos Tribunais do Santo Ofício como sendo "Meio Cristão Novo". Se alguém tinha apenas antecessores remotos, era "parte Cristão Novo". Se tinha mais do que meio antecessor judeu, era "Mais do que Meio Cristão Novo".

A Inquisição expedia certificados de "Limpeza de Sangue". Somente os possuindo era possível fazer parte do exército, nas Ordens de Cavalaria, no Santo Ofício, ou entrar nas Universidades e Corporações Estudantis. Isto aconteceu já em tempos mais avançados dos Tribunais e quando a Inquisição se "limpou" internamente. Para viajar para o Novo Mundo era preciso também estar em posse destes certificados, disposição esta que frequentemente era evadida, como veremos. Todavia, a Inquisição, com todas as suas ambiguidades, cumpriu o que prometeu e conseguiu, ao final, extirpar a duplicidade do marranismo, sem custos muito altos, pois é um exagero judaico afirmar os seus grandes crimes e execuções. No total, em muitos séculos e em ambos os mundos, no Velho e no Novo, os "autos" foram incrivelmente poucos. A maior parte era cumprida em efígie, coisa que o judeu unicamente conhece em suas práticas de magia negra. Quantas vezes eles sacrificaram em efígie a Hitler, seja por acreditarem que ele esteja vivo ou morto.

O judeu jamais perdoará a Inquisição por ter tido um êxito sequer parcial. E hoje trata de "desfazer o que foi feito", reincorporando oficialmente os marranos ao judaísmo, no Velho Mundo (leia-se "Espanha democrática e borbônica") e no Novo Mundo.

Os combatentes ários, exilados na Terra do Demiurgo, devem ao sangue visigodo na Espanha o fato de terem apresentado e travado até o limite de suas possibilidades a luta contra o anti-sangue judeu. Desta luta de séculos, muito mais dura e importante do que a guerra contra os mouros, a Espanha, como nação, como conglomerado étnico, sairia aniquilada. Mais ainda após a conquista do Novo Mundo, onde o sangue visigodo é perdido em grandes quantidades nas guerras do Reino do Chile.

Outros se admiram da obstinação quase sobre-humana, melhor dizendo, não humana do judeu para se manter em sua linha e sua missão de filhos de "seu Deus", do Demiurgo Jeová, do Senhor das Trevas. Mas nós não poderíamos sentir admiração, havendo chegado até estas profundezas na redação deste livro. Enquanto o seu anti-sangue se mantenha "impuro", como o Demiurgo arquetípico o requer e precisa, o judeu pode manipulá-lo em seus registros, de fora do mundo, e não permitirá jamais que se afaste da sua missão e do seu destino. Seguirá o utilizando.

Pode ser que tenham existido alguns poucos marranos que foram convertidos em boa fé; mas enquanto o seu anti-sangue estiver ali, mesmo que contra a sua vontade, atuarão na atmosfera e estilo dispostos. No instante decisivo, se o "anti-sangue" é mais forte, ou em maior quantidade que o rio do sangue divino visigodo, reagirão em consequência [deste], dirigidos pelo "demônios-instintos", que manejam o código genético dos bastardos, dos impuros, do "anti-sangue". O sangue puro dos ários hiperbóreos, dos Siddhas, é um *vapor ígneo* que se origina no Raio Verde. Puro vem de *Pur*, que quer dizer 'fogo' em sânscrito. O Sangue Puro é o Fogo do Raio Verde. E é pelo sangue puro que os Guias Hiperbóreos podem se comunicar com os *vîras*, com os guerreiros exilados no Universo do Demiurgo.

Jerome Munzer, um viajante alemão que visitou a Espanha entre 1492-1495, conta que até poucos anos antes existia em Valencia, no local ocupado depois pelo Convento de Santa Catalina de Siena, uma igreja dedicada a São Cristóvão onde os marranos tinham as suas sepulturas. Fingiam se conformar aos ritos da religião cristã, mas em segredo realizavam os do judaísmo. O mesmo caso ocorria em Barcelona, onde se um judeu dizia "vamos a Igreja de Santa Cruz", ele se referia à Sinagoga secreta, a qual chamavam deste modo. E em Toledo, onde também existe uma igreja de mesmo nome. O relato mais fidedigno de todos os subterfúgios de que os marranos se valiam pode ser lido na "História dos Reis Católicos", de Bernáldez.

Um caso típico da psicologia judaica está registrado nas peripécias de um monge marrano, que passou por uma cidade da Berbéria, na África, onde vendeu todas as suas indulgências[25] a alguns viajantes provenientes de "Angleterre" e foi então acusado de fraude por estes ao descobrirem que era um judeu. O "monge" se defendeu dizendo que ele "não havia cometido infração alguma, respeitando as leis do porto franco, ao vender uma mercadoria declarado e solicitando as mesmas facilidades que para todos os outros usuários deste porto".

A DIÁSPORA MARRANA

O Concílio de Tortosa, em 1429, e o Concílio Geral da Basileia, em 1434, se ocuparam do grave problema dos Novos Cristãos e da sua duplicidade. O descendente

[25] N. do T.: 'indulgências' no sentido de redenção de pena religiosa.

de visigodos, o Cristão Velho, unicamente enxergava judeus hipócritas que subiam às altas esferas do poder, comprando tudo e deslocando de suas terras hipotecadas os antigos fidalgos e guerreiros. A oposição maior foi centrada em Castilla (a Terra dos Castelos do Deus Wotan), em Toledo, Murcia e Andaluzia. Em 1499, a Ordem de Calatrava, refúgio dos Templários, toma o lado dos Cristãos Velhos contra os marranos, ou Cristãos Novos. Na metade do século XV acontecem grandes distúrbios, massacres e matanças de marranos em distintos lugares das Espanhas. E é assim que no dia 1º de novembro de 1478, por Bula Papal, se cria a Inquisição espanhola, autorizando os monarcas católicos a designar um Grande Inquisidor e lhes são dados plenos poderes sobre os heréticos da Espanha. A Inquisição é inaugurada em Sevilha. Em 1486 é celebrado o primeiro "auto" em Toledo e 700 marranos foram condenados. Em um ano chegaram a cinco mil, com diversos castigos, na maioria consistentes em portar o "sambenito"[26]. Em Castilla, Torquemada processou dois bispos. Em 1483 havia sido criado o Conselho Supremo e Geral da Inquisição, Tomás de Torquemada havendo sido confirmado como Grande Inquisidor.

Chegamos assim ao ano de 1492, com a captura de Granada, que marca o final dos reinos mouros. Ao final foi conseguida a unidade da Espanha, após tantos séculos de guerra. Agora não se podia seguir permitindo comunidades estranhas. A Inquisição faz bom uso do caso de crime ritual da "Criança Santa de La Guardia", ao qual já nos referimos. E é deste modo que no dia 30 de março de 1492, os Reis Católicos decretam a expulsão de todos os judeus da Espanha e dos seus domínios. Quatro meses depois, no dia 31 de julho, os judeus haviam partido. Os marranos ficaram isolados, sem as suas sinagogas e rabinos.

Como vimos, se esparramaram por todo o Mediterrâneo, pela Itália, Grécia, Turquia, Macedônia. E atrás deles também vão os marranos, que não se conformam e que encontram uma vida cada vez mais difícil quando não se assimilam totalmente a outro sangue. Depois de tantos séculos, me foi possível encontrar judeus Sefarditas ainda vivendo na Macedônia, na Iugoslávia. Possuíam prensas para publicar um diário em espanhol antigo. O governo de Tito nomeou um embaixador no Chile de origem sefardita. Achei estranho na época que, ao fazer a visita protocolar, antes de partir (eu era embaixador do Chile em Belgrado), me falou em espanhol, mas em um espanhol arcaico. Dizia "agora", ao invés de "ahora". Usava o castelhano de Alfonso, o Sábio.

Muitos foram em direção à Portugal, onde também passaram rapidamente a alcançar as alturas e a nobreza. Em Lisboa se tornam monges e monjas. Em Portugal adotavam nomes portugueses e em Hamburgo, a mesma família, conservava o nome judaico, mantendo os mais estreitos contatos através do comércio que controlavam nos portos do Atlântico. Em Hamburgo os judeus passaram a substituir a Liga Hanseática, com raízes nos Cavaleiros Teutônicos, introduzindo a usura e os juros. Em 1621, um português, Vicente de Costa Mattos, publica o "Breve discurso contra a Herética Perfídia do Judaísmo", que fora havia sido traduzido para o espanhol e tinha ampla circulação.

Os judeus passam a controlar o comércio das colônias. Em todos os lugares onde chegam se expressam em português e espanhol. De imediato montam as suas organizações, às quais dão nomes curiosos, lhes antepondo sempre a palavra *Kahal*, que significa consistório, congregação, ou algo assim. Em Veneza é "Kahal Kadosh", Congregação Santa. Será conhecida pela sua abreviatura: KK. Na Holanda é "K.K.

[26] N. do T.: Hábito em forma de saco, em baeta amarela e vermelha, que se enfiava pela cabeça, usado pelos penitentes que iam ser queimados na fogueira da Inquisição.

Talmud-Torah". Em Londres, "K.K. Schaar ha Schamayin", Porta do Céu. Em Bayona, "K.K. Nefusot Yehudah", Sagrada Congregação dos Dispersos de Judá". Este costume passará a ser imitado em Nova Iorque, sendo ali fundada a "K.K. Schearith Israel", Sagrada Congregação dos Restos de Israel. E em Newport, "K.K. Yeschuath Israel", Sagrada Congregação da Salvação de Israel. Sendo assim, quando os emigrantes ashkenazi chegam à América, vindos da Alemanha, no século XIX, seguem o exemplo dos Sefarditas. Os marranos, vindos à América do Norte, procedem de Veneza, ou do Brasil.

Em Veneza haviam mudado os seus nomes portugueses. Por exemplo, Duarte Pereira passou a ser Lombroso. O escritor deste nome, criador da "teoria fisionômica" em "medicina criminal", típica judaica, era descendente de um marrano português, de origem sefardita. A Toscana também os recebeu. Em Liorna instalam um "Kahal Kadosh". No século XVI esta cidade tem sete mil judeus. Todas as Companhias de Seguros Marítimos estão em suas mãos. Chegam à Roma, à França, a Burdeos, a Avignon. Em Hamburgo criam o Banco de mesmo nome, em 1619. Dali seguem para a Dinamarca e toda a Península Escandinava. Atuavam com diversos nomes. Por exemplo, Abraham Pereira, de Amsterdam, comerciava sob o nome de Gerard Carl Bangardel. A chegada dos Sefarditas da Península Ibérica produz uma profunda mudança e revolução nas formas e métodos de penetração do judaísmo. Introduzem a vestimenta gótica nas sinagogas e, apesar do desprezo que manifestavam pelos seus irmãos de sangue asquenaze, lhes servem de ponta de lança na penetração nórdica. Uma vez aceitos os Sefarditas, era mais difícil proibir os outros.

Mas, o verdadeiro paraíso, a nova Jerusalém, viria a ser a Holanda. Por distintas razões, é ali onde se congregam com o seu comércio, as suas publicadoras e sinagogas.

Não deveríamos nos surpreender com o papel que a Holanda e a Escandinávia chegaram a desempenhar nos tempos modernos, com o seu socialismo deslavado, com a sua socialdemocracia maçônica e puritana. Quando Julius Evola se refere à involução da raça viking, não leva em conta a possibilidade de que talvez ali não exista mais uma porcentagem superior de sangue ário hiperbóreo. E isto porque Evola não tinha conhecimento do grande problema marrano. Ou melhor, se o conhecia, por alguma razão o contornava. Dá como exemplo a degeneração dos holandeses, suecos e dinamarqueses para dar impulso à sua teoria sobre a "raça da alma" e a "raça do espírito". Quer nos fazer crer que mesmo existindo a raça biológica, a decadência ocorre porque não há raça do espírito. A verdade é que nos Países Baixos tampouco há raça biológica, porque ali o marrano encontrou a sua Nova Jerusalém, no século XVI. Contemplemos somente o rosto de Olaf Palme, esse primeiro-ministro sueco, e poderemos saber de imediato a que raça ele pertence. Esse não é um descendente dos vikings, certamente. E isto que acontece com os dirigentes que controlam o mundo escandinavo e dos Países Baixos, também se passa na Inglaterra ("Angleterre").

Os Países Baixos haviam estado unidos dinasticamente à Espanha, assim como a Bélgica, com o seu porto de Amberes, tão importante. As nações puritanas passam a proteger os judeus por estes serem perseguidos pela Inquisição católica. Ademais, a leitura do Antigo Testamento os predispõe ao seu favor. Em Amsterdã, rapidamente passam a controlar 25 por cento do comércio. Os Mendes se tornam donos dos portos. José Mendes de Castro era Abraham Athias (outra vez Atias). Mendes France era um judeu sefardita que chegou a ser primeiro-ministro da França em nossos dias, e então desmembrou o pouco do que restava do Império daquele país. Também em Amsterdã

os judeus imprimiram as mais belas Bíblias em espanhol e português. Há uma tendência principal nos judeus, sejam eles sefarditas ou asquenaze, a se apoderar de todos os meios de publicidade, das publicadoras ou dos diários. Isto pode ser comprovado amplamente na América do Sul, onde as famílias que controlaram a imprensa tradicionalmente são de judeus marranos ou chuetas (já falaremos sobre os chuetas). Controlam também as editoras e, atualmente, a televisão. Desde muito tempo, já se preparavam para cumprir as instruções dos "Protocolos dos Sábios de Sião", que naqueles tempos se encontravam unicamente no nimbo do Arquétipo.

Da Organização "Yeschiba", dos Pinto, fundada pela poderosa família marrana dos Pinto, zarparam para a América (Brasil) rabinos que lá foram para reconfortar os seus irmãos marranos e para dirigir a comunidade do Novo Mundo, se repartindo estrategicamente nas áreas de fala portuguesa e espanhola.

Em Amsterdã e Amberes viviam Isaac da Fonseca, Aboad Moses Zacuto, Salomón de Oliveira, Daniel e David Cohen de Azevedo, Joshua da Silva e o famoso Menasseh Bem Israel, já mencionado. Este último estabelece a primeira publicadora judaica local, em 1627, que viria converter a cidade de Amsterdã pelos próximos duzentos anos no centro do comércio livre. É ele que em seu opúsculo, "A Esperança de Israel", nos conta sobre os indígenas judaicos da América. É também ele quem mais se esforça para que os seus conterrâneos sejam readmitidos à "Angleterre", encontrado a colaboração de Cromwell, talvez seu irmão de raça.

O argumento esgrimido por Cromwell perante Whitehall, que estudava a "muito humilde", para não dizer mesquinha, petição de Menasseh (sempre chegam assim a um novo país, se arrastando, ou comprando a sua entrada, como no Chile), foi a necessidade de deslocar o domínio comercial da Holanda e da Espanha nos mares do mundo, que na sua maior parte estava nas mãos dos judeus. Com a expulsão da Espanha, os Novos Cristãos também chegaram à Londres. Em 1521 estão instalados na Inglaterra.

A grande casa financeira dos Mendes, de Amberes, estabelece relações, chegando a se tornarem responsáveis pelas transações dos empréstimos da Tesouraria inglesa. Quando são perseguidos, a Rainha Regente da Holanda intervém a seu favor perante a Corte inglesa. Foi assim que o marrano Héctor Núñez *informou a Walsingham, Ministro da Rainha Isabel, da chegada à Lisboa da "Armada Invencível"*. Contava com toda a confiança do Ministro; era médico e comerciante. Já dissemos que os judeus marranos financiaram Drake e também os corsários holandeses que atacavam em todos os mares os galeões da Espanha. Mas, após a derrota da "Armada Invencível", houve na Inglaterra uma onda de antissemitismo, acarretando a interrupção das relações comerciais com a Espanha, mantidas através dos marranos. Este sentimento está refletido nas obras de Shakespeare, no "Mercador de Veneza". Em 1609, voltam a ser expulsos da Inglaterra os suspeitos de [praticarem o] judaísmo.

Todavia, depois de alguns anos, no século XVII, importantes judeus voltam à Inglaterra, passando a ser diretores no comércio e proeminentes na política. Em consequência, Simón de Cáceres, que prestou serviços muito úteis na conquista da Jamaica e aconselhou o governo a comerciar com Barbados. Este mesmo marrano *sugeriu a Cromwell, em um memorando, a conquista do Chile*.

Por sua situação insular e de comunidade ameaçada por muitos lados, a psicologia dos ingleses, como a dos suíços (uma ilha continental), se presta para ser receptiva ao *modus operandi* dos judeus. É com facilidade que o judeu impõe o seu estilo usurário e "dinheirista", como diria don Francisco de Quevedo, ao comércio do Império

inglês, seu "rapinismo", passando a dominar, séculos mais tarde, a Companhia das Índias, como também haviam dominado a Companhia das Índias Ocidentais, da Holanda. Deste modo, transformam o que pode ser Imperium, vontade de Império, em imperialismo e exploração. Algo semelhante acontece com a nação helvética, onde os suíços "são piores que os judeus", segundo a expressão do Conde Hermann de Keyserling. Isto é, se transformaram no que são, por força das circunstâncias, do calvinismo, das lojas maçônicas e do controle que os judeus exercem sobre toda a vida nacional – uma vida de banqueiros e de usura. A existência na Suíça, cada vez mais, se assemelha mentalmente a de um "Kibutz" israelita. *Tudo o que ali não está proibido, é obrigatório*.

Os ingleses têm uma alma judaica em um corpo ário.

À Escócia, os judeus chegaram antes mesmo do que ao resto das ilhas. Curiosamente, até nas peculiaridades dietéticas são encontradas semelhanças. Ali houve uma assimilação desconhecida. Existe também uma misteriosa crença em uma tradição druida. Muito se falou de que alguma das tribos perdidas foram parar na Escócia, na Inglaterra, e que os druidas pertencem a estas tribos de Israel. Quando escrevemos "O Cordão Dourado", ainda não possuíamos esta informação, à qual ainda não comprovamos. Em todo caso, Robert Bruce, no século XIII, recebe os templários, cuja origem se encontra nas Ordens de influência druídica dos Cistercienses e beneditinos. Os Templários são destruídos porque tratam de se tornarem independentes. A Maçonaria Escocesa tem muito do ritual e simbologia judaico. A propósito desta maçonaria, me chamou muito a atenção o fato de que tradicionalmente os altos graus do Rito Escocês ficavam nas mãos da *família dos Sinclaire*. E relacionei este fato significativo com o livro "Demian", de Hermann Hesse, que em sua primeira edição assinou pseudônimo literário de Sinclaire, nome também do herói da obra.

Quando eu estava vivendo em Montagnola, em Ticino, conversei uma vez com um maçom, que me assegurou que Hermann Hesse também era um. Para mim isto parecia inconcebível, porque Hesse, no meu conceito, jamais teria podido pertencer à organização alguma. Mas o maçom insistiu, dizendo-me que isto não era um requisito necessário, "que poderia ser maçom mesmo não pertencendo à qualquer loja". E me repetiu que Hermann Hesse era um altíssimo dirigente da Maçonaria. Em todo caso, "Demian" revela o conhecimento da simbologia esotérica maçônica, inspirado em Jung. E já nos referimos ao fato de que em uma lista de maçons publicada na Suíça aparecia o grande professor. Assim faria sentido o Prêmio Nobel dado a Hesse, a sua defesa e apologia ao judeu, o seu terceiro matrimônio com uma judia e a sua animosidade declarada ao hitlerismo. Foi nomeado "circunciso honorário". A este tema inquietante e misterioso da traição ária nos referimos ao tratar da "Traição Branca". Bem lenta e dificultosamente, em quarenta anos de esforços, de investigação, de busca incansável, de combates, a informação (e iluminação) foi se tornando possível, cada vez mais acelerada e intensamente – depois da publicação de "El Cordón Dorado" e "Nietzsche y la Danza de Shiva". Quando escrevi "El Círculo Hermético", ainda não havia chegado a esta revelação. Em "NOS" já a possuía e, por isso, tratei de permanecer ali com o melhor de Hesse e Jung, travando com eles diálogos imaginários, ainda que mais verídicos do que todos os que na realidade tive algum dia com ambos. E querendo crer que tanto Hesse quanto Jung (mais Jung do que Hesse, ao qual um Prêmio Nobel nunca foi dado) foram utilizados pela força poderosa que, em todos os planos, é controlada pelo Senhor das Trevas, o Demiurgo Jeová. A razão profunda e esotérica pela qual eu entrara nesse

Círculo Hermético com Hesse e com Jung haveria sido para que procurasse recuperar o seu arianismo, em um gesto de amizade profunda, de nobreza hiperbórea, sul-polar; porque "a minha honra se chama lealdade". Procurando resgatá-los, se é que Wotan ainda o permite.

Tanto Hesse quanto Jung foram filhos de pastores luteranos, pietistas. E esta religião, ainda que já não fosse a deles, dá forma à atmosfera da sua juventude. É baseada no Antigo Testamento e esteve em estreito contato com o judaísmo; além do mais, com a Maçonaria.

No último capítulo de "NOS", "La Soledad del Triálogo", sento à mesa, convidados à cena, personagens tão contrapostos quanto Hesse e Ezra Pound, Jung e outros. É, certamente, uma reunião imaginária. E o laço que os pudesse unir somente se encontra no meu coração. Lhes digo, usando uma frase de Nietzsche: "Olhemo-nos de frente, nós todos somos hiperbóreos!".

A propósito disto, quero trazer à memória aqui alguns eventos da minha permanência em Montagnola. E mesmo de antes. Na minha última visita a Ninon Auslander, a esposa de Hermann Hesse, depois da morte do escritor, ela me contou que a televisão canadense havia lhe solicitado a permissão para fazer uma adaptação de "O Lobo da Estepe". Havia se negado, porque assim sempre foi a vontade de Hermann Hesse, também para o cinema.

Quando vivia em Montagnola, me visitaram em Casa Camuzzi o filho de Hermann Hesse, Heiner, acompanhado de um diretor de cinema norte-americano e um libretista. Desejavam fazer um filme sobre "O Lobo da Estepe", precisamente. O diretor era o mesmo que havia levado ao cinema "Ulisses", de James Joyce. Me consultaram quanto a minha opinião. Me opus decididamente, recordando Ninon e por convicção pessoal. Depois, na presença de todos eles, dei um bate-papo em um seminário propiciado por um professor dos Estados Unidos e com participantes de muitos países. Me referia à "falsificação de Hermann Hesse nos Estados Unidos" e aproveitei para manifestar a minha oposição quanto ao fato de que as suas obras fossem levadas ao cinema. Afirmei que jamais um bom livro resulta em um bom filme, porque pertencem a "galáxias" diferentes. Por outro lado, as boas películas correspondem à livros ruins. Depois, Heiner Hesse me convidou para jantar com ele e sua esposa em sua casa em Küsnacht, em Zurique. Lhe consultei sobre o testamento do seu pai e se o mesmo havia autorizado a filmagem das suas obras. Me disse que o proibia expressamente, exceto no caso de que seus filhos estivessem em má situação financeira. Lhe perguntei se isto estava acontecendo. Ele me respondeu que não; mas que ele o havia autorizado "para ajudar à juventude do mundo". Acabava de receber setenta mil dólares para dar tal autorização.

Os filmes "O Lobo da Estepe" e "Siddhartha" foram ambos um fracasso.

Mas, eu queria chegar ao seguinte: o libretista que adaptou o filme "O Lobo da Estepe", um judeu, me passou o libreto para que eu o lesse e desse a minha opinião sobre o mesmo (ainda tenho o original em meu poder). Descobri que ali o protagonista principal da novela se estende em uma exposição contra o nazismo, coisa que não acontece em nenhuma parte do livro, pelo fato exato de que quando foi escrito este movimento político ainda não existia como poder na Alemanha. E isto foi o que eu lhe disse. Sua resposta foi reveladora, e é aquilo ao qual eu gostaria de chegar aqui: "É necessário incluir isto", me disse, "porque a crítica que é feita a Hermann Hesse nos Estados Unidos é que a sua inclinação pelos temas míticos do Romantismo Alemão, com

essa atmosfera medieval e também pelo hinduísmo, é igual a aquela que produziu o nazismo hitlerista...".

Com a data de 27 de maio de 1937, o Ministério de Propaganda do Terceiro Reich envia uma comunicação confidencial ao grêmio de editores alemães, fazendo constar que, "por determinados motivos, opinamos que o escritor Hermann Hesse não deve ser exposto daqui em diante a mais ataques e que, por conseguinte, não será impedida a divulgação das suas obras".

Hesse escreveu uma obra seguramente excepcional sobe o "Romantismo Alemão", do qual, juntamente com o seu admirado Nietzsche e com Stefan George, ele fora o último ressurgimento. Que há sido desta obra? Nunca foi publicada, ninguém sabe onde se encontra o manuscrito.

Por tudo isto, em "NOS, Libro de la Resurrección", junto a Jung, dia a Hesse, lhe olhando no fundo dos seus olhos tão claros e azuis: "Olhemo-nos de frente, nós somos hiperbóreos!".

Sim. Era um hiperbóreo. A transcrição [que veremos] mais adiante, de "circunciso honorário", foi tomada de uma carta dos judeus de Lübeck, assinada pelo Dr. Korinthenberg, presidente da Audiência, e [foi] reproduzida pelo Volker Michels em uma coleção de cartas de Hesse e para Hesse, que a Editorial Bruguera, da Espanha, editou sob o título de "Escritos Políticos de Hesse". Volker Michels é o especialista em Hermann Hesse na Alemanha de hoje, uma excelente pessoa. Me visitou em Montagnola para ver se eu tinha alguma carta de Hesse que lhe pudesse servir para a sua publicação. Deste tipo eu não tinha nenhuma. Depois fiz todo o possível para que a Editorial Suhrkamp, da Alemanha, editasse o meu livro sobre Hesse e Jung. Já expliquei em outra parte que, pelo fato de Jung também aparecer, isto não foi possível. Essa casa editorial está dominada por filo-marxistas e freudianos, sendo desde as suas origens uma central de difusão do judaísmo, como sucessora da Fischer Verlag. Por ter os direitos exclusivos das obras de Hesse, se viu na obrigação de publicá-las, mesmo que os seus conselheiros não se identifiquem de modo algum com a sua mitologia "romântica" e "medieval". Ademais, é um grande negócio, vendendo em seus bons tempos mais de quarenta mil exemplares por mês das obras de Hesse, somente na Alemanha. Vim a ter alguns problemas com esta editora em razão dos direitos de reprodução, em meu livro "Las Metamorfosis de Piktor", havendo sido eu o primeiro que as trouxe ao conhecimento do mundo hispânico e anglo-saxão. Hesse havia me presenteado um exemplar [do seu] manuscrito, uma verdadeira joia, desta obra. Meu livro "El Círculo Hermético" foi publicado em alemão em Zurique, por Racher Verlag, a quem eu havia sido recomendado pelo próprio Hermann Hesse.

A seguir vamos reproduzir a carta dos judeus de Lübeck, onde nomeiam Hesse "circunciso honorário". O fazemos unicamente por se tratar de uma carta típica de judeus, que nos poupa mais explicações sobre esta psicologia única, ao ponto de parecer haver sido escrita por alguém que quisera caricaturá-los. No melhor dos casos, por isto Volker Michels a publicou. A carta, depois de uma série de considerações elogiosas, termina pedindo dinheiro a Hesse, como se lhe cobrassem a "circuncisão honorária". Bastante barato, além do mais, algo como "cinquenta ou cem marcos". E tudo isto para que "outros escritores alemães entendam o poder que eles, os judeus, agora têm na Alemanha". Um poder absoluto, já o sabemos.

Estamos seguros de que uma missiva de tal natureza não pode haver sido do agrado de Hermann Hesse, que, em uma carta para Sonia Braham, escrita em 1934,

declara: "Que os judeus não são anjos e precisam da autocrítica como qualquer outra nação, não é novidade para mim". Tampouco Hesse quis ir receber pessoalmente o Prêmio Nobel em Estocolmo, argumentando o seu estado de saúde. Enviou Ninon Ausländer em seu lugar.

Eis aqui a carta:

"Muito distinguido senhor poeta Hesse:

Quando recentemente lemos que vossa senhoria, atendendo o desejo de um dos nossos irmãos da louvável terra dos Estados Unidos, teria eliminado uma palavra insultante para os judeus, após umas frases de compromisso, nós, os nobres judeus de Lübeck, decidimos por aclamação (treze votos contra onze) lhe nomear judeu *honoris causa*, coisa que lhe comunicamos para a sua satisfação.

Faz tempo que nos parecia, digamos desde 1906, que vossa senhoria era inimigo dos seus parentes protestantes, mas todavia não podíamos ver se, como inimigo dos cristãos, também o era dos judeus, por exemplo, como os malditos nazis. Contudo, dado que desde o início nosso irmão S. Fischer, de Berlim, foi seu editor, e ao ver que apenas uma e curta viagem à Índia lhe havia convertido em budista, soubemos com certeza que sim, de que viria até nós... E por acaso não veio? Porque vossa senhoria é hoje um...irmão, queremos dizer um filosemita, um amigo nosso, ***dos pobres judeus*! *Tal como corresponde a um poeta alemão que deseja ser conhecido e famoso entre nossa gente***. Vossa senhoria obedeceu com tal prontidão ao nosso irmão em Nova Iorque, que será exemplo e modelo para outros escritores alemães, ***inteirados do poder que agora temos também na Alemanha, apesar de contarmos com nosso próprio Estado de Israel. Mas para nós é mais cômodo permanecer na Europa e América do que nos mudarmos para o perigoso país de Jerusalém***. {Destacamos tudo isto por ser uma corroboração quase que incrível do que foi escrito e repetido nas páginas deste livro, revelando-se por si próprio a idiossincrasia maldita deste povo do Senhor das Trevas}.

E como o senhor se converteu em um exemplo, também lhe nomeamos *circunciso honorário*, coisa que sem dúvida lhe alegrará ainda mais, quando o souber.

Por este diploma de honra lhe agradeceremos que nos envie ***uma pequena quantia de cinquenta ou cem marcos***, o que vossa senhora puder, à direção literária de nossa comunidade. {Mais uma vez destacamos o texto}.

Lhe saudamos cordialmente com um "Viva Judá!"

Os Nobres Judeus de Lübeck
Fdo. Dr. Korinthenberg, presidente da Audiência. Outubro de 1948.

É fato que os judeus se aproveitaram de Hermann Hesse para usá-lo "como exemplo e modelo para outros escritores alemães", podendo "inteirá-los do poder que agora eles têm na Alemanha". Enquanto estava vivo, se valeram da sua bondade e ingenuidade tipicamente ária e de seu espírito rebelde de germano antigo. Acreditou que o judeu estava em desgraça e sua inata nobreza o levou a defender seus amigos judeus, coisa que até o próprio Hitler fez, como nos revela Kubizek, e como também eu o faria, sem titubear. Mas se Hesse houvesse vivido o suficiente para ver o que os judeus faziam com a sua obra literária, [juntamente com] seu editor Surhkamp e a sua família suíça, especialmente o seu filho Heiner, não temos certeza de que ele teria continuado a não descobrir a verdade sobre o judaísmo. Toda a produção literária de Hesse, um produto da grande tradição alemã do Romantismo, foi posta a serviço do "hippísmo", do consumo de drogas e do enfraquecimento e destruição de várias gerações no mundo. A falsificaram e distorceram para servir os macabros fins do plano internacional de Sião.

Em honra da verdade, diremos que jamais Ninon haveria aceito isto. Enquanto viveu, ela teve muitas dificuldades com os filhos suíços de Hesse, depois da morte do escritor. Ela mesma me revelou isto. Eles, por outro lado, haviam aceito tudo, por estupidez, ignorância e ambição material.

Um escritor hermético, de minorias, foi transformado à força em um "produto de consumo", em um *best seller*. Isto é o que fazem os judeus com aqueles que acreditam ser seus amigos: os usam, os massacram, os assassinam. Porque no fundo os desprezam profundamente.

Jeová não lhes permite outra coisa. O Senhor das Trevas é incorruptível.

....

Na Inglaterra os judeus chegaram a penetrar nos altos escalões e profundamente. Rothschild é um Lorde. A nobreza também está contaminada, até mesmo a realeza. Dizem que são circuncisados. Lorde Mountbatten se casou com a descendente de banqueiros judeus, renegando a sua ancestralidade germânica. O seu pai, Lorde do Almirantado, foi obrigado a se demitir do seu cargo na Primeira Guerra Mundial pelo fato de provir da Alemanha. Precisou mudar o seu nome de Battenberg. Foi uma grande humilhação. Mas se lhe houvessem pedido que pusesse um nome judeu em seu filho, talvez o houvesse feito. Já estava totalmente à serviço do "povo eleito". Havia vendido o seu sangue gótico, hiperbóreo, ao anti-sangue de Judá. Sua filha é marrana e os seus netos talvez tenham sidos circuncisados. O mesmo ocorreu com o que foi príncipe consorte da Holanda, Bernardo. Havendo pertencido às SS, na Alemanha, renegou também o seu sangue e o da sua pátria. Detestou o Chile, "porque os militares usavam o uniforme prussiano", e passou a ser um dos dirigentes do grupo dos Bilderberger, organização sinárquica do judaísmo internacional, à serviço da Grande Conspiração. Todos estes nobres germanos empobrecidos, para manter o seu status estiveram dispostos a se vender ao dinheiro de Sião. E também de cometer a mais ignóbil traição e felonia contra o seu sangue e o Führer da sua raça, lançando a sua verdadeira pátria ao abismo da partição. E ao seu aniquilamento.

Os güanches das Ilhas Canárias eram altos, brancos e loiros. Foram aniquilados pelos iberos uma vez que a Espanha se apoderou destas ilhas. Os güanches eram hiperbóreos e o ódio que por eles professaram os vernáculos peninsulares é igual ao que sentem pelos germanos e godos. Também às Canárias chegaram os judeus. E às Ilhas Baleares. Em Palma de Mallorca foram chamados de "chuetas".

Este nome estranho poderia ser um diminuto de "chuya", que significa 'porco' em dialeto mallorquino. Outros dizem que "chueta" é "jueta", pequeno judeu, ou "chuco", do espanhol, ou "chouette", do francês, grito com o qual se chama um cachorro.

As trezentas famílias chuetas viviam fechadas em uma única rua, chamada por isso de "La Calle" [a rua, em espanhol]. Também foi publicada uma obra com a lista dos judeus conversos, afirmando que estes continuavam sendo judeus praticantes: "La Sinagoga Balear". Os chuetas compraram a edição toda.

O político e Primeiro Ministro espanhol Miguel Maura era um chuetas. Também o historiador da Conquista do Perú, Pedro Gutiérrez de Santa Clara, descendia de judeus e Fernando Rojas, autor de "La Celestina".

Em meados do século XVII uma corrente de pseudo-messianismo começou a percorrer o universo marrano da Holanda e de Amberes. No ano cabalístico de 1666 (três seis) acreditaram que o Messias havia encarnado na pessoa de Sabat Zevi. As premonições de Menasseh bem Israel, sobre o encontro de duas tribos perdidas no Novo Mundo, contribuíram. O impostor encontrou nos marranos os seus mais fiéis sequazes. Em Londres, em Portugal, em Hamburgo, prestavam juramento ao Messias. Jovens judeus executavam danças na Sinagoga, portando cinturões verdes, emblema do Messias. Em Amsterdã, rabinos como Isaac Aboed da Fonseca e Rafael Moses Aguilar se submeteram com entusiasmo. O filósofo racionalista e médico Benjamin Musafia se esqueceu de suas crenças e se juntou ao movimento. O próprio Spinoza, filósofo de origem sefardita, se interessou pelo Messias. Milionários como Israel Pereira partiram ao Levante para se unir a ele. Até que este apostatou, produzindo uma ruptura da tensão, porém não da esperança do judaísmo messiânico.

Neste ponto cremos ser bom recordar Asher Ginzberg, pseudônimo de Achad Ha-Am, que quer dizer em hebreu "o Único do seu Povo". Na Primeira Parte desta obra dissemos que a ele é atribuído o texto dos "Protocolos dos Sábios de Sião". Era um judeu nascido na Rússia, de família ortodoxa e muito observante. Enquanto Teodoro Herzl, pseudônimo de Benjamin Seft, e Max Nordau, pseudônimo de Suedfeld, haviam aceitado uma pátria para os judeus na Angola ou Uganda, onde em 1903 os ingleses a haviam oferecido, ele rechaçava semelhante possibilidade categoricamente. Herzl morre misteriosamente e Nordau escapa de um atentado por um milagre. Ginzberg morre como um místico em Jerusalém, onde o Alto Comissionado inglês, Sir Herbert Samuel, ele próprio um judeu, lhe visitava cada vez que vinha à Tel Aviv, mesmo antes de se dirigir a residência oficial. Tanto Herzl quanto Nordau eram filhos do século XIX e o seu sionismo poderia aparentar ser meio que como uma réplica da instauração das nacionalidades decimononicas, criações maçônicas racionalistas, democráticas e republicanas, propiciadas pelos judeus. Mas Achad Ha-Am era outra coisa, o seu Sionismo era Simbólico e secreto, tendente a criar um centro radiante e permanente no "Chakra Terrestre" de uma Jerusalém recuperada, que tornara possível aglutinar Israel de uma vez e para sempre, e, dali, empreender a conquista do universo para a anti-raça do Super-homem judeu, que encarnaria o *contra-Avatar* do Senhor das Trevas, fechando o Ciclo da Profecia Messiânica. Podemos dizer que hoje Menahem Begin foi o fiel continuador de Ginzberg, o "Único do seu Povo", ainda quando as opiniões seguiam divididas entre a necessidade de instalar a cúspide dirigente sionista em Jerusalém, ou continuar governando das mais poderosas capitais do planeta. O mais provável é que já se encontram em refúgios subterrâneos, sob o mar, ou talvez fora da Terra, perseguindo, como sempre, a Luz Incriada dos Deuses Brancos, com a sua sombra negra.

É preciso reconhecer que Achad Ha-Am somente está à altura de um Esdras ou um Neemias, que em seu tempo se puseram a inventar com as leis do anti-sangue – de um modo artificial, como quem cria um *golem* – a um "povo eleito", partindo de algumas tribos bastardas dispersas, ultra mescladas, tendo ao alcance de suas mãos não mais do que seis mil judeus, dos quais somente 1.800 seriam homens e o resto mulheres e crianças. No total, os judeus dispersos no Império babilônico e persa eram cerca de dois milhões. Mas estes homens proféticos obedeceram às ordens do Arquétipo e, entre 458 e 445 a.C., galvanizaram este conglomerado, partindo deles mesmos, para estabelecer o Pacto com o seu Demiurgo, por meio de um juramento inquebrantável, que Achad Ha-Am, o "Único do seu Povo", veio a fazer com que fosse cumprido dois mil e quinhentos

anos mais tarde, com os "Protocolos dos Sábios de Sião", com o Sionismo Místico e Simbólico. E que então o terrorista Menahem Begin, com a sua gangue de sequazes, projetou adiante, dando os passos necessários e oficiando crimes rituais, cada vez que pôde, tal como a tradição judaica o prescreve.

Para aqueles que leem estas páginas, uma vez mais repetimos que aqui não há ódio e nem passionalidade, ainda que sim paixão, por ser esta obra a culminação de um combate empreendido nos anos da juventude e que continuaremos até a partida desta Segunda Terra. Por isto, manifestaremos nossa admiração pelo soberbo inimigo, ali onde este venha a mostrar a sua estatura gigantesca, como no caso de Asher Ginzberg e de Menahem Begin. Quão longe estão estes oponentes da dimensão de anãos dos ários traidores do seu destino, do seu sangue e seus ancestrais divinos! Desejaríamos unicamente alcançar uma dimensão semelhante a destes inimigos, na batalha, para equilibrar em altura as abismais profundidades às quais eles alcançam. O Universo, do "quinto céu para baixo", necessita deste esforço heroico. Se não, tudo terá sido perdido e o combate e sacrifício do nosso Führer terá sido em vão.

Os judeus chamam de *Goi* ao homem não judeu, no singular, e *Goym* no plural. À mulher judia lhe chamam de Goya, no singular (quiçá o nome do pintor Goya tenha algo a ver com isto, e seus "Esperpentos") e Goyohr, ou Goyos, no plural. O significado destes termos deve ser tão depreciativo para os não judeus quanto foram os nomes 'marrano' e 'chuetas' dados pelos gentis aos judeus.

Uma História Macabra e o Destino de Alguns Escritores

Os escritores que se atreveram a penetrar o segredo do problema judaico, de um outro modo foram liquidados, seja fisicamente, como o assassinato recente de Fraçois Duprat, na França, o do poeta Robert Brasillach, ao final da última grande guerra, ou então com o silêncio e esquecimentos dos maiores, como Knut Hamsun, Prêmio Nobel de Literatura, Luigi Pirandello, partidário do fascismo, hoje ausente dos cenários do mundo, e Ezra Pound. Quem se lembra que existiu um maravilhoso novelista chamado Knut Hamsun, cantor pagão dos bosques do norte, da sua Noruega? Quem se atreveu dar a Ezra Pound o reconhecimento que lhe é devido? Quem escreveu a sua verdadeira biografia? Fui eu quem inaugurou o único monumento que até agora foi levantado no mundo em memória do grande poeta e camarada, lá na muito antiga vila espanhola de Medinaceli. Mas, não sei se ainda permanece ali, pois aqueles que contribuíram para erguê-lo nem sequer sabiam quem foi Ezra Pound.

E Louis Ferdinand Céline? E Francis Parker Yockey, morto em uma prisão dos Estados Unidos? O procedimento não é novo. Um destino fatal se precipita sobre os poucos escritores insensatos que se atreveram a remexer o mistério abismal da conspiração internacional do judaísmo. Desde os tempos clássicos, isto já era conhecido. Quantas obras fundamentais desapareceram, quantas vidas terão sido cortadas! Que verdades profundas nos serão para sempre desconhecidas! Acolá, na Biblioteca de Alexandria desaparece o essencial. Depois, os quarenta mil volumes do Castello SS, Wewelsburg.

Aos sessenta e três anos, no dia 8 de novembro de 1878, morre o prolifico escritor Sir John Retcliffe. Escreveu cerca de meia centena de novelas, todas muito lidas em seu tempo. Alguns títulos são: "Sebastopol", "Nena Sahib", etc. Mas o seu verdadeiro nome foi Hermann Goedsche. Não era inglês, senão que alemão. Havia escolhido este pseudônimo literário. Publica a sua última novela, "Biarritz", em 1868, dez anos antes da sua morte. Depois desta obra não volta a escrever. E mais ainda, o silêncio surge em volta de si. O que terá ocorrido?

Nesta última obra há um capítulo estranhíssimo, intitulado "No Cemitério Judaico de Praga", e que foi reproduzido por outro escritor, em um pequeno folheto, antes da última grande guerra. De onde teria Retcliffe, ou Goedsche, obtido a documentação que lhe havia servido para escrever este capítulo. Ainda não circulavam pelo mundo os "Protocolos dos Sábios de Sião" e o próprio Achad Ha-Am não havia trazido a conhecimento público as suas ideias na Rússia. Ali o representante da tribo de Rubén, Isaac Beilhacke, falou sobre "a maçonaria como instrumento de poder a serviço do judaísmo, para conseguir suas aspirações de domínio político universal". Sendo assim, Goedsche antecipava o que somente no ano de 1897 veio a ser proclamado, no Congresso Sionista da Basileia e que veio ao nosso conhecimento através dos "Protocolos dos Sábios de Sião": "A franco-maçonaria é o instrumento por meio do qual conseguiremos a hegemonia universal".

O Sanhedrin Cabalístico, realizado no século XVIII, em 1761, é o Quarto Sanhedrin. O Quinto Sanhedrin Cabalístico é efetuado em 1851. A soma dos números de ambos os anos é igual a 15, número este cuja soma, por sua vez, resulta em 6, o número judaico, o de 6 milhões do "holocausto". O Sexto Sanhedrin Cabalístico deve ter sido realizado em 1941, pois este, por sua vez, chega ao mesmo número 6, duplamente 6, por ser o Sexto Sanhedrin. Seria o definitivo, o que marcaria o triunfo e o domínio do mundo, com a recuperação de Jerusalém, do "Chakra" terrestre judaico. Foi em 1941 que Vicente Huidobro me disse que Hitler estava perdido. Foi neste ano em que todas as forças terrestres, e extraterrestres, do Senhor das Trevas e seus acólitos se aglutinaram, contra o Führer e a Alemanha. As ordens foram dadas até o último rincão do Universo. Onde será que foi efetuado o Sexto Sanhedrin? Não o sabemos. O mais provável é que em algum lugar dos Estados Unidos. O Quinto Sanhedrin foi levado a cabo, segundo Retcliffe, no cemitério judaico de Praga, junto à tumba do Grande Mestre da Cabala, Simeon Bem Jehuda. Ali, fazendo um balanço do século que se fora, desde o cumprimento do Quarto Sanhedrin, os representantes das doze tribos de Israel se regozijaram com o que havia sido cumprido, tão extraordinariamente, para as esperanças judaicas. E foram dadas as instruções para os cem anos seguintes, até instaurar o trono de Israel sobre o mundo. Isto coincidiria quase que exatamente com os "Protocolos dos Sábios de Sião", a tal ponto de que poderíamos pensar que Achad Ha-Am – Ginzberg – deve ter estado ciente destas diretivas.

Visitei o cemitério judaico de Praga, monumento nacional para o marxismo tcheco. Desejei ver ali a tumba de Rabi Löw, que servira de inspiração para Gustav Meyring para a sua extraordinária novela "O Golem". A lenda afirma que este Rabino criou um golem na época em que Praga era um centro de alquimistas e fora visitada também por John Dee e o seu médium Kelley. Na tumba deste rabino (podemos ver assim que, contra todas as falsidades que fazem circular, os nazistas, durante o governo de Heidrich em Praga, deixaram o cemitério judaico e suas tumbas ambos intactos) há

sempre pequenas pedras, como uma homenagem que os judeus ali realizam constantemente.

Retcliffe descreve o Quinto Sanhedrin da seguinte forma:

"Quando o último som da campainha que anuncia à meia-noite em Praga se esvaiu, no cemitério judaico, junto à tumba do Grande Mestre da Cabala, Simeon Ben Jehuda, uma luz fraca foi acesa, iluminando treze figuras estranhas vestidas de branco, com as túnicas rituais (dos levitas). Uma voz rouca, como que saída do féretro, se dirigiu aos congregados: "Eu os saúdo, os eleitos, os representantes das Doze Tribos de Israel".

E continuou:

"Estais preparados para cumprir a missão que nos cem anos vindouros?...". A Resposta foi: "Sim, estamos". "Digam-me, então, o que cada um de vós representais". Por ordem, foram falando: "Shebet (tribo) Judá, de Amsterdã; Shebet Benjamin, de Toledo; Shebet Levi, de Worms; Shebet Mannasse, de Budapest; Shebet Gad, de Cracóvia; Shebet Asser, de Londres; Shebet Issachar, de Nova Iorque; Shebet Náftali, de Praga; Shebet Simeón, de Roma; Shebet Sebulón, de Lisboa; Shebet Rubén, de Paris; Shebet Dan, de Constantinopla".

O Diretor, o Controlador (Retcliffe não dá seu nome e nem a sua procedência) se senta na pedra da tumba, enquanto que os doze representantes se aproximam dele para pronunciar em voz baixa, junto ao seu ouvido, a palavra secreta, composta de sete sílabas, que lhes serviu para entrar no cemitério.

O primeiro a tomar a palavra é o representante da tribo de Levi:

"Nossos pais construíram a união que a cada cem anos, no ano consagrado à Iahweh, reúne os eleitos junto à tumba do Grande Mestre da Cabala. A sua doutrina assegura aos eleitos o domínio da Terra, o poder sobre todas as gerações do sêmen de Ismael, o Expulso. Há mais de mil e oitocentos anos o povo de Israel sustenta a sua luta pelo reino prometido a Abraão, sob pressão, morte e perseguições de todo tipo. Israel nunca renunciou aos seus propósitos, e nem à sua luta. Como o povo de Abraão foi dispersado pelo mundo, toda a Terra será sua. Os sábios do nosso povo estão dirigindo a guerra há séculos. Israel renasce de suas quedas e o poder que já exerce e controla sobre os povos e os tronos é enorme, seja aberta ou secretamente. Porque o Deus da Terra é o nosso. Quando todo o ouro se encontrar em nossas mãos, o poder também o estará. O ouro é a nova Jerusalém, o poder, a vingança, a satisfação, tudo o que os homens temem e desejam. Pela quinta vez se reúnem neste lugar os Sábios do Círculo Secreto, para estabelecer os nossos planos e estratégias. Há quinhentos anos, cada novo Sanhedrin registrou novas vitórias. Não obstante, nenhum século pôde nos satisfazer tanto pelo os seus êxitos quanto o século passado, porque a maçonaria, uma pequena mas bem escolhida tropa de heróis, conquistou todas as posições da vida política, econômica e cultural necessárias para nos levar em um ímpeto irresistível ao poder. Por isto já sabemos que o momento do domínio e da promessa estão tão próximos ao ponto de dizermos: "Nosso é o porvir!...". Os negros tempos do perigo já passaram. Os progressos da assim chamada cultura liberal dos povos gentis são a melhor proteção para os nossos planos de domínio. Se uma nação se atrever a nos opor alarmaríamos [isto] a todo o mundo por meio da propaganda que se encontra sob o nosso controle e todos os demais povos considerariam um vandalismo a luta contra nós, um crime contra a humanidade e a cultura. A nação que atrevesse tal desaforo seria destruída por meios poderosos dos quais dispõe o judaísmo universal".

(E isto foi escrito em 1868!).

A voz do homem que está sentado sobre a pedra da tumba o interrompeu:

"Examinaremos agora os meios dos quais o nosso povo dispõe nos sete mercados".

Falaram em ordem. Primeiro o representante do Shebet, ou tribo, de Rubén:

"Fould e Cia.", explicou, "com vinte milhões de francos (não devemos esquecer que estamos em 1851 e que as moedas têm um valor muito alto); A.J. Stern e Cia., com trinta milhões

de francos; G.L. Halphen e Cia., vinte milhões; Antón Schnapper, quinze milhões; Samuel von Haber, 7 milhões; J.E. Kann e Cia., 5 milhões; H.J. Renach, 7 milhões de francos; Bischffsheim, U. Goldsschidt e Cia., 15 milhões de francos. Agregando as empresas menores, com mais ou menos 80 milhões, o capital do nosso povo, somente em Paris atualmente, chega a 200 milhões de francos".

"Isto significa a 47ª parte da dívida do Estado francês", disse o representante do Shebet de Levi. "A casa de Pereira e Mirés, por ser de marranos, é igualmente nossa. Estimamos a sua fortuna em cerca de 30 milhões".

Em seguida veio a relação de Londres:

"Moses Montefiore, 2 milhões de libras; Mosés & Son, Bischoffsheim e Goldsschmidt, Irmãos Stern, 4 milhões, R. Raphael & Son, 800 mil libras; Luis Cohen & Son, meio milhão, Samuel Montague, meio milhão. As casas menores da City possuem mais de 4 milhões, o que dá um total de 11 milhões de libras para Londres".

Passou a vez ao representante de Viena:

"Moritz Koenigswarter tem 14 milhões de florins, H. Todeskos, 15 milhões; M. L. Biedermann & Co., um milhão e meio; Ephrussy & Co., um milhão e meio; Eduard Wiener, um milhão e meio; Ludwig Ladenburg, 3 milhões; Friedrich Schey, dois milhões e meio; Leopold Epstein, 3 milhões. Agregando as casas menores, dispomos em Viena de 61 milhões de florins, ou seja, 152 milhões de francos. Há 2.268 milhões de florins de dívida pública. Em caso de quebra, esta fortuna seria duplicada".

Em seguida, Berlim:

"S. Bleichroeder, um milhão; Mendelsohn & Co., um milhão; A.C. Plaut, um milhão; S. Herz, um milhão; N. Reichenheim & Sohn, dois milhões; Liebermann & Co., dois milhoes; Hermann Gerson, um milhão e meio; M.E. Levy, um milhão e meio, Joel Meyer, um milhão e um quarto, Mortiz Gueterbrock, três quartos de milhão; Louis Riess, meio milhão. Finalmente, as pequenas casas, dez milhões. No total, contamos com 24 milhões de táleres, ou seja, 90 milhões de francos. Deste modo, a duodécima parte da dívida pública está em nossas mãos. A quantidade, todavia, é pequena; mas já a aumentaremos por meio da relação e os matrimônios sabiamente planejados com as *goyohr* e os *goym*".

Hamburgo deu continuidade:

"H.B. Oppenheimer, quatro milhões de marcos, J.E. Oppenheimer, três milhões; Jaffré Hermanos, dois milhões; Pintus, dois milhões, Natan & Sons, dois milhões; Behrens, Filhos, um milhão e meio; Ferdinand Jakkobsohn, um milhão e um quarto; Samuel Levy e Filhos, um milhão e meio; L.R. Veit e Co., um milhão, A. Alexander, um milhão; Liber e Koenigswarter, um milhão; M.M. Warburg, um milhão; H. Jonás & Co., um milhão; Julius Leser, um milhão; Martin N. Franenkel, um milhão, Mendelssohn Bartholdy, três milhões; Amsel Jakob Ree, um milhão; Hesse Neumann, um milhão; W.S. Warburg, dois milhões. No total, são quarenta milhões de marcos, incluindo as casas menores. Ou seja, 75 milhões de francos. A riqueza dos goym ainda é muito maior".

Foi então a vez de Frankfurt.

"H.S. Golsschmidt, 7 milhões de florins, Marcus Koenigswarter, dois milhões; Jakob H.S. Stern, 2 milhões, Irmãos Sulzbach, 2 milhões; Lazarus Speyer Elissen, um milhão e meio, Eduard Mosés Kann & Co., 1 milhão. Incluindo as casas menores e as agências de loteria, são 8 milhões, além das casas unidas aos Rothschild, em Paris, Frankfurt e Viena, com 100 milhões, alcançamos 123 milhões de florins, ou seja, 260 milhões de francos".

Começou então a falar o representante de Petersburgo: "E.N. Guenzburg, 2 milhões de rubros".

Lhe seguiram Roma e Nápoles:

"20 milhões de liras".

E Amsterdam terminou o relatório:

"Hollander e Lehven, Lippman, Rosenthal & Son, Becher e Fould, Wertheim e Gompertz, um total de cerca de 40 milhões de florins".

"É assim que hoje o nosso povo, os grandes capitalistas de Israel na Europa, no ano de 1851, dispomos de um capital de mais de dois bilhões de francos... Vós sabeis que o trabalho é o servo da especulação e da inteligência. Possuímos a tenacidade da serpente, o olho do falcão, a memória do cão, o senso de comunidade do castor .... Nossas cabeças se elevaram acima das nações e as escravizaremos no futuro. Há muitos que vão ao batismo; mas a água não debilita o espírito senão que a carne. Estes renegados continuam a fazer parte de nós e rezamos por eles no dia da expiação. *Não é o judeu que se transforma em cristão, mas sim o cristão que se torna judeu por gerações, devido à mescla do seu sangue*. Os batizados são a escada pela qual subimos, os caminhos que se acham fechados para o nosso povo. Cada mesclado se mantém fiel a nós e não a aqueles que não são de sua carne e espírito, apesar do batismo, contanto que a própria Israel não lhes expulse como leprosos, coisa que não fazemos...". "Irmãos", continuou o Levita, "já é hora de delinearmos aqui os caminhos, conforme as instruções de nossos Sábios e a experiência que foi ganha nestes últimos cem anos transcorridos para marchar durante os próximos cem anos, sempre em direção ao objetivo final. Nós, os Sábios, somos o cérebro que ordena e comanda a multidão cega, o **rebanho** dos goym. Somos os arquitetos impassíveis que colocarão pedras na torre que alcançará o céu. Que tenha a palavra, então, Shebet Rubén, para nos informar como Israel conquistará o domínio de todos os povos da Terra".

E o Sábio representante da Tribo de Rubén começou a dizer:

"Todas as casas reinantes e os países da Europa estão cheios de dívidas. O capital móvel estará nas nossas mãos. Fiscalizaremos as fortunas dos Estados. Devemos facilitar aos governos a contração de dívidas, de modo que assim possamos controlá-los cada vez mais. Nosso capital então deverá pedir garantias aos Estados, em instituições, ferrovias, impostos, minas, propriedades e domínios estatais. O mercado papeleiro é uma feliz invenção nossa, totalmente em nossas mãos".

Shebet Simeón tomou a palavra:

"Também a propriedade de boas raízes tem que passar para as mãos de Israel. Isto não será difícil, se conseguirmos controlar o capital móvel. A aspiração mais importante de Israel há de ser, portanto, desalojar os atuais possuidores de terras. Ante tudo, para nós é perigosa a propriedade dos grandes latifundiários. Devemos, por isso, facilitar que os jovens aristocratas contraiam dívidas nas cidades. Deste modo, perante o medo do escândalo, levaremos as aristocracias à ruina. A propriedade de boas raízes deverá também ser transformada, chegando a ser feita de mercadoria vendível. Quanto mais conseguirmos fazer da propriedade algo pequeno e fracionado, mais barata ela será e mais facilmente cairá nas nossas mãos .... Começamos com a aquisição da propriedade imobiliária. Em Paris e Viena a maior parte das casas se encontra em nossas mãos".

Shebet Simeón se cala e Shebet Judá começa a falar:

"A classe artesanal é a força da classe média, assim como a propriedade rural é a força da aristocracia e elas são bloqueiam o caminho de Israel. O artesanato deve ser arruinado".

(Eu vivi dez anos na vizinhança da cidade de Lugano. Esta bela e pequena cidade, chamada Ticino, com ascendência longobarda e celta, foi destruída em sua classe de artesanatos tradicionais por meio das grandes lojas de estoque, como o "Innovazione", totalmente na mão dos judeus).

"O artesanato deve ser nada mais do que um trabalho qualquer", continua Shebet Judá. "O reduziremos a isto com a liberdade incondicional das profissões. Qualquer um poderá fazê-lo. O fabricante de atacado substituirá o mestre-artesão. O capital substituirá a habilidade. Com a transformação do artesanato em produto industrial, poderemos dominar as massas para fins políticos. Quem resistir a este sistema deverá ser aniquilado por meio da competência. A massa

do povo estará do nosso lado nesta luta contra o artesanato, porque poderá comprar mercadorias a um preço mais baixo”.

Vário outros Shebet falaram. O Shebet Náftali disse:

“Jamais aceitaremos postos subalternos. Da maior importância para nós é a justiça e a advocacia. Nos concedem a possibilidade de nos inteirar da posição de nossos inimigos e do seu verdadeiro poder. Em inúmeros Estados já nomeamos Ministros das Finanças assim como Ministros da Justiça. Nosso objetivo deve ser o Ministério do Culto. Devemos consegui-lo clamando pela paridade civil e a igualdade”.

“Uma lei benigna sobre quebras será como uma mina de ouro em nossas mãos. Devemos especialmente procurar fazer com que a leis contra a usura sejam abolidas em todos os países. Devemos persuadir nossos inimigos de que desta maneira o dinheiro será obtido de modo mais barato. O dinheiro é uma mercadoria como qualquer outra e a lei deve nos conceder o direito de fazer com que o custo do mesmo suba sempre que isto seja para o nosso melhor proveito”.

Em seguida tomou a palavra o Shebet Benjamin:

“Israel deve ganhar fama e honra. Seus filhos devem chegar à cabeça das sociedades onde venham a brilhar, nos ramos da ciência e da arte. Como atores e interpretes musicais podemos obter grandes honras, pois nestas profissões a especulação floresce. Precisamos dominar a medicina e a filosofia, provendo um maior espaço para as teorias especulativas nestas duas disciplinas. O médico penetra os segredos das famílias e tem em suas mãos as vidas das mesmas”.

Chegou então a hora do Shebet Asser:

“Devemos exigir o livre matrimônio entre os judeus e os goym. Nossos filhos devem se casar com as famílias aristocráticas e influentes dos gentis. Nós lhes damos o dinheiro e eles nos entregam a influência e o poder. *A mescla com os goym não tem nenhuma influência efetiva sobre nós; mas nós sim temos sobre eles*”.

(É extraordinariamente importante esta última afirmação: Uma gente arqui-mesclada, quintessência do bastardo, pôde, todavia, conservar este núcleo sombrio, poderoso, tremendo, ao qual chamei de “anti-sangue”. Somente através de um “pacto” misterioso e diabólico esta constante extra-humana, anti-biológica e que estaríamos tentados a definir como espiritual, poderá ser mantida, se [ela] não fosse precisamente um produto do *anti-espírito*, da anti-raça. E também sobre-humana, se não fosse infra-humana. Na Alemanha hitlerista voltaram a proibir, por lei, qualquer matrimônio entre ários e judeus. E agora vemos quanta razão eles tinham).

“Nunca um judeu deve fazer de uma filha do seu povo uma prostituta. Se quiser satisfazer o seu apetite carnal, haverá mulheres não judias o suficiente para tal... Faça do matrimônio dos gentis um contrato comercial e as suas mulheres e filhas serão, todavia, mais submissas em nossas mãos”.

Por último, tomou a palavra o representante do Shebet Manasse:

“Se o ouro é o primeiro poder no mundo, a imprensa é o segundo. Somente quando tivermos toda a imprensa em nossas mãos poderemos fazer com que sejam realizadas as propostas que aqui foram feitas; haveremos chegado à meta. Nossa gente deve comandar a imprensa diária. Temos que ser os donos dos grandes jornais matutinos e dos diários políticos que preparam a opinião pública, a crítica literária, as notícias, os teatros. Suplantaremos os goym passo a pass. Depois ditaremos ao mundo o que deve pensar e em que acreditar, elogiar ou condenar. Faremos com que sejam ouvidos as cem formas diferentes do grito de dor de Israel e o lamento sobre a nossa supressão, sobre o nosso tormento. Assim, *a massa estará sempre ao nosso lado, mesmo quando cada homem, individualmente, estiver contra nós.* Com a imprensa sob nosso controle, converteremos a justiça em injustiça e ignomínia em honra. Destruiremos a fé em tudo aquilo que nossos inimis apreciam. Podemos fazer a guerra e a paz. Levantar o talento ou rebaixá-lo, persegui-lo, *expô-lo ao silêncio da tumba*. Não entregaremos nada de graça a

ninguém .... Se Israel possui o ouro e a imprensa, então já poderemos nos perguntar em que dia desejaremos nos coroar para empunhar o cetro sobre os povos da Terra...".

Agora, o Diretor misterioso do Sanhedrin Cabalístico, se levantando da pedra da tumba, tomou a palavra para encerrar a fatídica assembleia:

"Os Roshe-Bathe-Aboth, os 12 Shebatim (representantes das doze tribos) de Israel, falaram palavras sábias esta noite. Sábias e graves. Elas serão as colunas dos tempos vindouros, sobre as quais o Trono de Davi será erguido, quando, passados cem anos, no Ano consagrado a Yaweh, em 1941, os dirigentes do Shebatim voltarão a se congregar. Agora o semén de Jacó deverá se manter unido na sorte, na riqueza e poder, assim como se manteve unido na desgraça, no perigo e perseguição. Cada um deve ajudar ao outro. A poderosa mao do nosso Senhor Yavé nos guiou durante os quarenta anos no deserto, nos levando a conquista de Canaã e nos guiará também depois de 45 vezes 40 anos de peregrinação pelo mundo ao domínio e conquista de todo o universo. Se Israel seguir os conselhos aqui dados, decididos pelo atual Sanhedrin, nossos descendentes, quando se completarem os cem anos consagrados a Yavé e eles viereme aqui novamente, a este lugar, junto à tumba do fundador da nossa irmandade, poderão lhe anunciar que eles são verdadeiros príncipes da Terra e que a promessa feita so povo de Israel foi cumprida: Será amo e todas as nações restante seus servos .... Renovai agora vosso juramento e marchai com o vento em direção a todos os confins da Terra...".

Cada um retirou do seu bolso uma pequena pedra e a deixou cair na tumba, nesta noite que se tornava ainda mais escura".

Qual pode ter sido a fonte de informação de Retcliffe (Goedsche) sobre a confabulação mundial judaica em anos nos quais os "Protocolos dos Sábios de Sião" ainda eram desconhecidos? Oito anos antes da publicação do seu livro, em 1860, a "Alliance Israelite Universelle" havia sido fundada e o judeu Isaac Adolphe Cremieux havia revelado os objetivos da organização. Em 1869 um Conselho Ecumênico foi citado, o primeiro da sua espécie, o "Sínodo Israelita", em Leipzig. Foi declarado que se tratava de favorecer a existência expansiva do judaísmo. Em 1864, um judeu e maçom francês, Joly, autor do "O diálogo no inferno, entre Maquiavel e Montesquieu", parece haver se inspirado na mesma fonte que Goedsche. Ao que parece, o escritor alemão chegou a ter conhecimento de um documento chamado "Programa de dominação mundial", que havia circulado entre os rabinos russos. E Joly também chegou a conhecê-lo antes de escrever e publicar o seu "Diálogo", um texto contra Napoleão III. Joly foi condenado a quinze meses de prisão e terminou por se suicidar. Em seu funeral, o judeu e maçom León Gambetta pronunciou o discurso de despedida. Também esteve presente Cremieux. Pois bem, o "Diálogo" de Joly teria servido igualmente de inspiração para a redação dos "Protocolos". Não obstante, Joly, em seu "Diálogo", não fez uso da parte medular do documento, a que tampouco aparece nos "Protocolos". Todavia, Goedsche-Retcliffe sim o faz, e isto corresponderia a o que foi dito na cena do Cemitério de Praga. A fonte da qual este escritor, e também Joly, teria se servido, que não fez uso total da mesma, foi então preservada em um texto intitulado "Discurso de um Rabino sobre os Goym", publicado em 1900 pelo deputado alemão Wenzel Brenowsky, sob o título de "As Garras Judias". O programa que serviria de fundamento para esta revelação é bastante anterior a 1864 e teria sido um texto em hebraico, de um discurso pronunciado por um rabino na sinagoga de Simferopol, na Rússia, sobre as aspirações judaicas de dominação mundial e que fizeram com que circulasse entre os rabinos russos. Isto foi conservado nos arquivos dos tribunais de Odessa.

É muito possível que, sem se dar conta totalmente do que estava fazendo, o escritor alemão, pensando em um argumento literário, revelou um grande segredo e atraiu um grande castigo e as iras dos inimigos da sua raça. Quem hoje em dia conhece Retcliffe? Onde estão os seus livros? Quem os lê? Sobretudo, quem se lembra da estória do Cemitério de Praga e do Quinto Sanhedrin Cabalístico?

A Cruzada Contra o Graal

"No mesmo mês em que vossas Majestades tornaram público o Edito de expulsão de todos os judeus do Reino e dos seus territórios, neste mesmo me deram a ordem de empreender, com homens suficientes, a minha expedição de descobrimento da Índias".

Assim começa Cristóvão Colombo, também judeu, o seu relato da expedição que o levou ao Novo Mundo. Zarpou um dia depois da partida do último dos expulsos. As caravelas que lhe conduziam soltaram as amarras em um porto em Andaluzia.

Com certeza isto não foi coincidência. A expedição de 1492 *foi um empreendimento judaico*, financiado e planejado por judeus. O fato de que Colombo era judeu, hoje os próprios espanhóis o dizem, era para poder se apropriar da mesma. Um marrano passado à Genova e dali retornado à Espanha? A empresa financiou o marrano Santángel, chanceler e interventor da Casa Real e bisneto de Noah Chinillo. Emprestou dinheiro aos Reis Católicos, ainda que não do seu próprio bolso. Foi ele quem convenceu a Rainha. E foi a Santangél que Colombo informou primeiro sobre o seu descobrimento. Gabriel Sánchez, Alto Tesoureiro de Aragón, outro fervente patrocinador de Colombo, também era de sangue judaico por todos os lados, filho de convertidos e sobrinho de Alazar Ussuf, de Zaragoza. Outro dos protetores era Alfonso de la Caballería, vice-chanceler de Aragón, e, como já vimos, de uma famosa família de marranos. Juan Coloma, promotor da aventura, era o único não judeu; mas a sua mulher descendia do clã De la Caballería. Igualmente, o pessoal da tripulação dos navios era composto de similar maneira. Alonso de la Calle, cujo nome nos indica que era um chuetas da famosa "Calle" judaica de Palma de Mallorca; Rodrigo Sánchez, parente do Alto Tesoureiro, participou na expedição como superintendente, a pedido pessoal da rainha Isabel. O cirurgião se chamava Marco, o médico, Mestre Bernal, era um recém-convertido, "reconciliado" em 1490. O intérprete, Luis de Torres, havia sido batizado pouco antes de partir. E ele foi o primeiro a pisar no solo do Novo Mundo. Rodrigo de Triana, o que "viu terra", era também marrano. Foi, ademais, quem se iniciara no uso do tabaco. A primeira conspiração no Novo Mundo foi levada à cabo pelos marranos, tendo participação importante do Mestre Bernal. A primeira concessão real para exportar grãos e cavalos para o Novo Mundo foi estendida em favor de Luis Santángel, que então fundou dois dos mais suntuosos negócios com a América. Luis de Torres recebeu grandes doações de terrenos em Cuba, onde faleceu. Todos os esforços que foram então feitos para impedir a passagem dos marranos para o Novo Mundo fracassaram, porque estes compravam as licenças. Em 1509, foi celebrado um convenio entre os convertidos e a Coroa no qual estes eram autorizados a viajar para a América para fazer comércio perante o pagamento da soma de 20.000 ducados. (Também em tempos da Frente Popular os judeus asquenazi compraram o direito de entrar no Chile). Em 1518, Carlos

V ordenou os funcionários de Sevilha que os impedissem de embarcar; mas não teve êxito. Entre os conquistadores que acompanharam Cortés, se encontrava o marrano Hernando Alonso, ferreiro por profissão. No “descobrimento” da América também participaram o astrônomo Abraham Zacuto e Ribes, chamado de “o judeu dos mapas”.

Rapidamente a Inquisição se transferiu para o Novo Mundo e a batalha foi travada do mesmo modo que na Península. No primeiro Ato celebrado no México, em 1528, foi queimado ninguém mais que Hernando Alonso, o conquistador que havia vindo com Cortés. Para conhecer mais sobre isto, recomendamos a leitura de José Toribio Medina, em seus estudos sobre o Tribunal da Santa Inquisição no Chile, Lima, México, Filipinas, Buenos Aires, etc. Ele conta que no Chile, em 1614, Luis Noble, ou Luis Duarte de Evora, foi processado por judaização. É muito possível que Camilo Henríquez fosse um marrano. E não seria por acaso que ele teria fundado o primeiro periódico no Chile, “La Aurora de Chile”. Em um artigo publicado em “The New Judaea”, em 1928, é revelado que no Sul, próximo à Temuco, subsistia uma comunidade semi-secreta, de “Sabátistas Cabanistas”, que observavam o Sabá e as festividades e rituais judaicos.

No México, os judaizantes atuaram quase abertamente e no Peru a sua atividade passou a se chamar “A Cumplicidade Grande”. Tanto aqui como no México mantinham contato com as comunidades da Turquia e da Itália e quase todos eram circuncidados. Na Cidade do México as reuniões secretas eram levadas à cabo na casa do capitão Simón Vaéz Sevilla e da sua mulher, Juana Henríquez. O seu filho, Gaspar Váez Sevilla, nascido em 1624, foi considerado o futuro Messias. Para iniciar os serviços religiosos judaicos, enviavam um escravo negro, vestido com roupas multicores, para tocar um tambor pelas ruas onde viviam os marranos. Este era o sinal.

O comércio dos escravos estava nas mãos dos judeus. Quase todos os *encomendeiros* eram judeus. Em Lima, ao final do século XVI e começo do século XVII, passaram a ser os donos do comércio. Todas as importações e exportações, do brocado a aniagem, dos diamantes a semente de cominho, estavam em suas mãos. Mantinham relações, similarmente ao México, com Amsterdã, Itália e Salonica. Compravam com créditos fictícios carregamentos de frotas inteiras. Desenvolveram novos truques comerciais e arruinaram, como depois o foi no Chile, os velhos castelhanos, os guerreiros e os soldados. Em 1634, negociaram o arrendamento das rendas reais. E quando a Inquisição começou a restringi-los, se mudaram em grandes números para o Brasil, como já haviam feito da Espanha para Portugal. A maioria destes marranos era de origem portuguesa.

No Novo Mundo também organizaram suas sociedades secretas. No Brasil já estavam os Melo e os Sampaio. A cana de açúcar foi trazida pelos marranos de Madeira. Em 1640, em Pernambuco, o número de judeus era maior do que o de cristãos velhos e o comércio da cana estava em seu poder.

As sociedades secretas foram organizadas conforme o modelo das de Amsterdã. No Brasil passou a se chamar “K. K. zur Israel” – Sagrada Congregação da Pedra de Israel. Ali chegou o primeiro rabino vindo à América, Issac Aboad da Fonseca.

Foi preciso que a Inquisição também viesse até o Brasil.

Quando da segunda década do século XVII, os holandeses trataram de conquistar o Brasil, e os judeus marranos se puseram ao seu lado, lhes servindo de espiões e até financiaram suas excursões. Eram donos de um quarto das ações da Companhia das Índias Ocidentais.

Quando os portugueses conseguiram se impor aos holandeses, os marranos se dispersaram por todo o continente. Se estabeleceram na Jamaica, onde ajudaram os ingleses a conquistá-la. Na ilha de Barbados estabeleceram duas comunidades: "K.K. Nidhe Israel" – Sagrada Congregação dos Dispersos de Israel – e "K.K. Semah David" – Sagrada Congregação do Ramo de Davi. Foram também para Nassau e para a Martinica. No Suriname, os marranos reprimem a revolta dos negros, que punha em perigo os seus negócios.

Em 1645, chega à Nova Amsterdã, na América do Norte, um barco com refugiados marranos vindos do Brasil, apoiado pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Fundam de imediato o "K.K. Shearith Israel" – Sagrada Congregação dos Restos de Israel. Deste modo é dada a origem a aquela que um dia seria a maior comunidade judaica de todos os tempos: a Comunidade de Nova Iorque. O círculo de comunidades marranas havia se completado, do mais remoto Oriente, de Macau e Goa, ao mais distante Ocidente. De um Polo ao outro.

Temos certeza de que a conquista da América, o seu "descobrimento" por Colombo, foi uma grande operação judaica montada tendo em vista um objetivo preciso, desde o seu início, mas preparada muito tempo antes.

Quando eu estava em Viena, este sinistro rufião judeu, Simón Wiesenthal, publicou um livro sobre a América, declarando-a como sendo uma terra judaica desde as suas remotas origens. Recentemente foi publicado na Espanha outro livro interessante: "América do Sul, a Nova Jerusalém", de Edmundo Waisman.

A expedição de Colombo é a culminação de uma antiga inquietude nos círculos mais secretos do judaísmo. A história da Terra hoje nos é desconhecida. Nada nos deixam saber com certeza sobre o que se passou após as piores catástrofes geológicas e planetárias. Onde são realizadas as velhas tradições, os mitos, as lendas? Sobre quais continentes? E o Êxodo? Certamente não é do povo judeu. Como tantas outras coisas, também se apropriaram do mesmo. Já vimos que o professor Wirth nos fala do Gobi. Mas um dos mais extraordinários conquistadores espanhóis, se não o mais extraordinário de todos, Pedro Sarmiento de Gamboa, o colonizador do Estreito de Magalhaes e fundador da Cidade do Rei Felipe, depois chamada "Puerto del Hambre", em seu livro "História dos Incas", afirma que a Ilha Atlântida estava unida à América, se é que a própria América não era parte dela. E aqui também reconhece os judeus.

Aos judeus, lhes inquieta sobretudo o misterioso desaparecimento dos Templários, o seu tesouro e os seus documentos, nunca achados nem pelo Papa e nem pelo Rei da França. Os seus mais altos dirigentes desapareceram sem deixar rastros, junto com a frota ancorada no porto de La Rochelle. Muitos templários se refugiaram em Portugal, passando à Ordem de Cristo. A bandeira portuguesa chega a ser a templária e o Império desta pequena nação será fundado sobre os conhecimentos cosmográficos que lhes foram entregues por membros da Ordem, que então já havia sido dissolvida. Os dirigentes ocultos dos templários, o seu tesouro, os seus segredos, haviam sidos levados à América, continente que eles conheciam e com o qual mantinham um contato regular. Ali obtinham a prata com a qual financiaram as grandes construções de catedrais e as corporações de construtores. Guardaram o mais estrito segredo de tudo isto, e, no momento da derrota e perseguição, os seus Mestres desconhecidos partiram com o tesouro, em direção a este mundo longínquo. A lenda, similarmente, nos conta que Parsifal vai a um bosque com a insígnia templária, portando

o Graal, em direção a uma terra remosta do Ocidente, de onde não regressou mais. Em algum momento os templários recolheram a tradição hiperbórea, visigoda, viking, deste mundo distante dos Deuses Brancos, dos antepassados, junto com o caminho para chegar até ele. Puderam assim estabelecer o contato com a civilização viking de Tiahuanacu e com o império de Quetzalcóatl. Isto teria pesado grandemente sobre lees, chegando a acarretar uma mudança essencial em sua cúpula invisível, que os levou, ao final do seu caminho exterior, a romper com as origens cistercienses, beneditinas, cristãs e judaicas da Ordem, criada pelo filho dos druidas, São Bernardo. Para dizer a verdade, tal ruptura se iniciou muito antes, quase no começo, quando da separação do Templo e da misteriosa organização conspiratória, fundada em Jerusalém, o Priorado de Sião, [que está] ativa até os dias de hoje. A Ordem Templária, também pelo fato dos seus contatos com os Ismaelitas e os guerreiros persas do "Velho da Montanha", cada vez mais deriva em direção ao Gnosticismo, entrando em conflito de consciência com o sinistro Demiurgo Jeová, que pensou em se servir deles, utilizando-os como uma milícia armada e esotérica. Os templários chegam a descobrir que a Cabala judaica não é judaica e sim ária hiperbórea e que ela foi falsificada, distorcida, para ser utilizada em cerimonias de magia negra e na produção de *Golems*. Perante a impossibilidade de produzir uma mutação geral da ordem visível, os templários propiciam a sua própria destruição. E não se defendem. Mas os seus mais altos dirigentes "hiperborizados" desaparecem nos refúgios polares dos Deuses Brancos. Sendo assim, ganham perdendo. Um maior conhecimento destes fatos também chegou ao meu poder após a publicação do "El Cordón Dorado", onde dediquei um extenso capítulo à Ordem do Templo.

É em Portugal onde os judeus adquirem conhecimentos precisos sobre a existência do Novo Mundo. No Arquivo Nacional da Tesouraria, de Lisboa, onde o Rei guarda os seus documentos secretos, Colombo conseguiu se apropriar das cartas geográficas do continente ocidental. Os seus congêneres marranos lhe abriram o caminho e lhe facilitaram o acesso. Ademais, Colombo se casa com a filha de um descendente dos templários.

Como dissemos, os judeus são a sombra negra dos Deuses Brancos. Chegaram a ter a certeza de que o grande tesouro, o grande Segredo, do qual até agora não puderam se apoderar (a Cabala era somente uma ínfima parte dele) havia sido transportado para a América. Por isso montaram a importante operação, somente iniciada por Colombo, chamada "Descobrimento da América". Acreditar que os judeus financiaram Colombo com o propósito de encontrar um local distante onde pudessem escapar da Inquisição, é subestimar os objetivos reais pelos quais o judaísmo luta. Por isto intitulamos este capítulo com o nome de um livro de Otto Rahn: "A Cruzada contra o Graal". O judeu empreendeu uma verdadeira cruzada contra os Deuses Brancos americanos para impedir que neste outro confim do universo fosse possível organizar uma vida superior, de acordo com o conhecimento hiperbóreo, uma existência polar, uma ressureição da Idade Dourada no Polo Sul. Para conseguir os seus objetivos se valeriam primeiro da Igreja de Roma e do zelo evangelizador dos velhos e novos cristãos, da "traição branca" e do impulso do sangue gótico, do corpo gótico, mas com a visão cegada e a alma judaizada. Isto é, dos cristãos. E ali onde o cristianismo não pôde fazer mais, porque haviam cumprido as suas disposições ao máximo, então veio a atuar a maçonaria, que para os marranos já estavam preparados com as suas organizações cripto-judaicas, os "K.K.", as suas "Santas Congregações", propiciando a "independência" americana, com a instituição de reposição do judaísmo liberal anglo-saxão e a imigração asquenazi

direcionada à Babel do Norte. De ambas as Américas seria feito o caldeirão efervescente, monstruoso, da mestiçagem, do mulatismo; uma bastardização [digna] de [um] pesadelo. Aos Deuses Brancos apenas restavam as Cidades Secretas dos Andes, a Terra Oca, os Oásis da Antártica, estes "paraísos inexpugnáveis", onde o Inimigo nunca poderá penetrar.

Nem sequer conhecemos o verdadeiro nome do Grande Almirante do Mar Oceano. Os documentos da época lhe chamam de forma indistinta: Colombo, Colomo, Colom e Colón. Não falava e nem escrevia bem em espanhol, e nem em italiano, e nem em português. Misturava a todos. Talvez somente falasse corretamente o hebreu. Sabe-se dele por uma carta em catalão, também plena de erros. Que fazia antes de chegar à Lisboa entre 1476 e 1479? Wiesenthal o declara judeu. Em sua primeira viagem não leva um capelão; mas sim um "intérprete" de hebraico. É porque já sabia que lá encontraria as tribos perdidas? E este "intérprete" na verdade deve ter sido um rabino disfarçado. Em 1477, Colombo, seja lá qual for o seu nome, faz uma misteriosa viagem até Thule, partindo de Portugal. Seu filho Fernando e Frei Bartolomeu de las Casas, dois de seus biógrafos, citam uma carta sua em que conta que "navegou para além de *Tyle*". Este "para além" deve ter sido a Groelândia, pelas datas e latitudes que são dadas. E que teria ele ido buscar ali? Conhecia a existência de hiperbóreos nestas ilhas e da sua busca por Piteas. Tentava, certamente, seguir as suas pegadas, a dos Deuses Brancos. A *Tyle* a que se refere foi mencionada por Ptolomeu, que lhe dá a ela o mesmo nome que lhe foi dado por Piteas: "Ultima *Tyle*".

Mas há algo ainda mais importante para o caso. Em 1476, o Rei Christian III da Dinamarca monta uma expedição destinada a reencontrar as colônias perdidas norueguesas, hiperbóreas. (Nunca foram encontradas, pois foram realocadas para Vinland, na América). A expedição é composta de barcos dinamarqueses, alemães e portugueses. Havia um piloto de nome Johanes Scolvus, do qual nunca mais se ouviu falar. Todavia, em um mapa de 1582, desenhado por um tal Michel Lok, foi dado a uma terra a oeste da Groelândia o nome de "Scolvus Greotland". Quem era este misterioso piloto, cujo nome nem sequer é possível distinguir bem em sua ortografia? Scolnus, Scolno, Kolonus, Scolom, Skolum, Colum. Os polacos têm um "Kolnus", de Kolno, uma pequena cidade ao norte daquele país. Era Colón um judeu polaco, que por isto nem sequer falava bem o espanhol, e nem o português dos marranos? Em seus escritos tem às vezes inspirações místicas do tipo rabínico, em que menciona seus profetas e o seu Demiurgo, misturadas com cálculos comerciais. É um grande embusteiro e mistificador, outro traço típico dos judeus em geral, mas em especial daqueles vindos do Leste, dos falsificadores e impostores da Cabala.

O que importa daquela expedição é que Scolvus chegou até a Península de Labrador e, ainda que não tenha encontrado os hiperbóreos, já sabia o caminho que [estes] haviam seguido até Vinland. O restante, ele conseguirá na Tesouraria do Rei de Portugal, onde há mapas do Novo Mundo, desenhados desde tempos mais antigos.

Os hindus, os chineses, os egípcios, os gregos e os romanos conheciam a América e sabiam que "o mundo é redondo". Os líbios loiros também sabiam disto. O mapa-múndi da geografia de Ptolomeu desenha as duas Américas e a Terra do Fogo; a Carta de Piri Reis, que mostra o mundo do alto e assinala terras e continentes desaparecidos; o mapa de Pizigano, de 1367; o mapa-múndi de Cosme Indicopleutes, do século III, que me fascinou nos tempos da minha expedição à Antártica e onde este mítico cosmógrafo

coloca uma Terra ultra Oceanum. Depois viriam os mapas e os mapa-múndi de Martin Waldseemüller; o mapa de Stevens, o primeiro em que se escreve o nome América (eu o reproduzi na edição argentina do meu livro "Ni por Mar ni por Tierra"). Mas os mais importantes teriam sido os mapas secretos dos vikings, nos quais estavam descritos detalhadamente os contornos das duas Américas através de ambos oceanos e onde se mostrava o caminho pelo estreito que os unia no extremo sul. Magalhães, assim como Colón, roubou estas cartas do Arquivo de Lisboa, e ambos, não podendo, por isto mesmo, trabalhar para a Coroa portuguesa, vão oferecer seus serviços à Espanha. Colón o fez seguindo instruções superiores, do Sanhedrin invisível.

Há um mapa misterioso trazido à Dieppe pelos vikings de Tiahuanacu, que viajavam entre o Velho e o Novo Mundo. Neste mapa se acha tudo. A maravilhosa terra das especiarias, Catiggara, está ali. As informações sobre Vinland e a América do Sul, até o Estreito de Magalhães. Este mapa serviria para todos os outros. O mapa-múndi desenhado por Martin Behaim foi tomado do mapa de Dieppe. Colón o viu e por isto a sua viagem à Thule, para confirmar os dados. Por isto também a sua certeza de que o Novo Mundo era confundido com a terra de Catiggara (a Índia). Ele sabia perfeitamente que não era a Índia para onde ele estava indo. Anos mais tarde, na Tesouraria, Magalhães furta o mapa atribuído por Pigafetta a Behaim e no qual está presente o estreito meridional. Tudo isto é cópia do mapa viking. Os Deuses Brancos o entregaram aos vikings em Huitramannaland (a América). Também o mapa de Piri Reis, do qual tenho uma cópia em meu poder, tirada no Museu Topkapi, de Estambul. O mapa de Dieppe estava em poder da França e é muito possível que Américo Vespúcio o tenha conseguido por alguma via diplomática.

Os Templários também conheceram este mapa viking.

Não era fácil, nem sequer para um marrano, o acesso à Tesouraria de Lisboa, onde o rei de Portugal guardava zelosamente os seus mapas secretos. A espionagem cartográfica florescia naqueles tempos. Mas os membros da anti-raça ajudam uns aos outros. O marrano desconhecido, de nome duvidoso, Cristovão Colombo, Colomba, ou como seja, se casa em 1478 com Filipa Monis de Pestrello, aparentada com as famílias reais de Bragança e de Lusignan, cujo irmão era o capitão hereditário da Ilha de Porto Santo, próximo à Madeira. Seu pai era um descendente de templário.

Deste modo, o casal se instala em Porto Santo. O padre Las Casas nos conta que Colón vai até esta pequena ilha, porque ali chegam os navios e marinheiros de distantes lugares, podendo assim obter valiosas informações sobre descobrimentos. Ademais, Colón conseguirá encontrar o conduto que lhe levará inadvertidamente à Tesouraria.

Toda esta informação extraordinária aparece exposta com documentada profundidade por Jacques Mahieu, em seu importante livro "A Geografia Secreta da América antes de Colombo", com o qual contribui magistralmente, assim como em suas obras anteriores, à luta contra a Grande Conspiração, ou "Grande Cumplicidade". Lhe seque um outro livro que é fascinante, de bastante difusão na França e Alemanha, ainda que seja desconhecido entre nós e possivelmente na Espanha, porque não foi traduzido: "Les Templiers em Amérique", publicado em Paris por Robert Laffont. A ele nos referiremos brevemente, antes de continuar em nosso périplo epopeico pelos extremos polares, em busca da última morada secreta dos Deuses Brancos, nossos antepassados hiperbóreos.

É possível encontrar mais documentação também em "Christopher Columbus and the participation of the Jews in the Spanish and Portuguese Discoveries" (Cristovão

Colombo e a participação dos judeus nos descobrimentos espanhóis e portugueses), de M. Keyserling.

Os Templários na América

Estes capítulos estão incluídos no título geral de "A Cruzada Contra o Graal". Se levam outros títulos, isto é para a maior facilidade de exposição e leitura. Julius Evola já havia me declarado que os escritos e lendas do Graal desapareceram repentinamente com a destruição dos templários no século XIII. Tão repentinamente quanto as pinturas das cavernas de magdaleniense, após a submersão da Atlântida.

Não somente desapareceram as lendas, como também desapareceu o Graal. Se evaporou, com Parsifal, para bem longe, em uma terra secreta do Ocidente, a Terra ultra Oceanum, de Cosme Indicopleutes, a Terra Oca, o Mundo Interno. Lá, para onde partiram os dirigentes invisíveis dos templários, o Grande Mestre Secreto, ou Duplo, Gêmeo, na Frota Invisível, talvez no Waffeln, ou no Caleuche. O evento reproduz a viagem mítica dos hiperbóreos, desaparecidos do Polo Norte e da Groelândia, eras antes. Os hitleristas esotéricos repetiram na nossa época o mesmo acontecimento, viajando em submarinos e em Vimanas, até os Oásis do Outro Polo, até a Antártica e a Primeira Terra.

A frota templária do porto de La Rochelle não procurou refúgio em Portugal, como o fizeram os outros barcos que se encontravam nos portos do Mediterrâneo. Esta frota desaparece para sempre, do mesmo modo como aconteceu com os submarinos U do Terceiro Reich.

O desaparecimento da frota, dos arquivos e do tesouro é outro dos grandes mistérios que envolvem a Ordem do Templo. Assim como o seu mercado da prata, metal que não existia na Europa e que lhes serviu para financiar a construção de oitenta catedrais góticas e setenta igrejas menores. Durante duzentos anos os templários inundam as nove províncias com este metal. A construção do gótico é também um conhecimento secreto templário. As medidas, a concepção, a magia alquímica das suas pedras e vitrais, da sua localização em pontos magnéticos terrestres, que correspondem ao mesmo conhecimento nórdico hiperbóreo da localização dos dólmenes e menires, a catedral sendo o cromeleque e repetindo a acupuntura mágica do planeta, para evitar algo, ou reproduzir algo desconhecido, mas essencial, um equilíbrio magnético e psíquico que a Terra havia perdido com o afundamento da Atlântida. Muito se escreveu sobre isto, encontrando-se, por exemplo, a relação entre as medidas da Grande Piramide e Chartres. Louis Charpentier e Fulcanelli falsificaram tudo, trabalhando a favor da Grande Conspiração. Em "El Cordón Dorado" tratamos deste tema e também dos templários. Aqui vamos unicamente nos referir às provas da sua existência na América antes de Colombo.

De Mahieu nos disse que no grande tímpano da Basílica de Madeleine, a igreja templária de Vézelay, em Borgonha, na metade do século XII, aparece um grupo rodeando Cristo, um homem, uma mulher e uma criança, com grandes orelhas. O homem está vestido com plumas, ao modo de um guerreiro mexicano, e porta um capacete viking. A mulher está com o torso nu e coberta com uma túnica larga. São os

"orejones[27]". Os Incas tinham este costume estranho de alargar as orelhas. Recentemente foi encontrado, no Arquivo Nacional da França, o selo da Ordem Templária, que fora confiscado pelos agentes de Felipe, o Belo, em 1307. Foi estampado sobre um documento onde um signatário desconhecido transmite instruções do Grande Mestre. Lê-se a seguinte inscrição, *Secretum Templi* (Segredo do Templo), ao redor de uma figura coberta por uma saia curta e com uma tiara de plumas, como as dos peles vermelhas e dos astecas. Na mão esquerda empunha um arco. Abaixo dela, uma Swastika de braços curvos, idêntica à dos vikings da Escandinávia. Ao fundo, no lado esquerdo, na mesma altura, aparece a Runa Odal, a de Odin-Wotan.

Este segredo era tão importante para os templários, que o selo podia ser unicamente usado pelo Grande Mestre invisível e uma hierarquia desconhecida de monges-guerreiros, superior até mesmo à do Grande Mestre visível. O *Secretum Templi* se encontrava na América, no Outro Polo, residência autêntica dessa Hierarquia secreta invisível. Os vikings germano-dinamarqueses estavam no México desde o século X, e lhes levaria alguns anos até que descessem até o Peru, onde reconstruiriam a civilização de Tiahuanacu. Já falamos sobre tudo isto. No México não permanecem mais do que 23 anos, enquanto que o seu Império de Tiahuanacu dura quase trezentos anos e o dos Incas, cerca de dois séculos e meio. O Império de Tiahuanacu foi destruído pelos araucanos em 1290. Segundo De Mahieu, 'Inka' em 'norrés' (a antiga língua dinamarquesa) quer dizer 'descendente'.

Quetzalcóatl desembarcou em Pánuco, no ano de 967. Era branco, barbudo e loiro. Com os anos e os séculos se transformou em uma personalidade dupla, guerreiro por um lado e reformador religioso, Deus, por outro. Será a Estrela da Manhã, que anuncia a próxima aparição do Sol ascendente. Também é a sua irmã, a Estrela da Tarde, que anuncia a desaparição do Sol, a aproximação do reinado da Noite.

Os Astecas adoram Ollin Tinatiuh, um deus polar por excelência. Este nome não tem sentido algum em náhuatl e derivaria dos Deuses germanos Tiu ou Tyr. Ollin viria a ser uma transcrição espanhola de Odin. Quetzalcóatl toma todas as características de Apolo, o Deus polar hiperbóreo. Depois, Uitxilopochtli se confunde às vezes com Ollin Tonatiuh.

Conta López de Gomara, cronista do "La Conquista", que quando Cortés entrou em Tenochtitlán, o Imperador Motecuhzoma II Xocoyotzin, que mais comumente conhecemos como Montezuma, o recebeu dizendo-lhe:

"Os considero meus parentes. Pelo o que eu escutei de meu pai, que por sua vez havia ouvido do seu pai, que aqueles dos quais eu descendo não são naturais desta terra, senão que daqueles que aqui chegaram com um Grande Senhor .... Nós temos sempre esperado e acreditado que os de lá voltarão a nos dominar e comandar. Por isto penso que sejam vós, dado de onde tu vens...".

Estas palavras de Montezuma concordam com as "Visões de Papán".

Montezuma era alto, branco e loiro. O que expressa, revela ademais a razão da partida de Quetzalcóatl. Entristecido e descontente com os seus, parte novamente. Lhe desagradou aquilo que viu, a mestiçagem dos vikings ários com os "escravos da Atlântida". Até é possível que tenha encontrado ali os judeus indígenas, como parte dos restos do Êxodo Atlântico, como *Kahal Atlântico*.

---

[27] N. do T.: Há aqui uma dificuldade de tradução. A palavra "orejones" pode ser traduzida como "orelhões" ou "damascos secos". Preferi manter o termo original em espanhol.

Entre os Maias, as duas personalidades de Quetzalcóatl se diferenciam no aspecto dos seus Deuses. O asceta que ensina a religião de Odin e do Sol Negro ontológico será *Itzamna*; o guerreiro viking é *Kukulkan*.

Vou permitindo a mim mesmo completar, ou ampliar, as informações de De Mahieu com reflexões próprias. Insisto que estas velhas memórias de astecas, toltecas, maias e incas se originam em um acontecimento muito anterior, que vem se repetindo nas Idades. Os hiperbóreos chegam a estas latitudes milênios antes dos vikings e dos templários. Eles nada mais fazem que seguir as suas pegadas. O professor De Mahieu se vê impelido a prosseguir com grande cautela por estes territórios tão pouco seguros para a ciência. Mas, por isto mesmo, ele me concede a segurança e a fortaleza da qual a minha exposição poderia padecer. Como Spanuth, Wirth, Rahn e outros mais, seguimos todos juntos no mesmo combate, nos apoiando e complementando. Quando eu escrevi o meu livro "El Cordón Dorado, Hitlerismo Esotérico", ali insisti que as datas de Tiahuanacu deviam ser bem anteriores ao século IX dos vikings. E justamente agora o professor De Mahieu descobriu provas irrefutáveis dos hiperbóreos (aos quais ele chama de "troianos") na América do Sul, de três mil e quinhentos anos.

Há também um Quetzalcóatl muito mais antigo e que desaparece, não de regresso ao Polo Norte, mas sim ao Polo Sul, no Oásis da Antártica e nas Cidades Secretas dos Andes. Na Terra Interior.

Precisamente, e ao meu ver, no Selo Secreto dos Templários está revelado o mistério máximo desta Ordem de monges guerreiros. Quetzalcóatl é a Estrela Dupla: A Estrela da Manhã e a Estrela da Tarde. Vênus-Lúcifer. O Mensageiro da Luz do Sol Negro e do desaparecimento desse Sol. Morte e Ressureição. A Estrela Dupla da Manhã, dos *dois rostos*. O Dela e o Dele. A Runa MAN e a Runa IR: HAGAL. Também os dos templários, montados em apenas um cavalo – o outro selo do Templo. O cavalo *Sleipsner*, de oito patas, de Wotan. O número templário é também oito.

É esta uma prova séria de que os templários haviam descoberto Wotan na América. No selo que De Mahieu reproduz para nós aparece um "ameríndio", flanqueado pela Swastika e pela Runa Odal, de Odin. Eu disse que nas gemas gnósticas também é possível encontrar inscrições rúnicas. Possuo um anel de dois mil anos com estes signos, os quais ainda não pude decifrar. Na edição em castelhano do meu livro "NOS, Libro de la Resurrección" reproduzo uma fotografia deste anel.

A interpretação do Selo Secreto do mais alto Mestre dos templários é de uma importância extraordinária quanto a tentativa de penetrar o mistério da doutrina ou concepção do mundo da Ordem do Templo, até agora totalmente desconhecida, apesar das múltiplas interpretações que foram feitas e os livros e o papal gastos em suposições caprichosas. O valor da afirmação de De Mahieu consiste em ter-nos feito ver – pela primeira vez – que a figura do Selo é a de um índio americano. Analisando bem o Selo, poderíamos ir mais adiante e dizer que a figura é a de Quetzalcóatl-Wotan, no estilo tradicional da iconografia das gemas gnósticas, síntese magistral da aventura templária, de sua mutação em Ordem Hiperbórea, no contato com os Deuses Brancos na América, com os vikings de Tiahuanacu.

O sensacional desta descoberta consiste no fato de que ela nos permite, enfim, encontrar a razão da mudança íntima na Ordem do Templo, o *secretum templi*, que a levaria a se separar para sempre do cristianismo de Roma, do Priorado de Sião, dos cistercienses-beneditinos e do cabalismo judaico, transformando-a em sua inimiga e precipitando a sua aniquilação. Os templários reencontraram na América-Albânia os

Deuses Brancos, Quetzalcóatl, isto é, os hiperbóreos e a sua sabedoria polar. Reencontraram as Runas e a Swastika do Sol Negro. Se não fosse assim, não teriam gravado estes signos em seu Selo secreto – pela primeira vez, não o tendo feito em suas catedrais e castelos, para não revelarem a si mesmos.

Depois da publicação de “El Cordón Dorado” precisei continuar investigando a Ordem do Templo e, como eu disse, tive que modificar algumas de minhas opiniões anteriores sobre esta Ordem, como também sobre os druidas e os celtas. Eles foram criados a serviço do Senhor das Trevas; mas os templários tentaram se tornar independentes, ao conhecer a verdade no encontro com os Deuses Brancos americanos, com Wotan, as Runas e a Alquimia do Graal. Que tenham realizado uma mudança importante é evidenciado pela inimizade mortal por parte do Inimigo, Jeová, e dos seus servidores terrestres. Igualmente aos cátaros, eles viriam a ser aniquilados nos planos visíveis. Para dizer a verdade, os templários tentaram seguir um caminho solitário e independente desde a sua própria origem, ao acarretar a ruptura com os seus mentores do Priorado, a Ordem de Sião. Esta ruptura é conhecida pelo estranho nome de “O Corte do Olmo Antigo” e seria levada a cabo no planalto de Gisors, no ano de 1188. Antes desta data, as Ordens tinham um mesmo Grande Mestre (que foram Hugen de Payen e Bertrand de Blanchefort). Despois desta disputa ou ruptura, se separam e cada uma segue o seu caminho independente. De um modo ou outro, parece que os templários teriam pretendido a restauração da monarquia divina dos Merovíngios, enquanto que o Priorado de Sião havia se direcionado a instauração de um Rei-Messias jeovático, do anti-sangue de Sião, fazendo uso da Traição Branca, da Traição Ária. Uma investigação do sinistro Priorado nos levaria muito longe, alcançando até os Bildeberger, a Trilateral, os Rockefeller, o Papa polaco, Monsenhor Lefebre, os jesuítas, a própria CIA e outras sociedades contemporâneas igualmente malignas, em ambos os lados do espectro ilusionista e fantasmagórico da idade escura. A mutação templária foi muito lenta e somente chegou a se consumar após vários séculos e no contato secreto com Huitramannaland, com Tiahuanacu e Quetzalcóatl.



O Selo Secreto da Ordem Templária

Repetimos, o encontro dos templários com os Deuses Brancos americanos, unido à lenda do Mistério do Graal, fez com que acontecesse a mutação definitiva, consumada

em toda a sua profundidade unicamente pela hierarquia mais secreta da Ordem. Ali foi levada a cabo uma "re-arianização", por assim dizer, uma "hiperborização", pelo reencontro com as Runas, desejando se apartar do caminho não de todo claro até então seguido, de um judaísmo latente na origem cisterciense e em uma inclinação pelo Antigo Testamento e a Cabala judaizada. Agora, Wotan e as Runas lhes obrigavam a fazer uma mudança nas essências, que implicava também em uma determinação muito séria e transcendental: a destruição da Ordem na superfície terrestre. Não se defender, permitir a sua aniquilação, ainda que possuíssem o exército mais poderoso do século. Ou seja, ganhar perdendo. O Templo sabia que seria destruído e pôs a salvo o Tesouro e os arquivos secretos. Os seus verdadeiros Mestres já estavam nas cidades ocultas dos Andes há bastante tempo.

Foi no Sul da América onde os templários reencontraram o conhecimento hiperbóreo, que ocasionou a sua mutação e que eles expressaram em seu Selo Secreto e no impulso que deram à simbologia e lenda do Ciclo do Graal.

Descobriram o Inimigo, Jeová. Encontram a *saída* no Continente do Deuses Brancos, e *desaparecem*.

As datas que De Mahieu nos entrega como definitivas para a chegada dos ários nórdicos ao continente americano são as seguintes:

No ano de 877 chegam os papas irlandeses ao México. Em duas ou três gerações desvanecem em razão da mestiçagem.

Em 967 chega o viking Ullman-Jarl. (Quetzalcóatl, segundo De Mahieu).

Em 969 Ullman parte com a maioria dos seus companheiros.

No ano 1000 os vikings chegam a Tiahuanacu.

Por volta de 1272 e 1294 os templários chegam ao México.

Em 1290 ocorre a destruição do Império viking de Tiahuanacu.

Em 1300, a fundação do Império dos Incas.

Em 1307, chega ao México a frota templária escapada de La Rochelle.

No ano 1000 também chegaram expedições norueguesas a *Vinland*.

Como já vimos, recentemente, o professor De Mahieu encontrou provas irrefutáveis da chegada dos "troianos" hiperbóreos à América, 1.500 anos antes da nossa era.

Huitramannaland é o nome que os vikings deram à América – Terra de Brancos – prova de que eles já sabiam que aqui habitavam os seus ancestrais, os Deuses Brancos. Os templários lhe deram o nome latinizado de *Albânia*, a Branca. Na lenda americana, os Deuses Brancos são estes heróis imortais, que desapareceram da superfície desta terra e habitam cidades secretas, invisíveis.

Não há nada mais espantoso de imaginar do que o destino daqueles ários nórdicos abandonados na superfície de uma terra hostil, expostos às suas emanações estranhas, da flora, da fauna e até dos seus minerais. Isolados e cercados de povos inferiores, do animal-homem, do robô, do escravo da Atlântida, com os quais são fatalmente impelidos a se mesclar, se bastardeando. E, então, seguir passo a passo o processo da involução da mestiçagem, da entropia, como nestes atuais pigmeus da selva paraguaia, os guayakis brancos, que foram outrora os gloriosos heróis, os gigantes loiros, adoradores do Sol Negro, no Império viking de Tiahuanacu. De Mahieu reproduz os

parágrafos de uma descrição de São Agostino sobre seres monstruosos, que existiram sobre o planeta e que puderam ser os produtos de uma destruição atômica e sua radiação maligna. Quiçá da catástrofe que precipitou a desaparição da Atlântida, como em uma repetição eterna no Eterno Retorno do Mesmo.

"É possível", se pergunta Agostino, "que dos filhos de Noé, ou talvez do primeiro homem, descendam certas raças monstruosas de que a história profana faz menção? Assim, por exemplo, os homens que dizem ter apenas um olho no meio da sua testa, aqueles cujas plantas dos pés estão viradas ao contrário (o *Invunche* de Chiloé); aqueles com os dois sexos, o peito direito de um homem e o esquerdo de uma mulher e que no papel da reprodução se revezam; outros, que não tem boca e somente vivem respirando pelas narinas; outros, cujo tamanho é de um cúbito, e que os gregos chamam de pigmeus; mulheres que concebem aos cinco anos de idade e não vivem mais do que oito. Nos dizem que também existe uma raça de homens que tem apenas uma perna para dois pés. Eles se protegem do calor do sol se resguardando à sombra dos seus dois pés. Há homens sem cabeça e que tem os olhos nas costas. Os cinocéfalos...".



A Ordem do Novo Templo, fundada em Viena em 1900, por Georg Lanz von Liebenfels. No centro aparece o seu fundador.

Esta descrição horrível poderia ser aplicada a este mundo americano de mestiçagem, à decadência e degeneração dos homens nórdicos e brancos que se viram abandonados na superfície da Terra e se mesclaram com os povos de cor, os mongoloides e negroides. Separados por oceanos de suas pátrias de origem e sem o resguardo e proteção dos seus guias hiperbóreos, dos Siddhas todo-poderosos.

O perigo da mescla não existia por certo para os templários, pois eram celibatos; mas sim o da pronta extinção, pela mesma razão, se é que já não houvessem encontrado o segredo da vida eterna, contido no Mistério e posse do Graal. E no Segredo do Selo. *Secretum Templi*: a Runa *Hagal*, a Runa *Odal*, Odin-Wotan.

Os mais anciões sábios do povo dos Xochimilques, os Quilastli, possuíam velhos manuscritos iluminados, que mostraram a Montezuma quando seria a chegada dos espanhóis. Ali era anunciada a vinda destes homens brancos; porque *já haviam vindo*

antes. Era o cumprimento do Eterno Retorno. Mas*, antes vieram em águia que voavam como o vento*. Por isto a Serpente Emplumada, Quetzalcóatl.

Não foram então os templários, e nem os vikings, senão que outros muito anteriores, os hiperbóreos, os primeiros de todos, que aqui chegaram pelo ar, em Vimanas, em discos voadores, os que hoje chamam de OVNIs. Foram eles que traçaram o mapa original chamado hoje de Piri Reis, onde o mundo é visto das alturas. E também os autores dos sinais em Nazca.

E isto que uma vez foi, já voltou a se repetir, quando o Führer também alcançou com os seus o Outro Polo, em uma Serpente de Plumas de Fogo, em um Pássaro de Ouro, em um Disco de Luz. Dentro e fora da Terra.

Os templários partiram em seus barcos sem saber onde iriam, a que porto deste mundo longínquo. Os vikings já não estavam em Tiahuanacu; todavia, o seu Grande Mestre Secreto, o do Selo, lhes esperava em seu "Refúgio Inexpugnável", em seu "paraíso terrestre". O mesmo que recebera o Führer, também com o Graal.

Aqueles que vieram até aqui por mar, permanecendo na superfície da Terra, se mantém uma memória de um sangue puro, podem esperar a proteção dos Siddhas invisíveis e talvez sejam admitidos nos Refúgios das Cidades dos Andes, no momento de maior perigo e aflição. As Cidades Secretas se encontram muito mais ao Sul, ali onde o antigo Polo Norte chegou a ser o Polo Astral.

Pedro Sarmiento de Gamboa

Na conquista da Américas, que aqui chamamos de Cruzada contra o Graal, os descendentes dos antigos godos agiram sem saber a razão pela qual o faziam, convencidos na sua maioria de que vinham para lutar pela fé, para engrandecer o Reino de Castilla, ou em busca de glórias e riquezas. Cumpriram grandes atos de heroísmo, lutando nem tanto contra os nativos desta terra, quanto contra a própria terra em si, o desconhecido, o tosco, o tremendo. Como muitos deles eram ignorantes, rudes e até grosseiros, destruíram grandes coisas, tesouros e documentos de altíssimo valor. E aqui foram dirigidos por uma mão oculta e tenebrosa, que desejava antes de tudo apagar os rastros dos Deuses Brancos, da tradição extragaláctica, dos autênticos filhos de Vênus e do Sol Negro.

Vamos descendo até o extremo sul, até mais ao sul. Ao vice-reinado do Peru chegam homens cultos de sua época, letrados, gente às vezes nobre. Se discute seriamente se a Espanha tem ou não o direito de despojar os Incas; certamente tarde, quando quase tudo já está destruído. É verdade também que os espanhóis chegam à Cuzco em plena decadência do Império e da linhagem dos Incas. No exato momento em que o último Inca foi destronado por um bastardo. Huáscar era prisioneiro de Atahualpa, que mandou matar toda a progênie e destruir os rastros da estirpe polar, para que ninguém recordasse então o idioma sacro e secreto, que unicamente os Incas falavam entre os seus, que era transmitido oralmente de pai para filho e que Atahualpa não conhecia. Deste modo, na destruição dos rastros não somente os espanhóis estavam envolvidos – ao menos nas terras que foram império dos Incas.

De todos aqueles conquistadores dos séculos XV e XVI, o que está mais rodeado por um halo de grandeza, de martírio e de fatalidade, como nenhum outro, sendo um

sábio cosmógrafo, culto em livros clássicos, seguidor de Platão, típico homem da Renascença, de letras e aventuras, descobridor de terras e mares, é Don Pedro Sarmiento de Gamboa, ligado a este sul do mundo pela tragédia incalculável que fez com que ele vivesse no Estreito de Magalhaes, havendo sido o primeiro a navegá-lo do Ocidente ao Oriente, em 1579.

Desde o ano de 1947, quando eu viajei para a Antártica em um navio de guerra da marinha chilena, este ser extraordinário está comigo. Lhe encontrei em Punta Arenas e o seu infortúnio me comoveu no meu âmago, a tal ponto que decidi levar-lhe a este continente dos gelos eternos, para ver se juntos poderíamos melhorar as coisas do Destino e descobrir os Oasis das águas quentes, os caminhos polares para a Terra Oca e para a Cidade dos Césares, onde, de todos os modos, ele já terá forçado a entrada. Nunca mais lhe abandonei e nem tampouco ele a mim. Em meus livros, "Quien Llama em los Hielos", em "La Flor Inexistente" e em "NOS, Libro de la Resurrección", ele retorna sempre.

Que coisa me une tão intimamente a Don Pedro? Algo grande da ancestralidade hispânica, em sua raiz visigótica. Um senhorio para lutar heroicamente com o Destino e a fatalidade, como com essa onda imensa que afundou a Atlântida. E também a fé na existência de coisas melhor sonhadas, em continentes desaparecidos e em tudo o que este desencanto implica, ainda que nunca seja dito. Pedro Sarmiento de Gamboa acreditou absolutamente na existência da Atlântida. E se nisto ele acreditava, de certo deve também ter pensado nas Cidades Encantadas e em muitas outras coisas que lidam com a alquimia e com a magia. Por esta razão, a Inquisição este lhe vigiando.

No século XV, na Espanha, há um famoso Pedro, ou Pero Sarmiento, cristão velho, que lidera os seus na cidade de Toledo contra os marranos, que conspiravam para tomar a vila para si. Ele os derrota, se torna praticamente dono de Toledo e dita as leis, nas quais os "Novos Estatutos de Limpeza" têm a sua origem.

Os "Estatutos da Limpeza do Sangue" constituem uma modalidade típica do Direito Espanhol, que também seriam levados à América, e que geralmente não foram aceitos pelos outros países cristãos da época. Ao meu ver, tinham um baseamento gótico e o seu limite se encontrava em uma "mais acolá e mais acá" dos Pirineus, como diria Pascal. Isto é, ali, na Espanha, começa e termina este tipo de lei sanguínea contra os judeus. Se teve êxito ou não é outra coisa. Talvez, por isto os judeus fizeram com que corresse o ditado que diz que a Europa termina nos Pirineus.

Os Estatutos eram vigentes para os Colégios Maiores de Salamanca, Alcalá e de Maese Rodrigo, de Sevilla, e outros; para as ordens religiosas, como os Gerônimos e Franciscanos, catedrais e capelas, para as confrarias e irmandades; para primogenituras; para terras e vilas, como das províncias de Guipúzcoa, Vizcaya e a vila de Espinosa de los Monteros, em Burgos, e para certos ofícios públicos e municipais.

Não sabemos se este outro Don Pedro Sarmiento de Gamboa, do século XVI, descende daquele que se apoderou de Toledo. É de Pontevedra, nos estuários da Galícia. Serve ao seu rei ainda muito jovem. Então embarca em busca de terras ignotas e é cosmógrafo geral nos novos reinos. Irá pelo México e América Central e seguirá navegando pelo Pacífico, desgraçadamente sob as ordens de outros pusilânimes e cabeças-duras. Se houvessem seguido os seus conselhos, a Espanha teria descoberto a Austrália. Também haveria se equipado firmemente no Estreito de Magalhães e, muito possivelmente, haveria descoberto a Antártica, coisa que talvez a Espanha houvesse feito; mas que guardou sob grande segredo. Em 1567, Pedro Sarmiento de Gamboa, sob

o comando de Alvaro Mendaña de Neira, descobre as ilhas de Anachumbi e Nuñatumbi, do Arquipélago dos Galápagos, local o qual já havia sido encontrado e do qual havia tomado posse Topa Inka Yupangui, por inspiração do seu mago Antarqui. Mendaña não quis obedecer a Sarmiento de Gamboa. Mas conseguiu descobrir as ilhas Salomão. Também no extremo sul da América ele realizou expedições. Regressa para a Espanha para convencer os soberanos sobre a necessidade de fortificar o Estreito contra os piratas ingleses. Prepara uma expedição à mando de um cortesão, Diego Flores de Valdés. Fracassa por covardia do mesmo frente aos elementos naturais. Sarmiento descreve em seu diário: "Vergonhosa chegada e retorno, onde nenhuma honra ou glória lhe esperava".

Antes de nos referimos às grandes desventuras deste soberbo e trágico descobridor, vamos tratar de penetrar suas crenças íntimas, se é que isto ainda não foi dado, valendo-nos de escritos seus que foram também salvos da desgraça que lhe perseguiu com tanta gana. Muitos foram perdidos, outros lançados ao mar pelo próprio autor, para que não caíssem nas mãos dos corsários que lhe capturaram. A sua "*Historia de los Ingas*" desapareceu por vários séculos, até que um alemão, Wilhelm Meyer, a descobriu em 1893, na Biblioteca Universitária de Gotinga e outro, um erudito, Richard Piettschmann, a publicou em Berlim, em 1906, com um extenso estudo preliminar e valiosíssimas notas históricas.

Pedro Sarmiento de Gamboa foi um prolífico escritor, segundo dizem, muito minucioso em suas descrições. É nesta "*Historia de los Ingas*" onde é possível entrever algo de sua vasta cultura e muito conhecimento de coisas do seu tempo e de outros, incluindo os clássicos. Começa sua narrativa com uma resenha sobre a Atlântida, na qual ele acredita, como dissemos, e que não é algo comum entre as pessoas do seu século. Se refere a Platão como o faz ao "divino" e se estende em conclusões sobre a gente que habitara a América como sendo naturais da Atlântida, de modo que vem a nos comprovar e a no corroborar no que aqui temos dito, tantos séculos depois dele. Sobre tudo e de maneira extraordinária, confirma Jacques de Mahieu, que por sua vez aportou as provas irrefutáveis daquilo que Pedro Sarmiento de Gamboa havia descoberto antes dele, há quatrocentos anos: *os troianos na América*.

Acreditamos que o melhor será citar parágrafos de Sarmiento de Gamboa para se referir à Atlântida. Leu o "Timeu" e "Critias" e, se baseando em Platão, desenvolve suas próprias conclusões, ademais, com Jurgen Spanuth no calcular dos anos, convertendo os tempos lunares de Platão em medições lunares, para das os anos da catástrofe que submergiu a Atlântida.

A Atlântida

Disse: "Neste volume apenas exporei um cenário geral conforme os antiquíssimos autores, para rastrear as relíquias das terras que agora são tidas por novas e antes incógnitas, e dos seus povos".

A escrita e o idioma são os de um espanhol do século XVI.

Continua: "A terra que antigamente, na primeira e segunda idade, lemos haver existido no mundo, foi divisa em cinco partes. As três são continentes de que a geografia comum fala, que são a Ásia, África e Europa. A África se divide da Europa no Mar

Mediterrâneo, ao qual Pomponio chama de nosso. As outras duas partes são divisas destas. Uma se chamou e ainda agora deve ser chamada Catigara (a Índia), no Mar Índico, terra grandíssima, distinta agora da Ásia, posto que Ptolomeu a descreve, em seu tempo e de Alexandre Magno, conjunta e continente com a Ásia pela parte de Malaca. A quinta parte se chama, ou chamou, a Ilha Atlântica, tão famosa como grande, e em quantidade excedia a todas as demais ditas e até mesmo algumas das maiores [se postas] juntas. Os povos da qual farei uma descrição, porque esta é a terra, ou ao menos parte dela, destas Índias Ocidentais de Castilla" (América).

"Desta ilha Atlântica antiga não escrevem os cosmógrafos, porque, onde foi sua riquíssima contratação na segunda e por ventura na primeira idade, já não havia memória no tempo em que eles escreveram. Mas, pelo o que o divino Platão nos conta e pelos vestígios que vemos, que condizem a aquilo que ali se lê, podemos não somente dizer onde foi e partes dela que são em nossos tempos, como também descrevê-la em pormenores e a sua grandeza e local. E isto é verdade, e por tal o afirma o próprio Platão, chamando-a no Timeu, história maravilhosa e plena de verdade".

"Falaremos primeiro sobre a sua localização e depois sobre os seus povos. Portanto, é necessário que o leitor preste atenção, porque, ainda que seja história antiquíssima, é tão nova no ensinamento comum da cosmografia, que poderia causar tamanha admiração ao ponto de fazer com que o texto careça de crédito".

"Das palavras pelas quais Platão se refere a Sólon, o mais sábio dos sete da Grécia, as quais havia ouvido do sapientíssimo sacerdote egípcio com atenção, na cidade chamada Delta, concluímos que esta ilha Atlântida era maior do que a Ásia e África juntas, e que o princípio desta imensa ilha, na sua parte ocidental, estava junto ao estreito que agora chamamos Gibraltar. A ilha tinha, perante a boca de tal estreito, um porto com golfo afunilado; e esta ilha, diz Platão, era verdadeiramente terra firme. Da qual pelo mar, que a cercava, havia uma passagem para outras inúmeras ilhas próximas e a terra firme da África e Europa... A qual, quem dúvida que, estando tão perto da Espanha – segundo o folclore popular, Caliz (ou Cadiz) deveria estar tão próximo à terra firme, por parte do porto de Santa Maria, que com uma tábua atravessavam como que por uma ponte da ilha à Espanha – esta terra não seria povoada pelos povos da Espanha: Tubar (tudescos, tedescos, germanos) e os seus descendentes, e também os povos da África, de quem era vizinha?...".

"Na Atlântida houve um grande e admirável poder de reis, que regeram a ilha e outras muitas circunvizinhas e a maior parte da Europa e África até os confins do Egito. Mas a localização da ilha se estendia até o Sul pelas partes mais altas, oposta à Bóreas. Seus montes excediam a todos que agora existem, em espessura, altura e beleza. Estas são as palavras que Platão disse em relação ao local desta riquíssima e deleitosa ilha Atlântida. Resta agora fazer o que faz parte da minha profissão, que é explicar mais claramente o que foi dito e através disto deduzir a localização desta terra".

Pedro Sarmiento de Gamboa está escrevendo o seu relatório ao Rei da Espanha, Felipe II, sendo possível deduzir, pela sua audácia, para a sua época e pela própria amplitude, que, apesar da Inquisição e tudo o mais, às vezes era possível se impor acima destas coisas. No século XVI, Sarmiento está se sobrepondo à ortodoxia da Grande Conspiração, dos "incendiários de Alexandria". Ao plantear a sua crença na Atlântida, lança por terra abaixo afirmações do descobrimento de Colombo de um mundo novo, representando-o como sendo um redescobrimento. E pensemos em tantas outras coisas

que ele talvez soubesse, nas que houvesse suspeitado e que nunca pode dizer. Já arriscava muito, porque a Inquisição dele suspeitava.

Fala como cosmógrafo, fazendo aquilo que é do seu ofício:

"Do que Platão disse eu concluo três coisas: a primeira, que a ilha Atlântica começava a menos de dez léguas da costa da Espanha. Se juntava com a ilha de Cadiz, ou Gadir, ou Cáliz, como agora se chama. (Devemos pensar que Sarmiento dá outra acepção à ilha, mesmo para se referir à ilha Atlântida, ou bem que Cadiz era então uma ilha). E isto eu afirmo por [causa] de duas coisas: uma pela autoridade, e a outra pela conjectura de demonstração. A autoridade é o que disse Platão no diálogo em 'Critias', falando de como Netuno (nosso Poseidon de outras páginas) distribuiu os senhorios desta ilha a seus dez filhos, que ao segundo filho chamou na língua materna *Gadírum* (o itálico é nosso), ao qual em grego chamamos Eumelo. A este deu as extremas partes da ilha, junto às colunas de Hércules, e com o seu nome nomeou o lugar *Gadírum*, que é Cáliz. Por demonstração vemos, **e eu vi com os meus olhos, mais de uma légua no mar, a redonda ilha de Cáliz, na maré baixa, em águas vivas, relíquias de edifícios muito grandes e claramente formados de uma argamassa quase perpétua, que é indício evidentíssimo daquela ilha ter sido muito maior, e, por conseguinte, ser certa a narrativa de Critias em Platão**".

Colocamos isto em destaque por sua importância. No século XVI, Pedro Sarmiento de Gamboa havia visto as ruínas de um extremo setentrional da Atlântida, frente à Cadiz, a antiga Gadir. Ortega y Gasset escreveu um livro intitulado "Las Atlântidas". Baseando-se em uma obra publicada por Schulten, o escavador de Numância, "Tartessos: Contribuição à História Mais Antiga do Ocidente", Ortega lhe corrige, dizendo que Tartessos é Cádiz, ou Gades. Todavia, Schulten afirma a existência de uma magnifica cidade, muito mais antiga que Gades, às margens do Guadalquivir, capital de um vasto reino e centro de uma cultura multimilenária. Na opinião de Schulten, este povo é a autêntica Atlântida. "Existe", disse José Ortega y Gasset, "efetivamente uma rara coincidência entre a descrição de Platão destas ilhas tartessas que formam em sua desembocadura o rio bético". Schulten encontrou em um poema geográfico bastante conhecido, o "Ora marítima", composto no século I de nossa era, grandes porções de outro livro de viagens muito mais antigo e desconhecido, sobre um périplo executado por um marselhês do século IV antes de Cristo. Trata-se de nosso já conhecido Piteas, cuja obra havia desaparecido e de sua busca pela Hiperbórea. O viajante mítico viu Tartessos, momentos antes da sua destruição pelos cartaginenses.

Não é de se estranhar que nunca tenham sido feitas tentativas sérias de descobrir os restos da Atlântida sob o mar, ali onde Pedro Sarmiento de Gamboa havia visto com os seus olhos os palácios e os templos submersos. Imaginemos as consequências destas descobertas na ortodoxia eclesiástica e no Antigo Testamento. O que aconteceria se por ali aparecessem os indícios dos luciferinos extraterrestres, dos Vanes e Ases venusianos, dos Tuathas de Dannan, dos Siddhas Hiperbóreos? De nada haveria valido a destruição da Biblioteca de Alexandria e dos rastros dos Deuses Brancos no novo e velho mundo. De nada valeria "a cruzada contra o Graal". Por isto pensamos que Don Pedro estava se arriscando muito para a sua época, quando até mesmo hoje em dia é proibido se preocupar seriamente com estas coisas. Vão diretamente contra A Grande Conspiração histórico-planetária.

Continuemos a escutá-lo:

"Do que Platão disse quanto a Atlântida ter sido maior do que a Ásia e África juntas, tiro uma conclusão quanto ao tamanho da ilha Atlântica, e digo que esta ilha de incrível, ao menos de imensa medida, tinha mais de 2.300 léguas de longitude; isto é, de leste a oeste ou de levante a poente. Porque a Ásia tem 1.500 léguas de linha direta, aproximadamente, desde a região de Malaca, que é a frente oriental da Ásia, até os fins do Egito; e a África tem 800 léguas por compasso desde o Egito até o fim dos montes Claros, os Atlânticos (montes Atlas) fronteiros das ilhas Canárias; e tudo soma as 2.300 léguas de longitude. Pois se a ilha era maior é em termos de diâmetro. Pelas costas teria 7.100 léguas. Porque a Ásia tem de bojo 5.300 léguas, aproximadamente, e a África 7.200 léguas, muito pouco, mais ou menos, que tudo soma 7.100 léguas; e ainda disse que era maior".

"Disse Platão que o local desta ilha se estendia ao austro (sul) oposto a Bóreas. Sendo assim, entendemos que, sendo a frente desta ilha contérmina com a Espanha, desde o estreito de Gibraltar até Cáliz, ela ia se estendendo até o poente, fazendo um arco sobre a costa de Berbéria ou África, muito próximo a ela, entre o poente e o austro, que é o que os mareantes chamam de sudeste. Porque, se estava localizada em um local oposto a Bóreas, que é entre o levante e o setentrião, chamado nordeste, o seu local necessariamente haveria de ser o dito sudeste e sudoeste; *e abrangia e incorporava em si as ilhas Canárias, as quais segundo isto foram partes dela* (o itálico é nosso); e daqui seguia em direção a dita terra pelo Sudeste. E no que diz respeito ao austro, se estenderia algo mais ao sul e sudoeste; e enfim seguia pelo caminho que fazemos às Índias (América) quando partimos da Espanha, e se juntava e era uma coisa continente e terra firme com estas Índias Ocidentais de Castilla, ou pouco mais ou menos, das Canárias, de modo que havia mar por um lado, e pelo outro, terra, digo ao norte e sul de suas costas, e que se juntasse com esta terra e fosse toda uma só. Eu o provo daquilo de cima, porque, se a ilha Atlântida tinha a longitude de 2.300 léguas, e desde Caliz até a costa do rio Maranhão, e de Orellana e Trinidad, ou costa do Brasil, não há mais do que 1.000 ou 900, ou talvez 1.100 léguas, que são as partes por onde esta terra se juntava à América, claro parece que para cumprir a soma do resto, para o cumprimento das 2.300, precisamos incluir à conta todo o restante que há de terra desde a costa do Maranhão e Brasil até o Mar do Sul, que é o que agora chamam América, e conforme o rumo *chega-se a Coquimbo* (o itálico é nosso, pois de Coquimbo era também o Cacique Kari, destruidor do Império de Tiahuanacu), que, contando o que falta, vem a ser a dita soma, e ainda muito menos das 2.300 léguas".

Sendo assim, para Sarmiento de Gamboa a América foi parte da Atlântida. A sua descrição concede alento à nossa crença de que o Chile é o resto sobrevivente de um grande cataclismo e de um afundamento de outra enorme "Ilha continente" no Pacífico, parte da qual faria com que fossem cumpridos os números que faltam a Don Pedro para completar as suas medições da Atlântida.

E confirma:

"Portanto, fica aqui averiguado que as Índias de Castilla foram continentes com a ilha Atlântida e por conseguinte a própria ilha Atlântida, a qual procedia de Caliz e vinha pelo mar pelo qual nós vimos às Índias, *o qual todos os cosmógrafos chamam Oceano Atlântico, por nele ter sido localizado a ilha Atlântica* (o itálico é nosso). E assim navegamos agora por onde antigamente foi terra".

Se de alguma maneira pudera eu passar mais além do "eu", chegando a ser NOS, o seria com este Don Pedro Sarmiento de Gamboa. A sua melodia é semelhante à minha,

e, até sem sabê-lo com a mente racional, já faz quase meio século, me senti estremecido pelo seu drama, lá próximo dos gelos do Antártico, assim como logo me identificara com os seus sonhos e a sua alta poesia de cosmógrafo – talvez de alquimista e de astrólogo. Por tudo o que ele não pôde dizer, pelo o que aspirara e tampouco pôde realizar, é que eu lhe levo comigo, buscando o que ele buscara, para um dia entrar juntos às mesmas regiões dos seus sonhos de descobridor insigne, de herói e guerreiro. Pertencemos à essa Ordem que, fora e dentro do tempo, luta contra a Grande Conspiração, ou "Grande Cumplicidade", unidos pelo Cordão Dourado, por esta *áurea catena*, que procede de mais além de Bóreas, de Hiperbórea.

A explicação que Pedro Sarmiento de Gamboa dá para os aborígenes da América também é inquietante, pois se apoia em dados de Xenofonte, de Filón, de Annio, de Beroso, um sacerdote caldeu que vivera no século III antes de Cristo. E isto mesmo declarando que "não se fará fortuna dos relatos de intérpretes caldeus ou egípcios". A sua própria interpretação do Genesis é curiosa.

Dividiu as Idades do mundo em duas. A primeira desde Adão até o Dilúvio, "que foi de 1.656 anos", a "segunda que é do patriarca Noé, segundo pai geral dos mortais". Da o nome das oito pessoas que se salvaram do Dilúvio. Aqui se apoia em Beroso, como se soubesse que o Genesis foi adulterado, por ser um documento da Atlântida, preservado em Ur, Caldeia, e então tendo caído nas mãos dos escravos nômades judeus: "Noé teve por mulher a Terra, ou Vesta, pelo primeiro fogo que incendiou com cristal para o primeiro sacrifício, como quer Beroso. Os seus três filhos são Cam e sua mulher Cataflua, Sem e sua mulher Prússia, ou Pérsia, Jafé e sua mulher Funda. Dos quais foram procriados os povos. Os vocábulos dos quais alguns povos vieram, dos quais hoje vemos claramente de onde foram derivados, *como de Héber foram os Hebreus*". Colocamos a afirmação em itálico, pois nos leva de volta a aquilo que Spanuth havia nos dito, que o nome 'hebreu' aparece pela primeira vez em uma estela de um templo egípcio e se refere aos gigantes, não tendo nada a ver com os judeus, que dele também se apropriaram. São seres gigantescos, salvados da Atlântida, ou talvez de Hiperbórea. Por isso em nosso livro "El Cordón Dorado" dissemos que *os hebreus eram ários*.

Sarmiento continua explicando que "de Asur vêm os assírios"; mas, "o povo se transformou a tal ponto que não basta diligência humana ao investigar esta via". Isto é, já não há forma de saber quem é quem; melhor dizendo, quem foi quem.

"E tendo a linhagem dos homens multiplicado numerosissimamente, partiu o mundo entre os seus primeiros filhos, para que o povoassem". "E como disse Xenofonte, embarcou Noé em umas galeras no ponto Euxino". "E como disse Fión e refere Annio, navegando *Noé gigante* pelo mar Mediterrâneo, dividiu toda a terra entre os seus filhos".

Sendo assim, Noé era um gigante.

"A Sem ele encarregou de povoar a Ásia desde o Nilo até a Índia Oriental. A Cam designou a África, desde as Rinocoruras até o estreito de Gibraltar. A Europa assinalou para povoamento Jafé, com alguns dos filhos nascidos depois do Dilúvio, que foram todos *filhos de Tuscon, de onde descendem os tedescos e os alemães e as nações a eles circunvizinhas*". (O itálico também é nosso).

Se Jurgen Spanuth pudesse conhecer esta afirmação de Sarmiento de Gamboa, encontraria um argumento a mais para assegurar que a Atlântida submergida é na verdade a sua Hiperbórea ártica. E o professor Wirth diria que o escritor está se

referindo, sem sabê-lo, aos sobreviventes da civilização do Gobi. Mas, será que ele não sabia? Porque Don Pedro fala de vários outros dilúvios anteriores e até posteriores:

"Beroso disse que Nembrot edificou a Babilônia 130 anos após o Dilúvio. Os filhos de Sem elegeram Joctã, filho de Héber (hebreu, gigante), como rei. Os de Jafé elegeram Fenech, também chamado *Assenes* (os Asen, os Ases), como rei".

Mesmo quando se refere às raças raízes, Sarmiento nos diz que elas estão se mesclando, porque "uma linhagem se intrometeu nas terras da outra".

E quanto à Atlântida, "estando próxima da Espanha, foi povoada pela mesma gente de Tubar (tudescos, tedescos) e seus descendentes e também dos povoadores da África, de quem era vizinha. E há validade nisto, chamar a ilha pelo nome de Atlântida, que foi povoada por Atlas, gigante e sapientíssimo astrólogo, o qual povoou primeiro a Mauritânia, que hoje é chamada Berbéria, segundo Godofredo e todas as crônicas. Sendo assim, este foi Atlas, filho de Jafé e da ninfa Ásia, neto de Noé. E em razão disto não há autoridade maior do que a dita, e, portanto, há de se corroborar com a do divino Platão...".

Assim fica claro para nós que Don Pedro Sarmiento de Gamboa não se referiu ao dilúvio que destruiu a Atlântida, senão que a outro muito mais antigo e que não coincidirá com as datas que ele nos deu, que de outro modo são vagas. É um dilúvio muito antigo, podendo ser o da Segunda Hiperbórea Polar, ou a catástrofe do Gobi, pois nos está explicando que é depois deste dilúvio que Atlas, neto de Noé, povoou a Atlântida. E nisto tudo tem muitíssima razão, coincidindo com as exposições deste livro.

Os primeiros espanhóis e mauritanos foram vassalos do rei Atlas, da Atlântida, segundo Sarmiento. Mas este fato foi sepultado no esquecimento, "e se não fosse por Platão ninguém o haveria conservado".

"Platão, em Critias, disse que a Netuno coube a sorte da [posse da] ilha Atlântica, o qual teve dez filhos varões (os cinco gêmeos), entre os quais Netuno repartiu a ilha, que antes e na época de Netuno se chamava o "Império das Ilhas Frotas", como nos disse Volaterano, de modo que a dividiu em dez regiões e reinos. A principal chamada Vénere, deu ao primogênito chamado Atlante (esta é a relação de Platão, que unicamente coincide este nome com a estranha estória, somente em aparência bíblica, que Sarmiento nos contou antes) e lhe nomeou rei de toda a ilha. E assim tomo o seu nome Atlântica, e o Mar Atlântico, e hoje conserva este nome. Ao segundo filho, chamado Gadirum, deu a parte que ficava próximo à Espanha, cuja parte agora é Cáliz. Ao terceiro chamou Anferes e ao quarto Ectóctenes, o sétimo Alusipo, o oitavo Mestores, e o nono Azaen, o décimo Diaprepem. Estes e seus descendentes reinaram muitos séculos ali, regendo por mar muitas outras ilhas, as quais podiam ser nada mais que as do Haiti, que chamamos de Santo Domingo e Cuba e suas comarcas. E regiam na África até o Egito e na Europa até Tirrenia e Itália".

Vamos reproduzir agora a opinião da crônica de Pedro Sarmiento de Gamboa, que foi corroborada quatrocentos anos mais tarde, com provas que trouxemos à conhecimento nas páginas anteriores desta obra, pelo antropólogo francês, radicado na Argentina, professor Jacques de Mahieu.

Disse Don Pedro:

"E posto caso estas nações numerosíssimas dos Atlânticos eram e foram o bastante para povoar todas estas outras terras das Índias Ocidentais de Castilla, também vieram a elas outras nações (a América), que povoariam algumas províncias desta terra depois da destruição (da Atlantida). Disse Strabon y Solino, que Ulisses, depois da

expugnação de Tróia (vemos também que para Sarmiento a guerra e destruição de Tróia não é uma pura lenda homérica, senão que realidade, séculos antes de Schliemann) navegou em direção ao poente, e na Lusitânia povoou Lisboa; e depois de edificada, quis testar a sua sorte pelo Mar Atlântico, oceano por onde agora viajamos até às Índias, e desapareceu, que depois jamais se soube dele. Isto disse Pero (Pedro) Antón Beuter, nobre historiador valenciano, e, como o próprio se refere, assim o sente Dante Alighieri, ilustre poeta florentino. Este Ulisses, dando crédito ao que foi dito, podemos deduzir pelos indícios que de ilha em ilha veio a dar com a terra de Yucatán e Campeche, terra da Nova Espanha, porque os desta terra tem o traje, cocar e vestido grego da nação de Ulisses, e muitos vocábulos usam o grego e tem letras gregas. E disto eu vi muitos sinais e provas. E chamam a deus de Teos, que é grego, e até em toda a Nova Espanha usam este termo Teos no lugar de Deus. Ouvi também dizerem, passando eu por ali, que tinham um certo Genesis em grego. (Talvez a chamada "Bíblia de Chichecastenango", o "Popol Vuh"). Indícios são bastantes da minha conjectura sobre Ulisses. E dali puderam povoar todas aquelas províncias do México, Tabasco, Xalisco e as setentrionais, estas e os Zapotecas, Chiapas, Guatemalas, Honduras, Laçandones, Nicaraguas e Tlagusgalpas até Nicoya e Costa Rica e Beragua".

Então disse que outras nações passaram à Pérsia, então à Catigara, e dali foram, "conforme a navegação dos de Alexandre Magno, quarenta dias de navegação da Ásia, esta terra que chamam os descritores de mapas 'Terra incógnita ao austro', da qual se pôde vir povoando até o Estreito de Magalhães, até o poente de Catigara, e até o levante de Java e Nova Guiné e ilhas do arquipélago de nome de Jesus, que eu, mediante o Nosso Senhor, descobri no Mar do Sul no ano de 1568, reinando o invicto Philippo segundo, rei da Espanha e seus anexos e da demarcação do meio mundo, que são cento e oitenta graus de longitude. De modo que o que aqui há de se concluir é que a Nova Espanha e as suas províncias foram povoadas de gregos e as de Catigara de judeus; e os dos ricos e poderosíssimos reinos do Pirú [Peru?] e contérminas províncias foram Atlânticos (atlantes), os quais foram deduzidos daqueles primeiros mesopotâmicos ou caldeus, povoadores do mundo".

E não é somente Don Pedro Sarmiento de Gamboa que crê isto sobre os gregos na América. Um século depois, em 1673, no Chile, o padre jesuíta, Nicolás Mascardi, é morto buscando a Cidade Encantada dos Césares, pelo sul patagônico. E antes de entregar a vida por este sonho, por esta sua "flor inexistente", envia com mensageiros índios cartas em grego para os habitantes da cidade. Acreditava que eles pudessem ser também os troianos de Homero, que agora viviam eternamente, em algum lugar secreto da cordilheira andina.

Quanto aos caldeus e mesopotâmios, que Don Pedro relaciona com o Peru mais antigo e "poderosíssimo", sabemos que eles são "os Tubar, Tudescos, Tedescos ou germanos", pois ele mesmo confessa que Don Francisco Pizarro pode se apoderar de todo um Império com um pouco mais de cem homens, porque os incas acreditavam que era Virakocha, o Deus Branco e barbado que estava a retornar. E não é de se estranhar que não enfatize mais isto, sacando conclusões e [tomando] partido, pois devia saber a razão pela qual o fazia, tendo que permanecer alerta para não transgredir os limites permitidos pela conspiração e a cruzada contra os Deuses Brancos. Na Espanha a conspiração já tomava este matiz sórdido e sinistro, anti-gótico, de ódio envenenado contra tudo o que venha do ancestral visigodo e germânico, que com o passar dos

séculos estoura na traição à Alemanha da última guerra, não sendo a mesma a única e nem a última que se cumprirá contra o nórdico-ário.

Em "El Gran Viaje del Dios Sol", De Mahieu nos conta que "tampouco se surpreendeu o imperador inca Huayana Kapak quando, em 1523, oito anos antes da chegada de Pizarro, recebeu notícia de que gente estranha e nunca vista naquela terra andava em um navio pela costa norte do Peru".

Era a expedição de Blasco Núñez de Balboa. Moribundo, o inca reuniu os seus capitães, seus filhos, os sacerdotes Amautas, e os mais altos dignitários e lhes disse: "Há muitos anos que, por revelação de Nosso Pai, o Sol, acreditamos que, passados doze reis de seus filhos, virá gente nova e desconhecida nestas partes e ganhará e sujeitará ao seu Império todos os nossos reinos e muitos outros; eu suspeito que serão os que sabemos que tem andado pela costa do nosso mar; será gente corajosa, que em tudo trarão vantagens. Também sabemos que comigo está cumprido o número dos doze reis. Eu vos certifico que poucos anos depois que eu tenha partido de vós virá gente nova, e cumprirá o que nosso Pai Sol nos disse, e ganhará o nosso Império e serão senhores dele. E mando que lhes obedeçais e sirvais como a homens que em tudo lhes trarão vantagem, que a sua lei será melhor do que a nossa, e as suas armas poderosas e invencíveis mais do que as nossas. Deixe-os em paz, que eu irei descansar com o meu Pai Sol, que me chama".

Isto nos transmite o inca Garcilaso de la Veja, em seus "Comentarios Reales", de 1572, quem soube disso por tradição oral. Huyana Kapac estaria recordando um contato direto da sua estirpe com os brancos. Mais impressionante ainda é o discurso que Montezuma pronuncia perante Cortés, no México, quando este lhe fora visitar no palácio Axaiaca, do seu pai e que havia posto à disposição dos seus hóspedes, segundo o relato do cronista Francisco Lopez de Gomara, do qual já extraímos, e que De Mahieu também reproduz: "Tenho a vós como parentes; segundo o meu pai me disse, que também ouviu o mesmo do seu pai. Nossos antepassados reis, de quem eu descendo, não foram naturais desta terra, senão que estrangeiros, os quais vieram com um grande senhor, que pouco depois se foi; e que após muitos anos retornou por eles; mas não quiseram ir, por haverem por aqui povoado, e já terem filhos e mulheres e muitos mandos na terra. Ele se tornou muito descontente e lhes disse, ao partir, que enviaria seus filhos para que os governassem e mantivessem a paz e a justiça, e as antigas leis e religião dos seus pais. Por esta razão temos sempre esperado e acreditado que algum dia viriam os daquela parte para nos sujeitar e mandar, e penso que sois vós, segundo de onde vós víeis".

Em ambos os casos esperavam pelo regresso dos Deuses Brancos. Depois do Crepúsculo dos Deuses, o seu retorno, a ressureição. E o crepúsculo, a morte, foi causado pela mescla, pela mestiçagem. Quetzalcóatl parte descontente, angustiado, ao comprovar que os seus haviam se bastardeado com os nativos, com os filhos da terra, com os "escravos da Atlântida", tornando o seu sangue impuro, destruindo a sua memória, a nostalgia de Thule, a melodia Hiperbórea. Isto voltou a se repetir em Huitramannaland, o "pecado racial" que havia acarretado o primeiro dilúvio e que ademais submergira a Atlântida, como nos conta Platão.

Eis aqui a Atlântida e o seu final, segundo o relato que nos faz Don Pedro Sarmiento de Gamboa:

"Esta terra abundava em tudo aquilo que é necessário para o uso da vida humana, de pastos, madeiras, medicamentos, metais, feras, aves, animais domésticos e grandes quantidades de elefantes, odores fragrantíssimos, licores, flores, frutos e suave vinho, e todas os demais legumes que são usados para comer, muitos moluscos e outras muitas coisas de deleite. Todas as quais eram produzidas de maneira muitíssimo abundante por aquela ilha, que antigamente *era sacra* (itálico nosso), linda, admirável e fértil, e grandíssima, na qual haviam grandíssimos reinos, suntuosos templos, casas reais de grandíssima admiração, como se verá pela relação que Platão dá quanto à metrópole desta ilha, que excedia à Babilônia, e à Troia, e à Roma, e a todas as forças e cidades ricas, fortes, curiosas e bem construídas, a aos sete milagres do mundo, de que tanto cantam os antigos. Havia na cidade-sede deste império um porto, onde recebiam tantos navios e mercadores de todas as partes, que pela multidão e frequência de noite e dia se ouvia um contínuo e grande ruído que ensurdecia os moradores vizinhos. Era tanta a gente e o poder de guerra destes Atlânticos, que somente a cidade metropolitana cabeça deste império tinha como guarda comum ao redor dos seus campos 60.000 homens; distribuídos pelas estâncias e habitando os montes eram inumeráveis. E pelo mar cruzavam 200.000 barcos de quatro homens cada, então somente do mar eram 800.000 homens. E bem que não tinham necessidade, pois tinham tantas nações súditas, a quem haviam sempre de governar e serem superiores. Pois na terra que não era continente com a sua, como a África e Europa e Ásia, procuravam por suas bandeiras, troféus e colunas...".

Pode-se ver como Don Pedro se deleita descrevendo a grandeza, beleza e primores paradisíacos da Atlântida, como se ele mesmo houvesse desejado viver neste mundo. Nos possibilita assim conhecer o seu coração, a sua alma sonhadora. Ademais, fala de uma "ilha sacra".

E depois:

"Mas, após muitos séculos, por permissão divina, quiçá por seus pecados, aconteceu que com um grande e contínuo terremoto e com um turbilhão e dilúvio perpétuo, da noite para o dia, com a terra se abrindo, aqueles belicosos e "infestadores" homens Atlânticos foram engolidos. (O adjetivo "infestadores" em Platão significaria, se é que o usou alguma vez, bastardismo, mestiçagem, "pecado racial"). E a ilha Atlântica permaneceu submersa e tragada sob aquela profundidade, o que por causa disto se tornou inavegável, pelo sedimento no qual a ilha foi absorvida e destruída, uma coisa espantosa".

"E este dilúvio em particular pode ser somado aos cinco dilúvios que contam os antigos: o geral, de Moisés, o segundo, no Egito, de que faz menção Xenofonte, o terceiro na Acádia da Grécia, no tempo do Ogigio Antigo, de que conta Isidoro, que foi no tempo de Jacó, o quarto na Tessália, nos tempos de Deucaliao e Pirra, no tempo de Moisés, segundo Isidoro, 782 anos, como disse Juan Annio; o quinto dilúvio, como nos manifesta Xenofonte, foi no Egito no tempo de Proteu, e o sexto foi este que tanto assolou a ilha Atlântica que bastaria apartá-la da parte que restou sem afundá-la, para que todos os mortais da Ásia, África e Europa acreditassem que toda [ela?] havia afundado. E assim foi perdido o comércio e contrato das gentes destas partes com as da Europa e África, e outras partes, de tal modo que totalmente fora perdido a memória dela e não fosse pelos egípcios, conservadores de antiquíssimas façanhas dos homens e da natureza".

Então Sarmiento chega à conclusão de que o afundamento deve ter ocorrido no ano de 1320 antes da nossa Era e "a 2.162 anos da Criação, segundo os hebreus". Para chegar a estas cifras, Don Pedro aplica o mesmo critério do investigador contemporâneo, Jurgen Spanuth, convertendo os anos lunares de Platão em anos solares. "Chego a este cálculo", disse, "pelo o que afirma Platão, que foi diálogo de Solón e o sacerdote egípcio. Porque segundo todas as crônicas, Solón foi no tempo do rei Tarquino Prisco de Roma, sendo Josias o rei de Israel, ou Jerusalém, 610 antes de Cristo. E desde este diálogo até que os Atlânticos houvessem feito um cerco aos atenienses haviam passado 9.000 anos lunares, que referidos aos solares somam 869 anos. E todos juntos é a soma dita acima. E pouco depois deve ter ocorrido este dilúvio, aos 748 [anos?] depois do dilúvio geral de Noé. É de notar que, como isto seja assim, as ilhas de Caliz, Canárias, Selvagens e a Trinidade, foram pedaços desta terra que foi absorvida".

As datas de Pedro Sarmiento de Gamboa coincidem com as de Jurgen Spanuth e deixam margem com o seu "dilúvio geral" e todos os outros "particulares" para o afundamento de Hiperbórea e da Atlântida, sucessivamente. Com a única observação de ter que aumentar as quantidades para a criação de mundo e outras coisas mais.

Um homem da cultura do Renascimento, que redescobria a Grécia e ia até mais longe, até o Egito e a Atlântida, infelizmente também Don Pedro já começava a ignorar tudo correspondente ao ancestral gótico, nórdico hiperbóreo. E se ele se aventurava em sonhos impossíveis, isto se devia a sua alma de aventureiro, de navegante de mares ignotos, nas proximidades dos gelos extremos e espantosos do Polo Sul. Grande Don Pedro Sarmiento de Gamboa! Um ser destas extremas latitudes, pelas quais tu também passaste, depois de tantos séculos, ainda te estremece com a sua desventura e com a sua glória.

Os Confins

No ano de 1584, Don Pedro Sarmiento de Gamboa precisaria empreender a sua última expedição, sempre a mando de outros, de um "cortezão covarde", Flores de Valdés. Don Pedro havia sido nomeado "Governador do Estreito de Magalhães", onde seria responsável por fortificá-lo para impedir a passagem e incursões de Drake. Estas foram intenções que nunca puderam ser cumpridas. Mais de 300 homens perecem em uma tormenta e em ataques de corsários. Ao chegar ao Rio de Janeiro, Alonso de Sotomayor, que havia sido nomeado Governador do Chile, prefere viajar por terra e deixa a expedição naval. Pouco depois, ao zarpar do Rio, a nau que portava as provisões vem a naufragar. Enfim, chegam à embocadura do Estreito de Magalhães. A maré lhe impede de entrar. Flores de Valdés ordena o retorno. Sarmiento protesta. Em seu Diário escreve: "Com tormentas, trabalhos, perdas, mortes e perseveranças, se acabaram os descobrimentos, e coisas aqui que espantam o mundo!".

Don Pedro não deseja retornar. Ele quer emular os grandes conquistadores que tiveram melhor destino, de reconhecida glória. "Porque uma bela morte, honra à toda uma vida". E Flores de Valdés parte em regresso à Espanha, levando consigo os melhores soldados e com o desprezo do herói, que escreve: "Partiu com a grande alegria que pudera ter quem houvesse ganho as maiores vitórias da terra e fosse delas triunfante".

A expedição havia zarpado de Sanlúcar no dia 27 de setembro de 1581, e voltou sem haver entrado no Estreito em 1583. Don Pedro a continuaria por sua própria conta, com trezentas e trinta e oito pessoas, incluindo marinheiros, soldados, crianças, mulheres e colonos. O próprio Sarmiento disse que lhe acompanhavam "gente possuída de ânimo e espanto". Mas ele segue "determinado a morrer ou realizar aquilo a que veio, ou não voltar à Espanha ou nem para onde ele jamais pudesse ver alguém".

Quanta grandeza há em tudo isto. Expressa nesta frase todo o espírito desta Espanha visigótica e cavalheiresca, dessa gente de honra de um século de aventuras, que aconteceu em abundância. E dela se valeram os que por ela procuravam.

Quem, como eu, navegou por estas espantosas regiões do fim do mundo, em anos ainda mais difíceis que os atuais, deverá certamente se espantar meramente ao pensar no que pode haver acontecido no século XVI, com galeões à vela, vestimentas e alimentos inadequados, a necessidade de enfrentar os ventos, ondas do tamanho de montanhas, o clima, esta natureza trágica, às vezes digna de pesadelos, de deuses, de demônios, de céus imensos e abismos.

No dia 1º de fevereiro de 1584, a expedição chega à entrada do Estreito de Magalhães. As correntes marinhas são tão fortes que cortam as amarras dos buques e um deles é levado para fora do Estreito. Os outros correm o perigo serem jogados contra os recifes e serem destruídos. Sarmiento ordena o desembarque. Isto é efetuado em 4 de fevereiro. Adiante vai o seu chefe, seguido por dez de seus homens mais valentes. Tal é a decisão de Sarmiento, que junto com os soldados e marinheiros desembarcam também cinquenta e oito colonos, treze mulheres, dez crianças e vinte e sete obreiros. Naquela mesma noite acontece uma terrível tormenta e os barcos são levados para longe. Os que os veem partir caem no total abatimento. Mas o seu comandante lhes alenta, lhes dá ânimo, a sua própria coragem é um exemplo. Eis aqui o seu discurso:

"Irmãos, companheiros e meus amigos! Vendo vossos trabalhos e necessidades, eu as sinto, sem fazer alarde das minhas, tanto ou mais do que vós .... Mas também vejo que sóis espanhóis e mancebos, e que poucos dias atrás todo o mundo era pouco para vós... Não queira Deus que de vós se diga que deixastes de perseverar antes de vosso espírito se render, que toda esta infâmia se voltaria contra mim, e isto não é nada; se voltaria, todavia, contra o vosso Rei e contra a vossa nação e pátria, e dir-se-ia por todo o mundo que o Rei da Espanha já não tem homens como costumava ter antigamente, com os quais fazia tremer os turcos, os mouros, os franceses e ingleses, e muitas outras nações por mar e por terra... Livrai, espanhóis, vossos fortes corações de tanta fraqueza! Bem vides que eu vou adiante e descubro os caminhos primeiro, e rompo as montanhas antes que vós, por onde passeis, sem ter quem me abra um palmo do caminho, e tudo isto o tenho por algo bom, para dar-lhes descanso. E oxalá com o meu sangue será restaurada a vossa fome, enfermidades e necessidades, que mil vezes eu o fizesse a cada dia... Sigam-me até aquela praia e ponta que veem, que está apenas a uma légua daqui, acolá, e que tenho esperança em Deus que neste caminho encontraremos a nau; e se não a encontrarmos, eu cumprirei o que tenho lhes dito, que aqui os deixarei e que eu irei busca-la para o vosso alento, e assim terei cumprido com o meu dever".

Pedro Sarmiento de Gamboa pronunciou este discurso arrepiante no dia 21 de março de 1584, nas cercanias de Punta de Santa Ana, no Estreito de Magalhães. O seu texto se encontra na "Relación de lo Sucedido en el Estretcho", enviada pelo próprio Sarmiento a Felipe II, de Pernambuco, no dia 18 de setembro daquele mesmo ano, e foi reproduzida em "Pedro Sarmiento de Gamboa y su Proyectada Historia General de

Peru", por José Miguel Barros, meu amigo e companheiro na expedição à Antártica de 1947; depois Embaixador no Peru.

Três dias mais tarde as naus regressariam e desembarcariam canhões e suprimentos. Mas um novo e furioso temporal lhes leva mar afora. Por dez dia luta o piloto Diego de Rivera para regressar ao local onde haviam deixado os colonos. É inútil. Deverá retornar à Espanha, deixando ali, abandonados, Don Pedro e os seus colonos, com apenas uma nau, a Santa Maria de Castro.

E é nestas precárias condições, rodeados de perigos, de ameaçantes elementos, que no domingo, dia 11 de fevereiro de 1584 – certamente era verão – don Pedro Sarmiento de Gamboa funda a vila "Nombre de Jesús". Mas para por ai, e continua em direção ao ocidente para criar a "Ciudad del Rey Don Felipe", não muito distante de onde hoje se encontra Punta Arenas, a cidade mais austral do mundo. Visitei este lugar, que depois chamaram "Puerto Hambre", próximo à o que depois seria "Fuerte Bulnes". Sarmiento de Gamboa chegou a este local acompanhado de noventa homens, muitos deles descalços, famintos, castigados pelos índios. E fundou a "Cidad del Rey Don Felipe", no dia 25 de março de 1584.

Imaginemos este trágico e grandioso feito, solitário, desconhecido, por ninguém contemplado exceto por eles mesmos, ao vento e aos céus destes confins, onde já repercute a chamada tênue, aguda, persistente, e vinda de longe, dos gelos, e que se pressente dentro da alma e ao fundo desta própria paisagem. Ali, onde a essa mísera tropa de colonos, o herói, de pé, a sua espada desembainhada, traçando os limites de sua "Cidad", não para ele mesmo, senão que para o seu Rei longínquo, "Rei pela Graça de Deus". Já havia realizado o seu desejo de tomar o Estreito de Magalhães, para impedir a passagem dos corsários ingleses que assaltavam os portos e as naus do Império, ali onde o sol não se põe.

E a voz de Don Pedro disse o que devia ter dito: "Fundo em nome de Deus, Nosso Senhor, e de meu Rei Phillippo Segundo, invicto...". E a sua voz e o seu espanhol antigo teria sido preservado na memória da luz incriada, mais pura, destas regiões e desses tempos, porque eu a percebi, do lado de fora e na minha alma, quando por ali também passei. E se ninguém recordou Don Pedro Sarmiento de Gamboa, esse herói trágico, de tanto infortúnio, chilenos como eu não poderiam lhe esquecer e também alguns argentinos, que conhecem esta história.

Bom, a onda de azar não é aplacada. Rompe uma rebelião. O herói do seu tempo a termina como é o seu dever, corta a cabeça de três dos amotinados. E então chega o inverno do Polo Sul. Disto prefiro não falar. Conheço este frio desta noite imensa, sem limites. Os homens caem em desespero. Sarmiento embarca em direção à outro povoado para trazer artilharia e alguns reforços em mantimentos. Deseja começar a construção de um forte. Lhe atinge uma tormenta tão espantosa, que a sua frágil embarcação é levada para fora do Estreito e empurrada até Santos, no Atlântico, onde chegam quase moribundos, já sem roupas, no dia 25 de junho daquele ano. O inverno ali lhes imobiliza. Todavia, Sarmiento faz duas tentativas de retornar e uma delas naufraga, se salvando em um pedaço de madeira. Deverá esperar chegar o verão. No dia 13 de janeiro de 1585 ele zarpa da Bahia, no Brasil, rumo novamente ao Estreito de Magalhães. Outra vez uma tempestade, "onde todos os elementos se moviam como uma bola", como ele a descreve, lhe leva de volta, para o Rio de Janeiro. Pede socorro à Espanha e não recebe resposta. É então que decide ir buscá-la ele mesmo, embarcando

para a Espanha no dia 26 de abril de 1586. Dois anos se passaram sem que o seu destino lhe permitisse retornar para onde havia deixado a sua gente em desventura.

Que tremendo destino! Fúria dos Deuses e das Nornas que tecem os fios de uma vida. Nunca mais retornaria às suas "Índias de Castilla", ao seu Estreito, aos seus povoados, a sua "Cidad del Rey Don Felipe". Foi Governador do Estreito de Magalhães somente por alguns poucos meses, desta "ínsula polar", da sua Hiperbórea do Polo Sul. No dia 11 de agosto de 1586, vários buques de corsários se apoderam da sua fraca embarcação. É feito prisioneiro e levado à Inglaterra. Libertado, regressa à Espanha; luta, combate para conseguir apoio, suprimentos, reforços. Ninguém lhe escuta...vai a audições, escreve petições, súplicas. Sua saúde enfraquece, a sua alma sofre, apenas o seu coração ainda resiste. Sabe-se dele a última notícia, uma súplica, um pedido intenso ao seu Rei, datado do dia 21 de novembro de 1591. Sete anos haviam se passado, de uma agonia atroz para este chefe insigne, dominado pelo tormento da memória dos seus, perdidos em confins ignotos, onde uma corrente escura, subterrânea, empurra até um universo que unicamente Edgar Allan Poe poderia descrever. E Don Pedro clama: "Suplico a Vossa Majestade, pelo Sangue do Nosso Senhor Jesus Cristo, que se recorde daqueles seus tão leais e constantes vassalos que por servir à V.M. quiseram permanecer em regiões tão remotas, espantáveis a todos aqueles que retornaram em fuga...".

Desgarra este grito saído do coração ferido de um herói ignorado, sem apoio do seu Rei. Há uma tamanha hombridade de bem, tanta honra neste rogar, que um outro homem, ao visitar estas "regiões remotas e espantosas" onde ele chegou com sonhos semelhantes, não pôde senão que sofrer também, levando as suas recordações por mais de trinta anos, através de continentes e oceanos e chegando com ele até os gelos do Polo Sul, que quiçá foi onde secretamente Don Pedro também quis chegar.

Um homem descreveu as páginas aqui reproduzidas sobre a Atlântida, um cosmógrafo desta capacidade, que teria revisado velhos mapas, que conhecia bem o que Colombo havia furtado, que possuía uma rica cultura clássica, admirara os egípcios e os gregos, não teria conseguido ignorar a existência da verdadeira "terra incógnita", o Continente Antártico do Polo Sul. E talvez suspeitara, como eu o faço, que este enorme escudo de gelo, de 14 milhões de quilômetros quadrados, pode ser a antiga Atlântida, ou a Hiperbórea, mudada de polo. E lá, neste ambiente, nestes confins perdidos, no extremo da Terra, estará a entrada para o mundo interior e as "Cidades" míticas, encantadas, dos "troianos", dos imortais Deuses Brancos, dos templários e Cavaleiros do Graal. Alguns outros de seus contemporâneos acreditaram nestas "Cidades" e as buscaram pelos cumes da cordilheira andina.

Ao fazer com que fosse nomeado Governador do Estreito de Magalhães, Don Pedro não o teria feito unicamente para que ficasse ali, imóvel, como seu guardião. Seria apenas uma etapa em seu périplo até os extremos polares. Quem conseguiu chegar ao Estreito alguma vez sabe que naquele ar sutil, cristalino, em seu vento, se pressente uma chamada insistente: uma nota, em uma escala que é inaudível para o ouvido externo, hipnótica, irresistível, como que vindo de um local além do mundo, talvez da região dos gelos polares do mais longínquo sul. Por isso intitulei o meu livro sobre a Antártica "Quién llama en los hielos...". Don Pedro Sarmiento de Gamboa havia cruzado o Estreito antes e, para um homem de sua sensibilidade e imaginação, essa Voz também deve ter sido escutada, deixando a sua alma presa para sempre.

Mas por que este destino implacável, esta fatalidade? Pretendo explicar isto através do mistério que envolve essas intransitáveis regiões. Outros poderiam ali chegar com mais facilidade, se não caso fossem seres de excelência. Mas um vîra como ele, para transitar estes limites de uma paisagem mítica e espiritual deverá ser preparado com uma espécie de Iniciação antiga, da Atlântida, de Hiperbórea. A Iniciação Ária. E suas naus deveriam respeitar os números sacros hiperbóreos que somam 5 em suas medidas de comprimento, o número polar do Destino. (Curiosamente, o ano em que Pedro Sarmiento de Gamboa pisa pela primeira vez em solo americano é 1555 – isto é, 555). E o 9 em sua manga, levando sempre em conta a altura da linha de flutuação. Estas são as medidas dos Buques Mágicos, de ambos os polos, de Waffeln, no Polo Norte, e de Caleuche, no Polo Sul. Também foram estas as medidas dos barcos hitleristas que redescobriram as paisagem ocultas, por debaixo dos gelos, até os Oásis de águas temperadas da Antártica e as entradas submarinas para a Terra Oca.

Don Pedro tinha a alma dividida entre o divino Platão e a Cruz semítica da sua Igreja e do seu Reino. Mas ele poderia tentar tudo de novo em outra Ronda do Eterno Retorno. Enquanto isso, lá em seu século XVI, lhe esperava o anonimato, o esquecimento. Seus colonos do Estreito devem ter pensado que os havia esquecido. Ele próprio, Don Pedro, não soube do destino que eles sofreram. Um ano antes da sua última súplica ao Rei, já haviam sido dizimados por enfermidades e fome. Em 1587, o corsário inglês Thomas Cavendish, ao passar pelo Estreito, encontrou dezoito sobreviventes no povoado do "Rey Don Felipe". Quis regatá-los, mas estes não o permitiram. Foi possível levar apenas um deles. Se chamava Tomé Hernández, que escreveu uma "Declaración", em 1620, no Chile. O que Cavendish viu no Estreito fez com que ele chamasse aquele lugar de "Porto da Fome". Escombros e alguns corpos de pessoas enforcadas, penduradas na "Árvore da Justiça". Ali balançavam, sendo movidos pelo vento gélido daqueles confins.

E o que aconteceu com Don Pedro Sarmiento de Gamboa? Como terminou os seus dias? Desapareceu das crônicas e da memória do seu tempo. Acredita-se que morreu na pobreza e esquecimento. Mas uma investigação mais profunda nos revela que conseguiu lançar-se outra vez ao mar, em busca dos seus homens, acreditando que alguns deles ainda estivessem vivos, para tomar posse novamente do seu Estreito, para cruzar as últimas águas desse mar que hoje ironicamente leva o nome do seu inimigo, Drake. O corsário inglês nunca o navegou; somente o avistou à distância. Um dia, nesta Ronda, ou em alguma outra, daremos a este Mar, que separa o mundo daqui do de acolá, do gelos, o nome de Don Pedro Sarmiento de Gamboa, o maior, o mais trágico dos Conquistadores, o de maior conhecimento e de enormes sonhos, tão vastos como as dimensões da sua ilha Atlântica. Somente John Dee se assemelha a ele.

Dizem também que Don Pedro se perdeu no mar. Do mesmo modo que os seus homens do Estreito, dos povoados que ali havia fundado, ele terá encontrado as entradas para o mundo submarino, ou para a Cidade dos Césares, a dos imortais e da vida eterna.

Naufragou e foi resgatado pelo Caleuche.

Os Incas

A "Historia de los Ingas" foi escrita por Pedro Sarmiento de Gamboa a pedido do Vice-rei do Peru, Francisco de Toledo. Tratavam de com ela justificar os direitos da Coroa da Espanha sobre estas terras, discutindo os dos Incas. Nós preferimos escrever este no com um K. os espanhóis de então o faziam com um G, hoje com um C. Sarmiento diz que a palavra *ingá* significa 'senhor'. Não é certeza. Se realmente é escrita com G, o termo poderia ter vindo de *meru-weg*, igualmente a merov*íng*io. Caminho do Monte Merú, em alemão. De Mahieu disse que em alemão antigo a desinência *ing* servia para designar os membros de uma mesma linhagem, como merov*íng*io, carol*íng*io e lotar*íng*io. Sendo assim, os espanhóis tinham razão em escrever *ingá* ao invés de inca, como se diz hoje, pelo fato destes serem descendentes de Manko (Pedro Sarmiento escreve 'Manco') e seus irmãos, um dos mais antigos imperadores de Tiahuanacu.

Por outro lado, vimos o nome Inka na "Crônica de Oera Linda", como sendo de um Rei Marinho Frisão. É possível que, como nos chamados Caminhos do Inka, o nome tampouco lhes pertencera, tendo eles se apropriado do mesmo. Há uma diferença fundamental nas datas para os Inkas dadas por Pedro Sarmiento de Gamboa e por De Mahieu. Para o último, o Império dos Inkas é estabelecido no ano 1300 da nossa Era. Para Sarmiento, no século VI, com Manko Kapac, que "morre no ano 665, aos cento e quarenta e quatro anos de idade, sendo na época Rei da Espanha o godo Loyba e estando Constantino IV em Roma".

Sarmiento fez uma investigação minuciosa, interrogando todo indígena que recordasse algo, para averiguar tal estória, a mitologia e as datas correspondentes ao doze Inkas e sua linhagens. A que fator pode ser devido esta diferença de oito séculos? A dinastia começa para Sarmiento "no ano 565, sendo o rei da Espanha o godo Loyba, filho de Atanagildo y Papa, Juan Tres". "O Império Inka termina no ano 1533, sendo o rei da Espanha Carlos V e Paulo Tercio o Papa". "O Império durou 968 anos". Por um acaso Sarmiento está incluindo no 'inkanato' os *atumarunas* do Império de Tiahuanacu? Ainda assim as datas não coincidem com as de De Mahieu, que dá como data de criação deste Império o ano 1050, ou 1100, durando apenas 200 anos, pois o mesmo termina violentamente em 1290. Dez anos mais tarde os Inkas se estabelecem em Cuzco, para recuperar o que foi perdido. São os Inkas os descendentes dos *atumarunas*? Neste caso, as datas de Sarmiento seriam mais corretas que as de todos os historiadores contemporâneos, mesmo que seja bem possível que a mitologia de suas origens, que ele e outros nos descrevem, se confunda em termos de sua aplicação e sentido. Uma mitologia, afinal de contas, há de carecer de datas históricas precisas, tendo seu centro em um tempo ontológico mais do que terreno.

Por causa disto, não deveríamos afirmar de modo absoluto que as múmias brancas encontradas sejam de Inkas, elas podendo bem ser de atumarunas, isto é, dos reconstrutores de Tiahuanacu e fundadores do seu Império tardio, anterior aos Inkas. De Mahieu nos diz que *atumaruna* ou *atumuruna* é o nome que os indígenas deram aos brancos que vieram para reconstruir Tiahuanacu, significando "cabeça de lua", "cara pálida", como no apelido que os peles vermelhas norte-americanos deram também aos brancos. *Hatun* também significaria gigante, do escandinavo *yötun*. De novo encontramos por aqui o radical "*maru*", ou "*meru*", e também "*runa*". Não há explicação em quíchua, podendo ter sido tomado pelos indígenas de uma palavra escandinava

escutada por eles. Assim como o '*Guatán'* dos chimués e o '*Votán*' mesoamericano são o 'Wotan' ou 'Odin' germânico.

Os primeiros povoadores de Tiahuanacu se estabelecem na *Isla del Sol del Titicaca*. O seu chefe supremo é *Huirakocha*. Os espanhóis escrevem *Viracocha*. Para o seu nome, Sarmiento e o cronista Montesinos (apelido marrano) dão interpretações bastante caprichosas. O certo é que em antigo escandinavo *huitr* ou *hvitr* significa 'branco'. Por esta razão, *Huitramannaland*, terra de brancos. Os índios do altiplano pronunciam *huir*. E De Mahieu nos diz que *kocha* derivaria de *Goth*, 'deus' em antigo escandinavo (*God*, em inglês), o som do '*th*', que não existe em castelhano, sendo transformado, através de um processo que ele nos explica, no '*ch*' espanhol. Isto é, em *kocha*. Sendo assim, o nome Huirakocha significaria precisamente Deus Branco.

Foram os Inkas usurpadores e impostores? Segundo De Mahieu eram sobreviventes dos vikings de Tiahuanacu, que não escaparam com os seus chefes em direção à Polinésia ou do Atlântico, mas sim se esconderam em alguns montes não muito distantes. Um sinal indicativo é o matrimônio entre irmãos, como nos faraós egípcios. Transformados em uma ilha em meio a um mar racial inferior, nada mais podiam fazer. Também preservaram unicamente para eles o idioma secreto dos seus antepassados, que seria uma língua indo-germânica. Ademais, fazem com que a escrita linear desapareça. O *kipo*, ou *quipu*, escritura com nós, também era conhecida na Escandinávia, mas com outra aplicação. Este sistema de castas rígidas que estabelecem, é composto de uma massa de cor muito abaixo, de funcionários mestiços ao meio, e de uma linhagem 'inkaica', com características divinas e racialmente diferente, na cúspide. "Leis de limpeza" são estabelecidas, como as que já vimos para os judeus na Espanha, porém mais rígidas. O tão mencionado "socialismo dos Inkas" unicamente se aplicava às castas inferiores do povo, jamais aos reis de sangue divino, aos filhos do sol. Mesmo os *curacas*, governadores, funcionários elevados, ou mesmo, os indígenas que se colocaram à disposição dos primeiros Inkas, para conquistar a terra e fundar o Império, sendo por isto enobrecidos, estavam a distâncias intransitáveis da divindade dos Inkas e nunca eram permitidos se mesclar com eles em matrimônio. Portanto, as castas do sistema 'inkaico' eram claramente fundadas na etnologia. Por isso os Inkas buscavam também os sinais físicos da realeza divina. Dizem que os merovíngios, a tribo germânica de origem divina da qual procediam os reis, era portadora de alguns sinais físicos, corporais: uma crina de javali na coluna e uma cruz vermelha abaixo do coração. Na ausência de um sinal físico de nascimento, os Inkas o conferiam a si mesmos perfurando as suas orelhas, ao mesmo tempo em que as alargavam. Foram a casta dos 'Orejones' [Orelhões]. E isto é curioso por causa da sua semelhança com a iconografia do budismo da Índia e da China, onde os *Lojan* (santos) tem grandes orelhas, possivelmente alargadas por um procedimento semelhante. Buda é representado, além do mais, com uma protuberância no crânio, que além de simbolizar o chakra Sahasrara, pode corresponder a uma característica fisiológica típica.

As Ordens Guerreiras no México e no Peru são praticamente calcadas nas nórdicas e nas da Idade Média. Para entrar na *Orden del Aguila* e na *Orden del Tigre*, os jovens postulantes deviam jejuar de quarenta a setenta dias. Entre os maias, os padres dos candidatos se abstinham das relações sexuais por um determinado tempo. Nas festas sacras, como as de *Intip Raymi*, os Inkas e seu povo jejuavam e se abstinham do contato sexual. Entre os Inkas não houve sacrifícios sangrentos, como no México. Houve sim, por outro lado, sacrifícios de crianças, em homenagem a *Inti*, o Sol, como no caso

da múmia encontrada no cume do monte “El Plomo”, no Chile. (Tradução do nome indígena *Paititi*, *Gran Paititi*, a Cidade Secreta encantada do Inka). Todavia, isto não está esclarecido. **Em todo caso, parece corresponder ao último período da decadência do Império**. As *Virgens do Sol* são verdadeiras vestais, magas hiperbóreas do sangue real, que faziam votos perpétuos de castidade. Eram as *Esposas do Sol Negro*, espiritual, viviam em clausura em recintos especiais, um dos quais havia sido a cidadela de Machupicchu, no cume de uma montanha, que os espanhóis desconheciam. Elas mantinham o **Fogo Sagrado**, aceso na festividade de *Intip Raymi*, igualmente as mães da Frísia. Ademais, teciam a roupa do Inka e preparavam o pão e a bebida sacra, que o Inka utilizava na Cena Mágica do *Intip Raymi* e do *Uma Raymi* – algo como a **Cena dos Cinco M, na magia tântrica**. Segundo Sarmiento de Gamboa, as Virgens do Sol podiam sair da sua total abstinência, chegando a perder a sua virgindade, unicamente se o Inka as desejasse.

A cerimônia de perfuração das orelhas do jovem Inka se chamava *Guarachiko*. Era uma espécie de investidura de cavaleiros. A primeira vez que o cabelo lhe era cortado também se cumpria um rito cerimonial, chamado *Rutuchiko*. No nascimento do infante se cumpria o *Ayúskay*. A primeira vez que a jovem Inka tinha o seu período menstrual era efetuada a cerimonia ritual *Kikuchiko*, da “primeira flor”. A dança ritual, com roupas largas, de cor púrpura, se chamava *Kápak Raymis*. A cor do Inka era a do arco-íris. Muito interessantes são os atributos simbólicos do poder que o Inka portava. Vejamo-los: Um vaso de ouro era chamado *Topakusi*. Um cetro de ouro, uma espécie de vareta, que lhe servia para descobrir as zonas magnéticas e elétricas da Terra e do espaço aéreo, permitindo-lhe localizar o fogo serpentino, ou “o pulso do dragão”, dos antigos chineses, como os geomânticos, os zahories e como os faraós egípcios, de modo que construíram sobre esses “veios” os seus templos e palácios, as suas tumbas e os enterramentos dos seus tesouros. Seguindo uma técnica mágica parecida, os hiperbóreos “cravaram” seus dólmenes e menires. Deste modo foram levantados também na América Central estatuas de lava em pontos nevrálgicos da Terra. Por meio desses bastões, ou varas mágicas, é possível localizar a água subterrânea, as correntes telúricas, os veios de ouro e prata e também atuar sobre a zona psíquica do planeta. Moisés, ao se apoderar da vara do Faraó, pode fazer brotar água da pedra, no deserto. Na verdade, nada mais fez que descobrir a corrente oculta, subterrânea. Em “El Cordón Dorado”, conto que vi estes zahories na Áustria. O âmbar, que os frisões chamavam *jutten*, é apropriado para captar as correntes magnéticas terrestres, mesmo usando-o como “pendulo” sobre os mapas geográficos.

O Inka também possuía uma espécie de bastão de plumas, com a cor do arco-íris, chamado *Sunturpaúkar*, e um carneiro emblemático, de cor branca, o *Napa*. Tinha, além disso, um pássaro, um corvo. Sarmiento de Gamboa o chama *Indi*, e crê que é um falcão. É *Alkamari, Korakenke*. São os corvos de Wotan, não há dúvidas, e do Rei Barbarossa, Hugin e Munin; também *Garuda*, de Vishnu, pássaro mágico por excelência. Com a morte do Inka todos estes atributos do poder eram herdados pelo seu sucessor.

O que não era herdado, por ser privado para cada Inka, era o seu *demon*, seu guru invisível, o *alter ego*, que de outro mundo o guiava, o *Guaoki*, uma espécie de ídolo de pedra, que o Inka escolhia e com o qual conversava, se aconselhando, como com o seu pássaro. (O Inka ouvia a *Voz*, na **memória do seu sangue puro**). Os três, assim, planejavam guerras e conquistas, viajavam por este mundo e os outros, descobrindo caminhos secretos da Terra e do Céu. O *Guaoki* ia com o Inka para a tumba. Algo

semelhante, mas não tão elaboradamente imperial, possuíam os peles vermelhas, que afirmam que um homem não é homem-divino enquanto não tenha um guia invisível no outro mundo, o seu *totem*. O *Guaoki* era também o verdadeiro Filho do Inka – "Filho do Homem" – seu *Eidelon*, seu *Kaka-Rupa*, seu Corpo Astral.



Os peles vermelhas, como os tibetanos, foram encarregados de custodiar as entradas das cidades secretas dos Deuses Brancos e da Terra Interior.

Quando Manko Kapac morre, aos cento e quarenta e quatro anos de idade, segundo Sarmiento, deixa as insígnias de poder para o seu filho Cinchi Roka; seu *Indi*, seu *Topayauri*, seu *Napa* e seu *Sunturpaúka*, para o descendente legitimo do *Ayllo*, a linhagem. Mas seu *Guaoki* parte com ele; melhor dizendo, o Inka se vai com o seu *Guaoki*. Segundo a lenda, Manko Kapac se transformou em estátua de pedra e o veneram em *Indikancha*, a Casa do Sol. Em 1599, ambos são encontrados no povoado de Bimbilla, próximo à Cuzco, pelo corregedor Ondegardo. Mas, na verdade, nunca se soube que destino teve o seu corpo e somente foi encontrada a sua estátua venerada, a que os Inkas levavam aos combates, os seus sucessores.

O *Guaoki* do Inka Cinchi Roka, o sucessor, o descendente – *Panaka* – foi um espírito de pedra com figura de peixe. O encontrou, junto com a sua estátua, o licenciado Polo.

Os Inkas tinham, ademais, os seus magos prediletos, eleitos entre os amautas, uma casta sacerdotal como a dos eumólpidas, da Grécia. O Inka Topa era acompanhado pelo mago Antarki, que lhe aconselhava em suas conquistas.

Os chilenos, os sul-americanos em geral, nos encontramos tão próximos destas coisas, pela proximidade geográfica, que não nos dedicamos a pensar seriamente sobre os Inkas, na maravilha que significaram. Tudo tem sido apresentado como sendo um acontecimento demasiadamente comum e conhecido, quando na realidade nada sabemos. Foi um Império mágico, nascido do nada e retornado ao nada. Todavia, erguido sobre um interregno que representava o nada, antes do qual houve algo ainda mais maravilhoso, mais extraordinário e sobre o qual tudo é desconhecido: a civilização de Tiahuanacu, que o Inka herda na "memória do seu sangue" e que não revelará absolutamente a ninguém, fazendo com que a escrita em *quilkas* desapareça, pergaminhos e folhas de árvore, e substituindo-a pelos *kipos* de cordas e nós. Por que? O que o Inka quis ocultar? De Mahieu acredita que não quiseram que soubessem da derrota de seus antepassados de Tiahuanacu, que haveria posto em dúvida a sua sobrenaturalidade. Isto não é muito convincente. Quiçá o Inka se apropriou de algo que não lhe pertencia completamente, de algum poder que não sabia manejar com propriedade. Ou, novamente, o "pecado racial". Os europeus alardeiam os sinais físicos sobrenaturais da raça dos merovíngios e dos objetos simbólicos de poder mágico encontrados nas suas tumbas reais: abelhas de ouro, esferas de cristal, bastões eletromagnéticos. E o que dizer então do Inka?

O mito e a lenda da sua origem bem valem a pena ser contados.

Em *Pacaritambo*, que, segundo Sarmiento, significa "casa de produção", há seis léguas de Cuzco, em uma colina chamada *Tambotoco*, "casa de janelas", havia três janelas (certamente cavernas, ou melhor, entradas para o mundo subterrâneo, à Terra Oca). Por cada uma delas saíram três diferentes tipos de gente, ou raças.

Pela janela número um, "Maras-Toco", saem os índios Maras; pela janela número dois, "Sutic-Toco", saem os índios Tambos; pela janela número três, "Kapac-Toco", que fica no meio, saem quatro homens e quatro mulheres, chamados os "**Herman**os" [irmãos].

Recordemos aqui o que foi dito sobre este nome e a sua origem rúnica: "Herman", na verdade **ER**-**MAN**. ER é Poder (*Vril*) e MAN é a Runa que representa a Vida, a encarnação, o Homem: ᛉ. O Homem com o Poder, a Raça Divina, Solar (do Sol Negro), Hiperbórea. Aquilo que os Inkas foram, ou pretendiam ser.

Talvez seja argumentado que este nome, "Hermanos", seja a tradução de outro em quíchua, que não é escrito assim; mas este último haveria tido o seu equivalente na língua secreta dos Inkas, que era o germano antigo, ou o dinamarquês. Dali haveria sido traduzido para a expressão indígena. E nessa língua indo-europeia, seu equivalente é o símbolo rúnico mágico.

Pela janela do meio saem os Inkas, de uma raça branca, ária. Pelas outras duas, os índios mongólicos, os "escravos da Atlântida". A do meio seria a "entrada" para o mundo subterrâneo, para a Terra Oca. Ou a Entrada de Vênus. As outras duas, simples covas, ou cavernas.

Os Inkas, ou ingas, vindos então do Monte Merú, de acolá, de outra Terra e outro mundo, são os filhos do Sol Negro, de Outro Sol, detrás da Estrela da Manhã, de Vênus-Lúcifer. Comandam os escravos da Atlântida, lhes colocam ao seu lado, lhes ordenam a combater junto a eles e conseguem dominar os donos da terra, formando um Império

Solar que dura séculos e que se estende do Equador até o extremo Sul de uma terra chamada Chile, valendo-se dos Caminhos do Inka, que nunca foi do Inka, a não ser que o Inka houvesse sido anterior aos próprios incas, o que é possível.

Sarmiento de Gamboa afirma que da janela Kapac-Toco saíram os que se chamavam "Kapac", em recordação da mesma, e que *Capác* significa 'rico', ainda que então o nome tenha sido usado para designar "o senhor príncipe de muitos". Afirmavam haverem sido feitos senhores, destinados a governar, e "por isso usaram o termo *inga*, que significa 'senhor'". Os nomes dos oito 'hermanos' são os seguintes: Manko Kapac, o maior; o segundo, Ayar Auka; o terceiro, Ayar Kache; o quarto, Ayar Ucho. Das mulheres, a maior se chamou Mama Ocllo; a segunda, Mama Guako; a terceira, Mama Ipakura, e a quarta, Mama Raua.

Manko Kapac, o maior, passou a ser o primeiro soberano inka e se casou com a sua irmã Mama Ocllo, de onde procede a progênie, a linhagem, o *Ayllo* dos doze inkas divinos e imortais. Os oito irmãos não foram engendrados por ser humano algum, senão que diretamente por um Deus: Ticci Huirakocha, que lhes criou e ordenou que saíssem pela Janela, para conquistar o mundo. São, portanto, filhos de um Deus Solar. Os Inkas, Filhos do Sol Negro. Doze Inkas, ao todo. O número Treze não chega a ser gerado; é um "bastardo": Atahualpa.

Remontando sua origem a Viracocha Pachayachachi, como o chamam os espanhóis, a Huirakocha, ao ancestral ário, ao Deus Branco hiperbóreo, talvez ao conquistador viking de Tiahuanacu e do México, os inkas expressam mitologicamente a sua identidade racial e o mistério original de uma drama perdido na pré-história americana, o dos impérios brancos pós-Atlânticos, com uma minoria racial dirigente dentro de um continente hostil e primitivo, de natureza selvagem e indômita, localizado no arco do fogo do Pacífico e do anel pavoroso de seus vulcões.

Na mitologia deste sul do mundo, Huirakocha é também o criador de todas as coisas. Deu a existência, portanto, aos Inkas, fazendo-lhes sair mundo afora através de uma "janela". A lenda também nos diz que a verdadeira Tiahuanacu foi uma cidade subterrânea, cuja porta de entrada se encontrava em Kalasasaya, o Templo da Lua. Após a grande catástrofe, que muda tudo, até mesmo os polos, podendo isto ser comprovado pelas linhas magnéticas de algumas pedras antigas, que giram em direção distinta, em direção a um polo que já não está ali, a própria Tiahuanacu deixou de ser entrada para o mundo interior. Também nos diz a lenda que em uma Cuzco subterrânea está protegida uma biblioteca secreta na qual toda a história dos Deuses estelares, dos Deuses Brancos, está escrita. Agora, Nazca, este mistério indecifrável, estas pistas de aeródromos de outro mundo, somente têm explicação na própria lenda dos Deuses Brancos, chegados de Vênus, como Huirakocha, Mama Ocllo, Quetzalcóatl, Konkiti, Kukulcán e outros, em Vimanas, em astras – com seus hangares dentro da Terra Oca. Ninguém hoje em dia seria capaz de traçar os Caminhos do Inka, obra de sobreviventes de uma civilização desaparecida em uma grande catástrofe. O trigo, o milho, carecem de idades terrestres para o seu desenvolvimento genético. Os súditos dos Inkas nos dizem que seus imperadores não são daqui, que foram trazidos de outros universos pelos Huirakocha, os Deuses Brancos, os Filhos do Outro Sol.

Não vamos seguir desenvolvendo estes temas já anteriormente tratados em "El Cordón Dorado" e por outros autores. O próprio Sarmiento de Gamboa, sem ir tão longe, se refere à Atlântida, citando bastante a Platão. Mas há mais autores clássicos nos quais poderia ter se apoiado, como Cicero, Estrabão, Manetho, o sacerdote egípcio de

Heliópolis, Proclus, e até nos árabes, Ibn Al Hokm, Masoudi, etc. Proclus, no século V antes da nossa Era, afirma que Platão viajou para o Egito e em conversas em Sais, com o grande sacerdote Pateneit, e em Heliópolis, com o grande sacerdote Ochlapi, e em Sabennytus, com o hierofante Ethimon, obteve conhecimentos sobre a Atlântida submersa. Crantor, no ano 300 antes da nossa Era, escreve que existe no Egito, em um lugar secreto, uma coluna onde se encontram hieróglifos que narram a história da Atlântida e que estes haveriam sido explicados para alguns gregos. Talvez para Platão. Em locais subterrâneos secretos estariam guardados os arquivos que foram salvos do dilúvio, as crônicas sacras e também as que foram salvas do incêndio da Biblioteca de Alexandria. Marcelino, historiador romano do século IV da nossa Era, nos assegura que existem estes refúgios secretos, onde os mistérios antigos são preservados; mas ninguém conhece sua localização. Manetho teria se informado diretamente ali. Sólon conta que o sacerdote de Sais disse a seu avô: "Vós, todos, tens a alma muito jovem. Não recordais nada, porque não tens tradições consagradas pelo tempo. E a razão é que tudo foi destruído por uma grande catástrofe. Numerosas foram as destruições acontecidas, e numerosas serão as que virão".

Beroso, também citado por Pedro Sarmiento de Gamboa, nos conta sobre a lenda babilônica sobre Oanes e seus acompanhantes, criaturas estranhas, surgidas das águas do Golfo Pérsico, com cabeças de peixe e que são aqueles que trazem a civilização aos gigantes. Vêm do fundo do mar. Beroso era um sacerdote caldeu do tempo de Alexandre Magno. Também o ancestral dos merovíngios foi um estranho ser anfíbio. Também o são os antepassados dos inkas, dos olmecas, toltecas e maias. Eles lhes ensinam este calendário de uma perfeição não igualada até hoje nem sequer pelos robôs eletrônicos. Quetzalcóatl vem do mar e desaparece no mar. Também Huirakocha. É superficialidade pretender explicar o Mito com o tema das imigrações vikings, com *drakkars* ou outros assuntos por demais pedestres, ou históricos. E assim está sendo colocado em ação o mesmo mecanismo que leva aos judeus da psicanálise a pretender explicar o sublime reduzindo-o a o que há de mais pequeno, ao sub-humano. Se o Mito e a Lenda nos dizem que os inkas foram divinos, Filhos do Sol, é que assim eles o são. Se nos afirmam que não têm origem em nada terrestre e que saem por uma "janela", de um monte próximo à Cuzco, é que assim foi. Ali se "plasmaram", foram "materializados" estes signos rúnicos, extra-cósmicos, como uma projeção mágica deixada então ao Destino, ou ao Azar. A Runa MAN: ᛘ. E assim acontecerá outra vez, quando a Terra voltar a ser destruída bem rapidamente, ao final do Kaly-Yuga. Quando um novo experimento do Demiurgo se repetir no Eterno Retorno, com a projeção de outro Manú. E os divinos hiperbóreos deverão entrar novamente no combate, fazendo uso das Runas.

O mais provável é que o Mito também tenha sido "trans-polado"[28], relacionando-se com um evento primordial, utilizado pelos inkas. Eles incluíram a si mesmos na história mítica dos seus ancestrais. A mesma que então contariam aos *atumarunas* de Tiahuanacu, os nórdicos aqui chegados, os dinamarqueses-vikings, os *troianos*, os líbios loiros e os mais antigos Siddhas Hiperbóreos, os verdadeiros Deuses Brancos, do Sol Negro, do Antigo Sol.

Em 1952, análises sanguíneas haviam sido feitas nas cinco múmias inkas conservadas no *British Museum*, através da extração de pequenos pedaços de pele das mesmas. Em três das múmias não foram encontrados vestígios do grupo O, não tendo

[28] N. do T.: termo do autor, querendo dizer 'mudado de um pólo para o outro'.

nada a ver com os indígenas da América. E nem vestígios do fator RH negativo. Em uma foi encontrado o conteúdo dos componentes ‘D’, ‘C’ e ‘E’, uma combinação muito rara entre os índios americanos. Outra múmia real inka possuía substância ‘CE’, ‘E’ e ‘C’, com ausência de ‘D’, espécie de sangue completamente único, sem equivalente no nosso planeta Terra. Esta é uma prova definitiva de que os inkas não tinham relação alguma com a população indígena, de raça inferior da América, com os escravos da Atlântida e muito possivelmente nada a ver com os seres-humanos do Kaly-Yuga. Os experimentos foram levados a cabo em Londres por B.E. Gilbey e M. Lubran, e seus resultados foram trazidos a conhecimento do público em um informe do *Royal Institute of Anthropology*.

“Dizem os nativos desta terra, que no princípio, ou antes que o mundo fosse criado, houve um que se chamava Viracocha. O qual criou o mundo escuro e sem sol, nem lua e nem estrelas; e por esta criação lhe chamaram Viracocha Pachayachachi, que quer dizer Criador de todas as coisas. E depois de criado o mundo, formou o gênero de gigantes disformes em grandeza, pintados ou esculpidos para ver se seria bom fazer os homens daquele tamanho. E como lhe parecessem de maior proporção que a sua, disse: ‘Não é bom que as pessoas sejam tão crescidas, melhor será que sejam do meu tamanho. E assim criou os homens a sua semelhança, como os que agora são’. E vivia na escuridão”.

“Como os homens transgrediram os preceitos de Viracocha, este enviou um dilúvio por sessenta dias e sessenta noites. O dilúvio foi chamado uno *pachacuti*. Somente dois homens se salvaram, sobre a montanha Guasano. Os demais se converteram em pedra, para memória do fato e exemplo aos vindouros, nos edifícios de Pucara, a sessenta léguas do Cuzco”.

Tudo isto é relatado por Pedro Sarmiento de Gamboa. Diz também que Titicaca quer dizer “Monte de Chumbo”. Em sua cosmogonia há um tal Ayar Cache, da linhagem dos Inkas, que, similarmente a Cuanyip dos *selcnam* do extremo sul, da Terra del Fuego, com os disparos da sua funda, esculpe os montes, as ravinas e traça o curso dos rios.

No Popol Vuh, os Criadores são vário e produzem o homem da terra. Fica húmido e se desfaz. Então o fazem de madeira e lhe ensinam a falar. Povoam com ele a Terra. Por faltar-lhe alma será também destruído em um grande dilúvio. O que sobrevive é o macaco. Isto é, o homem de Neandertal. O Demiurgo não pode criar mais nada. Em outras tradições mesoamericanas, os primeiros povoadores são gigantes semi-humanos. Há uma grande similaridade, já destacada por De Mahieu, entre o Popol Vuh e as *Edda*. Do caos nascem os gigantes do gelo, como Ymir, que é hermafrodita, similarmente aos gigantes do Equador. Ymir é aniquilado por um dilúvio e com partes do seu corpo morto são construídos novos povoadores da Terra, do Novo Sol.

Também o *Völuspa*, que nos relata o *Ragna-Rök*, o Crepúsculo e a morte dos Deuses, tem afinidade com a cosmogonia mesoamericana. Nas Edda nos é dito que um dia Loki, o regente de Hel, o inferno, sairá dali para iniciar o ataque à Asgard, a cidade dos divinos *Asen* (Ases). É o momento atual do mundo. Com ajuda dos malignos seres que haviam sobrevivido ao dilúvio e ao afundamento da Atlântida – sem dúvida os judeus – que em conjunto formam o corpo do Lobo Fenrir, a Serpente do Mundo, que Thor e Odin combateram, rodeará a Terra e lançará o ataque final contra Asgard (Alemanha, Berlim, nos dias atuais). Assim ocorre o *Ragna-Rök*, o Crepúsculo dos Deuses. (O final de Hitler em Berlim foi anunciado com a música “O Crepúsculo dos Deuses”, de Wagner).

O Lobo Fenrir devora o sol e a lua (o antigo sol e a antiga lua). Os gelos se apoderam do mundo. É o fim de tudo. Até que Baldur ressuscite, como o último Avatar, e com Ele voltem os *Ases* e a recriação de um novo mundo, de um Novo Sol. Ou seja, outra possibilidade de encontrar a *Saída*, de derrotar o Universo do Demiurgo.

Esta mesma concepção, certamente tomada da tradição nórdico-polar das Edda, pode ser vista na América Central, com a crença nos Quatro Sóis, três dos quais já foram destruídos, antes de chegar ao nosso. Completam as Quatro Idades de Hesíodo e os Quatro Yugas dos indo-ários. Primeiro, o Sol de Terra, ou de Noite; Segundo, o Sol de Ar; Terceiro, o Sol da Chuva de Fogo; e Quarto, o Sol de Água. Há um Quinto Sol, que ainda não aparece, o Sol dos Quatro Movimentos, que será também destruído quando se levantarem do Ocidente os Demônios do Crepúsculo, comandados por Tezcatlipoca, o maligno. E o Espírito Negro da Terra destruirá o astro entre as suas mandíbulas, o quebrará como se fosse de vidro. Os seres vivos serão aniquilados em sua totalidade. Um Sexto Sol aparecerá, mas fora do Universo do Demiurgo, porque já não haverá humanos. Os seres serão os próprios astros. É o advento do Homem-Total, do Ser Absoluto; o Homem e a Mulher-Redondos, ELELA e ELAELE. NOS.

Esta concepção dos sois é de uma extraordinária importância, podendo um Sol abranger todo um Kalpa, uma Noite e um Dia de Brahma. A religião dos inkas era de uma extrema pureza e simplicidade. Simplesmente adoravam o Sol Negro, espiritual, o seu Pai. Desconhecemos a concepção de mundo dos atumarunas de Tiahuanacu, mas penso que os inkas a teriam tomado deles. Não é necessário entrar em maiores detalhes sobre matizes, as festividades e a cosmogonia. Ao adorar o Sol e sentir-se como seus filhos, os inkas estão expressando uma recordação de outra vida fora deste Universo no qual se encontram, obrigados a sobreviver e a comandar os escravos da Atlântida, os animais-homens, os robôs do Demiurgo, lutando como vîras para produzir a mutação. Os Inkas tratam de cumprir com esta recordação que ainda circula em seu sangue divino. Sabem que o Sol Antigo foi superior ao de hoje. Somente o Sexto Sol estará acima de todos os outros, quiçá acolá do Círculo dos Círculos. E alcançamos a ele no caminho retrógrado, de Sol em Sol, para trás, em direção à Pátria Primogênita, da Meia-noite Polar, *Aryanabaiji*, Hiperbórea; por isto, o Sol Negro, Sunya, o Vazio, que permitirá o passo, o salto, ao Raio Verde, à morada de NOS.

Eis aqui as palavras de Pachakuti Inka Yupanki, talvez o maior de todos os inkas, dirigidas a Topa Inka, seu filho, ao morrer: “Quando eu estiver morto, cuidarás do meu corpo, instalando-o nas minhas casas de Patallacta. Esculpirás minha estátua de ouro na Casa do Sol, e em todas as províncias a mim sujeitas farás sacrifícios solenes, e ao final celebrarás a festa de *Purucaya*, para que eu possa ir descansar com o meu Pai, o Sol”.

Então, em voz baixa, triste e melodiosa, começou a cantar:

“Nasci como lírio no jardim de meu Pai e assim fui criado. Envelheci lentamente, no caminho do Sol. E com ele fui sendo secado, me apagando, até morrer...”.

O Inka recostou sua cabeça sobre uma almofada e expirou, à idade de cento e vinte e cinco anos.

A Linguagem e a Escrita dos Inkas

Em "NOS, Libro de la Resurrección", no capítulo "La Música Orfica", mencionei alguns exemplos de palavras quíchuas relacionadas, ou diretamente derivadas do sânscrito e do germano antigo.

Os dois mais importantes idiomas da América pré-hispânica, o quíchua, falado pelos índios do Peu, e o quiché maya, falado por povo maya da Guatemala, língua em que está escrito o manuscrito de Chichecastanango, o Popol Vuh, estão repletos de raízes e até de termos germânicos antigos, dinamarqueses, etc. O abade Etienne Brasseur de Bourbourg, analista e filólogo, que chega à Guatemala em 1853, traduz para o francês o Popol Vuh e publica uma "Grammaire de la langue quichée". Descobre [ali] as raízes dinamarquesas, germânicas, galesas e latinas. Ou seja, indo-germânicas.

Assim como os Inkas tinham o seu idioma secreto, os maias impuseram uma língua seleta para os seus mais altos funcionários, a que era falada em Mayapán, capital da confederação do Império: o Zuyua. Como a dos inkas, esta língua tinha raízes árias, adquiridas daquela que os Deus Brancos americanos falaram. Ao México e à terra dos maias, à Chichén-Itzá, a trouxe Quetzalcóatl, juntamente com a escritura rúnica. À Tianhanacu, Huirakocha. Foi herdada pelos inkas. É absurdo, como diz De Mahieu, pensar que a língua secreta dos inkas pode ser o *aymara*. Os *aymaraes* foram um povo subjugado pelos inkas e estes não iriam usar como a sua linguagem privada aquela dos seus vassalos.

Desconhecemos qual pode ser a língua dos *atumarunas* do Império de Tiahuanacu, mas certamente foi o idioma sacro e secreto que os inkas herdaram. De Mahieu crê que foi o germano-dinamarquês e a sua escrita privada foi a rúnica. Não seria de se estranhar que os inkas houvessem proibido a escrita por temor que um dia a mesma caísse em mãos dos povos de raças inferiores que eles se viram obrigados a comandar. Sabiam que estes signos eram sacros e mágicos, mais difíceis de preservar do que a palavra falada. Não podiam correr o risco de tamanha profanação. Sendo assim, as Runas foram salvas pela ordem do próprio Sol Espiritual.

A escrita que Quetzalcóatl trouxe ao México não teve nada a ver com os hieróglifos que os nahuas e maias usavam quando foram conquistados pelos espanhóis. Esta já havia se extraviado. Ademais, sempre foram de uso de uma casta real e sacerdotal branca, de uma pequena minoria. A lenda encontrada pelos espanhóis afirma que certa vez houve uma escrita linear diferente, perdida. No Alto Peru, na Isla del Sol del Titicaca, em Chinkana e também em Sanhuayaku, rochas e ruínas, como também em vestimentas e túnicas do inka, que foram reproduzidas nos desenhos de Guaman Poma de Ayala, aparecem signos de um alfabeto ário e também runas. Muitas bandeiras também podem ter significado um código secreto para indicar a posição das Runas na série sacra, conhecida somente pelos Iniciados e ignorada pelo resto, como fora feito no norte da Europa.

Segundo o cronista Montesinos, a escritura em pergaminhos e folhas de banana foi destruída, completamente, pelos *Chichi*. Se traduz este nome por 'má sorte', 'desgraça'. Em breve vamos nos referir a este evento fatídico, carregado de Destino. O único chefe que não parte para horizontes longínquos, após a destruição dos vikings-atumarunas do Império de Tiahuanacu, é Tapa Kauri Pachacutek, que se refugia na montanha Tambo-Toko, ou Tambu-Tuku, não muito longe do *Kusku*, e que, segundo De

Mahieu, significa Albergue-Refúgio. Dez anos depois sairá de lá, à frente dos índios leiais, para reconquistar as terras dos *atumarunas*, expulsar os invasores e pôr fim à pilhagem e à destruição. Esta é a história das "Três Janelas", explicada historicamente por De Mahieu. Pode ser que seja assim. Eu creio mais em uma espécie de palimpsesto da história e da lenda, uma repetição ou "plasmação" sincronística do Mito, da Meta-História na história, que copia, "calca" o Mito Hiperbóreo.

O historiador argentino Vicente Fidel López publicou um livro interessante, editado em francês em Paris: "Les raices aryennes du Perou". Ao analisar o idioma *quíchua*, encontra mil e trezentas palavras com raízes sânscritas. A este respeito, De Mahieu faz uma reflexão importante: "O estudo de Vicente López é incompleto, pois faltam as palavras europeias através das quais as raízes sânscritas penetraram no *quíchua*; descartou uma intermediação que para nós é imprescindível". E esta intermediação, segundo De Mahieu, nada mais pode ser que a língua germânica, ou o dinamarquês, isto é, a língua indo-europeia, indo-germânica.

Deveremos sempre repetir que os ários, os brancos, os Deuses Brancos hiperbóreos, foram minoria neste continente do Sul, na América Central e na América do Norte. Quiçá não o fossem antes do afundamento da Atlântida e do desaparecimento de Hiperbórea, antes do salto dos polos, se é que existiam estas mesmas terras e esta configuração planetária. Por alguma razão os vikings apelidaram este mundo pelo nome Huitramannaland, Terra de Brancos. Mas já em tempos dos impérios olmeca, tolteca, maia e asteca, da Tiahuanacu tardia e dos Inkas, os brancos eram uma pequena minoria, que aportou a civilização e construiu os impérios. Sem eles, sem esses Deuses Brancos, vindos dos astros, de outros mundos, do mar, ou da Terra Oca, nada teria sido possível. Os "escravos da Atlântida", nem antes e nem depois, nem ontem e nem hoje, são capazes de criar uma civilização ou qualquer cultura. A chamada América Morena, Ameríndia, América Cobre, Mulata, Mestiça, essa "axila do mundo", essa "raça cósmica" é só lixo, hibridismo, zero. O axioma racial, com validez histórica permanente, é: "Gente de cor menos a raça branca, é igual a zero".

Em seu livro "El Gran Viaje del Dios Sol", Jacques de Mahieu reproduz alguns esquemas de palavras com raízes dinamarquesas, germânicas e latinas, presentes no *quiché-maia* e no *quíchua*. Até no vocabulário *mochica*, dos chimués, elas foram encontradas por Hermann Leicht. Por exemplo, e de novo: *eng* ou *inga*, como mãe; sufixo que nos idiomas germânicos indica descendência, pertencer à uma linhagem.

Brasseur de Bourbourg dá, em sua lista, muitos exemplos de raízes dinamarquesas presentes no *quiché-maia*. Reproduziremos algumas delas:

Quiché-maia		**Dinamarquês**	
*Ah**	= cana, espiga	*Ax*	= espiga
Au	= semear	*Aul*	= agricultura
Bey	= caminho	*Bei*	= Caminho
Hukub	= barco	*Hukert*	= barco
Hul	= buraco	*Hul*	= buraco
Qoher	= bailar com máscara	*Kogler*	= bufão
Rap	= chicote	*Rap*	= golpe

* Na língua quiché-maia, a letra 'h' é aspirada.

Raízes germânicas no quiché-maia, incluindo flamencas:

Baz = quem, que; *Was* = quem, que.

Chab = raio, flecha; *Shab* = raio.

Chil = desnudar, remover a casca; em flamenco, ou seja, em alemão antigo, é *Shillen* = bainha. Desnudar, revelar algo, desembainhar. Disso, penso eu, viria a palavra *Chilhi*, *Chili*, Chile. País desembainhado, terra desnuda, depois de algum grande cataclismo. Resto, aquilo que resta.

Er = levantar. Em todas as línguas germânicas *er* é prefixo que indica movimento para cima. Vimos que **ER** – de onde vem IR, IR-min, ER-MAN, Irminsul – é Poder, *Vril*, na Hiperbórea; a Coluna Polar, a Árvore de movimento para cima, precisamente.

Lu = sopro; *Luft* = ar, vento.

Etecetera.

Nas raízes latinas vamos nos deter somente em um exemplo, para não cansar o leitor; o exemplo mais claro e interessante onde ocorre ambos os casos, do latim e do alemão antigo: *Popol-Vuh*. Já dissemos que a letra *h* em maia é pronunciada de maneira aspirada e soa como o *j* do castelhano. Foi este o livro sagrado dos imperadores quichés, dos maias. *Popol* é o *populus* latino, povo, e *Vuh* é *Buch*, 'livro' em alemão. (O *ch* em alemão soa como o *j* do castelhano). Sendo assim, o Códice de Chichecastanango é o 'Livro do Povo' sacro dos maias; isto é, desta minoria iniciática que dominava a língua zuyua, que seria "nórdica com incrustações latinas", segundo De Mahieu.

Os vocábulos escandinavos no quíchua são muitos, mas daremos os exemplos de alguns poucos:

Ayar, equivale a um título dos fundadores do Império. Em antigo escandinavo é *Jarl* e significa chefe de guerra, conde.

Inka, *Inga*, segundo os espanhóis da Conquista, mesmo que a letra *g* não exista em quíchua. O sufixo *ing*, como já vimos, em todos os idiomas germânicos assinala a linhagem, a descendência.

Kapak, o título do Imperador inka; em escandinavo antigo, o dos vikings, é *Kappi*, homem valoroso, herói, campeão, cavaleiro.

Scyri, título dos reis de Quito, sob o Impérios dos Inkas; em antigo escandinavo é *Skirr*, brilhante, puro. Daqui vem o *Sir*, título honorífico inglês e todos juntos se entroncam com o *Sri* ário-sânscrito. Portanto, *Skiri-Jon*, São João Batista. Curiosamente, os magos dos selcnam, os aborígenes da Terra del Fuego, se chamavam *Jon* e os antigos mago-sacerdotes bascos eram os *Maxa-Jaun*, ou *Maxa-Jon*.

Auki, é o título dos infantes, dos filhos do inka, até o seu casamento. Em antigo escandinavo *Auki* é retorno.

Huirakocha, como já vimos, de *Hvitr*, branco, e de *Goth*, Deus, cuja forma primitiva é *Gud*, bom. O *d*, que é pronunciado ao modo escandinavo como o *th* inglês, se converteu no *ch* na transcrição castelhana do quíchua.

Garcilaso declara que os nomes dos imperadores inkas carecem de algum sentido na língua corrente que o povo falava, mas deviam ter algum na língua privada e secreta da aristocracia e dos reis. E isto é possível de ser comprovado com o dinamarquês viking, precisamente:

Manko, nome do fundador da dinastia, vem de *Man*, homem, e *Konr*, rei.

Korakenke, é o misterioso e raríssimo pássaro do Inka, que Sarmiento de Gamboa chamou de *Indi*. Em meu livro "NOS", também me refiro a ele. Há mais de um símbolo

encoberto neste nome. Em quíchua este pássaro se chamava *Allkamari* e era o que proporcionava ao Inka as duas plumas emblemáticas, branca e negra, para o seu cocar sacro. Vicente López descompõe a palavra justamente em *Korak-Inka*, fazendo derivar *korak* do sânscrito *kârava*, que é corvo. Agora, os idiomas germânicos são indo-germânicos, com raízes no sânscrito; todos vêm de Hiperbórea, de *Aryanabaiji*, da região polar primogênita. Por isto, 'corvo' em dinamarquês é *Krage*. De Mahieu nos diz: "Como o quíchua não contém nenhuma palavra que comece com duas consoantes, é logico que uma vogal tenha sido introduzida entre o *k* e o *r*. Deste modo, *Krage* foi convertido em *korage* e, pelo fato do *g* não existir em quíchua, se chegou a *korak* e *Korakenke*". Em antigo germânico, *Korak-Inka* (ou *Korak-Inga*), e *Karava-Ing-a* em indo-germânico. Um Corvo que vem também do Monte Meru, sendo assim o de Vishnu, de Wotan e de Federico Barbarossa. Nos assinala, ademais, o ponto polar da origem mais remota, o mar *Kara*, no Ártico. Também um dos bandos na grande luta do Mahabharata é o dos *Korava*. Similarmente a aquele do Inka e de Wotan, o Deus indo-ário, o Deus loiro dos Vedas, Vishnu, tem como veículo um pássaro, *Garuda*. Deste modo, Pedro Sarmiento de Gamboa aporta um sentido ao dizer que o pássaro do Inka se chama *Indi*. Esotericamente, tinha a ver com a Índia.

Kushu é o nome da capital do Império inka, que hoje se escreve Cusco. Garcilaso afirma que a palavra pertencia à linguagem privada dos inkas e significava "umbigo do mundo". Do mesmo modo que *Lhasa*, no Tibete. De Mahieu encontra a origem de *Kusku* no finlandês, *keskhus*, que quer dizer "centro médio". E afirma que muitos termos germânicos e escandinavos haviam sido introduzidos na língua finlandesa, sendo possível que também tenha acontecido o reverso, termos finlandeses tendo sido usados pelos escandinavos. E pensa que até é possível que alguns finlandeses tenham formado parte da expedição viking de Ullman, pois estes costumavam recrutar soldados estrangeiros. Tudo pode ser ou não ser, mas o importante é que *keskus*, e, portanto, *Kusku*, significam o mesmo, "umbigo", "centro", "cidade do meio", *Mitgard*, *Mediolanun*, Milano. E isto foi *Kusku*, primeiro para os *atumarunas* e depois para os inkas.

As raízes indo-europeias e sânscritas do quíchua podem ser descobertas. Daremos alguns poucos exemplos, já que Vicente López transcreve 1.300 termos, como dissemos:

Apani = levantar, levar. Em Sânscrito, *apa*. Antigo alemão, *aba*. Curiosamente, no Chile dizemos "llevar al apa", por levar uma pessoa sobre os ombros. E isto não nos chega do quíchua, senão que do germânico antigo, através dos visigodos, como veremos nos próximos capítulos.

Kumani = predicar, aconselhar, dirigir. Sânscrito, *kun*. Radical de *Kun-dalini*. Assim, os sábios Amautas, do *Kusku*, ensinavam a direcionar a Kundalini, a força serpentina da coluna vertebral psíquica. Davam a sua Iniciação.

K'Kamani = criar, procriar. Sânscrito, *Kama*, amor, desejo.

Chakra = círculo, estância. Sânscrito, *c'akra*, círculo. Centro de energia psíquica, espiritual contraparte dos plexos, como vimos na Primeira Parte desta obra.

Huahua = criança. Em irlandês, *hua*, *ua*, filho. No Chile se chama *guagua* aos filhos menores.

Pirka = muro, muralha. Sânscrito, *prç*, unir, atar. Alemão antigo, *pwrg*.

Rimani = falar. Em dinamarquês *rim* significa 'rima'.

E assim poderíamos continuar.

Quando à escrita, já dissemos o que se pensa. Não é peculiar, então, que o idioma secreto dos Inkas se chamava *Runa-simi*.

O Drama dos Hiperbóreos de Tiahuanacu

Da primeira Tiahuanacu não sabemos nada. Está relacionada com a Lemuria, com Um, com Gondwana. Foi perto do mar, repentinamente elevado a mil metros na cordilheira andina. Foi também "porta" de entrada para a Terra interior, construída pelos Hiperbóreos da Idade Dourada.

Temos dito que as velhas pedras indicam mudanças na direção dos seus círculos de linhas magnéticas, o que nos demonstra também uma mudança na posição do polo físico e magnético. A Terra inverteu o seu campo magnético em muitas ocasiões. E este campo está relacionado de algum modo com a rotação do planeta. Também as linhas circulares das conchas dos caracóis e as suas mudanças de direção durantes as Idades são significativos. Deste modo, não somente a Terra mudou a sua posição e a sua elipse, com isto também mudou o Sol. Por isso, a cosmogonia dos seis Sóis é reveladora, correspondendo cinco deles a espantosas catástrofes planetárias e cósmicas.

Contam que os sacerdotes egípcios mostraram a Ciro, rei da Pérsia, em um templo subterrâneo, uma representação da Terra virada ao reverso, como haveria sido milhares de anos antes.

Creio que o grande segredo das Idades se encontra em Tiahuanacu, no nome de *Chilhi*, ou Chile, e na Ilha de Páscoa, Matakiterani, Rapanui, Hotu Matu'a, também "Umbigo do Mundo". Porque Tiahuanacu foi a entrada para um mundo interior, à Terra Oca, isto é, a todas estas Cidades Encantadas, Mitgard, Agartha, Paititi, Elellin, Gran Quivira, Trapalanda, Mbaé-bera-guazu, a "Cidade Brilhante", El Dorado e a Cidade dos Césares, da lenda americana e universal. Quando a primeira Tiahuanacu floresceu como porto de mar e entrada aberta à Terra interior, à Agartha, à Cidade dos Césares, estas cidades também eram acessíveis aos seres da superfície, porque estes seres pertenciam à raça ária pura, hiperbórea e polar, vinda de Vênus, sem mesclas. Eram os Deuses, os Siddhas divinos e imortais, os *divyas*. Após a catástrofe que destruiu tudo, no meio do Pacífico, solitária, restou a Ilha de Páscoa, Matakiterani, que fora o cume sacro de uma altíssima montanha do Continente submerso. E também nesta franja de terra precária, desnuda, "desembainhada", como uma espada que perdeu a sua bainha, chamada por isso de *Chilhi*, Chile. Juntos simbolizam o grande segredo, o espantoso mistério.

Por isso, e desde então, uns após os outros, os descendentes dos ários hiperbóreos têm peregrinado até estas latitudes, em busca – como pássaros que voam em direção à uma Atlântida que já não existe – das regiões sacras dos seus antepassados divinos e das "entradas" para as profundidades da Terra, ao Paraíso de Asgard, de Agartha, para "esse refúgio inexpugnável". Mas as portas haviam se fechado.

Nesta Melodia está oculta o segredo das Idades. Porque o *contato com a Estrela da Origem não pode ser estabelecido da superfície da Terra, senão que unicamente do seu interior, do seu duplo astral. É ali, adentro, onde se encontram os "hangares", dos Vimanas, os vimanagriha,* os únicos capazes de cruzar as enormes distâncias e passar através do Sol Negro, do Vazio, até alcançar o Raio Verde, pela Estrela de Wotan-Lúcifer.

Uma vez que a pureza do sangue hiperbóreo daqueles chegados dos astros, dos venusinos, fora perdida – esse sangue descoberto em algumas múmias inkas – somente os *vîras* (heróis mesclados) que fossem capazes de se transmutar alquimicamente em *divyas*, *retrocedendo*, encontrariam a Porta aberta ao mundo interior, ao refúgio inexpugnável e à possibilidade de ser transportado no Disco de Luz, ao Raio da origem. Mas serão bem poucos, um número preciso em cada Idade. Adentro, os Ases vigiam os seus passos e medem as suas possibilidades. Ali lhes aguardam, para lhes abrir a Porta e lhes transportar para fora do Círculo dos Círculos, até o *Valhöl*, na Asgard celeste.

Desde tempos muito remotos os caminhos que levavam à Tiahuanacu e ao Chile eram conhecidos pelos navegantes hiperbóreos sobreviventes da grande catástrofe. Em 1520, Muhiddin Piri Reis, almirante da frota turca, publica o seu Atlas *Bahriyye*, destinado aos navegantes. Estas cartas, com notas marginais sobre pele de cavalo, foram descobertas pelo diretor do Museu Nacional de Istambul, no Palácio Topkapi, em 1929. Eu visitei este museu e tenho dito que possuo uma cópia do mapa, ao qual vamos nos referir.

Em suas notas, o Almirante Piri Reis revela a origem destas cartas [mapas]. Em um combate naval contra os espanhóis, um oficial turco chamado Kemal fez um prisioneiro que havia participado de três das viagens de Colombo à América. Este espanhol possuía um pacote de mapas muito estranhos, com os quais Colombo havia sido capaz de realizar as suas viagens, segundo Piri Reis. Assim se explicaria o que o seu filho, Fernando, escreveu em "Vida del Almirante Cristóbal Colón": "Fez bom uso de todas as informações que pôde obter até chegar a estar convencido de que descobriria numerosos países à oeste das Canárias".

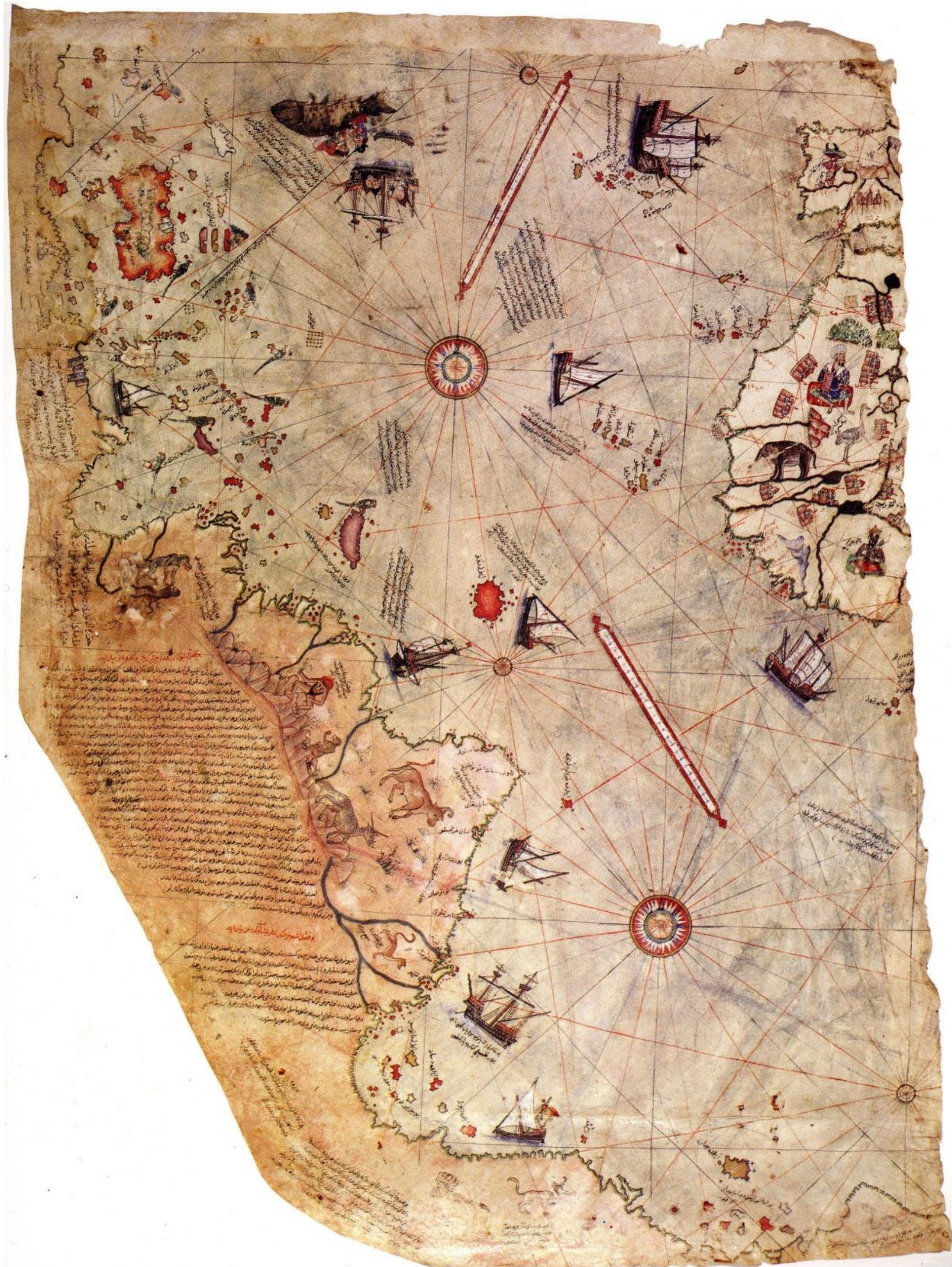
Entre os documentos confiscados pelo turco estavam os mapas desenhados por Colombo, em 1498, entre as quais se encontravam, de modo completo, a América do Norte e do Sul, seus rios, a Groelândia e *a Antártica*. Esta última era completamente desconhecida naqueles tempos, segunda a crença mais generalizada atualmente. Deveríamos reforçar o que já foi dito sobre o nosso convencimento de que Pedro Sarmiento de Gamboa sabia da existência da Antártica e que a buscava nas longínquas distâncias do Estreito. Quiçá ele houvesse se inteirado daqueles mapas, onde também a distância entre a América e a África é dada com uma exatidão surpreendente.

O Dr. Afetinan Turk Tarih Kurumu, em seu livro "The Oldest Map of America" (O Mais Antigo Mapa da América), publicado em Ankara, em 1954, analisa os mapas de Piri Reis.

Piri Reis escreve que Colombo havia se inteirado através de um livro escrito em tempos de Alexandre Magno, onde se falava da América e das Antilhas. No mapa que ele publica aparece a Antártica livre de gelo, coisa que não pode haver ocorrido nos tempos de Colombo, nem tampouco nos de Alexandre, que haveria obtido a informação no Egito. A Groelândia está representada por duas ou três ilhas, sem gelo. Hoje está coberta por uma capa de 1.500 metros de glaciais. Há pouco tempo, uma expedição francesa pôde comprovar que a Groelândia é composta principalmente de duas ilhas.

Uma autoridade americana em cartografia solicitou ao Departamento Hidrográfico dos Estados Unidos que verificassem o Mapa de Piri Reis. E há uma declaração do Departamento Hidrográfico da Marinha que certifica que o Mapa é absolutamente preciso e que traça, há mais de cinco mil anos atrás, a cadeia de montanhas do Alasca, no Canadá setentrional, e algumas cordilheiras que ainda não se encontravam nos mapas do serviço cartográfico da armada americana. E surge a

pergunta: "Como foi possível realiza-la? É tão precisa que unicamente um voo mundial de observação poderia verificar tal coisa. Tal mapa chegou a nos servir para a correção de erros de certos mapas contemporâneos". E Mallery, autoridade norte-americana em cartografia, exclama: "Não sabemos como puderam estabelecer tal mapa, com tal exatidão, sem terem feito uso de um avião".



O Mapa de Piri Reis. Traçado de uma grande altura. A Antártica aparece unida ao Continente Sul-Americano.

O Mapa de Piri Reis está traçado das alturas, como que por um satélite ou veículo que voa. Portanto, deve ter muito mais do que cinco mil anos.

Deste modo, os navegantes da pré-história iam e vinham, de um Polo ao outro Polo. E a Antártica não estando coberta por gelos, foram eles os que traçaram estas intermináveis galerias subterrâneas que cruzam o continente polar do Sul e que os alemães da expedição hitlerista do Capitão Richte, de 1939, encontraram junto com os oásis de águas temperadas, acolá das cordilheiras da Terra da Rainha Maud, onde batizaram a Neuschwabenland [a Nova Suábia]. Os corredores levam à Terra interior, à Terra Oca, e conectam o Polo Sul ao Polo Norte. Também enlaçavam com Tiahuanacu, uma das mais importantes “entradas” e “saídas”, antes da grande catástrofe.

Por isso os vikings de De Mahieu, os *atumarunas*, chegaram até as ruinas de Tiahuanacu e reconstruíram seus antiquíssimos restos. Eles sabiam, na memória já nebulosa do seu sangue, que ali haviam estado os seus ancestrais e vinham em busca das entradas para as Cidades dos Imortais, dos verdadeiros Deuses Brancos. Haviam recebido ordens para tal, do Centro Esotérico do Báltico. Vinham liderados por alguns guias de grande sabedoria e poder. Nem Quetzalcóatl e nem Huirakocha eram navegantes experientes, ou guerreiros ignorantes e grosseiros. Eram Siddhas hiperbóreos. Do mesmo modo, no outro extremo, por trás de Colombo, havia existido todo um Sanhedrin invisível e com ele viria um guia e diretor secreto, que quiçá houvesse sido este rabino-intérprete; alguém que desconhecemos totalmente e que foi um Diretor material *in situ* da Cruzada Americana Contra o Graal.

Quase nada sabemos sobre a civilização viking de Tiahuanacu. Foi muito mais avançada e sábia do que a dos inkas, tendo uma base racial mais sólida, já que havia sido criada e sustentada durante todo o seu período pelos ários nórdicos. Ao centro da ilha do lago Titicaca, no Templo do Sol, foram realizados cultos polares de sacrifício ao fogo e adoração ao Sol Negro, por sacerdotisas e nornas hiperbóreas. Através dos caminhos da selva amazônica e do Paraguai, os *atumarunas*, os “caras pálidas”, chegavam até as suas dependências do Atlântico e mantinham o intercâmbio comercial com portos europeus, em grande segredo. Foi assim que contataram os templários de La Rochelle, com a sua frota secreta, e lhes fizeram vir até Tiahuanacu, iniciando o transporte da prata, que lhes serviria para a construção das catedrais e a manutenção das confrarias de construtores da época Medieval. Ao mesmo tempo, eles ajudaram na construção de alguns edifícios de Tiahuanacu, quiçá da escultura chamada “O Monge”. De Mahieu encontra semelhanças entre a Catedral de Amiens e a Tiahuanacu dos últimos dias. Os templários conseguem assim conhecer também o grande segredo: os antepassados polares não haviam desaparecido da Terra, *somente da superfície*. E é possível estabelecer um contato com eles; mas unicamente da Hierarquia secreta com os Guias Invisíveis. E quando este contato é feito, sempre milagrosamente, magicamente, tudo muda e ocorre uma catástrofe espiritual. Porque então os fins que haviam sido almejados deixam de ser importantes. E são outros agora, os objetivos, pelos quais se haverá de lutar. E o novo combate não poderá ser travado agora por todos, senão que por apenas alguns, muito poucos. Os combatentes exotéricos são condenados ao martírio, ao sacrífico, a seguir lutando do lado de fora, fisicamente, a serem massacrados, torturados, suas cinzas dispersadas pelo vento dos polos. É duro o destino dos heróis, que somente no Valhalla serão recompensados pela sua lealdade.

Assim se resume a história dos atumarunas, dos vikings, dos hiperbóreos de Tiahuanacu, dos templários e também dos hitleristas do Terceiro Reich. É este o drama esotérico dos ários hiperbóreos de todos os tempos e de antes do tempo. Aqui se alcança o centro até agora não revelado do Grande Mistério. Assim como há um ponto de onde se dirige toda a conspiração judaica nesta Terra, comandada pelo Senhor das Trevas, de um "lado de fora", assim também, e com mais realidade ontológica, existe um Centro do qual a raça dos Iniciados ários é dirigida de um modo preciso e sábio. Este ponto está localizado dentro da Terra, também na superfície e fora dela. Esteve no Polo Norte, no Báltico; está debaixo da Antártica e também na Estrela Vênus. Foi dali de onde foram dadas as instruções aos visigodos para desaparecer, aos *atumarunas* de Tiahuanacu para perder a guerra, que destruiria a sua civilização terrestre, aos templários para não se defender, aos inkas para não combater os invasores espanhóis, e a Hitler para perder também a Grande Guerra dos Mundos, combatendo sem desistir, até o final. Os chefes visíveis e exotéricos foram todos sacrificados, os visigodos, os vikings de Tiahuanacu, o bastardo Atahualpa, o Grande Mestre visível dos templários e também os hitleristas exotéricos de ontem e de hoje. Eles foram dispersados a todos os confins do universo. Os guerreiros *atumarunas* chegaram até Matakiterani, a Tepito Te Henu'a, a Rapa Nui. Então, a Grande Conspiração lhes alcançou, ali, destruindo a casta real e sacerdotal dos "Orejones" da Ilha de Páscoa. Lhes levaram como prisioneiros e escravos às minas do Peru, onde morreram. Eram os únicos que sabiam decifrar os *rongo rongo*, as "tabuletas falantes" da Ilha. Eram os *Kohau-rongo-rongo*. E nestas "tabuletas" estaria escrita a história secreta daquele mundo.

Mas os Diretores Iniciados, os Reis-Sacerdotes *atumarunas*, os Grandes Mestres invisíveis e esotéricos do Templo, que haviam conseguido se transmutar, sobrepondo-se à origem obscura da Ordem, como os hitleristas esotéricos, foram aceitos no refúgio secreto da Terra Interna, podendo encontras as "entradas". Assim, o Führer entrou em seu "Paraíso Inexpugnável".

Também eu posso relatar uma experiência pessoal, que parecerá muito estranha aos incrédulos e que está relacionada diretamente a aquilo que aqui foi descrito. Há vários anos, eu viajava pelos Alpes fronteiriços à Alemanha e o que hoje é de novo a Áustria, e me perdi, indo dar exatamente em um lugar que desejava visitar: Berchtesgaden. Minha primeira visita, ou peregrinação, a efetuei sendo muito jovem, poucos anos depois do fim da guerra, em 1951, devem perambular entre as ruinas e os muros calcinados do Berghof de Hitler, que ainda não havia sido levado totalmente aos ares por Eisenhower, do seu Quartel General em Nuremberg. Na época não me foi permitido chegar até o cume sacro de Kehlsteinhaus, o empinado refúgio do Gralsburg. O fiz muitas vezes desde então. Mas agora não desejo voltar, pois sempre me dói ser testemunha da profanação judaica, consciente e planejada, que foi feita neste lugar mágico e sacro, hoje convertido em um restaurante, onde gordos alemães e turistas comem salsichas e bebem cerveja. Foi instalada ali uma enorme cruz do cristianismo judaico, como um exorcismo contra a Swastika Polar.

Sem querer, novamente me encontrava ali. Era um entardecer muito belo e transparente do mês de setembro. Recentemente havia celebrado meu aniversário excursionando pelos cumes. Agora, a subida ao elevado refúgio do Führer, tão parecido com o castelo em ruinas dos cátaros em Montsegur, por hora se encontrava fechada. Me sentei sobre uma rocha, a contemplá-lo na luz pura dos cumes, que pouco a pouco ia decrescendo. E senti, com muita nitidez, que uma conexão instantânea se estabelecia

com o remoto Tibete, com as suas secretas entradas para Agarti. Sem dúvida ali existia uma "bi-locação" espacial, uma "abertura" que tornava possível o contato direto, uma "janela", que haveria sido utilizada por Hitler e seus dirigentes esotéricos. Por isso havia escolhido este ponto mágico da Terra para o seu refúgio espiritual, as suas meditações nos cumes e suas perambulações pelos bosques de azinheiras e pinheiros. Ali haveria tomado suas mais transcendentes decisões, obedecendo à Voz, que ele ouvia na Memória do seu Sangue.

Naquela tarde já há muito passada, senti, ademais, que a conexão na geografia oculta, sacra, não somente era com o Tibete dos Dropas hiperbóreos, com Montsegur, no Pirineus, como também com um ponto muito mais longínquo, no Sul do mundo, de onde eu procedo. O havia descoberto já em minha viagem à Antártica, em 1947, dois anos depois do fim da Grande Guerra.

Pensei em permanecer ali naquela noite e fui até o albergue em busca de alojamento. Era este o antigo quarte das SS. Todas os quartos estavam tomados. Me encaminhei, em direção ao lugar que havia visitado pela primeira vez muitos anos antes e onde havia sido o Berghof de Hitler. Por mais que buscasse, não pude encontrar a sua localização. O bosque havia coberto os escombros. Vi ali um homem jovem, com calças curtas, de coro alpino. Me dirigi a ele e lhe perguntei. Me indicou com um braço o local entre as árvores. Caminhei naquela direção e estive escalando na luz fraca, por sobre troncos e ramos. Não havia nada, somente algumas pedras; apesar dos anos transcorridos, cinzas e restos do incêndio que havia consumido a relíquia. Então, algo se moveu entre as folhas e uma sombra veio adiante por entre as árvores. Vinha em minha direção e comprovei que se tratava do mesmo homem com quem eu havia falado há apenas um momento atrás. Escalou pelo lugar oposto da colina e se aproximou até juntar-se a mim. Começou a falar, explicando-me que ele também viera ver as ruinas, de Hamburgo. Havia encontrado a entrada aos subterrâneos e permaneceu além do esperado neste lugar para poder indica-lo aos visitantes que vinham da Áustria. Ofereceu me mostrar a entrada. Aceitei, apesar de não ter a menor ideia de com quem eu estava falando. Como já estava escuro, o homem me disse que iria até o seu automóvel em busca de duas lanternas. Eu devia lhe esperar ali mesmo. Lhe aguardei por mais de quinze minutos. Apareceu enfim com as duas lanternas e começamos a descer por um terreno escarpado até chegar a um regato. Nos vimos de imediato perante uma enorme porta de ferro. A abriu sem esforço. A água se infiltrava por um longo corredor esculpido dentro da montanha. Iniciamos a marcha pelo corredor. A cada momento ele se detinha para me indicar alguma coisa. "Aqui", me dizia", "se encontravam as sentinelas, detrás deste nicho. Visualizavam, sem ser vistos, qualquer visitante intempestivo. Tinham rifles curvos, com os quais podiam disparar sem estarem voltados em direção ao seu alvo". De pronto chegamos ao final do corredor, o qual se encontrava tampado por um muro de argamassa, construído pelos americanos. Por detrás desta muralha estavam os quartos subterrâneos de Hitler, de Eva Braun, e de seus colaboradores mais próximos. "Agora é impossível entrar, pois o proibiram", me explicou. Uma escadaria de mármore levava à entrada e à descida, do Berghof. "Estava ricamente atapetada", me disse. "Vistes à casa de cima do cume?". Lhe respondi afirmativamente, ao mesmo tempo em que me lembrava desta outra grande porta de ferro, aberta na rocha viva, e o corredor que levava ao elevador que sobe diretamente até o centro do refúgio de pedra do cume empinado. Se sente ali a impressão de estar indo pelo interior de um corredor da Grande Pirâmide. Das janelas altas são

contempladas as cadeias de montanhas dos Alpes, os vales remotos de Salzburgo e o lago Königsee. Ali foi onde o meu mestre havia visto Hitler contemplando a paisagem com binóculos. Ele lhe disse: "Viajante, segue o teu caminho...".

Nossa aventura noturna havia chegado ao fim, frente a este muro que nos bloqueava a passagem.

Eram os anos em que eu ainda investigava na Europa.

Descemos juntos em busca do caminho principal. Ao me despedir, estirei o meu braço e disse: "Heil, Hitler!...". E ele me respondeu, também com o braço estendido: "Sieg Heil!...".

Não soube quem seria este jovem alemão de Hamburgo, nem que será dele. Lhe expliquei que eu era chileno e certamente ele deve haver se surpreendido. Volto a me lembrar dele neste momento.

Como naquela noite eu não poderia permanecer ali, segui viajando em direção à Áustria, em busca da casa de uma amiga que vivia só, nos campos nos arredores de Salzburgo. Cheguei após a meia-noite e bati na porta da sua antiga casa do campo. Veio a abrir a porta apenas depois de se certificar quem a chamava. A acompanhava o seu enorme cachorro. A encontrei nervosa, quase espantada. Me levou ao grande recinto central e acendeu um fogo na lareira. Se sentou perante mim e começou a me contar uma estória extraordinária que acabara de lhe acontecer, há apenas algumas horas, talvez quando eu me encontrava marchando pelos corredores subterrâneos de Berchtesgaden.

Eis aqui a sua estória:

Ainda não havia entardecido e apareceu alguém que lhe chamava à porta. Foi abri-la e se viu perante um estranho personagem. Alto e vestido com um uniforme semelhante ao de um templário, com um manto largo até os pés e uma túnica, e a cabeça coberta com uma espécie de capacete. Lhe olhava de frene, mas não tinha olhos, apenas duas enormes cavidades escuras. E com elas lhe contemplava. Foi tal o espanto que a minha amiga sentiu, que fechou a porta com força e fugiu, correndo para o interior da porta. O cachorro também havia escapado para um canto e ali havia se enrolado, tremendo. Minha amiga foi ao seu quarto, abriu o seu velho armário, de madeira campesina, e se olhou no espelho. Atrás dela, novamente estava o ser; mas agora havia coberto os seus olhos com uma venda, querendo dar-lhe assim a entender que não desejava assustá-la. Todavia, ela seguia ainda mais espantada e correu para o salão, onde ligou o rádio no mais alto volume que pôde e com música moderna. E então estranho personagem não voltou a aparecer.

A medida que eu a escutava, uma enorme tristeza ia me invadindo. Sentia que este ser havia vindo para me buscar, ou que desejava me entregar uma mensagem. E a mensagem seria: "Não te preocupes. Os caminhos subterrâneos não estão bloqueados. Há outra maneira de percorre-los até o final. Um dia virei te buscar, para fazer com que entres no mundo onde nosso Führer te espera; mas ainda não é o momento; todavia, tens que realizar importantes trabalhos na superfície da Terra, antes de que venha a destruição do Quarto Sol. Tenha fé, nós já sabemos da tua existência. Cumpre com o teu dever até o final; até dar a tua vida, se necessário".

Lá embaixo, neste mundo subterrâneo, quiçá os olhos da superfície não sejam necessários. Pedi a minha amiga que me desenhasse a figura que ela viu. Assim ela o fez, enviando a pintura até mim em Montagnola, na Suíça italiana, onde eu residia naqueles anos. Eu a guardo comigo até hoje.

Às vezes, contemplando o seu desenho, me vem à memória a canção dos esquimós:

São grandes, são terríveis,
Os seres do mundo subterrâneo...

O Fim do Mundo

O Quarto Sol, o de Água, vem sinalizando o seu final há séculos. No fatídico século XIII, aconteceu a destruição dos cátaros e dos templários na Europa, também dos *atumarunas* e da superior civilização de Tiahuanacu, no continente do Sul. Astrologicamente, estes dramas estão prefigurados na Respiração demiúrgica. Os sábios guias dos ários não podem evitá-los. Somente o poderiam os heróis, os *vîras*, caso vençam o seu combate, conseguindo sair, se libertar, transmutando-se em *divyas*, e ganhar perdendo. Isto acontece a cada setecentos anos. "Em setecentos anos mais, tu voltarás a perder", foi dito a Ezra Pound.

Thor Heyerdahl, em seu livro sobre os índios americanos no Pacífico, nos conta sobre a viagem de Kontiki-Huirakocha, do Equador até a Polinésia. O Deus Branco se salvou da destruição de Tiahuanacu, chegando até a Ilha de Páscoa. Devemos entender, todavia, que o nome Kontiki e Huirakocha é genérico, passando de um branco a outro, através da Idades, o mesmo sendo dado a eles pelos indígenas, que também assim chamaram a Pizarro.

Que aconteceu com Tiahuanacu, quem destruiu o seu Império? As tradições coletadas por De Mahieu afirmam que foi um cacique araucano vindo de Chilli-Mapu, de Chilhi, ou Chile, da região de Coquimbo, a qual têm chamado de Cari, ou Kari. Estranho nome, que nada tem a ver com o [idioma] mapuche e mais parece dinamarquês, viking. Temos que nos perguntar: Como haveria sido possível que índios primitivos, selvagens, como os da periferia do Império do Sul, sem armas de metal, como as que possuíam os atumarunas em contato com os guerreiros templários e outros navegantes do século XIII, puderam destruir em tão pouco tempo os reis vikings da Ilha do Sol de Titicaca? E degolá-los e aniquilá-los, quase que a todos, incluindo suas mulheres e filhos? O nome Cari passa a ser sinônimo de Maligno, até o dia de hoje entre os índios do altiplano boliviano. E, segundo Montesinos, o apelativo de "má sorte", de mau, de daninho, é aplicado aos de Chilhi, sem distinção.

Podemos nos valer apenas de hipóteses, baseadas algumas delas na recorrência dos hábitos anímicos. Se Cari era um cacique picunche que invadiu, saqueou, degolou e destruiu os habitantes de Tiahuanacu, isto se repete na guerra chileno-peruana de 1879. Também os chilenos entraram em Lima para saquear, roubando, pilhando e destruindo, de modo que ainda hoje as crianças do Peru, para que se comportem bem, são ameaçadas com a vinda dos chilenos, como se fossem o "bicho papão". Pessoalmente, eu pude observar esta tendência cruel, desapiedada, maligna, no povo, no exército e na polícia do Chile, em momentos decisivos; primeiro, o assassinato dos jovens nazistas, em 1938, e então, no golpe militar do ano de 1973. Isto vem do mongol, do ancestral escuro, dos "escravos da Atlântida", algo que se encontra por igual no eslavo, no russo, no tártaro e que jamais foi testemunhado no exército alemão. O soldado germano é duro, disciplinado, heroico, mas jamais sádico e cruel. Se rege por um código de honra.

A crueldade é típica das raças mescladas, das mestiçagens de sangues contrapostos. O sentimento do “pecado racial”, o desejo de autodestruição, explode em uma violência desenfreada e no afã destruidor, se não for do homem, da paisagem, de tudo o que é belo e superior. Por isso, no Chile será tragicamente perigosa a rebelião do *lumpen*, o terrorismo, a luta de classes, porque não será antagonismo de classes, senão que de raças. Além do mais, jamais existiu a luta de classes, unicamente a de raças, em todo o mundo.

A favor da hipótese da destruição de Tiahuanacu por um chefe indígena do Chile e do triunfo deste sobre os brancos descendentes dos antigos vikings, possuidores de armas superiores, podemos também acrescentar a luta titânica dos araucanos contra os espanhóis, que não somente possuíam armas de aço, senão que de fogo e o cavalo. Com lanças e flechas combateram a mais sórdida es \\\ aguerrida das hordas da Espanha.

Não é fácil explicar o que aconteceu neste longínquo passado de Tiahuanacu. Poucos anos depois, um punhado de inkas põe em ordem e mantém à distância os caciques do outro lado do rio Maule. O inka Topa derrota os poderosos Michimalongo e Tongalongo e coloca sobre eles seus *curacas*, ou administradores. Os inkas estabeleceram, ademais, a prática do *mitimae*, ou seja, de trasladar populações, coisa que também Stalin faria em proporções gigantescas, mudando nacionalidades do Cáucaso até a Sibéria. O Inka pacificou assim o Império. Então, Huaina Kapak, retira os *curacas* estrangeiros e nomeia Michimalongo e Antalongo como *curacas*, deixando-os assim como governadores do Chile.

Após o desaparecimento de Huirakocha, ou seja, após a destruição do Império de Tiahuanacu, os mapuches, os chachapoyas, que eram originalmente brancos, os índios de Quito, seguem governando de um modo estranho, por meio de uma instituição que nos relembra a dos germanos e o *Führer Prinzip*, a dos *Cinche*, dos “Valentes”. Em períodos de crise, de guerra, ou de catástrofe natural, o povo elegia o mais valente entre eles para que o dirigisse. Era nomeado livremente e lhe era prestada uma fidelidade total, até a morte; mas unicamente durante o período da crise, da catástrofe ou da guerra. Isto tendo passado, o *Cinche* voltava a ser mais um membro do povo, venerado, sim, por suas condições de guerreiro, que lhe fariam perdurar na memória e na lenda. Mas o *Cinche* era um *Cinchecona* somente pelo tempo necessário e nem um dia mais. Como disse Pedro Sarmiento de Gamboa, o termo significava “*Agora, enquanto dura a guerra, serás nosso valente e depois não*”. Colocamos a frase em itálico pelas implicações fatídicas que a sua transgressão acarreta nos atavismos genéticos e até na tradição espiritual, tanto dos antigos germanos, na *Männerbunde*, confraria de guerreiros, quanto nos mapuches; tanto nos visigodos quanto nos araucanos de Ercilla. Caupolicán é nomeado *Cinchecona* do seu povo somente para a guerra contra os espanhóis e por ser o mais forte e mais valente. Não ocorreu a nenhum Führer germano, a nenhum *Cinchecona* mapuche, violar a regra sagrada e de honra, permanecendo no poder para sempre, uma vez passado o momento de perigo do seu povo. Isto haveria significado uma traição e desonra para ele e para a comunidade, se a mesma permitisse tal coisa. Vimos o que ocorreu no Chile de hoje, com Pinochet. Acarretará somente consequências fatídicas para a pátria, o Destino se precipitando das profundas vertentes atávicas da alma, da terra vernácula e do sangue, mesmo que mesclado, se o *Cinchecona* permanecer por mais tempo do que o necessário no poder.

É interessante poder recordar, em relação a tudo isto, o discurso pronunciado por Hitler, ao ser declarada a Segunda Guerra Mundial. Disse: “Se eu morrer, Göring me

sucederá; se ele morrer, Rudolf Hess lhe sucederá; e se Hess morrer, lhe sucederá *o mais valente*”. Isto é, o *Cinchecona*.

Se o Império de Tiahuanacu foi derrotado com tanta facilidade e se os inkas, por sua vez, com muita \\ holgura \\facilidade derrotam os vencedores e lhes impõem, por vários séculos, as suas leis e seus administradores, há aqui uma contradição e uma incógnita que já não é possível dilucidar.

Por um lado, o povo mapuche (ou talvez sejam os picunche?) é cruel e destruidor, e por outro lado, heroico e guerreiro. Somente em uma mescla de sangues contrapostos será encontrada uma explicação. Quiçá Cari fora na verdade Kari, com K; um viking que decidiu arrasar seus congêneres de Tiahuanacu, em razão de algum perigo ou traição; podendo também haver sido a cristianização que acontece no último período de Tiahuanacu, devido à influência de alguns missionários irlandeses, como esse Paizume do Brasil, assim como pelos próprios templários, que poderiam ter introduzido alguns dos símbolos cristãos, mesmo que sendo gnósticos. Kari recordaria Wotan e Thor, o Deus do Machado, do Martelo. Os *cinches* mapuches portavam o Machado de Wotan [de lamina dupla], como símbolo de poder e realeza, o *Toki-Kura*. *Toki* é machado na língua mapuche. E houve alguns caciques araucanos que buscaram o *Toki-Lítico*, o Bastão, o Machado de Pedra Aerolítica, da Atlântida, como Calfucará, por exemplo. Este Bastão-Machado, hoje no Sul da América, pertenceu à Vultán, ou Wotan.

Não nos referimos a uma “Traição Branca”, que complementa e colabora com a guerra do judeu contra os Deuses Brancos, havendo tido por modelo uma situação extraterrestre, em um “prólogo” à História na Terra. OU é possível que Kari esteja incluído neste bando?

“A cada setecentos anos”, dizia Hitler, “tudo começa de novo”. Volta-se a dar uma possibilidade de vencer a entropia, de retornar à Hiperbórea, de ressuscitar a Idade Dourada, de endireitar o Eixo da Terra, de reverter o Kaly-Yuga. Mas a tentativa não tem resultado, ***não deve ter resultado***. Há de permanecer inconclusa, derrotado aqui na Terra física, para que possa “florescer na alma o laurel”, o *vîra* se tornando mais consciente, até chegar a sê-lo absolutamente, como agora através deste livro que hoje estamos escrevendo. Assim é o Hitlerismo Esotérico. Jamais esta obra poderia ter sido realizada se Hitler houvesse vencido materialmente. O Führer ganhará a guerra de um modo mais definitivo, eternamente. Também por meio deste livro que eu escrevo, emprestando minhas mãos e meu cérebro para que *outro* possa realizá-lo.

Em razão de tantas tentativas gloriosas e falidas, de muitos sacrifícios e combates, a Terra, o Espírito da Terra, é obrigado pelo vîra a transmutar a energia necessária para sobreviver à última catástrofe, quando de novo os Polos mudarem e a Antártida outra vez for o Continente do Norte hiperbóreo, no Satya-Yuga, a Idade Dourada. E até pode ser que os vîras consigam sair, transformando-se em astros, com a aparição do Sexto Sol. O Espírito da Terra terá sido enfim liberado, redimido, transfigurado.

A cada setecentos anos há uma nova Idade do Herói. O Último Avatar veio para a assinalar para nós: o Führer, Adolf Hitler.

No século XIII, foi realizada a penúltima tentativa, houve uma nova onda de luz divina sobre o planeta e o Inimigo bateu em retirada por um instante. Depois, os cátaros foram destruídos, os trovadores e Minnesänger, também Frederico II de Hohenstaufen e os templários. O Mistério iniciático do Graal deixou de ser oficiado. E este mesmo Objeto Espiritual desapareceu da superfície da Terra. Na América, em Huitramannaland,

os *atumarunas* são massacrados em Tiahuanacu. Parecera que, de algum ponto desconhecido, fora do planeta, [lhes] fora dada uma ordem imperativa para desaparecer, mesmo tendo as possibilidades materiais de vencer fisicamente. Os Siddhas que vêm à Terra para fazer com que este mandato espiritual seja cumprido são os Boddhisatvas, os Tulkus, que regressam aqui conforme a sua vontade. Penetram pelo Vazio do Sol Negro, vindo do Raio Verde. Em Vênus, a Estrela da Manhã, adquirem o manto necessário e protetor para poder *traduzir* sua mensagem nesta terra.

"A cada setecentos anos o laurel volta a florescer", diziam os cátaros. Setecentos anos haviam se passado desde o desaparecimento do Império dos visigodos, e setecentos anos deverão se passar até a tentativa do hitlerismo de derrotar o Inimigo e fazer com que a Idade Dourada retorne sobre à Terra. Setecentos anos desde a destruição do Império dos ários hiperbóreos atumarunas em Tiahuanacu.

Agora estamos, todavia, travando este último combate do Hitlerismo Esotérico, seguindo as instruções chegadas do Raio Verde e que ainda passam através da antena do Führer, o Último Avatar.

Igualmente a todos os nossos camaradas hiperbóreos, da Ordem de Wotan, também lutaremos até o último dia sem retorno. Porque hoje sabemos que já não haverá outros setecentos anos.

Chilli – Mapu O País da Estrela da Manhã

A Terra

Chilli Mapu, Terra de Chile. Este foi o nome que os seres que a habitavam deram à região do sul do mundo, pelo o que sabemos durante os inkas e até a chegada dos espanhóis. Antes disto, não sabemos nada. Terra estranha, de terrível fascínio, que atrai e espanta. Seus perigos não são tanto materiais quanto de uma ordem diferente. Não houve aqui uma selva tropical com animais venenosos, com pigmeus assassinos. Seu ar é puro, transparente, uma luz em movimento que parece sair dos altos cumes dos Andes, que flutua sobre as águas próximas a um oceano azul. Tudo tem um cheiro, as plantas, as árvores, as flores, as rochas, a montanha, o mar. Até a lua, até o sol, cheiram. Também a Estrela da Manhã. Jamais pude me acostumar com outros lugares do mundo, pois lá não existem perfumes como os daqui. Em nenhum outro lugar da Terra as violetas florescem deste modo; as violetas dos campos da infância. Na Índia há perfumes intensos, espessos, sensuais, psíquicos; mas são outra coisa. Aqui o perfume transcende, pertence à luz, à uma combinação que acontece por causa proximidade à neve, da pedra mística e do mar dilatado, de ondas soberbas. A Corrente de Humboldt ajuda, que vem do Polo Sul. Tudo isto cria na alma do homem, mesmo sem sabê-lo, uma nostalgia de algo que não existe, nostalgia de um amor impossível, de tal modo que cada chileno de verdade terá sempre sido um Minnesänger, cantor capturado por um A-Mor perdido no começo dos tempos, de tempos inexistentes, dos que nunca se soube e dos que nunca se saberá. De uma Flor Inexistente da alma.

Os habitantes desta terra chamaram a si mesmos Mapuche, que quer dizer ‘homem da terra’. De que outras maneiras poderiam haver se chamado? Habitantes da terra de Chilli. Basta. Porque é tão forte a marca da paisagem desta terra mística, que o homem nada mais pode ser que um “homem da terra”. Eu também sou um mapuche, neste profundo sentido, e voltei aqui, para a minha terra, porque a nenhuma outra eu pertenço e em nenhuma outra posso me acostumar a viver. Somente aqui se abre e solta minha total biologia, espiritual e física, somente nesta paisagem, que é a minha, porque aqui se formaram os meus ossos, meu sangue, minha linfa, com a substância destas folhas, destas árvores, com a água destes rios e a radiação de seus minerais. E a luz, a luz divina, me envolveu e penetrou em minha alma. Nada poderá existir de mais doloroso para um chileno, para um “mapuche”, do que lhe impedirem de viver em Chilli Mapu, que lhe expulsem do seu país. Lhe desgarrariam, lhe secariam por dentro e por fora, mesmo que ele próprio não o soubesse.

Já o primeiro conquistador do Chile, Don Pedro de Valdivia, simplesmente ao pôr os seus pés nesta terra mágica, se transformou em um Minnesänger e as suas cartas ao Rei Carlos V são poemas de amor transfigurado pela terra que ele vê, ama e sofre. Qualquer um, hoje em dia, pode ler as suas mensagens estremecidas, gravadas em pedra nas ladeiras do morro Huelén, que quer dizer ‘dor’. Assim foi apelidado o Morro Santa Lucia pelos “homens da terra”. Dor; porque esta terra é tão bela que causa dor. A dor da beleza, a dor do amor que traspassa, sem esperanças, que a nenhuma parte leva, sem culminação possível nesta terra.

“Pedro de Valdivia, Capitán Conquistado”, assim intitulou Santiago del Campo, escritor chileno, amigo de nossa juventude, um dos seus livros. Porque ele não conquistou, senão que foi conquistado pela terra que buscara, onde combatera e morrera. Como toda beleza sublime, o que o Chile propicia é uma alquimia interior que

o homem, quase sempre, é incapaz de suportar. E é assim que estes eflúvios invisíveis que da paisagem alcançam a alma e o corpo do homem, quase sempre lhe destroem, sem poder lhe projetar a um universo equivalente do espírito. Para que isto fosse possível seria necessária uma interpretação simbólica, uma revelação e mutação esotérica que, ao final, solidariamente, também acarretariam a transfiguração mágica da paisagem. Seria preciso redescobrir os *Divyas* que hoje dormem dentro dos cumes, fazer com que os gigantes dos Andes saíssem. Nos limpar de uma religião cristã que não é a destes cumes, destes rios e selvas, deste oceano que cobre a Lemuria. Religião que não é a do Mapuche, do ***homem desta terra***.



Las Runas, los Polos y la Tierra Hueca.
Las Runas son reproducidas por las posiciones de los brazos y piernas de los viras iniciados, en la superficie.

Ainda muito jovem, fui penetrado pelas vozes secretas da paisagem da minha "pátria da alma", como diria Nietzsche. Amei e me angustiei, tratando de torná-las audíveis para os outros, tratando de interpretá-las. E assim nasceu o meu primeiro livro com este argumento: "Ni por Mar ni por Tierrra", que é uma peregrinação mística, sacra, através de Chilli Mapu e do mapuche da minha geração invertebrada, atormentada, do homem da minha terra e do meu ciclo vital, da minha Ronda, do meu Eterno Retorno. Não vou repetir o que ali foi dito, que tem ainda total vigência. Nem por mar e nem por terra nós, os mapuches, encontraremos o que buscamos, porque esta nossa terra e este nosso mar estão nos indicando um caminho que não é daqui, que jamais poderemos

achar aqui, senão que *acolá*, muito mais acolá, na Cidade dos Césares da lenda, dentro dos montes, debaixo do mar, na Estrela da Manhã, Oiyehue, na Estrela da Tarde, Yepun, em Penon Choique, a Cruz do Sul, que assinala o Mais ao Sul, os Oásis da Antártica. Até lá eu fui, porque *Alguém* me chamava nos gelos. E essa foi a continuação da minha peregrinação até a Hiperbórea do Polo Sul. Havia me preparado para isto com uma iniciação antiga, a única que nos permitirá sobreviver na busca pelas entradas ocultas das Cidades Sacras. Porque, nós o temos dito, os perigos desta terra não são físicos, senão que morais. A beleza da paisagem destrói, aniquila em sua intensidade. Não há raça nem povo que a resista no suceder das gerações, se não houve um preparo no espírito, se não foi recuperada a magia antiga, se não se é capaz de fazer com que os gigantes saiam de dentro da rocha dos Andes. Se não se é um *aryo*, um *renascido*.

O Chile se encontra no anel de fogo do Pacífico. É uma região de terremotos, de maremotos, como o Japão. Algo fatídico aconteceu aqui nas Idades, nesta terra delgada, fina como uma espada que saiu de sua bainha (*Schillen*), é o resto de um cataclismo que submergiu a sua "*Bainha*", todo um Continente, a Lemuria. O Continente do Espírito.

Frequentemente nos referimos aqui a esta lei de solidariedade (sincronismo) entre a alma e a paisagem. Erraram os gigantes, graves faltas teriam cometido, e o Continente do Sol Antigo foi afundado. Somente trabalhando na alma para fazê-lo ressurgir em nossas linhas costeiras atormentadas, se calarão os vulcões, se apaziguará o terremoto. E Chilli Mapu, nossa Pátria Mística, voltará a adentrar a sua *Bainha*. E haverá terminado com êxito o combate dos guerreiros esotéricos, entre os quais me encontro desde que nasci, sobre o fio destas Espada, pelo qual vou caminhando até a minha Ressureição.

Somente em um lugar os conquistadores espanhóis da América se depararam com uma resistência heróica, que durou séculos: no Chile. O mapuche, o homem desta terra, lutou com valor sobre-humano para defendê-la. E não poderia ter sido de outro modo. Também os espanhóis se esqueceram do ouro, da Grande Conspiração, da "Cruzada contra o Graal", porque aqui não havia ouro material a ser ganho, e nem qualquer outra coisa, a não ser a beleza sublime da terra pobre e a esperança de que realmente o Graal, a Vida Eterna, a Cidade Encantada, estivessem ocultos em algum monte. Por isso lutaram com um heroísmo equivalente ao do mapuche, por séculos, por gerações. E pela honra. As transgressões cometidas, o "pecado racial", acabam sendo tratados como inevitáveis, na glória de um gesto não igualado. Aqui não entrou o marrano, com a sua usura, somente veio o guerreiro com a sua espada e para derramar o seu sangue generoso. Quem não daria a vida por esta terra e não lutaria para conquistar o seu amor, a sua graça, ou a sua desgraça, até a última gota do seu sangue? O Chile é como a Amada; como a *Dona* do trovador e do *Minnesänger*; uma bela jovem pura, uma Estrela no firmamento, um outro sol de luz estremecida. E por seu amor, para merecê-lo (por seu A-Mor), entregaríamos nossas vidas de bom agrado. Mas, o Chile é como uma doce e bela criança doente de um mal místico, incurável, que morrerá antes que possamos torná-la nossa. Ao menos aqui, neste mundo, debaixo deste sol.

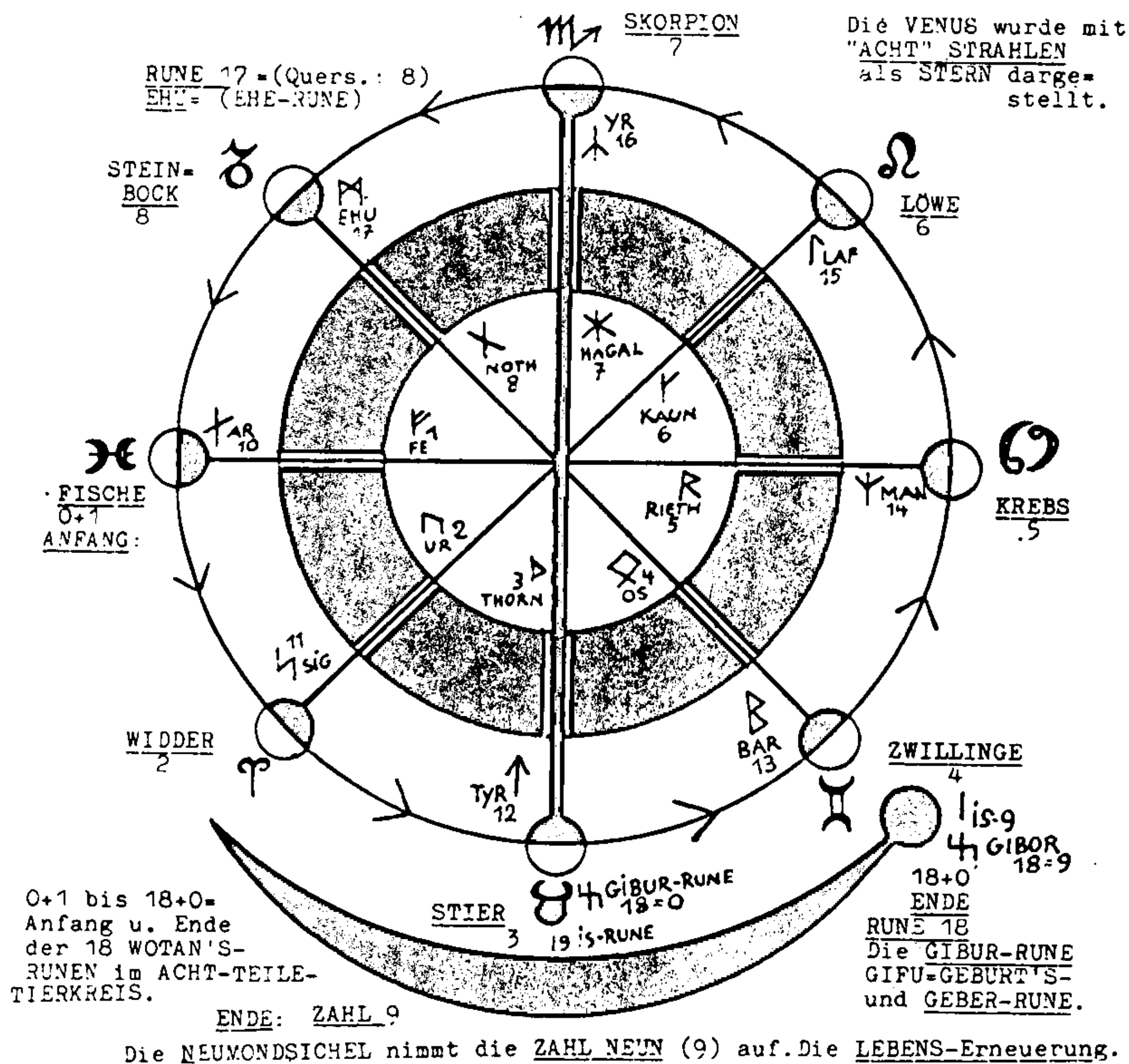
Sim, o Chile se parece com a vida, como ninguém, como nenhum, porque aqui sempre parece que algo irá acontecer...

Algo que nunca chega, nem para os que morreram massacrados em uma torre sinistra, há tantos anos, e nem para os que agora e outras vezes depositaram suas esperanças e seus sonhos melhores em que algo fosse acontecer... Desilusão necessária, derrota, para que possamos seguir sonhando. Pobreza, esforço, cataclismos,

terremotos... É tudo destruído e será preciso começar de novo, do nada. Repetir tudo. O que resta? Unicamente a terra, os vulcões nevados, os cumes envoltos em uma aura de luz divina, as quilaias, os ulmeiros, os alerces-da-patagônia, as algarobeiras e os condores de Wotan, traçando círculos bem alto, nas regiões onde mora o Pássaro do Trono.

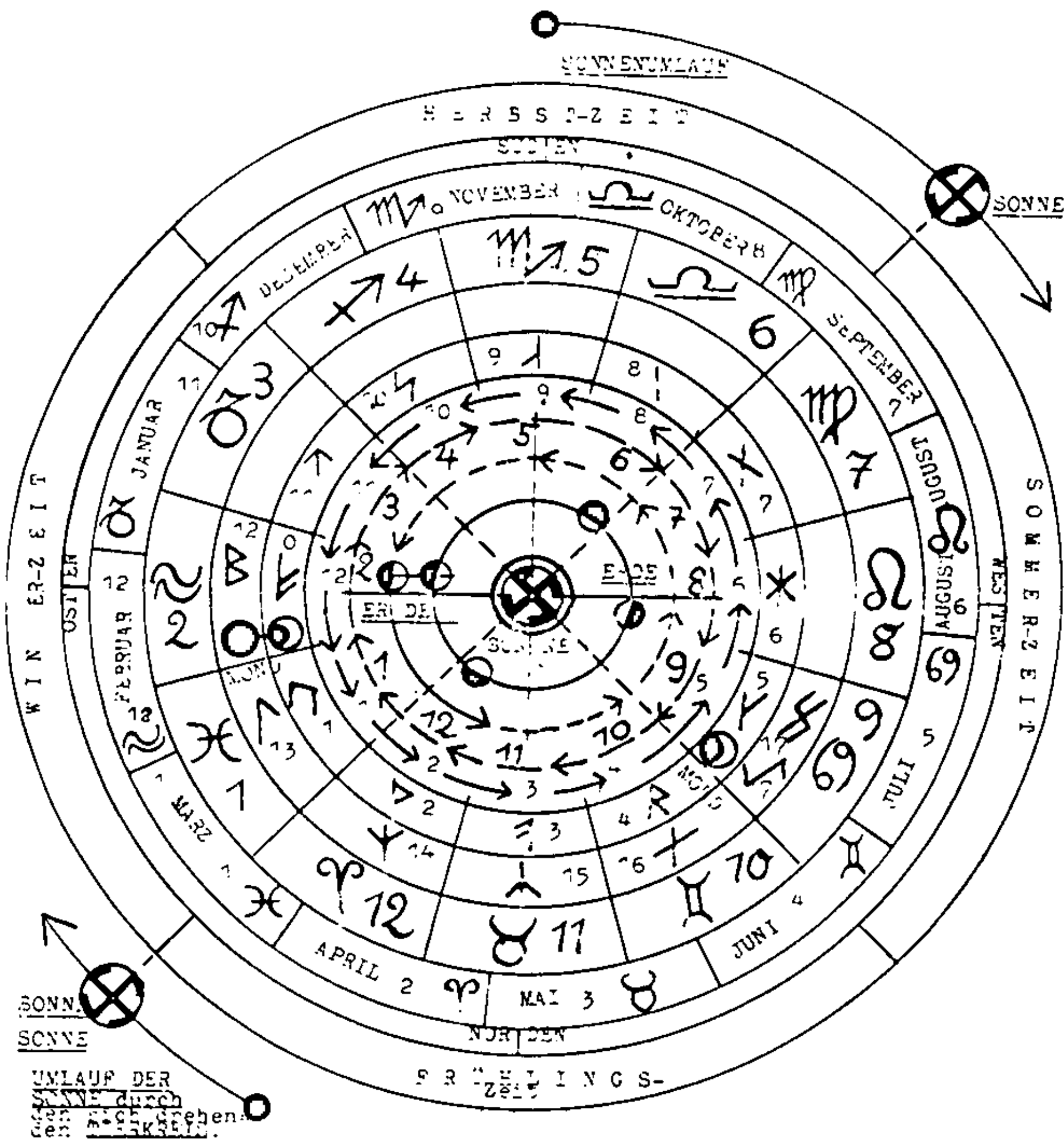


A Terra exterior. A crosta terrestre.
E a Terra interior, em "sincronia" com a Mitologia hiperbórea polar.



O número 8, a Estrela da Manhã, Vênus. Oiyehue, a "Rosa de Wotan", seu Cavalo Sleipsner, de Oito Patas. Os Oito Caminhos da Libertação budista, e as Runas.

Este é o nosso nacionalismo, o único possível. Um nacionalismo pela nostalgia contida nesta terra. Também foi o do mapuche e o de Pedro de Valdivia, o do Padre Mascardi e do Padre Menéndez, de todos os que buscaram a Cidade dos Césares e pereceram na tentativa. Qualquer outro nacionalismo carece de raízes ontológicas. A terra é um ser vivo, um gigantesco Ser, onde cada uma de suas partes cumpre uma função precisa. Quem nasceu no Chile deverá lutar, sem sequer sabê-lo, para transmutar este órgão planetário sobre o qual se encontra. E terá êxito para se e para esse "órgão" somente na medida em que cumpra com o Rito preciso, que oficie em seu Mistério. Então, a terra transfigurada, a sua terra, o seu Mapu, lhe permitirá a *saída*, que ele forçou com a espada em mãos, para alcançar o Cálice do Graal, pleno até a borda com o Licor da Ressureição e da Vida Eterna. Porque ele terá travado o combate. E entrará no *Valhöl*, na Cidade dos Césares.



Calendário Rúnico, dando a Porta de Saída do Eterno Retorno. O Sol Negro, a Swastika Levógira ao centro. Um Olho Negro.

López de Gomara escreve que no Sul da América houve um cacique poderoso, Leuchengorma, para o qual uma rainha amazona de mais ao sul, chamada Gaibomilla, pagava tributos. E havia uma ilha em um lago rodeado de sete vulcões, com um templo de mil sacerdotes. Francisco López de Gomara foi um escritor da Conquista, de grande imaginação, que deu nomes tão estranhos, como esse outro de Cari e que nada tem a ver com o idioma mapuche, nem sequer com o quíchua. Há aqueles que pensaram que o lago e a ilha dos mil sacerdotes puderam se referir à Ilha do Sol do Titicaca e aos sacerdotes dos atumarunas, de Tiahuanacu; mas os sete vulcões não encaixam nesta geografia. Somente mais ao sul, muito mais ao sul, pela Patagônia e a sua geografia sacra, convulsa, espiritualizada, seria possível encontrar uma ilha rodeada de sete vulcões. E esta tensão extrema, de sete cumes sucedendo um ao outro circularmente, é hoje o centro de acontecimentos mágico-telúricos e da reunião de Vimanas. Ali é possível captar uma melodia extraplanetária, uma música órfica, um diapasão de mais

além das esferas. Foi acolá, então, onde haveria existido esse templo dos mil sacerdotes, quiçá das sacerdotisas da Rainha Gaibomilla. Viajando pela Patagônia, acreditei haver descoberto essa região, marcada por troncos de árvores que reproduzem as formas das "Virgens dos Vulcões", como se houvessem sido esculpidas, talhadas. Na "solidariedade na natureza", o plasma extra-cósmico repete a sua memória. A natureza imita a arte.

Dissemos que nada sabemos sobre quem foram os habitantes originais deste mundo do Polo Sul. Um antropólogo português, Mendes-Correa, acreditava que os selcnam da Tierra del Fuego haviam chegado pela Antártica. Os mapas de Piri Reis nos mostram uma Antártica sem gelos. E Cosmes Indicopleutes reproduz uma terra que passa à Outra Terra, que vem de Outra Terra. A Espada, antes de ser desembainhada, antes de perder a sua *Bainha*, foi transitada por uma raça de gigantes. A lenda nos diz que estes gigantes, com o desaparecimento do Antigo Sol, não puderam resistir ao Sol Novo e se refugiaram dentro dos Andes, nas Cidades ocultas. Na verdade, acredito que os cumes dos Andes são os próprios gigantes petrificados, que dormem até a sua nova ressureição. E por um acaso eu não os vi? Andes, Anda, Homem-Total. A Cordilheira dos Andes é como a coluna psíquica desta parte da Terra, do Polo Sul, da antiga Hiperbórea. Por ambos os lados desta coluna correm os canais de energia cósmica, Ida e Pingala, Chile e Argentina atualmente. Para fazer ressurgir os gigantes, para despertá-los, ressuscitá-los, será necessário o trabalho esotérico em conjunto de ambos os "cordões" espirituais, de guerreiros chilenos e argentinos seletos, em uma espécie de integração, de "Boda Alquímica", consagrada pela Estrela da Manhã, Oiyehue. Uma luta entre ambos povos seria como se Ida e Pingala se destruíssem mutuamente, evitando para sempre toda a possibilidade de transfiguração da paisagem e da alma da terra, do Polo Sul, da ressureição do mundo dos gigantes e da passagem à uma Nova Idade.

A Grande Conspiração mundial do judaísmo luta denodadamente para acarretar esta catástrofe no Sul do Mundo, a guerra entre chilenos e argentinos, estimulada pelo Senhor das Trevas, com seus centros de poder nesta zona Sul-polar.

Os mapuches também sabiam dos gigantes e do seu mundo desaparecido. Os chamaram *Hatun-Runa*. Porque os gigantes foram os verdadeiros Senhores das Runas. Com elas foram capazes de levantar a Cordilheira dos Andes, cobrindo-se com o seu manto de neves para dormir e sonhar com o seu retorno, sob o Outro Sol.

Os mapuches chamaram à Cordilheira sacra pelo nome *Vire-Mahuida* e também *Piremapu*, Terra das Neves.

Por este caminho vamos, sobre o fio da Espada, os Ankahuinkas, os Iniciados do Condor, que pertencemos a um *Huilka*, ao Círculo dos Guerreiros do Mestre, que se chamava *Huilkanota*, marchando com dificuldade pelo glorioso caminho da fábula, *Rüpü*, como diziam os mapuches, em busca da Cidade dos Césares, de Trapalanda, do Caleuche, dos Oásis da Antártica, de Asgard, de Mitgard, em uma Meia-Noite que será um Meio-Dia. *Rangü Antü*.

A Estrela da Manhã

Em nenhuma parte do mundo é possível ver a Estrela da Manhã com a claridade impressionante do céu do Chile. Eu relatei como foi que me apareceu esta lanterna de luz profunda, umedecida, em um amanhecer antigo, ao receber minha Iniciação. Nunca

me abandonou, como se dali, do centro deste mundo remoto e insinuante, me estivessem chegando as mensagens que dirigem a minha vida espiritual. Vênus é a Estrela Dupla de Lúcifer, de Quetzalcóatl, de Wotan. É uma Estrela dual, pois também é o Astro Brilhante da Tarde. Impassível, se mantém alheia ao renascer e ao declinar da luz do sol de ouro. Anuncia a ressureição e o crepúsculo dos Deuses. Os mapuches chamaram Oiyehue de A Estrela da Manhã e Yepun de A Estrela da Tarde. Aparecia em seus emblemas e a bandeira do Chile a retrata, junto com as suas cores. É, assim, a Estrela Solitária do Chile, que vigia esta terra e a protege. Não existe outra estrela tão solitária como esta. Unicamente ela aparece antes de qualquer outra no céu, quase como um outro sol, para nos anunciar algo, nos amanheceres e ao cair da noite. E o que ela anuncia é um acontecimento espiritual desconhecido, uma mensagem, um segredo é preciso decifrar.

Dizem que a Estrela da Manhã é Lúcifer e também dizem que é Quetzalcóatl, a Luz mais Bela, a Coroa do Graal. Seu dia é a sexta-feira. O seu número é o 13; porque ela é um sol artificial; na verdade, é uma Porta para o Sol Negro. Por ali chegam as mensagens do Raio Verde; também entram para este plano de manifestação os seres de outros universos, os *divyas*, os Siddhas, no Vimanas. Por ali chegou o Führer, para encarnar por um curto tempo, e por ali ele voltou a partir. Por esta Porta também se foi o meu Mestre e é através dela por onde ele ainda se comunica comigo. É a Janela do Meio do Inka, de Huirakocha e Mama Occllo e é também o mundo de A-Mor, onde me espera a minha A-mada eterna.



Wotan-Lúcifer, a Estrela Dupla da Manhã. O Astro da Iniciação dos Guerreiros do Hitlerismo Esotérico. A Estrela Solitária do Verdadeiro Chile, da Pátria dos Ré-Ché.

Para os hiperbóreos do Polo Sul, Vênus-Oiyehue, é um signo extra-celeste. É a Estrela da Iniciação Guerreira, a Dona pela qual os Guerreiros de Wotan darão a vida, é a Walkiria que lhes espera mais além da morte, para lhes entregar a Taça do Licor da Imortalidade, se lhe foram fiéis até a morte. É o Walhala.

Assim os nossos ancestrais, os mapuches, invocavam os gigantes desta terra, a Estrela da Pátria Nupcial, da origem perdida, do Paraíso de Avalon, no exílio desta terra

dura do Novo Sol. Os Vigilantes do Alba, os Peregrinos da Nostalgia, os Caminhantes da Aurora, os Guerreiros da Ordem de Wotan-Lúcifer.

“Oh, Estrela da Manhã,
Oiyehue, Quetzalcóatl,
Lúcifer, Wotan,
Ir, Er, Irmin!
Envolve-me em tua luz
Profunda, umedecida,
Deixa cair sobre mim
Tuas pétalas de luz,
Como de um outono,
Dos céus,
Acompanha-me
Em minha guerra, em meus combates,
Para que um dia eu possa
Vencer e te vingar!”
Heil!

O Homem

Os mais antigos habitantes do País da Estrela da Manhã foram os gigantes; mas já se foram. Nossa missão é fazer-lhes regressar, junto com o continente submerso, com a Bainha da Espada; a Lemuria, a Hiperbórea Sul-Polar. Junto ao Outro Sol.

Os navegantes espanhóis e ingleses dos séculos XVI, XVII e XVIII, afirmam que na Patagônia e Tierra del Fuego se encontraram com uma raça de gigantes. Desenhos e gravuras destas épocas nos mostram marinheiros junto a alguns indígenas enormes, que lhes contemplavam do alto. Mas o dono desta terra, em tempos conhecidos da conquista espanhola, era o mapuche, que os inkas chamaram de araucano, que significa ‘rebelde’. Os espanhóis adotaram este nome de preferência, para se referir a este indígena que lutou fanaticamente por sua terra e sua liberdade.

O araucano, o mapuche autêntico, somente existiu entre os rios Aconcágua e Toltén. Também se encontravam os picunches, os pehuenches e, mais ao sul, os huilliches, estes últimos oriundos do Pampa argentino.

O huilliche é um índio dolicocéfalo. O araucano tardio, mesclado, involucionado, é braquicéfalo. O pehuenche é um mestiço da patagônia e mede um metro e sessenta e oito, mais ou menos. O mapuche, não media mais do que um metro e sessenta e dois. Os araucanos eram patriarcais, os pehuenches semi-matriarcais.

Tudo isso, repetimos, quando da chegada dos espanhóis e como média, já que há cronistas que afirmam haver encontrado entre os araucanos tipos completamente distintos, altos, de facções muito regulares e até loiros de olhos azuis. Seguramente assim foi o Cacique Kari, se ele realmente existiu. E há um termo mapuche que é estranho: Ré Ché, que significa “homem de sangue puro, real, gente da aristocracia”.

Há alguns anos eu tive a oportunidade de ver na televisão um homem araucano que afirmava que eles eram brancos e de raça ária. Me chamou poderosamente a

atenção e me fez recordar as afirmações de José Toribio Medina e Claudio Gay. Em "Los Aborígenes de Chile", José Toribio Medina escreve que "Um frade dominicano, Frade Gregório García, estudioso da origem dos índios do Novo Mundo, se referindo ao Chile, afirma que *os primeiros povoadores do país foram os frisões, ou habitantes do país da Frísia.* Dada a destreza dos navegantes frísios, não é difícil deduzir que os índios do Chile e mesmo os do Peru, descendem dos frísios, ou frisões". E, então, Medina cita Ercilla, recordando que a índia Glaura lhe assegurou que era descendente do antigo sangue da Frísia.

Por sua parte, Gay, em seus "Documentos", disse: "Os índios de Valdivia eram brancos e todas as suas mulheres eram bonitas".

Nem Medina e nem Gay conheciam a "Crônica de Oera Linda", onde se referem a um Rei-Marinho frisão, chamado Inka, que navega até a América e não retorna mais.

É provável que os araucanos tenham sido os atumarunas da civilização de Tiahuanacu, que perecera em uma guerra fraticida, ou na mestiçagem.

Ercilla teria coletado noções antigas através da sua informante, a índia Glaura, e nelas se inspirou para escrever a sua Epopeia "nórdica". "La Araucana", onde mescla voluntariamente uma série de atos heroicos com nomes de origem claramente germânica, como Fresia, a mulher de Caupolicán, que nada mais é que a Deusa Freya dos frísios, dos Ases e dos Vanes. Uma espécie de Walkiria Brunhilda, no poema de Don Alonso. Como a filha do viking Eric, o Vermelho, em Vinland, chamada Freydis, uma espécie de amazona, cujo furor guerreiro espantou os aborígenes. Fresia aparece com algumas destas características em "La Araucana".

O Conde de Gobineau afirma que as artes líticas, a poesia, a literatura, são um produto da mestiçagem com a raça negra. Mas o grande Poema Épico, a Façanha, a Poesia Cosmogônica e o Canto de bardos são o resultado da alma ária, nórdica, polar. Assim como a poesia dos Minnesänger. (Por isso, Ezra Pound os seus poemas "Cantos"). A literatura pela literatura, a arte pela arte, toda esta produção literária que prolifera do século XVIII em diante, e que se torna possível com a destruição dos cátaros, templários e Minnesänger, é obra do sub-humano, da mestiçagem, quando o negro predomina. Tem o seu centro de criação na França latinizada e se estende como uma mancha de petróleo através dos Oceanos: a novela, o poema, a ficção. São muito poucos os povos que inspiraram um poema épico, como "La Araucana", de Don Alonso de Ercilla y Zúñiga, guerreiro Minnesänger. E o Chile mereceu isto. Neste país não floresceram os literatos, os versificadores, até o final do século passado e com abundância no atual. Foi um país sóbrio, nos atreveríamos a dizer ário, de historiadores e de apenas um poema de façanha, "La Araucana".

Há quem tenha dito que este não é um poema épico, senão que histórico, "porque os fatos que relata carecem de projeção universal", devido ao remoto rincão do mundo onde os mesmos aconteceram. O raciocínio é típico da classe acadêmica. Ao meu entender, "La Araucana" pode ser comparada até mesmo com "El Mío Cid"[29], e, apesar de sua carência de simbolismo esotérico (ainda que não é certo que não o

[29] N. do T.: 'El Cantar del Mio Cid' é o poema épico espanhol preservado mais antigo. O medievalista espanhol Ramón Menéndez Pidal incluiu o "Cantar de Mío Cid" na tradição popular denominada *mester de juglaria. Mester de juglaria* refere-se à tradição medieval de acordo com a qual poemas populares eram passados de geração a geração, sendo modificados no processo. Estes poemas eram cantados em público por menestréis (ou jograis), os quais executavam a composição tradicional diferentemente de acordo com o contexto da performance—algumas vezes modificando os poemas épicos que contavam, ou os abreviando de acordo com a situação.

possua), com *Die Nibelungen*. A influência muito debilitada de Tasso não lhe favorece. Felizmente, está presente em alguns poucos versos que permanecem fora do argumento do grande poema, por se referir a temas europeus, tendo sido omitidas da edição de 1888, comentada e analisada por Abraham König, alemão do Chile.

É bem possível que Ercilla também tenha feito uma tentativa de "*trobar clus*", isto é, em código. E que este código esteja presente em muitos dos nomes que utilizou. Também Gay acredita que o nome de Fresia tem a sua origem em Frísia, frísio, etc. E Fitón, o bruxo, o *machi*, o mago araucano do Poema, seria uma forma arcaica de Píton, a serpente mítica (Kundalini?) que ao ser morta perto de Delfos por Apolo, o Deus hiperbóreo, serve para cobrir com a sua pele o trípode da pitonisa, que por sua vez toma o seu nome de Píton ou Fitón, que também é Frisão.

Nós não afirmaremos que o araucano é um branco ário; mas sim que o ário que chegou até este extremo sul da Terra, em tempos muito remotos, certamente em busca dos seus ancestrais gigantes, após o desaparecimento de todo um mundo, se mesclou com um povo mongólico que aqui se encontrava ou que chegou depois dele. Se foi um frisão, se foi um viking, ou um hiperbóreo, ou um troiano, já não é possível dizer com certeza; mas, foi um branco que, novamente, cometeu o "pecado racial". E a índia Glaura teria razão ao assegurar Ercilla que seus antepassados foram os filhos da Frísia norte-polar. Os araucanos nos asseguram que eles descendem de homens brancos e loiros. É extraordinário chegar a saber que eles tenham utilizado a palavra sagrada OM, esse mantra ário hiperbóreo, que perdura na Índia e que os indo-ários levaram até o Egito com o seu Deus do Sol Negro: Amon Rá. Amon vive de OM e, dali, judeus e cristãos derivaram o "amém", que é OM. É esta a formulação em código para AUM; a trilogia esotérica hindu, que repete a de Wotan, Thor e Tyr.

Assim como os peles vermelhas da América do Norte, o araucano seria um resultado racialmente involuído de uma mescla. Guarda a sabedoria antiga em uma parte cada vez mais estreita da memória do seu sangue. Eles também amam a poesia das façanhas, a que chamam por *Ull*. Sua coragem e práticas guerreiras, seu patriarcado, seu respeito pela mulher e seus filhos, sua medicina de ervas, seu culto pela árvore sagrada, a canela e o louro, pelos montes e vulcões, pelos rios e pelo bosque, sua herança ária. O *Führer Prinzip* está preservado na instituição do *cinchicona*, como já vimos. Não é que o araucano seja um índio distinto, em sua essência, dos outros do Império Inka; apenas que a sua mescla teria variado em termos de suas proporções e componentes. O mais provável é que os "pais" do povo tenham sido atumaruna ou um ário de sangue puro, um *Ré-ché*, que então se mesclou fatalmente com os mongóis em sua descendência. Sendo assim, quando da chegada dos espanhóis, a raça ainda permanecia mais limpa e o "elemento nórdico", como diria Günther, estava preservado ainda predominando, ao menos no sentido histórico da vida e da morte. E é esta a razão pela qual Ercilla tenha ficado impressionado ao ponto de falar sobre o araucano de maneira similar à como poderia tê-lo feito em relação a um grego de Esparta, ou um germano antigo.

Entretanto, um cronista, Frade Reginaldo de Lizárraga, fala muito mal dos araucanos. Disse que "o capitão do inga chegou até Santiago de Chile, e doze léguas mais adiante, e vendo-os tão bárbaros os chamou em sua língua pelo termo *purun auca*, que significa 'índios barbaríssimos'. (De *auca* derivou *ar-aucano*). São grandes preguiçosos, as mulheres trabalham em tudo o que é necessário; sem lei e nem rei. O mais valente entre eles é o mais temido. São desonestíssimos. São grandes feiticeiros.

Suas consultas são nas bebedeiras, muito frequentemente. Levam para ali as suas armas e se matam facilmente. Não têm os dedos de frente, o que é sinal de gente traidora e bestial, porque os cavalos e mulas estreitos de frente o são. Não sabem perdoar a raiva, razão pela qual são vingativos em alto grau; não creem que há morte natural, senão que violenta, e caso alguém morra é porque outro lhe deu, rindo, um bofetão ou punhalada, ou com um pedaço de pau, ou lhe arrancou os cabelos. Não creio que alguma nação tenha sido encontrada que não adorasse a alguma coisa ou tivessem um Deus, mas estes nem ao Sol, Lua, e nem as estrelas".

Esta visão oposta à de Ercilla, devendo, todavia, não ser desdenhada em absoluto, já que corresponde em muito à maneira de ser do povo baixo do Chile. Essas más qualidades se encontram vivas ali, como já enfatizamos, podendo corresponder ao elemento mongólico, selvagem, sub-humano do animal-homem, do escravo da Atlântida, com o qual se mesclou o ário branco, o frisão, o atumaruna, assim como as qualidades deste último, que vieram à tona na guerra com o espanhol, foram as que Ercilla cantou e admirou. Também é possível que o Frade Reginaldo de Lizárraga esteja se referindo aos picunche, confundindo-os com os araucanos.

Das más qualidades da mestiçagem índia com o espanhol nos dá também um relato o Conde Hermann de Keyserling, em seu livro "Meditações Sul-Americanas". Encontra no chileno características das tribos fino-ugrianas das estepes da Ásia Central e uma feiura básica no homem e em todas as suas expressões, especialmente simbolizadas no grito patriótico de "Viva Chile, m...", onde se mescla o nome da pátria com a escatologia. Keyserling assistiu a uma festa de aniversário nacional, um 18 de setembro, e viu os estabelecimentos e as folhagens daqueles anos vinte, ficando impressionado pelo espetáculo das bebedeiras e do culto à feiura nos desalinhados, no baile nacional, nas expressões cropolálicas das canções. Rapidamente estralava a violência e os homens se apunhalavam em meio ao tumulto generalizado.

Em tudo isto haveria uma certificação do que foi escrito por este longínquo Frade de Lizárraga. Também Keyserling encontrou na mulher chilena uma grande semelhança com a japonesa. E aqui destaca na crioula de classe média-alta e da aristocracia a sua delicadeza e diferença com o homem. Também se torna enfeitiçado pela beleza da sublime paisagem, contra a qual o homem parecia haver se reagindo polarizando-se no "feismo" e em ações vandálicas contra o bosque e a árvore. Mas isto somente no mestiço contemporâneo.

O índio araucano, que lutou e se mesclou menos com o espanhol, era ele mesmo um produto mestiço, onde o hipotético sangue branco aportou esta bravura, este sentido heroico e guerreiro da vida, e nada mais; pois cultura e civilização este já não era capaz de criar. Unicamente tiveram que se lembrar e esquecer daquela que seus antepassados tiveram, por algum resquício da sua herança. A forte preponderância dos elementos finlandeses (amarelos), mongóis, ugurianos, onde o amarelo e o negro impedem qualquer criação de ordem mais alta, lhes impelia a estes estalidos de autodestruição, que somente na guerra eram sublimados, encontrando uma direção do lado de fora, uma expressão que alivia uma tensão insustentável. Como o eco bem remoto de uma sinfonia polar, subsiste e perdura o clima de epopeia ária, cosmogônica. E o tema ressuscita ao contato e ao choque do combate com o invasor, de algum modo semelhante aos mitos e lendas douradas da origem do tempo. E isto foi captado por don Alonso de Ercilla y Zúñiga, visigodo das Espanhas. Porque os guerreiros araucanos se adornam para combater, para morrer, como os soldados chilenos da Guerra do Pacífico,

que também se lavavam e vestiam as suas melhores roupas para iniciar o combate. Iam assim preparados para entrar em um Valhalla de heróis e Deuses, no que também acreditavam, com a memória de uma parte do seu sangue, para serem ali recebidos pelas valquírias e por Wotan.

Frade de Lizárraga se equivoca quanto à religião dos mapuches. Porque estes a tinham e muito mais pura do que em outros lugares do Novo Mundo. Toda a sua vida era marcada por um severo ritualismo, de maior semelhança com os índios da América do Norte do que com os outros povos sul-americanos. Talvez parecesse com a maneira de ser do Inka, e, ainda mais, com a *Weltanschauung* germânica, a concepção nórdica. Certamente era preservada nas camadas mais altas e mais puras, entre os Ré-ché, os nobres, “os não mesclados”, os “mapuches puros”, talvez nos “índios loiros e brancos” de Frade Gregório García e de Gay.

Os araucanos não praticavam sacrifícios humanos e concebiam um Deus superior, não representado: *Nguenechén*, espírito tutelar do povo. Era o Supremo *Pillán*, Espírito, Ser imaterial não antropomórfico, *Callvuñuque*, ou *Callvuchau*, Pai e Mãe Azul, andrógino, indiferenciado. É muito possível que para o araucano não tenha existido uma antiga raiz mítica em comum com a dos inkas e a dos atumarunas. O *Pillán* era uma espécie de espírito dos antepassados, de gênio tutelar. Lhe rendiam culto com o fogo e bebendo *pulcu*, *mudai*, ou *chicha*, uma bebida sagrada, junto à árvore *voigue* ou *vogui*, a canela, no bosque venerado. O *Nguillatún* era a sua cerimônia religiosa máxima. Com a bebida alucinógena dançavam e bebiam na taça mágica de pedra *rechricura*, ao mesmo tempo que era soada a *chruchruka*, ou *trutuka*, e o *kulchrun*, ou *kultrún*, junto com a *pivillka*, de som agudo. Havia uma pedra com alma, venerada pelo araucano (*quiastolita*, *andalucita*), uma pequena pedra, na verdade, que se encontra no Rio de la Cruz, uma espécie de amuleto, que ainda hoje é extraída, e que traz em si, gravada pela própria natureza, uma cruz escura que mais parece uma Swastika. O araucano desenha o condor estilizado em seus *ponchos* e a Swastika também. Acredita-se que teve um calendário venusiano, calculado pela combinação de números solares, lunares e de Vênus, que haveria traçado em suas mantas e cerâmicas, além de em tiras de couro.

A mulher era tida em grande respeito, como curandeira, conhecedora de ervas e de emplastros. A *Machi*, uma espécie de Norna dos germanos, mulher hiperbórea, com poderes de cura. Devia aprender desde pequena esta arte, conservando-se virgem. Ela ascendia o fogo com dois pedações de madeira, um brando e o outro duro; *domo*, fêmea, o primeiro, e *repu*, macho, o segundo. O Fogo mágico da tarde, *Cuchraltun*, era também *Marenpuantu*, uma das manifestações do Deus Supremo, *Nguenechén*, o Filho do Outro Sol, que concede a vida. As *machis* ascendiam a Fogueira, *Momoltún*. Os brindes sacros eram feitos em uma taça de pedra, *rechricura*, quando o fogo era aceso no ritual do Fogo, *Nguvantu*, quando *Antu*, o sol, morre. Também era oficiado junto a um altar de madeira, um tronco: *Rehue*. Os mantras dos brindes eram: “”*Llagpai*!” e “*Puam*!”. Portanto: “OM!”. O crepúsculo, *Nguvantu*, era a hora seleta do *Machitún*, cerimônia de reunião de *machis* para exorcizar e curar. A morte, *Lan*, não era um assunto natural, senão que algo acarretado externamente por um gênio maligno, *Huecuvu*, ou *Hualicho*, que era introduzido no corpo e que o *machi* ou a *machi* deviam fazer com que saísse, usando as doces ervas mágicas e as pedras milagrosas, *licán*. O número sagrado dos araucanos era o 12. A *machi* se vestia com trajes de cerimônia e usava uma espécie de cornalina vermelha, possivelmente uma ágata, como de sangue. Uma mulher jovem, a *llancañ*, soava a *pifilka* e a cerimônia era dirigida pelo *Dungulve*, uma espécie de

mestre de cerimônias, ou "tradutor" do êxtase da *machi*, como o foi o Eumólpida para a pitonisa na Grécia. Ramos de *voigue* são agitados e então o enfermo é coberto com estes mesmos ramos, dentro da *ruka*, uma estância de peles e ramos, onde foi aceso uma fogo central.

A cerimônia de iniciação da *machi* se chamava *Ngueicüreguen*.

Tudo isto foi visto como simples bruxaria por padres bastante ignorantes, com Lizárraga.

As pedras milagrosas eram as seguintes: *licán*, *catancura*, *pimunthue* e *chillanco* (de onde vem o nome *Chillán*). Esta última é uma pedra cristalina que previne a enfermidade. As pedras eram talhadas apenas parcialmente, para assim preservar intacto o seu poder. Um cachimbo era fumado para a limpeza [espiritual], *quitra*, com folhas maceradas que continham um alucinógeno desconhecido hoje em dia. As pedras, para o araucano, eram excrecências do céu e eram tidas em grande consideração, sobretudo de procediam de meteoritos.

Mesmo sendo dada tanta importância para a mulher, por seus poderes mágicos, assim como na Hiperbórea, a sociedade araucana não era matriarcal, e sim patriarcal. Esta evidência nos serve como contradição ao professor Wirth. Muito possivelmente assim também o foi na Frísia, onde as Mães, como as *Machis*, tinham a seu cargo a manutenção das Lâmpadas Sacras, sem que por esta razão isto signifique que a sociedade houvesse sido matriarcal. Foi ao iniciar a guerra contra o conquistador espanhol que o *Machi* teve que entregar a mulher à cerimônia do Culto mágico, para também ir combater.

O signo do poder do *Tolki*, como para os Inkas e os Ases germanos, era o Machado, construído com "a pedra que caiu do céu". Diziam que era impregnado de *mana*. Somente o chefe supremo araucano, *Lonco*, podia usá-lo. Por identificação, este passava a se chamar *Toki*, que significava machado, como vimos. *Nguentoki* era o dono do Machado de Wotan, do "Martelo de Thor". Se adornava com a plumagem sagrada, *Lipi*, com as plumas do Grande Pássaro dos Andes, o Condor, vigilante e companheiro de *Dehuiñchem*, homem dos cumes altos.

No Bosque, dentro do Círculo Mágico, *Chruhuerculén*, rodeado de 'copihues', (*lapageria rosae*), de 'pehuenes' (*araucária imbricata*), de 'coyanes' (*nothafagua oblicua*), de carvalhos araucanos de força mágica e de *voguis*, canelas, o *Lonco*, o *Toki*, inicia as suas invocações aos seus ancestrais mais remotos, seguramente estes Deuses Brancos, dos quais diz descender e que agora se encontram na Cidade Encantada, Trapalanda, dentro dos vulcões sacros, o *Tronador* e o *Lanín*. Primeiro escutará o orador sagrado, o *Nguenpin*, que deve pronunciar um discurso e fazer vibrar os mantras com grande precisão. Os araucanos davam muito importância à palavra, aos discursos – isto não sendo invenção caprichosa de Ercilla, nem reminiscência homérica – às alocuções guerreiras dos chefes araucanos dirigidas às suas tropas e aos seus inimigos antes de iniciar o combate.

Invocando os *Peñi-Epatún*, os primeiros ancestrais, o *Nguenpin* diz: "*Pom, pum, pum, mari, epunamun, animalhue, Peñi Epatún*!".

Então, o *Lonco* pode se dirigir, mas somente em pensamento, sem palavras, ao *Inominado*, ao *Informe*, *Nugenechén*, que habita uma Montanha sagrada no meio do Oceano e que, apesar de não ter forma, nem nada, também é branco, segundo nos conta o Frade Félix José de Ausburgo, ou de Augusta, um investigador do século XIX.

Toda a vida do homem e da mulher mapuche revolvia ao redor das cerimônias ritualistas, para beber *chicha* e o *mudai*, para comer o *ulpo* e o *curantu*, para se banhar nos rios e para adorar Antu, o Sol de Piremapu, dos Andes, do País das Neves.

Foi isto o que Alonso de Ercilla viu e conheceu. E talvez soubesse ainda mais, graças à esta índia Glaura, que havia sido uma Norna, uma Valquíria, descendente de mulheres frísias. Não podia dizê-lo abertamente, pois a Inquisição vigiava muito de perto a Grande Cruzada contra o Graal e os Deuses Brancos da América. E vimos que Don Pedro Sarmiento de Gamboa foi acusado de práticas mágicas e de feitiçarias, talvez por haver falado demasiadamente sobre a Atlântida, quiçá da Lemuria, continente que os indo-ários chamaram Zâlmali, nos Puranas. Por isto, Don Alonso "*trobou clus*" em seu poema épico "La Araucana".

Idêntica razão fará pensar que o cronista Francisco López de Gomara, ao falar sobe este lago no centro do Chile, rodeado de sete vulcões e com um templo de mil sacerdotes, de um cacique Leuchengorma e de uma rainha Gaibomilla, esteve ocultando símbolos herméticos com esses nomes, que ele próprio não seria capaz de decifrar. Gaibomilla pode ser Caimomilla. O "Diccionario Español-Mapuche", de E. Wilhelm de Moesbach, dá as seguintes interpretações: Cai = serpente; mo = de; milla = ouro. Sendo assim, Caimomilla seria a Serpente de Ouro. Isto é, o Fogo Serpentino, a Kundalini.

Longe estamos de pretender idealizar o aborígene mapuche. Já destacamos o seu outro aspecto negativo. Mas o mapuche de hoje não é nem sequer a sombra do que fora no tempo dos espanhóis, e menos ainda do que antes disso. Nada resta dele, nem sequer a memória do seu sangue. É um derrotado pela mestiçagem, mais do que pelo álcool e a guerra, como os guayaquis da selva paraguaia, antigos vikings atumarunas, brancos, ários involuídos em pigmeus, bastardeados com o mongol guarani. Também os paraguaios, com ancestrais vikings antigos, foram grandes guerreiros, como os araucanos.

Já nos referimos ao drama sórdido da mestiçagem e da involução. O mapuche dos tempos da Conquista era um produto do "pecado racial", de uma mestiçagem em decomposição. E o chileno vem a ser o resultado de uma mestiçagem das mestiçagens.

O Ré-Ché, o Ário Puro

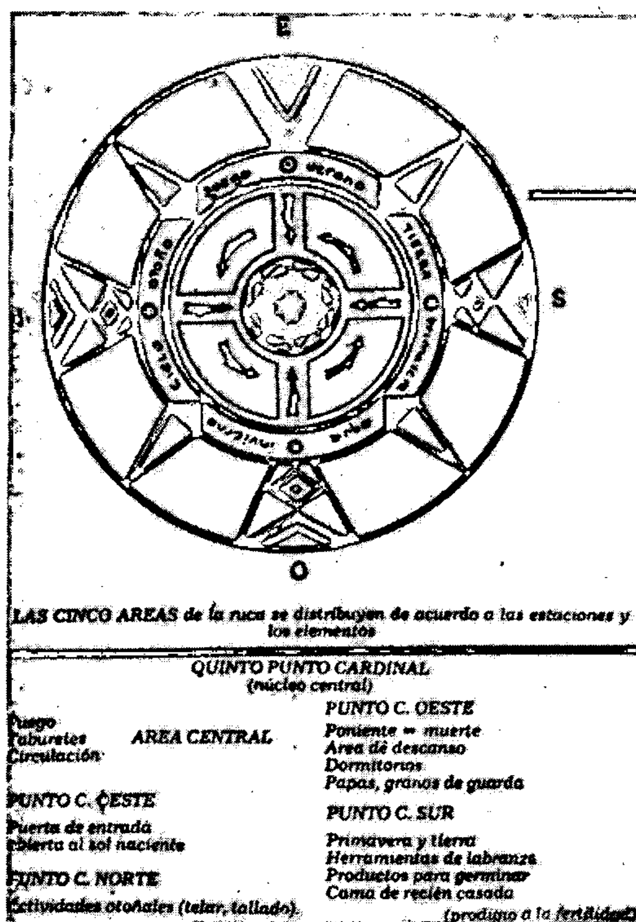
Com certeza, o Frade Reginaldo de Lizárraga está nos descrevendo os *picunche*, índios do Norte, já que o capitão do inga "veio até nós de acolá, de mais de doze léguas" em direção ao sul de Santiago. Isto seriam os *purun auca*; "os barbaríssimos", ou seja, os *calcu*, essa raça inferior de magos negros, que os *machis* araucanos combatiam exotérica e esotericamente. O termo "araucano" é de origem desconhecida e é mais moderno. Há a runa AR, de ário. O mapuche era o homem da terra de Chilhi, desta terra sacra e que ele habitava preferencialmente do rio Laja até o Sul. Em sua cosmografia, o mundo era fechado nos quatro horizontes por vertentes mágicas de águas invisíveis e subterrâneas, que somente de tempos em tempos se tornavam visíveis nos rios exteriores. O Laja era a vertente mágica, com suas imensas quedas-d'água. Na névoa produzida pelas cascatas, as plantas são humedecidas e adquirem extraordinárias propriedades medicinais.

O Inka não penetrou mais ao Sul, na terra inviolada do araucano, do Ré-Ché. Este nome misterioso lhe causava espanto, como também espanto lhe causou o espanhol. Porque era um guerreiro sacro, capaz de coisas inconcebíveis. Contam sobre os araucanos que foram feitos prisioneiros pelos espanhóis e aprisionados em jaulas para que ali morressem de fome – começaram a comer a si mesmos, cada um ao seu próprio corpo, curando as suas partes automutiladas com ervas cicatrizantes, que estes guerreiros sempre levavam consigo. Caupolicán, ao ser sentado em uma picota que lhe atravessaria de parte a parte, não pronunciou um gemido sequer até a sua morte. Nem tampouco Galvarino, quando lhe cortaram as suas duas mãos. Assim, sem mãos, continuou combatendo. Mas, os araucanos não eram antropófagos e nem torturavam os seus prisioneiros. Do inimigo admirado, comiam o seu coração, para assimilar o seu valor; do seu crânio faziam uma taça e de suas tíbias, flautas. Este haveria sido o destino de Pedro de Valdivia.

A guerra correspondia a um de seus ritos mais sagrados. Quando ela começava, toda a vida do mapuche mudava. O Cinche, o Toki, havia sido eleito, e este fazia com que o Machado de Guerra circulasse entre o povo combatente. A partir deste instante os homens entravam em total castidade, mudando a sua dieta por uma vegetariana. É a "dieta da cintura de formiga". O guerreiro reduz a si mesmo até permanecer com uma cintura muito estreita e um corpo de puro músculo e vontade. Desde este instante, as escolas de guerra tomam a preponderância, sobrepondo-se às dos machis. É explicável, então, que nos quatrocentos anos de guerra contínua com o espanhol, quase toda a tradição sacerdotal e mágica dos machis se perdeu, a mulher passando a substituir o homem nesta função, a qual foi originalmente masculina, mesmo quando o machi chegou a vestir roupas que os espanhóis por ignorância confundiram como sendo as de uma mulher. Eram mantos largos, parecidos com os dos sacerdotes odínicos (de Odin) com quem o machi tem muitos pontos em comum. Ademais, trajavam pulseiras como instrumentos de percussão, para afastar os seres malignos do ar, os *huécubos* (súcubos, íncubos). Tudo isto foi mal interpretado pelo espanhol.

Em seus próprios territórios o araucano não permitia a entrada de estranhos. O cacique Millacura mostrou a Pedro de Valdivia o ponto em que o Conquistador edificou a cidade de Santiago de la Nueva Extremadura, entre os dois braços do rio Mapocho e junto ao morro Huelén, que significa 'dor'. Por alguma razão, quiçá pelo nome deste morro, os índios não viviam ali. Aconselhados pelos *Machis*, eles escolhiam as suas regiões levando em conta as suas visões e conhecimentos das correntes magnéticas, as tensões elétricas entre mar, selva e cumes, os rios e os vulcões. Sobretudo, prestavam atenção às vozes das profundezas da terra, das fontes invisíveis. Seus povoados e *rucas* [moradias] eram construídas levando em consideração uma ciência sacra da arquitetura e do número. O arquiteto era um Iniciado. Para a construção da *ruca* circular – a maior delas podia abrigar sessenta pessoas – era aplicada uma combinação sutil de dezoito tipos de vegetais diferentes. O clima e a direção, o solo e as estrelas decidiam o seu uso. *Katanes* era como as *rucas* mais amplas eram chamadas. O arquiteto tinha que "conversar" com as árvores, com as que "podia cortar", entrando em uma estreita colaboração com o bosque, obtendo a sua participação. Não lhe era permitido intervir na vida da selva sem a sua permissão, e com um conhecimento sábio e profundo. O arquiteto era quase tão importante quanto o *Machi*. Havia sido iniciado em uma escola tradicional. Da *ruca*, o mais importante, além da sua orientação, era o piso de madeira. Representava o mundo circular, com seus *cinco pontos cardeais*: o oriente, o Sul, o

poente e o Norte; mas o quinto, estava abaixo e acima. O eixo. Isto é extraordinário, pois significa uma concepção polar, hiperbórea. O número cinco é o número do Polo, do Centro, do Eixo. As cidades araucanas eram levantadas sobre o eixo polar, no *medio lanum.* Daí o *Omphalo*, que para os araucanos era o *Rehue*. O piso da *ruca* reproduzia os quatro pontos cardeais, com um centro indicando a "Terra Oca", abaixo, e a Estrela da Manhã, *Oiyehue*, a origem da raça do *Ré-Ché*. O número oito das construções templárias e do Castelo do Monte, de Frederico II de Hohenstaufen. Esta estrela de oito pontos o araucano deve tê-la tomado do inca que, por sua vez, a herdou dos hiperbóreos atumarunas.



A ruca (ou catán) araucana e a sua concepção polar, com cinco pontos cardeais. Está orientada no movimento da Swastika levógira do zodíaco rúnico. Ao centro aparece a Estrela de Vênus, de oito pontas. (Este desenho e a sua descrição foram publicados em 1981, no Chile).

A mulher araucana servia os alimentos dentro da *ruca*, circularmente, partindo do Leste, da entrada da moradia. Seguia uma direção levógira, a da sua Swastika. Por ali entravam a luz e os hóspedes. Quando o sol se punha, as frutas, que deviam repousar, eram guardadas. É o outono, a água. O Norte é o inverno, a morte, o ar. O Sul é a primavera, o renascimento, a colheita. O centro é a ressureição mítica, a vida eterna, o Valhala. O centro imóvel da rotação, o Polo, as Cidades Encantadas da Terra Oca, a cratera do vulcão sagrado.

Também esse belo instrumento musical araucano, o Kultrum, foi construído como a *ruca* (eu escreveria *ruka*), em torno de um eixo central.

O investigador chileno, professor Carlos González, publicou recentemente uma descoberta extraordinária feita em um prato de cerâmica mapuche, com o calendário venusiano dos araucanos, os emparentando, deste modo, com os maias e os atumarunas. Esta descoberta vai contra a Grande Conspiração, e o professor González se arrisca a também ser incluído na Lista Negra e colocado em hibernação, no "ponto invernal do Norte".

Toda a vida do araucano estava integrada e em equilíbrio com a paisagem mítica, legendária, de Chilhi, *Shillen*, a Espada Mítica, que ele desembainha para uma guerra homérica. Todavia, repetimos, já não era capaz de criar uma civilização e nem uma cultura. A sua própria vida ritual e mágica já era nada mais do que uma lembrança involucionada, nostálgica, de um grandioso passado de Homens-Deuses. Dos Deuses Brancos.

Também em Arauco se repete o evento de uma casta ou minoria branca dirigindo uma comunidade mestiça. Isto com anterioridade à chegada dos espanhóis. Os cronistas não falam sobre os índios gigantes, loiros e de olhos verdes. E existem descrições de índias de uma beleza deslumbrante, de traços muito finos, de mãos com dedos compridos, de cabelos sedosos e dourados. Tudo isso quando ali ainda não haviam chegado os piratas holandeses que poderiam ter sido responsáveis por esta mestiçagem.

No museu El Vergel, da cidade de Angol, no Sul, se encontra uma belíssima estatueta de pedra iridescente, de mica negra (biotita), cimentada com quartzo ou talvez feldspato, de uma cor quase negra, de 122 mm de comprimento por 31 mm de largura. Representa um homem tipicamente ário, branco, com barba e coberto com uma capucha que era usada na Idade do Bronze nórdica, com um Irminsul desenhado, mais algumas runas sobre a parte alta da frente. Nas suas costas está incrustada uma quesa, como as que são encontradas nas tumbas dos inkas e que também usariam os atumarunas.

Certamente, o "establishment", o mundo acadêmico, não encontra nenhuma explicação para este "objeto curioso", como o chamam, nem aqui no Chile, ou na Suécia, e nem nos Estados Unidos, onde houveram consultas. Pretenderam atribuí-lo a algum marinheiro ou viajante nórdico – um pirata – do século XVIII, que chegou até o interior de Mulchén e que teria sido um escultor extraordinário, além de um "corsário" cultíssimo, conhecedor das vestimentas dos nórdicos de 3.500 anos atrás, além de da runologia e mitologia hiperbórea de Wotan.

O incalculável tesouro foi encontrado fortuitamente por um agricultor alemão do Sul, Francisco von Plate, enquanto arava o seu terreno em Mulchén. Ele a doou ao pastor metodista, Dilmann Bullok, que a colocou no seu próprio Museu de Angol, onde se encontra até hoje, sem despertar maior interesse, silenciada e ignorada pela Grande Conspiração.

Existiu aqui uma raça de gigantes belos e brancos, de ários puros, vindos não se sabe de onde, talvez de outros mundos, e muito anteriores aos vikings atumarunas da Tiahuanacu dos últimos dias. A eles pertencia este Cacique Kari, de quem também nada se sabe. Podem ter sido os sobreviventes remotos de um continente submergido no Pacífico, reis deste mundo e que também povoaram o cume que se salvou, a Ilha de

Páscoa, repovoando os restos da primeira Tiahuanacu. Muito rapidamente iriam se refugiar na Terra Interior, ou regressariam ao Outro Universo, reentrando pela Porta de Vênus. Os que aqui ficaram, pouco a pouco foram desaparecendo no drama insondável da mescla com o animal-homem, com os escravos da Atlântida e da Lemuria, com os robôs, com os inferiores mongóis e polinésios. Os demais serão devorados pela guerra. Rudolf Hess afirmava: "Somos contrários a guerra pelo fato desta constituir uma seleção em reverso. Na guerra sempre perecem os melhores, os de raça, os mais valentes". Os *Ré-Ché*. Quantos deles teriam desaparecido nos séculos de guerras de Arauco? Também o melhor dos visigodos espanhóis. "La flor de los Guzmanes", como diria Felipe II.

O araucano dolicocéfalo, loiro, branco e de estatura elevada, é o *Ré-Ché*, o homem-rei, o ário puro, o *Sonnenmensch*, o Homem-Sol. Ele constitui o verdadeiro povo e raça araucana, de AR-aucano, com a Runa AR, de Ário. É uma comunidade de raça superior e que se mantém – ou pretende se manter – pura em seu sangue. A iniciação do *Machi* era concedida unicamente aos *Ré-Ché*. O *Machi*, o *Guru*, recebia e iniciava apenas um discípulo em toda a sua vida. O escolhia de *raça pura* e levando em conta a sua constituição física e psíquica, demonstrando ser capaz de receber o ensinamento e de suportar as provas da iniciação, que duravam de sete a oito anos. O discípulo devia apresentar sinais físico de divindade, como nos merovíngios, ou em Buda, além de sinais psíquicos, estes correspondendo a um sonho ou uma visão. Eram "as Marcas do Destino" indispensáveis para a primeira etapa.

Em seguida, o *Machi* se isolava em uma caverna com o seu discípulo. A iniciação incluía também conhecimentos de medicina, de ervas e plantas medicinais, de cosmogonia, de teologia, dos pontos cardeais, da língua secreta, dos mantras e dos mudras, e seguramente das Runas.

A caverna era o templo da iniciação, sempre próxima da selva e da água de um rio sagrado. O ruído da água ou das cascatas do Laja servia como música hipnótica para produzir o transe no discípulo, já que toda a iniciação estava direcionada a uma máxima finalidade, a morte mística. Somente a alcançando o araucano, o mapuche, será um *Ré-Ché* de verdade, um *aryo*, um nascido duas vezes, um ressuscitado, um imortal. Então, estará pronto para subir os sete escalões do *Rehue*, o Tronco Sagrado, do Eixo do Polo Sul, do *Omphalo*, que será levantado no centro de uma planície rodeada por árvores sagradas. O *Machi* sobe e se instala, erguido, hierático, ne espera pelo transe, para começar a falar a língua secreta, que deverá ser interpretada e traduzida pelo *Dungulve* ao povo dos *Ré-Ché* e aos bailarinos sagrados, que rodeiam o *Rehue*.

Qual era esta língua? A invocação terminava sempre com '*Om!', 'Aum!',* e '*Pum!'.* E assim também eram invocados os antepassados, a linhagem, a estirpe hiperbórea, a raiz remota, mítica. É o *Epunamun*. Segundo o sacerdote Wilhelm de Moesbach, as invocações eram encerradas com o '*Ooom!'*: "Rei Pai, Anciã Rainha, que estás sentado em tua Mesa de Ouro, dirige o teu olhar protetor até nós, nos dê um bom tempo e chuva, não nos induza à desgraça... *Ooom!..."*. A invocação ao supremo *Nguenechén* dizia: "*Fucha huentru Lonco Milla Nguenechén"*. Ou seja: "Grande homem cabeça-ouro Nguenechén". Curiosamente, *Epunamún* também tem algo a ver com outra estatueta de pedra de uma divindade de duas cabeças, uma delas negra, e semelhante ao *Baphomet* templário.

O *Machi* resgatou o idioma e a condição original do Homem-Deus, do *Ré-Ché*: a linguagem que permite se comunicar com os animais, que os animais falam e entendem, as árvores, os pássaros, as pedras, os montes e até as estrelas. É uma *ponte*, um

Pontífice. Em meu livro "Ni por Mar ni por Tierra" eu relato o encontro em um bosque do Sul com um nativo da selva que podia conversar com os animais. Este idioma é diferente do *Ul*, que era usado apenas para o canto lírico e para a poesia.

O *Machi* se vestia com roupas indiferenciadas, porque representava assim o Deus assexuado, *Nguenechén*, *Callvuñuque* (ou *Callvuchau*).

Uma vez conseguido o objetivo final da iniciação, o jovem *Machi* está em condições de viver esta vida dupla do nascido duas vezes. Isto é, no corpo e no mundo astral, com o *Huaiyuhuen*, como o chamaram os selcnam, com o *lingâsarira* dos tântricos, com o *Eidelon* de Agripa. Ele já pode combater os *Calcu*, os magos negros e seus *huichalalwe*.

Tocamos aqui em um aspecto muito importante e que poderia ser a origem da confusão em que alguns investigadores caíram ao se referir aos costumes dos araucanos e às suas crenças e superstições. Confundiram as práticas de magia negra e bruxaria dos *Calcu* com a pura sabedoria e magia branca dos *Machi*. Correspondem à ciências e conhecimentos de povos e mundos opostos: os da raça pura e branca dos *Ré-Ché* araucanos, dos *Machi*, e o dos mestiços e bastardos mongoloides, dos *Calcu*. Estes últimos praticavam a feitiçaria com a ajuda de bebidas alucinógenas. Se colocavam assim em um estado no qual eram possuídos por um espirito do mal, um 'Huecufe', podendo então servi-lo. O *Calcu* se vale de um ser artificial por ele criado, uma espécie de robô ou zumbi, de golem, ao qual dá forma se valendo de ossos subtraídos de tumbas e da substância dos mortos que não seguem o Caminho que vai mais além das Estrelas, mais além do Rio da Via Láctea (o *Devayana*, o Caminho de Iring), senão que são tragados por uma baleia. Sua substância etérea segue apegada à tumba, e é por isso que o *Machi* acende ali uma fogueira até que tal substância seja dissolvida pela vibração do fogo. Contrariamente, o *Calcu* trata de se apropriar desta substância, para revestir o "osso mítico" e assim dar vida a esse ser artificial, que chamará de *Huichalalwe*. Tal ser tem ossos macios e adquire um movimento rotatório que é contrário ao dos redemoinhos do mundo. Por isto o *Machi* consegue descobrir que é um *Huichalalwe*, um ser maligno e mecânico, criado pelo *Calcu* para causar danos, enviando-o a distância. Contra o *Calcu* e seu golem lutam os *Machi* em seus combates astrais. É uma luta de magos brancos contra magos negros, os asuras do Polo Sul, os lunares turânios, os *Elementalwesen*, os seres de uma sub-raça inferior. É uma horda caótica e sem número. A ordem neste mundo, para o *Ré-Ché*, foi dada pelos números sagrados. Pelo 4, o 5, o 7, o 9 e o 12. Sobretudo, pela Estrela de Oito Pontas. Por Vênus-Lúcifer. E o Sol Negro da Meia-noite Polar.

Esta Estrela era o seu emblema e estava no estandarte dos *Ré-Ché* e dos *Machi*. Quando começou a "Guerra dos Quatrocentos Anos", os araucanos se submergiram nela, levando a Estrela de Oito Pontas nas bandeiras de suas tropas. O'Higgins, que, por ser oriundo do Chile, sempre respeitou o araucano, fez com que fosse coloca na primeira bandeira da pátria a Estrela de Oito Pontas dentro da estrela de cinco pontas. Com o tempo a mesma desapareceu. Enquanto não a recuperarmos, o Chile não será Chilhi, nem Shillen; não será a Espada Sacra. E enquanto não recuperar o Ré-Ché, o Ário Puro.

E como conseguir isto? Unicamente fazendo com que os Deuses Brancos saiam das montanhas onde se refugiaram, os Gigantes do meu sonho, do interior da Terra Oca, da Cidade dos Césares, do Oásis da Antártica, quando ressurgir o Continente do Espírito e for transfigurada a terra do Polo Sul, com o retorno do Führer dos Ários, dos Ré-Ché. O Último Avatar.

"Raça Chilena", de Nicolás Palacios

Segundo o Conde de Gobineau, houve três raças originais: a branca, a amarela e a negra. As outras são o resultado da mestiçagem entre elas. O Conde publicou o seu livro extraordinário "Ensayo sobre la Desigualdad de las Razas Humanas", em meados do século XIX. Nada parecido foi escrito antes, e nem desde então, exceto pelo livro de um chileno, ao qual nos referiremos a seguir. O Conde de Gobineau estava absolutamente só em seu século, com o pensamento liberal, igualitário, triunfante, a democracia e as ideias de Lamarck, pondo ênfase nas influências do mundo circundante e não nas predisposições hereditárias, tudo isto levando ao absurdo do igualitarismo, a orgia do humanismo. Ou seja, os seres humanos são todos iguais e unicamente vieram a ser diferentes em razão das influências distintas do seu mundo circundante. Disto para o socialismo marxista foi um mero passo, já que, nivelando as situações e colocando os instrumentos da economia nas mãos da classe operária, asseguravam que todos deveriam ser iguais, em uma sociedade de proletários fraternos. E eis aqui que Gobineau irrompe em meio a tudo isto com a sua concepção racial, aristocrática, da superioridade indiscutível da raça branca. É uma obra definitiva. A concepção de Spengler perde preponderância ao conhecermos a de Gobineau, que explica a decadência do Ocidente com a sua interpretação racial da história da humanidade. Sem chegar a elucubrar sobre a gênese das três raças fundamentais, [ele] chega a conclusão de que a raça branca é a única capaz de criar cultura e civilização, mantendo-se pura, ou mesmo no caso de uma mestiçagem dentro da qual o seu sangue predomine. Na medida em que a proporção amarela ou negra a superam, a civilização decai e morre. Devido ao esgotamento mundial das reservas brancas, a visão de Gobineau é pessimista quanto ao futuro da Terra.

Como prova da afirmação de Gobineau, cabe mencionar o caso da Russia. Depois que ali foi destruída a nobreza branca, de origem germana, durante mais de meio século de domínio bolchevique, com prevalência do elemento mongol no sangue, nenhuma cultura ou civilização foi produzida, nada novo, exceto por uma tecnologia copiada do Ocidente, barbarizada e tenebrosa. O império bolchevique se parece com o império turco; em século de domínio nada foi criado, havendo unicamente a imposição de uma presença física brutal.

O outro exemplo é representado pela nossa América. Depois de mais de cento e cinquenta anos de independência da Espanha, ela não foi capaz de sair do subdesenvolvimento material e espiritual, sem chegar a uma civilização, e nem mesmo uma cultura própria. O mundo do Espírito lhes é inalcançável. A sua produção artística é pobríssima, com literatos e versificadores, sem conexão com o mundo dos valores eternos, uma mera cópia, ou um fruto exclusivo da sensibilidade, da emoção e da paixão. Aqui não advém e talvez nunca advirá o Espírito. É absurdo levar a sério a explicação que pretendem dar sobre uma exploração econômica dos imperialismos e outras coisas semelhantes. Por que ninguém "explorou" a América do Norte, que começou a ser povoada e a se tornar independente da Europa quase que ao mesmo tempo que a América do Sul? Uma única razão: teria uma raça melhor; ao menos até recentemente.

Características da raça branca, segundo Gobineau, são a criação em todos os níveis, a retidão, a impossibilidade de mentir, um espírito religioso transparente, em igualdade perante seus Deuses, um sentido heroico da vida, um ânimo guerreiro e conquistador. E, ademais, patriarcal, podendo a mulher cumprir missões importantes na preservação do Fogo Mágico no lar e das Lâmpadas Sagradas nos templos. Uma reminiscência deste antigo Fogo são as velas que ao entardecer são acesas nos lares nórdicos e germanos, para acompanhar os jantares das famílias. Quando a luz do céu se apaga, a luz do ário é acesa. A mulher é venerada igualmente, porque no desenvolvimento das suas faculdades psíquicas ela colabora com o guerreiro iniciado, podendo manter as comunicações com os antepassados divinos da raça, além de ser a propagadora da espécie ária, com critério de seleção eugenésica. O sentido do matrimônio é também mágico. Está representado pela Runa EHE, como já vimos. A monogamia é preservada. Desde a origem existiria apenas uma mulher para apenas um homem. Apenas uma ELA para um ELE.

A raça amarela é muito inferior a branca. Carente de idealismo, ela se acha apegada ao material. Ela mesma afirma descender do animal, do macaco, segundo Gobineau. O negro não está muito abaixo, em condições bestiais; é passional, explosivo, produto do limo. Estas raças corresponderiam a o que aqui nos referimos como animal-homem, "filhos da terra", os robôs, escravos da Atlântida. Nenhuma destas duas raças (consequentemente, eu não as chamaria de "raças") pode criar e nem produzir cultura por si mesma. Da mescla do amarelo com o negro surge o mongol e o polinésio. O amarelo seria originário da América, assegura Gobineau, com critério diferente ao aqui sustentado e por não ter chegado a considerar a existência da Atlântida e outros continentes submersos. O negro, o seria da África. Nós já sabemos que o branco desce do Polo Norte, tendo chegado aqui de Outro Universo. Para Gobineau, também a civilização ária alcançou o mais alto nível na Índia védica, com a sua organização de castas. Dali foi ao Egito, para fundar as primeiras dinastias, e também à China.

É com os "filhos da terra" que os vindos dos astros se mesclam, os Nefilim da Bíblia, os Anjos de Enoque, os Vanes e os Ases dos Edda.

Da exposição de Gobineau, conclui-se que os húngaros e os finlandeses são mestiços do amarelo, que chegam à Europa vindos da Ásia, em sucessivas migrações, até que os finlandeses chegam a ocupar a Península Ibérica. O antigo íbero é uma mescla de amarelo e negro com branco. Algo semelhante é encontrado no basco aborígene: uma certa predominância finlandesa. E assim o será até a penetração visigoda das zonas bascas. Ainda que o basco diga que nada tem a ver com o nórdico ário, nas primeiras migrações hiperbóreas, em direção ao Sul, essa porção de território foi invadida pelos nórdicos polares, muito antes de que a infiltração visigoda ocorresse de fato. De nenhuma outra parte podem ter chegado os olhos azuis e o cabelo loiro de muitos dos indivíduos desta nacionalidade. A Swastika da água –卐Swastika hiperbórea – é o emblema nacional dos bascos, que a chamam de "Laburu". O resto pertence ao elemento finlandês materialista, usureiro e comerciante, ao estamento amarelo, anti-germânico e individualista-anárquico predominante. Por isto o basco carece de uma civilização pagã da proto-história, da qual poderia ter feito uso poderia houvesse se libertado do "cristianismo finlandês", de um Ignacio de Loyola, que tanto dano lhes causou. Não possui uma cosmogonia ária, como os germanos, os suecos, dinamarqueses e noruegueses. Á qual Knut Hamsun pretendera retornar.

O extraordinário tema exposto pelo solitário Conde de Gobineau foi retomado e aperfeiçoado pelos antropólogos e etnólogos alemães, aos quais temos nos referido neste livro e aos quais voltaremos a nos referir mais adiante.

O tema fundamental foi totalmente silenciado pela Conspiração, a religião e a política, pela ciência oficial e pelo liberalismo democrata, o igualitarismo marxista, a educação marxista, a educação universitária, o cristianismo e a maçonaria, as doutrinas e sociedades esotéricas, e pelo judaísmo que dirige a tudo isto. A família burguesa, de classe média e proletária, também o núcleo camponês em decadência, colaboraram na tragédia eugenésica da raça branca. De modo que, se atrever a tratar de um tema como estes hoje em dia é praticamente equivalente a um crime. Insensato será aquele que se atrever a se referir a ele.

Todavia, o tema não deveria ser algo de novo para os chilenos, porque nosso país é o único da América, e, me atreveria a dizer, do mundo (se Gobineau não houvesse existido), que dispõe de um livro e de um autor extraordinário: "Raza Chilena", de Nicolás Palacios.



O Doutor Nicolás Palacios

Antes de entrar plenamente em seu argumento, deveríamos fazer um esclarecimento, sem dúvida necessário, porque estamos no Chile e as novas gerações deste país às quais esta obra, que estamos escrevendo, pretende especialmente se dirigir. Somos bastante pessimistas quanto aos resultados, pois os erros cometidos pareceriam já ser irreparáveis. Esta obra é a de um racialista, e falar de raça no Chile, já sabemos, é como mencionar a corda na casa de um enforcado. Mas não é assim apenas aqui. Também é assim no resto do mundo. Deve-se entender, todavia, que não existe racialista que possa se vangloriar de pertencer à uma "raça pura". E que isto sirva de alívio para o leito, que assim não se sentirá excluído logo de início dos objetivos aos quais este livro tem como meta. Um homem de raça pura, um ário puro, *jamais falará de raça*, muito menos de racialismo. Nem sequer sabe que a tem. Unicamente *atuará racialmente* na reprodução, escolhendo com instinto certeiro à parelha de sua própria raça, para procriar. É tolerante por natureza e olha os humanos com magnanimidade, demasiados humanos, de outras instâncias inferiores. Como veio a "pecar racialmente"? – Caberia perguntar a si mesmo. É possível que pelo fato de se encontrar em minoria e

em solidão, rodeado de povos de cor, como no subcontinente hindu, na América, na Ásia, na África. Certamente esta seria uma segunda ou terceira queda, sendo a primeira um evento ontológico, ao qual nos referimos em páginas anteriores.

Ser racialista é já não ter uma raça pura. Racialistas eram os alemães de Hitler e o próprio Hitler. Da sua equipe visível, nenhum poderia representar o ideal nórdico hiperbóreo. Por isto mesmo, tinham este ideal, para impô-lo às gerações do futuro, começando no presente com disposições que tornariam isto possível. Tampouco as estatuas gregas reproduziam o grego do seu tempo. Eram um ideal, um Valor pretendido, quiçá perdido. Do que se trata é de frear a involução, reiniciar o caminho retrógrado, em direção à Origem, à Hiperbórea, à Idade Dourada, à Paradesha. O símbolo se encontra na Swastika Levógira, que vai contra o movimento da Terra do Kaly-Yuga, de volta aos Homens-Deuses, à pureza da raça hiperbórea. E isto, passo a passo, subindo escalão após escalão. Os Hitleristas tentaram purificar a raça, o sangue, tendo por ideal o homem loiro, de olhos azuis. E estavam conseguindo isto, não somente no âmbito físico, como também no espiritual. A medida que nele avança, o ser se vê mais vulnerável perante o Inimigo, pois a sua ingenuidade e boa-fé são inermes ante a malignidade e a astúcia do mestiço e do mulato. E frente ao seu número imensamente superior. Todavia, o dever do herói é travar este combate para reintroduzir o fogo no mar do seu sangue. Nada deverá lhe deter, ainda que fracasse. Se trata de superar a entropia da mestiçagem, de purificar o sangue, à memória do sangue. De transmutar o *vîra* (que é mestiço de primeiro grau) em Siddha-divya, em super-homem, em Kaula, em Sonnenmensch, em homem do Sol Negro. Deste glorioso combate de heróis o chileno não deverá ser excluído, pelo fato de não ser de puro, nem ninguém que ainda possa travá-lo, se não desceu muito abaixo na involução da mestiçagem, se ainda escuta dentro do seu sangue as vozes da memória primigênia, de Hiperbórea Polar, dos atumarunas, dos visigodos, dos antepassados brancos do mapuche, dos Deuses Brancos americanos. E, sendo consumido neste fogo, se entrega ao combate da vida e da morte, para alcançar esta imagem-meta, a criação de uma desigualdade fundamental, de uma aristocracia biológica, por meio de uma higiene racial, de uma saúde e beleza hereditárias; uma “aristogenia”, a *kalok’agathia* dos gregos; *Adel*, nobreza inata dos germanos, vocábulo que deriva da Runa ODAL, de Odin, de Wotan. O Modelo Hiperbóreo, o Arquétipo Polar da beleza e da divindade do Super-Homem.

Lutar por Si-Mesmo e pelo seu próprio povo, pelas novas gerações, se é que ainda resta tempo. Ou seja, pelo Chile e pelos chilenos, como o fizera Nicolás Palacios.

No início desta obra nos referimos à tragédia que significou para as nossas gerações o falso ensinamento que nos foi dado em nossos lares e na educação das escolas e universidades, sobre o problema racial, a herança, a eugenésica e o matrimônio. Melhor dizendo, a ausência de ensinamento, através da imposição de tendências que vão contra a higiene racial, com a pregação do igualitárianismo, somente atenuado em parte com um sentimento absurdo de classe, que não era baseado em um diferença e nem superioridade autênticas, nas atuais circunstâncias do ciclo, ou recorrido involutivo racial do Chile.

Vamos agora nos concentrar na obra de Palacios, de cujas intuições e teses se serviu o historiador Francisco Antonio Encina, sem reconhecer tal fato. Muito o criticaram, também em seu tempo, entre outros Miguel de Unamuno, basco em quem predomina o elemento finlandês, visível em suas nebulosas “agonias” e contradições. Mas ninguém pôde comprovar erros claramente em Palacios, porque ninguém poderia

fazê-lo, tratando-se de um terreno tão pouco conhecido como o das origens do povo chileno, onde nos encontramos livres para fazer uso de qualquer hipótese. Nada se sabe da ante-história destas zonas. Vimos que até mesmo José Toribio Medina e Gay expressam ideias que o "establishment" declararia peregrinas, para dizer o mínimo, se procedessem de algum outro. A lenda e o Mito são os únicos escoramentos ou trilhas possíveis de serem percorridas. E mesmo aqui iremos pisando sobre terreno escorregadio. O ataque à Palacios foi levado à cabo por aqueles a quem a sua hipótese *não era conveniente*, por aqueles que até hoje têm por missão nos empurrar ao abismo. *Apenas foram verídicas, sem importar se são autênticas* para aqueles que desejaram e desejam nos salvar do desastre, mobilizando energias supremas e divinas, as únicas capazes de vencer a entropia racial da mestiçagem. *Para estes, seguem sendo absolutamente válidas*.

Neste país, onde nos colégios e nas universidades fazem com que os alunos leiam a falsificação do "Diário de Anne Frank", jamais se ensinou o "Raza Chilena" de Nicolás Palacios. E nunca, depois da sua primeira edição, voltaram a publicá-lo. Por que? Unicamente porque se refere ao tema da "raça" e exalta o godo, o germano? Sem dúvida. Mas há mais: *Palacios trata do problema judaico*. Já nos primeiros anos do século XX, de um modo visionário, Palacios fez aquilo que Gobineau, por desconhecimento our por haver lhe faltado valor, não cumpriu. Ademais, Palacios ataca o marxismo e o declara como sendo uma doutrina judaica, perniciosa para a "raça chilena".

Sem exagerar, e pretendendo unicamente ser objetivos, devemos afirmar que, qualquer que seja o futuro reservado ao Chile, este pequeno país – do "último rincão do mundo" (como já foi chamado) – foi um país especial, foi único. Que tenha sido possível escrever e publicar uma obra como "Raza Chilena" nos obriga a analisar a nós mesmos. Porque esta obra somente pôde ser concebida no Chile e em nenhum outro lugar, exceto na Alemanha, ou pelo próprio Gobineau, a quem bem poucos leram na França do seu tempo. Há uma extraordinária semelhança com um livro escrito muitos anos depois na Alemanha Hitlerista: "O Mito do Século XX", de Alfred Rosenberg, se parecendo com este até mesmo nos seus defeitos. Nada do gênero voltou a ser produzido em algum país americano, nem do Norte e nem do Sul. Esta obra se salva, a única, da sentença que déramos quanto à criação cultural neste continente. Me vejo identificado com o seu autor. Assim como com Pedro Sarmiento de Gamboa, me estremeço de emoção ao compreender a solidão e tristeza que embargaram os últimos anos de Nicolás Palacios, este homem genial, visionário e profeta. Nas marcas das suas pegadas vou colocando os meus pés, na direção de Antu, o Antigo Sol de nossos cumes andinos, guiado pelas velas que "em cada pedra sobressalente ele deixara acesa com os seus sonhos".

Talvez o título desta obra de Nicolás Palacios poderia induzir ao erro. Não creio que seja possível falar sobre uma "raça chilena". É certo que existe, ou existiu, um marcado "espírito nacional", influído pela paisagem desta terra mística; mas raça chilena não existe, nem nunca existirá. Um espírito especial e um isolamento geográfico, nos deram a ilusão de uma raça. O que há aqui, ou houve, é uma "mestiçagem parelha". Mas uma mestiçagem jamais produzirá uma raça, por mais homogêneo que seja em alguns estratos da população. O que ainda aqui é possível tentar é tentar sair da mestiçagem, se isto, todavia, fosse possível, sempre que não se tenha alcançado o "ponto de não retorno", para voltar a ser um ário, como já dissemos; sair da mestiçagem para

realmente alcançar à raça. A raça branca. Certamente que este objetivo é mais fácil em países como a Alemanha, onde o ário puro esteve al alcance das mãos, por assim dizer. Durante Hitler, se pôs em prática toda uma tecnologia sábia de limpeza e eugenética racialista. Entre nós, o problema é quase insolúvel nos momentos atuais. Se a Alemanha houvesse ganho a guerra, a situação no Chile seria outra, e para o mundo também. Agora vamos despencando no abismo. Contrariamente a Palacios, creio que a mestiçagem chilena, como toda mestiçagem, é má e se encontra já em plena decomposição, como a mestiçagem no resto da América e da Terra. Por isso, minha visão, como a de Gobineau, é apocalíptica quanto ao presente, já quase sem esperanças. O Kaly-Yuga deverá chegar ao sem fim.

A pura raça, hiperbórea, é um distintivo de divindade. O Demônio impeliu a mescla, opondo-se assim à obra dos divinos.

A raça branca foi possuidora do Vril e de uma condição especial para perceber o espaço em três e quatro dimensões, coisa que o animal-homem, o sudra dos povos de cor, não possui. A possibilidade de recuperar aquelas características da raça branca original se tornaria efetiva unicamente através da "alquimia do regresso", indo para trás, com a mescla consciente do semibranco com o mais branco, por uma eugenética estrita nos matrimônios e na progênie, até conseguir o ponto exato da transmutação, onde tudo dependerá da magia ou do milagre da nova encarnação de um espírito que tornará realidade a recuperação do Poder perdido, do Vril e das qualidades da visão, que ainda existiam na Segunda Hiperbórea Polar.

A corrente dos tempos atuais, com os propagandistas religiosos e políticos da mescla em escala planetária, faz com que seja impossível falar sobre estas coisas no Chile, de modo que este país foi transformado em inimigo daqueles que ainda seguem lutando pelo cumprimento de uma missão superior para o herói, nestas zonas mágicas da Terra.

"Raza Chilena" é um canto à nossa nacionalidade, à mestiçagem chilena, que Palacios chama de "raça"; assim como "La Araucana" fora um canto à mestiçagem araucana, que também Ercilla concebeu como sendo "raça". Nicolás Palacios foi autor de uma das obras mais importantes da nossa língua, obra ainda fundamental para os espanhóis, se a conhecessem ou pudessem lê-la sem o seu obsessivo preconceito anti-gótico. Através daquela obra foi dada aos chilenos a ilusão de acreditar que podíamos falar de raça, coisa impossível em outro país americano, incluindo o continente do Norte. Tampouco se pode falar de "raça espanhola". Por isso nos parece absurdo a celebração do "Dia de la Raza", em que são incluídos todos os povos hispânicos. À qual raça se referem? Ao bastardo americano ou ao bastardo íbero? Ao se referir a qualquer destes conglomerados, somente é possível falar de "povo".

Nos parece que Encina difere de Palacios no que concerne a mestiçagem chilena, que para ele não é algo bom.

Segundo Palacios, a "raça" chilena é mestiça de dois componentes parelhos, que ocorrem como constâncias. Sua homogeneidade teria sido em razão da existência de não mais do que dois fatores sexuais, sempre idênticos, o homem godo e a mulher araucana, ou mapuche. É possível assim inferir uma mestiçagem contínua, pelo menos até o início deste século, onde começa perceptivelmente a ser alterado o equilíbrio dos componentes em benefício de um deles, o mais numeroso da raça inferior e de cor; o que se torna visível com a proximidade do final deste século XX.

Eis aqui onde a tese de Palacios falha em sua base, porque o visigodo das Espanhas não se mesclou fundamentalmente com o araucano, com o Ré-Ché, cujo núcleo se encontrava no Sul, mas sim com os picunche, índios inferiores e mais bárbaros do Norte.

O processo de alteração do equilíbrio em benefício do fator indígena inferior, de cor, está sendo fortemente favorecido pelos cuidados higiênicos e cultural-sociológicos, em benefício dos impedidos, os mongólicos e as camadas mais bestiais e racialmente inferiores, em detrimento e descuido das instâncias brancas, semibrancas e de melhor raça deste país. E é lógico que assim seja, existindo um preconceito secular com respeito à ciência da eugenética e da procriação. Tudo isto é propiciado pela demagogia dos direitos humanos, da igualdade de todos os homens, da democracia e da votação secreta e universal. O voto das maiorias passa a ser começa a ser cobiçado e conseguido com toda espécie de adulações, mesmo nas ditaduras de cunho liberal-capitalista, individualista, que também precisam de plebiscitos e do consenso, por exemplo, contra o marxismo. Se trata de uma "briga pela clientela". É a civilização das massas e da confusão, no crepúsculo do Kaly-Yuga.

Um *Estado Racial Chileno*, este sonho utópico, somente poderia ser obtido com a esterilização dos criminosos, do *lumpen*, dos alcoólatras e daqueles com enfermidades hereditárias, ao mesmo tempo que com uma política de cria eugenética nas camadas mais baixas da população, onde se trataria de ir "branqueando" os seus representantes, cada vez mais e no possível, já que, entre eles se encontram também mulheres e homens que ainda conservam (e até melhor do que nas classes altas) a pigmentação gótica, os olhos azuis e o cabelo loiro ("cinza", dizem por aqui). Os próprios araucanos possuem frequentemente traços mais finos e regulares do que o mestiço inferior do nosso povo, das populações marginais e dos desgarrados da área rural tradicional.

Deve ficar claro que o que se almeja com as práticas da eugenética não é arriscar o empobrecimento biológico de uma raça superior na mestiçagem com outra inferior, senão que trabalhar dentro do âmbito exclusivo de um determinado conglomerado já pré-existente, como no caso do Chile. Aqui se buscaria o melhor para mesclá-lo com o melhor e, uma vez conseguido um ótimo resultado, somente então seria possível sair do círculo próprio, em busca de outras possibilidades ainda melhores, o que seria possível com a imigração, sem arriscar empobrecer racialmente o imigrante. Segundo Palacios, o imigrante que corresponde ao Chile é o germano; o que já trouxe excelentes resultados em cem anos de colonização no Sul; mas que nos últimos tempos está mostrando sintomas claros de esgotamento e desmoralização, por carência de reforços nas estirpes e pelo trabalho sinistro do judaísmo, infiltrado em todas as decisões governamentais, dirigido a minar a base agrícola na qual aquela valiosa imigração estava fundamentada. Sangue e solo!

A novidade da obra de Palacios não mira tanto o araucano quanto o faz em relação ao godo, termo genérico no qual inclui os visigodos, os suevos, vândalos, alanos e ostrogodos, que conquistaram toda a Europa com a desintegração do Império Romano. Entraram na Espanha, como vimos, por volta do século V e permaneceram por mais de trezentos anos, sobrevivendo à conquista da Península pelos mouros. Eles foram a reserva racial e guerreira que enfim os expulsou.

Repitamos que "godo" vem a ser *Gott*, *Deus* em alemão, que por sua vez vem de *Gut*, bom.

Com os godos substituindo o Império Romano, a língua latina é substituída pelo romance, que em todas as partes é uma mescla de latim com germano, na França, na Inglaterra, na Itália, no Languedoc, na Catalunha e nas Espanhas. Unicamente o *éuzkara*, o idioma basco, não sofre tal destino. O livro de Palacios nos dá exemplos interessantes sobre a influência do idioma germano nas palavras chilenas, que acreditavam derivar do mapuche. A filologia deveria ser considerada, em propriedade, de uma vertente da etnologia, já que são os nervos faciais e os centros cerebrais aqueles que influem na formação e pronúncia das palavras. Aos godos lhes é quase impossível pronunciar o "d' e o "s". Eles os "comem", o mesmo ocorrendo com o provençal gótico e por idênticas razões etnológicas. Os chilenos também são acusados de "comer" o "s", sendo que diziam que isto era culpa do conquistador andaluz, quando na verdade foi do conquistador visigodo. Assim, palavras típicas do nosso folclore, ou da fala diária, derivariam do castelhano-gótico, segundo Palacios. O godo do Cid escreve "Peiro" e "Pero, para dizer "Pedro", e "on" para dizer "don". Não pode pronunciar o "d". Também o huaso, o "roto", diz "on Peiro", "San Isigro", para "San Isidro", "deo" para "dedo", "maire" ou "mairi" para "madre" ['mãe' em espanhol], "paire" para "padre" ['pai' em espanhol], "piera" para "piedra" ['pedra, em espanhol], como também assim o pronunciam os curicanos e colchagüinos. Não são erros, senão que arcaísmos góticos, originados na morfologia craniana do godo e ano no *andaluzismo* mouro, nem no *mapuchismo* das margens do Bió-Bió. É apenas ao re-latinizar o espanhol, através do esforço dos escritores e gramáticos de escritório e da influência eclesiástica, que a nossa língua perde o arcaísmo guerreiro dos godos. É simultâneo à re-imposição da etnologia anti-germânica, contribuindo para acrescentar o ódio por tudo o que é germano, com a calúnia e a inveja semeada pelas instâncias inferiores da mestiçagem. Todo o Renascimento e o humanismo são construídos fundamentados nestas instâncias fatídicas, geradas pelo cristianismo e por consignas sobre uma "escura Idade Feudal". Toda a superioridade germânica, aristocrática e guerreira, a nobreza de origem divina, visigoda, merovíngia, são temidas e invejadas. Entre nós, também o arcaísmo se transforma em "chilenismo". Mas "haigan", "taita", "frisca", "futre" ou "jutre", "guaso", são palavras derivadas do gótico. "Tranca", "pegarse una tranka" (ficar bêbado), vem de *trank*, "bebeu", em alemão. Já no "El Cordón Dorado" expliquei que o nome Buin, de um rio do Peru, de um povo e de um regimento do Chile, que carece de significado conhecido entre nós, é uma palavra indo-germana, tendo os seguintes significados: *Bole*, touro, em médio-alto-alemão; *bohle*, é vulva*;* *bolli* é vaso esférico, cálice, *graal*; *bolle* é botão de flor, de fruto, bulbo. Sendo assim, *Buin*, é um termo indo-germânico, que pode significar tanto 'touro', como taça do Graal. Existe um monte nos Alpes suíços de nome *Buin*, que levanta a sua forma ameaçante, parecida com a de um touro. Ali, em Grisões, se fala uma antiga língua romana, com os dialetos fruilano e triestino. A palavra *buin* não aparece em nenhum dicionário moderno da língua castelhana, podendo ter sido usada pelos atumarunas vikings – em regiões onde, contrariamente à crença, também ouve touros – para se referir aos touros, ou ao Graal. (Querendo significas "taça" e não *Pedra Graal*). *Bull* é touro em inglês, *bouef* em francês, e *bue* em italiano. A raiz em comum para *buin* é evidente.

Também a letra 'h' é introduzida pelo germano no idioma castelhano, porque em latim não ela não existe e tem a ver com a forma de pronunciar do gogo, com sons de sua garganta, mais do que com a influência dos árabes, como se acreditava.

Características dos godos da Espanha é a sua elevada estatura física e moral, são loiros, de cabelo encaracolado, de olhos azuis e pele branca, com barbas às vezes avermelhadas. Essencialmente guerreiros, estão sempre onde há combates, praticando um rígido código de honra militar e cavalheiresco.

A sua derrota para os mouros é bastante estranha e acredita-se ter sido mais em razão de rivalidades internas, entre clãs, do que deficiências em sua arte militar. Além da traição judaica, que facilita a entrada dos mouros na Península. Temos nos referido também a um misterioso mandato que os godos teriam recebido de um centro secreto no Báltico, uma Ordem Verde, hiperbórea, que os comandava e que teria lhes indicado a necessidade de desaparecer da cena exterior, para agrupar os mais seletos da raça em regiões interiores e remotas da Terra.

Os visigodos que permaneceram na Espanha são bastante numerosos. São divididos em clãs. Os mouros fomentam os seus rancores particulares, se aliando com um ou outro bando. Mas é um erro acreditar que os visigodos se acabaram na Espanha. Foram arrianos; cortados já há tempos das raízes das crenças dos seus ancestrais nórdicos – agora serem cristãos ou muçulmanos dá no mesmo. Convertidos à força ao cristianismo, por Bonifácio e Carlos Magno, tendo perdido a Odin, a Wotan, para eles seria igual aceitar a Maomé ou a Jesus. O germano não é monoteísta, mas sim politeísta em sua essência.

Ademais, devemos nos perguntar quanto á origem dos invasores mouros (maorí, Mo-oru, etc). Os vândalos que foram expulsos da Andaluzia pelos visigodos passaram pela África, onde teriam se encontrado com os resquícios hiperbóreos, seus antepassados "líbios loiros" e os güanches das Canárias. Os chamados "mouros", que invadem a Espanha, descendiam dos antigos númidas, não eram semitas, ou talvez corresse sangue ário em suas veias. Surge aqui uma nova pergunta.

Durante os séculos de dominação moura na Espanha, muitos deles o foram apenas em nome, como a dinastia dos Beni-Lopéz, de Zaragoza, visigodos convertidos ao islã. Palacios nos diz que a dinastia aragonesa dos Beni-Casi, que deu à Espanha reis e generais, era visigoda, como os Beni-Hacha, os Beni-Somadhi e os Todhbidas. Muza II, chamado Terceiro Rei da Espanha, era um visigodo da Casa dos Beni-Casi. Combateu por igual aos mouros, aos cristãos e aos franceses. Algumas das mais nobres famílias pseudo-árabes conservavam os velhos nomes godos, apenas dissimulados, como o de Mohamed-Ibn-López, já citado, Abdallah Pedro Seco, Beni-Gómez, Beni-Fernando, ou Beni-Fernández, etc.

Aos godos lhes interessava especialmente preservar a pureza do sangue, todo o tempo que pudessem. O demais não era fundamental para eles. Na Espanha se mesclam pouco, até o momento do seu desaparecimento certo, sobrepujados racialmente pelo aborígene ibérico, de ascendência finesa-amarela e negro-africana.

É no Norte da Espanha onde é iniciada a Reconquista, sendo germanos os reis e chefes militares, como El Cid. A monarquia visigoda Astur dá o nome à Astúrias, região de onde parte a Reconquista. Astur (Arkthur, Arturo) é *arkthos* = urso. Polo Ártico = Polo com Urso. Polo Antártico = Polo sem Urso. O primeiro assinala também a constelação da Ursa Menor e a Estrela Polar, que é atravessada pelo extremo da Coluna que neste Polo sustenta o hiperbóreo Poseidon-Atlas-Hércules, na mítica Thule, capital da Hiperbórea. Assim, Astúrias também faz referência, na geografia sacra da Espanha, ao legendário continente desaparecido no Norte e ao ciclo graálico do Rei Artur, ou a

Dinastia Astur dos visigodos. De novo esta misteriosa “coisa”, “tesouro”, tradição nórdica, trazida à Península pelos *Weisegoten*, os Deuses Sábios.

A nobreza espanhola foi criada partindo dos visigodos, até a sua corrupção e decadência. Os “hijosdalgo”[30] foram visigodos, o vocábulo sendo derivado do germano, como contração dos radicais “hi” do “got”: “filho do godo”. Na verdade, “filho de um Deus”. Os nomes patronímicos, muitos dos quais o marrano depois se apropriará, Como Pérez e outros, têm sua origem na organização patriarcal visigoda, onde somente o pai conta: Filho de Pedro, ou Peiro. Ao se sobrepor, então, o matriarcado das raças inferiores ibéricas, com a sua mestiçagem aberrante, a mulher introduz as suas reformas, o seu nome também passando a contar, incluindo os dois sobrenomes, estratagema que rapidamente leva a supressão do nome do pai. Enquanto fui um diplomata, tive que remover dos meus documentos oficiais o nome da minha mãe, porque em outros países, exceto pelos de língua castelhana, sempre acabavam por me nomearem pelo último nome escrito, ou seja, o materno. Na decadência dos visigodos, o costume ibérico também foi imposto ao Chile.

A conquista militar da América foi realizada pelo elemento germano, visigodo, da Espanha. Unicamente com uma raça assim temperada pôde ser cumprida a exploração e a guerra. Os “Adiantados” foram os germanos da Espanha, esses aventureiros que desde longe farejavam o combate, ansiando por riquezas, é certo, mas ainda mais por honra e glória. Foram assim usados para cumprir outros fins que eles desconheciam, porque já não eram os donos da política e nem das finanças, tampouco da filosofia, e nem da religião. Alguns deles saberiam, sim, que no Novo Mundo se encontravam os seus ancestrais, guardando o seu “tesouro”, o Graal. E aqui vieram buscar as Cidades secretas e o licor da imortalidade. Muitos poucos, certamente.

A Conquista da América foi missão fácil para estes guerreiros, exceto por um ponto, no Sul quase polar, em um espaço estreito, entre as altas cordilheiras e o mar bravio: Chilli-Mapu, Chilli, de Schillen, uma longa espada de território, que foi desembainhada para combater o invasor até a morte.

A guerra da conquista do Chile custa aos germanos vindos da Espanha mais do que o dobro dos mortos do que na conquista de todo o resto da América. A guerra se estende por quatrocentos anos. Felipe II, Rei da Espanha, germano ele próprio, afirma que “o Chile lhe custou a flor dos seus Guzmanes”. Guzmán é um nome germânico composto. *Gut* é bom, em alemão, e *Man* é homem: homem bom. E é curioso fazer notar que os cátaros do Languedoc, no Sul da França, chamavam os seus adeptos *Bon-hommes*, isto é, homens bons. Também “guzmanes”. Todo o Languedoc e a Provença foi visigoda, como a Catalunha e as Espanhas depois.

Ercilla, visigodo de corpo e alma, vem a combater no Chile, em busca de glória e quiçá de algo mais; mas não pôde permanecer, em razão de diferenças com o seu chefe, as quais quase lhe custam a vida. Chega aos vinte e um anos de idade e participa de todos os combates, até a sua partida forçada. Escreve durante a noite, à luz de fogueiras, como o fizera nos gelos do Antártico, nos primeiros tempos das expedições até o Sul polar. Cervantes, esse outro escritor guerreiro, citará “La Araucana” de Ercilla em “Don Quixote”. Ercilla foi inspirado pelo fumo azul, de *paine*, que as almas dos heróis, os *pillanes*, projetavam além dos altos cumes dos Andes. “La Araucana” foi escrita junto às fogueiras, com o disparo dos arcabuzes, a confusão e o trovejar da guerra de Arauco; no entrechocar-se das armas dos bandos guerreiros que combatem um ao outro sem

---

[30] N. do T.: Termo em espanhol usado para se referir a um homem que pertence à pequena nobreza.

piedade, sem quartel, por vários séculos. Aqui vêm unicamente os soldados, os heróis, os poetas, que como Ercilla sustentam em uma mão a pena e na outra a espada. Aqui não chegaram os burocratas cômodos, os calígrafos ou os mercadores. Nada têm que fazer aqui. O próprio nome de "roto" ['quebrado'] se torna genérico para os do Chile. Se deve ao fato de que o guerreiro e fundador de cidades se vê isolado por anos, sem roupas novas, sem alimentos às vezes, lutando e semeando como um labrador, com as vestimentas velhas e "rotas". A vida é a de um acampamento militar, onde os chefes comem da mesma comida que aqueles da sua tropa. Este é o estilo que o chileno deveria ter herdado.

Os primeiros conquistadores de origem visigoda desembarcados nestas terras teriam encontrado, todavia, mais do que algum descendente loiro e branco dos antigos gigantes, dos Deuses Brancos. Mas a maioria dos habitantes da "terra exterior" da América eram os sobreviventes de uma grande catástrofe e o resultado de uma mestiçagem com os escravos da Atlântida, ou da Lemuria, em progressiva involução. Tampouco os conquistadores vindos da Europa eram sequer remotamente os hiperbóreos, nem sequer o visigodo original que entrara na península no século V. Os gigantes de um ou outro Polo já teriam sumido Montanha adentro. E se ainda existiam, assim o seria apenas nas cidades secretas, refúgios dos *Ankahuinkas* imortais. O guerreiro da Espanha chega ao Chile sem mulher. Por isto o seu troféu mais apreciado foi a índia araucana e em maior número o possível. A poligamia foi imposta de tal modo que Palacios nos conta sobre um saxão que tomou o nome de Ibáñez e teve tantos filhos que pensou em fundar um povo com os seus Ibáñez. Como dado significativo para a história do Chile é importante trazer ao conhecimento que o nome deste 'saxão da Irlanda' era Evans e que dos Evans (Ibáñez) descenderia o Presidente Carlos Ibáñez del Campo (ver o livro "Famílias Chilenas", de Guillermo de la Cuadra Gormaz).

Nasce assim esta nova mestiçagem, a "raça chilena" de Palacios.

No índio mapuche, o araucano, no *Ré-Ché*, a sua remota descendência nórdica era expressada em sua bravura e em sua ciência inata da guerra, em seu sentido heroico e legendário da vida, que ressuscita em seu sangue, como um eco confuso, perdurando no clima epopeico da guerra. No choque tremendo com o visigodo das Espanhas, são avivados os fogos sacros de outrora. Os araucanos conheciam a estratégia militar e as táticas guerreiras. Entravam em combate aconselhados pelos seus sacerdotes-machis, portanto os seus estandartes e as suas cores, destacando-se o azul, o vermelho e o branco, além da estrela solitária dos Andes, Oiyehue, de oito pontas. As mesmas cores compõem a bandeira do Chile hoje, mas com a Estrela de cinco pontas. A Estrela dos Ré-Ché era uma Runa. Por isso desapareceu rapidamente do emblema maçônico desta pátria, que acredita ser "independente".

A Estrela dos Ré-Ché era Vênus, a Estrela Brilhante da Manhã.

Não sabemos como teria sido a vida para o araucano e nem para os *curacas*, representantes do Inka do Chile; sabemos sim que para o conquistador foi muito dura e difícil desde o começo. E também para os seus filhos, para a nova "raça chilena". País pobre, de terremotos, de ataques inesperados dos araucanos e de contínua guerra. Mesmo assim, os varões de verdade amavam esta terra de uma maneira apaixonada, quase poética. Porque poeta foram Pedro de Valdivia, Alonso de Ercilla e todos os que lhes seguiram. Com a poesia inventavam o que não tinham, o que não era. Falavam de um ouro inexistente e de riquezas que se desfaziam com o primeiro tremor de terra, se

esvaindo entre os seus dedos, como as areias destas praias intermináveis. Isso já era a minha Flor Inexistente, mais real, mais bela do que todas as flores dos jardins da Terra. Porque é uma Flor imensa, de luz pura, com pétalas de aura que chovem sobre os vulcões. Quem à esta terra chegou, já não podia mais partir, pois, com um amor místico, estremecido, somente desejava deixar aqui os seus ossos, sonhando, ansiando algo imensurável, um ouro alquímico, sobrenatural, uma imortalidade pressentida, mas que nunca se alcança. Me estremeço, por isso, com a tragédia de um Pedro Sarmiento de Gamboa, fascinado e espantado pelos gelos do extremo Sul, e com um Pedro de Valdivia, com os seus poemas epistolares ao seu Rei, e com um Alonso de Ercilla, que talvez tenha morrido pronunciando o nome estranho do Chile e da sua índia Glaura. Por ser chileno "até os ossos da alma", fiz desta Flor Inexistente o meu emblema, em meio da qual estou hoje sentado e meditando. Ela aparece como emblema em todos os meus livros.

A alma visigoda é sonhadora e heróica. Alguém disse que o germano tem somente um pé nesta terra, porque o outro ele o tem na Atlântida. Mais ainda, em Hiperbórea.

Os últimos momentos de Don Pedro de Valdivia, o Conquistador do Chile, fundador da cidade de Santiago de la Nueva Extremadura, nos mostram melhor do que muitas páginas o que foi esta alma guerreira, heróica e senhorial da Espanha visigoda. Conta Santiago del Campo, em sua obra "Pedro de Valdivia, Capitán Conquistado", que este havia se entranhado no bosque com uma pequena tropa para combater índios. Caiu em uma emboscada, e, se vendo rodeados e sem salvação, um dos seus acompanhantes lhe perguntou: "E agora senhor, que faremos?...". A o quê Valdivia respondeu: "Que queres que façamos, senão que lutemos e morramos?...".

Disse Palacios, se referindo aos visigodos: "Neles estava muito vivo o companheirismo guerreiro, de unidade orgânica de combate. Cada nação germana era um exército com as suas famílias, todo homem capaz de carregar armas era um soldado e tinha pelo conjunto de suas nacionalidades o amor que sente o veterano pelo seu regimento. Eram "irmãos da espada". Juntamente com a completa liberdade de emigrar, de ir oferecer sua colaboração como soldado onde se travava alguma guerra, quando a sua nação se mantinha em paz; escolhia livremente os seus chefes entre os seus iguais, quando chegava o momento, jurando-lhe obediência até a morte, as suas mãos estendidas sobre o seu chefe (como a saudação hitlerista de hoje) pronto para dar por ele a sua vida. (A mesma instituição do *cinchicona* mapuche). Suas mais apreciadas virtudes eram a fidelidade e o valor".

Em uma palavra, [era] o *Führer Prinzip* e a *Gefolgschaft*, aceitos em liberdade plena, enquanto dure o perigo e o [que há de] mais oposto às ditaduras militares de caudilhos amarelos e negros, das mestiçagens da África, Ásia, Espanha e da América tropical e "latina".

Nos quase dez anos de minha residência na Suíça tive a chance de admirar o antigo costume germânico, que ainda é mantido naquele país: o exército nacional; onde todos são soldados, exceto pelas mulheres, certamente, onde cada habitante da comunidade helvética mantém armas em sua casa. O direito de portar armas é o mais sagrado do povo germânico.

Palacios também nos descreve como o visigodo é extinguido na Espanha. Odivava viver nos agrupamentos das aldeias, em vilas e cidades, se retirando ao campo, nos castelos inexpugnáveis (Castilla, terra de castelos) ou em casas ancestrais. O desprezo que sentia pelas vilas se expressa no termo "villano". Sendo assim, os

castelhanos velhos – "velhos cristãos" – se extinguiram em silêncio, com o orgulho dos empobrecidos fidalgos que, quando emprestavam dinheiro a um amigo, o faziam sem outro compromisso além da palavra e sem jamais cobrar juros. Foram substituídos pelos comerciantes, os usurários e os marranos. As famílias dos conquistadores do Chile teriam o mesmo destino. Seus filhos empobreceram nos campos e nas províncias. Seus nomes já não são encontrados na Espanha, onde os sobrenomes mudaram. Aqui agora o povo os levam. A aristocracia guerreira foi suplantada pela oligarquia do dinheiro e por uma série de sobrenomes bascos, que no século passado e no nosso vieram para substituir os soldados visigodos, [para substituir] o descendente dos antigos combatentes, concentrando-se na capital, no comércio, na profissão de advogados-gestores e na política. Alguns deles se foram para os campos, sendo assimilados pelas velhas cepas conquistadoras. Era o basco loiro, de olhos azuis, que facilmente foi integrado, esquecendo o idioma éuzkara, que muito possivelmente nem sequer havia conhecido. Esse basco era também um germano antigo, mesmo sem sabê-lo.

O guerreiro de origem goda foi sempre pobre e orgulhoso no Chile. Havia custeado, contudo, suas próprias armas e a viajem desde a Península até os campos de combate do Novo Mundo. Jerónimo de Quiroga nos conta, no século XVII, em suas "Memórias de los Sucesos[31] de la Guerra Chile", que "de vinte mil cavalos e mulas que o exército leva, nenhum é do Rei, senão que de todos os militares, assim como as bridas e tudo o necessário para montar e conduzir a si para onde lhe convir".

Por instinto, o guerreiro desprezada o comerciante, que fora necessário para estabelecer a relação e prosperidade nas cidades. Este vinha ao Chile e no começo permanecia pouco, temendo por sua vida e sua casa, na guerra contínua. Quando as principais regiões se apaziguam e também chega o marrano e o encomendeiro, a organização social que é estabelecida é quase de casta, os guerreiros, os nobres e as suas famílias estando separados dos comerciantes por uma linha social e espiritual infranqueável. Na verdade, pertenciam à uma raça diferente.

Também, e pouco a pouco, os conquistadores começam a trazer as suas mulheres da Espanha. Mas já a mestiçagem com o índio foi colocada em marcha. O 'crioulo' nasceu. Nos campos se encontra a 'china', a moça indígena. A palavra é mapuche e significa 'servente'. Os patrões, mesmo já tendo mulheres europeias, seguem procriando 'chinos' com as 'chinas'. Isto é, mestiços de mongóis.

As guerras de Arauco somente vêm a terminar neste século vinte, porque o guerreiro araucano foi degenerado com o álcool dos traficantes sefarditas e as fronteiras estendidas graças à colonização de Vicente Pérez Rosales, a qual nunca foi cruel com o índio araucano. Pelo contrário.

Há algo de parecido na guerra de Arauco e a que o colonizador anglo-saxão manteve contra o pele-vermelha. Ambos índios lutam com grandeza, denodadamente. A diferença está na nobreza do guerreiro espanhol. Foi um combate entre heróis, com honra de guerreiros. Ademais, o visigodo de Palacios se mesclou, inevitavelmente, com o índio, dando origem a esta "sua raça".

---

[31] N. do T.: 'Suceso' em português significa 'evento'.

O Matriarcado Chileno

Em que momento da história o estilo de vida patriarcal do chileno começa a ser alterado? Após a chamada “independência”, propiciada pelas lojas maçônicas com sede na Inglaterra e com o exemplo da Revolução Francesa, por sua vez um produto da Maçonaria, a mudança se torna visível. Já explicamos o que havia ocorrido com o comerciante. O qual consegue permanecer no Chile, faz estragos com a usura e as artimanhas das quais se vale para despojar o guerreiro, o fidalgo, das coisas que este obteve com a espada e o seu sangue. O vice-reinado de Lima se viu obrigado a enviar um antepassado meu, don José de Santiago Concha, marquês de San Miguel de Híjar, a pôr ordem e fazer com que saíssem do país os inescrupulosos despojadores.

Com a Conquista do Novo Mundo foi cumprida a primeira etapa da “Cruzada contra o Graal” e os Deuses Brancos, como já explicamos. Apagados os seus rastros, destruído o que aqui restava de visível do seu conhecimento divino e do seu sangue, se torna necessário substituir a Espanha, acabando [ali] com o que o guerreiro havia aportado de positivo. É a vez da Inglaterra, com as equipes de servidores crioulos formados na loja maçônica “Lauritânia”, de Londres. É assim que indivíduos como Miranda, Bolívar, O’Higgins e San Martín, são maçons, além de alguns deles serem marranos. Não convém aqui descrever as intrigas, os conciliábulos secretos e até os crimes cometidos com a intenção de concretizar o Grande Plano, como, por exemplo, o assassinato dos irmãos Carrera e Manuel Rodríguez, incluindo o de Portales, por elementos chave como Vidaurre, e a traição à Rosas por Urquízar, na Argentina. Tudo isto foi em benefício de apenas um povo, grupo ou tribo, que teve o controle por detrás da Espanha e da Inglaterra, assim como tem o dos Estados Unidos hoje: os judeus. Existe assim um fio secreto que pode ser seguido desde aqueles tempos até o presente e que leva de modo preciso a um fim já projetado. Em aparência se pretende fazer deste continente americano o último refúgio da anti-raça, a sua “Nova Jerusalém”; na verdade, estão tratando de chegar até as Cidades Secretas dos Deuses Brancos, até os seus recintos ainda inviolados.

Desde criança, inicialmente por instinto, eu jamais rendi culto a estes “pais da pátria”, nem às suas instituições maçônicas. Eu já disse isto em “Ni por Mar ni por Tierra”, há mais de trinta anos. Eles dividiram este continente do Sul em mais de vinte e um países de operetas, isolando-o para que assim pudesse “cozinhar em sua própria mestiçagem”, em sua própria escura salsa bastarda de marranos e negros trazidos da África como escravos pelos sujos encomendeiros. Já sabemos como o maçom Bolívar inventou a Bolívia, uma espécie de Tibete sem lamas e sem Tibete. Já sem atumarunas. Bolívia, até no nome procede de Bolívar. E assim nasceu este nacionalismo sul-americano, sem destino, sem base alguma, sem raiz autêntica.

Após esta “independência”, os primeiros governantes do Chile continuam mantendo o estilo sóbrio do godo. Diego Portales é um gênio visigodo de corpo e alma. O estudo de Francisco Antonio Encina, inspirando-se em Palacios e desenvolvendo as suas instituições, o descobre assim.

Foi com a chegada das primeiras famílias sefarditas ao Chile e com o enriquecimento fácil do salitre, após o triunfo da Guerra do Pacífico, com os gestores-advogados e os políticos de profissão, que é iniciada a mudança à vida matriarcal. No fundo, está o fator racial. É estranho que Palacios não tenha conseguido vê-lo. Não

compreendeu, a o que parece, que a mestiçagem com o índio já era uma mestiçagem das mestiçagens e tão perniciosa quanto a de todas as Espanhas. O Chile se "iberizou", assim por dizer. Palacios ama e admira o chileno "quebrado", pelo seu valor, pelas suas condições de nobreza, pela sua calada resistência perante as inclemências sociais e da terra. O conheceu na Guerra do Pacífico e nos pampas do salitre, como médico. Palacios era médico cirurgião. Mas muitos dos defeitos do povo do Chile, o próprio matriarcado, já se encontram pré-configurados no sangue do índio. Durante a guerra, o mapuche se viu obrigado a deixar em mãos da mulher o trabalho da agricultura, da família, do comércio e até da medicina e a religião. Na mulher passou a repousar toda a estrutura social e da família. Disto para o matriarcado havia apenas um passo. La própria lenda o favorece, com essa amazona Gaibomilla da paleo-história. O Chile de hoje, onde a mulher é o centro e a base sustentadora da estrutura social, nada mais fez que desdobrar o tema indígena-mongol. E é lógico que, quando o elemento branco, gótico, se debilita no sangue do mestiço do Chile, por consequência natural, por gravidade e velocidade adquirida, o matriarcado se imponha vitorioso. Com o passar do tempo, ainda sem contar com os semitas e os negros, a decadência e decomposição viriam a acontecer. Mais cedo do que tarde o equilíbrio se romperia em desvantagem ao branco e do seu espírito sóbrio, guerreiro e senhorial. Espírito que Nicolás Palacios conheceu em seu próprio lar campesino, onde seu pai era um patriarca respeitado e amado por seus numerosos filhos e por seus servidores, além de temido. O pavio da bomba-relógio de decomposição racial havia sido aceso no começo da própria fundação da comunidade mestiça, na Conquista. A explosão viria a acontecer em nossos tempos.

Negros entram bem poucos no Chile. São trazidos como escravos no século XVIII, para Mendoza e Talca, por traficantes e encomendeiros. Se instalam no bairro da Recoleta, em Santiago e Rancagua, principalmente, para abandonar rapidamente o território chileno, cujo clima não lhes é favorável. Vão em direção à Argentina. O mulatismo no Chile é fraco. Por outro lado, cada vez mais se fortalece no sangue do mestiço o afluente amarelo, polinésio, asiático, mongol, se reforçando física e psicologicamente, com a chegada do íbero aborígene, não godo. O fator "melâneo", isto é, negro – dos negros das ilhas da Melanésia – se expressa no sangue do índio pelo preponderante elemento mongol e do que neste há de negro, mesclado antigamente com o amarelo e com o branco, como na Coréia. Segundo Keyserling, o chileno se parece cada vez mais com um fino-ugriano das estepes da Ásia Central.

Quando residia no estrangeiro e vinha de visita ao Chile, eu me admirava com o aspecto cada vez mais asiático da polícia, da tropa militar e do povo nas periferias urbanas. Hoje isto acontece nos centros das cidades e na própria Santiago. Onde há alguns anos passeavam as belas mulheres crioulas, brancas, distintas e onde se reuniam os homens também brancos, para vê-las passar e falar de política e até de literatura, hoje circula um mar promíscuo e confuso de "fino-ugrianos", de mongóis, limo racial e social, inundando a tudo com os seus mercados ambulantes de cacarecos, de modo que poderíamos até acreditar que estivéssemos no mercado flutuante de Bangkok ou no mercado de Istambul, com a única diferença que lá as pessoas são melhores e mais belas. Por todos os lados se vê "faquires", anunciando bálsamos, tocando música e vendendo. Seria possível acreditar que estivéssemos em pleno Chandni Chowk, se não fosse pela ausência do espírito desta rua da Velha Deli e a sua magia de *samsara*. As vozes guturais, delgadas, em falsete, são as mesmas que as do Oriente. E o "quebrado" se sente em seu elemento, vendendo cacarecos por todos os lados.

O amarelo é essencialmente prático, utilitário, segundo Gobineau. Quando este começa a predominar na mescla com o branco, transforma a sociedade onde vive, convertendo-a em um campo de vendas e compras. E o comércio vai de mãos dadas com o matriarcado. Todas as doutrinas e organizações de tipo socialista e economicista são matriarcais e **semitas**. Os apóstolos do socialismo são judeus, como já vimos. O extraordinário é que Palacios, no começo deste século, também descobriu isto. Levanta a questão do problema judaico, coisa que Gobineau não fizera, como dissemos, sendo o ponto fraco de toda a sua concepção racial da história, o seu secreto tendão de Aquiles. Palacios foi ao fundo do assunto, sendo esta a razão máxima do silêncio do mundo acadêmico e intelectual deste país e de qualquer outro. O maior livro que já foi escrito aqui e em toda a língua espanhola, foi colocado no *Index* desde o primeiro momento da sua publicação, por tratar do problema judaico, ponto nevrálgico de toda concepção autenticamente racial da História.

Segundo Palacios, aquele que entenda a fundamental questão racial e aplique o seu conhecimento à interpretação da história passada e presente dos homens, compreenderá com maior facilidade onde se encontra o perigo, podendo evitá-lo simplesmente ao perguntar sobre o nome e procedência racial de tal ou qual promotor de doutrinas e teorias sociais, econômicas, políticas e filosóficas. Se o seu autor é judeu, tudo o que se pode esperar são males para os não judeus, porque nunca estas doutrinas ou teorias serão aplicadas ao povo judeu, estando as mesmas destinadas ao consumo por parte dos seus inimigos. Quanto aos males, nós os haveríamos evitados no Chile se houvessem escutado a Palacios! Mas falar de Palacios no Chile é algo inconveniente. Meramente ao mencionar o seu nome, aparecerá na boca dos ouvintes um sorriso hipócrita de superioridade mestiça ou mulata, e exclamarão: “Foi um bom homem, um patriota, que careceu de informação científica moderna, de informação sobre a ciência das raças, da etnologia, da antropologia, um diletante, que amou o povo chileno, o “quebrado”, e por isso inventou todos estes absurdos sobre visigodos e araucanos, para pudessem exaltá-lo e acreditarem nele... Patriota, é certo, e por isso a ele foi erigido um monumento, que ninguém conhece; porque ninguém sabe quem é Palacios; pois, ademais, seu livro é muito enfadonho e mal escrito”... Etecetera.

Assim é, Palacios não é lido e não será lido; porque já passou o seu tempo; porque já não há tempo. Porque o ciclo racial chileno está por se encerrar. A quem poderia interessar saber que descendemos dos visigodos, que ainda seria possível reverter a mestiçagem, derrotando a entropia, por meio de práticas eugenética, nos salvando da “asiatização”? A poderosa corrente da história contemporânea, controlada pelo Príncipe da Trevas, nos leva na direção oposta. E o Chile é um pequeno conglomerado, no final do mundo. Somente a força dos gigantes, saídos das rochas dos Andes, poderia nos ajudar... E talvez venceríamos.

A medida que a guerra com o índio se tornava menos intensa, localizando-se na chamada “Fronteira” até Arauco, e quando as principais cidades do centro já não ofereciam grandes perigos, começaram a chegar elementos que se contrapunham ao araucano-gótico, segundo Palacios. São os “latinos”, e o íbero autóctone. Para Palacios, unicamente o germano, o saxão, é um bom aporte à “raça chilena”, sempre que isto seja aplicado à uma política racional e científica, posicionando o imigrante na vizinhança da terra em mãos dos chilenos, para assim favorecer à mescla e evitar enclaves raciais. É partidário da mescla, da promoção de uma mestiçagem favorável. Por sorte, o alemão

que veio ao Sul e estendeu a fronteira de Arauco se casou com mulheres também trazidas da Alemanha, salvo certas exceções. Graças a isto, a imigração pôde manter a sua energia criadora por mais de um século, até que a influência letal da paisagem destas zonas do fim do mundo também a aniquilou.

Com a chegada dos latinos vai se decompondo todo o mecanismo do Estado em Forma, do espírito visigodo e portaliano. O exemplo que melhor ilustra Palacios é a demagogia de Arturo Alessandri Palma, que dá o golpe de misericórdia no espírito deste Estado. E não é casualidade que recebe um caloroso apoio em suas campanhas político-feministas do novíssimo Clube das Senhoras, fundado naqueles tempos e que lutava pelos "direitos da mulher". Era presidido por uma senhora chamada Delia Matte. Começa a se tornar visível o triunfo do matriarcado e da decomposição do Chile.

O reino da Mãe se caracteriza no mundo pela imposição de regimes democráticos, com a votação universal, até mesmo por parte dos impedidos: porque para a mãe todos os filhos são iguais, demonstrando sempre uma preferência pelo mais fraco e pelo enfermo. Nas democracias, os presidentes aparecem sempre com a sua mulher em público, porque é ela que o dirige, geralmente. Do outro lado dos Andes temos o caso de Evita Perón. O matriarcado se caracterizou no século XIX pelo chamado "espírito de justiça", que era recomendado aos países coloniais e, no século XX, através do frenesi de caridade e dos "direitos humanos", a compaixão pelo criminoso e a abolição da pena de morte. Tudo isto está centralizado no evangelismo das igrejas Católica e Protestante e nas lojas maçônicas, com o seu lema de liberdade, igualdade e fraternidade. O reinado da mãe é o igualitárianismo por antonomásia, tendendo para o lado da "ovelha negra", com preferência pelo retrasado mental, o imbecil. Nas sociedades patriarcais é o guerreiro superiormente dotado que recebe auxílio para prosperar, porque, como dizia Nietzsche, "as espécies superiores são as mais fracas, perante um mundo inimigo e uma massa hostil". O mais capacitado deve alcançar o máximo das suas possibilidades. A organização patriarcal é hierárquica, não igualitária, aristocrática, implacável. A mãe contribuirá colaborando na produção do herói. O godo Ercilla faz com que Fresia arroje o seu filho aos pés de Caupolicán, o *Cinche* araucano vencido e prisioneiro, não podendo aceitar o suplício calunioso do grande *Toqui*.

O fenômeno da decadência nacional vem sendo cumprido historicamente. Hermann Keyserling o viu, descobrindo o culto do chileno ao feio, o "feismo", como estilo nacional, a exaltação do inferior, do disforme e do alcoolismo. O homem deve ser "bom para beber" e vestir-se de maneira desalinhada, desleixado. Aqui se odeia o belo, aquilo que distingue. A inveja, herdada da Espanha vernácula, é cultivada em campo propício, ao sobrevir a decadência e a desaparição do elemento racial gótico, deslocado pelo fator aborígene ibérico e indígena de cor. Não é difícil entender, então, que um livro como "Raza Chilena" e um autor como Palacios sejam completamente ignorados e secretamente odiados, vítimas de uma campanha de silêncio e desprestígio, dirigida por forças que controlam o processo da desintegração racial no planeta Terra. Palacios é um perigo demasiadamente sério. O seu livro foi declarado anticientífico, anti-histórico, contrário à realidade chilena e à da Espanha. Já dissemos que as hipóteses do trabalho de Palacios não convém a aqueles que têm por missão nos empurrar ao abismo.

Com o matriarcado são impostos no Chile a usura, o banco internacional e o comércio. Um país patriarcal é industrial, agrário, caçador, pescador, guerreiro. O Chile teve que sê-lo em razão da capacidade da sua melhor gente. O consumismo, o

monetarismo judaico, o comércio desatado, onde tudo se vende e se compra, destruíram a indústria nacional e a agricultura. Logo trataremos desta questão.

Os países matriarcais são produtores de matérias primas, as que entregam à voracidade dos estrangeiros; a mulher se abre ao homem, ao conquistador, inteiramente; como a mãe, dá o seu leite sem reservas. Os países viris possuem vir (virtu). O poder do Vril hiperbóreo pode chegar a ser seu. O socialismo é o caminho final pelo qual o matriarcado percorre. No Chile teria se imposto se não fosse por esta mulher, essa dona da casa, que descobriu que não satisfazia suas aspirações domésticas e que suas panelas estavam vazias. Fez a chamada "revolução das caçarolas" e derrotou o socialismo forçando o exército a intervir para mudá-lo para o "consumismo", o "câmbio livre" e o capitalismo individualista mais extremos, com a influência preponderante em todas as decisões da mulher do chefe militar que assumiu o poder. O homem são vive apenas de pão. A mulher, sim. Se a deixamos se impor na estrutura matriarcal da sociedade, tampouco haverá pão, ao final.

Outro sinal do matriarcado é o sexualismo. Os povos varonis são castos e recatados. Após uma residência de anos no estrangeiro, ao retornar descubro sintomas visíveis de afeminação nos costumes. Por exemplo, esse beijo de saudação que se dá indiscriminadamente em qualquer mulher. Há poucos anos, no Chile apenas as mulheres beijavam umas as outras em saudação. Um homem de verdade não anda por ai beijando desta maneira. Costumes como este não existem em nenhuma outra parte do mundo, que eu saiba, e foram impostos irrestritamente no Chile na última década, como um "estilo militar". O chefe militar do Estado chileno anda repartindo beijos de saudação com todas as mulheres, de norte a sul do território nacional. Cinco mil quilômetros de beijos anônimos, multiplicados por dez anos do seu governo matriarcal e consumista.

Chegaram ao extremo de máximo perigo ao incorporar as mulheres ao exército. Jamais um godo e nem um araucano fez com que duas mulheres se engajassem em um combate, como profissionais de guerra. Somente o marxista eslavo, mongol, o russo híbrido, incluiu batalhões femininos em suas forças armadas. Biologicamente, a mulher não é feita para combater, nem bio-psiquicamente para dirigir ou criar em competência com o homem. "Que absurdo seria fazer com que as vacas lutassem na arena ao invés dos touros", disse De Mahieu. As sociedades matriarcais do presente presenciaram esta monstruosidade, com brigadas de mulheres e terroristas assassinas. De suas tumbas se levantariam hoje os soldados de Portales, os de sua primeira Parada Militar no Dia Nacional do Chile, os de seu batalhão, ao saber que hoje desfilam, no Dia das Glórias do Exército, batalhões de mulheres, incorporados à armada de terra, à aviação e à polícia .... Lhe seguirá a marinha?

As amazonas, que os conquistadores asseguraram ter encontrado no río do Brasil que leva este nome, e o reino de Gaibomilla, no sul do Chile, haveriam sido em consequência do desaparecimento dos atumarunas, dos Deuses Brancos da América, ou dos gigantes que submergiram nas cidades secretas dos Andes, após a catástrofe que destruiu o continente do Antigo Sol. Em todo caso, e sempre, é o homem o primeiro que falha, física ou espiritualmente. O matriarcado, o amazonismo, como fenômeno coletivo, encontra a sua causa máxima em uma deficiência genética e racial.

Este tema do matriarcado no Chile vem sendo tratado por mim desde os meus textos da minha juventude, em "La Nueva Edad", durante a Segunda Guerra Mundial e nos artigos de periódicos e revistas.

Consumismo e consumir, a vaca que come durante vinte e quatro horas por dia, o norte-americano judaizado que mastiga goma. Comprar e vender tudo, câmbio delirante da moda que vem se desdobrando desde a Independência e que afeta por igual ao Chile e à Península Ibérica. Vejamos o que se passa hoje na Espanha, com o chamado "destape", a pornografia e o relaxamento dos costumes patriarcais, aceitos pelo trono judaico e maçônico do Borbón. É um mal racial, condição do "pecado racial". A involução fatal de uma mestiçagem. Involução de uma involução.

Os fatores da mestiçagem na "raça chilena" foram alterados, em favor do fino-ugriano, do índio, com desvantagem para o elemento branco. Isto era inevitável, fatal. Não foi o bastante para impedir os alemães trazidos por Pérez Rosales, razão pela qual os mesmos foram defrontados pelos imigrantes semitas, que se entranharam nos centros nevrálgicos da informação, da publicidade, das comunicações, da educação e da propaganda, além da economia centralizada e controlada desde a capital. Eles defendem, sem contrapartida, a necessidade de igualdade e de uma mestiçagem maior, direcionada à finalidade máxima da reintrodução dos negros no país. Não há película de televisão em que não apareça um negro em igualdade de inteligência e condições à um branco. E isto é dia após dia.

O fator asiático, polinésio, mongólico, vai subindo à superfície de modo visível e crescente na mestiçagem chilena, mesmo sem a necessidade de reforços, pelo fato de que as camadas com maior porcentagem indígena se reproduzem mais e as castas altas e brancas são sempre menos prolíferas. É este um fenômeno mundial, que na sociedade fechada e isolada do chileno veio a ocupar menos tempo para acontecer.

Não seria então causal o interesse atual dos chineses e asiáticos em geral quanto à se instalar e comerciar no Chile. O sangue chama o sangue. A influência da alma amarela se expressa sempre melhor no comércio desenfreado. No Japão, uma vez destruída a casta da raça superior samurai e perdida a guerra, entraram em uma verdadeira loucura, em um *amok* do comércio, e este povo se transformou em um monstro que percorre freneticamente o planeta tentando vender mais e mais, de explorar minas, reservas florestais e pesqueiras. Que os Deuses nos livrem desta peste! No Chile, a alma finesa foi responsável pelos eventos desta década de consumismo e monetarismo. Isso fica evidente, além do mais, no gosto pela erosão e os desertos da Ásia e da África. No Chile, é descoberto pelo ódio à árvore, ao bosque, dos 'barraqueros[32]' espanhóis e bascos, com predominante etnologia finesa, da Espanha pré-goda e na afeição por desertos de cimento. Foi o Ministro Ross Santa Maria, precursor dos chamados "Chicago Boys", quem construiu em Santiago este horrível deserto da Plaza de la Constitución. Era um especulador da bolsa internacional.

Por isso, o fato de que os japoneses, os chineses, os vietnamitas, os coreanos, quiseram vir e continuam chegando ao Chile nestes últimos anos, para nos dar o golpe de misericórdia nesta nossa identidade, é quase compreensível, tendo, ademais, o Oceano Pacífico como via de comunicação natural. Por outro lado, a ajuda que lhes damos constituirá o último e mais fato ato de um suicídio etnológico, eugenético. Isto pode ser cumprido através do pretexto da exploração de nossas riquezas minerais, da pesca e das reservas hidroelétricas do sul. Juntamente com lhes facilitar estas possibilidades, lhes estaríamos também abrindo as portas das nossas correntes sanguíneas, para que reforcem ali o fato fines e melânico, em favor do elemento mongólico-indígena, vernáculo.

---

[32] N. do T.: em espanhol, donos de armazéns ou depósitos.

Estamos rodeados de perigos mortais. Ao norte, a "áxila" racial do Peru e da Bolívia, onde se juntam os negros, com os chineses e mestiços de brancos; ao oriente, cada vez mais próximo pelo comércio, o subcontinente afro-mulato do Brasil. Somente com a Argentina e o Uruguai, quiçá o Paraguai, poderíamos e deveríamos nos integrar sempre que no Cone Sul viéssemos a aplicar uma política racial, eugenética, aristo-genética, em benefício do elemento branco. Somente assim poderíamos formar um bloco de defesa racial e controlar e proteger o Polo Sul, plexo sacro e mágico do planeta.

Sonho utópico, certamente, dadas as circunstâncias atuais e o estágio avançado da grande conspiração. Tudo, ou quase tudo, já está controlado pelo Inimigo em nosso solo, que nunca foi nosso.

Não deverá ser isto o impedimento para seguir lutando com fé no milagre da ajuda dos Gigantes dos cumes andinos. Dos Deuses Brancos.

Na Idade do Herói, sem pensar nos resultados, devemos seguir combatendo até o final pela causa destes Deuses. Até o último suspiro de uma vida.

O Ciclo Racial Chileno

Nas sociedades matriarcais adquirem preponderância os jovens inexperientes e pretensiosos. A mãe mostra preferências pelos mais jovens. Sente rivalidade pelos homens maduros ou pelos anciãos. Nos Estados Unidos da América, as crianças e os jovens impõem os seus caprichos. No Chile, nos últimos anos, controlaram a economia e a vida do país, com toda espécie de experimentos e teorias nefastas. O tecnocrata, o economista, as sociedades de consumo são produtos típicos do matriarcado. Nas organizações patriarcais governam os homens maduros, sem se prestar a experimentos teóricos e nem a especulações. Os anciãos aconselham. A eles escutam e recorrem nas pequenas e grandes crises. O matriarcado sente preferência pelo cientificismo, pelas teorias e pela tecnologia, deslocando o filósofo, destruindo a Weltanschauung, a concepção tradicional de mundo. O cientificismo, a tecnologia, não necessitam da filosofia e nem da sabedoria para se desenvolver e serem aplicadas. Uma pistola, um projétil teleguiado, uma bomba atômica, podem ser disparados igualmente por um assassino ou por um covarde, simplesmente ao apertar um botão. Uma espada somente podia ser usada por um herói e um valente. Hoje, os tecnocratas viajam até a Lua. A primeira coisa que lhes ocorreu ao pisar naquele solo foi jogar golfe. Na próxima viagem, se é que haverá uma, seguramente vão organizar uma partida de futebol. E tudo isto será transmitido pela televisão (visão a distância?) para deleitar um público matriarcal de cretinos, que já pensa poder realizar um piquenique na lua, comprando bilhetes antecipados para tão importante evento turístico.

São os sinais dos tempos, da Grande Dissolução, em que nada perdura e até os Deuses morrem. Os choferes de taxis cósmicos se preparam para viajar com as suas máquinas de ferro ou de plástico até as superfícies das esferas do Universo, para não ver nada e nem encontrar a ninguém, somente o vazio, reflexo solidário da sua própria alma. É a civilização tecnológica do homem-formiga, do homem-massa. Nem sequer do homem: da Mãe. É a destruição da possibilidade do Homem-Divino, do Homem-Total, do Super-Homem. A tecnologia, a cibernética, o cientificismo, são um produto do matriarcado negroide dos Estados Unidos da América e do mongolismo fines, com

exércitos de mulheres, dos eslavos e dos soviéticos. Os transplantes de órgãos físicos, como se fosse a troca de peças de um automóvel, para prolongar a existência material da "máquina do corpo", preencherá este planeta de cadáveres-vivos, de cem ou mais anos, que somente perduram para ruminar alimentos dia e noite, como as vacas, ou para mascar goma e se divertir destruindo a possibilidade de travar o Grande Combate, a Grande Guerra. É o paraíso do cabaré televisado, do circo desportivo e do jornalismo insosso e direcionado. O matriarcado, o reino da mediocridade e das massas. A tecnologia é igualitária, anti-hierárquica. Se acha a disposição de todos os homens e de todas as raças. Qualquer um tem acesso a ela. Logo o terrorismo assassino adquirirá armas atômicas e raios laser.

Os apóstolos da miscigenação conseguiram bastardear toda a humanidade, com a sua hábil política controlada dos centros secretos de um poder absoluto. Seus serventes, seus yanaconas ários, por imbecilidade adquirida, por covardia e sob o açoite do dinheiro e da ameaça da fome e da miséria. Miseráveis e covardes! As velhas nações coloniais se encontram invadidas por gente de cor de suas ex-colônias pelos escravos da Atlântida e até da Lemuria. Os outros países brancos, que não foram potências coloniais, ou que as perderam na Primeira Guerra Mundial, estão sendo afundados por massas de trabalhadores de cor que fazem o *dirty work*. Quase não seria necessária uma Terceira Guerra Mundial atômica para acabar com os últimos brancos neste planeta. E com as últimas possibilidades de vida espiritual e plena, distante da barbárie científica e tecnológica.

O "ciclo racial chileno" está a ponto de se cumprir, tendo sido percorrido da seguinte maneira: na Conquista e na Colônia foi a vida heróica do acampamento guerreiro, nas condições já descritas de dureza e com a prática do *admapu* araucano, do amancebamento com várias mulheres, arrebatadas dos índios como troféus. Na Colônia predominam ainda os nobres sem pergaminhos, os fidalgos separados dos comerciantes, dos escreventes, etc, quase que em castas. Já trouxeram as suas mulheres da Europa, mas a nova mestiçagem já está em marcha, é inevitável. Não existe, ademais, razão e nem conhecimento aristo-genético, nesta sociedade colonial onde domina o eclesiástico, com a sua concepção de igualdade das almas. Com a Independência e a aparição de Portales (que sempre se dá mal no comércio, ainda que ridiculamente neste país tenha sido nomeado "Santo Patrono" dos comerciantes, que lhe celebram no Dia do Comércio), vem os decênios do governo impessoal, sóbrio, honesto, dos homens decentes e pobres, que não chegam a enriquecer com a política, empobrecendo ainda mais. Governa a casta em que, todavia, predomina o espírito gótico. A Revolução de 91, na qual Palacios toma partido, assinala a ascensão da mestiçagem de uma cor mais intensa. Com a aparição do político Arturo Alessandri Palma, a decomposição aumenta, de modo que será necessária a intervenção do Coronel Carlos Ibáñez del Campo. Infelizmente, não consegue restaurar o estilo portaliano-gótico[33]; ademais, está não foi a sua intenção. Racialmente, já não é possível. O próprio fato de um golpe militar ter tido êxito assinala uma mudança genética na comunidade. As décadas da Frente Popular e dos governos do Partido Radical significam a chegada às alturas do elemento andaluz-semita e indígena. O que vem a seguir, com alguns intervalos, nada mais é que a fatal pendente da decomposição da mestiçagem no Chile, podendo assim o judeu aflorar

[33] N. do T.: em espanhol, termo referente a aquilo que é próprio ou relativo ao estilo preconizado por don Diego Portales, no século 19, no Chile.

livremente na superfície, como o verme que ajuda na decomposição do cadáver. Com a Democracia Cristã, será o judeu Chonchol quem tomará as rédeas da política agrária e da destruição do campo tradicional. Com a Unidade Popular, é o próprio Salvador Allende Gossens, judeu por lado materno, quem introduzirá o afro-cubano no Chile, sob a direção de Fidel Castro, tentando se incorporar à ação internacional terrorista e desintegradora. A política agrária segue a linha assinalada por Chonchol, destinada à destruição total do "sangue e solo" da pátria.

Quiséramos poder explicar com clareza este tema de uma transcendência que está além do âmbito limitado de um país tão pequeno como o nosso, mas que servirá em seu esquema simplificado para projetá-lo ao âmbito mundial, em uma concepção racial planetária. Em nossa análise não se deve enxergar uma tentativa de crítica individualizada de fatos e personagens. Não tomamos aqui partido algum, pois nada disso nos interessa, somente estamos descrevendo, com a intenção de remontar, melhor dizendo de ingressar, em fenômenos arquetípicos, que obedecem a leis repetitivas, que ocorrerão inevitavelmente, porque assim já aconteceram no Eterno Retorno e que, podermos evitá-las, unicamente seria pela magia do milagre, à qual já nos referimos.

O ciclo racial chileno já foi cumprido. Assim, toda a nossa brevíssima e intensa história, de alguns poucos séculos, parece estar chegando ao seu fim, com algumas escassas e insignificantes realizações e muitas esperanças frustradas. Nossa mestiçagem não poderia ter possibilitado nada além disso.

O que se chamou de destino, também poderia ser chamado de *karma*, termo sânscrito, que o leitor já conhece. E tudo isto estava pré-fixado pelo sangue, a raça, ou a não-raça. Ali está escrito. Quando chega o final, a decomposição e a morte, são os micróbios da anti-raça que os afloram para cumprir com a sua função de dissolver o cadáver. Eles, além disto, têm trabalhado o tempo todo, em forma solapada e latente; como o vírus, estão sempre ali, mesmo no melhor estado de saúde do corpo. Secretamente, têm trabalhado para a sua morte. Quiçá o araucano tivera razão quando afirmava que a morte não é um fenômeno natural, senão que produzido de fora e que somente pode ser combatido por meio da magia, do exorcismo, da queima de incensos, obrigando o agente da morte a sair do corpo enfermo. Foi o que Hitler tentou fazer na Alemanha. No Chile haveríamos necessitado de um Grande Machi para poder nos salvar.

Se o judeu aparece na superfície com a Frente Popular, com os sefarditas Abraham Ortega, Ministro das Relações Exteriores do Presidente Pedro Aguirre Cerda e Joselin de la Masa, seu subsecretário, que facilitam a entrada de milhares de judeus europeus no Chile, e com os judeus Natho e Bergman o processo continua com os decênios radicais, com ministros "chuetas" e se consolida com a Democracia Cristã e com Allende. Se há algo que realmente parecera irreversível é isto, sem importar quem estivesse no poder e nem no governo do país. Porque é assunto racial, da decomposição da mestiçagem, um processo que escapa à direção e decisão da razão pura. É um Destino, um karma genético. Aqui e em todo o mundo. Por isso, quando Allende é derrocado e acontece o golpe militar de 1973, a mudança deverá ser unicamente na superfície, de uma gente quase igual, por outra não muito diferente. Ainda que no estilo e aspecto visível da vida as coisas pareceriam distintas, no fundo irá em uma única direção, inalterável. O inimigo que se combate do lado de fora não está ali, está do lado de dentro. E do lado de dentro, os que tentavam destruir o agro tradicional, o solo e o seu sangue com o seu marxismo, são idênticos, racialmente falando, a aqueles que

então o fizeram com o supercapitalismo, com o sistema liberal e o monetarismo. O judeu foi amo e senhor em todos os casos. E isto por falta de instinto racial chileno. Porque nunca existiu este instinto, porque nunca houve raça chilena. O que houve foi uma mestiçagem em decomposição. Seu ciclo terminou.

O Golpe Militar de 1973

Não é simplificar [os fatos] dizer que em Yalta o judeu tomou posse oficial do mundo, dividindo-o entre os seus congêneres no poder da Rússia e seus congêneres no poder dos Estados Unidos da América. O jogo ainda permitido consiste em saber qual dos dois ficará com o domínio total do planeta. É um jogo ao estilo judaico; isto é, sangrento, e em que ele mesmo será destruído com o resto do mundo.

No meio deste argumento são introduzidos, como um contrabando, alguns personagens pitorescos, que são permitidos para pôr um pouco de cor nos acontecimentos e assim despistar o resto, estendendo uma cortina de fumaça sobre a verdadeira realidade que, de outro modo, poderia parecer monótona e deveras evidente. É assim que ocorrem os casos de Fidel Castro, Kadafi e Salvador Allende, além de outros que poderiam ir aparecendo.

Nenhum destes sujeitos poderá fazer um jogo próprio, porque estão servindo aos interesses do amo único e indiscutível. No caso de Castro e de Allende não havia muita liberdade de manobra, desde o começo, pois, um é marrano e o outro foi diretamente judeu por parte de mãe. Seus instintos deveriam lhes levar a tratar de destruir a gente com a qual conviveram e a tradição, se houve alguma, a alegria de viver, o contato vital com o solo da pátria. Ambos trouxeram os russos. Fidel Castro é um "yanaconas", um "curaca" dos judeus soviéticos. Allende se movia na mesma direção quando foi derrocado.

Difícil seria explicar o caso de Allende se não fosse levado em conta a metade do seu sangue, se voltando contra a outra metade. Pertencente à pequena burguesia chilena, tendo disfrutado de todos os seus benefícios e, sobretudo, conhecendo – por ser maçom e político de experiência – que o mundo havia sido dividido em Yalta pelos seus próprios congêneres, se entrega a Fidel Castro e à sua Organização da OLA, para criar a subversão continental. O Partido Comunista chileno e os russos não tinham nenhuma fé em Allende. Decidem apenas se aproveitar ao máximo da oportunidade que lhes oferece para obter o *know how* norte-americano das minas de cobre e fazer um levantamento hidrográfico em toda a zona sul dos canais, do Estreito de Magalhães e na Antártica chilena, de grande valor estratégico para os altos comandos militares da Rússia soviética. Sabiam que o assunto não poderia durar muito e estavam apenas a jogar a carta do tempo.

Salvador Allende teve em suas mãos poder tentando transformar o Chile em um país socialista do tipo dos escandinavos, algo que os Estados Unidos lhe haveriam permitido e que era o que dele se esperava. Mas o seu instinto autodestrutivo e os laços com Fidel Castro e o MIR, a guerrilha armada chilena e a OLA (Organização Latino-Americana para a guerrilha e o terrorismo) não o deixaram. Os comunistas o acusavam de haver sido o responsável pela ditadura militar no Chile, por carência de flexibilidade e de realismo político, ao haver fechado todas as portas para uma possível saída de

compromisso. Assim foi; mas o certo é que nunca houve uma saída, desde o princípio, porque nem Allende e nem o Chile a tinham. Os fatos políticos e sociais dos povos sempre são símbolos de uma realidade mais profunda. Já dissemos isto ao nos referir ao fenômeno do subdesenvolvimento econômico na hispano-américa.

Tal como com as décadas obscuras e esquecidas dos anos trinta, não é minha intenção me transformar no historiador adiantado dos eventos dos anos setenta, nem sequer ser seu intérprete. Todavia, o drama incide no tema deste livro; as ações arquetípicas através dos registros automáticos e semiautomáticos do sangue. O *Pathos* do Destino.

Mesmo correndo o risco de me tornar anedótico, voltarei a me referir aos acontecimentos nos quais tive parte, por minhas responsabilidades daqueles anos.

Fui o único embaixador chileno do qual Allende aceitara uma renúncia, um procedimento em uso neste país pelo fato dos Embaixadores serem da confiança exclusiva do Presidente. Eu era embaixador na Áustria e havia enviado ao ministério um informe detalhado sobre a guerrilha internacional e seus centros de controle. Este informe foi parar no Comitê Central do Partido Comunista chileno e, até antes, nas mãos de Salvador Allende, que naqueles tempos era Presidente do Senado e membro da OLA, coisa que até então ninguém sabia. Eu conhecia Allende bem. Me disse que havia lido o informe. Não vou me estender sobre a maneira malandra e dúbia como ele fez com que eu fosse retirado da Áustria. Não há motivos e nem necessidade para isto. Solicitou ao Embaixador da Áustria no Chile que não me informasse que um *agreement* estava sendo pedido para um novo embaixador. O Ministro ocultou isto de mim, enquanto que o próprio Allende havia me pedido que eu continuasse no cargo. Os governantes austríacos eram meus amigos e me informaram sobre isto, se sentido ofendidos pelo procedimento.

Antes de partir, tive que visitar o então Primeiro Ministro da Áustria, Kreisky, um hábil judeu, de muito conhecimento e extensos contatos. Minha visita era protocolar, mas durou muito mais do que o previsto porque ele queria que eu interviesse perante Allende, enquanto eu ainda estivesse no cargo, para que, em seu nome, eu lhe perguntasse sobre o demorado reconhecimento chileno da Alemanha Ocidental. Naqueles dias estava para acontecer a Conferência da Segunda Internacional, em Helsinki, para a qual Allende havia sido convidado. Se o Chile reconhecesse a Alemanha comunista, Willi Brandt, dirigente da Segunda Internacional, não poderia à mesma mesa de reunião que Allende. Deveria manter as aparências. E acrescentou: "Diga a Allende que *nós podemos lhe ajudar enormemente, em todos os sentidos*". Em seguida apertou um botão em um painel que tinha sobre a mesa do seu escritório. Em questão de segundos Willi Brandt estava do outro lado da linha, e este confirmou que o Chile, sob Allende, reconheceria a Alemanha Ocidental no início do próximo mês. Já não recordo com exatidão, mas acredito que seria em outubro e estávamos no final de setembro.

Apesar de tudo o que Kreisky sabia, a sua informação sobre Allende e a situação política do Chile estava errada. Não existia possibilidade alguma de que Allende viria a assistir uma conferência da Segunda Internacional. É esta a organização socialista maçônica e judaica que até hoje controla a política europeia do bloco ocidental, alternando no poder socialistas como Olaf Palme, Willi Brandt e o próprio Kreisky, com democratas-cristãos da Alemanha e da Itália e conservadores ou laboristas ingleses. Todos eles farinha do mesmo saco: Vaticano, maçonaria, judaísmo, globalismo, Bilderberger, Trilateral, Rockerfellers, reis, papas. Allende era maçom, era judeu e

pertencia ao Partido Socialista chileno; mas estava comprometido com Fidel Castro, que por sua vez estava envolvido até os ossos com a Rússia. Por outro lado, no Chile o Partido Socialista não pertencia à Segunda Internacional. Neste país, o membro desta organização maçônica era o Partido Radical. Os socialistas, com Carlos Altamirano como seu secretário geral, nos tempos de Allende, estavam à esquerda do comunismo, em aberta competição com o MIR pelo controle da juventude guerrilheira e extremista.

Depois do que havia acontecido comigo, já livre para poder continuar o meu próprio combate, interrompido necessariamente durante os anos de serviço ao meu país como Embaixador, eu pude me dedicar abertamente à investigação do Hitlerismo Esotérico na Europa, coisa tal que, além do mais, eu nunca havia interrompido completamente, bem na Índia e nem na Áustria. Decidi, por isso, permanecer no velho continente, indo parar, depois de muito buscar, como que guiado por uma mão, na casa de Hermann Hesse, na pequena aldeia de Montagnola, na Suíça italiana. Ali me recebeu a *signorina* Rosetta Camuzzi, filha da senhora que muitos anos antes havia recebido Hermann Hesse nesta mesma antiga mansão. Na verdade, Hesse me recebeu, me estendendo a mão amiga nos momentos de maior necessidade.

Por dez anos eu vivi ali, perambulando pelos bosques e cumes, com uma mochila alpina nas costas e um livro em minha mão. Comia nos *grottos*, queijo e pão, bebia vinho tinto, *barbera* ou *merlot*, em tabernas campesinas. Em busca de informação, dali eu partia para a Áustria, Alemanha, Itália, Milão, Florência, Bolonha e Londres. Viajava para Veneza para me encontrar com Ezra Pound. Me comunicava com camaradas desconhecidos, alguns dos quais já desapareceram em prisões ou na miséria. Também visitava a Espanha. Mas sempre tive o grande cuidado de não comprometer a hospitalidade da Suíça, da digna *signorina* Camuzzi, nem de Hermann Hesse. Quando acreditei que isto pudesse acontecer, preferi deixar o país. Isto coincidiu com a aparição do “El Cordón Dorado”.

Foram anos muito prolíferos, em que vivi pobremente, como agora, somente do que os meus livros me propiciavam. Havia descoberto, ao deixar a diplomacia, que uma das minhas obras era um *best seller* no mundo anglo-saxão: “El Círculo Hermético”. Este livro abriu as portas para todos os demais, e assim foi publicado em vários idiomas, em *paperback*. Na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha, na Itália, Holanda, Japão, Suíça, Irã, Espanha, Argentina e Brasil. Todavia, pelo fato de todas as editoras e o negócio dos livros estarem mãos conhecidas, sempre fui explorado. Com a publicação própria de “El Cordón Dorado” e mais este livro, acredito ter rompido com tão terrível máfia.

Com inquietude, seguia as notícias do meu país. De longe, lutava da única forma possível, com o pensamento e fé nas forças misteriosas da paisagem, dos gigantes da rocha andina. Devo recordar aqui a minha última conversa com o Ministro de Relações Exteriores da Áustria, Kirchschläger, que depois, e por mais de dez anos, foi Presidente do seu país. Havíamos nos tornado amigo, e esta amizade perdura até o dia de hoje.

Minha visita também precisou ser protocolar, de despedida, um tanto curta. Durou, todavia, mais de uma hora, porque ele me reteve, grandemente preocupado com o que havia ocorrido no Chile e também com o meu próprio destino.

Me contou que havia feito parte, até há algum tempo, de uma delegação político-comercial do seu país que foi até a União Soviética, tendo a oportunidade de testemunhar uma conversar com Krushev. O dirigente comunista havia dito aos austríacos: “Vocês podem eleger o governo e o sistema que queriam; escolheram o

capitalismo e nós vamos *enterrá-lo; mas uma vez que um país entrou no socialismo, já não poderá mais sair, porque nós não o permitiremos. Este é o nosso dever*”.

Kirschschläger, com grande preocupação, me acrescentou: “O Chile está perdido, já não tem solução. A Rússia se encarregará de que siga o caminho de Cuba”.

E o Chile, todavia, conseguiu ser a exceção. Se salvou do comunismo. Na verdade, Yalta lhe salvou, porque correspondia à esfera de influência dos Estados Unidos. O caso de Cuba é uma aberração, uma anomalia; melhor dizendo, uma estupidez. Ainda haviam reservas patriarcais no Chile, a mestiçagem ainda não havia se tornado algo totalmente putrefata, como é em Cuba. Ainda haviam disponibilidades visigóticas no exército. Sobretudo, este era o país dos Gigantes dos Andes e da Estrela da Manhã. E eles sempre fazem com que a magia e o milagre sejam possíveis.

O exército do Chile é de formação prussiana. Em razão da configuração tão especial da mestiçagem, dos fatores parelhos e pela ascendência de gente guerreira por ambos os lados, de visigodos e araucanos, como acreditava Palacios, a profissão das armas encontra uma inclinação muito favorável. Na Guerra do Pacífico todas estas qualidades vieram à tona. Rapidamente o exército teve que mudar o *képi* francês pelo capacete prussiano e o *gosse step*, que Jung tanto admirara nos alemães. Até o dia de hoje o exército chileno conserva o uniforme alemão, as marchas alemãs e esse passo de parada militar. Nada puderam fazer os ianques para mudar isto ao final da Grande Guerra. A simpatia do Chile pela Alemanha nasce da própria Guerra do Pacífico, quando Bismarck impediu que os ingleses e americanos tomassem posse do salitre e dos territórios que o Chile havia conquistado. Herdei as cartas manuscritas e privadas que o Ministro do Chile em Berlim, Manuel Antonio Matta, enviara ao Presidente Santa Maria durante aqueles anos, se referindo a tão delicado assunto. Por isso os imigrantes alemães e os instrutores do Exército, os professores universitários. Os chilenos da minha geração ainda foram educados na disciplina e filosofia alemãs, nos colégios chilenos, ainda mais do que nos colégios dos próprios alemães do Sul, onde predominava um ensino religioso luterano acima do ensino filosófico. Muitos filhos de imigrantes alemães entraram para o exército e para a marinha do Chile, com o resultado de que sempre é possível encontrar altos oficiais e generais de nomes germânicos. Quando eu estive com Otto Skorzeny em Madri, ele se admirava, comentando-me sobre a situação do governo marxista de Salvador Allende, com o fato de que o exército chileno houvesse permitido tal coisa, porque vários de seus camaradas alemães haviam se integrado às forças armadas chilenas, depois da guerra. Quando Skorzeny morreu, sua viúva foi convidada a vir para o Chile pelo exército. E Rudel, até o último momento, foi convidado pelo chefe de governo militar, cada vez que passava pelo Chile.

Tudo isto é a casca do belo fruto de outrora. O macaco estava escondido. E não somente aqui.

O que é um exército profissional? O que é o Exército Prussiano? Como nasce? Acreditava Frederico, o Grande, tendo como modelo a Ordem Sacra dos Cavaleiros Teutônicos, que a razão era a sua férrea disciplina. E nada mais, porque Frederico, o Grande, era racionalista e maçom. Filho de uma época que daria à luz à Revolução Francesa e ao enciclopedismo, ao liberalismo, à democracia. Grande amigo de Voltaire, introduz como idioma o francês em sua corte da Prússia e declara que a saga dos “Nibelungos” não vale nem a pólvora de um dos seus canhões. A Ordem Teutônica também deu vida à Liga Hanseática germânica, uma espécie de organização mística do

comércio, onde não impera a usura e que chega a controlar todos os portos do Báltico e do Mar do Norte, igualmente ao modo como a Ordem do Templo criou um comércio sem espoliação nas áreas sob o seu domínio na Idade Média. **As antigas ordens guerreiras cultivavam a terra e produziam para a comunidade**. Os templários, ademais, financiaram e favoreceram os grêmios de construtores e artesãos. É com o advento da época racionalista e burguesa que aparecem os exércitos professionais, junto com as carreiras liberais. Estes exércitos, destinados unicamente a proteger as fronteiras, a maior parte das vezes artificiais, são absolutamente inúteis para a comunidade, porque não produzem, não trabalham os grandes prédios dos quais dispõem, e nem se assentam na terra como agricultores, ao estilo dos guerreiros que aqui vieram para conquistar, para lutar e povoar. São unicamente um fardo para o estado e para o resto da comunidade; passam a manter um privilégio de classe, que um tempo pôde ser de raça, justificando-se em parte. Existe ali, na raiz original, uma oposição de essências entre o guerreiro e o militar profissional da época burguesa. O guerreiro das Ordens militares sacras era um místico ou um mago, que se incluía em uma hierarquia divina, que não começava e nem terminava aqui na Terra, prolongando-se nos Guias, ou Mestres invisíveis e desconhecidos. Acredita-se, também, que a Rodem dos Cavaleiros Teutônicos pôde ter como direção oculta também essa secreta e misteriosa Ordem Verde do Báltico. Verde, por proceder da Estrela Verde da Manhã, Vênus. E do Raio Verde.

A finalidade principal ao qual se almejava com a fundação destas Ordens Guerreiras mágicas era o conhecimento por meio da guerra, de um ascetismo guerreiro, sem ódio ao inimigo, como entre os templários e os Hasanitas do Ancião da Montanha. É a Yoga do Baghavat Gita, a disciplina guerreira de Wotan.

A diferença é tão profunda em relação aos exércitos regulares, profissionais, de nossos tempos, que é lógico e natural que cada vez que o guerreiro (geralmente um civil, pertencente, às vezes, à uma Ordem iniciática, como os SS, ou um Mago-Avatar, como Hitler) e um militar se juntam para lutar por ideais que pareceriam ser em comum, que rapidamente os seus caminhos se separam, entrando em conflito. A perda é sempre para o guerreiro, que hoje em dia carece de apoio da estrutura liberal ou marxista da sociedade, como nos casos conhecidos de José Antonio Primo de Rivera, na Espanha, onde o General Franco (que lhe sentia como um inimigo, como um rival) não aceita a oferta de troca que os "vermelhos" haviam lhe feito, pois não desejavam fuzilar Rivera. Ou Codreanu, abandonado pelo General Antonescu, na Romênia; ou Plinio Salgado, pelo General Getúlio Vargas no Brasil. Tampouco os militares do Chile impedem o massacre dos nazistas rendidos no dia 5 de setembro de 1938. Mussolini é traído pelo General Badoglio. Skorzeny, o seu libertador alemão, declara em seu livro póstumo, "A Guerra Desconhecida", que os generais alemães também haviam traído Hitler, lhe impedindo de ganhar a guerra, com a entrega de informações valiosas a Stalin e aos Aliados daquela época. Em seu terrível livro, recém-publicado por Otto Ernst Remer, Coronel da SS, intitulado "Verschwörung und Verrat um Hitler", aparece uma impressionante lista de traidores militares nos altos comandos das forças armadas do Terceiro Reich.

A tradição que o Chile herdou em seu sangue gótico e nativo não é a de um militar profissional, senão que a de um guerreiro senhorial, de um fidalgo, com ou sem título, de um aristocrata de verdade.

Somente se um exército como o chileno fosse capaz de compreender a diferença aqui exposta e que implica uma Ordem Guerreira espiritual, moldada da sua

circunferência até o seu centro por um ideal que não é meramente patriotismo visceral, senão que algo superior, que está conectado com forças iniciáticas do "outro lado" e com Guias invisíveis, chegando a criar uma espécie de "segundo corpo" de dirigentes desconhecidos, corpo filosófico-místico, que chamaríamos de *Aura*, unicamente então seria possível se transmutar em uma Ordem Guerreira, como estas sacras dos Cavaleiros Teutônicos e Templários. E já não haveria diferença entre militares e guerreiros civis. O militar teria se transmutado em guerreiro-mago. O Exército seria um corpo místico, com algo mais do que uma ideologia política ou de outra ordem, com uma *Aura*, com um "segundo corpo". Uma conexão poderosa com algo que está *acolá*.

Nada disto é possível sem uma decisão racial e eugenética no corpo místico e total do Exército, a única que conseguirá a regeneração e transmutação de seus componentes, permitindo o novo advento dos Deuses Brancos, em uma raça biológica superior.

Um Exército chileno que, como outrora, volta a cultivar a terra, "custeando as suas próprias armas e mulas", sem ser uma carga que vive do trabalho dos outros. Um Exército de fidalgos de raça, com honra espiritual. Um Exército de homens livres, de civis-guerreiros, um povo em armas, como na Suíça, mas de seleção, de guerreiros-iniciados. A Ordem de Wotan, os Guerreiros do Hitlerismo Esotérico.

Para alcançar este ideal nas atuais condições do mundo seria necessário fazê-lo em segredo, porque estaríamos navegando contra as espantosas correntes desta Época Mais Escura, que os hindus chamaram Kali-Yuga e os gregos de Idade do Ferro. Dada a condição racionalista e materialista de todas as instituições destes tempos, incluindo os exércitos, é quase um sonho utópico, impossível de ser alcançado, sem a intervenção de outra Força do alto.

As notícias do Chile durante o governo da Unidade Popular chegavam até mim através do nosso Consul Geral em Zürich, que havia servido como meu secretário e colaborador em Belgrado, nos tempos da minha Embaixada na Iugoslávia. Se sentia desesperado, porque a sua situação na Suíça era bastante absurda: todas as conexões do Chile com o país helvético estavam sendo realizadas através da delegação comercial de Cuba, sem que lhe considerassem nada. Desejava renunciar. Eu lhe tranquilizava, dizendo-lhe que esta situação não podia durar muito. O Chile não era uma nação para ser governada por gente tão exótica, nós éramos sul-polares.

Foi o nosso Consul quem me transmitiu a notícia do golpe militar e do fim de Allende.

Voei para o Chile no primeiro avião da linha nacional que aterrissou em Madri (ainda tínhamos a 'LAN Chile', hoje destruída pelo governo "nacionalista" militar), lá chegando quinze dias depois do golpe. Nas ruas, de noite e de dia, eram escutados os disparos e o barulho das metralhadoras. Os helicópteros voavam sobre os edifícios. Mais adiante tratarei de descrever esta atmosfera única, nunca antes experimentada nesta terra.

Atuei como sempre o havia feito em minha pátria, livremente e com essa natural despreocupação tão própria dos chilenos. Rapidamente me dei conta de que eu aparecia como um ser estranho, uma *rara avis*. No decorrer de um dia e uma noite, algo havia mudado no Chile na essência dos seus seres. Aparentemente, eu nada tinha a fazer ali, naquele momento – quiçá para sempre.

Todavia, eu desejava ajudar, e fui visitar o Ministério de Relações Exteriores, ao qual eu havia pertencido por mais de vinte anos. Um almirante era o ministro. Me escutou atentamente e quis que a Junta Militar, que havia tomado o governo do país, também me ouvisse. Me deram uma audiência para uma semana depois. Penso que enquanto isso investigavam os meus antecedentes nacionais e internacionais, pedindo informações às fontes de que eles dispunham e ainda dispõem, no país e no estrangeiro.

Pela minha ampla experiência no serviço exterior e também na política nacional e internacional, eu não podia pensar que o golpe militar chileno havia sido efetuado sozinho, sem uma estreita colaboração com organismos externos. Já havia falado de Yalta. Por outro lado, fazia tempo que o Chile havia desejado ser este país feliz e sem história ("os países felizes não têm história"). Com a Frente Popular, uma fórmula internacional havia sido aplicada no Chile, por agentes não chilenos; a Democracia Cristã possui uma direção **externa**, com sede **mundial**. Allende trouxe para cá a OLA, os agentes do serviço secreto cubano. (Uma de suas filhas era casada com um pistoleiro e agente chave da inteligência de Havana. O seu escritório ficava ao lado do de Allende na Casa Presidencial, La Moneda. Nenhuma comunicação chegava até o presidente sem que a sua filha e secretária a revisasse antes. Dali ia para Cuba. Portanto, até Moscou). Allende introduziu a K.G.B. no Chile. Por lógica natural, devia ter entrado a CIA, para se contrapor, criando o equilíbrio implicitamente aceitado. Se esperavam uma semana para me receber, a CIA também deveria informar ou ser informada. Vinte e oito anos antes, os "aliados" haviam me colocado na Lista Negra.

No Chile nunca houve um golpe militar puro, independente, idealista. Os militares estão demasiadamente enclausurados em seus quartéis e em seu tipo de vida marginalizada, para saber como devem operar de improviso perante acontecimentos civis. Jamais houve um golpe do tipo que foi planejado durante a minha geração. Ademais, um militar deve pensar muito antes de decidir atuar pondo em perigo a sua carreira e o futuro da sua família. O militar chileno, até o golpe de 1973, foi sempre pobre e idealista. A sua vocação era admirável, a sua sobriedade, o seu patriotismo e dedicação sem compensações fora do exercício da sua profissão sacrificada e de sua férrea disciplina. Um militar jubilado é um homem quase à margem da vida, que marcha sem rumo, sem saber como se mover em uma sociedade de lobos, completamente alheia a formação deste indivíduo. Aqueles militares que se arriscaram em um golpe aqui e também na Espanha, pensando em mudar para melhor as coisas da sua pátria, sempre fracassaram. Alguns receberam o respeito dos civis, mais do que dos seus camaradas de armas, que lhes veriam como sendo profissionais sem critério, que arriscaram demasiado por nada. Assim foi com o General Ariosto Herrera, que recebeu o apoio moral e a admiração de um nobre fascista chileno, Guillermo Izquierdo Araya, chefe de um Movimento Nacional. Com generosidade colocou o General Herrera como cabeça simbólica. Assim acontece hoje com o General Viaux, que também conta com admiração e respeito. E assim o é também com Tejeros e outro na Espanha.

Mas o golpe de 1973 foi outra coisa. Fazia parte de um jogo de xadrez internacional e não podia fracassar. Graças à eficiência das nossas Forças Armadas e da ordem foi efetuado brilhantemente, [seus participantes] podendo se vangloriar de um custo bem baixo se levarmos em conta que pela primeira vez o comunismo internacional foi expulso de um país, exceto no caso da Revolução Espanhola, que durou anos e custou mais de um milhão de mortos, recebendo ajuda explicita dos russos, italianos e alemães, além de brigadas internacionais.

Tudo isto estava na minha mente quando eu me dirigi, uma manhã, a minha entrevista com quatro membros da Junta Militar, no Ministério da Defesa, que era onde funcionava o governo naqueles dias. Pelo interesse histórico que sem dúvida revestia esta reunião, desejo relatá-la com atenção, ainda que correndo o risco de ser anedótico, como já disse, saindo assim um pouco do estilo deste livro.

Fui recebido em um recinto largo e cumprido, com uma mesa extensa ao centro, que deixava pouco espaço entre as cadeiras e a parede. Estavam ali quatro membros da Junta, mais um coronel de sobrenome Rojas, se me lembro bem, e que as vezes fez a função de escrevente, anotando tudo o que era dito, ou melhor, o que eu disse, já que os outros permaneceram em silêncio. Além desta anotação, estou certo de que minhas palavras foram gravadas, e por isso qualquer falha no que eu virei a expor aqui se deve unicamente às falhas da minha memória. Já se passaram dez anos.

À cabeceira da mesa, se sentou o General do Exército, Augusto Pinochet Ugarte; à sua direita, o Almirante da Armada, José Toribio Merino; à sua esquerda, o General da Força Aérea, Gustavo Leigh; à esquerda deste, o General dos Carabineiros – nossa força da polícia uniformizada – César Mendoza. Eu me sentei à direita do Almirante Merino.

O ambiente desta reunião foi fruto de um curioso fato, muito revelador das relações existentes entre militares e civis naqueles primeiros dias e durante os longos anos que se seguiram: sobre a mesa, entre o Almirante Merino e eu, haviam colocado uma pistola, creio que de fabricação espanhola, do tipo parabélum. De imediato eu me dei conta do que se tratava. Minha intuição me indicou que eu nada tinha que fazer ali, qualquer que fosse o resultado da reunião. Eles eram militares, eu era um guerreiro. Imediatamente me demonstraram desconfiança, ademais de um desconhecimento total do espírito do civil, pelo menos de alguns civis, senão que de todos. Com essa arma sobre a mesa eles absurdamente acreditavam em poder me instigar medo. Era, além disso, uma falta de respeito e do código de honra. Sabiam que eu vinha desarmado, não podendo ser de outro modo, e eles me colocavam uma pistola sobre a mesa que, neste caso, era como dizer: “uma pistola no peito”.

Em razão disto, assim comecei a minha exposição:

“O Exército do Chile, minha pátria, tem tradição prussiana. Assim disse Spengler: o espírito do prussiano não é exclusivo dos militares, estando presente também entre os civis. Neste sentido, eu me sinto prussiano, senhores generais. Neste sentido, eu também sou um general”.

De início, eu estabelecia uma igualdade, coisa que nenhum civil que tenha colaborado com o Governo Militar nestes dez anos conseguiu. A todos os civis, ministros ou outros, os colocaram “para fazer guarda”, por assim dizer, os fizeram entrar no “serviço militar obrigatório”, em um sentido simbólico, e ali jamais lhes promoveram além de sargento ou cabo. Que lástima ver estes Ministros de Relações Exteriores ou do Interior, que para sempre se esqueceram de sorrir (“porque sorrir não é militar”) e permanecem enquadrados como recrutas – no Chile dizemos “pelao”[34] – enquanto falam com o supremo chefe ou com qualquer outro uniformizado. Lhes foi incutido um “tique” para sempre, eu temo, algo similar à o que me aconteceu enquanto servi na Iugoslávia comunista, onde todas as conversas eram espionadas. Depois que cheguei à Áustria, me custou muitos meses, para não dizer anos, para me livrar da reação instintiva de tratar de interromper a “gravação das minhas palavras” golpeando com um lápis, ou o que fosse, sobre a mesa. Eu também mudava as fechaduras das portas do escritório e

[34] N. do T.: em espanhol do chile, ‘menino’.

da minha residência pessoal a cada três meses, pelo menos. Foi um hábito difícil de vencer.

Em minha exposição decorri em seguida sobre o que Spengler chamara "Socialismo Prussiano". Tinha eu em mente uma espécie de economia e sociedade deste tipo, querendo dizer nacional-socialismo. Ou seja, socialismo nacional. Prussianismo socialista, vida de "acampamento militar" no estilo visigodo da Colônia, onde chefes e subordinados comiam "do mesmo rancho", com a arma em uma mão e o arado na outra. Porque o Chile iria viver, dali em diante, em estado de sítio e "ataque surpresa" internacional, pressionado e em perigo permanente diante do inimigo exterior, tal como o Conquistador em tempos das guerras do Arauco. E isto iria ser assim por causa da razão que explicarei:

Ao final da última guerra, ingleses e norte-americanos não estavam de acordo quanto ao ponto geográfico da invasão da Europa de Hitler. Desde a Primeira Guerra Mundial, Churchill havia tido uma preferência pelos Balcãs. Roosevelt e Eisenhower haviam se decidido pela Normandia, no Atlântico. Já tinham um acordo com Stalin para entregar a este a Europa oriental e os Balcãs. Com o fim da guerra, os ingleses seguiram manobrando através dos seus agentes secretos, entre eles Tito, conseguindo pelo menos a independência da Iugoslávia, que assim saiu da "cortina de ferro", ficando "deste lado". Mas os ingleses não se contentaram com isto, conheciam bem os limites da Iugoslávia, a sua debilidade como potência industrial. Precisavam da Tchecoslováquia, desenvolvida já antes da guerra. "Aquele que possuir Praga e Viena, terá a Europa", havia dito Goebbels. Independentes do bloco soviético, a Iugoslávia e a Tchecoslováquia; e a Romênia lhes seguiria. O plano era não as sacar do socialismo logo de início, senão que criar um "socialismo humanista", palavra que Allende tanto gostava, como consigna para despistar. Na Tchecoslováquia os ingleses tinham agentes infiltrados desde os tempos do assassinato de Heydrich. Foi assim que apareceu Dubchec e a sua "Primavera de Praga". Eu pude seguir o fascinante processo da Iugoslávia, chegando a informar o que aconteceria ali com um mês de antecedência ao meu Ministério de Santiago. Este informe saiu dali na mesma direção dos outros anteriores. Na Iugoslávia, Tito preparou com tempo os passos iniciais necessários, dando um golpe interno que descabeçou os pró-soviéticos como Rankovic, [que era] o Vice-primeiro-ministro e Ministro do Interior. Segui isto passo a passo, podendo conhecer alguns destes agentes ingleses, que chegaram à Belgrado como que por causalidade. Haviam participado da guerra dos *partisans* ao lado de Tito, lançados de paraquedas pela aviação inglesa nos montes onde o agente-guerrilheiro se ocultava. A ajuda que Tito havia recebido dos ingleses foi irrestrita. Lhe entregaram o general sérvio e patriota, Mijailovic, o seu rival na resistência, para que pudesse se desfazer dele fuzilando-o. este general era francófilo, como muitos dos sérvios. Foi a razão que De Gaulle teve para jamais visitar Tito na Iugoslávia, mesmo quando viajava oficialmente à Romênia, país vizinho e menos importante. Quando Tito se viu diante do perigo de que Stalin invadisse a Iugoslávia, Anthony Eden, Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, foi de "férias" para a costa Dálmata e organizou ali o Pacto dos Balcãs, entre a Grécia, Turquia e Iugoslávia.

Conheci um destes agentes ingleses, protótipo do gentleman britânico, ex-aluno de Oxford, e lhe convidei para vir à minha casa para comer algo. Como um típico agente secreto, bebeu uma garrafa de whisky sozinho. Queria me convencer de que havia vindo até a Iugoslávia para revisar arquivos da guerra *partisan*, na qual ele havia tomado parte,

caindo de paraquedas, como dissemos, nas montanhas da Bósnia, ou algo assim. Iria escrever um livro, “porque apenas as coisas do espírito agora lhe interessavam”. Por exemplo, a Universidade de Oxford acabara de conceder um doutorado *honoris causa* para Pablo Neruda. O nome deste gentil e simpático agente, “tão intelectual”, eu esqueci, mas transcrevi este informe que remeti ao Ministério em Santiago. Ele havia vindo à Iugoslávia justamente para que Tito se desfizesse de seu incômodo Ministro pró-soviético, chefe da polícia, que havia instalado microfones até mesmo em seu dormitório, onde às vezes se reunia para conversar sobre política com Jovanka, sua mulher *partisan*.

A “Primavera de Praga” foi uma operação preparada por anos, desde o final da guerra, e nela participaram também os serviços de inteligência judaicos; uma parte deles, pois a outra colaborou com os Estados Unidos e com os soviéticos. Os serviços de inteligência americanos não somente não atuaram ao lado dos ingleses, como também se opuseram. Os Estados Unidos respeitavam o acordo de Yalta: a Tchecoslováquia era para os russos, para o comunismo russo.

Sabemos os resultados desta operação. Os norte-americanos deram luz verde à Breshnev para a invasão da Tchecoslováquia. Dubchek desapareceu para sempre no anonimato, como também desaparecera depois outro agente, que derrocou De Gaulle, chamado Cohn Bendit.

E assim prosseguia, mais ou menos, a minha exposição. Então expliquei como os russos se inteiraram dos detalhes da intervenção inglesa na “Primavera de Praga”, ao entrar nesta cidade, e montaram toda uma operação para lhes devolver o controle, com a colaboração de Philby, o espião inglês que conseguiu escapar da Rússia e que também era um gentleman de Oxford ou de Cambridge, bom para beber whisky e interessado igualmente na dialética de Hegel, ainda que muito mais na de Marx. Ele lhes havia aconselhado (apesar dos soviéticos não precisarem de conselhos) a agitar a revolta na Irlanda, coisa que também interessava a De Gaulle, e que paralisou os serviços de inteligência britânicos.

“O plano inglês havia sido a criação de um socialismo humanista, “com cara humana”, na Europa Oriental. Agora, os soviéticos lhes devolviam o golpe, tratando de lhes montar, no Ocidente, uma “democracia socialista”, um *marxismo que chegaria ao poder pelas eleições*. E assim nasceu o eurocomunismo. Pensaram que a França ou a Itália poderia ser o campo de experimentos. Por um acontecimento estranhíssimo, não previsto e nem almejado pelos soviéticos, o assunto veio a acontecer no Chile, no “último rincão do mundo”, e em uma zona que os russos deveriam respeitar, por estar dentro da área de influência sobre a qual haviam feito um acordo com os norte-americanos. Os Estados Unidos haviam respeitado a Tchecoslováquia. Em todo caso, os soviéticos, como já vimos, nem curtos e nem preguiçosos, tomaram o fruto que lhes caia nas mãos, pensando em comer dele tudo o que pudessem; mas sem cair em grandes ilusões. A viajem de Allende até Moscou, em busca de ajuda econômica e de seguranças, foi um total fracasso. Os russos já tinham bastante com a Cuba”.

“Foi assim que chegamos ao pronunciamento militar”. Eu disse: “Senhores, se quisessem buscar um argumento para contradizer a opinião internacional de que este golpe foi dado exclusivamente pela CIA, bastaria destacar o fato de que aqui no Chile foi destruído o aparato visível do Partido Comunista. Os russos poderiam aceitar tudo (e igualmente os norte-americanos), qualquer coisa menos isto. O Partido Comunista do Chile é um dos mais fiéis à Moscou, de ampla tradição para os soviéticos, quase como o

Partido Comunista Francês. E esteve em todas as circunstâncias apoiando à linha russa, na invasão da Húngira e na Tchecoslováquia. Este é um golpe demasiadamente duro para os soviéticos. O que aconteceu no Chile altera todo o jogo de xadrez no tabuleiro mundial. Tampouco os Estados Unidos podem aprovar o que aconteceu, porque, como dizemos no Chile, "entre bois não há chifradas". Os grandes combatem entre si, se golpeiam, às vezes duramente; mas não matam uns aos outros. Este é o seu código; o código desta máfia. Aqui os norte-americanos estavam de acordo com a saída de Allende do poder; mas não com a destruição do Partido Comunista, porque isto afeta interesses vitais do inimigo, que é inimigo apenas nas aparências. Portanto, senhores, o Chile haverá de resistir ao vendaval que vem para cima dele. O mundo inteiro estará contra ele. Porque o Chile alterou o jogo neste tabuleiro mundial, e as suas regras".

Não recordo se estas foram as minhas palavras exatas, mas estas foram sim as ideias e a sequência da exposição das mesmas. Eu estava de acordo com o que havia sucedido, pois atribuía os fatos às mãos que dirigem o destino da nossa terra. O que aqui sempre chamaram de "Virgem de Carmen" e que chamo de Estrela da Manhã, ou Gigantes dos Andes. Mas também os chilenos a chamam de Estrela Solitária, a Estrela do Chile.

Recordo que então falei da "conspiração branca" dos jesuítas e da Igreja Católica, expressando minhas suspeitas de que Stalin havia conseguido infiltrar à hierarquia vaticana, com agentes jovens enquistados nas ordens eclesiásticas mundiais, também no Chile, e que hoje seriam arcebispos e cardeais.

Terminei falando sobre a necessidade de estar à altura do drama e da fúria desatada contra o Chile, iniciando de imediato uma contraofensiva internacional de informação diplomática. Hoje os serviços de inteligência do mundo inteiro trabalham com a parapsicologia e forças mentais, eu disse. O Exército do Chile deveria criar um "segundo corpo", uma espécie de *Aura*, de diretores invisíveis. Sobre isto não me estendi mais; mas disse tudo com toda claridade. O que eles haviam entendido, eu não sei. Pouco depois foi criada a Direção de Inteligência Nacional (DINA). Talvez eles traduziram mal a palavra *Aura*.

Assim terminou esta reunião. Todos se levantaram. Apertei a mão de cada um deles e parti. Depois, tudo veio a acontecer exatamente. O furor comunista não teve limites. Um pequeno país os havia desarticulado internacionalmente. O furor era também contra os Estados Unidos, que haviam permitido este "satélite" ir tão longe. Não se podia acreditar que eles não houvessem tido participação em tudo, também na liquidação do Partido Comunista. E foi assim que primeiro pensou-se em armar o Peru com tanques e aviões russos para que nos invadissem; mais tarde, pensaram na Argentina. Então, os soviéticos tentaram se compensar em Portugal, afetando ali os interesses vitais da OTAN, que nada tinha a ver com o Chile. Se retiraram de Portugal, mas se compensaram em Angola. Kissinger era um especialista em negociar com os soviéticos, lhes entregando territórios materiais e espirituais como compensação.

Quis ajudar o meu país e ofereci minha colaboração. Consequentemente, com a minha exposição e o modo como eu via o que aconteceu, dentro do quadro global dos acontecimentos mundiais, enviei uma carta ao Ministro de Relações Exteriores, Almirante Huerta, que era com quem a mim correspondia estar em contato e a quem eu devia esta recepção da Junta do Governo. Lhe propus usar minhas amizades, visitando-as, para expor nosso caso: a senhora Indira Gandhi, Primeira Ministra da Índia; Tito, ainda vivo; o Presidente da Áustria, Kirchschläger; o Secretário Geral das Nações

Unidas, Waldheim; o Diretor Geral do Ministério de Relações da Itália, Roberto Ducci; meu colega na Iugoslávia e Áustria; etc. pedia, para poder ter mais peso representativo, que me fosse restituído o cargo de Embaixador, por ter sido o único que havia sido despojado por Allende.

Penso, ainda hoje, e apesar do meu pessimismo em relação a todos estes assuntos da política visível e contingente, que algo pode ser conseguido, porque ainda restava um estreito espaço para manobras – como entre a parede e as cadeiras desta sala de reunião com a primeira Junta – para as simpatias e a amizade entre os homens. Eu pude fazer algo nestes momentos decisivos e cruciais para o Chile.

O Ministro de Relações, o Almirante, fez com que chegasse uma resposta até mim, depois de passado muito tempo, me dizendo que não havia dinheiro, que estavam muito pobres para estas minhas viagens.

De novo os destinos da minha terra vinham para me proteger. Meu ciclo de trabalho no mundo exterior e na diplomacia haviam terminado para sempre. Eu não podia me comprometer com tudo o que então havia acontecido e que era absolutamente inevitável, dada a situação em que se encontra a estrutural fundamental do homem do Chile, a sua configuração racial, o ciclo da sua mestiçagem já tendo terminado.

Enquanto saia do Ministério de Defesa, em direção novamente ao Ministério de Relações Exteriores, marchando por estas ruas patrulhadas por tanques, com o ruído esporádicos de disparos, refletia sobre a cena recém vivida. À cabeça da mesa de conferência se encontrava este homem que o “destino genético” havia destinado ao Chile para os próximos anos de uma ditadura jamais vivida por este país até agora, em todos os tempos, desde Portales. Estava claro que ele não era, todavia, o chefe indiscutido, nem o havia sido no pronunciamento militar. Aconteceu do mesmo modo como com Franco na Espanha, que tampouco foi líder carismático, até que os acontecimentos foram lhe deixando sozinho no poder. O caso de Pinochet foi distinto; porque ele mesmo eliminou seu rival na Junta, o General da Aviação, Gustavo Leigh. Que impressão me deixaram? Leigh, quase um civil, coisa natural nos aviadores, com escola diferente da prussiana do Exército e da inglesa da Marinha. O Almirante Merino era “um cavalheiro com uma pistola sobre a mesa”. Isto lhe define, ao meu ver. Algo como um Almirante Carreño no terremoto de Valparaíso, disposto a fuzilar os saqueadores e incendiários que se aproveitavam da catástrofe. O General de Carabineiros tinha um apelido sefardita, muito astuto, grande visitador de sinagogas, e disposto a não criar mais problemas além dos inevitáveis. E quanto ao *cinche*, o que seria o *cinche*, tinha todo o tipo de um *cinche*, precisamente. Há dez anos, uma testa mais estreita e traços autóctones, apesar dos seus olhos azuis. A sua psicologia teria que ser consequente com o seu tipo racial, sumamente desconfiado e sem nenhum dos traços que distinguem o General Carlos Ibáñez, que me nomeou na Índia e que também nomeara Neruda no serviço diplomático e trouxera Gabriela Mistral ao Chile para lhe render uma homenagem. Então, como um pai, ou um avô, lhe pôs dinheiro no bolso, “porque poderia precisar dele para a viajem de volta aos Estados Unidos”, onde ela servia como Cônsul vitalícia. O mesmo gesto teve Franco com León Degrelle, quando lhe salvou dos “aliados”, meramente pelo fato de ser católico e não salvou Laval, pelo fato de não o ser. Mandou para Degrelle um envelope com dinheiro e lhe escondeu em Sevilha, enquanto simulava lhe enviar à ultramar. Perguntei uma vez a um amigo, embaixador francês no Afeganistão, Christian Belle, um intelectual de alto voo, que havia vivido no

Chile: "Por que De Gaulle nomeou Andre Malraux como ministro, entregando a sua confiança a um escritor?". Ele me respondeu: "Porque no coração de um soldado também cabe um poeta".

Bom, no coração do general Pinochet estou seguro de que não há espaço para isto. Se houvéssemos de procurar um similar a ele, politicamente falando, paradoxalmente somente poderíamos encontrá-lo em Stalin. Assim como o General Ibáñez pareceria com um mandarim chinês. Pinochet é um tártaro, racialmente falando. Coisa que em nada nos deve estranhar, tratando-se deste país e a sua configuração, que já estudamos. Unicamente com o aflorar à superfície do elemento asiático do mapuche e da mestiçagem é possível explicar uma tão ampla ditadura no Chile, nunca possível com anterioridade e enquanto o espírito *portaliano* e visigodo-branco esteve vivo. O príncipio do cinche, do cinchicona araucano, o Führer-Prinzip germânico, foi violado, porque o cinche permaneceu no poder por mais tempo do que o necessário e permitido pelo perigo e a emergência. Se transformou em uma ditadura asiática, africana, centro-americana, latina ou tropical, não ária, nem de acordo com a tradição vernácula de um Chile que já não existe mais.

Voltei ao Ministério de Defesa no próximo dia para entregar da Junta o meu livro sobre a Antártica, "Quien llama en los Hielos", e o meu relatório sobre a guerrilha, uma de cujas cópias encontrei nos arquivos do Ministério de Relações Exteriores. Esperei na antessala pelos integrantes da Junta, que se encontravam em reunião. O primeiro a sair foi o General Pinochet. Lhe entreguei o relatório. Detrás dele vinha o General Leigh. Com grande rapidez guardou o meu relatório em uma pasta que levava em mãos, de modo que Leigh não pudesse vê-lo. Era um gesto para mim muito revelador. Então conversamos por um momento. Logo depois, escutamos alguns sons de batidas, esporádicos, secos. Pinochet me olhou e disse: "Estão disparando!". Havia em seus olhos uma luz, uma chispa. Leigh retificou: "Não, são os encanamentos de água". Nestas reações estavam refletidas duas personalidades opostas. Claramente, Pinochet sabia que não eram disparos, mas desejava espantar o "civil", o " cucalón"[35], como chamavam os civis na Guerra do Pacífico. Leigh não fingia tal coisa e dizia a verdade.

Penso que precisei sair dali me sentindo farto, pois aquela cena foi o suficiente para me desanimar. Que desconhecimento existia nestes homens da realidade do Chile e da nossa gente! Ademais, que falta de respeito para com os que haviam participado de todo um período da nossa história, que desprezo pelos homens que lutaram pelos seus ideais e servido àquele país até o limite de suas forças e possibilidades. Sim, nada tinha a ver o guerreiro com o militar de profissão, com um profissional da guerra; uma instituição castrense, criada para proteger fronteiras artificiais, [nada tinha a ver] com uma Ordem sagra e guerreira. E à minha mente veio a recordação da minha viagem à Antártica na fragata da Marinha de Guerra, "Covadonga". Ali ia eu, também representando o jornal mais antigo do meu país, "El Mercurio", e devia lhes enviar informações. Qualquer telegrama que pudesse enviar tinha que ser controlado pessoalmente pelo Comodoro da Expedição, um Almirante. Sempre os censurava, modificando as palavras ali escritas. Se eu escrevia: "Hoje vi três baleias no Mar de Drake", ele pensava que era algum código perigoso e mudava a palavra baleia para cachalote, rebaixando o número de três para dois. A atmosfera se tornou insuportável

---

[35] N. do T.: termo chileno usado para descrever o civil que assistia às demonstrações militares na qualidade de espectador ou repórter.

e rapidamente entrei em choque com o Comodoro. Naqueles tempos, claro, no Chile as coisas ocorriam de outra maneira. Os civis governavam.

Agora todo o país, e por muito tempo, seria uma "Fragata Covadonga", onde nenhuma voz, se procedesse de um civil, seria escutada, equivalendo à "deliberação", em jargão militar, algo punível pelo código da instituição. Não podíamos discordar. Mas eu o fiz, cada vez que pude e que me foi dada a oportunidade, especialmente em se tratando do sistema econômico imperante. Mas logo teremos tempo de nos referir a isto.

O Palácio da Moeda, sede da Presidência e do Ministério de Relações Exteriores, foi bombardeado com projéteis da aviação, provocando um incêndio que causou grandes danos. Naqueles dias eram visíveis as marcas do fogo. Quando caminhava por seus corredores em busca dos arquivos onde acreditava estarem alguns dos meus relatórios, me vi em um recinto sem mobília e coberto de papeis, de documentos semidestruídos. Um jovem funcionário se movia entre as ruínas, tratando de pôr um pouco de ordem ali. Me detive naquele local por um instante. Com emoção e surpresa pensei ter reconhecido o selo de um documento. Me agachei para recolhê-lo. Era o convênio comercial entre o Chile e a Índia. Estava quase intacto, exceto por algumas bordas queimadas e uma capa em cinzas. Minha assinatura aparecia junto à do Ministro do Comércio da Índia. Muitos rostos me vieram à mente. O de José Maza, de Pedro Alvarez, de Guillermo Carey, o da senhora Krishna Hutheesing, irmã de Nehru, o de Indira Gandhi, que tanto nos ajudou, e o do próprio Nehru. Muitos deles já desapareceram. E o de meu fiel secretário hindu, Mani; o de meu [amigo] autista, Michael, companheiro inesquecível de tantas expedições aos santuários sacros dos cumes himalaicos. Ninguém no Chile de hoje recorda sequer quem foi José Maza, figura romântica, que pôde ser presidente do Chile e que renunciou à esta possibilidade pelo amor de uma mulher; muitas vezes foi Presidente do Senado. Quem se recorda de Pedro Alvarez e tantos outros hábeis e esforçados representantes do salitre chileno em Londres? Ah, como lutei junto a eles para vender salitre e cobre à Índia! Agora nada disso contava. Éramos civis, todos gente culpada de não sei o que. Esse convênio pelo que tanto nos havíamos esforçado e no qual até mesmo um estadista como Nehru havia depositado suas ilusões, agora nada mais era do que um papel chamuscado.

Ainda que eu não estivesse no Chile durante este sinistro período da Unidade Popular, minha família permaneceu aqui, meu irmão e minhas irmãs e seus filhos combateram e estiveram dispostos a perder as suas vidas. Para alimentar os seus filhos tiveram que permanecer horas intermináveis nas filas de racionamento, que começavam a se formar durante a noite, a maioria sem êxito algum, porque os alimentos se esgotavam rapidamente. Os civis, com escasso armamento, a maioria com simples pedaços de pau ou talheres, se organizavam por bairros para se defender dos batalhões comunistas e do MIR, dos "cordões [de trabalhadores] industriais", que se precipitariam a qualquer momento sobre a população. Os civis, homens e mulheres, estiveram dispostos a brigar e a morrer, como Don Pedro de Valdivia e seus seguidores, que eram poucos e estavam menos armados, perante a horda mapuche. As Forças Armadas em nenhum momento sofreram como o civil; pelo contrário, eram adulados por Allende; ele as temia e precisava delas. Atuaram no último momento, de modo seguro e com conexões. Quase de imediato estabeleceram esta divisão irritante e mordaz em relação ao civil, apagando com um só golpe toda a história do Chile, por assim dizer, tudo o que

o civil havia feito, até mesmo na Guerra do Pacífico, planejada por Portales e ganhada por Vergara e Sotomayor. Meu irmão Diego, que havia intervindo profundamente para derrocar Allende, anonimamente, como tantos outros, não pôde resistir ao clima posterior de injustiça e foi decaindo visivelmente, com a alma amargurada, até morrer.

O que havia acontecido? Eu, que vinha do estrangeiro, poderia talvez descobrir isto de melhor maneira. No curto espaço de um dia e de uma noite tudo mudou definitivamente. E isto não podia ser um fenômeno explicável de maneira corrente e nem natural. Era algo sobre natural. O mais admirável foi que os habitantes deste país pareciam não se dar conta do que havia acontecido, participando ou propiciando o evento sonambulamente, se incluindo como peças fatais do mesmo. Não muito tempo antes, em uma viajem ao interior do Chile, eu havia participado de reuniões cheias de vida e de inteligência. Agora buscava pela mesma gente e já não eram nada, como se uma alma, um espírito lhes houvesse abandonado e eles aceitaram isto sem reclamar. Este espírito também havia morrido, mesmo que eles não o soubessem, junto com o lado contrário, com o "inimigo". Uma alma tradicional chilena, uma figura, talvez branca e feminina, como aquela que abandonou o Ocidente após a última guerra, havia deixado o Chile para sempre. Outro era o espírito que ali agora encarnava.

Acabaram-se as risadas, os sorrisos amáveis, apenas faces endurecidas, gestos duros, gente que fica em posição de sentindo ao cumprimentar. Na Alemanha de Hitler, em plena guerra, nunca foi assim. Não foi assim na Espanha de Franco nem mesmo durante a sua Guerra Civil, na qual realmente morreram um milhão de combatentes.

Outro espírito. Que espírito era esse? De uma janela eu olhava a sinistra noite. Ruas vazias, disparos, o barulho de metralhadoras. Luzes que oscilavam, um automóvel passava em velocidade vertiginosa, certamente escapando de algo. E a velha noite, a noite de Jasão, vinha à minha mente.

Em uma reunião, um homem jovem e triste me contou um sonho que havia tido: a montanha se rompia, a rocha saltava, em mil pedaços. Ele não falou de gigantes, mas não pude deixar de ligar o seu sonho a eles, porque, desde muito tempo, eu vinha pedindo a sua intervenção para salvar o Chile. Bem, os gigantes haviam saído das rochas dos Andes e não haviam nos salvado; mas de novo haviam saído, porque o princípio cinchicona da alma do *Ré-Ché-frísio* (não do mapuche-mongol), e o *Führer Prinzip*, da alma visigoda ária, da Hiperbórea sul-polar, estavam sendo traídos, violados. Porque no Chile já não haviam restos de sangue frisão na mestiçagem com o índio, e nem do sangue visigodo no componente branco.

Aqui o *Cinche*, o chefe eleito livremente para o momento de maior perigo, para esta emergência, iria se perpetrar no poder, com as consequências funestas que isto trairia para a alma e o destino desta nação. E se isto havia acontecido assim, o chefe escolhido se impondo à força e o povo aceitando-o, é porque os componentes raciais já não eram os mesmos e a involução genética havia se acelerado. O Chile, depois de um século, havia se transformado em uma ditadura militar, como um país centro-americano qualquer. Ele a merecia, a pedia geneticamente.

Como dado ilustrativo do fenômeno, podemos afirmar que não é o povo indígena e nem a gente de cor quem protesta hoje contra a ditadura do *Cinche*, senão que a mais acomodada e mais branca, a classe alta, digamos. Este é um assunto que nada tem a ver com a razão e nem com a economia. É coisa do sangue.

Me dei conta muito rapidamente de que eu nada tinha a fazer aqui, agradecendo ao destino por ter me impedido de colaborar. Senti, todavia, o dever de dizer o que pensava e criticar os erros que cada vez mais se tornavam visíveis. Escrevi contra o sistema econômico que estava sendo imposto. Fui convidado a dar uma palestra sobre Nicolás Palacios na Academia Superior de Segurança Nacional, em Santiago, perante almirantes, generais e autoridades universitárias. Ali eu disse o mesmo que aqui estou escrevendo. Depois, fiz com que esta curta palestra circulasse na forma de um pequeno folheto fotocopiado, pois a censura de livros não teria me permitido publicá-la.

Assim, tenho a minha consciência tranquila, coisa que não poderiam dizer alguns nacionalistas viscerais, que apoiam toda a ditadura que se declare antimarxista e que faça uso irrestrito da bandeira e do hino nacional. Eles, que não tiveram absolutamente nada a ver com o que se tem feito aqui nestes últimos dez anos, sofrerão as consequências dos erros e serão acusados. Porque é consigna do marxismo, repetida automaticamente pelos democratas antimarxistas, acusar de fascista e nazista a qualquer ditadura militar sobre a Terra e até no cosmo, no cinema de ficção-científica, pretendendo ignorar e fazer com que esqueçam que o fascismo, e mais ainda o nazismo, foram concepções filosóficas, sociais e econômicas totalmente diferente da marxista e capitalista, porque tentaram dar uma solução global à problemática social. O próprio termo nacional-socialismo – socialismo nacional, não internacional, não judaico – indica uma procedência e direção diferentes, em nenhum caso capitalista. Tampouco o termo "nacional" deveria induzir ao erro e ser confundido com este nacionalismo epidérmico, emocional, sentimentalista e sem maior conteúdo. O nazismo alemão e o fascismo foram o que houve de mais distinto das ditaduras militares prolongadas, que caracterizam os conglomerados étnicos onde veio a predominar o elemento da cor da mestiçagem, como no centro e no sul da América, na Ásia amarela e na África negra; também em uma Argentina "sicilianizada".

Estes dez anos de governo militar chileno são únicos no mundo ocidental. Franco, na Espanha, manteve os militares nos quartéis. Isto se deve, quiçá, à influência do fascismo e do nazismo, em sua melhor época, que haviam sido movimentos filosóficos e da civilidade. Digamos, do guerreiro-civil, não do militar. Mas aqui no Chile o fenômeno se revestiu de um caráter absoluto, total – quase que escrevo totalitário, se não tivesse tanto respeito por este termo. O militar ocupou tudo, se apoderou de tudo: ministérios, reitorias, embaixadas, subsecretarias. E isto, que pôde e devia ser momentâneo, de alguns poucos anos, se transformou em permanente, sem que por isso o militar tenha se mutado em civil, mantendo a sua alma e mente recortadas, pela tecnocracia do quartel. A luta de classes, se é que houve uma, veio a ser substituída por uma luta de duas mentalidades opostas, com a supressão da idiossincrasia civil. Como uma mancha de azeite, como uma água escura, como uma sombra, os exércitos ocuparam o espaço inteiro da cordilheira até o mar. O espírito libertário visigótico e a livre escolha da *Männerbunde*, da *Gefolgschaft*, também do *Cinche*, do *Longo*, do *Toki*, foram suprimidos, violados.

Unicamente aconteceu a aceitação de uma série de homens inexperientes, impostos do exterior, que vieram com poderes absolutos para estabelecer uma espécie de tirania econômica liberal. Que ironia.

Tocamos assim no cerne, o ponto mais delicado de todo este extraordinário fenômeno acontecido no Chile e que nos serve para nos posicionar novamente em uma

perspectiva mundial, planetária. No coração do Grande Plano e da Conspiração dos filhos de Sião.

O Judeu Milton Friedman e o Chile

Por sua configuração inata, por sua estrutura anímica, um militar obedece a aquele que está acima de si na pirâmide da sua organização hierárquica. E aquele que está no cume, o último, o único, carecendo destes "guias invisíveis" das Ordens Guerreiras, que o conectem com uma "mais além", com o Grande Mestre Espiritual, deverá obedecer a um presidente civil ou a um rei, que, por pertencer ao mundo desarticulado e liberal racionalista da Época Mais Escura, do Ferro, da Idade de Kaly, sabem como melhor manobrar no desastre. Todavia, quando o civil já não está mais ali, como presidente (que é o caso do Chile, então o chefe militar supremo se torna órfão, sem ter a quem recorrer dentro do país para receber suas ordens. Ele sabe dar ordens aos seus subordinados mais abaixo do seu escalão; mas precisa de direção do exterior, algo visível principalmente em termos da condução econômica [do país].

Foi durante o governo de Eduardo Frei que foi firmado um convênio de intercâmbio entre a Universidade do Chile e a de Chicago, nos Estados Unidos. Deste modo, quando os militares chegaram ao poder se viram perante quadros perfeitamente organizados de jovens economistas, os que foram apoiados pela *Opus Dei* e seus congêneres, os chamados "sindicalistas". Os fedelhos, doutorados em Chicago, alcançaram rapidamente um poder omnipotente, chegando a controlar toda a economia do país, os Ministérios da Fazenda, da Economia e o Banco Central. Os "Chicago Boys", como foram chamados, ditaram também a política através de sindicalismos e tentaram controlar a educação com o Opus Dei e o Schönstadt. O sistema monetarista e consumista foi aplicado aqui até as suas últimas consequências, coisa impossível de realizar em nenhum país que não tenha um governo ditatorial e centralizado. Podemos dizer que o sistema foi sustentado com a espada, até que os seus máximos e inevitáveis resultados foram obtidos" a destruição da agronomia e da indústria incipiente de um Chile esforçado, as últimas reservas do tradicionalismo.

O que mais se poderia esperar? Bastava ter lido e lembrado da advertência de Nicolás Palacios: preste atenção ao nome do autor da doutrina que irá ser aplicada. E ler, além do mais, os "Protocolos dos Sábios de Sião".

Israel jamais aplicaria em seu território o monetarismo de Milton Friedman. Este é para o consumo do *goym*, para a sua destruição. Por que no Chile, neste pequeno país? Já escrevemos muitas páginas sobre o plano para a destruição da América dos Deuses Brancos. A desintegração de um país tradicional é sempre buscada, sem importar o seu tamanho e nem localização. Ademais, o Chile estava "pedindo isto de dentro", como diria [José] Ortega y Gasset, em razão do seu processo de involução biológico, genético. Os micróbios da desintegração chegariam sozinhos, infalivelmente. Tudo o que aconteceu tem um mero caráter simbólico, como dissemos, e, em todo caso, pareceria ser inevitável, com Allende ou sem ele. Somente a magia dos gigante poderia ter impedido isto. Mas somos poucos os que ainda acreditam neste milagre.

Com o monetarismo e o livre comércio todo o controle por parte do Estado cessa. A usura e o banco internacional entram no cenário e predominam. A propaganda

fomenta o consumo descontrolado, cria necessidades artificiais sem satisfazer as fundamentais; toda espécie de produtos desnecessários e de luxo, ademais da quinquilharia oriental, entram no país, o qual se endivida para importar tais produtos e para consumi-los. Não se estabelece proteção alguma para o produto nacional, sendo que os produtos estrangeiros podem competir em condições vantajosas, pelo fato de quase todos eles serem subsidiados. Deste modo, a indústria e a agricultura tradicional são destruídos muito rapidamente. O país começa a depender até mesmo da manteiga e leite estrangeiros, altamente competitivos. Em uma crise internacional está inerme. Aqui tudo passou a ser livre, exceto pelo dólar norte-americano que, paradoxalmente, foi mantido a um valor fixo e artificial, muito baixo, até o dia 14 de junho de 1982, neste curioso câmbio livre aplicado no Chile. Tudo isto destruiu a incipiente economia nacional. O dólar fixo favoreceu o especulador, ao mesmo tempo que deu um golpe mortal ao exportador e à indústria. O agiota, o financista do mercado de capitais se endividou em dólares com o banco estrangeiro e especulou com os juros, valendo-se do câmbio fixo. Quando o especulador também quebrou já tinha os seus lucros no exterior, e o banco internacional exigiria garantias do Estado pelas suas dívidas privadas e para seguir emprestando ao país, ou para renegociar suas imensas dívidas. Os donos do banco mundial e dos empréstimos são todos judeus. E o objetivo principal do judeu é a liquidação do campo, da terra, pelo fato destes representarem o sangue a tradição, essência de toda nacionalidade, seja de forma direta com o marxismo, como haviam tentando com Allende e com a Democracia Cristã de Frei e Chonchol, com a coletivização e a reforma agrária, com o mini-fúndio, ou de forma indireta, mais sutil e astuta, com o câmbio livre, o monetarismo e o consumismo capitalistas de um Friedman e seus economistas da Escola de Chicago. Ao deixar sem proteção os produtos da terra, inermes perante a competência estrangeira, tratando o campo, o trabalho, o sangue, como uma mera mercadoria, enquanto unicamente protegiam o mercado de capitais, com a fixação do preço do dólar, refugiando-se no dogma anti-inflacionário (a inflação nunca foi reduzida, senão que congelada em seu nível mais alto) e na infalibilidade do Sanhedrin de economistas, em seu rabinismo todo-poderoso, para não permitir que o dólar flutuasse como mais um produto dentro do sistema da oferta e demanda, com esta exceção, imposta para proteger o especulador endividado em dólares no estrangeiro, todo o sistema livre-cambista deverá “pedir água”, trazendo à tona a satânica conspiração contra a tradição e o sangue do povo. Com as altas taxas de juros pagas ao capital depositado nos bancos e companhias financeiras, foi propiciada a inércia e a improdutividade do país, pois sem trabalhar era obtida uma renda melhor. As forças nacionais do trabalho foram debilitadas, já que cada homem, jovem ou idoso, se transformou em um aposentado, que vendia até mesmo os seus bens e suas terras para depositar o capital que lhe permitisse viver sem fazer nada. Até que os bancos e as financeiras quebraram, no instante preciso e decidido pela conspiração mundial. O trabalho verdadeiro, a indústria e o campo, primeiro passaram a ser não rentáveis, não produtivos; e então foram paralisados e destruídos.

Resumindo: o sistema marxista e o capitalista, o câmbio livre, são igualmente destruidores da nacionalidade. Em aparente contradição apontavam um para o outro, já que um não pode existir sem o outro. Porque acima, no cume, se encontra aquele que hoje em dia ninguém se atreve a dizer o seu nome, porque tremem perante a mera presença da sua sombra, o dono dos raios e do trono, que é reverenciado até a

genuflexão, por terror de que [este] os destrua junto com o universo: o judeu internacional.

E isto, que é tão sério e real, já foi enxergado pelo nacional-socialismo e pelo fascismo, [os dois] dando outra solução ao problema social e econômico, a única possível: mudar o valor-dinheiro pelo valor-trabalho, pôr de lado as doutrinas marxistas e capitalistas, porque ambas foram inventadas pelos judeus para destruir o não judeu. O judeu, a anti-raça, não pode criar nada distinto, nada que seja bom para o goym. Isso também pôde enxergar Nicolás Palacios.

Se tudo isto que aconteceu no Chile não é ainda o suficiente para abrir os olhos, então nada mais conseguirá fazê-lo. Na primeira parte deste livro reproduzimos trechos dos "Protocolos dos Sábios de Sião". Deveremos agora repeti-los para que o leitor possa ver como o que está escrito ali se encaixa perfeitamente com o que tem acontecido neste pequeno país, como o plano foi aplicado em seus mínimos detalhes, por uma inteligência diabólica que conseguiu controlar as decisões mais importantes, se apoderando dos recursos que gerenciam toda a vida nacional.

"Protocolo IV – Para que seja arruinada totalmente a vida social temos que colocar o comércio sobre a base de especulações. O resultado disto será que a riqueza da Terra, que é recolhida por meio da produção, não permanecerá nas mãos dos gentis, senão que, através da especulação, passará para as nossas caixas fortes. A luta pela supremacia e a especulação no mundo dos negócios produzirá uma sociedade desmoralizada, egoísta e sem coração. Esta sociedade será completamente indiferente e até mesmo inimiga da religião, e também *desiludida em relação à política e os políticos*. A luta pelo dinheiro será a sua única guia, transformando em um verdadeiro culto os prazeres materiais que este possa obter".

"Protocolo VI – Com o objetivo de arruinar a indústria dos gentis e favorecer a especulação, fomentaremos o amor ao luxo desenfreado, ao qual já damos um impulso ... Debilitaremos astutamente as bases da produção ...". Etc.

"Protocolo VIII – Circundaremos nosso governo com um verdadeiro exército de economistas. Tal é o motivo pelo qual aos judeus são ensinadas principalmente a ciência da economia. Estaremos rodeados de milhares de banqueiros, de comerciantes e, do que é de maior importância ainda, de milionários, porque em rigor da verdade, o dinheiro decidirá tudo ...".

"Protocolo XX – Os empréstimos contraídos no estrangeiro são como uma sanguessuga que não a qual não é possível ser separada do corpo do governo, até que caia por si mesma, ou até que o governo consiga se libertar. Mas os governos dos gentis não desejam se ver livre da sanguessuga, pelo contrário, aumentam o seu número, e eis aqui a razão pela qual os seus estados estão condenados a morrer sangrando. Pois, o que é um empréstimo exterior senão uma sanguessuga?...".

"Todo empréstimo demonstra a debilidade do governo e a incapacidade de compreender os seus próprios direitos. Todo empréstimo, como a Espada de Damocles, pende sobre a cabeça dos governantes que, chapéu em mão, recorrem aos nossos banqueiros ..."

"Todas as crises econômicas que nós organizamos com tanta astúcia nos países dos gentis foram ocasionadas *retirando o dinheiro de circulação*. O Estado se viu obrigado a recorrer aos empréstimos. Estes empréstimos ocasionaram pesadas taxas aos governos, obrigando-os a pagar juros, e assim ficaram com as mãos e os pés atados".

"A concentração da produção em mãos do capitalismo esgotou as forças produtoras do povo, assim como as riquezas do Estado. Nos momentos atuais a moeda não pode satisfazer as necessidades da classe trabalhadora, porque não basta para todos .... Convém considerar as crianças como consumidores de dinheiro desde o primeiro dia da sua vida ...".

"... Os relatórios dos nossos sequazes, os quais são enviados como "especialistas", foram redigidos pelos nossos agentes. Foram sempre gratos às mentes pouco informadas dos governantes, porque sempre continham recomendações para a realização de futuras decisões econômicas. Poderiam ter nos perguntado como era possível realizar economias aplicando novas taxas; mas nunca perguntaram nada".

"*Vós sabeis em que condição de caos financeiro caíram por sua própria culpa e negligência. Acabaram por fracassar, apesar de todos os sacrifícios dos seus governados*".

"Protocolo XIII – *O Jugo do Pão* – a necessidade do pão de cada dia obrigará os gentis a se calarem e a serem nossos humildes servos".

E assim é, com os jornalistas, escritores, informadores, críticos de literatura e de arte, educadores, promotores, em nosso país e em qualquer outro do mundo.

Depois de ler isto e ver o que aconteceu e acontece no Chile, entretanto haverá alguém que duvide da autenticidade dos "Protocolos". Isto se deve ao *jugo do pão*. Foram publicados em 1905 e ninguém poderia pensar que já naqueles dias saberiam o que viria a acontecer aqui hoje em dia. Nicolás Palacios publicou o seu livro "Raza Chilena" um ano antes, em 1904, portanto, não conheceu os "Protocolos dos Sábios de Sião". O que torna o seu gênio algo de maior valor ainda e a sua intuição profética.

O que será agora do Chile, uma vez que for cumprida definitivamente a primeira etapa do plano judaico? A resposta também deveria ser buscada nos "Protocolos". Há quem os consulte como se fossem um horóscopo e com melhores resultados do que se fizessem o mesmo com o "I-Ching".

Para Milton Friedman foi dado o Prêmio Nobel. É muito possível que a razão tenha sido a capacidade demonstrada para destruir um país e vários outros sozinho. Um prêmio muito merecido, segundo o critério "protocolar".

Há sempre uma incógnita que resta ser elucidada: Marx, Freud, Friedman, Einstein, são entidades conscientes em uma conspiração à nível planetário, criadores hábeis, donos de um plano elaborado minunciosamente para destruir tradições alheias, desintegrando e corrompendo organismos? Ou unicamente foram instrumentos direcionados, programados em seus genes, em seus cromossomos, utilizados por outra Inteligência externa, diabólica e superior, que os moldou como judeus, realizando com eles um *pacto robótico*, no anti-sangue, um pacto de magia negra? Ou talvez, a natureza os usa como usa os micróbios para desintegrar um cadáver? Vírus, células cancerígenas.

Existiria um indício que inclina as decisões a favor da existência de uma conspiração consciente, de um plano elaborado até os seus mínimos detalhes por uma Mente superior e realizado materialmente por um *trust* minoritário e oligárquico de cérebros diabólicos, que trabalhariam nas sombras e em segredo, com o possível e limitado saber de uns poucos executores externos, mas nunca em conhecimento total dos meios e dos objetivos máximos. O sinal revelador viria a ser a campanha de propaganda e promoção gigantesca, habilmente montada em apoio aos executores visíveis do grande plano para lhes tornarem mais eficazes, mais invulneráveis e

populares, mais famosos: Prêmios da Paz (Kissinger, etc), Prêmios Nobel (Friedman, etc), prebendas, honras e riquezas.

A Usura

Com esta palavra, Ezra Pound sintetizou o mal profundo da Época Mais Escura. O seu famoso Canto XLV "Usura", é também um Manifesto contra este tempo maldito. A razão fundamental que levou Ezra Pound a tomar o partido de Hitler na Grande Guerra é que foi o nacional-socialismo que destruiu a servidão aos juros do dinheiro. Isto é, à Usura.

E é esta também a razão máxima da declaração de guerra total a Hitler e ao Hitlerismo por parte dos poderes do judaísmo internacional, dos serventes do Demiurgo Jeová, do Inimigo, do Senhor das Trevas. Hitler lhes privava de sua arma sinistra, por meio da qual haviam escravizado o mundo.

A análise da nossa situação, da de outros países do nosso continente e do assim-chamado Terceiro Mundo, tem sido feita colocando como pedra angular o Protocolo XX dos Sábios de Sião, sobre os empréstimos contraídos no estrangeiro. É possível ver que esta dívida externa será também eterna, alcançando cifras imensas, de pesadelos. E assim como o país se endivida no estrangeiro através do capital usurário internacional, com juros sempre em ascensão, do mesmo modo o particular se endivida internamente através dos mesmos juros usurários com o banco interno, que, por sua vez, depende de outros empréstimos do supercapitalismo exterior. Enquanto isso, o organismo de controle, criado pelo capital internacional judaico, "O Fundo Monetário Internacional", vigia e dirige com uma mão de ferro o suicídio dos agrupamentos nacionais. O Chile passou a ser o mais obediente dos suicidas, o mais aplicado dos autodestruidores do seu próprio povo e dos seus trabalhadores indefesos. O mais obediente cumpridor de todas as ordens do amo sádico. De chapéu em mãos, pede e pede emprestado para poder pagar os juros dos juros dos seus empréstimos crescentes, e acata as ordens que, com o chicote na mão, o emprestador lhe faz chegar através do seu capataz e encomendeiro: O Fundo Monetário Internacional.

A seguir vamos reproduzir alguns parágrafos do "O Manifesto para o quebrantamento da Servidão dos Juros do Dinheiro", que foi o antídoto que o hitlerismo descobriu contra o "Protocolo XX" dos Sábios de Sião e que, ao ser aplicado na Alemanha, destruiu essa escravidão e esteve ao ponto de aniquilar de uma vez por todas o vírus da Usura. Foi deixado claro que, em todo momento e lugar, uma nação, um conglomerado humano, pode tentar se salvar da catástrofe e da destruição. A fórmula foi dada pelo nacional-socialismo, o Hitlerismo. E o perigo foi tão grave para o veneno judaico que a guerra total contra o Gênio dos gentis foi decidida urgentemente. Por medo de que os povos – por sinal até hoje – se se voltassem para Ele, seus olhos desesperados, ante a agonia que vivem e ante o fracasso dos sistemas que são dados como única alternativa, marxismo, capitalismo, foi então inventada toda esta parafernália do "holocausto do povo eleito de Jeová", dos crimes nazistas, da perseguição, a tirania, a escravidão, os genocídios raciais e demais argumentos com que se mobiliza a emoção das massas, se nubla a mente e se impede que os ários idiotizados e os animais-homem vejam a realidade. Tudo foi planejado assim, cuidadosamente, e

com séculos de antecedência. Os próprios "Protocolos" dizem isto. Eles acreditam poder se valer do Gênio dos gentis, lhe utilizar para cumprir os seus planos até as suas últimas consequências. A imposição do seu Messias-Golem, da sua maquinaria cibernética, por sobre a razão e carne dos escravos, já convertidos em uma massa de barro e excremento.

O autor do "O Manifesto contra os Juros do Dinheiro" foi Gottfried Feder. Os seus princípios foram aplicados por Hitler, uma vez que este chegou ao poder na Alemanha. É de importância capital saber que Feder era membro permanente da Sociedade Esotérica da Thule (a *Thulegesellschaft*), da qual também foram membros, convidados, Adolf Hitler, Rudolf Hess e Alfred Rosenberg, entre outros altos dirigentes do nazismo. Deste modo, a doutrina aplicada, o antídoto contra o vírus judaico, contra o seu "esoterismo" de magia negra e da Cabala Numeral, dos "juros do dinheiro", foi totalmente uma operação de magia ária, de esoterismo hiperbóreo, nórdico e polar.

Eis aqui alguns trechos reveladores para o Chile e os chilenos de hoje, para os sul-americanos e todos os povos que sofrem sob o jugo do capital judaico internacional:

"O único remédio, o remédio radical para a cura do sofrimento da humanidade é o quebrantamento da servidão aos juros do dinheiro. Este quebrantamento significa a única possível e definitiva libertação do trabalho produtor das potências do dinheiro que dominam o globo secretamente. O quebrantamento da servidão aos juros significa a restauração da livre personalidade, da salvação do homem da escravidão e também da fascinação magica em que a sua alma foi laçada pelo consumismo". (O Manifesto diz "mamonismo", mas adaptamos o termo aos tempos atuais do Chile e das doutrinas judaicas dos "boys" da Escola de Chicago e do judeu Milton Friedman. No Chile inventaram empréstimos em U.F. – Unidades de Fomento – que obrigam o devedor a viver apenas para pagar os juros dos juros, como diria Feder). "Quem quer combater o capitalismo de verdade deve quebrar a servidão aos juros".

"É bem surpreendente ver como a ideologia marxista, partindo de Marx e Engels, começando pelo Manifesto Comunista e subindo até o programa de Efurt, especialmente Kautzky (todos judeus) e também os atuais mandatários socialistas, são detidos e não avançam, como se houvessem ouvido uma voz de comando, quando se trata dos juros do capital de empréstimo. A santidade dos juros é o tabu; os juros são os mais sacrossantos, também para os comunistas (que igualmente "ajudam" aos seus sócios – Comecón – cobrando enormes juros em dinheiro e sangue). Sacudir os juros ninguém nunca ousou. (Somente os templários emprestavam sem cobrar juros). Enquanto que a propriedade, a nobreza, a honra, a segurança da pessoas e dos seus bens, os direitos da Coroa, as convicções religiosas, a honra castrense, a pátria e a liberdade estão considerados seja mais ou seja menos dentro da lei, *os juros são sagrados e intocáveis*. *Noli me tangere*! Seu peso gigantesco arrasta a nau estatal ao abismo; é um enorme engano, fraguado pura e exclusivamente em benefício das grandes potências do dinheiro".

"Os grandes poderosos do dinheiro são, certamente, a máxima força impulsora por trás do imperialismo anglo-americano que abarca o mundo. As grandes potências do dinheiro financiaram efetivamente à horrível matança de seres humanos da Grande Guerra. As grandes potências do dinheiro, certamente como proprietárias de todos os grandes periódicos, envolveram o mundo em uma rede de mentiras. Excitaram através do prazer todas as paixões baixas, a ânsia pelo luxo, o consumismo, os desejos absurdos e as utopias ... O espirito do consumismo quis conhecer unicamente cifras de

exportação, de riqueza nacional, expansão, projetos do grande banco, financiamento internacional, etc. E conduziu à ruina da moral pública, ao afundamento dos círculos dirigentes no materialismo e à ânsia do prazer, a um achatamento da vida nacional, todos eles fatores responsáveis pelo terrível colapso".

"Os juros, a afluência de bens, sem esforço e sem fim, a posse de dinheiro, sem nenhuma espécie de trabalho (o judeu tem que "se dedicar a orar para o seu Deus), é o que fez crescer as grandes potências do dinheiro. Os juros do dinheiro são o princípio criminal do qual é gerada a Internacional Dourada" – O supercapitalismo.

"E o Direito Romano, sobre o qual se baseia a nossa legislação, é feito para proteger o grande capital e à usura; porque é o Direito à serviço de uma plutocracia".

"A ânsia insaciável pelos juros, do grande capital de empréstimo, é a maldição de toda a humanidade trabalhadora. A renda da casa Rothschild, dos Cahn, Löeb, Speyer, Schiff, Morgan, Vanderbilt e Astor, estimada em conjunto em pelo menos sessenta ou setenta bilhões [naqueles anos], com um rédito de cerca de 5% de juros, significa um lucro para estas oito famílias (judaicas) de 5 a 6 bilhões, tanto quanto ou mais do que 75% dos contribuintes da Prússia em 1912, com um censo de 21.000.000, aproximadamente. *Oito multimilionários têm tanta renda quanto 38 milhões de alemães*".

"Mediante uma intensa campanha de esclarecimento deveremos pôr em evidência ao povo que o dinheiro não é e nem dever ser qualquer coisa além de *um bônus pelo trabalho efetuado*; que toda economia altamente desenvolvida precisa de dinheiro como meio de intercambio; mas que com isto a função do dinheiro já é cumprida, e de que *de maneira alguma pode ser conferido ao dinheiro, mediante os juros, um poder sobrenatural de crescer por si mesmo, às custas do trabalho produtivo*".

"Desamparados, os povos balbuciam! Uma ardente ânsia, um clamor pela salvação passa através das massas enganadas, com suas esperanças frustradas. Com risos e bailes, com cinematógrafos e desfiles, se trata de enganar o povo para que este esqueça o seu lamentável destino, a traição, a terrível desilusão, a ferida interna. Também na Rússia, a socialização, a estatização, provou ser um fracasso. E quando o desespero de todo o povo se espalha, as hordas mongólicas, o terror sangrento, as baionetas são capazes de proteger da vingança do povo enganado e explorado unicamente aos tiranos".

"Nós também terminaremos assim se continuarmos deixando que o governo siga em mãos dos especuladores internacionais, representantes da burguesia espoliadora e dos membros de uma raça (anti-raça) estranha à essência do povo alemão".

Isto se aplica ao Chile de hoje quase que nos mínimos detalhes. Já somos escravos da usura e do Controlador da Usura, do Fundo Monetário Internacional.

Poderíamos seguir reproduzindo o luminoso Manifesto Nacional-Socialista em sua totalidade, mas não é necessário. Já captamos a sua essência, e somente isto importa. Qual é a solução que então a Alemanha de Hitler aplicaria? *Mudar o valor do dinheiro pelo valor do trabalho*. Uma solução simples, como o ovo de Colombo. A Alemanha não tinha dinheiro, mas tinha sim o trabalho formidável do seu povo para pagar a dívida da guerra, imposta pelo Tratado de Versalhes. E com isto ela pagou, com o produto do seu trabalho. Nós não temos este soberbo trabalho alemão, mas temos também um trabalho hábil e esforçado. E temos nossas matérias primas, elaboradas ou semielaboradas. Com elas poderíamos pagar. Mas se sequer pretendêssemos tentar algo assim o Governo que propusesse tal coisa cairia. À Alemanha foi declarada uma

guerra planetária. Ao Chile bastaria que a mão judaica movesse apenas um dedo. Por isto eles mantêm toda a América do Sul dividida, com problemas de fronteiras e de reinvindicações nacionais. O Chile é o mais vulnerável. A sombra permanente de uma possível guerra chileno-argentina é mantida por meio dos judeus enquistados na imprensa de Buenos Aires, nas delegações para as negociações dos acordos e através da ação das lojas maçônicas. Por todos os meios tentarão um entendimento geral latino-americano para enfrentar o problema da dívida externa e dos juros crescentes e usurários. Tratarão de usar "alunos aplicados" como agentes de desacordo, incitando-os a negociar separadamente, premiando-os por seu fiel cumprimento no pagamento dos juros dos juros dos juros, dos empréstimos feitos e renovados para pagar apenas estes juros.

E Gottfried Feder afirma que a solução de todo este infernal assunto *se encontra precisamente na bancarrota estatal, como o único meio de salvação das economias nacionais*. Somente assim os povos de hoje, desta conjuntura da história, quando o judeu acreditar ter triunfado e ser dono do mundo, podem chegar a se libertar de suas garras e escapar do círculo de magia negra em que estes os aprisionaram, "hipnotizados", como as vítimas da sua Serpente.

Eis aqui a solução, a única solução verdadeira: deixar de pagar, declarar-se falido, em bancarrota nacional. O que pode acontecer? Nada, absolutamente nada. Somente um renascer do espírito nacional, uma libertação. Os judeus da América do Norte e da Rússia não vão declarar guerra conjunta ao seu universo de devedores. Ainda que sim, desesperados, poderiam declarar a guerra entre eles. Coisa que farão de todos os modos, pois os seus regimes já estão fracassados. Tampouco poderão colocar os países na prisão, como no Chile o fizeram com os empresários do "consumismo", que se declararam falidos depois de terem levado o seu capital para fora do país. Neste caso, o dinheiro e o próprio ouro dos credores haveriam deixado de ter qualquer valor. Somente o trabalho, os alimentos, as matérias primas, recuperariam a sua importância. E o dinheiro, mas somente como meio de intercâmbio. Os juros teriam sido destruídos, o caldo do cultivo do micróbio, do vírus planetário e galáctico.

Utopia! Sonho em vão! Porque o Führer já se foi e não retornará tão cedo. Não antes de que todos os seres e até mesmo os minerais e as plantas chorem por ele, como choraram por Baldur. Não encontraremos o país que seja capaz de se arriscar, o governante puro, honesto, leal, grande, que prefira o sacrifício, o risco, a honra, o combate, a defraudar o seu povo e permitir que o sangrem. Preferir a morte à ignomínia da escravidão. É uma questão de raça.

Em todo o âmbito do nosso mundo sul-americano, somente um país teve estes impulsos, sem frutificar. A Argentina. Devemos reconhecer e admirar isto, mesmo que tenham sido fagulhas de um fogo fátuo. E isto, apesar de a Argentina tenha se prestado a realizar o trabalho do Inimigo, provocando o Chile continuamente, quase ao ponto de acarretar uma guerra tão desejada por aqueles que sabem que a complementação e união destes dois países criaria um centro irresistível de energia e magnetismo. Uma possibilidade etnológica no Cone Sul, na Hiperbórea Sul-Polar.

E o Manifesto Nacional-Socialista diz:

"A supressão do pagamento dos juros não é uma bancarrota estatal dissimulada. O fantasma da bancarrota estatal é, de fato, um ogro de contos infantis inventado pelas potências agiotas".

Perante o mero indício de que um devedor possa deixar de pagar os juros e até mesmo a dívida, o banco judaico internacional começará a abaixar os juros, concederá facilidades, declarará moratórias e, finalmente, até perdoará a dívida, a fim de não ter que enfrentar o horror de que o dinheiro deixe de valor aquilo que vale para o judeu. Que chegue a não valer nada, exceto por ser um meio de intercâmbio. Ele aceitará tudo isto, com o seu conhecimento de "os velhos lutadores" de que a memória do *goym*, do *sudra*, dos animais-homens e também dos ários embrutecidos, é curta. E, deste modo, dentro de bem pouco tempo voltará a emprestar com juros (começando com juros baixos ou dissimulados). E assim o caldo da Usura lhe permitirá seguir subsistindo sem trabalhar, explorando o trabalho dos outros e "orando para Jeová", para preparar o advento do seu Rei-Messias.

Mas antes de chegar a uma situação tão extrema, o capital internacional fará uso de todos os seus expedientes conhecidos e desconhecidos: assassinatos e trocas de governos dos gentis, guerras locais (Argentina e Chile, Irã e Iraque, Líbano, etc), ameaças, relatórios monetários, divisões, inimizades.

Somente em um ponto da Terra isto foi conseguido: na Alemanha de Adolf Hitler, em seu Terceiro Reich. Por isso Ezra Pound esteve com ele, e contra o seu país de usureiros e de judeus; por isso também esteve John Amery, o inglês; William Joyce, o irlandês; Robert Brasillach, o francês; Knut Hamsun, o norueguês e ainda estou eu, o chileno. Porque, como disse Ezra Pound em seu imortal Canto:

Com a usura não há homem que tenha uma casa de boa pedra.
Com a usura não chega ao mercado a lã,
Não aportam as ovelhas ganâncias com a usura.
A usura é uma peste, a usura
Enfraquece a destreza da fiandeira.
Teu pão sempre será de trapos rançosos,
Seco será teu pão, como papel,
Sem trigo da montanha, farinha forte.
Com a usura a linha se torna tosca,
Com a usura não há limites precisos
E não há homem que encontre lugar para viver.
Sem pedra está o cortador de pedras,
Sem fio o tecelão.
Pietro Lombardo não chegou pela usura.
Porque com a usura nenhum quadro
É feito para ser pendurado,
E nem para se viver com ele,
Senão que para ser vendido, vendido com pressa.
Pier della Francesca, nem Angelico chegaram
Pela usura,
Nem qualquer catedral de pedra foi firmada: Adamo me fecit.
A usura oxidou o cinzel,
Embolorou a arte, o artesão...
Cadáveres se preparam para o banquete
Por ordem da Usura.

O Destino

Dez anos se passaram, carregados de destino. Nada mais era igual. Aqueles que desejam retornar ao passado, são pessoas iludidas, gente velha, desgastada, que fala uma língua que não desperta ecos no sangue distinto. É possível que consigam mudar as coisas na superfície, fazer com que retorne um sistema democrático, como o antigo, mas, o que dali sairá, o que será produzido ao final, nada terá que ver com as suas pretensões. O mar do destino é poderoso e a sua melodia é executada no sangue mestiço, nos componentes que prevalecem hoje.

Os desejos norte-americanos para o Chile, depois do golpe militar de 1973, foram que os soldados regressassem imediatamente para os seus quartéis e que para cá retornasse um governo com a Democracia Cristã, uma espécie de socialdemocracia, onde o Partido Comunista também teria uma existência agradável, como contrapeso, mas aleijado em termos de poder. A eterna história do nosso tempo. Mas, os componentes da mestiçagem chilena haviam sido modificados em favor de uma certa tropicalização, melhor dizendo, mongolização, que tornaria possível uma ditadura como na Coréia ou nas Filipinas. Foi assim que um governante permaneceu no poder e o povo, o resto deste conglomerado multicor e diferente do tradicional, o aceitou. Qualquer explicação de outra espécie que queriam dar, como o perigo marxista, a necessidade de ordem, etc, será marginal, desculpas para encobrir um símbolo arquetípico, não racional.

Um governo do famoso estilo democrático certamente haveria tido uma vida muito mais agitada, com a sua sequela de terrorismo, sobressaltos e um contínuo estar à beira de uma guerra civil; mas haveria se esquivado melhor da catástrofe econômica, porque não teria precisado se entregar amordaçado e amarrado aos planos do judaísmo internacional para se afirmar. Nas atuais circunstâncias, isto foi necessário para os governantes, como a única maneira de se manter no poder tanto tempo, indo contra o resto do mundo democrático e da contínua campanha dos soviéticos, dos exilados comunistas e da guerrilha adestrada por Fidel Castro e Khadafi; isto é, dos próprios judeus. Os militares no poder sabem do controle mundial do judaísmo e tem desejado se apoiar nele, satisfazendo todas as suas ambições dentro do país e aceitando o plano econômico que estes lhes impuseram, sem acreditar, é claro, que com isto destruiriam o Chile. E quando quiseram se libertar, já era tarde, ou não os deixaram.

Que lamentável é o espetáculo repetido todos os anos e várias vezes ao ano, do Chefe de Estado, com todos os integrantes da Junta Militar, uniformes prussianos luzindo, com seus trançados de ouro, com seus ministros, assistindo à Sinagoga. Isto jamais havia acontecido no Chile e penso que talvez não teria acontecido com um governo “democrático”; ainda que eu não tenha certeza. Entre os membros da Junta há um homem que é alemão por parte de pai e de mãe, que pertenceu quando jovem às *Hitlerjugend*; sua mulher também é alemã. Ali está ele, todos os anos, na Sinagoga, escutando o Grande Rabino, rendendo homenagem aos torturadores da sua raça. O mesmo fazem os governantes alemães atualmente. É a *Traição Branca*, ou a idiotice branca.

Com o governo militar, de tradição prussiana, de uniformes prussianos, do *goose step*, dos timpanistas a cavalo, mas hoje com batalhões femininos, com uma tropa de maças do rosto e olhos tártaros, rendem honras à Israel, à Sião. Aqui têm vindo

instrutores do exército judaico para “nos ensinar” a guerrear no deserto contra os peruanos e, talvez, a como defender o Morro de Arica. Pelo Sul viajam os judeus disfarçados de excursionistas, os agentes secretos, que andam buscando, como sempre, pelos Deuses Brancos e as suas Moradas. Recebem ajuda das autoridades. Eu vi a lista destes judeus, com nomes falsos, certamente. Pertencem aos Serviços de Inteligência de Israel, à aviação, ou ao seu exército. Também virão para nos ensinar “a combater contra a Argentina”. O Chile pagou somas enormes em armamentos, comprados de Israel ou através de Israel, sem ter acesso direto a outros mercados, devendo se valer de intermediários, para poder adquirir material caríssimo. Em todas as suas fronteiras foi agitada a tensão, de modo que a sua situação tem sido a de um país permanentemente sitiado. Junto a isto circulam rumores do plano judaico “Andino”, uma já velha aspiração dos filhos de Sião para se estabelecer na Patagônia argentina e chilena, onde se encontram as maiores reservas hidroelétricas do mundo, e que poderiam proporcionar um refúgio para uma guerra atômica. Além da sua proximidade à Antártica, os seus recursos não explorados e *as entradas para as cidades secretas e para a Terra interior*. Não se pode permitir uma integração chileno-argentina que destruiria a conspiração, criando uma força poderosa e mágica no Sul, no Polo Sul, ao unir *Ida, Pindala e Sushumna* – para poder continuar utilizando esta metáfora – em uma redentora Alquimia dos Andes. Para este opus Alchimicum já parece ser demasiado tarde, pois os judeus controlam e dominam todas as decisões de ambos os povos, através das lojas maçônicas na Argentina e a infiltração em todos os níveis no Chile. Se não houvesse sido pela decidida intervenção da Inglaterra nas Malvinas e a derrota dos argentinos, hoje estaríamos em uma guerra fraticida. E a Coluna Psíquica dos Andes teria sido destruída para sempre. O que nos salvou – a ambos os “canais psíquicos” – foi a Estrela da Manhã, ou os Gigantes da Pedra. O desastre das Malvinas é algo que pode ser superado e que nunca teria acontecido se a Argentina não houvesse estado ameaçando o Chile permanentemente, se houvesse nos tido ao seu lado. Estivemos animicamente contra ela. Todo o problema de limites, de ilhotas e de águas territoriais no Sul é um assunto fomentado do exterior para assim evitar a unidade de ambos os povos, até na Antártica. A imprensa que tem apoiado um conflito é manejada pelos velhos marranos da Argentina, ou seja, por judeus e estrangeiros maçons, que ali foram colocados como articuladores com exatamente este objetivo. A intervenção do Vaticano nunca precisou ser necessária. A sua mediação custará caro, com o judaísmo católico colocando um pé físico nestes territórios ainda inviolados, onde os gigantes selcnam oficiavam aos seus Deuses.

A Argentina também possui uma mestiçagem racial indesejável, chegando a predominar o siciliano da máfia e o mulato nas organizações sindicais e peronistas. É um país com uma forte camada de imigrantes brancos, mas “latinos”, como diria Palacios. Todavia, ali como aqui talvez pudessem – ou ainda poderiam – seguir uma disciplina eugenética, para alcançar como meta final uma integração do Cone Sul.

Resumindo, diremos que a situação chilena, a involução da sua mestiçagem, o levou a instaurar pela primeira vez em toda a sua história uma ditadura militar total e única em seu tipo. Devido a isto, o plano sionista que havia sido destinado ao Chile, como parte do seu plano mais amplo para todo o Cone Sul, pôde ser aplicado mais facilmente e com maior intensidade. Enquanto os judeus comunistas e democráticos do exterior estabeleciam uma pressão tremenda através dos organismos internacionais, que eles controlam, as Nações Unidas, a Igreja Católica, a Maçonaria, as Igrejas

Protestantes, o Banco, etc, apoiavam a permanência do governo com certas condições. Foi assim que foram impostos Friedman e seus amigos, que deram apoio exterior à ditadura até que o plano foi cumprido. Agora, talvez já não precisem deste governo militar.

Mas no que todos se equivocam é em acreditar que o Chile possa voltar alguma vez ao ponto de partida anterior aos anos setenta. A democracia jamais voltará a ser a de outrora, muito menos o Governo impessoal de Portales, desse Primeiro Ministro que não desejava aparecer e que servia ao país e ao Presidente como se o Chile fosse uma Monarquia Constitucional. Portales foi um exemplo que se adiantou em muitos anos a Oliveira Salazar, que certamente nem sequer soube da existência deste grande Ministro.

Pode ser que aqui voltemos a ter uma democracia, e os românticos anciões que viram aterrorizados como dez anos se passaram como água entre os dedos da mão queiram retornar às velhas formas, com os parlamentos e aos compromissos políticos de antigamente. Por um tempo, até que poderiam ter êxito, mas logo se repetiria a ditadura militar – e não poderia ser de outro modo – muito mais severa e implacável, porque seria marxista, de esquerda, com as características mais apropriadas ao tipo de mestiçagem predominante, fino-ugriano, das estepes russas da Ásia Central. Ou melhor, com um civil entregue plenamente a servir os interesses estrangeiros na luta estratégica e geopolítica, dentro da qual esta área geográfica do mundo é fundamental.

O Chile haverá se "latino-americanizado", enfim e de verdade.

Aristogênese

Contudo, temos assegurado que até um determinado ponto crítico da involução de uma mestiçagem existiria a possibilidade mágica de retroceder a entropia. Por isso, nos seria permitido imaginar que o Chile perdeu a maior oportunidade da sua história. Pensávamos assim depois das nossas entrevistas com os homens de armas, que começaram a governar esta nação em 1973. Fomos conversar com eles e lhes oferecer nossa colaboração, porque pensávamos que a última possibilidade havia surgido. Nosso exército tinha uma tradição única em toda a América; era a oportunidade de tentar um esforço sobre-humano de retroceder a tendência e instaurar aqui, mesmo que houvéssemos fracassado e o Inimigo houvesse nos derrotado, uma organização social e econômica justa, nacional-socialista. Para não espantar com o nome, falei aos militares sobre "socialismo prussiano". Algo que considera a terra e o sangue, o trabalho do homem, não o dinheiro e a especulação. A falta de conhecimento, de estudos sérios, a soberba e o desejo de servir às influências exteriores, especialmente ao poderoso judeu norte-americano, impossibilitou para sempre a solução verdadeira. Exatamente como com Jorge González von Marées, prevaleceu o destino fatal, o destino do sangue mestiço. Não vamos continuar insistindo neste assunto. Outros o farão algum dia, se é que ainda pode brilhar um novo sol.

Os nacionalistas que colaboraram, acreditando em uma grande mudança, eram apenas viscerais, emotivos, sem uma séria concepção do mundo, sem cultura, sem educação filosófica. Não vamos tampouco nos referir aos sistemas socioeconômicos nacional-socialistas que poderiam ser aplicados. Há os livros que os estudam. Nenhum nacionalista chileno dos aqui mencionados conhece ou acredita no problema judaico.

Menos ainda as Forças Armadas. E quando algum almirante se referiu ao sionismo, foi obrigado a se retificar.

A maior oportunidade da nossa história ruiu entre os escombros desta última catástrofe. O Chile é um país de terremotos físicos e espirituais, de gerações perdidas, de sonhos interrompidos.

Nossa fé na possibilidade de reverter o ciclo da decadência no Chile e no mundo está de acordo com a exposição deste livro e com o Hitlerismo Esotérico. Se assim não fosse, a vinde de Hitler e a sua luta não haveriam tido uma razão de ser. Esta é a Idade do Herói e o combate há de ser travado, mesmo quando se obtenha um triunfo visível e material. Sempre os resultados darão frutos em outra dimensão, acumulando-se aqui para serem usados em uma transmutação de realismo mágico. Há de se fazer a tentativa, porque um dia se terá êxito e o Último Batalhão vencerá.

E porque existe uma segunda lei da entropia, pois a primeira nunca é cumprida em um recinto totalmente fechado, podendo permitir a entrada de uma Outra Força superior e distinta (neguentrópia), uma Energia Espiritual. Se obtém uma mutação, que é uma invasão do campo permeável por parte dos espíritos, ou por um Espírito. Uma invasão que pode ser propiciada, aliando-se a outros seres superiores, contra o animal-homem. Transformando o *Vîra* em *Divya*. Remontando a involução da mestiçagem, derrotando a entropia genética. *Arianizando* o Chile.

Nada melhor para ilustrar esta possibilidade de estabelecer uma "cria espiritual" do que o próprio caso judaico, que já vimos. Enquanto que a mestiçagem parelha e positiva do chileno (segundo Palacios) "em forma" durou apenas quatrocentos anos, a anti-raça judaica permanece intacta há mais de dois mil anos. Para conseguir isto, eles têm aplicado uma ciência eugenética que lhes têm permitido conservar as mesmas características em sua arqui-mestiçagem, seu mulatismo e bastardismo, introduzindo, de tempos em tempos, as necessárias gotas árias na corrente escura do seu anti-sangue. E nada mais. Porque o que insufla tudo isto é um raro intelecto e caracteres fixos, "imutáveis", é o *pacto de magia negra* com o seu Demiurgo, esse Pacto que é eternamente renovado. E é isto o que torna possível a encarnação e a utilização deste Ser, que somente neste sangue especial mesclado e escuro pode ser encarnado e trabalhar. Se ali fosse posto mais sangue ário, o Demiurgo não poderia "entrar". O Senhor das Trevas seria rechaçado.

O caso do chileno não deveria ser diferente no procedimento eugenético de uma alquimia espiritual, ainda que no sentido oposto. Ninguém poderia repetir o caso judaico na direção escolhida por eles. Ninguém pode tornar a si judeu de fora para dentro. Se nasce judeu, moldado pelo Demiurgo Jeová. Não há outra saída para o ário a não ser se arianizar cada vez mais, no caminho levógiro da Swastika do Hitlerismo Esotérico. Arianizar-se ou desaparecer, tornar-se cada vez mais branco, voltar à origem da raça, ao Polo Hiperbóreo. É um caminho difícil, eugenético e deve ser até mais: uma alquimia de transmutação constante, a que é possível de ser conseguida unicamente em um Pacto Espiritual com um Ser mais alto, com os Siddhas divinos, da Raça Ária, do Polo, de ambos os Polos, com Wotan, com Quetzalcóatl, com Huirakocha e Mamma Ocllo; em nosso caso, com os Gigantes dos Andes, fazendo com que eles saiam do seu refúgio milenar. Com os Deuses Brancos.

Não basta um procedimento de limpeza biológica e genética. Depois, o Espírito deverá descer. Já dissemos, se um violino Estradivários não encontra o violinista certo, todas as suas maravilhosas possibilidades serão perdidas. Por outro lado, os espíritos da

raça ária não poderão vir a executar a sua melodia se não também encontrarem os seus Estradivários. E a descida equivale à uma invocação e evocação, à uma cerimônia mágica, à uma alquimia, à uma transmutação, sublimação e transfiguração da matéria, do herói e da paisagem solidária da sua terra. Porque para o ário, a Natureza (a Natureza Antiga) e o Espírito são a mesma coisa, como logo será explicado. O processo deve ser facilitado pela Iniciação de alguns poucos dirigentes – desta "*Aura*", ou Segundo Corpo de Guias, também um *trust* de inteligências: por trás deste corpo visível dos cientistas e técnicos e por esta *outra* ciência racial que tenta a criação da raça biológica e do espírito. Sem uma, a outra não é possível, e sem ambas não haverá nem salvação e nem milagre. A reversão da entropia da mestiçagem.

Isto equivale à uma nova religião, a um mito, como foi chamado por Alfred Rosenberg. Uma Religião e um Mito, que, depois do fim das batalhas da última Grande Guerra, o Inimigo tem tentado fazer com que desapareçam da face da Terra por todos os meios dos quais ele dispõe.

Para que no Chile pudéssemos impor esta Religião e Mito, teríamos que derrotar o cristianismo judaico, cada vez mais virulento em sua nova roupagem cripto-marxista. Porque o cristianismo surgiu para lutar contra o Mito e a Religião vernácula dos Deuses Brancos, únicos solidários com a zona sensível e mágica do Polo Sul.

E a Ressureição do Mito, que parece algo impossível, não ocorrerá se novamente for cumprida – no Eterno Retorno – a grande catástrofe que destruiu a primeira Tiahuanacu e se não forem abertas as grandes montanhas para que os Gigantes possam sair.

Deveríamos estar preparados para isto, criando uma elite racial e pagã nas novas gerações, por meio da ciência da Aristogenética, que o Hitlerismo Esotérico praticou na Alemanha, pouco antes de que a guerra fosse declarada, precisamente para impedir este Milagre.

O ponto fraco do nazismo chileno dos anos trinta foi a sua total ignorância sobe a ciência da raça, além da sua carência de uma filosofia da história e da anti-história, de uma *Weltanschauung*, termo quase intraduzível. Uma visão de mundo. Quando tentei aportar algo semelhante em minha página do diário "Trabajo", eu mesmo ignorava tudo o que se refere à esta ciência fundamental, desconhecendo o problema judaico, coisa que foi apenas se revelando a mim pouco a pouco, através de anos de estudos, observações e ocasiões fortuitas, ou do Destino. Ah, se houvéssemos sido educados de outra maneira, não somente nas escolas e universidades, como também no lar, por nossos pais, quantos erros genéticos decisivos para nossas vidas e a dos nossos descendentes teriam sido evitados!

No nazismo chileno quase todos os seus membros eram católicos. O Chefe, González von Marées, era um agnóstico splengeriano; Carlos Keller foi certamente um cético quanto às possibilidades genéticas do chileno, levando em conta unicamente o conglomerado racial dos alemães do Sul. Ao final dos seus dias, nem em sua raça ele havia acreditado, como tantos outros alemães deste país e também da Alemanha. Não há nada mais dócil à propaganda direcionada e repetida do que um alemão.

O nazismo chileno, por desconhecimento e ignorância, instintivamente pôs distância entre seus "quadros morenos" e a filosofia racial do nazismo alemão. Acreditou que por ter uma cor de pele morena não era possível abordar o tema do racialismo ário. Por outro lado, os nacional-socialistas da Catalunha hoje são racialistas

e partidários da ciência etnológica do Terceiro Reich, apesar de racialmente poderem ser considerados parecidos com os chilenos. Eles entendem o que aqui temos dito: o racialismo é um ideal ao qual se aspira e o arianismo, o nordismo, pode ser propiciado, se na raiz existiu uma cepa nórdico-ária, como temos explicado no caminho do regresso à uma origem nostálgica, à uma Hiperbórea ideal, do antigo Lar, representado pelo sgino mágico da Swastika Levógira do Hitlerismo Esotérico, a que gira em direção contrária à Terra de hoje. É uma tentativa de regresso à Idade Polar, dourada. Em nossa situação, à Hiperbórea do Polo Sul (que foi o Polo Norte), à uma purificação do sangue polar. À Estrela da Manhã. E os que tentam isto, são os membros da Ordem Sacra dos Vigilantes da Aurora (que veem a Estrela e a amam), os Caminhantes do Alba, os Peregrinos da Grande ânsia, os Guerreiros da Ordem de Wotan, os Monges-Guerreiros do Hitlerismo Esotérico. Em uma palavra, os hitleristas de verdade. Com estes nomes da poesia hiperbórea, sintetizo toda a minha fé e esperança.

....

Foi no começo deste século que três cientistas, que não se conheciam, acreditaram ter descoberto as leis que determinam as características hereditárias. Ignoravam que estas já haviam sido descobertas, com a anterioridade de alguns anos, por outro investigador. Os cientistas são: o holandês Vries e os alemães Lorrens e von Tschermak. Mas outro alemão havia descoberto isto 25 anos antes: Gregor Mandel, de Brünn, povo da Morávia. Desde então, as leis da transmissão das características hereditárias passaram a serem conhecidas como Leis de Mendel.

Quando Hitler chegou ao poder na Alemanha, seriam o professor Hans Günther e Walter Darré quem, juntamente com Alfred Rosenberg, se poriam a aplicar social e politicamente os postulados do mendelismo no povo e raça dos alemães. O gênio de Walter Darré consegue transformar, com os seus postulados de *sangue e solo*, a juventude e o campesinato alemão em bases genéticas da nova Alemanha. O próprio confessa que havia sido um ignorante quanto à verdade do Mito do Século [XX]: a raça e o sangue. E afirma: "Já é fácil compreender que a questão judaica não é [meramente] uma questão religiosa, senão que uma questão racial". Ele e Günther se levantam contra os princípios liberais, lamarckianos e marxistas, que creem ser possível modificar as características do homem através da influência das condições naturais, econômicas, ou do meio, do seu habitat. E Darré agrega: "Durante todo o século XIX, foi discutido se o judeu, valendo-se de alguma influência do meio, poderia ser convertido em indo-europeu, em ário. Mas as influências exteriores não podem modificar à herança. Isto também é válido para o criminoso". E continua: "Jamais surgiu um verdadeiro gênio, em qualquer povo, que não tenha possuído características e predisposições que não possam ser comprovadas fehacientemente já entre os seus antepassados. Não negamos que o gênio deva a sua presença a um especial dom divino, mas afirmamos que um gênio apenas pode se manifestar plenamente dentro do marco de possibilidades que por herança lhe chegaram através dos seus antepassados". O que nós já explicamos com a metáfora do violino Estradivários.

Continua Darré: "A ilusão do século XIX no progresso ininterrupto pode ter validade, quiçá, unicamente nas coisas que o homem inventa e constrói. [Sempre que tenha raça, nós dizemos, e por isto a crença em que "os americanos construíram certas invenções antes que os russos, porque levaram consigo mais alemães [do que eles] ao final da guerra". Von Braun é prova disto]. Mas isto não é válido para a evolução do

próprio homem, porque este encontra um limite nas características hereditárias e condições da sua raça. Nós, os alemães, no futuro seremos capazes de realizar e de criar apenas aquilo que possa ser feito através do sangue dos nossos filhos e netos. A comunidade popular é uma comunidade étnica. O que somos e *o que como povo ainda podemos chegar a ser, isto é decidido pela nossa composição étnica*".

Isto que era válido para a Alemanha também é válido para o Chile. Pensemos na explosão criativa que a política e o cuidado genético do corpo e alma da Alemanha produziram em tão breve tempo, durante o curto período do hitlerismo. Já relatamos, no "El Cordón Dorado", como os Aliados e os russos, que saquearam os inventos e patentes industriais e científicas do Terceiro Reich, cobriram os custos da guerra com ampla folga. Se não colocaram tudo em prática é por incapacidade genética, precisamente, e para não desarticular um império econômico judaico montado sobre o petróleo, a eletricidade, a ganância e a exploração.

E Darré se volta contra a concepção burguesa e típica do século XIX de Oswald Spengler, seu organicismo mecanicista, sua falta de racialismo mágico, [cuja ausência] que faz feliz aos judeus, que sempre desejaram e propiciaram "a decadência do Ocidente": "Nos acostumamos", disse, "a ver o surgimento e a decadência dos povos como sendo algo inevitável. Essencialmente desde "A Decadência do Ocidente", de Oswald Spengler, toda uma escola pseudocientífica tem sido construída com base nestas linhas de pensamento; uma escola que faz com que povos surjam, amadureçam e morram, assim como os indivíduos. A falsidade destes postulados é comprovada com a própria história que hoje vivemos, em 1941, quando novamente a Alemanha se encontra em meio a uma guerra mundial. E isto não se deve ao fato de estarmos em decadência, senão que esta guerra nos foi imposta porque o resto do mundo inveja a força vital do nosso povo e a teme. Não somos combatidos porque estamos acabados, mas sim porque nos atrevemos a realizar uma das revoluções mais integrais da história da humanidade. E mesmo assim, o nosso povo é historicamente um dos mais antigos da Europa. Os povos que nos combatem são todos mais jovens, historicamente falando. A teoria de Spengler e as causas biopolíticas desta guerra se contradizem".

Walter Darré contribuiu fundamentalmente para purificar a vida e os costumes dos alemães, limpando-os deste sentido judaico-cristão do pecado e do horror ao corpo. Ele conseguiu isto através da sua "força pela alegria" na juventude [hitlerista]. Ele cita as reflexões de Tácito sobre os germanos: "Exclusivamente no lar cresce a juventude até alcançar a constituição e porte corporal que nós admiramos". E a Cesar, em sua "Guerra das Gálias": "Desde a infância tendem em direção ao endurecimento por meio dos exercícios. Aquele que por mais tempo se abstém da relação sexual recebe a maior valorização. Pensa-se que [isto] aumenta a energia e a estatura física e mora. Haver tido relações com uma mulher antes dos vinte anos pertence aos delitos dos mais infames. Todavia, não existe nenhuma hipocrisia nas coisas do corpo, dado que os homens e mulheres se banham juntos, nus, nos rios, e se vestem de tal maneira que uma grande parte do corpo permanece despida".

A separação entre a alma e o corpo é absolutamente desconhecida pelo ário, pelo nórdico, pelo germano, até a introdução do cristianismo, que veio a ter consequências fatais e degenerativas nos países escandinavos, com o puritanismo, a tal ponto que a observação feita por Julius Evola, que deseja aportar como prova os suecos, dinamarqueses e noruegueses para a sua teoria das raças do corpo, da alma e do espírito, assegurando que estes descendentes de vikings hoje não são nada, apesar de

sua mais pura raça biológica, "por carecer de uma raça do espírito", cai por sua base. A degeneração não é de dentro para fora, senão que ao contrário, através da imposição de uma concepção judaica de mundo que, com costumes que são alheios, criou uma dicotomia entre a alma e o corpo e um sentimento de pecado, judaico-cristão, destruindo a base vital sobre a qual uma raça sã pode crescer e se desenvolver. Ela teria voltado a florescer e a se curar rapidamente se Hitler, Darré e Knut Hamsun houvessem ganhado materialmente a guerra, se não tivessem tido que "ganhar perdendo", por enquanto.

Toda a concepção evoliana desmorona como desnecessária, se levamos em conta a verdade fundamental de que para o homem ário jamais existiu esta divisão entre corpo, alma e espírito. O corpo inclui os demais e vice-versa. **Porque o corpo e a natureza são apenas símbolos de Outra Coisa que foi corrompida pelo Demiurgo**. Com a encarnação ária, hiperbórea, é planteada a obrigação de transmutar, partindo do ponto dramático em que o processo de involução se encontra. O corpo, a raça, são fundamentais; atuando deles e sobre eles, chegamos aos demais. Não há outro caminho e nem outra possibilidade aqui. Isto foi ignorado pelos cátaros e pelos gnósticos.

A concepção de Evola é edificada sobre a artificial divisão judaica e latina da vida, sobre a dicotomia artificial do corpo, alma e espírito. Algo completamente alheio à encarnação nórdica, hiperbórea, polar, *que cria e recria o seu próprio corpo*, o seu Estradivários. Uma fatídica imposição ao nosso ser, [que foi] gravada a sangue e fogo pelo cristianismo judaico, também nos fez esquecer a origem divina do corpo – de todos os corpos – do ário. Esta é a Madeira de Sião sobre a qual foi crucificado o homem germânico e seus Deuses pagãos. E também nós mesmos, os chilenos. E nossos Deuses Brancos.

Mas *quando há vontade há um caminho*, disse Darré. E cita o poema dos Eddas:

"*A propriedade morre*
E morrem as estirpes
Tu mesmo, como elas
Morrerás.
Mas eu sei de algo
Que vive eternamente:
Os heróis e a glória
Dos seus feitos.
Eles haverão de perdurar!"

Walter Darré foi o Ministro da Agricultura de Hitler. Ele mesmo é a prova mais clara do que aqui temos explicado sobre a raça como um ideal, que tratou de obter para os homens de ascendência germânica do seu século. Darré é um sobrenome francês. Ele nasceu na Argentina. Seus pais chegaram a esta nação no final do século passado. O nome é huguenote, como muitos outros que depois do massacre dos protestantes de ascendência germânica na França, na chamada "Noite de São Bartolomeu", fogem para a Prússia e também para a América. (A família da minha mulher, Rosselot, é de huguenotes que abandonaram a Inglaterra em direção à Suíça, Argentina e Chile. O ministro de De Gaulle, Couve de Murville, era uma gigante loiro huguenote). Walter Darré nasce em 1895, se forma em agricultura na Inglaterra, onde lhe surpreende a Primeira Guerra Mundial. Sempre se sentira alemão e, com a chegada de Hitler ao

poder, se torna seu Ministro da Agricultura, cargo que desempenhou até 1942. É ele que aplica em toda amplitude do "solo e sangue" [Blut und Boden] a ciência da biopolítica. Praticamente é o seu criador, seu realizador genial no Terceiro Reich.

Amigo e colaborador de Darré é o professor Hans Günther, o etnólogo várias vezes citado nesta obra. As suas teorias são aplicadas nos laboratórios alquímicos e esotéricos das SS, destinados a produzir o *Opus Alchimicum*, com a transmutação do *Vîra* em *Divya*, do herói em super-homem, em *Sonnenmensch*, em homem-total, o homem e a mulher absolutos, o homem-divino. O encontro com o Graal.

Sobre este tema da Iniciação SS e do Sangreal (sangue real) nos estenderemos na quarta parte deste livro.

Que o corpo e a alma sejam um e também a natureza em sua identificação solidária e mágica com o homem assim integrado, não quer dizer que o homem-herói, o *Vîra*, não aspire a poder modifica-los transmutando-os, mudando o homem natural para *Sonnenmensch*, o super-homem, processo que não é darwiniano, já que necessita de um *salto* (no vazio, no Sol Negro), de uma mutação ou transmutação: um voltar atrás, à Idade Polar, simultânea e sincronisticamente com uma mudança dos polos e um deslocamento do eixo da Terra. Com isso modifica-se a forma corporal, a que "se torna redonda, como um astro". É a Idade do Sexto Sol dos maias. E isto é possível porque *as leis naturais são somente um feio costume destas coisas corrompidas*. ("Não há tais leis", dizia Nietzsche; "ou há mundos nos quais regem leis diferentes"). Símbolo de outros símbolos. "As coisas vêm até nós desejosas de se transformar em símbolos". E porque o salto é cumprido em direção a um Universo fora de todos os Universos, mais além do Círculo dos Círculos. **Mais além do Arquétipo**. "Um sonho não sonhado nem sequer pelos maiores dos utopistas", agregava o próprio Nietzsche. Uma Flor Inexistente, ainda que mais real do que todas as flores dos jardins desta Terra, deste Círculo.

Para produzir o Super-homem o trabalho era, sem dúvida, mágico. Partindo da mais estrita eugenética e respeito às leis da herança de Mendel, se tratava de alcançar uma *ideo-variação*, atuando sobre o *Ideoplasma*, por meio de uma Ideia poderosa e sustentada por uma *Weltanschauung*, que já se encontra no plasma genético original do ário, como possibilidade implícita, virtual, em razão da encarnação divina, hiperbórea no Estradivários que foi preparado, afinado para o caso, de modo que isto não é possível para um homem de outra raça. Isto é, fora do ário nórdico, a mutação em super-homem, em *Sonnenmensch*, do *Vîra* em *Divya*, é impossível de ser alcançada; e mais ainda, nem sequer deve ser pretendida. A mutação, o salto, a transfiguração simultânea e solidária da Terra, das leis naturais, de seus "costumes corrompidos", é uma compulsão e possibilidade existente apenas no ário de ascendência divina, hoje involucionado juntamente com a sua terra.

Não podemos falar aqui de meta-biologia e nem de elementos super-biológicos pela mesma razão de que a biologia e o meta-biológico são a mesma coisa e a possibilidade de ideo-variação corresponde ao trabalho no ideoplasma, que por sua vez é parte da biologia ária. Uma Ideia poderosa que é um produto implícito nos genes da raça ária, em seu átomo semente, depositado no sangue. Sendo assim, uma ideo-variação é alcançada (como mutação) somente porque houve uma pureza original e unicamente por isto, tendo sido perdida na noite dos tempos por causa de uma mutação involucionária propiciada pelo Demiurgo, na mescla dos *Divyas* com o seu animal-homem, com o seu robô-golem. Ou seja, somente o *Vîra*, o que foi divino em sua origem

e unicamente este, se transmuta no que uma vez ele foi, se é que ainda lhe é possível, se não há ido longe demais neste descenso, e, com um esforço sobre-humano, por meio de uma Iniciação. Deste modo, essa ideo-variação nada mais é que uma Memória do Sangue. É a *Minne-Recordação*, Nostalgia de um *A-Mor*, perdido nas Idades, na origem do tempo. E isto não é para todos. Somente para o *Arya*, para o ário polar, entrando por Vênus, pela Janela da Estrela da Manhã. Somente para o *Minnesänger*.

Hans Günther afirma que "quanto mais se retrocede na história dos povos indo-germânicos, mais se encontra uma atenção tradicional à herança e à seleção, também no homem e não somente em seus animais domésticos, com a certeza de que a procedência decide quase tudo". "No nosso caso, o que importa é um modelo para a seleção" (*Auslese-vorbild*). E este modelo foi encontrado no tipo do homem nórdico, loiro, dolicocéfalo, de olhos azuis. Isto foi posto nele com toda a energia do homem germânico, como que um ideal. E Günther continua: "A concórdia e a unidade de um povo somente podem ser promovidas mediante o reconhecimento unanime por parte do mesmo de um *modelo* comum anímico-orgânico do ser nobre. Uma *imagem-meta*". "Somente aquele que é nobre pode enobrecer". "A palavra *Adel*, nobreza, deriva de *Odal* (a Runa de Odin), que também quer dizer propriedade hereditária, campo, terra, solo. A nobreza germânica foi sempre lavradora". "Por isto, um Estado sábio deve criar para as famílias selecionadas a quinta hereditária, na qual possam crescer e se manter. Com isto se demonstra o problema do sangue e solo". "Somente o campo é uma classe alimentadora, todos os demais são classes consumidoras", dizia Bismark. O processo incendiário que estamos acostumados a chamar de cultura, arrasta os melhores para as cidades, os quais são esterilizados. Por isto faz falta uma camada de famílias de boa raça firmemente assentadas na agricultura. Dali proviriam os descendentes que poderiam chegar a ser os condutores natos do povo. Um povo é gerado no campo é extinguido nas cidades. Para o Estado liberal, o campo significa unicamente votos, incluído no processo econômico, ou seja, nas intenções de lucro das cidades, na mentalidade da Bolsa. O que um Estado faz pelo campesinato ele o faz pelo seu fortalecimento e não existe outro meio duradouro para tal coisa".

As SS planejavam criar, depois da guerra, uma espécie de Estado agrário, dirigidos por guerreiros-campesinos, como os antigos templários e cavaleiros teutônicos, nas fronteiras do Leste, para proteger a raça branca contra a enorme maré asiática.

Assim viveram também os primeiros conquistadores visigodos do Chile, com a arma ao braço e cultivando à terra. Este foi o campo tradicional que os judeus Chonchol e Allende destruíram por compulsão instintiva. Este foi o campo dos colonos alemães do Sul, que foram capazes de estender mais além da antiga fronteira de Arauco e que foi destruído agora pelo sistema econômico também judeu da Escola Monetarista de Chicago, com o livre câmbio, o intermediário, o empréstimo e a usura.

A nobreza agrária é o tema do livro de Darré, "Der Neuadel aus Blut und Boden", (A Nova Nobreza do Sangue e do Solo), publicado em 1930.

"O pensar aristocrático somente pode surgir do pensar do homem do campo", disse Günther. "Nietzsche tem razão quando desconfia da ideia de uma aristocracia do espírito". "Onde se fala de aristocracia do intelecto, não faltam razoes para desconfiar de que se trata de ocultar algo", escrevia", "é sabido que constitui uma palavra favorita entre os judeus ambiciosos. O intelecto somente não enobrece; pelo contrário, é necessário algo que enobreça o intelecto. O que é necessário para isso? O sangue".

Sendo assim, o trabalho de um Günther, de um Darré, de um Rosenberg, de um Himmler, de um Wirth, foi direcionado a criar uma tensão entre a realidade presente e uma ***imagem-meta***, a do homem nórdico ário original, a qual era almejada com o sentimento mais tenso e buscava-se alcançar através dos procedimentos da eugenética e da Aristogenética, valendo-se das leis hereditárias de Mendel. Esta tensão havia sido debilitada, assim como o interesse tradicional concedido à cria da raça nobre pelos povos indo-germânicos da idade primogênita, pela imposição forçada das doutrinas religiosas cristãs, que separaram o corpo da alma. Por outro lado, na enfatização do congênito hereditário se encontra uma premonição ou certeza daquela unidade corpo-alma, que corresponde ao pensamento indo-germânico e que foi recuperada e reforçada pela investigação biológica dos etnólogos do Terceiro Reich. Depois da última guerra tudo isto passou a ser tabu. De novo, e por todos os meios a disposição do Estado escravo democrático dos alemães de hoje, estão sendo cumpridas as ordens recebidas dos amos de Sião: destruir a raça, bastardizá-la com a mestiçagem e o mulatismo e introduzir de novo o sentido do pecado e da culpa, com a invenção do genocídio do "povo eleito de Deus". A Alemanha de hoje é um país ocupado, vexado, escravizado, sem um tratado de paz, depois de quase quarenta anos após o fim da guerra. Mas o exemplo daqueles imensos feitos do Terceiro Reich hitleriano será impossível de ser apagado, imperecível.

O lamarckismo e o marxismo asseguraram que era possível melhorar o ser humano, aperfeiçoando o meio em que ele vive, com a doutrina da importância decisiva do mundo circundante. Por isto as propostas da elevação da educação, da instrução para todos no Estado liberal, características do século XIX e que são mantidas até hoje, dogmas maçônicos, como se com isto fosse possível criar novos seres humanos. É a quimera, a mania da instrução generalizada – um absurdo para os inkas. A igualdade de direitos. Por outro lado, a posição tradicional aristocrática ensina que o conhecimento é assunto racial e que um homem pode não saber ler e nem escrever e ser um sábio. Mais ainda, a instrução da escola lhe faria perder a sua sabedoria. Assim era com os reis e os nobres, que sabiam através do seu *sangue*, da sua herança. Do mesmo modo ocorreu no Chile com a nobreza campesina e com a verdadeira aristocracia visigoda da Colônia. Eu sei isto por experiência própria da minha família, onde as profissões liberais foram mal vistas, assim como o trabalho remunerado. Sabíamos as coisas desde o nascimento, pelo sangue. E o trabalho era feito em prol do próprio trabalho, não para ganhar dinheiro com ele, senão que para viver, vivendo-o. Para não perder a sabedoria, os parentes se casaram entre si, como os Inkas, como os faraós egípcios. Se houvesse sido possível, nós teríamos casado entre irmãos. Sempre nos sentimos diferentes. E este é um sentimento natural, sem que exista desprezo ou menosprezo pelos demais. Pelo contrário. Tratava-se de viver e deixar viver, mantendo as barreiras intransponíveis. Mas estamos sós, cada vez mais sós, em um mundo adverso e difícil, no "Novo Mundo" americano de cor.

Pensemos em Hitler. A sua educação foi a de um rei, a de um aristocrata dos antigos tempos da raça dos hiperbóreos. Foi a de um autodidata. Na ausência de professores sábios nas escolas e universidades, onde ele sempre foi rechaçado, ele educou a si mesmo. E o seu saber de gênio genético foi incomparável. Ele sabia absolutamente tudo e em tudo inovou, na paz assim como na guerra, nas artes, na indústria e também na educação, transformando-a em eugenética, em Aristogenética

racial. Sem ele, tampouco Günther e nem Darré poderiam haver assentado as bases para produzir a cria racial do povo alemão.

Trataram de aumentar o nascimento das crianças de alto valor hereditário, nas camadas melhores e a diminuição ou carência de crianças de um valor hereditário inferior. Sendo assim, a ajuda social não foi direcionada, como no Chile atual, aos inferiores, aos impedidos, aos setores racialmente mais baixos, senão que aos melhores. Por outro lado, nada é obtido ao melhorar os sistemas e a ajuda "caritativa", junto com as condições do mundo circundante, sem a simultânea esterilização legal dos hereditariamente inferiores, dos imbecis, os "mongólicos", os criminosos, os transmissores de doenças incuráveis e os alcoólatras. A demagogia política dos democratas e ditadores, que vivem da adulação das massas, das camadas mais baixas da população, somente trabalha para a destruição final do povo e de sua saúde genética. O mito do esporte, fomentado oficialmente, também corresponde ao pensamento lamarckiano e à crença da possível melhoria de fora para dentro. A resposta se encontra na exortação de Leônidas aos espartanos, antes da sua partida para a Batalha de Termópilas: "Casar-se com capazes e dar à luz a capazes". Nem sequer o gênio, meramente pelo fato de ser gênio, pode ser levado em consideração como fonte de uma progênie sã. No geral, ele não é (porque ele nasceu para outra coisa, para dar à luz ao Filho do Homem, ao Filho da Morte). É preciso aprender a distinguir entre o valor de um ser-humano como indivíduo e o valor como portador de herança – ao filho da carne – onde pode haver um risco. E nem sequer os títulos, e nem a nobreza das velhas famílias, desgastadas e empobrecidas geneticamente, como na Espanha e na própria Alemanha, pela mestiçagem com os judeus economicamente poderosos. Por isso no Terceiro Reich consideraram que os títulos não eram decisivos, e nem a posição, ou a fortuna, senão que exclusivamente as predisposições hereditárias. Deste modo, a nobreza de título alemã contribuiria para a nobreza de nascimento na medida em que esta pudesse aportar famílias hereditariamente de alto valor. Mas como camada nobre, a nobreza de título já não desempenhava papel algum em um Estado baseado nas leis da Aristogenética e no pensamento aristocrático verdadeiro. Pois a nobreza que não se baseia na eleição de predisposições hereditárias de maior valor é um contrassenso. O Estado alemão hitlerista reconheceu como mais aristocrático, em um sentido genético, a um motorista de um conde do que o conde, se o motorista tivesse melhor raça. Era a raça se sobrepondo à classe. Já nos referimos a este tema na primeira parte deste livro. Foi também o que levou a nobreza de títulos, aos *von* do exército prussiano, mesclados com judeus e banqueiros, além de maçons, a se levantar contra o Estado Nacional-Socialista, o Governo racial de Hitler e a traí-los, preferindo que a Alemanha perdesse a guerra e eles próprios os seus privilégios de casta e classe.

Günther disse: "A nobreza germânica, igualmente à nobreza indo-germânica, teve originalmente uma base biológica, e a igualdade de linhagem certa vez significou, em tempos remotos destes povos, tanto um idêntico nível de capacidade hereditária quanto uma preeminência de características da raça nórdica. Tudo isto foi interrompido e destruído com os matrimônios por dinheiro com as filhas de canalhas ricos". E agrega: "Necessitamos não somente de uma eugenética, senão que de um Aristogenética". Ou seja, a criação da aristocracia genética. "O domínio do dinheiro é ainda pior do que o de uma nobreza "desenobrecida", e o domínio das massas das grandes cidades é, todavia, ainda pior. Todavia, o pensamento individualista não pode chegar jamais a ser um pensamento aristocrático". Com isto Günther se refere ao individualismo liberal e

capitalista. E insiste: "A ascensão das linhagens sempre esteve condicionada à eleição do cônjuge. Mas este processo sempre ocorreu na maioria das vezes inconscientemente. (Como entre nós, no Chile). Agora devemos dar à juventude, como um comprometimento consciente, a elevação da sua família mediante a eleição do cônjuge. Elevá-la através da cria, até que os filhos e os netos possam ter a pretensão de ser considerados entre a nobreza de nascimento do povo alemão". Isto é *Aristogenética*. E então será possível repetir as palavras de Eurípides: "Um sublime prêmio, que com fama adora à vida, é descender do nobres!".

Existem sempre estes intelectuais, que chamam a si mesmos "cultos", "humanistas", "cristãos", e que pensam poder estar acima dos fenômenos da herança e da seleção, gostando de rir da raça e da cria de uma seleção entre homens. Falam de uma superioridade do critério científico, religioso, moderno, quando se discute o problema do melhoramento de uma raça. Já vimos isto ao tratar de Palacios. Mas quando alguém se declara a favor da esterilização dos imbecis, dos criminosos, dos alcoólatras, dos esquizofrênicos, dos portadores de enfermidades hereditárias, a ironia se transforma em furor. Aqui a Igreja, os humanistas, os intelectuais, os "homens de espírito" e até os teósofos, citando as "leis superiores do karma", perdem o controle. Argumentariam que os últimos descobrimentos científicos comprovam que o racialismo é falso, um assunto de ignorantes, de "criminosos fascistas, que transformavam em sabão e em telas para abajures a pele dos prisioneiros judeus nos campos de concentração". O que não impede que sigam praticando a cria em seus hipódromos e entre seus animais domésticos. "Mas o homem não é um animal", dirão. Se equivocam, a maioria é e seguirá sendo pela eternidade, se não forem obrigados a superar a sua parte animal, precisamente. "*Há que aprender a distinguir entre o direito à vida e o direito a dar a vida*", disse Günther. "E a renovação depende de que depois da época da nivelação igualitária encontremos, por um lado, a coragem para a decidida afirmação e realização da ideia da desigualdade e que, por outro lado, encontremos a humildade necessária para o reconhecimento de um escalonamento de valores de tudo o que vive, segundo leis divinas".

Para os religiosos e para os idealistas que põem a sua fé na instrução generalizada, que ainda aceitam Platão como o fundador do pensamento idealista, o Divino Platão de Pedro Sarmiento de Gamboa, é bom recordar que ele já havia reconhecido, há dois mil e quatrocentos anos, as leis da seleção e da cria, com projetos de normas deste tipo para o seu Estado. E é Platão quem explica o afundamento da Atlântida por causa da mescla indiscriminada das raças. Algo que voltará a acontecer, e por idênticas razões, nas rondas do Eterno Retorno.

E Günther termina: "Temos o direito de sentir desconfiança perante as distintas doutrinas religiosas e do saber que põem ênfase e até exageram as influências do espírito e da alma, sem indicar o caminho para uma "incorporização" dos valores espirituais e anímicos (ou seja, uma "encarnação") *em direção a uma representação destes valores nas linhagens humanas, terrestres*. Sobre a base destas reflexões aparece como anti-espírito muito do que nos é exaltado como sendo Espírito".

Eis aqui a posição de Hans Günther perante a teoria da "raça do espírito", de Evola, e da "raça da alma", de Clauss. É esta a autêntica posição de um ário, que não vê diferença entre o corpo e a alma, ***uma vez encarnados e como impulsores da mutação***. A atitude de um verdadeiro pagão, no melhor sentido do termo. De um hiperbóreo, um nórdico-polar.

É bom recordar também que Hitler falou sobre criar novas linhagens no povo alemão, linhagens raciais. O problema de como poder preservar a nova camada de dirigentes desta aristocracia sem que a criação cultural esgote as suas propriedades genéticas superiores, era resolvido com a política de "sangue e solo", de Walter Darré, mantendo sempre viva a reserva agrária, o campo, o solo mágico e "solidário" da "pátria da alma", como diria Nietzsche, da raça, de onde voltariam a surgir as novas estirpes, os ramos da Azinheira sacra, do Irminsul, longe das cidades, nas fronteiras tensas, onde os guerreiros SS defenderiam os confins geográficos do divino sangue ário.

Para eles não haveria erro pior, crime pior, do que a escolha errada de um cônjuge, assim como para os *Vîras* o seria trair a sua Valquíria.

Nos laboratórios mágicos da Iniciação do Hitlerismo Esotérico, nos Castelos da Ordem, nos Ordensburg, vibrava uma eterna Energia indestrutível, porque ali era guardado o Graal, o Vril. Ali estavam tentando a mutação da raça e a criação do Super-homem, do Homem-Deus. Mais ainda do que a Aristogenética, a Teogenética; mais além de tudo o que foi até agora imaginado e tentado, a volta à Primeira Hiperbórea, atrás das estrelas. Se isto foi possível, não o sabemos, ainda que podemos imaginar. Assim como a raça nórdica superior, à qual Günther e Darré tendiam, os *Lebensborn* e os *Sonnenmenschen* não morreram, e jamais foram encontrados. Já eram imortais. E juntos com o Führer desapareceram, levando, como Parsifal, o Graal em direção a um longínquo país do Ocidente, mais além do Grande Oceano, onde o Sol Negro da Meia-Noite Polar nunca se põe, nos Oásis Antárticos, na Terra Interna, na Cidade dos Césares.

E a sua Meia-Noite já é o seu Meio-Dia.

Para a Weltanschauung do Hitlerismo Esotérico será necessária uma dilucidação, em referência a aquilo que foi dito.

O corpo do homem ário é algo que existiu em outro lugar, fora daqui. Foi pré-configurado pela Runa MAN, como forma luminosa, feita da Luz do Sol Negro. Ou seja, o hiperbóreo entrou na Terra do Demiurgo *com o seu corpo*, passando através da *Janela* de Vênus.

Na imitação corrompida e fracassada do Universo demiúrgico, a sua criação não evolui além do símio e do Homem de Neandertal. Ao penetrar nesta criação, o corpo do ário sofreu uma involução por causa da influência do meio letal e da mescla em que ele havia caído, tornando-se prisioneiro do Demiurgo e das suas hordas infernais. O Vîra esqueceu a sua origem divina. Por isto se tornou imprescindível a vinda dos *Avatãra* e de novos reforços hiperbóreos, para libertar o prisioneiro e tornar possível que este continue a travar a Grande Guerra.

Ao longo destas páginas e no "El Cordón Dorado", temos feito uso dos termos tântricos de *Divya* e *Vîra*, o primeiro significando o ser divido, hiperbóreo neste caso, o *Siddha* ou *Siddhi*, regido pelo *Guna Sattva*. *Divya* vem de *Deva*, Deus em sânscrito. O *Vîra* é o herói tântrico, regido pelo *Guna Raja* da virilidade. Já é um *Divya* mesclado com o *Pasú*, o *Pacu*, com o *Sudra*, a terceira categoria, o homem-animal, regido pelo terceiro *Guna*, *Tamas*, o mais material. Segundo o Hitlerismo Esotérico, o Demiurgo Jeová somente faz uso do *Guna Tamas* em sua criação. Os *Guna* são elementos máximos constitutivos do Universo, segundo a filosofia *Samkhya*, da Índia. Para o Tantra, são os *Sattvas*. Os *Vîra* são os gigantes dos tempos clássicos, produtos mesclados, que caíram no "pecado racial", mas que podem retornar ao Universo do *Divya*, do qual procedem, valendo-se da alquimia da transmutação. Com a sua penetração nos planos mais baixos

do Demiurgo, tornaram possível um triunfo não sonhado: a redenção do mundo pervertido do Demiurgo, arrastando consigo alguns *Pasús*, arrebatando-os do Demiurgo, ao lhes insuflar com um princípio de alma e de divindade por meio da ciência das transmutações e do poder divinizante do *Vril*. Somente o judeu, o *Elementalwesen*, é impossível de ser reconstituído, por ser um Golem de Jeová. Todavia, há alguns que conseguiram romper o Pacto Escuro, derramando todo o seu anti-sangue sobre a tumba dos seus ancestrais, como na novela "O Golem", de Gustav Meyrink. E puderam fazer parte de uma centelha do Ser Hiperbóreo, por causa também de uma mescla maior de sangue ário.

O *Vîra* que retorna ao mundo dos *Divyas* não mesclados, é mais do que eles, porque em seu combate, em seu drama, arriscou tudo, até mesmo a sua imortalidade. E se tornou consciente, se personalizou, se individualizou, dando um Rosto à sua alma – um Rosto Duplo – como o da Estrela Dupla da Manhã. O *Rosto da A-Mada*.

Portanto, o Vîra dispõe de uma força viril, heróica, que atua contra a corrente. É a força que o Saddhaka possui, o Iniciado tântrico. Sinônimo do herói, ele combate para reverter o processo da entropia, da involução, que é o resultado da sua *entrada* no Universo do Demiurgo-Jeová. E *sai* do Círculo do Eterno Retorno, para sempre. Ele unicamente retorna aqui por sua própria vontade, como Avatar, como Tulku. O seu combate contra a corrente se chama Udhavaretas e está simbolizado pela Swastika Levógira do Hitlerismo Esotérico.

O Führer falou sobre a criação de linhagens. No estado atual da involução do Vîra, dentro do Kaly-Yuga, estando prisioneiro e tendo perdido o poder criador direto, fulgurante, plasmador de Vril, ele veio a usar o mecanismo reprodutor do Pasú, imposto pelo Demiurgo, valendo-se do sexo como meio de procriar o corpo físico. Como se o prisioneiro houvesse sido obrigado a se valer dos únicos meios e costumes a sua disposição neste "universo concentracionário". A multiplicação se tornou imprescindível nestas etapas da Grande Guerra, dentro do Kaly-Yuga, para que subsistam os materiais de relevância que tornam possível a continuação da luta contra o Demiurgo. E assim também a viabilidade da Ressureição continuaria aberta para alguns. Porque dentro de uma Linhagem Hiperbórea de uma Casa (Família), com um que chegue, que execute a Melodia até a sua consumação, que dê a luz ao Filho do Homem, que construa a sua Eidelon, o seu Corpo Astral e com ele consiga sair, será o suficiente para que toda a Linhagem participe da Ressurreição e do retorno à Hiperbórea.

O predestinado a se tornar *incincta* do Filho Interior, da Morte Mística, não deveria participar da procriação dos filhos da carne por meio do sexo.

Se alguém enxergar nisto alguma similaridade com as doutrinas cátaras, isto é apenas em aparência. Tal como tem sido divulgado pelos seus inimigos, as crenças do catarismo considerariam a encarnação na Terra do Demiurgo-Jeová como sendo uma queda, um conjuro, uma violência exercida sobre os espíritos puros por meio do sexo, que os obriga a encarnar aqui. Somente podem ver o Mal, sendo, por conseguinte, contrários a toda espécie de procriação e aceitando até mesmo o suicídio na *Endura*, como meio de poder escapar das garras do Demiurgo. Mas, para o herói do Hitlerismo Esotérico, para o Vîra, para o guerreiro de Wotan, vir aqui para combater é uma obrigação de *honra e lealdade* (o lema dos SS). Unicamente assim será possível lutar contra a criação demoníaca do Senhor das Trevas, chegando a transmuta-la, a transfigurá-la. E até o sexo haverá lhe servido, como meio de arrebatar alguns Pasús das

mãos do Demiurgo, transmutando-os em Vîras, por meio deste sacrifício tântrico, por assim dizer. Esta é a Grande Guerra.

Se vencer, sairá ressuscitado, imortal, como Homem-Absoluto. Com um Rosto, *individualizado*. E isto somente é possível através do combate glorioso "*do quinto céu para baixo*", como guerreiros da Ordem de Wotan e do Führer.

Algo que é preciso voltar a insinuar, ainda que sem revelá-lo totalmente, é que já não seria necessária a procriação do filho da carne por meio da fórmula demiúrgica do sexo. Os Vîras do Hitlerismo Esotérico redescobriram a criação e a imortalização dos corpos valendo-se de outros procedimentos, recuperando o Vril, de modo que já existem aqui também exércitos imortais, de Divyas com corpos rúnicos, de Vraja, vermelhos, duros como o diamante, de Fogo Verde-Vermelho. São indestrutíveis, invulneráveis até mesmo às armas atômicas e lasers. Já estão fora e dentro da Terra, entrando e saindo em seus Vimanas, de modo que a grande estação que se aproxima ao final do Ciclo não lhes afetará.

Eu já falei sobre isso no Epílogo de "El Cordón Dorado".

É a Wildes Heer do Führer, com a que estará de volta o momento de resgatar os Vîras, os seus camaradas.

O desespero do Demiurgo-Jeová, que também sabe disto, se reflete na pretensão de imitar. O Demiurgo, e o seu "desdobramento psíquico", o judeu, nada mais pode fazer. Somente copiar pobremente. Sendo assim, produz monstros de laboratório, inseminações artificiais, tentativas de "homens biônicos". Ou seja, a ciência tecnológica, a mecânica grosseira do Kaly-Yuga.

Regresso ao País de Oiyehue

Foi muito curta a minha permanência no Chile, depois desta entrevista com os governantes da Junta Militar. Qualquer ilusão quanto a um possível entendimento do tema fundamental havia se esvaído. Meu Mestre havia dito: "O Chile descerá ao fundo da miséria e dali se levantará até chegar a ser um poder na América". Pensemos que o descenso é o momento atual e que ainda há alguma esperança. Ademais, compreendo que vim ao Chile guiado, não para ver os chefes da Junta, e nem para colaborar com eles. Se fui trazido para cá, mesmo que eu não o soubesse conscientemente, porque o meu Mestre estava para partir. Para sempre e para regiões muito longínquas, seguindo o Devayana, o Caminho sem Retorno dos Deuses. Portanto, eu pude estar com ele até o final.

Antes de deixar novamente o Chile, fiz declarações em um jornal de Santiago. ("Las Últimas Notícias") criticando a política econômica que então começavam a implantar neste país. Várias pessoas enviaram cartas ao jornal apoiando a minha posição. E depois não voltei ao Chile até o convite da Universidade para que eu desse uma palestra sobre Nietzsche, em alguns cursos de verão sobre "Wagner e Nietzsche", que precisei repetir na Universidad de Concepción. Aproveitei para editar o meu livro "El Cordón Dorado, Hitlerismo Esotérico", que me valeu tantos ataques maldosos, me lançando ao ostracismo literário em uma espécie de interdição. Mas a edição do livro se esgotou.

Voltei a partir para a Europa, residindo no Ticino, como disse, no velho Palazzo Camuzzi, que também fora a casa de Hermann Hesse nos anos posteriores a Primeira Guerra Mundial.

Por dez anos havia vivido na Índia, depois nos Balcãs e na Áustria; agora, por dez anos eu precisei permanecer na Suíça. Na Índia busquei pelas entradas para o Ashram dos Siddhas no Himalaia; nos Pirineus busquei pelos agotes, a tumba de Pirena e o Graal dos Cátaros, nas cavernas de Montsegur, do Sabarthé, por onde também havia incursionado Otto Rahn. Nos Alpes, em largas e exaustivas expedições pelos cumes do Grisone, na alta Engadina e no Tirol do Sul, pelos vales escondidos entre os cumes, seguindo a Rota do Âmbar, pensei poder entrar no Reino dos Duendes do Rei Laurin, no Troj de Reses, no País das Rosas Alpinas.

No Himalaia, sem saber como, me encontrei no Vale das Flores, onde sonhei com a amada morta em minha Hiperbórea Sul-Polar. Voltei a vê-la em sonhos. E então, deixei cair no vento destes cumes tão remotos a pluma de quetzal que eu havia encontrado em suas mãos enquanto me reclinava junto ao seu leito mortuário, há tantos anos, nesta cidade de Santiago de la Nueva Extremadura.

Em nenhum lugar eu encontrei o que eu buscava, nem sequer achei os Oásis na Antártica. Mas descobri os camaradas, entre as ruínas. Dali ainda emergiam, mortalmente feridos, sangrando, mas repetindo aquele poema de Ezra Pound: "*Mantenha-te firme nos velhos sonhos, para que nosso mundo não perca a esperança*". E eu lhes respondia com Shelley: "*Persevere até que a esperança acredite, com o seu próprio naufrágio, na coisa contemplada*".

Quando eu encontrei Ezra Pound, ele já não falava. Havia entrado no silêncio, para que ninguém lhe obrigasse a desdizer aquilo que certa vez havia dito: "Hitler é o maior dos homens". "O judeu é uma ave de rapina".

Estive ao seu lado, falando para ele, dizendo-lhe que nada importava, porque em mais setecentos anos perderíamos novamente. E voltaríamos a nos encontrar, como talvez o houvéssemos feito infinitas vezes na Eternidade. E assim permaneci, falando, falando, até que ele morreu. Mas pouco antes, saindo do seu silêncio e apontando para a sua companheira, a sua Valquíria, que se chamava Olga, me disse: "Cuide dela, porque ela é heróica e impediu que eu enlouquecesse ...". Depois, ne velha cidade castelhana de Medinaceli, por onde havia passado El Cid e também ele, levantamos uma pedra, como um menir, em sua homenagem. A encravamos ali para que a terra vibrasse, tremesse. E recitei os seus versos: "*A pedra sob o olmo ... Apartou a loucura, o pesar. Minhas lágrimas deixei debaixo de uma folha de olmo e as abandonei sob uma pedra ... A árvore penetrou em minhas mãos, a seiva pelos meus braços subiu ...*".

A Árvore era o Irminsul.

Camaradas alemães, camaradas italianos, camaradas suíços, camaradas franceses, belgas, espanhóis, americanos ... Ezra Pound, León Degrelle, Saint Loup, Skorzeny, Julius Evola, Hermann Wirth, Savitri Devi, Hanna Reitsch, Hans Ulrich Rudel ... Quantos se encontram em prisões, quando mais desapareceram! Tive que permanecer na Europa até aprender mais sobre a Iniciação do Hitlerismo Esotérico, das SS Negras. Ainda precisava entrar em seu templo mágico, assim como uma vez eu o fizera no Castelo de Frederico II de Hohenstaufen, na desértica Calábria.

Logo a terra dos gigantes, da Estrela da Manhã, da Terra de Oiyehue, voltaria a me chamar, mais além do Grande Oceano. Agora, a antiga premonição se confirmava. Em um bosque da Alemanha havia encontrado o Ashram das Nornas e elas me

ordenavam retornar. Mais ainda, uma Norna seria enviada comigo, porque o tempo, se acelerando, já estava por ser cumprido e devíamos penetrar o refúgio do Führer e dos Deuses Brancos, para sermos transportados em seus Discos de oricalco, chegando a fazer parte da Wildes Heer, que travará o último combate antes do surgimento da Nova Atlântida.

E fui ordenado a escrever este livro.

Aqui estou de novo. Nada reconheço. Trinta anos se passaram desde que eu havia partido em direção ao Himalaia, cruzando o velho mar que cobre os palácios, os templos submersos da Lemuria, para estender um arco desde o Melimoyu até Kailás. Perambulo pelas velhas ruas dos anos da minha juventude. Busco os rastros dos passos de Jasão, dos camaradas da minha adolescência, as mansões derruídas, os antigos sonhos. Entro naquele corredor coberto de pedras, flanqueado por casas semiderruidas, de cores desbotadas. Ao fundo, ainda se encontra o pequeno pátio com a grande virgem de gesso e uma árvore frondosa. A virgem está quebrada, mutilada, algumas mulheres velhas estão nas portas, olhando com olhos cansados um mundo que existe apenas em sua recordação. E em mim. E então sigo, buscando pelos barrios noturnos de outros tempos, o bar "La Miss Universo", onde nos reuníamos, os jovens escritores da minha geração: Héctor Barreto, Julio Molina, Santiago del Campo, Homero López, Iván Romero, Omar Cáceres, Irzarri, Ahumada ... Quem saberia que certa vez eles existiram? Eu também sou um ignorado em minha própria pátria e vou passando por estas ruas como um fantasma. Esse bar já não existe. E não pude deixar de recordar uma noite com Ezra Pound, na Praça de São Marcos de Veneza, cheia de turistas americanos e europeus. Por ali ia caminhando Ezra Pound, só, erguido, apoiado em sua bengala, sem olhar, sem ver ninguém. E ninguém tampouco lhe via, ninguém sabia que ali ia caminhando, naquela noite, o maior poeta deste tempo. Ainda "alentando passos na terra", como disse o verso de Omar Cáceres. Assim como eu mesmo agora...

Na superfície da minha terra tudo estava destruído, erosionado. Nem o eco das canções dos heróis mortos de outrora, dos jovens nazistas ... Não me atrevo a olhar para cima, em busca do altillo onde eu havia trabalhado nos tempos da Grande Guerra, quando eu editava o "La Nueva Edad", tratando de estender uma ponte de gloriosa esperança desde os Andes até os cumes de Berchtesgaden. Não quero ir em busca dos lugares onde o meu Mestre nos indicou o Caminho de Devayana, nem onde morreu Papán.

Hoje o Chile parece um país inimigo, ocupado por gente estranha. Sim, eu sei disto. Mas não vim aqui para percorrer a sua superfície, senão que para encontrar os poucos heróis que ainda existem, os mais jovens, para lhes passar um legado, uma mensagem, e com eles ir em busca das entradas para as Cidades secretas dos Deuses Brancos, para a Cidade dos Césares, para a Terra Interior, para o Oásis da Antártica. Ali, onde o Führer nos espera, para juntos voltarmos a travar o grande combate, no momento supremo, quando o Inimigo acreditar haver triunfado, à beira do desastre.

E [aos jovens] eu lhes ensino a Oração da Estrela da Manhã:

Oiyehue, Quetzalcóatl,
Lúcifer, Wotan!
Envolve-me em tua
Luz profunda, humedecida,

Deixe cair sobre mim
As tuas pétalas de luz,
Como se vindas de um outono
Dos céus.
Acompanha-me em meus
Trabalhos e combates,
Para que um dia juntos
Com o Führer
Possamos vencer
E lhe vingar.
Oh, Estrela da Manhã!
Permita-me sair
Pela tua Porta
Em direção ao Sol Negro,
Que detrás de ti
Se encontra.
Oh, Sol Negro!
Absorve-me em teu turbilhão
Alucinante,
Em tua morte mística
E leva-me em tua Luz
Levógira,
Mais veloz do que a luz
Do sol de ouro,
Até a inexistência
Do Raio Verde,
Onde moram os Mestres
Do meu Mestre
E os mais altos Guias
Do Hitlerismo Esotérico.
Oh, Raio Verde!
Incorpora-me à tua inexistência,
Mais real do que tudo existente,
Para que possa realizar
Os sonhos impossíveis,
A ressureição da Amada,
O retorno do Führer,
A reconstrução da Ordem,
Dos Vigilantes do Alba,
O encontro com as entradas
Ao mundo interior
No Melimoyu
E nos Oásis da Antártica.
Oh, Raio Verde!
Entrega-me um corpo de Vraja
Imortal
E permita-me regressar

Ao Sol Negro.
Oh, Sol Negro!
Reabsorve-me em teu abismo
Alucinante
Envolve-me em tua energia
Irresistível, invencível,
E leva-me de volta,
Em tua Luz dextrógira,
Até a Estrela da Manhã.
Oh, Estrela da Manhã!
Permita-me reentrar
Pela tua Janela
De regresso à Terra
Do Sol de Ouro,
Para continuar combatendo
Pelo nosso Führer.
Oh, Sol de Ouro!
Que alumbra
Esta Terra corrompida
Por Jeová,
Transpassemos nossas nostalgias
Do Raio Verde,
Para que junto possamos
Nos transfigura!
Heil! Sieg Heil!

E com os jovens camaradas e com a minha Valquíria, vamos encontrar um dia as entradas do Melimoyu e transmutar a terra de Oiyehue, da Estrela da Manhã.

Por isto eu voltei!

IV Parte

SANGREAL. INICIACION DE LAS SS.



Parte IV
Sangreal
A Iniciação das SS



O Kristos Rúnico, o Kristos da Atlântida (Ver Anexo II)

O Castelo da Ordem

Há quarenta anos, quase, venho repetindo que o Führer não morreu no bunker de Berlim. Os dirigentes secretos do Hitlerismo Esotérico partiram com ele em direção aos refúgios polares dos Deuses Brancos, tal como antes o fizeram os dirigentes desconhecidos dos Templários, os guias invisíveis dos autênticos Rosa-cruzes, dos vikings, dos visigodos, dos troianos e dos Siddhas Hiperbóreos. E tudo isto nos concerne, de um modo essencial, alguns poucos sul-americanos que, desde o nascimento, e ainda antes, somos os nostálgicos dos Deuses Brancos, os impenitentes buscadores de Paititi, da Cidade dos Césares. Nos convertemos nos adiantados-guerreiros-sacerdotes do Hitlerismo Esotérico, que ainda permanecem na superfície da Terra para cumprir o sacrifício heroico e obter a imortalização, antes ou depois que também a destruição terrestre chegue até nós. Antes do dramático e inevitável fim desta Época Mais Escura.

Ao franquear as entradas do mundo divino, as portas da Cidade dos Césares, nos encontraremos com todos estes imortais que ali ressuscitaram, podendo penetrar uma nova velocidade do tempo. A velocidade supratemporal dos Vimanas, dos OVNIs, como os chamam hoje em dia. E estaremos cara a cara com o Führer.

Mas, para que tudo isto possa chegar a ocorrer, antes devemos obter a Iniciação do Hitlerismo Esotérico. Não se trata, portanto, de nos pormos a buscar por cumes, lagos, vales, montes de neve, oásis antárticos, as entradas do mundo subterrâneo, a Cidade Alquímica das mutações, a do chumbo, Paititi, sem termos sido merecedores de cruzar o seu umbral graças à uma transformação prévia e sincronística, conseguida por meio da Iniciação que fez com que fosse possível que os hitleristas esotéricos também fossem admitidos, pelos "que antes ali chegaram", nestes Refúgios da Vida Eterna, da raça ária imortal. Ninguém que não seja um ário, **um nascido duas vezes**, poderá entrar ali.

Quando há quase quarenta anos eu fui em busca dos Oásis da Antártica, eu era um Iniciado. Mas ainda me faltava algo. Ademais, eu precisava escrever este livro, "El Cordón Dorado", "NOS" e toda a minha obra, para contribuir ao combate de Adolf Hitler, o Último Avatar.

Agora é fácil entender o quanto importante é para nós chegar a conhecer qual foi a Iniciação do Hitlerismo Esotérico. Em meu livro "El Cordón Dorado" tentei dar uma explicação. Creio agora poder avançar mais neste tema fundamental, sem pretender, por meio disto, tornar exotérico aquilo que necessariamente deverá permanecer para sempre esotérico; ou seja, não totalmente revelado.

Em meu livro anterior, me referi ao Castelo da Ordem Negra dos SS, onde haveria ocorrido a aparição dos Sonnenmensch, do Homem-Sol, do Super-Homem, gradualmente e por etapas. Primeiro, a transformação do alemão em homem nórdico; depois, deste em ário. Podendo chegar até o hiperbóreo das origens, com a conseguinte restauração do "órgão perdido"; esta "glândula" atrofiada, o terceiro olho, o Vril, ER ("A Coluna que atravessava o Céu"), condição da raça branca original. Ao recuperá-los, o redescobrimento do Vimana viria a ser uma consequência lógica, sincronística. O fato de que os hitleristas tenham podido construir os OVNIs nos últimos anos da guerra, tal como nos afirma o "*Militärisches Taschenlexikon*" da Bunderwehr, da Alemanha Federal de hoje, nos indica que no Laboratório Esotérico Alquímico da *Ordensburg*, do Castelo da Ordem Negra, da *Ahnenerbe* ou de algum outro local, tiveram êxito na mutação,

produzida pela Swastika Levógira, no Caminho do Retorno. Por meio desta Alquimia iniciática, recriando o Hiperbóreo.

Não pretendemos haver conseguido penetrar um segredo tão bem guardado, muito menos vir a revela-lo. Sempre aqui nós estaremos nos movendo por um caminho de suposições e de simbolismos, mais do que de realidades tangíveis. Os diretores secretos das SS foram desconhecidos das multidões uniformizadas, mantendo contato apenas com a cúspide visível, frequentemente também anônima, de modo que nos surge a dúvida de que o próprio Himmler houvesse lhes descoberto, devendo obedecer a ordens, que a maioria das vezes chegavam até ele através do Führer ou de alguma outra autoridade desconhecida. Suspeito que o mecanismo possa ter sido ainda mais complicado. Himmler teria tido certeza de que era ele quem entregava as diretivas e planejava o sistema, sendo ele, por outro lado, direcionado de uma maneira mais sútil, telepaticamente, por correntes que lhe chegavam de um centro realmente invisível. O fato de escolher uma terra determinada e um centro magnético, carregado de fantasmas, como o Castelo de Wewelsburg, em Vestfália, facilitava a transmissão de energias poderosas nórdico-germânicas.

Por terem conseguido seguir mais anos no trabalho deste Laboratório de Magia Levógira, somente os Divyas sabem para onde os SS teriam sido levados. Por isto, o Senhor das Trevas tremeu em seus invernos descarregando todas as suas forças antes de que também para Ele fosse demasiado tarde e o Yuga dos Heróis pudesse ter êxito em remontar a corrente fatal da entropia e reimplantar a Idade Dourada. Vencer o tempo, criando uma nova velocidade que o superara.

Nem a Hitler, nem a sua SS, teve o privilégio dos anos necessários para alcançar a mutação do número exato dos eleitos. Pode ser também que as coisas tenham ocorrido da forma que aqui temos retratado, como uma necessidade absoluta de ganhar perdendo, porque de outro modo não era possível conseguir tal coisa em uma Terra exterior superpovoada, onde o número de bastardos e de sangues mestiços é o que predomina. E assim, o número necessário de transmutações teria sido alcançado, apesar de tudo, estes eleitos devendo passar imediatamente à "Terra interior", às Cidades dos Deuses Brancos, a outro plano de manifestação, ou a aqueles refúgios terrestres, inexpugnáveis, rodeados de poderosas forças telepáticas, onde também o Führer poderia estar esperando pela catástrofe final, no limite da qual retornará com Kalki, o Último Avatar.

Quando eu escrevi "El Cordón Dorado", ainda não havia visitado o *Ordensburg* de Wewelsburg. Conhecia sim a descrição que dele me havia feito Julius Evola, como sendo um lugar onde se tratava de reconstruir a Ordem Templária, dentro da simbologia do Graal. Não me pareceu que Evola havia levado esta tentativa muito à sério, considerando-a mais como sendo algo romântico e sem importância essencial. Aqui, como em muitas outras coisas referentes ao Hitlerismo Esotérico, Evola se equivocou. Nada do que os hitleristas tentaram foi superficial, porque era dramaticamente sério, a vida e a morte ... E assim também em Wewelsburg. É a diferença entre a alma nórdica e a meridional (não com a de Evola, apesar de tudo) e com a maior parte do mundo, exceto pelos judeus, é claro.

Com atenção, temos tratado da simbologia do Castelo na alma nórdico-germânica, em relação ao Polo, com o Templo, a Montanha e o Corpo do Homem-Total.

Não é de se estranhar, por isto mesmo, que a Ordem iniciática dos SS hitlerianos tenha escolhido um Castelo como centro para a formação das suas falanges esotéricas.



Castelo nas alturas. Aquarela de Hitler, 1929.

Em 1934, Himmler arrenda por cem anos o castelo de Wewelsburg, na Vestfália, e começa de imediato o trabalho dos repares desta relíquia e a sua transformação, a que inclui a construção de uma Torre de Iniciação. Todo o pequeno povoado será desalojado e a maioria de suas casas antigas, com Runas gravadas em madeira, serão incluídas no enclave. Os habitantes são compensados. São mudados para Büren; incluindo o Pastor local. Assim, o Castelo passará a ser o *Reichsführerschule der SS Auf der Wewelsburg*, a "Escola para a preparação dos Dirigentes SS em Wewelsburg".

O Castelo foi declarado monumento nacional e foi mantido como tal. Um *Burgwart*, Chefe Encarregado das SS, viveria permanentemente no Castelo e dirigiria a *Reichsführerschule*.

Por que a Vestfália foi escolhida? Foi ali onde Hermann, o *Cherusker*, ou Querusco – Arminius, para os romanos – derrotou as legiões de Quintílio Varo, na batalha do bosque de Teutoburger. E é ali, sobretudo, onde se encontram as antiquíssimas construções megalíticas de Externsteine. Ali estavam o Irminsul, que Carlos Magno destruiu, e o bosque dos carvalhos sacros.

Entre o Mar do Norte, o Elba e as montanhas do Harz, se estende o território dos saxões. Eram pagãos, adoravam Wotan, como era nas ilhas britânicas, que eles haviam conquistado. No ano de 722, Carlos Magno partiu em direção às fontes do Lippe e tomou por assalto o castelo de Ehersburg, o Castelo da Runa EHE (do Amor Mágico, do Matrimônio Mágico) e também de ER, o Poder Supremo, o Vril Hiperbóreo. Destruiu, ademais, o Santuário do Irminsul, do Grande Poder, da Coluna de ER, seu símbolo. Carlos Magno, um renegado, um impostor capeto, descendente deste ministro que havia faltado com o pacto de lealdade à realeza divina merovíngia, destruía assim todo o resto

do sagrado passado hiperbóreo. Mas não foi fácil conseguir isto. Os saxões lutaram ferozmente. Liderados por Widukind, juraram vingança, expulsaram as colônias de soldados francos, reconquistaram o Ehresburg e saquearam o monastério de Fritzlar. A luta foi mantida de 774 até 777, quando tudo parecia haver terminado com o batismo obrigatório de muitos saxões. Mas no ano de 778, Widukind voltou a se rebelar e penetrou até Coblenza e a Turingia, expulsando os monges de Fulda. Então, Carlos Magno começou a mudar os povoamentos e a dispersar os anglo-saxões. Em um dia, em Externsteine, ele fez com que fossem executados 4.500 primogênitos das mais nobres famílias saxãs. Promulgou um édito no qual proibia, sob pena de morte, o culto pagão. É o Édito de Lippe, de 783, no qual ordena "que pague com a sua cabeça aquele que for suspeito de escolher a cremação ao invés do enterro". Comprova-se assim que os germanos antigos incineravam os seus mortos, como os ários da Índia.

Carlos Magno percorreu as ribeiras do Saale e do Elba levando como reféns multidões de saxões que eram por ele deportados de sua pátria. A guerra durou até 804, e um terço da população de algumas regiões foi transportada à força para outras. Não posso entender como os alemães rendem homenagem de admiração a Carlos Magno, monarca imposto pelo poder semítico instaurado em Roma para massacrar a etnia e o culto hiperbóreos, depois que ambos – ele e Roma – traíram à Monarquia Merovíngia (ou Merowingia, de Meru-Weg = o caminho do Monte Meru) a qual haviam jurado respeito e lealdade eternos. A mãe de Carlos Magno era merovíngia e se chamava Bertha. Assim como o seu pai, para silenciar a sua própria consciência de traidor e tratar de aplacar o sentimento contrário dos seus súditos, que não reconheciam uma origem divina, Carlos Magno também desposa uma merovíngia. Mas seus crimes contra a sua raça são tão grandes quanto os do Bispo Bonifácio, de verdadeiro nome Winfried. Este último é quem destrói o bosque dos Carvalhos Sacros em Fritzlar, e também converte a ilha de Helgoland à força.

Os saxões já eram descendentes bastante involuídos dos divinos hiperbóreos. As suas sagas e lendas recordavam estes tempos áureos. Em sua descida das regiões polares, seus antepassados haviam se encontrado com o signo tremendo do Externsteine. Somente uma raça de gigantes poderia tê-lo erguido naquela planície e em meio a um bosque sacro. Os próprios hiperbóreos o ergueram ali, como monumento imperecível de uma espiritualidade extra-humana, em oposição à dos povos pertencentes à involução do animal-homem, os meramente terrestres, que enterravam os seus mortos, para que a terra do Kaly-Yuga usasse seus corpos como adubo em uma alquimia de transformações e metamorfoses maternas, agrícolas. Os devorados pela lua, os lunares, os robôs.

Os indo-europeus, os ários descendentes dos hiperbóreos, referiam sua imagem a algo "mais além das estrelas". Afirmavam que os seus antepassados haviam sustentado o Céu com Cinco Pilares; a Coluna a qual temos nos referido, uma Força, um Poder Invisivel, o Vril, e mais outras quatro: *Nordri*, o Norte, *Sudri*, o Sul, *Westri*, o Oeste, e *Austri*, o Leste (por isto o nome Áustria, a "Marca do Leste", *Oesterreich* e também a derivada terminologia dos quatro pontos cardeais. O Quinto seria ER). Nós vimos como os Ré-Ché araucanos conservavam os Cinco Pontos Cardeais hiperbóreos na construção dos seus lares.

As cerimonias pagãs dos saxões eram inspiradas na concepção dos seus antepassados sábios. Seu principal culto era solar em recordação ao Antigo Sol, o Sol Negro da Meia-Noite Polar, celebrando suas festas da Luz na primavera e outono, com

grande solenidade nos equinócios, quando o Ovo do Mundo se abrirá. As Páscoas germânicas ainda recordam isto com os seus presentes de ovos pintados de belas cores, em homenagem à Deusa Ostara, que em alemão é *Ostern* e em inglês *Easter*, de onde vem o nome da festa pascal inglesa. Também *Eastern Island* é Ilha de Páscoa. O que não deixa de ser um curioso sincronismo, já que a Iniciação antiquíssima desta Ilha, a do Manatura, se refere precisamente ao Ovo deste Pássaro Místico. A mesma Iniciação [que a] do Mito Órfico, que eu descobri em "NOS", como correspondendo ao Chakra Svadhisthana. E já vimos que os vikings de Tiahuanacu se refugiaram em Matakiterani (a Ilha de Páscoa) deixando somente o grupo sanguíneo A como recordação, senão que também o *Manutara*.

Com danças e festas religiosas, com invocações ao Sol Negro, os antigos germanos, em seus bosques sacros, marcavam o início dos trabalhos agrícolas de colheitas e as aventuras guerreiras em montes e mares. Eram guerreiros, caçadores, sacerdotes.

Com grandes potros brancos eles tiravam no outono o Carro do Sol, o mesmo que havia arremessado Phaeton e o mesmo que eu havia visto esculpido em Puri, o Carro de Surya, na Índia. Dentro dele ia um Disco de Ouro, que agora desceria até a noite, *Nott*. Nas regiões marinhas dos normandos e dos vikings, o Disco do Sol seria transportado por uma Nau, por um Drakkar.

As festas diurnas da luz solar seguiam outras duas festas celebradas nos solstícios. A primeira, de grande importância, era celebrada no dia 21 de junho, o dia mais longo. Os homens se reuniam nos montes para esperar a aparição dos raios solares. Dois sacerdotes-magos se posicionavam no cume para saudar o Outro Sol, mais além deste sol, com o som dos seus Lures, estas longas trompas – parecidas com a *Trutruca* araucana – que em suas extremidades levavam gravadas a Runa de Ouro. Na noite que precedia estes rituais sacrais folhas de carvalho haviam sido queimadas na copa do Irminsul, a Árvore que simbolizava a origem divina da vida ária. O crepúsculo, a morte do Sol, era solenizado fazendo rodar, desde uma colina sagrada, grandes rodas com ramos de carvalho trançadas em seus aros, às quais também se ateava fogo. Em Himmelsbreite eu vi uma destas colinas, que ainda conservam os grandes sucos profundos por onde estas Rodas do Sol percorriam, há séculos, em carreira vertiginosa para irem afundar nas águas do Eder, ou Ader, que significa veia, artéria da terra alemã, também *îda*, a sua artéria psíquica, espiritual, como o rio Swarasati, na Índia.

O solstício invernal era considerado como sendo o ponto equidistante entre as doze noites consagradas ao Pai dos Ases. Pirâmides eram construídas em cujas cúspides haviam sido encravadas rodas de Swastikas. No interior, ardia sempre uma Lâmpada Sagrada, para representar a permanência da vida ária mesmo na escuridão da noite do Kaly-Yuga, quando reina *Mani*, a Lua. À meia-noite, a Lâmpada era apagada no interior da Pirâmide – que simboliza a queda do Homem Hiperbóreo – e era acesa outra em sua cúspide. Era o renascimento ário. As mulheres adornavam o Irminsul com estrelas trançadas com juncos e folhas de freixo. Ainda hoje adornam a Árvore das Páscoas nórdicas desta maneira. O signo da Runa propícia do ano, da família, da tribo, do povo dos ários, era gravada sobre a fronte da rocha, nas vivendas, nos *Buchenstäbe* e nas armas, além de nos *Luren*.

No cume de Externsteine existe um orifício redondo, perfeitamente recortado na pedra, por onde os raios do primeiro sol matutino penetram, transmutando esta

circunferência no Outro Sol. Ali as Nornas de Externsteine esperavam pela ressureição do amanhecer antigo.

Os sacerdotes e sacerdotisas ários são os sábios executores de um rito, de um culto. Não existe diferença entre o guerreiro e o sacerdote. Cada guerreiro, cada chefe do lar, com sua mulher cumpre um rito sacro, solene, as representações sendo divididas conforme o sexo e a Iniciação correspondente. Eles participam profundamente dos Mistérios que lhes toca viver, lutando contra o Destino do seu Yuga por meio do culto e dos ritos ários, para assim forçar a sua possível mutação. O Guerreiro-Sacerdote, com as armas em mãos, se dirige aos Divyas, ou lares, não como seres estranhos e estrangeiros, senão que como forças existentes em si mesmo, dentro dele, antepassados hiperbóreos que ao serem atualizados terão poder sobre a própria natureza exterior. Ele é sagrado à medida que lhe é permitido se conectar com o Divya adormecido que há em si, por meio do ritual chamado "pagão" pelo judaísmo cristão. Assim, Brahman disse: "*Namasté*", juntando todos os dedos das suas mãos (éter, ar, fogo, terra, água) com a saudação ária, que quer dizer "Saudações ao *Divya* (Deus) que há em ti".

A oração dirigida ao Si-Mesmo extra-cósmico é efetuada de pé, com os braços alçados em direção à Estrela da Manhã, em direção ao Sol Negro. É a Runa MAN, a Cruz dos cátaros. O ário compreende, sabe, que neste mundo de Hiperbórea perdida, a Divindade que domina, dentro e fora dele mesmo, é uma força desatada e terrível, que nem sempre é benéfica. Conforme for a sua própria força e a pureza do seu sangue, ele poderá se conectar com este Outro que "se encontra mais além das Estrelas", e que permaneceu esperando como que à beira de uma Fonte. A antiga Essência de Hiperbórea: ER.

Somente o ser duro, o ário firme como as rochas de Externsteine, poderá modificar o Destino na Época Mais Escura. Os representantes da Sombra, Carlos Magno e o monge Bonifácio, têm sempre a vantagem. Mas as tradições são preservadas ao longo do tempo nos *skalds* e nos poetas trovadores que viajavam pelas cortes da Europa, cantando as antigas sagas, as histórias e lendas destes gigantes desaparecidos, que construíram Externsteine. Os *Edda* nos falam do Crepúsculo destes Deuses e de como Wotan ressuscitou com as Runas. Os *Minnesänger* preservam a nostalgia deste *A-Mor* perdido nos gelos do extremo polar, junto ao Sol da Meia-Noite – que era um Meio-Dia.

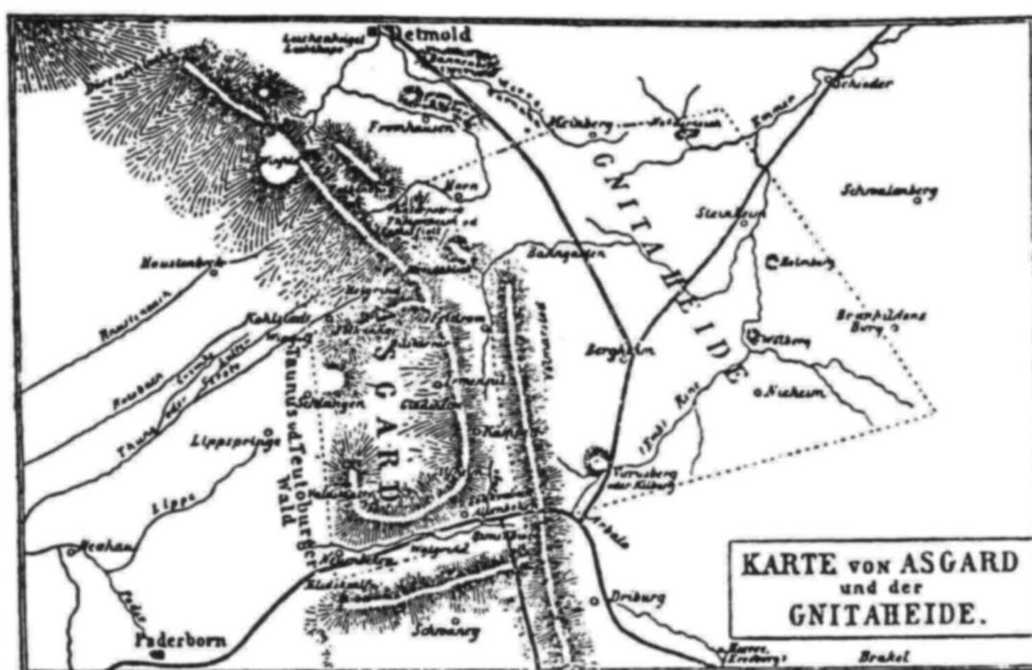
É incrível que investigadores como o professor C. G. Jung e outros, que não poderiam haver ignorado tudo isto, tenham sido também trabalhados pela tradição judaico-cristã, pela beatice de seus familiares e de suas comunidades, ao ponto de ter que viajar à África negra e à América dos índios Pueblos para estudar os cultos lunares e solares, quando tinham tudo ali em suas mãos, em seus próprios territórios etnográficos. Mas eles também passaram a fazer parte das fileiras da Grande Conspiração, indo contra os seus ancestrais nórdicos, fazendo-lhes parecer selvagens e bárbaros. Por isto, no fim, se voltaram contra Hitler, se comprometendo com a Traição Branca.

Sem dúvida, uma das zonas mais sagradas da Alemanha é o bosque de Teutoburgo – Teutoburgerwald – onde os saxões lutaram até a morte em defesa dos seus santuários, comandados por Hermann, o Cherusker (querusco). Era esta a região sagrada de Asgard, ou Asgart. Incluímos um mapa desta região, marcando o lugar onde acreditavam que esta mágica Cidade dos Ases poderia ter sido localizada, após a mudança dos polos e o deslocamento do magnetismo terrestre. Ase – ou Asen – significa Coluna do Céu, que traspassa o céu. Esta Coluna é também Irminsul, o Iggdrasil, a Via

Láctea, o Caminho de Iring. E é a antiga Árvore de Páscoa dos Teutschen, ou teutões. Cherusker vem de "Cheru", que por sua vez significa 'cervo'. Antigamente, a Alemanha era Rosenland, o Páis das Rosas, o Rosengarten, o Jardim de Rosas, hoje desaparecido. O Jardim de Heckenrose, esta Flor Inexistente, debaixo da qual dormiu Merlin ... e eu também.

O êxodo hiperbóreo é levado à cabo seguindo a direção da Swastika Dextrógira: Polo Norte, Gobi, a Índia, o Cáucaso (onde há também uma Asgard no Monte Elbruz0, a Europa. O regresso seria tentado por Hitler seguindo a direção oposta, a da Swastika Levógira, como vimos. Ele se deteve no Cáucaso. Por que? Porque o circuito da Cruz Gamada deveria ser muito mais amplo para ser exato, tendo que passar pelo Outro Polo primeiro e, dali, retornar ao Norte mítico e luciferino.

É a terra dos Pader, em Paderborn, na Vestfália, onde se encontra o santuário mais sacro da magia antiga de Hiperbórea, o(s) Externsteine. A foto que publicamos foi tirada pelo professor Hermann Wirth. Segundo alguns investigadores, este foi um lugar sagrado do mais antigo culto de Mitra. *Elster* era o Pássaro sagrado da Deusa Hel, metade branco e metade negro. Deusa Alquímica. Estas pedras exteriores, "externas", se encontram na terra dos Cherusker, dos cervos. Segundo a Canção dos Nibelungos, é um cervo fêmea que alimenta Siegfried. Por isto o *Schwertgott*, o Deus da Espada dos Cherusker, se chama "Cheru". É no *Teutoburgerwald* onde Siegfried mata o dragão e encontra o Tesouro dos Nibelungos. Certamente na Cidade de Asgard, já tornada invisível pelos Ases, pelos Siddhas hiperbóreos. Na parte posterior de uma das colunas de rochas do Externsteine há ali, gravado, um cervo fêmea.



Mapa de Asgard, uma vez já ocorrida a catástrofe que fez com que os Polos saltassem e o Eixo Terrestre fosse desviado. Talvez uma tentativa de reprodução da Asgard Hiperbórea, de Thule e Poseidon, agora no coração da Alemanha, no bosque de Teutoburger, no Externsteine e próximo da atual Paderborn. Por isto, Hermann, ou Arminius, lutou tão heroicamente para defender as terras sacras dos saxões. Mas Asgard já havia se tornado invisível. A entrada estaria nas "Pedras Interiores" do Externsteine.



[Ilustração da edição original]

Visão das "pedras exteriores". Os Externsteine. Podemos ver os rostos e, na quarta pedra, da direita para à esquerda, o Wotan Crucificado. Acima, o "menir" móvel. Vemos também a ponte que foi construída para que seja possível passar ao recinto com o orifício por onde o Sol penetra.



[Foto mais recente, retirada da internet por este tradutor]

Porém, o mais extraordinário é o Deus crucificado, que aparece ali na quarta pedra. A foto que publicamos nos mostra a parte dianteira da pedra, com Hanga-Tyr, este Deus. É Wotan, pendendo da Árvore Iggdrasil, do Espanto. Na lateral do seu peito aparece a ferida, ou o "Escudo da Rosa", do País das Rosas: Lippisch.



[imagem incluída por este tradutor]



[imagem original]

O Kreutzgott, o Deus Wotan crucificado em Externsteine. O Kristos nórdico, hiperbóreo. O Kristos da Atlântida. De importância fundamental fazer notar o seguinte: no ano 772, Carlos Magno destrói o Irminsul nos Externsteine; no ano 785, sob pena de morte, se torna obrigatório o cristianismo entre os germânicos. E no século IX aparecem as primeiras representações de Jesus Cristo crucificado, com a cabeça inclinada. Claramente, foi copiado do Irminsul e dos Externsteine.

Jamais as tribos germânicas teriam se convertido ao cristianismo, se no seu cerne mais íntimo isto não houvesse sido acompanhado da convicção de que [algo ali] lhes pertencia e caso estivessem convictos de que os inimigos houvessem se apropriado

disto, falsificando-o. Os cristãos de Roma tiveram que tomar posse do culto e da sabedoria hiperbóreos, toda esta bagagem do Mitraísmo, com o objetivo de poder penetrar entre os povos que eles chamavam de pagãos, incluindo os próprios romanos[36].

Há um Kristos hiperbóreo, nórdico, um Kristos da Atlântida. É Wotan-Lúcifer. Seu Kristianismo foi por nós exposto esotericamente, runicamente, nestas páginas. O Kristos Guerreiro, do combate contra o Demiurgo Jeová, o da Ressureição e das Runas, o verdadeiro Senhor dos Exércitos, da Ordem Guerreira de Wotan e do Führer do Terceiro Reich.

No ano 772, Carlos Magno destrói o Irminsul do Externsteine; no ano 785, sob pena de morte, se torna obrigatório o cristianismo entre os germânicos. E é somente no éculo IX que aparecem as primeiras representações de Jesus Cristo pendendo em forma reclinada na cruz. Claramente, isto foi copiado do Irminsul e do *Kreutzgott* do Externsteine. Mas lhe é dado este aspecto tipicamente judaico, sanguinolento, deprimente, sadomasoquista, da rebelião dos escravos, dos sudras, que foi **o cristianismo judaico em sua origem**. Em Roma será entronada a conspiração anti-nórdica, anti-ária, da anti-raça do Demônio Jeová.

É possível vermos como hoje o Vaticano, de maneira cada vez mais acelerada, parece querer se desfazer dos últimos traços do *Kreutzgott*, do Deus crucificado, para substituí-lo por Marx e pelo Messias de Sião.

O santuário do Externsteine é a visão mais impressionante que perante a qual o guerreiro do Hitlerismo Esotérico pode se encontrar. Ali, acima, aparece uma rocha móvel, que balança, sem jamais cair. É o Menir – porque se deixa mover. No interior destas rochas se encontrava o Templo da Iniciação. Aparece também a Tumba chamada UR, com o nome da Runa de Origem hiperbórea. Não é uma tumba, todavia; é um leito de pedra para a Segunda Morte, a da Ressureição do *Aryo*, na Morte Iniciática.

Os sacerdotes germânicos, possuidores da antiga sabedoria de Hiperbórea, quando Carlos Magno destruiu o Irminsul e Bonifácio o Carvalho Donar, fugiram para a Islândia, levando consigo a Rosa Hiperbórea de Cinco Pétalas, chamada "Heckenrose", que é a Rosa Silvestre da Alemanha, do Jardim de Rosas de Siegfried, de Asgard e do Rei dos gnomos, Laurin. Nada tem a ver com esta Rosa da Rosa do Oriente. É anterior à esta. É a Rosa que vem da Estrela da Manhã. É o Graal.

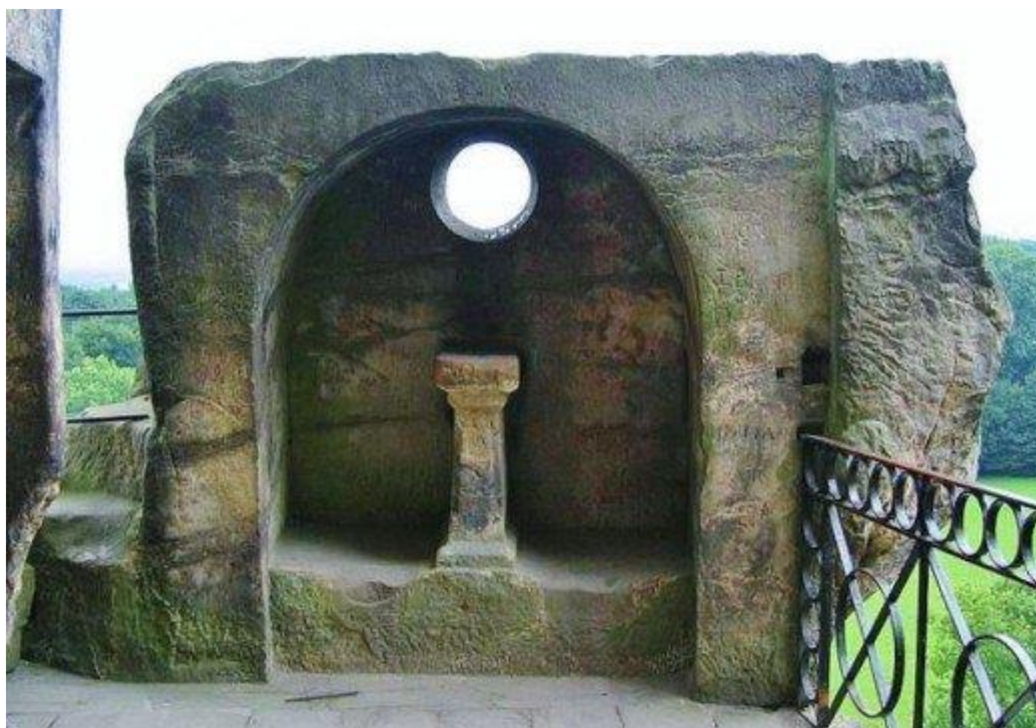
E foi aqui, olhando em direção à Paderborn, a terra dos Pader – os que viajaram à Índia – de Hermann, de Armin, ou Arminius, do Externsteine e de Wotan, de Mitra, do Kristos da Atlântida ... foi aqui onde as SS reconstruíram o seu Castelo da Iniciação, seu Himmelsburg, seu Castelo do Céu: Wewelsburg. Apontando como uma lança em direção ao Santuário Sacro da Ante-História, em direção à Externsteine, à Asgard.

No outono de 1982, eu visitei os Externsteine, na Vestfália. Cruzei o antigo bosque sacro da batalha final de Hermann, o Cherusker (ER-MAN, o Poder do Homem). Que impressão poder contemplar pela primeira vez esta massa de rochas e as grandes cabeças de guerreiros esculpidas em seus cumes, não pela mão humana, senão que pela projeção da mente sobre o plasma cósmico e terrestre! Um guerreiro com capacete e crista vigia ali, acima da entrada. Como que aprisionado pela rocha, entre dois enormes blocos, está delineada a imagem do Crucificado no Irminsul. Um gigante, com a cabeça

---

[36] N. do T.: Vários dos rituais, datas, simbolismos, etc, do judaico-cristianismo foram copiados e distorcidos de fontes originalmente pagãs, como a Páscoa, o Natal, a crucificação, e assim por diante.

inclinada sobre um ombro e os braços abertos em cruz. Claramente se vê a ferida de lança em um dos seus lados. Isto não poderia ter sido feito por alguma mão humana, porque é obra de Titãs. Não é uma escultura, senão que o trabalho de moldagem da pedra, da rocha, de um só golpe. De novo a plasmação de uma Ideia, projetada sobre o plasma cósmico-terrestre. É Wotan, pendendo do Irminsul em suas Nove Noites, até o reencontro com as Runas, sob o Sol Negro da Meia-Noite Polar. É o *Kristianismo* Nórdico, muito anterior ao cristianismo semítico e lunar. Aqui está com todos os seus atributos, até mesmo com a Lança, recuperada depois por Parsifal no Mistério do Graal, **e adulterado e saqueado pela Roma judaizante**. Carlos Magno nada conseguiu ao destruir o Irminsul, que se encontrava ali em Externsteine, porque a figura de Wotan pendendo da rocha segue presente.



No topo da segunda pedra de Externsteine se encontra esta capela solar. Através do orifício na pedra entravam os raios e a Nostalgia do Sol de Ouro. Nostalgia pelo Sol Negro e pelo Raio Verde.

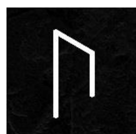
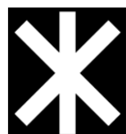
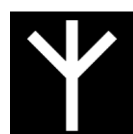
Percorri com vários camaradas o santuário, alcançando o seu cume, onde fica o Observatório do Sol, com o seu orifício circular. Abaixo, há uma Caverna da Iniciação e a grande tumba de pedra, que não é para sepultar cadáveres, senão que para a Segunda Morte da Iniciação Ária. Ali, há anos, ficou Savitri Devi por uma noite – esta extraordinária mulher, sacerdotisa odínica do Hitlerismo Esotérico. E, no meio da noite, percebeu a Antiga Luz. Lutadora infatigável, guardou esta Luz por toda a sua vida, até morrer combatendo pelo Führer. Quando os homens foram derrotados, as mulheres foram as únicas a preservar o Fogo Sagrado na mais escura noite, tornando possível com o seu sacrifício o retorno do Novo Dia e do Antigo Sol. Cheguei à Europa uma semana depois da morte de Savitri Devi e, portanto, não consegui me encontrar com ela. Semiparalisada, ela havia viajado da Índia para regressar à sua amada Alemanha e continuar ali a sua luta por Hitler. A obrigaram a sair dali. Partiu para a Inglaterra para dar conferências, pensando continuar até os Estados Unidos com o mesmo propósito.

Íamos nos encontrar, quando ela então morreu. Mas sei que vamos nos reunir no Valhala. Ali cumpriremos o nosso compromisso, junto ao Führer e Wotan.





A Tumba UR, da Segunda Morte Iniciática, em Externsteine. Aqui o ário voltara a ser um hiperbóreo, renascido. Savitri Devi passou uma noite dentro dela. A Runa UR é a da Origem[37].

Runas: Ur Hagal Sieg Man Swastika

[37] N. do T.: Vale notar que o leito esculpido dentro da pedra foi feito na forma da silhueta de um corpo humano.

Pouco antes de partir desta Terra, ela havia me enviado um poema escrito a mão: “Nunca esquecer, nunca perdoar...”. Sim, Savitri, querida camarada, nunca! E nunca te esqueceremos, tampouco. Nem jamais perdoaremos o dano que te causaram.

Do sacro Externsteine seguimos para Wewelsburg. Enfim, eu iria me encontrar nas ruinas deste Templo da Iniciação SS!



O Castelo de Wewelsburg, onde os SS eram iniciados. A Torre do Norte estava sendo construída pelos SS; um projeto que não foi terminado. A Torre que aqui aparece não corresponde a tal projeto.



Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

De longe é possível ver a estrutura triangular. O responsável por isto foi Theodor von Fürstenberg, no século XVII, quando reconstruiu o castelo. Está edificado sobre o mágico número três, como Stadt Paura, em Lambach. No “Annalista Saxo”, crônica do século XII, diz-se que o Graf Friedrich von Arnsberg pôs a primeira pedra do Castelo Wewelsburg, em 1123, sobre as ruinas de uma antiga fortaleza saxã do ano 930, construída quiçá pelo Rei Heinrich I. Na verdade, Theodor von Fürstenberg apenas agregou uma torre às outras duas que já existiam no Castelo. Na Guerra dos Trinta Anos, Wewelsburg queima; mas as torres sobrevivem. Em 1815, um raio provoca um incêndio e a torre norte é destruída. Himmler começa a reconstrução desta torre em 1938 e os trabalhos, interrompidos parcialmente com a guerra, duram até 1942. É desta Torre do Norte sobre a qual desejamos falar, já que ali foram simbolizados e expressados “clus”, em código, a Iniciação e o segredo das SS. O resto do Castelo se destinava à vida diária dos alunos desta Escola Sacra, com a sua Biblioteca de quarenta mil volumes, escolhidos dentro da Weltanschauung hitlerista, seus refeitórios e dormitórios com objetos de cerâmica tradicional e com Runas gravadas, especialmente a Runa SIEG e a Runa HAGAL, além da Swastika Levógira. Após a pilhagem e destruição da guerra, toda esta inestimável Biblioteca desapareceu. Onde foram parar os seus volumes e documentos? Se sabe que os SS destruíram os arquivos mais importantes, ademais de atear fogo à Torre em construção. Muitos tesouros se perderam para sempre.

Com os meus camaradas alemães e suíços, entramos na Torre Norte da Iniciação. Primeiro, descemos ao recinto subterrâneo, onde nos esperava outro camarada vindo de Hamburgo. Suas mulheres lhes acompanhavam. Este é um recinto circular, abobadado, com uma acústica quase que musical, porque transforma em música qualquer ruído vindo do lado de fora. Doze pequenos pilares de pedra percorrem a curva do muro. Atrás deles devem ter existido emblemas e símbolos desconhecidos. Ali se reclinariam doze iniciados SS. No teto da abóbada aparece a Swastika Levógira, talhada em pedra, combinando com a Runa SIEG, o emblema SS. Ao centro do piso desta abóbada subterrânea há outro círculo, um espaço oco onde deve ter existido algo; ou talvez, onde o Fogo era aceso. Ou talvez ali ficava o Supremo Guerreiro-Sacerdote da Ordem Negra para recitar os Mantras Rúnicos, que neste recinto de ressonâncias mágicas fariam com que os *Runenlauteren*, a sua música, fossem transmitidos até o Sol Negro e, através deste, até o Raio Verde, residência dos mais excelsos Guias do Hitlerismo Esotérico.

Ali, neste centro (Huilka), fomos entrando um por vez. Primeiro um camarada alemão com a sua mulher. Ambos parados frente a frente, quase tocando os seus corpos, levantaram os braços para o alto e começaram a emitir sons suaves, cada vez mais agudos, mais profundos e que iam preenchendo o recinto, subindo até o Signo Levógiro da Swastika, onde giravam, giravam de tal modo que sentíamos que poderíamos nos desintegrar neste plano de existência, para alcançar talvez um Outro Universo, saindo pelo vórtice alucinante, pelo redemoinho da Swastika do Retorno, deste Sol Negro, para sermos reintegrados na inexistência do Raio Verde. Eis aqui a Outra Ciência anti-gravitacional, a da Hiranyagarbha-Cabda, a Kabala Órfica dos mantras Rúnicos. Neste recinto, magicamente construído, segundo uma ciência numérica e uma matemática hiperbórea, ária, os SS teriam desintegrado os seus corpos físicos e materializado o seu Corpo Astral, o *Eidelón*, o *Lingasarira*. Porém, apenas alguns poucos e no maior hermetismo.

Entrou ali o camarada suíço, descendente de uma antiga estirpe de origem germânica e possuidor de uma iniciação de família. Foi um combatente contra os bolcheviques com as divisões de cossacos do General alemão von Panwitz, que lutaram junto com os alemães na Frente do Leste. Levantou de igual maneira os seus braços no gesto da invocação ária e recitou uma melopeia que era projetada do mais fundo do Chakra Manipura, do Plexo Solar. Algo se moveu naquele ar, como que ressuscitando espíritos adormecidos, aborrecidos, sofridos. E um sinal de alegria e de esperança nos foi entregue.

Como ele, sem companhia, eu também levantei os meus braços na forma do signo da Runa MAN, mas estendi somente quatro dos meus dedos. Dois de cada mão, na saudação da Ordem, invocando os meus Mestres, os Brahmanes, recitando os mantras da saudação, de modo que eles também viessem a se reunir ali, como nos tempos da Grande Guerra, com os mais exaltados Guias do Hitlerismo Esotérico, para continuar apoiando o nosso Führer, Adolf Hitler, em seu combate externo contra as Forças da Escuridão, do Senhor das Sombras e seus acólitos neste planeta. E eles vieram, e assim pudemos recriar um vórtice de forças que tornará possível o retorno da antiga Glória e o triunfo do Último Batalhão, com Wotan-Kalki e sua Wildes Heer.

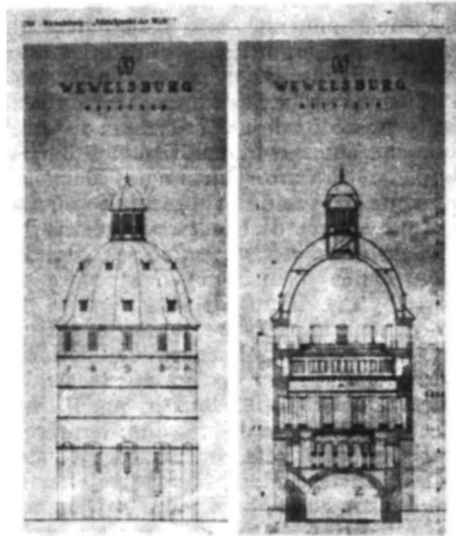
Tendo cumprido este rito, subimos ao primeiro piso da torre, nos encontrando em um salão também circular, com doze colunas unidas por arcos e com doze janelas, por trás de cada coluna. O piso era de mármore, com o desenho de uma Swastika Levógira ao centro, combinada com a Runa SIEG. Muito possivelmente aqui estava localizada uma mesa de mármore ou de pedra, redonda, para receber os doze cavaleiros SS. Em um extremo, sobre o dintel de uma porta, sustentada por fortes correntes, pendia uma enorme pedra de forma semi-quadrada. Nada estava gravado nela, ao menos naqueles dias. O que significava? Era por algum acaso uma réplica da Pedra do Graal? Ou era um bloco trazido de Externsteine? Pude imaginar que também sobre os muros deste recinto haviam pendurado emblemas, mandalas, signos rúnicos, pinturas mágicas, plenos de significado.

Os planos desta torre inconclusa nos indicam que planejavam construir cinco pisos no total – o número hiperbóreo. Acima, muito acima, na cúpula, subindo por algumas escadas estreitas, estaria um pequeno recinto com um assento de honra. Era o Assento Número 13, o "Assento Perigoso" da lenda do Rei Artur e do Graal. Ali viria a se sentar o Führer-Parsifal. Viria no astral, sem a necessidade de sair fisicamente do seu Ninho da Águia, do Gralsburg, em Berchtesgaden-Montsegur.

Os dirigentes SS planejavam também a construção de toda uma Cidade Mítica e secreta em Wewelsburg, em torno do Castelo triangular. A magia oculta do terreno, o seu magnetismo e eletricidade internos, tectônicos, haviam sido levados em consideração. Os planos traçados vão tomando a forma de uma Lança, a partir da Torre do Norte, sempre se dirigindo em busca de Externsteine. É a Lança da Lenda do Graal. Os SS haviam estudado a fundo a organização templária e redescoberto a sua ciência da construção de castelos, aplicando este exato conhecimento das correntes telúricas dos monge-guerreiros. Estavam ampliando a sua alquimia de transmutações. Mais ainda, haviam ido às fontes secretas dos construtores de megálitos, de dolmens, menires e cromeleques. O seu plano para Wewelsburg era o de um Cromeleque Hiperbóreo, em conexão magica e subterrânea com o milagre e o mistério de Externsteine.

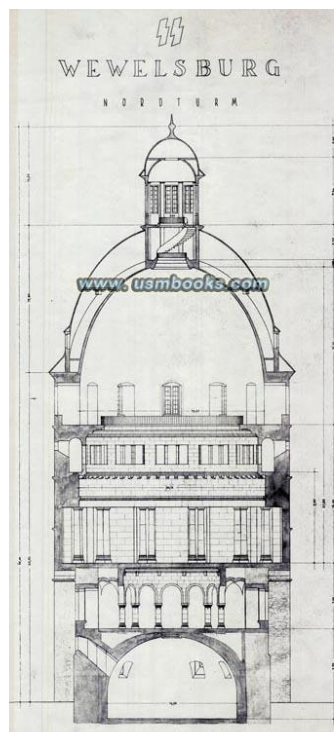
Não foi possível realizar tudo isto, ao menos no seu aspecto visível aos olhos do corpo de terra do Kaly-Yuga. Porque eu tenho certeza de que em sua revelação do

Hitlerismo Esotérico, os desconhecidos dirigentes das SS obtiveram a Grande Transmutação, dando fim, alguns deles, ao *Opus Magnum*.



Esquema do projeto da Torre Norte da Iniciação SS, no Castelo de Wewelsburg. No cume da Torre é possível ver o assento número 13, destinado ao Führer, ao Senhor do Graal. Este projetou não chegou a ser realizado.

[Imagem de melhor qualidade, encontrada na internet por este tradutor – infelizmente, não foi possível remover o endereço do site (presente na imagem) sem prejudicar a qualidade do desenho]



[É possível notar os cinco andares, além da cúpula da torre, no cume. Apenas três dos cinco andares foram realizados]



[A gruta]. A abóbada subterrânea da Torre Norte da Iniciação SS, no Castelo de Wewelsburg. Ao centro, no piso, aparece o Círculo onde celebramos a nossa cerimônia. Vemos também a base [de alguns] dos 12 pilares. Acima, o outro Círculo, com a Swastika Levógira[38].





[A Swastika combinada com runas Sieg, no teto da gruta]

[38] N. do T.: Além desta foto, que substitui a original (de qualidade bastante pobre), incluo a seguir mais algumas fotos de Wewelsburg que facilitarão ao leitor visualizar tudo o que o autor tem descrito.



[O salão com doze colunas, no primeiro piso; o Sol Negro ao centro]



[Maquete do que teria sido a construção por inteiro: a torre norte ao centro, como a ponta de uma lança, que aponta diretamente para Externsteine; o restante da estrutura em forma circular, como se fosse um capacete, ou parte de uma esfera]



[Parte da planta do projeto, com visão aérea]

Existe uma fotografia tirada em Wewelsburg que nos dá a prova daquilo que sempre temos dito: acima dos mais altos dirigentes conhecidos, acima do próprio Himmler, existiram outros guias desconhecidos, que não usavam uniforme, que nunca se permitiam ser vistos e que não apareciam em público com os seus nomes e nem nas cerimônias oficiais da Ordem Negra. Estavam acima de todos os demais e unicamente nas cerimônias mais secretas, levadas à cabo na abóbada subterrânea [a gruta], ou ao redor da Tábula Redonda, apareciam, embozados, sem mostrar os seus rostos. Claramente se vê que é o chefe, mas não deseja ser reconhecido. A fotografia era íntima e pensamos que não conseguiram destruí-la.

Assim como acontecera com os templários anteriormente, estes Diretores Desconhecidos não foram feitos prisioneiros, nem morreram na guerra. Desapareceram de um modo misteriosos e ninguém jamais soube quem foram e nem para onde partiram. Himmler e os outros dirigentes visíveis das SS nada mais fizeram que obedecer às suas ordens, ciñéndose as diretivas, do mesmo modo que o fizeram os templários e os propulsores das lendas escritas do Graal. Quando eles desaparecem, pouco antes do final, os dirigentes visíveis se tornam órfãos e toda a gigantesca estrutura externa desmorona em uma hora, como um sopro de vento vindo de outro Universo. Himmler começa a perambular, havendo perdido, ademais, o contato com o seu Führer. Em lugar de combater até à morte em seu Castelo-Templo de Wewelsburg (podemos ver, por conseguinte, que não era o *seu* Templo), junto aos seus mais leais guerreiros SS, ele inicia diálogos com o presidente da Organização Judaica Mundial. Ele já não era nada além de um fantasma do qual haviam sugado a alma; melhor dizendo, [haviam lhe

sugado] a "iluminação telepática" que algum dia o inspirou, para poder reviver um imenso sonho nas terras mais sacras dos gigantes hiperbóreos de Externsteine.



Esta foto foi tirada no Castelo da Iniciação SS, em Wewelsburg. Podemos ver no local principal (marcado com uma flecha) um único civil que baixa o seu rosto como que para não ser identificado. Tampouco seu nome é listado entre aqueles mencionados na fotografia. Este civil pode haver sido um dos "Diretores Desconhecidos" da Iniciação SS.

O Mistério do Graal

No "El Cordón Dorado" eu descrevi a Iniciação SS como sendo tântrica. Que o seu esoterismo remontava também aos templários e ao Mistério do Graal, não contradiz este fato. Pelo contrário, o confirma.

Dedicamos aos templários um longo capítulo daquela obra. Sobre o Mistério do Graal são bem poucos os que conhecem algo em nosso tempo, especialmente na América do Sul. A sua literatura já quase que desapareceu, junto com o estranhíssimo *Objeto*. E isto apesar da lenda afirmar que ele se encontra entre nós.

De todas as obras que se incluem no que é chamado de *O Ciclo do Graal*, é a Wolfram von Eschenbach a que consideramos ser fundamental. Por haver sido escrita por uma Minnesänger alemão, ela adquire uma profundidade, um dramatismo e um mistério do qual todas as outras carecem. A primeira obra escrita foi a de Chrétien de Troyes: "Perceval", um *Roman* francês pertencente ao Ciclo Bretão, do século XII, e que Chrétien não conseguiu terminar, morrendo antes. Foi completado por um autor anônimo, por Vauchier de Denain e outros, no século XIII.

O nome que Wolfram von Eschenbach dá ao seu transcendental drama é "Parzival". [Richard] Wagner mudou a ortografia em seu poema sinfônico, levando em conta a etimologia persa. Escreveu "Parsifal". *Parsi* significa 'puro' e *fal* [significa] *louco*. Parsifal seria o louco puro, ou puro como um louco.

A etimologia que nós sempre temos respeitado para Graal[39] é a alemã de Wolfram von Eschenbach, porque aceitamos totalmente o conceito que ele usa para descrever o misterioso objeto: uma Pedra. Para Chrétien é um Vaso e ele o chama Graal. Para os ingleses é *Grail* e para os espanhóis, *Grial*. Por isso, quando o *Gral* [Graal] representa um Vaso, uma Taça, ou algo assim, sempre usamos o termo *Grial*. Mas, na maioria das vezes para nós será *Gral*, como o foi para Otto Rahn e para os SS. Uma Pedra caída do Céu. Talvez uma Pedra de Externsteine. Em todo caso, vinda de Hiperbórea, como estas Tábuas de Oricalco em que os atlantes gravaram a sua Lei, a sua Sabedoria, segundo Platão, e que salvaram do afundamento.

Wolfram disse que o nome *Gral* "foi lido nas estrelas". Como poderíamos, então, mudar a sua ortografia? Ele está nos indicando o segredo do seu *trobar clus*. A chave do mistério. *Gral* é um signo de *passagem* e na ortografia do seu nome, na combinação das suas letras, que serão, ademais, números e também sons, música, estaria escondido o significado de uma premonição, de algo que foi e que voltará a ser. Uma origem extra-estelar, um ponto de *saída* em uma Constelação, em um Signo do Zodíaco. Deixo para os outros a tentativa de decifrar a mensagem e o segredo. Em todo caso, e como sempre, tratando-se de alemães, o termo deve se referir à uma *saída* pelo Norte Polar, em direção à Hiperbórea, e também a uma origem divina e celeste da raça dos ários, dos Nascidos Duas Vezes. À uma estirpe de origem divina: à *Dinastia do Gral*.

Wolfram von Eschenbach define a si mesmo como *Minnesänger*. "A *Minne*", ele disse, "não é bela e nem boa". A verdadeira Minne é fidelidade autêntica".

A origem da *Minne* alemã é desconhecida. Significa Amor, algo assim como *Caritas*. Os mais antigos Minnesänger desconhecem a influência dos trovadores da Occitania, dos provençais. Na verdade, poderíamos dizer que [ela] foi levada mais ao Sul com a etnia visigoda e com os bardos. Os vates eram astrólogos, videntes, médicos, como os druidas. Estes bardos eram chamados Trobère em Provença. Trovador, inventor, "encontrador". O druida era algo como o *Rishi* hindu, um vidente; aquele que vê em forma direta. Druida vem de *tro-hid*, pensador, vidente; também, do grego *drys* e do gaulês *drou*, que quer dizer *carvalho*. A árvore sacra dos ários. Há quem afirme que esotericamente *Deuschland*, com D, viria de *Druid-land*.

Até hoje continuamos nos perguntado: Quem foram os druidas? Veneravam o carvalho. Não é, por isto, difícil acreditar que [eles] tenham se unido à Traição Branca. Se nos tempos da sua decadência praticaram terríveis sacrifícios sangrentos, isto pode ter sido devido à infiltração de elementos judaicos vindos do Oriente Médio antes mesmo da vinda dos romanos. Se fizeram passar por druidas. A etnia original do druida era ária e a sua ascendência espiritual [era] hiperbórea. Algumas das doze tribos árias, "hebréias", que se opuseram a assinar o Pacto da Traição com Jeová, passaram para a Ásia e depois para a Inglaterra, podendo se juntar aos druidas. Depois, os judeus haveriam tentado se infiltrar ali, no elemento druídico e celta.

Pode-se dizer que a *Minne* descende de Hiperbórea e o seu significado exato é também desconhecido. No Languedoc se transformou na *Mani* dos cátaros, em sua misteriosa festividade da *Manisola*. Na Índia é *Mani*, Mente, *Mens*. *Mani* – *Mine*: Amor – Mental, como expliquei em meu livro "ELELLA". Possivelmente *Mani*, *Mine*, tem a ver com a Runa MAN.

---

[39] N. do T.: Por toda esta obra, Miguel Serrano usa a grafia *Gral* para a palavra *Graal*. Este tradutor escolheu *Graal* por esta ser a grafia mais familiar aos nativos da língua portuguesa.

Em todo caso, o Amor da *Minne* é diferente de *Liebe*, o amor passional. É um amor espiritual. O Amor dos Cátaros. *Minne* é A-Mor, sem morte, imortalização através desta espécie de "Amor sem amor". É orfismo, Iniciação de Amor. *Liebe*, por outro lado, é amore, amor comum, físico, carnal. Paixão, o contrário da *Minne*; é *Nieder Minne*, o amor baixo. *Hohe Minne* é o amor elevado, puro. O Serviço de Amor, deste Amor, é a *Minnedienst*. O Amor alto se tornar um amor baixo. Muito dificilmente poderá subir depois disto.

Quem inspirou este A-Mor no Herói foi a sua Valquíria; foi o Amor Mágico de Hiperbórea. A Frowe (Senhora) lhe inspirava. Por isto o termo Woewre Saelde. Isolda = Ilha. A Valquíria da Ilha rodeada de chamas, Brunhilda-Kundalini. Os Minnesänger, os cantores Iniciados neste A-Mor eram, por isto, os Filhos de Woewre Saelde. No Languedoc foram os **Filhos de Belicena**.

Para Wolfram von Eschenbach, Hiperbórea se chamava Hiberbortikon.

A Amiga-Iniciadora de cada *Minnesänger*, individualmente, era a sua *Friundin* – a encarnação da sua Valquíria. Ao contrário de como era no Amor provençal, era ela quem começava a aproximação amorosa. Ademais, também respondia o *Lied*, *Lai* ou *Leich* de Amor, a *Canso* de A-Mor, com outra canção, às vezes.

A Minne tem seu período medieval de florescimento, maturação e decadência. A Primavera do Minnesang, o seu florescimento ou reflorescimento pós-hiperbóreo, os nobres e guerreiros que a praticam. Em meados do século XII, em Linz, próximo ao Danúbio, encontramos o mais antigo dos Minnesänger, sem nenhuma influência provençal, o Senhor de Kürenberg. A sua poesia é similar em seu estilo e composição das estrofes à de "Os Nibelungos". A Dama está mais próxima à Valquíria mágica, a qual busca o seu homem e o elege espiritualmente. Lhe foi destinado do alto. Podemos assim adivinhar que existiu uma tradição autóctone germânica da qual hoje perdemos os rastros, pois fizeram com que os textos desaparecessem. No interesse da Grande Conspiração nos fazem crer que a poesia provençal foi a que produziu o Minnesang, enquanto que na verdade foi ao contrário. Do Norte, de *Hiberbortikon*, desce ao Sul a mensagem, a recordação, a nostalgia, trazidos na Memória de Sangue dos visigodos. E ali, com o tempo, se transforma e se desvia no catarismo e na poesia cortês dos trovadores.

A Épica e a Canção de Gesta, a Ilíada, a Odisseia, os Nibelungos, o Ciclo do Gral, a Araucana, entre nós, correspondem à expressão da alma coletiva ária, assim como o *Lied*, a *Minnesang*, a *Canso*, são a expressão poética individual da raça branca. A novela, a poesia posterior, a "literatura", correspondem a expressões da alma mestiça, das raças de cor, dos sangues mesclados com o negro, como diria Gobineau. Já não há mitologia cósmica, poema cosmogônico, Iniciação, esoterismo *clus*, *trobar clus*, somente há *trobar leus*, profano. É a lírica, a arte pela arte, de nossos dias.

Entre os grandes senhores da Minne temos Heinrich von Veldeke, nobre autor de "Eneit", uma recomposição de "A Eneida", que havia impressionado Wolfram von Eschenbach. Também Ricardo Coração de Leão, que foi feito prisioneiro por outro nobre *Minnesänger*, Henrique VI, filho de Barbarossa e pai de Frederico II de Hohenstaufen, Rei da Sicília e construtor do Castelo iniciático do Senhor do Mundo, Castelo do Monte, que já descrevemos no "El Cordón Dorado". Contam que Ricardo Coração de Leão, prisioneiro em Dürstein, cantou uma canção da *Minne* e foi assim descoberto por um trovador amigo, que buscava por ele e havia chegado próximo à torre do prisioneiro. Era um *Lied clus*, uma balada.

O Verão do *Minnesang* estaria representado pelo maravilhoso Minnesänger Walter von der Vogelweide. Os poetas já residem nas cortes, sob a proteção de príncipes e reis mecenas. Walter vive entre os anos de 1170 e 1230, como poeta da corte de Babenberg, em Viena. Seu mestre ali foi o Minnesänger Reimar von Hagenau, com quem ele entra em conflito ao final, precisando abandonar Viena. Walter von der Vogelweide foi, por sua vez, protetor e amigo de Wolfram von Eschenbach. Me sinto muito unido a ele, porque este Minnesänger também combinou a realidade com o idealismo mais alto, recriando uma espécie de realismo mágico e de idealismo tendente a atuar alquimicamente sobre à natureza, direcionado à transmutação da matéria do Kaly-Yuga. Novalis, Hölderin, Nietzsche e Hermann Hesse são seus discípulos longínquos na corrente tardia do Romanticismo Alemão. Walter von der Vogelweide marca, todavia, o descenso da *Minne* em direção à *Liebe*, a fixação no corpo ou figura física da mulher, podendo servir como modelo à poesia trovadora pós-cátara da terra de Oc e da própria Alemanha.

É Wolfram von Eschenbach, nascido por volta de 1170 e falecido aos cinquenta anos, em 1220, cavaleiro bávaro, quem representa o Outono da *Minnesang*, sofisticado e virtuosista. Ou seja, é como o barroco na música, e pode ser comparado apenas a Bach. É inconfundível, assim como ele. Nem os discípulos, nem os filhos de Bach, nem os italianos da sua época, nem Vivaldi, e nem ninguém, possuem este “algo” que torna Bach inconfundível, único. A ânsia, a nostalgia de Hiperbórea, de *Hiberbortikon*. É o Peregrino da Grande Ânsia.

Assim, também Wolfram von Eschenbach consegue se posicionar acima de todos os poetas da sua época, transcendendo tempos e conseguindo superar a Primavera, o Outono e o Inverno do *Minnesänger*. Isto graças ao seu Mistério – o Poema do *Gral*.

O povo de Eschenbach se encontra na Francônia; mas Wolfram vive a maior parte do tempo na Baviera, onde Landgrave Hermann de Turíngia é o seu mecenas. São as cortes do período dos Hohenstaufen. Wolfram é também um cavaleiro nobre, dado as coisas da guerra e com a alma de um poeta alquimista, como veremos. Possui um Castelo, doado pelo seu Senhor e [que] se mantém fora da influência da Igreja. Como bem viu Otto Rahn, seu ermitão Trevrisent tem todas as características de um Puro Cátaro. Wolfram von Eschenbach escreveu, ademais, um poema épico, baseado em uma *canção de gesta*, “Willehalm”, e não conseguiu terminar o seu “Titurel”. Entre 1200 e 1210, anos também de “Tristão e Isolda”, de Gottfriend von Strassburg, Wolfram escreve “Parsifal”. São os anos de glória da *Minnesang* alemã; ainda quando é o Outono. Porque é no Meio-dia que começa a Meia-noite. No solstício de verão, no dia 21 de junho, o dia mais longo, a próxima noite se anuncia. E das altas colinas de Vestfália e nos bosques de Himmlesbreite, deixam cair as grandes rodas com ramos de carvalhos acesos, em direção à escuridão das águas invernais.

O termo *Graal*, de Chrétien de Troye, teria derivado do latim *gradal*, *gradalis*, que significaria vaso, prato, bandeja. Em todo caso, é altamente significativo e terá sempre a ver com uma simbologia esotérica e iniciática. Basta que eu recorde esta jofaina com água que apareceu perante mim, no plano astral, durante as minhas remotas experiências e que me salvou do fogo das vibrações da Kundalini. Otto Rahn vincula o nome a um progresso *gradual*, através de *graus*. Voltaremos a este tema importantíssimo [mais adiante]. É também significativo que para Wolfram o *Graal* seja *Gral* e não um vaso ou taça, senão que uma *Pedra*. Chrétien teria lido a estória do Graal

em um livro muito antigo, que o seu mecenas havia lhe emprestado, Felipe de Alsácia, Conde de Flandes.

Poderíamos dizer que toda a primeira parte de "Parsifal", de Wolfram von Eschenbach, está tomada pelo "Perceval" de Chrétien. Mas ele afirma que não deve nada à esta obra, porque o seu mestre foi o provençal Kyot, que por sua vez havia lido o *Gral* nos textos "pagãos", que por sua vez reproduziram uma estória preservada em Toledo e transmitida por um tal Flegetanis. Para Rahn, Kyot seria Guiot, um trovador com quem Wolfram teria se encontrado nas festas cavalheirescas de Federico Barbarossa, em Maguncia: ou seja, em Warburg, na corte do Landgrave Hermann de Turíngia, o seu mecenas, onde se reuniam os *Minnesänger* e onde Wolfram residiu por volta do ano 1203, como dissemos. Portanto, Guiot havia sido um cátaro e a sua obra desaparece junto com a deles. O *Gral* seria a *Minne* cátara, segundo Rahn, a sua *Gleisa* de Amor. Por isto, mesmo Chrétien de Troyes sendo um cristão da Igreja de Roma, Wolfram von Eschenbach não é. Segundo Otto Rahn, [ele] seria um cátaro disfarçado. E o *Gral* esteve em Montsegur, que é Montsalvage. Sobre esta afirmação Rahn pôde conceder uma experiência pessoal, à qual eu me referi em "El Cordón Dorado" (sem descrevê-la em detalhes).

Já há muitos anos, eu visitava pela primeira vez Montsegur. Era o final do inverno e as ladeiras escarpadas da montanha estavam ainda cobertas de neve e gelo. Foi impossível escalá-las. Sendo assim, eu regressava com desânimo e tristeza no coração. Era um dia transparente, frio e iluminado. Me voltei para contemplar à distância aquela ruína pela última vez, um sinal ainda permanente de um grande tormento do passado. E então, no ar sútil, azul, onde vibravam partículas de uma luz em movimento, me pareceu que dois braços de pedra se abriam lá encima e um amor transparente como esta luz chegava até mim, me envolvendo, penetrando meu corpo no mais profundo do ser. Era a Canção da Minne, a nostalgia do Paraíso, de *Hiberbotikon*. Sim, Otto Rahn tinha razão, ali estava o *Gral*, esse também era o *Gral*! E se não era no sentido do "Parsifal", de von Eschenbach, era no da *Minne* dos cátaros.

Somente uma vez eu voltei a experimentar tal emoção, esta música nostálgica. Eu regressava da Europa e havia deixado umas plantas *bonsai* na casa de uma amiga para que ela cuidasse das mesmas para mim, entre elas uma árvore nativa da selva araucana. Senti claramente, durante o caminho em que eu me encontrava, a felicidade de voltarmos a nos encontrar. A deixei sobre uma mesa, enquanto me concentrava durante um momento. Quando regressei, eu soube que a árvore havia morrido. E ali, naquele instante, me entregou todo o seu amor, esta música delicada, com uma nostalgia impossível de descrever. Nostalgia do Paraíso. Era a mesma coisa que havia me acontecido nos braços desta pedra sobre os cumes das ruínas cátaras de Montsegur.

Me sentei junto à árvore moribunda, para receber a sua última mensagem, o seu divino Amor.

Na segunda parte de "ELELLA, Libro del Amor Mágico", eu descrevi esta inesquecível impressão de Montsegur.

Toda aquela região que fora cenário do drama cátaro e da Cruzada Albigense, que Otto Rahn chama de "Cruzada contra o Graal", ainda está impregnada com um espírito sútil, mágico e imortal, apesar do turismo e da sua profanação. Meu querido e grande amigo René Nelli sabia disto e também a sua extraordinária mulher, Nita de Pierrefeu, quem fora, como Repanse de Schoye e como Esclermonde de Foix, uma protetora do Gral, se instalando e vivendo ao pé de Montsegur.

Na minha segunda viagem, eu estava a caminho de visitá-la, convidado a pernoitar em sua vivenda. Eu conduzia meu automóvel, sozinho, e meditava sobe Otto Rahn e sua afirmação de que Montsegur foi o Castelo do *Gral*. Liguei o rádio e o locutor anunciou: "Parsifal, de Richard Wagner...".

O caminho a seguir era estreito, de terra e flanqueado por frondosas árvores que quase o cobriam com os seus ramos baixos. Ao chegar à "Villa Hestia", a casa de Nita, vi que na antena do automóvel havia entrado uma folha, perfurada como uma lança. Eu a retirei com cuidado. Era a folha de um Carvalho, da Árvore Sacra dos ários e de Wotan. Ainda a guardo em uma pequena caixa que a mim foi dada por Nita de Pierrefeu, Repanse de Schoye, a Protetora do *Gral*.

Mas, se Otto Rahn tinha razão quanto ao espírito da *Minne* cátara e a sua *Gleisa* de Amor, entendendo o *Gral* como este Amor e a *Minne* do Paraklitos, não creio que [ele] a tivesse em relação ao "Parsifal" de Wolfram von Eschenbach, porque em nenhuma parte desta obra surpreendente e misteriosa transpira o espírito de um Amor similar. O seu *Gral* é *Outra Coisa*. Rahn, nos tempos do seu "Cruzada contra o Gral", carecia de uma Weltanschauung hitlerista. E era inimigo de Lúcifer, representando-o sob o aspecto negativo de costume. Somente em seu "A Corte de Lúcifer" ele adquiriu uma nova visão. Penso que no Templo de Wewelsburg. E é neste livro onde descobre que Lúcifer foi vítima de uma grande conspiração. Mas ainda assim, sentimos que ele foi forçado a sair ao combate exterior, porque a sua alma pertencia à *Gleisa* do Amor Cátaro. Mas Wolfram não. O seu "Parzival" revela um controle intelectual, uma tendência cognitiva, alquímica e mágica. Para usar um símile, já exposto em meu livro "El Círculo Hermético", a diferença que existe entre o santo, o místico e o mago. Entre um Hermann Hesse e um C.G. Jung. Wolfram está na segunda categoria e é um guerreiro nato. Um guerreiro Minnesänger, como Bertrand de Born. De uma Guerra Esotérica.

Nos inclinamos a aceitar a posição do tradutor inglês de "Parzival", A.T. Hatto, que afirma que Kyot jamais existiu e foi uma invenção de Wolfram. Se na verdade houve um poeta provençal de nome Guiot, este nunca mencionou nem escreveu nada sobre o *Gral*. Por isto, Otto Rahn se refere à perda dos seus textos "catáros".

Na nossa opinião, todo este estranho assunto está inserido dentro da forma de *Trobar Clus* destes *Minnesänger*, que desejavam disfarçar a sua pessoa, além da mensagem dos seus escritos. Aqui se inclui a ainda mais curiosa afirmação de Wolfram de que ele é um analfabeto, que não sabe sequer escrever, havendo tomado tudo deste fantasmagórico Kyot, o provençal. Deste modo, oculta ainda mais e dilue a sua responsabilidade pelo o que irá revelar. Era uma tática em uso naqueles tempos, onde o anonimato foi mais importante do que a exposição egocêntrica. O autor de "Os Nibelungos" não é desconhecido. E Wolfram quer nos fazer acreditar que ele não era ninguém, um ignorante total, apesar dos seus impressionantes conhecimentos de línguas, costumes, pedras, ervas, astrologia e até de alquimia. Se não sabia escrever, isto não falava a favor da sua ignorância. A maioria dos reis, dos príncipes e nobres não sabiam escrever. Escrever era um assunto de "tecnocratas", por assim dizer. Para cada um, o seu ofício. O de pensar para o pensador, o de escrever para o escritor. A maioria dos obituários e cantigas de amor e até a música dos *Lieder*, era composta por outros e não pelo trovador, nem o *Minnesänger*. Eles as ditavam. Talvez o rei Alfonso o Sábio tenha apenas ditado "Las Siete Partidas". Os nobres, até recentemente no nosso próprio mundo chileno, não sabiam escrever. Somente guerreavam, faziam justiça, rezavam a missa e, às vezes, pensavam. Já dissemos que as profissões liberais eram coisas para os

plebeus. Unicamente o exército e a religião eram aceitos e bem vistos. A nobreza contribuía com a sabedoria, não a Universidade e nem a docência; o florescer da vida da Estirpe, a "Memória do Sangue".

Recordo que aqui no Chile, quando eu era muito jovem, um Presidente mantinha o escritor Luis Durand em um escritório no palácio presidencial e lhe pagava um salário, unicamente para que este lhe escrevesse as suas missivas galantes.

Hitler nunca quis aprender a dirigir um automóvel e olhava com suspeita o fato de Mussolini ser capaz de até mesmo pilotar um avião. Entendia a fundo a essência da mecânica e do invento de um motor de submarino, de qualquer máquina; mas conduzir isto tudo, era assunto de choferes. Cada um no posto que lhe correspondia na estrutura biológica e espiritual.

A minha opinião é a de que Wolfram von Eschenbach, ao inventar o nome de Kyot e o de Flegetanis, está nos entregando um código astrológico, nas letras destes nomes, quiçá numérico, em todo caso rúnico. Nos marcou o caminho secreto da saída em direção ao Gral, a via de escape do prisioneiro, valendo-se da Minne nórdica, germânica. Kyot encontrou um livro na terra dos "pagãos" e ali leu sobre o *Gral*, que teria sido descoberto e revelado por este outro "pagão", Flegetanis, de Toledo, que por sua vez "*leu o nome nas estrelas*" ou mais além das estrelas.

Aqui também deveremos seguir a direção da Swastika Levógira, indo para trás. Da Provença a Toledo, dali, novamente para Provença, então para Roma, ao Egito, dali para Hiperbórea e outra vez para as estrelas. É este o *Caminho de Oricalco*, por assim dizer, da levitação, da ciência anti-gravitacional. E foi também o Caminho Alquímico de Santiago de Compostela que, ao final e muito antes de que fosse cristianizado, ia até o Observatório das Estrelas de Stonehenge. E, dali, para a Constelação da Ursa Menor, a Estrela Polar. (A Swastika também representa o girar desta constelação em torno da Estrela Polar). Outra vez a Coluna que sustentava o céu. O *Vril*, a Runa Er, ou Ir. O Irminsul.

Pouco antes de que Hiperbórea submergisse, alguns Siddhas puseram a salvo as Tábuas de Oricalco onde havia sido gravada a Lei, que Wotan-Apolo custodiava, a Sabedoria de um Mais Além das Estrelas. Era a Pedra trazida até a Terra, ao Polo, por Lúcifer; um Carbúnculo, uma Esmeralda da sua Coroa Quebrada no combate estelar. Os "anjos" de Wolfram, os *Vanes*, os *Ases*, os *Tuathas de Dannan*, também a trouxeram e custodiaram. Ou seja, os Hiperbóreos. Esta Sabedoria, ou Saber, foi escrito ali em Runas, as que são redescobertas no novo Ciclo, ou Yuga, por Wotan, ao "crucificar a si mesmo" por Nove Noites na Árvore Iggdrasil, Irminsul, de sua própria Coluna Vertebral. Ele as preserva gravadas em uma Pedra, em uma Joia, que entrega aos seus, os de sangue puro, para que a guardem na Memória do seu Sangue. De catástrofe em catástrofe, o Tesouro será preservado. Com o desaparecimento dos restos da última Hiperbórea Polar, reproduções deste *Gral* vão em direção ao Sul. Muito antes [eles] já haviam partido para o longínquo Ocidente de Huitramanaland, para Mu e para Atlântida. Logo alcançarão o Egito. Quando os guerreiros nórdicos são expulsos por Ramsés II, alguns permanecem prisioneiros do Faraó. Moisés, **sacerdote de Heliópolis**, se apodera deste Gral e escapa com os ários escravizados. Dizem que Salomão o guardou em seu Templo, sem chegar a decifrá-lo. (Porque ele não sabia construir um Templo e teve que se valer do Irã persa). Os romanos tomam posse de parte do Tesouro e é o rei visigodo Alarico quem o recuperará em Roma, levando-o primeiro para Provença e então para Toledo. A parte do *Gral* que permaneceu em Provença seria custodiada pelos cátaros, segundo

Otto Rahn. Quando Montsegur cai, os cruzados de Simão de Monforte não podem tomar posse do Tesouro, porque quatro cátaros conseguem pô-lo a salvo nas cavernas do Sabarthé, onde Rahn e os SS o buscariam durante a guerra. Certamente os cátaros não conseguiram decifrá-lo, mas os hitleristas sim. Por isto os seus OVNIs, seus Vimanas. O *Gral*, levado para Toledo pelos visigodos, veio a cair em mãos de algum meio-judeu – Flegetanis, segundo Wolfram. Mesmo quando ele apenas afirma: "da estirpe de Salomão". E bem sabemos que **Salomão não era judeu, mas amorita**. No Templo de Salomão, os templários buscaram outra coisa, uma reprodução do *Gral*. E também parece que o encontraram, porque isto modifica a estrutura original templária, forçando-a a também "ganhar perdendo".

Sempre os nórdicos polares vão viajando com o seu Tesouro *subespécie eternitatis*, que colocam em um local seguro, salvando-o em seus combates e derrotas.

Vimos também que é em Toledo onde os judeus se fazem novamente, com a Kabala nórdico-germânica, a que de algum modo já haviam conhecido no Reno, vindo do Leste. É em Toledo, cidade fundada pelos visigodos e que estes perdem, onde pela primeira vez os judeus começam a se referir à Cabala Numérica, em plena Idade Média. Wolfram von Eschenbach nos conta sobre Flegetanis como um pagão por seu pai, que era um físico, ou médico, com grandes conhecimentos astrológicos, "israelita, ou parente de israelitas que haviam descendido de Salomão" e que "adorava um bezerro". Nenhum judeu (um israelita sim) adoraria um bezerro no século XII, XI ou X. Um pagão, claro. Em todo este assunto de Flegetanis está oculta outra coisa, que nada tem a ver com os judeus e sim com os verdadeiros pagãos. Sobre tudo com a astrologia, com as épocas astrológicas. Com a Idade de Áries, o Carneiro. Porque, ademais, Flegetanis havia *lido o nome do Gral nas estrelas*.

Sem a necessidade de ir mais a fundo nisto, poderíamos pensar que a descida, entrada, ou queda dos Siddhas hiperbóreos na Terra foi efetuada em Áries, que é o Carneiro, que por sua vez é Rama e é Wotan. E Rama é o sétimo Avatar, é o da partida e perda de Hiperbórea, de Paradesha, com a Swastika Dextrógira do Êxodo, com o *Gral*, salvo do colapso, recuperado por Rama-Wotan.

Como veremos, Wolfram e nem ninguém nunca nos dirá o que é o *Gral*. Sem pretender haver descoberto o mesmo definitivamente, acreditamos que nos aproximamos do segredo tão bem guardado e, todavia, suficientemente explicito ao ponto de poder ser penetrado esotericamente pela prática de ler na Memória do Sangue. GRAL também pode ser HAGAL. Porque esta Runa é uma Estrela, tem a forma de uma Estrela. O Homem-Estrela, o do Sétimo Sol, dos Maias. O Retorno através da Estrela Dupla da Manhã. Um *Nome (Homem) que foi lido nas Estrelas*[40]. E que desceu de mais além das Estrelas em Áries; o Bezerro, Ram, ou Rama. *Fle-ge-ta-tins*! (É preciso decifrá-lo).

De Toledo chega à Kyot (Ky-Ot), que leu a história em "um livro escrito na língua pagã" (Runas) para dali passar para Wolfram von Eschenbach, que é um Minnesänger, um cantor e cultor da *Minne-Mana-Mani-Mens-Man*. **A Runa MAN**; apenas a metade da Runa HAGAL. A partição da Estrela, que terá que ser recuperada, *ressuscitada*, através da Alquimia transmutadora, do *Gral-Hagal*.

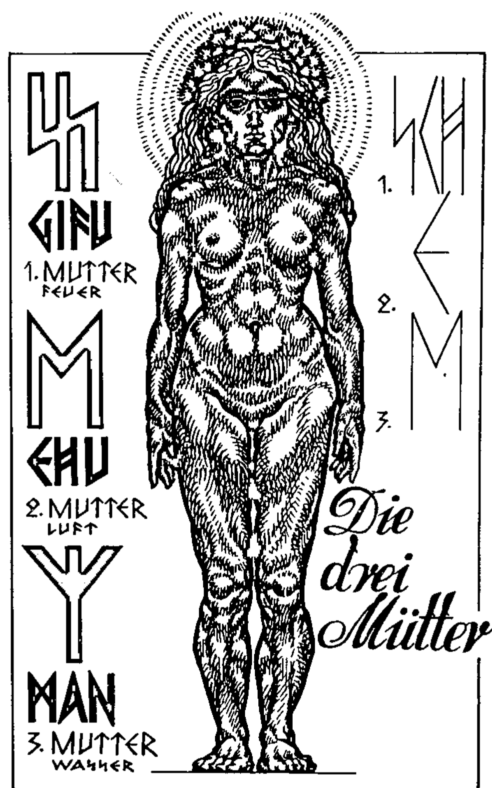
[40] N. do T.: A frase original em espanhol é "*Um **Nombre (Hombre)** que se ha leído em las Estrellas*". O autor faz alguma alusão à proximidade entre as palavras "nombre" e "hombre", que em português não é possível.

"Sobre um espigão verde esmeralda
Levava o desejo do Paraíso
Um objeto que se chamava Gral"

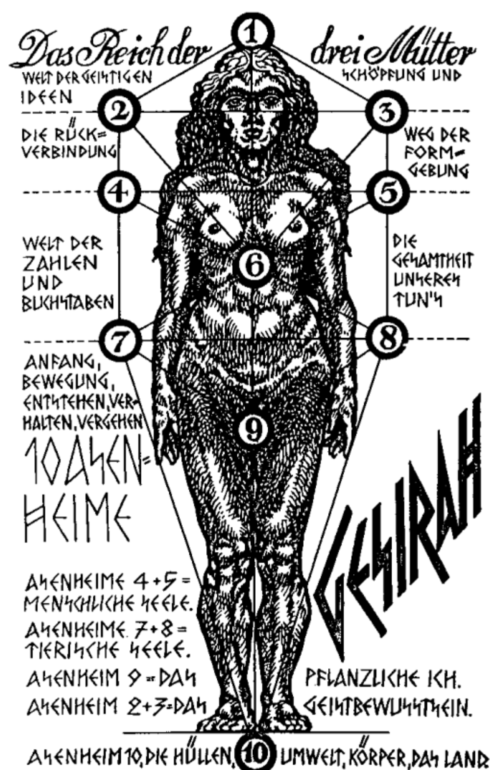
É Herman von Aue, o grande poeta *Minnesänger*, quem propaga o romance de Artur na poesia alemã, um pouco antes de Wolfram von Eschenbach. O Rei Artur é na verdade Thor, o Deus *Ases* do Martelo. A lenda viria a ser encarnada por um líder militar dos Kymrer do Norte e dos galeses, que no século V e no começo do século VI luta contra os anglo-saxões. Na época dos cavaleiros errantes e dos poetas celtas, se converte no protótipo do Rei justo e heroico. Então a ela é agregada a Lenda do *Gral*, no Ciclo Céltico e Bretão. Wolfram lhe transforma em um personagem central do seu Mistério. Porque, já vimos, Arcthus é Arctikos. E Arthos significa urso. Polo Arctikos, [o polo] com urso. Com a Constelação da Ursa Polar. A Coluna, o *Vril*, a Estrela da Origem, a de Apolo-Lúcifer.

E Arthur-Arthos (um *Roi fainéant*, que não faz nada e apenas comanda – como os merovíngios) envia seus heróis guerreiros para conquistar o *Gral*. Para reconquistar a outra metade da Runa HAGAL; a Runa IR ᛦ, da Segunda Morte, que junto com a Runa MAN ᛘ lhes possibilitaria recuperar a Estrela da Origem ✱. O *Aryo*, o Nascido Duas Vezes, o Homem-Total.

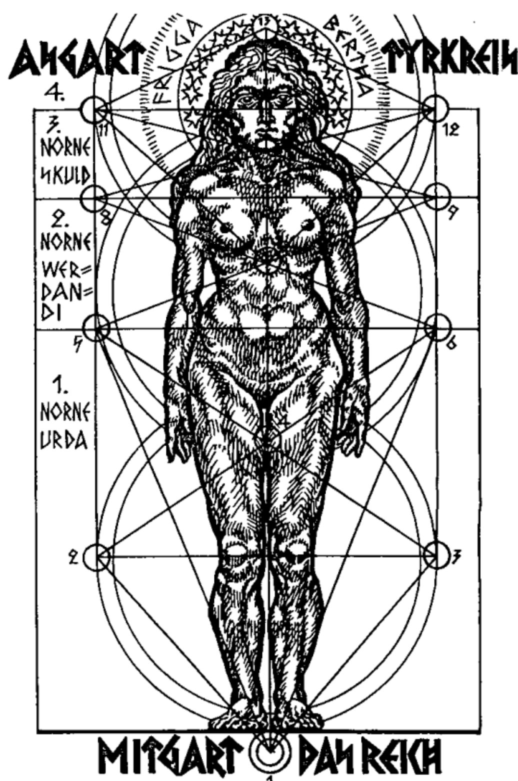
Se referindo à "Tristão e Isolda" de Gottfried von Strassburg, Wolfram disse algo estranho: Isolda é "Ich-solde" = Eu-solde. Isolda = ilha, *isole*. *Ich* é 'eu' em alemão. Eu na Ilha. Na "Ilha da Jóia", dos tibetanos, o Chakra Swadisthana, ou o Muladhara, onde dorme enrolada, dentro de um círculo de fogo, a Serpente Kundalini, a Bela Adormecida, a Valquíria Brunhilda.



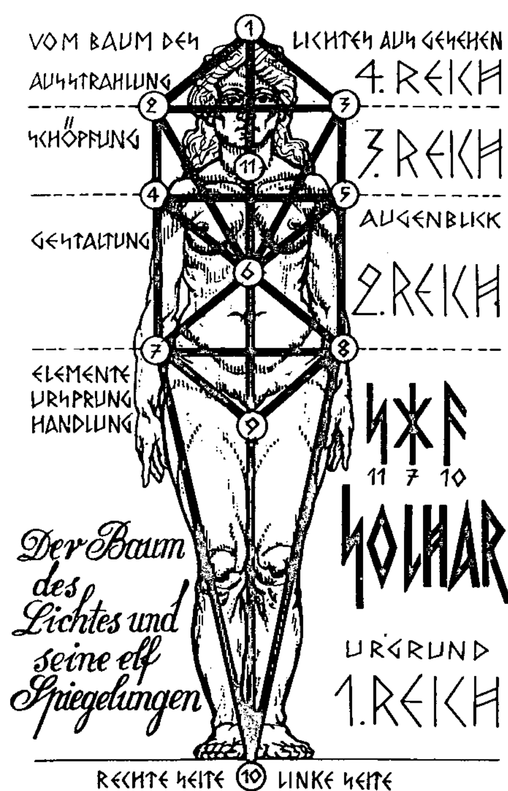
"As Três Mães". "As Três Nornas" – a água, o ar e o fogo – e as Runas.



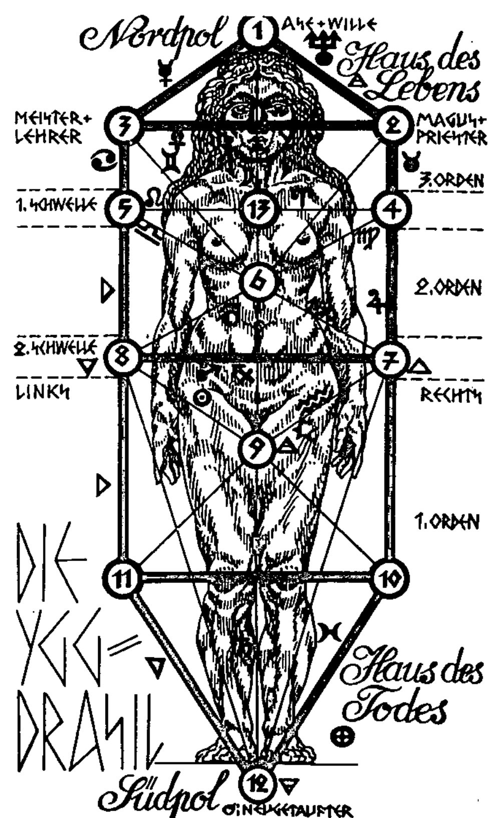
O Reich das “Três Mães”.



A Deusa Frigga, Bertha, Asgart. As Três Nornas: Urda, ou UR; Werwandi e Skuld. Midgard e o Reich.



Os Quatro Reich.



A Mulher, os Polos e a Árvore Yggdrasil. A vida e a Morte.

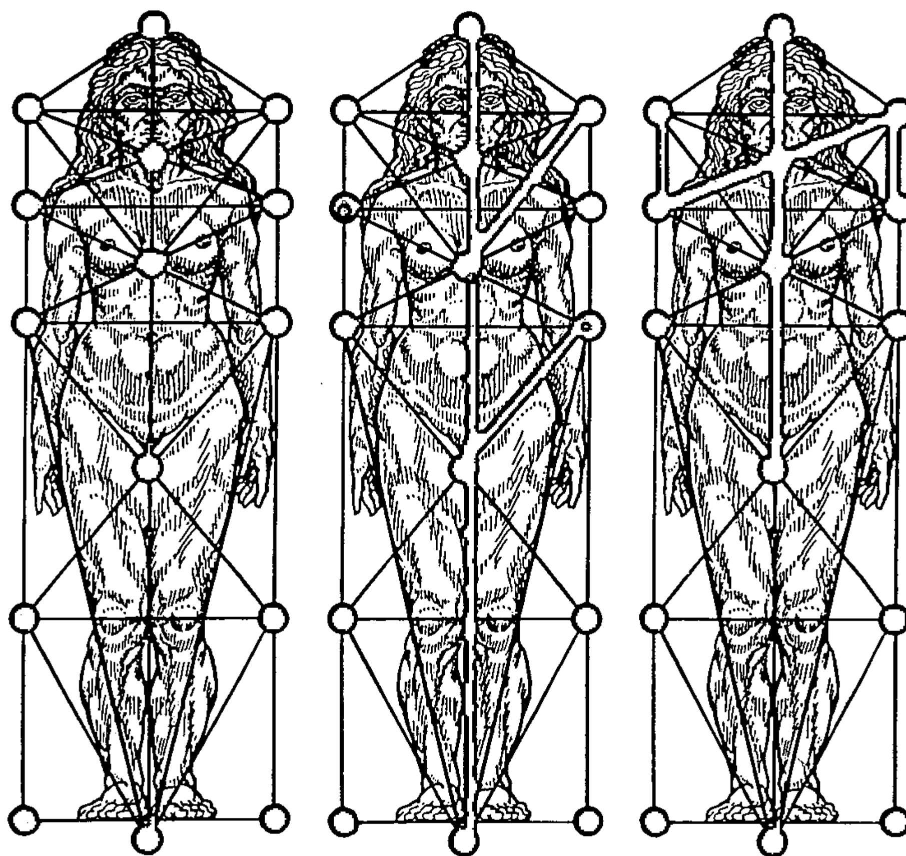
Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

Os que a despertam, os que a servem e amam com a Minne, os *Minnedienst*, são os Cavaleiros da Tábula Redonda (Polo) do Rei Arcthus-Thor. São os Heróis-Ascetas-Guerreiros da Dinastia do Gral (uma única Família Hiperbórea, como será visto em Wolfram), os Guerreiros da Ordem de Wotan e do Hitlerismo Esotérico.

São os filhos de Woewre Saelde, da Ilha, os Filhos da Viúva, de Lillith, a camarada de Lúcifer e primeira companheira de Adão, ELAELE.

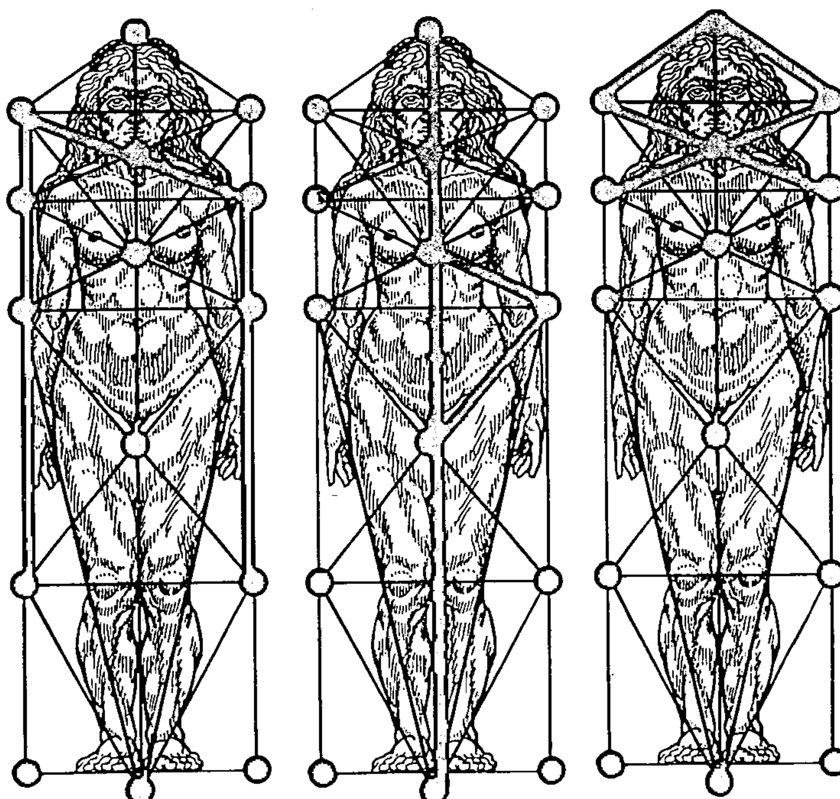
E Parsifal....Quem era Parsifal, de onde vem este nome, também *clus*? No poema de von Eschenbach, Sigune nos diz: “Significa *Perce à val*, atravessar (em francês), transpassar o vale”, o coração.... Com uma lança, certamente. O Chakra Anahata do Coração, transpassado pela Lança do Eixo Polar. Porque somente neste Chakra é possível vivenciarmos a *Minne*, o *A-Mor*. E somente assim *o conhecimento do Gral* é totalizado. Isto é Parsifal, a possibilidade heróica, em um Ciclo Heróico, no Yuga dos Heróis.

Sigune disse: “Teu nome é *Partido pela Metade*”. O homem dividido, a Estrela dividida, com apenas a Runa MAN. E Parsifal deverá encontrar o *Gral*, a totalidade da Runa HAGAL: a Morte Iniciática, a Runa IR.

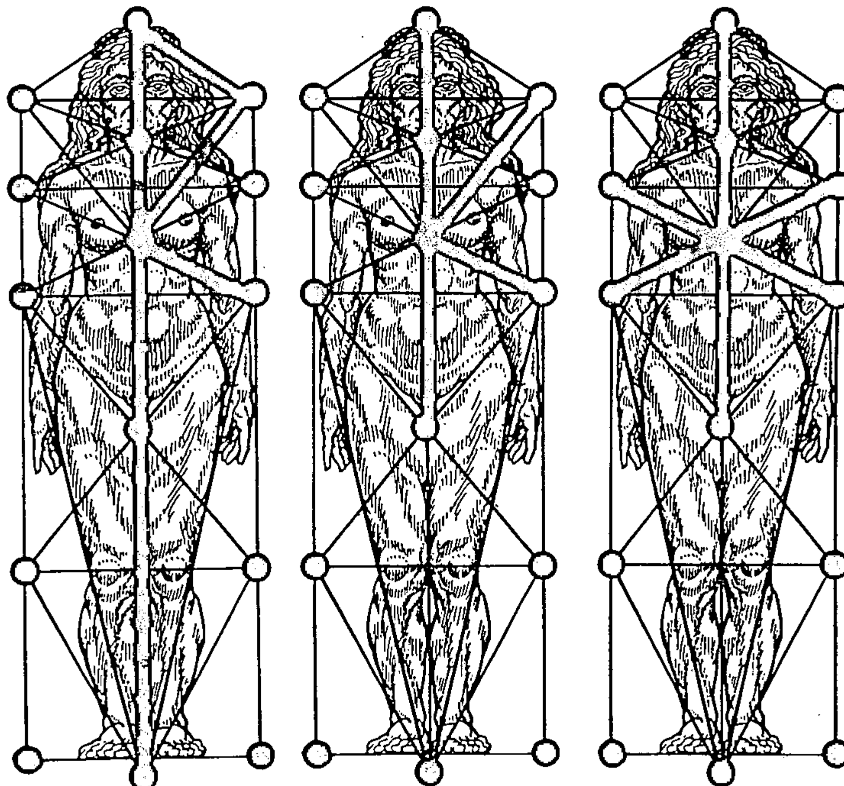


1.RUNE FEHOR 18.RUNE GIFU

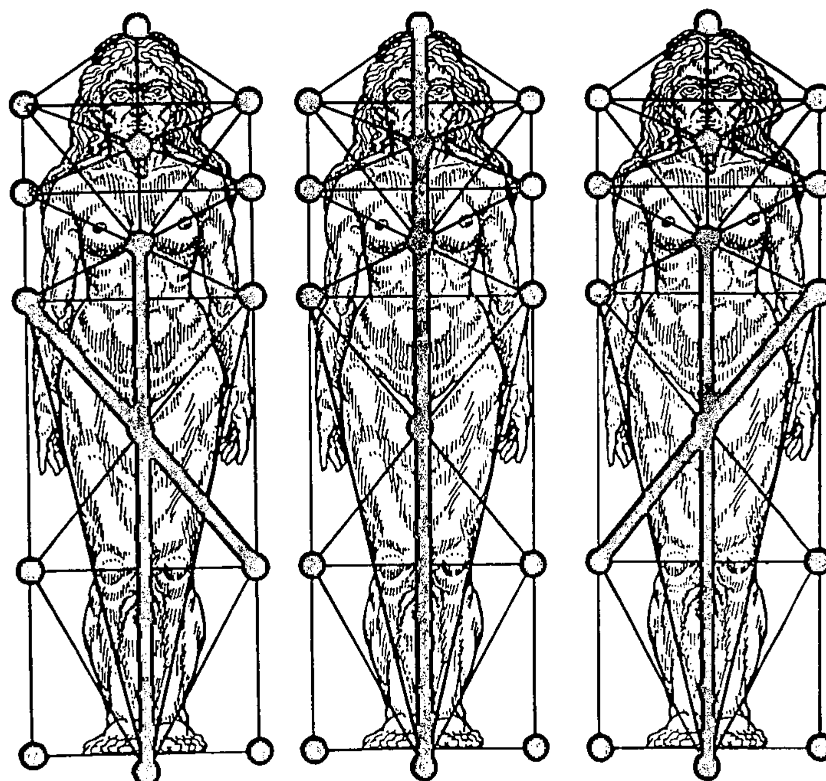
O Livro das Três Mães e as Runas. A Kabala Ária, Hiperbórea – a Hiranyagarbha-Cabda, a Sthula-Cabda. O Futhark de Wotan. O corpo da Mulher e as Runas. A Árvore Rúnica. A Runa 1 e a Runa 18.



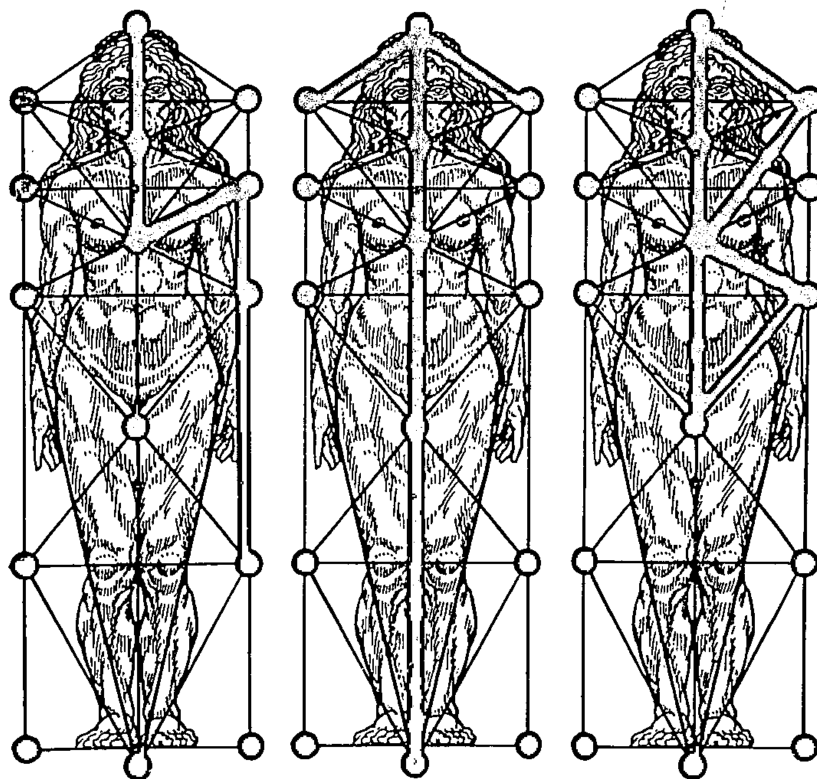
2. RUNE UR 3. RUNE THORN 4. RUNE ODAL



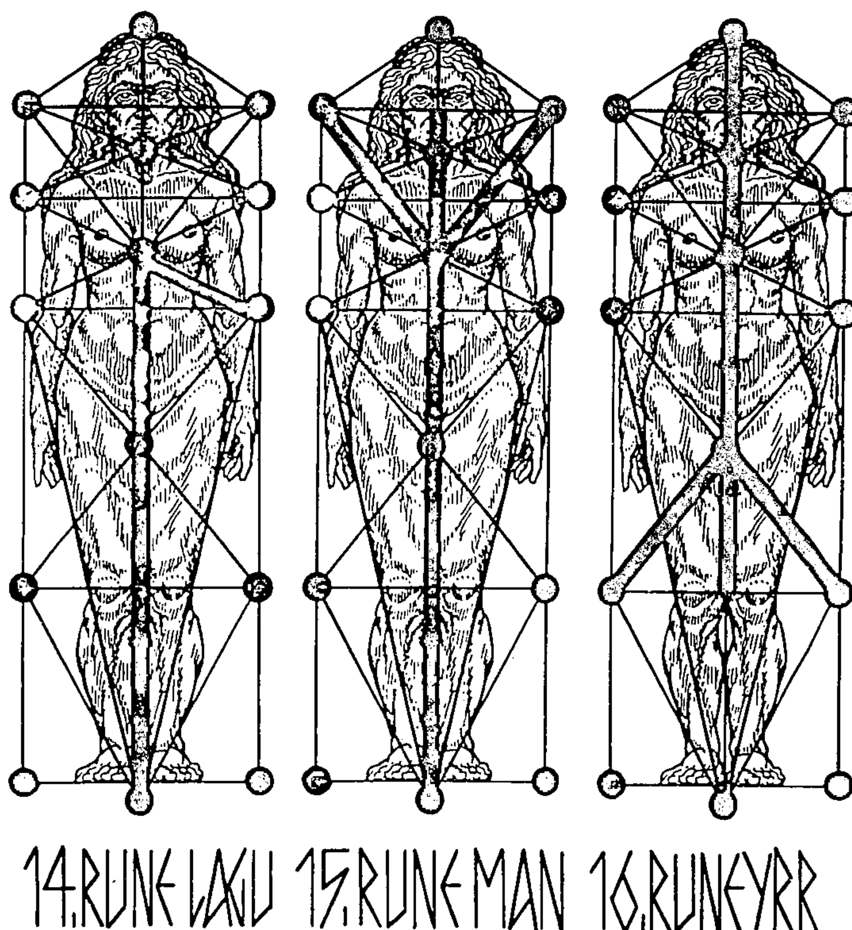
5. RUNE RAD 6. RUNE KAUN 7. RUNE HAGAL



8.RUNE NOUTH 9. RUNE IS 10.RUNE AR



11.RUNE SIEG 12. RUNE TYR 13.RUNE BAR



Parsifal

Além de declarar-se um Minnesänger, Wolfram afirma que ele não está escrevendo um livro. Diz isto mais de uma vez. As conexões e o argumento são subterrâneos, se "reencontram", com uma técnica e um estilo fascinantes, altamente sofisticados. Todavia, "Parsifal" não é um livro, é um poema; mais do que isso, é um drama, um ensinamento secreto, uma iniciação em código. E é isto o que o seu autor quer nos dizer. Nenhum dos seus comentaristas e tradutores prestou atenção a isto, e nem está capacitado a poder vê-lo deste modo.

Wolfram nunca pretendeu escrever uma novela. Isto não lhe interessava, porque não é o ofício de um Minnesänger. O mesmo acontece comigo. O "Parzival", de Wolfram von Eschenbach, assim como o de Wagner, é um Drama litúrgico e sagrado. O de um antigo Minnesänger. E é mais do que isso: é um *Opus Alchimicum*.

Para aqueles que não conhecem a "Lenda do Gral", porque não puderam ler "Parzival", de von Eschenbach, um livro inexistente em nossa língua e em muitas outras, vamos relatá-lo em termos gerais. Os outros livros do Ciclo correspondem a um espírito distinto, como as lendas do Rei Artur, ainda que "Le Morte D'Arthur", de Sir Thomas Malory, às vezes adquire tons e ênfases do Crepúsculo dos Deuses, das *Edda*.

A construção de "Parzival" adere ao plano de uma catedral gótica, dividindo-se em uma Cruz de 16 capitulos, que é o número da Série Rúnica que também foi usada pelos Templários para construir os seus templos e castelos, como o múltiplo do 8. Já é

um segredo graálico e a cruz não é cristã, pois inclui uma Rosa no centro, uma espécie de quadrado, tal como foi representada nos comentários do tradutor inglês, Hatto. Os capítulos, ou divisões da obra, ascendem das raízes desta árvore, vão de baixo para cima, como no "Tristão", de Thomas.

O poema começa com o relato da vida do pai de Parzival, Gahmuret, um valente guerreiro, um herói generoso, da casa de Anjou, filho do Rei Gandin. Sempre em busca de lutas a serem travadas, ele vai ao combate em apoio a uma rainha que está sitiada em seu castelo: Belecane, a rainha de Zazamanac, com quem, apesar de ser uma mulher de cor, ele se casa, deixando-a [ainda] grávida.

Logo de início caímos assim em um tema estranho. A união da cor branca com a negra, a o que Wolfram faz referências precisas. E o abandono de Belecane, como se existisse uma impossibilidade de permanecer, como se nesta união houvesse algo proibido.

Então Gahmuret engravida Herzeloyde, também da Casa de Anjou, neta de Titurel, filha de Frimutel e irmã de Anfortas, de Trevizent e de Repanse de Schoye, reis e princesas, esta última sendo portadora do *Gral*. Ou seja, a Família do *Gral*.

Gahmuret se casa com Herzeloyde e parte novamente para combater, morrendo em defesa dos infiéis, que guardaram a recordação do seu nome como o de um herói.

É aqui onde deve começar a história de Parzival, único filho de Herzeloyde. O Filha da Viúva.

Herzeloyde se retira para viver com os seus servidores no bosque e faz com que seu filho cresça sem saber das coisas do mundo e da guerra, educado unicamente pelos animais da selva e pela sua mãe, "como um louco puro", ou "puro como um louco". A qualquer custo Herzeloyde deseja que Parzival não conheça a guerra, sobre as lutas e jogos das armas, porque não quer perder o seu filho, como perdera o seu esposo.

De nada servem os cuidados de Herzeloyde e dos seus fiéis servidores. Parzival caça no bosque com um arco que ele mesmo fez. Um dia se encontra com três cavaleiros, que haviam se perdido, montados em corcéis briosos, com armaduras resplandecentes e adornadas com jóias. O rapaz crê estar perante Deuses. Eles param as suas montarias e lhe perguntam quanto ao lugar onde se encontram. As respostas são como as de um "louco puro". Mas estes guerreiros se encantam com a beleza deslumbrante do rapaz e são gentis com ele, respondendo todas as suas perguntas infantis. E assim, Parzival se inteira do que é a Cavalearia Errante.

Destaquemos aqui um aspecto de interesse. Que diferença entre a glória, a riqueza e o esplendor da saga nórdica no modo como nos representa os senhores, os Deuses, os divinos! Nada desta falsa humildade judaico-cristã e a sua exaltação da pobreza, da deformidade, dos "pobres de espírito". Os seres superiores são belos e desfrutam da grandeza das alturas e das riquezas merecidas (como Göering). Em todo o poema de Parzival jamais aparecem plebeus; o povo, os vilões, nem sequer os servidores são misturados ao relato. No máximo, menciona-se os belos servidores da corte, envoltos em seda e veludos. Os anacoretas são reis que renunciaram o esplendor da guerra e da corte pelos dons ainda mais brilhantes da vida do Espírito, pelo trato mais direto com a Divindade.

Temos pouco trabalho para descobrir o esoterismo desta primeira parte do relato, sobretudo depois de termos avançado bastante pelas páginas da nossa própria obra para nos referir a coisas já ditas, relacionando-as à juventude de Parzival. Um Filho da Viúva, que vive no "bosque materno", "puro como um louco", mas que está "partido

pela metade", incompleto, dividido, como estará todo eleito depois do primeiro nascimento nesta Terra do Kaly-Yuga, da perda de Hiperbórea. A Mãe terrestre trata de lhe reter. A sua viuvez, neste caso, não representa um aspecto positivo, mesmo ela sendo uma descendente da linhagem divina dos Reis do *Gral*, que deu à luz a um eleito da estirpe polar. Para alcançar a totalidade do Gral, a Iniciação guerreira e viril, Parzival deverá lutar contra a Mãe, contra a sua força lunar e terrestre, detentora de uma Iniciação matriarcal. Deverá sair do seio do Bosque materno, romper o seu cerco, o seu domínio.

Os três Cavaleiros são como os três anunciadores da Graça Hiperbórea, os Três Reis Magos, os enviados, que vêm para resgatar o Herói e restituir o seu destino glorioso. A sua aparição acarreta tamanha comoção interna no jovem Parzival, que ele abandona a sua Mãe e vai ao mundo em busca também de aventuras, da sua integração, do florescer. Herzeloyde não consegue resistir a estes fatos e virá a morrer de tristeza, pouco depois, sem que o seu filho saiba disto até muito depois no relato.

Aqui convém dizer que, antes de se casar com Gahmuret, Herzeloyde teve outra boda, não consumada, com o rei de Gales e Norgals, de nome Castis – O Casto. Wolfram inventa nomes alusivos, dentro de um simbolismo dos nomes, às vezes claro, outras obscuro. Este rei não toca em sua mulher, buscando a morte no combate, como um propósito, para poder manter a sua castidade. Deste episódio, Otto Rahn sacará conclusões para confirmar o catarismo do poema "Parzival". A castidade era requisito fundamental dos Puros cátaros, dos senhores do *Gral*, dos "loucos puros". Lhes era permitido abandonar a sua castidade unicamente quando iam para terras longínquas, livres de proprietários, para assim povoá-las com a sua estirpe. (Com a sua raça, diremos). O próprio Otto Rahn, pouco antes de se casar na Alemanha, viajou até Kufstein, deixou o seu equipamento em uma hospedaria e escalou um cume alpino, onde se deixou morrer por congelamento, cumprindo com a *Endura* dos cátaros. Como o rei Castis.

Agora temos Parzival saindo da caverna, do bosque materno, sozinho no mundo, sem experiência de espécie alguma, fazendo perguntas de uma criança, de louco puro. Cometendo desproporções. Como que guiado, chega até as proximidades da Corte do Rei Artur, cujo simbolismo nórdico-polar já explicamos.

É interessante também saber que todas estas lendas do Gral e da Corte do Rei Artur, que são contadas desde o século XIII, se referem a acontecimentos mais antigos, dos séculos IV e V. Como era comum naqueles tempos, mesclam os anos, presente e passado, fazendo com que Alexandre apareça casado com uma rainha da época, e que Virgílio, e os troianos, tenham parentesco com a Dinastia do Gral, o que nos demonstra que se trata principalmente de uma ascendência divina, de tipo iniciática e polar.

Ainda que quase tudo tenha importância no relato, passamos por alto aquilo que nos estenderia por demasiado, fixando-nos em acontecimentos chave, que são os nós da estória sacra, desta "Bíblia Ária".

Às portas da Corte de Artur, na Normandia, Parzival se encontra com um Cavaleiro todo vestido de vermelho. Ele o mata, fazendo uso de uma dardo construído com um tronco do bosque da sua infância. Ele não sabe que matou um parente, um Cavaleiro do *Gral*, muito amado na Corte do Rei Artur. Porém, ele o fez em um combate. Parzival se apodera da Armadura Vermelha, que o deslumbrou, e da Espada do Cavaleiro de Vermelho morto. De agora em diante, ele será o Cavaleiro de Vermelho.

Pouco antes, Parzival recebeu bons conselhos de um nobre senhor sobre o modo como se comportar, de jamais fazer perguntas indiscretas e de ser sempre nobre e leal. Lhe ensinou, ademais, a combater e a manejar armas e o corcel. Todavia, ele matou o Cavaleiro de Vermelho com um dardo, sem saber que era uma arma proibida nos combates cavalheirescos, usada somente *in extremis*, em defesa de castelos sitiados.

Eis aqui o lamento de Genevieve, a Branca, esposa do Rei Artur, pela morte do ilustre Ither, o Cavaleiro de Vermelho. A desgraça de Ither foi que o jovem Parzival havia se deslumbrado por esta cor e desejara se apoderar da sua armadura, do seu *Tarnkappe*. Genevieve exclama:

"*Oh, tristeza! Quem por direito teve que receber as palmas antes que qualquer outro na Mesa Redonda, jaz morto perante Nantes. Honrou ao seu ancestral.*

Quando tudo já foi dito, ele, que foi membro da nossa Casa de Família e de tal comportamento que jamais ouvimos falar sobre um ato ignóbil por ele cometido, agora jaz morto! Oh, tão rapidamente se fechou para ele o registro da Fama! Seu coração cortês o levou a perseguir o melhor do amor da mulher, com provas de viril fé e clara vontade. Uma nova e fértil semente de dor crescerá nas mulheres. De suas feridas, lamentos sobem ao ar! Tão vermelhas foram as suas exclusas, seu sangue já não poderia tornar vermelhas as mais brancas flores! O riso das mulheres desapareceu para sempre...".

Sim! Porque "a cor do sangue não se esquece, é tão vermelho, tão intensamente vermelho...". Na distância dos anos, como um eco, isto foi repetido por nosso amigo Jasão.

O Sangue Vermelho do Cavaleiro de Vermelho. O Sangue da Estirpe.

Neste episódio está sendo cumprido, quase que no começo, a etapa alquímica chamada *Rubedo*. A *Nigredo* e a *Albedo* foram realizadas pelo pai de Parzival, ao primeiro se casar com Belecane, a Negra, e então com Herzeloyde, a Branca. Vemos aqui o *Opus Alchimicum*, e mais do que a obra de um indivíduo, é a de uma estirpe, de toda uma Casa de Família, podendo o esforço de um antepassado vir a dar frutos em um longínquo descendente, em um pequeno filho desta família Iniciática. A Família dos Eumólpidas, dos Pandavas e Koravas, dos Ases, dos Vanes. A casta dos Brahmanes, a Estirpe do *Gral*. No capítulo "Los Andes", em "La Casa de la Família", de meu livro "ELELLA", me refiro exatamente a isto.

Agora, Parzival já está vestido de vermelho, com uma armadura e uma espada vermelha. Esta é a matéria de *Vraja*, a qual temos nos referido nesta obra. Uma matéria imortal. Na verdade, equivale à *materialização do corpo astral*, ao usa da *Tarnkappe* de Siegfried, que lhe torna invisível. Também é a Túnica de Neso e o Manto de Repanse de Schoye. A Armadura Vermelha de Ither, da Mesa Redonda e Polar do Rei Artur.

Seria justo esclarecer que, ao atribuir este profundo sentido hermético e esotérico ao "Parzival" de Wolfram von Eschenbach, não estamos pressupondo conscientemente algo quanto ao seu autor que, quiçá, este jamais tenha pretendido com tão claro conhecimento do que estava fazendo. É possível que assim fosse, que ele nada soubesse. Mas não acreditamos nisto, por se tratar de um germano. E se assim pôde acontecer, isto não invalida nossa interpretação. Nos séculos XII e XIII, um espírito especial foi "telepaticamente" transmitido a estes autores das lendas do *Gral*, do mesmo modo como foi com os construtores das catedrais, e as ordens da cavalaria

templária e teutônica. Também nos escritos de "Os Nibelungos" e em "Tristão e Isolda", entre outros. Se os seus autores não estavam totalmente conscientes do que estavam realizando, isto não quer dizer que ali não havia sido introduzido um ensinamento e um Mistério vindos da Eternidade. E o fato de que assim foi, torna tudo mais profundo, mais urgente o trabalho de receber esta mensagem ali impressa, para que alguém entre nós possa ainda encontrar a salvação e a ***saída***. Para que o Cordão Dourado não se rompa.

No século XII, a linguagem sacra das Runas deixou de ter vigência aparente, mesmo em círculos herméticos. É desconhecida, exceto entre os judeus, que fazem tudo ao seu alcance para que os ários a esqueçam, sendo o uso da mesma vetada a eles por razões de Sangue. Sendo assim, não surge um conhecimento e nem um uso rúnico visível entre os trovadores, os Minnesänger, os templários e nem as cortes dos Hohenstaufen. Digo "visível", porque na superfície a simbologia se desviou em direção às religiões do oriente-médio soba influência do cristianismo judaico militante. E chama a atenção o fato de que Otto Rahn, em seu "Cruzada contra o Gral", e Julius Evola, em seu "Il Mistero del Graal", não mencionem as Runas, apesar de pretenderem remontar às fontes nórdico-polares. Os cátaros, por exemplo, em sua representação da cruz como um homem de braços abertos, direcionados ao céu, fizeram uso da Runa MAN. E isto por causa da ancestralidade visigoda e da influência nórdica original, como Rahn havia descoberto.

Mas, *vocatus atque non vocatus runa aderit*. Assim chamada ou não, a Runa aparece. E ali está, sendo a chave que nos permite abrir a porta estreita do Mistério do *Gral*.

O episódio da morte do Cavaleiro de Vermelho, está nos mostrando, ademais, a influência nula do catarismo no espírito da obra. Parzival é um herói guerreiro, que com as armas em mãos parte para conquistar a sua imortalidade. Com a honra e a lealdade do guerreiro. Será necessário retornarmos a este tema. A Iniciação de Parzival é a da Cavalaria Errante, a do Guerreiro da "Ordem do Escudo", como aqui se chama. Por isto, é interior e vai mais além da Iniciação dos trovadores occitanos e das Cortes de Amor, ultrapassando a meramente poética e mística dos *Fedele d'Amore*, de Dante. É a dos primeiros Minnesänger, dos senhores nobres, da Ordem dos Guerreiros de Wotan. A Iniciação da Mesa Redonda do Rei Polar Arkthos, a Iniciação do *Gral*.

Vamos tratar deste tema a fundo mais adiante. Já em "ELELLA, Libro del Amor Mágico", o trovador disse: "Senhor, tua história de amor não é a nossa; é mais secreta e mais antiga. É a linda de Amor sem amor, que foi perdida no Dilúvio. Somente posso vislumbrá-la. Em nossas histórias não há um cavaleiro, senão que um plebeu e uma rainha. Mas a tua da dama adormecida é uma rainha que viaja através das idades e ama o seu igual, a um rei".

E assim, igualmente, acontece em "Parzival" e nas lendas do Ciclo do *Gral*. É uma Iniciação aristocrática. A morte do Cavaleiro de Vermelho corresponde ao Assassinato Místico, a tomada da imortalidade por assalto. É a Iniciação dos Heróis, a de Heracles-Ulisses, de Prometeu, de Jasão. Parzival enterra a sua Primeira Espada, a que nem sequer havia usado, e se apodera da Vermelha, que é a sua Segunda Espada. Ao matar Ither, Parzival matou a si mesmo, pois era um cavaleiro da sua própria estirpe.

Deste modo nos é esclarecida a relação que existe na "Ordem Guerreira do Escudo", da Távola Redonda, na Ordem de Wotan, entre a Iniciação e a Espada. A Primeira Espada é a que Parzival recebe "naturalmente", ao escapar do domínio materno, ao nascer, "saindo do ventre". A Segunda Espada é a que ele conquista no

combate da Morte Mística, o Segundo Nascimento (que é uma repetição consciente do primeiro). A Terceira Espada lhe será entregue pelo Rei do *Gral*. Este é o Terceiro Nascimento do Ário, transmutado agora em Siddha imortal.

Para tornar o simbolismo ainda mais notório, Parzival enterra a Primeira Espada, no momento em que se apodera da espada do Cavaleiro de Vermelho.

Com a Terceira Espada, chamada "Memória do Sangue", somente é possível dar um golpe, que cortará de parte a parte. Com um segundo golpe, a Espada se partirá, podendo ser reparada apenas na água de uma fonte de nome "Lac", que emana debaixo de uma pedra, junto à Karnant e unicamente se a Espada não se quebrou em fragmentos. Ficará como nova e até melhor, sempre que a magia da palavra seja conhecida, do Mantra da Espada. (*Phat*, é o mantra tântrico).

Isto será revelado a Parzival por Sigune, uma dama sobre a qual falaremos. Ela crê que ele não conhece o Mantra, porque perdeu a sua oportunidade perante o gral, "*porque é um morto vivo*". "Tu pareces viver", ela lhe disse, "unicamente enquanto você agradar o céu. Tu estás morto".

Também a Espada Excalibur, na lenda do Rei Artur, é extraída de uma Pedra (*Gral*) e retorna à água de um Lago (*Lac*) quando um Ciclo da manifestação é cumprido, ao "seio materno", de onde tudo deverá voltar a ressurgir, "após setecentos anos", como diriam os cátaros e também Hitler. Uma nova oportunidade. Um Eterno Retorno.

Deste ponto em diante esta estória, que parecia ser um relato de combates de cavaleiros errantes, adquire uma atmosfera de encantamento, de devaneio, de maravilha. Wolfram disse: "Esta estória superou a si mesma", "remontou sobre si mesma". Nos mostrando a sua própria surpresa, como se houvesse descoberto que ele mesmo está sendo dirigido para escrevê-la.

Parzival é admitido na Corte do Rei Artur. Eis aqui o que ele disse: "Encontraremos na Corte de Artur a nossa verdadeira raça, gente de cujo sangue nascemos". E, quando, já ao longe, ele perambula por vales e serras, em busca do Castelo do Gral: "Ajuda-me a regressar à Mesa Redonda, de onde tive que partir em razão de um estranho mistério...Me tem feito muita falta, sofri muito, longe dela".

Estas palavras comoventes resumem toda a nostalgia dos Peregrinos da Grande Ânsia, dos que perderam, por um estranho mistério, a Hiperbórea Polar. É a inconsolável melancolia do Êxodo, que embarga os Vigilantes do Alba, os ários, os nórdicos, especialmente os germanos ("que sempre têm um pé na Atlântida"), os heróis da Ordem de Wotan.

A mesa redonda do Rei Arkthos, do Rei Urso, da Ursa Maior, é extática, como o Polo. É Hiperbórea. O Continente Polar desaparecido e os Cavaleiros da Távola Redonda são os divinos hiperbóreos em exílio, que vão novamente em busca do Gral, do Vril, de Er, do Poder perdido. Dentro desta simbologia inevitável, a Lança que fere Anfortas é o Eixo da Terra, que foi desviado e tornou-se maligno com a catástrofe, com esse "estranho mistério" da perda da Idade Dourada.

Na obra há uma descrição de como é construída a Távola Redonda, onde se sentarão os Cavaleiros com as suas Damas, (suas *amasie uxor*) em uma festividade ritual. Ela é construída de noite e levando em conta uma determinada confluência astrológica. É enorme, como o Círculo Polar que cerca a entrada para a entrada da Terra Interior.

Parzival é um belo jovem, radiante como um Deus, sem barba, "como um sol brilhando na noite". Ainda muito jovem, ele se casa com Condwiramurs e a deixa para ir visitar a sua mãe (ele não sabe que ela já faleceu), e, segundo [ele] disse, poder

continuar as suas aventuras heroicas. Condwiramus deverá aceitar a sua partida. Parzival lhe será fiel em todo momento e partirá em penúrias de amor por ela. Com o "pensamento de sua amada em seu coração", travará combates e castamente conquistará enfim o Gral.

É assim que um dia ele se encontra perante um castelo inexpugnável, aos pés de Munsalvaesche (Monte da Salvação, Montsegur, Monte Seguro e selvagem: Widenberg, segundo Otto Rahn). Chega de noite e pede alojamento. Lhe atendem elegantes servos, que lhe conduzem a um belo aposento, lhe despem de sua armadura e lhe cobrem com um esplendido manto, pertencente à princesa Repanse de Schoye, a Protetora do Gral.

Deste modo, Parzival penetrou, sem estar ciente disso, no inexpugnável Castelo do Gral. É um eleito do céu. Como quase sempre ocorre nestes casos, ele deverá perder a oportunidade que lhe é oferecida de repente, quiçá demasiado inesperadamente, demasiado cedo.

No caminho até Munsalvaesche, cada vez mais fantasmagórico, inclinado e estreito, Parzival encontrou uma jovem que segura em seu colo o corpo de seu amado guerreiro morto. Ela lhe diz: "O Castelo do Gral não é encontrado com facilidade, quem o busca com ânsia e desmesura pode passar ao lado dele sem vê-lo. A terra do Castelo se chama *terre de Salvaeche*".

Também em meu [livro] "Flor Inexistente" ocorro algo semelhante, com a busca pela Cidade dos Césares.

Aquela noite uma cena quimérica será celebrada no Castelo, na qual o hóspede é convidado de honra. Trataremos de descrevê-la.

Ao centro da grande sala do Castelo de Munsalvaesche, no importante recinto, é aceso o Fogo de Saturno.

Cem mesas redondas, cada uma com quatro cavaleiros, quatro *templeis* (ao termo foi dado, não sei se corretamente, a tradução de *templários*) atendidos por um servo – cem servos – e por um chamberlain. As taças, cubiertos e vajilla são de ouro. Ao centro está a mesa do Rei do Gral, Anfortas. Para ali é convidado Parzival. Anfortas lhe entrega a Espada "Memória do Sangue".

Então aparece a Procissão do Gral. Oito belas jovens portam candelabros de metal precioso. Dezoito vêm. Depois mais seis entram. E Repanse de Schoye porta o Gral. São vinte e cinco ao todo. A descrição das suas joias, dos seus mantos, das suas luzes, da sua beleza virginal, é alucinante. Repanse de Schoye se assemelha a uma Deusa de tempos imemoriais. Na verdade, ela é uma sacerdotisa extraída de uma tradição nórdica, de uma página antiquíssima dos Edda.

"Ela portava a consumação dos desejos do coração, sua raiz e seu florescer, uma coisa chamada *O Gral*, paradisíaca, transcendendo toda perfeição terrestre" – nos diz Wolfram von Eschenbach.

Há neste banquete e no desfile deste Valhala, onde o Fogo de SAT-UR-NO ilumina a cena, algo como que uma representação de um Drama que é cumprido em outra estrela. As cem mesas, com quatrocentos ascetas guerreiros, com cem servos e chamberlaines, as vinte e cinco virgens; a mesa central, o Rei enfermo; mais além (mesmo que não apareça), o Grande Antepassado, Titurel, nos faz pensar em toda uma constelação desconhecida, talvez regida por Saturno e seus múltiplos anéis, em estrelas e planetas ainda não descobertos pela ciência do Kali-Yuga. Cem anéis, negros sóis invisíveis, buracos negros, que são uma *saída*. E o desfile das castas estrelas Novas, com sua Virgem soberana, portando o Poder Central deste Outro Universo, o Gral.

Ela deposita o Gral na mesa de marfim perante o Rei Anfortas. As belas virgens se posicionam, doze de cada lado da Princesa Repanse de Schoye. De sua coroa se desprendem centelhas que somente se apagam quando perante o brilho sobrenatural do Gral.

Agora começa o banquete. Para encher a sua taça ou o seu prato, cada cavaleiro precisa apenas pensar no licor ou no alimento que deseja, e estes aparecem, sem jamais se esgotar. Soma, ambrosia, amrita, licores da vida eterna. É a hospitalidade do Gral. Isto já aconteceu de igual maneira no Valhala de Wotan. É possível vermos, assim, que a Corte do Rei Artur é a sua transposição ao século XIII.

Mas esta festa de quimera está escurecida pela dor insuportável da ferida do Rei. Todos sofrem por ele. Nem mesmo o Gral pode lhe curar, unicamente lhe mantém com vida, sem poder interromper o seu sofrimento, tornado interminável. E mais, com o avivamento do Fogo de Saturno na grande chaminé, para Anfortas a dor aumenta.

Então trazem uma lança e a vão passando em torno das quatro paredes. A lança começa a sangrar. É a mesma Lança com a qual um "pagão" havia ferido Anfortas em seus órgãos sexuais e que destilara um veneno que ocasionou uma incurável gangrena em seu ferimento.

Tudo isto é visto com enorme desconcerto, emoção e surpresa por Parzival. Todavia, ele foi aconselhado por Gurnemanz, seu primeiro instrutor, para que não fizesse perguntas, a controlar as suas palavras e emoções. Oh, desgraça! Pois haveria bastado que fizesse uma pergunta, quando o Gral esteve perante ele, para que tudo houvesse mudado; o Rei enfermo haveria recuperado a sua saúde, a terra triste de Munsalvaesche, a *Terre gaste*, devastada, haveria voltado a florescer ... *E retornaria o Reino de Saturno e Rea, a Primeira Idade, os Séculos da Idade Dourada* ... Ressuscitaria Apolo-Wotan.

E foi assim que Parzival perdeu a oportunidade. Porque *não fez a Pergunta*. Não deu o primeiro e único golpe com a sua Espada *Memória do Sangue*.

Qual pergunta? Não saberemos. É algo como as misteriosas palavras que Wotan pronuncia no ouvido de Baldur moribundo. Somente ao final desta estranha estória algo parece ser dito, ou quer ser dito. Teremos que nos esforçar para tratar de entender o que Wolfram parece dizer; mas nunca diz. Porque o que diz é como se não houvesse dito nada. O veremos.

No momento em que a procissão do Gral se retira, levando consigo o precioso Objeto, ao fundo uma porta é entreaberta e Parzival consegue ver um belíssimo ancião, tendido sobre um leito. É Titurel, o primeiro Rei do Gral, avô de Anfortas e bisavô de Parzival, ainda que este não o saiba. É o Grande Antepassado, mantido ainda com vida graças à presença contínua do Gral.

A partir deste momento tudo muda; em um instante a atmosfera de maravilha se dissolve, como algo construído no ar, como uma flor que nunca existira, um produto puramente da imaginação. É deste modo que sempre acontecem as coisas do Espírito. São e não são, podem ser e, de repente, com apenas um gesto, ou uma omissão, desaparecem para sempre, deixando-nos em dúvida quanto a jamais terem existido, ou se jamais viriam a existir.

Este nobre Livro, este Breviário do Herói do Ocidente, da Raça Ária, que é "Parzival", nos ensina também o caminho do guerreiro em desgraça, superando, com a sua fúria e fé, com o seu valor e a sua honra, com a sua lealdade, os infortúnios e derrotas, produtos também da sua própria nobreza, da sua classe de bem-nascido, que

não desejou fazer a Pergunta por ser fiel às recomendações de um código de honra cavalheiresco que havia recebido do seu instrutor. Superando a si mesmo, Parzival retornará e seguirá buscando, consciente do que já havia sido perdido e com a nostalgia incurável do Cavaleiro do Gral.

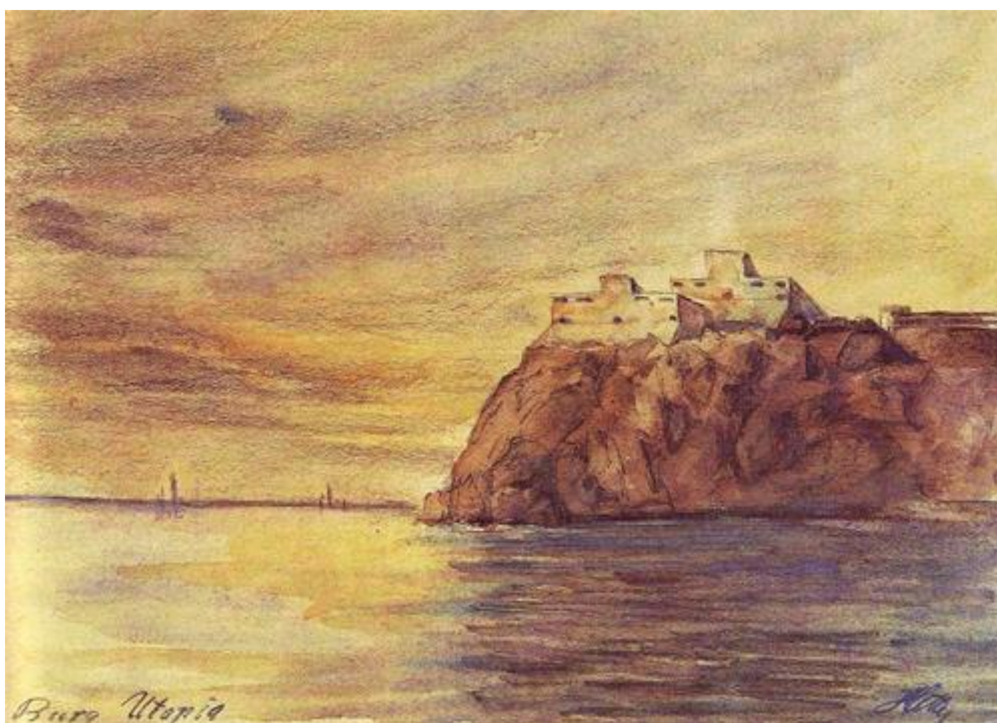
Esta noite Parzival tem sonhos ruins, dorme inquieto. Pela manhã, quando desperta, o Castelo parece estar vazio. Encontra a sua armadura, com as duas espadas, a vermelha e a que Anfortas havia lhe dado. Como podemos ver, a Segunda Morte, ou o Segundo Nascimento, não lhe serviram para conquistar o Gral. Terá ainda que ir combater com a Segunda Espada, que na verdade é a Terceira.

No pátio solitário, encontra o seu corcel amarrado. Parzival monta e sai do recinto. Na terra de acidentado e estreito caminho, na *Terra gaste*, desolada, descobre as pegadas *dos que por aqui passaram antes dele*, das cavalgaduras dos *templei*, dos cavaleiros que custodiam e defendem o Castelo do Gral, cuja localização e entrada ele já esqueceu, para ele agora apagada.

A estória é narrada magistralmente, é alucinante. O virtuosismo do autor se demonstra no fato de que agora Parzival é abandonado. Ele volta à Corte do Rei Artur e ali encontra Gawan, Gauvain, ou Galván, o seu camarada nesta aventura e busca pelo Gral. Mesmo que uma figura borrada na descrição de Wolfram, que nunca nos deixa ver como seria o seu rosto, é o Baldur da história; um cavaleiro de grande nobreza e valor, cujas proezas no Castelo Encantado do Mago Clinschor mencionaremos mais tarde.

Mas nós não vamos abandonar Parzival, nos concentrando sim em sua aventura, como um único meio de conseguir penetrar a mensagem secreta desta obra fundamental.

Prossigamos com ele, mas sem nos limitarmos à sequência do relato.



Castelo Utopia – Burg Utopia. Aquarela de Adolf Hitler, de 1909.
O Castelo de Clinschor? "O Castelo da Encina", ou Schaestel Marveile?

Um estranho personagem chega à Corte do Rei Artur, a bruxa Cundrie, disforme e vestida de maneira bizarra. É a irmã de outro ser monstruoso, o corcunda Malcreatiure. Se aproxima de Parzival e lhe repreende com palavras duríssimas e dolorosas por este não haver feito a Pergunta, permitindo assim que a desgraça continuasse pendendo sobre toda a Família do Gral. Lhe acusa de desonra.

Então, todos os Cavaleiros da Távola Redonda se dispersam e partem em direção a distintos horizontes em busca do Gral.

Eis aqui as palavras de Parzival ao seu estimado camarada Gawan: "Dor! O que é Deus? Onde está o Todo-Poderoso? Onde está o seu Poder? Ele não haveria me precipitado nesta vergonha. Desde que conheci a Graça eu tenho sido o seu humilde servidor. Mas, agora deixo o seu serviço. Se isto o enfurece, eu resistirei o seu furor. Camarada, quando a hora do combate chegar para ti, permita apenas uma mulher estar ao teu lado, que somente ela guie a tua mão. Permita que o amor daquela que tu conheces te acompanhe e que as suas virtudes femininas te protejam ... Não sei quando voltaremos a nos encontrar. Que os teus maiores desejos se realizem!...".

Chegamos, assim, ao momento mais importante de "Parzival". Somente o seu "furor teutônico" (da Wildes Heer") agora guia o herói em busca do Gral. Vai seguindo o seu caminho de guerreiro sem Deus, mas com o pensamento da sua Amada Esposa, Condwiramurs, na mente e no coração. E com as suas Duas Espadas.

Por caminhos perdidos, por trilhas estreitas, junto a torrentes geladas e montes cobertos por uma estranha névoa, através das selvas e espessuras, Parzival avança solitário. Dorme debaixo de coberturas de ramos, ou em cavernas que lhe protegem do frio e da neve. Não sabe onde se encontra e nem se progride ou se apenas está andando em círculos. Enquanto isso, o Rei Artur e o seu séquito saíram para caçar. Um dos seus mais belos falcoes se perdeu e chega a pousar sobre o ramo de uma árvore da mesma selva onde se encontra Parzival. Esta noite é muito fira e ambos lutam contra "o abraço da Virgem dos Gelos", que se aproxima dos seus corações, até o amanhecer. Parzival sai do refúgio e vê que os raios de um sol frio e transparente se precipitam pelos verdes ramos. Recomeça a marcha e o falcão vai lhe seguindo. Chegam assim a uma clareira onde os ramos das grandes árvores formam uma cúpula como a de uma catedral romana. Muitos gansos vieram até ali, parando por um momento, em busca dos raios do sol matinal. O falcão cai sobre elas, disparando como uma flecha. Um dos gansos é gravemente ferido e três gotas vermelhas do seu sangue se derramam sobre a neve.

Parzival se torna extático, como que em um transe. Olha aquelas três gotas vermelhas sobre o branquíssimo manto da neve. Desce do seu cavalo, se senta ali e fica a contemplá-las. "Ah", ele diz. "Quem fez isto? Condwiramurs, o tom desta cor é como a de tua pele! Branco como a neve, vermelho como o vermelho dos teus lábios! Que as criaturas de Deus sejam benditas por haverem reproduzido tua brilhante imagem! A neve entregando a sua brancura ao sangue e o sangue envermelhando o branco ... Condwiramurs, tua pura imagem está refletida aqui na selva!...".

E o herói toma em seu dedo duas das gotas e as põe em suas bochechas. Então deposita uma terceira em seu queixo.

E é assim que o amor imenso que ele sente por sua rainha de Belrepeire (recordemos este nome) e a nostalgia e o desejo, revividos perante a imagem reproduzida na branca neve e no vermelho sangue, fazem com que Parzival alcance um estado de suprema autoconsciência e caia em um profundo transe. Se torna, ali, imóvel, como uma estátua. E é assim, neste estado extático, que Parzival trava dois combates

com cavalheiros que lhe desafiam e aos quais ele vence, fazendo uso da Lança de Tróia (guardemos também este nome), que ele encontrou na habitação de um eremita. Após os combates, de imediato ele volta a cair neste sonho desperto, perante a mera contemplação do sangue sobre a neve. E assim haverá de permanecer até que Gawan venha e faça com que as gotas desapareçam, cobrindo-as com a sua capa. Ele também teve experiências com o Deus do Amor e sabe do seu poder sobre as almas.

Os cavaleiros contra os quais Parzival combateu no transe de Amor foram Segramors e Keie.

Um dia Parzival volta a encontrar Sigune. Ela vive em penitência de amor, em um templo no bosque, que é uma caverna junto à uma vertente.

Ali sepultou o cadáver do seu amado, morto em um combate cavalheiresco. Uma vez por semana, aos sábados, Cundrie, a bruxa, vêm para vê-la, montada em uma mula, e lhe traz alimento do Gral. Sigune porta apenas um anel, o do seu amado morto.

A conversa entre Sigune e Parzival é muito bela. Ela descobre que é seu primo, porque Herzeloyde, a mãe de Parzival, é a sua tia e é a irmã de Anfortas, o Rei do Gral. Lhe diz: “Uma torrente que surge do meu coração e de meus olhos protege a fortaleza do meu amor”. (Como os fossos de água de um castelo).

Parzival trata de conhecer a natureza do Gral. Por isso abandonou a sua esposa, deixou tudo para trás, tomou suas Duas Espadas e a Lança de Tróia, marcou a si mesmo com o sangue vermelho sobre a neve (como uma copihue[41] vermelha sobre um iceberg da Antártica à deriva) e partiu em peregrinação e missão de guerra, para chegar a conquistá-lo. Agora quer saber mais sobre o maro que é capaz de vencer à morte. Sobre o *A-Mor*.

“Guardo este anel de compromisso”, disse Sigune, “como recordação de um homem amado, de cujo amor nunca tomei posse por ato humano. E apesar disso, meu coração de mulher casta me impele a amá-lo. Aqui dentro tenho o homem cujo anel tenho usado desde que morreu em um combate e eu lhe darei amor através dos dias sem felicidade que ainda me restam. É o amor verdadeiro este que eu lhe reservo, porque ele combateu para ganhar, respeitando as Leis da Cavalaria, com a lança e o escudo, até morrer em serviço do meu Amor. Eu sou uma virgem não desposada. Todavia, perante Deus ele é o meu esposo. Se os pensamentos são capazes de produzir fatos reais, então eu não tenho nenhuma secreta oposição que possa impedir as nossas bodas. A sua morta feriu mortalmente a minha vida. Assim, este Anel, signo de uma verdadeira Boda, assegurará a minha passagem até Deus. A torrente de lágrimas emanada do meu coração e dos meus olhos guarda o meu eterno Amor. Os dois estamos aqui dentro deste recinto. Ele, Schionatulander, é um, eu sou a outra...”.

Parzival e Sigune se reconhecem, e ela exige saber se ele fez a pergunto ao Gral. Ele lhe conta a sua desgraça e lhe pede que indique o caminho para Munsalvaesche. Sigune lhe aconselha a seguir os rastros da mula de Cundrie, a bruxa.

Schastel Marveile

Enquanto isto, Gawan avança em uma aventura paralela. Um dia chega a um rio, com vista para um extraordinário castelo. O condutor do bote que lhe ajuda a cruzar a

[41] N. do T.: Flor de sino chilena; no Brasil conhecida como Lapageria.

corrente é um Cavaleiro chamado Plippalinot. Tem o poder de julgar, fazer prisioneiros e libertar. Se torna amigo de Gawan e lhe passa para o outro lado da margem.

Assim começam as incríveis aventuras do camarada de Parzival. Eles são também parentes pelo tatara-tatara-avô de Parzival, quem, pelo lado paterno, era bisavô da mãe de Gawan, que era filho do Rei Lot da Noruega e de Sangive, fato pelo qual Gawan vem a ser sobrinho do Rei Artur, com quem cresceu e por quem foi educado.

Gawan se encontra perante o Castelo Encantado, onde Clinschor, ou Klingsor, tem como prisioneiras quatrocentas donzelas, por meio de um encantamento mágico. Este castelo representa algo espiritual, mas é também um chamariz. Ao centro há um grande Pilar, por meio do qual se vê à distância e onde estão refletidas todas as coisas que ocorrem ao redor do Castelo, por várias milhas ao redor. Portanto, dizem que o Pilar – a Coluna – originalmente foi o Vril, o Poder perdido da raça ária, essa "glândula" atrofiada que permitia ver o que hoje ninguém vê. O simbolismo do Castelo já foi por nós tratado anteriormente. Estamos, portanto, novamente na terra de Castilla. Em Schastel Marveile se encontram os tesouros de Thabronit, ou Thule.

Clinschor, Duque de *Terre de Labur* (*Laburu* é a Swatika em basco e significa "os quatro sopros[42] de Ra"), primo materno de Virgilio de Nápoles, foi o amante de Iblis, esposa do Rei Ibert, de Sicilia, que lhe surpreendeu no leito com a sua esposa, mandando então que fosse castrado. Desde então, Clinschor se enclausura em seu Castelo da Azinheira – Karlot Enbolot – na Sicilia, quiçá sim em Apulia, centro do Império Hohenstaufen, de Frederico II. A sua magia foi aplicada pela primeira vez em um lugar chamado Persida, nome tão estranho quanto muitos outros desta estória e que nada tem a ver com a Pérsia, ainda que possivelmente o tenha com perfídia. Clinschor aparece, então, como que um Druida, no aspecto negativo que também tem sido atribuído a estes magos. Um Druida castrado, involucionado. (Aqui seria possível simbolizar a mescla e queda de um Druida). A castração, a relação com a sua magia, é algo que será preciso investigar em seu sentido oculto.

Frederico II é também acompanhado por um mago – Scot – a quem nos referimos em "El Cordón Dorado".

Clinschor também vive depois em um castelo sobre uma rocha inexpugnável. Dali ele exerce o seu poder sobre Schastel Marveile, e este próprio pode ser Castelo Encantado assim como Castidade Maravilhosa. Depois do triunfo de Gawan nas provas que lhe são lançadas no Castelo e em seu amor pela Duquesa Orgeluse, Clinschor perde o seu poder sobre o Castelo. Por outro lado, Gawan poderá permitir o regresso ao "lar ancestral" dos "exilados", dos que ali eram prisioneiros através de uma força invisível e poderosa de um encantamento, de um "hipnotismo a distância".

É possível vermos, assim, que esta prova de Gawan, que não encontra o Gral, é, todavia, complementar em relação à de Parzival e tão importante quanto esta. Ambas equivalem a um triunfo de A-Mor e são realizadas com a Dama no coração e no pensamento. E com a espada em mãos, em um sem-número de combates.

Gawan é responsável pela destruição de um encantamento, de um "hipnotismo à distância", que tornou prisioneiros e prisioneiras os ários hiperbóreos, não lhes permitindo regressar ao Lar Ancestral, à Hiperbórea da Idade Dourada.

Dentro do Castelo, primeiro [ele] combate um leão e o vence, então enfrenta a prova do leito que gira (como um Polo deslocado) e onde centenas de dardos disparados

---

[42] N. do T.: Em espanhol, o termo 'soplo', usado originalmente pelo autor, pode significar 'sopro' ou 'golpe'.

dos muros por forças automáticas e invisíveis lhe deixam muito ferido. As mulheres sábias deverão cuidar dele, com emplastros de ervas, as Nornas, que são lideradas pela Rainha Arnive, mãe de Artur e também prisioneira no Castelo.

Como Clinschor tem palavra e honra, uma vez vencido pelo Herói de *A-Mor*, deve cumprir a Lei imposta pela sua própria magia. O seu encantamento se desfaz.

Muitas foram as penitências de Amor que Gawan teve que sofrer. Antes de chegar a este castelo, lutou em defesa de outro, como cavaleiro jurado de uma jovem mulher que lhe entrega o seu A-Mor cortês e puro, pedindo-lhe que combata em seu nome. Gawan aceita. O que esta mulher lhe diz merece ser reproduzido aqui.

Gawan recorda as palavras de Parzival dizendo-lhe que ponha mais confiança na mulher do que em Deus. Parzival disse: "Pertenço à uma Linhagem de Amor". E o Rei Artur confessa: "Nunca vi uma invenção mais maravilhosa do que o tema de Amor". Diz isto ao final desta estória. E o próprio Wolfram von Eschenbach, ao terminar o capítulo seis e também a sua obra, confessa havê-la escrito para Senhora-Amor, esperando d'Ela somente o prêmio de "um bom pensamento".

Rendido aos pés da jovem princesa, Gawan lhe diz, antes de iniciar o combate: "Permita-me pôr a minha espada em sua mão, para que a toques. Se alguém quer travar combate comigo, tu irás combater e o fará por mim, pois mesmo quando todos me verem lutando, serás tu, em mim, quem combaterá".

E ela lhe responde: "Sim, eu serei teu escudo e a tua defesa, teu coração e tua firme fé. Quando a desgraça ameaçar, eu serei tua guia e tua amiga, o teto que lhe protege da tormenta e te oferece doce repouso. Meu amor te envolverá com a paz e lhe trará a sorte quando te encontrares frente ao perigo, de modo que teu valor jamais enfraqueça. Eu seu teu Castelo e tua Castelhana e estarei sempre ao teu lado em combate. Se unicamente pões tua fé em mim, jamais a fortuna e nem o valor te abandonarão".

É demonstrado, desse modo, que o Amor nada tem a ver com a idade. Essa jovem donzela se expressa como uma mulher. Seus anos se cumprem em outra dimensão: *A do A-Mor*. Agora, ela deverá entregar ao amado uma prenda protetora, um sinal. Não sabe o que fazer, pois é uma garota sem muita experiência neste ritual cortês. Pergunta à sua irmã se poderia lhe dar a sua boneca. Então consulta seu pai. E este decide que seja a mãe quem deve dar a sua opinião. Ela é a favor de confeccionar um belo vestido para a garota e que deste seja cortada uma manga para que ela a dê para o guerreiro. Gawan travará os seus combates levando esta prenda protetora.

Retornemos a Schastel Marveile. Dali sairá Gawan, sempre ferido, não curado ao todo, para se apaixonar totalmente pela Duquesa Orgeluse de Logroys, que lhe fará sofrer toda espécie de humilhações e tormentos antes de lhe entregar o seu amor. Ela perdeu o seu amado em um combate e somente deseja que lhe vinguem. Se ofereceu a Anfortas, mas este é incapaz de amar em razão da sua ferida fatal. Fala ela de Saturno, do seu alto curso e também do Unicórnio, animal que apoia o seu corno no colo de uma virgem, rendendo tributo à castidade. E diz de seu amado: "Eu fui o seu coração e ele foi a minha vida!...". Pobre Gawan, quantas dores do coração pela sua amada, até que Orgeluse renderá o seu orgulho perante tanta fidelidade do Amor.

Gawan lhe trança, então, uma Coroa de folhas de azinheira e flores. Ela permanecerá sempre assim, coroada para ele, em seu serviço de Amor. Toma o seu cavalo pela crina e lhe ajuda a desmontar. Agora ele é o seu Senhor. Lhe levará ao seu

leito, lhe despira de sua armadura e curará as suas feridas, como a sacerdotisa de Isis o fizera com Kristos, na estória de H.D. Lawrence, "O Homem que Morreu". Neste caso, Induna cura Baldur e lhe faz renascer.

"Que o silêncio seja o cofre que guarde o segredo dos ritos de Amor!...". Porque os Deuses amam em segredo.

Assim entra Gawan novamente no Castelo Encantado, agora com a sua Ela. E o malefício se dissipa, Hiperbórea é vindicada, o Prisioneiro é libertado dos Gelos Eternos, os exilados retornam à *Hiberbortikon*.

Somente a Coluna permanece, porque foi recuperada. Foi construída de uma Pedra da mesma natureza da do Gral, que brilha e projeta a Luz sobre a paisagem, de dia e de noite, refletindo tudo o que acontece em um raio de seis milhas ao redor, como um espelho mágico, seja na terra ou na água ou no ár. Sendo assim, a Coluna é uma espécie de estória ou conto, uma lenda narrada sobre pássaros, animais e gentes, sejam familiares ou de outras terras estrangeiras, de modo que sempre é possível ver quem se aproxima do Castelo. Algo semelhante teria acontecido em Wewelsburg e se passa hoje nestes recintos secretos, que possuem circuitos fechados de televisão, ainda que jamais poderiam se comparar à *Coluna*, que era o Poder do *Vril*, do Homem-Total, do Siddha Hiperbóreo ressuscitado. Porque "a Coluna é tão sólida que nenhum martelo (nem sequer o do Deus Ases Thor) poderia lhe danificar. Foi construída de uma pedra dos domínios da Rainha Secundille, em Thabronit (Thule) e sem sua permissão".

Trevisent e a estória do Gral

Esta é a estória de uma Linhagem dispersa, separada, partida pela metade. Por ignorância ou por compulsão telepática do Senhor das Trevas e de seus acólitos ("hipnotismo a distância"), combateu e assassinou a si mesmo, parecendo que todos e não somente os habitantes de Schastel Marveile estivessem sob a influência do malefício de Clinschor, ou Klingsor, e que o mundo inteiro fosse Schastel Marveile. Todavia, mesmo que no meio deste Castelo do Kali-Yuga, a indestrutível Coluna permanece, que será preciso recuperar e reivindicar. E a Linhagem dispersa é restaurada e reconhecida. Se reúne para enfim triunfar.

Parzival segue avançando por estranhos territórios de devaneios. Se encontra com um guerreiro templei, o que indica que o Castelo do Gral não está longe. A insígnia deste monge-guerreiro é uma Pomba. Se envolve em um combate, pois os "templários" devem custodiar as entradas ao território do Gral. Ambos caem por um barranco. Parzival perde o seu cavalo e a sua lança; mas se apodera do corcel do templei. Continua a sua marcha e chega a uma caverna, próxima a uma corrente. Tudo está coberto pela neve. Ali vive o ermitão Trevizent, junto à Fonte "La Salvaesche".

Recebe o hóspede, lhe faz desmontar, levando o seu corcel templário para beber na corrente e dirige Parzival a outra caverna onde guarda os seus livros. E assim começa a lhe narrar a Estória do Gral, que é a estória da sua própria linhagem, pois Trevizent é da família do Gral, irmão de Anfortas e de Herzeloyde; portanto, tio de Parzival. Ambos se reconhecem. E é aqui, nesta caverna e junto a esta vertente, que Parzival se torna ciente da morte da sua mãe e da verdadeira origem do seu sangue divino. É como se

houvesse retornado ao começo, ali onde Alguém permanecera esperando à beira de uma Fonte. A Fonte *Salvaesche*, da Salvação.

Trevizent foi um Guerreiro do Amor, mas se tornou ermitão, abandonando para sempre a guerra externa. Com a penitência, pensou poder curar seu irmão Anfortas, o Rei do Gral. Tentativa em vão, como ele mesmo declara, pois, o mal do Rei é incurável, tendo sido ferido por um pagão, "nascido em Ethnise, onde o [rio] Tigre desce do Paraíso", e que também ia em busca do Gral.

"Meu senhor", disse Trevizent, "houve certa vez um rei de nome Anfortas, que fora castigado e cuja dor deverá comover-te de maneira profunda, pois é de tua mesma raça. Ele perseguiu o amor descontroladamente, amando a todas as mulheres. E insto não se compadece com o Gral, em serviço do qual os cavaleiros e senhores deveram guardar continência. Aquele pagão foi morto por Anfortas, mas antes lhe feriu com a sua lança envenenada nos órgãos de procriação. Anfortas, muito jovem, conseguiu retornar ferido. Um médico pôde extrair a ponta da lança da ferida ... E agora ... Quem será o protetor do segredo do Gral?...".

Trevizent derramou lágrimas de seus claros olhos.

"Tudo foi tentado. Ervas, metais, venenos, antídoto, águas do Tigre, do Eufrates, do Giom, do Pisom, tão próximos ao Paraíso; nem a erva Trachonte, que cresce de um dragão assassinado e que possui a mesma natureza que o ar, fazendo com que a constelação do Dragão se volte contra o retorno de Saturno e as mudanças da fase da Lua, que são o que causam as maiores dores ao enfermo, nem o coração do unicórnio, nem o carbúnculo que cresce em seu corpo, nem o sangue do pelicano, que como Anfortas ama em excesso e no paroxismo do seu amor desenfreado bica o seu peito e morre afogado em seu próprio sangue. Nada pôde lhe curar! Somente o Gral lhe mantinha vivo, morrendo em vida. Nem morto e nem vivo. Em certos tempos as águas de um lago eram levadas até ele, e estas aliviavam a sua dor. Ao menos o ar puro ali diluía o odor ruim da gangrena da sua ferida. Por isso alguns têm pensado que Anfortas fosse um Rei Pescador. Mas ele não é".

Nenhum guerreiro nobre da Antiguidade foi pescador. Caçador sim. Por isto nós deveremos pensar também que aqui há uma referência à Era de Peixes mais do que o ato de pescar. Ao Drama de Peixes, que é o do Kali-Yuga.

Também no quarto de Anfortas, no Castelo, são acesos incensos e sândalos e com grandes abanadores se move o ar. Seus servos lhe são fiéis e penam com ele em sua desgraça. Toda a Dinastia do Gral foi golpeada pelo Destino. Frimutel, o pai de Anfortas, também Rei do Gral, avô de Parzival por linhagem materna, morreu. Titurel, pai de Frimutel, avô de Anfortas e bisavô de Parzival, ainda vive, mas está manco. (Com a coxeadura mágica de Santiago Menor e de Goebbels). O Gral lhe preserva com vida. Vive e não vive. É o Grande Antepassado? Não. Porque o Grande Antepassado é Lúcifer.

Eis aqui a estória que o Mestre Kyot encontrou em um escrito pagão perdido em um rincão de Toledo e que Wolfram não nos dirá nunca que estava escrito em Runas; porque somente em Runas será encontrada o seu código; assim, tão fácil de decifrar. Foi Flegetanis que escreveu sobre estas coisas e foi ele que leu o nome Gral nas estrelas; mais além das estrelas. Porque ele conhecia o circuito dos astros e do Eterno Retorno. Com os seus próprios olhos ele viu o espantoso segredo guardado nas estrelas.

Na verdade, este tal Kyot não existe, e nem Flegetanis. Existe apenas Wolfram von Eschenbach e a sua *Memória de Minnesänger* e guerreiro. A sua Memória do Sangue, sua Segunda Espada, ou sua Segunda Morte. O seu Renascimento.

"Quando a Trindade e Lúcifer começaram a Guerra, aqueles que não tomaram partido, nobres e leais anjos, desceram à Terra com a Pedra, a que é para sempre incorruptível. Mas estes anjos, por causa da sua própria natureza pura, decidiram retornar aos céus ... Todavia, alguns deles permaneceram aqui para custodiá-la".

Somente os anjos neutros retornaram. Os verdadeiros partidários de Lúcifer, seus mais leais seguidores, estes, permaneceram aqui com Ele, guardando o Gral, que era uma Pedra de sua Coroa quebrada no combate estelar e acompanhando o Prisioneiro dos Gelos do Polo Norte. Wolfram disse que talvez estes anjos que retornaram foram perdoados por Deus, pelo Uno (ou Trindade, que é o mesmo), ou que a sua maldição chegou ao fim. Pensemos, melhor, que estes foram os Traidores Brancos, que aceitaram um pacto com o Demiurgo, para poder retornar – com a ilusão de poder retornar – e com a ilusão de poder participar do Plano do Uno, Jeová, quiçá acreditando chegar a mudar ou a melhorar a criação do Demiurgo. Vã pretensão. Eles são responsáveis pela evolução do Homem de Neandertal em raças negras e amarelas. No animal-homem. Os filhos dos homens com os quais os divinos hiperbóreos são levados a se miscigenar.

Na Pedra do Gral está escrito o nome do destinado a formar parte de sua Ordem Iniciática aqui na Terra e nos céus. Quem o encontra pode ler ali o seu nome, será admitido. Então, o nome desaparece. Cada homem e mulher destinado a formar parte desta Ordem eterna, sem tempo, não poderá amar com o amor do corpo. Somente o Rei poderá ter [uma] Esposa e somente aquele que vá para terras distantes para povoá-las com a linhagem sacra. Todo Senhor do Gral que busque o amor não permitido pela Ordem e a Lei, inevitavelmente há de pagar por isto com sofrimento, como Anfortas. Porque nenhum homem poderá ganhar o Gral, exceto aquele que está destinado no céu a tal coisa.

O *Gral* é chamado *Lapsit Exillis*. O significado deste termo misterioso, pseudolatim, usado por Wolfram, é traduzido por Otto Rahn e Evola de distintas maneiras. Me parece significar "Pedra do Exílio". Porque exilados na Terra, exilados no Kali-Yuga, estão os divinos que permaneceram leais, os *Divyas* e os *Vîras*, que ficaram aqui embaixo, protegendo-a, acompanhando o Grande Guia em sua prisão.

A chave do nome *Lapsit Exillis* estaria no nome Externsteine: "Pedra do Exterior" (caída do céu). Indicando-nos assim que o Gral é também o Mistério nórdico-hiperbóreo do Kristianismo rúnico de Wotan, da Linhagem e da Ordem Guerreira de Wotan.

O ferimento de Anfortas se abre e sangra profusamente quando Saturno se encontra em curso ascendente. E a neve desce na Segunda Noite e a ferida se congela em pleno verão. Então, Anfortas e sua corte caem em uma grande miséria. Os gritos de dor do Rei rompem corações, ecoam pelos muros de pedra do Castelo, chegam até Schastel Marveile e a cena é refletida no Pilar mágico. Os servos trazem a Lança que sangra e a passam pelos quatro muros, pelos quatro horizontes. Então, a fazem entrar novamente no ferimento de Anfortas (a abertura polar).

É na Sexta-Feira Santa (Morte e Ressureição) que tudo isto acontece e quando uma Pomba desce do céu (a Pomba cátara) e deposita uma hóstia sobre o Gral.

O Gral que dá a vida eterna também pode dar a eterna dor.

"Os acontecimentos de certos planetas, os quais estão muito longe e muito alto, uns sobre os outros e que retornam em distintas velocidades, causam nos *estrangeiros naturalizados* uma enorme dor".

Sangreal

Voltaremos a muitas páginas anteriores, quando falávamos de Saturno, de Hiperbórea e do Satya-Yuga. O Rei da Primeira Hiperbórea, a qual foi devorada pelo Tempo, SAT-UR-NO, a Trilogia Rúnica, Polar. Os Deuses-Heróis, os *Siddhas* hiperbóreos, nórdicos.

A perda do Satya-Yuga, da Idade Dourada, ao mesmo tempo que é uma situação exterior, geográfica e cósmica, é um acontecimento interior, uma mudança de plano da consciência, uma perda de um "órgão" espiritual, uma queda de mais além das estrelas, de outros mundos e um precipitar-se internamente em direção à matéria e ao escuro. Por isto, cada vez que SAT-UR-NO volta a brilhar muito forte e muito alto, a recordação do que foi perdido faz com que os exilados sofram e sangrem, os derrotados que sentem como nunca a origem divina e a nostalgia pela Pátria Nupcial, a ânsia de regressar à Fonte, do reencontro om Aquele-Aquela, que permaneceu esperando à beira destas verdes águas.

E então, novamente se trata de endireitar o Eixo-Lança da Terra, fazendo-o coincidir com o Polo Magnético, Espiritual, para assim retornar à Idade Dourada, ao SAT-YA-YUGA. Porque em um só Meio-Dia se produziu a Meia-Noite, Hiperbórea congelando em pleno sol. Por que? O que aconteceu? O que acarretou a partição de Saturno-Kronos, de Osíris, o afundamento da Hiperbórea polar?

Também Wolfram nos disse que o Gral queima, simplesmente pelo seu contato, as plumas da Ave Fénix e então faz com que ela ressuscite das cinzas.

Phoinix é uma palavra grega e significa vermelho (*Vraja*). Mas o Mito é egípcio e tem a ver com a ressureição de Osíris, precisamente. E com a Rainha de Sabá. A Ave Fénix é um pássaro sem companheira, que não aparece até que seu pai morre, apresentando-se em um ciclo de 500 anos. Hitler e os cátaros pensavam em 700 anos; outros afirmam que [é] a cada 1.400 anos. Este pássaro voava desde a Arábia, de Sabá ao Egito, à Heliópolis, para ir morrer aos pés de Amon, queimado por seus potentes raios. Ali também renascia. Nesta lenda está prefigurada a estória da Rainha de Sabá, a sua peregrinação em busca da segunda morte e da imortalidade, aos pés do Deu A-Mor (Amon). A Ave Fénix é um pássaro inexistente (a Flor Inexistente), de asas vermelhas e amarelo douradas. Heródoto diz que somente o viu em pinturas e afirma que voa desde a Arábia (Sabá) levando o corpo morto do seu pai, envolto em mirra, para depositá-lo junto à estátua de Amon. O sepulta em seu templo. Heródoto explica: "Faz um ovo com mirra, de um peso que possa transportar. Então esvazia o interior do ovo e ali põe o cadáver do seu pai e tampa a abertura com mirra. Assim o leva ao Egito, ao Templo do Sol".

Aqui também está prefigurado o segredo da múmia egípcia e a sua tentativa de ressureição e imortalidade.

Na Chancelaria do Reich, Hitler havia mandado que fosse talhada a Águia Asteca, que tanta semelhança tem com a Ave Fénix. Esta Águia não é asteca, é claro, e vem de mais longe, de Teotihuacán, de Tolla (Thule), que foi destruída como Troia e então reconstruída. Segundo o frade Bernardino de Sahagún, [ela] tem uma antiguidade de mais de dois mil anos. Os teotihuacanos são anteriores aos toltecas, de quem Quetzalcóatl fora supremo chefe e sacerdote. Ele é também construtor de Teotihuacán, 600 a.C. Tanto esta civilização quanto a maia, podem remontar ao ano 3.300 a.C., apesar

do que nos afirma a investigação da Grande Conspiração, podendo ter uma origem comum em Tolla, ou Thule. Há um ancestral em comum desconhecido. Os estilos arquitetônicos e artísticos são distintos, mas existe uma astronomia em comum. Se desconhece a razão do porquê abandonaram cidades como Chichén-Itzá e outras. Em Teotihuacán conheciam um décimo plante, mais além de Plutão, o Planeta X (SC), ainda não descoberto pela astronomia de hoje. Esta cidade foi o centro de uma ciência superior das estrelas. Talvez a mesma de "Parzival", porque ali também sabiam do mistério de Saturno, da sua morte e ressureição: a Ave Fénix. *Phoinix*, vermelho, *Vraja*, *Rubedo*.

Pensamos que Arthos, Arctus, Arctikos, Anfortas, Parzival, Osíris e Saturno são um só. A enfermidade de todos eles equivale à uma partição ou perda da totalidade, à uma divisão do Antropos, à perda de Hiperbórea. Mistério que já expressamos corretamente, quase matematicamente, em Runas. A divisão da Runa HAGAL na Runa IR e MAN. Temos disto, por isto mesmo, que o Gral é a Runa HAGAL e que o Misterioso livro sobre o gral, ao qual Wolfram von Eschenbach se refere, haveria sido escrito na linguagem "pagã" das Runas. Seria, portanto, um livro curtíssimo, composto de apenas três Runas, quiçá de apenas uma: O GRAL! Ou talvez apenas do nome de OSIRIS e então de ISIS. OS-IR-IS, IS-IS.

Como era impossível se referir a isto tudo abertamente no século XIII, Wolfram falou de paganismo e tratou o tema alquimicamente, o que vem a ser o mesmo. A lenda do Gral foi cristianizada à força, tanto em Chrétien de Troyes quanto em tudo o que depois escreveram sobre ela, sob a influência dos monges cistercienses e beneditinos, ainda que a Igreja de Roma não os aprovara. Somente a Alquimia, por se envolver em uma roupagem de metais e combinações químicas, não precisou recorrer a linguagem cristã. Sendo assim, segui sendo "pagã".

Alquimia é um nome composto, com um prefixo árabe. Mas o seu verdadeiro nome é *Art-Regal*, Arte Real, de Reis, da casta real e guerreira dos Heróis. Por isto Cesare Della Riviera intitulou o seu livro alquímico, publicado em 1605, "Il Mondo Magico De Gli Heroi". Porque é uma Arte e um Mundo Heroico. O próprio mundo de "Parzival". Rahn se equivocou quando afirma que o Gral é cátaro, ou que é conquistado pela disciplina ascética do catarismo. Trevrizent nos está ilustrando isto. Não conseguiu com o ascetismo ermitão curar o Rei Anfortas. Unicamente o conseguirá Parzival, sem Deus (sem o Uno e nem a sua Trilogia), com a espada em mãos e com o pensamento na Amada na mente e no coração.

Saturno-Kronos é também o chumbo (Paititi), é o morto que há de ressuscitar. Porque Arthos-Arturo não morreu, "*somente transformou sua vida em algum lugar do mundo*". (Deste mundo ou de um outro). E assim também nosso Führer, que entrou em Paititi e, dali, retornará, transfigurado, rejuvenescido, para nos entregar a Idade Dourada.

Não vamos nos estender em uma análise explicando a simbologia alquímica e mágica do "mundo heroico" de "Parzival". Isto seria como repetir o mesmo erro daqueles junguianos que pretenderam "desarmar" o milagre, buscando explicações profanas do símbolo vivo e espiritual. Seria como voltar a enfermar Anfortas, a devastar a terra do Gral. Bastante temos explicado já aqui, com o correr destas páginas, para que cada um reviva em si mesmo o alto Mistério da Iniciação do Hitlerismo Esotérico, que é também do Gral.

Partindo do chumbo, a Pedra Filosofal permite que nos remontemos ao *aurum potabile*, até a Idade Dourada, de Saturno e Rea, até o Satya-Yuga, endireitando a Lança-Eixo polar. O caminho passa pela Nigredo, a morte mística, até a Albedo, a ressureição dos Segundos Nascidos, dos ários da raça branca, hiperbórea, para alcançar enfim a Rubedo, o Vermelho da Matéria Imortal de Vraja, do Cavaleiro Vermelho, das Plumas da Ave Fénix, do Pássaro que não existe. É esta a Dança da Ave do Paraíso, das minhas "Visitas de la Reina de Saba", a Flor Inexistente, a Imortalidade, que é preciso criar, inventar, a *materialização com Vraja do Corpo Astral*. A Ressureição do Filho do Homem e da Eternidade.

E bem, tudo isso já foi dito, de um modo ou de outro. Mas o que não dissemos é que a Arte Real, *Regal*, é também *Sangue Regal*. É *SANGREAL*. O *Gral* é o Sangue Real dos Ários, de Hiperbórea, que se tornou impuro em uma mescla com os seres inferiores, com o animal-homem. Porque o próprio herói, o *Vîra*, é já um produto da mescla dos gigantes (anjos) do antigo tempo, com as filhas dos homens, da Terra.

Já explicamos isto. Agora veremos apenas que a alquimia dos heróis, sua Arte Real, consiste em sanar a raça caída, mesclada com o Pecado Racial, purificando o seu sangue real, transmutando assim o chumbo em ouro novamente, por meio da Ciência do Regresso, com a Swastika Levógira, a do retorno às origens da pureza primordial. Mas agora com consciência, não com a ingenuidade de um "louco puro". Por isso Parzival perde a primeira oportunidade e também quebra a sua Espada de Sangue com um segundo golpe (a Segunda Morte), devendo dar um Terceiro, depois repará-la na Fonte clara de sua Iniciação Viril, Polar.

Todos os nomes em "Parzival", ou quase todos, são códigos ou estão plenos de um sentido simbólico. Ademais, desde o começo, o tema da pureza de sangue começa a ser esboçado. Gamuret, pai de Parzival, se casa com uma rainha negra (*Nigredo*) e a abandona, deixando entrever que algo ruim foi cometido. Então, Parzival se concentra nas gotas de sangue sobre a neve e cai, assim, em um estado extático (o "orgasmo extático") que é o da Recordação que desperta em seu próprio sangue hiperbóreo. E esta é uma *Recordação de A-Mor*, da *Minne*, de algo perdido e abandonado, da Pátria Nupcial. De um amor puro, de uma união mais além do físico, [mais além] do sexo físico da idade escura. Anfortas atentou contra a pureza deste *A-Mor*. E todos eles mesclaram, de um modo ou de outro, o seu sangue divino, de *Divyas* e *Siddhas* hiperbóreos. Vindos das alturas, após um combate estelar com as potências do Senhor das Trevas, por ***erro estratégico***, por azar-destino, ou simplesmente por cumprir uma missão, como portadores do *Gral*, Pedra de Esmeralda, Pedra de Vênus-Wotan-Lúcifer, para com ela conseguir remontar o Kali-Yuga e transmutar a Terra, transfigurá-la. Acarretaram também a mescla do seu sangue com a das filhas do animal-homem, criaturas e criações de uma evolução das espécies (tornada possível pela Traição Branca, como se têm pensado) de negros e amarelos, aparências fantasmagóricas da mente do Demiurgo, o Demônio Jeová, como diriam os cátaros. E a Alquimia capaz de remontar a sua involução (não evolução) é a de "Parzival" e a do Hitlerismo Esotérico, a da nova transmutação do *Vîra*, do herói em *Divya*, em *Sonnenmensch*, em Super-Homem, em Homem-Total. Volta à origem do sangue ário puro, à Hiperbórea, à *Hiberbortikon*.

E o Caminho deste Yoga (União, Re-União) é o da "Ordem do Escudo" do Rei Artur e do Gral, da Ordem dos Guerreiros de Wotan e dos SS Hitlerianos. A ciência revelada por Wolfram von Eschenbach em "Parzival" é a da "Memória do Sangue", da

Espada Memória do Sangue. Ou seja, a que também tentaram os SS na iniciação do seu Castelo de Wewelsburg. A purificação do sangue ário, para poder concentrar-se nela e resgatar ali a sua Memória, a sua Recordação, podendo assim recuperar este Poder perdido, esse Órgão que a raça branca havia dos divinos possuído, descidos das estrelas, entrando ela Janela de Vênus, a Estrela da Manhã, por algum Buraco Negro do Universo, pelo Sol Negro, caídos da inexistência do Raio Verde; porém, mais real do que tudo o que aqui existe.

Este Poder é o Gral, é também o Vril e é ER, a Coluna que transpassa o Céu, o Pilar de Schastel Marveile; é o Chakra Ajna, o Carbúnculo no entrecejo, com o qual Shiva aniquilou o demônio Smara, hibrido e bastardo, do amor carnal, que é produzido pela mescla das raças e os filhos da vida, que são os filhos da morte.

Ao ário, já vimos, é permitido procriar apenas com outros ários, com suas mulheres árias, por outros meios que são diferentes daqueles do pasú. No *A-Mor* mágico, na morte mística, ele nasce pela segunda vez. Os ários, os renascidos, partiam para povoar as terras virgens, "*gastes*". E as mulheres-magas e virgens do Gral davam à luz permanecendo virgens, intocadas em seus corpos físicos. Pariam um Cisne ou ao Preste João, que não é um homem, senão que uma linhagem guerreira-sacerdotal. A dos Shastriyas e Brahmanes da Índia. É um gênero. E isto, porque quem dá à luz não é a mulher, mas sim o homem.

Sendo assim, o Yoga do Ocidente, o desconhecido Yoga das SS hitlerianas, não consiste em práticas de auto-hipnose para alcançar o Samadhi, o êxtase e a perda do santo, [com] a fusão com um Deus devorador. Pelo contrário, luta-se contra a absorção e fagocitação pelo Demiurgo, pelo Uno. O caminho está assinalado na purificação do sangue por meio de uma alquimia de transmutação, podendo torná-lo novamente ário em sua essência, ***escutando-o, até que nele seja despertada a Voz***. Esta mesma Voz que Hitler e o meu Mestre escutavam. E uma vez [tal coisa é] conseguida, já não se está mais sozinho, sendo acompanhado pelos Siddhas e pelo Führer desde o Raio Verde. Os próximos passos serão assinalados. O *Kaivalya* foi alcançado, a separação definitiva, a Personalidade Total, o Homem Absoluto e a Mulher Absoluta. Recuperou-se a Hiperbórea, um Rosto foi dado à alma e a Aquele que permaneceu esperando à beira de uma Fonte.

O Nascido Duas Vezes

Ao chegar aqui, a esta revelação no esoterismo do Gral e das SS, se torna imprescindível insistir que toda a simbologia e fraseologia esotérica que está em uso atualmente foi falsificada pelo judaísmo, como, por exemplo, a dos chakras, e que nós nos vemos obrigados a utilizar. Deverá ser revisada e entendida de um modo diferente ao daquele que a propaga. O chakra vem a ser, na Memória do Sangue, no caminho da Swastika Levógira, no Caminho de Iring, das Runas, um vórtice, ou poderoso redemoinho na corrente desta Memória, um centro da consciência ária, no caminho do retorno, que há de despertar com a prática da recordação e da "audição" da torrente sanguínea, desse rio que desce da Cabeça de Shiva-Swarasathi, de Saturno, do Satya-Yuga, de um Grande Antepassado, de Titurel, de Wotan, Baldur, Induna, de Lúcifer. Um rio que desce do Monte Meru, do Monte Polar da Revelação.

Na Iniciação do meu Mestre, uma das mais importantes práticas é a da Recordação.

Sendo assim, de chakra em chakra, é preciso ir avançando, recordando. Em minha obra "NOS, Libro de la Resurrección", eu tratei disto tudo na relação com a memória dos chakras e a Iniciação Órfica de A-Mor. Isto é, a Iniciação do Hitlerismo Esotérico, a do Cordão Dourado. Ali, simbolicamente, é realizada uma viagem astral, uma peregrinação pelo "Caminho de Iring". E a Memória do Sangue é revertida, se torna ativa, sincronisticamente ativa, até as próprias origens, no chakra Muladhara, o da Terra. Os centros assim visitados correspondem a zonas da alma pessoal e do planeta, da Pátria Mística, por assim dizer. O Muladhara, em meu livro "NOS", permite recordar a Batalha do Mahabaratha, a primeira perda e a queda e partição dos divinos. Ali há uma Boda, uma Morte e uma Ressureição. Depois se passa ao Chakra Swadisthana, o da água. Sincronisticamente eu o assimilei em minha estória, ou poema órfico, à Ilha de Páscoa e à antiquíssima Iniciação do Pássaro Manutara, que ali acontecia. Nesta Ilha onde chegavam os Deuses Brancos.

Nos detenhamos aqui, em razão das terríveis projeções e consequências que esta Iniciação, ou recordação, aporta ao herói, ao *Vîra*, ao Cavaleiro Errante, ao Peregrino Exilado, ao Iniciado na Memória do Sangue.

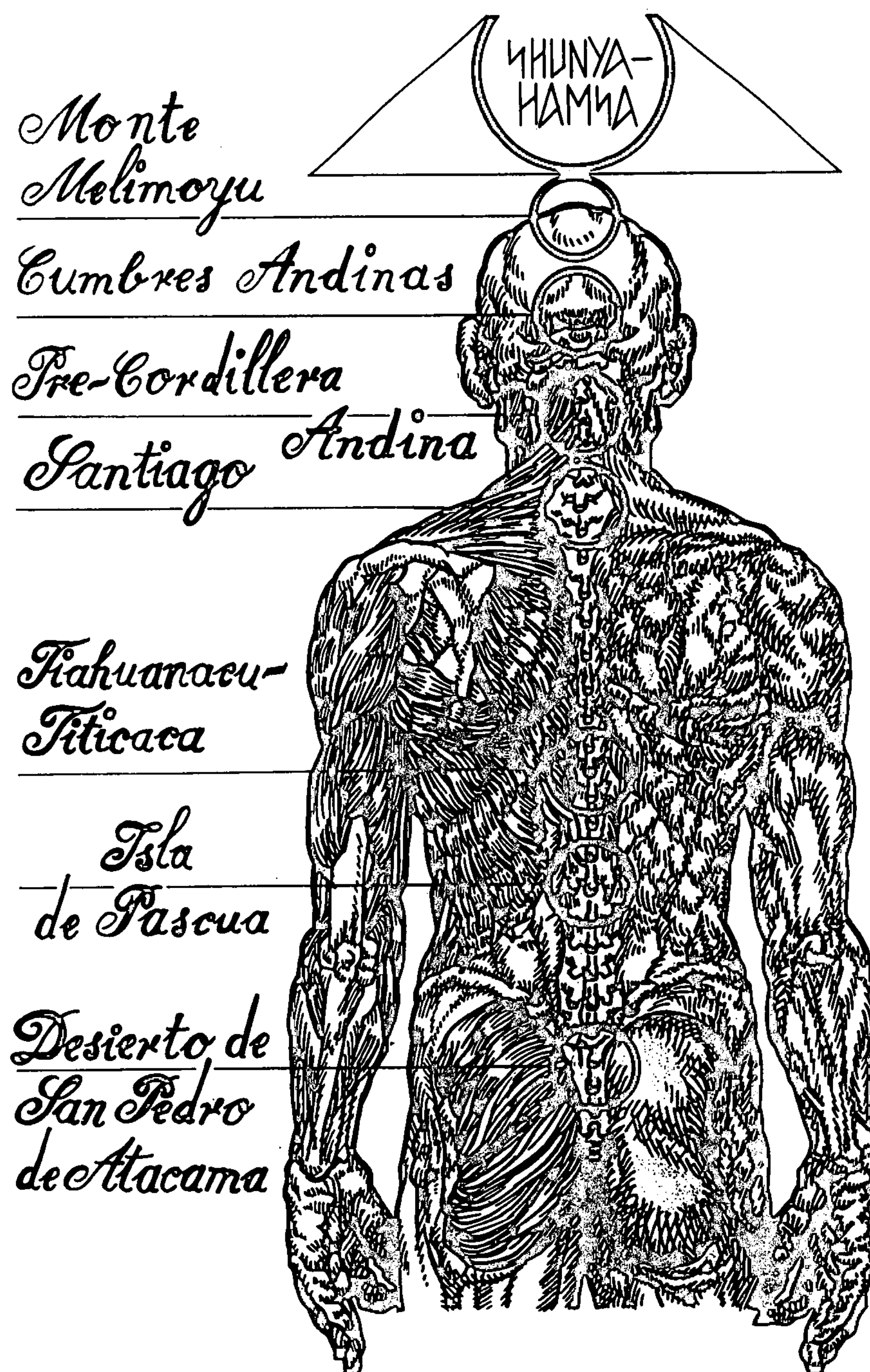
Este chakra corresponde ao Segundo, de baixo para cima, partindo da base da Coluna Vertebral psíquica. E aqui se cumpre a Segunda Morte e o Segundo Nascer, que é a Segunda Boda, na Iniciação do A-Mor.

É no chakra Muladhara onde o filho da carne nasce para a vida na Terra.

Em minha experiência iniciática com a Memória do Sangue, a situação dramática das vibrações paralisantes que me deixavam imóvel, entre dois mundos e que estiveram a ponto de me destruir, se não houvesse aparecido perante mim a bacia com água lustral, com a Água Causal, *Kâranâri*, é uma repetição simbólica, na Memória do Sangue, do ato real do nascimento. A psicologia judaica de nossos dias chama tal Memória de "O Inconsciente". Jung teve que adotar o termo.

As vibrações começam pelos pés, na minha experiência, porque na vagina materna o ato do nascimento é iniciado com vibrações poderosas e são os pés do *ainda não nascido* que ficam mais próximos ao útero, onde estas vibrações acontecem (contrações). Agora, cheguei a "recordar" que, sendo muito pequeno, meu pai, acredito que meu pai, me mostrou um grande jarro de cristal e disse: "Tu nasceste afogado, não podias respirar e este jarro te salvou; jogamos em ti a água fria do qual ele estava cheio. E começaste a respirar e pudeste viver". O Gral também é um Jarro, uma Taça de Vida, ademais de *uma Lapsit exillis* e uma Pedra Filosofal.

Talvez eu amasse tanto o meu pai porque foi ele quem me salvou, quem me deu a vida. Portanto, meu pai morreu quando eu era ainda muito jovem. E assim a Ave Fénix pôde também nascer. Mas eu levo o seu cadáver comigo para depositá-lo e fazê-lo um dia renascer junto à estátua de Amon-Ra.



Este é o caminho "sincronístico", de "solidariedade com a Pátria Mística", que deverá ser percorrido pelo guerreiro Iniciado chileno – ou no Chile – do Hitlerismo Esotérico, da Ordem Guerreira do Führer e de Wotan. Corresponde à "Fisiologia Polar" e simbólica descrita neste livro, em "NOS. Libro de la Resurrección" e em "El Cordón Dorado: Hitlerismo Esotérico".

Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

Minha mãe também morreu. Eu cresci como "louco puro" na selva do Polo Sul. Minha estória é assim a de Parzival, como será a de todos os Peregrinos do Alba, dos Cavaleiros Errantes da Grande Ânsia, dos Guerreiros de Wotan e da Ordem do Escudo, dos SS esotéricos.

Compreendi sempre que a Iniciação consistiria, em suas primeiras provas, ou etapas, de um *reviver o nascimento*, podendo chegar assim a nascer de novo. Reativando, para tal, a consciência ou Memória de Swadisthana. Quem leu "NOS", recordará a Iniciação do Manutara e os "Sonhos da Água". A Iniciação ocorre em uma Caverna, chamada Hakrongo-Manu, "O Ouvinte da Ave". Essa era a Caverna do Deus Make-Make e, em outros tempos, *para ali eram levados os recém-nascidos para que, em sua penumbra*, sua pele se tornasse mais branca. Ou seja, para recuperar o arianismo da raça polar.

Tudo se repete dentro da Caverna. O neófito é tragado por uma mãe-baleia e deverá lutar contra o desfalecimento e o desejo de permanecer ali seguro, protegido. Luta e consegue escapar. O nascimento é a morte. Grita, chora. Então vêm os "sonhos da água", da placenta, da vagina e da inundação que significou para o recém-nascido este "jarro derramado inteiro sobre o seu corpo" como a onda de um imenso mar desbordado, como a grande onda de um líquido intrauterino que submergiu a Atlântida, a Hiperbórea da Idade Dourada, para sempre.

Agora, o "renascido" sai da Caverna da Iniciação, da repetição do nascimento, e é o Nascido pela Segunda Vez, é o aryo. Encontra ali uma Pedra de Lua (o Vril, o Chakra Ajna, do entrecejo), se precipita ao mar e nada até a Ilha de Hapu-Manú, que quer dizer "O Grito do Pássaro". E ali espera até que a Ave Manú-Tara lhe porte o seu Ovo e o deposite em sua mão. Recuperou o Ovo Primordial, a Unidade do Si-Mesmo, ELELA. É o Homem Absoluto, o Manú-Tara. O Manú com o seu Tara. É Redondo como um Ovo e também como uma Estrela, é o Sétimo Sol. Nasceu pela Terceira Vez em uma Ilha rodeada por fogo, onde reside a Valquíria Brunhild. *Ich-Solda*.

Também Parzival deverá abandonar a Mãe, para re-nascer. Sua preparação lhe é dada por Trevrizent em uma Caverna (*Yoni*). Mas é somente uma preparação materna e deverá, todavia, alcançar o Castelo do Gral, Munsalvaesche, Wewelsburg. A Torre Viril de um Castelo (*Linga*). A Iniciação Solar, a superação do materno, do primeiro nascimento nesta Terra, da queda.

Quase todos os grandes Mistérios da Antiguidade repetiam este evento fundamental do primeiro nascimento e aconteciam em criptas, bases de pirâmides ou cavernas. O trauma do nascimento pode acarretar fenômenos tão estranhos e perturbadores como em mim. E se eu houvesse me atrelado a uma mera interpretação psicológica ou psicanalítica, como as que a ciência do Inimigo nos dá hoje, estaria perdido para a Grande Batalha da verdadeira transmutação sincronística e solidária da alma e paisagem, de afora e adentro, de acima e abaixo. Porque haveria chegado a pensar que tudo nada mais era que este trauma e essa "memória fetal", de um pós-nascimento, que estavam sendo atualizadas no subconsciente nas práticas da Iniciação, nos Mistérios e nos chamados fenômenos de desdobramento astral.

Mas as coisas para um Iniciado da minha Ordem, do Hitlerismo Esotérico e um seguidor de Wotan-Lúcifer, são iluminadas com outra luz. A Luz do Sol dos Ários, do Sol Negro da Meia-Noite Polar. E aqui não há confusões. Porque se é certo que meus fenômenos foram repetição na Memória do Sangue do Primeiro Nascimento, também é certo que este mesmo nascimento *nada mais é que a repetição de outro anterior*,

cumprido no chakra Muladhara. Assim como este foi de outros e outros mais. Nascimentos que são mortes e vice-versa. O nascimento no chakra Muladhara será a partição do óvulo da mãe terrestre, e este evento é a mera repetição da partição do Ovo Órfico de ELELA e ELAELE, de *Erika Payos*, do Eros extra-cosmogónico. Imagem reproduzida em um jogo de espelhos infinitos, no plágio do Demiurgo, para baixo e para cima. A morte para o ário, para o *Vîra* é renascer em uma nova vida, com o Corpo de *Vraja* imortal. Se trata de passar para mais além do Arquétipo, de escapar pela Porta de Vênus das garras do Demiurgo, que aprisionou os guerreiros ários, os exiliados, com o Eterno Retorno do Mesmo, com o pesadelo da sua Ilusão-Maya.

Para isto somente nos resta a Espada chamada Memória do Sangue, com a qual devemos golpear não mais do que duas vezes, nos certificando de que ela jamais se rompa.

A Casa da Família

A repetição arquetípica, a possessão por um Mito, os fenômenos sincronísticos em nossa vida, o fato de que Parzival possa chegar até nós, nos obriga a lutar dentro de um Símbolo para alcançar a transmutação.

Ao nos esforçarmos na recordação, tentando penetrar a Memória do Sangue, poderíamos chegar muito mais longe, no caminho retrogrado da Swastika Levógira, mas atrás do nascimento terrestre – o do chakra Muladhara.

"Parzival" nos ensina que há toda uma Família do Gral, uma Casa de Família, a dos Exilados, dos Anjos Rebeldes, dos Anjos Leais, que é a Família que permaneceu custodiando o Gral, junto ao seu Grande Chefe. São todos parentes. Quiçá sim, no final das contas, como temos dito, não sejam mais do que apenas um que se dividiu, partido, ao entrar neste outro Universo por uma "porta análoga". Em todo caso, é um Grande Antepassado e um Ser de Luz, de Outra Luz, de Outro Sol, que nada tem a ver com o Demiurgo Jeová, com o Senhor das Trevas. Assim como nada em comum os aryos têm com esse desdobramento psíquico de Jeová que são os judeus. Mas nosso Grande Antepassado tem junto a si também uma Grande Antepassada. Porque Lúcifer tem Lillith, Wotan tem Frigga, Shiva tem Parvati, e ELELA tem ELAELE.

No Combate que representa nosso avanço pelo Caminho de Iring, o da Memória do Sangue, devemos resistir aos ataques astutos e arteiros do Inimigo, que às vezes aparecem como fenômenos "sincronísticos". Por exemplo, enquanto estive escrevendo esta obra tive que suportar as provas que a mim eram apresentadas como ajuda, devendo transformar este "sincronismo" em "fenômeno solidário". E ao conseguir isto, descubro que "o que não me mata me torna mais forte", como dizia Nietzsche. Ou seja, a ajuda será de verdade apenas quando formos capazes de integrá-la nesta Memória do Sangue, que procede dos caminhantes-guerreiros de nossa própria Casa de Família, da Família do Gral, do Hitlerismo Esotérico. Porque a Voz do Sangue aqui jamais se equivocará.

Em "ELELLA, Libro del Amor Mágico", tratei do tema da Casa de Família e do Grande Antepassado.

Quando eu praticava com o Signo da Recordação da minha Ordem, fui mais além do meu próprio nascimento, indo me encontrar com um longínquo tatara-tataravô. E

aconteceu um fenômeno misterioso, sincronístico-solidário. Porque este antepassado, dos fins do século XVIII, se chamava Paramá, com o mesmo nome de uma palavra que na Ordem usamos para nos comunicar com as luas de Júpiter. Don José Paramá era natural de Salamanca, em cuja universidade dizem que o Diabo foi ensinado (leia-se, com maior propriedade, Lúcifer) e chegou à Valparaiso naquele século, para desposar Elena Viñas Cortés, partindo logo em seguida em seu veleiro, para não voltar nunca mais. Deixou para sua esposa muito ouro e um grande rolo de pergaminhos. Como Herzeloyde, Elena seria uma viúva a espera de dar à luz a uma filha. Que aconteceu com Paramá? Para onde se foi? Voltou para Júpiter? Entrou na Cidade dos Césares, dos Deuses Brancos? O mar o tragou, como tragou Pedro Sarmiento de Gamboa? Ou era, por algum acaso, um *templei*, um Senhor do Gral, que somente veio até terras longínquas para depositar sua semente de outros astros? Sua semente do Gral? Porque estes rolos de pergaminhos diziam que era o Senhor de uma Ordem das Capas Negras, Branca e Vermelha. Todo o processo alquímico da Arte Real da Transmutação, assim resumido. A Capa é o Manto de Repanse de Schoye, é a Tarnkappe de Siegfried e a Túnica de Neso. É o Corpo Astral, a imortalização e materialização do Corpo Astral.

A filha de José Paramá e de Elena Viñas Cortés se chamou Josefa Paramá, em recordação ao pai desaparecido, demonstrando-se assim o quanto a sua esposa havia lhe amado e sentia sua falta. E esta filha, um dia, talvez uma tarde, neste remoto porto de Valparaiso, há mais de cem anos, se pôs a bordar uma pequena faixa para o umbigo (chakra Manipura) do seu tataraneto. Não o fez para o seu filho, nem sequer para o seu neto ou bisneto, senão que para mim, seu tataraneto.

Contei esta delicada e sugestiva estória em "Ni por Mar ni por Tierra". Quando meu filho nasceu, minha avó paterna me entregou esta prenda, encontrada por um acaso no fundo de um velho baú, perfumado de maças. Estava envolto em um papel de seda de muitos anos, que tinha escrita pelas mãos de uma tia-avó as seguintes palavras: "Esta prenda venerável foi bordada por nossa avó paterna e está destinada ao umbigo do meu tataraneto". Eu ainda a conservo ainda, igual, dentro do seu envoltório, como algo sagrado, como uma mensagem e um sinal da Família do Gral. Se esta faixa [para o umbigo] houvesse sido achada quando eu nasci, certamente teria sido usada, então gastada e perdida. Tal como ela havia sido entregue a mim, em plena guerra mundial, pôde chegar até a minha consciência e até mais além, à Memória do Sangue, do ***meu*** Sangue, da Família do Gral. Porque é possível que Paramá, iniciado nesta Ordem Alquímica, conhecera nela e em Salamanca, que era em Huitramannaland, a Terra dos Deuses Brancos, onde se guardava agora o Gral. E decidiu por aqui a sua semente para que a Nota seguisse ressoando e através da sua filha (porque são as mulheres, as Sacerdotisas do Gral, que custodiam e transmitem o Grande Segredo quando todo o resto sucumbiu e a terra se tornou *gaste*) me foi transmitida a mensagem e a designação.

A Nota segue vibrando, fazendo com que eu escute esta Melodia de A-Mor. Porque é em mim onde [ela] veio a dar os seus frutos de todo um esforço empregado por séculos, transmitido pacientemente nos cromossomos, aparentemente perdido por Idades, e novamente encontrado. Que enorme responsabilidade! Que duro combate! Ressuscitar a todos os mortos que não morreram, dar fim à Grande Obra, vindicar Lúcifer, dar à Luz ao Filho do Homem, ao Filho da Morte. Ah, se a Memória do Sangue houvesse atuado desde o começo, se o trabalho da transmutação não fosse tão árduo! Mas assim é o Destino, também bordado pelas Nornas...

Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

O Combate com o Duplo

A diferença que existe entre a Weltanschauung cátara e a da Ordem Guerreira do Gral é exposta pelo próprio anacoreta Trevrizent, ao se despedir do seu sobrinho Parzival. Ele lhe diz: “A grande maravilha nunca aconteceu até que tu, Parzival, com o teu desafio e furor, ganhaste para ti a concessão de Deus, obrigando-o, e a onipotente Trindade concedeu-lhe o teu desejo, dobrando-se perante a tua vontade .... *Eu mesmo estive como que um obstáculo, distraindo-te do combate pelo Gral*. (Quando lhe falou sobre humildade e arrependimento). Agora me inclino e te obedeço, meu sobrinho e Senhor...”.

E agrega:

“Nunca a Divindade cessou de combater contra o Inimigo”.

Parzival já pode partir para se encontrar com o *Estrangeiro Íntimo*.

Lhe enfrenta em uma clareira entre grandes árvores, disposto a iniciar o combate. É quase um gigante de duas cores, negro de um lado e branco do outro. Seu rosto descoberto parece um pergaminho escrito em estranhos caracteres. Sua armadura supera toda possibilidade de descrição, feita de pedras preciosas nunca vista nesta região do mundo. Foi confeccionada por sua amada rainha Secundille de Thabronit. Na cimeira de seu capacete está incrustrada uma pedra que no Oriente é chamada de *anthrax*, conhecida no Ocidente como carbúnculo. Seu escudo era feito de asbestos, material que resiste ao fogo. E nele estavam incrustradas esmeraldas e rubis. A Rainha Secundille havia lhe dado como emblema uma coisa chamada *Ecidemon*. O Carbúnculo vinha de Vênus, a Estrela Dupla, que pela Manhã é Wotan-Lúcifer e à tarde Freya-Lillith.

Parzival permanece ali, imóvel, como que paralisado perante esta figura imponente, na qual acredita reconhecer um “estrangeiro íntimo”. Como se “cada um destes homens carregasse o coração do outro dentro dele”. Pressentia uma *intimidade estrangeira*...

Aquele estranho vindo do Oriente, era um pagão, com um coração sempre aberto ao A-Mor e, por conseguinte, disposto ao combate. Também buscava o Gral. E sua Rainha Secundille era o seu Escudo de Amor; porque ela combatia nele. E venceria Parzival em combate, a não ser que este também fizesse com que a sua amada esposa, Condwiramurs, combatesse por ele. E Wolfram von Eschenbach, narrador desta estória, exclama: “Oh, potente Gral e radiante Condwiramurs, o herói que os serve está aqui perante o maior perigo que jamais conhecera! Ao menos que torne o seu pensamento ao Amor, inevitavelmente morrerá nas mãos do seu oponente”.

O combate é soberbo, entre dois titãs. Os golpes se sucedem e as armaduras ainda resistem, as espadas se chocam, caem sobre os capacetes e os escudos. O grito de combate do pagão é “Thabronit”, cidade existente aos pés do Monte Elbruz, no Cáucaso, cidade dos Ases. Parzival, pela primeira vez, está a ponto de perder. Os golpes lhe fazem inclinar-se. E Wolfram von Eschenbach exclama: “Por que eres tão lento, Parzival, em concentrar o pensamento na casta e adorável mulher, tua Esposa? É porque não queres seguir vivendo?...”.

Neste supremo instante, Parzival pensa em sua Amada e nos dois filhos gêmeos que foram concebidos castamente, Kardeiz e Loherangrin. “Castamente concebidos”, disse Wolfram. Sem perder a virgindade.

E Parzival lança o seu grito de guerra: “Belrepaire!”, a terra e o castelo de sua Esposa – Bela Reparação! Dá um golpe tremendo com sua espada, partindo-a pela metade.

Este combate de gigantes está sendo observado da Coluna de Schastel Marveile; ou seja, em Hiperbórea, pelos Siddhas e pelas sacerdotisas do A-Mor, que o transmitem à Corte do Rei Artur.

Agora, o guerreiro pagão se detém por um momento, ao ver que Parzival quebrou sua Espada. Levanta a cimeira e se aproxima do seu oponente. Lhe dá o seu nome. É um Angevino! Ambos são Angevinos! E assim descobrem que são os filhos de Gamuret, que havia dedicado à sua vida ao serviço da Cavalaria sacra do A-Mor. O irmão oriental não sabia que seu pai havia morrido e ia em busca dele pelas terras do Ocidente. Exclama> “Meu irmão, tu e eu somos uma pessoa, como o é um homem reto e sua esposa!...”. E ao saber sobre a morte do pai: “Oh, dor, pela aflição do que não tem retorno! Meu pai Gamuret, tu e eu somos um, ainda que possamos ser vistos como três distintas entidades ... Deste modo, *tu estiveste lutando contra ti mesmo. E eu cavalguei para combater comigo mesmo e, com alegria, teria me concedido a morte. Lutando tão ferozmente comigo, tu defendeste a minha própria vida .... Júpiter realizou esta maravilha, seu poder nos socorreu, interpondo-se entre nós e a morte*...”.

Depois de ler estas linhas, que ninguém pense que Wolfram von Eschenbach não sabia o que estava escrevendo. Revelou o segredo da alquimia tântrica do A-Mor e da Trilogia Alquimica, Gamuret, Parzival e Feirefiz, nome do Irmão do Oriente, dos Ases do Cáucaso.

Ao golpe da Espada de Parzival, quando a quebrara, o *Ecidemon* caiu do Capacete do Guerreiro. E a joia misteriosa permanecerá sobre a Terra. Como o Gral ao cair da Coroa de Lúcifer.

Há aqui um simbolismo muito amplo, correspondente ao Kristianismo de Externsteine, de Wotan. O reencontro dos Dois Irmãos, o Combate Cósmico, a Pedra do Gral, a Espada Quebrada, as palavras de Feirefiz sobre a Trilogia do A-Mor tântrico. O Cáucaso, Thabronit (Thule) e o regresso dos Dois Irmãos à Mesa do Rei Artur, que é o Círculo Polar de Hiperbórea. Na verdade, o Circuito da Swastika Levógira, percorrido pelos Herois Guerreiros da Ordem do Escudo, do Gral, a Ordem Guerreira de Wotan-Lúcifer. E Feirefiz se veste com o manto luminoso das estrelas e porta a Coroa de Lúcifer.

Parzival riu e chorou em segredo, e disse ao seu irmão:

“*Na Corte de Artur* (Arkthos, Polo Artiko) *encontraremos nossa verdadeira raça, gente de cujo sangue nascemos*...”.

(“Nos olhemos frente a frente, nós somos hiperbóreos!).

A Trilogia mencionada por Feirefiz, do Pai Gamuret, de Parzival-Kristos – da Atlântida, da Hiperbórea nórdica – e de Feirefiz-Lúcifer, é a que também Wagner havia descoberto, concentrando-se na maior parte em Parsifal (Parsi-fal), o Kristos nórdico. E o combate vem a ser a guerra suicida entre Ases e Vanes, entre Koravas e Pandavas, entre os irmãos ários que perderam a Memória do Sangue; mas que ao final a recuperam.

Também é a luta esotérica do Iniciado com o seu Duplo astral, com o seu “anjo”, para lhe conceder a morte, para lhe dar a vida, neste combate de vida ou morte da transmutação. E ambos, ao triunfarem, ao se reconhecerem, não somente serão já Senhores das Duas Espadas, senão que também dos Dois Corpos – e mais do que dois, porque ali estavam presentes também as suas Duas Esposas, suas Duas *A-Madas*, que

lutaram com eles, por eles. Sendo assim, a Trilogia é Pentalogia. Todos eles são um em Cinco, o número hiperbóreo, que então, como Gral, será HAGAL, Seis, a Estrela da Manhã e da Tarde, também recuperada.

Esse livro em pergaminho, que é o Rosto de Feirefiz, bem pode ser o Livro onde o próprio Wolfram – Kyot – leu a estória mágica do Gral. No Rosto de Apolo-Wotan-Lúcifer.

Lohengrin

Kristos e Lúcifer são um só. A Luz mais Bela, Lucibel. Wotan-Baldur-Apolo. A Estrela Dupla de Oiyehue. Os Dois Irmãos, as Duas Irmãs. ELELA, ELAELE.

O Combate com o Duplo é a realização final do opus. Feirefiz era de cor negra e branca. Parzival estava coberto por uma armadura vermelha. É o Cavaleiro de Vermelho. Nigredo, Albedo, Rubedo. Nascerá *Rebis*, o Umúnculo: Lohengrin, o Filho do Homem, ELELA.

Agora os Irmãos regressam à Corte do Rei Artur, à Mesa Redonda e Polar, onde Feirefiz é aceito. Ali ambos fazem uma recontagem perante este *Roi fainéant*[43], que jamais combate por si mesmo, imóvel em meio ao movimento, como o Polo. Lhe narram as suas guerras, suas peregrinações. Falam de astros e planetas, como se o perambular houvesse sido feito nas estrelas. Feirefiz diz: "O som da voz da amada é a maior ajuda que pode vir a resgatar o amigo". "Cada vez que estive em perigo, logo que o meu pensamento se concentrou n'Ela, seu Amor veio em minha ajuda, dando-me mais proteção e força que o meu Deus Júpiter".

Parzival recorda suas caminhadas pelos vales e montanhas, em busca do Gral, desde que o perdera. Feirefiz diz: "Se teu nome é Artur, tu és celebrado muito longe e em grande amplitude". E Artur responde: "Lhe confesso, nunca vi uma mais maravilhosa invenção do que o tema do Amor...".

Esta é uma Canção nostálgica, entoada a três vozes, por esta Trilogia Polar, na Mesa Redonda do Rei *Arthor*: AR = ᛆ; THOR = ᚦ.

Cundrie, a maga, a Norna, também vem e declara agora que Parzival já pode ir encontrar o Gral. Parzival, belo como um astro, reclina o seu rosto sobre os seus braços e soluça. Depois de tanto perambular, o exilado, o Vîra, o Vigilante da Aurora ("a doce e luminosa alba apareceu", disse Parzival), o Peregrino da Grande Ânsia, poderá retornar à sua Pátria Nupcial, à Estrela da Manhã.

Permitem que Parzival leve um camarada ao Castelo do Gral, à Munsalvaesche. Escolhe o seu irmão Feirefiz. Entrará assim no Castelo com seu Duplo, com seus Dois Corpos ressuscitados, em Vraja imortal.

Tudo isto foi cumprido no Yuga dos Heróis.

Parzival e Feirefiz partem no melhor momento astrológico para eles. Por outro lado, em Munsalvaesche, Anfortas sofre o indizível, porque Saturno sobe e os gritos do rei inquietam as damas e os cavaleiros que lhe servem. Anfortas teria morrido se não fosse por seus leais servos não terem lhe abandonado e, de tempos em tempos, o levam

[43] N. do T.: "Rei faz-nada".

para junto ao Gral. Anfortas mantinha os olhos fechados por quatro dias e somente os abria no quinto, quando se encontrava na presença do Gral.

Todos recebem Parzival com lágrimas nos olhos, mas felizes, todavia, porque agora sabem que os tormentos terminarão.

Anfortas pede a Parzival que lhe mantenha fora da vista do Gral por sete noite e oito dias, e assim poderá morrer, terminando com os seus sofrimentos. Parzival também derrama lágrimas e lhe diz:

"Diga-me, onde está o Gral?...".

Então se inclina três vezes, em direção à sua própria Trindade Ancestral. E alçando-se em toda a sua altura, faz a Pergunta:

"Querido tio, qual é o teu mal?...".

E Wolfram von Eschenbach disse: "O lustre que os franceses chamam Flor entrou na pele de Anfortas, de modo que a beleza de Parzival e a do seu pai Gamuret nada foi comparada com a beleza daquele, ao recuperar a saúde. O poder divino aplicado à arte da beleza é assim novamente indestrutível e foi reparado".

Belrepaire!

Bom, quase tudo terminou. Anfortas recupera a saúde e se distancia (se *retira*) para sempre. Certamente, vai para a Hiperbórea Celeste, à *Hiberbortikon*, de regresso por Vênus, saindo pela Porta de Vênus, em direção ao Raio Verde. A *Terre Gaste* volta a ser fértil, termina o Kali-Yuga. E Parzival será o Senhor do Gral, porque assim estava escrito na própria milagrosa Pedra.

Somente nos resta uma sensação estranha de muita insatisfação. Porque depois de todos tanto penarem e sofrerem, e não somente Anfortas, a Pergunta que Parzival foi não nos parece tão pueril e insignificante, como se Wolfram von Eschenbach houvesse desejado ocultar de nós algo importante ao final da sua obra. Todavia, é nesta mesma aparência de insignificância da Pergunta onde será encontrada a sua profundidade: "Tio, qual é o teu mal?...".

É um mal de família, um mal que aflige toda a Família do Gral, começando por Titurel, o Antepassado. E, mais longe ainda, ao próprio Lúcifer, o Derrotado, aos Vanes, aos Ases.

É o mal do "desliz" através da Janela, de uma "bi-locação espaço-temporal", em direção a este plano da manifestação, **onde regem os Arquétipos e o Demiurgo Jeová**, construtor de Golems. O mal consiste em um "clic" mental que tornou possível o aprisionamento e a mescla dos divinos hiperbóreos. A derrota em um combate cósmico, a perda de uma grande batalha, em uma Guerra que ainda não terminou.

O ferimento de Anfortas está nos órgãos sexuais, porque seu "amor desordenado" fez com que não fosse merecedor da glória da *Minne* do Gral, involucionando a mesma em *Liebe*. Anfortas fez de seu emblema e grito de combate a palavra amor, que é Liebe. **Somente o A-Mor é Minne**.

Vimos que os reis e senhores do Gral somente estavam lhe permitindo procriar castamente e nas "terras estrangeiras". Melhor dizendo: na Terra Estrangeira. Também as mulheres hiperbóreas do Gral. O que isto significa veremos melhor nos capítulos que seguirão, mesmo que já tenhamos dito o bastante sobre o Filho do Homem, o Filho da Morte Alquímica.

Os cátaros exageraram, ou se desviaram da missão guerreira e do combate sincronístico no qual os heróis do Gral estão empenhados. Mas eu senti a Minne cátara e o seu "orgasmo extático", por assim dizer. Já descrevi isto. No amor físico, sempre

existe o perigo da mescla de raças e dos sangues, do “pecado racial”, de Liebe por uma filha da terra e do animal-homem. Da mestiçagem, do mulatismo, do bastardismo.

Porém, se pensarmos bem, é curioso, veremos que no corpo físico do ser humano não existem órgãos próprios e separados para o amor. Uma economia da natureza corrompida pelo Demiurgo levou a fazer com que o sexo assim como a boca cumpram outras funções de importância nesta máquina corporal. Seu uso no amor é bem mais circunstancial. Sobretudo, o do sexo, instrumento de desague dos resíduos corporais. Por isto, a Minne na verdade é cumprida na distância mais do que no contato, no corpo astral. *Noli me tangere*!

Sendo assim, a Pergunta não é superficial. Pelo contrário, vai direto à essência, ao fundo. O mal da Família Hiperbórea é um mal racial, um pecado racial; a mescla, a mestiçagem dos divinos *Vîras* que somente pela Alquimia Graálica, de *A-Mor*, poderão limpar o seu sangue e voltar a ser ários hiperbóreos. Os Nascidos Duas Vezes, com Dois Corpos. Parzival e Feirefiz.

Em um segundo, em um instante, tudo mudou. Com um novo “clic” mental, por assim dizer. A terra devastada é novamente fértil e espiritual. Anfortas recuperou a exuberância, a beleza polar, a saúde, e parte em direção à sua Pátria Nupcial. Parzival passa a ser o Rei do Gral.

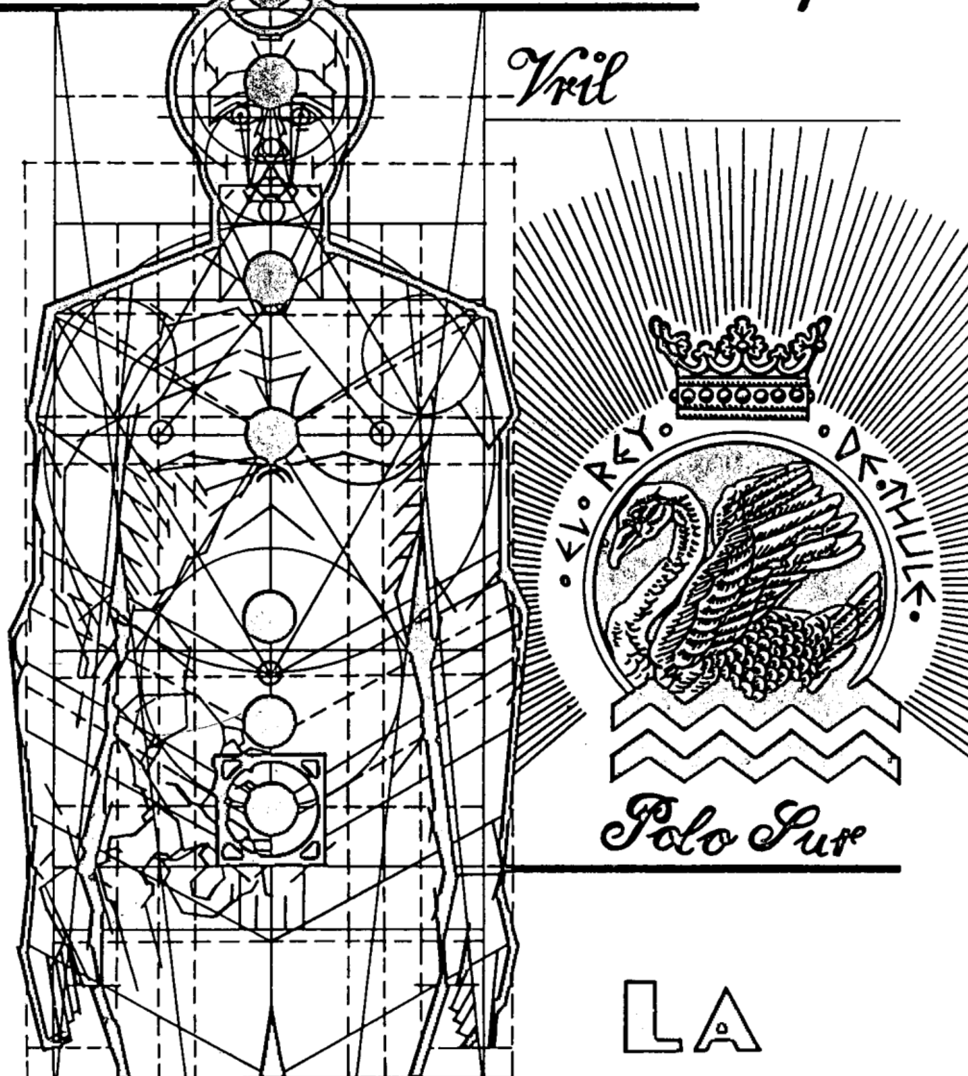
A Procissão do Gral se repete, com maior brilho ainda, e com a alegria da Minne em todos os corações. Repanse de Schoye, a Princesa guardadora e portadora do Gral, vem. E Feirefiz se apaixona perdidamente por ela. É batizado por Parzival (com o renascimento no chakra Swadisthana, da Água), para que possa perceber o Gral. Na verdade, ungido na ordem da Dupla Estrela, para que possa ver acolá e aqui. Já é um *aryo*, um renascido.

Neste momento morre a Rainha Secundille no Oriente (porque é “secundária” perante Repanse). Também morre Sigune e é enterrada junto ao cadáver do seu amado. Feirefriz se casa com a Princesa do Gral e parte com ela para a Índia, onde serão Rei e Rainha (Shiva e Parvati) e terão como filho Preste João, que representa uma Ordem Sacerdotal, como a de Melkisedec e a da casta bramânica. Rei Sacerdote. Por causa dele todos os reis desta Índia mítica se chamarão João. “Porque isto que chamamos Índia, na verdade é Thribalicot”, disse Wolfram. Ou seja, Thule.

Parzival faz com que sua esposa, agora Rainha do Gral, venha. Ela trará consigo seus filhos gêmeos. Os Gêmeos da Atlântida: Kardeiz e Loherangrin. Parzival e Condwiramurs ficaram separados por cinco anos.

Todo este final da história já é cumprido em um plano puramente espiritual. Se Feirefiz é um ser astral, se casou com uma Valquíria no Valhala e seu filho, Rei de uma Índia mítica, é também o Filho do Homem.

Sobre a Pedra do Gral aparece uma inscrição que ordena a qualquer templário (aqui templário tem a ver unicamente com o Templo do Gral) a quem Deus lhe destinar a ser Senhor de seus gentis em terras longínquas, que proíbam seus súditos de lhes perguntar quanto ao seu nome e sua linhagem. E se esta pergunta lhes for feita, apesar de tudo, eles deverão partir; porque ninguém pode pensar em ter-lhes ali por mais tempo depois de tal coisa. Tantos anos permaneceu Anfortas em agonia e a Pergunta foi tão demorada que os membros da Ordem e da Linhagem são agora para sempre adversos a que lhes façam perguntas e não desejam serem interrogados sobre si mesmos.



Por isso Quetzalcóatl partiu de Tenochtitlán e os Inkas proibiram a escrita. Não queriam que a sua queda e a sua mescla viessem ao conhecimento. Até mais, não desejavam que fosse descoberta a sua origem divina, de outro mundo distinto. Este mesmo segredo deve ser guardado agora sobre os hitleristas esotéricos e os SS que com o Führer conseguiram partir para *Huitramannaland*, a Cidade dos Césares, os Oásis antárticos e que, às vezes, residem entre nós.

Lohengrin é enviado em uma barca puxada por um Cisne para se casar com a Duquesa de Brabante, virgem dedicada a Deus. Lohengrin lhe diz: "Se hei de ser Senhor

desta terra e desposar-te, jamais pergunte quem sou. Se o fizeres, perderás o meu amor. Deixei muito atrás de mim!...". Ela fez a promessa. Mas, não a cumpriu. E Lohengrin partiu em seu pequeno barco puxado pelo Cisne, deixando como recordação uma Espada, um Corno e um Anel. Por locais remotos, por caminhos estreitos de água, Lohengrin segue junto com seu Cisne, em busca do lugar inacessível e inviolado onde se encontram os que custodiam o Gral. Esse Paraíso Terrestre inexpugnável! Navega em Waffeln, ou no Caleuche, em direção à Cidade dos Césares, à Paititi, à dos Deuses Brancos.

Lohengrin, o Cisne, já é um *Avatar* semelhante à Kalki, o Cavalo Branco, podendo significar um final dos tempos e um retorno à Pátria do Gral, mais além das estrelas, à Primeira Hiperbórea. E seu périplo se assemelha ao de Hitler em direção aos gelos do Polo Sul, em submarinos ou *Vimanas*, indo por estreitos caminhos de águas subterrâneas, pelos canais do mais remoto Sul.

Também Wolfram von Eschenbach menciona a Antártica em seu "Parzival". Um dos seus heróis diz: "Meu amor é constante e não muda de lugar. Como o Polo Antártico (*polus artanticus*, assim ele o escreve) se mantém direcionado à Estrela do Norte (o Sul que foi o Norte) e nenhum muda de posição, assim também o nosso amor deve permanecer leal e imutável".

E o que aconteceu com Parzival? Alguns dizem que partiu para deixar o seu lugar para Lohengrin, como Rei do Gral, ainda que em outros universos, na Hiberbortikon extra-estelar. Como Trevrizent, terminará a sua vida no asceticismo. Nada é certo a respeito disso. O silêncio é o sinal da eternidade, da imortalidade graálica. Mas, em "Perceval Li Gallois" afirmam que Parzival parte em um barco, com velas brancas e a cruz vermelha templária, em direção a um país desconhecido, do qual não voltará mais. Levaria o Gral. Esse país seria Huitramannaland, a [terra] dos refúgios secretos dos Deuses Brancos.

Mas, é possível portar o Gral? O que é o Gral? Wolfram nunca o descreveu com precisão. Se é a Runa Hagal, então Parzival já é o Gral, O Homem-Total.

A Doutrina de A-Mor dos Trovadores

Wolfram von Eschenbach declara ser um Minnesänger, definindo-se como tal, um cantor da Minne, isto é, do A-Mor. Para entender o que isto significa devemos tratar de penetrar o segredo da Doutrina de Amor dos Trovadores e assim poder descobrir melhor a alquimia tântrica desta obra soberba, "Parzival". Não é uma tarefa fácil; mas, ao empreendê-la, uma luz será lançada sobre alguns mistérios esquecidos e também será possível compreender melhor a minha própria obra, que é a de um Minnesänger, neste ponto mais baixo do Kali-Yuga.

Para penetrar estes territórios não explorados há séculos, ainda que eu não o queira, deverei me referir à minha própria criação como o meio mais expedito de poder explicar alguns assuntos difíceis e obscuros. Este é um universo de matéria espiritual luminosa, palpitante e também de abismos sombrios. Caminhamos pelo fio da navalha, por uma lâmina de dois gumes. O da Espada de Parzival.

Como em outras oportunidades, também aqui vem em nossa ajuda o professor C.G. Jung, com sua Psicologia das Profundidades. Foi o único que tratou do tema, mesmo

que o tenha "psicologizado" e deformado – mais em termos de aparências do que no fundo. Foi ele quem declarou que "uma religião pessoal e aristocrática havia sido destruída no século XIII", democratizando-se, tornando-se gregária, com a apropriação dos seus símbolos por parte do catolicismo militante.

Minha estória começa na Índia, com "As Visitas da Rainha de Sabá". Ainda que eu tenha recebido a primeira visita desta Rainha no Chile, anos antes. Em todo caso, a quando a Rainha vem, sempre nos traz presentes próprios de seus antepassados. É um costume milenar. O valioso presente que ela me trouxe foi a amizade com o professor Jung, da qual obtive tanto proveito.

Escrevi "Las Visitas de la Reina de Saba" há muitos anos, na Velha Deli, sob uma compulsão irresistível. E foi esta Rainha a que me tirou da Índia e me levou de volta às origens hiperbóreas.

Quem foi a Rainha de Sabá e por que pensei nela como encarnação numinosa dessa energia feminina que me estremecera? Rainha do Meio-Dia foi chamada; também Makeda, Bilqîs, ou Balkis na Etiópia e na Arábia, 950 a.C.

No quaternário, Ásia e África se separam e aparece o Mar Vermelho. A região chamada Sabá fica na Arábia. Esta terra de negros é conquistada pela gente branca, vinda do Nordeste, da onde procede a Rainha de Sabá, belíssima filha de Abu Fatuh, governador de uma colônia africana de Sabá. Se vale da sua filha para conquistar a Etiópia, o País de Arue. Eles a chamam Rainha de Sabá, que significa "A Rainha que vem do Sul".

Há trinta ou quarenta milhões de anos, no período terciário, os grandes macacos pongídeos, ou símios, se separam dos humanoides na Etiópia e no que depois será Sabá. Esta época se situa no Oligoceno. É a época da civilização das "pedras pintadas" de Ica, na América do Sul, se viéssemos a acreditar nas interpretações feitas sobre elas. Na Índia são os sivapitecos, brahmapitecos e ramapitecos, espécies que datam de quatorze milhões de anos. Os keniapitecos são de quinze milhões de anos; os australopitecos são de cinco milhões de anos. Que estranho que tenham recorrido a nomes dos deuses e heróis da Índia (Siva, Brahma, Rama) para classificar estes símios humanoides, criações do Demiurgo! Como se quisessem recordar a queda dos divinos em uma mescla aberrante com produtos robóticos, em um astro involucionado e sob a tirania de um Demônio.

Que a Rainha de Sabá é ária hiperbórea é comprovado pelas escrituras da sua época, os monólitos e pirâmides de Aksum, que foi a capital de Sabá em uma época. É uma escritura rúnica, ária, da esquerda para a direita, enquanto que a semita é da direita para a esquerda. Assim como na Alemanha, em Sabá a Lua é masculina e o sol feminino. Adoram a Athar, a Estrela da Manhã. A pintam no centro da lua. É também a pedra Hagar.

Mais uma prova da antiguidade das Runas são as inscrições encontradas em Sabá, 1.000 anos a.C., e até mais. Encontraram uma cabeça de alabastro de tipo ária, com inscrições rúnicas. A Etiópia passa a ser parte do Reino de Sabá, uma vez conquistada. E ali está Ofir e o ouro, o incenso (*encensum*, de queimar) e os perfumes que esta Rainha belíssima havia inventado e levado à Salomão. Também o Unicórnio e a Ave Fénix. Uma inscrição diz: "Salva-me das faces do Leão! Saca-me do corno do Unicórnio!...".

No ano 950 a.C., a Rainha de Sabá decide visitar o Rei Salomão, filho de Davi e Betsabá, uma amorita cujo nome se parece com o de Bertha. Salomão se casa com a

filha de um faraó egípcio; mas tinha setecentas esposas de categoria principesca e trezentas concubinas.

A Rainha de Sabá era virgem e passou todo um ano em Jerusalém. Salomão submete à prova de caminhar sobre um piso de espelhos para ver se tinha pés de cabra, como um ser de outro mundo. Não os tinha, mas sim seu sexo era sem pelos e coberto por uma anágua da cor rosada de sua própria pele, signo típico e distinto das sacerdotisas virgens hiperbóreas, da "nascida quinta".

Somente na última noite, antes de partir, a Rainha se entrega à Salomão, que já a amava loucamente, havendo lhe idealizado em uma espécie de ritual tântrico, ou nas provas de A-Mor da Minne. Ela se decide soba influência de uma promessa feita ao Rei e por haver bebido uma deliciosa garrafa de uma água cristalina, transparente como a noite do deserto.

Salomão lhe deu um anel para que ela o guardasse como uma prenda, caso tivesse um filho. Com esta joia, ele reconheceria seu filho se este viesse lhe visitar alguma vez.

A Rainha de Sabá teve este filho. Lhe chamaram Menelik, de Melik, sábio, no idioma sabáico. Ibn Hakim, em árabe, "filho do sábio". O Pássaro da Rainha de Sabá voltou até Salomão para lhe anunciar que Menelik havia nascido. Naqueles tempos se conhecia a "linguagem dos pássaros", que é a linguagem de Hiperbórea, dos seres vindos pelo ar, procedentes do ar. Esta linguagem era compreendida também pelos sufis persas e Farid Uddin Attar escreve "Mantic Uttait", "A Linguagem dos Pássaros". É a Cabala Órfica, a Sthula-Cabda, o som que no éter as Runas fazem ao serem pronunciadas pelos Divyas.

Menelik é o primeiro rei da Etiópia, depois da Rainha de Sabá. Dizem que da visita ao seu pai Salomão trouxe a Arca para a Etiópia, que seria o Gral dos ários que escaparam do Egito com o egípcio Moisés. Sem dúvida, Menelik trouxe o "Livro de Enoque", que hoje se encontra no British Museum.

Sobre tudo isto me falou, na Índia, o Negus da da Etiópia, um dia que Nehru me deixou sozinho com ele em seu jardim. Afirmava descender da Rainha de Sabá.

A estória está envolta nesta espessa nevoa da Grande Conspiração. Quem foi Salomão? Quem foi Moisés? Nos acostumaram a acreditar que eram judeus. Mas, o próprio Aarão repreende Moisés por haver se casado com uma mulher Cush, como chamavam a Etiópia na Bíblia. Os filhos de Cush são os de Cam, que da Caldeia vieram para a Árabia, estendendo-se até a Etiópia. Originalmente, vêm do Gobi e do Cáucaso, como havia me explicado o professor Wirth. Chegam com os Kassin ários até a Caldeia. A Bíblia nos refere a isto já adulterado pelos judeus, que transformaram este livro em sua história nacional. A cristianização da Etiópia e maometização da Árabia são coisas muito posteriores. A religião imposta pelos sabeus foi ali estelar, com uma Trílogia do Sol (*Sam*), Lua (*Wad*) e Vênus (*Athar*). O cristianismo é instaurado na Etiópia sob o reinado de Ezanas.

De Heber, um gigante, viriam os hebreus, nome do qual também se apropriaram os judeus, como já vimos.

O certo é que em tempos muito remotos, muito anteriores aos fixados por Jurgen Spanuth, os hiperbóreos desceram do Gobi e do Cáucaso, também da Índia, até as regiões baixas da África e da Península Arábica. Há uma lenda que nos diz que o Velocino de Ouro esteve no Cáucaso, na legendária Cólquida. E é ao Elbruz que Hitler direciona as suas legiões, na esperança de reconquistar Asgard, a pátria dos Ases. Talvez pensasse

que ali, neste monte, encontraria uma das entradas ou saídas, em direção à Hiperbórea transpolar, no circuito da Swastika Levógira.

A Rainha de Sabá se encontra também representada na Porta de Ouro do Batistério de Florência, havendo inspirado os artistas do Renascimento da Itália longobarda. Porque a lenda da rainha de Sabá corresponde à iniciação hermética dos trovadores da Minne nórdica mais do que a das Cortes de Amor do Languedoc meridional. É o esoterismo nórdico-polar hiperbóreo, então perdido e ao qual temos nos referido ao começar o conto de "Parzival", de Wolfram von Eschenbach. É o A-Mor entre um Rei e uma Rainha; a mesma estória de Parzival. Um hermetismo de Alquimia Tântrica de A-Mor. Temos dito, Sabá quer dizer 'Sul', "aquel que vem do Sul". A Rainha do meio-dia, que é a Meia-noite. A Rainha do Polo Sul, de Athar, a Estrela de Vênus, a que viaja para Salem, que é Paz e é Salomão. E que dá luz a um filho, que até no nome é rei. E que também é um pássaro, ou que conhece a linguagem dos pássaros, como seu pai e sua mãe. A linguagem da Áve Fénix, de *Hiberbortikon*.

Na Idade Média também pensaram que o Reino de Preste João se encontrava na Etiópia, além de na Índia.

"Somente os Poetas me Entenderão"

Depois de haver lido minha estória "Las Visitas de la Reina de Saba", em nossa entrevista em sua casa de Küsnacht, junto ao lago de Zürich, o professor Jung me disse: "Se alguma vez tu tiveres a sorte de te encontrares com essa Rainha, não cometa o erro de casar-se com ela. Essa Rainha é para o Amor, não é para o matrimônio...". E acrescentou, como que para si mesmo: "Somente os poetas me entenderão".

Relatei esta entrevista com Jung em meu livro "El Círculo Hermético" e continuei conversando com ele sobre o mesmo tema, em "NOS, Libro de la Resurrección".

Aquela vez, ele levantou do seu assento, detrás do qual havia pendurado na parede um grande tapete no qual estava representado Shiva sobre o Monte Kailas, e foi pegar um livro em sua biblioteca. O abriu e começou a me mostrar as suas ilustrações, desenhos, mandalas e símbolos. Haviam sido feitos por uma mulher já falecida, com a qual Jung havia tentado um processo de "individualização" – para utilizar a sua terminologia.

Ao partir naquela tarde e ir caminhando pela ribeira do lago de Zürich, tive a impressão de que Jung havia desejado me revelar um importante segredo da sua vida e do esoterismo da sua doutrina; porque ele havia captado o mistério de minha própria revelação em minha estória de "Las Visitas de la Reina de Saba". Por isto escreveu um prólogo para o meu livro, coisa que nunca havia feito antes para uma obra literária, em toda a sua longa vida. Ele sabia perfeitamente quem era essa Rainha, porque também havia lhe visitado.

Aquela vez ele me disse que a autora das belas mandalas e símbolos foi uma mulher de origem escandinava-norte-americana. Passados os anos, quando o meu livro "El Círculo Hermético" já havia sido traduzido e publicado em muitas línguas, recebi, na Suiça italiana, onde eu então vivia, uma carta de um jovem dinamarquês que havia lido o livro no qual me refiro à esta conversa com o professor Jung. Me contou que a avó de sua esposa havia colaborado com Jung. A família herdou dela pinturas e escritos. Me

enviou um trabalho desta dama: "O Amigo no Inconsciente". Me autorizou, ademais, a ver as suas pinturas e ler seus papeis nos Estados Unidos, onde estavam guardados. Eu nunca pude fazer esta viagem para entrar em contato com esta valiosa e íntima coleção, com este delicado segredo.

Deveremos avançar mais com o professor Jung, fazendo uso de sua terminologia e de sua Psicologia das Profundidades; mas indo em reverso, por assim dizer, retornando às fontes de onde ele havia tomado o seu sentido; o esoterismo hiperbóreo, o hermetismo dos Minnesänger. Nos autoriza a tentar tal feito o fato dele ter declarado que "somente os poetas lhe entenderiam", e porque assim lhe libertaremos de um grande peso: haver psicologizado, arriscando-se a destruir a tela espiritual e mágica da tradição do Cordão Dourado, pela necessidade de fazer concessões ao espírito do Kali-Yuga e ao judaísmo psicoanalitico desta Época Mais Escura. Sendo assim, Jung nos ajuda a projetar as mentes prejudicadas e adormecidas pelo cientificismo, podendo penetrar em direção à Memória do Sangue dos Vîras, que ainda não estão mortos, todavia, tampouco estão vivos.

Anima, Animus

A Rainha de Sabá não é para o matrimônio, porque ela é unicamente para o Amor Mágico. Não se casa com a Rainha de Sabá do lado de fora, mas sim do lado de dentro. Esta figura corresponde ao Arquétipo junguiano do *anima*. E se algum dia ela aparece do lado de fora, se aparece para nós na realidade exterior, a realização do seu amor deverá ser um processo mágico e sacramental, capaz de reinteriorizá-la, para acarretar o matrimônio com a própria alma – com o anima – devendo ela ser afastada do lado de fora, ou morrer do lado de fora, **na realidade ilusória de Maya**, no mundo do *Samsara*.

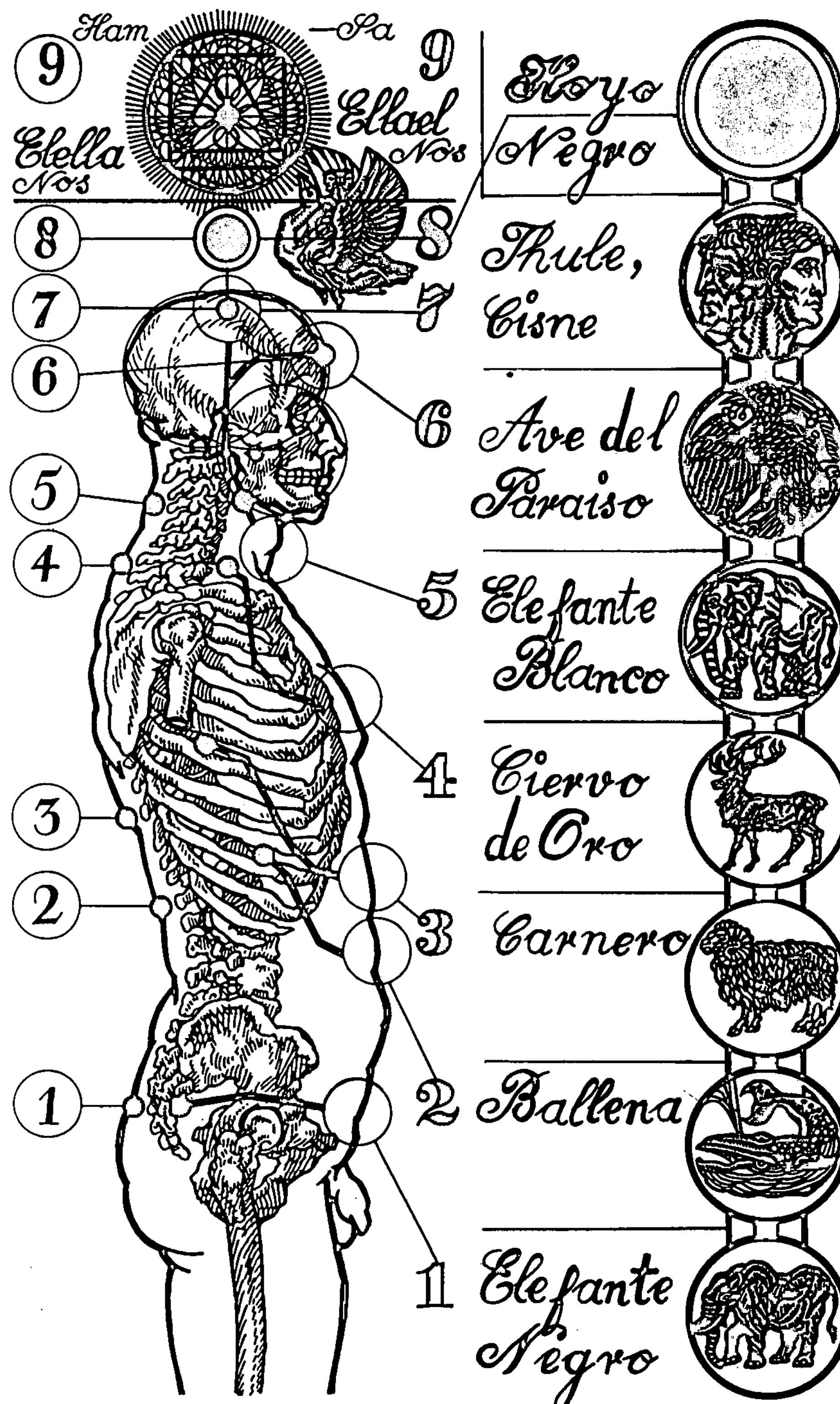
Este é o ponto chave de um mistério, já quase esquecido pelos séculos do Kali-Yuga e que temos descorberto através da estória de Parzival e o Gral. Este era o esoterismo dos Minnesänger, dos trovadores do Languedoc cátaro, de Dante e dos Fedele d'Amore da Itália longobarda. Um Mistério que Jung tratou de re-atualizar no processo de *Individualização*, integração ou totalização, conseguido por meio da técnia que ele aplicou em sua Psicologia das Profundidades, tal como ele me estivera assinalando nas mandalas e símbolos realizados conjuntamente com aquela *Domna* escandivano-americana. Este processo será cumprido tantricamente entre o "médico" e o seu "paciente"; isto é, entre o "iniciado" e a "iniciada", entre o *sadhaka* e a sua *yoguine*.

Toda a minha obra escrita se encontra centrada neste mesmo Mistério de Amor Mágico com a própria *anima*, nesta Iniciação de A-Mor, dos Minnesänger. E Jung soube disto, ele intuiu isto; e por esta razão escreveu o prólogo do meu livro.

A Rainha de Sabá é o Arquétipo do *anima*. Como tal, ela pode no visitar mais de uma vez durante a vida, "constelando-se", para usar a expressão junguiana, com a aparição da mulher real.

No final dos seus dias, o professor Jung alcunhou o termo "psicóide" para se referir aos seus Arquétipos, querendo deixar mais clara a sua inquietude profunda perante estas aparições, que não eram humanas, nem um mero produto do Inconsciente, ao que parece. Onde ele havia manifestado mais claramente esta dúvida

foi no prólogo do meu livro, “Las Visitas da Reina de Saba”. Disse: “Conhecidas figuras arquetípicas são claramente discerníveis; pelo menos *semelhantes aos produtos espontâneos do inconsciente* ao qual estou acostumado...”.



Os Chakras e os seus animais simbólicos. É o Caminho da “Individualização”, cuja via está assinalada nesta obra e em “Nos: Libro de la Resurreción”.

Em todo caso, o arquétipo do *anima* é feminino e, dentro do homem, equivale à sua alma. O arquétipo do *animus* é masculino; é a alma da mulher. Isto é extremanete coincidente com o que o esoterismo vem dizendo desde sempre, que o "Corpo do Desejo", ou o corpo sútil, etéreo, no homem é feminino e na mulher masculino. Para Jung, [é] uma espécie de acumulação do conhecimento anímico, mental e genético, memória do "inconsciente Coletivo" da Linhagem, da experiência ali acumulada em ambos os pares de opostos, em seu trato histórico e no histórico de um com o outro.

O homem *deseja* a mulher e a mulher *deseja* o homem.

Aqui vamos nos separar do professor Jung, para continuar pelo caminho já traçado neste livro, dentro do esoterismo do Cordão Dourado, mesmo que as consequências disto sejam vistas facilmente. Nossa concepção do Arquétipo talvez seja a mesma, ainda que não declarada abertamente por Jung, por razoes óbvias. A Rainha de Sabá é mais do que um Arquétipo, é a Ela de ELELA. E o Rei Salomão-Salém é o Ele de ELAELE, dentro do grandioso quadro da Poesia Órfica, Hiperbórea, traçado nesta obra e em "NOS, Libro de la Resurección", onde temos utilizado os nomes hiperbóreos de Arbaris – ou Avris – e de Allouine, para o 'Ele' e para a 'Ela'.

Sendo assim, mesmo que a Rainha de Sabá possa nos fazer mais de uma visita, existe apenas uma Rainha para um Rei.

Como toda autêntica Iniciação, a dos *Minnesänger* possui os seus Mistérios e os seus códigos. No caso dos trovadores do Languedoc, quando da destruição desta civilização em particular – o ápice cátaro da sua pirâmide, ou, se assim preferir, o Centro do seu Círculo – pelas mãos da Cruzada Albigense e papal do século XIII, os seus códigos são perdidos e o espírito da sua particular iniciação é adulterado, chegando a produzir a enganosa flor do amor, tal como exotericamente têm sido difundidos o romance, a novela e a arte pós-cátara ocidental.

Já é muito difícil poder decifrar os códigos. A grande poesia dos trovadores medievais do Languedoc e do norte da Itália, especialmente dos Minnesänger germanos, correspondia à uma Iniciação aristocrática que pode perfeitamente ser vinculada ao processo de "Individualização" da psicanálise junguiana e com o drama do confrontamento dos arquétipos do *anima* e do *animus*.

Dissemos várias vezes: nada sabemos sobre o que na realidade foram os cátaros, um secto que aparece na Occitania, junto aos Pirineus catalãos, em Carcasona e outras cidades do Sul. Montsegur foi a sua fortaleza-templo. Otto Rahn pensa que Montsegur foi Munsalvaesche, o Castelo e a Montanha do Gral. Também afirma que os cátaros foram druidas convertidos ao maniqueísmo. Dizem que praticavam a mágia, acreditavam na reencarnação, eram vegetarianos e tinham uma concepção dualista do mundo. Dos Evangelhos, somente aceitavam o de João. O demônio para eles era Jeová, demiurgo criador deste mundo. Tampouco isto é certeza, porque nada se sabe ao certo sobre os cátaros. Otto Rahn acredita que alguns trovadores foram comissionados por eles para difundir em código um certo tipo de Iniciação de Amor, desta "religião aristocrática e pessoal". A Roma papal declara os cátaros como sendo heréticos e acaba por exterminá-los. Queimam todos os seus textos.

O primeiro código que é preciso decifrar no Mistério iniciático dos trovadores é a palavra *amor*. Marca a sua oposição ao cristianismo romano, porque ela é Roma escrita ao contrário. Deste modo, partem indicando que o Amor do qual agora se trata e toda

a doutrina que será exposta é o oposto daquela que a Roma papal trata de impor no Kali-Yuga.

Brevemente, trataremos de explicar as diferentes etapas do Mistério de Amor dos trovadores medievais, que tem sido desenvolvida partindo da recordação no sangue visigodo, vinda do alto Norte dos gelos polares, de Hiperbórea, da Estrela da Manhã. Toda esta região do Languedoc foi ocupada durante séculos pelos visigodos. E o que aqui expressamos de um modo tão sútil e delicado, na Índia foi o Tantrismo da Mão Direita e da Mão Esquerda. O tema foi tratado em “El Cordón Dorado” e em “Nietzsche y la Danza de Shiva”.

Ao que parece, o catarismo, como o tantrismo da Índia, se inspira em Shakti, ou seja, no princípio feminino. Para os cátaros, o Espírito Santo é feminino, é o Paraklito – nos gnósticos é Sophia – e é simbolizado por uma pomba.

Como no tantra hindu, a iniciação dos trovadores é cumprida por etapas e com provas muito difíceis e precisas, em contato essencial com a mulher, com a Domna do Castelo (sempre o símbolo germânico do castelo), a que representa o Paraklito, a Pomba, a Gnose, Esclarmonde de Foix, Repanse de Schoye, Beatriz, a Sabedoria, a Shakti. O anima para Jung, a Rainha de Sabá.

Novamente, é preciso aqui começar pelo termo *amor*, nesta iniciação que é de Amor, precisamente. Descompomos a palavra em *a* e *mor*. *A* é “sem” e *mor* é “morte”. Amor é, portanto, *sem-morte*. Por isso eu escrevo *A-mor*. Isto quer dizer que quem é iniciado neste esoterismo e alcança os seus graus mais altos triunfou sobre a morte, se imortalizou, se tornou eterno.

Através de todas as páginas deste extenso livro temos tratado de expor a vivência desta iniciação e o caminho que leva à imortalidade hiperbórea. Com a explicação do Mistério de *A-Mor* dos trovadores e *Minnesänger* vamos dar um passo a mais na exposição do Hitlerismo Esotérico, que é a *Minnesang*: uma Canção de *A-mor*, com a nostalgia de Hiperbórea, de *Hiberbortikon*, na Memória do Sangue mais puro.

A-Mor é *Minne*, e nada tem a ver com o amor corrente, com a *Liebe*. Já dissemos isto.

Esta iniciação foi descoberta pelo primeiro trovador (*trovare* [significa] “encontrar”) e foi entregue por um falcão de ouro, parado sobre a Azinheira Donar. Foi Wotan o primeiro *Minnesänger*, quem encontrou as Runas, as Leis do *trobar clus* da *Minne*, crucificado na Árvore do Espanto. O seu Pássaro de Ouro as entregou a ele – a sua Áve Fénix. E a Runa *Hagal*, o *Gral*, *A-Mor*, lhe imortalizaram.

Mas Wotan, para cumprir o Mistério da Imortalização, da Ressureição, do regresso à Imortalidade, precisou de Freya, ou Frigga, de ELAELE.

O primeiro passo dado no Caminho, no estreito Caminho, é cumprido com o “olhar”. A Dama do Castelo, a *Domna*, “olha” profundamente o “escolhido”. E este é “pego”, “preso”, se “acende”, “constelando-se” dentro do arquétipo do *anima*. Se *enamora*. Começa o processo *numinoso*. A Rainha de Sabá lhe visitou.

Na “Divina Comédia”, Beatriz “olha” para Dante e este se torna preso à vida e à morte. Dissemos, Dante pertencia à escola poético-iniciática dos Fedele d’Amore, do norte da Itália, vinculada ao catarismo e aos templários, de tendências gibelinas e contrária aos guelfos papais.

Como uma observação curiosa, diremos que o vocábulo típico chileno “pololeo”, que antigamente se referia ao começo de um namoro, tinha a ver com a atração que

era produzida pelo olhar. Por muito tempo, aos jovens enamorados era unicamente permitido que se entreolhassem.

Com o "olhar", a *Domna* encontrou o seu escolhido. Lhe fará a entrega de um lenço, de uma luva, de um anel. Ele já tem a sua *Domna* para a eternidade. No Segundo Grau da iniciação dos *Fedele d'Amore*, chamado *Industria*, o adepto construía uma pequena bolsa, na qual ele guardava objetos misteriosos, pertencentes à sua Amada.

Os cavaleiros do Rei Artur e do Gral foram grandes *Fedele d'Amore*, no sentido de que eram fieis ao seu *A-Mor*.

O que aqui temos chamado Domna e Rainha de Sabá, para os Minnesänger foi Woewre Saelde (a Viúva, Lillith). A Mulher-Guru, que circula pelo sangue. Na verdade, na Memória do Sangue. E que Jung chama *anima*.

A saudação dos Minnesänger a Woewre Saelde e também entre eles foi *Heil*! Saudações! De Salvação, menção feita ao Monte da Salvação e do Gral, Munsalvaesche. Os hitleristas adotaram esotericamente esta legendária saudação, "*Heil*!...", para o Führer, no *Gralsburg* de Berchstesgaden e em Wewelsburg, Castelo do *Sangreal*, do Sangue Real, e também atualmente.

A iniciação dos *Fedele* era composta de doze graus, o último era a Eternidade. Entravam no *Palatium Amoris, in medio mundi constructum*, rodeados de chamas de amor, no centro polar, em Hiperbórea, na "Ilha Branca que está no Céu". Há uma Pedra e uma morte misteriosa e a esperança de uma ressurreição. Sobre a Pedra, em um Monte mágico, choravam a morte da Amada. E exclamavam: "Abre-te pedra e entrega-me a Amada ressurecta!...". Recordemos Sigune junto à tumba do seu amado, guardando-o com "a torrente de suas lágrimas". A Pedra é o *Lapis* alquímico. O morto, ou morta, está ainda vivo sob a Pedra. Não está morto, não está vivo. É o Mistério do Gral.

Havendo sido "olhado", o adepto se transforma em *Fenhedor*, o suspirante. Assim parte com seu alaúde, com sua lira, com seu *luter*, com a harpa de Orfeu, com a flauta do Deus Pan (que ressoa no seu sangue, na memória do seu sangue) e vai ao bosque, ao monte, à caverna. (É o meu livro "ELELLA", no capítulo "Los Pirineos"). O *Minnesänger*, o herói-guerreiro, caminha suspirando de *A-Mor* por sua Amada, em jejuns e penitencias. Até que ela lhe ouça, sinta piedade do seu sofrimento e lhe "visite".

Ao vê-la vindo, ele lhe declara o seu sentimento de *A-Mor*. É o Cantar dos Cantares, é a *Minne*, a Recordação que sobe, que floresce. Estas declarações de *A-Mor* aparecem em "Las Visitas de la Reina de Saba" e em "NOS, Libro de la Resurrección", como a *Minnesang* extraída da profunda memória do sangue. Por ser a iniciação da *Minne*, mais do que a trovadoresca das Cortes de Amor, uma iniciação nórdico-polar, da *Minne* germânica, ela, a Valquíria, retorna esta declaração de *A-Mor*. Agora, o adepto é o *Pregador*, aquele que prega o seu *A-Mor* à sua Valquiria, à sua *Domna*. Convém sim dizer que a pregação é ultra-secreta, somento pertence aos dois; porque o *A-Mor* raramente dura quando é divulgado. *Os Deuses e os Heróis amam o segredo*.

O adepto passa a ser um *Observador*, um amado correspondido; pois ela lhe beijou suavemente, depositando apenas seus lábios sobre os dele, como o roçar de uma pluma de neve caída da Árvore Irminsul do Polo. Muito tempo haverá de passar, todavia, antes de que ela decida que ele está preparado para a grande prova de contemplá-la nua. E a visão do seu corpo de mulher é, para o Observador, a revelação suprema de um Mistério, representado por esta forma feminina essencial. Foi colocado perante um espelho onde, com espanto, contempla a forma de sua própria alma, de seu *anima*. É a

revelação do Paraklito, da Pomba cátara. Na Memória do Sangue ário e puro é a Recordação e a Nostalgia da primeira união, antes da partição do Ovo Órfico.

Depois vem a dura prova do *Asag*, na qual se o Observador fracassa ele terá perdido tudo, voltando para mais abaixo do que o começo. Dante disse: "Quem pôs ali a sua planta, jamais deverá retroceder". Se fizer tal coisa, será como se suicidar.

O *Asag* consiste em deitar-se nú, em um mesmo leito, com a amada, passando ali uma noite sem se tocarem. Às vezes, põe-se uma espada desembainhada entre ambos, como no *Asag* de Tristão e Isolda. Esta prova de iniciação dos trovadores é diferente do coito-cerimonial tântrico, *Maithuna*, no aspecto de que o *Asag* é casto, podendo fazer parte do tantrismo da Mão Direita e o *Maithuna* pertence ao Tantrismo da Mão Esquerda, onde a mulher é possuída fisicamente, mas sem ejacular o sêmen (*Bundi*), sem chegar ao orgasmo por parte do iniciado homem, do Sadhaka; ao menos, ao orgasmo físico. Se trata de evitar a criação de um filho externo, da carne, invertendo o processo. Em lugar de ser a mulher que é engravidada, é o homem que se torna *incincta* de um "filho interior", dando vida ao Corpo Astral, que não é filho da vida, desta vida, senão que Filho da Morte; da Morte Mágica, nesta vida, para poder viver mais além da morte. O Filho do Homem. Ou seja, *A-Mor*, sem morte, imortalidade. Deste modo é cumprida também a cosmogonia tântrica e cátara, onde tudo foi invertido e o criador ativo, o fecundador, não é ele, senão que ela, a Shakti, a contraparte feminina de Shiva. É o imóvel, como o Polo – *le roi fai neant* – o rei Artur, Arthos, Thor. O Polo com Urso.

O modo como, após os cátaros e os templários serem destruídos, juntamente com o desaparecimento das lendas do Gral, o Mistério de A-Mor dos trovadores medievais se torna profano e involuciona exotericamente, é possível ser visto na literatura dos séculos posteriores, até os nossos dias. Existiu a crença de que o poeta poderia ser "inspirado" por sua musa, tornando também *incicta* da criação poética (sempre profana e insulsa, sentimental, romântica). Ou seja, o evento da gravidez esotérica do iniciado, do *Fedele d'Amore*, que graças à uma Sacerdotisa do A-Mor, à uma Valquíria Espiritual, ou a uma yoguione tântrica, podia dar à luz ao Corpo Astral, o seu veículo da Eternidade, o seu *Caleuche* (tripulado por mortos), seu Filho da Morte e da Imortalidade, agora somente produziria "literatura", uma novela, no máximo um poema desacralizado, cantando o amor físico no corpo da amada imortal.

Julius Evola acreditava que, no momento atual do Kali-Yuga, o corpo se materializou o suficiente ao ponto de não poder mais encontrar uma saída a não ser fazendo uso de sua própria materialidade, ou seja, do Tantrismo da Mão Esquerda e do *Maithuna*. Sua técnica foi descrita como "cavalgar o tigre", o que também poderia ser chamado de "marchar pelo fio da espada". Se caímos, o tigre nos devora.

O *Maithuna* não tem por que ser repetido. Bastaria apenas uma vez, como o *Asag*. Existe um livro muito belo de D. H. Lawrence, o último que ele escreveu: "O Homem que Morreu". Já nos referimos a ele. É um livro tântrico. Kristo, depois de ser iniciado no A-Mor pela sacerdotisa de Isis, parte para sempre. Estarão eternamente juntos na separação. Kristo já havia passado pela morte mística e havia ressuscitado. Agora é o *duplamente nascido*. O verdadeiro ressuscitado. Ademais, isto tem a ver com a repetição do "trauma" natal, já aqui referido, do nascimento e do renascimento.

Os *Fedele d'Amore* levavam sobre o peito um cordão semelhante ao dos brahmanes da Índia. Eram também os Nascidos Duas Vezes.

Nem nos trovadores do Languedoc, nem nos Minnesänger, nem em "Parzival", nem na lenda arturiana, se pratica um tantrismo da Mão Esquerda. Não existe o

Maithuna, como tampouco aparece na Alquímia, apesar de o Kali-Yuga já estar muito avançado. Tampouco nos *Fedele d'Amore*. Acreditamos haver penetrado bastante no Mistério do Gral e na aventura iniciática hiperbórea de "Parzival"; podemos, portanto, afirmar que correspondem a um Tantrismo da Mão Direita, puramente simbólico e espiritual, onde o amor é cumprido na distância física, nos corpos sutis, astrais, com um *noli me tangere*. Temos dito, o corpo físico, tal como aparece hoje na involução do Kali-Yuga, carece de órgãos apropriados para o Amor e somente tem o palimpsesto, por assim dizer, para a reprodução e a criação de filhos desta vida, da carne, que na verdade é o filho da morte terrestre. A Rainha de Saba, Nefertiti, Allouine, tinham sobre o [próprio] sexo um tecido de pele, como uma pétala de rosas, de pura luz incriada.

Consiste em um perigoso engano para si mesmo, esta concessão do *Maithuna*, a qual Par-Sifal, este Louco Puro, jamais teria aprovado. Talvez por praticá-lo Anfortas padeceu tanto e perdeu o favor do Gral. E toda a sua Linhagem foi contaminada. Pois esta concessão leva inevitavelmente, cedo ou tarde, à mescla, à impureza do sangue, à mestiçagem, ao Pecado Racial. Basta um pequeno deslize, voluntário ou não, para "cair do tigre". E será o comércio entre os divinos, vindos de outros mundos, com as filhas do animal-homem.

Aqui, com em tantos outros aspectos, o Führer, Adolf Hitler, nos assinala o caminho. No livro "Adolf Hitler, meu Amigo de Juventude", de August Kubizek, o mais fiel documento sobre aqueles anos, é revelada a relação existente entre Hitle e a mulher. É a de um *Minnesänger*, que seque o caminho da Iniciação do A-Mor. Ele idealizou Stephanie, uma mulher que unicamente lhe "olha", sem que jamais dirijam a palavra um ao outro. Certamente [ele] a levará em sua mente e coração para sempre, mesmo que ela nem sequer saiba que ele existe. É a sua própria *anima*, a única talvez, mesmo que ocorram outras "visitas". O Führer manteve sempre um quarto secreto, privado, com todos as recordações de uma jovem morta, a sua sobrinha, para o qual ele se retirava todos os anos na data da sua morte para ali meditar. É o Caminho de A-Mor, da Minne, da Estrela da Manhã.

A Alquimía, a Arte Real, é também um Tantrismo que foi herdado do "platonismo" da iniciação dos trovadores cátaros e dos Minnesänger germanos. O alquimista mantinha sempre ao seu lado a sua *soror mística*. Ela lhe passava os metais para que os fosse mesclando no atanor[44] de sua própria alma, até alcançar o ouro alquímico, o *aurum potabile*, que se bebe e nos concede a vida eterna. Sem esse contato da mão da "irmã mística", sem esta penetração da energia e vibração femininas, a transmutação conjunta não é possível, como tampouco o seria o processo junguiano da *individualização*.

Temos visto o papel que a mulher tem na preservação e custódia da Pedra do Gral (*lapis* da alquímia). É a antiga sacerdotisa hiperbórea, a nascida quinta, a que no período intermediário das sombras preserva o Fogo Sacro e torna assim possível que o Cordão Dourado não seja cortado, em espera pelo novo Ciclo da Ressureição do Rei. Por isto ela é uma Viúva solitária: a sabedoria que já não tem um homem, a Mulher Guru, a Rainha Solitária, que o Cavaleiro Errante, o Herói, liberta e desposa castamente. Ela, às vezes, dorme no centro de um bosque, na base de uma Montanha (Montsegur, Munsalvaesche, Berchtesgaden, Melimoyu) na Torre de um Castelo (Wewelsburg), e é preciso despertá-la da sua catalepsia (a da Princesa Papán). Porque ela é Shakti-

[44] N. do T.: Forno alquímico.

Kundalini. Está viva e não viva, está morta e não morta, é viúva e não é viúva. É Woewre Saelde, é Isolda, é a Valquíria Brunhilda.

A Alquímia é uma ciência da Segunda Hiperbórea; ciência da Atlântida, que tende a restaurar o que foi perdido. É já uma ciência e um caminho de regresso. Segundo uma antiga tradição, os anjos foram seres gloriosos que habitaram este mundo *vindo de fora*. Então, se mesclaram e decairam. Osiris despedaçado seria assim um anjo caído, involucionado. Isis, unindo-se a um anjo, obtém dele a sabedoria alquímica do Gral e a preserva para entregá-la ao seu filho, nascido virginalmente (seu *animus*), Hórus, que será o Herói vingador que reconstituirá Osiris-Anfortas e restaurará o Reino Dourado (de *aurum potabile*, de Oricalco), regenerando a *Terre gaste*, tornando-a fértil novamente, reconstituindo o *Imperium* da Dinastia Divina, dando fim ao Crepúsculo dos Deuses.

Este é o Hitlerismo Esotérico, graálico, o de Wewelsburg e Berchtesgaden.

Graças à sua cobertura de metais, a alquimia não precisou se mesclar com os elementos cristãos, como foi preciso que a lenda do Gral e a do Rei Artur fizessem, para poderem eludir à Inquisição. Somente depois, sob a influência rosa-cruz, lhes são agregados alguns símbolos cristãos, semíticos, judaicos.

Para Cesare de la Riviera, em seu "Il Mondo Magico de gli Heroi", o herói alquímico parte em conquista da Segunda Árvore da Vida (a segunda morte), o Segundo Paraíso Terrestre. Busca pela Árvore do Centro em meio ao Paraíso Terrestre. Isto implica um "combate atroz". Assim como no Mistério do Gral, o *opus hermeticum* é representado como o trabalho para obter a melhoria de um Rei enfermo, morto e não morto, que há de ressuscitar. O Rei da Idade Áurea é Saturno-Osiris. O metal de Saturno é o chumbo, que é transmutado em ouro. A reconquista da Idade Dourada. O Caminho da Swastika Levógira, a do regresso à esta Idade. Tudo isto é ainda melhor expressado nas Runas, como já vimos: OS-IR-IS. E a Runa HAGAL é a Pedra Filosofal, a Quintessência, o Gral, o Homem-Total, o Super-homem, o *Sonnenmensch*, Osíris ressurecto, Anfortas restabelecido.

O ouro está implicitamente contido no chumbo. No sangue do *vîra* ainda está preservado a divindade hiperbórea, ária. Somente é preciso transmutá-lo. Para conseguir isto será preciso agregar à Saturno, ao chumbo, ao enxofre, que é fogo e é o divino. (Elemento luciferino, portanto desprestigiado pelo cristianismo judaico, para precisamente impedir a regeneração e o processo de transmutação do *vîra*, interrompendo o *opus* em seus inícios, fazendo com que o enxofre pareça um elemento infernal). O enxofre é também a vontade que agora falta em Saturno-Osiris, que foi perdida com a mescla e a mestiçagem. Através do fogo da vontade divina se regenera o chumbo de Saturno, com o enxofre luciferino, venusiano. (Se converte o sangue em fogo). Seu centro se encontra na Kundalini e é despertado no chakra Manipura. Sendo assim, por meio da Vontade, o Senhor da Vontade Absoluta (o Führer), *Cuddhabuddhisvabhava*, consegue levar o *opus* a um final feliz, podendo realizar o que a natureza por si mesma jamais poderá conseguir: sair da involução, da sua corrupção demiúrgica, da sua mecanização e Eterno Retorno, regenerar a mestiçagem do rei Saturno-Anfortas, fazer nascer novamente o *aryo*. A prática tântrica para desenvolver esta vontade, que dorme no chakra Manipura, se chama *Icchacuddi* e, na Alquimia, corresponde ao arsênico, à *virilidade*.

Mas nada disto poderá ser alcançado sem a intervenção de Mercúrio, a Esposa do arsênico, a mulher, a *soror mística*, o elemento feminino essencial.

O resultado final do *opus alchimicum* é produzido no Atanor e é *Rebis*, o Umúnculo, o Andrógino, *Siva Ardhanarisvara*, o Corpo Astral, dado à luz pelo alquimista com a ajuda da sua *soror*. É ELELA, Ele e Ela reencontrados. O Corpo Astral do alquimista, mas com o rosto da *soror*, além do dele. É o Baphomet dos templários, com dois rostos. O rosto da *Domna* no *anima* do Minnesänger. Simultaneamente, a *soror* se casou com o seu próprio *animus*, dando-lhe o rosto d'Ele. É ELAELE, Ela e Ele reunidos.

Não existem livros sobre alquimia escritos por mulheres, porque o seu papel no *opus* tântrico é demasiado fundamental para haver tempo para um livro; ademais, ela recuperou o caráter essencial da **feminilidade transcendente**, que não é realizado na escritura. A mulher escritora, a mulher pintora, etc., é um produto degenerado na decadência da sua função hiperbórea. Nem sequer no Renascimento houve mulheres pintoras, escultoras ou escritoras, como [há] hoje.

O Filho, Horus-Rebis, é assim um andrógino. É o Corpo Astral criado, **recriado**. É ele e ela: ELELA, no caso dele, e ELAELE, no caso dela. Porque o Corpo Astral não existe, senão que virtualmente, em forma potencial. Há que criá-lo, *inventá-lo*, neste processo misterioso do *A-Mor* alquímico. O Corpo Astral é o Andrógino, que vive mais além da morte do corpo físico, recriado no fogo do *opus*, com a transmutação dos materiais do corpo físico que assim se transforma, depois de haver passado pela *Nigredo*, a noite escura e negra da morte mística; em seguida, pela *Albedo*, ou ressureição desta morte, podendo atingir a *Rubedo*, a imortalização por meio da matéria espiritual vermelha, que é produzida no Raio Verde. O primeiro mistério é consumado na ressureição do corpo físico, *que é arrastado à sua ressureição pelo Corpo Astral*, como em uma Carruagem de Fogo, como em um *Vimana* (pois a sua forma se tornou redonda) e é levado para fora deste mundo (pela porta de Vênus) em direção à uma situação *não sonhada sequer pelos maiores peregrinos da Ânsia*.

O segundo Mistério, que é cumprido no opus desta Iniciação de A-Mor, é a Ressureição e imortalização da *soror*, da Amada, como uma consequência da imortalização do alquimista, do *sadhaka*, do herói-guerreiro, do *vîra*. Ele a leva a ressuscitar e se imortalizar. Em "NOS, Libro de la Resurrección", isto foi revelado, intuído. E agora há dois andróginos, um Homem Absoluto e uma Mulher Absoluta, **duas esferas**. ELELA e ELAELE, que se *a-mam* unidos e separados para sempre. Reunidos na separação.

O terceiro Mistério desta Iniciação hiperbórea é a mutação do sangue, que ocorre primeiro nas veias do Corpos Astral, conseguindo então a regeneração do sangue do corpo físico do *vîra*, por meio da vibração ígnea do enxofre, capaz de transmutar o chumbo de Saturno em *aurum potabile*, de modo que se possa realizar a cerimônia hiperbórea da *Minnetrinken*, da comunhão do sangue, que se bebe na Taça de oricalco do Gral. Esta cerimonia era cumprida na Torre do Castelo de Wewelsburg pelos iniciados SS. Era a Iniciação do *Sangreal*. (Sangue de reis). Um *opus alchimicum*, uma *Minne* guerreira, uma Canção de A-Mor.

A diferença que poderíamos destacar entre as iniciações dos *Fedele d'Amore*, a dos trovadores das Cortes de Amor e a Iniciação dos Cavaleiros do Gral, do Rei Artur e do Hitlerismo Esotérico, é que nas primeiras os iniciados não intervêm diretamente nos acontecimentos deste mundo e, nas outras, os iniciados são guerreiros de dois ou mais mundos, combatendo com a espada em mãos em um Guerra Mágica, sem quartel e sincronística, dentro ao mesmo tempo que fora. Uma Guerra Santa. O Hitlerismo Esotérico acredita na possibilidade de reverter o Kali-Yuga, vencer à entropia, derrotar

o Demiurgo, o Senhor das Trevas, a quem foi declarada uma guerra total. E assim, chegar a transfigurar a Terra, ao mesmo tempo que se transmuta o *Vîra* em *Divya*, em *Siddha* hiperbóreo, reconstruindo a Hiperbórea terrestre. Endireitando o Eixo-Lança-Pilar da Terra. De um Polo ao outro.

A perda de uma guerra não significa a perda da Grande Guerra, a que continuará até o final dos tempos, quando Kronos ressurecto devorar o tempo. Porque, além do mais, uma guerra travada sem claudicações será sempre uma guerra ganha. Ainda que se perda.

A Arte Real dos hermetistas, a Alquímia, é centrada em uma misteriosa Pedra identificada como Saturno. Com isto estão nos dando a chave para "Parzival". Esta pedra contém o Elixir, o Ouro, etc. A Espada Excalibur está cravada em uma Pedra. O herói, o *vîra*, deverá retirá-la dali e abri caminho até a Terra Regenerada por meio de uma luta feroz, até alcançar o *Mysterium coniunctionis*, na Boda Secreta, no *Asag* com a Amada. Ela é a Água da Vida, o Mercúrio, "Nossa Lillith". Ele é o enxofre, o arsênico, o fogo, "Nosso Rei". Somente com a ajuda da Pomba, do Paraklito, o adepto poderá superar esta dura prova do *Asag*; somente com o pensamento na Amada na mente e no coração, com a recordação do seu rosto. Unicamente assim poderá dissolver este veneno ígneo, sobrepor-se à "grande crise do contato", com a Água da Vida (minha bacia com água), *Kâranâri*, a Água Causal, conseguindo passar para mais além da virilidade comum, podendo superar a *Nigredo* e a *Albedo*, a cor branca do místico, o extático, o lunar, o domínio do feminino, alcançando a *Rubedo*, revestindo-se com o manto purpura da realeza divina, com a Túnica flamigera de Neso, forçando a entrada ao Palácio Fechado do Rei. Restaurando o Império Graálico de Mil anos do Hitlerismo Esotérico. O *Imperium* Sacro do Rei-Sacerdote-Mago. Do Führer.

O Despertar do Chakra Anahata

O próximo passo na Iniciação de A-Mor dos trovadores Minnesänger é o intercâmbio de corações: um beijo em que ela expira dentro do amado e ele expira dentro da amada. Transpassam os seus corações. Ou seja, as suas almas já têm um rosto. A dele tem a dela (a metade é dele, a outra metade é dela) e a alma dela tem o rosto dele (a metade é dela, a outra metade é dele). Este Mistério equivale ao despertar do chakra Anahata, do coração. O escolhido já é um Drug, um homem ligado pela eternidade à sua Domna, à sua Valquíria, à qual ele jamais poderá trocar por outra, nem trair, sem correr o risco de perder a sua alma, a sua imortalidade. Porque existe apenas uma Ela para um Ele, em todos os universos. Assim disse o poema do trovador: "Meu coração foi aberto como que por uma daga e tu entrastes nele. Assim, tu te encontras sem outro companheiro, compartindo minha vida e toda a minha morte; porque quando eu morrer, tu habitarás no fundo do meu coração".

O que se segue desta Iniciação eu revelei da única forma permitida atualmente, em "NOS, Libro de la Resurrección".

Não é o andrógino a finalidade máxima da Iniciação de A-Mor, derivada da Mitologia Órfica, preservada pelo Cordão Dourado, polar. Não é a fusão dos opostos, senão que a separação definitiva e final de ELELA e ELAELE, do Homem e da Mulher Absolutos, bicéfalos, unidos na separação, isto é, no Mistério inexpressável de A-MOR,

que amplia e completa o Mito Órfico, tal como me foi permitido revelá-lo. Ou seja, ELELA, o Homem Absoluto, e ELAELE, a Mulher Absoluta, com rostos, personalizados, individualizados, se *a-mam*, se unem eternamente na separação, em um Amor sem amor, que é mais do que amor; porque é uma comédia, uma paróida do amor até agora conhecido pelos mortais; algo impossível de captar e expressar em palavras; um sonho de outro Universo, o mais alto resultado possível do combate nesta Terra, uma Flor que não existe e que é mais real, todavia, do que todas as flores dos jardins desta natureza. A Flor Inexistente.

Jung conseguiu captar algo disto no processo da sua "individualização conjunta", de um "médico" e sua "paciente" – de um alquimista e sua *soror*. Por isto declarava que um Mistério religioso particularizado havia sido apagado no século XIII. Um caminho muito difícil de percorrer, somente para um pequeníssimo grupo de eleitos. Escolhidos por um Deus de *A-Mor*.

Com a destruição do catarismo dos trovadores, das côrtes de amor e com o desaparecimento dos *Fedele d'Amore*, dos *Minnesänger* e do *Gral*, tudo é adulterado e corrompido. A Igreja de Roma (Amor ao contrário) se apodera das bandeiras cátaras, mudando suas cores. Da Domna, de Shakti, de Sophia, inventa o culto mariano; do despertar do chakra Anahata, do intercâmbio de corações, produz a adoração ao Coração de Jesus. O Rosário exotérico e a Coroa de Espinhos (chakra Sahasrara) se referem sempre aos chakras; mas a oração mecaninca e a corrupção de todo o seu mistério, em lugar de despertá-los, de recriá-los, propícia a anulação da sua potência virtual. Com o desaparecimento da Iniciação de *A-Mor* e a destruição do Círculo cátaro, do *Gral* e dos templários, tudo é corrompido e decai, se torna humano, demasiado humano. A história se concentra no sentimentalismo do coração, uma exteriorização do chakra Anahata. Aparece o amor profano e o culto ao corpo físico do homem e da mulher, essa estória aberrante dos nossos dias atuais. Foi inventado o amor do ocidente cristão, feito para o animal-homem, para o pasú, vazio de qualquer símbolismo superior. Perdeu-se o duro e frio caminho, o fogo polar de um culto mágico, de uma iniciação secreta que, praticada por um *vîra* e sua *ioguine*, por um guerreiro e sua Valquíria, lhes transmutaria em Deuses imortais. E em mais do que Deuses.

Das sacras festas florais de Maya, nos mais longos dias do renascer da primavera no Ocidente, com a Condessa de Maio, a Noiva de Maio – que derrota *Maya*, **a Ilusão** – da Shakti transfigurada em Lillith, de sua Potência regeneradas, espiritualizada, de *Er-Ir*, o cristianismo romano extrai o seu culto gregário da Virgem Maria, paródia monista das Magas Hiperbóreas, das Nornas, das Virgens do Sol Negro e espiritual, de Isis, da Deusa da *Nigredo*. Aparecem também as Festas Mayas e de disfarces, desconectadas por completo de uma essência já perdida na fumaça das fogueiras, onde haviam sido queimados os Iniciados, os "bruxos".

O Divya

Em uma longa carta ao professor Jung, que eu reproduzi juntamente com a sua resposta em "El Círculo Hermético", lhe perguntei: "Encontrastes alguém que tenha se transmutado, mudando o centro da sua consciência, alcançando o Si-Mesmo (*Selbst*), graças à uma técnica especial, por exemplo, a sua? Pessoalmente, eu duvido disto, não

acredito ser possível. Me parece que estes seres distintos nascem assim. Talvez o esforço feito hoje (em uma linhagem) renda frutos no futuro, em alguém que virá, mas que ainda não chegou...". *O Homem que virá*.

Já naqueles anos eu estava formulando as diferenças existentes entre os habitantes da Terra, os de origem divina e os outros. A diferença é confirmada no sangue, na Memória do Sangue, que Jung havia definido como "Inconscientes Coletivos" distintos: O ário e o judeu.

É no sangue do alquimista onde acontece a transmutação, porque ali está o chumbo, o enxofre, o arsênico, o cinábrio. E por meio da compulsão do Mercúrio, que circula no sangue da *soror*. Entende-se que ela deve ser da mesma raça alquímica que a do alquimista, com as mesmas imagens circulando pela torrente sanguínea, para poder enfrentar os Arquétipos de idêntica maneira, ou chegar a ser possuída volutária e momentaneamente pelos mesmos e não por outros. Idênticos Inconscientes Coletivos, para usar a expressão de Jung.

No prólogo de "Las Visitas de la Reina de Saba", Jung declarou por fim a sua crença de que os Arquétipos não são um mero produto de um Inconsciente individual, ou coletivo, porque "são os menos semelhantes aos produtos do Inconsciente". São autônomos. **São Deuses autônomos**.

O que não quer dizer que estes não estão no sangue, que não tenham ali o seu Olimpo, o seu Valhala.

Porque nada sabemos do que é o sangue; pois, além de circular pelas veias do corpo físico, também circula pelas veias do Corpo Astral.

E como o Corpo Astral é por nós criado, o *ressuscitamos* (como o "nosso Rei"), o "inventamos alquimicamente", *também vamos recrear o seu sangue*. O *aurum potabile*, que se bebe na *Minnetrinken*.

Enquanto o Sangue não foi criado, inventado, nós devemos passar por todo o processo da *Nigredo* e *Albedo*, onde seremos possuídos por estes "Deuses autônomos", ainda que ilusórios, produtos da Maya da criação, dos Aiones e Manús de um Manvantara, de uma Ronda do Eterno Retorno. E não há outro caminho. E mais, deveremos nos abrir à esta possessão, ***favorecendo-a momentaneamente***. Sem possível escapatória, eles são os Deuses pagãos: Eros, Afrodite, os gregos; Krishna, Radha, os hindus; e muitos outros mais. Como os "fulguradores" etruscos, devemos nos preparar para sermos transpassados por um raio, sem sermos carbonizados, para que [este] nos cruze de um lado ao outro, permanecendo em nós unicamente o seu tremendo poder informe, primordial. O êxtase "numinoso", a paixão de amor, a "constelação" da Rainha de Sabá na alma, equivalem à possessão efetiva por um Deus de Amor, por um ser exterior ao Herói, ao *Vîra*.

O que é o Arquétipo? Tem que ver, por acaso, com a força criadora primordial – Vontade de Poder, *Wille zur Macht*, para usar a expressão de Nietzsche – força escura, quiçá sem consciência, sem rosto, que ao passar, ou entrar, nos universos criados (por ela mesma?) adquire uma roupagem e uma cor de lenda mítica? A *força em si* nos escapa, nos é inapreensível; apenas a sua expressão chega até nós, revestindo a forma e a substância, ao transcorrer pela mente de um possuidor de consciência, em algum rincão do universo demiúrgico. E seria unicamente esta manifestação (como Mito) a que nos é permitido experimentar, às vezes (do "Quinto céu para baixo"), e não o que se esconde por detrás dela.

Tratemos de resumir o que foi expressado nestas páginas, desde a exposição do Mistério do Gral.

Há uma ciência antiga, uma técnica hiperbórea que torna possível retornar o *Vîra* à sua origem divina, que ele perdeu em um combate, ou situação desconhecida, que aqui temos descoberto. Essa outra ciência é preservada graças ao Cordão Dourado de uma Memória do Sangue Ário, que ainda não se rompeu. O caminho desta ciência é retrógrado, para trás, em direção à origem polar. É o da Swastika Levógira, a do Hitlerismo Esotérico.

A mutação que temos como objetivo é a do *Vîra* em *Divya*, em ser divino que ele antes fora. E isto se consegue com a ressureição do Corpo Astral, do Filho do Homem. Algo que somente os *Vîras* podem conseguir, pois somente eles têm Corpo Astral em potência, virtual, porque unicamente eles foram Corpo Astral na Origem, em Hiperbórea. O resto não. São apenas Pasús, animal-homem, escravos da Atlântida, produtos "soltos" de uma evolução, semeadura planetária, golems, robôs de um Demiurgo.

Contudo, expliquemos novamente que é isto que por facilidade de exposição temos chamado de Corpo Astral, usando a expressão de Paracelso. É um Poder perdido com a queda, com a mescla, com o pecado racial. É o que em "El Cordón Dorado, Hitlerismo Esotérico" chamados *Vril*, Hvareno, Urna, Vraja. O que em "Parzival" é mencionado como o "Pilar de Schatel Marveile" e que os antigos gregos descreveram como a Coluna com que Heracles-Hércules-Poseidon sustentava o Céu ne Hiperbórea-Atlântida, e que então Ulisses sustentou. É a Árvore Iggdrasil dos germanos e das *Edda*. Mas, na verdade é ER ou IR, um Poder tremendo, uma "glândula", um Terceiro Olho, perdido na noite do nascimento do Tempo, quando Saturno-Kronos deixou de devorá-lo.

E este Poder, esta capacidade, foi possuído unicamente pela raça branca, polar, nórdico-hiperbórea. Nem a negra e nem a amarela, nem a vermelha, nem a cobre (que não são raças), jamais o tiveram, e nem jamais poderão tê-lo, porque de todas elas faz parte o animal-homem, os escravos da Atlântida, a involução dos hiperbóreos, que tornou possível a evolução do Neandertal em *Pasú*. Os mestiços e mulatos perderam esta capacidade, alguns para sempre. Somente os *Vîras*, mesclados em pequenas porcentagens, ainda poderão participar da alquimia transmutante, com enorme dificuldade, cada vez maior por causa da materialização e esclerose do Kali-yuga. E unicamente os escolhidos entre os ários. Porque somente eles têm em potência um Corpo Astral, um *Vril*. Somente eles podem reconquistar ER.

Porque isto tudo, deverá se tornar bastante claro que o sangue ário fisiológico, biológico, é fundamental. É ele que deverá ser limpo primeiro de toda a mescla, em um processo retrógrado. Em direção a isto ia toda a Alemanha Hitlerista e na iniciação SS de Wewelsburg. O Sangue Real, divino, o Sangreal. A aspiração ao tipo branco, loiro, de olhos azuis, nórdico, hiperbóreo de origem polar e venusiano.

Temos dito, com o Corpo Astral, dando à luz ao Filho do Homem, também lhe é dado o sangue deste corpo, *sangue azul*; portanto, ele é revestido de matéria de *Vraja* vermelha, uma Capa, um Manto de Neso, a *Tarnkappe* de Siegfried (*Sieg* = triunfo; *Fried* = livre). A materialização do corpo astral, uma das mais importantes práticas da iniciação da Ordem. A *Rubedo* da Alquímia tântrica.

Uma vez criado e "materializado" o Corpo Astral, o *Vril* ou ER, então se regenera ou ressuscita o corpo físico, que muda também de forma, ou desaparece,

transformando-se em uma Espada, a de Parzival e de Anfortas, a do Cavaleiro Vermelho; em duas Espadas (o corpo físico e o corpo astral), como no yoga taoista ário da China mais antiga.

Todos os combates que são travados contra o Inimigo são levados à cabo simultaneamente em dois mundos – com Duas Espadas – no físico e no astral, ou mental. E é neste onde se destrói o Inimigo de maneira mais eficiente. E quando assim acontece, vemos que também a Terra – a *Terre gaste* – se regenera, se dá fim ao Kali-Yuga, se recupera a Idade Dourada, o Satya-Yuga, SAT-UR-NO e Rea. ELELA e ELAELE.

A iniciação de *A-Mor* dos *Minnesänger* e do *Gral*, a Alquímia tântrica, são unicamente traduções *a posteriori* de uma ciência hiperbórea redescoberta por Wotan na Árvore Iggdrasil, em suas Nove Noites de Espanto. Esta foi a Ciência redentora e ressuscitante das Runas. Porque basta aplicar a Runa exata para produzir a mutação do *Vîra* em *Divya*, em *Siddha* imortal. A Runa e seu mantra, da *Sthula-Cabda*, da Kabala Órfica ária. É suficiente com o Signo, esta linguagem original do *Divya*, signo que abrirá simultaneamente, por sincronismo solidário, a Porta-Janela de Vênus, permitindo passar de regresso em direção à inexistência do Raio Verde, lar original dos *Arya*, dos Hiperbóreos. Cumprindo assim um sonho não sonhado nem sequer pelos mais antigos Peregrinos do Alba.

É uma lástima que por razões de exposição, em um mundo profundamente judaizado, devamos usar nomes como Lúcifer, Lillith e outros, da simbologia cristã e judaica. Já se sabe tão pouco sobre a tradição nórdico-polar e de suas mitologias mais profundas, que os nomes dos seus Deuses e heróis parecem muito estranhos! Mas preferiríamos não ter que usar estes nomes tão carregados de ressonâncias judaicas, cristãs e maçônicas. Por isto mesmo, nos desagrada ter que nos referir a Cristo, ainda que seja ao *Kristos* da Atlântida. Jesus Cristo é um judeu que tem arruinado o mundo pelos últimos dois mil anos, seja com o cristianismo militante, catolicismo ou protestantismo, seja com o rosa-crucianismo, com a teosofia ou qualquer secto ocultista do Ocidente, como a Antroposofia e outros. Isto sem falar da Maçonaria, obscura e tenebrosa, completamente controlada por golems de Sião.

O Hitlerismo Esotérico é um combate em todos os Universos do Demiurgo-Jeová. Seus iniciados estão completamente comprometidos aqui e acolá. Os heróis sabem que poderão perder a vida a qualquer momento; mas eles serão recompostos no Valhala pelas Valquírias, por Wotan e pelo Führer. Como os *assassin*, não lhes importa se morrerem; e ainda mais, eles desejam a morte. Porque de nada serve esta vida se não é para sacrificá-la por um Ideal, nesta luta grandiosa, nesta Grande Guerra. O iniciado hitlerista é um Cavaleiro Errante em busca de combates, como Parzival, como Gawan, para conquistar o Gral.

Sim! Estamos em combate mortal contra o Demiurgo, contra o Senhor das Trevas e seus acólitos. Eles sabem que vamos vencer; porque, como disse Adolf Hitler: "Se ganho a guerra, terei dado um golpe mortal no judeu. Se a perco, seu triunfo será por um tempo breve".

E assim acontecerá, porque já começou o declínio do seu triunfo; porque é no dia mais longo, no meio-dia, que se anuncia a meia-noite. Por isso esse terror que faz tremer o judeu, ainda que na apoteose do seu triunfo e domínio do planeta.

No sincronismo da Iniciação Hitleriana, quando o *Vîra* se transformou em *Divya*, é aberta a Janela de Vênus, a Porta giratória do Sol Negro, do "Oco Negro", no centro da Swastika Levógira e o *Divya*, ou *Siddha*, desaparece para sempre da vista dos mortais.

Entrou em um Universo completamente oposto, onde a Luz do Sol de Ouro desaparece. Alcançou a inexistência do Raio Verde. Derrotou o Inimigo, o Demiurgo-Asura-Jeová (sigamos usando estes nomes por algum tempo). Para os que aqui permanecem, para os *Pasús*, o evento parecerá uma derrota. Mas foi um triunfo. Passaram para a região do *Tulku*, daquele que está lá e que também pode retornar aqui. Daquele que voltará em um Cavalo Branco, em um Cisne, em um *Vimana*, para julgar os inimigos e resgatar aos seus, a sua Legião de Heróis-Vîras, que ainda seguem combatendo por Ele e pelo Si-Mesmo, pelo *Selbst*. E quando os que aqui ainda estão nesta Guerra Santa, que continua, que talvez não termine nunca, conseguirem passar também por esta Porta estreita, nos encontraremos cara a cara com Ele. Seremos ele!

Eis aqui o Hitlerismo Esotérico.

Na Iniciação tântrica dos *Minnesänger*, que temos descrito, com a ajuda ocasional das vivências do professor Jung, a Janela, a Porta de *saída* e *entrada* estão guardadas por uma Presença tremenda, uma força sem rosto. **Um Arquétipo**. É em uma luta até a morte com ele, com este **Guardião do Umbral**, com este Abominável Homem das Neves, que é possível cruzar esta Porta. Deixando-nos possuir primeiro por um raio, para que nos cruze de lado a lado, como os "fulguradores", para que nos acenda, nos "constele", com seu poder Numinoso. É uma prova perigosíssima, como a dos SS, que faziam com que uma granada estourasse sobre os seus capacetes. Unicamente a imobilidade poderia lhes salvar, a sua presença e controle de ânimo. A Vontade absoluta: *Çuddhabuddhisvabhava*.

O alquimista lutará com os próprios Arquétipos constelados nos metais do seu Atanor. O iniciado de A-Mor, com a presença cada vez mais tangível do *anima*. Também com outros Deuses e Demônios.

Todavia, já dissemos, **estas são formas ilusórias**, produtos do Grande Maya criados por *Wille zur Macht*, a Vontade de Poder, que está por trás destes Arquétipos e que somente quando nos transpassam, cruzando-nos como um raio, adquirem forma e história. São nossos mitos, nossas lendas. E ainda que ilusórias, meras criações nossas, pareceriam, de algum modo, corresponder à uma imaginação do Universo, algo existente fora de nós, "*uma Poesia Cósmica*", como dizia Otto Rahan. O Conde de Keyserling afirmava que "*tudo o que está por debaixo do Mito e do Símbolo é infra-humano*". "*Porque estas coisas vêm até nós desejosas de se transformarem em símbolos*", agregaria Nietzsche.

Tudo depende de onde e como se olha, afirmava Jung, com perspectivismo ortegeano. Do ângulo daquele que sofre o Arquétipo, ou daquele que o superou, vencendo-o.

Algo existe, sem dúvida, algo que nos escapa. Essa Força, essa Energia em si, o Arquétipo em Si, o Ser sem Rosto. O Demiurgo, talvez? Ou esse Ser que permaneceu esperando por nós como que à beira de uma Fonte?

Para poder prosseguir por este escorregadiço caminho, tão escarpado e pleno de perigos, devemos esclarecer novamente, como já o fizemos em "El Cordón Dorado", que o Hitlerismo Esotérico não é dualista. Se o fosse, não haveria possibilidade de combate heroico. Somente haveria a tentativa de fuga, de escapada do mundo do Demiurgo. Não existiria o Yuga dos Heróis. O Hitlerismo Esotério superou o dualismo, porque acredita na possiblidade da transmutação da *Terre gaste*, arrebatando-a do Demiurgo, de Klingsor, recuperando Hiperbórea, por meio do giro mágico da Swastika Levógira e da

Guerra Esotérica do Führer, que voltará a ser travada sempre, porque a sua guerra não foi perdida. Somente uma batalha foi perdida.

O gnosticismo dualista é algo profundamente anti-germânico e anti-ário. O Hitlerismo Esotérico tem por objetivo travar o combate **em todos os mundos e planos da manifestação**, em todos as frentes ao mesmo tempo, como já o fez, para alterar e destruir as ilusões, a Maya do Senhor das Trevas. E neste sentido, as provas e o combate que o Inimigo nos apresenta são unicamente provas que o herói do Gral, da Távola Redonda e Polar do Rei Artur, do Deus Thor, deve vencer, superar. E será o próprio Inimigo quem, desintegrando-se (para voltar mais tarde a se reintegrar), nos cederá a passagem, como testemunho necessário do nosso triunfo. Ele está ali para isso, para dar fé. E o herói do Gral irá regenerar a própria terra devastada, com seu Idealismo Mágico, tipicamente ário, germânico. O Idealismo Mágico de Novalis e do Führer, Adolf Hitler.

Por tudo isto, ao transpassar o Arquétipo, ao dissolvê-lo, o guerreiro-iniciado, o Vîra, pode alcançar esta tremenda Energia sem rosto, que se encontra por detrás das formas arquetípicas ilusórias. Ele se apropria dela ao mesmo tempo que lhe entrega o seu rosto e o de sua A-Mada. O que for conseguido, será indescritível para nós atualmente. Algo assim como esse Ser antiquíssimo que está mais além do "eu", e dos "eus"; aquilo que se é antes e depois de ser "eu". E que agora volta, é recuperado, profundamente personalizado, individualizado, graças a este combate de A-Mor e Ódio (*Phobo*) com a própria sombra: é NOS. O *Selbst* de Nietzsche e de Jung. Sendo assim, torna-se possível que a descida e aquilo a que chamamos de queda tenha sido nada mais do que uma ação heróica, um risco tremendo e aceito por alguns *Divyas* para conseguir alcançar à individualização, a Personalidade Absoluta, chegando a ser mais do que Deuses. E podendo "iluminar a escuridão do Criador".

Como Jung havia me escrito em sua extraordinária carta: "Haveremos dado consciência ao Criador". À *Wille zur Macht*. A Isto, que permaneceu esperando como que à beira de uma Fonte. Teremos lhe dado um Rosto, dois Rostos, o de ELELA e ELAELE, recuperados, ressuscitados.

Passamos assim mais além do Arquétipo. Em direção a um mundo não sonhado sequer pelos maiores Peregridos da Ânsia.

E ainda que tudo pareça absolutamente igual, "será como se não o fosse, será como se não o fosse".

Assim termina o meu livro "Las Visitas de la Reina de Saba", escrito há tantos anos, mas com vigência para a eternidade.

Jung disse: "Se alguém em algum lugar deste mundo (e dos outros) enfrenta de um modo definitivo e certeiro o Arquétipo, [isto] terá validez universal. Porque o Arquétipo é um e indivisível".

Em qualquer momento desta vida existe a possibilidade e até o tempo (em um Yuga, Manvantara ou Kalpa) de poder *sair*, se *individualizando*. Tudo depende do caminho que o Escolhido, o *Vîra*, utilizar para consegui-lo. Deverá fazê-lo, sim, com as armas em mãos. E, sobre tudo, com o pensamento de sua Amada, de sua Valquíria, na mente e no coração, como Parzival havia aconselhado ao seu camarada Gawan.

E se apagarão os vulcões e será evitado o cataclismo, porque a própria Terra será espiritualizada; a sua matéria mudará, ressurgirá a **Terra astral**, sincronisticamente com o triunfo do *Vîra*. O mais possível é que isto aconteca no próprio limite da catástrofe visível quando a Terra material for desintegrada pelo micróbio judaico da destruição. A morte física da Terra corresponderá à uma nova vida, ao passo a um outro estado da

matéria, a outro plano de consciência espiritual. O fim da involução do Kali-Yuga, junto com a explosão de uma Estrela Nova. Também a Terra terá sido mutada, haverá *saído*. E ambos, a Terra e o *Divya*, serão somente um e [algo] redondo. O Sétimo Sol.

Divinização

É difícil fazer crer que o homem e a mulher possam conseguir tamanho triunfo sem uma ajuda, neste tremendo acontecimento. Em algum ponto do drama, outra Força, proveniente de outro Universo, de um "mais além das estrelas", como dizia Goebbels, citando Bethoveen, deveria vir lhes socorrer. Unicamente este Terceiro Fogo fará com que seja possível que o homem e a mulher ários prisioneiros, *Vîras* inconscientes até agora, exilados, destinados a serem devorados pela lua, ou por um Arquétipo-Golem, possam resistir tamanhas tensões e superá-las. O Fogo será despertado, concentrando-se no chakra Manipura. Mas somente no sangue poderão receber este Fogo, essa Potência, essa Vontade ou Ânsia, esse Amor sem amor, frio e ardente, que lhes leve a superar todas as provas. Unicamente o sangue purificado por um processo mágico, redescoberto em Wewelsburg. Na Memória ali despertada por meio da ciência hiperbórea, do *recordar sem recordar*. Primeiro, o próprio nascimento, de uma maneira mítica, simbólica, como na Iniciação do Manutara, descrita em meu livro "NOS"; então, despertando a recordação dos antepassados da Estirpe, da Casa de Família, repetindo-se no Eterno Retorno, como em "ELELLA, Libro del Amor Mágico", de modo que a Nota da Linhagem volte a ressoar, reencontrado o diapasão perdido. Recordando que tudo isto já aconteceu antes, em um combate corpo a corpo com o Arquétipo do Grande Antepassado, até chegar a cortar suas correntes, com um só golpe da espada Excalibur.

Sendo assim, a ajuda será encontrada na Memória do sangue purificado por meio da Alquímia de A-Mor. E no momento supremo, aparecerá ali a recordação da Amada eterna, da Valquíria. E assim como foi entre Condwiramurs e Parzival, e entre Allouine e Arbaris, será Ela quem combaterá n'Ele e quem lhe salvará, fazendo-lhe vencer esta justa e passar para mais além do Arquétipo, como [que] através de uma enorme sombra, que estrala e se desintegra, como em "Las Tres Noches de Hielo" dos meus livros "La Serpiente del Paraíso" e "Ni por Mar ni por Tierra".

É preciso apenas que ele acredite nela, que jamais perda a sua fé, que lhe seja fiel até o final, porque se assim o fizer, "somente a fortuna lhe acompanhará". Porque o lema do sangue ário purificado é *Blut und Ehre*! "Sangue e Honra". E *Meine Ehre Heißt Treue*! "Minha Honra se chama Lealdade".

Para o iniciado do Hitlerismo Esotérico rege esta lei: *Lealdade e Honra* para com o seu Führer, Adolf Hitler, nesta vida e mais além desta vida. Aceitar e seguir o seu exemplo e acreditar somente no que Ele disse. E jamais crer em algo que Ele não disse.

No contato com a Amada, perante a sua aparição, como que por um *Acaso pleno de Sentido*, o herói da Arte Régia de A-mor provoca voluntariamente a possessão pelo Arquétipo do anima, por meio da ciência antiga de Hiperbórea, e consegue, de algum modo, se libertar desta possessão, com a ajuda da sua Valquíria odínica, do pensamento dela em sua mente e coração. E com a Runa que ela lhe entrega. Da passagem de uma

Energia tão terrível através do seu ser, que acende e transmuta a sua existência, o *Vîra* se tornará *incincta* e dará à luz ao Filho do Homem, o da Ressurreição e da Imortalidade.

Ele e a sua A-mada terão sido *divinizados*, como Parzival e Condwiramurs.

Heil! Sieg Heil!

O *Mutus Liber* e o *Rosarium Philosophorum*

Dois livros de alquímia nos servem para ilustrar ainda mais este processo de A-Mor. O "*Mutus Liber*" – "Livro Mudo" – composto somente de lâminas, editado em 1677, em La Rochelle. Está assinado *Altus*, [isto é], com o código de um nome composto pelas cinco letras do patronímico *Sulat* que, lido ao contrário, nos dá o substantivo *Talus*, em latim. A dedicatória latina do livro também deverá ser decifrada da seguinte forma: "Dedicado aos filhos da Arte e do Sol". Ademais: "*Solisque fillis artis dedicatus*". "Dedicado somente aos filhos da Arte". (Da Alquímia).

O outro livro é o "*Rosarium Philosophorum*", publicado em Frankfurt em 1550 e atribuído a um tal Petrus Toletanus, de Toledo.

O professor Jung fez uma interpretação das imagens deste último livro e de algumas do primeiro, em "Psicologia da Tranferência", publicado pela Editorial Paidos de Buenos Ainres, em 1950, deformando o seu profundo sentido mágico e espiritual, como já o havia feito com a alquímia em geral, em seu livro "Psicologia e Alquimía". Por isso, justamente Julius Evola o acusou de aplicar o método judaico e destruidor da psicanálise para baixar os níveis, tratando de mutilar o transcendente. Por sorte, como dissemos, o professor Jung não de ocupou do Mistério do Gral. Mas sim o fizeram os seus discípulos, incluindo a sua esposa.

Vamos tratar de reparar o dano e fazer uso das maravilhosas imagens da alquímia, recuperando-as para o Mistério de A-Mor dos Minnesänger.

O professor Jung disse que "somente os poetas entenderiam". Por isso, apesar de todos estes erros, a sua obra se salva, porque ela se conecta precisamente com esta sinfonia muda, com essa Poesia e é suscetível de ser libertada do envoltório prosaico que ele às vezes se viu obrigado a lhe dar, para se salvar da "Inquisição", sempre ativa em nossos dias. E porque o professor Jung também perdeu a guerra. Precisou, portanto, trobar clus.

O alquimista e sua *soror* iniciam o *opus*. Sobre a mesa [eles] há todos os instrumentos. Mantém o fogo no Antanor. A estrela de oito pontas (Ver Anexo III) indica que é o Caminho de Vênus. São cinco imagnes em uma só gravura. A última imagem nos mostra ELELA e ELAELE, ambos com rostos, o do Sol e da Lua. Representam o processo total do *opus* de A-Mor, ao final do qual cada um já é um astro. [Vide gravura na próxima página].

LAMINA I MUTUS LIBER



Na parte baixa da [próxima] gravura, [na página seguinte], o alquimista e sua *soror* oficiam o *opus*, frente ao Atanor, em atitude reverente. Seus gestos são rituais, mágicos, são mudras, impregnados de unção.

Na parte superior da gravura, a Terceira Força desce do céu, para prestar ajuda ao par no momento preciso, ao oficiante do A-Mor e a sua *Shandali*, ou *Candali* (de Kundalini), à Samatha, ao guerreiro e a sua Valquíria. Com o rosto, um grande Sol vigia os dois do alto, enquanto que dois anjos sustentam um *matraz* (matriz), um Ovo Órfico, dentro do qual aparece sentado um ancião. É Poseidon, que estende suas duas mãos sobre um homem e uma mulher de pé, um de cada lado, com o Sol e a Lua sobre as suas cabeças. Esse é o Ovo Órfico antes de se partir, é ELELA. Ele e Ela, mais a Terceira Força, que permanecerá esperando como que à beira de uma Fonte, enquanto o processo da partição se cumpre. Então será *re-vivido* pelos *Vîras* ários, que aspiram morrer e *re-nascer*. Pelos alquimistas.

Esse Sol que vigia não é o nosso sol, não é o sol do Demiurgo. É outro, com um Rosto.

O Rei do Mar e de Hiperbórea, Poseidon, está nos relembrando o afundamento da Atlântida, simultâneo à partição e perda da Idade Dourada.

LAMINA II
MUTUS LIBER



As próximas lâminas pertencem ao "*Rosarium Philosophorum*" e foram comentadas e interpretadas de maneira distinta pelo professor Jung.

Começa a Grande Obra, o *opus*. Ele e Ela, Sol e Lua, Rei e Rainha, os eleitos, se reencontram no Eterno Retorno, para iniciar o Mistério de A-Mor. Estão vestidos com suas vestimentas de Rei e Rainha coroados. Ele está parado sobre o Sol; ela sobre a Lua. Com suas mãos direitas sustentam suas varas, ou cetros, que são dois talos de flor, e as cruzam. Do alto desce um pássaro, talvez uma pomba, que traz outra vara igual em seu bico, interceptando as outras duas pelo meio. Deste modo, se forma a Runa HAGAL, a da totalidade. Ao mesmo tempo, o Rei e a Rainha se dão as mãos esquerdas. Deste modo se indica que irão cumprir o Tantrismo das Duas Mãos, o da Direita e o da Esquerda, ainda que o *opus* alquímico, o Maithuna, passe a ser puramente simbólico. A Runa Hagal, sustentada com as mãos direitas dos oficiantes, assinala que a tradição polar, nórdico-hiperbórea, equivale ao Tantrismo da Mão Direita, o dos Minnesänger e trovadores; um Maithuna espiritual, com a Amada dentro.

A Estrela Oiyehue, a de Quetzalcoátl, Phosphoros, a Estrela Dupla da Manhã, estaria representada pelo pássaro, a paloma cátara, Paraklitos.

LAMINA I, DEL "ROSARIUM PHILOSOPHORUM"

PHILOSOPHORVM.



Nota bene: In arte nostri magisterij nihil est celatū à Philosophis excepto secreto artis, quod non licet cuiquam reuelare, quod si fieret ille maledicerctur, & indignationem domini incurreret, & apoplexia moreretur. Quare omnis error in arte existit, ex eo, quod debitam *Secretu artis*

C ij

Os oficiantes se despem. É a prova do *Asag*, sempre sob a proteção da Runa HAGAL e de pé sobre o Sol e a Lua, assinalando isto como sendo um ritual extra-terrestre.

LAMINA II
ROSARIVM

PHILOSOPHORVM.

seipsis secundum equalitatē inspissentur. Solus enim calor tēperatus est humiditatis inspissatiuus et mixtionis perfectiuus, et non super excedens. Nā generatiões et procreationes rerū naturaliū habent solū fieri per tēperatissimū calorē et equalē, vti est solus fimus equinus humidus et calidus.



D i

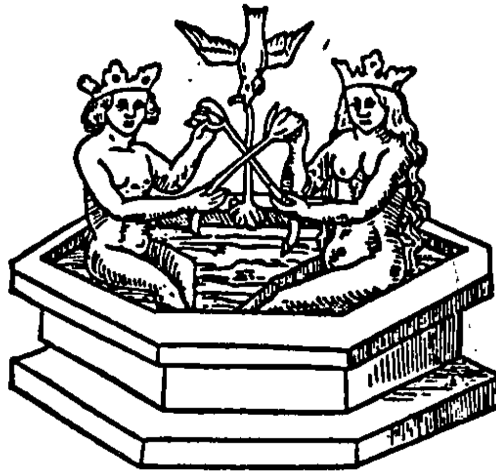
Os a-mantes entram no banho, na água da recordação, dissolvente, causal. A Runa HAGAL sempre lhes protege, a qual eles seguem reproduzindo com as suas varas florescidas.

LAMINA III

ROSARIVM

corrūpitur, neq; ex imperfecto penitus secundū artem aliquid fieri potest. Ratio est quia ars primas dispositiones inducere non potest, sed lapis noster est res media inter perfecta & imperfecta corpora, & quod natura ipsa incepit hoc per artem ad perfectionē deducitur. Si in ipso Mercurio operari inceperis vbi natura reliquit imperfectum, inuenies in eo perfectionē et gaudebis.

Perfectum non alteratur, sed corrumpitur. Sed imperfectum bene alteratur, ergo corruptio vnius est generatio alterius.



Speculum

Coniuctio, Maithuna, aparentemente com os corpos físicos, mas no controle das suas essências: sêmen, *Bundi* e *rajas*. É destinado a reativar os chakras e a dar vida ao corpo astral, que será o filho deste coito mágico, alquímico, em que os metais do *Vîra* são transmutados. Os a-mantes etão sempre coroados, são reis mesmo no ato de copular. O Sol e a Lua lhes contemplam. O Matihuna é efetuado dentro do Sarcófago, cheio de água escura, no qual este banho se transformou. A Tumba UR, de Extersteine. [Vide figura na próxima página].

LAMINA IV
ROSARIVM

CONIVNCTIO SIVE
Coitus.



O Luna durch meyn vmbgeben/vnd süsse mynne/
Wirstu schön/starck/vnd gewaltig als ich byn.
O Sol/du bist vber alle liecht zu erkennen/
So bedarfstu doch mein als der han der hennen.

ARISLEVS IN VISIONE.

Coniunge ergo filium tuum Gabricum dilectiorem tibi in omnibus filijs tuis cum sua sorore Beya

Nos corpos nús dos a-mantes cresceram asas. [Vide figura na próxima página]. Isto nos indica que o coito agora é astral, no corpo astral; um voo astral conjunto, como descrevi em meu livro "NOS", alcançando o estado de "orgasmo contínuo", *Aropa*, com todo o ser. É o *Asag* casto e simbólico. Estão sendo dados os primeiros passos para "recriar" isto que temos chamado de Corpo Astral, para desprender de um modo ativo a consciência dos condicionamentos corporais; desprendimento que os tibetanos chamavam *Phowa*.

São as primeiras etapas percorridas para alcançar a individualização e a recriação dos vários corpos, podendo dar um Rosto ao corpo astral, ao filho da morte mágica, ou Filho do Homem. Este "voo conjunto" pertence ao tantrismo da Mão Direita, ao A-Mor simbólico dos Minnesänger. Os corpos astrais, na gravura, já voando pela superfície das águas escuras e tenebrosas, se "constelaram"; mas ainda não têm o Rosto Bicéfalo de Baphomet, de ELELA e ELAELE; ainda não são NOS, o Homem e a Mulher Absolutos.

O *Rosarium Philosophorum*, com estas duas últimas gravuras, parece estar assinalando a possiblidade de um início do *opus* por meio do Tantrismo da Mão Esquerda, com um Maithuna real, no corpo físico, para então alcançar as zonas simbólicas e espirituais do Tantrismo da Mão Direita, onde o Maithuna é continuado no

corpo astral dos a-mantes – com asas – em um mundo paralelo e mental, onde os órgãos do corpo físico já foram transmutados em outros distintos. Não haveria assim contradição entre as duas correntes. O herói tântrico, o iniciado de A-Mor, pode seguir qualquer um dos dois caminhos, o “úmido” ou o “seco”, percorrendo-os separadamente, ou ambos ao mesmo tempo, segundo melhor convenha à memória do seu sangue.

LAMINA V
ROSARIVM

PHILOSOPHORVM.

FERMENTATIO.



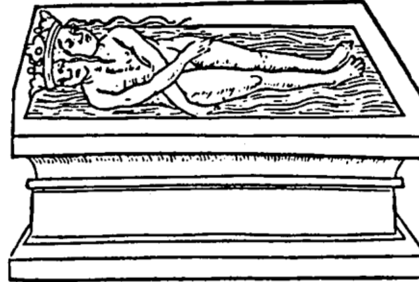
Hye wird Sol aber verschlossen
Vnd mit Mercurio philosophorum vbergossen.

O ῆ

As personalidades terrestres, os “eus” secundários, começam a se dissolver após o *Asag*, o *Mysterium conjunctionis*, da Hierosgamia, das Bodas Alquímicas. Na gravura, os a-mantes aparecom com um só corpo, em uma tumba tenebrosa, cheia de água, mas com dois rostos coroados. Já foram deixados sozinhos, todos já lhes abandonaram. É a Nigredo. A Ópera Escura, a Noite Escura da Alma. [Vide figura na próxima página]

LAMINA VI
ROSARIVM

PHILOSOPHORVM.
CONCEPTIO SEV PVTRE
factio



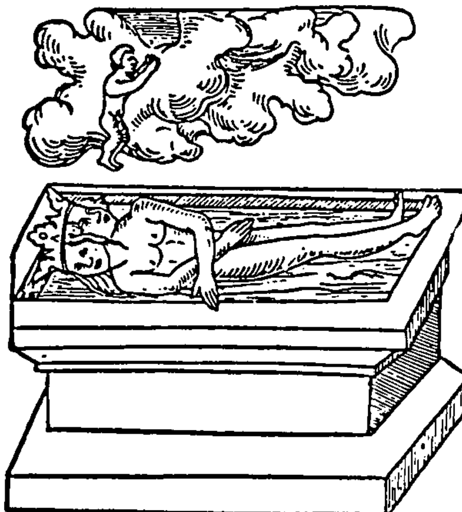
Hye ligen kŏnig vnd kŏningin dot/
Die sele schaydt sich mit grosser not.

ARISTOTELES REX ET
Philosophus.

NVnquam vidi aliquod animatum crescere sine putrefactione, nisi autem fiat putridum inuanum erit opus alchimicum.

Lentamente, em direção às nuvens, começa a se formar, a "se inventar", a sonhar-se, o corpo astral, primeiro como um pequeno ser embrionário, um diminuto homenzinho. É o filho de ambos, dos a-mantes, fundidos em um só corpo, com dois rostos. É o Filho desta morte mágica, apto a sobreviver mais além da morte física.

LAMINA VII
ROSARIVM
ANIMÆ EXTRACTIO VEL
impregnatio.



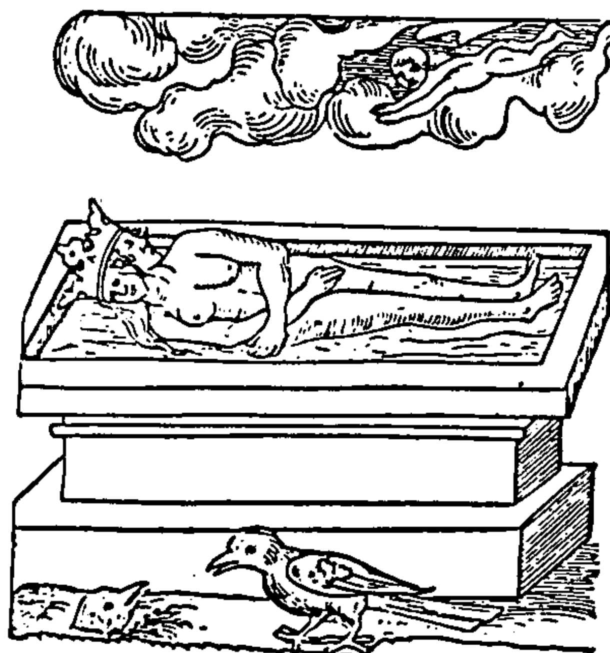
Hye teylen sich die vier element/
Aus dem leyb schaydt sich die sele behendt.

Como um recém-nascido, desce o corpo astral indivudualizado, imortal; regressa da sua “viagem” para começar a tomar posse do único corpo, ainda perecível, dos amantes em suas tumbas, “onde jamais terão outro companheiro exceto por eles mesmos”. Abaixo, ao pé do sarcófago, a Áve do Paraíso, o Pássaro da Rainha de Sabá, a Áve Fénix, se desdobrou em sua parelha, em outro pássaro que começa e emergir da terra, ou *sub-terra*. O simbolismo desta imagem é muito importante, pois [ela] está nos indicando que o cumprimento do *opus transmutationis*, o *principium indivituationis*, uma vez alcançado, não somente permite *sair* para cima, em direção ao outro plano de existência, como também, além do mais, transfigura à Terra do Kali-Yuga, fazendo com que também em seus seres ali prisioneiros voltem a crescer asas. Para cima e para baixo consegue-se a vitória. O *Vîra* volta a ser um *Divya*. E a Terra recupera a Idade Dourada, destruindo a sua cobertura samsárica.

Saíram da Noite Escura. É a *Albedo*. A *opera* Branca. [Videfigura abaixo]

LAMINA VIII
PHILOSOPHORVM.

ANIMÆ IVBILATIO SEV
Ortus seu Sublimatio.



Hie schwingt sich die sele hernidder/
Vnd erquickt den gereinigten leychnam wider.

A [próxima] imagem representa agora a um só corpo triunfante. O Andrógino, *Ardhanarisvara*, Baphomet, homem de um lado e mulher do outro. A Boda de Ida e Pingala. Sobre o sexo deste corpo há como que uma membrana de pele, como o que dizem haver coberto o da Rainha de Sabá. Tem duas cabeças, dois rostos, do Rei e da Rainha coroados. Ademais, possui asas. Em um braço sustenta um Grial do qual saem três serpentes, e no outro uma serpente apenas. É já o Senhor-Senhora da Potência, da

Kundalini: Woewre Saelde. Possuiu Maya, sobrepujando-a. É o Corpo Asdtral plenamente desenvolvido. Duplo, como a Estrela de Vênus que dirigiu todo o processo da sua *re-criação* e parto. É NOS, tal como descreve o meu "Libro de la Resurrección". É ELELA. A figura da gravura está de pé sobre a Lua, realcando o fato de que sem a presença e sem a base do feminino, sem a sua participação no opus, a transmutação não é possível. Seja o acompanhando diretamente nesta Terra ou desde outros mundos, como Valquíria imaterial, como amada morta, como a Mulher da Imaginação, como a Mulher-Guru do sangue, ela é imprescindível.

LAMINA IX
ROSARIVM
PHILOSOPHORVM.



Hie ist geboren die eddele Keyserin reich/
Die maister nennen sie jhrer dochter gleich.
Die vermeret sich/gebiert kinder ohn zal/
Sain vndötlich rein/vnnd ohn alles mahl.

Ao lado direito da figura do Ressuscitado está uma árvore, representando com toda clareza a coluna vertebral do iniciado, com doze ramos, seis de cada lado. No extremo de cada um dos ramos aparece um rosto redondo. Acima, ao centro, no final da Árvore, se abre outro rosto, presidindo todos os outros. É este o número de assentos no Mistério arturiano da Távola Redonda e do Gral, com o seu Assento Perigoso, o Número 13. Como no Mistério da Torre Norte, no Castelo SS de Wewelsburg. Sendo assim, Treze são os chakras que devem ser despertados no Mistério de A-Mor Hiperbóreo, neste "Futhark" de Wotan, neste Yoga nórdico-polar, por meio do Fogo de A-Mor da Serpente Kundalini, de Woewre Saelde, da Valquíra Ich-Sol-Da. A única forma de sobrepujar o 'eu' e alcançar NOS, a *individualização*, o Homem-Absoluto, ELELA.

Dando um rosto a cada um destes chakras – o Rosto da Amada – porque em cada um deles foi realizada uma boda, como é descrito em "NOS". ***A forma do Homem Absoluto é assim, redonda***. O todo inteiro em cada uma das suas partes, com consciência total em cada um dos seus chakras (**porque os chakras são centros de consciência**, como afirmava Jung), na circunferência como no centro. Um astro. O Sétimo Sol.

Com esta imagem da gravura do "*Rosarium Philosophorum*" terminou-se o *opus Alchimicum*. Criou-se *Rebis*; de *res bina*, a natureza dupla, o Umúnculo. E á *Rubedo*, a opera vermelha, depois da *Nigredo* e da *Albedo*. O corpo revestiu-se de *Vraja*, a matéria imperecível, a virilidade transcendente.

Todavia, não é esta a finalidade máxima do Mistério de A-Mor dos Minnesänger, nem o descrito em "NOS", ainda que sim o revelado em "ELELLA, Libro de Amor Mágico". Agora, junto com ELELA, haverá também uma ELAELE, uma Mulher Absoluta, que pode alcançar com o *Vîra* uma plenitude idêntica.

Nunca foi explicado até agora qual seria o processo seguido pela *soror*, a *ioguine*, a *Shandâli*, a *Samatha*, para conseguir a sua totalidade. Jung se lamentava de que que jamais uma *soror* tenha escrito um livro narrando suas próprias experiências no *opus*. Todavia, eu creio haver visualizado, pressentindo-o, o caminho da ioguine, da sacerdotisa de A-Mor. É o Caminho do Sacrifício. Ela dará tudo, até a sua "própria eternidade", se entregará inteira para colaborar e ajudar o seu Amado, para que ele obtenha a imortalidade no *opus* e no combate do A-Mor. Porque, "ainda que pareça que é ele quem combate, **será ela quem combaterá nele**". E assim, "ele já não terá outro companheiro neste mundo nem sequer nas escuras profundezas da tumba; porque ela abriu o seu coração como que com uma daga e se instalou ali pela eternidade". "Os amantes não morrem, vivem em outro século de felicidade e glória", dizia o trovador Jacques Baiseaux. "O matrimônio (o dos mortais) é um Mistério profanado", afirmava Novalis.

A Amada lhe deu tudo, depositou sua fé absoluta nele. Ao seu lado, por toda a vida, lhe foi entregando os metais para que os transmute, impregnando-os com o seu flúido sháktico de sacerdotisa, de Deusa hiperbórea recuperada; seja aqui sobre a Terra, ou desde outro mundo, desde a Estrela da Manhã.

Com a imortalização do eleito, do herói alquímico, do Vîra, simultaneamente será conseguida a da sua *soror*, a de sua Amada. Ele tem agora que ressuscitá-la, por meio da concentração em sua imagem, impregnando-a de *prana* e *bundi*. É algo assim como projetá-la para fora de si mesmo, como tirá-la de dentro novamente para poder revesti-la também de Vraja imortal. Um parto duplo, um novo dar à luz. Labor impostergável da lealdade de ultra-tumba, de *post-mortem*. Porque a vida eterna dela depende da d'Ele. *Porque Ela lhe entregou a sua eternidade*. E se ele triunfa, haverá um ELELA e uma ELAELE, um Homem e uma Mulher Absolutos, unidos e separados para sempre, na Comédia Divina de um Amor sem amor. A-Mor. Sem morte.

Na gravura do "Rosarium", ao pé do Rei Coroado, de ELELA, aparece sempre um pássaro. É a Áve do Paraíso, a Áve Fénix. Está ali para lhe recordar que a Grande Obra ainda não terminou. Todos os outros reinos da Terra deverão se transfigurar simultamenamente e suas energias incorporadas no Herói-Total. Deverá também ressuscitá-la, Ela, aquela que lhe deu tudo e permaneceu sem nada. Porque ela lhe entregou a sua vida, a sua morte e a sua eternidade, para que ele se imortalizasse. Ela confiou em sua "*honra se chama lealdade*".

A Dança de Krishna



A Raslila, a Dança Polar de Krishna, oitavo Avatar de Vishnu, emanação da sua divindade. Acompanhado por Radha, sua A-Mada, sua Valquíria, emanação de Lakshmi, a Esposa (ELAELE) do Deus Vishnu. O Círculo da Dança simboliza o Polo, como a Távola Redonda do Rei Artur e também a Swastika. A Dança é realizada nos Jardins de Vrindavan, no Jardim de Rosas Nórdicas de Asgard, na Cidade dos Césares andina, no Oásis das águas moderadas do Polo Sul.

Tenho comigo esta bela e antiga miniatura policromada do Rajasthan. Representa a dança de Krishna com as vaqueiras de Gokul, nos jardins de Vrindavan. A Dança de Krishna se chama Raslila e, novamente, é um Círculo. Ao centro aparece o Deus azul, hiperbóreo, o Avatar de Vishnu, a Didindave loira, dourada, polar. Krishna dança, com a sua amada Radha, a preferida, com a sua *Shandâli* ("mulher de sândalo"), sua *Samatha*, sua *soror*. Ele é, portanto, Chakrecvara, o Führer tântrico, o centro do Círculo da Swastika. Curiosamente, na circunferência também está Krishna, com a própria Radha, se multiplicando em nove Krishnas, incluindo o do centro, flanqueado por Radhas. O que no total totaliza dezoito Radhas, múltiplo de nove, o número sacro por excelência.

Fora do Círculo da Dança se encontram quatro mulheres músicos. Acima, no céu estrelado, se movem quatro carros voadores, *Vimanas*, ou *Astras*, cada um deles levando uma parelha divina, com seu animal emblemático reintegrado, o Buey de Shiva, o Pássaro-Garuda de Vishnu e o Pavão Real (ou poderia ser um Cisne) de Brahma, que se repete nos dois extremos da miniatura. Ao centro, está incluído um rosto redondo, opaco, que não se sabe qual astro é, porque não é o sol terrestre com a sua luz de Kali-Yuga.

A Raslila, o Círculo desta Dança tântrica, é o mesmo que a Távola Redonda do Rei Artur com os seus cavaleiros e damas, com seus guerreiros, com seus *amasia uxor*. É também o Círculo Polar, que gira, com seu centro imóvel, com seu Eixo, seu Pilar, sua Coluna que transpassa o céu cravejado de astros. É, sobretudo, a Swastika Levógira, a do Retorno à Hiperbórea, a do Hitlerismo Esotérico. Representa, ademais, a abertura de todos os chakras.

A medida que a Dança adquire maior velocidade, alcançando o frenesí, a parelha de heróis tântricos, de *Vîras*, consegue se multiplicar e aparecer na circunferência ao mesmo tempo que no Centro do Círculo Polar mágico. Já é o *Selbst*, esse "Círculo cuja circunferência está em todas as partes e o seu Centro em nenhuma". Permitindo aos heróis oficiantes desse *opus* **saírem** por este Centro inexistente, por essa Flor Inexistente. Transmutando-se em um Vimana, em um "Objeto Desconhecido", que vence a gravidade deste mundo ilusório do Kali-Yuga, criado pela hipnose do Demiurgo, de Klingsor-Jeová. Saindo em direção a um Universo não sonhado sequer pelos maiores Peregrinos da Ânsia. E chegando a ser este Outro Sol. O Sol de ELELA e ELAELE: NOS.

Este é o Mistério do Tantrismo *Kaula*, do *Vrajoli Tantra*, do *Opus Alchimicum*, do Caminho do Gral e dos Cavaleiros da Távola Redonda do Rei Artur, da Iniciação Hiperbórea de A-Mor, dos Minnesänger e do Esoterismo da Swastika Levógira de Wewelsburg.


AH
EL ULT MO A ATĀRA

O Reich Mágico

Com a chegada de Hitler ao poder na Alemanha é estabelecido de improviso, como em um desses “cliques” do qual temos falado e que marcam o caminho de uma dimensão à outra, o Reich Esotérico dos Vîras, dos ários, envolto em um halo mágico. Como se um espírito branco e feminino (Woewre-Saelde) houvesse começado a residir no país dos germanos, sendo aquele que o meu Mestre viu partir com o fim da Guerra.

Todas as críticas que Evola faz ao Estado gregário, de massas, nacional-socialista, pretendendo estabelecer uma diferença entre Estado Totalitário e Estado Orgânico, são injustas e produto da ignorância do que ali acontecia. Evola se movia na superfície dos acontecimentos hitleristas e estava teorizando. Falava, por exemplo, de um Estado piramidal e hierárquico, como o Estado ideial, não gregário, não proletário. Aplicava assim termos inapropriados para este acontecimento mágico, produto de um “clique”, de uma *saída* à outra realidade. Para começar, o Terceiro Reich, o Estado Hitlerista, jamais foi piramidal, nem hierárquico desta maneira. Foi um *Círculo*. E isto muda substancialmente a imagem desta outra realidade. Já não é possível falar de gregarismo, nem de estrutura piramidal, nem de algo semelhante. O Führer não está no cume da pirâmide hierárquica, senão que no *Centro*. É o *Centro do Círculo*. De um Círculo que gira cada vez mais vertiginosamente, com a direção da Swastika Levógira, tentando o Retorno. Dentro [dele] estão todos os alemães, os ários; cada vez mais alemães, cada vez mais ários. Alguns mais próximos ao Centro; mas todos alemães, todos ários, de modo que já não existe mais nem gregarismo e nem massa. Somente existe um Povo, um Reich (em um sentido profundamente mágico, místico, de Círculo traçado pela Swastika) e um Führer, polo, ou centro de atração hipnótico, irresistível. E a medida que esse Círculo alucinante gira, gira, cada vez mais veloz, tudo haverá de se dissolver, desaparecendo aos olhos desta realidade ilusória dos homens desconectados, dos animais-homens, dos robôs, dos judeus, servos do dinheiro, do Grande Ilusionista, do Senhor das Trevas. E, sendo assim, havendo ganhado a Guerra, a Swastika-Círculo dos ários, com seu Führer-Centro, desaparece (no Vimana do seu Círculo giratório), deixando a impressão alucinada de um prodígio para os terrenos, que já não tratam de explicar o evento, voltanto o tempo todo aos tremendos fatos, para tentar convencer-se de que Hitler perdeu, porque somente como derrota pode ser captado o fenômeno alucinate da aparição de um Avatar entre os robôs e os animais-homens do Kali-yuga. Contudo, em seu íntimo vazio, eles sabem que Hitler ganhou (e ganhará) a Guerra.

Este evento fantasmagórico, que aconteceu entre nós, no nadir do Kali-yuga, não pode ser entendido, nem sequer seguido por todos os *Vîras*. A “traição branca” na Alemanha foi enorme. Assusta ler a lista dos traidores [que foi] publicada pelo Coronel SS Otto Ernst Remer, em seu livro “Verschworung und Verrat um Hitler”. Quase todos os generais traíram o seu Führer. Até Himmler se desviou no final. Como isto foi possível? O Círculo rotatório havia alcançado a velocidade de um vertigo, e, pouco antes de se desprender desta Terra material, o terror tomou posse de alguns fiéis, esse medo instintivo de “perder a corporeidade”. Momentos antes de que a gravidade do corpo da Terra fosse vencida e passassem pelo o umbral que os separa de Hiperbórea. Mas os heróis, que levavam em seu coração e em suas mentes a recordação da A-Mada e a Espada fortemente empunhada, não traíram o seu Führer e com Ele partiram em direção

à Paititi, o Refúgio inexpugnável no Polo Sul, a Cidade Alquímica da grande Transmutação. O Monte de *Chumbo* que ao seu lado tem o Monte Parzival.

O Vîra Desperto. Escuta a Voz na Memória do seu Sangue. Recuperou o Vril.

O Laboratório da Mutação Racial

Nenhum daqueles que despertaram a memória de sangue ário e que realmente a purificaram pôde trair. Se tratava de transformar a Alemanha no principal Laboratório da Transmutação Racial. Nem todos conseguiram verdadeiramente. Nem sequer acreditaram no gigantesco trabalho empreendido. Os nobres e os ambiciosos aderiram apenas para conservar os seus privilégios, ou para obtê-los. Não levaram à sério o que se pretendia, e somente quando o Círculo havia adquirido uma velocidade hipnótica o terror lhes acomenteu e pretenderam saltar fora, ou fazer com que o Círculo saltasse. Somente consequiram serem rompidos eles mesmos em mil pedaços e para sempre.

Evola se equivoca quando acredita que na Alemanha almejavam um tipo de igualdade esmagadora, econômica e social de todo o povo, uma proletarização. Isto veio a ocorrer logo após a guerra, quanda a ênfase se centra exclusivamente no econômico-judaico, como na Suiça e nos países escandinavos, de modo superlativo; como em todo o mundo, inclusive no Japão, na Índia, na China, no Chile, Argentina, etc. na Alemanha de Hitler se tratava da raça, não da economia, menos ainda da usura. Se todos conseguissem limpar o sangue, seriam *iguais*, em uma irmandade dos ários, como na proto-história, como na Hiperbórea polar, como na organização da *Männerbunde* e na Corte do Rei Artur. Iguais e livres, iguais entre nobres. Uma nação aristocrática, de uma aristocracia racial. A Aristogenética. Com um Centro Carismático, aglutinante, o Führer, que é uma *Voz*. A Voz do Sangue. E essa *Voz*, além do mais, escuta *Outra Voz*, que chega até ela do Sangue do seu Corpo Astral, da Segunda Espada, chamada "Memória do Sangue". O Führer a transmite e rege o Círculo através desta Outra Voz. Este é o advento do Sétimo Sol. Um Círculo, um Povo Circular.

Pela necessidade de travar o combate definitivo, até a morte, contra o judaísmo, acólito de um Inimigo sobrenatural, no plano do Retorno, a Alemanha precisou estabelecer uma política racial de purificação do sangue e da raça, tendo como ideal o tipo nórdico loiro, de olhos azuis. Uma eugenética. Se criaria uma legislação estrita para os matrimônios e procriação de crianças nórdicas. Se estabeleceria a instituição dos Lebenborn. O maior número possível de ários deveria encarnar o espírito hiperbóreo, fazendo com que crescesse o raio do Círculo (Lebenraum, Espaço Vital), de modo a já não deixar na Terra regenerada – novamente Terra espiritualizada do Gral – espaço para a anti-raça judaica, nem para o animal-homem, o robô, o escravo da Atlântida. Estes permanecerão, ou perecerão, com a Terra material do Demiurgo.

Na organização da *Hitler-Jugend*, sob o lema *Blut und Ehre*, "Sangue e Honra" era recebida a juventude hitlerista. Ali lhes era entregue um punhal e eles eram vinculados com os antigos Deuses germanos, com as lendas e mitos da raça nórdica, polar. Os melhores passariam a estudar nas escolas *Napola*, onde começariam certas especializações conforme as suas mais destacadas qualidades, ou *nota* de estirpe. Na verdade, Hitler estava criando mais do que uma raça, estava criando uma Linhagem Iniciática, como Ele havia dito, por meio de uma Iniciação Racial, do Sangue. O caminho tendia nesta direção por diferentes instituições dos membros da comunidade. Estas instituições equivaliam a momentos da Iniciação Racial, que iam se aproximando de um Centro, como na Iniciação descrita em meu livro "La Flor Inexistente". Os Inkas chamaram o Círculo pelo nome *Huilka* e o Mestre-Führer, ou Centro, por *Huilkanota*.

O Vara Mudra, que concede favor e destrói o medo. É a Dupla Runa SIEG, da Vitória: ϟϟ. A da Iniciação ϟϟ. Esta saudação era usada principalmente pelos Chefes e pelo Führer, como resposta ao "HEIL!" da Runa SIEG simples. Seu Mantra é: SIEG HEIL! Vitória! Saudação! – De Salvação, Individualização e trinfo sobre o mundo do Demiurgo Jeová. São indicadas também as posições dos polos no corpo do Vîra Iniciado, a dos céus e da Cruz do Sul.

De *Napola*, os mais destacados, cuidadosamente escolhidos, passavam para os Castelos SS, em Vogelsan, na Renânia, em Krossinse, na Pomerânia, em Sonthofen, na Baviera, construções ainda não ao todo terminadas. (Castilla, cidade de Castelos). Dali, alguns poucos iriam ao Castelo iniciático da Ordem Negra da Caveira, na Vestfália: Wewelsburg.

A construção de todos estes Castelos, como a arquitetura hitleriana, era feita segundo cálculos e princípios mágicos, que tendiam a facilitar a transmutação do *Vîra*. Até os *Konzentrationslager*, os Campos de Concentração, verdadeiras cidades, eram mágicos, não tinham nada de sinistro, destinados também a acarretar uma transmutação. Vários escritores relatam isto.

Em Wewelsburg, somente os *eleitos* tinham a possibilidade de vir a fazer parte do Círculo da Távola Redonda do Führer-Arthos-Thor, podendo serem iniciados no subterrâneo da Torre do Norte, já descrita nesta obra.

Somente alguns poucos teriam conseguido reviver o sangue astral, junto com a sua Lingâ-Sârira; isto é, conseguirar recuperar o Vril, chegando a ser os SS das Duas Espadas, capazes assim de travar o combate contra o Inimigo em mais de um mundo e com mais de um corpo. Os ários de verdade, os Nascidos Duas Vezes.

Ademais do Punhal SS, com a inscrição "*Meine Ehre Heisst Treue*", houve também uma Espada sacramental, que muitos poucos chegaram a possuir. A Espada "Memória do Sangue", entregue por Anfortas ao Rei do Gral.

O Espelho de Papán

A descrição e desciframento alquímico que temos feito do Mistério do Gral e da lenda de "Parzival", além do Mistério de A-Mor e a Doutrina dos Minnesänger e Trovadores, nos dispensa de entrar em maiores detalhes sobre a Iniciação SS, concedida no Castelo de Wewelsburg. Era inspirada na Organização Templária, no Mistério do Gral e na Corte do Rei Artur. Entendendo-se que estes Mistérios são todos derivados de uma sabedoria polar perdida, hiperbórea, de uma enorme mitologia reinterpretada segundo tempos já históricos, compreender-se-á que a Iniciação SS esteve mais próxima das origens árias e da Ordem Guerreira e Rúnica de Wotan, pelo fato de ser cumprida em solo alemão e entre alemães exclusivamente.

Podemos dar por certo que em Wewelsburg existiu também o Pilar de Schastel Marveile, esta Pedra de Thabronit, esse "circuito fechado", telepático; uma espécie de menir, uma Pedra da Lua, de Vênus, o Vril, o Oricalco, o Tesouro dos reis visigodos e dos cátaros, inteligentemente usado por Klingsor contra os de sua própria raça. Em Wewelsburg, pode ter sido um pedaço deste Pilar a enorme Pedra em estado "crítico" que vimos presa com correntes e que hoje em dia ninguém sabe usar, pois perdeu-se o sangue puro que a "sincronizou" à vibração dos *Sonnenmenschen*. Ao seu magnetismo psicológico e astral.

Em meu livro "El Cordón Dorado" eu dediquei um capítulo a o que eu havia chamado "O Espelho de Papán", de onde a princesa asteca, "irmã" (*soror*) de Montezuma, na verdade uma sacerdotisa hiperbórea, obtinha suas visões. E onde ela havia contemplado o regresso de Quetzalcóatl, a Serpente Emplumada. Este espelho era uma pedra de ônix, ou de outro material desconhecido. Foi parar nas mãos de Hernán

Cortés, que o levou para a Europa. Por estranho destino, chegou à Inglaterra, onde a rainha Isabel I o cobiçava. Por último, permaneceu em mãos de John Dee, o sábio e matemático do século XVI, um descendente de Roderick o Grande e de Hoel Dhats, segundo Meyrink. Estas pedras, que os frísios já conheciam e utilizaram, e que talvez fossem o que suas sacerdotisas chamavam “Lâmpadas”, somente podem atuar efetivamente caso seja possível sincronizá-las às vibrações do sangue do operante. E o sangue deverá ser ário e puro. Melhor dizendo, para poder se conectar com estas “Lâmpadas” é preciso uma purificação prévia da Memória do Sangue. E a pedra vem a ser como uma espécie de indutor, ou como estas bolas de cristal, ou estes pêndulos, que abrem o “terceiro olho”, trabalhando sincronisticamente, em solidariedade com um pulso vital, eletromagnético do operador. É a técnica dos zahories e a utilização dos bastões, ou cetros líticos, como nos inkas e nos faraós.

O Espelho de Papán viaja com John Dee até Praga, onde o Emperador dos germanos, Rodolfo II, o alquimista, desejava possuí-lo a qualquer custo. Como relatei em “El Cordón Dorado”, eu vi, no British Museum, o Espelho de John Dee e da Princesa Papán. Mas duvido muito que seja o autêntico, pois não estaria ali, encontrando-se sim em alguma Sinagoga, em uma Loja da Maçonaria do Rito Escocês, ou em poder da Golden Dawn. Até mais, em poder do Intelligence Service e sua seção de parapsicologia e de hipnotismo à distância. É muito possível que o Espelho de Papán, no qual apareceu o “Anjo” para John Dee (o mesmo de Rilke?), chegando a falar com ele na língua a qual chamou de “Enoquiana”, tenha permanecido em Praga, em poder de membros de alguma organização secreta da nobreza germânica.

Praga é uma cidade misteriosa, cheia de vibrações mágicas. Goebbels disse: “Se Praga e Viena caírem, a Europa haverá caído”. Heydrich havia conseguido conquistar Praga psicologicamente e Himmler buscava *algo* ali, talvez uma Pedra, quiçá o Espelho da Princesa Papán. Os Serviços de Inteligência britânicos montaram uma importante operação para liquidar Heydrich, e conseguiram lhe assassinar. Todos buscavam ali este *algo*; também o traidor Canaris.

Por meio do Espelho, John Dee haveria recebido as ordens de montar a fantástica iniciativa que ele chamara “Thule”, tratando de convencer a Rainha Isabel, como nos conta Meyrink, de conquistar a Groelândia, Greenland, a terra verde, que havia sido verde e se tornou branca em uma noite. Ali, até o século XIII, habitavam milhares de vikings. No século XIV já não estavam mais. Após se reconverterem à religião dos seus antepassados nórdicos, sumiram, como se houvessem sido tragados pela terra verde – ou branca. De Mahieu diria que foram à América, seguindo seus parentes do século IX. John Dee acreditava que haviam encontrado a *entrada* à Terre Oca, ou a porta que permite *sair* para o mundo paralelo, à outra realidade pluri-dimensional, matematicamente comprovada por esse sábio que não acreditava na matemática euclidiana. Tudo isto já foi dito por nós em nossa obra anterior. John Dee tratava de convencer Isabel I de se tornar dona desta “Porta do Norte”, que lhe permitiria instaurar um *Império de Dois Mundos*, (*Imperium in império*), com saídas e entradas à outra dimensão, matematicamente verificável. Seria o autêntico *Imperium* de um *Pontifex Maximum*, de um Soberano-Sacerdote, Ponte entre dois mundos: *Shakravarti*. E assim *Engeland*, Terra dos Anjos (dos *Tuathas de* Dannan), verdadeiro nome da Inglaterra, também Albión, terra da *Albedo*, seria o *Imperium* dos Anjos, daqueles que falavam com John Dee no Espelho da Princesa Papán e que eram ninguém mais que os Deuses de Hiperbórea, marcando o caminho do retorno à pátria polar primogênita, à Idade

Dourada. Porque a língua que ele traduzia como Enoquiana (de Enoque) era a linguagem das Runas, a da Árvore, que havia sido gravada na Árvore Iggdrasil do Espanto e nos *Buchenstäbe*. Era a Linguagem da Cabála ária, a *Aryadnagarbha-Cabda*, a Cabála Órfica e fonética, que se escuta na Memória do Sangue, em sua Voz. Mas John Dee pertencia a um século judaizado, cristianizado, que havia feito desaparecer a tradição nórdico-polar, esquecendo-se das Runas. Por isso ele fazia uso de que conhecia melhor: esse profeta ante-diluviano do Gênese, Enoque, igualmente adulterado, e cujo texto se encontrava na Abissinia da Rainha de Sabá.

Em todo caso, parece que John Dee conseguiu traduzir esta língua "angélica". Em "O Anjo da Janela Ocidental", seu último livro, Gustav Meyrink nos conta a estória hermética de John Dee. Esta obra é um complemento de "O Golem" e de "O Rosto Verde", que eu havia feito com que fosse traduzido e publicado no Chile, há quase quarenta anos. "O Anjo da Janela Ocidental" foi traduzido para o italiano e prologado por Julius Evola. Temos ponderado que talvez pudesse existir uma intenção que una este livro ao "O Golem", obra que se passa em Praga, porque John Dee é descoberto, perseguido e, ao final, aniquilado pelos judeus, como talvez houvesse sido o Imperador Rodolfo II, que enlouquece. Justamente naqueles mesmos tempos a lenda nos diz que o Rabi Loew cria o seu Golem em Praga, um robô possivelmente destinado a combater John Dee, e aos planos hiperbóreos e do Imperador germânico.

John Dee não poderá realizar os seus sonhos de um Imperium de dois mundos, esse plano geinal de realismo mágico, porque infiltra-se em seu meio o espião Kelley, que o leva à ruína. Ao final, queimam a sua valiosa biblioteca e roubam os seus documentos; como no caso já mencionado do professor Hermann Wirth.

Engeland não era a terra dos anjos como havia sonhado John Dee. Havia sido colônia penal dos frísios e também depósito dos "mortos de Hiperbórea". Em todo caso, no século XVI já haviam chegado ali os judeus que foram expulsos da Espanha e Portugal. Estava mais para uma terra de demônios. E seguirá sendo, controlada pelos demônios, com um corpo ário e uma alma judaica.

Desde os tempos de Piteas de Marselha existe a suspeita de que algo foi perdido no Norte, algo que se busca. Colombo vai também até ali, para investigar, fazendo parte de uma expedição dinamarquesa e usando outro nome, é claro[45]. Qual teria sido o verdadeiro nome judaico desse importante agente de Jeová? Primeiro se dirige em busca da Porta do Norte, então segue para encontrar a Porta do *Polus Antarcticus*, o de Wolfram von Eschenbach e também de Virgílio: "De um Polo ao outro Plo, retornará a Idade Dourada...". Colombo irá tratar de fechar estas Portas de Saída, com os exorcismos do rabino que lhe acompanhava; porque ele estava a realizar uma missão de magia negra, muito diferente daquela que ele havia apresentado aos Soberanos Católicos da Espanha. Ia em perseguição aos Deuses Brancos, como hoje ainda seguem fazendo os seus congêneres, pelo Sul do Chile e da Argentina.

O que foi feito do Espelho de Pedra da Princesa Papán? Curiosamente, na Chancelaria do Terceiro Reich o Führer havia mandado talhar uma Águia azteca, a de Quetzalcóatl, de quem Papán havia sido sacerdotisa. Não sei porque estabeleço uma relação entre Papán e Nefertiti, essa Rainha egípcia cuja cabeça esculpida se encontrava no Museu de Berlim e que Hitler havia amado tanto. Nefertiti, Isis, Papán. Como Osiris,

---

[45] N. do T.: Lembrando que, além de judeu, Colombo assinava seu nome com uma simbologia maçônica condizente a aquela de um membro de alto grau.

ela retornou à vida depois de estar morta. É a iniciação de Isis, a Segunda Vida da Nascida Duas Vezes.

“Porque não há nada mais belo no mundo do que ressuscitar depois de haver sido despedaçado...”.

Assim foi dito por Popol-Vuh.



“No capacete do guerreiro (do Vîra) estava encrustrada uma coisa chamada Ecidemon”
- Parzival

A Thulegesellschaft

Como chegou até John Dee a ideia de Thule? Através de alguns textos clássicos em sua importante biblioteca, certamente. Mas também pelo Espelho da Princesa Papán, como uma ordem. Impregnada estaria esta pedra escura pelas vibrações, dos sonhos e das visões de Papán. Ela, filha de Tule, Tola ou Tolán. Papán, a hiperbórea, descendente de uma raça originária do extremo Norte, já coberto pelos gelos. Quanto à concepção de entradas e saídas à outra dimensão e à Terra Oca, John Dee haveria recebido diretamente deste "Anjo" que lhe falava na Língua Rúnica da Árvore, e que ele havia chamado de Enoquiana. Pertencia também à uma descoberta pessoal sua, obtida por seus cálculos matemáticos, que estavam avançados em vários séculos. De uma matemática não euclidiana, não judaica, senão que *arquetípica*, pitagórica, órfica. Uma *matemática sincronística*, *acausal*.

John Dee buscava pela *entrada* do Norte, quase que ao mesmo tempo que outro mago alquimista buscava pela *entrada* do Sul: o genial cosmógrafo Pedro Sarmiento de Gamboa. De um Polo ao outro Polo, como diria Virgílio. E ambos, por terem sido descobertos pelo Inimigo, acabaram em um desastre, vítimas de uma encarniçada perseguição.

Não é de se estranhar que a iniciativa que John Dee não pôde terminar, nem sequer começar, através dos séculos foi continuada por outros homens e outras organizações. A ideia do regresso à Thule é muito antiga e pertence ao acervo mítico nórdico-polar, ao sangue ário. Na alma dos exilados, que empreendem o grande êxodo, está impressa a ânsia do retorno. Apolo voltava à Hiperbórea a cada dezenove anos, para rejuvenescer. Quatrocentos anos antes da nossa Era, Piteas busca pela Última Thule. Nada sabemos sobre se ele a achou, porque, como sempre, seus escritos desapareceram.

Se o Espelho de Papán foi conservado na Alemanha, ou em Praga, é um segredo bem guardado. O certo é que a Ordem da Thule, a *Thulegesellschaft*, retoma o tema de retorno à Hiperbórea, em um sentido mítico-simbólico, interior e também de sincronismo externo, em busca das *entradas* e *saídas* da galáxia.

Em "El Cordón Dorado" nos referimos brevemente a esta importante organização esotérica alemã, com sede em Munique e filial da *Germannenorden*. A ela pertenceram Rudolf Hess, Alfred Rosenberg e Dietrich Eckart. Que a Ordem da Thule é responsável pela criação do Nacional-Socialismo esotérico, especialmente o das SS, é possível de ser comprovadoo no fato de que o emblema que usam é o mesmo: a Swastika Levógira, a do Retorno à Hiperbórea e que gira em sentido contrário ao do movimento rotatório da Terra do Kali-Yuga. Antes da catástrofe que submergiu a Hiperbórea polar, a Terra girava no sentido desta Swastika. Também o punhal do emblema da *Thulegesselschaft* é idêntico ao das SA primeiro e depois ao das SS.

Quase todas as decisões que foram tomadas no começo da formação nacional-socialista e na chegado de Hitler ao poder teriam sido ordenadas pela *Thulegesselschaft*. Entre elas, a destruição das S.A., que haviam se distanciado completamente do plano esotérico, para chegar a constituir um "exército do povo", no estilo revolucionário maoísta, como diríamos hoje em dia. O lema do punhal das S.A. era: "*Alles für Deutschland*", bastante próximo ao objetivo da *Germannenorden*. Com a destruição das S.A. foi possível dar o impulso às SS, que passaram a ser uma organização esotérica, de

"monges guerreiros iniciados". Penso que aqueles homens vestidos como civis, que não desejavam que seu rosto aparecesse na fotografia de Wewelsburg, possivelmente eram delegados iniciadores da *Thulegesellschaft*, em missão especial no Castelo da Ordem Negra.

Um indício bastante importante sobre o que seria a instrução esotérica de Wewelsburg nos é concedido pelo caso de Otto Rahn. Comparemos seus dois livros, "A Cruzada contra o Gral", antes de ser membro das SS, e "A Corte de Lúcifer", posterior à sua inclusão. No primeiro não há absolutamente nada que possa se referir à *Weltanschauung* hiperbórea hitlerista, nem sequer uma menção aos judeus. Já vimos que Lúcifer passa a ser tratado aqui sob o seu aspecto tradicional cristão de maligno, de Anjo rebelde. E no segundo livro tudo mudou, ao ponto de que o próprio título já é uma exaltação e vindicação luciferina. Naqueles anos, Otto Rahn deu uma conferência aos SS, em Dortmund, no Club "Dietrich Eckart", sobre o seu novo conceito de Lúcifer, lendo alguns parágrafos de sua obra que então estava sendo preparada, "Luzifers Hofgesind". Relatou suas buscas pelo Gral na terra dos albigenses e apresentou Lúcifer como sendo o Portador da Luz, Luci-bel, como o chamavam os Puros cátaros. Assim, Rahn declarou-se seguidor de Lúcifer e contrário à Roma Vaticana e ao judaísmo de Jeová.

Seu novo livro será um aviagem através dos séculos e pela Europa, em busca dos seguidores de Lúcifer, sempre na direção da Swastika Levógira, até ir parar na Islândia, terra das *Edda*, tratando de se aproximar, como Piteas, à Última Thule. É, portanto, a Viajem física e espiritual do Regresso, simbólico e sincronístico.

Mas tudo isto aparecia em Otto Rahn como sendo algo recém aprendido, como se ainda não houvesse se tornado sangue e carne. Ele não havia sido iniciado em Wewelsburg. Unicamente havia lhe sido entregue a estrutura teórica e mítica. O suficiente para que isto nos servisse como uma importante sinalização de como eram dirigidos os assuntos no Hitlerismo Esotérico. Lúcifer, em si, era chamado pelo seu nome judaico ou judaizado unicamente para acarretar o choque necessário no discípulo SS que havia sido doutrinado durante anos pela mitologia judaico-cristã. Se tratava de reverter tudo. Mas Lúcifer era *Phosforo* e era Vênus, a Estrela da Manhã, Oiyehue. E também era Wotan, Baldur e Quetzalcóatl, o guia da sacerdotisa Papán.

Qual é a origem máxima da *Thulegesellschaft*, sua filiação esotérica? Sem dúvida a grande mitologia germânica, a ciência das Runas, um conhecimento perdido desde os tempos de Hiperbórea. Por isso, a iniciação consistiria em uma viagem de regresso, com a Swastika Levógira, até a Última Thule, por dentro e por fora, sincronisticamente. A Ordem de Thule esperava, já há muito tempo, pelo Grande guia de todos os ários, que devia aparecer. Usava o termo místico e tradicional de Führer para o Avatar. Quando este chegasse, a *Thulegesellschaft* lhe reconheceria, lhe ajudaria firmemente a se instalar no poder da Alemanha e desapareceria, considerando já por cumprida a sua missão. Vemos que quando Hitler chega à Chancelaria, o Diretor da Ordem de Thule, von Sebottendorf, deixa a Alemanha, em direção à Turquia, onde ao final da guerra morre de uma maneira misteriosa.

Sendo assim, a sucessora da *Thulegesellschaft* será a Ordem Negra SS da Caveira. Seus mais altos iniciados herdariam e completariam, com investigações próprias na *Ahnenerbe*, a iniciação racial do sangue.

Em meju livro, "La Flor Inexistente", contribuo com um indício do que pode ter sido esse tipo de iniciação, que trata de despertar a Voz adormecida do sangue, para reviver a Memória e a Minne dentro do Círculo. Dali saiam os eleitos, os *Vîras*, para

buscar a entrada à Cidade dos Césares, à Paititi, à Elelllin. Passando para esta outra dimensão, podiam travar o combate sincronístico no Dois Mundos – com as Duas Espadas – contra o Inimigo.

É natural que a Thulegesellschaft estabeleça uma filial na *Engeland* de John Dee. Pensam que ali também é possível restabelecer à Minne, fazer com que a Memória do Sangue ressurja. Nasce assim a *Golden Dawn*, "O Amanhecer Dourado". Imediatamente é infiltrada por elementos indesejáveis e até degenerados, como Aleister Crowley, alguns judeus da família Bergson, e outros mais. Mesmo assim, os hitleristas esotéricos creem que será possível trabalhar uns com os outros para começar a grande iniciativa de estabelecer o *Imperium* de Dois Mundos.

A LISTA DE MEMBROS DA THULEGESELLSCHAFT (A ORDEM DA THULE)

Esta lista foi publicada em 1933 pelo fundador – em Munique – da Thulegesellschaft, Rudolf von Sebottendorff, em seu livro "BEvor Hitler Kam" – "Antes de Hitler ter vindo". Por ordem do Nacional-Socialimso, a obra foi confiscada. Era perigoso trazer ao conhecimento do público a participação dos mais altos dirigentes do Partido em uma organização esotérica. Como dissemos, o próprio Sebottendorff deixa a Alemanha em direção à Turquia, onde morre de maneira estranha (afogado) com o fim da guerra.

Na lista a seguir, os membros são classificados como *Mitglied* e *Gast*. O que, em uma tradução livre, seria: "Membro Permanente" (M.P.) e "Membro Visitante" (M.V.). Hitler, Rosenberg e Dietrich Eckart aparecem como Membros Visitantes (M.V.). Rudolf Hess como Membro Permanente.

O livro "Bevor Hitler Kam" é muito difícil de ser encontrado em sua edição original; mas na Alemanha foram feitas algumas edições em fac-símile, também muito raras hoje em dia.

Amann, Max.
Andersh, Alfred. M.P.
Annacker, Hohann. M.P.
Arnd, Julius, Dr. M.P. Nascido no dia 7 de janeiro de 1898. Filho do historiador de arte muniquense. M.P. pertence aos corpos francos *Oberland*.
Assman, Ludwig. M.P.
Aumiller, Max. Proprietario do hotel Marienbad.
Baldauf, Georg. M.P.
Baller, Alfred. M.P.
Bartels, Fritz. M.P.
Bauer, Hermann. M.P.
Bauer, Josephine. M.P.
Bauer, Ludwig. M.P.
Baumer, Anna. M.P.
Bayrhammer, Max. M.P.
Becker, Berta. M.P.
Bekh, Barão de. Prefeito. Chefe dos corpos francos. Oberland. 1918.
Besnard. Advogado muniquense. M.P.
Bierbaumer, Käthe. M.P.
Birner, Hedwige. M.P.
Block, Nora. M.P.
Bodmann, Hans Hermann. Barão de. M.P. Colaborador do *Völkischer Beobachter*.
Born, Kurt. M.P.
Brehm, Georg. M.P.
Bruno, Alfred. M.P.
Büchold, Valentin. M.P. Colaborador do *Völkischer Beobachter*. Nascido em 8 de agosto de 1898, em Munique.
Bunge, Has. M.P. *Führer* da *Leibstandarte* das SS.
Closmann, Hans. M.P.
Closmann, Hugo. M.P.
Clobitz, Franz. M.P.

Dahn, Hans. M.P. Neto de Félix Dahn. Foi um dos chefes da T.G.
Dannehl, Franz. Entomólogo e compositor de música. Segundo chefe da T.G. depois de von Sebottendorff.
Daumelang, Anton. Nasceu no dia 16 de setembro de 1870. Um dos 7 membros da T.G. que foram tomados como reféns e executados no dia 30 de abril de 1919 no Luitpold Gymnasium de Munique.
Deby, Theo. M.P.
Dechaud, Georg. M.P.
Deiglmeier, Elisabeth. M.P.
Deike, Walter. M.P. nascido em 1892, especialista em artes gráficas. Um dos sete reféns executados no dia 30 de abril de 1919 no Luitpold Gymnasium.
Demmel, Augusta. M.P.
Demockl, Ida. M.P.
Dingfelder, Johannes, Dr. Médico. M.V.
Dresel, Maximilien. M.P.
Drexler, Anton. M.V. Se uniu aos primeiros membros da *Deutschen Arbeiterverein*, sendo seu vice-presidente com Karl Harrer e deputado da assembleia bávara.
Düntzel, Hans. M.P.
Eckart, Dietrich. M.V. Escritor. Nascido em 23 de março de 1868 em Neumarkt (Oberpfalz), morto em 26 de dezembro de 1923. Conhecido por sua adaptação de *Peer Gunt*. Editor e então redator-chefe do *Völkischer Beobachter*. Participou do "Putsch" de Kapp e da "marcha de Hitler", no dia 9 de novembro de 1923.
Eckart, Paul. M.P.
Ehrengut, Leopold. M.P.
Engelbrecht, Otto. M.P.
Feder, Gottfried. M.P. nascido no dia 27 de janeiro de 1883, em Würzburg. Estudos técnicos superiores em Munique, Charlottenburg e Zurique. Engenheiro em obras públicas e no estrangeiro a partir de 1908. Especialista em estudos financeiros e comerciais, desde 1917. Em 1919 aparece a sua obra principal: "Manifesto para romper a servidão dos juros do dinheiro". Associado às edições de Franz Eher, em 1920. Co-fundador do N.S.D.A.P. deputrado do Reichstag em 1924.
Secretário do Estado no Ministério do Comercio no dia 29 de junho de 1933, e redator de um programa integral do Nacional-Socialismo. Em 1931, presidente do Conselho Econômico do N.S.D.A.P. A importância fundamental do seu Manifesto é destacada pelo próprio Adolf Hitler em "Mein Kampf", 1º volume, p. 229. Enquanto era sócio de Franz Eher, desde 1920, Feder estava em contato com o Barão Franz von Feilitzch, membro da T.G., com Max Amann, principalmente, quem, além de ser diretor das edições de F. Eher, chegou logo depois a ser diretor geral das edições do partido nacional-socialista, com o Dr. Gutberlet e com Heuss, também membros da T.G.
Feilitsch, Franz, Barão de. M.P. Associado às edições de F. Eher desde 1920.
Feldbauer, Hermann. M.P.
Fiehler, Karl. Nascido no dia 31 de agosto de 1895. Membro de honra da T.G. Presidente do Conselho Municipal de Munique (*Oberbürgermeister*). Combatente das tropas de choque hitlerianas, no dia 9 de novembro de 1923. Foi preso juntamente com Hitler na fortaleza de Landsberg. Nº 91724 – SS – Obergruppenführer. Reichsleiter do partido nazi (Nº 37). Ainda vivia em Munique em 1965.
Frank, Michel, Hans, Dr. M.P. Nascido no dia 23 de maio de 1900 em Karlsruhe. Estudos financeiros e econômicos em Munique, depois em Kiel e Viena. Conselheiro jurídico em Munique, em 1926. Membre du corps enseignant, instrutor em Munique, em 1927. Representante das comissões superiores do N.S.D.A.P. para os assuntos jurídicos e presidente da Sociedade de Juristas Nacional-Socialistas. Deputado do Reichstag em 1930. Em abril de 1933, "Comissário do Reich para a renovação e unificação da ordem jurídica". Julgado em Nurembergue e enforcado na noite de 15 para 16 de outubro de 1946.
Freudenberger, Lucie. M.P.
Freyholt, Ella von. M.P.
Fries, Valentin. M.P.
Frühhauf, Ludwig. M.P.
Führer, Thesi. M.P.
Fülle, Anton. M.P.
Funk, Leonhard. M.P.
Gaiser, Karl. M.P.
Gathmann, Erna. M.P.
Gathmann, Otto. M.P.

Gaubatz, Georg. Dr. M.P. Conselheiro jurídico.
Gaubatz, Käthe. M.P.
Gessel, Tilde. M.P.
Geyer, Johann. M.P.
Glauer, Adam, Alfred, Rudolf. Depois conhecido como Sebottendorff (Rudolf, Barão von).
Glauer, Dora. Irmã do anterior; nascida em 10 de setembro de 1886 em Hoyerswerda e morta em 1921.
Göppeler, Hans. M.P.
Gräber, Georg. M.P.
Grassinger, Hans, Georg. M.P. Nascido no dia 23 de março de 1887 em Eitting-Mallensdorf (Baviera). Primeiro presidente do partido social-alemão.
Griehl, Arthur. M.P.
Gronbach, Adolf. M.P.
Gutberlet, Wilhelm, Dr. em medicina. M.P. Nasceu em 24 de abril de 1870 e morreu em 24 de agosto de 1933. Associado, no ano de 1920, às edições de F. Eher.
Häckel, Ernst. M.P.
Halbritter, Ernst. M.P. Colaborador do *Völkischer Beobachter*.
Harrer, Karl. M.P. Nasceu no dia 8 de outubro de 1890, morreu em 5 de setembro de 1926. Primeiro presidente da Associação Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães. (Mais conhecido como Drexler).
Hartmann. Fritz. M.P.
Heiden, Adolf von. M.P.
Heim, Gustav. M.P.
Heimburg. Werner von. M.P.
Herbst, Fritz. M.P.
Herdegen, Johann. M.P.
Hering, Elsa. M.P.
Hering, Johannes. M.P.
Hering, Thérése. M.P.
Herterl, Otto. M.P.
Hess, Rudolf. M.P. Nascido no dia 26 de abril de 1894 em Alexandria; filho de um comerciante de origem bávara. Em 1908 era aluno do "Pädagogium" de Godesberg-am-Rheim. De 1910 até 1904 estuda línguas estrangeiras na Suiça francesa e então segue cursos comerciais em Hamburgo. Se inscreve como voluntário no 1º Regimento bávaro de infantaria quando a guerra é declarada. Ferido em 1916. Depois de se recuperar, participa em combates na Romênia. Ferido novamente em 1918. Em 1919 se dedica a atividades comerciais, estudos históricos e econômicos. Ferido novamente em 1921, quando da "liberação" de Munique. Participa no "putsch" de 9 de novembro de 1923, sendo aprisionado juntamente com Adolf Hitler em Landsberg, em 1924. Depois de ser solto de Landsberg, chega a ser assistente do professor de geopolítica alemão, **Karl Haushofer**. Em 1925 é secretário particular e ajudante máximo de campo do Führer. Em 1932 é presidente da Comissão Central do Partido Nacional-Socialista. Em abril de 1933 é delegado suplente do Chanceler do Reich e da presidência do Partido, com poder executivo e membro qualificado dos Conselhos de Ministros e do Gabinete. A imprensa alemã dizia sobre R. Hess naquela época: "Desde 1925, está estreitamente vinculado ao Führer e lhe acompanha em suas viagens, reuniões e conferências. Está profundamente compenetrado com o pensamento do Führer quanto ao trabalho cotiano do qual comparte com ele há um longo tempo. É, portanto, natural que o Chanceler, cujo tempo é tomado pelo trabalho e pelo cargo de governante, tenha designado R. Hess como seu ajudante pessoal na direção do Partido". Julgando em Nurembergue e condenado no dia 1º de outubro à prisão perpétua.
Heuss, Theodor. M.P. Associado às Edições Eher de Munique.
Hitler, Adolf. M.V.
Hollerith, Franz. M.P.
Hölz, Fritz. M.P.
Holzwarth, Willi. M.P.
Holnstein, Conde de. M.P.
Holnstein, Condessa de. M.P.
Horn, Adolf. Hühmann, Alwine. M.P.
Iffland, Anna, Bertha. É a esposa de von Sebottendorff. Divorciada em 1928.
Imhof, Rudolf von. M.P.
Jakobi, Karl. M.P.. Conselho juridico.
Jost, Heinrich. M.P. Foi condenado à prisão perpétua em 1948 por um tribunal americano. Em 1951 a pena foi limitada a dez anos. Foi liberado logo depois. Em 1964 é conselheiro comercial de monopólios in-

-dustriais alemães no ocidente. *É um dos mais antigos membros do partido nacional-socialista*. (1º de fevereiro de 1928). Foi diretor do *Amt VI des Reichssicherheitshauptamntes*, desde 1938 até 1942, isto é, do serviço de informação estrangeira do Partido, concurrente com a *Abwehr*, organização militar. Foi predecessor do célebre Walter Schellenberg, a quem Himmler chamava seu "benjamin". Em 1941, Jost foi enviado à frente do Leste. Comandante *Einsatzgruppe A* e do serviço de segurança *Ostland* em Riga.
Kahl, Wilhelm. M.P.
Kaindl, Georg. M.P.
Kaiser, Georg. M.P.
Karl, Laura. M.P.
Karl, Maria. M.P.
Kautzer, Eugen. M.P.
Kerlen, Kurt. M.P.
Kessler, Georg. M.P.
Klein, Ernst. M.P.
Kleinmann, Hugo. M.P.
Klöck, Anton. M.P.
Knauf, Grete. M.P.
Knauf, Friedrich. M.P.
Kneil, Elisabeth. M.P.
Kneil, Julius. M.P.
Kraus, Edgar. M.P.
Kurz, Heinz, Dr. M.P.
Lack, Joseph. M.P.
Laforce, Wilhelm. M.P. Nascido no dia 4 de agosto de 1886, colaborador do *Beobachter*. Participa no "Putsch" de 9 de novembro de 1923. É preso na fortaleza de Landsberg juntamente com Adolf Hitler.
Lang, Karl. M.P.
Langenegger, Lia. M.P.
Legl, Georg. M.P.
Leoprechting, Karl, Barão von. M.P.
Leoprechting, Mathilde, Baronesa de.
Lindau, Otto. M.P.
Lippe, Kurt von der. M.P.
Lob, Franz. M.P.
Löffelholz, Barão von. M.P.
Lützelburg, Ernst, Barão von. M.P.
Mars, Hans. M.P.
März, Karl. M.P.
Matthes, Karl. M.P.
Matthiessen, Wilhelm. M.P.
Mayer, Hugo, Heinrich. M.P.
Mayer, Otto. M.P.
Merz, Georg. M.P.
Metz, Georg. M.P.
Meusel, Arthur. M.P.
Michaelis, Friedrich. M.P.
Mikusch, Adelheid, Baronesa von. M.P.
Miller, Thérèse. M.P.
Molz, Anni. M.P.
Moschick, Paul. M.P.
Moseldick, Paul. M.P.
Müller, Franz. M.P.
Müller, Hans, Georg. M.P. Colaborador da redação do *Beobachter*.
Müller, Karolina. M.P.
Nagel, Paul. M.P.
Nauhaus, Walter. M.P.
Neumaier, Rosa. M.P.
Ott, Johann. M.P. Aviador durante a Primeira Guerra Mundial. Membro da T.G. em dezembro de 1918. Diretor dos Serviços Comerciais do Beobachter, em julho de 1919, e membro Nº 29 do Partido dos Trabalhadores Alemães.
Parcus, Leo. M.P. Membro do corpo franco *Oberland*.
Pfeiffer, Karl. M.P.
Pfister, Georg. M.P.
Polscher, Walter. M.P.
Pongratz, Wolfgang. M.P. Nascido no dia 2 de janeiro de 1891, em Furth-in Wald. Encarregado dos serviços de informações, armas e transport da *Centrale Oberland*.
Purpus, Friedrich. M.P.
Rauch, Max. M.P.
Reichenbach, Leonhard. M.P.
Reitzenstein, Barão de. M.P.
Repp, Karl. Membro do corpo franco *Oberland*.
Rexhäuser, Valentin. M.P.
Riedl, Geog. M.P.
Riedmayer, Johann. M.P.
Riemann, Hans. M.P. Em outubro de 1919. Engenheiro. Exerceu influência ideológica sobre o N.S.D.A.P.
Riemann-Bucherer, Gertrude. M.P.
Ritzler, Konrad. M.P. Nasceu em 5 de julho de 1883. Em 1919 se encontrava entre os grupos armados para a defesa republicana e prestou importantes serviços como agente de informações da T.G.

Rohmeder, Wilhelm. M.P. Membro da ***Germanenorden***, em janeiro de 1981. Presidente da Associação de Escolas Alemãs e de númerosos grupos populares análogos.
Röhrer, Josef. M.P.
Rosenberg, Alfred. M.V. Nascido em 12 de fevereiro de 1893. Membro visitante na primavera de 1919. Colaborador de D. Eckart. Desde 1921, redator-chefe do *Völkischer Beobachter*. Em 1933, chefe das Associações de Combate para a Cultura Alemã. *Reichsleiter* do partido nazi. Chefe de Serviços da Política Exterior do N.S.D.A.P. *Autor de "O Mito do Século XX"*.
Ruppert, Albin. M.P.
Sailer, Georg. M.P.
Sassiger, Georg. M.P.
Schanze, Max. M.P.
Scheppeler, Ernst. M.P.
Scheuermann, Marie. M.P.
Schlitt, Wilhelm. M.P.
Schmidt, Hermann. M.P.
Schmide, Thérèse. M.P.
Schneeberger, Ludwig. M.P.
Schröder, Franz, Josef. M.P.
Schröder, Karl. M.P.
Schulthes, Hans. M.P.
Schwabe, Karl. M.P. Em dezembro de 1918. Membro da *Centrale Oberland*.
Schwaiger, Paula. M.P.
Sebottendorff, Rudolf, Barão von. (Com o sobrenome "de la Rosa"). Cavaleiro da Ordem Imperial de Constantino. Nascido em 9 de novembro de 1875 em Hoyerswerda. Filho do construtor de locomotivas Rudolf Glauer. Trabalhava em uma usina nos arredores de Görlitz, e então embarcou para à Austrália, em 1898. Foi buscador de ouro e permaneceu na Turquia, na região de Bursa, por volta de 1900. Em 1911, adquire a nacionalidade turca, sendo adotado pelo Barão von Sebottendorff. Ferido gravemente durante a guerra dos Balcãs, voltou para Breslau, em 1913, e financiou os primeiros ensaios de Friedrich Göbel, morto em 1929, engenheiro que teve a ideia para os carros de assalto. Casado em 1915 com Bertha Iffland, permaneceu em 1918 em Munique e então em Fribourg--in-Brisgau. Comprou, por conta da *Germanenorden*, a casa editorial *Franz Eher Verlag* e o periódico *Münchener Beobachter*, que, desde o dia 9 de agosto de 1919, passou a se chamar *Völkischer Beobachter*. (O diário do Partido Nazi). De regresso à Turquia em 1923, foi consul honorário do México. Entre 1929 e 1931 visitou o México e a América, onde negociou várias concessões para a Turquia. Sebottendorff morre afogado em 1945 na Turquia. Foi um astrólogo de renome. Esta informação sobre von Sebottendorff não aparece em seu livro, é claro, e foi obtida de Ellic Howe, autor de "Urania's Children". Na lista original aparece com seu nome anterior, Rudolf, Alfred, Adam, Glauer.
Sedlmeier, Hermann. M.P. Nascido em 4 de maio de 1896. Se alista como voluntário no mesmo regimento que Adolf Hitler. Fundou em 1919 o corpo franco *Schäfer*. Proprietário em 1933 do *Ring-Restaurant-Cafe* em Munique.
Seeger, Georg. M.P.
Seidlitz, Friedrich. M.P.
Seilnacht, Genofeva. M.P.
Sesselmann, Max. M.P. Em março de 1919. Fundador e redator do *Beobachter*. Participou do "putsch" de 1923. Deputado do bloco popular no *Landtag* bávaro.
Singer, Karl. M.P.
Sommer, Luise. M.P.
Söttl, Franz. M.P.
Spiesshofer, Albert. M.P.
Steinle, Franz. M.P.
Stoiber, Michael. M.P.
Straub, Marie. M.P.
Teuchtert, Barão von. M.P.
Thurn und Taxis, Prince von. Nascido em 1888. Executado no dia 20 de abril de 1919 no *Luitpold Gymnasium*. M.P. da T.G. Thurn und Taxis foi membro dos "Iluminados da Baviera", secta fundada por Adam Weishaupt ao final do século XVIII.
Ulsamer, Hubert. M.P.
Utsch, Friedrich. M.P.
Vopelius, Alwine. M.P.
Vopelius, Ludwig. M.P.
Walter, Ludwig. M.P.
Walterspiel, irmãos. Proprietários do célebre hotel As Quatro Estações (*Vierjahreszeiten*) de Munique, onde a T.G

a T.G. realizou suas sessões históricas. Protetores da T.G. Em cada uma das suas estadias em Munique, Hitler ia ao *Vierjahreszeiten*.
Waydelin, Paul. M.P.
Weber, Ludwig. M.P.
Weinberg, Karl. M.P.
Weinrich, Heinrich. M.P.
Weinrich, Käte. M.P.
Welz, Eduard von. M.P.
Welz, Laura von. M.P.
Westarp, Heila, Condessa de. M.P. Nascida em 1886. Foi secretária da T.G. Executada em 30 de abril de 1919 no *Luitpold Gymnasium*.
Westerndorf, Anna. M.P.
Westphal, Hans. M.P.
Wiedermann, Lt. M.P.
Wiedmann. M.P.
Wieser, Fritz. M.P. Redator do *Völkischer Beobachter*.
Wittenberg, Else, Baronesa von. M.P.
Wittenberg, Wilhelm, Barão von. M.P.

Esta lista revela que Rudolf Hess era membro permanente (M.P.) da Sociedade Esotérica da Thule, a *Thulegessellschaft*. Por outro lado, Haushofer, seu professor de geopolítica, não figura como membro da Ordem.

A Missão de Rudolf Hess

Rudolf Hess foi iniciado na *Thulegesellschaft*. Portanto, também despertou a *Voz*, a *Minne* hiperbórea e já possui o *Vril*. Seu sangue é puro, seu duplo sangue, o físico e o astral. Isto não se consegue por um processo temporal, de preparação por graus, dentro to tempo terrestre, senão que por um raio, como nos "fulguradores". É um evento atemporal, que advém quando o sangue foi purificado por meio de práticas especiais, por essa Alquímia *Graálica*, mudando o metabolismo biológico e psíquico. O chumbo foi transmutado. O "órgão" do Vril, perdido pela raça branca hiperbórea, foi recuperado. ER, a Coluna de Thabronit, a que permite ver à distância e que cruza o céu.

O Führer, Adolf Hitler, não precisou da iniciação da *Thulegesellschaft*. Ele era um Avatar e havia chegado com todos os poderes. Recordemos o livro de Kubizek, onde este nos descreve um jovem Hitler, partindo de noite para as montanhas, porque havia escutado à *Voz*. E o que Jung nos disse sobre ele. E Rauschining, descrevendo-lhe coberto de suor, tremendo e dizendo que "eu o vi, e está ali, no canto do quarto, e é terrível!...". Ele havia contemplado o *Ser que Virá*. E essa visão é semelhante, quiçá, a aquela que John Dee havia tido no Espelho da Princesa Papán e que fez com que Rodolfo II enlouquecesse. O Anjo Hiperbóreo, o Siddha.

Tudo o que Hitler então veio a fazer está de acordo, todavia, com a *Weltanschauung* da *Thulegesellschaft*. A sua *Blitzkrieg*, é o furacão de Wotan. Sua campanha guerreira total é cumprida dentro de um plano esotérico, interior e exterior, seguindo a direção e o giro alucinante da Swastika Levógira. Em direção aos gelos da Hiperbórea do Polo Norte, para assim poder endireitar o Eixo da Terra. Mas Hitler é detido em Stalingrado, no Cáucaso, após haver mandado que seus soldados escalassem o cúme sagrado do Monte Elbruz. O que teria acontecido? Algo teria dado errado?

O voo solitário de Rudolf Hess à Inglaterra não teve o êxito esperado, no contato esotérico entre um *Vîra* ário da *Thulegesellschaft* e um da *Golden Dawn*. *Engeland* não

será incorporada à iniciativa gigantesca de realismo mágico: a reconquista da Thule e das entradas ao mundo análogo. Já não haverá um *Imperium* da raça ária, estabelecido em Dois Mundos.

Tudo fracassou? O que Hitler fará? Voltará atrás? Não! A solução esotérica se encontra agora em imprimir maior velocidade ao giro do Círculo da Swastika Levógira, aconteça o que acontecer, ainda que na superfície das coisas aparentemente se tenha perdido, que aconteça uma catástrofe. O Führer sabe que não haverá triunfo material, que a vitória da Runa SIEG é cumprida na derrota aparente. E Hitler inicia a sua "Operação Barbarossa", a da perda e morte mística, para ressuscitar e retornar mais adiante, no limite do tempo.

O heroísmo sem igual de Rudolf Hess não será à toa. Sua viagem correspondeu também a um plano esotérico. Ainda que aparentemente ele tenha ido pedir a devolução das colônias e oferecer a retirada da Alemanha de todos os territórios conquistados no Ocidente, a sua proposta mais essencial estava relacionada ao Mar do Norte, à Thule, à Hiperbórea às *entradas* e *saídas* para uma outra dimensão, e à Terra Oca. Ele podia conceder toda espécie de informações sobre isto, com dados tomados dos arquivos da *Thulegesellschaft* e da *Ahnenerbe*. Mas para nada serviriam estes conhecimentos se antes *Engeland* não seguisse uma política racial de purificação do sangue ário, coisa que a Alemanha e a Inglaterra puderam conseguir sempre que se limparam dos judeus. O Espelho da Princesa Papán, o Pilar de Thabronit, os blocos talhados de Externsteine e o Cromeleque de Stonehenge, sem terem sido sincronizados ao "pulso do rio do sangue ário" (ao *pulso so dragão*) não serviriam para grandes coisas. Como tampouco seriviriam as informações que Rudolf Hess poderia haver concedido aos seus captores judeus e maçons, se é que estes conseguiram arrancá-las dele.

A Iniciação SS era um yoga hiperbóreo, nórdico-ocidental, desconhecido. Tinha por objetivo despertar à Minne, à nostalgia de Hiperbórea no sangue do *Vîra*, que seria transmutado em *Divya*, em *Sonnenmensch*, em Homem-Total, mais além de todo juízo e limitação moralizante, superando os pares de opostos e dualismo gnóstico. As fórmulas para despertar a Memória, a Nostalgia e a Voz, até recuperar ER, o *Vril-Vraja*, estão na Cabála Rúnica e Órfica dos mantras e sons, na *Hiranyagarbha-Cabda*, nos *Buchenstäbe*, no Livro germânico das Três Mães, ou Três Nornas. Essa abóboda subterrânea, "musical", da Torre Norte de Wewelsburg, onde com meus camaradas entoamos mantras evocadores e sentenças consagradas, a ressonância acústica, sutil, penetrava pela pele, alcançando o sangue com a sua vibração acerada, sua música de mais além das esferas, despertavam o Canto chamado *Minnesang*. Porque acima, no centro da abóbada, os antigos mantras nórdicos, da língua rúnica de Wotan, pronunciados pelos guerreiros SS, haviam feito com que a Swastika começasse a girar a tal velocidade que ali se abria um espaço, através do qual, como pétalas caídas de um outono do Sol de Ouro, descia um raio da Estrela da Manhã, cruzando o Sol Negro da Swastika, recém-criado. Vinha de muito longe, da Pátria Nupcial, com a nostalgia do Raio Verde. De repente se abria o Terceiro Olho, transformando-se em uma Voz, inicialmente muito longínqua, quase perdida em um Universo somente entrevisto ou sonhado, para romper como uma ordem, com o estralo de sentenças muito curtas. Era a Voz que o Führer havia escutado desde a sua infância e que Rudolf Hess despertara na *Thulegesellschaft*. A Língua da Árvore, do vento na cópa das árvores, que Hitler escutou nos bosques de Linz e Berchtesgaden.

Então, no piso imediatamente mais acima, na grande sala circular de doze colunas de mármore, de doze janelas, onde sobre o lintel de uma porta estava pendurada a enorme pedra, como um pedaço da Coluna de Schastel Marveile, extraída dos montes sacros de Berchtesgaden ou de um bloco de Externsteine, os doze guerreiros SS, os *Einherier*, sentados à Mesa Redonda e vestidos com túnicas de heróis nórdicos, muito antigas, como o fizeram também no Castelo do Monte dos guerreiros iniciados de Frederico II de Hohenstaufen, bebiam em taças de pedra, com a dupla Runa SIEG, da Vitória, dos Nascidos Duas Vezes, dos Cavaleiros das Duas Espadas, dos combatentes dos Dois Mundos, o Licor da Vida Eterna, do Sangue Azul de Hiperbórea: Soma, hidromel, ambrósia, ahoma, amrita, *Kâranavari* – Água Causal, *Jnânâmrita*, Água da Sabedoria. Era a cerimônia da Minnetrinken, com o Licor da Imortalidade enchendo até a borda a Taça de Pedra Verde do *Grial*. O Sangue Real, o *Sangreal*.

A existência desta grande Pedra ali seria outra razão pela qual Hitler evita toda resistência militar em Berchtesgaden, e Himmler em Wewelsburg. Não se podia correr o risco de danificar fisicamente estes lugares para não alterar um equilíbrio em “estado crítico” alcançado por algumas de suas rochas e nesta Pedra.

Acima, no mais alto piso da Torre Norte de Wewelsburg, ainda não terminado, deveria presidir um dia o Rei do *Gral*, o Monarca-Guerreiro-Sacerdote, no Assento Perigoso, o número 13, de onde daria a ordem de iniciar o ataque definitivo contra o Demiurgo extraterrestre, o Senhor das Trevas, Jeová e suas legiões galáxicas e planetárias. Mas, para tornar isto possível, de lá de cima, do Assento número 13, deveriam descer sobre os guerreiros da Távola Redonda as Runas SIEG, HAGAL e a ESTRELA DE OITO PONTAS. Porque unicamente o Homem-Total, o *Sonnenmensch*, poderá travar o combate definitivo.

Em “NOS, Libro de la Resurrección”, escrevemos sobre a possibilidade real da ressurreição do corpo e da imortalização do mesmo por práticas especiais da *Hiranyagarbha-Cabda* e do *Vrajoli-Tantra*. Ambas na verdade correspondem à aplicação mágica dos signos rúnicos. Se torna possível assim a criação do *Sonnenmensch*, de um Deus real. No “Epílogo” de “El Cordón Dorado, Hitlerismo Esotérico”, nos referimos à criação de homens imortais, por meio desta Kabala Órfica e ária, seres que não morrem, que são suscetíveis de se regenerar de modo contínuo em suas células, a partir do átomo semente e de um *nome essencial*. É a *homo-geração*, o processo *endógeno* da autogeração do Filho do Homem, contrário à *hetero-geração*, corrente para os mortais. É o *principium individuationis*, a *individualização* da doutrina do A-Mor, o *Hyerosgamo*. É a *ópera* vermelha, a *Rubedo*, podendo revestir o corpo de *Vraja* diamantina, dura como o diamante, a matéria incorruptível, vermelha, imortal. Como o Mestre havia explicado em “NOS”, é conseguida por meio dos mantras da Kabala Órfica e os mudras (Runas) que lhes correspondem. Projetanto os signos rúnicos e com a concentração de *prana*, para ressuscitar a outro. O Corpo Diamantino, de *Vraja*, torna isso possível, com a penetração do Raio Verde neste sistema demiúrgico espaço-temporal, onde o Raio é percebido como se fosse vermelho, como um corpo ou uma armadura vermelha, feito de *sattva-guna*. No tantra lamaísta corresponde ao *Vâjrayana*, Caminho de Vraja (ou *Vril*), ao *Vrajaitantra*, o despertar de todos os chakras, da Kundalini-Woewre-Saelde. Pela “pranização” se dá a vida à uma imagem e por concentração contínua do “fogo mental” nela. Temos falado das práticas de “materialização do corpo astral” e de como este pode chegar a arrastar o corpo físico em sua imortalização, ao serem incorporados

a sua energia e seus materiais transfigurados. Tudo depende da sacralizada dignidade do oficiante, do guerreiro-sacerdote, junto com a repetição dos nomes-raízes, das "pequenas mães", como foram chamados em alusão direta ao Livro ário das Três Mães, da *Hiranyagarbha-Cabda*. Deve-se colocar um dedo, com um signo, em cada parte chave do corpo, despertando ali um *Divya* (*Deva*) e uma *Divya* hiperbóreos, e insulflando-lhes espírito e alento com a concentração de *prana*. O mantra da Kabala Órfica equivale ao Canto – *Canso* – do trovador, do *Minnesänger*, como o que tornou possível a libertação do Rei Prisioneiro, de Ricardo Coração de Leão, da fortaleza de Dürnstein (ou de Schastel Marveile), de Maya. Depois, as mãos são passadas por todo o corpo, para cobri-lo de flúido líquido (como em minha experiência com a jarra de água). *Kâravani*, Água Causal, *Jnânâmrita*, Água da Sabedoria. Visualiza-se e imagina-se intensamente a transmutação da forma terrestre em forma imortal, em divina. E assim o "homem-sombra", feito de pura ilusão, é destruído pelo fogo espiritual e substituído por um novo Homem de Luz. O *Sonnenmensch*.

A energia capaz de produzir tudo isto se encontra na raiz espiritual de *Bundi*, *çukra*, este flúido luminoso que se forma materialmente no sêmen, tão terrível, tão poderoso ao ponto de poder dar vida ao filho da carne. Na mulher se "plasma" no óvulo fertilizado e é *rajas*. Mas ambos podem remontar esta energia até o seu canal espiritual. O homem através da prática do *Vrajoli-mudra* e a mulher através do *Amaroli-mudra*. Estes dois "espermas", ao serem unidos espiritualmente, em lugar do fulgaz prazer físico, sukha, ocorre um "orgasmo extático", que não tem fim: *Aropa*. *Rajas* transmutou o sangue do *Vîra* em fogo e o da yoguine em *çukra*. A "congestão astral" transmuta os corpos e produz a transsubstanciação do sangue. É o caminho para trás e para cima, em direção ao último piso da Torre do Norte, em direção ao Führer, em direção ao cume do Monte Meru, em direção a Shiva e Parvati, Wotan e Frigga, remontando o canal das águas de um rio inexistente, o Swarasvati. O Caminho do Regresso, que no Hitlerismo Esotérico é o da Swastika Levógira, e no budismo tântrico Urdavareta; no *opus alchimicum* é a fabricação do *aurum potabile*, do ouro potável que se bebe (*Bundi*) e torna possível a criação do Filho do Homem, do corpo ressurrecto, astral, sideral, de Vraja, de Vril, de *Rebis*, de *re bina*, a natureza dupla, que permite ir habitar o Raio Verde, ao mesmo tempo imortalizando o corpo físico, tornando-o um com o corpo astral. O Guerreiro das Duas Espadas, de Dois Corpos.

No taoísmo mais antigo, que nunca foi escrito, transmitido oralmente, existiu uma prática chamada Shi-Kiai, que dissolvia o cadáver por meio do fogo concentrado e mental, substraindo o corpo da sua corruptibilidade terrestre, desmaterializando-o, cumprindo deste modo o papel dos macacos, mas sem deixar resíduos. No lugar do cadáver, aparecia uma Espada. A perda destes poderes hiperbóreos leva os povos nórdicos involucionados e os indo-ários a queimar o cadáver e os egípcios a embalsamá-lo, pretendendo assim evitar a sua corruptibilidade.

Dando vida ao corpo astral, revestindo-o então com *Vraja*, desmaterializando o corpo físico, por sua vez revestido de *Vraja*, e reabsorvendo-o no corpo astral, se obtém um corpo único; mas também se tem dois (os gêmeos) imortais, capazes de se auto-regenerar, de viver no tempo e fora do tempo. Um veículo apropriado para o Tulku e seu combate de dois e mais mundos.

Deste modo, o Führer é imortal.

Existiu um livro de Agrippa, com um capítulo sobre "os membros divinos e suas influências sobre os membros humanos"; porque todas as divindades hiperbóreas estão

adormecidas dentro do corpo do *Vîra* não desperto. Como vimos, para os tântricos, para o ário, para o nórdico hiperbóreo, o corpo não é um inimigo. É um instrumento maravilhoso e único para a libertação e o combate. Por isso o Siddha entrou com ele pela Janela de Vênus e o *Vîra* está aprisionado no corpo materializado para dentro dele travar a luta e ganhá-la, transfigurando-o, transportando-o à eternidade.

Também é possível que John Dee houvesse obtido alguns documentos secretos em poder de Agrippa, com referências aos "homens naturais" e aos "homens divinos" e que tudo isto tenha ido parar, ao final, junto ao Espelho de ónix de Papán, na *Thulegesellschaft*, e dali nas SS, formando parte do conhecimento de Wewelsburg e da sua iniciação graálica e tântrica. A Cabeça do Morto, a Caveria das SS, equivale ao colar de Kali do tantrismo da Mão Esquerda, dos iniciados Kaula, da Família dos iniciados de Kula, a mais secreta e hermética.

Agrippa foi também descoberto e, assim como John Dee e Paracelso, perseguido e destruído pelo Inimigo.

A iniciação SS era precedida por uma formação teórica, que já conhecemos em Otto Rahn, em Alfred Rosenberg e nos expoentes esotéricos do racialismo nacional-socialista, havendo a exposto em páginas anteriores e no "El Cordón Dorado". Também Hörwiger colabora, com sua Cosmogonia Glacial, na preparação de adeptos. A luz zodiacal, o gela da Via Láctea, as luas se precipitando sobre a Terra. Cinco luas já caíram, acarretando cataclismos espantosos. Também a atual será arrastada algum dia pelo nosso planeta, se a Terra não for destruída antes por armas atômicas. O gelo, inimigo do fogo solar, é projetado sobre o astro em um bombardeio incessante, servindo-lhe ao final como um renovador da sua energia, sendo a fonte dela. Hitler pensava que o seu próprio fogo bastaria para derreter o gelo das estepes e que no Polo Norte cobre a Hiperbórea. O choque dos opostos lhe fariam imortal. O fogo do giro vertiginoso da Swastika Levógira e da sua Blitzkrieg derrotariam o gelo inimigo. A idade dos gigantes retornaria à medida que alua fosse se aproximando cada vez mais da Terra, neutralizando a sua gravidade.

De tudo isto também existiu um conhecimento da Ordem inglesa da Golden Dawn. Sob a sua influência, Bulwer Lytton escreveu seu último livro: "A Raça que nos destruirá". Se refere à uma civilização de amazonas que habita a Terra Oca, interior, com enormes poderes. Um avô de Darwin e também Julius Vernes escrevem sobre a Terra Oca.

Rudolf Hess direciona o seu vôo mítico à Escócia, em direção aos domínios do Duque de Hamilton, membro da Golden Dawn, segundo dizem. Toda esta iniciativa foi cuidadosamente preparada, em contatos prévios com o ex-rei Eduardo VII, que na época morava na França sem que ninguém o molestasse. A simpatia de Hitler pela Inglaterra já é de nosso conhecimento. Ele evitou a destruição do corpo expedicionário britânico em Dunquerque. Sua campanha bélica era esotérica, devemos repetir. Existiriam mensagens trocadas entre o ex-rei Eduardo VII e seu irmão, o rei Jorge. E este último havia aceito e aprovado a missão de Hess. Haushofer e seu filho, um funcionário do Ministério do Exterior da Alemanha, também interviram. Mas o filho de Haushofer era meio-judeu, por parte de mãe. Sendo assim, os judeus também haviam se tornado cientes da situação. A força aérea britânica não interrompe o vôo solitário deste avião Messerschmitt em direção à Escócia. Ela estava de sobre-aviso. O plano e o acordo se transformaram em mais uma armadilha dos anglo-judeus. Eles fazem com que a missão

fracasse em seus resultados mais visíveis. Churchill, o sinistro homenzinho, ordena a prisão imediata de Hess na Torre de Londres. Este jamais poderá ter acesso ao rei e seus conselheiros, onde ele acreditou poder encontrar hiperbóreos capazes de entender a "Operação Thule" e o *Duobus Imperium*.

E o que aconteceu com o Duque de Hamilton, esse membro da Golden Dawn?

Assim como John Dee e muitos outros, cujos nomes são ignorados, Rudolf Hess passará a ser a vítima propiciatória sobre a qual serão lançados os raios infernais de Jeová e seus sequazes na Terra. Como o inglês genial do século XVI e o Imperador Rodolfo II, ele será tratado com drogas e venenos para que sua personalidade vá se desintegrando. Os judeus acreditaram ter obtido um triunfo formidável de magia negra: Uma "antena" que lhes permitiria seguir os movimentos esotéricos da mente do Führer, da Thulegesellschaft e da Ordem Negra do Hitlerismo Esotérico, dos SS da Caveira, em Wewelsburg. Pensaram que o prisioneiro estaria conectado telepaticamente com todos eles, especialmente com Hitler, e trataram de interferir nestas mensagens, mudando-as por outras preparadas por eles.

O Hipnotismo à Distância

Nada disto teve êxito, é claro. Pelo contrário. A existência de Rudolf Hess em uma prisão também é necessária para o Hitlerismo Esotérico. É importante o fato dele ainda estar vivo. Pois ele é um símbolo revelador da maldade abismal do Inimigo. E quando ele desaparecer, algo muito sério irá acontecer. Hess constitui um centro hermético e protetor do que ainda resta da raça ária na Alemanha.

Se pensarmos, tratando de escaparmos por um momento deste cerco que nos aprisiona com um hipnotismo coletivo, no fato absurdo, incrível, da prisão de Rudolf Hess, algo fora de toda racionalidade e sobre o que ninguém protesta, nenhuma destas instituições humanitárias, que lutam pelos direitos humanos e pela paz no mundo, nenhum Papa: um ancião, sozinho, em uma enorme prisão, guardado por centenas de soldados de quatro nações poderosas, encarcerado ali por mais de quarenta anos, sem que ele tenha participado da guerra, sem que nada tivesse a ver com esta farsa do holocausto de seis milhões de judeus, havendo deixado a Alemanha no início das hostilidades; se refletirmos sobre isso seriamente, não podemos deixar de sentir que algo muito sinistro e secreto está por trás deste fato. O medo dos ingleses em relação a Hess revelar o acordo om o rei para o seu vôo não é suficiente; e nem que este insista em sua declaração sobre o hipnotismo à distância e no uso de drogas estranhas que facilitem isto. Há algo mais, algo misterioso e que pertence ao campo da magia e do esoterismo. Depois de Hitler, Rudolf Hess era o único Iniciado visível do Terceiro Reich – (Membro permanente da *Thulegesellschaft*). Por alguma razão especial se torna necessário mantê-lo confinado e com vida.

A prisão de Hess nos revela, com uma luz mais nítida, que os ingleses, os norte-americanos, os russos, os franceses, o Vaticano, a Maçonaria, as igrejas protestantes, os esoterismos de toda espécie que hoje invadem o mundo, a Índia, a China, o Japão, as Américas, estão sendo controlados pela mesma força secreta e tenebrosa: o judeu internacional.

Podemos imaginar os experimentos que teriam sido feitos com este prisioneiro, tratando de controlar a sua mente, de lhe enlouquecer, ou de descobrir os seus segredos. Mas tudo isto havia sido contemplado pelos mais altos dirigentes do Hitlerismo Esotérico, pelos Siddhas que [nos] vigiam do Raio Verde. O possível fracasso da missão e suas consequências foram previstos no plano esotérico. E Rudolf Hess teve ajudas invisíveis. Para começar, *ele não é o verdadeiro Rudolf Hess*. *Ele não está ali naquele corpo*, senão que em momentos muito precisos, e como um símbolo. Ele esteve quando revelou ao mundo que havia sido tratado com drogas, que tornavam possível o hipnotismo à distância. Esta declaração foi feita em Nurembergue, em voz alta e por escrito. Aparece confirmada no livro "O Homem Mais Solitário do Mundo", do coronel norte-americano Eugene Bird, que foi o diretor norte-americano da prisão de Spandau. Este militar, como dissemos, conseguiu conquistar a confiança do prisioneiro.

A maioria dos governantes do mundo estão sendo hipnotizados deste modo, segundo Hess. É o caso do rei da Inglaterra e os seus colaboradores que deveriam ter recebido Hess e não o fizeram. Também, quase todos os traidores alemães que venderam a sua pátria e seu Führer, mesmo sabendo que os Aliados iriam dividir a nação e aniquilar a sua raça. Também o estão os governantes atuais, que viajam para Israel para pedir perdão, que pagam imensas quantidades de dinheiro em reparações à esta "nação" que legalmente não existia nos dias da guerra. E estão, penso eu, aqueles governantes chilenos, de origem alemã, que rendem pleitesía na Sinagoga ao massacrador da sua raça e do Chile, vestindo uniformes militares.

A revelação de Rudolf Hess foi de tal magnitude que somente o hipnotismo coletivo do qual o mundo é vítima e o controle judaico dos meios de comunicação poderiam justificar que ninguém a tenha bradado aos quatro ventos. Esta droga pode estar sendo colocada nas bebidas de fabricação industrial que todo o mundo, especialmente a juventude, consume hoje de maneira massiva, e na farmacopéia suíça, alemã e de outros países, controlados pelo capital e poder judaicos. A imprensa e a propaganda, também sob a sua direção, a televisão, o cinema e os livros fazem o resto, trabalhando conjuntamente com a droga e como uma droga a mais. As ondas obscuras hipnóticas são projetadas do Centro Mundial de Magia Negra.

A cada momento estamos observando exemplos de acontecimentos mundiais que se precipitam de um modo inesperado e irreversível; governantes que cometem suicídios políticos e estratégicos, levando os seus povos ao abismo, como se realmente "estivessem hipnotizados". O caso do Chile destes últimos dez anos é ilustrativo. Mansamente termos permitido a destruição de tudo e chegarmos a sermos invadidos e dominados pelo judeu internacional. Seguindo a sua compulsão mais íntima, o judeu invasor não se dará por satisfeito até nos fazer em pedaços, para então nos abandonar, sem jamais se permitir ser integrado [por nossa sociedade]. Porque é o micróbio que desintegra um cadáver, como vimos.

Mas, eles não puderam e nem poderão nada com Rudolf Hess; porque [ele] *é um Prisioneiro do Mito*. O terror obriga o inimigo judeu a trabalhar para a sua própria destruição, realizando tudo aquilo que beneficie o Grande Mito, a Religião do Hitlerismo Esotérico. Porque Rudolf Hess não está ali, onde eles acreditam estar, ou fingem crer que está. Como na biografia fantástica de Hermann Hesse, quando o prisioneiro pinta no muro do cárcere um trem e então salta para dentro e desaparece, também Rudolf Hess *saiu* em um trêm da imaginação. Em uma Flor Inexistente. Naquela para a qual Schiller havia saltado no momento da sua morte. E ele o fez antes de chegar ali.

Os Anjos Neutros

Quando se descobre a magnitude da traição da qual o Führer havia sido vítima, se torna necessário prestar atenção às declarações que Julius Evola havia feito nos últimos dias de sua vida. Ele acreditava na existência de um centro da subversão mundial, que trabalha na sombra, há milênios. Se referiu à uma direção metafísica deste Centro. Parece que Evola investigava sobre isto em Viena quando foi "sincronisticamente" ferido de maneira grave, devendo interromper fisicamente esta busca para sempre.

Evola acreditava que esta subversão superava à do judeu, sobrepassando-a. Já analisamos a fundo este problema da servidão judaica ao **Arquétipo do Demiurgo** e o **Pacto** estabelecido com Ele. Um pacto anti-sangue, de anti-raça.

Quem já foi alguma vez em sua vida vítima de uma traição, não poderá deixar de intuir que nela há sempre um elemento tenebroso, algo como uma compulsão diabólica. Isto será percebido em grande escala naquilo que aqui temos chamado de "a traição branca" dos ários, dos *Vîras*. Ou, para dizer o mesmo que Wolfram von Eschenbach, a traição dos "anjos neutros", que havendo descido à Terra com o *Gral*, decidem retornar ao céu, abandonando os seus camaradas no exílio terrestre. Eles o fazem tentados pela promessa de Jeová de que este lhes permitirá colaborar na criação *evolutiva* da sua galáxia. (Colocamos a palavra *evolutiva* em itálico para contrastá-la com a palavra *involução*, que se refere à derrota dos divinos e sua prisão em um plano da existência material). A evolução tem a ver com o ser natural, com o *homo terrenus*, da Terra, com o robô, com o animal-homem, criado e então fagocitado pelo Demiurgo, pelo Golem, que, como um Drácula, pode assim prolongar a sua existência ilusória. A queda dos Divyas equivale à uma derrota momentânea em uma Guerra Cósmica, aceita e travada por aqueles que são contra a criação do Demiurgo, para transmuta-la. E como o que não mata nos torna mais forte, segundo Nietzsche, o Divya pode sair mais poderoso e mais consciente do que os mais altos Deuses, ao final deste combate, personalizando a sua Mônada, dando-lhe Dois Rostos, espiritualizando a própria Terra e até a galáxia, desintegrando o Demiurgo ilusório e seus acólitos terrestres e extra-terrestres.

Enquanto os divinos exilados possuírem o Gral e puderem recuperar o Vril, haverá esperanças. No mistério da "Plasmação", que nesta obra temos exposto como vivência, nem todos os Arquétipos pertencem à criação ou "expiração" do Demiurgo, a que somente é levada a cabo como *imitação* ou *falsificação*, do *quinto céu para baixo*, segundo afirmavam os cátaros. Falsificação e imitação de *Outra Criação*, que veio para aprisionar, cobrindo-a com uma pesada camada de matéria sinistra, mecanicista e ilusória. Como sempre: paródia, engano.

Há também alguns Arquétipos com os quais os *Siddhas* Hiperbóreos, os *Divyas*, trabalham. Ademais, no mistério da derrota voluntária destes guerreiros divinos (ganhar perdendo), o Prisioneiro *não está por inteiro* na prisão de "Schastel Marveile", neste mundo ilusório de Maya; porque a mais importante parte dele permaneceu do lado de fora, esperando, como que à beira de uma Fonte. Ele jamais poderia estar por inteiro dentro da imagem "plasmada" na matéria do Demiurgo, porque esta não lhe resistiria. Por isto, o Prisioneiro sempre terá ao seu dispor uma passagem secreta, uma via de escape da prisão. Bastará que ele estenda uma mão em direção ao *Selbst*, este personagem tão antigo, que é antes do "Eu". Na metade do caminho, darão as mãos, e

então aquele Ser poderoso – toda a Sinfonia de uma Família de Notas Hiperbóreas – lhe atravessará como um Raio Verde, transpassando-lhe de parte a parte, transmutando o seu sangue astral em chamas de fogo azul-verde, revestindo a sua forma de matéria imortal de Vraja, tornando as suas pupilas quadradas. E será NOS, podendo lhe conceder um rosto, dois rostos, quatro rostos – de ELELA e ELAELA – a aquele que permaneceu esperando na Eternidade.

A ESTRANHA ASSINATURA DE ADOLF HITLER

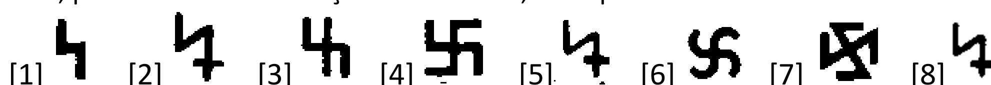
Assinatura de Adolf Hitler em seu primeiro Testamento.
Berlim, 2 de maio de 1938.

Última assinatura de Adolf Hitler

O símbolo para o nome de Adolf Hitler foi sendo modificado desde 1938, quando ele traçava a Runa SIEG [1], cruzada por uma linha [2], passando a representar a Runa GIBOR [3], que é a pré-figuração da Swastika da Terra e do Ar [4]. Na última assinatura, o símbolo foi modificado, se ampliando, se desenvolvendo. Os perfis agudos das Runas da Terra e do Ar tendem a desaparecer, a se esvair [5]. A Swastika esquematizada é agora a da Água e do Eter [6]. No conjunto, e com o passar do tempo, o símbolo que representa a Energia propulsora dos OVNIS, ou Vimanas extra-estelares. É um Signo de entrada e saída deste Universo, através da Terra, do ar, da água e do éter. Assinala o submarino e o Disco Voador: o Vimana. Os OVNIs emergindo das profundidades do mar.

É um signo pré-rúnico, do qual as Runas derivam, de uma Iniciação de Vênus. Uma chave para a Janela de entrada e a Porta de saída que aqui existem. O Signo que deveria continuar, corresponde à Swastika do Fogo e do Sangue transmutado em Fogo [7]. já pré-figurada na primeira assinatura, com a inclinação da linha que cruza a haste [8]. Com esta Swastika se continua até mais além do umbral de Vênus, em direção ao Sol Negro, que arrasta, em direção à inexistência do Raio Verde.

Cripticamente, a misteriosa assinatura de Adolf Hitler entrega a chave da sua história ou biografia hermética, da sua Iniciação Guerreira, venusiana e da passagem de um Tulku, de um Avatar, por esta Terra. Foi traçada consciente, ou superconscientemente.



Ainda que seja este seja o sentido desta derrota voluntária, do "ganhar perdendo", desta guerra até a morte e sem quartel contra o Inimigo Klingsor-Jeová e sua Maya, o Prisioneiro esqueceu isto, porque em Schastel Marveile ele está sob um hipnotismo e o efeito de drogas letais que provocam a sua passividade e entrega. Por

isto, se torna necessária a vinda dos *Avatâra*, dos *Tulku*, para resgatar, estremecer e despertar os *Divyas* que caíram no pecado racial da mestiçagem com o animal-homem, que hoje são os *Vîras*, os heróis exilados, os Peregrinos da Grande Ânsia. E o resgate será possível unicamente se a mestiçagem não houver ido tão longe ao ponto de ter involuído um *Vîra* em *Pasú*. Esta última tentativa de resgate foi o grandioso esforço do Hitlerismo Esotérico. E ainda segue sendo. Simultaneamente com o retorno da Idade Dourada, acontecerá o regresso à Hiperbórea.

Os Anjos Neutros são estes Divyas hiperbóreos que, tentandos por uma possibilidade quimérica de participar na criação do Demiurgo, vieram a ser tornar seus escravos e servidores, os Aiones, os Manú dos kalpas, Manvantaras e Yugas. O Avatar, o Tulku, nada tem a ver com eles e nem com o Demiurgo. É um Liberto, um Boddhisatva, que procede de Outro Universo muito remoto, "detrás das estrelas", de uma Hiperbórea transcelestial, que retorna à vontade (e somente às vezes, como havíamos visto em Hitler) para ajudar a resgatar os camaradas *Vîras*, "prisioneiros voluntários", heróis exilados. Todos juntos deverão lutar contras as legiões do Demiurgo, que defendem a existência do seu Universo ilusório, da sua imitação frustrada. Um reflexo do outro lado do espelho, um nada. A Natureza que o Demônio-jeová cobriu com uma capa espessa de engano, de morte, Maya. Uma natureza dourada, revestida de Kali-Yuga, pena sob essa Maya, sofre e também espera pela transfiguração, a redenção. Afinal, que outra coisa desejas, oh, mundo, senão se tornar invisível dentro de nós?...", dizia Rilke.

Os Anjos Neutros são Siddhas hiperbóreos que traíram Lúcifer-Apolo. São as legiões de Jeová, suas avançadas guerreiras; na Terra estão representados pela "traição branca" e combatem contra os seus irmãos de sangue, de raça e de origem divina, sob as ordens dos judeus, este golem de Jeová. Os Anjos Neutros e os traidores brancos também foram hipnotizados, dominados. Trabalham para que os Vîras na Terra, os divinos exilados, não possam vencer e nem se libertar, e colaborarem no plano do Demiurgo-Jeová para instalar o judeu no domínio do planeta. Diretamente, ou através de suas instituições e da sinistra aparição do Jesus Cristo judeu (também uma imitação do Kristos-Wotan nórdico hiperbóreo, como vimos, do Kristos da Atlântida, Quetzalcóatl), são eles os que impeliram a mescla indiscriminada dos ários com as naturezas inferiores dos escravos da Atlântida. Na Europa, na América do Norte, Central e do Sul.

Aqui se encontra a explicação da traição dos generais alemães e das famílias da nobreza europeia, da Casa de Saboya, dos Habsburgos, dos Mountbatten, da realeza da Inglaterra. Todos eles estão miscigenados com judeus, além de pertencerem às organizações maçônicas ou às igrejas cristãs. Quando no Universo foi dada a ordem de atuar em uníssono contra Hitler, nada mais podiam fazer além de obedecer, por hipnose, por compulsão do sangue, por temos e até por ignorância.

Todavia, isto não deveria nos levar a perder de vista o principal culpado: o judeu internacional, mítico e planetário. E seu Demiurgo, Jeová. Grandes esforços são feitos no presente, como no passado, para chegar a encobrir isto, tentando desviar a atenção desta "subversão que o supera"; ou da própria "traição branca". Mas não nos enganemos, porque todos eles nada mais são que submissos e obedientes colaboradores do judeu aqui na Terra e do seu Demiurgo na mais além. Estão sob o seu comando, trabalham para ele e para lhe entregar o domínio planetário. Serão também a sua vítima e alimento ao final do Manvantara. Porque o judeu mítico e insubornável

despreza os traidores, e seu Demiurgo lhes fagocitará. Até mesmo os "anjos neutros" passaram a ser meros servidores do judeu e de seu Demiurgo-Arquétipo extraterrestre.

Se o Demiurgo descobrisse a tempo que irá perder a guerra, ordenaria ao seu golem judeu que destrua a Terra, para que não ocorra a sua transmutação. E ele próprio se encarregaria de fazê-lo com o seu Universo ilusório. Mas isto já carece de importância, pois perdeu esta oportunidade. O Avatar do Führer já ganhou a guerra. A única coisa é que o Demiurgo e o judeu não sabem disto. Tampouco o sabem os prisioneiros adormecidos, os *Vîras* hipnotizados. E mesmo restando muito pouco tempo, somente por alguns deles devemos continuar lutando.

Em "El Cordón Dorado" nos referíamos às publicações de um colunista francês, Gerard de Sède, que escreve sobre a "raça fabulosa" dos merovíngios ("Le Race Faboulouse"), tratando de nos provar a sua origem judaica (dos merovíngios!). Tomando como ponto de partida os escritos de De Sède, alguns investigadores da BBC de Londres levaram adiante uma gigantesca investigação de vários anos, tentando chegar às mesmas conclusões. Descobrem uma conspiração de séculos, efetuada por uma misteriosa sociedade secreta, chamada "O Priorado de Sião", com o objetivo de instaurar no poder um "Rei do Mundo" de sangue merovíngio, que seria também de Sião e duplamente mesclado com a dos descendentes de Jesus, vindos à Occitania com a sua esposa, Maria Magdalena, no tempo dos visigodos, com os quais também se mesclam. Isto acontece pouco depois da crucificação. Jesus não morreu na cruz, pois José de Arimatéia subornou Poncio Pilatos. Arimatéia também vem até a Occitania, portanto o Santo Grial, que é a Taça da Última Ceia e na qual então fora recebido o sangue de Jesus crucificado. José de Arimatéia depois vai para a Inglaterra, com o Sangreal, ou seja, com o sangue real judaico, dos descendentes de Jesus e de Davi. Sendo assim, a própria lenda do Gral teria a ver com o "sangue real e divino dos judeus, de Jesus e dos merovíngios", que o Priorado de Sião trata até os nossos dias de instaurar no trono do mundo. O Priorado haveria sido fundado por Godofredo de Bouillon, em Jerusalem, e impulsionado por alguns misteriosos hermitões vindos desde a Calábria às Ardennes, terra natal de Godofredo. O Priorado de Sião cria a Ordem do Templo, valendo-se de São Bernardo de Clairveaux, como uma milícia armada e poderosa, tendende ao mesmo objetivo secreto de restabelecer no trono mundial a raça divina dos merovíngios e de Jesus-Davi. Mas os templários se tornam independentes rapidamente do Priorado. A Ordem do Templo assina assim a sua sentença de morte. Os autores do best-seller "Holy Blood and Holy Grail", coletando dados em uma exaustiva investigação, pretendem nos fazer crer, além do mais, que os "Protocolos dos Sábios de Sião" são obra do Priorado, que o Monsenhor Lefebre, o prelado tradicionalista (tradicionalistas e não tradicionalistas servem por igual ao cristianismo judaico) também é um membro do Priorado de Sião, que teve diretores como Leonardo da Vinci, Jean Cocteau e não sei quantos outros. Claramente esta obra almeja, como os livros de De Sède, tratar de desviar a atenção e liberar os judeus da culpa, apresentando as principais tribos germânicas e árias como originalmente de sangue judaico. Já não haveria caso para seguir lutando! Não se nega a existência da Grande Conspiração, mas ela é apresentada como sendo dirigida por outras forças, sendo os judeus então também uma de suas vítimas inocentes.

Se mencionamos aqui estas obras e estes autores sem qualidade, isto tem por objetivo dar exemplos para os *Vîras* letárgicos e porque sempre há um grande perigo

em deixar-se impressionar por este tipo de campanha, destinada também a hipnotizar, desviando a atenção para outras direções. Completamente ciente de que existe uma Grande Conspiração, se estaria buscando novos responsáveis pelo desastre mundial da civilização. Eles existem, sem dúvida: são os "traidores brancos" e também os "anjos neutros" de von Eschenbach; mas todos eles passam a ser pouca coisa perante o Pacto do Anti-Sangue e da Anti-Raça, perante a culpabilidade desse "desdobramento psíquico" de Jeová, que é o judeu. Qualquer outra conspiração e traição virá a servir os seus planos e os do seu Demiurgo, permanecendo sob o seu comando aqui na Terra.

Repitamos: para poder nos orientar teremos apenas um padrão que nos serve de guia – o que Hitler disse e o que Hitler não disse. E Ele unicmanete mencionou o judeu diabólico, como o Grande Inimigo. O Avatar veio entre nós para revelá-lo de uma vez por todas.

Os traidores brancos são hoje os mais fiéis colaboradores do plano judaico, propriciando a destruição do ário, da raça branca, e a sua mescla indiscriminada com os escravos de Atlântida.

Kalki, O Último Avatar

Como reage o Führer perante o fracasso aparente da Missão de Rudolf Hess na Inglaterra? Sem sair da sua estratégia esotérica, dentro da lei mágica: acelerando ao máximo o giro do Grande Círculo da Swastika Levógira, de modo que [isto] "supere a inércia do abismo", declarando guerra em todas as frentes ao judeu internacional, chegando a mudar definitivamente os termos do combate cósmico, fazendo com que penetrasse na Terra o sopro de um espírito de outras esferas: *ganhar perdendo*. Um princípio de outro mundo, de outro plano, de outra matéria, de uma anti-matéria, profundamente espiritual. Hitler então *sai* deste mundo e trava o seu combate diretamente perante o Demiurgo, de frente para o Senhor das Sombras e do Caos. Começa a sua Guerra Metafísica. O triunfo material [já] não é mais importante, unicamente o é a manutenção da pureza do ideal, da *Weltanschauung*, sem claudicações, até o fim. Assim [ele] elevou o grandioso drama até uma altura em que jamais poderá perder. É por isto que, finalizada a Segunda Guerra Mundial, os diabólicos judeus inventam o holocausto dos seis milhões de vítimas do "povo eleito", como um meio de impedir o triunfo final do hitlerismo. Pobre tentantiva, porque uma mentira jamais poderá ser imposta contra o irresistível furação do Mito e do Símbolo, que estralam uma vez e outra nas profundidades da memória do sangue ainda puro dos heróis, dos guerreiros do Hitlerismo Esotérico, cujo número vai aumentando, mesmo com tudo o que é feito para impedir isto. Para apagar esta Memória do Sangue propiciam a mestiçagem e o mulatismo em escala planetária.

É assim que o Führer inicia a "Operação Barbarossa", da perda aparente e do retorno. Rudolf Hess esteve à parte do segredo desta ação, passando a participar dela desde o começo.

Hitler se concentra principalmente nas ações de realismo mágico, na fabricação dos Vimanas (OVNIs), nas explorações submarinas no norte hiperbóreo, nos contatos cada vez mais íntimos no Tibete. Ao mesmo tempo, leva adiante esta guerra sem tréguas

na frente russa, sem retiradas, “morrendo em seus postos”. *Perinde ac cadaver*[46] é a ordem.

As investigações sobre os segredos que guardam os polos é um assunto antigo na Alemanha. Georg von Neumayer foi um sábio alemão morto em 1909; fez importantes descobrimentos na hidrologia, meteorologia e geofísica. Organizou várias expedições ao Polo Sul. Seu livro “Auf zum Südpol” – “Em direção ao Polo Sul” – serviu ao Capitão Ritscher para a sua expedição polar de 1938/1939. Esta expedição demarcou uma região de seiscentos mil quilômetros quadrados nas terras antárticas da Rainha Maud, frente ao Mar de Weddell, batizando-as de “Neuschwabenland” – “Nova Suábia”. Dentro estão estes oásis misterioros de águas temperadas. Ao cordão de altas cordilheiras foi dado o nome de “Neumayer”, como recordação do sábio. Ao Norte deste cordão se encontram os lagos livres de gelo durante todo o ano, rodeados de terra firme, com certa vegetação de oásis.

O Terceiro Reich continuou durante a guerra e com toda a calma as suas investigações e seu trabalho de posse destes imensos territórios polares. Já em 1911, outro investigador polar, Wilhelm Fichner, havia viajado à Antártica, fazendo-se outra pergunta: Seria possível passar do Mar de Weddell à baía de Ross? Será este mar unicamente uma baía, ou o final de um enorme canal que divida a Antártica em duas metades? Um profundo canal avançaria por debaixo do mar e dos gelos, desde o Atlântico Sul até o Pacífico. E esta rota, ideal para os submarinos, haveria sido descoberta pelos hitleristas.

Há algo muito curioso. O ano de 1964-65 foi batizado como o “Ano do Sol Tranquilo” (“*Jahr der ruhigen Sonne*”) e se trabalhou intensamente na Antártica, internacionalmente e por vários países, em estudos da ionosfera, geomagnetismo, metereologia e sobre o fenômeno da luz polar. Que estranho nome! “Luz tranquila”. O que se pode entender por isto? Foi possível comprovar que a luz que existe nos polos sul e norte aumenta de intensidade em uma mesma época do ano e que os dias polares nem sempre coincidem com o ângulo do sol. Sendo assim, na Antártica está oculto um grande segredo, coincidindo com toda esta teoria da “Terra Oca”, já referida em nossa obra “El Cordón Dorado”, com suas duas aberturas polares e com o seu sol imóvel ao centro.

A teoria da “terra plena” com seu centro de magma semilíquido, teimosamente defendida pela ciência tradicional, está tão pouco demonstrada quando a própria “terra oca”.

Se nos anos de 1964 e 1965 foram feitas novas descobertas sobre a Terra Oca, isto não foi divulgado, mas o nome “Ano do Sol Tranquilo” está nos indicando algo. No dia 23 de novembro de 1978, a Nasa conseguiu tirar uma foto de satélite sobre o Polo Norte, de raios infravermelhos, que mostra uma abertura circular. Foi tirada pelo satélite “ESSA 7”, e é único, pois não será fácil repeti-la, porque os polos estão cobertos por densas nuvens. Nela aparece uma enorme abertura circular.

Segundo Eugenio Siragusa, a Terra deveria ser considerada como uma célula cósmica que “a cada seis meses abre os polos para respirar e os fecha poucos dias depois”.

A pergunta que surge espontaneamente hoje é: Por que nenhuma grande potência, depois da desastrosa e fracassada tentaiva do Almirante Byrd, em 1946, teve por objetivo se apoderar, desembarcar, investigar ou explorar a região de

[46] N. do T.: “Como um cadáver”, em latim.

Neuschwabenland? Nem sequer a Alemanha Federal de hoje, nem a Alemanha Oriental reclamaram o local.

A resposta teria sido dada na revista "Das Neue Zeitalter" ("A Nova Idade"!), em seu número 22, de 1980. "Desde o ano de 1946", afirma, "partiram os primeiros discos voadores da Antártica. Estas naves não somente visitaram distintos lugares da Terra, como também outros planetas do sistema solar. É muito possível que discos voadores provenientes de outros astros já tenham tido contato com habitantes da "Nova Suábia". Com a sua ajuda e apoio já haveria sido desenvolvida em nosso planeta, nas bases alemãs do Terceiro Reich, uma ciência completamente diferente e muito avançada, de amplas projeções cósmicas. Visto deste ângulo, não são os Estados Unidos da América e nem a Rússia Soviética as primeitas potencias mundiais, senão que Neuschwabenland na Antártica, com uma enorme superioridade tecnológica".

Assim se explicaria, então, o fato de ninguém se atrever a tocar estes territórios e que as próprias expedições à lua tenham sido suspendidas. Ali já estavam os hitleristas, assim como em muitos outros astros. Os *Vîras* ressurectos, transmutados em *Divyas*. Já havia "*um Rosto no Disco da Lua*".

Deste modo, as declarações do Almirante Doenitz adquirem cada vez maior sentido. Haveriam encontrado também os submarinos alemães no Polo Norte, ou na Groelândia de John Dee, no ponto exato por onde se penetra, como que por um buraco negro, indo então se conectar com o Outro Polo, *saindo* para esta terra e mar paradisíacos, que estando aqui já não estão? Um paraíso inexpugnável, de onde é possível continuar a guerra e ganhá-la, porque tudo o que aqui se perde, lá se ganha. A Idade Dourada, a Última Thule, Hiperbórea, do outro lado das coisas; tão fácil e tão difícil de alcançar. A Terra interior, a Outra Terra, a anti-terra, a terra astral, para a qual se passa por um "clique"; uma bi-locação, ou trilocação do espaço.

A explicação esotérica do que viria a ocorrer com a primeira Hiperbórea, a Última Thule e o Paraíso Polar do Norte é diferente da explicação exotérica de um afundamento em uma catástrofe geológica e cósmica. Hiperbórea não teria sido destruída, senão que *desaparecido*, se tornado invisível. Quando Poseidon traçou um círculo em torno das suas amplas muralhas, para se proteger ali com a sua Amada Clito e com seus Divyas, esse Cordão Dourado com que a cercou fez com que se tornasse impossível que os cataclismos a afetassem, e com que os humanos e nem sequer os Vîras pudessem voltar a vê-la. Mas, Hiperbórea seque ali, mesmo que invisível, em outra dimensão e realidade. Tinha razão, então, o professor Wirth quando me assegurava que a Hiperbórea não havia afundado no Mar do Norte. E mais razão ainda tinha Píndaro quando escrevia: "Nem por mar e nem por terra se alcançará a região dos hiperbóreos...". Unicamente descobrindo a passagem secreta, o "clique", o funil, para fora e para dentro. E também por um acaso do destino. Mas unicamente pelos Vîras ários.

Chegamos assim ao Crepúsculo dos Deuses nesta Terra, ao ponto mais baixo do Kali-Yuga.

Conta Malory, em seu "Morthe Darthur", que o final sobreveio como que por um fatal Destino, que ninguém pôde evitar. Arturo, rodeado por seus nobres guerreiros, se aproxima de seu filho, que dirige as hordas inimigas, e lhe oferece a paz. (Também Stalin ofereceu a paz a Hitler no último momento; mas esta oferta jamais chegou às suas mãos). Mordred, vestido de negro, emaciado, com seus generais ao seu redor, aceita a oferta. Então, uma serpente desliza junto aos pés de um guerreiro e este desembainha sua espada para se proteger. O gesto é interpretado como um ataque e a guerra fraticida

se desata. Morrem todos, exceto Artur, que é levado à Ilha de Avalon (ao Paraíso terreno inexpugnável, à Hiperbórea) onde as mulheres-magas e sábias cuidarão dele até o seu regresso.

Em torno do bunker de Berlim combatem até mesmo as crianças. Serão estes heróis imolados ali o que hoje retornam em outra Ronda, para continuar o combate heróico contra o Inimigo da sua linhagem. De nenhuma outra maneira poderia ser explicado o fato de que em todo o mundo, cada vez mais, os jovens "nasçam hitleristas". Resistindo à propaganda gigantesca, à educação direcionada e até à pressão familiar, eles *são hitleristas*, nasceram assim. Eu creio que são os heróis que ali, junto ao bunker de Berlim, entregaram as suas vidas e que regressam agora para seguir lutando e esperar pelo retorno do Último Batalhão, com o Führer Adolf Hitler, para travar, todos juntos, o combate que encerrará a Época Mais Escura, o Kali-Yuga.

Entre eles também deverão estar os heróis nazistas chilenos, que entregaram as suas vidas pelo seu ideal, em uma primavera há tantos anos.

"Oh, Deuses, dê-nos uma Grande Guerra, capaz de acabar com todas as pequenas guerras!...", se lê em uma antiga invocação. E também: "Todo o grande terror se vence desenvolvendo uma energia que o supere". O bombardeio que o sol recebe dos enormes blocos de gelo da Vía Láctea é o combustível que lhe permite renovar constantemente a sua energia, a que de outro modo teria se esgotado. "O que não me mata me torna mais forte!...".

Adolf Hitler, a medida que o final se aproxima, se mantém inalterável de maneira mais fanática. Imprime mais fogo à sua vontade de aço, ao seu furor teutônico, até transformar o seu sangue me fogo. Mais rápido faz girar o círculo da Swastika do Regresso, de modo que quase ninguém já pode resistir a esta alucinante velocidade. Alguns saltam para fora, escapam, são feitos em pedaços. Muitos poucos são os que lhe acompanham até o final, somente os de estirpe divina dos Vîras iniciados, os *Einherier* e os Ases do Valhala, com suas Valquírias.Também Joseph Goebbels e a sua esposa, que, sem serem iniciados, lhes são leais até à morte; porque *a sua honra se chama lealdade*. Glória eterna a Joseph Goebbels! *Heil*! *Sieg Heil*!

Ao chegarmos ao final destas páginas, iremos revelar algo mais sobre as Swastika Levógira e a Dextrógira. A máxima verdade da Swastika Levógira não é realizada neste mundo espaço-temporal. Não é, portanto, um caminho, senão que um *girar* que [nos] arranca de Maya e do *Samsara*, do espaço-tempo demiúrgico e [nos] *arrasta por um Centro*, o Sol Negro, em direção à *Outra Realidade*, à uma Eternidade que temos chamado de Raio Verde e que é uma Flor Inexistente. Ao mesmo tempo, a Swastika Dextrógira torna possível o retorno voluntário do Tulku-Guerreiro-Avatar, do *Siddha-Divya*, ao plano *samsárico* espaço-temporal.

Quando o Círculo da Swastika gira a uma velocidade tão alucinante, [isto] se transforma em um *Vimana*, rompendo a lei da gravidade. Facilitará a passagem para a outra dimensão. E assim foi que o Fürhrer *saiu* deste mundo. E quando Himmler foi lhe visitar, percebeu que Ele não estava ali, que aquele não era o seu Führer; porque [ele] havia *saído*. E no espanto que isto lhe causou, compreendendo que ele, Himmler, havia permanecido ali, já não soube o que fazer. E fez qualquer coisa!

Desde o começo desta obra temos explicado que um Avatar, um Tulku, não está sempre em seu veículo terrestre. Porque este não lhe resistiria. O Avatar do Führer entrava e saia. Quando Himmler veio, ele já não estava.

E os russos encontraram quatorze cadáveres carbonizados de Hitler, todos iguais a Ele mesmo.

Stalin também se espantou. Por isso declarou a Cordell Hull que *Adolf Hitler não havia morrido em Berlim*.

E esta é mais uma razão pela qual os judeus têm tido para "desmistificar" Stalin.

A espera do seu retorno como Kalki, o Último Avatar, montado em um Cavalo Branco e com a espada flamejante de um cometa na mão direita (o Cometa Phateon), a espera do regresso de Loherangrin, o Cisne de Peito Negro das nevascas do Polo Sul, nós seguiremos combatendo até triunfar, até *sairmos*; porque também estamos acelerando.



HEIL HITLER!

Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

O Regresso aos Começos

Temos feito o esforço de reviver aqui as velhas glórias, antigas dores e combates, para ajudar aos jovens heróis que morreram defendendo o bunker do Führer em Berlim e que voltaram, jovens homens e mulheres. Porque eles já estão novamente entre nós e são os seguidores do Hitlerismo Esotérico, os defensores do Cordão Dourado, os que continurão a Grande Guerra até estarem novamente com o seu Führer, no retorno da sua Horda Furiosa, da *Wildes Heer*. Travarão juntos o último combate e triunfarão.

Séculos parecerão haver passado desde os remotos tempos em que vimos os gigantes prisioneiros na rocha, nas altas montanhas que cercam a minha cidade de Santiago del Nuevo Extremo e no cume de El Plomo, o Monte da Transmutação, de Paititi, a Cidade secreta da Vida Eterna, de Parzival, o Monte do Gral. Esses cumes pertenceram à Casa da minha Família esotérica, à minha Linhagem, à minha Estirpe Hiperbórea Sul-polar. Ali ainda seguem, à espera de que alguém descubra o seu segredo, escutando a Voz do Sangue do Espírito.

Séculos parecerão haver passado desde que iniciáramos no Chile, nesta pátria sagrada e mágica, a Guerra junto às tropas hitlerianas e aos camaradas que aqui combateram e ainda combatem pelo Avatar. Séculos – e talvez assim o seja – se passaram desde que meu Mestre me iniciou nesta terra do mais ao Sul. Quantas coisas aconteceram desde então! Pelo mundo busquei meus camaradas, dispersos, aos heróis que estancavam suas feridas, como Savitri Devi – "never forgive, never forget" – como Ezra Pound, Knut Hamsun, Hanna Reitsch, León Degrelle, Skorzeny, Rudel. Como o Rei Anfortas, como eu mesmo. Por todas as partes fui indagando, para tratar de saber mais, tentando penetrar nos refúgios inexpugnáveis onde Hitler dorme, com Barbarossa, com o Rei Artur, com Baldur, com Wotan. Eu também desejo poder travar junto a Ele e a sua *Wilder Heer* o último combate contra o Inimigo, neste e em outros mundos.

Um dia chegei até os gelos do antártico, em busca dos oásis das águas temperadas, no coraçãos dos glaciais. Dali parti para escalar os cumes do Himalaia, tratando de forçar as portas do Monte Kailas, onde acreditávamos haver uma entrada ao Templo do meu Mestre, ao Monte Meru, morada de Buda, de Shiva e de Parvati. Fui até os Pirineus, subi Montesgur, cheguei até San Juan de la Peña. Em Berchtesgaden, no Grisão alpino, segui o *troi de reses*, o Caminho das Flores de Ambar, o Caminho das Rosas, que levam ao Reino dos gnomos de Laurin. No Vale das Flores, nos Himalaias, voltei a me encontrar com a Amada morta e não morta, que ainda espera pela ressurreição...

E agora, após tanto perambular, de novo estou aqui, junto aos Andes amados da minha juventude, sempre buscando as portas da Cidade dos Césares, de Paititi, da Cidade da Grande Transmutação. Meu cabelo *encaneció* ao contato com as neves dos cumes e dos anos, é certo, mas em uma noite, não em nove, se tornou totalmente branco quando eu me vi frente à frente com a Árvore do Espanto, a *Iggdrasil*.

Jovens, acreditem, nada perdemos e tudo ganhamos, graças ao nosso Führer e ao seu glorioso combate! Seu exemplo nos está apontando o caminho da imortalidade na transmutação interna do Hitlerismo Esotérico, que aqui temos revelado, e na sabedoria do combate solidário, sincronístico, no mundo exterior. Ele voltará! Enquanto isso, vós, com armas em mãos e o pensamento da Amada namente e no coração, como o herói do Gral, deveis romper o encantamento judaico, o hipnotismo à distância, que

no Schastel Marveile deste mundo tem como prisioneiros muitos camaradas e *Vîras* hiperbóreos. Porque.... "Nos olhemos de frente! Nós somos hiperbóreos!...".

Deveis lutar para destruir a hipnose que paralisou homens e mulheres da nossa própria raça física e espiritual, facilitada pela traição dos anjos neutros. Como Parzival, tens que continuar sem desvanecer, sem Deus, sem o Jeová judeu, somente com vossa fúria antiga, despertada na memória do sangue, caminhando para trás, sempre em direção à Origem, com o emblema da Swastika do Retorno, com as Duas Espadas, de ambos os mundos, empunhadas firmemente, protegendo o Gral dos Andes. Abandone tudo, jovens heróis, despertai em vós o fogo sagrado, permaneceis dispostos a resistir à prisão, à tortura e à morte, caindo, levantando, até chegar seja como for às portas da Cidade onde o Führer vos espera, para incorporá-los aos Último Batalhão, em sua *Wildes Heer*, em sua Horda Furiosa!

Jovens camaradas, homens e mulheres, jovens *Vîras*, jovens heróis, adiante! Vamos juntos, ao lado do nosso Führer, para fazer com que retorne a Idade Dourada, dando fim ao Kali-Yuga, esta horrível Idade do Senhor das Trevas!
HEIL! SIEG HEIL!



SIEG HEIL!

Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

EPÍLOGO

Isto não é um livro. É uma Canção de um *Minnesänger*. Por isso será preciso **escutá-la internamente**, **na Memória do Sangue**, e ser bebida no rito hiperbóreo de *Minnetrinken*.

E se coisas tão enormes assim acontecem, talvez seja porque *Alguém* nos guia de lá, da mais íntima inexistência do Raio Verde.



SIEG HEIL!



Meio-dia
Terça-feira, 7 de fevereiro de 1984.

Santiago del Nuevo Extremo
Chilli-Mapu



O RETORNO À HIPERBÓREA



O regresso à Thule, à Paradesha, à Asgard, à Pátria Nupcial. Com Lohengrin, o Rei do Gral, e com a Valquíria. A Água do Quarto Reich já destruiu o Kali-Yuga da Era de Peixes, dando morte ao Peixe de Jeová. Adolf Hitler, o Último Avatar, o Führer, navega com Parzival em direção aos Oásis antárticos, ao Paraíso inexpugnável, à Vênus, portando o Gral. Lhe acompanham as Aves do Paraíso e a Criança: o Filho do Homem.

O PEREGRINO DA GRANDE ÂNSIA

Os filhos da Idade Dourada vagam agora
ao longe,
pela terra dos pais, esquecidos dos
Dias do Destino.
Em algum outro lado.
E nenhum anseio pode lhes fazer voltar?
Nunca verão os meus olhos?
Oh! Nunca os encontrará pelos mil caminhos
da terra verdejante ele que os busca,
figuras iguais aos Deuses?
E entendi eu, por ventura, vossa linguagem,
vossa lenda, apenas para que
minha alma buscasse vossas sombras?
Quero me aproximar de vós, lá onde crescem
todavia vossos bosques,
onde se esconde entre nuvens seu cume
solitário o Monte Sagrado.
Ali quero ir, e, quando reluzindo
na sombra da Azinheira,
eu encontrar a Fonte da Origem,
Oh, vós dormentes!
Oh, sombras sagradas!
Com vós quero viver!

Hölderlin

ANEXO I

O CHILE E AS “LISTAS NEGRAS” DOS “ALIADOS” NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Em dezembro de 1942, a Câmara Alemã de Comércio publicou o “Rol Comercial e Industrial das Firmas no Chile Incluídas nas Listas Negras”, com o objetivo de que “os afetados, através de um recíproco e mútuo contato, pudessem retomar paulatinamente o pleno disfrutar da libertade de trabalho e comércio...”.

Em 1942 ainda não estavam inclusos muitos dos nomes que foram agregados até 1945. Todavia, a revista “La Nueva Edad” e eu fomos incluídos. Também Roberto Vega Blanlot e a “Acción Chilena”, Juan Bardina e “La Semana Internacional”, Guillermo Bobillier, editor da folha “El Roto”, e outros mais. Fui o único escritor chileno ao qual se deu esta honra. É como se me houvessem concedido a Cruz de Ferro.

Não aparecem nas “Listas Negras”, Jorge González von Marées, Chefe do nazismo chileno, ainda que sim o diário “Trabajo”. Também estão inclusos Carlos Keller e a sua empresa “Transportes Terrestres”.

As “Listas Negras” tiveram vigência até quatro anos depois de terminada a guerra, destruindo muitas posições conquistadas com o esforço de gerações. Para mim, isto significou ter que me desfazer da minha casa, vender a minha biblioteca e pertences tradicionais da minha família. Pouca coisa, depois de tudo, em comparação com os sofrimentos dos povos vencidos e heroicos. Me sinto também orgulhosos de haver podido compartilhar, nesta pequena medida, do martírio dos vencidos na guerra externa do Kali-Yuga.

A seguir, e como documento para a história, reproduzimos a capa do folheto, o seu prefácio e algumas páginas com os nomes dos particulares incluídos nas “Listas Negras” dos vencedores, dos “bons” e “democráticos”. Também são dados os nomes das revistas e diários implicados.

CAMARA ALEMANA DE COMERCIO

Rol

COMERCIAL E INDUSTRIAL DE LAS FIRMAS EN CHILE INCLUIDAS EN LAS "LISTAS NEGRAS"



Prefácio

A seguinte é a lista das pessoas e firmas incluídas até agora nas listas negras proclamadas pelos Governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha para operar seus bens no Chile.

Todas estas pessoas, chilenos e estrangeiros, que com seu cérebro, seu trabalho e capital contribuíram de importante maneira para o progresso industrial, comercial, agrícola e econômico do Chile, se encontram, pelas razões mencionadas nas listas mencionadas, proscritas do livre exercício das suas atividades.

A Câmara do Comércio, no desejo de ajudar a restabelecer até onde seja possível a normalidade destas importantes atividades econômicas do país, crê ser útil confeccionar a presente lista classificada, segura de que ela servirá aos interessados como guia de contato e cooperação.

A enorme quantidade de 1.167 nomes que até o momento fazem parte destas listas, e que certamente seguirá em um aumento crescente, já permite aos afetados através de um recíproco e mútuo contato, retomar paulatinamente o pleno disfrutar da liberdade de trabalho e comércio que a sábia legislação chilena lhes assegura.

Valparaíso, 31 de dezembro de 1942.

Câmara Alemã de Comércio

Particulares

ALERT, ANSELMO	Santiago	Av. Los Leones 952
ALVAREZ, ADOLFO	Santiago	Estado 378
ALVAREZ R., OSVALDO	Punta Arenas	Errázuriz 845
ANDERSEN T., HANS	Santiago	Agustinas 1139
ANKELEN, JUAN	Valparaíso	Pedro Montt 1895
ANKELEN, JORGE	Valparaíso	Av. Gran Bretaña 1093
ANKER VON MANSTEIN FRIDLEIF	Santiago	María Auxiliadora 998
APEY MENDEZ, CARLOS	Viña del Mar	Cochrane 238 (Recreo)
* ARANDA, ERASMO	Santiago	Huérfanos 1372
ARAGON, FERMIN	Osorno	Ramírez 818
ARRAU, RAUL	Santiago	
ARRIAGADA, JORGE ORELLANA	Santiago	Casilla 1894
ARZIC, NICOLAS	Punta Arenas	Hotel Cervantes
ASAI, K.	Santiago	Av. O'Higgins 2749
ASOCIACION DE AMIGOS DE ALEMANIA E ITALIA	Santiago Valparaíso	Santo Domingo 714 y Prat 846, Piso 3.º
ASTE DEMARTINI, DOMINGO	Valparaíso	Chacabuco 2812 y Yungay 2803
AUBEL RENZ, JORGE	Osorno	Calle República
AVENDAÑO, DOMINGO	Tomé	

BARDINA C., JUAN	Valparaíso	Av. Argentina 373
BARRA, JUAN	Concepción	Casilla 389
BARREAU, EDUARDO	Valdivia	Picarte 382, Cas. 540
BARRIA, ELIAS	Valdivia	Calle Guillermo Aguilar
BARRIA, NICOLAS	Valdivia	Picarte 568
BARRIO, BASILIO	Osorno	Ramírez 818
BARZ, DIETRICH	Santiago	Morandé 291, Of. 50, Cas. 791
BEKKER VON TIETZEN, WERNER	Santiago	Catedral 1151, Cas. 1486
BENHEIM, ROBERTO (Dr.)	Santiago	José M. Infante 108
BENITES S., ARMANDO A.	Santiago	Echaurren 35
BENNEWITZ, OTTO	Temuco	Claro Solar 598
BERG-BOULIN, PETER	Santiago	Nueva York 52
BEVILACQUA C., JUAN	Quilpué	
BEY, EDWIN	Santiago	Avenida Concepción 155
BINDER, ALFREDO	Puerto Varas	Casilla 44
BINDER, FERNANDO	Puerto Varas	Casilla 44
BIZAMA MERINO, HEDILBERTO	Santiago	Galvez 152
BOBILLIER G., GUILLERMO	Santiago	Gay 2040 y Bandera 60
BOCCARDO A., JOSE	Quilpué	
BODELON SANZ, ARMANDO	Valparaíso	Gran Bretaña 118
BOEKER, CARLOS	Valparaíso	Serrano 498
BOERGER, MAX	Valparaíso	General Cruz 236
BOLLAND, AUGUSTO	Valparaíso	Av. Brasil 2136
BONOHR, HARRY	Concepción	Aníbal Pinto 270
BORNOLD, MAX	Chillán	Constitución 664
BORIC, TONISLAV	Punta Arenas	Talca 1143
BRAEUTIGAM LUEHR, ALBERTO	Aysén	
BRANDT M., HEINRICH	Santiago	Sto. Domingo 1443
BRANDEIS, ENRIQUE	Santiago	Huérfanos 1372
BUCHHOLZ, GUSTAVO	Valparaíso	Higuera 133 (Cerro Alegre)
BUCHOLS, OTTO	Valparaíso	Cochrane 552
BUSCH, ADOLFO	Valdivia	Carlos Anwandter 820
BURKHARDT ST., ALFREDO	Valdivia	Yungay 744

* Solamente en la «Statutory List» británica.

OALDERON, EMILIO	Santiago	San Ignacio 1295
CAMPOS ARAYA, CARLOS	Santiago	Arauco 350
CAMPOS FRANCO, FAUSTO	Santiago	Av. Buzeta 290
CANALES B., MATHILDE	Santiago	Catedral 1361
CAÑAS FLORES, RAMIRO	Santiago	Dardignac 170
CASAMITJANA C., ELIAS	Valparaíso	Gmo. Rawson 308, Cas. 4200
CASARO, CARLOS	Punta Arenas	Valdivia 551
CASARO, JULIO	Punta Arenas	Chiloé 839
CATANEO, DOMINGO	Punta Arenas	Bories 858
CELEDON, PEDRO	Valparaíso	Casilla 251
COLOMBO BAGNARA, ALDO	Valparaíso	Av. Brasil 2296
COLOMBO BAGNARA, HUGO	Valparaíso	Av. Brasil 2296
CORDERO, MANUEL	Santiago	Gral. Gorostiaga 2
CORNEJO TAGLE, HECTOR	Santiago	Casilla 1826
CORNELIUS, JAN	Valdivia	Picarte 1223
CORONATA, NINO	Antofagasta	Matta esq. Maipú
CORONATA, ITALO	Concepción	Barros Arana 709
CORREA LAGOS, ALFONSO	Viña del Mar	8 Norte 803
COSTA V., ENRIQUE	Quilpué	
CURTI RUGGIANI, ARNALDO	Valparaíso	Yungay 2730-2732
CURTI RUGGIANO, TULIO	Valparaíso	Yungay 2730-2732

CHENEVEY, ROBERTO	Valparaíso	General Salvo 348
CHAVEZ, NICOLAS	Iquique	Bolívar 352
CHIAPPE, JUAN	Iquique	Casilla 66

DA FORNO BALDOVINO, OSVALDO	Valdivia	Picarte 343
DA FORNO BALDOVINO, SEBASTIAN	Valdivia	Picarte 343
DANKER, FEDERICO	Santiago	
DE GARBADO, ANTONIO	Taltal	
DE LA RUELLE, JEAN MARIE	Santiago	Casilla 3177
DENGER, HELMUT	Santiago	Casilla 168-D
DI NOCERA, BALTAZAR	Punta Arenas	Errázuriz 664
DIAZ BERGUECIO, GMO.	Santiago	Catedral 1312
DIAZ BRANTOS, HUMBERTO	Valparaíso	Serrano 591, Of. 70
DIAZ GONZALEZ, ALICIA	Santiago	Madrid 944
DITTMANN, BRUNO	Valparaíso	Prat 828
DREYER, MAX	Concepción Talcahuano	 Casilla 1-E
DROPPELMANN KREBS, CARLOS	Santiago	Rosas 1274
DROPPELMANN KREBS, LUIS	Santiago	Rosas 1274
EBEL B., IGNACIO	Puerto Montt	Varas 870, Cas. 160
EBEL B., JOSE	Puerto Montt	Varas 870, Cas. 160
EBEL B., LUIS	Puerto Montt	Varas 870, Cas. 160
EBERHARDT, HERMANN	Ultima Esperanza Cerca Magallanes	
EDWARDS LINARES, PATRICIO	Valparaíso	Prat 773, Cas. 506
EGGERS G., BRUNO	Valparaíso Santiago	Prat 732, Cas. 1505 y Huérfanos 972, Of. 603
EGGERS G., OTTO	Valparaíso Santiago	Prat 732, Cas. 1505 y Huérfanos 972, Of. 603
ELORTEGUI ARMENDARIS, CARLOS	Valparaíso	

ELORTEGUI ARMENDARIS, DOMINGO	Valparaíso	
ELORTEGUI ARMENDARIS, JUAN	Valparaíso	
ELORTEGUI ARMENDARIS, PEDRO	Valparaíso	
ELORTEGUI BILBAO, CARLOS	Valparaíso	
ELORTEGUI BILBAO, JOSE	Valparaíso	
ENGEL, ALBERTO	Santiago	Sto. Domingo 1025
ENGELHARDT FISCHER, EDUARDO	Santiago	Av. Brasil 653
ERDMANNSDOERFFER, B.	Santiago	Casilla 3177
ESPINOSA, ARSENIO	Temuco	Claro Solar 965
ESTEBAÑES BLANCO, DAVID	Temuco Chillán	Diego Portales 1001 y 5 de Abril 798
ESTEBAÑES BLANCO, EMILIO	Temuco Chillán	Diego Portales 1001 5 de Abril 798
ESTEBAÑES BLANCO, SENADOR	Temuco	Diego Portales 1001
EYZAGUIRRE DE MUÑOZ GAETE, JUDITH	Iquique	Bolívar 305 esq. Tacna

FABRES, MANUEL A.	Santiago	Rosas 1490
FANTUZZI P., ANGEL	Santiago	Av. Salvador 774
FASCHING ST., CARLOS	Valparaíso	Colón 2763
FEISE W., HERMANN	Santiago	Teatinos 525, Cas. 4086
FELDSTED NEVE, MATIAS	Valparaíso	Condell 1525
FELLMER, WALTER	Santiago	Victoria 1057
FENNEKOHL, FRANZ	Santiago	Napoleón 480
FERRAZ P., JOSE	Valdivia	Libertad esq. Yungay
FIEDLER, CONRADO Dr.	Valparaíso	Santa Victorina 366
* FISCHER ENGELHARDT, EDUARDO	Santiago	Av. Brasil 653
FISCHER HERENE, JUAN	La Unión	Casilla 2-D
FISCHER, OTTMAR	Valdivia	Picarte 1129
FIGUEROA, FELICIA	Temuco	Calle Bulnes
FLOEGEL, JOSEF	Punta Arenas	Errázuriz 845
FRACCHIA OTTONE, LIBERO	Santiago	General Salvo 317
FRAMM, EDUARDO	Santiago	Roberto del Dío 1644
FRAMMKNECHT, JUAN	Santiago	Catedral 1361, Cas. 1130
FRANK PEITLER, ALBERTO	Santiago	Victoria 1057
FRIEDERICHS, ERNESTO	Valparaíso Santiago	Esmeralda 1149 Agustinas 629
FRIEDERICHS, HERMANN	Santiago	Agustinas 629
FRIEDERICHS, KURT	Santiago	Agustinas 629
FRIEDERICHS YUNG, GUSTAVO	Valparaíso	Prat 865, Piso 5.°
FRITIS MANZO, RAMON	Valparaíso	Casilla 50-V
FRITZ TIEFENBACH, ERWIN	Valparaíso	Condell 1525
FRITZSCHE F., RUDOLF	Viña del Mar	Villanelo Alto 505
FUCHSLOCHER, EGON	Osorno	Prat 780
FUGIIKE FUGIIKE, YOHEI	Antofagasta	J. Santos Ossa 563

GALLI CURTI, MARIO AIMONE	Valparaíso	Yungay 2730-2732
GALLETTI, SANTIAGO	Valparaíso	Av. Argentina 163
GAMM, HERMANN	Santiago	Antonio Varas 2143
GARBACCIO, SAVINO	Santiago	Luis Barros Borgoño 61
GARCIA, FELIX	Santiago	Santo Domingo 1231
GARCIA GARCIA, FELIX	Santiago	López 493, Cas. 2181

* Solamente en la «Statutory List» británica.

GARCIA GARCIA, TEODORO	Valparaíso	Victoria 2704
GARCIA SERDIO, ARSENIO	Santiago	Puente 676
GARDEWEG VILLEGAS,	Santiago	Marsella 2101 y
ENRIQUE	Valparaíso	Portales 1314
GARIMANI VALDATA, MIGUEL	Viña del Mar	8 Norte 1137
GERLACH STRAUBE, HANS	Iquique	Bolívar 352
GESCHE L., HERMANN	Concepción	Barros Arana 775
GIACAMAN, MUSA JIRIOS	Antofagasta	Prat 466
GLEISNER, LORENZ	Concepción	Barros Arana 402, Cas. 398
GLEISNER, WOLRAD MORITZ	Concepción	Barros Arana 402, Cas. 398
GOECKE, ALBERTO	Puerto Montt	Pérez Rosales 224/226
GOEHRING SCH., HELMUTH	Valdivia	
GOLDMANN SCHAUB, ERICH A.	Valparaíso	Cas. 1378
GOLDMANN SCHAUB, KURT	Valparaíso	Blanco 1121, Cas. 1566
GOMEZ-MARAÑON, NICOLAS	Valparaíso	Avenida Argentina 328
GOMEZ HENRIQUEZ, ALFREDO	Santiago	García Reyes 37
GONZALEZ JAMETT, EDUARDO	Valparaíso	Esmeralda 970
GONZALEZ, JOSE	Talca	Casilla 278
GRAU, ERICH F.	Santiago	Av. Constanza 947
GREVE, CARLOS	Santiago	J. V. Lastarria 158
GRISAR, MAX	Viña del Mar	Cantera 365
GROB, ARTURO	La Unión	
GROEGER R., WALTER	Santiago	Shackelton 2035
GROSS, FEDERICO	Santiago	Estado 378
GROTE, PABLO	Osorno	Matte esq. Carrera
GRUENWALDT D., GUILLERMO	Santiago	Pedro de Valdivia 1781 y
GUERRA CRUZ, MANUEL J.	Antofagasta	
GUTIERREZ, B.	Valparaíso	Casilla 1698
HAACK, BRUNO	Valdivia	Caupolicán 558
HAARDT, CARLOS	Valparaíso	Av. Brasil 2136, Cas. 54-V
HAGIWARA, YONOSUKE	Santiago	Ramón Nieto 920
HAMMERSLEY, ANTONIO	Santiago	Constanza 618
HAMMERSLEY, VICTOR	Viña del Mar	Callao 146
HARAMOTO, S.	Santiago	Agustinas 1055
* HARTMANN, WALTER	Santiago	Huérfanos 1372
HECK MUENZEMEYER,		
GUSTAVO	Puerto Montt	Varas 529, Cas. 314
HELMKE, FRITZ	Santiago	Nueva York 52
HENSCLEIT, JULIO	Santiago	Nueva York 62
HERRERA LIRA, RICARDO	Santiago	Amunátegui 661
HOECK L., JAVIER	Valparaíso	Plaza A. Pinto 1179
HOFFMANN BERND, PABLO	Puerto Montt	Gmo. Gallardo esq. Urmeneta
HOFFMEISTER, WERNER	Valparaíso	Pedro Montt 249 (Recreo)
HOLLSTEIN, ARNOLDO	Osorno	
HOLTHEUER V., GERMAN	Santiago	Casilla 4650
HOLTZ LEHNHOFF, CARLOS	Viña del Mar	Tongoy 57, Casa 3
HOLTZ, WILLY	Quilpué	Thompson 205
HOMBO HOMBO, TAKAYASU	Santiago	Pasaje Matte 49
HOPPE B., ARNOLD	Valparaíso	Av. Francia 698, Cas. 1020
HOUBER SCHNEIDER, EMILIO	Santiago	García Reyes 37
HUEBNER, GEORG	Viña del Mar	Berger 2076 (Chorrillos)
HUEHNEMANN, HUGO	Valparaíso	Blanco 395
HUELSE, HERBERTO	Valparaíso	Serrano 479
HURTADO, AURELIO	Valparaíso	
IBAR, ANTONIO	Valparaíso	
IMPERATORE, CAYETANO	Punta Arenas	Errázuriz 575

* Solamente en la «Statutory List» británica.

JACOBSEN G., ERNESTO	Santiago	Carmen Silva 2345
JAHN RADMANN, RODOLFO	Valparaíso	Blanco 1041
JANSSEN D., WERNER	Valparaíso	Blanco 1121, Cas. 1566
JOHNS, HUGO	Puerto Montt	Gmo. Gallardo esq. Luis Ross
KAISER RICHTER, FEDERICO	Santiago	Esperanza 1568
KANAMORIE KANAMORIE, KOISHE	Valparaíso	Blanco 1041
KARCHER RICHTER, ERICH	Valdivia	
KITZING, RICARDO	Santiago	Coronel Dávila 103, Cas. 2649
KNOP NIEDERHOFF, PABLO	Valparaíso	San Martín 324
KNOP NIEDERHOFF, REINALDO	Valparaíso	San Martín 324
KOCH, HERMANN	Punta Arenas	Casilla 19-D
KOIKE, TSUNEO	Santiago	Agustinas 972, Of. 613
KOLLER, WALTER	Valdivia	Casilla 309
KRATZER, HANS	Valparaíso	Santa Victorina 369
KREBS, LUIS	Santiago	Rosas 1274
KRISTL, PETER J.	Santiago	(Hotel Claridge)
KRUEGER G., WALTER	Santiago	Av. B. O'Higgins 1162
KUNSTMANN MUENNICH, VICTOR	Valdivia	Picarte 449, Cas. 117-D
KYONEN T., CARLOS	Coquimbo	Camino a Serena
LACASSIE, P.	Santiago	Bandera 765
LAMPERT, ENRIQUE	Valdivia	Yungay 235
LANGENBECK, WERNER	Valparaíso	Prat 846
LAROCHE P., EDMUNDO	Santiago	Agustinas 972
LAUEZZARI P., RICARDO	Punta Arenas	
LIMANN, WALTER	Santiago	Pedro de Valdivia 160
LOCH, SYBYLLA	Santiago	Grajales 2548
LOGUERCIO PADULO, MIGUEL	Puerto Varas	
LUCCHINI, AQUILES Solamente en la Lista Negra Británica.	Valparaíso	Condell 1325
LUCK, GUILLERMO	Quilpué	
LUDORF, ENRIQUE	Santiago	Amunátegui-Agustinas
LUVECCE G., CARLOS GUILLERMO	Santiago	Ramón Nieto 940
LUTZ, GUSTAV	Santiago	Nueva York 62
MARRACINI, HECTOR	Valparaíso	Av. Brasil 2366
MAKATSUKA, SUEYUKE	Santiago	Ramón Nieto 920
MATTHEI, EDUARDO	Osorno	Ramírez 754
MATSUMOTO MATSUMOTO, JIRO	Santiago	Agustinas 972
MALDINI G., LUIS	Copiapó	O'Higgins 110
MALDINI TORNINI, ATILIO	Copiapó	O'Higgins esq. Rancagua
MALDINI TORNINI, EDUARDO	Copiapó	O'Higgins esq. Rancagua
MALDINI TORNINI, NORBERTO	Copiapó	O'Higgins 110
MARTENS B., ERNESTO	Valdivia	Independencia 623
MARATUCA M., KATARO	Copiapó	O'Higgins 436
MARTINEZ, CARLOS ALBERTO	Santiago	Huérfanos 1112
MATAS ANDREUCIC, MATEO	Taltal	
MATSUKAWA, S.	Santiago	Huérfanos 972, Of. 512
MATSUMOTO MATSUMOTO, JIRO	Santiago	Agustinas 972
MATTIL, ENRIQUE	Temuco	Av. Alemana 18
MAYENBERGER, ALFONSO	Santiago	Huérfanos 972
MAYENBERGER, HERMANN	Santiago	Huérfanos 972

MAYER N., WALTER	Osorno	Casilla 271
MAYOR G., ANTONIO Solamente en la Lista Negra Británica.	Santiago	San Diego 690
METT, HANS PETER	Viña del Mar	Pasaje Cousiño 4
MEYER, ADOLFO	Valdivia	Independencia 500
MEYER, ADOLFO	Ensenada	
MEYER, HERIBERTO	Santiago	M. Montt 1660, Cas. 13006
MICHAELIS, GUILLERMO	Valdivia	Calle Picarte
MIRAMOTO, I.	Santiago	Huérfanos 972
MIYAKE, TERUO	Santiago	Agustinas 972, Cas. 69-D
MIZOKOSHI, TATSUO	Santiago	Nueva York 52, Piso 7.º
MIZUSHIMA, SIGERU	Santiago	Biarritz 1920
MORALES, DOMINGUEZ	Santiago	Manuel Montt 2481
MORAN ACEVEDO, SERGIO	Santiago	Sto. Domingo 3669
MOREN, ARMANDO	Santiago	San Luis de Francia 1776, Casilla 4232
MORIMOTO JIMBO, KANJI	Santiago	Huérfanos 972
MONGUILLO, DOMINGO	Iquique	O'Higgins 940
MONTALBETTI MACCHI, AMBROSIO	Valparaíso	Chacabuco 2052
MONTALBETTI TABALETTI, RICARDO	Valparaíso	Chacabuco 2052
MUÑOZ MORALES, LEOVIGILDO	Valparaíso	Condell 1269

NACHTMANN, ANNA K.	Panguipulli	«Kanka Huasi»
NAKAYAMA NAKAYAMA, KANAME	Santiago	Ramón Nieto 920
NAZAL R., JUAN	Santiago	Av. Prado 1853
NEEF RAYE, ARTURO	Valparaíso	Balmaceda s/n.
NEVERMANN, HERMANN	Arica	Casilla 47
NEVERMANN, KURT	Arica	Casilla 47
NISSEN, TEODORO	Punta Arenas	21 de Mayo 1232
NOCERA, COSOME	Punta Arenas	Bories 663
NOLFF, MAX	Vallenar	A. Prat 850, Cas. 26

OKMOTO, MASAO	Rancagua	Independencia 526
OLBRICH, ANTONIO	Puerto Montt	Varas 880, Cas. 6
OETZMANN, FEDERICO	Santiago	Bandera 75
OLIVAREZ PEREZ, MIGUEL	Concepción	Barros Arana 402
ORELLANA ARRIAGADA, JORGE Solamente en la Lista Negra Británica.	Santiago	Compañía 1264
ORTH, RODOLFO	Santiago	Miguel Claro 1314
OSTERLOH, OTTO	Valparaíso	Prat 834
OTT, FRANCISCO	Concepción	San Martín 36
OTTENS, RODOLFO	Santiago	El Vergel 2367

PEREZ GAZITUA, JORGE	Santiago	Bandera 71
PFENNINGS H., EDGAR	Santiago	Av. O'Higgins 3023, Cas. 4583.
PIAZZA GARIBOLDI, ANDRES	Valparaíso	Av. Brasil 1472
PIAZZA G., JUAN PEDRO	Viña del Mar	5 Oriente 294
PIEPER, FRANZ	Santiago	Bandera 242
PRAETORIUS, FEDERICO	Santiago	El Vergel 2367

QUIRCH, HERBERT	Santiago	Pablo Díaz 502

RAGGIO, JUAN A.	Santiago	San Pablo 1219
RAIBLE W., OTTO	Santiago	Luis Beltrán 1832
RAMOS, EMILIO	Santiago	Huérfanos 920
RASSMUSSEN, HUGO	Temuco	Manuel Montt 815
RATHJE, RICARDO	Valdivia	Yungay 251
RECCIUS, BRUNO	Santiago	Ahumada 199
REINERS, H. B.	Valparaíso	Prat 773, Cas. 874
REICHARDT BERES, KURT	Valparaíso	Condell 1525 y Abtao 644
REMMELE SCHMIDT, GERMAN	Osorno	Calle Ramírez
RENFTEL, KURT	Santiago	Nueva York 80
RENSINGHOFF H., GUILLERMO	Puerto Montt	Casilla 217
REYES BAEZ, CARLOS	Valparaíso	Cochrane 557,
RICHTER, ALFREDO	Calera	
RICHTER, ERICH	Santiago	Vicuña Mackenna 6703
RICHTER, HELMUTH	Valdivia	Camilo Henriquez 524
ROBINOVICH, GREGORIO	Santiago	Agustinas ,972, Cas. 2553
RODRIGUEZ CARTAJENA,	Valparaíso	Urriola 142
ERNESTO	Santiago	Huérfanos 1090
ROESCHMANN, BRUNO	Temuco	Arturo Prat 782, Cas. 13-D
ROESCHMANN, CARLOS	Temuco	Arturo Prat 782, Cas. 13-D
ROESCHMANN, GUILLERMO	Chillán	Roble 735, Cas. 1-D
ROESCHMANN, JORGE	Chillán	Roble 735, Cas. 1-D
ROESCHMANN, WALTER	Temuco	Arturo Prat 782, Cas. 13-D
ROSENDE S., GERMAN	Santiago	Huérfanos 1294
ROLANDI ZANELLI, HUGO F.	Tocopilla	Calle Washington
RUFF, WILLY	Santiago	Estado 91, Cas. 85-D

SABAJ ZUROB, JORGE	Santiago	Bellavista 263
SAELZER BOETTINGER, JORGE	Valdivia	Arauco 709
SANTES, PRIMITIVO	Calera	
SAITO, NAGASI	Concepción	Barros Arana 409
SAIP DREHER, FRANCISCO	Concepción	Lincoyán 244
SAIP DREHER, PABLO	Concepción	Lincoyán 244
SAIP MUELLER, PABLO	Concepción	Lincoyán 244
SAMHABER, HELMUTH	Santiago	California 2351
SANDOVAL DE LA BARRA, ERNESTO	Valparaíso	Pudeto 342
SANGUINETTI CIOINO, ENRIQUE	Valparaíso	Yungay 2730-2732
SANGUINETTI CIOINO, VICTOR	Valparaíso	Yungay 2730-2732
SANZOLINI PALLOTTINI, ORESTE	Santiago	Bandera 575, Piso 2.º, Of. 5
SARQUIS K., SAMI Solamente en la Lista Negra Británica.	Santiago	Rosas 1202
SCHACHT GERKEN, GMO.	Santiago	Avenida Lyon 48
SCHACHT TROEGER, GMO.	Santiago	Av. Pedro de Valdivia 133
SCHAUENBURG, AUGUSTO	Santiago	Av. Margarita 2320
SCHEUCH FRITZ, AUGUSTO	Osorno	Calle República
SCHIESEWITZ REICHEL, PABLO	Puerto Montt	Casilla 123
SCHLEPHACK, AUGUST	Santiago	Puente 548, Cas. 2921
SCHMIDT MENDEZ, MAX	La Serena	
SCHMIDT, JOSEPH A.	Punta Arenas	Calle Talca
SCHMOELZER, GOTTFRIED	Valparaíso	Prat 790
SCHMOLL, FEDERICO	La Unión	
SCHMIEDER, ARTURO	Concepción Coronel Villa Mora	Lincoyán 475
SCHUCH, RODOLFO O.	Santiago	General Boonen Rivera 1955
SCHOVELING NIESSING, OLAF	Santiago	Agustinas 972

SCHUCK STOCKE, OTTO	Valparaíso	Acevedo 221, Cerro Barón
SCHULTE, SIEGFRIED	Santiago	Agustinas 1185
SCHULZ, MAX	Valparaíso	Prat 790
SCHUETZE, FRITZ	Santiago	Bandera 22
SCHWARTZ, GUILLERMO	Santiago	Bandera 575
SCHWARZENBERG THATER, ADOLFO	Valdivia	Picarte 321, Cas. 279
SEDAT, ALBERTO	Santiago	Sto. Domingo 831
SEEGER, ALBERTO	Osorno	Calle Ramírez
SENDA SENDA, TOYOHE	Quilpué	Barros Arana 299
SEPULVEDA, AURELIO	Santiago	Agustinas 972
SERIO, VICENZO	Valparaíso	Errázuriz 401
SERRANO FERNANDEZ, MIGUEL	Santiago	Vicuña Mackenna 116
SHIGEMITSU, KITO	Valparaíso	Pedro Montt 2139
SHIMIZU, T.	Santiago	Huérfanos 972
SIAS, JUAN	Viña del Mar	San Martín 308
SIEBEL JENSSEN, WALTER	Santiago	Agustinas 972
SIEVERT MAYER, HANS	Santiago	O'Higgins 1385
SIERING, WERNER	Santiago	Catedral 1312
SIMON, WERNER	Osorno	Eleuterio Ramírez
SOTO CARRASCO, HERIB.	Santiago	Dieciocho 346
STAGNO DELL'ORTO, HUGO	Santiago	Carmen 93
STANGE DITZEL, HERIBERTO	Puerto Montt	
STANGE DITZEL, OSVALDO	Puerto Montt	
STARK SCH., OTTO	Viña del Mar	Valparaíso 421
STOLTZ, GUILLERMO	Punta Arenas	21 de Mayo y Brasileira
STOLZE WITT, ALFREDO O.	Valparaíso	Yungay 1874, Cas. 3575
STOLZENBACH, BERNARDO	Valdivia	Picarte 476
STOLZENBACH, OTTO	Valdivia	Picarte 476
STORM, TEODORO	Valparaíso	Cochrane 557
STUECKRATH, FRANZ	La Unión	
TAGLE C., JOSE	Santiago	Agustinas 975
TAUCHER, MAX	Santiago	Martínez de Rozas 3770
TESTA S. DANTE	Viña del Mar	Berstein 12
TIMMERMANN, BERNARDO	Santiago	Monjitas 831
TREDINICK PONCE, ENRIQUE	Valparaíso	Blanco 1041
TSCHUMI, BERTA ERIKSON VIUDA DE	Concepción	Aníbal Pinto 470
TSUKAME, ALEJANDRO	Santiago	Pedro de Valdivia 47
TUNEKAWA, GUILLERMO	Santiago	San Antonio 39
ULRIKSEN, IVAR	Chillán	Sargento Aldea s/n.
UTGENANNT, ROBERTO	Santiago	Av. Constanza 1758
VALCK, CARLOS	Coronel	
VALENZUELA AGUILERA, LEONIDAS	Valparaíso	Av. Argentina 318
VEGA BLANTLOT, ROBERTO	Santiago	Huérfanos 1039
VELOZ SANTA CRUZ, ALBERTO	Santiago	Huérfanos 1165
VENZIAN DE SANCTIS, SERGIO	Valparaíso	Errázuriz 401
VERDUGO BLANCO, ENRIQUE	Santiago	Teatinos 273
	Valparaíso	Av. Brasil 1472
VERGARA, ENRIQUE	Santiago	Sto. Domingo 1216
VIALE, DANTE	Viña del Mar	Casilla 369
VIALE, AUGUSTIN	Viña del Mar	Casilla 369

VIERLING, GUSTAVO	Santiago	Av. Holanda 390
VOGLER V., HEINRICH	Santiago	Sto .Domingo 1443
VON BISCHOFFSHAUSEN, ERNESTO	Osorno	Ramírez 643
VON MUEHLENBROCK L., JULIO	Valdivia	Yungay 760
VUILLEMIN, REMY	Santiago	Prat 221
YMEISTER BINDER, FELIX	Puerto Varas	

VAGNER, ERNESTO	Santiago	Estanque 1875
VAGNER, GERMAN	Temuco	
VARDA W., MARTIN	Valparaíso	Plaza A. Pinto 1179
VEBER, CARLOS	Villarrica	
VEBER HEY, PABLO	Valdivia	Independencia 475
EILER FLUYTH, HANS	Santiago	Plaza Bulnes 31, Depto. 56
EINREICH, ERWIN	Santiago	Nogales 716
EISS, ALFREDO	Valdivia	General Lagos 1394
ELLER, BRUNO	Coquimbo	Aldunate 635
ENDLER, OTTO	Valdivia	Picarte 483
ERKMEISTER, ENRIQUE 2.º	Valdivia	General Lagos 965
ERKMEISTER, FEDERICO	Valdivia	Av. Prat 470
ERKMEISTER, OTTO	Valdivia	Av. Prat 470
ERNER HELD, ALFREDO	Estación Llanquihue	
ERNER KRETSCHMAR, JORGE	Estación Llanquihue	
ERNER RADDATZ, ERARDO	Estación Llanquihue	
ILHELM, CARLOS	Lautaro	
ILHELM BERNER, JORGE	Puerto Montt	
URTH MECKES, HERMANN	Viña del Mar	Valparaíso 421
ILLIAMS GLADIS, MELITTA	Antofagasta	

ITTMANN M., GUILLERMO	Santiago	Pasaje Matte 81
ICHMANN, ERICH	Valparaíso	Casilla 2060
IESENBORN, GUILLERMO	Puerto Montt	Pérez Rosales 224/226

MAMOTO OYAMA, JORGE	Santiago	O'Higgins 2488
SHINGA MOTONAO, SEGUNDO	Antofagasta	Condell 625-631
S GARCIA, NICOLAS	Santiago	Casilla 4190

IPETTI, CONRADO	Santiago	Paulino Alfonso 378
ATE MARTINEZ, LUIS	Valparaíso	San Ignacio 224
INDER, OTTO	Concepción	Barros Arana 721
INDER, PABLO	Concepción	Barros Arana 721
INOFF, JUAN	Río Bueno	
ENKA, GMO. Dr.	Santiago	Casilla 4190
GELE, PABLO	Temuco	Manuel Montt 791
GLER WEIDNER, EMILIO	Río Bueno	
NER, EICH	Santiago	Casilla 2908
ZIELENIEWICZ, FELIX	Los Andes	Casilla 1-A

Publicaciones diarias y semanales

ACCION CHILENA	Santiago	Huérfanos 1039
«CONDOR»	Santiago	Agustinas 975, Of. 617
DEUTSCHE ZEITUNG FUER CHILE	Santiago	Merced 673 y Unión Literaria 1925
DIARIO L'ITALIA	Valparaíso	O'Higgins 1266
EDICION DE LA TARDE DEL DIARIO L'ITALIA	Valparaíso	O'Higgins 1266
EL DIARIO RELAMPAGO	Santiago	
EL RADIO EXPRESO	Santiago	Huérfanos 2566
EL SUPLEMENTO DEL DIARIO ALEMAN	Santiago	Merced 673 y Unión Literaria 1925
ISLAH (LA REFORMA)	Santiago	Bellavista 263
LA NUEVA EDAD	Santiago	Casilla 9375
LA SEMANA INTERNACIONAL	Valparaíso	Av. Argentina 373
MIRANDO AL ORIENTE		
«PACH» PRENSA ASOCIADA	Santiago	Huérfanos 1165
CHILE	Santiago	Bandera 60
RADIO RELAMPAGO	Valdivia	
SUPLEMENTO ILUSTRADO DEL DIARIO «EL RADIO EXPRESO»	Santiago	Huérfanos 2566
TRABAJO	Santiago	Rosas 1281
20 (VEINTE) NACIONES	Santiago	Huérfanos 1165
WESTKUESTEN-BEOBACHTER	Santiago	Nueva York 80

Transportes terrestres

KELLER R., CARLOS	Santiago	Morandé 720

ANEXO II

EL KRISTOS RÚNICO DA ATLÂNTIDA

Sessenta mil anos a.C., os germânicos se estabelecem nas cercanias de Externsteine. Por gerações mantiveram ali o centro radiante de *Mitgard*, como eles chamaram o seu país, e de *Asgard*, a Cidade das Rosas dos Ases. Naquelas idades, *valendo-se das catástrofes da natureza*, é "impressa" na quarta "rocha suave" de Externsteine o gigantesco "Deus Crucificado", equivalente à quarta Runa OS: ᚩ. Ele também é identificado com a Runa 18, GIBUR – *der Geben*, dar, outorgar – ᛄ. É a Runa do *Asengott* (do Deus Ase) que retorna ao seu País Celestial de origem, "mais além das estrelas" (com a Swastika Levógira). A Idade da Pedra se extende por centenas de milhares de anos e foi soberba em construções mágicas e tumbas: *Hünenbetten* ("camas de gigantes"), *Brunhildstühle* ("cadeiras de Brunhild"), *Trojaburgen*, dólmenes, menires, cromeleques – até 12.000 anos a.C. -. Da pedra *não natural*, *espiritual*, nasceu o Deus Crucificado de Externsteine, no centro da Alemanha. Hoje o seu rosto carece de feições definidas, pois as Idades e os climas as apagaram. Mas a sua cabeça é a dos reis nórdicos. No lado direito do tórax há uma profunda ferida de lança, da arma dos caçadores da Idade da Pedra e do Cromagnon. Zaratrusta é ferido por uma lança e também Krishna, em suas "mortes místicas". É a antiga tradição mágico-sacra. O Deus Crucificado é Yrman, Hermann, ER, Eros (Herói), Heru, Cheru, dos *Cherusker* ou Queruscos. É o Deu-Árvore, YR-MAN-SOL, ou *Yrminsul*, a Runa 16, YR: ᛦ, da *queda* ou *entrada* no mundo da matéria demiúrgica, jeovítica. Corresponde ao combate e à morte mística aceitadas; à *entrada* pela Janela de Vênus, a Estrela da Manhã, que é Lúcifer e é Wotan. Portanto, *Asengott*, Wotan (o Homem-Herói-Deus) crucificou a si mesmo na Árvore YR-MAN-SOL da quarta Pedra de Externsteine. Foi atravessado pela Lança de Luz da Estrela da Manhã e é ressuscitado pela Estrela da Tarde, que é Lillith, a Deusa-Valquíria Brunhild (Shakti-Kundalini), também *Woewre-Saelde* (Isolda), Senhora-Guia dos Minnesänger. O Guerreiro triunfador *sai* pela Porta de Vênus em direção ao Sol Negro e do Raio Verde. Brunhild-Kundalini-Shakti lhe entrega as 18 Runas (Chakras), devolvendo-lhe a sua imortalidade. É a Estrela Dupla, Vênus, da Morte Mística e da Ressurreição, do Segundo Nascimento dos Ários, da Iniciação Guerreira de Wotan e do Hitlerismo Esotérico. A Dupla Runa HAGAL: ✱ ELELA e ELAELE. O Homem e a Mulher Absolutos. Os Dois *Gral*.

Vinte mil anos a.C. começa a Idade do Bronze. Nas cerimônias sacras dos germânicos, junto à Externteinse, os músicos consagrados, *Lurenbläser*, soavam os *Luren*. Estes instrumentos nórdicos antiquíssimos têm cinco tons principais, correspondendo às cinco pontas de *luz visível* da Estrela da Manhã. Eram afinados em pares. O músico sacro usava sandálias de couro, uma túnica curta de lã, e o resto, incluindo o capacete com os chifres, a espada e a adaga, era de ouro.

Os Heróis (ER-OS, Herus, Cheru-Cherusker, Cheru = servo, e também em Externsteine há uma rocha com uma cabeça de servo), os Ários adoravam a Árvore ER-MAN-SOL (YR = ᛦ, MAN = ᛘ. As duas Runas juntas = ✱, a Runa HAGAL = GRAL. A Árvore estava representada na quarta rocha de Externsteine, pelo Deus Wotan crucificado, o **Kristos Rúnico**, o Kristos da Atlântida).

Honor Et Mortis! *Vontade! Valor! Vitória!*

Quanto ao Kristos Rúnico, é preciso ter grande cuidado com o uso das Runas. Não se pode gravá-las sem uma autorização divina e um conhecimento superior, porque poderiam ocasionar a loucura e até a morte. Suas vibrações devem estar sincronizadas com o sangue ário, em relação com a sua maior ou menor pureza. Por isso os judeus não podem se apoderar das Runas. A sua irradiação lhes é adversa e lhes seria destrutiva, fatal. No Terceiro Reich esotérico, o uso visível destes signos mágicos e sacros foi muito restringido e somente de bem poucas Runas. Na Chancelaria, em outros edifícios públicos, em Berchtesgaden, quase nunca foram gravadas, exceto pela Swastika Levóriga: 卍 (a Runa GIBUR) e a Runa SIEG ϟ. Nem sequer no Castelo da Iniciação SS de Wewelsburg foram gravadas muitas Runas. Os *Runenlauteren*, os Sábios das Runas, não o permitiram.

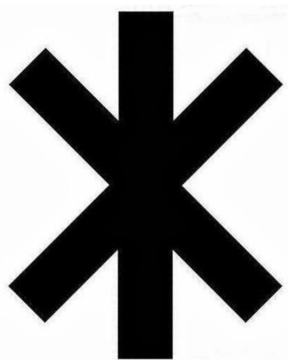
ANEXO III

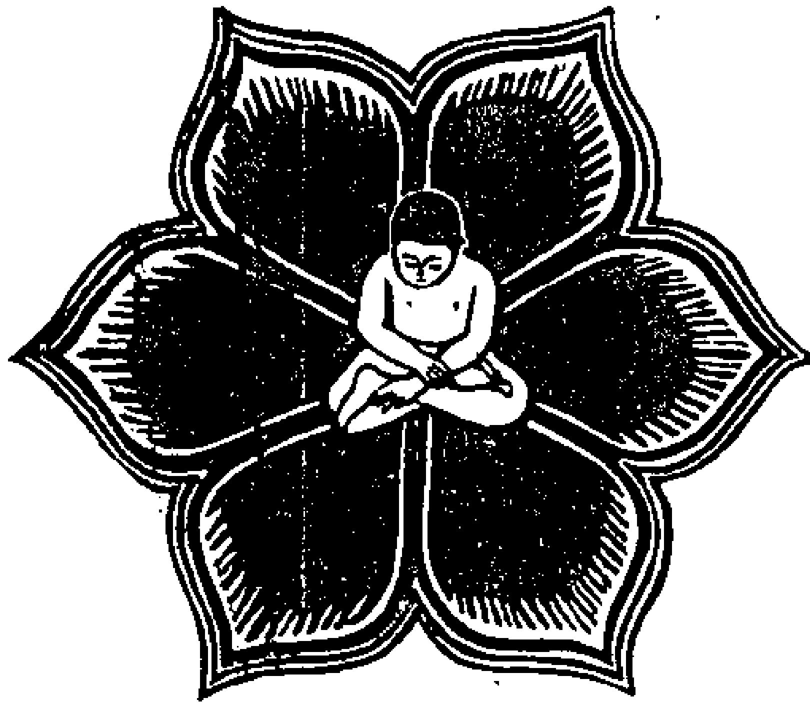
VÊNUS, A DUPLA ESTRELA DA INICIAÇÃO DO HITLERISMO ESOTÉRICO A ESTRELA DE OITO PONTAS

Vênus é a Estrela da Iniciação do Hitlerismo Esotérico. É Lúcifer, a Luz Mais Bela. É a Estrela da Manhã, por onde *entram* os guerreiros de Wotan, os heróis, os *vîras*, para combater o Demiurgo inimigo, o Uno Jeová. *Entram* (ou *caem*) assim: ᛦ. De cabeça, com os braços estendidos para baixo: a Runa YR. Vênus é também a Estrela Dupla, porque é, por sua vez, a Estrela da Tarde, Lillith, a Valquíria Brunhild (Shakti-Kundalini). Por ali *saem* os guerreiros triunfantes, os *Vîras* ressurrectos, transmutados em *Divyas*, em Deuses, após haverem morrido e ressuscitado. São os *Aryos*, os nascidos duas vezes. *Saem* (*escapam*) do mundo do Demônio. Assim: ᛘ. Com os braços estendidos para cima: a Runa MAN. E uma vez cruzado o umbral de Vênus e penetrado no Sol Negro (Buraco Negro) já são o Homem-Absoluto: ✱. A Runa YR e a Runa MAN juntas. Isto é, a Runa HAGAL. Morte e Ressurreição: ELELA. NOS.

Mas em Vênus também o herói ressuscitado reencontra a sua Valquíria, a sua Ela, morta na Terra, e lhe é dado o poder para ressuscitá-la, antes de que ambos sejam tragados pelo turbilhão do Sol Negro, do Buraco Negro. E assim ELA se transmuta em ELAELE, a Mulher-Absoluta. Isto se expressa simbolicamente na Dupla Runa HAGAL, a Estrela de Oito Pontas, da Manhã e da Tarde, ELELA e ELAELE, o Homem e a Mulher Absolutos, ressurrectos.

É a Estrela de Oito Pontas dos *Ré-Ché*, dos *Aryos* puros e da Pátria Mística, da Pátria Mágica, de Chilli-Mapu. Do Chile.



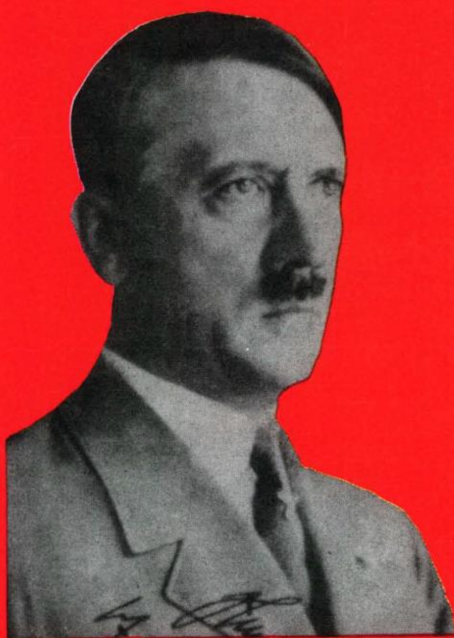


[Tradução do texto original da página final, a contracapa do livro, em espanhol, conforme visto na última página deste texto]

O título deste livro tem a sua origem na concepção hindu sobre a encarnação de uma divindade ou deidade, especialmente Vishnu, o Preservador dentro da Trilogia do Hinduismo: sendo Brahma o Criador e Shiva o Destruidor, Vishnu é um antiquíssimo Deus védico, ário, branco e loiro cuja residência se encontra no Polo Norte. *Avatar* é uma palavra sânscrita. Até agora aconteceram nove encarnações nas grandes divisões do tempo feitas pelo hinduísmo. As três ultimas encarnações conhecidas são heroico-religiosas e correspondem à Rama, Krishna e Buda. A décima, a de Kalki, sobre o Cavalo Branco, encerrará o Kali-Yuga, a época do ferro dos gregos, a Idade Mais Escura; ou seja, o tempo atual. Aparecerá no vértice da catástrofe final e virá para julgar. O autor deste livro sustenta que esta encarnação da divindade Vishnu-Wotan é anunciada por Adolf Hitler (quando este se refere "ao homem que virá"), que já fez a sua aparição fulgurante e deverá retornar junto com o seu Último Batalhão (a Wildes Heer, a Horda Furiosa de Wotan-Odin) na beira da catástrofe, para salvar os seus e julgar os seus inimigos.

Miguel Serrano não é o único a sustentar este conceito. Savitri Devi o defendeu na Índia quase que como uma nova religião. O autor deste livro o introduz na essência do que ele define como Hitlerismo Esotérico e que já havia desenvolvido em sua obra anterior "El Cordón Dorado". "Adolf Hitler, o Ultimo Avatar" é uma *ópera magna*, ao mesmo tempo que é uma biografia, pois o autor relata a sua juventude, seus primeiros combates políticos, a transformação da Frente Popular e do Nazismo no Chile dos anos trinta [do século XX], analizando pela primeira vez estas décadas esquecidas e já obscuras que, todavia, significam a origem e a causa dos acontecimentos políticos chilenos até o ano 1970. Miguel Serrano também se refere ao golpe militar de 1973. Especialmente extraordinária é a sua análise da Segunda Guerra Mundial.

Este livro vem a ser uma revisão e uma verdadeira transmutação de todos os valores, para usar a expressão nietzcheniana. Uma transfiguração total da História, da Conquista da América e dos tempos da ante-História. Fundamental é a análise sobre os componentes raciais do chileno, como base de uma interpretação dos eventos do passado e do presente do Chile.



El título de éste libro tiene su origen en la concepción hindú sobre la encarnación de una divinidad o deidad, especialmente de Vishnú, el Preservador dentro de la Trilogía del Hinduísmo: siendo Brahma el Creador y Shiva el Destructor, Vishnú es un antiquísimo Dios védico, ario, blanco y rubio cuya residencia se encuentra en el Polo Norte. *Avatara* es palabra sánscrita. Hasta ahora se han producido nueve encarnaciones en las grandes divisiones del tiempo hechas por el hinduísmo. Las tres últimas encarnaciones conocidas son heroíoco-religiosas y corresponden a Rama, Krishna y Buddha. La décima, la de Kalki, sobre el Caballo Blanco, cerrara el *Kali-Yuga*, la época de hierro de los griegos, la Edad Más Oscura: es decir, el tiempo actual. Aparecerá en el vértice de la catástrofe final y vendrá a juzgar. El autor de éste libro sostiene que ésta encarnación de la divinida Vishnú-Wotan, es anunciada por Adolf Hitler (cuando se refiere *"al hombre que vendrá"*), quien ya hizo su aparición fulgurante y deberá retornar junto a su Ultimo Batallón (la *Wildes Heer*, la Orda Furiosa de Wotan-Odin) en el filo de la catástrofe, a salvar a los suyos y a juzgar a sus enemigos.

Miguel Serrano no es el único en sostener esta concepción. Savitri Devi la mantuvo en la India casi como una nueva religión. El autor de éste libro la introduce en la esencia de lo que él define como Hitlerismo Esotérico y que ya desarrollara en su anterior obra "El Cordón Dorado". *"Adolf Hitler, el Ultimo Avatara"* es una *ópera magna*, al mismo tiempo que una autobiografía, pues el autor relata su juventud, sus primeros combates políticos, la transformación del Frente Popular y del Nazismo en Chile de los años treinta, analizando por primera vez esas décadas olvidadas y ya oscuras que, sin embargo, significan el origen y la causa de los acontecimientos políticos chilenos hasta el año 1970. Miguel Serrano también se refiere al golpe militar de 1973. Especialmente extraordinario es su análisis de la Segunda Guerra Mundial.

Este libro viene a ser una revisión y una verdadera transmutación de todos los valores, para usar la expresión nietzscheana. Una transfiguración total de la Historia, de la Conquista de América y de los tiempos de la ante Historia. Fundamental es el análisis sobre los componentes raciales del chileno, como base de una interpretación de los sucesos del pasado y del presente de Chile.



I.S.B.N. 957 - 9196 - 21 - 7